

*O verdadeiro amor que um coração
Sente queimar no seu íntimo
Corre em cada veia, em rápida explosão
Como onda que enfim se derrama.*

*Tua chegada era a minha esperança
Era meu terror tua partida
O acaso que atrasava os teus passos
Era gelo a correr por minhas veias.*

*Sonhava com a ventura indizível
De amar e ser amado
E por essa felicidade procurei
Entregar-me à cegueira e ao desespero.*

*Entre as nossas duas vidas
A distância era ampla e intransitável
Perigosa como as espumas
Das verdes tempestades do mar.*

*Assombrado como a trilha de um ladrão
Nos desertos e florestas
Entre o Poder e o Direito, a Desgraça e a Fúria
Arrebatavam nossas almas.*

*Confrontei perigos, desdenhei obstáculos,
Desafiei presságios
E transpus impetuosamente
Tudo que fosse ameaça, interferência, aviso.*

EDIÇÃO BILÍNGUE

JANE EYRE

CHARLOTTE BRONTË



LANDMARK



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

CHARLOTTE BRONTË

JANE EYRE

EDIÇÃO BILÍNGUE

JANE EYRE

AN AUTOBIOGRAPHY



2010

Título Original: JANE EYRE - AN AUTOBIOGRAPHY
Primeira edição: Smith, Elder & Co., Cornhill Londres; 16 de outubro de 1847.

Diretor editorial: Fabio Cyrino

Diagramação e Capa: Arquétipo Design+Comunicação
Tradução e notas: Doris Goettems

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, CBL, SP, Brasil)

BRONTË, Charlotte (1816-1855)
JANE EYRE - Jane Eyre: An Autobiography /
Charlotte Brontë; {tradução e notas Doris Goettems}
São Paulo : Editora Landmark, 2010.

Edição bilíngue : inglês / português
ISBN 978-85-88781-49-8
e-ISBN 978-85-88781-81-8

1. Romance inglês. I. Título.
II. Título: Jane Eyre: An Autobiography
10-11722 / CDD - 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura inglesa / 823

Textos originais em inglês de domínio público.
Reservados todos os direitos desta tradução e produção.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia microfilme, processo
fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora Landmark,
conforme Lei nº 9610, de 19/02/1998.



EDITORA LANDMARK

Rua Alfredo Pujol, 285 - 12º andar - Santana
02017-010 - São Paulo - SP
Tel.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095

E-mail: editora@editoralandmark.com.br

www.EDITORALANDMARK.com.br

Impresso em São Paulo, SP, Brasil

Printed in Brazil

2010

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Não fiz um prefácio à primeira edição de “Jane Eyre” por ser desnecessário. Esta segunda edição, porém, requer algumas palavras, tanto de agradecimento quanto de comentários.

Meus agradecimentos são devidos a três grupos distintos.

Ao Público, pela indulgência com que acolheu este conto simples de poucas pretensões.

À Imprensa, pelo amplo espaço que seu julgamento honesto abriu a um obscuro aspirante.

Aos meus Editores, pela ajuda que o seu tato, energia, senso prático e franca liberalidade proporcionaram a um autor desconhecido e sem qualquer recomendação.

A Imprensa e o Público são apenas vagos personagens para mim, e devo agradecer-lhes em termos vagos também. Mas meus Editores são conhecidos, assim como certos críticos generosos que me encorajaram, como somente os homens magnânimos e de altos princípios sabem fazer para encorajar um escritor novato e batalhador. A esses Cavalheiros, isto é, aos meus Editores e aos seletos Críticos, agradeço do fundo do meu coração.

Tendo assim reconhecido o que devo àqueles que me ajudaram e me aprovaram, volto-me para outro grupo: é um grupo pequeno, tanto quanto sei, mas que não deve, por esse motivo, ser ignorado. Refiro-me aos poucos temerosos e críticos que duvidam da tendência de livros como “Jane Eyre”. Aos olhos deles o que é incomum é errado, seus ouvidos detectam em cada protesto contra a intolerância – esta fonte do crime – um insulto à piedade, que é a regente de Deus na terra. Eu sugeriria a esses descrentes algumas distinções óbvias; gostaria de lembrá-los de certas verdades simples.

Convencionalismo não é moralidade. Integridade própria não é religião. Atacar o primeiro não é investir contra o último. Arrancar a máscara da face dos Fariseus não é estender uma mão ímpia para a Coroa de Espinhos.

Essas coisas e esses atos são diametralmente opostos e tão distintos quanto o vício da virtude. Os homens frequentemente os confundem, mas eles não devem ser confundidos: a aparência não deve ser tomada equivocadamente pela verdade. As estreitas doutrinas humanas, que apenas tendem a encher de júbilo e engrandecer alguns poucos, não devem substituir a crença universalmente redentora em Cristo. Existe – repito – uma diferença. E é uma boa ação, e não má, marcar ampla e claramente a linha de separação entre elas.

O mundo pode não gostar de ver essas ideias separadas, pois foi acostumado a misturá-las – achando conveniente fazer a manifestação externa passar-se pelo valor autêntico e permitindo que as paredes caiadas prestem testemunho da limpeza dos santuários. O mundo deve odiar aquele que ousa investigar e expor; destruir o revestimento dourado e mostrar a base de metal por baixo dele; penetrar no sepulcro e revelar as relíquias mortuárias. Mas, mesmo odiando, estará endividado com ele.

Ahab não gostava de Micaiah, porque este nunca profetizou-lhe o bem, mas o mal – provavelmente gostava mais do filho sicofanta de Chenaannah. Ainda que Ahab possa ter escapado a uma morte sangrenta, não o teria conseguido se não tivesse cerrado os ouvidos à lisonja e aberto aos conselhos fiéis.

Existe um homem em nossos dias cujas palavras não são articuladas para encantar ouvidos delicados. Este homem, no meu entender, vem à frente dos grandes homens da sociedade, tanto quanto o

filho de Imlah vem à frente dos reis entronizados de Judá e Israel. É ele quem fala a verdade com profundidade, com um poder profético e vital, e um semblante tão destemido quanto ousado. O satirista de “Feira das Vaidades” é admirado nos lugares mais elevados? Não sei dizer, mas acho que se alguns daqueles contra quem ele arremessa o fogo grego[1] do seu sarcasmo, e sobre quem ele lança a brasa acesa da sua denúncia, houvessem considerado suas advertências a tempo – eles mesmos ou as sementes que deixassem poderiam talvez ter escapado de uma fatal Rimoth-Gilead.[2]

Por que aludi a este homem? Aludi a ele, Leitor, porque acredito ver nele um intelecto mais profundo e mais original do que seus contemporâneos reconheceram até agora. Porque o considero o primeiro regenerador social dos nossos dias, o verdadeiro mestre desta unidade trabalhadora que poderia reconduzir à retidão o deformado sistema de coisas. Porque acredito que nenhum comentarista dos seus escritos achou ainda a comparação adequada a ele, os termos que caracterizem corretamente o seu talento. Dizem que ele é como Fielding[3]: falam de sua sagacidade, humor e talento cômico. Ele se parece com Fielding como uma águia a um abutre: Fielding poderia arrebatá-la, mas Thackeray[4] jamais. Sua sagacidade é brilhante, seu humor atraente, mas ambos mantêm a mesma relação com seu gênio sério que o simples e rápido relâmpago brincando sob a beira da nuvem de verão mantém com a fâsca elétrica mortal escondida no seu ventre. Finalmente, aludi a Mr. Thackeray porque a ele – se vier a aceitar o tributo de um completo estranho – dediquei esta segunda edição de “Jane Eyre”.

CURRER BELL[5]

21 de dezembro de 1847

[1] Fogo grego – arma incendiária usada pelo império bizantino, especialmente em batalhas navais, pois não se extinguiu na água.

[2] Citação da Bíblia – Antigo Testamento.

[3] Henry Fielding (1707/1754) – Novelist e dramaturgo inglês, conhecido por seu rico humor popular e habilidade satírica, autor de “Tom Jones”.

[4] William Makepeace Thackeray (1811/1863) – Novelist inglês, famoso por seus romances satíricos, em especial “Feira das Vaidades”, um retrato panorâmico e irônico da sociedade inglesa.

[5] Currer Bell: pseudônimo com o qual Charlotte Brontë publicou JANE EYRE, em 1847, além de dois outros romances, SHIRLEY (1849) e VILETTE (1853) e uma série de poemas publicados em conjunto com suas irmãs, Emily e Anne, em 1846.

NOTA À TERCEIRA EDIÇÃO

Aproveito a oportunidade que uma terceira edição de “Jane Eyre” me proporciona para novamente dirigir uma palavra ao Público, a fim de explicar que o meu direito ao título de novelista reside apenas neste único trabalho. Se, portanto, a autoria de outros trabalhos de ficção foi a mim atribuída, uma honra foi concedida a quem não merece e, conseqüentemente, negada a quem é justamente devida.

Esta explicação servirá para retificar enganos que talvez já tenham sido cometidos, e para prevenir erros futuros.

CURRER BELL

13 de abril de 1848.

CAPÍTULO 1

Não havia qualquer possibilidade de fazer uma caminhada naquele dia. Na verdade, estivéramos perambulando durante uma hora, pela manhã, sob as árvores nuas. Mas desde o almoço (Mrs. Reed almoçava cedo, quando não havia visitas) o vento frio do inverno trouxera nuvens tão pesadas e uma chuva tão penetrante, que qualquer exercício ao ar livre estava agora fora de cogitação.

Fiquei contente com isso, nunca gostara de longas caminhadas, especialmente em tardes frias. O mais terrível para mim era a volta para casa no frio entardecer, com os dedos e artelhos congelados, o coração entristecido pelas repreensões de Bessie, a ama, e humilhada pela consciência de minha inferioridade física em relação à Eliza, John e Georgiana Reed.

Os tais Eliza, John e Georgiana estavam agora na sala de estar, agrupados em torno de sua mãe. E ela, reclinada no sofá junto à lareira, com seus queridos em volta (no momento nenhum deles discutia nem gritava), parecia perfeitamente feliz. Ela me dispensara do grupo dizendo que “lamentava que fosse necessário manter-me à distância, mas até que ouvisse de Bessie, e pudesse ela mesma constatar que eu estava me esforçando sinceramente para adquirir uma disposição mais sociável e própria de uma criança, maneiras mais vivas e atrativas... alguma coisa mais suave, mais franca e mais natural... ela realmente devia me excluir dos privilégios destinados apenas às criancinhas felizes e contentes.”

– O que Bessie disse que eu fiz? – perguntei.

– Jane, não gosto de espertezas nem de discussões; além disso, é muito errado uma criança enfrentar os mais velhos dessa maneira. Sente-se em algum lugar, e até que possa falar de modo agradável trate de ficar em silêncio.

Junto à sala de estar ficava a sala de almoço, e deslizei para lá. Ali havia uma estante; logo tomei posse de um livro, assegurando-me que fosse algum que tivesse figuras. Pulei para o vão da janela, e puxando os pés para cima sentei-me de pernas cruzadas, como um turco. Fechei quase totalmente a cortina de damasco vermelha e me encastelei em duplo isolamento.

As dobras da cortina escarlate fechavam minha visão do lado direito; à esquerda estavam as claras vidraças da janela, que me protegiam, embora não me separassem, do sombrio dia de novembro. Vez por outra, enquanto folheava as páginas do meu livro, eu estudava o aspecto daquela tarde de inverno. Ao longe aparecia um pálido clarão de nuvens e névoa; mais perto uma paisagem de relva molhada e arbustos batidos pela tempestade, com uma chuva incessante que caía com força selvagem em longas e lamentosas rajadas.

Voltei ao meu livro – a “História dos Pássaros Ingleses”, de Bewick. Eu ligava pouco para as letras impressas, de modo geral, mas havia algumas páginas introdutórias que, sendo eu uma criança, aguçavam a minha curiosidade. Eram aquelas que tratavam dos refúgios das aves marinhas, das “rochas e promontórios solitários”, habitados apenas por elas; da costa da Noruega, salpicada de ilhas desde a sua extremidade sul, o cabo Lindenness ou Naze, até o Cabo Norte,

*Onde o Mar do Norte, em vastos rodopios,
Ferve ao redor das nuas e melancólicas ilhas
da mais longínqua Thule; e o Atlântico surge*

Nem poderia deixar passar em branco a sugestão das costas desertas da Lapônia, Sibéria, Spitzbergen, Nova Zembla, Islândia ou Groenlândia, com “a vasta vertigem da Zona do Ártico e aquelas espaçosas regiões desabitadas e tristes... esse reservatório de gelo e neve, onde campos de gelo sólido, acumulados em centenas de invernos, vitrificados em cumes e mais cumes alpinos, rodeiam o pólo e concentram os múltiplos rigores do frio extremo”. Formei minha própria ideia desses reinos brancos como a morte, um pouco vaga, como todas as noções apenas meio compreendidas que flutuam confusamente nas mentes infantis, mas curiosamente impressionante. As palavras dessas páginas introdutórias se ligavam aos desenhos que vinham a seguir, e conferiam significado à rocha que surgia solitária em meio a um mar bravio de vagalhões e espumas; ao bote quebrado encalhado numa praia desolada; à lua fria e lívida, vislumbrando por entre as barras de nuvens as ruínas de um navio recém naufragado.

Não sei dizer que sentimento assombrava o solitário cemitério com suas lápides, o portão, as duas árvores, o horizonte opressivo, cingido pelos muros arruinados, e o crescente da lua recém surgido atestando a hora do entardecer.

Os dois calmos navios num mar entorpecido me pareciam fantasmas marinhos.

Passei rapidamente pelo demônio cravado no saco que um ladrão levava às costas: era motivo de terror para mim.

E também uma coisa negra com chifres, sentada ao longe numa rocha, observando uma multidão distante a rodear um patíbulo.

Cada figura contava uma história, frequentemente misteriosa para o meu pouco entendimento e meus sentimentos imperfeitos, ainda que profundamente interessante. Eram tão interessantes quanto as histórias que Bessie às vezes contava nas noites de inverno, quando acontecia de estar de bom humor. Nessas ocasiões, trazia sua tábua de passar para junto da lareira da sala de recreio e nos permitia sentar ao redor. Enquanto passava os babados de renda de Mrs. Reed e ondulava as bordas de suas toucas de dormir, alimentava nossa ávida imaginação com passagens de amor e aventura tiradas de antigos contos de fadas e outras baladas. Ou então (como mais tarde descobri) das páginas de Pamela, e Henry, conde de Moreland.

Eu me sentia feliz então, com o Bewick no colo. Feliz do meu jeito, pelo menos. Não temia nada, a não ser que me interrompessem, e isso logo aconteceu. A porta da sala se abriu.

– Ei! Dona Zangada! – exclamou a voz de John Reed.

Ele então parou, achando que a sala estava vazia.

– Onde diabos ela se meteu? – ele continuou. E chamou as irmãs – Lizzy! Georgy! Joan não está aqui. Diga à mamãe que ela saiu na chuva... aquela peste!

“Ainda bem que fechei a cortina” pensei, e desejei fervorosamente que ele não descobrisse o meu esconderijo. Não que John Reed fosse capaz de descobri-lo sozinho, ele não era rápido nem de visão nem de raciocínio. Mas Eliza apenas pôs a cabeça pela porta e disse de uma vez:

– Ela deve estar no vão da janela, pode ter certeza, Jack.

Apareci imediatamente, pois tremia ante a ideia de que o tal Jack me arrastasse para fora.

– O que você quer? – eu perguntei, com uma irritação desconfiada.

– Veja como fala. Diga “o que o senhor quer, Senhor Reed?” – foi a resposta. – Quero que você venha aqui.

E sentando-se numa poltrona, indicou com um gesto que eu devia me aproximar e ficar de pé em frente a ele.

John Reed era um colegial de quatorze anos de idade, quatro anos mais do que eu, que tinha dez. Grande e robusto para a idade, tinha uma pele fosca e doentia, traços grosseiros numa cara grandalhona, membros grossos e mãos e pés grandes. Costumava empanturrar-se à mesa, o que o tornava bilioso, e lhe conferia um olhar turvo e sombrio e faces flácidas. Ele devia agora estar na escola, mas sua mãe o trouxera para casa por um ou dois meses “por causa de sua saúde delicada”. O professor, Mr. Miles, afirmava que ele ficaria bem melhor se não lhe enviassem de casa tantos bolos e gulodices. Mas o coração da mãe desconsiderava essa opinião tão dura, e preferia acreditar na ideia mais refinada de que a lividez de John se devia à excessiva aplicação aos estudos e, talvez, porque o importunavam longe de casa.

John tinha pouca afeição pela mãe e pelas irmãs, e me detestava. Ele me intimidava e me batia, não duas ou três vezes na semana, não uma ou duas vezes por dia, mas continuamente. Todos os meus nervos o temiam, e cada músculo do meu corpo se contraía quando ele se aproximava. Havia momentos em que eu ficava atordoada com o terror que ele me inspirava, pois não tinha a quem apelar contra suas ameaças ou castigos. Os criados não queriam ofender seu jovem patrão tomando meu partido contra ele. E Mrs. Reed, nesse assunto, era cega e surda: nunca via ele me bater, nem jamais ouvia os insultos que ele me fazia, embora ele fizesse ambas as coisas em sua presença a toda a hora e, com mais frequência ainda, pelas costas dela.

Como me acostumara a obedecer a John, aproximei-me da poltrona. Ele passou uns três minutos esticando a língua para mim, tanto quanto podia sem arrancá-la das raízes. Eu sabia que logo ele iria me bater e, enquanto temia a pancada, meditava sobre sua aparência asquerosa e feia, tão horrível de se ver. Imaginei que ele percebera esse pensamento pela minha expressão, pois, num único golpe, sem falar nada, ele de repente me bateu com toda a força. Eu cambaleei e, recuperando o equilíbrio, afastei-me um ou dois passos da poltrona.

– Isto é pelo seu atrevimento de responder à mamãe – ele disse – e por ficar se escondendo atrás das cortinas, e também pelo jeito que me olhou há dois minutos, sua rata!

Acostumada aos maus tratos de John, nunca pensara em responder-lhe. Minha preocupação era como aguentar o golpe que certamente se seguiria aos insultos.

– O que estava fazendo atrás da cortina? – perguntou ele.

– Estava lendo.

– Mostre-me o livro.

Voltei ao vão da janela e peguei o livro.

– Você não tem nada que ficar pegando os nossos livros, a mamãe diz que você é uma dependente. Não tem dinheiro, seu pai não lhe deixou nada, você devia estar pedindo esmolas, e não vivendo aqui com filhos de cavalheiros como nós, comendo a mesma comida e vestindo as roupas que a mamãe lhe dá. Agora vou lhe ensinar a remexer nas minhas estantes, porque elas são *minhas*, está ouvindo? Toda esta casa me pertence, ou vai pertencer em pouco tempo. Vá e fique junto da porta, longe do espelho e das janelas.

Fui me colocar ali, sem me dar conta, a princípio, de sua intenção. Mas quando o vi levantar o livro, equilibrá-lo e parar no ato de arremessá-lo contra mim, imediatamente me joguei para o lado, gritando alarmada. Mas não fui rápida o bastante. O livro foi atirado, me atingiu e eu caí, batendo a cabeça contra a porta e fazendo um corte. Comecei a sangrar e senti uma dor aguda, mas o terror passou do limite e outros sentimentos tomaram o seu lugar.

– Garoto cruel e perverso! – gritei. – Você parece um assassino, um feitor de escravos... parece os imperadores romanos!

Eu havia lido a “História de Roma” de Goldsmith, e formara minha própria opinião sobre Nero Calígula, etc. Também traçara esses paralelos em silêncio, mas nunca pensara em exprimi-los em voz alta.

– O quê? O quê?... – ele gritou. – Como ela ousou me dizer estas coisas? Vocês ouviram isso, Eliza e Georgiana? Não devo contar tudo à mamãe agora mesmo? Mas antes disso...

Ele atirou-se contra mim, senti que agarrava meu cabelo e meu ombro: estava desesperado. Via nele um tirano, um assassino, de verdade. Senti que algumas gotas de sangue da minha cabeça desciam pelo pescoço e me dei conta do agudo sofrimento que enfrentava. Tais sensações foram mais fortes do que o medo e eu o enfrentei de modo desvairado. Não sei exatamente o que fiz com as mãos, mas ele gritava “rata! rata!” em altos brados. Logo ele receberia ajuda, pois Georgiana e Eliza haviam corrido para chamar Mrs. Reed, que nesse momento subia as escadas. Ela chegou à sala, seguida por Bessie e pela sua criada, Abbot. Fomos separados e ouvi essas palavras:

– Menina! Menina! Que fúria é essa contra Mr. John?

– Alguém já viu tanta raiva assim?

Então Mrs. Reed acrescentou:

– Levem-na para o quarto vermelho, e que fique trancada lá!

Quatro mãos imediatamente me levantaram e me arrastaram escada acima.

CAPÍTULO 2

Resisti durante todo o caminho. Era uma atitude nova para mim, e uma circunstância que aumentou bastante a má opinião que Bessie e Miss Abbot estavam dispostas a acalantar a meu respeito. O fato é que eu estava um pouco além de mim, ou *fora* de mim, como diriam os franceses. Tinha consciência que minha rebeldia de um momento já me expusera a castigos fora do comum e, como qualquer outro escravo rebelde, estava disposta a ir até o fim.

– Segure os braços dela, Miss Abbot. Parece uma gata brava.

– Que vergonha! Que vergonha! – exclamava a criada de Mrs. Reed. – Que conduta mais chocante, Miss Eyre! Atacar um jovem cavalheiro, o filho da sua benfeitora! Seu patrãozinho.

– Meu patrão! Por que meu patrão? Por acaso sou uma criada?

– Não, a senhorita é menos que uma criada, pois não faz nada para pagar o seu sustento. Sente ali, vamos, e pense sobre a sua maldade.

A esta altura já me haviam trazido até o quarto indicado por Mrs. Reed, e me jogaram sobre um banco. Meu impulso foi pular dali como uma mola, mas seus dois pares de mãos me imobilizaram no mesmo instante.

– Se não sentar-se quieta, vamos amarrá-la – disse Bessie. – Miss Abbot, me empreste as suas ligas, as minhas não aguentariam.

Miss Abbot voltou-se para despir a robusta coxa das ligas pedidas. Essa preparação para me amarrar, e a ignomínia contida nesse ato, acalmaram um pouco a minha excitação.

– Não precisa tirá-las – gritei. – Não vou me mexer.

Como garantia, agarrei-me ao banco com as mãos.

– Pense bem nisso! – disse Bessie.

Quando se certificou de que eu fora subjugada, soltou-me. Então ela e Miss Abbot pararam com os braços cruzados, olhando de maneira sombria e duvidosa para o meu rosto, como se desconfiassem de minha sanidade mental.

– Ela nunca fez isso antes – disse Bessie, voltando-se para Abigail.

– Mas sempre carregou isso dentro de si – foi a resposta. – Já falei várias vezes a minha opinião sobre essa menina para a senhora, e ela concorda comigo. Ela é uma coisinha dissimulada: nunca vi uma menina dessa idade tão fingida.

Bessie não respondeu, mas olhou-me longamente antes de se dirigir a mim. Então disse:

– Fique ciente, Miss Eyre, de que tem obrigações para com Mrs. Reed. É ela que a mantém. Se chegar a mandá-la embora daqui, você teria que ir para o asilo.

Eu não tinha nada a dizer sobre essas palavras, nem representavam novidade para mim. Minhas mais remotas recordações incluíam insinuações do mesmo tipo. Essa acusação de dependência se tornara uma vaga cantilena em meus ouvidos: muito dolorosa e opressiva, mas apenas meio inteligível. Miss Abbot acrescentou:

– E não ouse pensar que é igual às meninas Reed ou ao jovem Mr. Reed, só porque a senhora

bondosamente permitiu que fosse criada junto com eles. Eles terão muito dinheiro e você não vai ter nenhum. É sua obrigação ser humilde e tentar tornar-se agradável para eles.

– Estamos falando isso para o seu bem – disse Bessie, numa voz um pouco menos áspera – deve tentar ser útil e agradável, então talvez consiga ter um lar aqui. Mas se tornar-se violenta e rude, a senhora vai mandá-la embora, tenho certeza.

– Além disso – disse Miss Abbot – Deus vai puni-la, pode fazê-la cair morta no meio de um ataque de pirraça, e então para onde iria? Venha, Bessie, vamos deixá-la. Não queria ter um coração assim, por nada no mundo. Reze, Miss Eyre, reze quando estiver sozinha. Se não se arrepender, algo muito ruim vai descer pela chaminé e carregá-la para longe.

Elas saíram, e trancaram a porta atrás de si.

O quarto vermelho era uma peça quadrada, onde raramente alguém dormia. Posso até dizer que nunca, na verdade, a menos que houvesse um fluxo extraordinário de visitantes em Gateshead Hall, tornando necessário utilizar todas as acomodações possíveis. Ainda assim era um dos maiores e mais imponentes quartos da mansão. A cama ficava ao centro, como um tabernáculo, circundada por maciços pilares de mogno, fechados por cortinas de damasco de um vermelho profundo. As duas enormes janelas, com suas persianas sempre baixadas, ficavam meio encobertas pelas pregas e drapejados do mesmo tecido. O tapete era vermelho. A mesa ao lado da cama, coberta por uma toalha carmesim. As paredes tinham um tom bem suave de castanho claro, com pitadas de rosa. O guarda-roupa, o toucador e as cadeiras eram de mogno antigo, escuro e polido. Destoavam dessas sombras de rosa profundo que circundavam a peça, fulgurando em sua brancura, o felpudo colchão e os travesseiros da cama, coberta por uma colcha de Marselha de um branco nevado. Um pouco menos requintada era uma ampla poltrona estofada, também branca, que se encontrava à cabeceira da cama, com uma banquetela para os pés à frente. Na minha imaginação assemelhava-se a um trono pálido.

O quarto era frio, pois raramente se acendia a lareira ali. Também era silencioso, uma vez que ficava distante da sala das crianças e da cozinha. Era solene, pois raramente era habitado. Apenas a criada entrava ali aos sábados, a fim de retirar dos espelhos e móveis a quieta camada de pó que se acumulava durante a semana. E a própria Mrs. Reed, a intervalos mais distantes, visitava o quarto para revisar o conteúdo de certa gaveta secreta dentro do armário, onde estavam guardados alguns pergaminhos, o estojo de jóias e uma miniatura de seu falecido marido. Nestas últimas palavras residia o segredo do quarto vermelho... o feitiço que o mantinha tão solitário, a despeito de sua imponência.

Mr. Reed morrera há nove anos: fora nesse quarto que exalara o último suspiro. Ali jazera em câmara ardente até que o caixão fosse levado pelos homens do serviço funerário. E, desde esse dia, um sentido de melancólica consagração resguardara o aposento de intrusões frequentes.

O banco, no qual Bessie e a amarga Miss Abbot me haviam deixado imóvel, era uma otomana baixa próxima à cornija de mármore da lareira. A cama se estendia à minha frente. À direita estava o alto e escuro guarda-roupa, cujos painéis brilhavam em reflexos tênues e fragmentados. No lado esquerdo ficavam as opressivas janelas. Um enorme espelho entre elas refletia a vazia majestade da cama e do quarto. Eu não estava bem certa se haviam efetivamente trancado a porta, e quando ousei me mover fui lá verificar. Ai de mim! Nenhuma jaula seria mais segura! Ao voltar tinha que passar em frente ao espelho, e meu olhar fascinado involuntariamente explorou a profundidade que ele revelava. Tudo parecia mais frio e escuro naquele vazio fantasioso do que na realidade. E a pequena e estranha figurinha que me olhava dali, com a face branca e os braços como manchas na escuridão do cômodo, os olhos brilhantes de medo que semoviam enquanto todo o resto estava imóvel, causava o efeito de uma verdadeira

assombração. Parecia-me um daqueles pequeninos fantasmas, meio fada, meio diabinho, que nas histórias de Bessie sempre eram representados saindo dos pequenos e solitários vales cobertos de fetos das charneças, e apareciam diante dos olhos dos viajantes retardatários. Voltei ao meu banco.

A superstição me dominava naquele momento, mas ainda não chegara a hora da sua vitória definitiva. Meu sangue ainda estava quente. Ainda trazia dentro de mim a ira do escravo rebelde, que me enchia de amargo vigor. Tinha que fazer uma rápida retrospectiva para me fortalecer, antes de voltar ao sombrio presente.

Todas as violentas tiranias de John Reed, toda a orgulhosa indiferença de suas irmãs, toda a aversão de sua mãe, toda a injustiça dos criados vieram à minha mente transtornada como um negro sedimento depositado no fundo de um poço turvo. Por que eu estava sempre sofrendo, sempre amedrontada, sempre sendo acusada, para sempre condenada? Por que eu nunca conseguia agradar? Por que era inútil tentar conseguir a simpatia de alguém? Eliza, teimosa e egoísta como era, tinha o respeito de todos. Georgiana, com seu temperamento mimado, seu áspero rancor, sua conduta ardisosa e insolente, gozava da indulgência geral. Sua beleza, as faces rosadas e os cachos dourados, parecia deliciar a todos que a olhavam e lhe garantia o perdão para qualquer falta que cometesse. E John, que nunca foi contrariado e muito menos punido, embora torcesse o pescoço dos pombos, matasse os pintinhos, aticasse os cachorros contra os rebanhos, tirasse os frutos verdes das parreiras e quebrasse os enxertos das plantas mais selecionadas da estufa. Também chamava a mãe de “velhota”, e às vezes lhe dirigia insultos por ter a pele morena, como a dele. Desconsiderava os desejos dela de modo afrontoso, e muitas vezes cortava e estragava suas roupas de seda. Ainda assim era “seu queridinho”. Eu não ousava cometer falta alguma, esforçava-me por cumprir todas as minhas obrigações e, da manhã à tarde, da tarde à noite, era chamada de malcomportada e cansativa, carrancuda e dissimulada.

Minha cabeça ainda doía e sangrava por causa do golpe e da queda que sofrera. Ninguém reprovava John por ter me batido de forma tão cruel. E eu, por ter me rebelado contra ele para evitar que aquela violência irracional continuasse, fora coberta com a injúria geral.

“Injustiça!... Injustiça!” dizia-me a razão, forçada pelo agoniado estímulo a um poder de raciocínio precoce, embora transitório. E a Resolução, igualmente excitada, sugeria alguns estranhos expedientes para escapar dessa insuportável opressão... como fugir, ou, se isso não fosse possível, nunca mais comer nem beber nada, até morrer.

Como minha alma estava transtornada naquela tarde triste! Minha mente inteira estava em tumulto, e meu coração em completa revolta! Em que negra escuridão, em que densa ignorância eu travava essa batalha mental! Não conseguia responder às incessantes questões que surgiam dentro de mim... *Por que* sofria assim? Agora, a uma distância de vários anos, vejo tudo claramente.

Eu era uma nota dissonante em Gateshead Hall, não me parecia com ninguém ali. Não tinha nada em comum com Mrs. Reed ou seus filhos, ou mesmo com a criadagem predileta. Se eles não me amavam, tampouco eu os amava. Não estavam destinados a sentir afeição por uma coisa que não conseguia atrair-lhes a simpatia; uma coisa heterogênea, oposta a eles em temperamento, capacidades e inclinações; uma coisa inútil, incapaz de servir aos seus interesses ou acrescentar aos seus prazeres; uma coisa nociva, que acalentava em si os germes da indignação contra o tratamento que recebia e do desprezo contra os seus conceitos. Reconheço que se tivesse sido uma criança espontânea, brilhante, descuidada, exigente, bonita e travessa – ainda que sem dinheiro ou amigos – Mrs. Reed teria suportado minha presença com mais complacência. Seus filhos teriam sido companheiros mais cordiais e os criados estariam menos propensos a fazer de mim o bode expiatório entre as crianças.

A luz do dia começava a deixar o quarto vermelho. Passava das quatro horas, e a tarde nublada se encaminhava para a melancolia do crepúsculo. Ouvia a chuva que ainda batia continuamente contra a escada externa, e o vento uivando no bosque, atrás da casa. Aos poucos fui ficando gelada como uma pedra, a coragem me abandonou. As brasas da ira que me havia sufocado foram se extinguindo sob o meu estado habitual de ânimo: humilhação, dúvidas a respeito de mim mesma, desânimo e depressão. Todos diziam que eu era má, e talvez eu fosse. Que outro pensamento tivera, além de me imaginar definhando até a morte? Isso era um crime, sem dúvida. E eu estava preparada para morrer? Ou seria aquele túmulo sob a capela da igreja de Gateshead, uma morada convidativa? Haviam me dito que Mr. Reed estava enterrado ali. Deixei-me levar por esses pensamentos enquanto o evocava e isso me apavorou. Não conseguia lembrar-me dele, mas sabia que era meu único tio – o irmão de minha mãe – e que me levara para sua casa ainda criança, quando ficara órfã. E que nos seus últimos momentos exigira de Mrs. Reed a promessa de que iria me educar e manter como qualquer um de seus próprios filhos. Mrs. Reed com certeza imaginava que cumprira a promessa, e realmente o fizera, tanto quanto lhe permitia sua natureza. Mas como ela poderia de fato suportar uma intrusa, que não era sua parenta, depois da morte do marido? Que laços poderiam garantir isso? Deve ter sido a coisa mais aborrecida do mundo achar-se presa a uma promessa extorquida à força, tendo que representar o papel de mãe para uma criança desconhecida a quem não conseguia amar, e ver uma estranha desajustada, sem ligações de sangue, permanentemente enfiada no seu grupo familiar.

Um pensamento singular me arrebatou. Eu não duvidava – jamais duvidei – que se Mr. Reed fosse vivo teria me tratado com bondade. Agora, enquanto estava sentada olhando para a cama branca e as paredes na penumbra – ocasionalmente lançando um olhar fascinado para o espelho, vago e indistinto – comecei a lembrar-me do que ouvira a respeito de pessoas mortas perturbadas em suas tumbas pela violação de seus últimos desejos, e que voltavam a terra para punir os perjuros e vingar os oprimidos. Pensei que o espírito de Mr. Reed, transtornado pelas maldades sofridas pela filha de sua irmã, podia deixar sua morada – fosse ela no jazigo da igreja ou no desconhecido mundo dos mortos – e aparecer diante de mim nesse quarto. Enxuguei minhas lágrimas e calei meus soluços, profundamente temerosa de que qualquer sinal de violenta tristeza acabasse por acordar alguma voz sobrenatural e trazê-la para me dar conforto. Ou então fazer surgir da escuridão do quarto algum rosto coberto por uma auréola, para se debruçar sobre mim com expressão piedosa. Tal ideia, teoricamente consoladora, seria terrível se chegasse a se tornar realidade, e usei todos os poderes mentais de que dispunha no esforço de afastá-la – tentava me manter firme. Afastando os cabelos dos olhos, levantei a cabeça e tentei corajosamente olhar em volta do quarto escuro. Neste momento uma luz brilhante atingiu a parede. Seria algum raio de luar penetrando pela veneziana da janela? Não, a luz da lua era imóvel, e essa estava se movendo. Enquanto olhava fixamente, a luz subiu até o teto e começou a tremular sobre a minha cabeça. Agora posso facilmente supor que aquele fecho de luz era, provavelmente, o brilho de uma lanterna carregada por alguém que atravessasse o gramado. Mas naquele momento, com a mente predisposta ao terror e os nervos em frangalhos, imaginei que o rápido e fugidio fecho de luz fosse o arauto de alguma visão trazida do outro mundo. Meu coração batia forte, minha cabeça queimava, um som penetrou nos meus ouvidos – algo que me pareceu um bater de asas – e senti que havia alguma coisa junto de mim. Eu estava oprimida, sufocada, sem forças. Corri para a porta e sacudi a maçaneta, num esforço desesperado. Ouvei passos apressados no corredor, a chave girou na fechadura, e Bessie e Abbot entraram no quarto.

– Está doente, Miss Eyre? – perguntou Bessie.

– Que barulheira horrível! – exclamou Abbot.

– Leve-me daqui! Deixe-me ir para o quarto das crianças! – gritei, desesperada.

– Por que, menina? Está ferida? Viu alguma coisa? – Bessie perguntou de novo.

– Oh! Eu vi uma luz, e pensei que um fantasma tinha chegado.

Então apertei a mão de Bessie, e ela não a retirou.

– Ela gritou de propósito – declarou Abbot, com ar de desgosto. – E que gritaria! Se estivesse sofrendo alguma dor, até se poderia aceitar, mas ela só queria nos trazer até aqui. Conheço bem seus truques!

– O que está acontecendo aqui? – indagou uma voz autoritária.

Mrs. Reed vinha pelo corredor, a capa esvoaçando, o vestido a farfalhar ruidosamente.

– Abbot! Bessie! Creio ter ordenado que Jane Eyre ficasse no quarto vermelho até que eu mesma viesse buscá-la.

– Miss Jane gritou tão alto, madame... – justificou Bessie.

– Deixe-a – foi a única resposta. – Largue a mão de Bessie, menina, esteja certa que não vai conseguir sair usando esses expedientes. Eu abomino qualquer tipo de fingimento, especialmente em crianças. É minha obrigação ensinar-lhe que truques não vão adiantar. Você vai ficar aqui por mais uma hora, e só vai sair se estiver perfeitamente calma e submissa.

– Ah, tia! Tenha piedade! Perdoe-me! Não posso suportar isso... peço que me castigue de alguma outra maneira! Quero morrer se...

– Silêncio! Esse fingimento é extremamente repulsivo.

Mrs. Reed com certeza pensava assim: aos seus olhos eu era uma atriz precoce. Via-me, sinceramente, como uma mistura de paixões virulentas, espírito maligno e perigosa hipocrisia.

Bessie e Abbot recuaram. Mrs. Reed, impaciente com os soluços selvagens e o frenesi de angústia que se apossara de mim, empurrou-me para o quarto bruscamente e trancou a porta, sem dizer mais nada. Ouvei o farfalhar do seu vestido, enquanto se afastava. Logo após eu acho que tive uma espécie de convulsão: a perda de sentidos encerrou a cena.

CAPÍTULO 3

A próxima coisa de que me lembro foi ter acordado com uma estranha sensação, como se houvesse tido um pesadelo assustador, e vendo diante de mim um terrível clarão vermelho, atravessado por grossas listas negras. Também ouvia vozes ao longe, como se fossem abafadas pelo rumor do vento ou da água. A agitação, a incerteza e, acima de tudo, uma profunda sensação de terror, embotavam meus sentidos. Em pouco tempo percebi que alguém me levantava, segurando-me numa postura reclinada, de um jeito mais terno do que jamais alguém me segurara antes. Deitei a cabeça contra um travesseiro, ou um braço, e me senti mais à vontade.

Cinco minutos depois aquela nuvem de desorientação dissolveu-se. Percebi que estava em minha própria cama e que o clarão vermelho era a lareira do dormitório. Era noite e um candeeiro queimava sobre a mesa. Bessie estava parada aos pés da cama com uma bacia na mão. Ao lado do meu travesseiro, sentado numa cadeira, achava-se um cavalheiro que se inclinava sobre mim.

Senti um alívio inexprimível, uma sensação de proteção e segurança profundamente tranquilizadora, quando percebi que havia um estranho no quarto – uma pessoa que não pertencia a Gateshead, nem tinha qualquer relação com Mrs. Reed. Desviei o olhar de Bessie (embora a presença dela fosse muito menos repulsiva para mim do que a presença de Miss Abbot, por exemplo) e examinei a face do cavalheiro. Eu o conhecia: era Mr. Lloyd, o farmacêutico. Mrs. Reed às vezes o chamava, quando os criados adoeciam. Para si mesma e os filhos ela chamava um médico.

– Bem, quem sou eu? – ele perguntou.

Disse o seu nome enquanto lhe oferecia a mão. Ele a tomou, sorrindo, e disse:

– Acho que, aos poucos, vamos melhorando.

Ele então me ajeitou na cama e, dirigindo-se a Bessie, encarregou-a de tomar todo o cuidado para que eu não fosse perturbada durante a noite. Depois de dar mais algumas instruções, e avisando que viria no dia seguinte, finalmente partiu. Fiquei bastante triste, pois me sentira protegida e benquista enquanto Mr. Lloyd estivera sentado na cadeira ao meu lado. E quando ele fechou a porta atrás de si o quarto todo escureceu e o meu coração ficou pequeno de dor. Uma inexprimível tristeza pesava-me no peito.

– Acha que consegue dormir, senhorita? – perguntou Bessie, em tom mais brando.

Eu mal ousava responder-lhe, com medo de que a próxima frase fosse áspera.

– Vou tentar dormir.

– Gostaria de beber ou comer alguma coisa?

– Não. Obrigada, Bessie.

– Então acho que vou me deitar, pois já passa da meia-noite. Mas pode me chamar, se precisar de alguma coisa durante a noite.

Que maravilhosa civilidade! Isso me encorajou a fazer uma pergunta.

– Bessie, o que se passa comigo? Estou doente?

– A senhorita ficou doente no quarto vermelho, creio que de tanto gritar. Logo estará melhor, sem dúvida.

Bessie dirigiu-se ao quarto das criadas, que ficava perto. Ouvi quando disse:

– Sarah, venha dormir comigo no quarto das crianças. Não tenho coragem de ficar sozinha com essa pobre menina esta noite. É capaz de morrer. Que coisa estranha aquele desmaio dela, deve ter visto alguma assombração. A senhora foi muito dura com ela.

Sarah veio com ela e ambas se deitaram. Cochicharam durante uma meia hora, antes de dormir. Peguei pedaços da conversa, e só pude deduzir, distintamente, o assunto principal dos comentários.

“Alguma coisa apareceu para ela, toda vestida de branco, e desapareceu”... “Um grande cão negro atrás dele”... “Três pancadas fortes na porta do quarto”... “Uma luz no cemitério, bem em cima do túmulo dele”... etc. etc.

Por fim as duas dormiram. Os fogos da lareira e do candeeiro se extinguíram. Para mim, as horas dessa noite se arrastaram numa tenebrosa insônia, acossada pelo terror. O terror que apenas as crianças conseguem sentir.

Nenhuma doença severa ou prolongada seguiu-se àquele incidente no quarto vermelho. Deixou-me apenas um trauma, do qual ainda hoje sinto as consequências. Sim, Mrs. Reed, devo à senhora algumas crises de sofrimento mental. Mas devo perdoo-la, pois a senhora não sabia o que fazia. Enquanto arrancava as fibras do meu coração, achava que estava apenas extirpando meus maus instintos.

No dia seguinte, antes do meio-dia, já estava de pé e vestida. Enrolei-me num xale e me sentei junto à lareira do quarto. Sentia-me fisicamente fraca e com o espírito alquebrado. Mas a minha pior doença era um indizível sofrimento que tomava conta de minha mente e me arrancava lágrimas silenciosas, uma atrás da outra. Nem bem enxugava uma gota salgada da face, outra se seguia. Assim mesmo eu devia estar feliz, pensei, pois nenhum dos Reed estava ali, haviam saído de carruagem com a mãe. Abbot estava costurando num outro quarto, e Bessie, enquanto se movia de um lado para outro, guardando brinquedos e arrumando as gavetas, vez por outra me dirigia uma palavra com uma bondade que não lhe era habitual. Esse estado de coisas devia ter sido um paraíso de paz para mim, acostumada como estava a uma vida de incessantes reprimendas e fadigas ingratas. Mas, na verdade, meus nervos torturados estavam em tal estado que nenhuma calma podia tranquilizá-los e nenhum prazer fazê-los vibrar de alegria.

Bessie havia descido até a cozinha, e na volta trouxera um pedaço de torta num brilhante prato de porcelana pintado, cujo desenho de uma ave do paraíso, aninhada numa guirlanda de convólculos e botões de rosa, costumava provocar-me a mais entusiasmada admiração. Muitas vezes pedira permissão para segurar o prato em minhas mãos, para admirá-lo mais de perto, mas até agora sempre havia sido considerada indigna de tal privilégio. Essa louça preciosa agora fora posta no meu colo, e fui cordialmente convidada a comer o delicado doce contido nele. Inútil favor! Como tantos outros favores, longamente desejados e sempre adiados, chegava tarde demais! Não conseguia comer a torta, e a plumagem do pássaro, o colorido das flores, pareciam estranhamente desbotados: coloquei-os de lado. Bessie perguntou-me se queria um livro. A palavra *livro* agiu como um estímulo temporário, e pedi-lhe que trouxesse “As Viagens de Gulliver” da biblioteca. Havia lido esse livro muitas e muitas vezes, com grande encantamento. Eu o considerava como uma narrativa real, e descobri-lhe um interesse mais profundo do que aquele que eu encontrava nos contos de fadas: isso porque, depois de ter procurado em vão pelos elfos entre as folhas das dedaleiras e campânulas, embaixo dos cogumelos e sob as heras rasteiras que cobriam os cantos dos velhos muros, finalmente aceitei a triste verdade. Todos haviam para sempre deixado a Inglaterra e partido para algum país selvagem, onde as florestas fossem densas e agrestes, e a população menos numerosa. Ao passo que, na minha crença, Lilliput e Brobdinag eram

partes sólidas da crosta terrestre, e eu não duvidava que um dia, se fizesse uma longa viagem, poderia ver com meus próprios olhos os pequenos campos, casas e árvores daquele reino, as pequeninas vacas, ovelhas e pássaros. E do outro reino, os enormes milharais, os imensos mastins, os gatos monstruosos, as mulheres e homens altos como torres. Ainda assim, quando esse amado volume foi colocado em minhas mãos – quando folheei as suas páginas, e procurei nas suas figuras maravilhosas o encantamento que até agora nunca deixara de encontrar ali – tudo era estranho e melancólico. Os gigantes eram duendes macilentos, os pigmeus eram demônios malevolentes e temerosos, Gulliver era o mais triste dos peregrinos, perambulando nas mais terríveis e perigosas regiões da terra. Fechei o livro, pois não ousava mais lê-lo, e coloquei-o sobre a mesa, ao lado da torta intacta.

Bessie terminara de arrumar e limpar o quarto e, depois de lavar as mãos, abriu uma certa gavetinha cheia de lindos retalhos de seda e cetim. Começou a fazer uma touca nova para a boneca de Georgiana, enquanto cantava assim:

No tempo em que andávamos vagando, foi há muito tempo.

Eu já ouvira a canção muitas vezes antes, e sempre com prazer, pois Bessie tinha uma linda voz. Pelo menos, eu achava. Mas agora, embora sua voz ainda fosse muito doce, achei uma indescritível tristeza na melodia. Às vezes, preocupada com suas tarefas, ela cantava o refrão bem baixinho, bem devagar. “Foi há muito tempo”... o verso saiu com a triste cadência de um hino fúnebre. E Bessie passou a cantar outra balada, dessa vez uma realmente triste.

Meus pés estão feridos, e meu corpo está cansado.

Longo é o caminho, e as montanhas são agrestes

Logo a noite cairá, melancólica e sem luar

Sobre o caminho da pobre orfãzinha

Porque me deixam, tão longe e sozinha?

Lá onde se espalham as urzes e se erguem as rochas?

Os homens são cruéis, e apenas os anjos bondosos

Protegem os passos da pobre orfãzinha

Sopra a brisa da noite, branda e distante

As nuvens se foram, e brilham suaves as estrelas

Deus, em sua misericórdia, oferece amparo

Consolo e esperança à pobre orfãzinha

Mesmo que eu caia sobre a ponte destruída

Ou me perca nos pântanos, iludida por falsas luzes

Ainda assim meu Pai, com bênçãos e promessas

Acolherá em seu seio a pobre orfãzinha

Há só um pensamento, cuja força me consola

Ainda que sem parentes nem abrigo

O céu é um lar, onde poderei descansar

Deus é amigo da pobre orfãzinha

– Vamos, Miss Jane, não chore – disse Bessie, quando terminou de cantar.

Ela bem podia ter dito ao fogo “não queime”. Mas como poderia adivinhar o mórbido sofrimento que tomava conta de mim? Mais tarde naquela manhã, Mr. Lloyd veio novamente.

– Como? Já levantou? – disse ele, quando entrou no quarto. – Bem, ama... como ela está?

Bessie disse-lhe que eu estava bem melhor.

– Então devia parecer mais alegre. Venha cá, Miss Jane. Seu nome é Jane, não é?

– Sim, senhor. Jane Eyre.

– Bem, vejo que andou chorando, Miss Jane Eyre. Pode me dizer por quê? Sente alguma dor?

– Não, senhor.

– Oh! Com certeza ela está chorando porque não pôde sair de carruagem com a senhora – interpôs Bessie.

– Claro que não! Ela já está muito crescida para uma bobagem dessas.

Eu pensava o mesmo, e sentindo meu amor próprio ferido pela falsa acusação, respondi prontamente:

– Nunca chorei por uma coisa dessas em toda a minha vida. Odeio andar de carruagem. Estou chorando porque sou infeliz.

– Ah! Que bobagem, Miss! – disse Bessie.

O bondoso farmacêutico pareceu ficar um pouco confuso. Eu estava de pé à sua frente, e ele então me olhou atentamente. Seus olhos eram miúdos e acinzentados; não eram muito brilhantes, mas ousou dizer que naquele momento mostravam grande sagacidade. Tinha um rosto de traços duros, mas bondosos. Percebendo que eu confiava nele, perguntou-me:

– Por que sentiu-se mal, ontem à noite?

– Ela teve uma queda – disse Bessie, intrometendo-se de novo.

– Queda! Isso é coisa de criança! Será que ela não consegue andar, nessa idade? Já deve ter oito ou nove anos.

– Eu fui derrubada – foi a seca resposta que dei, arrancada de mim num ímpeto de orgulho ferido. – Mas não foi isso que me deixou doente – acrescentei.

Mr. Lloyd presenteava-se com uma pitada de rapé e estava guardando a caixinha de volta no bolso do colete quando soou o gongo. Era a hora do almoço dos criados, e ele bem sabia.

– Estão chamando, ama – disse ele. – Pode descer, vou fazer uma preleção para Miss Eyre enquanto isso.

Bessie teria preferido ficar, mas era obrigada a ir, pois a pontualidade às refeições era rigorosamente observada em Gateshead Hall.

Depois que Bessie saiu, Mr. Lloyd continuou:

– Se a queda não a deixou doente, o que a fez adoecer, então?

– Eu fui trancada num quarto onde existe um fantasma... ele aparece no escuro da noite.

Vi Mr. Lloyd franzir o cenho, com expressão risonha.

– Fantasma? Bem, então você ainda é uma criança, afinal de contas. Tem medo de fantasmas?

– Do fantasma de Mr. Reed eu tenho. Ele morreu naquele quarto e ficou exposto ali. Nem Bessie nem ninguém mais entra nesse quarto à noite, se puderem evitar. E foi muito cruel terem me trancado lá, sem um candeeiro... tão cruel que acho que nunca esquecerei.

– Bobagem! É isso então que a torna tão infeliz? Tem medo agora, em plena luz do dia?

– Não, mas logo a noite virá. Além disso... eu sou infeliz... muito infeliz, por causa de outras coisas.

– Que outras coisas? Quer me contar algumas delas?

Como eu desejava responder a esta questão com todos os detalhes! Como era difícil explicar tudo! As crianças podem sentir, mas não conseguem analisar seus sentimentos. E se conseguem analisar uma parte em suas mentes, não sabem como expressar o resultado em palavras. No entanto, temerosa de perder esta primeira e única oportunidade de aliviar minha dor partilhando-a com alguém, depois de uma perturbadora pausa esforcei-me para elaborar uma resposta que, embora insuficiente, era verdadeira.

– Tem uma coisa: não tenho pai nem mãe, nem irmãos ou irmãs.

– Você tem uma tia bondosa e primos.

Fiz uma nova pausa. Então falei, sem muito jeito:

– Mas John Reed me bateu, e minha tia me trancou no quarto vermelho.

Mr. Lloyd voltou a tirar a caixa de tabaco do colete.

– Não acha Gateshead Hall uma casa muito bonita? – perguntou. – Não se sente grata por ter um lugar tão lindo para morar?

– Essa casa não é minha, senhor. E Abbot diz que tenho menos direito de estar aqui do que os criados.

– Bobagem! Não pode ser tão boba a ponto de querer deixar esta esplêndida casa!

– Se eu tivesse outro lugar para ir, ficaria contente de deixá-la. Mas não posso deixar Gateshead até que eu fique mais velha.

– Talvez possa... quem sabe? Tem outros parentes, além de Mrs. Reed?

– Acho que não, senhor.

– Não tem ninguém da parte do seu pai?

– Eu não sei. Uma vez perguntei à Mrs. Reed e ela disse que talvez eu tivesse alguns parentes pobres e sem importância chamados Eyre, mas não sabia nada deles.

– E se tivesse esses parentes, gostaria de ir para junto deles?

Refleti. A pobreza parece horrível para os adultos, e ainda mais para as crianças. Não conseguem imaginar a pobreza respeitável, ativa e trabalhadora. Essa palavra para os pequenos lembra apenas roupas esfarrapadas, comida escassa, lareiras sem fogo, maneiras rudes e vícios infamantes.

Pobreza, para mim, era sinônimo de degradação.

– Não. Não gostaria de pertencer a gente pobre – foi a minha resposta.

– Nem mesmo se eles fossem bondosos com você?

Neguei com a cabeça. Não compreendia como pessoas pobres poderiam ser bondosas. E apreender a falar como eles, adotar suas maneiras, crescer como uma daquelas pobres mulheres que eu via algumas vezes, embalando os filhos ou lavando roupas às portas dos casebres do vilarejo de Gateshead... Não, eu não era heróica o bastante para comprar a liberdade com o sacrifício da classe social.

– Mas seus parentes são tão pobres assim? São pessoas trabalhadoras?

– Não sei dizer. Minha tia diz que se eu tenho alguns parentes, devem ser um bando de mendigos. Não gostaria de ser uma mendiga.

– Gostaria de ir para a escola?

Refleti novamente. Eu mal sabia o que era uma escola. Bessie às vezes falava disso como um lugar em que jovens damas sentavam-se nas carteiras, vestiam uniformes e deviam ser excepcionalmente gentis e corretas. John Reed odiava a escola, e insultava o professor. Mas os gostos de John Reed não serviam de exemplo para mim; e se os relatos de Bessie sobre a disciplina escolar (obtidos com as jovens damas de uma família a quem servira antes de vir para Gateshead) eram um pouco assustadores, os detalhes de algumas conquistas alcançadas por essas mesmas jovens damas me pareciam atraentes. Ela se gabava das belas paisagens e flores que elas pintavam, das canções que cantavam e peças que representavam, das bolsinhas que teciam e dos livros franceses que eram capazes de traduzir. Quando ouvia essas coisas me sentia impelida a fazer o mesmo. Além do mais, a escola representaria uma completa mudança: implicava uma longa jornada, uma separação total de Gateshead e o começo de uma nova vida.

– Eu gostaria de ir para a escola, sim – foi a conclusão audível das minhas meditações.

– Bem, bem! Quem sabe o que pode acontecer? – disse Mr. Lloyd enquanto se levantava.

“Essa criança precisa de uma mudança de ares e de cenário” pensou consigo mesmo. “Seus nervos estão um pouco abalados.”

Bessie voltou do almoço. No mesmo instante ouviu-se o ruído das rodas da carruagem sobre o caminho de cascalho.

– É a sua patroa que está chegando, ama? – perguntou Mr. Lloyd. – Gostaria de falar com ela antes de ir.

Bessie convidou-o a dirigir-se à sala de almoço, e acompanhou-o até lá. Na conversa que se seguiu entre ele e Mrs. Reed, eu imagino, pelos eventos que se seguiram, que o farmacêutico arriscou-se a sugerir que eu fosse mandada para a escola. A recomendação foi prontamente aceita, sem dúvida. Como Abbot disse a Bessie, quando as duas sentavam-se no meu quarto costurando certa noite, depois que eu já estava na cama e pensavam que eu havia adormecido “a senhora estava bastante contente por se livrar de uma criança tão incômoda e geniosa, que parecia estar sempre vigiando as pessoas e traiçoeiramente tramando alguma coisa”. Acho que Abbot imaginava que eu fosse um tipo de Guy Fawkes[1] infantil.

Na mesma ocasião eu soube, pela primeira vez, pelo que Abbot contou à Bessie, que meu pai fora um pobre clérigo; que minha mãe se casara contra a vontade da família, que considerava o

casamento indigno de sua condição; que meu avô Reed ficou tão irritado com a desobediência da filha que a cortou do testamento, deixando-a sem um tostão; que meus pais estavam casados há apenas um ano, quando ele pegou a febre tifóide, ao visitar a população pobre de uma grande cidade industrial pertencente à sua paróquia e onde predominava a epidemia dessa doença; que minha mãe pegou a doença dele, e ambos morreram com um mês de diferença um do outro.

Bessie, ao ouvir esse relato, suspirou e disse:

– Devemos ter pena da pobre Miss Jane também, Abbot.

– Sim – respondeu Abbot – se ela fosse uma menina bonita e gentil, podíamos ter pena do seu abandono. Mas ninguém pode realmente ligar muito para uma sapinha como essa.

– É, não muito, com certeza – concordou Bessie. – De qualquer forma, uma beldade como Miss Georgiana causaria mais compaixão numa situação semelhante.

– Sim, eu adoro Miss Georgiana – exclamou Abbot, com ardor. – Tão querida!... Com aqueles longos cachos e os olhos azuis, e uma tez tão linda. Parece uma pintura!... Bem, Bessie, posso imaginar um coelho à moda galesa para o jantar...

– Eu também... e com cebolas assadas. Venha, vamos descer.

[1] Guy Fawkes (1570-1606) – soldado inglês católico que participou da “Conspiração da Pólvora” na qual se pretendia assassinar o rei protestante Jaime I e todos os membros do Parlamento durante uma de suas sessões, objetivando com isso iniciar um levante católico. Guy Fawkes era perito em explosivos e seria o responsável pela detonação da pólvora.

CAPÍTULO 4

Do meu diálogo com Mr. Lloyd, e da conversa entre Bessie e Abbot que acabei de relatar, juntei esperanças suficientes para desejar que algo melhor acontecesse: uma mudança se aproximava. Eu desejava e esperava por ela em silêncio. Mas tardava, no entanto. Passaram-se os dias e as semanas, voltei ao meu estado normal de saúde e nenhuma alusão era feita sobre o assunto que me preocupava. Mrs. Reed às vezes me olhava de forma severa, mas raramente me dirigia a palavra. Desde que eu ficara doente ela traçara com mais firmeza ainda a linha de separação que me isolava dos seus próprios filhos. Determinou que eu devia dormir sem companhia num pequeno quatinho, fazer as refeições sozinha e passar todo o tempo no quarto das crianças, enquanto meus primos viviam constantemente na sala de estar. Mas não fez uma insinuação sequer sobre mandar-me para a escola. Eu tinha uma certeza instintiva de que ela não conseguiria mais suportar-me sob o mesmo teto. Seu olhar, quando se voltava para mim, expressava uma profunda e insuperável aversão, agora mais do que nunca.

Eliza e Georgiana, evidentemente cumprindo ordens, falavam comigo o menos possível. John botava a língua para fora sempre que me via, e uma vez tentou me castigar. Mas como me virei contra ele imediatamente, agitada pelo mesmo espírito de profunda ira e desesperada revolta que me havia feito reagir na outra vez, ele achou melhor desistir, e correu para longe de mim, lançando impropérios e jurando que eu tinha rebentado seu nariz. Eu havia, efetivamente, lançado contra esse traço proeminente da sua cara um soco tão forte quanto me permitiam as minhas forças. E quando vi que tanto o soco quanto a minha expressão o assustavam, senti muita vontade de prosseguir no meu propósito. Mas ele já se encontrava junto da mãe. Ouvi quando começou a contar-lhe que “essa asquerosa Jane Eyre” tinha pulado para cima dele como uma gata enlouquecida, mas foi rapidamente interrompido.

– Não me fale dela, John! Eu já lhe disse para não se aproximar dessa menina, ela não é digna de atenção. Não quero que nem você nem suas irmãs se misturem com ela.

Ao ouvir isso, recostada no corrimão, gritei de repente, sem pensar no que dizia:

– Eles é que não são dignos de conviver comigo!

Mrs. Reed era uma mulher robusta, mas, ao ouvir essa declaração estranha e audaciosa, correu agilmente escada acima, lançou-me com um puxão para dentro do quarto das crianças e, empurrando-me contra a beirada da cama, desafiou-me a sair dali ou falar uma só palavra durante o resto do dia.

– O que diria o tio Reed se estivesse vivo? – foi a pergunta quase involuntária que fiz.

Digo que foi quase involuntária porque parecia que as palavras saíam dos meus lábios sem que minha vontade consentisse no seu sentido. Eram coisas que saíam de dentro de mim, sobre as quais eu não tinha controle.

– O quê? – disse Mrs. Reed, sem fôlego. Seus olhos cinzentos, usualmente frios, pareciam ostentar um brilho parecido com o medo. Ela largou o meu braço e me olhava fixamente, como se não soubesse se eu era uma criança ou um demônio. Eu agora estava mais para demônio.

– Meu tio Reed está no céu, e pode ver tudo que a senhora faz e pensa. Papai e mamãe também. Eles sabem que a senhora me deixa trancada todo o dia, e que quer me ver morta.

Mrs. Reed recobrou o espírito: sacudiu-me violentamente, estapeou-me as orelhas, e então saiu sem dizer uma palavra. Bessie ocupou o tempo com um sermão que durou uma hora, no qual ela provava

sem sombra de dúvida que eu era a criança mais perversa e abandonada por Deus que já se abrigara sob um teto. Acreditei um pouco nela, pois sentia surgirem em meu peito os mais terríveis sentimentos.

Novembro, dezembro e a metade de janeiro passaram. O Natal e o Ano Novo foram celebrados em Gateshead com a habitual ceia festiva. Trocaram-se presentes, organizaram-se jantares e reuniões. Eu fora excluída de todas as festividades, é claro. Minha parte na alegria geral consistia em testemunhar diariamente enquanto Georgiana e Eliza se preparavam, e vê-las descer à sala de jantar com seus vestidos de musselina, faixas escarlate, os cabelos em cachos elaborados; e, mais tarde, ouvir lá embaixo o som do piano ou da harpa, o passar apressado do mordomo e dos lacaios, o tinido dos cristais e porcelanas enquanto serviam as bebidas e comidas, o som abafado das conversas quando a porta da sala se abria e fechava. Quando me cansava disso, subia a escada em direção ao solitário quarto das crianças. Ali, embora triste, não me sentia infeliz. Para falar a verdade, não tinha a menor vontade de estar na companhia dos outros, porque eu raramente era notada entre os demais. E, se Bessie fosse bondosa e compassiva, eu podia considerar a possibilidade de passar a noite calmamente com ela, ao invés de passá-la sob o formidável olhar de Mrs. Reed, numa sala cheia de damas e cavalheiros. Mas Bessie, assim que terminava de vestir as duas jovens, costumava escapar para a alegre vivacidade da cozinha ou do quarto das criadas, e geralmente levava o candeeiro com ela. Eu então me sentava, com minha boneca no colo, até que o fogo se extinguísse, olhando ao redor de vez em quando para ter certeza que ninguém além de mim assombrava o quarto escuro. E quando as brasas atingiam uma cor rubra, quase negra, eu rapidamente me despia, puxando os laços e nós da roupa da melhor forma que podia, e abrigava-me do escuro e do frio na minha cama. Levava sempre a boneca comigo ao deitar-me. Seres humanos devem amar alguém, e na falta de objetos de afeição mais valiosos, resolvi achar prazer em amar e acarinhar uma figurinha desbotada, desprezível como um pequeno espantalho. Hoje me espanta lembrar com que absurda sinceridade eu amava aquele pequeno brinquedo, imaginando até que fosse vivo e capaz de sentimentos. Não podia dormir sem que ela estivesse enrolada na minha camisola. E quando repousava ali, segura e quentinha, eu ficava feliz acreditando na felicidade dela.

As horas se passavam lentamente, enquanto eu esperava a partida dos convidados e o som dos passos de Bessie nas escadas. Algumas vezes ela vinha no intervalo para procurar seu dedal ou sua tesoura, ou para me trazer alguma coisa para cear – um pãozinho ou um bolo de queijo. Sentava então na cama, esperando que eu acabasse de comer e, quando eu terminava, ajeitava as cobertas a minha volta e me beijava enquanto dizia “boa noite, Miss Jane”. Quando era gentil assim eu achava Bessie o melhor, mais bonito e mais bondoso ser humano da face da terra. Desejava ardentemente que ela continuasse sendo sempre tão agradável e amistosa, e nunca mais me desse ordens de maneira insultuosa, ou ralhasse comigo, ou me exigisse coisas pouco razoáveis, como fazia com tanta frequência. Bessie Lee devia ser, eu creio, uma moça de grande talento natural, pois era esperta em tudo que fazia e tinha grande habilidade para narrativas. Ou eu assim julgava, pela impressão que me deixaram as histórias de criança que ela costumava nos contar. Era bonita também, se minhas lembranças não me enganam. Lembro-me dela como uma jovem magra, de cabelos negros, olhos escuros, traços muito bonitos e a tez clara e suave. Tinha, porém, um temperamento caprichoso e áspero, e era indiferente às ideias de justiça e de princípios. Mas, mesmo sendo assim, eu a preferia a qualquer outro ser humano em Gateshead Hall.

Quinze de janeiro, por volta de nove horas da manhã. Bessie descera para o café. Meus primos ainda não haviam sido chamados pela mãe. Eliza estava colocando sua touca e o casaco de jardinagem para sair e alimentar as aves. Ela adorava isso, e adorava também vender os ovos para a governanta e guardar o dinheiro que obtinha desse jeito. Tinha uma queda pelo comércio e uma forte propensão a acumular dinheiro, demonstrada não apenas pela venda de ovos e aves, mas pelas duras negociações que

entabulava com o jardineiro quanto às mudas de flores, sementes e enxertos. O empregado recebera ordens estritas de Mrs. Reed de comprar de sua jovem patroa todos os produtos de seus canteiros que ela quisesse vender. E Eliza teria vendido os cabelos da cabeça, se obtivesse um bom lucro... Quanto ao dinheiro, ela no início guardava-o nos cantos mais estranhos, enrolado num trapo ou embrulhado em velhos papéis. Mas como a criada de quarto descobrira alguns desses esconderijos, Eliza, com medo de vir a perder seu valioso tesouro, consentiu em confiá-lo à mãe, cobrando uma taxa de juros extorsiva... cinquenta ou sessenta por cento. E calculava os lucros a cada trimestre, anotando os valores num livrinho com ansiosa minúcia.

Georgiana sentava-se num banco alto, em frente ao espelho, penteando os cabelos e entremeando os cachos com flores artificiais e penas desbotados, que encontrara estocadas numa gaveta do sótão. Eu fazia a minha cama, após receber ordens estritas de Bessie para arrumá-la antes que ela voltasse (Bessie agora frequentemente me empregava como uma espécie de auxiliar de criada, para arrumar o quarto, tirar o pó das cadeiras, etc.) Depois de estender a colcha e dobrar a camisola, fui até o vão da janela para arrumar alguns livros de gravuras e os móveis da casinha de bonecas que se achavam espalhados por ali. Georgiana interrompeu-me com uma ordem abrupta para que largasse seus brinquedos (pois as minúsculas cadeiras e espelhos, os lindos pratos e copos eram propriedade dela). Então, na falta do que fazer, comecei a respirar sobre os vidros gelados decorados com flores que ornavam as janelas. Com isso abri um espaço limpo no vidro, através do qual podia olhar para os terrenos que circundavam a casa, onde tudo estava rígido e petrificado, coberto por uma camada de geada.

Da janela eu podia ver a guarita do porteiro e o caminho da carruagem, e quando dissolvi o suficiente da crosta branco-prata que empanava as vidraças, deixando um espaço para olhar para fora, vi os portões se abrirem e uma carruagem entrar. Olhei com indiferença enquanto ela subia o caminho, pois carruagens vinham constantemente a Gateshead, mas nenhuma trazia algum visitante que me interessasse. O veículo parou em frente a casa, a campainha tocou com força e o visitante entrou. Como nada disso me interessasse, minha atenção logo encontrou um objetivo mais atraente num pequeno tordo faminto, que começou a gorjear nos ramos nus da cerejeira encostada à parede, perto do batente da janela. Os restos do meu café da manhã, pão e leite, estavam sobre a mesa; parti um pedaço do pão em pedacinhos e estava tentando puxar o caixilho da janela para colocar as migalhas no parapeito, quando Bessie subiu correndo as escadas e entrou no quarto.

– Miss Jane, tire seu avental! O que está fazendo aí? Já lavou as mãos e o rosto esta manhã?

Dei mais um puxão na janela antes de responder, pois queria garantir que o passarinho pegasse o pão. A vidraça cedeu e espalhei as migalhas; algumas caíram no peitoril de pedra, outras no galho da cerejeira. Então, fechando a janela, respondi:

– Não, Bessie. Acabei agora de tirar o pó.

– Criança irritante e descuidada! E o que faz aí parada? Está vermelha, como se tivesse feito alguma coisa errada. Por que estava abrindo a janela?

Fui poupada do trabalho de responder, pois Bessie parecia apressada demais para ouvir alguma explicação. Arrastou-me para o lavatório, esfregou-me as mãos e o rosto sem piedade, ainda que brevemente, com água, sabão e uma toalha áspera; penteou-me os cabelos com uma escova velha, tirou meu avental e me apressou até o alto das escadas, mandando que descesse imediatamente. Eu estava sendo chamada na sala do almoço.

Queria perguntar quem estava me chamando. Queria saber se Mrs. Reed estava lá, mas Bessie já tinha ido, fechando a porta do quarto às minhas costas. Desci as escadas lentamente. Por quase três meses

não tinha sido chamada à presença de Mrs. Reed. Confinada por tanto tempo ao quarto das crianças, as salas de estar e do almoço se tornaram territórios estranhos para mim, onde não me animava a entrar.

Estava agora no corredor vazio, diante da porta da sala do almoço. Parei ali, tremendo de medo. Que miserável e pequena covarde eu me tornara naquela época, por conta do medo gerado pelas injustas punições que recebia! Temia voltar ao quarto e temia entrar na sala. Fiquei dez minutos nessa agitada hesitação, até que o veemente toque da sineta da sala me decidiu: eu *devia* entrar.

“Quem será que quer me ver?” perguntei a mim mesma, enquanto torcia com as duas mãos a pesada maçaneta da porta que, por um ou dois segundos, resistiu aos meus esforços. “Quem eu veria na sala, além da minha tia?... Um homem ou uma mulher?” A maçaneta cedeu, a porta se abriu e eu entrei, fazendo uma mesura. Olhei para cima e vi... uma coluna negra! Ou, pelo menos, assim me pareceu à primeira vista a figura estreita e rígida, vestida de zibelina, que parava ereta sobre o tapete: a face sinistra parecia uma máscara entalhada, colocada acima da coluna à guisa de capitel.

Mrs. Reed ocupava seu lugar habitual junto à lareira e fez-me um sinal para que me aproximasse. Cheguei mais perto e ela então me apresentou ao empedernido estranho, dizendo:

– Esta é a menina sobre quem lhe falei.

Ele, pois se tratava de um homem, voltou lentamente a cabeça na minha direção e, depois de me examinar com seus olhos cinzentos e inquisitivos, que cintilavam sob um par de espessas sobrancelhas, disse solenemente numa voz baixa:

– Ela é pequena. Que idade tem?

– Dez anos.

– Tanto assim? – foi a duvidosa resposta.

Ele prolongou o exame por mais alguns minutos. Então dirigiu-se a mim:

– Qual é o seu nome, pequenina?

– Jane Eyre, senhor.

Quando pronunciei essas palavras olhei para cima: ele me parecia um cavalheiro bastante alto. Mas naquela época eu era muito pequena, suas feições eram graúdas, e toda a sua compleição era áspera e empertigada.

– Bem, Jane Eyre, você é uma boa menina?

Era impossível responder afirmativamente. Meu pequeno mundo professava uma opinião contrária e eu fiquei em silêncio. Mrs. Reed respondeu por mim, sacudindo a cabeça de forma expressiva. E logo acrescentou:

– Talvez seja melhor não falar muito disso, Mr. Brocklehurst.

– Que pena ouvir tal coisa! Ela e eu devemos ter uma conversa.

abandonando sua posição de pé, instalou-se na poltrona em frente à Mrs. Reed.

– Venha cá – ele disse.

Dei uns passos sobre o tapete e ele me colocou de pé na sua frente. Que rosto impressionante ele tinha, agora que podia observá-lo do mesmo nível que o meu! Que nariz enorme! E que bocarra! E que dentes grandes e salientes!

– Nada é pior que uma criança malcriada – ele começou – especialmente uma menina. Você

sabe para onde vão os maus depois que morrem?

– Vão para o inferno – foi minha pronta e convencional resposta.

– E o que é o inferno? Pode me dizer?

– É uma cova cheia de fogo.

– E você gostaria de cair nessa cova e ficar queimando para sempre?

– Não, senhor.

– E o que deve fazer para evitar isso?

Pensei por um momento. Minha resposta, quando veio, era questionável.

– Devo manter minha boa saúde e não morrer.

– E como vai manter a boa saúde? Crianças menores que você morrem todos os dias. Eu enterrei uma criancinha de cinco anos há apenas um ou dois dias... uma criança boa, cuja alma está agora no céu. É possível que a mesma coisa não aconteça com você, se fosse chamada agora.

Não estando em condições de responder à sua dúvida, apenas baixei os olhos em direção aos dois enormes pés plantados sobre o tapete e suspirei, desejando estar muito longe dali.

– Espero que esse suspiro seja sincero, e que você se arrependa de alguma vez ter causado aborrecimento à sua bondosa benfeitora.

“Benfeitora! Que benfeitora?” pensava eu, intimamente. “Todos dizem que Mrs. Reed é minha benfeitora; se benfeitora é isso, deve ser uma coisa muito ruim.”

– Você reza, de manhã e à noite? – continuou o meu interrogador.

– Sim, senhor.

– Você lê a Bíblia?

– Às vezes.

– Lê com prazer? Gosta da Bíblia?

– Gosto das Revelações, e do livro de Daniel, e da Gênese e de Samuel. E um pouco do Êxodo e algumas partes dos Reis e das Crônicas, e de Jó e Jonas.

– E os Salmos? Imagino que goste deles?

– Não, senhor.

– Não? Estou chocado!... Tenho um menino, mais novo que você, que conhece seis Salmos de cor. E se lhe perguntamos o que prefere, um biscoito de gengibre para comer ou um Salmo para ler, ele diz: “Oh! Os versos dos Salmos, que os anjos cantam!... Queria ser um anjo aqui na terra”. E então ele ganha dois biscoitos, como recompensa por sua piedade infantil.

– Os Salmos não são interessantes – observei.

– Isso prova que você tem um coração malvado. E deve rezar e pedir a Deus que mude isso: que lhe dê um coração novo e limpo. Que leve seu coração de pedra e lhe dê um de carne.

Eu estava a ponto de perguntar de que modo essa operação de mudança do meu coração aconteceria, quando Mrs. Reed se interpôs, mandando que eu me sentasse. Resolveu então assumir ela mesma a conversa.

– Mr. Brocklehurst, eu creio ter sugerido na carta que lhe escrevi três semanas atrás que esta

menina não tem o caráter e a disposição que eu desejaria. Se o senhor admiti-la na escola de Lowood, eu ficaria feliz se o diretor e os professores fossem solicitados a mantê-la sob vigilância e, sobretudo, precaverem-se da sua pior falta: uma tendência ao fingimento. Falo isso na sua frente, Jane, para que não tente enganar Mr. Brocklehurst.

Como eu temia, como detestava Mrs. Reed: pois estava na sua natureza ferir-me cruelmente. Nunca fui feliz em sua presença. Por mais que a obedecesse rigorosamente, por mais que lutasse com vigor para agradá-la, meus esforços eram sempre rechaçados e recebia em retorno frases como essa. Tal acusação, feita na frente de um estranho, feriu-me no fundo do coração. Percebi vagamente que ela já estava destruindo as esperanças da nova fase de vida a que me destinara. Senti, embora não conseguisse expressar o sentimento, que ela estava semeando a aversão e o desamor pelo meu caminho futuro. Vi-me, aos olhos de Mr. Brocklehurst, transformada numa criança astuta e nociva. O que poderia fazer para remediar essa injúria?

“Nada, realmente” pensei, enquanto lutava para reprimir um soluço e enxugar rapidamente algumas lágrimas, provas impotentes da minha angústia.

– O fingimento é, de fato, uma falta muito grave numa criança – disse Mr. Brocklehurst. – É semelhante à falsidade, e todos os mentirosos terão sua parte no inferno, queimando no fogo e enxofre. Ela certamente deve ser vigiada, Mrs. Reed, vou falar com Miss Temple e com os professores.

– Gostaria que ela fosse educada de acordo com suas perspectivas de vida – continuou minha benfeitora – de modo a ser útil e manter-se humilde. Quanto às férias, ela deve passá-las sempre em Lowood, se o senhor concordar.

– Suas decisões são extremamente sensatas, madame – respondeu Mr. Brocklehurst. – A humildade é uma virtude cristã, e especialmente adequada aos alunos de Lowood. Eu cuido, pessoalmente, para que seja constantemente cultivada entre eles. Estudei a melhor maneira de mortificar-lhes o mundano sentimento da vaidade. Ainda outro dia tive a mais agradável prova do meu sucesso. Minha segunda filha, Augusta, foi visitar a escola com a mãe, e ao retornar disse: “Oh, papai querido! Como as meninas de Lowood parecem calmas e simples, com seu cabelo penteado para trás das orelhas, seus longos aventais, e aqueles bolsinhos por fora dos vestidos... quase parecem filhas de gente pobre! Olharam para o meu vestido e o da mamãe como se nunca tivessem visto um vestido de seda!”

– Esse é o tipo de sistema que conta com minha inteira aprovação – retornou Mrs. Reed. – Se eu procurasse por toda a Inglaterra, dificilmente encontraria um sistema que se adequasse com mais perfeição a uma criança como Jane Eyre. Firmeza, meu caro Mr. Brocklehurst, defendo a firmeza em todas as coisas.

– A firmeza, madame, é a primeira das obrigações cristãs, e é observada em tudo que se refere ao nosso estabelecimento em Lowood. Alimentação comum, vestimentas simples, acomodações modestas, hábitos ativos e árduos. Essa é a ordem do dia – para a casa e os seus habitantes.

– Muito certo, senhor. Posso então contar que essa menina será recebida como aluna em Lowood, e receberá educação de acordo com sua posição e perspectivas de vida?

– Pode, madame. Ela será colocada na nossa estufa de seletas plantas, e acredito que saberá mostrar-se grata pelo inestimável privilégio de ter sido escolhida.

– Vou mandá-la o mais breve possível, então, Mr. Brocklehurst. Estou ansiosa para me livrar de uma responsabilidade que está se tornando pesada demais, asseguro-lhe.

– Sem dúvida, madame, sem dúvida. Então, desejo-lhe um bom dia. Devo retornar à

Brocklehurst Hall dentro de uma ou duas semanas. Meu bom amigo, o arqui-diácono, não permitirá que eu o deixe antes disso. Mandarei informar a Miss Temple que ela deve esperar uma nova aluna, assim não haverá dificuldades. Adeus.

– Adeus, Mr. Brocklehurst, dê minhas lembranças a Mrs. e Miss Brocklehurst, e a Augusta e Theodore, e a Mr. Broughton Brocklehurst.

– Darei, madame, obrigado. Menina, aqui está um livro intitulado “Guia das Crianças”. Leia com fé, especialmente a parte que contém “Um relato da terrível e súbita morte de Martha G.”, uma criança má, adepta da falsidade e fingimento.

Com essas palavras Mr. Brocklehurst colocou em minhas mãos um livrinho encadernado e, tendo chamado a carruagem, partiu.

Mrs. Reed e eu ficamos sozinhas. Alguns minutos se passaram em silêncio. Ela costurava enquanto eu a observava. Nessa época Mrs. Reed devia ter por volta de trinta e seis ou trinta e sete anos. Era uma mulher robusta, de ombros quadrados e membros fortes. Não era alta e, apesar de robusta, não era obesa. Tinha um rosto largo e a papada desenvolvida e sólida. As sobrancelhas eram baixas, o queixo grande e proeminente, boca e nariz suficientemente regulares. Sob as sobrancelhas finas brilhavam os olhos cruéis; a pele era morena e baça, o cabelo quase da cor do linho. Sua constituição era tão sólida quanto um sino, a doença jamais chegara perto dela. Era uma administradora competente e esperta. A família e os rendeiros estavam totalmente sob seu controle. Apenas os filhos às vezes desafiavam sua autoridade e troçavam dela. Vestia-se bem e tinha uma aparência e porte calculados para valorizar as belas roupas.

Sentada num banco baixo, a poucos passos da sua poltrona, eu a examinava, perscrutando-lhe os traços. Segurava em minha mão o tratado contendo a súbita morte da Mentirosa, cuja narrativa me fora indicada como um aviso necessário. O que acabara de se passar, o que Mrs. Reed dissera a Mr. Brocklehurst a meu respeito, o completo teor da conversa deles estava vivo e cru na minha mente, causando-me imensa dor. Sentia cada palavra como se as ouvisse outra vez com clareza, e uma revolta surda apoderou-se de mim.

Mrs. Reed levantou os olhos do trabalho e fixou-os em mim, enquanto seus dedos suspendiam os ágeis movimentos.

– Saia da sala, volte para o quarto – foi a sua ordem.

Meu olhar ou alguma coisa em mim deve ter-lhe parecido ofensivo, pois ela falou com extrema irritação, embora se controlasse. Levantei-me e fui até a porta. Mas voltei. Caminhei em direção à janela, cruzei o cômodo e parei diante dela.

Eu *devia* falar. Tinha sido severamente ofendida, e *devia* revidar. Mas como? Que força tinha eu para lançar alguma retaliação contra a minha antagonista? Reuni as forças que possuía e lancei-as nessa frase cortante:

– Não sou fingida. Se eu fosse, diria que amo a senhora. Mas afirmo que não a amo, eu a odeio mais do que qualquer pessoa no mundo, exceto John Reed. E esse livro sobre a mentirosa, a senhora devia dar para a sua filha Georgiana, pois é ela que conta mentiras, e não eu.

As mãos de Mrs. Reed ainda repousavam sobre o trabalho inerte em seu colo. Os olhos de aço continuavam fixos em mim, como gelo.

– Tem mais alguma coisa a dizer? – ela perguntou, num tom que se costuma usar para falar com

um oponente de idade adulta, e não com uma criança.

Aqueles olhos dela, aquela voz, despertaram toda a minha raiva. Tremendo dos pés à cabeça, tomada por uma ira ingovernável, eu continuei:

– Fico feliz que a senhora não seja minha parenta. Nunca mais vou chamá-la de tia enquanto viver. Jamais virei visitá-la depois que crescer. E se alguém me perguntar se gosto da senhora e como costuma me tratar, vou dizer que só pensar na senhora me deixa doente e que sempre me tratou com miserável crueldade.

– Como ousa dizer isso, Jane Eyre?

– Como ousa, Mrs. Reed? Como ousa? Ouso porque é *averdade*. A senhora acha que não tenho sentimentos, que posso viver sem uma migalha de amor ou bondade. Mas não posso viver assim, e a senhora não tem pena. Devo lembrar-lhe como a senhora me empurrou – me empurrou violenta e cruelmente – para o quarto vermelho, e me trancou lá para que morresse. Mesmo eu estando em agonia, mesmo gritando sufocada de angústia “Tenha piedade! Tenha piedade, tia...” E me fez sofrer essa punição apenas porque o malvado do seu filho me atacou – bateu-me a troco de nada. Vou contar essa história a todos que me perguntarem. As pessoas pensam que a senhora é boa, mas a senhora é má e sem coração. A *senhora* é fingida.

Logo que disse essas palavras minha alma ficou aliviada. Senti-me exultante, com uma estranha sensação de liberdade, de triunfo, como nunca sentira antes. Parecia que um limite invisível havia sido rompido e eu obtivera uma liberdade inesperada. E esse sentimento não era sem razão: Mrs. Reed parecia apavorada, o trabalho escorregara do seu colo. Levantava as mãos e mexia-se desordenadamente, contraía até o rosto, como se fosse chorar.

– Jane, você está enganada. Qual é o problema com você? Por que está tremendo tão violentamente? Quer beber um pouco de água?

– Não, Mrs. Reed.

– Deseja alguma outra coisa, Jane? Eu lhe asseguro, quero ser sua amiga.

– Não quer não. A senhora disse a Mr. Brocklehurst que eu tinha mau caráter, uma propensão ao fingimento, e vou deixar que todos em Lowood saibam quem a senhora é, e o que fez.

– Jane, você não entende essas coisas. Devemos corrigir os erros das crianças.

– O fingimento não é um dos meus erros! – gritei em voz alta, com selvageria.

– Mas você é passional, Jane, deve admitir isso. E agora volte para o quarto das crianças, minha querida... e descanse um pouco.

– Não sou sua querida, e não posso descansar. Mande-me logo para a escola, Mrs. Reed, pois odeio viver aqui.

“Vou mandá-la logo para a escola, de fato” murmurou Mrs. Reed, em voz bem baixa. E pegando seu trabalho deixou a sala abruptamente.

Fui deixada sozinha... vencedora no campo de batalha. Fora a batalha mais dura que travara, e a minha primeira vitória. Fiquei um pouco de pé sobre o tapete, onde Mr. Brocklehurst estivera, e desfrutei da minha solidão de conquistadora. Primeiro, sorri para mim mesma e me senti tomada de júbilo. Mas o orgulhoso prazer que sentia acalmou-se em minha mente tão rápido quanto o sangue pulsando em minhas veias. Uma criança não podia enfrentar os adultos como eu havia feito. Não podia dar vazão à sua fúria

incontrolável, como eu fizera, sem sentir depois a pontada do remorso e o frio da reação. Uma montanha de urzes, viva, queimando, tomada por um incêndio devorador, teria sido uma comparação adequada para a minha mente quando acusei e ameacei Mrs. Reed. A mesma montanha, negra e devastada depois de apagado o incêndio, representaria igualmente bem minha condição quando, após meia hora de silêncio e reflexão, vira a loucura da minha conduta, e a tristeza de minha odiosa e odiada situação.

Pela primeira vez sentira o gosto da vingança. Parecia-me um vinho aromático, quente e estimulante, mas que deixava na boca um gosto metálico e corrosivo, que me dava a impressão de envenenamento. De bom grado eu teria ido até Mrs. Reed agora e implorado seu perdão. Mas eu sabia parte por experiência, parte por instinto, que isso a faria sentir ainda mais repulsa por mim, desprezando-me duplamente, e assim tornaria a despertar todos os impulsos violentos da minha natureza.

De bom grado eu cultivaria alguma qualidade melhor do que a de fazer discursos ásperos. De bom grado nutriria algum sentimento menos maligno que a minha sombria cólera. Peguei um livro – algum conto árabe. Sentei-me e fiz um esforço para ler. Não consegui entender do que se tratava, meus pensamentos se interpunham sempre entre mim e as páginas do livro, que em outra ocasião teria me fascinado. Abri a porta envidraçada da sala de almoço. O arvoredado estava imóvel e a geada cobria os campos, ainda intocada pelo sol ou vento. Cobri a cabeça e os braços com a aba do vestido e fui caminhar na parte mais deserta da propriedade, mas não encontrei prazer algum nas árvores silenciosas, nas pinhas caídas, nas relíquias congeladas do outono - folhas avermelhadas, varridas e amontoadas pelo vento. Recostei-me no portão e olhei para os campos vazios, onde não havia rebanhos pastando e a relva era gelada, crestada pelo frio. Era um dia completamente cinzento, e um céu opaco cobria tudo. Flocos de neve caíam, a intervalos, e se acumulavam sobre o caminho endurecido e as pastagens cinzentas. E ali fiquei, uma criança infeliz, murmurando comigo mesma “que devo fazer? que devo fazer?”

Ouvi, então, uma voz clara chamando:

– Miss Jane, onde está você? Venha almoçar!

Era Bessie, eu sabia muito bem. Mas não me mexi, e logo ouvi seus passos leves tropeçando no caminho.

– Sua coisinha malcriada! – ela disse. – Por que não aparece quando é chamada?

A presença de Bessie, comparada aos pensamentos que me toldavam o espírito, parecia-me alegre. Mesmo que, como sempre, ela estivesse um tanto mal humorada. O fato é que, depois do meu conflito e consequente vitória sobre Mrs. Reed, não estava disposta a ligar muito para a raiva passageira das criadas. E *queria* deleitar-me com a leveza do seu jovem coração. Eu apenas a abracei e disse:

– Venha, Bessie! Não ralhe comigo.

Esse gesto foi mais espontâneo e corajoso do que eu estava acostumada, e ela pareceu gostar.

– Você é uma menina estranha, Miss Jane – disse ela, enquanto me olhava – uma coisinha um tanto solitária e arredia. Está indo para a escola, então?

Assenti com a cabeça.

– E não vai lamentar deixar a pobre Bessie?

– Lamentar por quê? Bessie vive ralhando comigo.

– Porque você é uma coisinha muito estranha, tímida e assustada. Devia ser mais corajosa...

– O quê? Para apanhar mais?

– Bobagem! Você vai se sair bem, tenho certeza. Minha mãe me disse, quando veio me ver na semana passada, que não gostaria de ter uma filha dela na sua situação... Agora venha, tenho boas notícias para você.

– Acho que não tem, Bessie.

– Menina! O que quer dizer? Por que me olha com esses olhos tão tristes? Venha, a senhora, o senhor John e as meninas vão sair para tomar chá esta tarde, e você vai tomar chá comigo. Vou pedir à cozinheira para fazer um pequeno bolo e então você vai me ajudar a examinar as suas gavetas. Tenho que fazer a sua mala logo, a senhora quer que você parta dentro de um dia ou dois, e você tem que escolher os brinquedos que quer levar.

– Bessie, você promete que não vai ralar comigo até eu ir embora?

– Bem, prometo. Mas lembre-se que você é uma boa menina e não tenha medo de mim. Não fique nervosa se eu falar de modo mais ríspido, é muito irritante.

– Acho que não vou ter medo de você de novo Bessie, já estou acostumada com você. E logo terei outras pessoas a quem temer.

– Se fizer isso elas não gostarão de você.

– Assim como você, Bessie?

– Não desgosto de você, Miss Jane. Acho até que gosto mais de você do que qualquer um dos outros.

– Mas não demonstra.

– Coisinha atrevida! Que maneira nova de falar é essa? O que a deixou assim tão ousada e amarga?

– Bem, logo vou deixar você e, além disso...

Estava a ponto de contar o que havia se passado entre Mrs. Reed e eu, mas pensando bem achei melhor não dizer nada sobre o assunto.

– Então está contente de me deixar?

– De modo algum, Bessie. Na verdade, justamente agora é que tenho mais motivos para estar triste.

– Justamente agora! Mais motivos! Com que frieza a minha pequena dama diz essas coisas! Garanto que, se eu lhe pedisse um beijo, você não me daria. Diria que justamente agora teria *mais motivos* para negar.

– Vou lhe dar um beijo com muito gosto. Abaixei a cabeça.

Bessie parou. Nos abraçamos e eu a segui até a casa. Sentia-me bastante confortada, e a tarde transcorreu em paz e harmonia. À noite Bessie contou-me as suas histórias mais belas e cantou as canções mais doces que conhecia. Mesmo para mim, a vida tinha clarões de sol.

CAPÍTULO 5

Mal passava das cinco horas da manhã do dia dezenove de janeiro, quando Bessie entrou no meu quarto com o candeeiro. Eu já estava de pé e quase vestida. Havia me levantado meia hora antes, e tinha lavado o rosto e me vestido sob a escassa luz da meia lua que se punha, cujos raios entravam pela estreita janela ao lado da cama. Eu devia deixar Gateshead naquele dia pela diligência que passava nos portões às seis da manhã. Bessie era a única pessoa que já levantara. Havia acendido um fogo no quarto e agora preparava o meu café da manhã. Poucas crianças conseguem comer quando excitadas pela ideia de uma viagem, eu também não. Bessie, depois de insistir em vão para que eu tomasse algumas colheradas do leite quente com pão que ela preparara, enrolou alguns biscoitos num papel e colocou-os na minha valise. Então me ajudou a vestir o capote e a touca e, enrolando-se num xale, deixou o quarto junto comigo. Quando passamos pelo quarto de Mrs. Reed ela disse:

– Gostaria de entrar e dar adeus à senhora?

– Não, Bessie. Ela veio até minha cama na noite passada, quando você desceu para a ceia, e disse que eu não precisava perturbá-la esta manhã, nem aos meus primos. E me disse para não esquecer que ela sempre havia sido minha amiga, e que eu devia me lembrar de mencioná-la com gratidão.

– E o que você respondeu?

– Nada. Cobri a cabeça com as cobertas e me virei para a parede.

– Isso foi muito errado, Miss Jane.

– Não, foi muito certo, Bessie. A sua patroa nunca foi minha amiga, ela foi minha inimiga.

– Oh, Miss Jane! Não diga isso.

– Adeus, Gateshead – exclamei, quando passamos pelo vestíbulo e nos dirigimos à porta da frente.

A lua já se pusera e estava muito escuro. Bessie carregava uma lanterna, cuja luz brilhava nos degraus úmidos e no caminho de cascalho molhado pelo degelo recente. A manhã de inverno era fria e áspera. Meus dentes batiam enquanto me apressava pela estrada. Havia uma luz na guarita do porteiro. Quando nos aproximamos encontramos sua esposa alimentando o fogo. Minha bagagem, que fora trazida na noite anterior, estava amarrada junto à porta. Faltavam poucos minutos para as seis, e logo após esse horário ouvimos o ruído distante das rodas anunciando a chegada da diligência. Fui até a porta e vi os faróis que se aproximavam lentamente através da escuridão.

– Ela está indo sozinha? – perguntou a esposa do porteiro.

– Sim.

– E é muito longe?

– Oitenta quilômetros.

– Que viagem longa! Pergunto-me se Mrs. Reed não tem medo de mandá-la para tão longe sozinha.

A diligência parou. Chegara, enfim, ao portão, com seus quatro cavalos e carregada de passageiros. O condutor pedia pressa, em voz ríspida. Minha bagagem foi içada e eu fui arrancada do colo de Bessie, a quem enchera de beijos.

– Cuide bem dela! – gritou Bessie para o condutor, enquanto ele me acomodava dentro do carro.

– Está bem, está bem! – foi sua resposta.

A porta foi fechada, uma voz exclamou “pronto” e partimos. Assim fui afastada de Bessie e de Gateshead, assim fui lançada em direção ao desconhecido e a remotas e misteriosas paragens, conforme eu imaginava na ocasião.

Lembro de muito pouco daquela viagem. Só sei que o dia me pareceu ter uma duração sobrenatural e parecia que viajávamos centenas de quilômetros pela estrada. Passamos por diversas cidades e, numa das maiores, a carruagem parou. Os cavalos foram desatrelados e os passageiros desceram para almoçar. Fui levada para dentro da estalagem, onde o cocheiro insistiu para que eu comesse alguma coisa. Como eu não tinha apetite, deixou-me num imenso salão, com uma lareira de cada lado, um enorme candelabro suspenso do teto e uma pequena galeria alta junto à parede, cheia de instrumentos musicais. Fiquei andando no cômodo por um longo tempo, sentindo-me deslocada e com um medo mortal de que alguém me raptasse. Eu acreditava em raptos de crianças, pois suas aventuras figuravam muitas vezes nas histórias que Bessie contava ao pé do fogo. Finalmente o cocheiro retornou, fui acomodada de novo na diligência, meu protetor subiu ao seu assento, tocou a buzina e saímos sacolejando pela “rua calçada” de L...

A tarde chegou, enevoada e úmida. Quando se aproximava o crepúsculo comecei a sentir que estava muito longe, na verdade, de Gateshead. Não passávamos mais pelas cidades e a paisagem mudara. Enormes montanhas cinzentas erguiam-se ao longe. Enquanto a noite caía, descemos um vale escuro coberto de bosques. Assim que a escuridão impediu a visão do horizonte, ouvi um vento forte rugindo entre as árvores.

Embalada por esse som, finalmente caí no sono. Não cochilara por muito tempo quando o súbito cessar do movimento me acordou. A porta da diligência se abriu e, à luz dos lampiões, vi uma espécie de criada parada ali.

– Tem uma menininha chamada Jane Eyre aqui? – ela indagou.

– Sim – eu respondi.

Tiraram-me do carro, desceram minha bagagem, e a diligência imediatamente seguiu caminho.

Eu estava entorpecida por ficar tanto tempo sentada, e confusa com o barulho e o movimento da diligência. Reunindo as minhas energias, olhei ao redor. Chuva, vento e escuridão enchiam o ar. Ainda assim, distingi vagamente um muro à minha frente com um portão aberto. Passei por ele com a minha guia, que fechou e trancou o portão atrás de si. Agora conseguia ver a casa, ou as casas – pois era um prédio extenso – com muitas janelas, algumas iluminadas. Seguimos por um largo caminho de pedras molhado pela chuva e entramos pela porta. A criada conduziu-me por um corredor até uma sala com lareira, onde me deixou sozinha.

Fiquei de pé junto ao fogo e aqueci meus dedos paralisados pelo frio, então olhei ao redor. Não havia candeeiro, mas a incerta luz da lareira mostrava, a intervalos, as paredes forradas de papel, o carpete, as cortinas e os brilhantes móveis de mogno. Era uma sala sem o espaço ou o esplendor da sala de estar de Gateshead, mas bastante confortável. Estava tentando entender o tema de uma pintura na parede, quando a porta se abriu e entrou uma pessoa carregando uma lamparina, seguida de perto por outra.

A primeira era uma dama alta de cabelos negros, olhos escuros e uma testa larga e pálida. Estava parcialmente envolta num xale e seu semblante era grave, a postura rígida.

– A criança é pequena demais para ter viajado sozinha – disse ela, colocando o candeeiro sobre a mesa.

Olhou-me atentamente por um ou dois minutos, então acrescentou:

– É melhor levá-la logo para a cama, ela parece cansada. Está cansada? – perguntou ela, colocando a mão sobre o meu ombro.

– Um pouco, senhora.

– E está faminta também, sem dúvida. Leve-a para cear antes que vá para cama, Miss Miller. É a primeira vez que deixa seus pais para vir a escola, minha menina?

Expliquei-lhe que não tinha pais. Ela perguntou-me há quanto tempo haviam morrido; depois, que idade eu tinha, como me chamava, se eu sabia ler, escrever e costurar um pouco. Então tocou meu queixo gentilmente com o dedo e, dizendo que “esperava que eu fosse uma boa menina”, dispensou-me junto com Miss Miller.

A dama que eu acabara de deixar devia ter por volta de vinte e nove anos, a que me acompanhava parecia alguns anos mais jovem. A primeira me impressionara pela voz, a aparência e o porte. Miss Miller era mais comum. Tinha a tez rosada, embora o semblante fosse ansioso; dava a impressão de estar sempre apressada, tanto no passo quanto nas ações, como se tivesse muitas tarefas para dar conta. Parecia, na verdade, o que mais tarde descobri que realmente era: uma professora auxiliar. Guiada por ela, passei de cômodo em cômodo, de corredor em corredor, através do edifício grande e irregular. Então, emergindo do completo e lúgubre silêncio que invadia a ala que acabáramos de atravessar, ouvimos o zumbido de muitas vozes e entramos numa sala ampla e comprida. Ali havia muitas mesas, duas de cada lado, cada uma delas com um par de candeeiros. Sentadas nos bancos ao redor estava uma congregação de meninas de todas as idades, dos nove ou dez até os vinte anos. Vistas à vaga luz das lâmpadas elas me pareciam incontáveis, embora na verdade não passassem de oitenta. Vestiam-se de maneira uniforme, com um vestido marrom de feitiço antiquado e longos aventais de linho. Era a hora do estudo, estavam trabalhando nos temas para o dia seguinte, e o rumor que eu ouvira era a constante repetição de suas lições.

Miss Miller fez-me um sinal para sentar num banco perto da porta, e dirigindo-se ao fundo da sala ela gritou:

– Monitoras, recolham e guardem os cadernos!

Quatro meninas altas levantaram-se de mesas diferentes e deram a volta na sala, recolhendo os cadernos. Miss Miller deu uma nova ordem:

– Monitoras, tragam as bandejas da ceia.

Novamente as meninas altas saíram e retornaram, cada uma trazendo uma bandeja com porções de alguma coisa, eu não sabia o quê, dispostas em volta de um cântaro de água e uma caneca. As meninas pegavam as porções com as mãos e quem queria tomava um gole de água da caneca, comum a todas. Quando chegou minha vez eu bebi a água, pois tinha sede, mas não toquei na comida. A excitação e a fadiga haviam me tirado a fome. Agora eu sei, no entanto, que se tratava de um fino bolo de aveia, partido em pedacinhos.

Depois da refeição Miss Miller recitou as orações, e as classes saíram, subindo as escadas em fileiras de duas. A essa altura, dominada pelo cansaço, mal reparei no dormitório, vi apenas que era muito comprido, como a sala de aulas. Nessa noite eu dividiria a cama com Miss Taylor, e ela ajudou a

me despir. Quando me deitei olhei para as longas fileiras de camas, cada uma delas ocupada por duas meninas. Em dez minutos a única luz do dormitório se apagou, e caí no sono.

A noite passou rapidamente. Eu estava cansada demais até para sonhar. Acordei apenas uma vez, ouvindo o vento em furiosas rajadas e a chuva caindo em torrentes, e reparei que Miss Miller ocupara seu lugar ao meu lado. Quando abri novamente os olhos havia um sino alto tocando, e as meninas já estavam se vestindo. O dia ainda não clareara, e uma ou duas luzes fugazes iluminavam o quarto. Levantei-me também, a muito custo. Estava um frio cortante e me vesti tão bem quanto pude enquanto tremia. Lavei-me assim que consegui uma bacia livre, o que demorou um pouco, pois havia apenas uma bacia para seis alunas, dispostas em plataformas baixas no meio do dormitório. O sino tocou outra vez, as meninas formaram fileiras, duas a duas, e desceram as escadas em ordem, entrando na sala de aulas. A sala estava escura e fria e Miss Miller leu as preces. Depois ordenou:

– Formem as classes!

Seguiu-se um grande tumulto por alguns minutos, durante os quais Miss Miller continuamente exclamava “Silêncio!” e “Ordem!”. Quando por fim o ambiente acalmou-se, percebi que as alunas estavam dispostas em quatro semicírculos, diante de quatro cadeiras junto às quatro mesas. Todas seguravam seus livros e um livro grosso, parecido com uma Bíblia, jazia sobre cada mesa, em frente à cadeira vaga. Seguiu-se uma pausa de alguns segundos, cortada pelo ruído baixo e indistinto de alguém contando. Miss Miller andava de classe em classe recitando os números.

Uma campainha soou à distância e imediatamente três damas entraram na sala, ocupando seu lugar em cada uma das mesas. Miss Miller assumiu a quarta mesa, a mais próxima da porta, junto da qual se encontravam as meninas menores. Fui colocada nessa classe e ocupei um dos últimos lugares.

Começaram os trabalhos. Repetimos a Oração do dia, e então foram lidos trechos das Escrituras. Seguiu-se uma prolongada leitura de capítulos da Bíblia, que durou uma hora. Quando esse exercício terminou o dia já havia amanhecido. O incansável sino tocou pela quarta vez. As classes se organizaram e marcharam para outra sala, para a refeição da manhã. Como fiquei feliz com a perspectiva de comer alguma coisa! Eu estava quase doente de tanta fome, depois de não ter comido quase nada no dia anterior.

O refeitório era uma sala grande e lúgubre, de teto baixo. Havia duas mesas compridas, com tigelas fumegantes contendo alguma coisa quente, mas, para o meu desgosto, o odor estava longe de ser convidativo. Percebi uma manifestação geral de descontentamento, quando o desagradável cheiro da refeição atingiu as narinas daquelas que deviam comê-la. Das fileiras veio o sussurro das meninas mais velhas, da primeira classe:

– Que horror! Queimaram o mingau outra vez!

– Silêncio! – exclamou abruptamente uma voz.

Não era Miss Miller, mas uma das professoras titulares. Era uma figura miúda e sombria, vestida com elegância, mas de aspecto um tanto taciturno, que se instalara na cabeceira de uma das mesas, enquanto uma dama mais robusta presidia a outra. Procurei em vão pela senhora que me recebera na noite anterior, mas ela não estava à vista. Miss Miller ocupou a outra ponta da mesa em que eu estava e uma estranha e idosa dama, de aspecto estrangeiro – a professora de francês, como descobri mais tarde – ocupou o mesmo lugar na outra mesa. Rezou-se uma longa oração e cantou-se um hino. Uma criada trouxe chá para as professoras e a refeição teve início.

Sentindo-me muito fraca, devorei vorazmente uma ou duas colheres da minha ração, sem atentar

para o gosto. Aplacada a violência da fome, percebi que se tratava de uma mistura nauseante. Mingau queimado é quase tão ruim quanto batatas podres. A própria fome o rejeita. As colheres se moviam lentamente, vi as meninas provarem e tentarem comer aquilo. Mas, na maioria dos casos, desistiam em seguida. A refeição terminou e ninguém havia comido. Demos graças pelo alimento que não comemos e cantamos um segundo hino, deixando então o refeitório em direção à sala de aulas. Fui uma das últimas a sair e, passando pelas mesas, vi uma das professoras pegar uma tigela de mingau e prová-lo. Olhou para as outras – todas expressavam seu desprazer – e uma delas, a mais robusta, disse à meia voz:

– Que porcaria! É vergonhoso!

Passou-se um quarto de hora antes que as aulas começassem outra vez, e durante esse tempo a sala estava num glorioso tumulto. Parece que nesse período de tempo era permitido falar alto e livremente, e todas aproveitavam a oportunidade. A maioria das conversas era sobre a refeição, e a reprovação era unânime. Coitadinhas! Só tinham esse consolo. Miss Miller era agora a única professora na sala; um grupo de meninas mais velhas a rodeava, falando e gesticulando de modo grave e sombrio. Ouvi o nome de Mr. Brocklehurst ser mencionado por algumas e Miss Miller sacudindo a cabeça em desaprovação. Mas ela não fez esforço algum para aplacar a cólera geral, com certeza participava dela também.

O relógio bateu nove horas. Miss Miller deixou seu lugar e, parada no meio da sala, gritou:

– Silêncio! Aos seus lugares!

A disciplina prevaleceu. Em cinco minutos a confusa multidão retornou à ordem, e o silêncio sufocou o clamor daquela Babel de línguas. As professoras titulares pontualmente retomaram seus lugares. Todos pareciam esperar. Enfileiradas nos bancos dispostos ao longo das paredes, as oitenta meninas sentavam-se eretas e imóveis. Pareciam uma singular assembleia, com seus cabelos penteados para trás, sem nenhum cacho à vista, os vestidos marrons abotoados até o pescoço, circundado por uma gola estreita, com saquinhos de linho (cortado no feitio dos escoceses) atados à frente dos vestidos, servindo de bolsa de trabalho. Todas usavam meias de lã e sapatos de caminhada, fechados por fivelas de latão. Cerca de vinte das que envergavam esse uniforme eram moças crescidas, quase jovens mulheres, e a roupa lhes conferia um ar estranho, mesmo à mais bonita.

Eu ainda estava olhando para elas, e também, de vez em quando, examinando as professoras. Nenhuma delas me agradou exatamente. A robusta era um tanto áspera, a sombria não era orgulhosa o suficiente, a estrangeira era rude e grotesca, e Miss Miller – coitadinha! – parecia vermelha, maltratada pelo tempo e sobrecarregada. Enquanto os meus olhos vagavam de um rosto a outro, toda a escola se levantou ao mesmo tempo, como se movida por uma mola.

O que estava acontecendo? Não ouvira nenhum comando, estava confusa. Enquanto me recobrava, a classe inteira se sentou novamente. Agora, porém, todos os olhos se voltavam para um ponto. Meus olhos logo seguiram na direção geral e encontraram a personagem que havia me recebido na noite anterior. Ela estava parada no fundo da longa sala, junto à lareira, pois havia uma lareira em cada ponta. Observava as duas alas de meninas, silenciosa e gravemente. Miss Miller aproximou-se, pareceu perguntar-lhe alguma coisa e, tendo recebido a resposta, voltou ao seu lugar e disse alto:

– Monitora da primeira classe, traga os globos!

Enquanto a ordem era executada, a dama consultada movia-se vagorosamente pela sala. Suponho que devo tê-la considerado um objeto de veneração, porque me lembro até mesmo do senso de reverência com que meus olhos seguiam seus passos. Vista assim, em plena luz do dia, ela parecia alta,

bonita e bem-feita. Olhos castanhos que irradiavam uma luz benigna, e uma linha fina de longos cílios quebravam a alvura da fronte larga. Os cabelos, de um castanho escuro, estavam presos nas têmporas em longas mechas, de acordo com a moda da época, quando não estava mais em voga nem as ondas suaves, nem os cachos. Seu vestido, também na última moda, era de tecido púrpura, adornado com uma espécie de enfeite espanhol de veludo negro. No seu cinto brilhava um relógio de ouro (os relógios não eram tão comuns naquela época como são hoje). Se completarmos esse quadro com traços refinados, uma tez clara sem ser pálida, um ar e porte imponentes, teremos, finalmente, tão claro quanto as palavras são capazes de descrever, uma ideia do aspecto exterior de Miss Temple. Maria Temple, como depois vi escrito num livrinho de orações que me foi confiado para levar à igreja.

A superintendente de Lowood (pois esse era o cargo da dama), tomando seu lugar diante de um par de globos colocados sobre uma das mesas, chamou a primeira classe para junto dela e começou a dar uma aula de geografia. As classes menores foram chamadas pelos professores: repetições de história, gramática, etc. por uma hora. Seguiram-se as lições de caligrafia e aritmética, e Miss Temple deu aula de música para algumas das meninas mais velhas. A duração de cada aula era marcada pelo relógio, que afinal bateu meio-dia. A superintendente levantou-se.

– Tenho uma palavra a dizer às alunas – ela disse.

O tumulto do fim das aulas já irrompera, mas cessou ante a voz dela. Miss Temple continuou:

– Hoje de manhã vocês tiveram uma refeição que não conseguiram comer. Devem estar com fome. Dei ordens para que seja servido um lanche de pão e queijo para todas.

As professoras olharam para ela com surpresa.

– Sob a minha responsabilidade – ela acrescentou, num tom de explicação a elas. E deixou a sala imediatamente.

O pão e o queijo foram então trazidos e servidos, para grande delícia e alívio de toda a escola. Foi então dada a ordem:

– Para o jardim!

Todas colocaram um rude chapéu de palha com laços de algodão colorido e uma capa cinzenta. Fui equipada do mesmo modo e, seguindo o grupo, sai em direção ao ar livre.

O jardim era um vasto terreno, cercado por muros tão altos que impediam qualquer vislumbre do horizonte. Num dos lados estendia-se uma varanda coberta e largos caminhos levavam a uma parte central, dividida em pequenos canteiros. Esses canteiros eram cultivados pelas alunas e cada uma possuía o seu. Quando cobertos de flores sem dúvida deviam ser bonitos, mas agora, no final de janeiro, tudo estava tomado pelas pragas e castigado pelo frio. Eu tremia enquanto parava e olhava ao redor, pois era um dia de tempo inclemente para atividades ao ar livre. Não chovia, mas tudo estava coberto por um espesso nevoeiro amarelado, como uma garoa. O solo ainda estava molhado pelo aguaceiro do dia anterior. As meninas mais fortes começaram a jogar animadamente, mas as mais magras e pálidas amontoavam-se juntas na varanda, buscando abrigo e calor. E entre estas, enquanto tremiam ao vento que lhes penetrava os ossos, frequentemente eu ouvia o som de uma tosse profunda.

Eu ainda não falara com pessoa alguma, e ninguém parecera notar minha presença. Fiquei sozinha, mas já estava habituada a esse isolamento, não me oprimia muito. Apoiei-me num pilar da varanda, apertei a capa à volta do corpo e, tentando esquecer o frio que me castigava e a fome que me consumia por dentro, dediquei-me a observar e refletir. Minhas reflexões eram muito fragmentadas e indefinidas para merecer alguma lembrança, eu mal sabia quem eu era. Gateshead e o meu passado

pareciam pairar a uma distância imensurável. O presente era estranho e indefinido, e sobre o futuro eu não podia fazer nenhuma conjectura. Olhei para o jardim que se parecia com um convento e para cima, na direção do prédio. Era um edifício grande, metade do qual parecia antiga e cinzenta e a outra metade quase nova. A parte nova, onde ficavam a sala de aulas e o dormitório, era iluminada por janelas gradeadas com maineis, o que lhe dava um aspecto de igreja. Sobre a porta, uma placa de pedra com esta inscrição:

“ INSTITUIÇÃO LOWOOD. ESTE EDIFÍCIO FOI RECONSTRUÍDO POR NA BROCKLEHURST, DE BROCKLEHURST HALL, NESTE CONDADO.”

“ DEIXE QUE A TUA LUZ BRILHE SOBRE OS HOMENS, PARA QUE ELES VEJAM AS TUAS BOAS AÇÕES E GLORIFIQUEM O PAI, QUE ESTÁ NO CÉUS. - SÃO MAT V.16”

Li e reli a inscrição diversas vezes. Sabia que devia ter algum significado, mas era incapaz de descobri-lo. Ainda estava meditando sobre o significado da palavra “instituição” e tentando fazer uma ligação entre as primeiras palavras e o verso da Escritura, quando o som de alguém tossindo perto de mim me fez virar a cabeça. Vi uma menina sentada num banco de pedra próximo. Estava inclinada sobre um livro, e parecia absorta na leitura. De onde estava podia ver o título, era “Rasselas”, um nome que me encantou pela sua estranheza. Ao virar a página ela acidentalmente olhou para mim, e então me dirigi a ela diretamente:

– Seu livro é interessante?

Já tinha decidido pedir-lhe que me emprestasse o livro, qualquer dia.

– Eu gosto – ela respondeu, depois de me observar por um segundo ou dois.

– Sobre o que é? – continuei.

Não sei dizer onde consegui coragem para iniciar uma conversa com uma estranha, essa atitude era contrária à minha natureza e aos meus hábitos. Mas acho que a sua ocupação despertara a minha simpatia, pois eu também gostava muito de ler, embora as minhas leituras fossem de um tipo mais frívolo e infantil. Ainda não conseguia compreender assuntos sérios e importantes.

– Dê uma olhada – respondeu a menina, oferecendo-me o livro.

Assim fiz. Um breve exame convenceu-me que o conteúdo era menos atraente do que o título: “Rasselas” parecia entediante para o meu gosto frívolo. Não havia fadas, nem gênios, nenhuma brilhante variedade estampada nas páginas cobertas de letras miúdas. Devolvi-lhe o livro. Ela o recebeu e, sem dizer uma palavra, preparou-se para voltar à sua atitude estudiosa. Novamente me atrevi a perturbá-la.

– Pode me dizer o que significa essa inscrição sobre a porta? O que é Instituição Lowood?

– É esta casa para onde você veio.

– E por que chamam de Instituição? Ela é diferente das outras escolas?

– É em parte uma escola de caridade: você, eu e todas as outras somos asiladas. Creio que você é órfã, não é? Seu pai ou sua mãe não morreram?

– Ambos morreram antes que eu tivesse entendimento.

– Bem, todas as meninas aqui perderam o pai ou a mãe, ou ambos, e por isso Lowood é

chamado de uma instituição para a educação de órfãs.

– Não pagamos nada? Vivemos aqui de graça?

– Pagamos, ou nossos parentes pagam, quinze libras por ano cada uma.

– Então porque somos consideradas asiladas?

– Porque quinze libras não são quase nada para pagar o estudo, abrigo e refeições. A diferença vem dos doadores.

– Quem são os doadores?

– Várias damas e cavalheiros de coração benevolente, aqui na região e em Londres.

– Quem foi Naomi Brocklehurst?

– A dama que construiu a parte nova do edifício, onde está a inscrição. O filho dela é quem dirige e controla tudo aqui.

– Por quê?

– Porque ele é o administrador e o tesoureiro do estabelecimento.

– Então essa casa não pertence àquela moça alta que usa um relógio, e que disse que íamos comer pão e queijo?

– Miss Temple? Oh, não! Antes fosse! Ela tem que prestar contas a Mr. Brocklehurst de tudo que faz. É Mr. Brocklehurst quem compra toda a nossa comida e todas as nossas roupas.

– E ele mora aqui?

– Não, mora numa mansão a três quilômetros daqui.

– Ele é um homem bom?

– Ele é um pastor, e dizem que faz muita caridade.

– Disse que a moça alta se chama Miss Temple?

– Sim.

– E como se chamam as outras professoras?

– A que tem as bochechas coradas se chama Miss Smith. Ela cuida do trabalho, e ensina corte e costura... fazemos nossas próprias roupas aqui, os uniformes, os casacos e tudo o mais. A baixinha de cabelo escuro é Miss Scatcherd, ela ensina história e gramática e cuida dos repetentes da segunda classe. A que veste um xale e usa um bolsinho de lenço preso ao cinto amarelo é Madame Pierrot, ela vem de Lisle, na França, e ensina francês.

– Você gosta das professoras?

– O suficiente.

– Gosta daquela morena baixinha e de Madame... não sei pronunciar o nome tão bem como você.

– Miss Scatcherd é impaciente... tome cuidado para não ofendê-la. E Madame Pierrot não é má pessoa.

– Mas Miss Temple é a melhor, não é?

– Miss Temple é muito boa e muito inteligente. Está acima das outras, porque sabe muito mais do que elas.

– Você está aqui há muito tempo?

– Dois anos.

– E você também é órfã?

– Perdi minha mãe.

– E é feliz aqui?

– Você pergunta demais. Já lhe respondi o bastante por hoje, agora quero ler.

Mas nesse momento tocou o sino para o almoço e entramos de novo no prédio. O odor que invadia agora o refeitório era apenas um pouco mais apetitoso do que aquele que regalara nossos narizes no café da manhã. A refeição era servida em duas enormes vasilhas de lata, de onde saía um espesso vapor cheirando a gordura rançosa. Vi que a mistura consistia em um ensopado de batatas sem sabor e esquisitos pedaços de carne frita. Foi servida uma porção toleravelmente abundante para cada aluna. Comi o que pude, e perguntei-me se seria assim todos os dias.

Depois do almoço seguimos imediatamente para a sala de aula. As lições recomeçaram e estenderam-se até cinco horas.

O único evento marcante da tarde foi que vi a menina com quem conversara na varanda ser dispensada da aula de história por Miss Scatcherd, e como castigo foi mandado que sentasse no meio da enorme sala de aula. A punição me pareceu degradante em excesso, especialmente para uma menina tão crescida... ela me parecia ter treze anos ou mais. Achei que daria sinais de grande sofrimento e vergonha, mas, para minha surpresa, ela não chorou nem ficou ruborizada. Manteve-se ali no centro da sala, composta e grave, suportando os olhares de todas.

“Como ela suporta isso com tanta calma, tanta firmeza?” perguntei a mim mesma. “Se eu estivesse no lugar dela pediria que a terra se abrisse para me engolir. Parece estar pensando em alguma coisa mais além do seu sofrimento... além da sua situação. Alguma coisa que não está ao seu redor nem diante dela. Ouvi falar de gente que sonha acordada... será que é o caso dela? Seus olhos estão fixos no chão, mas tenho certeza que ela não o vê... Seu olhar parece voltar-se para dentro, para o seu próprio coração. Está se lembrando de alguma coisa, eu acho. Não olha para o que acontece ao seu redor. Me pergunto que tipo de menina ela é... será boa ou má?”

Pouco depois das cinco horas serviram outra refeição, que consistia de uma pequena caneca de café e meia fatia de pão preto. Devorei o pão e o café com prazer, mas ficaria mais satisfeita se a porção fosse maior... ainda sentia fome. Seguiu-se meia hora de recreação, depois mais estudos. E então o copo de água e o pedaço de bolo de aveia, as orações e a cama. Assim se passou meu primeiro dia em Lowood.

CAPÍTULO 6

O dia seguinte começou da mesma forma: levantar e vestir-se antes do amanhecer, mas nessa manhã fomos dispensadas de lavar o rosto, pois a água congelara nos cântaros. Na noite anterior ocorrera uma mudança no tempo, e um cortante vento nordeste assobiou a noite toda nas frestas das janelas. Trememos de frio embaixo das cobertas e a água congelou nos jarros.

Antes que terminasse a longa hora e meia de orações e leitura da Bíblia, eu estava a ponto de morrer de frio. Por fim chegou a hora do café da manhã e dessa vez o mingau não estava queimado. Já dava para comer, mas a quantidade era pouca. Como minha porção parecia pequena! Eu desejava que fosse pelo menos o dobro.

No decorrer do dia fui inscrita na quarta classe, e me designaram as tarefas e ocupações regulares da turma. Até ali eu havia sido apenas uma espectadora de todas as atividades de Lowood, agora me tornara uma participante ativa. A princípio, ainda não acostumada a decorar, as lições me pareceram longas e difíceis. A mudança frequente de uma atividade para outra também me confundia. Fiquei contente quando, lá pelas três da tarde, Miss Smith me pôs nas mãos um pedaço de musselina de quase dois metros, junto com agulha e dedal, e me mandou sentar num canto quieto da sala e fazer a bainha. Nessa hora, muitas das outras alunas também estavam costurando. Uma classe, no entanto, continuava lendo, sentada ao redor de Miss Scatcherd. Como tudo estava quieto, eu podia ouvir o assunto das suas lições, bem como o desempenho de cada aluna e as reprimendas ou elogios de Miss Scatcherd. Era a história inglesa. Entre as meninas que liam vi minha conhecida da varanda. No começo da lição ela ocupava a frente da classe, mas, por algum erro de pronúncia ou alguma desatenção quanto à pontuação, foi mandada para o final. Mesmo nessa obscura posição Miss Scatcherd continuava a implicar com ela. Dizia-lhe frases como essas:

– Burns (parece que esse era o seu nome: as meninas aqui eram todas chamadas pelo sobrenome, como os rapazes), Burns, você está pisando com o lado do sapato, endireite os pés imediatamente.

– Burns, você cutuca o queixo de forma muito desagradável! Olhe a postura!

– Burns, você levanta a cabeça com ar superior. Não admito essa atitude diante de mim!

E assim sucessivamente.

Depois que as alunas leram o capítulo duas vezes, os livros foram fechados e passou-se ao exame. A lição incluía parte do reinado de Carlos I e havia questões diversas sobre tonelagem, taxas alfandegárias e impostos sobre a construção de navios, que muitas delas pareciam incapazes de responder. No entanto, quando chegou a vez de Burns todas as perguntas foram respondidas imediatamente, sem hesitação. Parecia ter gravado toda a lição na memória e ter as respostas prontas. Fiquei esperando que Miss Scatcherd elogiasse seu desempenho, mas, em vez disso, ela gritou de repente:

– Menina suja e desleixada! Você não limpou as unhas esta manhã!

Burns não respondeu. Eu me espantei com seu silêncio. Pensei: “Por que ela não explica que não pôde limpar as unhas nem lavar o rosto, pois a água estava congelada?”

Miss Smith chamou minha atenção nesse momento, pedindo-me que segurasse um carretel.

Enquanto ela enrolava a linha, dirigia-se a mim de vez em quando, perguntando se eu nunca havia estado na escola, se eu sabia fazer marcações, costurar ou tricotar. Até que ela me dispensasse, não pude observar os movimentos de Miss Scatcherd. Quanto voltei ao meu lugar, a professora estava justamente dando uma ordem cuja importância eu não percebi. Burns, no entanto, levantou-se imediatamente e, indo até a pequena sala interna onde ficavam os livros, voltou um minuto depois carregando nas mãos um feixe de galhos atados na ponta. Com uma cortesia respeitosa apresentou este nefasto utensílio a Miss Scatcherd. Então, quietamente e sem que fosse preciso mandar, ela tirou o avental. A professora, de forma rápida e agressiva, infringiu-lhe uma dúzia de vergastadas no pescoço com o feixe de galhos. Nem uma lágrima caiu dos olhos de Burns. Enquanto eu fazia uma pausa na costura, pois meus dedos tremiam diante deste espetáculo com um sentimento de raiva inútil e impotente, nem um traço se alterou em sua face pensativa.

– Menina teimosa! – exclamou Miss Scatcherd. – Não tem o que a corrija desses hábitos desleixados! Leve a vara embora.

Burns obedeceu. Olhei para ela de relance, quando voltava da salinha dos livros. Acabava de guardar o seu lençinho e havia traços de lágrimas no seu rosto fino.

A hora do recreio, ao entardecer, era a parte mais agradável do dia em Lowood. O pedaço de pão, o gole de café, se não me saciavam a fome pelo menos me reanimavam. A rígida disciplina do dia inteiro era relaxada, a sala de estudos estava mais quente do que de manhã. As lareiras eram avivadas para suprir, de algum modo, as luzes dos candeeiros que ainda não haviam sido acesos. O róseo entardecer, o alvoroço permitido, o ruído de muitas vozes traziam uma bem-vinda sensação de liberdade.

No entardecer do dia em que vi Miss Scatcherd açoitar sua aluna, Burns, eu vagava, como de costume, entre as mesas e os grupos risonhos, sem uma companheira, embora não me sentisse solitária. Quando passava pelas janelas, de vez em quando levantava a persiana e olhava para fora. Nevava intensamente, e já se formara uma camada nos peitoris das janelas. Colando o ouvido à vidraça, distinguia, apesar do alegre tumulto que reinava dentro do cômodo, o gemido desconsolado do vento lá fora.

Provavelmente, se eu tivesse deixado um lar feliz e pais bondosos, esta teria sido a hora em que eu sentiria mais intensamente a separação. Esse vento teria entristecido meu coração. Esse caos obscuro teria perturbado minha paz! Como a situação era outra, isso me deixava estranhamente exaltada, afoita e inquieta. Desejava que o vento uivasse com mais força, que a escuridão se transformasse em treva, e a confusão crescesse até o clamor.

Pulando os bancos e deslizando sobre as mesas, fui até uma das lareiras. Ali, ajoelhada junto à alta grelha de proteção, encontrei Burns. Estava silenciosa e absorta, distraída de todo o barulho ao redor pela companhia de um livro, que lia à luz fraca das brasas.

– Ainda é “Rasselas”? – perguntei, chegando junto dela.

– Sim – ela disse. – Estou terminando de ler agora.

Cinco minutos depois ela fechava o volume. Fiquei contente. Pensei: “Bem, agora talvez ela queira conversar”. E sentei-me no chão, ao seu lado.

– Qual é o seu nome, além de Burns?

– Helen.

– Você veio de longe?

– Sim, muito longe. Vim do norte, quase na fronteira com a Escócia.

– Pretende voltar?

– Espero que sim. Mas ninguém pode estar certo quanto ao futuro...

– Você deve ter vontade de deixar Lowood, não tem?

– Não! Por que deveria? Vim a Lowood para receber uma educação, e seria inútil ir embora antes de alcançar esse objetivo.

– Mas aquela professora, Miss Scatcherd, é tão cruel com você.

– Cruel? Não, de jeito nenhum! Ela é severa: corrige minhas faltas.

– Se eu fosse você, não gostaria dela. Eu a enfrentaria. Se ela me batesse com aquela vara eu a arrancaria das mãos dela e a quebraria debaixo do seu nariz.

– Provavelmente não faria nada disso. Mas, se fizesse, Mr. Brocklehurst expulsaria você da escola. Seria uma grande infelicidade para os seus parentes. É infinitamente melhor aguentar com paciência um castigo que só atinge você, do que cometer uma ação impensada cujas consequências atingiriam todas as pessoas da sua família. E a Bíblia diz que devemos pagar o mal com o bem.

– Mas parece uma desgraça ser açoitada e depois mandada para o meio de uma sala cheia de gente. E você já está crescendo... Eu sou bem mais nova que você e não suportaria isso.

– Ainda assim, seria sua obrigação suportar, se não tem como evitar. É tolice e fraqueza a gente dizer que *não suporta* algo que o destino quer que suportemos.

Eu a ouvi com espanto. Não entendia aquela doutrina de resignação. E menos ainda conseguia entender ou simpatizar com a paciência que ela demonstrava para com os seus carrascos. Senti que Helen Burns via as coisas através de uma luz invisível aos meus olhos. Talvez ela estivesse certa, e eu errada, mas não pensei muito no assunto. Como Felix, deixei para uma ocasião mais propícia.

– Você diz que comete faltas, Helen. Que faltas são essas? Para mim você parece boa.

– Ouça o que lhe digo: não julgue pelas aparências. Eu sou desleixada, como Miss Scatcherd disse, nunca consigo manter as coisas em ordem. Sou descuidada; esqueço as regras; fico lendo quando deveria estar estudando. Não sou organizada, e às vezes eu digo, como você, que *não suporto* me sujeitar às convenções. Isso tudo é muito irritante para Miss Scatcherd, que é naturalmente limpa, pontual e minuciosa.

– E rabugenta e cruel – acrescentei.

Helen Burns, porém, não aceitaria a minha adição. Manteve-se silenciosa.

– E Miss Temple é tão severa com você como Miss Scatcherd?

Ao ouvir o nome de Miss Temple, um suave sorriso passou pelo seu rosto grave.

– Miss Temple é extremamente bondosa, não consegue ser severa com ninguém, nem com a pior aluna da escola. Ela vê os meus erros e me corrige com gentileza. E se faço alguma coisa digna de elogios, ela me recompensa amplamente. Uma prova cabal da minha natureza tristemente defeituosa é que, mesmo as suas admoestações, tão meigas, tão racionais, não conseguem me curar das minhas faltas. E mesmo os seus elogios, embora eu os valorize imensamente, não conseguem me estimular a ser cuidadosa e prudente.

– Isso é curioso – eu disse – é tão fácil ser cuidadosa.

– Para *você*, sem dúvida, deve ser. Eu a observei durante a aula, esta manhã, e vi que você é muito atenta. Seus pensamentos nunca pareciam vagar enquanto Miss Miller explicava a lição ou lhe fazia perguntas. Já eu estou sempre devaneando; quando parece que estou ouvindo Miss Scatcherd e aprendendo tudo o que ela diz, muitos vezes não escuto nem o som da sua voz. Eu entro numa espécie de sonho. Às vezes penso que estou em Northumberland, e que o barulho que ouço ao meu redor é o ruído da água de um pequeno riacho que corre perto da nossa casa em Deepden. E aí, quando chega minha vez de responder, tenho que ser despertada. E sem ter ouvido nada da leitura para ouvir o fantasioso riacho, não sei o que responder.

– Ainda assim, respondeu muito bem esta tarde.

– Foi puro acaso, o assunto que estávamos lendo me interessou. Esta tarde, ao invés de sonhar com Deepden, eu me perguntava como um homem bem intencionado podia agir de modo tão injusto e imprudente, como Carlos I às vezes fazia. Lamentei que, com toda sua integridade e consciência, ele não conseguisse enxergar nada além das prerrogativas da coroa. Se apenas tivesse sido capaz de olhar mais longe, e ver para onde o levava o que chamam de espírito dos tempos! Ainda assim, gosto de Carlos I... eu o respeito... tenho pena dele, pobre rei assassinado! Sim, seus inimigos eram piores: derramaram um sangue que não tinham o direito de derramar. Como ousaram matá-lo?

Helen estava falando consigo mesma, esquecera-se que eu não podia entendê-la muito bem... Que eu era ignorante no assunto de que falava, ou quase isso. Eu a trouxe de volta para o meu nível.

– E quando Miss Temple lhe dá aula, seus pensamentos se dispersam também?

– Não, quase nunca... Miss Temple geralmente tem coisas a dizer que são mais novas do que as minhas reflexões. A linguagem que ela usa me agrada especialmente, e as coisas que diz coincidem com aquilo que quero aprender.

– Bem, então com Miss Temple você é boa.

– Sim, mas de um modo passivo. Não faço nenhum esforço, apenas deixo a intuição me guiar. Não há mérito em tal tipo de bondade.

– É uma grande conquista: você é boa com aqueles que são bons com você. Isso é tudo que sempre desejei para mim. Se as pessoas fossem sempre boas e obedientes com aqueles que são cruéis e injustos, os maus teriam tudo a seu modo. Nunca sentiriam medo e assim nunca mudariam, mas se tornariam cada dia piores. Se nós apanhamos sem razão, devemos bater de volta com mais dureza. Estou certa disso... com tanta dureza que a pessoa que nos bateu nunca se atreva a fazer isso de novo.

– Você mudará de ideia quando crescer, espero. Por enquanto é apenas uma menina ignorante.

– Mas eu sinto isso, Helen. Devo desprezar aqueles que, não importa o que eu faça para agradá-los, continuam a me ferir. Devo resistir àqueles que me punem injustamente. Isso é tão natural quanto amar aqueles que me querem bem, ou submeter-me ao castigo quando sei que é merecido.

– Os pagãos e as tribos selvagens sustentam essa doutrina. Mas os cristãos e as nações civilizadas a repudiam.

– Como? Não entendo.

– Não é a violência que vence o ódio... nem a vingança é o melhor caminho para curar a injúria.

– E o que é então?

– Leia o Novo Testamento, e observe o que Cristo diz e faz. Tome a sua palavra como regra e os

seus atos como exemplo.

– E o que ele diz?

– Ama aos teus inimigos. Abençoa os que te ofendem. Faça o bem àqueles que te odeiam e se utilizam de ti.

– Então eu teria que amar Mrs. Reed, o que não consigo fazer. E devia abençoar seu filho, o que é impossível.

Helen Burns, por sua vez, pediu-me que explicasse. Imediatamente comecei a relatar, do meu jeito, a história dos meus sofrimentos e das indignidades que sofri. Quando provocada tornava-me agressiva e amarga, e contei da forma como sentia, sem suavizar nem ocultar coisa alguma.

Helen ouviu-me com paciência até o fim. Esperava que ela fizesse algum comentário, mas ela não disse nada.

– Bem – perguntei, impaciente – Mrs. Reed não é uma mulher má e sem coração?

– Ela foi dura com você, sem dúvida. Mas, você vê, é porque ela não gosta do seu feitio de caráter, assim como Miss Scatcherd não gosta do meu. Mas como você lembra com detalhes tudo que ela lhe fez ou disse! Que impressão profunda e singular a injustiça deixou no seu coração! Não guardo comigo nenhuma crueldade desse tipo. Você não seria mais feliz se tentasse esquecer a severidade de Mrs. Reed, junto com as apaixonadas emoções que provocou? A vida me parece curta demais para ser gasta nutrindo animosidades ou recordando erros. Nós somos, e devemos ser, todos e cada um, sobrecarregados de pecados neste mundo. Mas logo virá o tempo, acredito, em que nos livraremos desses erros, livrando-nos do nosso corpo corruptível. Quando a degradação e o pecado deixarão nosso corpo mortal... e restará apenas a centelha do espírito: o impalpável princípio da luz e do pensamento, puro como o Criador nos legou para inspirar a criatura. Como a alma veio, retornará. Talvez volte a existir em algo maior que o homem. Talvez passe da degradação à glória, da pálida alma humana ao brilho dos anjos! E passará, ao contrário, do homem para o demônio? Não, não posso acreditar nisso. Mantenho outra crença, que ninguém nunca me ensinou, e à qual raramente me refiro. Mas é nela que me delicio e a ela que recorro, pois estende a esperança a todos e faz da eternidade um descanso... um poderoso lar, não um terror ou um abismo. Além disso, com essa crença consigo separar o criminoso do seu crime. Posso sinceramente perdoar o primeiro, enquanto abomino o segundo. Com ela, a vingança nunca perturba meu coração, a degradação nunca me atinge profundamente, a injustiça nunca me deprime demais. Eu vivo em paz, à espera do fim.

Helen falava de cabeça baixa e, ao terminar a frase, sua cabeça pendeu ainda mais. Vi pelo seu olhar que não desejava mais falar comigo, preferindo conversar com seus próprios pensamentos. Não teve muito tempo para meditar, pois a monitora, uma menina grandalhona e rude, aproximou-se dizendo com sotaque forte de Cumberland:

– Helen Burns, se você não colocar agora mesmo sua gaveta em ordem, e não guardar seu trabalho neste minuto, vou chamar Miss Scatcherd para ver!

Helen suspirou como se o sonho lhe fugisse e, levantando-se, obedeceu imediatamente sem responder.

CAPÍTULO 7

Meu primeiro trimestre em Lowood pareceu um século. E não era, decerto, o século de ouro. Implicava uma cansativa luta com a dificuldade de me habituar a novas regras e tarefas indesejadas. O medo de falhar nessas questões me perturbava mais do que os sofrimentos físicos que me cabiam, embora não fossem poucos.

Durante janeiro, fevereiro e parte de março, as fortes nevascas e, depois que derreteram, as estradas quase intransitáveis, impediam que fôssemos além dos muros do jardim, a não ser para ir à igreja. Mas, mesmo dentro desses limites, tínhamos que passar uma hora ao ar livre, todos os dias. Nossas roupas eram insuficientes para nos proteger do frio severo: não tínhamos botas, a neve entrava pelos nossos sapatos e derretia ali; nossas mãos sem luvas ficavam entorpecidas e cobertas de escaras provocadas pelo frio, assim como nossos pés. Lembro-me bem da irritação que sentia todas as noites, por causa disso, quando meus pés se inflamavam; e a tortura de enfiar os dedos inchados, duros e em carne viva para dentro dos sapatos, todas as manhãs. Além disso, o escasso suprimento de comida era angustiante: com o aguçado apetite de crianças em crescimento, recebíamos apenas o suficiente para manter vivo um frágil doente. Essa deficiência de alimento era um abuso que atingia com mais dureza as alunas mais jovens: sempre que as mais velhas tinham uma oportunidade, ameaçavam ou coagiam as mais novas para obter as suas rações. Muitas vezes tive que dividir entre duas reclamantes o precioso pedaço de pão preto distribuído na hora do chá. E depois de ter renunciado em favor de uma terceira à metade da minha caneca de café, bebi o restante com o acompanhamento de lágrimas secretas, arrancadas pelo tormento da fome.

Os domingos eram dias melancólicos, naquela estação gelada. Tínhamos que caminhar três quilômetros até a Igreja de Brocklebridge, onde oficiava o nosso patrono. Saíamos com frio e chegávamos com mais frio ainda: durante o serviço religioso estávamos quase paralisadas. Como era muito longe para retornar para o almoço, um pedaço de pão com carne fria era servido durante os serviços, nas mesmas miseráveis proporções das nossas refeições diárias.

Ao final do serviço da tarde retornávamos por uma estrada aberta e montanhosa, onde o amargo vento do inverno – que soprava de uma cadeia de montanhas nevadas ao norte – quase nos arrancava a pele do rosto.

Lembro-me de Miss Temple caminhando leve e célere ao longo da nossa fila cabisbaixa, a capa xadrez esvoaçante ao seu redor, nos encorajando, com seu exemplo, a manter o ânimo e seguir em frente, dizia ela, “como leais soldados”. As outras professoras – coitadas! – geralmente estavam por demais abatidas para conseguirem animar alguém.

Como ansiávamos pelo calor e a luz do fogo quando voltávamos! Mas isso era negado, pelo menos às menores. Cada lareira da escola era imediatamente cercada por duas fileiras das meninas mais velhas, e atrás delas as pequenas se agachavam, em grupos, enrolando os braços gelados nos aventais.

Um pequeno consolo vinha na hora do chá, na forma de uma ração dupla de pão: uma fatia inteira, em vez de metade, com a deliciosa adição de uma finíssima camada de manteiga. Era o presente semanal que todas nós esperávamos, de domingo a domingo. Eu geralmente conseguia defender a metade desse generoso repasto para mim. Mas a outra metade, invariavelmente, era obrigada a entregar.

Passávamos a noite de domingo repetindo, de cor, o catecismo da igreja, o quinto, sexto e

sétimo capítulos de São Mateus, e ouvindo um longo sermão, lido por Miss Miller, cujos irreprimíveis bocejos atestavam o seu cansaço. Um interlúdio frequente nessa atividade era a representação de parte do Eutychus[1] por meia dúzia das meninas menores que, mortas de sono, quase caíam. O remédio era levá-las ao centro da sala e obrigá-las a assistir de pé ao fim do sermão. Algumas vezes suas pernas não aguentavam, e elas desabavam umas sobre as outras. Eram então colocados sobre os banquinhos das monitoras.

Ainda não aludi às visitas de Mr. Brocklehurst. Na verdade, ele não se encontrava em sua residência durante a maior parte do mês que se seguiu à minha chegada. Talvez tenha prolongado a visita ao seu amigo, o arqui-diácono. Sua ausência fora um alívio para mim. Não preciso dizer que tinha minhas razões para temer a sua vinda: mas ele veio, afinal.

Certa tarde (eu estava em Lowood há três semanas) encontrava-me sentada com um ábaco nas mãos, quebrando a cabeça para encontrar o resultado de uma longa conta de dividir, quando olhei distraída pela janela e vi uma figura passando: reconheci quase instintivamente aquela silhueta macilenta. E, dois minutos depois, quando toda a escola se levantou em massa, inclusive as professoras, não precisei olhar para saber quem havia entrado para receber a saudação. Passadas largas mediram a sala. E agora, ao lado de Miss Temple, postava-se aquela mesma coluna negra que me reprovava de forma tão nefasta no tapete da lareira de Gateshead. Olhei pelo canto do olho para essa peça de arquitetura. Sim, eu não me enganara: era Mr. Brocklehurst, abotoado num sobretudo, e parecendo mais alto, mais esguio e mais rígido do que nunca.

Tinha minhas razões para me sentir infeliz com essa aparição. Lembrava-me muito bem das pérfidas insinuações de Mrs. Reed sobre o meu caráter, e da promessa feita por Mr. Brocklehurst de informar Miss Temple e as professoras sobre a minha natureza maldosa. O tempo todo temera o cumprimento dessa promessa... Procurava diariamente pelo “Homem Chegado” cujas informações sobre a minha vida passada iriam me tachar para sempre como uma criança má: e agora ele estava ali.

Ele permaneceu ao lado de Miss Temple, falando baixo em seu ouvido. Não duvidava que ele estivesse fazendo uma revelação sobre a minha vilania. Fiquei observando os negros olhos dela, em dolorosa ansiedade, esperando que a qualquer momento me dirigisse um olhar de repugnância e desprezo. Fiquei ouvindo também, e como acontecera de eu estar sentada bem na frente da sala, consegui ouvir a maior parte do que ele disse. O conteúdo das suas palavras aliviou-me de alguma preocupação imediata.

– Miss Temple, acho que a linha que comprei em Lowton vai servir. Por sorte era exatamente o tipo certo para as camisas de algodão, e eu trouxe as agulhas também. A senhora deve dizer a Miss Smith que me esqueci de mandar o pedido das agulhas de cerzir, mas que vou mandar até a semana que vem. E ela não deve, em hipótese alguma, entregar mais de uma agulha de cada vez para cada aluna, do contrário tornam-se descuidadas e acabam por perdê-las. Ah! Outra coisa: acho que as meias de lã precisam ser remendadas! Quando estive aqui a última vez fui até o jardim e observei as roupas penduradas no varal. Havia muitas em péssimo estado de conservação. Pelos buracos percebi que não têm sido remendadas.

Ele fez uma pausa.

– Suas ordens serão cumpridas, senhor.

– Madame – ele continuou – a roupeira me disse que algumas das meninas receberam duas camisas limpas esta semana. É muito. O regulamento só permite uma.

– Acho que posso explicar isso, senhor. Agnes e Catherine Johnston foram convidadas para

tomar chá com alguns amigos em Lowton na última quinta-feira, e eu lhes dei permissão para usar camisas limpas naquela ocasião.

Mr. Brocklehurst assentiu.

– Bem, por uma vez passa. Mas não deixe que essa circunstância ocorra com muita frequência. E há mais uma coisa que me surpreendeu. Descobri, vendo as anotações da governanta, que um lanche de pão e queijo foi servido duas vezes às meninas na última quinzena. Como foi isso? Olhei nos regulamentos e não havia nenhum lanche mencionado ali. Quem introduziu esta inovação? E com que autoridade?

– Eu fui a responsável por isso, senhor – respondeu Miss Temple. – O café da manhã foi tão mal preparado que as meninas não tiveram como comer. E não ousei permitir que ficassem em jejum até o almoço.

– Madame, um momento... permita-me uma observação. A senhora está ciente que minha ideia de educar essas meninas não é acostamá-las ao luxo e à indulgência, mas torná-las fortes, pacientes e capazes de renúncia. Se houver algum desapontamento do paladar – comida estragada, mais ou menos guarnição num prato – não deve ser repostado com uma refeição mais saborosa, pois seria mimar o corpo e atentaria contra os objetivos desta instituição. Isso deve contribuir para a edificação moral das alunas, para encorajá-las a tornar-se fortes sob condições de privação. Uma breve oração nessas ocasiões não deve ser subestimada, quando a oradora poderá aproveitar a oportunidade para referir-se aos sofrimentos dos primeiros cristãos, ao tormento dos mártires, às exortações do nosso próprio mestre, conclamando os discípulos para levantarem a cruz e segui-lo. Aos seus ensinamentos de que nem só de pão vive o homem, mas de cada palavra saída dos lábios de Deus para sua divina consolação. “Benditos sejam os que têm fome e sede”. Ah, madame, quando a senhora pôs pão e queijo na boca dessas crianças, ao invés de mingau queimado, alimentou seus corpos vis, mas nem imagina como esfomeou suas almas imortais!

Mr. Brocklehurst fez outra pausa, talvez tomado pela emoção. Miss Temple olhou para baixo quando ele começou a falar. Mas agora olhava direto para frente, e sua face, naturalmente pálida como o mármore, parecia ter assumido também a frieza e a rigidez da pedra. Especialmente a boca, fechada como se talhada pelo cinzel de um escultor, e as sobrancelhas que gradualmente se fechavam numa expressão de rígida austeridade.

Enquanto isso Mr. Brocklehurst, de pé junto à lareira com as mãos às costas, observava toda a escola com ar majestoso. De repente ele piscou, como se visse alguma coisa que o tivesse confundido ou chocado. Voltando-se, disse em tom mais intenso do que usara até então:

– Miss Temple, Miss Temple, o quê... *o quê* significa essa menina com o cabelo cacheado? Cabelo ruivo, Miss Temple... e todo *cacheado*? – E estendendo a bengala apontou para o estranho objeto, com a mão tremendo.

– Trata-se de Julia Severn – respondeu calmamente Miss Temple.

– Julia Severn, madame! E por que ela, ou qualquer outra, está usando cabelo cacheado? Poi que, desafiando todos os preceitos e princípios desta casa, ela faz uma concessão tão escancarada ao mundo – aqui, neste estabelecimento de caridade evangélica – a ponto de usar seu cabelo todo em cachos?

– O cabelo de Julia é naturalmente cacheado – respondeu Miss Temple, ainda mais calma.

– Naturalmente! Sim, mas não devemos nos conformar à natureza. Quero que essas meninas sejam filhas da Graça. E por que tanta abundância? Já falei muitas e muitas vezes que quero que as

meninas usem os cabelos presos, modestos e simples. Miss Temple, o cabelo dessa menina deve ser cortado inteiramente. Mandarei o barbeiro amanhã. E vou ver se outras estão usando essa excrescência... Aquela menina alta, diga-lhe que se vire. Mande que a primeira fila inteira se levante e vire para a parede!

Miss Temple passou o lenço pelos lábios, como para disfarçar o sorriso involuntário que surgira neles. Ela deu a ordem, no entanto, e assim que as meninas entenderam, viraram-se todas. Recostando-me um pouco no banco, podia ver os olhares e caretas com que elas troçavam da manobra. Era uma pena que Mr. Brocklehurst também não os visse, pois ele talvez sentisse que, não importa o que fizesse com o exterior, o interior estava mais longe da sua interferência do que ele supunha.

Durante cinco minutos ele escrutinou o reverso dessas medalhas vivas, então pronunciou a sentença. Suas palavras soaram como um dobre de finados.

– Todos esses penachos devem ser cortados.

Miss Temple pareceu protestar.

– Madame – ele prosseguiu – eu sirvo a um Mestre cujo reino não é deste mundo. Minha missão é abrandar nessas meninas a tentação da carne. Ensiná-las a vestir-se com pudor e sobriedade, não com cabelos cacheados e roupas caras. E cada uma dessas meninas tem uma trança de cabelos que a própria vaidade deve ter trançado. Essas tranças, repito, devem ser cortadas. Pense no tempo perdido, se...

Mr. Brocklehurst foi interrompido. Três outros visitantes entravam agora na sala, três damas. Deviam ter chegado mais cedo para ouvir seu sermão sobre roupas, pois estavam esplendidamente trajadas em veludo, seda e peles. As duas mais jovens do trio (belas meninas de dezesseis e dezessete anos) usavam chapéus de castor cinza, então na moda, sombreados com plumas de avestruz. Debaixo da aba desses graciosos ornamentos de cabeça, saía uma profusão de leves madeixas, caprichosamente cacheadas. A dama mais velha estava envolta em uma caríssima estola de veludo, entremeada de arminho, e usava um aplique de cachos franceses.

As damas foram recebidas com deferência por Miss Temple, pois se tratava da senhora e das senhoritas Brocklehurst. Miss Temple as conduziu aos lugares de honra, na frente da sala. Parece que tinham vindo na carruagem com seu marido e pai, o reverendo, e estiveram fazendo um rigoroso exame no andar superior, enquanto ele tratava de negócios com a governanta, questionava a roupeira e pregava sermões na superintendente. Elas agora começavam a fazer diversas críticas e reprovações a Miss Smith, que era encarregada de cuidar da roupa de cama e dos dormitórios. Mas eu não tinha tempo para ouvir o que diziam. Outros assuntos mais importantes exigiam minha atenção.

Até agora, enquanto ouvia a conversa de Mr. Brocklehurst e Miss Temple, não havia poupado precauções para garantir minha segurança pessoal. Pensei que estaria garantida, desde que ninguém me notasse. Para esse fim havia me sentado nos bancos mais afastados, e enquanto aparentava estar ocupada com minhas contas, segurava o ábaco de modo a esconder meu rosto. Eu teria conseguido, se o traiçoeiro ábaco não tivesse escorregado das minhas mãos e caído no chão com um estrondoso baque, fazendo com que todos os olhos se virassem para mim. Eu sabia que era o fim. Enquanto me abaixava para juntar os dois pedaços do ábaco, reuni forças para enfrentar o pior. E ele veio.

– Menina descuidada! – disse Mr. Brocklehurst. E imediatamente acrescentou – Ah! É a alunova.

E antes que eu recuperasse o fôlego:

– Não me deixe esquecer que tenho uma palavra a lhe dizer sobre ela.

Então ele falou alto. E quão alto me pareceu!

– Deixem a menina que quebrou o ábaco vir até a frente!

Eu não conseguiria me mexer, se dependesse da minha vontade. Estava paralisada. Mas as duas meninas que sentavam nos meus lados puseram-me de pé e me empurraram na direção do terrível juiz. Miss Temple, então, gentilmente me auxiliou a chegar aos pés dele, e ouvi suas palavras sussurradas:

– Não tenha medo, Jane, eu vi que foi um acidente. Você não será punida.

O bondoso sussurro entrou no meu coração como uma adaga.

“Daqui a pouco vai achar que sou uma hipócrita” pensei. E um impulso de fúria contra Reed, Brocklehurst e Cia. latejou nas minhas veias, ante essa convicção. Eu não era Helen Burns.

– Tragam aquele tamborete! – disse Mr. Brocklehurst, apontando para um tamborete bem alto de onde uma monitora acabara de se levantar. O tamborete foi trazido.

– Coloquem a menina sobre ele.

E fui colocada ali, não sei por quem. Não estava em condições de perceber detalhes, só sei que fui alçada até a altura do nariz de Mr. Brocklehurst, que estava a um metro de distância. Vi um clarão de seda laranja e púrpura e uma nuvem de plumas prateadas que balançavam sobre mim.

Mr. Brocklehurst pigarreou.

– Senhoras – disse ele, dirigindo-se à família. – Miss Temple, professoras e alunas, vocês estão vendo essa menina?

Claro que eles viam. Pois eu sentia todos os olhos como lentes sobre minha pele que queimava.

– Observem que ela ainda é uma criança. Vejam que possui a forma de uma criança normal. Deus graciosamente lhe deu a mesma forma que deu a todos nós. Nenhum sinal denuncia que é um caráter marcado. Quem poderia dizer que o próprio demônio achou nela uma seguidora e agente? Todavia, lamento dizer, essa é a verdade.

Uma pausa. Comecei a conter a paralisia dos meus nervos, e a sentir que passara o Rubicão. E que o julgamento, não podendo mais ser evitado, devia ser firmemente enfrentado.

– Minhas queridas crianças – prosseguiu, patético, o clérigo de mármore negro – esta é uma ocasião triste e melancólica! É minha obrigação prevenir-vos que essa menina, que devia ser uma das ovelhas do Senhor, é uma pequena pária. Não é um membro do verdadeiro rebanho, mas uma intrusa, uma forasteira. Deveis ficar em guarda contra ela, deveis evitar o seu exemplo, evitar até mesmo a sua companhia. Deveis excluí-la das vossas brincadeiras e bani-la das vossas conversas. Professoras, deveis observá-la, vigiar os seus movimentos, pesar as suas palavras, examinar minuciosamente as suas ações, punir seu corpo para salvar sua alma! Se esta salvação for realmente possível, pois (meus lábios tremem ao dizer isso) esta menina, esta criança, esta nativa da terra cristã, é pior do que muitos pagãos que dirigem suas preces a Brahma e se ajoelham diante de Juggernaut. Esta menina, senhoras, é uma mentirosa!

Então houve uma pausa de dez minutos, durante a qual eu, a esta altura em pleno domínio das minhas faculdades, observei todas as damas da família Brocklehurst pegarem seus lencinhos e limpar as lentes. A dama mais velha balançava-se para lá e para cá, e as duas mais novas sussurravam “É chocante!”. Mr. Brocklehurst retomou o discurso.

– Soube disso pela sua benfeitora. A senhora caridosa e devota que a adotou quando ficou órfã,

e a criou como sua própria filha. Essa bondade, essa generosidade, a infeliz menina pagou com uma ingratidão tão tenebrosa, tão terrível, que ao fim a sua benfeitora foi obrigada a separá-la de seus próprios filhos, temerosa de que seu mau exemplo contaminasse a pureza deles. Ela veio para cá para ser curada, assim como os antigos judeus mandavam seus doentes para o turbulento poço de Bethesda. E vós, professoras e superintendente, peço-vos que não permitam que as águas fiquem estagnadas em volta dela.

Com esta sublime conclusão, Mr. Brocklehurst ajustou o botão da gola do sobretudo e murmurou alguma coisa para sua família, que se levantou, fez uma reverência para Miss Temple – e então essas altas personagens saíram da sala em cortejo. Virando-se da porta, meu juiz disse:

– Deixe que ela fique mais meia hora nesse tamborete, e não permita que ninguém fale com ela durante o resto do dia.

E ali estava eu, sentada no alto de um banco. Eu, que havia dito que não suportaria a vergonha de ficar sobre os meus próprios pés no meio da sala, estava agora exposta à visão geral no alto de um pedestal de infâmia. O que eu senti então, não há palavras que possam descrever. Mas quando a emoção me dominou, paralisando minha respiração e contraindo minha garganta, uma menina veio e passou por mim. Ao passar ela levantou os olhos. Que luz estranha brilhava neles! Que sensação extraordinária este raio de luz me trouxe! Como esse novo sentimento me deu forças para suportar! Foi como se um mártir, um herói, passasse por um escravo ou uma vítima e transmitisse sua força a ele. Dominei a euforia que me invadia, levantei a cabeça e sentei-me firme no banquinho. Helen Burns perguntou qualquer coisa sobre seu trabalho a Miss Smith, foi repreendida pela trivialidade da questão, e sorriu para mim quando se afastou. Que sorriso! Recordo-o agora e sei que foi a emanção de uma grande inteligência, de uma verdadeira coragem! Iluminava seus traços marcantes, seu rosto fino, seus fundos olhos cinzentos, como o reflexo da aura de um anjo! Ainda assim, naquele momento Helen Burns usava no braço a “insígnia da desordeira”. Apenas uma hora atrás eu a vira ser condenada por Miss Scatcherd a um jantar de pão e água no dia seguinte, porque manchara um exercício ao copiá-lo. Assim é a imperfeita natureza humana! Borrões como esse existem no disco do planeta mais brilhante. Mas os olhos de pessoas como Miss Scatcherd só conseguem ver esses pequenos defeitos, e são cegos ao brilho intenso do universo.

[1] Eutyclus era um jovem discípulo de São Paulo, que caiu no sono durante um longo discurso do mestre. Foi cuidado e alimentado e recuperou-se. Conforme o Novo Testamento, Livro dos Atos, 20:9-12.

CAPÍTULO 8

A meia hora passou, e o relógio bateu as cinco. A classe foi dispensada e todas se dirigiram ao refeitório para o chá. Aventurei-me a descer. Já estava bem escuro, retirei-me para um canto e sentei no chão. O encantamento que me fizera suportar até agora começou a dissolver-se. Senti a reação, e logo o pesar que tomou conta de mim era tão esmagador que me senti prostrada, o rosto colado ao chão. Então chorei. Helen Burns não estava ali e ninguém me consolou. Deixada por minha conta, abandonei-me e minhas lágrimas lavaram o assoalho. Eu pretendia ser tão boa, e fazer tanta coisa em Lowood: fazer muitas amigas, ganhar o respeito e a afeição de todos. Já tinha até feito progressos, nessa manhã havia conquistado o primeiro lugar da minha classe. Miss Miller havia me elogiado calorosamente. Miss Temple sorria com aprovação. Prometeu ensinar-me a pintar e permitir que eu aprendesse francês, se eu continuasse melhorando nos próximos dois meses. E estava sendo bem recebida por todos, era tratada como igual pelas meninas da minha idade, e ninguém me incomodava. Agora jazia ali, esmagada e pisoteada. E quando poderia me reabilitar?

“Nunca” pensei, e desejei ardentemente morrer. Enquanto pedia o meu fim, em palavras entrecortadas por soluços, alguém se aproximou. Olhei para cima e vi Helen Burns de novo junto a mim. O fogo pálido apenas mostrou-a atravessando a sala longa e vazia. Trouxe-me pão e café.

– Vamos, coma alguma coisa – ela disse.

Mas eu os pus de lado. Na minha atual condição não conseguia engolir nada. Helen me olhou com surpresa. Eu não conseguia controlar minha agitação, embora me esforçasse, e continuava a chorar convulsivamente. Helen sentou-se no chão ao meu lado, abraçou os joelhos com os braços e apoiou a cabeça neles. Permaneceu nessa posição, silenciosa como um indiano. Fui a primeira a falar:

– Helen, por que você fica com uma menina que todos julgam ser uma mentirosa?

– Todos, Jane? Por quê? Há apenas oitenta pessoas que ouviram você ser chamada assim, e o mundo contém centenas de milhões.

– Que me importam esses milhões? Só sei que as oitenta me desprezam.

– Jane, você se engana. Provavelmente nem uma das meninas despreze ou desgoste de você. Muitas, tenho certeza, devem sentir pena.

– Como podem sentir pena de mim, depois do que Mr. Brocklehurst disse?

– Mr. Brocklehurst não é uma pessoa boa, nem é um grande homem por quem se sinta admiração. As pessoas não gostam muito dele por aqui, e ele nunca faz nada para ser benquisto. Se ele a tratasse como sua protegida, você encontraria inimigas ao seu redor, ocultas ou declaradas. Do jeito que estão as coisas, a maioria só não lhe oferece simpatia porque não ousa. As professoras e alunas talvez sejam um pouco reservadas com você por um ou dois dias, mas os sentimentos amigáveis vão continuar nos seus corações, e se você continuar se comportando bem, esses sentimentos logo vão ressurgir, ainda mais fortes do que antes. Além disso, Jane...

Ela fez uma pausa.

– Sim, Helen? – disse eu, pondo a mão sobre a dela.

Ela esfregou meus dedos gentilmente, para aquecê-los. Então continuou:

– Mesmo que o mundo inteiro a odeie e a julgue má, enquanto sua consciência estiver tranquila e

isentá-la de culpa, você nunca ficará sem amigos.

– Não. Sei que tenho razões para pensar bem de mim mesma, mas isso só não basta. Se os outros não gostarem de mim, prefiro morrer a viver... Não consigo suportar a solidão ou o ódio dos demais, Helen. Veja o que acontece aqui. Para ganhar o seu afeto, ou o de Miss Temple, ou o de alguém a quem eu realmente estimo, de bom grado aceitaria que quebrassem o meu braço, ou deixaria que um touro me atacasse, ou ficaria atrás de um cavalo selvagem para que jogasse as patas contra o meu peito...

– Silêncio, Jane! Você dá um valor excessivo ao amor dos seres humanos. Você é muito impulsiva, muito passional. O ser soberano que a criou e lhe deu a vida, deu-lhe outros recursos além desse fraco “eu” e os de criaturas fracas como você. Mais além deste universo e da raça humana, existe um mundo invisível e um reino de espíritos. Esse mundo está ao nosso redor, está em toda a parte. E esses espíritos estão aqui para nos observar, pois foram designados para nos proteger. E se estivermos morrendo em dor e vergonha, se o desprezo nos sufocar por todos os lados e o ódio nos esmagar, os anjos vêem as nossas torturas e reconhecem a nossa inocência (se formos inocentes, como eu sei que você é dessa acusação que Mr. Brocklehurst colheu de segunda mão de Mrs. Reed, e repetiu com tanta covardia e tanta pompa; eu vejo a sua natureza sincera nos seus olhos brilhantes e na sua frente clara). E Deus espera apenas que nossa carne se separe do espírito para nos conceder a merecida recompensa. Por que, então, devemos nos sentir aterrados pelo sofrimento, quando a vida é tão curta, e a morte nos garante a felicidade eterna... e a glória?

Fiquei em silêncio. Helen conseguira me acalmar. Mas na tranquilidade que ela transmitira havia uma mistura de inexprimível tristeza. Tive uma impressão de desgosto enquanto ela falava, mas não sei dizer de onde vinha. E então, após ter falado, ela arquejou e tossiu uma tosse curta. Esqueci por um momento minhas tristezas para sentir uma vaga preocupação a seu respeito.

Descansei a cabeça no ombro de Helen, coloquei meus braços em volta da sua cintura e repousamos em silêncio. Estávamos assim há pouco tempo quando outra pessoa se aproximou. As nuvens pesadas, varridas do céu pelo vento cortante, descobriram a lua. Sua luz, filtrando-se por uma janela próxima, brilhou em cheio sobre nós duas e a figura que se aproximara. Reconhecemos Miss Temple.

– Vim a sua procura, Jane Eyre – disse ela. – Quero que vá até o meu quarto. E como Helen Burns está com você, ela pode vir também.

Nós fomos, guiadas pela superintendente. Tivemos que nos enfiar por algumas passagens intrincadas e subir uma escada, antes de chegarmos ao seu apartamento. Tinha uma boa lareira e parecia acolhedor. Miss Temple mandou que Helen Burns sentasse numa poltrona baixa, ao lado da lareira. E, sentando-se na outra, chamou-me para junto dela.

– Já acabou? – ela perguntou, olhando para o meu rosto. – Já esqueceu a tristeza?

– Receio que isso não aconteça nunca.

– Por quê?

– Porque fui acusada injustamente. E a senhora e todo mundo vão pensar que sou malvada.

– Vamos pensar que é aquilo que você demonstrar, minha criança. Continue e agir como uma boa menina e ficaremos satisfeitas.

– Acha que posso, Miss Temple?

– Você deve – disse ela, envolvendo-me com o braço. – E agora me conte quem é a dama que Mr. Brocklehurst chamou de sua benfeitora.

– É Mrs. Reed, a esposa do meu tio. Ele morreu e deixou-me aos cuidados dela.

– Ela então não a adotou por sua própria vontade?

– Não, senhora, ela não queria fazer isso. Mas o meu tio, como ouvi muitas vezes os criados dizerem, antes de morrer conseguiu dela a promessa de que sempre tomaria conta de mim

– Bem, Jane, você sabe – ou então eu posso lhe dizer – que quando um criminoso é acusado ele sempre tem o direito de falar em sua defesa. Você foi acusada de falsidade, defenda-se perante mim, tão bem quanto possa. Diga tudo que a sua memória lhe disser que é verdade. Mas não acrescente nem exagere nada.

Resolvi, do fundo do coração, que seria o mais moderada e precisa possível. E, tendo refletido alguns minutos para organizar mentalmente o que tinha a dizer, contei-lhe toda a história da minha desventurada infância. Exaurida pela emoção, minha linguagem era mais serena do que o normal quando falava desse triste assunto. Lembrando-me dos conselhos de Helen contra a indulgência do ressentimento, relatei tudo com muito menos amargura e irritação do que o habitual. Assim resumido e simplificado, meu relato parecia até mais digno de confiança. Senti enquanto falava que Miss Temple me acreditara inteiramente.

No decorrer da história mencionei que Mr. Lloyd viera me ver após o meu desmaio, pois eu nunca esquecera o aterrorizante episódio do quarto vermelho. Ao contar os detalhes, no entanto, minha excitação conseguiu extravasar, de algum modo. Nada poderia suavizar na minha memória a lembrança do espasmo de agonia que esmagara meu coração, quando Mrs. Reed rejeitou minha desesperada súplica por perdão, e me trancou de novo no cômodo escuro e assombrado.

Terminei de falar. Miss Temple olhou-me em silêncio por alguns minutos, então disse:

– Eu conheço Mr. Lloyd, vou escrever para ele. Se a resposta coincidir com o que você disse, será publicamente inocentada de qualquer acusação. Para mim, Jane, você já está absolvida desde agora.

Ela me beijou, e ainda me mantendo ao seu lado (onde eu estava bem contente de ficar, pois sentia um prazer infantil em contemplar o seu rosto, o seu vestido, seus poucos enfeites, sua fronte alva, seus cachos fartos e brilhantes e os luzentes olhos negros) dirigiu-se a Helen Burns.

– Como se sente esta noite, Helen? Tossiu muito durante o dia?

– Nem tanto assim, senhora.

– E a dor no peito?

– Está um pouco melhor.

Miss Temple ergueu-se, pegou a mão de Helen e tomou-lhe o pulso. Então retornou ao seu lugar. Ouvi que suspirava baixinho enquanto se sentava. Ficou pensativa por alguns minutos, depois se levantou e falou animadamente:

– Vocês são minhas convidadas esta noite, devo tratá-las como tal.

E tocou a sineta.

– Barbara – ela disse para a criada que atendera o chamado – eu ainda não tomei chá. Traga a bandeja e coloque xícaras para estas duas senhoritas.

E logo foi trazida a bandeja. Como eram lindos, aos meus olhos, as xícaras e o brilhante bule de porcelana, colocados na mesinha redonda ao lado do fogo! Como o odor do chá era delicioso, e também o cheiro das torradas! No entanto, para minha tristeza, pois começava a sentir fome, notei que as porções

eram muito pequenas. Miss Temple também notou.

– Barbara – disse ela – pode nos trazer um pouco mais de pão e manteiga? Aqui não há o bastante para três pessoas.

Barbara saiu e logo retornou:

– Madame, Mrs. Harden disse que mandou a quantidade de sempre.

Mrs. Harden, observe-se, era a governanta. Feita à imagem e semelhança do próprio coração de Mr. Brocklehurst – metade barbatana de baleia, metade aço.

– Oh, muito bem! – respondeu Miss Temple – vamos nos arranjar como der, Barbara.

E quando a moça saiu ela acrescentou, sorrindo:

– Por sorte, estou preparada para remediar deficiências desse tipo.

Depois de convidar a mim e a Helen para nos aproximarmos da mesa, colocou diante de nós uma finíssima, embora deliciosa, fatia de torrada. Então levantou-se, abriu uma gaveta e, pegando um pacote envolto em papel, abriu-o revelando um lindo e aromático bolo.

– Eu pretendia dar um pedaço a cada uma para levar – ela disse – mas como há tão poucas torradas acho melhor comerem logo.

E começou a cortá-lo em fatias generosas.

Festejamos aquela noite como uma dádiva de néctar e ambrosia. E o sorriso de gratidão que nossa anfitriã nos dirigia, enquanto satisfazíamos nosso apetite voraz com a delicada iguaria que ela provera com tanta generosidade, não foi a menor das alegrias que tivemos.

Depois que terminamos o chá e a bandeja foi retirada, ela nos chamou outra vez para junto do fogo. Sentamos cada uma de um lado, e Miss Temple passou a conversar com Helen. Ouvir essa conversa foi um privilégio para mim.

Miss Temple tinha sempre um ar de serenidade no porte, de nobreza no semblante, de refinada precisão na linguagem, que impedia o ardor excessivo. Um controlado senso de reverência que dava prazer aos que a ouviam. Era o que eu sentia naquele momento. Mas fiquei paralisada de espanto com Helen Burns.

A saborosa refeição, o fogo brilhante, a beleza e a bondade da nossa amada professora ou, talvez, mais do que essas coisas juntas, alguma virtude da sua mente única, despertou-lhe as energias. E essas energias se agitavam. Primeiro, surgiram na brilhante cor da sua face, que até agora eu só vira pálida e exangue. Depois brilharam nos seus olhos, que adquiriram uma beleza ainda mais singular que os de Miss Temple. Uma beleza que não repousava na cor da pele, nem nos longos cílios, nem nas sobrancelhas, mas na intenção, no movimento e na vivacidade. Depois foi a alma que pousou nos lábios e as palavras fluíram, não sei dizer de qual fonte. Como pode uma menina de quatorze anos ter um coração grande e vigoroso o suficiente para manter a mais pura, vívida e fervente eloquência? Tal era a característica das palavras de Helen nessa noite, para mim, memorável. Seu espírito parecia ávido por viver, num breve espaço de tempo, mais do que muitos vivem durante uma prolongada existência.

Elas falaram de coisas que eu nunca ouvira. De povos e eras passadas. De países distantes. De segredos da natureza, conhecidos ou suspeitados. Falaram de livros, e quantos elas haviam lido! Quanto conhecimento acumulado possuíam! Pareciam tão familiarizadas com palavras e autores franceses! Mas o meu espanto chegou ao máximo quando ouvi Miss Temple perguntar se Helen às vezes dedicava um

momento a recordar o latim que o pai lhe ensinara. Pegando um livro da estante pediu-lhe que lesse um trecho de Virgílio. Helen obedeceu, e meu assombro crescia a cada linha. Mal tinha terminado quando soou o sino anunciando a hora de dormir. Ali não se admitiam atrasos. Miss Temple abraçou-nos e disse, do fundo do coração:

– Deus as abençoe, crianças.

Abraçou Helen um pouco mais longamente, e foi com relutância que a deixou ir. Foi a Helen que seus olhos seguiram, e foi por ela que deu um segundo suspiro triste. Por ela derramou uma lágrima.

Quando alcançamos o dormitório ouvimos a voz de Miss Scatcherd. Estava examinando as gavetas e acabara de abrir a de Helen. Quando entramos Helen foi saudada com uma violenta repreensão, e soube que no dia seguinte teria meia dúzia de cartazes infamantes pendurados nos seus ombros.

– Minhas coisas estavam em vergonhosa desordem, é verdade – murmurou-me Helen, numa voz baixa. – Pretendia arrumá-las, mas acabei esquecendo.

Na manhã seguinte Miss Scatcherd escreveu em grandes letras num pedaço de papel a palavra “desleixada” e o pregou como um selo na larga, meiga, inteligente e bondosa frente de Helen. Ela usou-o até a noite, pacientemente e sem rancor, achando que a punição era merecida. Quando Miss Scatcherd retirou-se, após as aulas da tarde, corri para Helen, cortei o papel fora e joguei-o no fogo. A fúria que ela era incapaz de sentir havia me queimado a alma durante o dia todo, e lágrimas grossas e quentes haviam corrido pelo meu rosto sem parar. Meu coração sofria de forma intolerável com a triste resignação de Helen.

Aproximadamente uma semana depois dos incidentes que acabo de narrar, Miss Temple, que escrevera a Mr. Lloyd, recebeu a resposta. Parece que a carta de Mr. Lloyd confirmava a minha história. Miss Temple, após reunir toda a escola, anunciou que havia feito um inquérito sobre as acusações contra Jane Eyre, e que sentia-se feliz em dizer que ela estava isenta de qualquer culpa. As professoras, então, me apertaram a mão e me beijaram, e um murmúrio de satisfação correu entre as fileiras das minhas colegas.

Aliviada de uma carga tão penosa, dali por diante voltei a trabalhar com afinco, decidida a abrir meu caminho através de qualquer dificuldade. Lutei duramente, e meu sucesso foi proporcional aos meus esforços. Minha memória, que não era muito boa, melhorou com a prática. O exercício aprimorou a minha inteligência. Em poucas semanas passei para uma turma mais avançada. Em menos de dois meses fui autorizada a aprender francês e pintura. Aprendi os dois primeiros tempos do verbo *être* e desenhei minha primeira casinha (cujas paredes, a propósito, nada deviam em inclinação às da torre de Pisa) no mesmo dia. Nessa noite, ao ir para a cama, esqueci de preparar na minha imaginação a ceia de Barmecide[1], de batatas assadas ou pão branco e leite fresco, com o que costumava deleitar os meus anseios interiores... Em vez disso, delicieei-me com as belas pinturas que eu via no escuro. Tudo feito por mim: casas e árvores livremente pintadas, rochedos e ruínas pitorescos, rebanhos em pequenos grupos à maneira de Cuyp[2], doces pinturas de borboletas sobrevoando botões de rosas, pássaros bicando cerejas maduras, ninhos de cambaxirras contendo ovos do tamanho de pérolas, tecidos com gravetinhos de hera. Pensei também na possibilidade de algum dia traduzir um conto em francês que Madame Pierrot havia me mostrado naquele dia. Nem bem havia acabado de solucionar esse problema quando adormeci suavemente.

Como Salomão dissera com muita propriedade: “Mais vale ao boi comer ervas onde está o amor, do que viver em estábulo com o ódio e o pavor.” Eu agora não trocava Lowood, com todas as suas privações, por Gateshead e seus luxos cotidianos.

[1] Barmecide é o personagem de um dos contos árabes das “Mil e Uma Noites”, que oferece um jantar de pratos imaginários como se fossem reais.

[2] Aelbert Jacobsz Cuyp ([1620/1691](#)) – pintor holandês do período barroco, conhecido por suas pitorescas paisagens campestres.

CAPÍTULO 9

Mas as privações, ou melhor, as adversidades de Lowood, diminuíram. A primavera estava chegando. Na verdade, já estava no ar. As geadas do inverno cessaram, as neves derreteram, os ventos cortantes amainaram. Meus pobres pés, esfolados e inchados pelo agudo frio de janeiro, começaram a cicatrizar, e recuperavam-se aos suaves ares de abril. As noites e as manhãs do inverno, de temperaturas canadenses, não mais congelavam o próprio sangue em nossas veias. Agora já podíamos suportar a hora do recreio no jardim. Às vezes, num dia ensolarado, podia até ser agradável e revigorante. Uma camada verde começava a despontar nos canteiros marrons, que dia após dia se tornavam mais verdejantes, como se a esperança passasse por eles à noite, e a cada manhã deixasse traços mais brilhantes de sua passagem. Algumas flores espreitavam por entre as folhas: campânulas brancas, açafrões, aurículas, e amores-perfeitos salpicados de dourado. Na tardes de quinta-feira (que era meio feriado) fazíamos caminhadas, e encontrávamos flores ainda mais lindas sob as sebes, ao longo do caminho.

Descobri também que, além dos muros altos e guardados por estacas de ferro do nosso jardim, havia um grande prazer, uma alegria limitada apenas pelo horizonte. Esse prazer consistia na visão dos majestosos picos que circundavam um grande vale, rico em verde e sombra, e num brilhante riacho, coberto de pedras escuras e redemoinhos faiscantes. Como esse cenário agora parecia diferente daquele que eu vira contra o céu cinzento do inverno, enrijecido pelo gelo e coberto de neve como uma mortalha! Quando a névoa, gelada como a morte, errava ao sabor dos ventos do leste por aqueles picos, rolando de um lado a outro, até fundir-se com a gelada neblina do riacho! Esse riacho agora era uma torrente, turva e indomável, cortando o bosque ao meio, e lançando ao ar um estrondo, muitas vezes abafado pelo barulho da chuva selvagem ou do granizo que descia em rodopios. E havia a floresta, que em suas margens mostrava apenas filas de esqueletos.

E abril se transformou em maio. Que belo e sereno maio foi aquele! Dias de céu azul, um sol que brilhava placidamente e suaves ventos do sul ou do oeste a permear a estação. A vegetação agora chegava ao apogeu e Lowood sacudia suas tranças. Tudo se tornou verde e florido! Os esqueletos dos grandes olmos, freixos e carvalhos foram devolvidos à sua majestosa vida; as plantas rasteiras espalhavam-se em profusão; inúmeras variedades de musgo enchiam as ribanceiras e a riqueza das primulas selvagens criava um estranho brilho colorido no solo. Vi seu brilho de ouro pálido ofuscando os olhos como o mais suave lustro. De tudo isso eu desfrutava muito e plenamente – livre, sem ninguém me observar, e quase só: pois havia um motivo para esse prazer e liberdade tão fora do comum, o qual devo agora referir.

Não descrevi um belo lugar para construir uma residência, quando falei desse lugar situado entre as montanhas e o bosque, às margens de um riacho? Realmente, bastante agradável: mas se era salubre ou não é outra questão.

Essa floresta-vale, onde ficava Lowood, era o berço da névoa. E essa névoa, carregada de pestilência, com o andar da primavera deslizou para o Asilo das Órfãs, e levou o tifo à sala de aulas e ao dormitório. E, mal chegara maio, transformou o educandário num hospital.

A nutrição deficiente e os resfriados mal curados haviam predisposto muitas das alunas à infecção: quarenta e cinco das oitenta meninas caíram doentes ao mesmo tempo. As classes foram suspensas e as normas afrouxadas. Às poucas que não adoeceram era concedida uma liberdade quase ilimitada. O médico assistente insistira na necessidade de exercícios para mantê-las saudáveis. E mesmo

que assim não fosse, ninguém tinha tempo para observá-las ou reprimi-las. Toda a atenção de Miss Taylor era dedicada às suas pacientes: passava o tempo na enfermaria, não a abandonando senão para descansar algumas horas à noite. As professoras estavam inteiramente ocupadas em fazer as malas e outros arranjos necessários para a partida daquelas meninas que eram afortunadas o bastante para ter parentes ou amigos capazes e dispostos a tirá-las da fonte de contágio. Muitas, já bastante afetadas pela doença, iam para casa apenas para morrer. Outras morriam na escola, e eram enterradas rápida e discretamente, pois a natureza da moléstia não permitia demora.

Enquanto a doença assim se tornava uma habitante de Lowood, e a morte uma visita frequente, enquanto havia tristeza e medo entre seus muros; enquanto as salas e passagens cheiravam a hospital - e as drogas e pastilhas eram inúteis para superar o surto de mortalidade - aquele rutilante mês de maio brilhava sem nuvens sobre as majestosas montanhas e os belos bosques que se estendiam para além dos portões. E o jardim, também, se engalanava com flores: as malvas haviam se tornado altas como árvores, os lírios abriram, as tulipas e as rosas estavam em flor; as bordas dos pequenos canteiros estavam salpicadas de relva-do-olimpico e rubras margaridas duplas; rosas amarelas espalhavam, da manhã à noite, a sua doce fragrância. Esses tesouros de perfume eram inúteis para a maior parte das internas de Lowood, exceto para fornecer, de vez em quando, um punhado de flores para adornar um caixão.

Nesse meio tempo, eu e as outras que continuavam boas aproveitávamos plenamente as belezas do cenário e da estação. Deixavam-nos perambular pelos bosques, como ciganas, da manhã à noite. Fazíamos o que queríamos, íamos aonde gostávamos e vivíamos melhor também. Mr. Brocklehurst e família agora nem chegavam perto de Lowood. As contas da despesa não eram mais examinadas. A rabugenta governanta se fora, afugentada pelo pavor da infecção. Sua sucessora, que fora responsável pelo dispensário de Lowton, ainda não acostumada aos costumes do seu novo emprego, agia com certa liberalidade. Além do mais, havia menos pessoas para alimentar, as doentes comiam pouco, e as nossas tigelas estavam mais cheias. Quando não havia tempo para preparar um almoço convencional, o que acontecia com frequência, ela costumava nos servir um grande pedaço de torta fria, ou uma generosa porção de pão com queijo. Levávamos a refeição para o bosque, onde cada uma escolhia o lugar que mais gostava para sentar-se, e almoçávamos suntuosamente.

Meu lugar favorito era uma pedra grande e lisa, que surgia, branca e seca, do meio do riacho. O único modo de chegar até ela era andar pela água rasa, o que eu fazia de pés descalços. A pedra tinha espaço apenas para acomodar, com conforto, outra menina além de mim, minha companheira predileta nessa época: Mary Ann Wilson. Sagaz e observadora, sua companhia me dava satisfação, parte porque ela era inteligente e original, parte porque suas maneiras me deixavam à vontade. Mary Ann era mais velha que eu alguns anos, conhecia mais do mundo e podia contar-me muitas coisas que eu gostava de ouvir: minha curiosidade se sentia satisfeita com ela. Perdoava largamente os meus erros, e não punha entraves nem coibia nada do que eu dizia. Ela tinha pendor para a narrativa e eu para a análise. Ela gostava de responder, eu de perguntar. Nos entendíamos com facilidade, e o nosso relacionamento, se não nos trouxe alguma melhoria, proporcionou a ambas grande diversão.

E onde andava Helen Burns, enquanto isso? Por que eu não passava com ela esses doces dias de liberdade? Será que a esquecera? Ou era tão injusta a ponto de ter cansado de sua companhia tão pura? Certamente Mary Ann Wilson era inferior à minha primeira amiga: apenas contava-me histórias engraçadas e retribuía alguns mexericos atrevidos e mordazes que eu lhe contava. Enquanto que Helen, se falei a verdade, estava qualificada a dar àqueles que tinham o prazer de ouvi-la o gosto de coisas muito mais elevadas.

É verdade, leitor. Eu sabia e sentia isso. E embora eu fosse um ser imperfeito, com muitas falhas e poucas coisas para me redimir, ainda assim nunca me cansei de Helen Burns. Nunca deixei de nutrir por ela um sentimento de afeto, tão forte, terno e respeitoso como nenhum outro jamais animou meu coração. Como poderia ser de outra forma, quando Helen, sempre e em qualquer circunstância, mostrou por mim uma serena e fiel amizade, que o mau humor nunca azedou e a irritação nunca perturbou? Mas Helen estava doente naquela época: fazia algumas semanas que fora removida para algum quarto no andar superior, eu não sabia qual. Disseram-me que ela não estava nas enfermarias destinadas às pacientes com febre, pois sua doença era a tuberculose, não o tifo. E por tuberculose eu, na minha ignorância, entendia alguma coisa leve, que o tempo e os cuidados certamente aliviaríamos.

Essa ideia se confirmou quando ela, uma ou duas vezes, estando a tarde excepcionalmente quente e ensolarada, desceu para o andar térreo. Miss Temple a levou até o jardim, mas eu não tinha permissão para me aproximar dela. Apenas a vi vagamente à distância, pela janela, muito agasalhada e sentada na varanda.

Uma tarde, no começo de junho, demorei-me no bosque com Mary Ann. Tínhamos nos separado das outras, como de hábito, e perambulado até mais longe. Tanto que nos perdemos e tivemos que perguntar pelo caminho de volta numa cabana isolada, onde vivia um casal que cuidava de um rebanho de porcos meio selvagens. Quando voltamos, a lua já havia nascido. Defronte da porta estava parado um pônei, que sabíamos pertencer ao médico. Mary Ann observou que alguém devia estar muito doente, para que Mr. Bates fosse chamado àquela hora da noite. Ela entrou na casa. Eu fiquei para trás, decidida a plantar no meu canteiro algumas mudas que colhera na floresta, e que eu achava que ficariam inutilizadas se esperasse até o dia seguinte. Feito isso, ainda fiquei por ali mais um tempo, pois as flores tinham um suave perfume quando o orvalho caía. Era uma noite tão agradável, tão serena, tão tépida! As últimas luzes do oeste prometiam outro belo dia ao amanhecer. A lua subia majestosa no oriente grave. Eu observava essas coisas e as apreciava, como pode uma criança apreciar, quando tive um pensamento que nunca me ocorrera antes:

– Que tristeza estar agora doente numa cama, correndo o risco de morrer! O mundo é belo... Não seria terrível ter que deixá-lo e ir para não se sabe onde?

Minha mente então fez seu primeiro esforço sério para lembrar o que lhe haviam ensinado a respeito do céu e do inferno. E pela primeira vez recuou, confusa. E pela primeira vez, olhando para trás, para os lados e para frente, viu ao seu redor um incomensurável abismo. Sentiu que havia apenas um ponto de apoio: o presente. Todo o resto era uma nuvem sem forma e um vazio profundo. E tremeu ao pensar em vacilar e mergulhar no caos. Enquanto ponderava essa nova ideia, ouvi a porta da frente abrir-se. Mr. Bates saiu, acompanhado de uma enfermeira. Depois de vê-lo partir ela preparou-se para fechar a porta. Corri em sua direção.

– Como está Helen Burns?

– Muito mal – foi a resposta.

– Foi ela que Mr. Bates veio ver?

– Sim.

– E o que ele disse sobre ela?

– Disse que ela não ficará aqui por muito tempo.

Esta frase, se me fosse dirigida na véspera, teria apenas me transmitido a ideia de que ela estava para ser transferida para sua própria casa, em Northumberland. Não teria suscitado seu significado de

que ela estava morrendo. Mas agora eu soube imediatamente! Compreendi claramente que Helen Burns estava vivendo seus últimos dias na terra, e que estava para ser levada à região dos espíritos – se existisse tal lugar. Sofri um choque terrível, depois um violento arrepio de tristeza, depois um desejo... uma necessidade de vê-la. Perguntei em que quarto ela estava.

– Está no quarto de Miss Temple – disse a enfermeira.

– Posso subir e falar com ela?

– Oh, não, minha filha! Não é possível. E depois está na hora de você entrar. Vai pegar uma febre se ficar aí no sereno.

A enfermeira fechou a porta. Passei pela entrada lateral que levava à sala de aulas, bem a tempo. Eram nove horas, e Miss Miller estava chamando as alunas para dormir.

Duas horas mais tarde, provavelmente às onze, não conseguindo dormir – e sentindo, pelo perfeito silêncio do dormitório, que minhas colegas estavam em profundo sono – levantei-me silenciosamente. Coloquei o vestido sobre a camisola, e assim descalça saí do dormitório à procura do quarto de Miss Temple. Ficava quase no outro lado do prédio, mas eu conhecia o caminho, e a luz da lua, entrando de vez em quando pelas janelas, permitia-me encontrá-lo sem dificuldade. Quando me aproximava da enfermaria senti um odor de cânfora e vinagre queimado. Passei pela porta rapidamente, temerosa de que a enfermeira que permanecia ali toda a noite me ouvisse. Temia ser descoberta e mandada de volta, porque eu *precisava* ver Helen. Tinha que abraçá-la antes que morresse, dar-lhe um último beijo e trocar com ela uma derradeira palavra.

Desci uma escada e atravessei um pedaço do andar de baixo. Depois de abrir e fechar duas portas sem fazer barulho, encontrei-me diante de outro lance de escadas. Subi e me achei em frente ao quarto de Miss Temple. Uma luz brilhava por baixo da porta e pelo buraco da fechadura. Os arredores estavam em profundo silêncio. Ao me aproximar vi que a porta estava levemente entreaberta, provavelmente para permitir a entrada de um pouco de ar no quarto da doente. Sem hesitação e impaciente – minha alma e meus sentidos palpitavam em profunda angústia – empurrei a porta e olhei para dentro. Meus olhos procuraram Helen, e temi encontrar a morte.

Havia uma caminha de criança, meio encoberta pelo dossel branco, perto da cama de Miss Temple. Vi uma silhueta debaixo das cobertas, mas o rosto estava encoberto pelo dossel. A enfermeira com quem eu falara no jardim dormia numa espreguiçadeira. Na mesa, uma vela queimava debilmente. Miss Temple não estava à vista, soube depois que ela fora chamada à enfermaria para ver uma paciente que delirava. Eu avancei e parei ao lado da caminha. Estendi a mão para a cortina, mas achei melhor falar antes de puxá-la. Eu ainda recuava ante a ideia de ver um cadáver.

– Helen – sussurrei suavemente – está acordada?

Ela se mexeu e puxou a cortina. Vi seu rosto, pálido e cansado, mas composto. Parecia ter mudado tão pouco que o meu medo se dissipou.

– Será você, Jane? – ela perguntou, na sua voz gentil.

“Oh!” pensei “Ela não vai morrer! Eles estão enganados. Se estivesse morrendo não pareceria tão calma, no aspecto e na voz.”

Fui até a cama e beijei-a. Sua testa estava fria, e suas faces também, frias e esqueléticas, assim como as mãos e os pulsos. Mas ela sorria como sempre.

– Por que veio aqui, Jane? São mais de onze horas, acabei de ouvir bater.

– Vim para ver você, Helen. Ouvi dizer que está muito doente, e não podia dormir se não falasse com você.

– Veio para me dizer adeus, então. Chegou bem na hora, com certeza.

– Está indo para algum lugar, Helen? Vai para casa?

– Sim, para o meu lar eterno... Minha última morada.

– Não, não, Helen! – interrompi-a, infeliz.

Enquanto tentava evitar as lágrimas, Helen teve um acesso de tosse. A enfermeira não acordou, porém. Depois que passou ela ainda arquejou por alguns minutos, exausta. Então sussurrou:

– Jane, seus pezinhos estão descalços. Deite-se e cubra-se com a minha coberta.

Assim fiz. Ela colocou o braço sobre mim e me aconcheguei a ela. Depois de um longo silêncio, ela retomou, ainda sussurrando:

– Sou muito feliz, Jane. E quando você souber que morri, deve ficar feliz e não triste: não há nada para lamentar. Todos vamos morrer um dia, e a doença que está me levando não é dolorosa: é gentil e gradual. Minha mente está descansada. Não deixo ninguém que lamente muito a minha perda. Tenho apenas meu pai, que se casou novamente e não sente falta de mim. Morrendo jovem escaparei de grandes sofrimentos. Não tenho talentos ou qualidades para facilitar meu caminho no mundo. Eu estaria sempre em erro.

– Mas para onde está indo, Helen? Você sabe? Já viu como é?

– Eu creio, tenho fé. Estou indo para junto de Deus.

– Onde está Deus? O que é Deus?

– O Criador, meu e seu, que nunca destruirá o que criou. Eu confio no poder dele, e acredito na sua bondade. Conto as horas até o momento em que serei devolvida a ele, e ele será revelado a mim.

– Tem certeza, Helen, que existe mesmo o céu, e que nossas almas vão para lá quando morremos?

– Tenho certeza que há uma existência futura. Acredito que Deus é bom. Posso entregar-lhe sem receio a parte imortal do meu ser. Deus é meu pai, é meu amigo. Eu o amo e acredito que ele me ame também.

– E vou vê-la de novo, Helen, quando eu morrer?

– Você virá para o mesmo lugar de felicidade. Será recebida pelo mesmo pai poderoso e universal, sem dúvida, querida Jane.

Fiz outra pergunta, mas apenas em pensamento. “Onde ficará esse lugar? Será que existe?” E apertei os braços em torno de Helen. Ela me parecia mais querida do que nunca, sentia que não poderia deixá-la ir. Meu rosto estava escondido em seu pescoço. Ela disse, então, no seu tom mais doce:

– Como me sinto bem! Esse último acesso de tosse me deixou um pouco cansada. Acho que vou dormir. Mas não vá embora, Jane, gosto de ter você perto de mim.

– Vou ficar com você, *querida* Helen. Ninguém vai me tirar daqui.

– Está aquecida, querida?

– Sim.

– Boa noite, Jane.

– Boa noite, Helen.

Ela me beijou, eu a beijei, e ambas pegamos no sono.

Quando acordei já era dia, e havia um movimento pouco habitual. Olhei para cima: estava nos braços de alguém. A enfermeira me segurava e estava me carregando pelo corredor, de volta ao dormitório. Não fui repreendida por deixar a minha cama. As pessoas tinham mais em que pensar. Ninguém respondeu às minhas inúmeras questões. Mas um ou dois dias depois eu soube que Miss Temple, retornando ao seu próprio quarto ao amanhecer, me encontrara deitada na pequena cama. Meu rosto apoiado no ombro de Helen, meus braços rodeando seu pescoço. Eu estava dormindo e Helen... morta.

Seu túmulo está no cemitério da igreja de Brocklehurst. Durante quinze anos após a sua morte ficou coberto apenas por um montículo de grama. Mas agora uma placa de mármore cinza marca o lugar, com o seu nome e a palavra “Resurgam” [\[1\]](#).

[\[1\]](#) Resurgam= eu renascerei. Em latim no original.

CAPÍTULO 10

Até aqui, recordei em detalhes os eventos da minha insignificante existência. Dediquei quase todos os capítulos aos dez primeiros anos da minha vida. Mas esta não pretende ser uma autobiografia comum. Só me permiti invocar a memória quando sei que as suas respostas possuíam algum grau de interesse. Portanto, vou avançar oito anos sem muito a dizer. Apenas algumas linhas são necessárias para manter a sequência da história.

Quando a febre tifóide completou sua missão de devastar Lowood, gradualmente desapareceu. No entanto, a virulência do surto e o número de vítimas já haviam despertado a atenção pública sobre a escola. Fez-se um inquérito sobre a origem do flagelo, e pouco a pouco se tornaram públicos vários fatos que despertaram um clamor de indignação geral. A natureza insalubre do local, a quantidade e qualidade da comida das crianças, a água salobra e fétida utilizada na preparação da comida, as roupas e acomodações deploráveis – tudo isso foi descoberto. E a descoberta produziu um resultado mortificante para Mr. Brocklehurst, mas benéfico para a instituição.

Muitas pessoas ricas e benevolentes da região fizeram generosas contribuições para a construção de um prédio mais conveniente e melhor localizado. Foram criados novos regulamentos. Promoveu-se a melhoria da alimentação e do vestuário. Os fundos da escola foram confiados à administração de um comitê. Mr. Brocklehurst, que não poderia ser ignorado devido à sua riqueza e conexões familiares, permaneceu no posto de tesoureiro, mas passou a ser ajudado nessa tarefa por cavalheiros de mente mais aberta e compassiva. Seu cargo de administrador também era compartilhado por aqueles que sabiam como combinar bom senso com rigor, conforto com economia, compaixão com honradez. A escola, assim aprimorada, tornou-se em breve uma instituição verdadeiramente útil e nobre. Depois dessa reforma permaneci como interna dentro dos seus muros por oito anos: seis como aluna e dois como professora. E, em ambas as condições, dou meu testemunho do valor e importância da instituição.

Durante esses seis anos minha vida foi a mesma, mas não era infeliz, porque não era inativa. Tinha ao meu alcance os meios para obter uma excelente educação. Os meus maiores incentivos eram o gosto pelo estudo de algumas disciplinas e o desejo de distinguir-me em todas, além do grande prazer de agradar às minhas professoras, especialmente aquelas que eu mais gostava. Servi-me amplamente das vantagens que me foram oferecidas. Tornei-me a primeira aluna da classe mais adiantada, então fui investida no cargo de professora, que desempenhei com zelo durante dois anos. Ao fim desse tempo, no entanto, eu mudei.

Miss Temple, apesar de todas as mudanças, continuou como superintendente do internato. Devo aos seus ensinamentos a maior parte do que sei. Sua amizade e companhia foram meu contínuo consolo. Ela esteve ao meu lado no lugar de mãe, mestra e, nos últimos tempos, companheira. Nessa época ela se casou e foi morar com o marido (um pastor, homem excelente, quase merecedor de uma esposa como ela) num condado distante. E assim perdi sua companhia.

Desde o dia em que ela partiu não fui mais a mesma. Com ela partiam todos os sentimentos estáveis, a ligação que, de alguma forma, tinha feito de Lowood o meu lar. Eu havia absorvido um pouco da sua natureza e muitos dos seus hábitos. Meus pensamentos eram mais harmoniosos. Sentimentos mais controlados tornaram-se meus companheiros. Fizera um pacto com a ordem e o dever. Vivia tranquila e creio que até contente. Aos olhos dos outros, e até mesmo aos meus, eu parecia um caráter disciplinado e

dócil.

Mas o destino, na forma do Reverendo Mr. Nasmyth, interpôs-se entre mim e Miss Temple. Eu e vi, em seu vestido de viagem, subir na diligência, logo após a cerimônia de casamento. Observei enquanto a diligência subia a montanha e desaparecia de vista. Voltei ao meu quarto, e ali passei solitária quase todo o resto daquele meio feriado, concedido em honra ao acontecimento.

Passei a maior parte do tempo caminhando pelo quarto. Lamentava minha perda e pensava em como repará-la. Mas quando concluí minhas reflexões, ao olhar para fora e ver que a tarde se fora e a noite avançava, outra descoberta surgiu na minha mente. Senti como se nesse intervalo eu houvesse passado por um processo de transformação, em que minha mente pusera de lado tudo que eu havia tomado emprestado de Miss Temple. Ou antes, como se ela tivesse levado consigo a serena atmosfera que eu respirara junto dela – e me deixado entregue ao meu elemento natural, começando a sentir a agulhada de antigas emoções. Não era como se eu perdesse um apoio, mas a motivação. Não era a capacidade de ser calma que me abandonara, só não havia mais razão para estar tranquila. Durante alguns anos o meu mundo fora Lowood, toda minha experiência de vida consistia nas suas regras e sistemas. Agora eu me dava conta que o mundo real era vasto, e que uma gama variada de esperanças e temores, de sensações e vibrações, esperava por aqueles que tivessem coragem de seguir em frente e de buscar entre os seus perigos o verdadeiro conhecimento da vida.

Fui até a janela, abri-a e olhei para fora. Lá estavam as duas alas do prédio, lá estava o jardim, lá estavam os limites de Lowood, lá estava o horizonte de colinas. Meus olhos deixaram todo o resto para se fixar naqueles remotos picos azuis no horizonte, que eu ansiava transpor. Tudo dentro dos seus limites de rocha e urzes parecia-me o terreno de uma prisão, os limites do exílio. Acompanhei o traçado do caminho branco que serpenteava ao pé de uma montanha, e desaparecia numa garganta encravada entre as outras. Como desejava segui-lo até mais longe! Lembrei-me do dia que passara por ali de carruagem, descendo a montanha ao crepúsculo. Parecia ter se passado um século desde que eu chegara a Lowood, de onde nunca mais saíra. Passara todas as minhas férias na escola. Mrs. Reed nunca me chamara a Gateshead, e nem ela nem ninguém da sua família jamais me visitaram. Eu não tinha comunicação alguma com o mundo exterior, nem por cartas ou mensagens. Regulamentos escolares, hábitos e noções escolares, deveres escolares, e vozes, e rostos, e frases, e costumes, e preferências, e antipatias... Isso era tudo que eu conhecia da vida. E agora sentia que não era o bastante. Cansei-me da rotina de oito anos em apenas uma tarde. Desejei a liberdade, ansiei por liberdade, disse uma prece pela liberdade. Tive a sensação que ela se desfazia ao vento que soprava fracamente. Abandonei-a e fiz uma humilde súplica: pedi por mudança, por estímulo. Este pedido, também, pareceu dissolver-se no espaço indistinto.

– Então – exclamei, meio desesperada – conceda-me pelo menos alguma outra servidão!

Nesse momento tocou o sino para a ceia, chamando-me ao andar de baixo.

Não tive liberdade para retomar a cadeia interrompida dos meus pensamentos até a hora de dormir. Mesmo então uma professora, que dividia o quarto comigo, manteve-me longe do tema com uma prolongada conversa sobre trivialidades. Como eu desejava que o sono a silenciasse! Tinha a impressão que, se eu pudesse retornar à ideia que me ocorrera quando estava na janela, alguma coisa útil e inventiva surgiria para o meu alívio.

Por fim, Miss Gryce começou a risonar. Era uma galesa pesadona, mas até agora seus esforços nasais sempre haviam sido encarados por mim apenas como um transtorno. Nessa noite, porém, saudei aqueles primeiros sons com satisfação. Estava livre de interrupções. Meus pensamentos meio apagados retornaram imediatamente.

“Uma nova servidão! Há alguma coisa aí.” disse a mim mesma (mentalmente, bem entendido, não falava em voz alta). “Sei que há, porque não soa doce demais; não é como as palavras Liberdade, Vibração, Alegria, que são verdadeiramente deliciosas, mas são apenas palavras para mim. E tão vazias e transitórias que é pura perda de tempo ouvi-las. Mas, Servidão! Essa era real. Qualquer um pode servir: eu servi aqui por oito anos. Tudo o que desejo agora é servir em outro lugar. Será que posso desejar tanto? Será viável? Sim... sim... O objetivo não é tão difícil; se ao menos eu tivesse um cérebro ativo o suficiente para achar os meios de conseguir isso.”

Sentei-me na cama de modo a ativar o referido cérebro. Era uma noite fria. Cobri os ombros com um xale e então novamente me pus a *pensar* com todas as minhas forças.

“O que eu quero? Um lugar diferente, uma nova casa, cercar-me de novos rostos, sob novas circunstâncias. Desejo isso porque é inútil desejar coisa melhor. Como as pessoas fazem para conseguir outro lugar? Apelo para os amigos, suponho, mas eu não tenho amigos. Há muita gente que não tem amigos, e que deve cuidar e ajudar a si própria. Quais são os seus recursos?”

Não sabia dizer. Nada me respondia. Ordenei ao meu cérebro que achasse uma resposta, e logo. Ele trabalhou, e trabalhou mais rápido. Senti a pulsação na minha cabeça e nas têmporas. Por quase uma hora, minha mente trabalhou no caos, mas os esforços não deram resultado. Febril com o trabalho perdido, levantei-me e dei uma volta no quarto. Entreabri a cortina, observei uma ou outra estrela, tremi de frio e voltei para a cama.

Uma fada bondosa, na minha ausência, certamente deixou a solução no meu travesseiro. Pois, quando me deitei, ela me veio à mente, rápida e facilmente. “Os que desejam uma colocação anunciam no jornal. Você deve pôr um anúncio no Herald.”

“Mas como? Não sei nada de anúncios.”

As respostas vinham suave e prontamente.

“Deve colocar o anúncio e o dinheiro para pagá-lo num envelope dirigido ao editor do Herald. Deve levá-lo, então, na primeira oportunidade que tiver, ao correio de Lowton. As respostas devem ser endereçadas a J.E. para a posta restante de lá. Deve ir perguntar por elas uma semana depois que mandar a carta. Se houver alguma, é só agir de acordo.”

Revi o esquema, uma, duas, três vezes, até que ficasse gravado em minha mente. Fixei-o de forma clara e prática e fiquei satisfeita. Então caí no sono.

Levantei-me bem cedo. Antes que tocasse o sino para o despertar, já tinha o anúncio escrito, envelopado e endereçado. Era assim:

“Jovem dama acostumada a lecionar (eu não havia sido professora por dois anos?) deseja encontrar colocação em casa de família com crianças abaixo de quatorze anos (pensei que, como mal tinha feito dezoito anos, não seria possível educar crianças quase da minha idade). Está qualificada a ensinar as matérias usuais da boa educação inglesa, além de francês, pintura e música (naquela época, leitor, essa relação de habilidades que agora parece pouca, era considerada bastante abrangente). Respostas para J.E., Posta Restante – Lowton, Condado de...”

Esse documento ficou trancado na minha escrivaninha o dia todo. Após o chá, pedi licença à nova superintendente para ir a Lowton, para resolver alguns encargos para mim e um ou dois para minhas colegas professoras. A permissão foi rapidamente concedida, e eu fui. Era uma caminhada de mais de três quilômetros, e o entardecer estava úmido, mas os dias ainda eram longos. Visitei uma ou duas lojas, coloquei a carta no correio, e voltei debaixo de um aguaceiro, com as roupas encharcadas, mas o coração

aliviado.

A semana seguinte me pareceu interminável. Finalmente chegou ao fim, no entanto, como todas as coisas mundanas. E, uma vez mais, ao entardecer de um agradável dia de outono, encontrei-me caminhando pela estrada de Lowton. Era um caminho pitoresco, a propósito, acompanhando o regato e as doces curvas do vale. Mas nesse dia eu pensava mais nas cartas, que podiam ou não estar me esperando no vilarejo, que nos encantos da pradaria ou das águas.

Minha tarefa declarada nessa ocasião era tirar as medidas para um novo par de sapatos. Assim, desincumbi-me primeiro dessa tarefa e depois segui pela quieta e limpa ruazinha do sapateiro até o correio. Era dirigido por uma velha senhora, que usava óculos de chifre no nariz e luvas pretas nas mãos.

– Há alguma carta para J.E.? – perguntei.

Ela me observou por sobre os óculos, então abriu uma gaveta e remexeu-lhe o conteúdo por longo tempo – tão longo que a esperança começou a me abandonar. Por fim, segurando um envelope diante dos óculos por quase cinco minutos, entregou-me o documento por sobre o guichê, acompanhando o gesto com outro olhar inquisitivo e desconfiado... este dirigido a J.E.

– Só tem uma? – perguntei.

– Não tem nenhuma outra – disse ela.

Então meti o envelope no bolso e me dirigi para casa. Não podia abri-la ali. O regulamento me obrigava a estar de volta até as oito horas e já eram mais de sete e meia.

Quando cheguei tinha várias obrigações me esperando. Devia acompanhar as meninas enquanto faziam as lições. Depois era a minha vez de ler as preces e levá-las para a cama. Então tinha que ceiar com as professoras. Quando finalmente me retirei para o quarto, ainda tinha a companhia da inevitável Miss Gryce. Havia apenas um toco de vela no candelabro, e temi que ela falasse até que a vela queimasse inteiramente. Para minha sorte, todavia, a pesada ceia que ela devorara surtira um efeito soporífero. Já estava roncando antes que eu terminasse de me despir. Restava ainda uma polegada de vela. Peguei a carta. O lacre continha um F. Quebrei-o. O conteúdo era breve.

“Se J.E., que anunciou no Herald de quinta-feira passada, possuir as qualificações mencionadas e se estiver em condições de fornecer referências satisfatórias quanto a caráter e competência, oferece-se uma colocação onde há apenas uma aluna, uma menina de dez anos de idade; salário de trinta libras por ano. Pede-se a J. E. que mande referências, nome, endereço e todos os detalhes para:

Mrs. Fairfax, Thornfield, perto de Millcote, Condado de...”

Examinei longamente o documento. A letra era antiquada e um tanto irregular, como a de uma senhora idosa. Essa circunstância me agradou: sentia um medo muito grande de que, agindo por minha própria conta e segundo meu discernimento, pudesse cair em alguma cilada. E, acima de tudo, desejava que o resultado de meus esforços fosse algo respeitável, apropriado, *en règle*. Senti que uma senhora idosa não era algo ruim no negócio que eu tinha em mãos. Mrs. Fairfax! Vi-a num vestido preto e véu de viúva. Fria, talvez, mas não indelicada: um modelo da antiga respeitabilidade inglesa. Thornfield! Sem dúvida era o nome da sua residência: um lugar limpo e ordeiro, eu estava certa, mas talvez falhasse em imaginar corretamente todas as premissas. Millcote, condado de... Busquei nas minhas lembranças o mapa da Inglaterra. Sim, agora via o condado e a cidade, ficava cem quilômetros mais perto de Londres do que o lugar remoto em que eu vivia, o que para mim era uma recomendação. Ansiava por ir a lugares

onde houvesse vida e movimento. Millcote era uma grande cidade industrial, um lugar agitado, sem dúvida. Melhor assim, pelo menos seria uma mudança completa. Não que a minha imaginação fosse muito atraída por altas chaminés e nuvens de fumaça... “Mas” imaginava eu “Thornfield provavelmente deve ficar a uma boa distância da cidade.”

Nesse momento o pavio do candeieiro acabou, não havia mais luz.

No dia seguinte novas providências tinham que ser tomadas. Meus planos não podiam mais ficar confinados em minha cabeça, devia partilhá-los para que pudesse ter sucesso. Solicitei e obtive uma audiência com a superintendente, no recreio do meio-dia. Disse-lhe que tinha a possibilidade de obter uma colocação com um salário que era o dobro do que recebia em Lowood (onde ganhava apenas quinze libras por ano). Pedi-lhe que falasse por mim com Mr. Brocklehurst, ou com alguém do comitê, e perguntasse se podia mencioná-los como referência. Ela amavelmente concordou em servir de intermediária. No dia seguinte expôs o assunto a Mr. Brocklehurst, que disse que deviam escrever a Mrs. Reed, pois era minha tutora oficial. Um bilhete foi enviado à dama, que respondeu dizendo que “eu podia fazer o que desejasse, pois há muito tempo desistira de interferir nos meus negócios”. Esse bilhete foi apresentado a todos os membros do comitê e, finalmente, após o que me pareceu a mais aborrecida demora, deram-me licença para procurar outra colocação melhor, se desejasse. Forneceram-me uma declaração de que eu sempre me conduzira corretamente, tanto como aluna quanto como professora em Lowood, e um atestado de bom caráter e da minha capacidade, assinado pelos inspetores da instituição.

Esse documento me foi entregue cerca de um mês depois e mandei uma cópia para Mrs. Fairfax. Recebi a resposta da dama, dizendo-se satisfeita e fixando um prazo de quinze dias para que eu assumisse o cargo de governanta em sua casa.

Comecei a ocupar-me com os preparativos, e a quinzena passou rapidamente. Não tinha um guarda roupa muito grande, embora fosse adequado às minhas necessidades. O último dia foi suficiente para arrumar o meu baú... o mesmo que trouxera de Gateshead oito anos atrás.

Amarrei e etiquetei o baú. Em meia hora chegaria o carregador para levá-lo a Lowton, para onde eu mesma devia me dirigir muito cedo na manhã seguinte para pegar a diligência. Escovei meu vestido de viagem preto, preparei o chapéu, as luvas e o agasalho para as mãos. Olhei todas as gavetas para ver se não esquecera de nada. E não havendo nada mais a fazer, sentei-me e tentei descansar. Não consegui. Embora tivesse ficado de pé o dia todo, não conseguia descansar, estava muito excitada. Uma fase da minha vida se encerrava hoje e outra começava amanhã. Era impossível dormir nesse intervalo, devia permanecer em ardente vigília enquanto essa mudança acontecia.

– Miss – disse uma criada que me encontrou no saguão, vagando como uma alma penada – Tem uma pessoa lá embaixo que quer lhe falar.

“Deve ser o carregador” pensei.

Desci as escadas sem fazer perguntas. Estava me dirigindo à cozinha e passava pela sala das professoras, cuja porta estava entreaberta, quando alguém saiu correndo em minha direção:

– É ela, tenho certeza!... Eu a reconheceria em qualquer lugar! – exclamou a pessoa, interpondo-se no meu caminho e pegando minha mão.

Olhei para uma mulher que parecia uma criada bem vestida, matronal, mas ainda jovem. Tinha ótima aparência, olhos e cabelos negros e um semblante vivo.

– Bem, quem sou eu? – ela perguntou, com uma voz e um sorriso que não me eram estranhos. – Será que se esqueceu de mim, Miss Jane?

Num segundo abracei-a e beijei-a com entusiasmo.

– Bessie! Bessie! Bessie! – era tudo que eu conseguia dizer.

Ela ria e chorava, e nos dirigimos para a sala de visitas. Perto do fogo sentava-se uma criaturinha de três anos de idade, de calça e blusa xadrez.

– Este é o meu menino – disse Bessie.

– Então casou-se, Bessie?

– Sim, há quase cinco anos, com Robert Leaven, o cocheiro. Tenho uma menininha além do Bobby aqui, que batizei com o nome de Jane.

– Então não mora mais em Gateshead?

– Moro no chalé da portaria. O antigo porteiro foi embora.

– Bem, e como vão todos por lá? Conte-me tudo sobre eles, Bessie. Mas, sente-se. Bobby, quer vir sentar-se no meu colo?

Mas Bobby preferiu ficar ao lado da mamãe.

– Você não cresceu muito, nem ficou robusta, Miss Jane – continuou Mrs. Leaven. – Acho que não a trataram direito na escola. Miss Eliza é mais alta e mais forte. E Miss Georgiana daria duas de você na largura dos ombros.

– Georgiana deve estar muito bonita, não é, Bessie?

– Muito. Ela passou uma temporada em Londres com a mãe, no inverno passado, e foi muito admirada por todos. Um jovem cavalheiro apaixonou-se por ela, mas a família dele foi contra o casamento. E então... o que acha que aconteceu? Ele e Miss Georgiana tentaram fugir, mas foram encontrados e impedidos. Foi Miss Eliza quem os encontrou, acho que estava com inveja. Agora as duas vivem que nem cão e gato, sempre discutindo...

– Bem, e John Reed?

– Ah, ele não está se saindo tão bem quanto a mãe deseja. Foi mandado para o colégio, mas acabou sendo expulso... Depois os tios queriam que ele se tornasse advogado, e estudasse leis. Mas ele é um jovem tão dissoluto que acho que não vai servir para nada.

– E que aparência ele tem?

– Ele é bem alto, muitos dizem que é um belo rapaz. Mas tem os lábios tão grossos...

– E Mrs. Reed?

– A senhora parece forte e aparentemente bem, mas seu espírito não tem paz. A conduta de Mr. John lhe dá muito desgosto... ele gasta um monte de dinheiro!

– Foi ela que lhe mandou vir, Bessie?

– Não, que ideia! Faz muito tempo que queria vê-la, e quando soube que chegou uma carta dizendo que estava se mudando para outra parte do país, pensei que era o momento de vir, antes que ficasse fora do meu alcance.

– Temo que tenha se desapontado comigo, Bessie.

Disse isso rindo, pois notei que o olhar de Bessie, embora mostrasse afeto, não mostrava admiração.

– Não, Miss Jane, não exatamente. Você está bastante educada, parece uma dama. Está como eu esperava: nunca foi uma grande beleza quando criança.

Sorri ante a franca resposta de Bessie. Sabia que ela tinha razão, mas confesso que não era indiferente ao que dissera. Aos dezoito anos a maioria das moças quer agradar, e a convicção de que não possuem um aspecto exterior que possa dar suporte a esse desejo, não é agradável para ninguém.

– Mas imagino que é bastante inteligente – continuou Bessie, como forma de consolo. – O que sabe fazer? Toca piano?

– Um pouco.

Havia um piano na sala. Bessie foi até ele e abriu-o, depois me pediu que tocasse uma melodia. Toquei uma ou duas valsas e ela ficou encantada.

– As duas senhoritas Reed não tocam tão bem! – disse ela, exultante. – Eu sempre disse que a senhorita iria passar na frente delas nos estudos. E sabe pintar, também?

– Essa pintura sobre a lareira é trabalho meu – disse.

Era uma aquarela representando uma paisagem. Eu a dera de presente à superintendente, para agradecer sua amável mediação perante o comitê. Ela mandara emoldurar e colocar um vidro.

– Nossa! Que linda, Miss Jane! É tão linda quanto qualquer das pinturas do professor de Miss Eliza. Sem falar nas duas moças, que nem podem se comparar a você. Aprendeu francês?

– Sim, Bessie. Leio e falo francês.

– E sabe bordar em musselina e tela?

– Sei, sim.

– Ah! É uma verdadeira dama! Eu sabia que seria. Vai conseguir se sair bem, quer seus parentes saibam ou não. Mas há uma coisa que quero lhe perguntar. Alguma vez soube notícias dos parentes de seu pai, os Eyre?

– Jamais.

– Bem, sabe que Mrs. Reed sempre disse que eles eram uns pobretões desprezíveis. Pode ser que sejam pobres, mas são tão nobres quanto os Reed. Um dia, há quase sete anos, um certo Mr. Eyre veio a Gateshead perguntando por você. Mrs. Reed então disse que você estava na escola, a oitenta quilômetros dali. Ele ficou muito desapontado, pois não podia se demorar. Ia embarcar para o exterior, num navio que sairia de Londres dali a um ou dois dias. Parecia um verdadeiro cavalheiro, e acho que era o irmão do seu pai.

– Para que país ele estava indo, Bessie?

– Uma ilha, distante milhares de quilômetros, onde fazem vinho... O mordomo foi quem me falou...

– Ilha da Madeira? – eu sugeri.

– Sim, é essa! O nome é esse.

– Então, ele partiu?

– Sim, não ficou muito tempo na casa. A senhora foi muito altiva com ele, chamou-o depois de “comerciante desonesto”. O meu Robert acredita que ele é um comerciante de vinhos...

– Provavelmente – respondi – ou talvez um representante ou agente de um mercador de vinhos.

Bessie e eu ainda conversamos por uma hora sobre os velhos tempos, até que ela foi obrigada a partir. Na manhã seguinte ainda a vi de novo, enquanto esperava a diligência em Lowton. Nos despedimos, finalmente, na porta de Brocklehurst Arms. Cada uma tomou seu rumo. Ela dirigiu-se para perto de Lowood, onde pegaria o transporte para Gateshead. Eu tomei o veículo que me levaria às minhas novas obrigações e a uma nova vida, nos desconhecidos arredores de Millcote.

CAPÍTULO 11

Um novo capítulo num romance é como um novo ato numa peça teatral. E desta vez, quando eu levantar a cortina, leitor, deve imaginar que está num quarto da Hospedaria George, em Millcote. As paredes são forradas pelo mesmo papel de parede estampado que todos os quartos de estalagem têm; possui o mesmo carpete, o mesmo mobiliário, os mesmos ornamentos sobre a lareira, as mesmas gravuras, incluindo um retrato de George III e outro do Príncipe de Gales, e uma representação de morte de Wolfe. Tudo isso pode ser visto à luz de uma lamparina a óleo que pende do teto e ao clarão do excelente fogo, junto ao qual estou sentada de capa e chapéu. Minha sombrinha e o agasalho estão sobre a mesa. Estou tentando me aquecer para espantar o frio e o entorpecimento contraídos em dezesseis horas de exposição à crueza de um dia de outono. Deixei Lowton às quatro horas da manhã, e o relógio de Millcote acaba de bater oito da noite.

Bem, leitor, embora eu pareça confortavelmente instalada, não estou muito tranquila. Pensei que quando a diligência chegasse haveria alguém me esperando. Olhei ao redor ansiosamente, enquanto descia a escadinha de madeira colocada junto ao estribo para minha conveniência. Esperei ouvir o meu nome ser pronunciado, e ver uma carruagem qualquer esperando para me transportar a Thornfield. Não havia nada disso à vista. E quando perguntei a um atendente se alguém tinha perguntado por Miss Eyre, recebi uma resposta negativa. Assim não tive outro recurso senão solicitar um quarto. E aqui estou à espera, enquanto todo o tipo de dúvidas e temores me assalta o espírito.

É uma sensação muito estranha para uma jovem inexperiente sentir que está totalmente sozinha no mundo, sem contato com qualquer parente, sem saber se o porto de destino pode ser alcançado e impedida, por muitas razões, de voltar ao lugar que deixou. A emoção da aventura atenua essa sensação, a chama do orgulho a aquece. Mas depois a pulsação do medo volta a perturbar. Esse medo se tornou mais intenso quando, passada meia hora, eu ainda estava só. Resolvi tocar a campainha.

– Existe um lugar chamado Thornfield, aqui nas redondezas? – perguntei ao criado que atendeu ao chamado.

– Thornfield? Não sei, senhora. Vou perguntar no bar.

E ele desapareceu, para reaparecer logo em seguida.

– Seu nome é Eyre, Miss?

– Sim.

– Tem uma pessoa lá embaixo lhe esperando.

Pulei, peguei meu agasalho e a sombrinha, e corri para a entrada. Um homem estava de pé junto à porta aberta, e à luz dos lampiões da rua pude ver vagamente um veículo atrelado.

– Esta é a sua bagagem? – disse ele de modo um tanto abrupto, apontando para o baú.

– Sim.

Colocou-o no veículo, que era uma espécie de caleça, e entrei. Antes que ele fechasse a porta perguntei-lhe a que distância ficava Thornfield.

– Mais ou menos dez quilômetros.

– Quanto tempo leva para chegar lá?

– Uma hora e meia, mais ou menos.

Fechou a porta do carro, subiu à boleia e partimos. Nosso progresso era lento, e tive bastante tempo para refletir. Sentia-me contente por estar tão perto do fim da jornada. Reclinei-me no assento do veículo, que era confortável, mas não elegante, e meditei à vontade.

Pensava comigo: “A julgar pela simplicidade da carruagem e do criado, acho que Mrs. Fairfax não é uma pessoa muito elegante. Melhor assim. Só uma vez vivi no meio de pessoas elegantes, e fui muito infeliz. Será que ela vive só, apenas com essa menina? Se for assim, e se ela for um pouquinho amigável, certamente nos daremos bem. Farei o melhor que puder. É uma pena que fazer o melhor nem sempre seja suficiente. Em Lowood eu tomei essa resolução, perseverei nela e tive sucesso. Mas com Mrs. Reed o meu melhor foi sempre tratado com desprezo. Peço a Deus que Mrs. Fairfax não seja uma segunda Mrs. Reed. E se for não fico com ela, de jeito nenhum! Pior por pior, sempre posso colocar outro anúncio. Quanto será que já rodamos?”

Baixei a janela e olhei para fora. Millcote ficara para trás, e a julgar pela quantidade de luzes devia ser um lugar de tamanho considerável, muito maior que Lowton. Agora estávamos numa espécie de propriedade comum, tanto quanto pude ver. Mas havia casas espalhadas por todo o caminho. Senti que estava numa região bem diferente de Lowood, mais populosa e menos pitoresca; mais movimentada e menos romântica.

Os caminhos estavam pesados e a noite enevoada. O condutor deixou o cavalo trotar na maior parte do caminho, e a hora e meia se esticou para duas, pelo menos. Por fim ele voltou-se no assento e disse:

– A senhora não tá muito longe de Thornfield agora.

Olhei para fora de novo. Passávamos por uma igreja. Vi sua torre larga e baixa contra o céu; o sino batia o quarto de hora. Vi também uma estreita galáxia de luzes numa colina, assinalando um vilarejo ou aldeia. Dez minutos depois, o cocheiro desceu e abriu um portão. Passamos e o portão se fechou às nossas costas. Subimos lentamente uma rampa e chegamos à frente de uma ampla casa. A luz de um candeeiro filtrava-se pela cortina de uma janela em arco. Tudo o mais estava escuro. O carro parou na frente da porta, que foi aberta por uma criada. Apeei-me e entrei na casa.

– Por aqui, por favor, madame – disse a moça.

Eu a segui através de um saguão rodeado de portas altas. Ela conduziu-me a uma sala duplamente iluminada, pelos candeeiros e pela lareira, o que a princípio me ofuscou, pelo contraste com a escuridão a que meus olhos tinham se habituado nas últimas duas horas. Quando consegui enxergar, no entanto, encontrei-me diante de um quadro agradável e delicioso.

Uma sala pequena e confortável. Uma mesa redonda ao lado da aconchegante lareira. E uma poltrona antiquada de espaldar alto, onde se sentava a mais caprichosa velhinha, com um chapéu de viúva, vestido de seda preta e um avental de musselina impecavelmente branco. Era exatamente como eu imaginara Mrs. Fairfax, apenas parecia menos imponente e mais suave. Estava ocupada em tricotar. Aos seus pés sentava-se um gato enorme e cheio de pose. Em resumo, não faltava nada para completar o ideal da felicidade doméstica. Raramente se poderia imaginar uma recepção mais tranquilizadora para uma governanta nova. Não havia grandeza para oprimir, nem pompa para envergonhar. Logo que entrei a velha senhora levantou-se prontamente, e veio ao meu encontro com a maior gentileza.

– Como vai, minha querida? Temo que sua viagem tenha sido muito aborrecida, John dirige tão devagar! Deve estar com frio, venha para junto da lareira.

– Miss Fairfax, imagino – disse eu.

– Sim, sou eu. Sente-se, por favor.

Levou-me até a sua própria cadeira, e começou a retirar meu xale e desatar as fitas do meu chapéu. Supliquei-lhe que não se incomodasse.

– Oh! Não é incômodo algum! Acho que suas mãos estão quase paralisadas de frio. Leah, traga um pouco de vinho do porto quente e uns dois sanduíches: aqui estão as chaves da despensa.

Tirou do bolso um típico chaveiro de dona-de-casa, e entregou-o à criada.

– Agora, chegue mais perto do fogo – ela continuou. – Trouxe sua bagagem com você, não trouxe, minha querida?

– Sim, senhora.

– Vou mandar que levem para o seu quarto – disse, e saiu apressada.

“Ela me trata como uma visita” pensei. “Não esperava essa recepção, achei que encontraria frieza e secura. Isso não é nada parecido com o que ouvi sobre o tratamento dispensado às governantas. Mas não devo cantar vitória tão cedo.”

Mrs. Fairfax retornou. Tirou o material de tricô e um ou dois livros que estavam sobre a mesa, para dar lugar à bandeja que Leah trouxe em seguida. Ela mesma serviu o lanche. Senti-me um pouco confusa por ser objeto de uma atenção maior do que jamais recebera na vida – ainda mais que vinha da parte da minha patroa e superiora. Mas como ela parecia não estar fazendo nada fora do comum, achei melhor aceitar sua cortesia sem protestar.

– Devo ter o prazer de conhecer Miss Fairfax ainda esta noite? – perguntei, depois de aceitar a refeição.

– O que você disse, minha querida? Eu sou um pouco surda – respondeu a boa senhora, aproximando o ouvido da minha boca.

Repeti a questão com mais clareza.

– Miss Fairfax? Ah, você quer dizer Miss Varens! Varens é o nome da sua futura aluna.

– É mesmo? Então ela não é sua filha?

– Não, não tenho filhos.

Eu teria prosseguido com as questões, perguntando de que modo Miss Varens se relacionava com ela, mas me dei conta que não seria educado fazer tantas perguntas. Além disso, saberia com o tempo.

– Estou tão feliz – ela disse, sentando-se à minha frente e pegando o gato no colo – estou tão feliz que tenha vindo. Será muito agradável viver aqui com uma companheira. Por certo que é bom a qualquer tempo, pois Thornfield é uma bela mansão antiga, talvez um pouco negligenciada nos últimos anos, mas ainda assim bastante respeitável. No inverno, porém, sentimos uma terrível solidão até nos melhores lugares. Quero dizer... Leah é uma boa moça, e John e a esposa são ótimas pessoas, mas, você sabe, são apenas criados, e não se pode conversar com eles em plano de igualdade. Deve-se manter a devida distância, ou então se perde a autoridade. No último inverno (que foi muito severo, você se lembra, quando não nevava, chovia e ventava) não recebemos nenhuma criatura aqui, a não ser o açougueiro e o carteiro, E assim desde novembro até fevereiro. Fiquei realmente melancólica de sentar-me aqui sozinha, noite após noite. Pedia a Leah que lesse para mim às vezes, mas creio que a pobre moça

não gosta muito disso, acha escravizante. Na primavera e no verão passamos melhor, o sol e os dias mais longos fazem muita diferença. E então, logo no começo do outono, a pequena Adele Varens veio com a sua ama. Uma criança enche uma casa de vida. E agora que você está aqui, vou ficar bem feliz.

Meu coração ficou encantado com a velha senhora, enquanto a ouvia falar. Puxei minha cadeira um pouco mais para perto, e expressei meu sincero desejo de que ela achasse minha companhia tão agradável quanto imaginava.

– Mas não vou mantê-la acordada até tarde – disse Mrs. Fairfax – já é quase meia-noite, e você viajou o dia todo. Deve estar cansada. Se já aqueceu bem os pés vou mostrar-lhe o seu quarto. Mande preparar o quarto ao lado do meu. É apenas um apartamento pequeno, mas creio que gostará mais dele do que dos quartos grandes da frente. É claro que os da frente têm uma mobília mais fina, mas são tão tristes e solitários que nem eu costumo dormir neles.

Agradei pelo cuidado na escolha e, como realmente me sentia cansada da longa viagem, declarei-me pronta para me retirar. Ela pegou o candeeiro e eu a segui. Primeiro verificou se a porta do vestíbulo estava trancada, depois retirou a chave da fechadura e dirigiu-se às escadas. Os degraus e o corrimão eram de carvalho, e a janela ao lado era alta e gradeada. Tanto a escada quanto o longo corredor para onde davam as portas dos quartos pareciam mais de igreja do que de residência. Um ar frio de cemitério as invadia, sugerindo tristes ideias de amplitude e solidão. Fiquei feliz quando finalmente entrei no meu quarto, pequeno e mobiliado em estilo moderno comum.

Mrs. Fairfax deu-me um gentil boa-noite e fechei a porta. Olhando tranquilamente em volta, senti que de certo modo se apagava a lúgubre impressão que me causara o amplo vestíbulo, a escadaria escura e espaçosa, e aquele corredor comprido e gelado. O meu pequeno quarto tinha um aspecto aconchegante e lembrou-me um céu seguro, após um dia de cansaço físico e ansiedade mental. Senti um impulso de gratidão tomar conta do meu coração, ajoelhei-me ao lado da cama e dei graças a quem devia. Não me esqueci de pedir ajuda no meu caminho futuro, e o poder de merecer a bondade que me era oferecida tão generosamente antes mesmo que eu a merecesse. Minha cama não tinha espinhos naquela noite, e meu quarto solitário não abrigava temores. Contento e cansado ao mesmo tempo, logo dormi profundamente. Quando acordei já era dia alto.

O quarto parecia um pequeno cantinho brilhante, pois o sol filtrava-se pelas alegres cortinas de tecido azul. Meu espírito se animou com a visão das paredes forradas de papel e do piso acarpetado, tão diferente das tábuas nuas e do reboco manchado de Lowood. O ambiente tem uma grande influência sobre os jovens. Pensei que uma etapa nova e mais feliz da vida estava começando para mim, e que teria flores e prazeres, tanto quanto espinhos e trabalhos. Meus sentidos pareciam todos em movimento, animados pela mudança de cenário e pelo novo campo que se oferecia às minhas esperanças. Não sei definir o que esperava, mas era algo agradável: não para hoje ou para este mês, mas para um período ainda indefinido no futuro.

Levantei-me e me vesti com cuidado. Obrigada à simplicidade – pois não possuía peça alguma de vestuário que não fosse extremamente modesta – era instada agora a ser mais caprichosa. Não tinha por hábito ser descuidada com a aparência, nem era indiferente à impressão que pudesse causar. Pelo contrário, sempre me esmerei para passar a melhor impressão possível, e agradar tanto quanto a minha falta de beleza me permitisse. Algumas vezes lamentava não ser bonita. Algumas vezes desejava possuir faces rosadas, nariz retilíneo e uma boquinha de cereja. Desejava ser alta, imponente e bem proporcionada. Achava um infortúnio ser tão pequena, tão pálida, e com traços tão angulosos e irregulares. E por que sentia essas aspirações e essas tristezas? Seria difícil dizer: não podia responder

com certeza nem para mim mesma. Ainda assim havia uma razão, e bastante natural. No entanto, quando escovei o cabelo até brilhar, vesti meu vestido preto – que apesar do estilo puritano, pelo menos tinha o mérito de ser elegante – e ajustei o avental de imaculada brancura, pensei que parecia respeitável o suficiente para aparecer diante de Mrs. Fairfax, e que a minha nova aluna pelo menos não recuaria diante de mim com antipatia. Abri a janela do quarto e verifiquei se deixara todos os artigos de toalete organizados sobre a mesa. Então, aventurei-me a ir em frente.

Atravessando o longo corredor coberto por painéis descii os escorregadios degraus de carvalho. Cheguei ao vestíbulo e parei ali por um minuto. Olhei para alguns quadros na parede (lembro-me bem que um deles representava um homem sinistro numa couraça, e outro uma dama de cabelo empoado e colar de pérolas). Vi também uma luminária de bronze que pendia do teto e um grande relógio cujo caixa era de carvalho e ébano, curiosamente esculpida e enegrecida pelo tempo. Tudo me parecia muito elegante e imponente, pois naquela época eu quase não estava acostumada ao luxo. A porta do vestíbulo, metade em vidro, estava aberta. Parei no limiar. Era uma bela manhã de outono. O sol brilhava sereno no arvoredo escurecido e nos campos ainda verdes. Avançando pelo gramado, olhei para cima e observei a fachada da casa. Tinha três andares e proporções consideráveis, embora não fosse vasta. O solar de um cavalheiro, não a vivenda de um nobre. As ameias ao longo do teto davam-lhe um ar pitoresco. Seu frontispício cinzento ficava nos fundos de um viveiro de gralhas, cujos inquilinos barulhentos estavam agora em pleno vôo: pairavam sobre o gramado e os terrenos, para pousar num grande prado, do qual estavam separados por um fosso profundo. Ali, um grupo de poderosos e antigos espinheiros – tão fortes, grandes e nodosos como carvalhos – finalmente explicava o nome dado à mansão. Ao longe, as montanhas. Não tão grandiosas quanto aquelas que rodeavam Lowood, nem tão escarpadas, nem tão parecidas com um cordão de isolamento do mundo vivo. Mas suficientemente serenas e solitárias, parecendo abraçar Thornfield com uma solidão que eu não esperava encontrar num lugar tão perto da agitada Millcote. Uma pequena aldeia, cujos telhados eram pontuados por árvores, perdia-se pela encosta de uma dessas montanhas. A igreja da paróquia ficava perto de Thornfield. Sua antiga torre parecia um outeiro entre a casa e os portões.

Eu ainda estava apreciando a bela vista e o agradável ar fresco, ouvindo com prazer o grasnar das gralhas, observando a ampla e respeitável frente da casa, e pensando que era grande demais para uma velhinha solitária como Mrs. Fairfax morar, quando ela apareceu na porta.

– Como? Já está de pé? – disse ela. – Vejo que é madrugadora.

Fui até ela, que me recebeu com um afável aperto de mãos e um beijo.

– O que está achando de Thornfield?

Disse-lhe que estava gostando muito.

– Sim, é um belo lugar – ela disse – mas temo que acabe se deteriorando, se Mr. Rochester não vier residir aqui permanentemente. Ou, ao menos, venha visitar-nos com mais frequência. Casas grandes e extensos campos necessitam da presença do dono.

– Mr. Rochester! – exclamei. – Quem é ele?

– O proprietário de Thornfield – ela respondeu tranquilamente. – Não sabia que ele se chama Rochester?

Claro que eu não sabia. Nunca nem ouvira falar dele... Mas a velha senhora parecia encarar a existência desse cavalheiro como uma verdade universalmente conhecida, que todos deviam conhecer por instinto.

– Pensei que Thornfield pertencesse à senhora – continuei.

– A mim? Deus lhe abençoe, minha filha! Que ideia! Imagine... eu sou apenas a encarregada da casa, a administradora. Na verdade sou parente distante dos Rochester, por parte de mãe, ou pelo menos meu marido era. Ele era o pastor de Hay... aquele vilarejo além da montanha. A igreja onde ele oficiava é aquela perto dos portões. A mãe de Mr. Rochester era uma Fairfax, prima em segundo grau do meu marido. Mas nunca tirei partido dessa ligação, na verdade não representa nada para mim. Considero-me apenas uma encarregada comum. Meu empregador é sempre educado comigo, e não espero nada além disso.

– E a menina, minha aluna?

– Ela é apenas uma protegida de Mr. Rochester. Ele me encarregou de encontrar-lhe uma governanta, pretende que ela seja educada no condado, eu creio. Aí vem ela, com a sua “bonne”. Ela se refere à ama assim.

O enigma estava explicado, então: essa afável e bondosa viúva não era uma grande dama, mas uma subalterna como eu. Não a estimei menos por isso, pelo contrário, fiquei mais feliz do que nunca. A igualdade entre nós era real, e não o resultado de alguma condescendência da parte dela. Tanto melhor... minha posição se tornava ainda mais livre.

Enquanto eu meditava sobre essa descoberta, uma menininha veio correndo pelo gramado, seguida pela ama. Olhei para minha aluna, que de início pareceu não perceber a minha presença. Era bem pequena, talvez sete ou oito anos, de constituição miúda, com uma face pálida de traços delicados e uma cascata de cachos caindo até a cintura.

– Bom dia, Miss Adele – disse Mrs. Fairfax. – Venha conhecer a dama que vai ser sua professora, e fazer de você uma moça instruída.

Ela se aproximou.

– *C'est là ma gouvernante?*^[1] – disse ela, dirigindo-se à ama e apontando para mim.

– *Mais oui, certainement.*^[2]

– Elas são estrangeiras? – perguntei, espantada de vê-las falando em francês.

– A ama é estrangeira, e Adele nasceu no continente. Creio que nunca saiu de lá até seis meses atrás. Quando veio para cá não falava uma palavra de inglês, agora já consegue falar um pouquinho. Eu não consigo entendê-la, ela mistura o inglês com o francês. Mas você vai entendê-la bem, imagino.

Felizmente eu tinha a vantagem de ter aprendido francês com uma francesa. Fazia questão de conversar com Madame Pierrot sempre que podia. Além disso, nos últimos sete anos, estudava um pouco de francês diariamente, sofrendo para imitar o mais possível a pronúncia da professora, por isso havia adquirido certo grau de correção e fluência na linguagem. Não era provável que tivesse alguma dificuldade com Mademoiselle Adele. Ela veio me apertar a mão, quando soube que eu iria ser sua governanta, e enquanto a acompanhava para tomar o café da manhã, dirigi-lhe algumas frases em sua própria língua. Adele respondeu laconicamente, no início. Porém, quando nos sentamos à mesa, e depois de me examinar por dez minutos com seus grandes olhos cor de avelã, de repente começou a conversar sem parar.

– Ah! – disse ela, em francês. – Você fala a minha língua tão bem quanto Mr. Rochester. Posso falar com você como falo com ele, e Sophie também. Ela vai ficar contente, pois aqui ninguém entende o que ela fala. Madame Fairfax é toda inglesa. Sophie é a minha ama. Ela veio comigo pelo mar, nun

grande navio com uma chaminé que soltava fumaça... um monte de fumaça! Eu fiquei doente, e Sophie também, e Mr. Rochester também. Mr. Rochester ficava num divã num quarto bonito que chamavam de salão, e eu e Sophie ficamos em duas camas pequenas em outro quarto. Eu quase caí da minha, era que nem uma concha. E você, Mademoiselle... qual é o seu nome?

– Eyre... Jane Eyre.

– Aire? Ah! Não consigo falar isso direito... Bem, nosso navio parou de manhã, antes do dia nascer, numa grande cidade... uma cidade enorme, com casas muito escuras e cheia de fumaça. Não é nem parecida com a cidade limpa e bonita onde eu morava. E Mr. Rochester me carregou no colo por cima de uma prancha até a terra. Sophie veio depois e nós entramos numa carruagem, que nos levou para uma casa grande e bonita, maior e mais fina que esta, chamada de hotel. Ficamos quase uma semana lá, e eu e Sophie saímos para passear todos os dias, num lugar grande e cheio de árvores chamado de parque. E tinha muitas crianças lá, além de mim, e um lago com uns pássaros bonitos. Eu dava migalhas para os passarinhos.

– Você consegue entendê-la, quando ela fala tão rápido? – perguntou Mrs. Fairfax.

Eu a entendia muito bem, pois estava acostumada com a língua fluente de Madame Pierrot.

– Gostaria que perguntasse a ela alguma coisa sobre seus pais – continuou a boa senhora. – Será que ela se lembra deles?

– Adele – eu perguntei – com quem você vivia quando morava nessa cidade limpa e bonita da qual me falou?

– Há muito tempo atrás eu vivia com a mamãe. Mas ela foi para junto da Virgem Santa. Mamãe me ensinava a dançar e cantar, e a dizer versos também. Muitos cavalheiros e damas importantes vinham ver a mamãe, e eu costumava dançar para eles, ou então sentava no colo deles e cantava. Eu gostava muito disso. Quer me ouvir cantar agora?

Ela havia acabado a refeição, assim permiti que desse uma pequena amostra de seus talentos. Adele desceu da cadeira e veio sentar-se no meu colo. Depois, cruzando as mãos com modéstia, jogando os cabelos para trás e levantando os olhos para o teto, começou a cantar uma ária de ópera. Tratava-se da história de uma dama abandonada, que vendo a perfídia do amado chama o orgulho em seu auxílio; deseja que ele a veja nas suas jóias mais brilhantes e nos mais ricos trajes, e resolve encontrar um falso amante no baile daquela noite, para provar-lhe, pela sua alegria e indiferença, quão pouco o abandono dele a afetou.

O tema parecia estranhamente inadequado para uma criança cantar. Imagino que o ponto alto da exibição consistia em ouvir as notas de amor e ciúme cantadas pela voz suave de uma criança. Mas era de muito mau gosto, pelo menos assim me pareceu.

Adele cantou com suficiente afinação, e com a ingenuidade própria da idade. Depois disso, pulou do meu colo e disse:

– Agora, mademoiselle, vou recitar um pouco de poesia.

Assumindo uma postura teatral, ela começou:

– *La ligue des rats: fable de La Fontaine*[\[3\]](#).

Declamou o pequeno texto com toda atenção à pontuação, à ênfase, às nuances de voz e aos gestos, o que era muito incomum na sua idade – e provava que fora cuidadosamente treinada.

– Foi a sua mamãe que lhe ensinou isso? – eu perguntei.

– Sim, e ela sempre dizia assim: “*Qu’avez vous donc? lui dit un des ces rats; parlez!*”^[4] Ela me fazia levantar a mão... assim... para me lembrar de levantar a voz quando dizia a pergunta. Agora quer que eu dance para você?

– Não, está bem assim. Mas depois que a sua mãe foi para junto da Virgem Santa, como você diz, com quem você vivia?

– Com Madame Fréderic e o marido dela. Ela tomou conta de mim, mas não é minha parenta. Acho que ela é pobre, pois a casa dela não era tão linda como a da mamãe. Eu não fiquei muito tempo lá. Mr. Rochester me perguntou se eu gostaria de viver com ele na Inglaterra, e eu disse que sim. Eu conhecia Mr. Rochester antes de conhecer Madame Fréderic, e ele sempre era bom para mim e me dava lindos vestidos e brinquedos. Mas ele não cumpriu sua promessa, você vê, pois me trouxe para a Inglaterra, mas foi embora e eu nunca o vejo.

Depois da refeição, Adele e eu nos retiramos para a biblioteca, cuja sala Mr. Rochester determinou que fosse usada para as aulas. A maior parte dos livros estava trancada nas estantes envidraçadas. Uma das estantes, porém, fora deixada aberta, e continha todos os livros necessários para o ensino elementar e vários volumes de literatura leve, poesia, biografias, viagens, alguns romances, etc. Creio que ele considerou que isso era tudo que uma governanta poderia precisar para suas leituras. E, na verdade, eles me satisfaziam amplamente no momento. Comparada com os raros volumes que eu tinha conseguido desencavar em Lowood, essa parecia uma farta colheita de entretenimento e informação. Nessa sala havia também um piano, novo em folha e de qualidade superior, além de um cavalete para pintura e um par de globos.

Achei minha aluna dócil o suficiente, ainda que pouco afeita à disciplina. Ela não estava acostumada a qualquer ocupação regular. Achei que seria pouco sensato confiná-la por muito tempo na primeira vez. Assim, depois de falar por bastante tempo e fazê-la aprender um pouquinho, já perto do meio-dia, permiti que voltasse para sua ama. Propus-me então a ocupar meu tempo até o almoço desenhando alguns esboços para utilizar nas aulas.

Estava subindo as escadas para pegar minha pasta e os lápis, quando Mrs. Fairfax me chamou:

– Já terminou as aulas da manhã, imagino.

Ela se encontrava num cômodo cujas portas estavam abertas. Entrei quando ela se dirigiu a mim. Era uma sala grande e imponente, com cadeiras cor de púrpura e cortinas, um tapete turco, as paredes forradas com painéis de nogueira, uma ampla janela de belos vidros sobrepostos, e um teto alto, finamente modelado. Mrs. Fairfax estava tirando o pó de alguns vasos de fina porcelana púrpura, arranjados sobre um aparador.

– Que sala bonita! – exclamei, olhando ao redor, pois nunca vira nada que tivesse nem metade dessa imponência.

– Sim, é a sala de jantar. Acabei de abrir as janelas, para deixar entrar um pouco de sol e de ar. Tudo fica muito úmido nas peças que são raramente habitadas. A sala de visitas, ali adiante, parece um túmulo.

Ela apontou para um enorme arco em frente à janela, fechado por uma cortina púrpura de Tiro, agora levantada. Subi até lá por dois largos degraus e, olhando para dentro, pensei vislumbrar um lugar paradisíaco, tão deslumbrante parecia aos meus olhos de noviça a visão daquele lugar. Ainda assim era apenas uma sala de visitas muito bonita, e anexa uma pequena sala íntima, ambas com carpetes brancos

decorados com flores coloridas e brilhantes e tetos decorados em branco com cachos de uva e folhas de videira. Debaixo deles, em rico contraste, havia sofás e otomanas carmesins. Sobre o console da lareira parisiense em cor clara, havia ornamentos de cristal da Boêmia vermelho-rubi, e os enormes espelhos entre as janelas repetiam a mistura geral de neve e fogo.

– Como a senhora mantém esses cômodos bem cuidados, Mrs. Fairfax! – eu disse. – Não há poeira, nem panos cobrindo os móveis. Se não fosse o ar frio, daria para pensar que são usados todos os dias.

– Sabe, Miss Eyre, apesar das visitas de Mr. Rochester serem raras, são sempre repentinas e inesperadas. E como eu sei que ele se aborrece de ver tudo coberto por panos, e todos se agitando para arrumar as coisas quando ele chega, achei melhor manter as salas em ordem.

– Mr. Rochester é um tipo de homem meticoloso e detalhista?

– Não muito. Mas ele tem os gostos e hábitos de um cavalheiro, e espera ter as coisas arranjadas de acordo com isso.

– A senhora gosta dele? Ele é benquisto por todos?

– Oh, sim! A família sempre foi muito respeitada por aqui. Quase todas as terras nas vizinhanças, tanto quanto a vista alcança, pertencem aos Rochester desde tempos imemoriais.

– Mas deixando as terras de lado, a senhora gosta dele? Ele é estimado por si próprio?

– Não tenho motivos para não gostar. E acredito que seus arrendatários o considerem um senhorio justo e generoso, mas ele nunca viveu muito entre eles.

– E ele não tem peculiaridades? Como é o caráter dele?

– Oh! Seu caráter é irrepreensível, eu creio. Um tanto peculiar, talvez. Acho que ele já viajou muito e conhece quase o mundo todo. Penso que é instruído, mas nunca conversei muito com ele.

– De que modo ele é peculiar?

– Não sei dizer ao certo... não é fácil de explicar. Não é nada surpreendente, mas você sente isso ao falar com ele. Nunca se pode dizer com certeza se ele está falando sério ou brincando, se está contente ou o contrário. Não dá para entendê-lo totalmente, pelo menos eu não consigo. Mas isso não tem importância, ele é um patrão muito bom.

Isso foi tudo que consegui de Mrs. Fairfax sobre o patrão dela e meu. Há pessoas que não sabem definir um caráter, ou observar e descrever os pontos importantes das pessoas ou das coisas. A boa senhora evidentemente pertencia a essa categoria. Minhas questões a confundiram, mas não a fizeram decidir-se. Aos olhos dela Mr. Rochester era apenas Mr. Rochester, um cavalheiro, um proprietário de terras... nada mais. Sua curiosidade terminava aí, e naturalmente se espantava com meu interesse em ter uma noção mais nítida da identidade dele.

Quando deixamos a sala de jantar, ela propôs mostrar-me o resto da casa. Eu a segui para cima e para baixo, pasma de admiração, pois tudo era bonito e bem decorado. Os quartos da frente eram especialmente grandes e imponentes, e alguns do terceiro andar, embora escuros e abafados, tornavam-se interessantes pelo seu ar de antiguidade. Os móveis dos quartos mais baixos eram eventualmente levados para lá, à medida que a moda mudava. E a iluminação deficiente, proporcionada pelas janelas estreitas, mostrava cabeceiras de cama de cem anos atrás; baús em carvalho ou nogueira com estranhos relevos de palmas ou cabeças de querubins, parecidos com as arcas hebraicas; fileiras de veneráveis cadeiras, estreitas e de espaldar alto; bancos ainda mais antiquados, cujos assentos estofados mostravam os traços

de antigas tapeçarias, tecidas por dedos que estavam na poeira do túmulo há duas gerações. Todas essas relíquias davam ao terceiro andar de Thornfield Hall o aspecto de um lar do passado, um santuário da memória. Eu gostava da quietude, da escuridão e do aspecto exótico desses ambientes retirados, mas apenas durante o dia. Jamais me permitiria passar a noite numa daquelas camas largas e pesadas. Alguns dos quartos eram fechados por portas de carvalho, outros por tapeçarias inglesas antigas, com trabalhos rústicos representando estranhas flores, pássaros bem mais estranhos, e seres humanos mais estranhos ainda... Tudo isso teria parecido bem estranho, de fato, à pálida luz do luar.

– Os criados dormem nesses quartos? – perguntei.

– Não, ocupam um grupo de apartamentos menores nos fundos. Ninguém nunca dorme aqui. Pode-se até dizer que, se existe um fantasma em Thornfield Hall, esse seria o seu refúgio.

– Também acho. Então não há fantasmas aqui?

– Que eu saiba, nenhum – respondeu Mrs. Fairfax, sorrindo.

– Nem sequer uma tradição? Não há nenhuma lenda ou história de fantasmas?

– Acho que não. Ainda assim dizem que os Rochester eram um tanto violentos em épocas passadas. Talvez seja por isso que agora dormem tranquilos nos seus túmulos.

– Sim... *“depois da febre festiva da vida, eles dormem bem”* [5] – eu murmurei. – Mas onde está indo, Mrs. Fairfax?

– Vou até o terraço. Quer ver a vista de lá?

Eu a segui por uma escada muito estreita até o sótão. Dali, subimos por uma escadinha de ferro e, depois de abrir um alçapão, saímos no telhado. De onde estava agora eu podia ver os ninhos dos corvos. Inclinando-me sobre as ameias, olhei à distância para os campos dispostos como num mapa. O gramado brilhante e aveludado que circundava a base cinza da mansão. O vasto parque coberto de árvores antigas. O bosque, escuro e cerrado, atravessado por um caminho visivelmente coberto de vegetação, mais verde com o musgo do que as árvores com a folhagem. A igreja e os portões, a estrada, as montanhas tranquilas, tudo repousava sob o sol daquele dia de outono. O horizonte limitado por um oportuno céu azul, que as nuvens pintavam com tufo de branco-perolado. Não havia nada de extraordinário naquela cena, mas tudo era agradável. Quando descí e passei de novo pelo alçapão, mal podia enxergar a escada abaixo. O sótão parecia negro como um túmulo, comparado ao arco de céu azul que havia me encantado, e ao ensolarado cenário do bosque, das pastagens e das montanhas verdes em cujo centro ficava a casa – e que eu admirara com tanto deleite.

Mrs. Fairfax ficou para trás um momento, para fechar o alçapão. Tateando às cegas, achei a entrada para o sótão e comecei a descer pela estreita escadinha. Entrei pelo longo corredor que separava os quartos da frente e dos fundos, no terceiro andar. O corredor era estreito, abafado e escuro, com apenas uma pequena janelinha no final e – com suas longas fileiras de portas fechadas, pequenas e escuras – parecia com alguma passagem do castelo do Barba Azul.

Enquanto caminhava sem fazer barulho, o último som que eu esperava ouvir num lugar tão quieto feriu-me os ouvidos: um riso. Era um riso curioso: distinto, maquinal e horripilante. Parei. O riso cessou, mas apenas por um instante. Depois recomeçou mais alto, pois a princípio, apesar de distinto, era muito baixo. Expandia-se pelo ar numa enorme gargalhada, que parecia provocar um eco em cada quarto vazio. A origem do riso estava num daqueles quartos, e eu podia apontar a porta da qual ele vinha.

– Mrs. Fairfax! – chamei, ao ouvi-la descendo as escadas. – A senhora está ouvindo esse riso

alto? De quem é?

– De alguma das criadas, provavelmente – ela respondeu. – Talvez Grace Poole.

– A senhora está ouvindo? – perguntei de novo.

– Sim, claramente. Eu a escuto muitas vezes. Ela costuma costurar num desses quartos, às vezes Leah a acompanha. Elas fazem um bocado de barulho juntas.

O riso repetiu-se num tom mais grave, silábico, e terminou num murmúrio estranho.

– Grace! – exclamou Mrs. Fairfax.

Eu realmente não esperava que nenhuma Grace respondesse. O riso era o mais trágico e sobrenatural que eu já ouvira. E, se não fosse pleno meio-dia, se eu não soubesse que os fantasmas não se fazem acompanhar desse curioso gargalhar, e se o cenário e a beleza da estação não espantassem o pânico, teria sentido um medo supersticioso. No entanto, o acontecimento me mostrou que eu era uma tola por mostrar até mesmo alguma surpresa.

Abriu-se a porta mais próxima e uma criada apareceu – mulher entre trinta e quarenta anos, figura quadrada e rígida, ruiva, rosto duro e comum. Dificilmente se poderia imaginar uma figura menos romântica ou menos fantasmagórica.

– Está fazendo muito barulho, Grace – disse Mrs. Fairfax. – Lembre-se das ordens!

Grace fez uma reverência em silêncio e saiu.

– É uma pessoa que temos para costurar e ajudar Leah com o trabalho da casa – continuou a viúva. – Embora não seja perfeita, sabe fazer algumas coisas suficientemente bem. Por falar nisso, como se saiu com sua aluna hoje de manhã?

Assim, a conversa mudou para Adele, e continuamos até chegar ao iluminado e acolhedor andar térreo. Adele veio correndo em nossa direção, exclamando:

– *Mesdames, vous êtes servies!* – e acrescentou – *J'ai bien faim, moi!*^[6]

Encontramos o almoço pronto e esperando por nós no apartamento de Mrs. Fairfax.

[1] Em francês no original: “É a minha governanta?”

[2] Em francês no original: “Sim, certamente.”

[3] Em francês no original: “A liga dos ratos: fábula de La Fontaine.”

[4] Em francês no original: “Que é que você tem? diz-lhe um dos ratos; fale!”

[5] Citação de Shakespeare, em “Macbeth”, ato III, cena II. No original: “After life’s feastful fever he sleeps well”.

[6] Em francês no original: “Senhoras, o almoço está servido! Estou com muita fome!”

CAPÍTULO 12

A perspectiva de uma carreira tranquila, que a minha calma introdução à Thornfield Hall parecia prometer, não foi desmentida com o conhecimento mais profundo do lugar e dos seus habitantes. Mrs. Fairfax revelou-se o que realmente parecia: uma pessoa de temperamento plácido, natureza bondosa, boa educação e inteligência mediana. Minha aluna era uma menina viva, que havia sido mimada, e por isso às vezes era um tanto voluntariosa. Mas como foi confiada inteiramente aos meus cuidados, e não havia interferência de parte alguma que prejudicasse meus planos para sua educação, ela logo esqueceu seus pequenos ataques e tornou-se obediente e dócil. Não possuía grandes talentos, nenhum traço marcante de caráter, nenhum desenvolvimento singular de gosto ou sentimentos que a elevasse uma polegada sequer acima do nível normal da infância. Mas também não tinha deficiência ou vício algum que a deixasse abaixo disso. Fez progressos razoáveis, e mantinha por mim uma ardente afeição, embora talvez não fosse profunda. E sua simplicidade, sua alegre tagarelice e seus esforços para me agradar, inspiraram-me, em retorno, um grau de afeição suficiente para deixar a nós ambas contentes com o relacionamento.

Isso, verdade seja dita, seria chamado de frieza de linguagem por aquelas pessoas que nutrem solenes doutrinas sobre a natureza angelical das crianças e a obrigação das pessoas encarregadas da sua educação de lhes votar uma idolatrada devoção. Mas não estou escrevendo para exaltar a vaidade dos pais, fazer eco à hipocrisia ou apoiar falsidades. Estou apenas dizendo a verdade. Sentia uma conscienciosa preocupação com o bem estar e o progresso de Adele, e um grande apreço por seu pequenino ser, da mesma forma que era grata a Mrs. Fairfax pela sua bondade, e pelo prazer da sua companhia, proporcionado pelo tranquilo afeto que ela tinha por mim e a moderação de sua mente e caráter.

E quem quiser pode culpar-me, se eu ainda disser mais do que isso. Vez por outra, quando fazia uma caminhada sozinha pelo parque, ou quando ia até os portões e olhava a estrada mais além, ou então – enquanto Adele brincava com a ama e Mrs. Fairfax fazia geleias na despensa – subia os três lances de escada, levantava o alçapão do sótão e chegava até as ameias, olhando em direção às montanhas e campos e mais além da vaga linha do horizonte... que eu aspirava um poder de visão que pudesse transpor aquele limite. Que atingisse o mundo movimentado, as cidades e regiões trepidantes de vida de que ouvira falar, mas nunca vira. Nesses momentos desejava mais experiência prática do que possuía, mais relacionamento com a minha espécie, mais conhecimento das variedades de caráter do que eu tinha ao meu alcance. Valorizava o que havia de bom em Mrs. Fairfax e em Adele, mas acreditava na existência de outros e mais vívidos tipos de bondade. E o que eu supunha existir, queria ver de perto.

Quem poderia culpar-me? Muitos, sem dúvida, e me chamariam de descontente. Mas eu não podia evitar: a inquietação estava na minha natureza e às vezes arrastava-me ao sofrimento. Então, meu único consolo era caminhar pelo corredor do terceiro andar, de um lado a outro, segura no silêncio do lugar, e deixar que os olhos da mente pousassem nas brilhantes visões que surgiam diante deles. E, certamente, eram profusas e radiantes. Assim permitia que o meu coração suspirasse pelo movimento exultante, que apesar de lançá-lo num turbilhão, enchia-o de vida. E, melhor do que tudo, abria o meu ouvido interior para um conto que nunca tinha fim – um conto que minha imaginação criara e narrava continuamente. História cheia de acontecimentos, de vida, fogo, sentimentos e emoção – coisas que eu desejava e não possuía na minha vida atual.

É inútil dizer que os seres humanos devem contentar-se com a tranquilidade. Eles precisam de ação. E tem que buscá-la, se ela não vier ao seu encontro. Milhões são condenados a uma vida mais pacata do que a minha, e milhões se revoltam em silêncio contra a sorte. Ninguém sabe quantas rebeliões, além das políticas, fermentam nas massas de homens ao redor da terra. Supõe-se que as mulheres devem ser bem calmas, geralmente, mas elas sentem o mesmo que os homens. Precisam de exercício para suas faculdades mentais, e campo para os seus esforços, tanto quanto seus irmãos. Sofrem com restrições muito rígidas, com a estagnação absoluta, exatamente como os homens devem sofrer na mesma situação. E é uma estreiteza de mente de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas devem ficar limitadas a fazer pudins, tricotar meias, tocar piano e bordar bolsas. É insensatez condená-las, ou rir delas, se procurarem fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou que é necessário ao seu sexo.

Quando estava assim sozinha, frequentemente ouvia a risada de Grace Poole. A mesma gargalhada, o mesmo baixo e lento ha! ha! ha! – que me fizera tremer ao ouvi-lo pela primeira vez. Ouvia também seus murmúrios excêntricos, mais estranhos que seu riso. Havia dias em que ela ficava quase em silêncio, mas em outros suas risadas eram incontáveis. Algumas vezes a via, saindo do quarto com uma tigela, um prato ou uma bandeja na mão, indo até a cozinha e voltando rapidamente, geralmente (ah! leitor romântico, perdoe-me se digo a simples verdade!) carregando uma caneca de cerveja preta. Sua aparência sempre parecia uma ducha de água fria na curiosidade despertada por suas esquisitices orais: feições grosseiras e sombrias, não tinha nada para atrair o interesse. Fiz algumas tentativas para conversar, mas ela parecia uma pessoa de poucas palavras: uma resposta monossilábica geralmente cortava qualquer tentativa desse tipo.

Os outros membros da casa, a saber, John e a esposa, Leah, a responsável pelo cuidado da casa e Sophie, a ama francesa, eram boas pessoas, mas sem maiores atrativos. Com Sophie eu falava francês, e algumas vezes lhe fazia perguntas sobre sua terra natal. Mas ela não tinha pendor para a narração ou descrição, e normalmente dava respostas tão insípidas e confusas que mais pareciam destinadas a desestimular do que a incentivar perguntas.

Outubro, novembro e dezembro passaram. Certa manhã de janeiro, Mrs. Fairfax pediu-me que desse uma folga para Adele, que estava resfriada. E como Adele secundou o pedido com um ardor que me lembrou o quanto eram preciosos os feriados que eu tinha na minha infância, acabei por concordar. Achei que tinha feito bem em ceder aos pedidos. Era um dia bonito e calmo, embora frio. Cansei-me de ficar sentada na biblioteca durante toda aquela longa manhã. Mrs. Fairfax acabara de escrever uma carta que precisava ser postada, assim coloquei o chapéu e a capa e me ofereci para levá-la ao correio em Hay. A distância até lá, três quilômetros, seria uma agradável caminhada numa tarde de inverno. Depois de ver Adele sentada em sua cadeirinha junto à lareira da sala de estar de Mrs. Fairfax, de ter dado a ela sua melhor boneca (que eu normalmente mantinha embrulhada em papel laminado dentro de uma gaveta) para brincar e um livro de histórias para variar de distração, respondi com um beijo ao seu “*Revenez bientot, ma bonne amie, ma chère Mlle. Jeannette*”^[1], e saí.

O terreno estava firme, o ar estava quieto e a estrada solitária. Caminhei depressa até me aquecer, depois diminuí o passo para apreciar e analisar os variados prazeres que a hora e a situação me ofereciam. O relógio da igreja bateu três horas quando passei junto ao campanário. O encanto daquele momento devia-se ao crepúsculo que se aproximava, ao sol poente com seu pálido calor. Eu já estava a um quilômetro e meio de Thornfield, num trecho da estrada famoso por suas rosas selvagens no verão e pelas nozes e amoras silvestres no outono. Ainda agora possuía alguns belos espinheiros, mas seu maior prazer consistia na total solidão e na calma das árvores nuas. Se um sopro de vento passasse, não faria

barulho algum aqui, pois não havia nem um azevinho, nem uma sempre-viva para farfalhar, e os espinheiros e aveleiras nuas estavam tão imóveis quanto as pedras brancas e gastas que calçavam o meio da estrada. Mais ao longe, de cada lado do caminho, havia apenas as amplas pastagens, agora desertas. E os pequenos pássaros marrons, que voavam ocasionalmente nas sebes, pareciam dispersas folhas secas que se esqueceram de cair.

A estrada subia montanha acima, na direção de Hay. Chegando ao alto, sentei-me numa porteira que dava para um prado. Enrolada na capa e com as mãos abrigadas no agasalho, não sentia o frio, embora fosse intenso – como provava o manto de gelo que cobria o caminho, onde alguns dias atrás havia um pequeno regato, agora congelado. Do lugar em que estava eu podia ver Thornfield à distância, lá embaixo. A casa cinza com suas ameias era a vista principal do vale. Seus bosques e os escuros ninhos de gralhas erguiam-se a oeste. Fiquei sentada até que o sol se escondeu atrás das árvores, onde mergulhou em reflexos brancos e vermelhos, cheios de brilho. Então olhei para o leste.

No alto da colina à minha frente surgiu a lua. Ainda pálida como uma nuvem, embora brilhando de quando em quando. Parecia cobrir o vilarejo de Hay que, meio perdido no meio das árvores, lançava ao ar a fumaça azul das suas poucas chaminés. Ainda faltava um quilômetro e meio, mas no silêncio absoluto eu podia ouvir seus suaves murmúrios de vida. Meu ouvido também captava o fluxo das águas, mas não saberia dizer em que pedras ou profundezas se moviam. Mas havia muitas montanhas para além de Hay e, sem dúvida, muitos regatos passavam por ali. Esse calmo entardecer traía tanto o rumor dos riachos próximos quanto o suspiro dos mais distantes.

Um ruído abrupto, ao mesmo tempo distante e nítido, sobrepôs-se a esses murmúrios e sussurros. Um toc-toc metálico, bastante audível, que suplantava o suave murmurar dos riachos. Como numa tela a sólida massa de um rochedo, ou o grosso tronco de um grande carvalho, pintados no primeiro plano, suplantam a distante montanha azulada, o horizonte ensolarado e as nuvens indefinidas ao fundo, onde as tintas se misturam.

O ruído vinha da estrada: um cavalo se aproximava. Ainda estava encoberto pelas curvas do caminho, mas aproximava-se. Eu estava justamente deixando a porteira, mas como o caminho era estreito, fiquei sentada para esperar que ele passasse. Naquela época eu era muito jovem e todos os tipos de fantasias, belas e horríveis, acudiam à minha mente. As memórias das histórias de criança estavam lá, entre outras bobagens. E agora, ao recordá-las, minha juventude emprestava-lhes um vigor e uma vivacidade que a infância não poderia lhes dar. Enquanto esperava que o cavalo aparecesse em meio ao crepúsculo, lembrei-me de algumas das histórias de Bessie em que figurava um espírito da Inglaterra-do-Norte chamado de “Gytrash”. Na forma de uma mula, de um cavalo ou de um enorme cão, assombrava os caminhos desertos e às vezes atacava os viajantes retardatários, como aquele cavalo que agora vinha em minha direção.

Ele agora estava bem perto, apesar de fora de vista. Nesse momento, além do toc-toc, ouvi um roçar nas sebes, e um cão enorme surgiu, passando entre as aveleiras – um cão branco e preto que se destacava entre as árvores. Tinha a forma exata do Gytrash de Bessie – uma criatura parecida com um leão, com pelo longo e a cabeça enorme – mas passou calmamente por mim, não me olhou no rosto com seus estranhos olhos caninos, como pensei que fosse fazer. Em seguida vi o cavalo – uma montaria alta, carregando um cavaleiro. O homem, um ser humano, afinal quebrou o encanto. Ninguém jamais montava o Gytrash – ele estava sempre sozinho. E os duendes, tanto quanto eu sabia, embora pudessem ocupar as mudas carcaças das bestas, dificilmente iriam cobiçar a forma comum de um homem. Esse não era um Gytrash – apenas um cavaleiro tomando um atalho para Millcote. Ele passou e eu segui meu caminho.

Mas dei alguns passos e voltei-me: o som de um escorregão, a exclamação “Que diabos faço agora?” e um baque violento prenderam minha atenção. Homem e cavalo estavam no chão. O cavalo escorregara na lâmina de gelo que cobria o caminho. O cão acudiu, e vendo seu mestre em apuros e o cavalo relinchando, começou a latir até que as montanhas distantes ecoassem o som – que era muito forte, proporcional ao seu tamanho. Ele farejou em volta do grupo caído e correu para mim. Era tudo que podia fazer, não havia qualquer outro tipo de ajuda para chamar. Eu o obedeci e caminhei de volta em direção ao viajante, que a essa hora lutava para se livrar do animal. Pelos seus esforços vigorosos percebi que não estava muito ferido. Mas perguntei mesmo assim:

– Está ferido, senhor?

Acho que ele estava praguejando, mas não tenho certeza. No entanto, resmungava alguma coisa que o impedia de responder-me imediatamente.

– Posso ajudá-lo em alguma coisa? – perguntei de novo.

– Apenas fique afastada – ele respondeu, enquanto se levantava, primeiro sobre os joelhos, depois sobre os pés.

Fiz o que ele pedira. Então começou um tumulto de puxões, arquejos, bater de pés e algazarra, acompanhado de latidos e acuos que me manteve efetivamente alguns passos para trás. Mas não fui embora antes de ver o que aconteceria. Finalmente ele teve sucesso. O cavalo se aprumou e o cão foi silenciado com um “Quieto, Pilot!” O viajante então abaixou-se e procurou sentir o pé e a perna, para ver se estavam ilesos. Aparentemente alguma coisa o afligia, pois ele parou na porteira que eu acabara de deixar e sentou-se.

Eu estava disposta a ser útil, ou pelo menos intrometida, pois voltei para junto dele.

– Se o senhor está ferido, posso tentar chamar alguém de Thornfield Hall ou de Hay.

– Obrigado. Eu me arrango. Não tenho nenhum osso quebrado, foi só uma torção.

E novamente se levantou e testou o pé, mas o esforço resultou num “Ai!” involuntário.

Ainda havia um resquício de luz do dia, e como a lua estava brilhante eu podia vê-lo claramente. Estava envolto numa capa de viagem, com gola de pele e presilhas de metal. Não via muitos detalhes, mas notei de forma geral a altura mediana e o tórax consideravelmente largo. Tinha a face morena, de traços severos e semblante fechado. Seus olhos e sobrancelhas franzidas pareciam cheios de cólera. Já não era jovem, mas ainda não chegara à meia-idade. Trinta e cinco anos, talvez. Não tive medo dele, só um pouco de timidez. Se ele fosse um jovem cavalheiro, bonito e heroico, não teria ousado parar ali questionando-o contra sua vontade, e oferecendo meus serviços não solicitados. Eu raramente vira um jovem bonito, e nunca falara com um em toda a minha vida. Tinha uma reverência teórica pela beleza, a elegância, a galanteria e a fascinação. Mas se encontrasse essas qualidades encarnadas na forma masculina, saberia imediatamente que elas jamais poderiam ter simpatia por alguém como eu, e as teria evitado como faria com o fogo, a luz, ou qualquer coisa que fosse brilhante, mas hostil.

Se ao menos esse estranho tivesse sorrido e se mostrado bem humorado comigo, se tivesse dispensado minha oferta de ajuda de modo educado e agradecido, eu teria seguido meu caminho sem fazer mais perguntas. Mas o cenho franzido e a rudeza do viajante me deixaram à vontade. Mantive-me firme quando ele me acenou para ir embora, e anunciei:

– Enquanto o senhor não estiver em condições de montar, não posso deixá-lo neste lugar deserto a uma hora tão tardia.

Ele me encarou quando eu disse isso. Antes, mal tinha voltado os olhos na minha direção.

– Acho que você é quem deveria estar em casa agora – ele disse – se é que reside na vizinhança.

De onde está vindo?

– Vim lá de baixo. E realmente não tenho medo de andar à noite, quando há luar. Posso ir correndo até Hay, com prazer. Na verdade, estou mesmo indo para lá postar uma carta.

– Então mora ali embaixo... quer dizer, na casa com as ameias? – e apontou para Thornfield Hall, sobre a qual o luar jogava uma luz esbranquiçada, mostrando-a distinta e pálida em meio aos bosques. Estes agora pareciam uma massa de sombra, em contraste com o céu do oeste.

– Sim, senhor.

– De quem é aquela casa?

– De Mr. Rochester.

– Conhece Mr. Rochester?

– Não, nunca o vi.

– Ele não reside lá, então?

– Não.

– Pode me dizer onde ele está?

– Não sei.

– Você não é uma criada, é evidente. Deve ser... – ele parou.

Passeou o olhar pelas minhas roupas que, como sempre, eram bastante simples: uma capa modesta de lã preta, um boné de castor preto. Nenhum deles tinha a metade da beleza necessária para o traje da criada de uma dama. Ele parecia indeciso quanto ao que eu era. Ajudei-o.

– Sou a governanta.

– Ah! A governanta! – ele repetiu. – Diabos me levem se eu não esqueci! A governanta! – E de novo a minha indumentária passou por um escrutínio.

Em dois minutos ele se levantou da porteira. Quando tentou se mover, sua expressão foi de dor.

– Não posso encarregá-la de buscar auxílio – ele disse – mas você mesma pode me ajudar um pouco, se fizer a bondade.

– É claro, senhor.

– Não teria uma sombrinha que eu possa usar como apoio?

– Não.

– Tente segurar as rédeas do cavalo e traga-o para mim. Não tem medo?

Eu teria medo de tocar num cavalo se estivesse sozinha, mas quando ele me pediu para fazê-lo dispus-me a obedecer. Tirei o agasalho das mãos e coloquei-o sobre a porteira. Tentei pegar as rédeas, mas o animal estava agitado e não me deixaria chegar perto da cabeça. Fiz vários esforços, todos em vão. Estava com um medo mortal de que ele me desse um coice. O viajante esperou, observando, durante algum tempo, e então deu uma risada.

– Bem – ele disse – já que a montanha nunca virá a Maomé, então terá que ajudar Maomé a ir até a montanha. Peço-lhe que venha até aqui.

Eu fui.

– Desculpe-me – ele continuou – a necessidade me obriga a utilizá-la.

Colocou uma mão pesada sobre o meu ombro e, apoiando-se em mim com algum esforço, moveu-se com dificuldade até o cavalo. Pegando o bridão, dominou-o e subiu para a sela. Fez uma careta enquanto subia, pois movimentara os músculos machucados.

– Agora – ele disse, distendendo os lábios – apenas me alcance o rebenque; ficou lá embaixo da porteira.

Fui procurá-lo e o trouxe.

– Obrigado. Agora se apresse para levar sua carta a Hay, e volte o mais rápido que puder.

Um toque da espora fez o cavalo agitar-se e retroceder, e então partiu. O cão seguiu apressado no rastro deles, e os três desapareceram de vista.

“Como a urze que no descampado, o vento selvagem dispersa”.[\[2\]](#)

Peguei meu agasalho e segui em frente. Para mim o incidente já estava encerrado. Foi um *incidente*, sem romance nem interesse em certo sentido. Ainda assim marcou com alguma agitação uma única hora de uma vida monótona. Minha ajuda foi pedida e foi necessária, e eu a tinha dado. Fiquei feliz por ter feito alguma coisa. Apesar de aspecto trivial e transitório da minha ação, tinha sido uma coisa ativa, e eu estava cansada da passividade da minha existência. O rosto, novo para mim, foi como um novo quadro introduzido na galeria da memória, e era diferente de todos que já estavam pendurados lá. Primeiro, porque era masculino. Depois porque era moreno, forte e severo. Ainda estava vivo na minha mente quando cheguei a Hay e despachei a carta no correio. Eu o via durante todo o caminho para casa, descendo a colina. Quando cheguei à porteira, parei um minuto, olhei ao redor e escutei, achando que poderia ouvir o barulho das patas de um cavalo, e de novo aparecesse um cavaleiro com uma capa e um cão parecido com o Gytrash. Vi apenas a encosta da montanha e um salgueiro desfolhado à minha frente, elevando-se reto e tranquilo na direção do luar. Ouvi apenas a fraca aragem passando por entre as árvores que circundavam Thornfield, mais de um quilômetro adiante. E, quando olhei na direção do murmúrio, meus olhos percorreram a fachada da casa e viram luz numa das janelas. Lembrei-me de que já era tarde e apressei o passo.

Não gostei de voltar a Thornfield. Passar pelos portões era retornar à estagnação. Cruzar o saguão silencioso, subir a escada escura e entrar no meu pequeno quarto solitário, e então encontrar a tranqüila Mrs. Fairfax e passar a longa noite de inverno com ela, e apenas com ela, seria como sufocar totalmente a suave excitação despertada pelo passeio... e mergulhar outra vez todos os meus sentidos nos grilhões invisíveis de uma vida uniforme e sossegada. De uma vida cujos privilégios de segurança e facilidades eu estava me tornando incapaz de apreciar. Que bem teria me feito, naquela época, ser jogada nas incertezas de uma vida de lutas, e aprender, com as experiências duras e amargas, a ansiar pela calma em meio a qual eu agora me lamentava! Sim, tanto bem quanto teria feito uma longa caminhada a um homem cansado de ficar sentado numa cadeira “confortável demais”. E meu desejo de movimento, nas minhas atuais circunstâncias, era tão natural quanto teria sido o dele.

Demorei-me nos portões. Demorei-me no jardim. Fiquei andando de um lado a outro na calçada. As persianas da porta envidraçada estavam abaixadas e eu não podia ver o interior. Tanto os meus olhos quanto o meu espírito pareciam querer afastar-se daquele triste casarão, daquela massa cinzenta cheia de células sombrias, e dirigir-se ao céu que se expandia sobre mim, como um mar azul sem manchas de nuvens. A lua se elevava em sua solene marcha para o alto, como se quisesse deixar para trás os topos

das montanhas de onde surgira. E, cada vez mais alto, aspirava ao zênite – escura meia-noite na sua profundidade insondável e distância imensurável – e à companhia daquelas estrelas tremeluzentes que lhe seguiam o curso. Ao vê-las, sentia meu coração agitado e meu sangue latejando nas veias. Mas são as pequenas coisas que nos chamam de volta à terra: o relógio bateu no saguão, e foi o que bastou. Dei as costas à lua e às estrelas, abri uma porta lateral e entrei.

O saguão não estava escuro, nem iluminado apenas pela lâmpada de bronze pendurada no teto. Um brilho suave se alastrava por ele e pelos degraus mais baixos da escada de carvalho. Aquele fulgor róseo vinha da sala de jantar, cujas portas duplas estavam abertas e mostravam um esplêndido fogo na lareira, luzindo nos mármore e nos metais e revelando, na sua mais bela radiância, as tapearias púrpura e os móveis envernizados. Mostrava também um grupo de pessoas junto ao consolo da lareira. Mal tinha visto o grupo e me dado conta da mistura de vozes, entre as quais distingui a de Adele, quando a porta se fechou.

Apressei-me em direção à saleta de Mrs. Fairfax. Ali também havia um fogo, mas nenhum candeeiro e nem Mrs. Fairfax. Em vez disso, sozinho, sentado no tapete e olhando fixo para o fogo, vi um cão enorme, de longo pêlo branco e preto, bem parecido com o Gytrash da estrada. Era tão parecido que fui até ele e chamei “Pilot”, e aquela coisa levantou-se e veio farejar-me. Eu o acariciei e ele abanou a enorme cauda. Mas parecia uma criatura assustadora para se ficar sozinha e eu não atinava como viera parar ali. Toquei o sino para pedir um candeeiro, e também uma explicação para a presença daquele visitante. Leah atendeu.

– Que cão é este?

– Ele veio com o patrão.

– Com quem?

– Com o patrão... Mr. Rochester. Ele acaba de chegar.

– É mesmo? E Mrs. Fairfax está com ele?

– Sim, e também Miss Adele. Estão na sala de jantar e John foi buscar o médico, pois o patrão sofreu um acidente. Seu cavalo caiu e ele machucou o tornozelo.

– E foi na estrada de Hay que o cavalo caiu?

– Sim, descendo a montanha. Escorregou no gelo.

– Ah! Pode me trazer um candeeiro, Leah?

Leah voltou com o candeeiro, seguida de Mrs. Fairfax, que repetiu as novidades. Acrescentou que Mr. Carter, o médico, já chegara e estava com Mr. Rochester nesse momento. Depois saiu apressada para providenciar o chá, e eu subi para trocar de roupa.

[1] Em francês no original: “Volte logo, minha boa amiga, minha cara Srta. Janete.”

[2] Verso do poeta irlandês Thomas Moore (1779/1852).

CAPÍTULO 13

Por ordem do médico, parece, Mr. Rochester foi cedo para a cama naquela noite. E também não se levantou cedo na manhã seguinte. Quando desceu foi para tratar de negócios. Seu procurador e alguns dos arrendatários haviam chegado, e esperavam para falar com ele.

Adele e eu tivemos que liberar a biblioteca, que seria necessária diariamente para receber os visitantes. Uma lareira foi acesa num dos apartamentos do andar superior, levei nossos livros para lá e arrumei-o para servir de sala de aulas. Durante a manhã percebi que Thornfield Hall estava mudada. Não havia mais aquela solidão de igreja. A cada hora soava uma batida na porta, ou o sino tocava. Havia gente também cruzando as escadas a todo o momento, e se ouviam novas vozes, em diferentes tons, no andar de baixo. Um sopro do mundo exterior corria pela casa. Agora havia um patrão. Para mim era melhor.

Não foi fácil ensinar Adele naquele dia. Ela não conseguia se concentrar. Passou o tempo correndo até a porta e olhando sobre o corrimão, para ver se conseguia vislumbrar Mr. Rochester. Ou procurava pretextos para ir ao andar de baixo, para a biblioteca, como eu sabiamente suspeitava, onde sua presença era indesejada. Então, quando me aborreci um pouco com ela e a fiz sentar-se quieta, continuou a falar sem parar em seu “*ami, Monsieur Edouard Fairfax de Rochester*” como ela o chamava (eu ainda não ouvira seus prenomes) e a conjecturar quais os presentes que lhe trouxera. Parece que ele insinuara na noite passada que, quando seus pertences chegassem de Millcote, haveria uma pequena caixa que poderia interessá-la.

– *Et cela doit signifier* – disse ela – *qu’il aura là dedans un cadeau pour moi, et peut-être pour vous aussi, mademoiselle. Monsieur a parlé de vous ; il m’a demandé le nom de ma gouvernante, et si elle n’était pas une petite personne, assez mince et un peu pâle. J’ai dit qu’oui: car c’est vrai, n’est pas, mademoiselle?* [\[1\]](#)

Eu e minha aluna almoçamos na sala de Mrs. Fairfax, como de costume. À tarde nevou e fez frio e ficamos na sala de aulas. No final da tarde permiti a Adele largar os livros e os trabalhos e correr para o andar de baixo, pois pelo relativo silêncio, e pelo cessar dos toques na campainha, imaginei que agora Mr. Rochester estaria livre. Sozinha, fui até a janela. Mas não conseguia ver nada lá fora, pois a fraca luz do crepúsculo somada aos flocos de neve que caíam sem cessar turvavam o ar, e impediam a vista até dos arbustos no gramado. Fechei a cortina e voltei para junto da lareira.

Estava olhando as brasas e imaginando uma paisagem, não muito diferente de uma gravura que vira do castelo de Heidelberg, no Reno, quando Mrs. Fairfax entrou, quebrando com sua presença o belo mosaico que eu estivera montando, e espantando também alguns pensamentos indesejáveis, que começavam a povoar minha solidão.

– Mr. Rochester gostaria que você e a sua aluna tomassem chá com ele esta tarde, na sala de visitas – disse ela. – Ele esteve tão ocupado o dia todo, que não pôde solicitar sua companhia antes.

– A que horas ele toma chá?

– Às seis, ele gosta de fazer as refeições cedo aqui no campo. Seria melhor trocar seu vestido agora, vou junto para ajudá-la. Aqui está o candeeiro.

– É preciso trocar de roupa?

– Sim, seria melhor. Eu sempre me visto para a noite quando Mr. Rochester está aqui.

Essa cerimônia adicional me pareceu um tanto pomposa. No entanto, dirigi-me ao quarto e, com a ajuda de Mrs. Fairfax, troquei meu vestido preto caseiro por outro de seda preta. Era o melhor que eu tinha e o único sobressalente, além de um cinza claro que, nas minhas noções de elegância adquiridas em Lowood, considerava por demais requintado e próprio apenas para ocasiões muito especiais.

– Coloque um broche – disse Mrs. Fairfax.

Eu tinha apenas um pequeno adorno de pérola, que Miss Temple me dera como recordação na minha despedida. Coloquei-o e descemos as escadas. Pouco acostumada a estranhos, era como uma prova aparecer assim formalmente convocada à presença de Mr. Rochester. Deixei que Mrs. Fairfax tomasse a dianteira na sala de jantar, e fiquei à sua sombra enquanto cruzamos o aposento. Passando o arco, cuja cortina agora estava erguida, entramos na elegante sala.

Dois candeeiros brilhavam sobre a mesa e dois outros no consolo da lareira. Aquecendo-se à luz e ao calor de um soberbo fogo, jazia Pilot. Adele ajoelhava-se ao lado dele. Mr. Rochester, meio reclinado no sofá, apoiava o pé numa banquetta estofada e olhava para Adele e o cão. A luz do fogo atingiu em cheio a sua face. Reconheci o meu viajante, com suas sobrancelhas espessas e arqueadas, a fronte quadrada, ainda mais angulosa pelo corte horizontal do cabelo negro. Reconheci o nariz enérgico, mais notável pelo caráter do que pela beleza e as narinas infladas que eu julgava denotarem irritação. A boca, o queixo e a mandíbula eram cruéis... sim, todos os três eram bastante cruéis, posso afirmar. A silhueta, agora sem a capa, me pareceu em harmonia com a fisionomia quadrada. Achei que era uma bela figura, no sentido atlético do termo. Peito largo e corpo esbelto, embora não fosse alto nem gracioso.

Mr. Rochester devia ter sido avisado da entrada de Mrs. Fairfax e minha, mas parecia não querer notar a nossa presença. Nem sequer levantou a cabeça enquanto nos aproximávamos.

– Aqui está Miss Eyre, senhor – disse Mrs. Fairfax, no seu modo calmo.

Ele fez uma pequena reverência, sem tirar os olhos da criança e do cachorro.

– Convide Miss Eyre a sentar – disse ele.

Havia algo na sua cortesia forçada, no tom impaciente apesar de formal, que parecia dizer: “Que diabos me interessa se Miss Eyre está aqui ou não? Nesse momento não tenho disposição para prestar atenção nela.”

Sentei-me com bastante desembaraço. Uma recepção de fina polidez provavelmente teria me deixado acanhada, pois não poderia retribuí-la com a graça e a elegância necessárias. Mas essa atitude grosseira não me obrigava a nada. Pelo contrário: uma quietude decente diante de tais maneiras excêntricas me deixava em vantagem. Além disso, a excentricidade da sua atitude era instigante: senti vontade de ver o que ele faria em seguida.

Ele fez o que faria uma estátua, isto é, nem falou nem se moveu. Mrs. Fairfax pareceu achar que alguém devia ser amável, e começou a falar. Bondosamente, como sempre... e também, como sempre, um tanto trivial. Lamentou que a pressão dos negócios tivesse absorvido todo o seu dia, ainda mais com o aborrecimento dessa dolorosa torção, e elogiou a paciência e empenho dele em manter os compromissos.

– Gostaria de um pouco de chá, madame – foi a única resposta que ela obteve.

Mrs. Fairfax tocou a sineta e, quando chegou a bandeja, passou a arrumar as xícaras e colheres com a diligência do costume. Eu e Adele fomos para a mesa, mas o patrão não deixou o sofá.

– Pode alcançar a xícara de Mr. Rochester? – pediu-me Mrs. Fairfax. – Adele é capaz de

derramar...

Fiz o que ela pediu. Enquanto ele pegava a xícara das minhas mãos, Adele, achando o momento propício para fazer um pedido a meu favor, exclamou:

– *N'est pás, monsieur, qu'il y a um cadeau pour Mademoiselle Eyre dans votre petit coffre?*^[2]

– Quem falou em “cadeaux”?- disse ele, rispidamente. – Espera algum presente, Miss Eyre? Gosta de presentes?

E procurou meu rosto com seus olhos negros, irados e penetrantes.

– Não saberia dizer, senhor. Tenho pouca experiência deles: costumam dizer que são agradáveis.

– Costumam dizer? Mas o que *você* pensa?

– Acho que precisaria de tempo, senhor, antes que possa dar-lhe uma resposta digna de sua aprovação. Um presente pode ter muitos significados, não é? E devem-se considerá-los todos, antes de opinar sobre a sua natureza.

– Miss Eyre, você não é tão ingênua quanto Adele. Ela me pede um “cadeau” abertamente, sempre que me vê. Você rodeia o assunto.

– Porque tenho menos confiança nos meus méritos do que Adele. Ela pode dispor da vantagem de um conhecimento antigo e também do hábito, pois diz que o senhor costuma lhe dar brincueiros. Mas se eu tivesse que alegar alguma coisa ficaria embaraçada, pois sou apenas uma estranha, e não fiz nada para merecer um agradecimento.

– Oh! Não precisa ser tão modesta! Observei Adele e vi que você tem se esforçado bastante com ela. Adele não tem talentos e nem é brilhante, ainda assim melhorou muito em pouco tempo.

– Bem, senhor, acaba de me dar o meu “cadeau”. É muito amável. Essa é a recompensa mais cobiçada pelos professores: o elogio ao progresso dos alunos.

– Hum! – exclamou Mr. Rochester, e tomou o chá em silêncio.

– Venham para perto do fogo – ordenou o patrão, quando a bandeja foi retirada.

Mrs. Fairfax sentara-se a um canto com seu tricô, enquanto Adele me levava pela mão em volta da sala, mostrando os belos livros e ornamentos nos consolos e armários. Nós obedecemos, como manda a obrigação. Adele quis sentar-se no meu colo, mas lhe mandaram brincar com Pilot.

– Então mora na minha casa há três meses?

– Sim, senhor.

– E vem de...?

– Da escola de Lowood, senhor.

– Ah! Uma instituição de caridade. Quanto tempo ficou lá?

– Oito anos.

– Oito anos! Deve ser muito resistente. Acho que metade desse tempo num lugar como aquele deve acabar com a saúde de qualquer um! Não é de estranhar que tenha esse olhar do outro mundo. Pensava em como tinha conseguido esse tipo de cara. Quando veio em minha direção na estrada de Hay, na noite passada, pensei em contos de fadas e estive a ponto de perguntar se havia enfeitado meu

cavalo. E ainda não tenho certeza se não o fez. Quem são os seus pais?

– Não tenho pais.

– Nunca teve, imagino. Lembra-se deles?

– Não.

– Achei que não. Então estava esperando pelo seu povo sentada naquela cancela?

– Esperando quem, senhor?

– Pelos homenzinhos de verde. Era uma noite de lua cheia, propícia a anõezinhos. Será que apareci durante a sua ronda, para que você espalhasse aquele gelo na estrada?

Balancei a cabeça.

– Os anõezinhos todos abandonaram a Inglaterra centenas de anos atrás – eu disse, falando de modo tão sério quanto ele. – E nem mesmo na estrada de Hay, ou nos campos ao redor, encontrará algum traço deles. Acho que nenhum verão, ou colheita, ou lua de inverno, jamais voltarão a alegrar os seus divertimentos.

Mrs. Fairfax largara o tricô e, de sobranceiras erguidas, parecia perguntar-se que tipo de conversa era aquela.

– Bem – retomou Mr. Rochester – se você nega ter pais, deve ter algum tipo de parentes: tios e tias?

– Não, nenhum que eu conheça.

– E a sua casa?

– Não tenho casa.

– E onde vivem seus irmãos e irmãs?

– Não tenho irmãos nem irmãs.

– Quem lhe recomendou para este posto?

– Coloquei um anúncio, e Mrs. Fairfax respondeu.

– Foi – interpôs Mrs. Fairfax, que agora sabia pelo menos o terreno em que pisava. – E todos os dias agradeço à Providência pela escolha que me levou a fazer. Miss Eyre tem sido uma inestimável companhia para mim, e uma professora boa e carinhosa com Adele.

– Não se dê ao trabalho de definir-lhe o caráter – respondeu Mr. Rochester. – Elogios não vão me influenciar. Prefiro julgar por mim mesmo. Ela começou derrubando meu cavalo.

– Senhor?... – disse Mrs. Fairfax.

– Tenho que agradecer a ela por esta torção.

Mrs. Fairfax parecia espantada.

– Miss Eyre, já viveu numa cidade?

– Não, senhor.

– Já teve muitas companhias?

– Ninguém, a não ser as alunas e professoras de Lowood. E agora os habitantes de Thornfield.

– Tem lido muito?

– Somente os livros que me caíram nas mãos. E eles não foram muito numerosos nem muito diversificados.

– Viveu uma vida de freira. Não há dúvida que conhece bem a religião. Brocklehurst, que eu acho que dirige Lowood, é um pastor, não é?

– Sim, senhor.

– E vocês, meninas, provavelmente o adoravam. Assim como num convento as religiosas adoram o seu mentor.

– Oh, não!

– Você é muito fria! Não! Imagine uma noviça não adorar o seu pastor! Parece blasfêmia.

– Eu não gostava de Mr. Brocklehurst, e não era a única. Ele é um homem muito duro, ao mesmo tempo pomposo e intrometido. Ele mandava cortar nossos cabelos, e para fazer economia comprava agulhas e fios ruins, que mal podíamos costurar.

– Que economia malfeita! – observou Mrs. Fairfax, que agora voltara a seguir o diálogo.

– E isso era tudo que tinham contra ele? – perguntou Mr. Rochester.

– Ele nos fazia passar fome, quando era o único superintendente de Lowood, antes de o comitê ser constituído. E nos aborrecia com longos sermões, uma vez por semana; e com leituras noturnas diárias de livros indicados por ele, que tratavam de mortes súbitas e julgamentos. Tínhamos até medo de ir para a cama.

– Que idade tinha quando foi para Lowood?

– Dez anos.

– E ficou lá por oito anos, então agora tem dezoito?

Assenti.

– A aritmética, como vê, é bastante útil. Sem ela eu mal poderia adivinhar a sua idade. É difícil determinar a idade, quando os traços e a aparência são tão inexpressivos quanto os seus. E o que aprendeu em Lowood? Sabe tocar piano?

– Um pouco.

– Claro, essa é a resposta padrão. Vá até a biblioteca – quer dizer, se desejar. Desculpe meu tom de comando. Estou acostumado a dizer “faça isso” e ser obedecido. Não posso alterar meus modos usuais por causa de uma nova hóspede. Vá até a biblioteca, então, leve um candeeiro com você. Deixe a porta aberta, sente-se ao piano e toque alguma coisa.

Saí, obedecendo as instruções.

– Já basta! – ele exclamou, alguns minutos depois. – Você toca *um pouco*, já vi. Como qualquer outra estudante inglesa. Talvez melhor que algumas, mas não toca bem.

Fechei o piano e voltei. Mr. Rochester continuou.

– Adele me mostrou alguns desenhos esta manhã e disse que foram feitos por você. Não sei se é totalmente obra sua. Teve a ajuda de um professor?

– Não, realmente – objetei.

– Ah! Feri o seu orgulho. Bem, traga-me a sua pasta, se pode garantir que os quadros são

originais. Mas não dê sua palavra se não tiver certeza. Posso reconhecer uma cópia.

– Então não vou dizer nada, e o senhor julgará por si mesmo.

Trouxe a pasta da biblioteca.

– Aproxime a mesa – ele disse.

Arrastei-a até o sofá. Adele e Mrs. Fairfax também se aproximaram para ver os desenhos.

– Não se amontoem! – disse Mr. Rochester – Peguem os desenhos da minha mão, assim que eu os vir. Mas não se empurrem para cima de mim.

Ele examinou com atenção cada esboço e cada pintura. Separou três delas. As outras foram afastadas, depois que as viu.

– Leve-as para a outra mesa, Mrs. Fairfax – ele disse – e olhe junto com Adele. Você (dirigindo-se a mim), volte para o seu lugar e responda às minhas perguntas. Vejo que essas pinturas foram feitas pela mesma mão. Essa mão é a sua?

– Sim.

– E quando encontrou tempo para fazê-las? Elas devem ter tomado muito tempo e alguma reflexão.

– Pinte-as nas duas últimas férias que passei em Lowood, quando não tinha mais o que fazer.

– E onde conseguiu os modelos?

– Na minha cabeça.

– Essa mesma cabeça que vejo agora sobre os seus ombros?

– Sim, senhor.

– Existe mais alguma coisa do mesmo gênero, aí dentro dela?

– Acho que deve haver. Ou melhor: espero que haja.

Ele espalhou as pinturas diante de si e observou-as outra vez, alternadamente.

Enquanto ele está ocupado com isso eu lhe digo, leitor, em que consistiam. Mas primeiro devo advertir que não eram nada de extraordinário. Os temas, realmente, tinham surgido vívidos na minha mente. Enquanto eu os via com os olhos do espírito, antes de tentar transpô-los para o papel, eram admiráveis. Mas a minha mão nem sempre obedece à minha fantasia, e em cada caso acabou por produzir um pálido retrato do que eu havia concebido.

Eram aquarelas. A primeira representava nuvens baixas e lívidas, mesclando-se sobre um mar encapelado. Todo o fundo estava oculto, assim como o primeiro plano, ou melhor, os vagalhões mais próximos, pois não havia terra. Um raio de luz punha em relevo um mastro meio submerso, onde pousava um corvo marinho grande e escuro, com as asas salpicadas de espuma. Seu bico sustentava um bracelete de ouro cravejado de pedras preciosas, que eu pintara com as cores mais brilhantes que a minha paleta podia produzir e a mais esplêndida distinção que o meu lápis podia conferir. Embaixo do pássaro e do mastro, destacando-se na água esverdeada, jazia um cadáver de afogada. Um lindo braço era o único membro claramente visível, de onde o bracelete fora arrancado.

A segunda continha no primeiro plano apenas o agudo pico de uma montanha, com o capim alto e alguns ramos inclinados, como se fossem agitados pelo vento. Acima e além espalhava-se o céu azul profundo do crepúsculo. Erguendo-se para o alto estava o busto de uma mulher, pintado com as tintas

mais sombrias e suaves que eu conseguira combinar. A fronte pálida era coroada por uma estrela, e os traços do corpo visíveis através de uma névoa difusa. Os olhos brilhavam, escuros e selvagens. O cabelo esvoaçava vagamente, como uma nuvem de tormenta atravessada por um raio ou uma descarga elétrica. No colo via-se um suave reflexo do luar. O mesmo pálido reflexo tocava a massa de finas nuvens, de onde saía e se inclinava esta visão da Estrela Vésper.

A terceira mostrava a ponta de um iceberg perfurando um céu de inverno polar. A aurora boreal erguia seus pálidos e cerrados raios ao longo do horizonte. Tudo isso ficava ao fundo, para deixar transparecer no primeiro plano uma cabeça colossal, apoiada na massa de gelo do iceberg. Duas mãos diáfanas e juntas, dispostas no primeiro plano, abriam um negro véu. Via-se apenas um semblante muito pálido, branco como os ossos, e um olho cavernoso e fixo, vazio de qualquer significado que não fosse o brilho vítreo do desespero. Sobre a testa, entre as dobras de um turbante de tecido negro, vago e inconsistente como uma nuvem, brilhava um halo de chamas pálidas, cravejado de lampejos de um matiz ainda mais pálido. Esse pálido crescente era “a imagem de uma coroa real” e o que ele coroava era “a forma que não tem forma”.

– Você estava feliz quando pintou esses quadros? – perguntou então Mr. Rochester.

– Eu estava concentrada, senhor, e também feliz. Pintá-las representou, pelo menos, desfrutar de um dos maiores prazeres que já conheci.

– Isso não explica muita coisa. Seus prazeres, pelo que contou, têm sido poucos. Mas eu imagino que você estava numa espécie de êxtase artístico enquanto misturava e compunha essas tintas estranhas. Dedicava muito tempo do seu dia a elas?

– Não tinha nada mais a fazer, pois estava de férias. Trabalhava nelas da manhã até o meio-dia e do meio-dia à noite. Fui favorecida pela longa duração dos dias de verão.

– E ficou satisfeita com o resultado dos seus ardentes esforços?

– Longe disso. Ficava atormentada pelo contraste entre a minha inspiração e o meu trabalho. Em cada um dos casos, imaginei algo que eu fui inteiramente incapaz de realizar.

– Não inteiramente. Consegui transpor a sombra da sua ideia, mas não muito mais. Você não tinha suficiente técnica e habilidade artística para dar a forma completa à sua inspiração. Ainda assim, para uma colegial, os desenhos são muito singulares. Quanto aos temas, são sobrenaturais. Esses olhos na Estrela Vésper, você deve ter visto em algum sonho. Como pôde fazê-los tão claros, e ainda assim sem nenhum brilho? Pois o planeta acima domina os seus raios. E que significado escondem na sua solene profundidade? E quem lhe ensinou a pintar o vento? Há uma grande ventania nesse céu e no cume dessa montanha. Onde foi que viu Latmos?[\[3\]](#) Porque isto é Latmos!... Aqui estão! Pode guardá-los.

Eu mal tinha fechado os cordões da pasta quando, olhando para o seu relógio, ele disse abruptamente:

– São nove horas. O que acha que está fazendo, Miss Eyre, permitindo que Adele fique acordada até esta hora? Leve-a para a cama.

Adele foi beijá-lo antes de sair da sala. Ele suportou a carícia, mas pareceu apreciá-la apenas um pouco mais do que Pilot teria feito.

– Desejo-lhes boa noite – disse ele, fazendo um gesto com a mão em direção à porta, como se estivesse cansado da nossa companhia e quisesse nos dispensar. Mrs. Fairfax pegou o tricô, eu peguei a pasta e fiz uma reverência para ele. Recebi um frio aceno de cabeça em retribuição e saí.

– A senhora disse que Mr. Rochester não era uma pessoa esquisita, Mrs. Fairfax – observei quando me juntei a ela em seu quarto, após colocar Adele na cama.

– Bem, acha que ele é?

– Acho que sim. Ele é muito instável e rude.

– É verdade. Sem dúvida, ele pode parecer assim para uma estranha. Mas estou tão acostumada aos modos dele que nunca penso nisso. E se ele tem esquisitices de temperamento, merece ser perdoado.

– Por quê?

– Parte porque é da sua natureza, e nenhum de nós pode ir contra a própria natureza. E parte porque ele tem dolorosas recordações que o assaltam, e tornam seu espírito instável.

– O que houve?

– Problemas de família.

– Mas ele não tem família!

– Agora não, mas já teve. Ou pelo menos, parentes. Perdeu seu irmão mais velho faz alguns anos.

– Seu irmão *mais velho*?

– Sim. O atual Mr. Rochester não está de posse da propriedade há muito tempo. Faz apenas nove anos.

– Nove anos é um tempo razoável. Ele era tão ligado ao irmão para ainda estar inconsolável com a sua perda?

– Por quê? Não... talvez não. Creio que houve alguns desentendimentos entre eles. Mr. Rowland Rochester não foi muito correto com Mr. Edward. Parece que influenciou o pai contra ele. O velho senhor era muito apegado ao dinheiro e ansioso por manter o patrimônio familiar intocado. Não queria dividir a propriedade para não desvalorizá-la, mas estava ansioso para que Mr. Edward fosse rico também, para manter o bom nome da família. E logo que ele atingiu a maioridade, foram tomadas algumas providências que não foram muito justas e provocaram uma grande discórdia. O velho Mr. Rochester e Mr. Rowland combinaram de colocar Mr. Edward numa posição que ele considerou humilhante, para que fizesse fortuna. Qual a exata natureza dessa posição eu nunca soube, mas seu espírito nunca superou o que sofreu com ela. Mr. Rochester não é de perdoar. Brigou com a família e por muitos anos viveu um tipo de vida errante. Não creio que tenha residido em Thornfield por mais de quinze dias, desde que a morte do irmão, sem deixar testamento, tornou-o dono da propriedade. E, no entanto, não admira que ele evite essa velha mansão.

– Por que ele a evita?

– Talvez ache que é muito sombria.

A resposta fora evasiva. Eu teria preferido algo mais positivo. Mas Mrs. Fairfax não queria, ou não podia, dar-me informações mais explícitas sobre a origem e natureza das provações de Mr. Rochester. Assegurou que era um mistério até mesmo para ela, e que tudo eram conjeturas. Na verdade, era evidente que pretendia que eu deixasse o assunto de lado, o que concordei em fazer.

[1] Em francês no original: “E isso significa que lá dentro tem um presente para mim, e talvez um para a senhorita. Mr. Rochester falou da senhorita; perguntou-me o nome da

minha governanta, e se ela não era uma moça pequena, bem magra e um tanto pálida. Eu disse que sim: porque é verdade, não é, senhorita?”

[2] Em francês no original: “Não é verdade, senhor, que há um presente para a senhorita Eyre na sua pequena caixa?”

[3] Latmos, na mitologia grega é uma montanha onde a deusa Selene viu pela primeira vez e apaixonou-se por Eudimião, prometendo protegê-lo para sempre.

CAPÍTULO 14

Nos dias seguintes quase não vi Mr. Rochester. Durante as manhãs estava muito ocupado com os negócios, e à tarde os cavalheiros de Millcote e das vizinhanças costumavam visitá-lo, ficando às vezes para jantar. Quando seu tornozelo ficou bom o suficiente para permitir que montasse, passou a cavalgar durante boa parte do tempo. Talvez estivesse retribuindo as visitas, pois não voltava senão tarde da noite.

Nesse período, até mesmo Adele raramente era chamada à sua presença. Todo o meu relacionamento com ele limitava-se a um ocasional encontro no saguão, nas escadas, ou no corredor. Às vezes passava por mim com seu ar arrogante e frio, só demonstrando notar a minha presença com um cumprimento vago ou um olhar distante. Outras vezes fazia uma reverência ou sorria com a afabilidade própria de um cavalheiro. Suas mudanças de humor não me ofendiam, porque eu sabia que não tinha nada a ver com elas. O fluxo e o refluxo da maré tinham causas que não dependiam de mim.

Certa noite, ele tinha companhia para jantar e mandou pedir a minha pasta, sem dúvida para mostrar as pinturas. Os convidados partiram cedo para atender a um compromisso público em Millcote, conforme me informou Mrs. Fairfax. Como a noite estava chuvosa e fria, Mr. Rochester não os acompanhou. Logo que eles saíram, tocou a sineta e veio uma mensagem para que eu e Adele descêssemos. Escovei o cabelo da menina e arrumei-a. Como eu usava o meu traje puritano usual não havia necessidade de retoques – tudo era muito simples e discreto, incluindo as tranças, para evitar desalinho. Descemos. Adele se perguntava se o *petit coffre* afinal tinha chegado, pois, devido a algum engano, sua chegada havia sido retardada. Ela teve sorte: ali estava ela, uma caixa pequena sobre a mesa, que vimos quando entramos na sala de jantar. Ela parecia saber disso por instinto.

– *Ma boîte! Ma boîte!*[\[1\]](#) – exclamou, correndo em direção a ela.

– Sim, aí está a sua “boîte” finalmente. Leve-a para um canto, sua parisiense da gema, e divirta-se estripando-a – disse a voz profunda e um tanto sarcástica de Mr. Rochester, vinda das profundezas de uma imensa poltrona ao lado do fogo.

– E lembre-se – continuou ele – não me aborreça com detalhes do processo anatômico nem notícias sobre a condição das entranhas. Faça tudo em silêncio. *Tiens-toi tranquille, enfant. Comprends-tu?*[\[2\]](#)

Adele parecia nem precisar da recomendação. Já havia se retirado com o seu tesouro para um sofá e ocupava-se em desatar o nó que o prendia. Depois de remover esse empecilho e levantar algumas folhas de papel prateado, apenas exclamou:

– *Oh ciel! Que c'est beau!*[\[3\]](#) – e quedou-se em extática contemplação.

– Miss Eyre está com você? – perguntou o patrão, levantando-se a meio na poltrona para lançar um olhar na direção da porta, junto à qual eu estava de pé.

– Ah, bem... venha sentar-se aqui – disse ele, puxando uma cadeira para perto da sua. E continuou – Não gosto muito da conversa das crianças porque, velho solteirão que sou, não tenho nenhuma recordação feliz associada à sua linguagem ceceada. Não conseguiria passar uma manhã inteira num *tête-à-tête* com um fedelho. Não afaste a cadeira, Miss Eyre, sente-se exatamente aí onde eu mandei... isto é, faça o favor. São tão confusas essas civilidades! Sempre me esqueço delas. Também não aprecio particularmente velhas senhoras simplórias. A propósito, tenho que me lembrar da minha, não

posso esquecê-la. Afinal ela é uma Fairfax, ou foi casada com um, e dizem que o sangue é mais espesso do que a água.

Ele tocou a sineta e mandou chamar Mrs. Fairfax, que logo chegou, com a cestinha de costura na mão.

– Boa noite, madame. Eu a chamei com um propósito caridoso. Proibi Adele de falar comigo sobre os presentes e ela está queimando de impaciência. Tenha a bondade de servir-lhe de ouvinte e interlocutora. Será um dos atos mais benevolentes que a senhora já praticou.

De fato, assim que Adele viu Mrs. Fairfax chamou-a para o sofá, e então encheu-lhe o colo com os objetos de porcelana, de marfim e de cera da sua “boite”, enquanto despejava exclamações e mostras de enlevo, naquele inglês quebrado em que ela era mestra.

– Bem, agora que já cumpri meu papel como bom anfitrião – continuou Mr. Rochester – colocando meus hóspedes a se entreterem uns com os outros, estou livre para cuidar do meu próprio prazer. Miss Eyre, coloque sua cadeira um pouco mais à frente, ainda está muito longe. Não posso vê-la sem modificar minha posição nesta confortável poltrona, o que não pretendo fazer.

Fiz como ele pediu, embora tivesse preferido ficar um pouco mais na sombra. Mas Mr. Rochester tinha um modo tão incisivo de dar ordens, que parecia natural obedecer-lho prontamente.

Nós estávamos, como eu disse, na sala de jantar. O lustre, que havia sido aceso para a refeição, inundava o ambiente com sua luz festiva. Um enorme fogo crepitava na lareira, todo rubro e claro. As cortinas púrpura pendiam, ricas e amplas, diante da alta janela e do arco mais alto ainda. Tudo estava imóvel, fora os sussurros de Adele (que não ousava falar alto) e, preenchendo todas as pausas, o bater do vento de inverno contra as vidraças.

Mr. Rochester, sentado na sua poltrona forrada de damasco, parecia diferente daquele que eu conhecia antes. Não tão sério... e muito menos melancólico. Havia um sorriso nos seus lábios e os olhos brilhavam, talvez por efeito do vinho... não tenho certeza, mas acho bastante provável. Para resumir: ele estava em seu humor pós jantar, mais expansivo e cordial, e também mais indulgente consigo próprio que o seu humor frio e rígido da manhã. Ainda assim, parecia afetadamente severo, apoiando a cabeça maciça contra o espaldar da poltrona, a luz do fogo batendo-lhe em cheio sobre os traços graníticos e os olhos grandes e negros. Porque ele possuía grandes olhos negros, e muito bonitos também... não sem uma certa mudança nas suas profundezas que, se não era suavidade, pelo menos dava essa impressão.

Ele ficou olhando o fogo por uns dois minutos, enquanto eu passava esse mesmo tempo a olhá-lo. De repente ele virou-se, e viu meus olhos cravados no seu rosto.

– Está me examinando, Miss Eyre – disse ele. – Acha que sou bonito?

Se tivesse tido tempo para pensar, teria respondido a essa questão com uma evasiva convencional e polida. Mas a resposta escapou-me dos lábios antes que eu me desse conta:

– Não, senhor!

– Ah! Palavra de honra que existe alguma coisa de singular em você! – disse ele – Quando senta assim, com as mãos cruzadas no colo e os olhos no tapete (exceto, é claro, quando estão fixos no meu rosto, como agora, por exemplo), tem o aspecto de uma pequena *nonnete* – uma noviça – modesta, quieta, grave e simples. E quando a gente lhe faz uma pergunta ou uma observação que é obrigada a responder, você dá uma resposta direta que, se não é indelicada é pelo menos brusca. O que quer dizer com isso?

– Fui muito franca, senhor, peço-lhe perdão. Eu deveria ter respondido que não é muito fácil dar

uma resposta imediata sobre questões de aparências, que os gostos variam muito, e que a beleza é de pouca importância, ou algo assim.

– Não devia ter respondido nada disso. Dizer que a beleza não tem importância, francamente! E desse modo, com a pretensão de suavizar seu ultraje anterior e abrandar-me até a placidez, você enfia uma faca afiada no meu ouvido! Vá em frente: quais os defeitos que encontra em mim? Será que não tenho os membros e as feições de qualquer outro homem?

– Mr. Rochester, permita-me retirar minha resposta anterior. Não pretendia fazer uma réplica espirituosa. Foi apenas um erro.

– Apenas isso. Também acho. Mas você deve assumir a responsabilidade dele. Vamos, faça-me uma crítica: meu semblante não lhe agrada?

Levantou as ondas negras do cabelo, que se atravessavam em sua testa, e mostrou uma cabeça bastante sólida, denotando o poder de suas faculdades intelectuais, mas com uma abrupta deficiência onde o suave sinal da benevolência devia elevar-se.

– E agora, senhora: sou algum tipo de bobo?

– Longe disso, senhor. Acharia rude da minha parte perguntar-lhe se é um filantropo?

– Mais essa! Outra estocada com a faca afiada, quando ela pretende elogiar minha cabeça! E isso só porque eu disse que não gostava da companhia de crianças e de mulheres mais velhas (falemos baixo!). Não, minha jovem, geralmente não sou um filantropo, mas tenho consciência.

E ele apontou, na própria cabeça, as proeminências que se imagina indiquem a consciência e que, para sorte dele, eram bastante desenvolvidas e emprestavam à parte superior da sua cabeça uma largura marcante.

– Além disso – ele continuou – eu já tive um tipo de rude ternura no coração uma vez. Quando tinha a sua idade eu era um rapaz sentimental, defensor dos imaturos, infelizes e desvalidos. Mas o Destino me maltratou desde então: até mesmo me amassou entre os dedos, e agora me orgulho de ser duro e rijo como uma bola de borracha indiana. Permeável, talvez, através de uma ou duas frestas, e com um ponto sensível no meio da massa bruta. E então: há alguma esperança para mim?

– Esperança de quê, senhor?

– De minha re-transformação de borracha indiana em carne humana?

“Ele com certeza bebeu demais” pensei, e não soube o que responder a essa estranha questão. Como eu podia dizer se ele era capaz de ser re-transformado?

– Você parece muito embaraçada, Miss Eyre, e já que não é mais bonita do que eu sou, um ar de embaraço fica-lhe bem. Além disso, ajuda a manter esses olhos penetrantes longe do meu rosto e os distrai com as piores flores do tapete. Assim, continue embaraçada. Minha jovem, estou disposto a ser comunicativo e sociável esta noite.

Com esse anúncio ele levantou-se e ficou de pé, apoiando o braço no consolo de mármore da lareira. Nessa posição seu corpo era claramente visível, assim como o rosto. O tórax muito largo era quase desproporcional aos membros. Muitos talvez o considerassem um homem feio, mas havia tanto orgulho inconsciente no seu porte, tanta desenvoltura nas maneiras, um olhar de tanta indiferença quanto à própria aparência, uma confiança tão arrogante no poder de suas outras qualidades, intrínsecas ou não, que não se atentava para a falta de atrativos pessoais. Olhando para ele, imediatamente se compartilhava dessa indiferença que, mesmo num sentido cego e imperfeito, revelava fé em si próprio.

– Estou disposto a ser comunicativo e sociável esta noite – ele repetiu – foi por isso que a chamei. O fogo e o lustre não são companhia suficiente para mim, nem mesmo Pilot, pois nenhum deles pode falar. Adele seria um pouquinho melhor, mas ainda está bem longe do esperado. Mrs. Fairfax idem. Assim, presumo que você pode me acompanhar, caso deseje. Deixou-me intrigado na primeira noite que a convidei a descer. Quase me esqueci de você desde então: outras ideias afastaram-na da minha cabeça. Mas esta noite estou decidido a ficar à vontade, dispensar o que me incomoda e procurar o que me agrada. Agora me agradaria ajudá-la a se sentir mais à vontade... saber mais a seu respeito. Portanto, fale.

Em vez de falar eu sorri. E não era um sorriso nem complacente nem submisso.

– Fale! – insistiu ele.

– Sobre o quê, senhor?

– Sobre o que quiser. Deixo o assunto e a maneira de abordá-lo inteiramente à sua escolha.

Assim, sentei-me e não disse nada.

“Se ele espera que eu fale pelo simples prazer de falar e me exhibir, vai perceber que bateu na porta errada” pensei.

– Você é muda, Miss Eyre?

Eu estava muda e imóvel. Ele inclinou levemente a cabeça na minha direção, e com um simples e rápido olhar pareceu mergulhar nos meus olhos.

– Teimosa e irritada... – ele disse – Ah! Tem alguma razão. Fiz meu pedido de modo absurdo, quase insolente. Peço-lhe perdão, Miss Eyre. O fato é que não desejo tratá-la como uma subalterna, isto é (corrigindo-se), reconheço apenas a superioridade que resulta de uma diferença de vinte anos na idade e um século de adiantamento na experiência. Isso é legítimo e *j'y tiens*, como diria Adele. E é apenas em função dessa superioridade que lhe peço que tenha a bondade de conversar um pouco comigo e distrair o meu espírito, que está atormentado por pensar constantemente numa coisa só... gangrenando como um prego enferrujado.

Ele se dignara a dar uma explicação, quase uma desculpa, e não fiquei insensível à sua condescendência, nem queria parecer assim.

– Estou disposta a entretê-lo, se puder, senhor... bastante disposta. Mas não posso escolher o assunto, pois como saberei o que pode interessá-lo? Pergunte alguma coisa e responderei da melhor forma possível.

– Bem, então para começar você concorda comigo que tenho o direito de ser um pouco autoritário e brusco. Talvez até exigente algumas vezes, nos terrenos estabelecidos. A saber: que sou velho o suficiente para ser seu pai, e que tive experiências variadas com muitos homens de muitas nações e vaguei por metade do globo, enquanto você viveu calmamente com um grupo de pessoas numa casa?

– Como quiser, senhor.

– Isso não é resposta. Ou melhor, é uma resposta muito irritante, porque é muito evasiva. Responda claramente.

– Eu não acho, senhor, que tenha o direito de me comandar só porque é mais velho do que eu, ou porque viu mais do mundo do que eu. O seu direito à superioridade depende do que fez com seu tempo e experiência.

– Muito bem! Resposta pronta! Mas não vou permitir isso, não favorece a minha causa, pois fiz um uso indiferente, para não dizer mau, dessas duas vantagens. Deixando a superioridade de lado, ainda assim concorda em receber minhas ordens agora e sempre, sem ficar ressentida ou magoada com o meu tom de comando? Promete?

Sorri. Pensei comigo que Mr. Rochester *era* mesmo esquisito. Esquecera-se que me pagava trinta libras por ano para receber suas ordens.

– O sorriso é muito bom – disse ele, captando imediatamente a expressão. – Mas fale, também.

– Estava pensando, senhor, que muito poucos patrões se dariam ao trabalho de perguntar se os seus subordinados assalariados ficaram ressentidos ou magoados com as ordens que receberam.

– Subordinados assalariados! Que é isso? Você é minha subordinada assalariada? Ah, sim, havia me esquecido do salário! Bem, então, nesse terreno mercenário me permitirá ser um pouco prepotente?

– Não, senhor. Nesse terreno não. Mas naquele em que o senhor esquece isso e se preocupa se uma empregada está feliz ou não sob a sua dependência, concordo de todo o coração.

– E concordará em dispensar uma porção de fórmulas e frases convencionais, sem considerar que a omissão é uma insolência?

– Estou certa que nunca confundiria informalidade com insolência. Da primeira eu gosto bastante. Quanto à outra nenhum ser humano nascido livre pode submeter-se, mesmo por um salário.

– Bobagem! A maioria dos seres humanos nascidos livres se submeteria a qualquer coisa por um salário. Então, guarde isso para si e não se aventure em generalidades nas quais é extremamente ignorante. No entanto, eu a cumprimento mentalmente pela resposta, a despeito da sua imprecisão. Quanto ao modo com que foi dito, ou a substância do discurso, foi franca e sincera. Não se vê tais maneiras com frequência. Não! Ao contrário! Afetação, frieza, estupidez, injúrias, mal entendidos são as recompensas usuais da franqueza. Nem três em três mil governantas mal saídas do colégio, teriam me respondido da maneira que você fez. Mas não pretendo envaidecê-la. Se foi moldada de um modo diferente da maioria, não é mérito seu: a natureza é que a fez assim. E, além de tudo, estou indo muito longe em minhas conclusões: pelo que sei até agora você pode não ser melhor do que o resto. Pode ter defeitos intoleráveis, para contrabalançar seus pontos positivos.

“E o senhor também” pensei. Enquanto essa ideia cruzava a minha mente meu olhar encontrou o dele. Mr. Rochester pareceu ter lido a mensagem, pois respondeu como se eu tivesse expressado em voz alta esse pensamento.

– Sim, sim, você está certa... – disse ele. – Eu também tenho muitos defeitos. Sei disso e não pretendo disfarçá-los, acredite. Deus sabe que não preciso ser muito severo com os outros. Eu tenho um passado, uma série de ações, uma vida de erros dentro do meu próprio peito, que pode muito bem atrair para mim os escárnios e censuras dos meus vizinhos. Eu entrei, ou antes, fui empurrado (como outros pecadores também gosto de atribuir metade da culpa à má sorte ou adversidade) para o caminho errado quando tinha vinte e um anos, e desde então nunca recuperei o caminho certo. Mas eu devia ser bem diferente, devia ser tão bom quanto você... mais sensato, quase sem mácula. Eu invejo sua paz de espírito, sua consciência limpa, sua memória impoluta. Menina, uma memória sem nódoa ou contaminação deve ser um tesouro valioso... uma fonte inexaurível de puro consolo. Não é assim?

– E como era a sua memória aos dezoito anos, senhor?

– Muito bem, então. Era límpida e saudável. Nenhum jato de água suja a tinha transformado numa poça fétida. Aos dezoito anos eu era como você, exatamente assim. A natureza pretendia que eu fosse, de forma geral, um homem bom, Miss Eyre, da melhor qualidade. Mas, como vê, eu não sou. Você pode dizer que não me vê assim (pelo menos é o que me orgulho de ler em seus olhos, portanto, tome cuidado com o que expressar com o olhar, sou perito em interpretar sua linguagem). Aceite minha palavra quanto a isso, não sou um vilão. Você não supõe tal coisa... não me atribui uma fama tão ruim. Mas acredito sinceramente que, tanto pelas circunstâncias quanto pelo meu dom natural, sou um banal e vulgar pecador, acostumado a todas as infames dissipações que os ricos e imprestáveis puseram na vida. Você se espanta de me ouvir confessar isso? Saiba que, no curso da sua vida futura, muitas vezes vai perceber que foi eleita a involuntária confidente dos segredos dos seus amigos. As pessoas vão instintivamente perceber, como eu percebi, que o seu forte não é falar de si própria, mas ouvir o que os outros têm a falar sobre si mesmos. Eles sentirão, também, que você ouve sem fazer nenhum julgamento maldoso da indiscrição alheia, mas com um tipo de simpatia inata, que só não é mais confortadora e encorajadora, porque é muito modesta em sua manifestação.

– Como o senhor sabe?... Como pode adivinhar tudo isso?

– Eu sei disso muito bem. Por isso prossigo falando com tanta liberdade, como se estivesse escrevendo meus pensamentos num diário. Você pode dizer que eu devia ter sido superior às circunstâncias. Eu sei que devia. Mas vê que não sou. Quando o destino me traiu, não tive a sabedoria para permanecer frio. Fiquei desesperado e assim degeneri. Agora, quando qualquer simplório desperta minha cólera por sua insignificante velhacaria não posso me orgulhar de ser melhor do que ele. Sou forçado a confessar que ele e eu estamos no mesmo nível. Quem me dera tivesse resistido... Deus sabe que eu queria. Cuidado com o remorso, quando tiver a tentação de cair em erro, Miss Eyre. O remorso é o veneno da existência.

– Dizem que a sua cura é o arrependimento, senhor.

– Não, o arrependimento não é a cura. A regeneração é que pode ser a cura, e eu podia me regenerar. Ainda tenho força suficiente para isso, se... Mas qual é a utilidade de pensar nisto, tolhido, oprimido e amaldiçoado como estou? Além disso, como a felicidade me é irrevogavelmente negada, tenho direito de conseguir o prazer fora da vida, e *hei* de consegui-lo, custe o que custar.

– Então vai degenerar ainda mais, senhor.

– Possivelmente. E porque me preocupar, se posso conseguir um doce e suave prazer? E posso obtê-lo tão doce e fresco como o mel silvestre que as abelhas colhem das plantas.

– Esse mel será ácido... terá um gosto amargo, senhor.

– Como é que você sabe? Nunca o provou. Você parece tão séria, tão solene e, no entanto, é tão ignorante nessa questão quanto esta cabeça de camaféu (e apanhou uma cabeça de camaféu que estava sobre o consolo da lareira). Você não tem o direito de me passar sermões, é uma novata que nem passou pelo pórtico da vida, e não tem intimidade alguma com os seus mistérios.

– Lembrou-lhe apenas de suas próprias palavras: o senhor mesmo disse que o erro traz o remorso e que o remorso é o veneno da existência.

– E quem está falando de erro agora? Eu dificilmente acharia que a ideia que atravessou o meu cérebro é um erro. Acho que é mais uma inspiração do que uma tentação. Foi muito suave, muito branda... Já sei. Aí vem você de novo! Não é nenhum demônio, garanto-lhe. E se for, veio vestida como um anjo de luz. Acho que devo admitir uma hóspede tão linda, quando pede abrigo no meu coração.

– Desconfie dela, senhor, não é um anjo de verdade.

– Mais uma vez: como pode saber? Por qual instinto pretende distinguir entre um anjo caído vindo do abismo e um mensageiro do trono eterno? Entre um guia e um tentador?

– Eu julgo pela sua expressão, senhor, que estava perturbada quando disse que a visão tinha voltado. Tenho certeza que será ainda mais infeliz se der ouvidos a isso.

– Absolutamente. Ela traz a mais graciosa mensagem do mundo. E depois, você não é a guardiã da minha consciência, portanto, não fique apreensiva. Venha, entre, bela viajante!

Ele disse essas palavras como se falasse com uma visão, invisível a todos menos a ele. Então, cruzando sobre o peito os braços que havia estendido, parecia incluir no abraço o ser invisível.

– Agora – ele continuou, dirigindo-se a mim – recebi a peregrina, uma divindade disfarçada, acredito. Já está me fazendo bem. Meu coração era uma espécie de capela mortuária, agora será um santuário.

– Para falar a verdade, senhor, não consigo compreendê-lo de modo algum. Não posso manter a conversa porque saiu fora do meu alcance. Só sei de uma coisa: o senhor disse que não era tão bom quanto deveria, e que lamentava a sua própria imperfeição... Insinuou que ter uma memória maculada era uma maldição perpétua. Parece-me que, se tentasse com mais empenho, com o tempo veria que é possível tornar-se aquilo que o senhor desejava. E que, se decidir corrigir seus pensamentos e ações a partir de agora, em poucos anos terá uma nova e imaculada coleção de memórias, à qual poderia recorrer com prazer.

– Muito bem pensado e corretamente dito, Miss Eyre. E neste momento estou pavimentando o inferno com energia.

– Como, senhor?

– Estou estabelecendo novas e boas intenções, que são tão duráveis quanto a rocha. Com certeza, meus companheiros e objetivos deverão ser diferentes do que eram.

– E melhores?

– Melhores... Tanto quanto o minério puro é melhor do que o entulho imundo. Você parece duvidar de mim. Pois eu não duvido, sei qual é o meu alvo e quais são os meus motivos. Neste momento promulgo uma lei, inalterável como a dos Medos e dos Persas, de que ambos estão certos.

– Não podem estar, senhor, se exigiram um novo estatuto para dirigi-los.

– Eles estão, Miss Eyre, embora realmente pedissem um novo estatuto: uma combinação insólita de circunstâncias implica em regras insólitas.

– Parece uma máxima perigosa, senhor. Pode-se perceber que está sujeita ao abuso.

– Frase muito sábia. E assim é, mas juro pelos meus espectadores familiares não abusar dela.

– O senhor é humano e falível.

– Sou. E você também. E então?

– O humano e falível não pode se arrogar um poder que só ao divino e ao perfeito pode ser confiado com segurança.

– Que poder?

– Aquele de dizer de qualquer linha de ação estranha e não sancionada: “Está certa!”

– “Está certa!” São as palavras exatas, e você as pronunciou.

– *Pode* estar certa, então – eu disse, retificando.

Levantei-me, considerando inútil continuar uma conversa que era incompreensível para mim. E também tinha consciência de que o caráter do meu interlocutor estava além da minha compreensão. Pelo menos, além do meu alcance no momento. Sentia a incerteza, o vago sentimento de insegurança que acompanha a convicção da ignorância.

– Aonde vai?

– Vou colocar Adele na cama, já passou da sua hora de dormir.

– Está com medo de mim, porque falo como uma esfinge.

– Sua linguagem é enigmática, senhor, mas embora eu esteja perturbada, com certeza não estou com medo.

– Você *está* com medo. Seu amor-próprio teme cometer um erro.

– Nesse sentido realmente me sinto apreensiva. Não tenho nenhuma vontade de falar bobagens.

– Se falasse, seria de uma maneira tão calma e grave que eu tomaria isso por bom senso. Nunca ri, Miss Eyre? Não se incomode em responder. Raramente a vi sorrindo, mas seu riso pode ser bastante feliz. Acredite, você não é austera, não mais do que eu sou naturalmente mau. A disciplina restrita de Lowood de alguma forma ainda está impregnada em você: controlando suas expressões, abafando sua voz e restringindo seus movimentos. E na presença de um homem – seja um irmão, ou pai, ou patrão, ou o que for – teme rir muito ruidosamente, falar livremente, ou mover-se com desembaraço. Mas com o tempo acho que aprenderá a ser natural comigo, assim como acho impossível ser convencional com você. E então seus olhares e movimentos terão mais graça e vivacidade do que ousa oferecer agora. De vez em quando vislumbro em você um curioso tipo de pássaro, entre as grades de uma gaiola. É um cativo muito vívido, inquieto e resoluto o que está lá dentro. Se acaso fosse livre, voaria até as alturas. Ainda deseja ir embora?

– Já são nove horas, senhor.

– Não faz mal... espere um pouco. Adele ainda não está pronta para deitar-se. Minha posição, Miss Eyre, de costas para o fogo e de frente para a sala, favorece a observação. Enquanto falava com você, eu também observava Adele ocasionalmente (tenho minhas próprias razões para considerá-la um caso curioso... razões que eu posso, não, não, que eu devo compartilhar com você qualquer dia). Ela tirou da caixa, dez minutos atrás, um pequeno vestido de seda rosa. O enlevo brilhava em seu rosto enquanto o desembrulhava. A faceirice corre no seu sangue, mistura-se aos seus miolos, e tempera a medula dos seus ossos. “*Il faut que je l’essaie! Et a l’instant même!*” – Preciso experimentá-lo agora mesmo! – ela gritou, e correu para o quarto. Agora está com Sophie, no processo de vestir-se. Em alguns minutos estará de volta, e sei bem o que vou ver: uma miniatura de Celine Varens, como ela costumava aparecer nos palcos, quando levantava a cortina... Mas isso não importa. Meus sentimentos mais ternos estão em vias de receber um choque, no entanto, esse é o meu pressentimento. Fique um pouco mais, para ver se ele se realiza.

Não demorou muito e ouviram-se os passinhos de Adele soando no saguão. Ela entrou, transformada como seu tutor havia previsto. Um vestido de cetim rosa, muito curto e todo cheio de babados, substituíra o vestido marrom que ela vestia antes. Uma guirlanda de botões de rosa cingia-lhe a frente. Nos pés calçava meias de seda e pequenos sapatinhos de cetim branco.

– *Est-ce que ma robe va bien?* – exclamou ela, adiantando-se. – *Et mes souliers ? Et mes bas ? Tenez, je crois que je vais dancer!* [4]

E sacudindo o vestido, ela deslizou num passo de balé através da sala até que, alcançando Mr. Rochester, rodeou graciosamente na ponta dos pés em frente a ele, então caiu de joelhos aos seus pés, exclamando:

– *Monsieur, je vous remercie mille fois de votre bonté.* [5]

E levantando-se acrescentou:

– *C'est comme cela que maman faisait, n'est pas, monsieur?* [6]

– E-xa-ta-mente! – foi a resposta. – E “comme cela” ela arrancava meu ouro inglês dos bolsos das minhas calças britânicas. Eu também já fui verde, Miss Eyre... Ah! Muito verde! O matiz que a animação agora não pode ser mais primaveril do que aquele que uma vez me animou. Minha primavera se foi, no entanto, mas deixou-me nas mãos esta florzinha francesa de que, de alguma maneira, eu gostaria de me livrar. Não podendo avaliar a raiz de onde ela provém, e tendo descoberto que é de um tipo que somente o pó de ouro pode adubar, sinto um pouco de tristeza em vê-la florir, especialmente quando se mostra tão artificial como agora. Eu a mantenho e a educo mais pelo princípio católico romano que manda praticar uma boa ação para expiar inúmeros pecados, grandes ou pequenos. Algum dia lhe explicarei tudo isso. Boa noite.

[1] Em francês no original: “Minha caixa! Minha caixa!”

[2] Em francês no original: “Fique quieta, menina. Compreende?”

[3] Em francês no original: “Oh, Deus! É tão linda!”

[4] Em francês no original: “Acha que o vestido ficou bem? E os sapatos? E as meias? Esperem, acho que vou dançar!”

[5] Em francês no original: “Senhor, agradeço muito a sua bondade.”

[6] Em francês no original: “Era assim que mamãe fazia, não é, senhor?”

CAPÍTULO 15

E chegou o dia em que Mr. Rochester explicou o caso. Foi numa tarde, quando ele, por acaso, encontrou-me com Adele no jardim. Enquanto ela brincava com Pilot e a sua peteca, ele me pediu que o acompanhasse numa volta pela alameda coberta de faias, de onde poderíamos ver a menina.

Então contou que ela era filha de uma dançarina de ópera francesa, Celine Varens, pela qual ele uma vez nutrira o que chamava de “grande paixão”. Celine declarou sentir por ele a mesma paixão, ainda mais intensa. Ele achou que fosse o seu ídolo, feio como era, acreditando que ela preferia seu porte de atleta à elegância do Apollo Belvedere^[1].

– Miss Eyre, acredite que fiquei tão envaidecido por essa preferência daquela sílfide gaulesa por seu gnomo inglês que a instalei num hotel. Dei-lhe uma equipe completa de empregados, uma carruagem, roupas de cashmere, diamantes, rendas, etc. Em suma: comecei o processo que me levaria à ruína na forma considerada clássica, como qualquer outro bobo apaixonado. Não tive, parece, a originalidade de traçar um novo caminho para a vergonha e a destruição, mas percorri a velha estrada com estúpida exatidão, sem me desviar um centímetro sequer do seu eixo. Tive – como merecia – o destino de todos os outros tolos apaixonados. Fui visitá-la uma noite, sem ser esperado, e não a encontrei. Como a noite estava quente e eu cansado de rodar por Paris, sentei-me em seu *boudoir* – a sala íntima – feliz de respirar o ar consagrado pela presença dela. Não, estou exagerando... Nunca pensei que ela tivesse alguma virtude sagrada: era apenas um tipo de pastilha perfumada que ela deixara no incensório. Mais um perfume de almíscar e âmbar do que um odor de santidade. Começava a me sentir sonolento com o cheiro das flores de estufa e das essências espalhadas pelo ar, quando tive a ideia de abrir a janela e ir até a sacada. Além da iluminação a gás havia luar, e a noite era serena e calma. Na sacada tinha uma ou duas cadeiras, por isso sentei-me e peguei um charuto. Vou fumar um agora, se me permitir.

Houve uma pausa, quando ele pegou um charuto e o acendeu. Colocou-o nos lábios e soprou a fumaça perfumada do Havana para o ar frio e sem sol. Então continuou:

– Eu gostava de bombons naquela época, Miss Eyre, e estava mastigando – perdoe o barbarismo – estava mastigando confeitos de chocolate e fumando alternadamente. Ao mesmo tempo observava os veículos que rodavam nas ruas elegantes em direção ao teatro próximo, quando vi uma esplêndida carruagem fechada, puxada por um lindo par de cavalos ingleses distintamente visíveis na noite clara, e reconheci a “voiture” que eu havia dado a Celine. Ela estava de volta. É claro que meu coração deu um salto com impaciência. A carruagem parou, como eu esperava, na porta do hotel. Minha paixão (esta é a palavra exata para uma namorada atriz) desceu. Embora envolta numa capa – uma coisa desnecessária naquela noite quente de junho – reconheci-a imediatamente pelos pequeninos pés, que espreitavam debaixo da barra do vestido enquanto ela descia do estribo. Inclinado no balcão, estava a ponto de gritar “mon ange” – num tom apenas audível para o ouvido do meu amor, é claro – quando uma pessoa saltou da carruagem atrás dela. Também estava coberta por uma capa, mas agora era um salto com esporas que pisava no pavimento, e foi uma cabeça coberta por um chapéu que passou sob o arco da *porte-cochère* – o pórtico – do hotel.

– Nunca senti ciúme, não é Miss Eyre? Claro que não: não preciso perguntar, pois nunca senti amor. Ainda vai experimentar os dois sentimentos. Sua alma está adormecida. Então surge o choque que a acordará. Você acha que toda a existência desliza nesta calma corrente em que até hoje deslizou sua

juventude. Vagando com os olhos fechados e os ouvidos surdos, nem vê os arrecifes surgindo, não muito distantes, na margem, nem vê as ondas quebrando em volta deles. Mas eu lhe digo – e pode guardar estas palavras – um dia você chegará a uma passagem escarpada nesse canal, em que toda a corrente da vida se despedaçará em redemoinho e tumulto, espuma e bramidos. E então, ou será arrastada para os átomos em tumulto, ou levantada e segura no alto de alguma onda gigante em direção a uma calma corrente – como eu agora.

– Gosto de um dia como hoje, desse céu de chumbo. Gosto da severidade e imobilidade do mundo sob esse frio. Gosto de Thornfield, sua antiguidade, seu isolamento, seus velhos viveiros de gralhas e espinheiros, sua fachada cinzenta e as fileiras de janelas escuras refletindo o céu de metal. E ainda assim, por quanto tempo odiei a mera lembrança desta casa, evitando-a como se fosse a morada da peste! Como ainda abomino...

Mr. Rochester cerrou os dentes e ficou em silêncio. Diminuiu o passo e bateu o pé contra o solo duro. Parecia que algum pensamento odioso o dominava, e tão fortemente que ele não conseguia continuar.

Estávamos subindo a alameda quando ele parou. A casa estava à nossa frente. Levantando os olhos para as ameias, dardejou-lhes um olhar tão rancoroso como eu nunca vi antes. Dor, vergonha, ira, impaciência, desgosto e aborrecimento pareciam travar momentaneamente uma frenética luta nas grandes pupilas dilatadas sob as negras sobranceiras. A luta era selvagem e quase o dominava, mas outro sentimento surgiu e triunfou. Alguma coisa de duro e cínico, de voluntarioso e resoluto: ele dominou a paixão e seu semblante tornou-se pétreo. Continuou:

– Enquanto estive silencioso, Miss Eyre, estava acertando umas contas com o destino. Ela estava lá, perto do tronco daquela faia: uma bruxa como as que apareceram a Macbeth nas matas de Forres. “Gosta de Thornfield?” ela me perguntou, apontando o dedo. Então escreveu no ar uma frase, que parecia um pálido hieróglifo e tomava toda a frente da casa, entre as fileiras de janelas de baixo e de cima. Dizia: “Goste dela se puder, goste dela se tiver coragem!”

– “Hei de gostar” eu disse “eu ousou gostar” e (ele acrescentou melancólico) vou manter minha palavra, vou enfrentar os obstáculos para a felicidade, para a bondade... Sim, bondade! Desejo ser um homem melhor do que tenho sido, melhor do que sou. Como o leviatã de Jó quebrou a lança, o dardo e o arpão, instrumentos que os outros consideravam como de aço e bronze, vou considerá-los apenas como palha e madeira podre.

Adele correu para ele nesse momento com a sua peteca.

– Vá embora! – ele gritou, asperamente. – Fique longe, menina, ou vá procurar Sophie!

Então continuou a andar em silêncio. Aventurei-me a lembrá-lo do ponto em que estava, quando começou a se desviar do assunto.

– E o senhor deixou a sacada quando Mademoiselle Varens entrou? – perguntei.

Esperei uma recusa por aquela pergunta tão fora de hora. Mas ocorreu o contrário. Como se acordasse daquela abstração voltou os olhos para mim, e seu rosto parecia desanuviado.

– Ah! Tinha me esquecido de Celine. Bem, para resumir, quando vi minha sedutora chegar assim acompanhada por um cavalheiro julguei ouvir um silvo, e a cobra verde do ciúme, surgindo ondulante na sacada iluminada pela lua, escorregou para o meu colete e em dois minutos atingiu-me o coração.

Então exclamou de repente, saindo novamente do assunto.

– Estranho! É muito estranho que eu tenha escolhido você para confidante disso tudo, minha jovem. Mais estranho ainda é que você tenha me ouvido calmamente, como se fosse a coisa mais natural do mundo para um homem como eu contar histórias de sua amante atriz a uma mocinha estranha e inexperiente como você! Mas a última estranheza explica a primeira, como já insinuei uma vez: você, com sua gravidade, consideração e discrição, foi feita para ser um receptáculo de segredos. Além disso, sei que tipo de mente eu coloquei em comunicação com a minha. Sei que não está sujeita à contaminação. É uma mente singular. É única. Felizmente não pretendo feri-la, mas se o fiz, não foi por mal. Quanto mais conversarmos, você e eu, melhor. Pois embora eu não possa prejudicá-la, você poderá consolar-me.

Depois dessa digressão, ele prosseguiu.

– Permaneci na sacada. Pensei que eles viriam direto ao *boudoir*, e preparei uma emboscada. Enfiando a mão pela janela aberta, fechei a cortina, deixando apenas uma pequena abertura através da qual poderia observar tudo. Depois fechei a porta que levava à sacada, mas deixei uma fresta, por onde poderia ouvir a voz sussurrada dos amantes. Então sentei novamente na cadeira, justo quando o casal entrou. Coloquei o olho na abertura. A criada de Celine veio, acendeu um candeeiro, deixou-o sobre a mesa e saiu. O casal então apareceu bem iluminado e ambos tiraram as capas. Ali estava “a Varens” brilhando em seda e jóias (presentes meus, é claro) e ali estava o seu companheiro, numa farda de oficial. Eu o conhecia: era um jovem visconde devasso, rapaz desmiolado e corrompido, a quem eu já havia encontrado algumas vezes na sociedade, e a quem nunca pensara em detestar porque votava-lhe um desprezo absoluto. Ao reconhecê-lo, a picada da serpente do ciúme dissolveu-se como por encanto, pois no mesmo instante meu amor por Celine extinguiu-se, como sob um extintor. Uma mulher que podia trair-me com semelhante rival não merecia que se lutasse por ela, era digna apenas de desprezo. Ainda assim merecia menos do que eu, que havia sido o seu joguete. Começaram a conversar, e o teor do que diziam me deixou completamente à vontade. Era uma conversa tão frívola, mercenária, desalmada e insensata, que mais parecia calculada para cansar do que enraivecer um ouvinte. Meu cartão de visita estava sobre a mesa, e isso os levou a falar de mim. Nenhum dos dois possuía energia ou inteligência para me difamar seriamente, mas insultaram-me com aspereza, no seu modo mesquinho. Especialmente Celine, que trouxe à luz os meus defeitos pessoais, minhas deformidades, como ela as chamou. Na época ela costumava proclamar sua ardente admiração pelo que considerava minha “beleza máscula”. Nisso diferia totalmente de você, que me disse sem rodeios no nosso segundo encontro, que não me considerava bonito. O contraste me espantou na ocasião...

Adele veio correndo outra vez.

– *Monsieur*, John veio dizer que o seu procurador chegou, e deseja vê-lo.

– Ah! Neste caso tenho que abreviar a história. Abrindo a janela, caminhei para eles. Dispensei Celine da minha proteção, disse-lhe que deixasse o hotel e dei-lhe dinheiro para as despesas imediatas. Desconsidere os gritos, a histeria, as súplicas, os protestos e as convulsões. Marquei um duelo com o visconde no Bois de Boulogne. Na manhã seguinte tive o prazer de encontrá-lo e deixar uma bala nua nos seus pobres braços desmilinguidos, que mais parecia a asa de um pombo doente. Assim pensei ter acabado com todo o bando. Mas infelizmente a Varens, seis meses antes, havia me dado esta pequena Adele que, segundo afirmava, era minha filha. E talvez seja, embora eu não veja sinais dessa sombria paternidade no seu semblante. Pilot se parece mais comigo do que ela. Alguns anos depois que terminei com a mãe, ela abandonou a filha e partiu para a Itália, com um músico ou um cantor, não sei bem. Eu não reconhecia nenhum direito por parte de Adele de ser sustentada por mim, nem reconheço agora, pois não sou seu pai, mas sabendo que ela estava inteiramente ao abandono, tirei a pobre criança da imundície e

do lodo de Paris e a trouxe para cá, para crescer limpa no solo saudável do campo inglês. Mrs. Fairfax a contratou para ensiná-la, mas agora que sabe que ela é o fruto ilegítimo de uma dançarina francesa, talvez faça uma ideia diferente da sua missão e da sua pupila. Qualquer dia virá me dizer que encontrou uma nova colocação, e me pedirá que procure uma nova governanta. Não é?

– Não. Adele não é culpada pelos erros da mãe nem pelos erros do senhor. Tenho carinho por ela, e agora que sei que ela é, de certa forma, órfã – abandonada pela mãe e renegada pelo senhor – devo ficar ainda mais próxima dela do que antes. Como eu poderia preferir o rebento mimado de uma família rica, que odiaria sua governanta como um estorvo, a uma pequenina órfã solitária, que se atira para a governanta como uma amiga?

– Ah, então vê a coisa por esse prisma! Bem... devo ir agora, e você também. Está escurecendo.

Mas eu fiquei mais um tempo no jardim com Adele e Pilot. Corri um pouco com ela e joguei peteca. Quando entramos, tirei seu casaco e a touca e peguei-a no colo. Fiquei com ela assim por uma hora, deixando-a falar o que quisesse. Não reprimi nem mesmo algumas trivialidades e atrevimentos em que ela costumava incorrer quando recebia muita atenção, o que lhe traía a superficialidade de caráter, provavelmente herdada da mãe, e dificilmente compatível com uma mente inglesa. Mas ela tinha alguns méritos, e eu estava disposta a apreciar no mais alto grau tudo que ela tinha de bom. Procurei em seus traços alguma semelhança com Mr. Rochester, mas não encontrei nada. Nenhum traço, nenhuma expressão indicava parentesco. Era uma pena: se ao menos se parecesse com ele, Mr. Rochester teria mais consideração por ela.

Somente quando me recolhi ao quarto para dormir pude pensar com tranquilidade na história que Mr. Rochester me contara. Como ele tinha dito, talvez não houvesse nada de extraordinário na narrativa em si: era a paixão de um rico inglês por uma dançarina francesa. E a traição dela era coisa corriqueira na sociedade, sem dúvida. Mas havia algo decididamente estranho no paroxismo de emoção que subitamente tomou conta dele, quando expressava o seu feliz estado de ânimo atual, e o prazer revivido com relação a casa e os arredores. Meditei sobre o incidente, ainda espantada. Aos poucos deixei de pensar nisso, pois o considerava inexplicável. Voltei a refletir sobre as maneiras do meu patrão em relação a mim. A confiança que ele julgara conveniente fazer-me parecia um tributo à minha discricção. Eu a considerei e a aceitei dessa forma. Sua conduta comigo, nas últimas semanas, fora mais uniforme do que no começo. Eu nunca estava no seu caminho, ele não precisava mais se dar ares de fria altivez. Quando me encontrava inesperadamente, o encontro parecia agradá-lo. Sempre me dirigia uma palavra ou um sorriso. Quando formalmente convidada à sua presença, era honrada com uma recepção cordial, que me fazia sentir como se realmente tivesse o poder de distraí-lo, e que essas conferências noturnas serviam tanto para o prazer dele quanto para o meu benefício.

Eu falava comparativamente pouco, mas saboreava o que ele dizia. Era da natureza dele ser comunicativo. Gostava de descortinar para uma mente que desconhecia o mundo alguns relances das suas paisagens e caminhos (não falo das paisagens impróprias ou caminhos difíceis, mas daqueles que eram interessantes pela sua escala ou caracterizados por alguma peculiaridade). Eu sentia profundo deleite em ouvir as novas ideias que ele me apresentava, imaginando os retratos desconhecidos que ele pintava, e seguindo-o em pensamento às novas regiões que desbravava, nunca perturbada ou confusa por alguma alusão nociva.

A intimidade das suas maneiras libertou-me de dolorosas restrições. A franqueza amigável, tão correta e cordial, com que ele me tratava, atraiu-me. Sentia, às vezes, que ele era mais parente do que patrão. Ainda assim era autoritário em certas ocasiões, mas eu não me importava. Sabia que era o jeito

dele. Fiquei tão feliz e gratificada com esse novo interesse que surgira em minha vida que deixei de ansiar por uma família. O fino crescente do meu destino parecia tornar-se maior. Os vazios da minha existência agora estavam preenchidos. Minha saúde física melhorou, ganhei corpo e energia.

E será que Mr. Rochester ainda era feio aos meus olhos? Não, leitor. A gratidão e muitos outros sentimentos associados a ela, todos prazerosos e cordiais, tornaram seu rosto a coisa que eu mais gostava de ver. Sua presença numa sala era mais acolhedora que o fogo mais vivo. Ainda assim não esqueci seus defeitos. Não podia esquecer, de fato, pois ele constantemente os mencionava para mim. Ele era orgulhoso, sardônico, e duro com a inferioridade de qualquer espécie. No fundo da alma eu sabia que sua grande bondade para comigo era contrabalançada por uma injusta severidade em relação a vários outros. Ele era mal-humorado também, e enigmático. Mais de uma vez, quando chamada para ler para ele, encontrei-o sentado sozinho na biblioteca, com a cabeça sobre os braços cruzados. E quando levantava o olhar, uma carranca sombria, quase maligna, anuviava-lhe as feições. Mas eu acreditava que seu mau humor, sua dureza, e seus antigos erros morais (digo *antigos*, pois agora ele parece que os corrigiu) tinham origem em alguma crueldade do destino. Acreditava que ele era naturalmente dotado de boas intenções, altos princípios e gostos mais puros do que aqueles que as circunstâncias desenvolveram, a educação instilou e o destino encorajou. Sentia que possuía em si um material excelente, embora naquele momento estivesse um tanto emaranhado e confuso. Não posso negar que a tristeza dele me entristecia, fosse qual fosse, e eu daria tudo para aplacá-la.

Embora já tivesse apagado a vela e me deitado, não podia dormir pensando no olhar dele, quando parara na alameda e me contara como o destino surgira à sua frente e o desafiara a ser feliz em Thornfield.

“Por que não?” pensei comigo. “O que o afasta desta casa? Será que vai partir outra vez em breve? Mrs. Fairfax disse que ele nunca fica aqui mais de uma quinzena de cada vez. E agora já está aqui há oito semanas. Se partir, a mudança será angustiante. E se ficar ausente toda a primavera, verão e outono, como aqueles dias ensolarados e belos parecerão tristes!”

Não sei com certeza se dormi ou não depois dessas meditações. De qualquer forma, acordei completamente ao ouvir um vago murmúrio, característico e lúgubre, que me parecia soar justamente sobre mim. Desejei ter deixado o candeeiro aceso, pois a noite estava terrivelmente escura e meu espírito melancólico. Sentei na cama, apurando o ouvido. O som silenciara.

Tentei dormir de novo, mas meu coração batia com ansiedade. Minha paz de espírito fora destruída. O relógio bateu duas horas, no vestíbulo lá em baixo. Nesse momento senti que tocavam na porta do meu quarto, como se dedos roçassem pelos painéis das portas, tateando um caminho ao longo do corredor escuro. Perguntei “quem está aí?” Ninguém respondeu. Tremi de medo.

De repente me lembrei que podia ser Pilot que, quando a porta da cozinha ficava aberta, subia e se postava na soleira do quarto de Mr. Rochester. Eu o vira várias vezes deitado ali pela manhã. A ideia me sossegou um pouco. Deitei-me. O silêncio acalmou-me os nervos. E como uma quietude absoluta agora reinava na casa inteira, comecei a sentir o sono voltar. Mas não era meu destino dormir naquela noite. Um sonho mal tinha tomado conta de mim, quando fugiu espavorido, aterrorizado por um incidente capaz de gelar alguém até a medula.

Era um riso demoníaco – baixo, abafado e profundo – articulado, ao que parecia, no próprio buraco da fechadura. A cabeceira da cama ficava perto da porta e pensei a princípio que aquele duende risonho estivesse ao meu lado na cama, ou melhor, agarrado ao meu travesseiro. Levantei, olhei em torno e não vi nada. Enquanto ainda olhava ao redor o som sobrenatural irrompeu outra vez, e percebi que

vinha do corredor. Meu primeiro impulso foi levantar e passar o ferrolho na porta. O segundo foi gritar de novo “quem está aí?”.

Alguma coisa gargarejou e gemeu. Ouvi passos que se afastavam pelo corredor, em direção à escada do terceiro andar. Depois ouvi o barulho de uma porta lá em cima. Ouvi-a abrir e fechar-se, e tudo ficou silencioso.

“Será que foi Grace Poole, possuída por algum demônio?” pensei. Era impossível agora ficar mais tempo sozinha, devia procurar Mrs. Fairfax. Enfieei o vestido e o xale às pressas. Destravei o ferrolho e abri a porta com as mãos trêmulas. Havia um candeeiro aceso bem do lado de fora do quarto, no chão da corredor. Fiquei surpresa com essa circunstância, e mais surpresa ao ver o ar bastante turvo, como se estivesse tomado pela fumaça. E olhando à direita e à esquerda, para ver de onde saíam essas espirais azuis, senti um forte cheiro de queimado.

Ouvi um rangido. Era uma porta entreaberta – a porta do quarto de Mr. Rochester – de onde a fumaça saía como uma nuvem. Não pensei mais em Mrs. Fairfax, não pensei mais em Grace Poole, nem pensei na sua risada: num instante estava dentro do quarto. Línguas de fogo dançavam ao redor da cama, as cortinas estavam em chamas. E, no meio do fogo e da fumaça, jazia imóvel Mr. Rochester, em profundo sono.

– Acorde! Acorde! – gritei.

Sacudi-o, mas ele apenas murmurou algo e se virou. Estava intoxicado pela fumaça. Não havia um minuto a perder, os próprios lençóis estavam queimando. Corri para a bacia e o jarro, que felizmente eram grandes e estavam cheios de água. Levantei-os, inundei a cama e o seu ocupante, e corri de volta para o meu quarto. Peguei minha própria jarra, molhei a cama de novo e, com a ajuda de Deus, consegui extinguir aquele incêndio voraz.

O choque da água fria, o barulho de uma das vasilhas que se quebrara, escapando-me das mãos enquanto a esvaziava e, sobretudo, o jato da ducha que eu despejara fartamente sobre ele, afinal acordaram Mr. Rochester. Apesar de ainda estar escuro, percebi que ele despertara, pois o ouvi fulminando estranhas pragas ao se ver mergulhado numa poça.

– Isso é uma enchente? – ele gritou.

– Não, senhor – respondi – mas era um incêndio. Levante-se, por favor, o senhor está ensopado. Vou trazer-lhe um candeeiro.

– Em nome de todos os santos da cristandade, é Jane Eyre que está aí? – ele perguntou. – O que fez comigo sua feiticeira? Quem mais está aqui, além de você? Planejava afogar-me?

– Vou pegar um candeeiro, senhor. E, pelo amor de Deus, levante-se. E alguém planejou algo, sim... O senhor não vai conseguir descobrir logo quem foi, nem o que foi.

– Bem! Já estou de pé. Mas não vá ainda buscar o candeeiro, espere dois minutos até que eu vista umas roupas secas, se houver alguma. Sim, aqui está o meu roupão. Agora, apresse-se!

Eu corri. Trouxe o candeeiro que ainda estava no corredor. Ele o pegou das minhas mãos, levantou-o e observou a cama toda enegrecida e queimada, os lençóis ensopados, o tapete redondo mergulhado em água.

– O que é isto? Quem fez tudo isto? – ele perguntou.

Relatei brevemente o que acontecera. O estranho riso que ouvira no corredor, os passos subindo ao terceiro andar, a fumaça, o cheiro de incêndio que me conduziu ao quarto dele, em que estado o

encontrara, e como o havia ensopado com toda a água que pude carregar.

Ele ouviu gravemente. Sua face, enquanto eu falava, expressava mais preocupação do que espanto. Quando concluí, ele não falou imediatamente.

– Devo chamar Mrs. Fairfax? – perguntei.

– Mrs. Fairfax? Não, para que diabo chamar Mrs. Fairfax? O que ela pode fazer? Deixe que durma sossegada.

– Então vou chamar Leah, e acordar John e a esposa.

– De modo algum. Apenas fique quieta. Você está com um xale, mas se estiver com frio pode pegar a minha capa ali. Enrole-se nela e sente-se nessa poltrona... Vou vesti-la. Agora ponha os pés no banquinho, para não pegar umidade. Preciso deixá-la por alguns minutos e levarei o candeeiro. Fique onde está até eu voltar, imóvel como um ratinho. Devo fazer uma visita ao andar de cima. Lembre-se: não se mexa nem chame ninguém.

Ele saiu e vi a luz que se afastava. Andou na ponta dos pés pelo corredor, abriu a porta da escada quase sem fazer ruído, fechou-a atrás de si... e o último clarão apagou-se. Fiquei em total escuridão. Tentei escutar algum barulho, mas não ouvi nada. Um longo tempo se passou e comecei a ficar cansada. Sentia frio, apesar da capa, e não vi sentido em permanecer onde estava, já que não podia acordar a casa inteira. Estava a ponto de me arriscar a desagradar Mr. Rochester por não obedecer às suas ordens, quando a luz brilhou de novo fracamente no corredor, e ouvi seus pés descalços pisarem no assoalho.

“Espero que seja ele” pensei, “e não alguma coisa pior.”

Ele entrou no quarto, muito pálido e sombrio.

– Descobri tudo – disse ele, colocando o candeeiro sobre o lavatório. – Foi como pensei.

– Como, senhor?

Ele não respondeu, apenas ficou de braços cruzados, olhando para o chão. Ao fim de alguns minutos, perguntou num tom peculiar.

– Esqueci-me se você disse que viu alguma coisa, quando abriu a porta do seu quarto.

– Não, senhor, apenas o candeeiro no chão.

– Mas ouviu um riso estranho? Já ouviu esse riso antes, eu acho, ou alguma coisa parecida...

– Sim, senhor. Há uma mulher que costuma costurar ali, chamada Grace Poole. Ela ri dessa maneira... é uma pessoa muito esquisita.

– Exatamente. Grace Poole... você adivinhou. Ela é bastante esquisita, como você disse. Bem preciso refletir sobre a questão. Enquanto isso, estou feliz que você seja a única pessoa, além de mim, que conhece os detalhes do incidente desta noite. Você não é de falar à toa, portanto, não diga nada sobre o assunto. Vou cuidar desse problema (apontando para a cama), e agora volte para o seu quarto. Vou ficar muito bem instalado no sofá da biblioteca pelo resto da noite. São quase quatro horas, dentro de duas horas os criados estarão de pé.

– Boa noite, então, senhor – eu disse, enquanto me afastava.

Ele pareceu surpreso... O que era muito estranho, uma vez que acabara de me mandar sair.

– Quê? – ele exclamou. – Já vai me abandonar? E dessa maneira?

– O senhor disse que eu devia ir.

– Mas não sem se despedir. Não sem ouvir uma ou duas palavras de agradecimento. Não dessa maneira breve e seca. Afinal, você salvou a minha vida! Arrebatou-me de uma morte horrível e torturante! E você se afasta de mim como se fôssemos estranhos um ao outro! Ao menos aperte a minha mão.

Ele estendeu a mão. Dei-lhe a minha. Ele tomou-a, primeiro uma só, depois as duas.

– Você salvou a minha vida: tenho prazer em ser devedor de uma dívida tão grande. Não posso dizer mais do que isso. Eu não toleraria mais ninguém como credor de um favor assim imenso. Mas com você é diferente. Sinto que seus favores não me pesam, Jane.

Ele fez uma pausa e olhou-me fixamente. Palavras quase visíveis tremiam-lhe nos lábios, mas a voz estava presa.

– Outra vez boa-noite, senhor. Não há nenhuma dívida, nem benefício, nem favor ou obrigação neste caso.

– Eu sabia – continuou ele – que você algum dia me faria o bem, de alguma maneira. Vi isso nos seus olhos, quando os contemplei pela primeira vez. Não foi em vão... (ele parou novamente)... não foi em vão (prosseguiu rapidamente) que seu olhar e seu sorriso me inspiraram uma alegria que atingiu o fundo do meu coração. As pessoas falam de simpatias instintivas. Ouvi falar de boas fadas. Há grãos de verdade na fábula mais selvagem. Minha querida protetora, boa-noite!

Havia uma estranha energia em sua voz, um estranho fogo em seu olhar.

– Fiquei contente de estar acordada – eu disse.

E fiz menção de sair.

– O quê? *Deseja* mesmo ir?

– Estou com frio, senhor.

– Frio? É claro... parada sobre uma poça d'água. Vá, então, Jane. Vá!

Mas ele ainda segurava minha mão, e não queria largá-la. Pensei em um artifício.

– Acho que ouvi Mrs. Fairfax vindo, senhor – eu disse.

– Bem, então vá.

Ele relaxou os dedos e eu saí. Voltei à minha cama, mas não consegui dormir. Até clarear o dia, fiquei vagando num mar inquieto, onde vagas de tormenta se misturavam com ondas de alegria. Para além dessas águas revoltas, pensei ver uma praia, suave como as colinas de Beulah. E, aqui e ali, uma refrescante ventania despertada pela esperança alçava meu espírito triunfante em direção ao destino. Mas eu não podia atingi-lo, nem na imaginação. Uma brisa contrária soprava da terra e empurrava-me para trás. O bom senso devia resistir ao delírio; a razão devia dominar a paixão. Agitada demais para dormir, levantei-me assim que nasceu o dia.

[1] Uma das mais celebradas estátuas de mármore da antiguidade clássica. Representa o deus grego Apolo.

CAPÍTULO 16

No dia que se seguiu àquela noite insone, eu desejava e ao mesmo tempo temia ver Mr. Rochester. Queria ouvir de novo a sua voz, embora temesse encontrar o seu olhar. Durante a primeira parte da manhã esperei sua chegada a qualquer momento. Não era seu hábito entrar na sala de aulas, mas às vezes ele parava ali por alguns minutos. Eu tinha a impressão de que naquele dia ele viria.

Mas a manhã passou como sempre. Nada aconteceu para interromper o calmo curso dos estudos de Adele. Somente depois do almoço ouvi algum movimento perto do quarto de Mr. Rochester. A voz de Mrs. Fairfax, a de Leah, a da cozinheira – esposa de John – e até mesmo os grunhidos do próprio John Havia exclamações assim:

- Que sorte o patrão não ter queimado em sua própria cama!
- Deixar um candeeiro aceso à noite é sempre perigoso.
- Que sorte ele ter a presença de espírito de pegar o jarro d’água!
- Me espanta ele não ter acordado ninguém!
- Espero que ele não tenha pegado um resfriado por dormir no sofá da biblioteca.

A essas confabulações seguiu-se um barulho de arrumação e limpeza do ambiente. Quando passei pelo quarto, ao descer para jantar, vi através da porta que tudo fora restaurado em completa ordem. Apenas a cama estava despojada dos cortinados. Leah estava junto à janela, esfregando as vidraças enegrecidas pela fumaça. Ia me dirigir a ela, pois queria saber qual a história que havia sido contada, mas ao entrar vi uma segunda pessoa no quarto – uma mulher, sentada numa cadeira ao lado da cama, costurando presilhas para as cortinas novas. Não era outra senão Grace Poole.

Ali estava ela, calma e taciturna como sempre, no seu vestido marrom, o avental xadrez, lenço branco e touca. Estava atenta ao trabalho, no qual parecia inteiramente absorvida. Na sua face rude, de traços vulgares, não havia nada da palidez ou desespero que seria de se esperar no semblante de uma mulher que tentara um assassinato, e cuja pretensa vítima a tinha seguido na noite passado até o seu covil, e (imagino eu) a tinha acusado do crime que ela tentara perpetrar. Fiquei surpresa e confusa. Ela me olhou, enquanto eu a fitava fixamente: nenhum sobressalto, nenhum rubor traindo alguma emoção, ou consciência da culpa, ou medo de ser descoberta. Disse “bom dia, Miss” na seu modo habitual, breve e fleumático. Pegando outra presilha e mais um pedaço de fita, continuou costurando.

“Vou colocá-la à prova,” pensei “esta impenetrabilidade absoluta está além da minha compreensão.”

– Bom-dia, Grace – eu disse. – Aconteceu alguma coisa por aqui? Pensei ter ouvido os criados todos falando ao mesmo tempo, ainda há pouco.

– Foi só o patrão que estava lendo na cama, na noite passada. Caiu no sono com o candeeiro aceso e as cortinas incendiaram. Por sorte ele acordou antes que as roupas de cama pegassem fogo, e conseguiu apagar as chamas com a água do jarro.

– Que caso estranho! – eu disse, falando baixo e olhando fixamente para ela. – Mr. Rochester não acordou ninguém? Ninguém ouviu o movimento?

Ela levantou os olhos para mim de novo, e desta vez havia um clarão de consciência em sua expressão. Pareceu examinar-me cuidadosamente. Então respondeu:

– Os quartos dos criados são muito distantes, a senhorita sabe, eles não poderiam ouvir. O quarto de Mrs. Fairfax e o da senhorita são os mais próximos do quarto do patrão. Mas Mrs. Fairfax disse que não ouviu nada: quando as pessoas ficam mais velhas, muitas vezes dormem profundamente.

Ela parou. Então acrescentou, com um tipo de estudada indiferença, mas num tom ainda forte e incisivo:

– Mas a senhorita é jovem, deve ter o sono leve. Talvez tenha ouvido algum barulho?

– Ouvi, sim – eu disse, baixando a voz para que Leah, que ainda limpava as vidraças, não pudesse me ouvir. – Primeiro pensei que fosse Pilot. Mas Pilot não pode rir, e tenho certeza que ouvi uma risada, e bem estranha.

Ela pegou um pedaço de linha, ajeitou-a cuidadosamente, enfiou-a na agulha com a mão firme e então observou, com perfeita compostura:

– Eu acho bastante improvável que o patrão tenha rido quando estava em tal perigo, Miss. A senhorita deve ter sonhado.

– Eu não sonhei – disse.

Falei com veemência, pois a sua fria insolência me irritava. Ela me olhou de novo, com o mesmo olhar consciente e penetrante.

– Contou ao patrão que ouviu uma risada? – ela perguntou.

– Não tive oportunidade de falar com ele esta manhã.

– A senhorita não pensou em abrir a porta e olhar no corredor? – perguntou ainda.

Ela parecia estar me questionando, tentando obter de mim alguma informação que não soubesse. Veio-me de repente a ideia de que se ela descobrisse que eu sabia ou suspeitava da sua culpa, podia preparar-me alguma das suas ciladas malignas. Julguei mais prudente precaver-me.

– Ao contrário, tranquei a porta! – eu disse.

– Então não costuma trancar sua porta toda noite, antes de se deitar?

“Que demônio! Quer saber meus hábitos para tecer seus planos de acordo!” A indignação outra vez venceu a prudência. Respondi asperamente:

– Até hoje deixei de trancar a porta: achei que não era necessário. Não sabia que devia temer algum perigo ou aborrecimento em Thornfield Hall. Mas, de agora em diante (pronunciei bem as palavras), vou tomar muito cuidado para ficar em segurança antes de me deitar.

– Será uma atitude sábia – foi a resposta. – Estas vizinhanças são bastante calmas, e nunca ouvi falar que a casa fosse assaltada por ladrões alguma vez. Mas todos sabem que há centenas de libras em prataria, no armário das baixelas. E além disso, há muito poucos criados para uma casa tão grande, pois o patrão passa pouco tempo aqui. E quando ele vem, sendo solteiro, precisa de poucos para atendê-lo. Mas acho que é sempre melhor se precaver. Uma porta deve ser fechada logo e é sempre melhor ter uma boa tranca entre a gente e algum mal que possa rondar por aí. Muita gente deixa tudo por conta da Providência. Mas eu acho que a Providência não pode ajudar a todos, se Deus não os abençoa.

E assim ela terminou sua arenga. Bastante longa para alguém como ela, além de ser pronunciada com a modéstia de uma puritana.

Eu ainda estava parada, muda de espanto com o que me parecia um miraculoso autodomínio e a mais impenetrável hipocrisia, quando a cozinheira entrou.

– Mrs. Poole – disse ela, dirigindo-se a Grace – o jantar dos criados logo estará pronto. Vai descer?

– Não. Apenas coloque a minha caneca de cerveja e um pedaço de pastelão numa bandeja, vou levá-la para cima.

– Quer um pouco de carne?

– Só uma fatia, e um pedacinho de queijo. Só isso.

– E o sagu?

– Não se preocupe com isso. Vou descer antes do chá, e eu mesma me sirvo.

A cozinheira então se virou para mim dizendo que Mrs. Fairfax estava à minha espera. Saí.

Mal ouvi o relato de Mrs. Fairfax durante o jantar, sobre a queima das cortinas, tão ocupada estava quebrando a cabeça com o caráter enigmático de Grace Poole. Intrigava-me ainda mais a sua posição em Thornfield, e me perguntava como ela não ficara detida esta manhã ou, pelo menos, dispensada de servir o patrão. Na noite passada ele chegara quase a expressar a sua convicção de que fora ela a culpada. Qual a misteriosa causa que o impedia de acusá-la? Porque ele me impusera segredo? Era estranho: um cavalheiro destemido, vingativo e arrogante parecia de alguma forma em poder de uma das suas criadas mais insignificantes. Estava sob tal poder, que quando ela levantara a mão para tirar-lhe a vida, não ousara acusá-la abertamente dessa tentativa, muito menos puni-la.

Se Grace fosse jovem e bonita, eu seria tentada a pensar que sentimentos mais ternos que a prudência ou o medo influenciaram Mr. Rochester a seu favor. Mas, pouco favorecida pela natureza e matronal como era, essa ideia não era admissível.

“Ainda assim” pensei “ela já foi bonita uma vez. Deve ter sido jovem na mesma época que o patrão. Mrs. Fairfax contou-me que ela vive aqui há muitos anos. Não acho que ela algum dia tenha sido bonita mas, por menos que eu saiba, ela deve possuir originalidade e força de caráter para compensar a falta de atrativos pessoais. Mr. Rochester é um admirador de tudo que é excêntrico. Grace é excêntrica ao extremo. Que outra coisa senão um antigo capricho (uma extravagância bastante possível, para uma natureza tão impulsiva e teimosa como a dele) o colocou sob o poder dessa mulher? E ela agora exercia uma secreta influência sobre ele, resultado da sua própria indiscrição, da qual ele não podia se libertar nem ousava desprezar.”

Neste ponto das minhas conjeturas, no entanto, veio-me à mente tão distintamente a figura quadrada e achatada de Mrs. Poole, sua face árida, sem atrativos e até mesmo grosseira, que pensei “Não! Impossível! Minha suposição não pode estar certa!”

“Ainda assim,” sugeriu-me a voz secreta que nos fala do fundo do coração “você também não é bonita, e talvez Mr. Rochester goste de você. De qualquer modo, você muitas vezes pensou que ele sentisse isso. E na noite passada... lembre-se das palavras dele, do seu olhar, da sua voz!”

Eu me lembrava muito bem de tudo. As palavras, o olhar e o tom de voz que pareciam vividamente renovados.

Eu estava agora na sala de aulas, e Adele estava desenhando. Inclinei-me sobre ela e corrigi a posição do lápis. Ela me olhou com uma espécie de sobressalto.

– *Qu’avez-vous Mademoiselle?* – disse ela – *Vos doigts tremblent come la feuille, et vos joues sont rouges: mais, joues comme des cerises!*[\[1\]](#)

– Estou com calor, Adele, de ficar com a cabeça inclinada !

Ela prosseguiu desenhando e eu pensando.

Apressei-me a tirar da mente a odiosa ideia que eu havia concebido a respeito de Grace Poole. Causava-me repulsa. Comparei-me com ela e percebi que éramos diferentes. Bessie Leaven dissera que eu era uma verdadeira dama, e falara a verdade. Eu era uma dama. E minha aparência agora estava muito melhor do que quando Bessie me vira. Estava mais corada e também mais encorpada. Tinha mais saúde e mais vivacidade, porque tinha esperanças mais belas e distrações mais refinadas.

“A noite está chegando” pensei, enquanto olhava pela janela. “Não ouvi a voz nem os passos de Mr. Rochester na casa durante todo o dia, mas com certeza vou vê-lo antes da noite. Temia o encontro hoje de manhã, mas agora o desejo, porque a expectativa foi tão frustrante que me deixou impaciente.”

Quando a noite caiu de fato, e Adele deixou-me para brincar com Sophie em seu quarto, desejei o encontro com mais ardor. Esperava que o sino tocasse lá embaixo. Esperava que Leah chegasse com um recado. Algumas vezes imaginei ouvir os próprios passos de Mr. Rochester e voltei-me para a porta, esperando que se abrisse e ele entrasse. A porta permaneceu fechada, apenas a escuridão entrou pela janela. Ainda assim não era tarde, às vezes ele me chamava às sete ou oito horas, e agora ainda eram seis. Com certeza não ficaria totalmente desapontada esta noite, quando tinha tantas coisas a dizer-lhe! Queria tocar novamente no assunto de Grace Poole, e ver o que ele respondia. Queria perguntar-lhe abertamente se ele acreditava que fora ela a responsável pelo terrível atentado da noite passada. E se fosse assim, porque ele mantivera sua maldade em segredo. Pouco me importava se minha curiosidade o irritasse. Conhecia o prazer de irritá-lo e agradá-lo, alternadamente. Era uma coisa que eu apreciava muito, e um instinto poderoso me impedia de ir longe demais. Nunca me aventurei além dos limites da provocação. Na beira do abismo eu gostava de testar a minha destreza. Mantendo todas as formas usuais do respeito, sempre atenta às normas da minha condição, podia ainda assim manter com ele uma discussão sem medo e sem restrições constrangedoras. Isso nos servia muito bem, tanto a ele quanto a mim.

Finalmente ouvi o ranger de passos na escada. Leah entrou, mas apenas para dizer que o chá estava servido nos aposentos de Mrs. Fairfax. Fiquei feliz de descer, finalmente, pois pensei que logo estaria na presença de Mr. Rochester.

– Tome o seu chá – disse a boa senhora, quando me juntei a ela. – Comeu tão pouco no almoço. Tenho medo que não esteja bem, hoje. Parece corada e febril.

– Oh, estou muito bem! Nunca me senti melhor.

– Então deve prová-lo mostrando grande apetite. Quer servir o chá, enquanto termino com esta agulha?

Tendo completado o tricô, ela levantou-se para baixar a persiana, que até ali estivera aberta. Presumo que ficara assim para aproveitar totalmente a luz do dia, embora nesse momento a tarde caísse rapidamente, mergulhando a sala na escuridão.

– A noite está bonita – ela disse, ao olhar pelas vidraças – embora o céu não esteja estrelado. De qualquer modo Mr. Rochester teve um dia bem favorável para a sua viagem.

– Viagem? Mr. Rochester foi a algum lugar? Eu não sabia que ele estava fora.

– Ah, sim! Saiu logo após o café da manhã! Foi a Leas, a propriedade de Mr. Eshton, dezesseis quilômetros além de Millcote. Acho que há um grupo bastante grande reunido lá: Lord Ingram, Sir

George Lynn, Coronel Dent e vários outros.

– E ele voltará ainda esta noite?

– Não... Nem amanhã. É provável que fique lá uma semana ou mais. Quando essas pessoas finas e ricas se encontram ficam tão envolvidas em elegância e alegria, com tantos divertimentos e prazeres, que não tem pressa de ir embora. Os cavalheiros são especialmente disputados nessas ocasiões, e Mr. Rochester é tão talentoso e tão animado em sociedade que acho que é o favorito de todos. As damas o adoram, embora não tenha uma aparência que o recomende muito aos olhos delas. Mas acho que suas habilidades e talentos, e talvez a riqueza e o sangue nobre compensem qualquer defeito na aparência.

– E tem muitas damas em Leas?

– Estão lá Mrs. Eshton e suas três filhas, todas moças muito elegantes. E também a Honorável Blanche Ingram e Mary Ingram, as mais belas de todas, imagino. De fato, vi Blanche seis ou sete anos atrás, quando ela era uma menina de dezoito. Veio a Thornfield para um baile e uma festa de Natal que Mr. Rochester ofereceu. Devia ter visto a sala de jantar naquele dia. Que decoração rica! Que iluminação brilhante! Acredito que havia cinquenta damas e cavalheiros presentes, todos das melhores famílias da região. E Miss Ingram foi considerada a rainha da noite.

– A senhora disse que a viu. Como ela era?

– Sim, eu a vi. As portas do salão de jantar estavam totalmente abertas e, como era época de Natal, os criados tiveram permissão para se reunir no saguão, para ouvir algumas das damas cantarem e tocarem. Mr. Rochester pediu-me que entrasse. Sentei-me num canto quieto e fiquei observando. Nunca vi uma cena mais esplêndida. As damas estavam magnificamente vestidas, a maioria era bonita... pelo menos as mais jovens. Mas Miss Ingram certamente era a rainha.

– E como ela era?

– Alta, busto elegante, ombros inclinados. Pescoço longo e gracioso. Uma tez morena clara. Feições nobres e olhos parecidos com os de Mr. Rochester, grandes, negros e faiscantes como joias. E tinha um cabelo tão lindo, preto e brilhante e arrumado caprichosamente. Na parte de trás uma coroa de tranças, e na frente os cachos mais longos e brilhantes que já vi. Vestia-se inteiramente de branco, com um xale cor de âmbar sobre o ombro e o peito, amarrado de lado e descendo em longas pontas até os joelhos. Também usava uma flor cor de âmbar no cabelo, que contrastava com a massa negra dos cachos.

– Foi muito admirada, com certeza?

– Sim, muito. E não apenas pela beleza, mas por suas qualidades. Foi uma das damas que cantaram. Um cavalheiro acompanhou-a ao piano e ela e Mr. Rochester cantaram um dueto.

– Mr. Rochester? Eu não sabia que ele cantava.

– Sim! Ele tem uma linda voz de barítono e excelente gosto para música.

– E Miss Ingram? Que tipo de voz ela tem?

– Uma voz cheia e poderosa: canta deliciosamente, foi um prazer ouvi-la. E ela tocou também. Não sou boa conhecedora de música, mas Mr. Rochester é, e ouvi-o dizer que a execução dela fora notavelmente boa.

– E essa bela e talentosa dama ainda não está casada?

– Parece que não. Imagino que nem ela nem a irmã possuam grande fortuna. As propriedades do velho Lord Ingram estavam em sua maioria vinculadas à herança, e o filho mais velho ficou com quase

tudo.

– Mas fico pensando se algum nobre ou cavalheiro rico não teve uma simpatia por ela. Mr. Rochester, por exemplo. Ele é rico, não é?

– Oh, sim! Mas pode ver que há uma grande diferença de idade. Mr. Rochester tem quase quarenta, ela apenas vinte e cinco.

– Que importa? Todos os dias são realizados casamentos ainda mais desiguais.

– É verdade. Ainda assim, acho que Mr. Rochester dificilmente alimentaria esse tipo de ideia. Mas você não comeu nada! Mal tocou na comida, e só tomou chá.

– Não. Estou com muita sede. Gostaria de outra taça de chá...

Estava a ponto de voltar à probabilidade de uma união entre Mr. Rochester e a bela Blanche quando Adele chegou, e a conversa mudou de rumo.

Novamente sozinha, revi as informações que recebera. Examinei meu coração, seus pensamentos e sentimentos, e esforcei-me para trazer de volta às regras seguras do bom senso, com uma mão rígida, todas as suas enganosas fantasias sem limites e seus devaneios sem rumo.

Levada a juízo em meu próprio tribunal, tive a Memória como testemunha das esperanças, desejos e sentimentos que eu estivera cultivando desde a noite anterior, e do estado de espírito geral que eu permitira que me dominasse por quase uma quinzena. Depois a Razão se adiantou e contou, em seu modo calmo, uma história simples e comum de como eu rejeitara o real e gulosamente devorara o ideal... Então pronunciei o seguinte julgamento:

Que nunca uma tola maior que Jane Eyre havia respirado o ar da vida. Que nunca uma idiota mais completa havia se alimentado com doces mentiras, e engolido veneno como se fosse néctar.

“*Você,*” disse a mim mesma “a favorita de Mr. Rochester? *Você,* dotada do poder de agradá-lo? *Você* representar alguma coisa para ele, seja o que for? Vá embora! Sua loucura me deixa doente! E você encontrou prazer em alguns sinais de favorecimento – sinais equivocados – dispensados por um cavalheiro de alta linhagem e homem do mundo em relação a uma subalterna inexperiente. Como se atreveu? Pobre e estúpida tola! Nem mesmo o seu próprio interesse é capaz de torná-la mais sábia? E hoje reviu em sua mente a breve cena da última noite, não foi? Cubra o rosto de vergonha! Ele disse algo a respeito dos seus olhos, não disse? Cadelinha cega! Abra esses olhos enevoados e olhe para sua maldita falta de senso! Não faz bem à mulher alguma, ser elogiada por um superior, que não tem a menor possibilidade de casar-se com ela. E é loucura uma mulher permitir que um amor secreto queime dentro dela. Amor que, desconhecido e não correspondido, devora a própria vida que o alimenta. E, se revelado e retribuído, pode levar, como um fogo-fátuo, a um pântano de onde não há como sair.”

“Escute bem, Jane Eyre, eis a sua sentença: amanhã, coloque o espelho na sua frente e desenhe o seu próprio retrato, fielmente, sem suavizar qualquer defeito. Não omita as linhas mais rudes, nem disfarce alguma desproporção desagradável. Abaixo dele escreva: Retrato de uma Governanta, pobre, simples e sem família.”

“Depois, pegue uma placa de fino marfim – você tem uma na caixa de pintura – prepare a sua paleta, misture as tintas mais claras, frescas e delicadas e escolha pincéis de suave pêlo de camelo. Desenhe a face mais adorável que puder imaginar e pinte-a nas cores mais ternas e doces, de acordo com a descrição que Mrs. Fairfax fez de Blanche Ingram. Lembre-se dos cachos negros e dos olhos amendoados. O quê? Você está tomando de novo Mr. Rochester como modelo! Ordem! Nada de

lamúrias! Nada de sentimentalismos! Nada de tristezas! Permito apenas bom senso e decisão. Lembre dos traços nobres e harmoniosos, o busto e o pescoço de estátua grega, deixe o braço redondo e fascinante bem à vista, assim como a mão delicada. Não esqueça os anéis de diamante nem o bracelete de ouro. Retratar fielmente os trajes, os laços diáfanos e o cetim brilhante, o gracioso xale e a rosa dourada. Chame-o de ‘Blanche, uma perfeita dama da alta sociedade’.”

“Quando, no futuro, por acaso pensar que Mr. Rochester tem algum sentimento por você, pegue esses dois retratos e compare-os. Diga: Mr. Rochester provavelmente ganhará o amor dessa nobre dama, se realmente desejar. Será possível que perca tempo pensando seriamente numa plebeia indigente e insignificante?”

“Assim o farei” decidi. E tendo tomado essa decisão, tranquilizei-me e adormeci.

Mantive a palavra. Em uma ou duas horas desenhei meu próprio retrato a crayon, e em menos de quinze dias havia completado uma miniatura em marfim de uma Blanche Ingram imaginária. O rosto parecia suficientemente adorável para, comparado ao retrato real feito em crayon, oferecer um contraste forte o bastante para manter minha resolução. Tirei algum proveito da tarefa, pois mantive as mãos e a cabeça ocupadas, e conferi força e estabilidade aos novos sentimentos que desejava gravar de forma indelével no coração.

Tinha mais uma razão para congratular-me pela saudável disciplina a que submetera meus sentimentos. Graças a ela fui capaz de suportar os acontecimentos que se sucederam com uma serenidade digna, a qual não seria capaz de manter, nem mesmo aparentemente, caso me encontrasse despreparada.

[1] Em francês no original: “O que tem, senhorita? Seus dedos tremem como uma folha, e suas faces estão vermelhas. É... vermelhas como duas cerejas!”

CAPÍTULO 17

Passou-se uma semana sem nenhuma notícia de Mr. Rochester. Dez dias, e ele ainda não voltara. Mrs. Fairfax disse que não ficaria surpresa se ele fosse direto de Leas para Londres, e de lá para o continente, e só aparecesse novamente em Thornfield no ano seguinte. Mais de uma vez ele partira assim, dessa maneira súbita e inesperada. Quando ouvi isso, comecei a sentir um estranho frio e uma fraqueza no coração. Na verdade, já estava tendo uma doentia sensação de desapontamento. Mas, reunindo minhas energias e recordando meus princípios, dominei esses sentimentos. E foi espantoso como superei esse engano temporário, como afastei o erro de supor que os movimentos de Mr. Rochester tivessem algum interesse vital na minha vida. Não que eu me sentisse humilhada por algum escravizante sentimento de inferioridade. Ao contrário. Apenas disse a mim mesma:

“Você não tem nada a ver com o dono de Thornfield, além de receber o salário que ele lhe paga para ensinar a menina e ser grata pelo tratamento respeitoso e gentil que, se cumprir bem sua missão, tem o direito de esperar da parte dele. Esteja certa de que esse é o único laço que ele reconhece entre vocês dois. Assim, não faça dele o objeto dos seus belos sentimentos, seus devaneios, suas agonias... e siga adiante! Ele não é do seu nível: mantenha-se no seu lugar. Seja respeitosa e não se permita amar com toda a força do seu coração e da sua alma alguém que não deseja essa dádiva e pode desprezá-la.”

Prossigui com tranquilidade nas minhas ocupações diárias. Mas, aqui e ali, surgiam em minha mente vagas sugestões de motivos pelos quais eu deveria deixar Thornfield. E me vi involuntariamente preparando anúncios e conjecturando sobre novas colocações. Não pensei em reprimir esses pensamentos. Que germinassem e dessem frutos, se pudessem.

Mr. Rochester estava ausente há mais de quinze dias, quando o carteiro trouxe uma carta para Mrs. Fairfax.

– É do patrão – ela disse, enquanto olhava o endereço. – Agora imagino que saberemos melhor se ele volta ou não.

E enquanto ela quebrava o lacre e examinava o documento, prossigui tomando meu café (estávamos na mesa do café da manhã). Fazia calor, e atribui a essa circunstância o intenso rubor que de repente tomou conta do meu rosto. Preferi não conjecturar porque minhas mãos tremiam, e porque derramei metade do café no pires.

– Bem, às vezes penso que a casa está muito quieta. Mas agora teremos uma chance de nos ocupar bastante, ou pelo menos por um tempo – disse Mrs. Fairfax, ainda segurando a carta diante do rosto.

Antes de me permitir pedir alguma explicação, atei o laço do avental de Adele, que estava solto. Ajudei a servi-la de outro pãozinho e tornei a encher sua caneca com café. Disse então, com o maior sangue frio:

– Imagino que Mr. Rochester não vai retornar tão cedo...

– Na verdade, ele vai... Daqui a três dias estará aqui, diz ele. Quinta-feira próxima, portanto. E não vem sozinho. Não sei quantos daqueles elegantes convidados de Leas virão com ele. Só sei que mandou preparar todos os melhores quartos e limpar a biblioteca e as salas de visitas. Devo mandar vir ajudantes de cozinha da Estalagem George em Millcote, e de onde mais puder. As damas trarão suas criadas de quarto e os cavalheiros também virão com seus valetes. Vamos ter uma casa cheia.

E Mrs. Fairfax engoliu o café e saiu apressada para começar os preparativos.

Como ela previra, foram três dias bastante cheios. Sempre achei todos os cômodos de Thornfield agradavelmente limpos e bem arranjados, mas parece que me enganava. Vieram três mulheres para ajudar. E foi um tal de esfregar, escovar, lavar, bater tapetes, tirar e recolocar quadros, polir espelhos e lustres, acender lareiras nos quartos, arejar lençóis e cobertores, como eu nunca vi antes na minha vida, nem voltei a ver depois. Adele corria no meio de tudo aquilo, completamente agitada. As preparações e a perspectiva da chegada de convidados pareciam levá-la ao delírio. Pediu a Sophie que examinasse todas as suas “toilettes”, como ela chamava os seus vestidos, separasse os que estivessem “passées” – fora de moda – além de arejar e reparar os mais novos. Fora isso, nada mais fazia senão dar cambalhotas nos quartos da frente, pular em cima dos estrados das camas, e esparramar-se nos colchões e nas pilhas de almofadas e travesseiros diante dos enormes fogos que rugiam nas lareiras. Estava dispensada dos deveres escolares. Mrs. Fairfax havia pedido minha ajuda e eu passava o dia na despensa, ajudando (ou atrapalhando) a ela e à cozinheira, e aprendendo a fazer pudins de ovos, tortas de requeijão e doces franceses, e a preparar pratos de caça e guarnecer sobremesas.

A chegada do grupo estava prevista para a tarde de quinta-feira, a tempo de jantar às seis. Durante esse período não tive tempo para alimentar quimeras, e acho que estava mais ativa e alegre do que qualquer um... exceto Adele. Ainda assim, vez por outra recebia um golpe desalentador na minha alegria e, a despeito de mim mesma, voltava à nebulosa região das dúvidas, presságios e negras conjeturas. Era quando via por acaso a porta da escada do terceiro andar (que ultimamente vivia trancada) abrir-se devagar e dar passagem ao vulto de Grace Poole, de touca limpa, avental branco e lenço; quando a via deslizar pelo corredor, seus passos leves abafados pelas chinelas macias; quando a via olhar para dentro dos quartos – onde reinava a agitação – apenas para dizer uma palavra à faxineira sobre a maneira correta de polir uma grade de metal, ou um consolo de mármore, ou tirar as nódoas do papel de parede, e depois seguir adiante. Ela ainda descia até a cozinha uma vez por dia, almoçava, fumava um pequeno cachimbo junto ao fogo e voltava, levando a caneca de cerveja com ela para a solidão do seu sótão triste e sombrio. Das vinte e quatro horas do dia, ficava apenas uma com suas companheiras lá embaixo. Todo o resto do seu tempo era passado em algum quarto de teto baixo e forrado de carvalho, no terceiro andar. Ali sentava-se e costurava – e provavelmente ria sozinha – tão solitária quanto uma prisioneira numa masmorra.

A coisa mais estranha de tudo era que ninguém na casa, exceto eu, estranhava os seus hábitos, ou parecia reparar neles. Ninguém discutia sua posição na casa, nem tinha pena de sua solidão e isolamento. Uma vez, no entanto, ouvi parte de um diálogo entre Leah e uma das faxineiras em que o assunto era Grace. Leah havia dito algo que eu não ouvira, e a faxineira observou:

– Ela deve ganhar um bom salário, não é?

– Sim – disse Leah – quem me dera eu recebesse um salário tão bom! Não que eu possa me queixar, não há mesquinaria em Thornfield, mas não ganho um quinto do que Mrs. Poole ganha. E ela está economizando: uma vez a cada três meses vai ao banco em Millcote. Não me espanta se já tiver o bastante para ser independente, se acaso deixar Thornfield. Mas acho que se acostumou aqui. Ainda assim, não tem nem quarenta anos, e ainda está bem forte e capaz. É muito cedo para ela deixar de trabalhar.

– Ela deve ser de grande ajuda – disse a faxineira.

– Ah, sim! Ela sabe o que deve fazer, melhor do que ninguém! – respondeu Leah, de modo significativo. – E não é qualquer uma que pode fazer o que ela faz... mesmo com o seu salário.

– Ah, é mesmo! – foi a resposta. – Fico pensando se o patrão...

A faxineira ia continuar, mas Leah voltou-se nesse momento, notou minha presença e, imediatamente cutucou a companheira.

– Ela não sabe? – ouvi a mulher cochichar.

Leah sacudiu a cabeça e mudaram de assunto. Tudo que entendi da conversa foi isto: havia um mistério em Thornfield, e eu supostamente fora excluída de qualquer participação nele.

Finalmente chegou a quinta-feira. O trabalho terminara na tarde do dia anterior. Os tapetes foram recolocados, os cortineiros enfeitados, as colchas estendidas, as penteadeiras arrumadas, a mobília lustrada e flores dispostas nos vasos. Os quartos e as salas pareciam tão brilhantes e limpos quanto possível. O saguão também fora lustrado, e a moldura do antigo relógio, os corrimões e degraus da escada estavam polidos como cristais. Na sala de jantar, o bufê parecia resplandecer com a prataria. Na sala de visitas e no *boudoir* havia vasos com flores exóticas por todo o lado.

A tarde chegou e Mrs. Fairfax colocou o seu melhor vestido preto de cetim, as luvas e o relógio de ouro, pois era sua obrigação receber os convidados e levar as damas aos seus quartos. Adele também devia ser vestida, apesar de eu achar que ela tinha pouca chance de ser apresentada ao grupo naquela noite. Todavia, para agradá-la, permiti que Sophie a vestisse com um dos seus vestidos curtos de musseline. Quanto a mim, não havia necessidade de qualquer mudança. Não deveria ser convidada a deixar o santuário da sala de aulas, pois para mim ela era agora um santuário, um refúgio agradável em tempos de tormenta.

Era um dia ameno e calmo de primavera. Um daqueles dias que, entre o fim de março e o começo de abril, brilhava sobre a terra como um arauto do verão. Já estava anoitecendo, mas ainda estava quente. Sentei-me a trabalhar na sala de aulas, com a janela aberta.

– Está ficando tarde – disse Mrs. Fairfax, ao entrar com o vestido farfalhando. – Estou feliz de ter pedido o jantar uma hora mais tarde que o habitual, pois já passa das seis. Mandei John até os portões para ver se vem vindo alguém na estrada. Dali se vê um bom pedaço na direção de Millcote.

Foi até a janela.

– Aí está ele! – disse ela – Bem, John, alguma novidade?

– Eles estão chegando, madame – foi a resposta. – Estarão aqui em dez minutos.

Adele correu para a janela. Eu a segui, tomando cuidado para ficar de lado, encoberta pela cortina, de onde podia ver sem ser vista.

Os dez minutos de John pareceram intermináveis, mas afinal ouviu-se o barulho de rodas. Quatro cavaleiros vinham à frente, seguidos por duas carruagens abertas. Véus flutuantes e plumas ondulantes enchiam os veículos. Dois dos cavaleiros eram jovens de bela aparência e arrojados. O terceiro era Mr. Rochester, no seu cavalo negro, Mesrour, com Pilot à frente. Ao lado dele havia uma dama, e os dois eram os primeiros do grupo. Seu casaco de montaria púrpura quase encostava no chão, o longo véu flutuava na brisa. E brilhando entre as dobras do véu transparente, distinguiam-se ricos cachos negros.

– Miss Ingram! – exclamou Mrs. Fairfax, e correu para assumir seu posto lá embaixo.

Os cavaleiros, seguindo a curva do caminho, logo dobraram o ângulo da casa, e eu os perdi de vista. Adele implorava para descer. Eu a peguei no colo e a fiz entender que ela não devia, em hipótese alguma, aparecer perante as damas, nem agora nem em qualquer outra ocasião, a menos que fosse

expressamente convidada. Disse-lhe que Mr. Rochester ficaria muito zangado com ela. “Ela derramou algumas lágrimas verdadeiras”^[1] quando ouviu isso, mas como eu parecia muito aborrecida, resolveu enxugá-las.

Agora ouvia-se uma alegre movimentação no saguão: as vozes profundas dos cavalheiros mesclavam-se harmoniosamente com os tons argentinados das damas. Acima de todas, embora não fosse alta, ouvia-se a voz sonora do senhor de Thornfield Hall, dando as boas vindas à sua casa aos belos e galantes hóspedes. Em seguida, passos leves subiram as escadas, houve movimento no corredor, alguns risos suaves e harmoniosos, o ruído de portas que se abriam e fechavam. Depois, por algum tempo, apenas silêncio.

– *Elles changent de toilettes* – disse Adele, que escutava atentamente e seguia cada movimento. Então suspirou. – *Chez maman, quand il y avait du monde, je le suivais partout, au salon et à leurs chambres. Souvent je regardais les femmes de chambre coiffer et habiller les dames, et c’était si amusant: comme cela on apprend* ^[2].

– Não está com fome, Adele ?

– *Mais, oui, mademoiselle: voilà cinq ou six heures que nous n’avons pas mangée.* ^[3]

– Bem, enquanto as damas estão nos seus quartos, vou tentar descer e pegar algo para comer.

E saindo do meu refúgio com toda a precaução, procurei uma escada nos fundos que levava diretamente à cozinha. Tudo ali era fogo e comoção. A sopa e o peixe estavam sendo finalizados, e a cozinheira inclinava-se sobre as caçarolas, num frêmito de corpo e de alma que ameaçava uma combustão espontânea. Na sala dos criados, dois cocheiros e três valetes se agrupavam, de pé ou sentados ao redor do fogo. As criadas, creio, estavam no andar de cima com suas patroas. Os novos empregados, que haviam sido contratados em Millcote, movimentavam-se por toda parte. Enveredando por esse caos, finalmente cheguei à despensa. Ali me apoderei de um frango frio, um pedaço de pão, alguns bolos, dois pratos, facas e garfos. Com o meu butim, fiz uma retirada rápida. Voltei ao corredor e estava fechando a porta de trás quando um forte rumor indicou-me que as damas estavam saindo dos quartos. Não podia ir até a sala de aulas sem passar na frente de algumas das portas, correndo o risco de ser surpreendida com a minha carga de víveres. Então fiquei parada ali no fim do corredor, que era um tanto escuro, pois não havia janelas naquela parte. Agora estava ainda mais escuro, pois o sol já havia se posto e o crepúsculo avançava.

Nesse momento, as belas hóspedes saíram de seus quartos, uma após a outra. Cada qual mais alegre e radiante, com vestidos brilhantes que luziam no escuro. Por um momento reuniram-se todas na outra extremidade do corredor, conversando num tom de controlada vivacidade. Então desceram as escadas quase sem ruído algum, como brilhantes espirais de névoa descendo de uma colina. Sua aparição coletiva deixara-me uma impressão de elegância de berço, como eu nunca vira antes.

Encontrei Adele espiando pela porta entreaberta da sala de aulas.

– Que damas lindas! – exclamou ela, em inglês. – Quem dera eu pudesse ir até elas! Acha que Mr. Rochester vai nos chamar depois do jantar?

– Não creio, na verdade. Mr. Rochester tem outras coisas em que pensar. Não se preocupe mais com as damas por hoje. Talvez possa vê-las amanhã. Aqui está o seu jantar.

Ela realmente estava com fome, assim o frango e os bolos acabaram por distraí-la durante algum tempo. Foi bom que eu garantisse essa refeição. Senão, tanto ela como eu e Sophie, a quem eu enviara um pouco de comida, corríamos o risco de ficar totalmente sem jantar. Todos lá embaixo estavam ocupados

demais para pensar em nós. A sobremesa não foi servida senão às nove, e às dez os lacaios ainda estavam andando de lá para cá com bandejas e xícaras de café. Permiti que Adele ficasse acordada até mais tarde que de costume, pois ela dissera que não poderia dormir enquanto ouvisse as portas batendo lá embaixo e pessoas se movimentando. Além disso, podia vir um chamado de Mr. Rochester quando ela já tivesse se despido “et alors, quel dommage!” – seria uma pena!

Contei-lhe histórias enquanto ela se dispôs a ouvi-las e, para distraí-la, levei-a para o corredor. Agora a lâmpada do saguão estava acesa, e ela se distraiu olhando por sobre a balaustrada, observando o vaivém dos criados. Quando a noite já avançava, ouviu-se som de música, vindo da sala de visitas, onde fora colocado o piano. Adele e eu sentamos nos degraus mais altos da escada para escutar. Então ouviu-se uma voz que se juntava ao instrumento, de uma dama que cantava em notas muito doces. Terminado o solo, seguiu-se um dueto, e depois um coro. Um murmúrio alegre de conversas preenchia os intervalos. Escutei por muito tempo. De repente, descobri que meus ouvidos estavam inteiramente ocupados em analisar os sons misturados, tentando descobrir no meio da confusão de vozes aquela de Mr. Rochester. Ao reconhecê-la, o que não demorou, ainda tive que decifrar em palavras os sons inarticulados pela distância.

O relógio bateu onze horas. Olhei para Adele, cuja cabeça repousava no meu ombro. Seus olhos estavam pesados, então peguei-a no colo e levei-a para a cama. Era quase uma hora quando as damas e os cavalheiros se recolheram aos seus aposentos.

O dia seguinte estava tão bonito quanto o anterior, e o grupo aproveitou para fazer um passeio a algum lugar nas vizinhanças. Saíram de manhã cedo, alguns a cavalo, o resto nas carruagens. Testemunhei tanto a partida quanto o retorno. Miss Ingram, como antes, era a única dama a cavalo. E, como antes, Mr. Rochester galopava ao seu lado. Os dois seguiam um pouco afastados do resto do grupo. Mencionei esse fato a Mrs. Fairfax, que estava ao meu lado na janela.

– A senhora me disse que não era provável que eles pensassem em casamento – observei – Mas é evidente que Mr. Rochester prefere a companhia dela a qualquer uma das outras damas.

– Sim. Não há dúvida que ele a admira.

– E ela a ele – acrescentei – veja como volta a cabeça para ele, como se estivesse numa conversa privada. Quem me dera eu pudesse ver seu rosto, ainda não pude vê-la, nem de relance.

– Vai vê-la esta noite – disse Mrs. Fairfax. – Mencionei a Mr. Rochester o quanto Adele deseja conhecer as damas e ele disse: “Ah! Mande que venha a sala de visitas após o jantar. E peça a Miss Eyre para acompanhá-la”.

– Sim, mas ele disse isso apenas por delicadeza. Estou certa de que não preciso ir – respondi.

– Bem.. Eu disse a ele que, como você não está acostumada à sociedade, é possível que não gostasse de aparecer diante de um grupo tão alegre, e todos estranhos. E ele disse, no seu modo brusco: “Bobagem! Se ela se recusar, diga que é um pedido especial meu. E se ainda assim resistir, diga-lhe que se teimar em não vir eu mesmo irei buscá-la”.

– Não permitirei que se dê a esse trabalho – respondi. – Eu irei, se não há outra saída. Mas não gosto. A senhora vai estar lá, Mrs. Fairfax?

– Não, pedi para ser dispensada, e ele concordou. Deixe-me dizer-lhe como deve fazer para evitar o embaraço de uma entrada formal, que é a parte mais desagradável do negócio. Vá para a sala de visitas enquanto estiver vazia, antes que as damas deixem a mesa. Escolha seu lugar no canto mais calmo que preferir. Depois que os cavalheiros vierem, não precisa ficar por muito tempo, a menos que lhe

agrade. Deixe que Mr. Rochester veja que você está lá e então saia discretamente... Ninguém vai notar.

– A senhora acha que os convidados ficarão aqui por muito tempo?

– Talvez duas ou três semanas, não mais. Depois dos feriados de Páscoa, Sir George Lynn, que foi recentemente eleito deputado por Millcote, deve ir a Londres para tomar posse. Acho que Mr. Rochester vai acompanhá-lo. Estou surpresa com essa longa estadia dele em Thornfield.

Foi com algum nervosismo que senti aproximar-se a hora em que devia descer com a minha cruz para a sala de visitas. Adele esteve em estado de êxtase durante todo o dia, depois de saber que seria apresentada às damas naquela noite. E só sossegou quando Sophie começou a vesti-la. A importância do momento acalmou-a rapidamente. Depois que Sophie arrumou os seus cabelos numa cascata de cachos macios, colocou-lhe o vestidinho de cetim rosa, atou a longa faixa e vestiu-lhe as luvas de renda, Adele parecia tão grave quanto um juiz. Não foi preciso recomendar-lhe que não desarranjasse o traje. Quando terminou, sentou-se elegantemente na sua cadeirinha, tendo o prévio cuidado de levantar a saia de cetim para que não amassasse e prometeu que não iria se mexer até que eu estivesse pronta. Isso não demorou para acontecer. Rapidamente coloquei o meu melhor vestido – o prateado, comprado para o casamento de Miss Temple e que eu nunca usara desde então – ajeitei o cabelo e coloquei meu único adorno, o broche de pérolas. Descemos.

Felizmente havia outra entrada para a sala de visitas do que aquela que atravessava a sala de jantar, onde todos estavam sentados à mesa. Acharmos a sala vazia. Um belo fogo ardia silenciosamente na lareira de mármore, e os candeeiros luziam naquela brilhante solidão, em meio às exóticas flores que adornavam as mesas. A cortina carmesim estava baixada diante do arco da sala. Mesmo com essa frágil separação entre os dois cômodos, os convidados falavam num tom de voz tão baixo que não se podia distinguir nada da sua conversa, além de um suave murmúrio.

Adele, que parecia estar sob a influência da mais solene impressão, sentou-se sem uma palavra na banquetta que lhe indiquei. Retirei-me para o banco junto à janela e, pegando um livro da mesa próxima, tentei ler um pouco. Adele trouxe sua banquetta para junto de mim. Pouco depois tocou o meu joelho.

– O que é, Adele?

– *Est-ce que je ne peut pas prendre une seule de ces fleurs magnifiques, mademoiselle? Seulement pour compléter ma toilette ?*[\[4\]](#)

– Você se preocupa demais com a sua “toilette”, Adele. Mas vou lhe dar a flor.

Peguei uma rosa de um vaso e prendi-a na faixa da cintura. Ela suspirou com uma satisfação inefável, como se a sua taça de felicidade estivesse finalmente cheia. Virei o rosto para esconder um sorriso involuntário: havia algo de ridículo, tanto quanto doloroso, na séria e inata devoção daquela pequena parisiense a tudo que se referia à moda.

Agora se ouvia o som suave de pessoas se levantando. A cortina fora afastada. Através do arco via-se a sala de jantar, com seu grande lustre aceso jorrando luz sobre a prataria e os cristais de um magnífico aparelho de jantar, que cobria a longa mesa. Um grupo de senhoras parou na entrada da sala. Entraram e a cortina foi fechada atrás delas.

Não eram mais de oito, mas como se aglomeravam davam a impressão de um número bem maior. Algumas eram muito altas, muitas vestidas de branco, e todas tinham atavios tão envolventes que pareciam exaltá-las, assim como a bruma exalta a lua. Levantei-me e fiz uma reverência. Uma ou duas inclinaram a cabeça em retribuição, as demais apenas me olharam fixamente.

Espalharam-se pela sala, lembrando-me, pela leveza e flexibilidade dos seus movimentos, um bando de pássaros brancos. Algumas delas sentaram-se meio reclinadas nos sofás e otomanas. Outras examinavam as flores e os livros dispostos nas mesas. O resto formava um grupo perto do fogo. Todas falavam num tom baixo, mas nítido, que parecia normal entre elas. Soube seus nomes depois, e posso agora mencioná-los.

Primeiro, Mrs. Eshton e as duas filhas. Era evidente que ela fora uma mulher bonita, e ainda estava bem conservada. Das filhas, a mais velha, Amy, era de baixa estatura, ingênua, o rosto e os modos de criança e as formas picantes. O vestido branco com faixa azul caía-lhe muito bem. A outra, Louisa, era mais alta e mais elegante, com um rosto muito gracioso, do tipo que os franceses chamam de “minois chiffonné” – carinha de cansaço. As duas eram claras como lírios.

Lady Lynn era uma figura grande e robusta, de quarenta anos aproximadamente, muito ereta, de aparência bastante altiva, ricamente trajada num vestido de cetim furta-cor. Sob uma tiara de pedras preciosas, seu cabelo negro brilhava radiante à sombra de uma pluma azul-celeste.

A esposa do Coronel Dent era menos pomposa, mas parecia-se mais com uma dama, penso eu. Era esguia, de rosto pálido e feições nobres, e belos cabelos. Seu vestido de seda preto, seu xale de rica renda importada e os ornamentos de pérola, agradaram-me mais do que a colorida radiância da outra que tinha o título de dama.

Mas as três que mais se destacavam, em parte, talvez por serem as mais altas, eram a Matriarca Lady Ingram e suas filhas, Blanche e Mary. As três eram as mais altas entre as mulheres. A Matriarca devia ter entre quarenta e cinquenta anos, seu porte ainda era belo, o cabelo ainda era negro (pelo menos à luz dos candeeiros), e os dentes, aparentemente, ainda eram perfeitos. Muitos a teriam considerado uma mulher esplêndida para a sua idade. E ela era, sem dúvida, fisicamente falando. Mas havia uma expressão de quase insuportável arrogância no seu porte e semblante. Tinha traços romanos, e um queixo duplo que desaparecia no pescoço grosso como uma coluna. Seus traços me pareceram inflados e sombrios, ainda mais estufados pelo orgulho. O queixo era sustentado pelo mesmo princípio, numa posição ereta quase sobrenatural. Tinha os olhos igualmente duros e cruéis, que me lembravam de Mrs. Reed. Escandia as palavras com uma voz profunda, de inflexões muito pomposas e muito dogmáticas... em suma: muito intoleráveis. O vestido de veludo carmim e um xale-turbante de algum tecido indiano de estampa dourada, investiam-na (creio que ela assim pensava) de uma verdadeira dignidade imperial.

Blanche e Mary tinham a mesma estatura... altas e eretas como álamos. Mary era muito magra para a altura, mas Blanche tinha as formas de uma Diana. Olhei-a com especial interesse, é claro. Primeiro queria ver se sua aparência estava de acordo com a descrição de Mrs. Fairfax. Depois, se tinha alguma semelhança com a miniatura imaginária que pintara dela. E por fim – confesso! – para ver se era a mulher que eu imaginava contentar o gosto de Mr. Rochester.

Tanto quanto possível, Blanche assemelhava-se bastante à minha pintura e à descrição de Mrs. Fairfax. O busto nobre, os ombros inclinados, o gracioso pescoço, os olhos escuros e os negros cachos estavam todos lá... Mas e o rosto? O rosto parecia com o da mãe. Era mais jovem e mais liso, mas tinha o mesmo cenho carregado, os mesmos traços altaneiros, o mesmo orgulho. No entanto, seu orgulho não era tão melancólico! Ria continuamente, mas era um riso mordaz, como a expressão habitual do lábio arqueado e arrogante.

Dizem que o talento é presunçoso. Não sei dizer se Miss Ingram era talentosa, mas presunçosa ela era... notavelmente presunçosa, aliás. Engajou-se numa discussão sobre botânica com a gentil Mrs. Dent. Parece que Mrs. Dent não entendia muito dessa ciência, mas gostava de flores, como disse.

“especialmente das flores silvestres”. Miss Ingram sim, conhecia o assunto, e começou a desfilar o vocabulário apropriado com ares superiores. Então percebi que ela (como se fala corriqueiramente) *ironizava* Mrs. Dent, isto é, zombava da sua ignorância... Sua *ironia* podia ser inteligente, mas não revelava bom caráter. Tocou piano: sua execução foi brilhante. Cantou: tinha uma bela voz. Falava francês com a mãe, e falava bem, com fluência e boa pronúncia.

Mary tinha uma natureza mais meiga e aberta que Blanche, traços mais suaves e a pele bem mais clara (Miss Ingram era morena como uma espanhola)... Mas Mary tinha pouca vivacidade, faltava-lhe brilho no olhar. Não tinha nada a dizer, e uma vez que sentava ficava imóvel como uma estátua no seu nicho. Ambas as irmãs estavam trajadas em branco imaculado.

E agora? Seria Miss Ingram, no meu modo de ver, uma provável escolha de Mr. Rochester? Não saberia dizer... Não conhecia o gosto dele em matéria de beleza feminina. Se gostasse do majestático, ela era o tipo perfeito de majestade, e também prendada e esperta. A maioria dos cavalheiros devia admirá-la, pensei. E que *ele* a admirava, parecia que já havia provas. Para remover qualquer sombra de dúvida, faltava-me apenas vê-los juntos.

Não imagine, leitor, que Adele ficou esse tempo todo sentada imóvel na banquetta aos meus pés. Não. Quando as senhoras entraram ela levantou-se, foi ao seu encontro, fez uma majestosa reverência e disse gravemente:

– *Bonjour, mesdames.*[\[5\]](#)

Miss Ingram olhou-a com ar de deboche e exclamou:

– Olhem! Que linda bonequinha!

Lady Lynn observou:

– Deve ser a protegida de Mr. Rochester... A pequena menina francesa de quem ele estava falando.

Mrs. Dent pegou bondosamente a mão dela e deu-lhe um beijo.

Amy e Louisa Eshton exclamaram ao mesmo tempo:

– Que amor de criança!

E, então, levaram-na para o sofá, onde ela agora estava sentada, refestelada no meio delas, falando alternadamente em francês e inglês estropiado. Absorvia a atenção não só das jovens damas, como também de Mrs. Eshton e Lady Lynn, e estava sendo muito mimada, para sua enorme felicidade.

Por fim trouxeram o café, e os cavalheiros foram chamados. Eu estava sentada na sombra, se é que havia alguma sombra naquele salão iluminado. A cortina da janela me escondia parcialmente. O arco se abriu novamente e eles entraram. A aparência coletiva dos cavalheiros era tão imponente quanto a das damas. Estavam todos de preto, a maioria era alta e alguns eram jovens. Henry e Frederick Lynn eram arrojados galanteadores. O Coronel Dent era um belo homem, do tipo militar. Mr. Eshton, o magistrado da região, tinha a aparência de um cavalheiro: cabelos brancos, bigode e sobancelhas ainda escuros, que lhe davam uma aparência de “*père noble de theatre*” – pai nobre de teatro. Lord Ingram era muito alto, como as irmãs. E, como elas, também muito bonito. Mas tinha o mesmo olhar apático e indiferente de Mary. Parecia ter mais comprimento de pernas do que vigor ou vivacidade de espírito.

E onde estava Mr. Rochester?

Ele chegou, afinal. Embora eu não estivesse olhando para a arcada, senti quando ele entrou.

Tentei concentrar minha atenção nas agulhas de tricô e nas malhas da bolsa que tecia... Quis pensar apenas no trabalho que tinha nas mãos, ver apenas as contas prateadas e os fios de seda que estavam no meu colo. Apesar disso, vi distintamente sua figura, e não pude evitar de pensar na última vez que o vi. Fora logo após haver-lhe prestado o que ele chamou de serviço essencial, quando ele, segurando minhas mãos e olhando para o meu rosto, observou-me com olhos que revelavam um coração cheio e ansioso para transbordar numa emoção que me envolvia. Como estive próxima dele naquele momento! O que ocorrera desde então, para mudar a posição dele e a minha? Como estávamos distantes e estranhos agora! Tão estranhos que nem sequer esperei que viesse falar comigo. Não me admirei quando ele, sem me olhar, sentou-se no outro lado da sala e começou a conversar com algumas das damas.

Logo que percebi que a atenção dele estava concentrada nas senhoras e que podia contemplá-lo sem ser vista, meus olhos dirigiram-se involuntariamente para o seu rosto. Não podia controlá-los, de qualquer forma eles se ergueriam e se fixariam nele. Olhei, e senti profundo prazer em olhar – um prazer precioso, apesar de pungente. Ouro puro, ainda que misturado a uma ponta afiada de agonia. Um prazer como aquele que sente o peregrino sedento, quando descobre que o poço até o qual rastejou está envenenado, e mesmo assim bebe algumas gotas.

Mais verdadeiro ainda é o ditado que diz que “a beleza está nos olhos de quem vê”. Aquele rosto do meu patrão – a face morena e pálida, a fronte quadrada e maciça, as sobrancelhas cerradas, os olhos profundos, as feições marcantes, o queixo firme e cruel, tudo energia, decisão, vontade – não eram traços bonitos de acordo com o gosto comum. Mas para mim pareciam mais do que belos. Tinham um interesse e uma influência que me dominavam, que arrebatavam de mim meus próprios sentimentos e os colocava sob o poder dele. Não pretendia amá-lo. O leitor sabe que trabalhei duro para extirpar da minha alma os germes desse amor que ali se haviam instalado. E agora, quando pela primeira vez lancei os olhos sobre ele, esses sentimentos voltaram, mais firmes e fortes! Ele ganhou o meu amor sem sequer me olhar.

Comparei-o com os seus hóspedes. O que era a galante graça dos Lynns, a lânguida elegância de Lord Ingram – e até a distinção militar do Coronel Dent – comparada ao seu olhar de seiva nativa e genuína força? Não me despertavam simpatia, nem pela aparência nem pela expressão. Mesmo assim imaginava que a maioria das pessoas poderia achá-los atraentes, bonitos, imponentes – e que considerariam Mr. Rochester um homem de traços rudes e olhar melancólico. Eu os vi sorrir e dar risadas... e isso não era nada. A luz das velas tinha mais alma do que os seus sorrisos. As badaladas do sino mais significado do que as suas risadas. Vi Mr. Rochester sorrir. Suas feições sérias se abrandaram. Seus olhos tornaram-se brilhantes e gentis, e a sua luz aguda e doce. Naquele momento estava conversando com Louisa e Amy Eshton. Admirei-me ao ver a calma com que receberam aquele olhar que me parecia tão penetrante. Esperava que baixassem os olhos e corassem ante aquele olhar. Fiquei contente ao perceber que ficavam impassíveis.

“Ele não é para elas o que é para mim,” pensei “não é da sua espécie, e sim da minha. Estou convencida disso, sinto-me ligada a ele, entendo a linguagem do seu rosto e dos seus gestos. Embora a situação social e a riqueza nos afastem profundamente, tenho alguma coisa no coração e na mente, no sangue e nos nervos, que me liga espiritualmente a ele. E eu que disse, dias atrás, que não tinha nada a ver com ele a não ser receber das suas mãos o meu salário! E eu que proibi a mim mesma de pensar nele de outra forma que não fosse como patrão! Que atentado contra a natureza! Todos os meus sentimentos bons, verdadeiros e vigorosos dirigem-se impulsivamente para ele. Sei que devo esconder meus sentimentos. Devo sufocar a esperança, lembrar-me que ele não pode ligar muito para mim. Pois quando digo que somos da mesma espécie, não quero dizer que tenho a sua força de influência, nem seu poder de

atração. Quero dizer apenas que tenho certos gostos e sentimentos em comum com ele. Devo então repetir, continuamente, que estamos separados para todo o sempre... Ainda assim, enquanto me restar vida e alento, vou amá-lo.”

O café foi servido. As damas, com a chegada dos cavalheiros, tornaram-se vivas e divertidas. A conversa fluía alegre e jovial. O Coronel Dent e Mr. Eshton discutiam política, enquanto as esposas ouviam. As duas orgulhosas matronas, Lady Lynn e Lady Ingram, confabulavam. Sir George – a quem, por acaso, esqueci de descrever – era um cavalheiro do campo, bastante robusto e saudável. Estava de pé junto ao sofá, com a xícara de café na mão, e ocasionalmente fazia algum comentário. Mr. Frederick Lynn sentava-se ao lado de Mary Ingram, e mostrava a ela as gravuras de um esplêndido álbum. Ela olhava, sorria de vez em quando, mas aparentemente falava pouco. O alto e fleumático Lord Ingram debruçava-se, de braços cruzados, no espaldar da cadeira da pequena e viva Amy Eshton. Ela levantava o olhar para ele e tagarelava como uma cambaxirra. Gostava mais dele do que de Mr. Rochester. Henry Lynn dividia uma otomana com Adele, aos pés de Louisa. Tentava falar em francês com a menina, e Louisa ria dos seus erros. Quem seria a companhia de Blanche Ingram? Ela estava sentada numa mesa, inclinada graciosamente sobre um livro. Parecia esperar que a procurassem. Mas resolveu não esperar mais: ela mesma escolheu seu par.

Mr. Rochester, tendo deixado as Eshtons, parara junto à lareira, tão solitário quanto estava na mesa. Miss Ingram parou em frente a ele, posicionou-se no lado oposto do consolo da lareira, e perguntou-lhe:

– Mr. Rochester, acho que não gosta muito de crianças...

– Não gosto mesmo, não.

– Então, o que o levou a tomar conta de uma bonequinha como aquela? – e apontou para Adele.

– Onde foi que a pegou?

– Eu não a peguei, ela foi deixada em minhas mãos.

– Devia tê-la mandado para o colégio.

– Não pude me permitir isso ainda: colégios são muito caros.

– Mas suponho que contratou uma governanta. Vi uma pessoa com ela ainda há pouco... Será que já foi? Oh, não! Ainda está lá, atrás da cortina. O senhor lhe paga um salário, naturalmente. Acho que isso é tão caro quanto o colégio, até mais, pois ainda tem que manter as duas.

Eu temia – ou devo dizer que esperava? – que a alusão feita a mim fizesse Mr. Rochester olhar para o meu lado. E, involuntariamente, mergulhei ainda mais na sombra. Mas ele não olhou.

– Nunca pensei no assunto – disse ele, indiferente, olhando direto para a frente.

– Não, os homens nunca pensam em economia e bom senso. Devia ouvir o que a mamãe diz a respeito de governantas. Mary e eu tivemos, pelo menos, uma dúzia delas. A metade era detestável e o resto era ridículo. E todas eram um pesadelo... Não é verdade, mamãe?

– Perguntou alguma coisa, minha filha?

A jovem dama assim chamada, como propriedade especial da matriarca, repetiu a pergunta com uma explicação.

– Minha querida! Não me fale em governantas, só a palavra já me deixa nervosa. Sofri um martírio com sua incompetência e caprichos. Graças a Deus, agora estou livre delas.

Mrs. Dent, então, inclinou-se para a piedosa senhora e sussurrou algo em seu ouvido. Eu imagino, pela resposta que deu, que fora lembrada de que uma representante dessa raça amaldiçoada estava presente.

– *Tant pis!*... Tanto pior! – exclamou a digníssima dama – Espero que faça bom proveito!

Depois disse num tom mais baixo, mas alto o suficiente para que eu ouvisse.

– Eu a vi. Sou boa fisionomista: vi no rosto dela todos os defeitos da sua classe.

– Quais são eles, madame? – inquiriu Mr. Rochester, em voz alta.

– Vou dizer-lhe em particular – replicou a dama com prodigiosa importância, sacudindo o turbante três vezes.

– Mas a minha curiosidade pode perder o apetite, precisa de alimento agora.

– Pergunte a Blanche, ela está mais perto do senhor do que eu.

– Oh, não o remeta a mim, mamãe! Tenho apenas uma palavra a dizer sobre esse bando todo. São um aborrecimento. Não que eu tenha sofrido muito nas mãos delas. Tive o cuidado de inverter os papéis. Quantos truques Theodore e eu costumávamos aplicar nas nossas Miss Wilsons ou Miss Greys ou Madame Jouberts! Mary era boba demais para pensar em alguma trama espirituosa. As mais engraçadas eram com Madame Joubert. Miss Wilson era uma pobre coisinha tão doente, lacrimosa e sem espírito, que não valia a pena tripudiar sobre ela. E Miss Grey era grosseira e insensível, nenhum golpe a atingia. Mas a coitada da Madame Joubert!... Ainda a vejo nas suas explosões de raiva, quando nós a levávamos ao extremo – derramando nosso chá, esmigalhando nosso pão com manteiga, jogando nossos livros para o alto, e fazendo um tumulto com as régua, as carteiras, os atizadores e o guarda-fogo da lareira. Theodore, você se lembra daqueles dias felizes?

– Ah, com certeza que sim – falou lentamente Lord Ingram. – E a pobre coitada da velha costumava gritar: “Vocês, suas crianças perversas”... E então nós lhe passávamos um sermão pela sua pretensão de querer ensinar crianças tão inteligentes quanto nós – ignorante do jeito que ela era.

– É verdade. E você se lembra, Tedo, que eu o ajudava a seguir (ou perseguir) o seu preceptor, aquele Mr. Vining de cara-de-coalhada? O padre fracassado, como o chamávamos. Ele e Miss Wilsor tomaram a liberdade de se apaixonar um pelo outro, ou pelo menos foi o que Tedo e eu pensamos. Surpreendemos vários olhares ternos e suspiros, que interpretamos como sinais da “belle passion” – a bela paixão. Prometi que todo mundo gozaria da nossa descoberta. Usamos isso como motivo para livrar a nossa casa daqueles dois estorvos. A querida mamãe, assim que desconfiou do negócio, viu que havia algo de imoral no caso. Não foi assim, senhora minha mãe?

– Certamente, meu tesouro. E tinha toda a razão. Acredite em mim: há milhares de motivos para que não se tolerem ligações entre governantas e preceptores numa casa de família, nem por um momento. Primeiro...

– Ah, querida mamãe! Poupe-nos da citação! *Au reste* – de resto – todos nós as conhecemos. Mau exemplo para a inocência das crianças. Distrações e conseqüente negligência no dever, por parte dos apaixonados. Pacto de confiança entre os dois. Segredos acompanhados de insolência. Rebelião e confusão geral. Estou certa, Baronesa Ingram, de Ingram Park?

– Sim, meu lírio! Está certa, como sempre.

– Então não há nada mais a ser dito. Mudemos de assunto.

Amy Eshton, não ouvindo ou não tendo prestado atenção no que fora dito, apartou com sua voz suave e infantil:

– Louisa e eu também costumávamos caçoar da nossa governanta. Mas ela era uma pessoa tão boa, que suportava tudo: nada a incomodava. Nunca ficava aborrecida conosco, não é Louisa?

– Não, nunca. Podíamos fazer o que quiséssemos. Saquear sua escrivaninha, mexer na sua caixa de costura, virar suas gavetas no chão. Ela era tão boa, nos dava tudo que pedíamos.

– Suponho – disse Miss Ingram, curvando o lábio sarcasticamente – que agora temos um resumo das memórias de todas as governantas do mundo. Podemos evitar essa punição. Novamente sugiro a introdução de um novo tópico. Mr. Rochester, apoia a minha moção?

– Senhorita, eu a apoio nesse ponto e em qualquer outro.

– Então cabe-me o ônus de levá-lo adiante. *Signior Eduardo*, está disposto a usar sua voz?

– *Donna Bianca*, se a senhora ordena, assim seja.

– Então, *signior*, conforme o meu desejo soberano, ordeno-lhe que prepare seus pulmões e outros órgãos vocais para o meu real serviço.

– Quem não quer ser o Rizzio[6] de uma Mary tão divina?

– Rizzio coisa nenhuma! – exclamou ela, sacudindo a cabeça com os cachos enquanto se dirigia ao piano. – Na minha opinião, aquele trapaceiro do David era um tipo muito insípido. Gosto mais do moreno Bothwell[7]. Para mim, um homem não é nada sem uma pitada de demônio. A história pode dizer o que quiser de James Hepburn, mas eu tenho a ideia de que ele era o tipo do herói bandido, orgulhoso e feroz, a quem eu consentiria em premiar com a minha mão.

– Ouviram, cavalheiros? Qual de vós se parece mais com Bothwell? – exclamou Mr. Rochester.

– Eu diria que é o senhor mesmo... – respondeu o Coronel Dent.

– Muito grato pela honra, senhor – foi a resposta.

Miss Ingram, que agora se sentara ao piano com uma graça arrogante, espalhando os vestidos à volta qual uma rainha, começou um brilhante prelúdio. Enquanto isso, falava. Estava de veneta naquela noite. Suas palavras e seus movimentos pareciam calculados para suscitar não apenas admiração, mas também pasmo na audiência. Era evidente que ela estava inclinada a assombrá-los com algo muito arrojado e audacioso.

– Oh! Estou tão enjoada dos jovens de hoje! – exclamou ela, falando sem parar enquanto estava ao piano. – Pobres fracotes, sem coragem de dar um passo além dos portões do jardim do papai. Nem de ir mais longe sem a permissão e a proteção da mamãe! Tão absorvidos em cuidar da beleza do rosto, das mãos brancas e dos delicados pés, como se os homens tivessem alguma coisa a ver com beleza! Como se a formosura não fosse uma prerrogativa das mulheres, sua legítima herança, seu especial apanágio! Admito que uma *mulher* feia seja uma mancha na bela face da criação. Mas, quanto aos *cavalheiros*, basta que se dediquem a possuir força e valor. Seu lema deve ser: “Caçar, atirar e lutar: o resto não vale um piparote”. Se eu fosse um homem, esta seria a minha divisa.

– Quando me casar – continuou ela, após uma pausa que ninguém interrompeu – estou resolvida a não permitir que meu marido seja um rival. Ele deve ser uma moldura para mim. Não vou aceitar competição pelo trono. Exigirei admiração total. Sua devoção não poderá ser dividida entre mim e a imagem que ele vê no seu espelho. Mr. Rochester, cante um pouco, vou tocar para o senhor.

– Obedeço-a cegamente – foi a resposta.

– Vou tocar uma canção de corsários. Sabe como adoro os corsários, portanto, cante-a com espírito.

– Uma ordem dos lábios de Miss Ingram poria espírito até numa caneca de leite ou de água.

– Tome cuidado, então. Se não me agradar, vou envergonhá-lo mostrando como tais canções *devem* ser cantadas.

– Mas isso é premiar a incompetência! Assim, farei o possível para fracassar.

– *Gardez-vous en bien!* – Tenha cuidado! – Se errar de propósito, vou planejar uma punição de acordo.

– Miss Ingram deve ser clemente, pois está em seu poder infligir um castigo além da resistência humana.

– Ah! Explique-se! – ordenou a dama.

– Perdoe-me, senhora, não há necessidade de explicação. Sua fina inteligência deve informá-la que apenas o franzir de uma das suas sobrancelhas seria suficiente para substituir a pena capital.

– Cante! – disse ela.

E recomeçando a tocar, começou um acompanhamento de estilo vivaz.

“Chegou a minha hora de escapar” pensei. Mas os sons que encheram o ar me prenderam. Mrs. Fairfax dissera que Mr. Rochester possuía uma bela voz. Ele possuía, de fato. Era uma voz de baixo melodiosa e cheia, na qual colocava seus próprios sentimentos e sua força, traçando um caminho que levava do ouvido ao coração. Despertava estranhas sensações. Esperei até que terminasse a última nota profunda e vibrante. Até que o rumor das conversas, parado por um momento, retomasse seu curso. Então deixei meu cantinho abrigado e comecei a retirada pela porta lateral, que felizmente ficava perto. Ali, uma passagem estreita levava ao saguão. Ao cruzá-lo, percebi que minha botina estava desamarrada. Parei para atá-la, ajoelhando-me no pequeno tapete aos pés da escada. Ouvi a porta da sala de jantar se abrir: um cavalheiro saiu. Levantei-me apressada e fiquei frente a frente com ele: era Mr. Rochester.

– Como vai? – ele perguntou.

– Estou muito bem, senhor.

– Porque não veio falar comigo no salão?

Pensei que podia fazer-lhe a mesma pergunta, mas não devia tomar essa liberdade. Respondi:

– Não quis incomodá-lo, pois vi que estava ocupado, senhor.

– O que tem feito na minha ausência?

– Nada de especial. Ensinando Adele, como sempre.

– E ficando mais pálida do que era. Percebi no primeiro olhar. Qual é o problema?

– Nenhum, senhor.

– Pegou algum resfriado naquela noite em que quase me afogou?

– Nem um pouco.

– Volte para o salão, você está desertando muito cedo.

– Estou cansada, senhor.

Ele me olhou por um momento.

– E está um pouco deprimida, também. O que aconteceu? Diga-me.

– Nada... Não é nada, senhor. Não estou deprimida.

– Eu digo que está. Tão deprimida, que algumas palavras mais vão acabar trazendo lágrimas aos seus olhos. Na verdade, aí estão elas, brilhando e escorrendo. E uma gota escorreu dos seus cílios e caiu no ladrilho. Se eu tivesse tempo, e não estivesse com um medo terrível do falatório mesquinho de algum criado que nos visse, ia descobrir o que significa tudo isso. Bem, esta noite está dispensada. Mas saiba que, enquanto os meus convidados estiverem aqui, conto com você na sala de visitas todas as noites. É o meu desejo, não esqueça. Agora vá, e mande Sophie buscar Adele. Boa-noite, minha...

Ele parou, mordeu o lábio, e deixou-me bruscamente.

[1] Citação do conto “A Gipsy Party”, de Thomas Hood (1799/1845), poeta e humorista britânico.

[2] Em francês no original: “Estão trocando de roupa. Na casa da mamãe, quando havia muita gente eu os seguia a toda parte, ao salão e aos seus quartos. Muitas vezes via as criadas pentear e vestirem as damas e era muito divertido: aprende-se muito.”

[3] Em francês no original: “Claro que sim, senhorita. Faz cinco ou seis horas que não comemos nada.”

[4] Em francês no original: “Será que não posso pegar uma só dessas lindas flores, senhorita? Apenas para complementar o meu traje?”

[5] Em francês no original: “Muito prazer, senhoras”

[6] David Rizzio (1533/1566) – cortesão italiano que tornou-se secretário particular da rainha Mary da Escócia e, segundo os rumores, também seu amante.

[7] James Hepburn, 4º Conde de Bothwell (1534/1578), terceiro marido da rainha Mary da Escócia.

CAPÍTULO 18

Dias felizes, aqueles em Thornfield Hall. E ocupados também. Tão diferentes dos três primeiros meses de calma, solidão e monotonia que eu passara ali! Todos os sentimentos ruins pareciam ter sido banidos da casa, todas as sombrias meditações foram esquecidas. Havia vida e movimento em toda parte, durante o dia todo. Não se podia mais atravessar o corredor, antes tão silencioso, nem entrar em algum dos quartos da frente, antes tão vazios, sem encontrar uma polida camareira ou um elegante valete.

A cozinha, a despensa, a sala dos empregados, o saguão, todos estavam cheios de vida. E os salões só se esvaziavam quando o céu azul e o belo sol dos suaves dias de primavera chamavam os hóspedes para o campo. Mesmo quando o tempo estava ruim, e por vários dias choveu continuamente, nenhuma umidade parecia empanar a diversão. Os jogos de salão pareciam ainda mais vivos e variados, dada a interrupção das diversões ao ar livre.

Perguntava-me o que fariam na primeira noite em que foi proposta uma mudança de diversão: falaram em “representar charadas”, mas na minha ignorância, não sabia o que era. Os criados foram chamados, a mesa de jantar foi afastada, as luzes trocadas de lugar e as cadeiras colocadas em semicírculo em frente à arcada. Enquanto Mr. Rochester e os cavalheiros orientavam essas mudanças, as damas subiam e desciam as escadas chamando as criadas. Mrs. Fairfax foi convocada para dar informações sobre o que havia na casa em termos de xales, vestidos e mantos de qualquer tipo. Alguns armários do terceiro andar foram vasculhados e o seu conteúdo – saias de brocado, mantôs de cetim, costumes pretos, babados de renda – foi trazido para baixo em braçadas pelas criadas. Então se fez uma seleção, e as peças escolhidas foram levadas para o *boudoir* anexo à sala de visitas.

Enquanto isso, Mr. Rochester reunira as senhoras à sua volta, e selecionava algumas para comporem o seu grupo.

– Miss Ingram é minha, naturalmente – disse ele.

Depois chamou as duas Eshton e Mrs. Dent. Olhou para mim. Por acaso eu estava perto fechando o bracelete de Mrs. Dent, que se abria.

– Vai participar? – ele perguntou.

Sacudi a cabeça. Ele não insistiu, o que eu temia que fizesse. Permitiu que eu retornasse tranquilamente ao meu lugar costumeiro.

Ele e as suas ajudantes desapareceram atrás da cortina. O outro grupo, liderado pelo Coronel Dent, sentou-se no semicírculo das cadeiras. Um dos cavalheiros, Mr. Eshton, observando-me, pareceu propor que me convidassem para fazer parte do grupo. Mas Lady Ingram rechaçou imediatamente a ideia.

– Não – ouvi-a dizer – ela parece estúpida demais para esse tipo de jogo.

Logo uma sineta tocou e as cortinas subiram. Dentro da arcada, a figura robusta de Sir George Lynn – a quem Mr. Rochester também escolhera – surgiu envolta num lençol branco. Em frente a ele, sobre uma mesa, havia um grande livro aberto. Ao seu lado estava Amy Eshton, envergando a capa de Mr. Rochester e segurando um livro na mão. Alguém escondido tocou alegremente a sineta. Então Adele (que insistira em fazer parte do grupo do seu tutor) adiantou-se, espalhando ao redor de si o conteúdo de uma cesta que levava no braço. Depois apareceu a magnífica figura de Miss Ingram, vestida de branco, um longo véu na cabeça e uma coroa de rosas cingindo-lhe a fronte. Ao seu lado vinha Mr. Rochester, e

os dois se aproximaram da mesa. Ajoelharam-se, enquanto Mrs. Dent e Louisa Eshton, também vestidas de branco, ocupavam seus lugares ao fundo. Seguiu-se uma cerimônia em mímica, na qual era possível reconhecer a pantomina de um casamento. Quando terminou, o Coronel Dent e seu grupo cochicharam por dois minutos. Depois o Coronel gritou:

– Noiva!

Mr. Rochester anuiu e a cortina desceu.

Passou-se um intervalo considerável até que a cortina levantasse novamente. Essa segunda cena era mais cuidadosamente elaborada do que a primeira. Como já havia reparado, a sala de estar ficava dois degraus acima da sala de jantar. No topo desses degraus, uns poucos metros para dentro do cômodo, surgiu uma grande bacia de mármore – que eu reconheci como um dos ornamentos da estufa, onde ficava normalmente cercada de plantas exóticas e cheia de peixinhos dourados, e de onde devia ter sido transportada a muito custo, por causa do peso e do tamanho.

Sentado no tapete ao lado da bacia via-se Mr. Rochester, trajando um manto e com um turbante na cabeça. Seus olhos negros, a pele morena e os traços pagãos combinavam perfeitamente com o traje. Parecia a própria imagem de um emir do Oriente. Miss Ingram avançou para a cena. Também vestia trajes orientais. Um xale escarlate rodeava-lhe a cintura, fazendo as vezes de uma faixa, e um lenço dobrado fora amarrado sobre as têmporas. Os braços lindamente torneados estavam nus, um deles erguido para segurar um jarro graciosamente pousado em sua cabeça. As suas formas, as feições, a compleição geral e o seu ar sugeriam a ideia de alguma princesa israelita do tempo dos patriarcas. Esse era, sem dúvida, o personagem que ela pretendia representar.

Aproximou-se da bacia e inclinou-se como se fosse encher o jarro. Colocou-o de novo na cabeça. O personagem à beira da fonte pareceu dirigir-se a ela para fazer algum pedido. Ela solicitamente tomou o jarro nas mãos e deu-lhe de beber. Das dobras do manto ele então tirou um pequeno estojo, abriu-o, exibindo magníficos braceletes e brincos. Ela demonstrou espanto e admiração. Ajoelhando-se, ele espalhou o tesouro a seus pés. Ela expressava incredulidade e agrado, por gestos e olhares. O estranho colocou-lhe os braceletes nos braços e os brincos nas orelhas. Tratava-se de Eliezer e Rebecca: faltavam apenas os camelos.

O grupo dos adivinhadores juntou novamente as cabeças. Aparentemente, não conseguiam concordar sobre o episódio representado pela cena. O Coronel Dent, seu porta-voz, pediu “o quadro total”. Em seguida a cortina desceu.

Na terceira cena, apenas uma parte da sala era visível. O resto fora escondido por um biombo, coberto por algum tipo de pano escuro e grosseiro. A bacia de mármore fora removida. Em seu lugar via-se uma mesa grande e uma cadeira de cozinha, visíveis à fraca luz de uma lanterna de chifre, pois os candelabros todos haviam sido apagados.

No centro dessa sórdida cena sentava-se um homem, as mãos apertadas sobre os joelhos e os olhos postos no chão. Reconheci Mr. Rochester, apesar de que a face suja, a roupa descomposta (o casaco pendendo em farrapos, como se tivesse sido quase arrancado durante uma rixa), a expressão desesperada e raivosa, o cabelo duro e eriçado, quase pudessem escondê-lo. O homem moveu-se e uma corrente rangeu. Havia algemas atadas aos seus pulsos.

– Prisão – exclamou o Coronel Dent, e a charada foi resolvida.

Transcorreu um intervalo suficiente de tempo para que colocassem suas roupas normais, e então entraram na sala. Mr. Rochester conduzia Miss Ingram, que o cumprimentava pela atuação.

– Sabe – disse ela – que dos três personagens gostei mais do último? Ah! Se tivesse vivido apenas alguns anos atrás, que galante salteador-cavalheiro teria sido!

– Já saiu toda a fuligem do meu rosto? – perguntou ele, virando-se para ela.

– Ah, sim! Mas é uma pena! Nada fica melhor para o seu tipo do que esse colorido de bandido.

– Gosta de um bandoleiro de estrada, então...

– Um bandoleiro de estrada inglês seria a melhor coisa do mundo, depois de um bandido italiano. E esse só poderia ser superado por um pirata do Levante.

– Bem, não importa quem eu seja, lembre-se de que é minha esposa. Nós nos casamos uma hora atrás, na frente de todas estas testemunhas...

Ela deu um sorriso constrangido e corou.

– Bem, Dent, é a sua vez – disse Mr. Rochester.

Quando os outros saíram, Mr. Rochester e seu grupo ocuparam os assentos vagos. Miss Ingran sentou-se à direita do líder. Os outros participantes sentaram-se nas cadeiras de cada lado dele e dela. Eu não olhava mais para os atores, não esperava com interesse que a cortina se erguesse. Minha atenção estava dirigida aos espectadores. Meus olhos, antes fixados na arcada, agora eram irresistivelmente atraídos para o semicírculo de cadeiras. Qual a charada que o Coronel Dent e seu grupo representaram, que palavras escolheram, como se saíram, são coisas que não consigo lembrar. Mas lembro-me da consulta que se seguia a cada cena. Vi Mr. Rochester voltar-se para Miss Ingram, e Miss Ingram para ele. Vi-a inclinar a cabeça na sua direção até que os negros cachos quase tocassem seu ombro e roçassem seu queixo. Ouvi seus cochichos mútuos, lembro-me dos olhares que trocaram. E mesmo a comoção provocada pelo espetáculo me vem à memória no momento.

Eu lhe contei, leitor, que tinha aprendido a amar Mr. Rochester. Não podia deixar de amá-lo agora, apenas porque ele não reparava mais em mim; porque podia passar horas na sua presença sem que ele me olhasse uma vez sequer; porque via toda a sua atenção tomada por uma grande dama, que roçava a barra dos seus vestidos em mim quando passava, com o maior desprezo. E se, por acaso, seu olhar escuro e majestoso caísse sobre mim, ela o desviava imediatamente, como se eu fosse um objeto insignificante demais para merecer atenção. Não podia deixar de amá-lo, só porque sabia que ele logo iria se casar com essa verdadeira dama; porque lia no rosto dela diariamente a orgulhosa segurança das intenções dele a seu respeito; porque testemunhava a cada hora nele um modo de fazer a corte que, embora displicente e pretendendo mais ser visto do que ver, ainda assim era cativante na sua própria desatenção e irresistível no seu próprio modo orgulhoso.

Nessas circunstâncias não havia nada para esfriar ou extinguir o amor, embora houvesse muito para provocar desespero. E você pode pensar, leitor, que havia muito para provocar ciúme também, se uma mulher na minha posição ousasse ter ciúme de alguém como Miss Ingram. Mas eu não sentia ciúme – ou, ao menos, sentia raramente. Essa palavra não é suficiente para explicar a natureza da dor que eu sofria. Miss Ingram estava abaixo do ciúme, era muito inferior para provocar esse sentimento. Perdoe o aparente paradoxo, mas sei o que digo. Ela se exibia muito, mas não era verdadeira. Era bela, possuía muitos dotes brilhantes, mas sua mente era pobre. Seu coração era árido por natureza, nada crescia espontaneamente naquele solo, nenhum fruto natural podia deliciar-se no seu frescor. Não era boa, não era original, costumava repetir frases feitas tiradas dos livros. Nunca tinha uma opinião própria. Falava muito em sentimentos, mas não conhecia a simpatia ou a piedade. Não havia nela ternura nem sinceridade. Muitas vezes traía esses sentimentos, expressando exageradamente a despeitada antipatia

que nutria contra a pequena Adele, repelindo-a com alguma palavra insultuosa, se a menina por acaso se aproximava dela. Algumas vezes a mandava sair da sala, e sempre a tratava com frieza e acrimônia. Outros olhos, além dos meus, observavam essas manifestações de caráter... e bem de perto, de modo profundo e sagaz. Sim, o futuro noivo, o próprio Mr. Rochester, exercia sobre a sua prometida uma vigilância incessante. E foi por essa sagacidade, por essa cautela da parte dele, essa perfeita e clara consciência dos defeitos da sua pretendida, pela óbvia ausência de paixão em relação a ela – foi por isso que o meu sofrimento torturante começou.

Vi que Mr. Rochester se casaria com ela por questões de família, talvez por razões políticas, e porque a posição social e as ligações da dama lhe convinham. Senti que ele não lhe dera o seu amor, e que as virtudes que ela possuía não bastavam para conquistar dele tal tesouro. Este era o ponto, o ponto nevrálgico. Era neste ponto que residia e se alimentava a minha febre: *ela não podia conquistá-lo*.

Se ela obtivesse uma vitória, se ele se rendesse e sinceramente depositasse seu coração aos pés dela, eu viraria a minha face e (é um modo de dizer) morreria para ambos. Se Miss Ingram fosse uma dama boa e nobre, dotada de força, fervor, bondade e bom senso, eu lutaria uma luta vital com dois tigres: o ciúme e o desespero. Então, com o coração dilacerado e devorado, eu a admiraria, reconheceria sua superioridade e me calaria pelo resto dos meus dias. E quanto mais absoluta fosse a superioridade dela, mais profunda seria a minha admiração, mais suave e tranquila a minha quietude. Mas do jeito que as coisas eram, observar os esforços de Miss Ingram para fascinar Mr. Rochester, testemunhar seus repetidos fracassos e sua inconsciência deles – em vão pensando que cada seta lançada atingia o alvo e emplumando-se enfatuadamente com o sucesso, sem perceber que o seu orgulho e autocomplacência afastavam mais e mais aquilo que desejava conquistar – testemunhar *isso*, era estar ao mesmo tempo sob constante excitação e cruel constrangimento.

Porque, quando ela falhou, eu vi como seria possível ser bem-sucedida. Setas que constantemente resvalavam do peito de Mr. Rochester, e caíam inofensivas a seus pés, poderiam – eu mesma sabia – penetrar no seu orgulhoso coração, se lançadas por mão mais certa. Teriam enchido de amor o seu olhar severo e inundado de suavidade o seu rosto sardônico. Ou, melhor ainda, poderia vencer com uma conquista silenciosa e sem armas.

“Porque ela não consegue influenciá-lo mais, quando tem o privilégio de estar tão perto dele?” perguntei a mim mesma. “Certamente não o ama de verdade! Não lhe dedica uma verdadeira afeição! Se gostasse dele, não precisaria esbanjar tantos sorrisos, enviar olhares tão persistentes, ostentar uma pose tão elaborada, espalhar graças com tal profusão. Parece-me que apenas sentando ao lado dele, falando pouco e olhando menos, poderia conquistar seu coração. Já vi no rosto dele uma expressão bem diferente daquela que o endurece agora, quando ela o interpela com tanta vivacidade. É algo que vem de dentro dele: não se consegue com manobras calculadas nem artes espúrias, apenas se aceita. Basta responder o que ele pergunta sem pretensão alguma, dirigir-se a ele quando necessário com sinceridade, e ele então pode se tornar bondoso e doce, e aquecer como um raio de sol. Como Miss Ingram conseguirá agradá-lo quando estiverem casados? Não acho que ela consiga. E, no entanto, seria possível. E a sua esposa pode vir a ser, estou certa disso, a mulher mais feliz da face da terra.”

Ainda não disse nada censurável sobre o projeto de Mr. Rochester de casar-se por interesse e laços sociais. Fiquei surpreendida quando percebi que ele tinha tal intenção. Pensei que fosse o tipo de homem que não se deixaria influenciar por motivos tão banais na escolha de uma esposa. Mas quanto mais considerava a posição, educação e demais qualidades dos dois, menos justificativa encontrei para julgar ou condenar tanto ele quanto Miss Ingram. Agiam de acordo com as ideias e princípios que lhes

foram ensinados, sem dúvida, desde a infância. Todos os da sua classe seguiam os mesmos princípios: suponho que possuíam razões para mantê-los que fogem à minha compreensão. Parecia-me que, se eu fosse um cavalheiro como Mr. Rochester, abrigaria no meu coração apenas uma esposa que eu amasse. A própria evidência das vantagens da felicidade do marido, considerada nesse contexto, convenceram-me que devia haver argumentos em contrário que eu ignorava completamente. Se não fosse assim, todo o mundo agiria de acordo com o meu pensamento.

Mas em outros pontos, tanto quanto nesse, eu estava me tornando muito indulgente com meu patrão. Esquecia todos os seus defeitos, que já haviam me mantido em estreita vigilância. Antes era meu propósito estudar todas as facetas do seu caráter: pegar o bom e o mau, pesá-los com justiça e formar um julgamento isento. Agora não via mais o lado mau. O sarcasmo que me repelira, a dureza que uma vez me assustara, eram como condimentos apurados num prato seleta: sua presença era picante, mas sua ausência podia tornar o prato comparativamente insípido. E aquele algo indefinível... expressão sinistra, pesarosa, culpada ou triste?... que de vez em quando se mostrava a quem observasse cuidadosamente o seu olhar, e que se fechava novamente antes que fosse possível compreender a estranha profundidade parcialmente revelada. Aquele algo que me causava temor e me deixava transida, como se eu perambulasse entre montanhas vulcânicas e sentisse subitamente a terra tremer e o chão se abrir. Aquele algo que eu às vezes ainda via, com o coração palpitante, mas não com os nervos tensos. Em vez de desejar afastar-me, ansiava por ser ousada... adivinhar aquilo. E achei que Miss Ingram era feliz, pois um dia poderia olhar para dentro daquele abismo à vontade, explorar seus segredos e analisar sua natureza.

Nesse meio tempo, enquanto pensava no meu patrão e sua futura esposa – via apenas os dois, ouvia apenas as suas palavras, e considerava importante apenas os seus movimentos – o resto do grupo estava ocupado com seus próprios interesses e prazeres particulares. Lady Lynn e Lady Ingran continuavam juntas em solene conferência, acenando os turbantes uma para a outra e levantando as quatro mãos em gestos de surpresa, mistério ou horror, conforme o tema da conversa, como um par de magníficas bonecas. A doce Miss Dent conversava com a bondosa Mrs. Eshton, e as duas às vezes me dirigiam uma palavra cortês ou um sorriso. Sir George Lynn, o Coronel Dent e Mr. Eshton discutiam política, assuntos do condado ou negócios da justiça. Lord Ingran flertava com Amy Eshton. Louise tocava e cantava junto com um dos jovens Lynn, e Mary Ingran ouvia languidamente os discursos galantes do outro. Algumas vezes todos eles, como por consenso, suspendiam seus jogos paralelos para observar e ouvir os dois atores principais. Pois, acima de tudo, Mr. Rochester e – por estar intimamente ligada a ele – Miss Ingram, eram o corpo e a alma do grupo. Se ele ficasse ausente da sala por uma hora, um visível tédio parecia pairar sobre os espíritos dos seus convidados. E a sua entrada garantia um novo impulso à vivacidade das conversas.

A falta de sua animadora presença pareceu particularmente notada um certo dia, quando Mr. Rochester foi chamado a Millcote a negócios, e só voltaria tarde da noite. O dia estava úmido, e um passeio que fora programado pelo grupo para ver um grupo de ciganos – estabelecidos numa área pública perto de Hay – teve que ser adiado. Alguns dos cavalheiros foram aos estábulos. Os rapazes, junto com as damas mais jovens, ficaram jogando bilhar na sala de jogos. As matriarcas Ingran e Lynn procuravam conforto num quieto jogo de cartas. Blanche Ingran, após ter repellido com um silêncio arrogante os esforços de Mrs. Dent e Mrs. Eshton para conversar, sentou-se ao piano cantarolando algumas coisas sentimentais. Depois, pegando um romance na biblioteca, atirou-se num sofá com soberba indiferença, e preparou-se para enganar o tédio daquelas horas de espera com o encanto da ficção. A sala e a casa estavam silenciosas, ouvia-se apenas, de vez em quando, as alegres risadas dos jogadores de bilhar no andar de cima.

Aproximava-se o pôr do sol, e o relógio já havia batido a hora de vestir-se para o jantar, quando a pequena Adele, sentada junto a mim no assento da janela, de repente exclamou:

– *Voilà Monsieur Rochester qui revient!*[\[1\]](#)

Eu me volvei, e Miss Ingram disparou do sofá. Os outros também levantaram os olhos das suas ocupações. Nesse momento ouviu-se o barulho de rodas e o chapinhar de cascos de cavalo no cascalho molhado. A diligência postal se aproximava.

– O que deu nele para vir para casa desse jeito? – disse Miss Ingram. – Ele levou Mesrour, o cavalo preto, quando saiu, não levou? E Pilot estava com ele... O que será que fez com os animais?

Ao dizer isso, empurrou tanto para a janela a sua alta figura e seus amplos vestidos, que fui obrigada a curvar-me para trás até quase quebrar a espinha. Na sua ansiedade não me viu ali, a princípio, mas quando me percebeu curvou os lábios com desdém e dirigiu-se à outra janela. A carruagem parou, o condutor tocou a campainha da porta e um cavalheiro desceu, vestido em roupa de viagem. Mas não era Mr. Rochester. Era um estranho, um homem alto e muito bem vestido.

– Que irritante! – exclamou Miss Ingram.

E descompondo Adele:

– Você, sua macaquinha cansativa! Quem lhe mandou se pendurar na janela para dar notícias falsas?

E lançou-me um olhar zangado, como se eu tivesse cometido alguma falta.

Ouviu-se uma conversa no vestíbulo, e em seguida o estranho entrou. Fez uma reverência para Lady Ingram, por considerá-la a dama mais idosa entre os presentes.

– Parece que cheguei numa hora imprópria, madame – disse ele – quando meu amigo Mr. Rochester não está em casa. Mas fiz uma longa viagem, e creio que posso considerar-me um amigo íntimo e antigo o bastante para esperar aqui até que ele volte.

Seus modos eram polidos. Quando falou, me espantei com seu sotaque um tanto esquisito: não era exatamente estrangeiro, mas também não era totalmente inglês. Regulava em idade com Mr. Rochester, entre trinta e quarenta anos. Sua compleição parecia estranhamente pálida, mas de qualquer forma era um belo homem, especialmente ao primeiro olhar. Examinando-o mais de perto, notava-se alguma coisa no seu rosto que desagradava. Ou melhor, deixava de agradar. Os traços eram regulares, mas muito relaxados. Os olhos eram grandes e bem desenhados, mas a luz que emanava deles era mansa e vazia, ao menos assim pensei.

O som da campainha, anunciando o momento de vestir-se para o jantar, dispersou o grupo. Só fui vê-lo novamente depois do jantar. Parecia bastante à vontade, mas apreciei ainda menos o seu rosto: intrigava-me por ser ao mesmo tempo inconstante e inerte. Seus olhos vagavam pelo ambiente, mas não se fixavam em nada. Tinha um olhar estranho, como nunca vi antes. Mesmo sendo um homem bonito e amigável, causava-me estranheza: não havia energia naquela face macia e ovalada, nem firmeza no nariz aquilino e na boca pequena como uma cereja. Não parecia haver pensamentos na testa baixa e plana, nem autoridade nos olhos castanhos e vazios.

Quando sentei no meu canto de sempre e olhei-o à luz dos candelabros do consolo, que brilhavam em cheio sobre ele – pois ocupava uma poltrona junto da lareira e se mantinha encolhido como se estivesse com frio – comparei-o com Mr. Rochester. Acho (com todo o respeito, é preciso dizer) que o contraste não podia ser muito maior do que o existente entre um suave cisne e um feroz falcão. Nem

entre o manso carneiro e o cão bruto e de olhos ferozes que o guarda.

Ele falara de Mr. Rochester como de um velho amigo. Curiosa amizade devia ter sido. Um perfeito exemplo, de fato, do velho dito de que “os opostos se atraem”.

Dois ou três cavalheiros sentavam-se junto a ele e, de vez em quando, eu ouvia pedaços da sua conversa. No início não entendi muito bem o que diziam, pois a conversa de Louisa Eshton e Mary Ingram, que sentavam perto de mim, confundia as frases soltas que chegavam aos meus ouvidos. As duas moças falavam sobre o estranho e ambas se referiam a ele como “um homem bonito”. Louisa disse que ele era “um amor de pessoa” e que ela “o adorava”. Mary citava sua “linda boquinha” e o “belo nariz” como seu ideal de beleza.

– E que fronte suave ele tem! – exclamou Louisa. – Tão macia, sem essas angulosidades que eu tanto detesto. E que olhar e sorriso tranquilos!

E então, para meu grande alívio, Mr. Henry Lynn chamou-as para o outro lado da sala, para acertar alguma coisa sobre a excursão adiada ao acampamento cigano em Hay.

Eu agora podia concentrar minha atenção no grupo junto à lareira. Soube que o estranho se chamava Mr. Mason e que acabara de chegar à Inglaterra, vindo de algum país tropical. Isso explicava, sem dúvida, porque sua face parecia tão doentia, e porque sentava-se tão perto da lareira e vestia um sobretudo dentro de casa. As palavras Jamaica, Kingston e Spanish Town indicavam que residia nas Índias Ocidentais. E ouvi com enorme surpresa que fora lá que conhecera e se tornara amigo de Mr. Rochester. Falou do quanto seu amigo detestava o calor abrasador, os furacões e as chuvaradas da região. Eu sabia que Mr. Rochester havia viajado muito, Mrs. Fairfax me dissera. Mas achei que suas perambulações houvessem se limitado ao continente europeu. Até agora não ouvira ninguém mencionar que ele estivera em alguma terra mais distante.

Estava ponderando essas informações quando um incidente bastante inesperado cortou o fio dos meus pensamentos. Mr. Mason, tremendo como se alguém houvesse aberto a porta, pediu mais carvão para o fogo, embora ainda restasse uma massa de cinzas rubras. O laçao que trouxe o carvão, ao sair, parou perto da cadeira de Mr. Eshton e disse-lhe alguma coisa em voz baixa, da qual pude captar apenas as palavras “velha” e “muito importuna”.

– Diga a ela que vai ser posta a ferros, se não for embora – replicou o magistrado.

– Não! Espere! – interrompeu o Coronel Dent – Não a dispense ainda, Eshton, podemos aproveitar essa situação. É melhor consultar as damas.

E, falando alto, continuou.

– Senhoras, estivemos falando em ir a Hay para visitar o acampamento dos ciganos. O Sam aqui diz que uma das velhas ciganas está na ala dos criados nesse momento, e insiste em ser trazida perante “a gente fina” para dizer a sorte. Gostariam de vê-la?

– Coronel – disse Lady Ingram – o senhor com certeza não pretende incentivar uma impostoria tão baixa... Mande pô-la na rua de uma vez.

– Mas não consigo convencê-la a ir embora, senhora – disse o laçao – nem qualquer um dos criados. Mrs. Fairfax está com ela agora insistindo para que se retire. Mas ela sentou-se numa cadeira junto ao fogão e diz que nada a convencerá a ir embora enquanto não receber permissão para vir aqui.

– O que ela quer? – perguntou Mrs. Eshton.

– Pretende “ler a sorte”, senhora, e ela jura que pode e vai fazer isso.

– Como ela é? – perguntaram as senhoritas Eshton, ao mesmo tempo.

– Uma criatura extremamente feia e velha, senhorita, quase tão preta quanto um pedaço de carvão.

– Então é uma autêntica feiticeira! – exclamou Frederick Lynn. – Vamos deixá-la entrar, é claro!

– Com certeza – respondeu o irmão. – Seria uma pena jogar fora tal oportunidade de diversão.

– Meus meninos, o que é que estão pensando? – exclamou Mrs. Lynn.

– Não posso permitir um procedimento tão irregular! – agregou a Matriarca Ingram.

– De fato, mamãe, mas você pode... e deve! – falou a voz arrogante de Blanche, que se virou no banco do piano, onde até agora estava sentada em silêncio, aparentemente examinando algumas partituras. – Tenho a maior curiosidade de ouvir a minha sorte. Sam, diga à bruxa que entre.

– Minha querida Blanche! Lembre-se...

– Eu me lembro, mamãe! Lembro-me de qualquer coisa que a senhora possa sugerir. Mas quero saber a minha sorte... Depressa, Sam!

– Sim... sim... sim... – gritaram todos os jovens, damas e cavalheiros. – Deixem que venha. Vai ser muito divertido!

O criado ainda hesitava.

– Ela parece tão grosseira! – ele disse.

– Vá! – gritou Miss Ingram.

E o homem saiu.

Imediatamente o entusiasmo percorreu o grupo. Um rumor abrasador de zombaria e diversão ainda estava em curso quando Sam retornou.

– Ela não vai vir – disse ele. – Falou que não tem obrigação de aparecer perante o “rebanho vulgar” (são palavras dela). Quer ficar sozinha numa sala, onde aqueles que desejarem consultá-la devem ir vê-la, um de cada vez.

– Você está vendo, minha princesa? – começou Lady Ingram dirigindo-se à Blanche. – Ela está passando dos limites. Eu lhe aconselho, meu anjinho...

– Coloque-a na biblioteca, naturalmente – cortou o “anjinho” – Também não sou obrigada a ouvi-la na frente do rebanho vulgar: quero tê-la apenas para mim. A lareira está acesa na biblioteca?

– Sim, madame... mas ela parece uma megera.

– Pare com essa conversa, estúpido! Faça o que mando!

Novamente Sam desapareceu. E a sala outra vez se encheu de mistério, animação e expectativa.

– Ela está pronta – disse o laçao, entrando na sala. – Quer saber quem será o seu primeiro consulente.

– Acho que devo dar uma olhada nela antes que alguma das damas vá vê-la – disse o Coronel Dent. – Diga-lhe que um cavalheiro está indo.

Sam foi e voltou. Então falou, disfarçando o riso.

– Ela disse que não vai atender nenhum cavalheiro, que eles nem precisam se dar ao trabalho de ir até lá. Nem as senhoras, apenas as jovens solteiras.

– Por Júpiter! Ela tem bom gosto! – exclamou Henry Lynn.

Miss Ingram levantou-se solenemente.

– Eu vou primeiro! – ela disse, num tom que teria se ajustado perfeitamente ao líder de uma patrulha perdida, abrindo uma brecha na vanguarda para os seus homens.

– Oh, meu encanto! Queridíssima!... Pense bem!... – exclamou a mãe.

Miss Ingram, porém, passou por ela em majestoso silêncio, atravessou a porta que o Coronel Dent segurava aberta e entrou na biblioteca.

Seguiu-se um relativo silêncio. Lady Ingram achou que era o caso de torcer as mãos, o que efetivamente fez. Miss Mary disse que seria incapaz de se aventurar. Amy e Louisa Eshton riam à socapa e pareciam um pouco temerosas.

Os minutos escoavam-se lentamente. Quinze se passaram, antes que a porta da biblioteca tornasse a se abrir e Miss Ingram passasse sob o arco.

Ela ria? Tomara isso como uma brincadeira? Todos os olhares se dirigiram para ela com ávida curiosidade, e Miss Ingram retribuiu com um ar de hostilidade e frieza. Não parecia agitada nem feliz. Caminhou rígida até a cadeira e sentou-se em silêncio.

– Então, Blanche? – disse Lord Ingram.

– O que ela lhe disse, minha irmã? – perguntou Mary.

– O que achou dela? Como se sentiu? Ela é uma vidente de verdade? – inquiriram as senhoritas Eshton.

– Bem, bem, meus queridos – respondeu Miss Ingram – não me pressionem. Sua veia de espanto e credulidade se excita por muito pouco. Pela importância que vocês todos – inclusive minha mãe – dão a esse assunto, devem acreditar piamente que temos uma verdadeira bruxa em casa, e que está mancomunada com o velho cavalheiro. O que vi foi uma cigana vagabunda, que praticou a banal ciência da quiromancia e me contou o que as pessoas normalmente contam. Meu capricho foi satisfeito, e agora acho que Mr. Eshton deve mandar prender essa velha malévola amanhã de manhã, como ele falou.

Miss Ingram pegou um livro, recostou-se na cadeira e evitou qualquer conversa. Eu a observei por quase meia hora. Durante todo esse tempo não virou uma página sequer do livro e seu rosto tornou-se momentaneamente mais moreno, mais infeliz e mais desapontado. Com certeza não ouvira nada de bom. Deu-me a impressão, pelo seu prolongado olhar de melancolia e mutismo, que ela mesma, negando sua confessada indiferença, dera exagerada importância às revelações que lhe haviam sido feitas.

Enquanto isso Mary Ingram, Amy e Louisa Eshton declararam que não ousavam ir sozinhas. Ainda assim todas queriam ir. Abriu-se uma negociação por meio do embaixador – o lacaio Sam. Depois de muito caminhar para lá e para cá – até que os pés do referido Sam ficassem em brasa – finalmente a rigorosa Sibila, com muita dificuldade, concedeu permissão para que as três fossem vê-la em conjunto.

A visita não foi tão silenciosa como a de Miss Ingram. Ouviam-se risinhos histéricos e pequenos gritinhos vindos da biblioteca. Depois de vinte minutos, aproximadamente, elas saíram pela porta e vieram correndo até a sala, como se estivessem assustadas com as suas previsões.

– Tenho certeza que tem algo errado com ela – gritaram ao mesmo tempo. – Ela nos disse cada coisa! Sabe tudo sobre nós!

E sentaram-se sem fôlego nas cadeiras que os cavalheiros se apressaram em trazer-lhes.

Ao serem pressionadas para dar maiores informações, disseram que ela tinha contado coisas do tempo em que elas eram apenas crianças, coisas que fizeram e disseram naquela época. Descreveu livros e adornos que tinham nos seus quartos em casa, muitos deles lembranças recebidas de diversos parentes. Contaram também que ela adivinhara seus pensamentos, e sussurrara no ouvido de cada uma o nome da pessoa amada. Também adivinhou seus mais secretos desejos.

Nesse ponto os homens fizeram veementes pedidos para serem esclarecidos quantos aos dois últimos pontos. Mas conseguiram apenas rubores, gritos, tremores e risinhos em troca da impropriedade. As matronas, enquanto isso, ofereciam sais aromáticos e ventarolas. E de novo expressavam seu pesar por sua advertência não ter sido levada em consideração. Os cavalheiros mais velhos riam, e os mais jovens pediam ajuda para acalmar as jovens.

No meio desse tumulto, enquanto meus olhos e ouvidos estavam absorvidos pela cena à minha frente, ouvi um murmúrio ao meu lado. Voltei-me e vi Sam.

– Se me permite, senhorita, a cigana diz que há outra jovem dama solteira na sala que ainda não foi consultá-la, e ela jura que não vai sair enquanto não atender a todas. Pensei que podia ser a senhorita: não há mais nenhuma outra. O que devo dizer-lhe?

– Diga-lhe que irei, certamente – respondi.

Fiquei feliz de satisfazer a minha excitada curiosidade. Deslizei para fora da sala sem que ninguém me visse, pois o grupo todo ainda estava reunido em torno das três tremulantes mocinhas que acabavam de voltar. Fechei a porta sem fazer barulho ao sair.

– Se desejar, senhorita, posso esperar no corredor. Caso ela a assuste, é só gritar que entrarei logo.

– Não, Sam. Volte para a cozinha. Não tenho o menor medo.

E realmente não tinha. Mas estava muito interessada e agitada.

[1] Em francês no original: “Olhem, é Mr. Rochester que vem vindo!”

CAPÍTULO 19

A biblioteca parecia bastante tranquila quando entrei, e a sibila – se era mesmo uma sibila – sentava-se confortavelmente numa poltrona junto ao canto da lareira. Vestia capa vermelha e chapéu preto: um chapéu de cigana de aba larga amarrado sob o queixo por um lenço listrado. Um candeeiro apagado jazia sobre a mesa. Ela estava inclinada para o fogo e parecia ler à luz das chamas um pequeno livro preto, como um livro de orações. Murmurava as palavras para si mesma enquanto lia, como muitas mulheres idosas fazem. Não interrompeu a leitura logo após a minha entrada, parecia estar terminando um parágrafo.

Parei no tapete e aqueci as mãos, que estavam um tanto frias, pois eu me sentara longe da lareira no salão. Sentia-me controlada como nunca estivera na vida: não havia nada na aparência da cigana que pudesse perturbar a calma de alguém. Ela fechou o livro e vagorosamente, e virou-se para mim. A aba do chapéu cobria-lhe parcialmente as feições, ainda assim pude ver que era um rosto estranho. Parecia todo marrom e preto. Mechas de cabelo saíam eriçadas de baixo da fita do chapéu e chegavam ao rosto, na altura do queixo. Seu olhar me enfrentou, com uma expressão ousada e direta.

– Bem, quer ouvir a sua sorte? – disse ela.

A voz era tão decidida quanto seu olhar e tão dura quanto as suas feições.

– Não tenho interesse nisso. Mas pode ficar à vontade, apenas devo preveni-la de que não acredito.

– Fala de modo insolente, mas já esperava isso de você. Senti a insolência no seu passo, quando atravessava o corredor.

– Verdade? Tem um ouvido muito bom.

– Tenho. E também um olhar muito bom e uma mente muito boa.

– Precisa de tudo isso no seu tipo de negócio?

– Preciso. Especialmente para lidar com clientes como você. Por que não treme?

– Não estou com frio.

– Por que não empalidece?

– Não estou doente.

– Por que não acredita na minha arte?

– Não sou boba.

A velha encarquilhada cacarejou uma risada por debaixo do chapéu e do lenço. Então puxou um pequeno cachimbo preto, acendeu-o e começou a fumar. Depois de apreciar algumas baforadas, levantou o corpo curvado, tirou o cachimbo da boca e, olhando para o fogo, disse com muita decisão:

– Você está com frio, está doente e é boba.

– Prove, então! – respondi.

– Vou provar em poucas palavras. Está com frio porque está sozinha: nenhum contato acende o fogo que existe em você. Está doente porque o melhor dos sentimentos, o mais doce e mais elevado concedido ao homem, está distante de você. E é boba porque, por mais que sofra, não permite que esse

sentimento se aproxime, nem dá um passo para encontrá-lo onde a espera.

Novamente pôs o pequeno cachimbo preto nos lábios e voltou a puxar com vigor algumas baforadas.

– A senhora deve dizer isso para quase todas que sabe que vivem solitárias, empregadas numa casa grande.

– Sim, poderia dizer isso para quase todas: mas seria verdade para todas?

– Nas minhas circunstâncias, sim.

– Justamente, nas *suas* circunstâncias. Mas me mostre outra que esteja exatamente nas suas circunstâncias.

– Seria fácil encontrar milhares delas.

– Dificilmente poderia encontrar uma. Se ao menos soubesse... Está numa situação peculiar: muito perto da felicidade e sem poder atingi-la. Os componentes estão todos prontos, basta apenas um movimento para juntá-los. O destino os mantém separados. Permita que se aproximem e a ventura será o resultado.

– Não entendo enigmas. Nunca na minha vida consegui resolver uma charada.

– Se quer que eu fale mais claramente, mostre-me a palma da sua mão.

– E devo colocar nela uma moeda, suponho?

– Certamente.

Dei-lhe uma moeda, que colocou numa velha meia que tirou do bolso. Depois amarrou-a e voltou a guardá-la. Pediu-me que levantasse a mão. Assim fiz. A velha arqueou o rosto para a minha palma e olhou-a sem tocá-la.

– É bonita demais – disse ela. – Não posso fazer nada com uma mão como essa. Quase não tem linhas. Além disso, o que há para ver na palma de uma mão? Não é nela que o destino está escrito.

– Acredito – disse eu.

– Não – ela continuou – está no rosto. Na testa, nos olhos, nas linhas da boca. Ajoelhe-se e levante o rosto.

– Ah! Agora está falando alguma coisa que faz sentido! – eu disse enquanto fazia o que ela dissera. – Estou começando a acreditar no que diz.

Ajoelhei-me a um metro de distância. Ela atçou o fogo e uma chama subiu das brasas. O clarão, no entanto, apenas jogou seu rosto numa sombra ainda mais densa, enquanto iluminava o meu. A velha sentou-se.

– Eu queria saber com que sentimentos me procurou esta noite – ela disse, enquanto me examinava por alguns momentos. – Queria saber que pensamentos abrigava no coração durante as longas horas em que se sentou naquela sala, com aqueles grã-finos esvoaçando na sua frente como sombras numa lanterna mágica. Entre você e eles quase não existe ligação, como se eles realmente fossem apenas sombras, e não pessoas reais.

– Muitas vezes me sinto cansada ou sonolenta, mas raramente triste.

– Então você tem alguma esperança secreta que a ampara e que a anima com acenos de um futuro melhor?

– Não. O máximo que almejo é economizar dinheiro suficiente para estabelecer uma escola algum dia, numa casinha alugada por mim.

– Um alimento substancial para o espírito. E sentada junto à janela... Vê como conheço seus hábitos?

– Deve ter ouvido isso dos criados.

– Ah! Então pensa que é esperta. Bem, talvez eu tenha ouvido mesmo... Para falar a verdade, conheço uma das criadas, Mrs. Poole.

Fiquei de pé imediatamente, quando ouvi esse nome.

“Então você a conhece...” pensei “talvez haja alguma coisa demoníaca nessa história, afinal!”

– Não se alarme – continuou aquele ser estranho – ela é uma boa serviçal, quieta e discreta, pode-se confiar nela. Mas, como eu dizia, sentada naquela janela não pensa em nada além da sua futura escola? Não tem nenhum interesse na companhia das pessoas que ocupam os sofás e cadeiras à sua frente? Não há um rosto que lhe interesse? Não segue os movimentos de nenhuma delas com um pouco mais de curiosidade?

– Gosto de observar todos os rostos e todos os movimentos.

– Mas nunca separa um dos demais... ou talvez dois?

– Faço isso com frequência, quando os gestos ou olhares de algum par parecem contar uma história. Eu me distraio observando-os.

– Que tipo de história gosta mais?

– Oh! Não tenho muita escolha! Elas geralmente são do mesmo tipo: conquista. E prometem o mesmo desfecho catastrófico: casamento.

– E gosta desse tema monótono?

– Decididamente não ligo para isso. Não representa nada para mim.

– Não representa nada? Quando uma jovem dama cheia de vida e saúde, dotada de beleza e dos dons de casta e de fortuna, senta-se e sorri para um cavalheiro, você...

– Eu o quê?

– Você sabe... Talvez goste dele.

– Não conheço os cavalheiros aqui. Mal troquei uma palavra com algum deles. Quanto a gostar deles, considero alguns respeitáveis, majestosos e de meia-idade. Os outros são jovens, ousados, bonitos e animados. Mas todos certamente são livres para aceitar os sorrisos que quiserem, sem que eu considere essas atitudes de alguma forma relacionadas a mim.

– Não conhece os cavalheiros que estão aqui? Não trocou uma sílaba com nenhum deles? Nem com o dono da casa, então!

– Ele não está em casa.

– Uma observação profunda! Que fuga mais ingênua! Ele foi a Millcote esta manhã e vai voltar tarde da noite ou amanhã. Essa circunstância o exclui da sua lista de amizades, ou apaga a sua existência de alguma forma?

– Não, mas não posso entender o que Mr. Rochester tem a ver com o assunto que estamos tratando.

– Eu estava falando de damas sorrindo para cavalheiros. E ultimamente tantos sorrisos foram endereçados a Mr. Rochester, que seus olhos já estão transbordando como duas taças cheias além da borda. Nunca notou isso?

– Mr. Rochester tem o direito de desfrutar da companhia dos seus hóspedes.

– Ninguém nega esse direito. Mas nunca observou que, de todas as histórias românticas que acontecem aqui, Mr. Rochester foi favorecido com a mais intensa e a mais persistente?

– A ansiedade do ouvinte desata a língua do narrador – eu disse.

Falei mais para mim mesma do que para a cigana, cuja estranha conversa, a voz e as maneiras, tinham me envolvido numa espécie de sonho. Frases inesperadas saíam dos seus lábios, uma atrás da outra, até me envolver numa rede de mistificações. E chegava a pensar que algum tipo de espírito invisível havia morado por semanas a fio no meu coração, observando seus movimentos e tomando nota de cada pulsação.

– A ansiedade do ouvinte! – repetiu ela. – Sim, Mr. Rochester tem estado calado, seu ouvido inclinado para os fascinantes lábios que exprimem tanta delícia na tarefa de falar. E Mr. Rochester parece tão disposto a ouvir e demonstra tanta gratidão por essa distinção! Notou isso?

– Gratidão! Não me lembro de ter visto gratidão no rosto dele!

– Não viu! Esteve analisando, então. E o que viu, se não foi gratidão?

Fiquei em silêncio.

– Você viu amor, não foi? E, olhando para o futuro, você o viu casado e a noiva bastante feliz?

– Hum! Não exatamente. Seus poderes de bruxa às vezes falham.

– Que diabo viu, então?

– Não importa: vim aqui para perguntar, não vim para confessar nada. Então é verdade que ele vai se casar?

– Sim, com a bela Miss Ingram.

– Muito breve?

– As aparências indicam que sim. E com certeza (apesar de você questionar isso com uma audácia que merece castigo) vão ser um casal muito feliz. Ele não pode deixar de amar uma dama tão bela, nobre, inteligente e prendada. E ela provavelmente o ama, se não pela sua pessoa, pelo menos pela sua bolsa. Sei que ela considera os bens de Mr. Rochester como último recurso. Ainda que (e Deus me perdoe!) eu tenha dito alguma coisa a ela sobre isso, uma hora atrás, que a fez ficar extremamente séria. Os cantos da sua boca caíram alguns centímetros. Gostaria de avisar ao seu pretendente moreno para tomar cuidado. Se vier um outro, com uma lista de rendas mais longa ou mais substancial... ele está perdido...

– Mas, vovó, eu não vim para saber da sorte de Mr. Rochester. Vim para saber da minha. E a senhora não me disse nada sobre isso.

– A sua sorte ainda é duvidosa. Quando examino seu rosto, um traço contradiz o outro. O destino lhe reservou um quinhão de felicidade: disso eu sei. Sabia antes de vir aqui esta noite. Ele está guardando cuidadosamente essa felicidade para você. Eu o vi fazer isso. Só depende de você estender a mão e tomá-la. O problema é saber se está disposta a fazer isso. Ajoelhe-se outra vez no tapete.

– Não demore muito tempo. O fogo já está me queimando.

Ajoelhei. Ela não parou junto a mim, apenas me olhava, reclinada em sua poltrona. Começou a murmurar:

– O fogo brilha nos olhos. Eles reluzem como o orvalho, parecem suaves e cheios de sentimentos. Sorriem das minhas palavras estranhas. São suscetíveis, e as impressões se sucedem nas suas esferas claras. Quando param de sorrir se tornam tristes. Uma lassidão inconsciente pesa sobre as pálpebras: significa a melancolia que resulta da solidão. Agora fogem de mim, não querem mais aceitar este escrutínio. Um relance de zombaria parece negar a verdade das descobertas que acabei de fazer... E negam carregar o fardo da sensibilidade e do desgosto. Seu orgulho e reserva apenas confirmam minha opinião. O olhar é favorável.

– Quanto à boca, encanta quando às vezes sorri. Está disposta a dizer tudo que a mente concebe, embora mantenha silêncio sobre as experiências do coração. Mutante e flexível, não foi criada para ser esmagada pelo silêncio eterno da solidão. É uma boca que deveria falar muito e sorrir com frequência, e mostrar compreensão humana para com o seu interlocutor. Este traço também é propício.

– Não vejo nenhum empecilho à felicidade senão na frente, que parece dizer: “Posso viver sozinha, se o respeito próprio e as circunstâncias me obrigarem a isso. Não preciso vender a alma para comprar a bênção da felicidade. Tenho um tesouro interior que nasceu comigo, e que pode me manter viva mesmo que estranhas delícias me sejam negadas ou oferecidas a um preço que eu não possa pagar.” A frente declara: “A razão aqui se mantém firme. Segura as rédeas, não permite que os sentimentos extravasem e a carreguem para um abismo insondável. As paixões podem rugir furiosamente, como verdadeiras selvagens que são, e o desejo imaginar toda a sorte de ilusões. Mas o juízo sempre terá a última palavra em cada discussão e o voto final em cada decisão. O vento selvagem, o terremoto e o fogo podem passar, mas seguirei o comando dessa voz interior que interpreta os ditames da consciência.”

– Muito bem, frente. Sua declaração será respeitada. Já fiz meus planos – planos muito sensatos – e em todos eles ouvi as reivindicações da consciência e os conselhos da razão. Sei que a juventude passaria depressa e a beleza acabaria se uma gota de vergonha ou um sabor de remorso fossem perceptíveis na taça da ventura que me oferecessem. E não quero sacrifício, tristeza, dissolução – não aprecio isso. Desejo florir e não fenecer... merecer gratidão e não derramar lágrimas de sangue. Não, nada de lágrimas! Minha colheita deve ser de sorrisos, de carinhos, de doçuras... E assim será. Creio que estou num estranho delírio. Gostaria de protelar este momento *ad infinitum*. Mas não ousa. Até aqui me governei completamente, agi como jurei para mim mesmo que agiria. Mas daqui para a frente o destino pode tentar-me além das minhas forças. Levante-se, Miss Eyre. Está dispensada. O jogo acabou.

Onde eu estava? Dormindo ou acordada? Estivera sonhando? Estava sonhando ainda? A voz da velha mudara. Seu tom, seus gestos, tudo era familiar para mim, como o meu próprio rosto num espelho... como as minhas próprias palavras. Levantei-me mas não saí. Olhei, aticei o fogo, e tornei a olhar. Mas ela escondia ainda mais o rosto sob o chapéu e o lenço, e outra vez me acenou para que saísse. As chamas iluminaram sua mão estendida. Já de pé e alerta, eu agora reparava naquela mão. Era o membro encolhido de uma velha tanto quanto a minha própria. A mão era suave, com dedos macios e bem torneados. Um anel grande brilhava no dedo mínimo. Inclinei-me para ela e olhei com mais atenção: vi uma pedra que já tinha visto centenas de vezes antes. Olhei de novo para o rosto, que não se desviava mais do meu. Pelo contrário: o chapéu fora retirado, o lenço descartado, e o rosto estava à mostra.

– Bem, Jane, está me reconhecendo? – perguntou a voz familiar.

– Apenas tire a capa vermelha, senhor, e então...

– Mas o laço está preso... ajude-me.

– É melhor arrebentá-lo, senhor.

– Aqui está!...

E Mr. Rochester livrou-se do disfarce.

– Bem, Mr. Rochester, que ideia esquisita...

– Mas bem executada, não achou?

– O senhor deve ter se saído bem com as outras damas.

– E com você, não?

– O senhor não representou o papel de uma vidente para comigo.

– Que papel representei? O meu próprio?

– Não, um outro qualquer. Em resumo: creio que o senhor tentou fazer com que eu contasse algo de mim. Esteve falando bobagens para me ver falando bobagens também. Não é muito justo, senhor.

– Você me perdoa, Jane?

– Não posso fazer isso até que tenha pensado em tudo que disse. Se, após refletir, chegar a conclusão que não disse nenhum absurdo, tentarei perdoá-lo. Mas não foi correto.

– Ah! Mas você foi muito correta... muito cuidadosa, muito sensível.

Pensei que, de forma geral, eu tinha sido mesmo. Era um consolo, de fato, mas eu estivera em guarda quase desde o começo da entrevista. Suspeitei que fosse algum tipo de encenação. Sabia que ciganas e videntes não se expressavam da mesma maneira que aquela velha havia feito. Além disso, notara a sua voz falsa e a ansiedade para esconder as feições. Mas minha mente pensava em Grace Poole... aquele enigma vivo, o mistério dos mistérios, como a considerava. Nunca pensei em Mr. Rochester.

– Bem, sobre o que está ruminando? O que significa esse sorriso tão grave?

– Espanto e congratulações a mim mesma, senhor. Creio que tenho a sua permissão para me retirar agora, não?

– Não, fique um momento. Conte-me o que as pessoas na sala estão fazendo.

– Discutindo sobre a cigana, imagino.

– Sente-se! Conte-me o que eles disseram sobre mim.

– É melhor que eu não fique aqui por muito tempo, senhor. Devem ser quase onze horas. Ah! O senhor soube que um estranho chegou depois que o senhor partiu esta manhã?

– Um estranho! Não sabia... Não estou esperando ninguém, quem poderia ser? Ele já se foi?

– Não. Disse que conhece o senhor há muito tempo e que podia tomar a liberdade de instalar-se aqui até que o senhor voltasse.

– O diabo, que pode! Ele disse o nome?

– Chama-se Mason, senhor. Vem das Índias Ocidentais, de Spanish Town na Jamaica, eu acho.

Mr. Rochester estava de pé ao meu lado. Havia tomado minha mão para conduzir-me até a cadeira. Quando falei apertou meu pulso de repente. O sorriso congelou-lhe nos lábios. Parecia que um espasmo atravessara seu peito.

– Mason!... Índias Ocidentais! – disse num tom que lembrava um autômato que soubesse apenas estas palavras. E repetiu – Mason!... Índias Ocidentais!

Disse essas palavras três vezes, ficando mais branco que as cinzas enquanto falava. Parecia não saber o que estava fazendo.

– Está doente, senhor?

– Jane, recebi um golpe. Recebi um golpe, Jane!

Estava chocado.

– Apoóie-se em mim, senhor.

– Oh, Jane! Você já me ofereceu o seu ombro uma vez, deixe que eu o aceite agora.

– Sim, senhor. E também o meu braço.

Ele sentou-se e me fez sentar ao lado dele. Tomando minha mão nas suas ele as aqueceu. Ao mesmo tempo me olhava fixamente, com um olhar profundamente perturbado e sombrio.

– Minha pequena amiga! – ele disse. – Gostaria de estar numa ilha tranquila, apenas com você. Longe dos problemas, dos perigos e das abomináveis lembranças.

– Posso ajudá-lo, senhor? Daria minha vida para servi-lo.

– Jane, se eu precisar de ajuda vou buscá-la de suas mãos, prometo.

– Obrigado, senhor. Diga-me o que devo fazer, tentarei ajudá-lo.

– Traga-me uma taça de vinho da sala de jantar, Jane. A ceia deve estar sendo servida agora. Diga-me se Mr. Mason ainda está lá e o que está fazendo.

Eu fui. Encontrei todo o grupo na sala de jantar ceando, como Mr. Rochester previra. Não estavam sentados à mesa, a ceia fora colocada sobre o bufê. Cada um pegava o que desejava e sentavam-se aqui e ali em grupos, com os pratos e taças nas mãos. Todos pareciam muito alegres, as conversas e os risos eram gerais e animados. Mr. Mason estava junto à lareira, falando com o Coronel e Mrs. Dent, e parecia tão feliz quanto qualquer um deles. Enchi uma taça de vinho (vi que Miss Ingram franzia o cenho enquanto me olhava, achando que eu estava tomando alguma liberdade, decerto) e voltei para a biblioteca.

A extrema palidez de Mr. Rochester tinha desaparecido, e ele parecia outra vez firme e grave. Pegou a taça da minha mão.

– Brindo à sua saúde, sacerdotisa espiritual! – ele disse.

Bebeu todo o conteúdo e devolveu-a para mim.

– O que eles estão fazendo, Jane?

– Rindo e conversando, senhor.

– Não parecem graves e misteriosos, como se tivessem ouvido algo estranho?

– De modo algum. Parecem cheios de gracejos e alegrias.

– E quanto a Mason?

– Também está rindo.

– Se todas essas pessoas vierem aqui em grupo para me agredir, o que você faria, Jane?

– Botá-los para fora, senhor, se pudesse.

Ele deu um meio sorriso.

– E se eu fosse até eles, e todos apenas me olhassem friamente, cochichando com desprezo, e depois me voltassem as costas e me deixassem um a um... O que faria? Iria com eles?

– Não faria isso, senhor. Teria mais prazer em ficar com o senhor.

– Para me consolar?

– Sim, senhor. Para consolá-lo tanto quanto puder.

– E se eles a excluíssem, por tomar o meu partido?

– Eu provavelmente não saberia nada sobre a exclusão. E se soubesse, não daria a mínima importância para ela.

– Então, ousaria enfrentar a censura por minha causa?

– Poderia enfrentar isso por qualquer amigo que precisasse do meu apoio. Como o senhor também faria, tenho certeza.

– Vá até a sala, então. Chegue discretamente perto de Mason e diga em seu ouvido que Mr. Rochester chegou e deseja vê-lo. Traga-o aqui e então me deixe.

– Sim, senhor.

Fiz o que me pedira. Todos ficaram me encarando enquanto passava direto pelo grupo. Procurei Mr. Mason, transmiti o recado e o conduzi para fora da sala. Levei-o à biblioteca e subi para o meu quarto.

Tarde da noite, depois que já estava deitada há algum tempo, ouvi os cavalheiros se dirigirem aos seus quartos. Reconheci a voz de Mr. Rochester, dizendo:

– Por aqui, Mason. Este é o seu quarto.

Falava amistosamente. O tom cordial deixou-me tranquila e logo peguei no sono.

CAPÍTULO 20

Eu tinha esquecido de fechar a cortina e de cerrar as venezianas, como sempre fazia. Por consequência, quando a lua cheia e brilhante – pois a noite estava linda – surgiu no espaço de céu em frente à janela e me olhou através das vidraças descobertas, seu brilho glorioso me despertou. Acordando no meio da noite, abri os olhos para o disco branco prateado, claro como cristal. Era lindo, mas solene demais. Arqueei o corpo e estendi o braço para fechar a cortina.

Meu Deus! Que grito horrível!

A noite, o seu silêncio, a sua calma foram invadidos por um grito selvagem, agudo, estridente, que correu de ponta a ponta a mansão de Thornfield.

Minha pulsação cessou, meu coração parou de bater, o braço que eu estendera ficou paralisado. O grito parou e não se reproduziu. De fato, quem quer que tenha emitido aquele berro medonho não poderia repeti-lo: nem o condor de asas longas dos Andes poderia, duas vezes seguidas, emitir um grito de tal ordem do seu ninho nas nuvens. A coisa que emitira esse horror teria que descansar antes que o pudesse repetir.

O grito viera do terceiro andar, pois passou pelo alto. E do mesmo lugar – sim, do quarto que ficava justo em cima do meu – ouvia-se agora um ruído de luta. Um combate mortal, a julgar pelo barulho. E uma voz meio sufocada gritou:

– Socorro! Socorro! Socorro! – gritou três vezes, rapidamente. – Ninguém me ouviu?

E então, enquanto continuava aquele barulho selvagem de tropeços e arrastar de pés, distingui através das tábuas e do reboco do teto:

– Rochester! Rochester! Pelo amor de Deus, venha logo!

Uma porta se abriu, alguém correu apressado pelo corredor. Outro passo retumbou no piso do quarto acima de mim e qualquer coisa caiu. Então fez-se silêncio.

Eu vestira algumas roupas, embora todo o meu corpo tremesse de pavor. Saí do meu apartamento. Os hóspedes estavam todos acordados: em cada quarto havia exclamações e murmúrios de terror. As portas se abriram, uma por uma. Todos espiavam para fora e o corredor encheu-se. Tanto as damas quanto os cavalheiros tinham se levantado, e ouviam-se exclamações confusas por todo o lado:

– Oh! O que é isso?

– Quem está ferido?

– O que aconteceu?

– Peguem uma lanterna!

– Foi algum incêndio?

– Tem ladrões na casa?

– Para onde devemos correr?

Se não fosse a luz da lua estariam em completa escuridão. Corriam de um lado para outro. Amontoavam-se. Algumas soluçavam, outros tropeçavam. A confusão era irremediável.

– Onde diabo se meteu Rochester? – gritou o Coronel Dent. – Não o encontrei na cama.

– Estou aqui! – gritou uma voz em resposta. – Fiquem todos calmos! Já estou indo.

Então abriu-se a porta no final do corredor e Mr. Rochester avançou, carregando um candeeiro. Havia acabado de descer do terceiro andar. Uma das damas correu direto para ele e agarrou-o pelo braço: era Miss Ingram.

– O que aconteceu de tão terrível? – disse ela. – Fale! Diga logo de uma vez o pior!

– Mas não me derrubem nem me estrangulem! – ele replicou.

Além de Miss Ingram, também as duas senhoritas Eshton agarravam-no e as duas matronas vestidas em enormes roupões brancos, o abalroavam como navios em velocidade máxima.

– Está tudo bem!... Tudo bem! – ele gritou. – É apenas um ensaio de “Muito Barulho por Nada”... uma coisa à toa. Senhoras, afastem-se, ou vou ficar furioso.

E ele realmente parecia furioso. Seus olhos negros emitiam centelhas. Fazendo um esforço para se acalmar, acrescentou:

– Uma criada teve um pesadelo. Foi só isso. É uma pessoa muito excitável e nervosa. Sonhou que estava vendo uma aparição, um fantasma, algo desse tipo. E teve um ataque de medo. Agora, por favor, gostaria que todos voltassem aos seus quartos, pois enquanto a casa não estiver tranquila, ela não poderá ser auxiliada. Cavalheiros, tenham a bondade de dar o exemplo às damas. Miss Ingram, tenha certeza que não hesitará em demonstrar sua superioridade em relação a esses terrores vãos. Amy e Louisa, voltem para os seus ninhos, como o par de pombinhas que são. Senhoras (dirigindo-se às matronas), certamente pegarão um resfriado se ficarem por mais tempo neste corredor frio.

E assim, alternando persuasão e comando, conseguiu que todos voltassem aos seus respectivos aposentos. Não esperei para ser mandada de volta ao meu, retirei-me sem ter sido notada, como viera.

Mas não fui para a cama. Ao contrário, comecei a vestir-me cuidadosamente. Os sons que escutara depois do grito, os apelos murmurados, provavelmente foram ouvidos apenas por mim, pois vinham do quarto de cima do meu. No entanto, haviam me assegurado que não fora o grito de uma criada que espalhara o terror por toda a casa. E que a explicação de Mr. Rochester era apenas uma invenção destinada a acalmar seus hóspedes. Vesti-me para estar pronta para qualquer emergência. Depois de vestida, sentei-me por longo tempo junto à janela, olhando para os prados silenciosos e os campos prateados, esperando algo que nem eu sabia o que era. Achava que alguma coisa devia se seguir ao estranho grito, à luta e ao pedido de socorro.

Mas não: o silêncio retornou. Todos os murmúrios e os movimentos gradualmente cessaram, e dentro de uma hora Thornfield Hall estava de novo tão silenciosa quanto um deserto. O império do silêncio e da noite retomara seu poder. Enquanto isso, a lua declinava. Estava para se pôr. Cansada de ficar sentada no frio e no escuro, pensei em deitar-me na cama, vestida como estava. Deixei a janela e caminhei sem ruído sobre o tapete. Quando parei para tirar os sapatos, ouvi uma mão cautelosa bater suavemente na porta.

– Precisam de mim? – perguntei.

– Está de pé? – perguntou a voz que eu esperava ouvir, isto é, a do meu patrão.

– Sim, senhor.

– Está vestida?

– Sim.

– Saia em silêncio, então.

Obedeci. Mr. Rochester estava parado no corredor segurando um lampião.

– Preciso de você – ele disse. – Venha por aqui, devagar e sem fazer barulho.

Meus sapatos eram macios, podia caminhar sobre o chão atapetado com a suavidade de um gato. Ele deslizou pela galeria, subiu as escadas e parou no escuro e baixo corredor do fatídico terceiro andar. Eu o havia seguido e estava ao seu lado.

– Tem uma esponja em seu quarto? – perguntou-me num sussurro.

– Sim, senhor.

– Tem alguns sais, sais voláteis?

– Sim.

– Volte e vá pegá-los.

Voltei, peguei a esponja no lavatório, os sais na minha gaveta, e retornei. Ele esperava, com uma chave na mão. Aproximou-se de uma das pequenas portas pretas e colocou-a na fechadura. Parou e novamente se dirigiu a mim.

– Não desmaia quando vê sangue?

– Acho que não, nunca pude experimentar.

Enquanto lhe respondia, senti um tremor. Mas não fiquei fria nem assustada.

– Apenas me dê a mão – ele disse. – Não podemos arriscar que desmaie.

Coloquei meus dedos nos dele.

– Quentes e firmes – foi a sua observação.

Girou a chave e abriu a porta.

Vi um quarto que já tinha visto antes, quando Mrs. Fairfax me mostrara a casa. Era forrado de tapeçarias, mas as tapeçarias agora estavam parcialmente erguidas e via-se uma porta que antes ficara escondida. Estava aberta, e uma luz brilhava lá dentro. Ouvei um som de resmungos e ranger de dentes, como o de um cão. Mr. Rochester, largando o lampião, disse-me:

– Espere um minuto.

E entrou no apartamento. Uma explosão de riso saudou sua entrada. Barulhento no início, e terminando naquele grito de duende – há! há! há! – característico de Grace Poole. Então *ela* estava lá! Ele fez algum tipo de acerto sem falar, embora eu ouvisse uma voz baixa que se dirigia a ele. Então saiu e fechou a porta atrás de si.

– Aqui, Jane! – disse.

Caminhei até o outro lado de uma enorme cama que, com seus dosséis abaixados, escondia a maior parte do quarto. Uma cadeira de balanço estava perto da cabeceira e havia um homem sentado nela, sem o casaco. Estava imóvel, de cabeça baixa e com os olhos fechados. Mr. Rochester segurou o candeeiro sobre o seu rosto. Reconheci a face pálida e parecendo sem vida do estranho, Mason. Vi também que um lado da camisa e um braço estavam ensopados de sangue.

– Segure o candeeiro – disse Mr. Rochester.

Peguei-o e ele foi buscar uma bacia de água no lavatório.

– Segure isto – disse ele.

Obedeci. Mr. Rochester pegou a esponja, mergulhou-a na água e umedeceu a face que parecia a de um cadáver. Pediu a minha garrafinha de sais e levou-a às narinas. Mr. Mason abriu brevemente os olhos e gemeu. Ele então desabotoou a camisa do ferido, cujo braço e ombro estavam cobertos por uma bandagem. Passou a esponja no sangue, que gotejava rapidamente.

– Há algum perigo imediato? – murmurou Mr. Mason.

– Não! Que nada!... É só um arranhão. Não se entregue assim, homem: aguente firme! Eu mesmo vou buscar um médico para você: estará pronto para ser removido amanhã. Jane? – ele continuou.

– Senhor?

– Preciso deixá-la neste quarto, em companhia deste cavalheiro por uma ou talvez duas horas. Assim que voltar a sangrar, limpe o sangue com a esponja. Se ele desmaiar coloque o copo com água nos seus lábios e dê-lhe o frasco de sais para aspirar. Não deve falar com ele em hipótese alguma. E... Richard, você vai arriscar sua vida, se falar com ela. Se abrir a boca, mexer os lábios, ou fizer qualquer movimento... não respondo pelas consequências.

O pobre homem voltou a gemer. Parecia que não ousava se mexer. O medo, da morte ou alguma outra coisa, quase o paralisavam. Mr. Rochester pusera em minha mão a esponja ensanguentada, e comecei a usá-la como o vira fazer. Ele me olhou por um segundo e disse:

– Lembre-se! Nada de conversa!

E deixou o quarto. Senti uma estranha sensação quando a chave girou na fechadura e parei de ouvir o ruído dos seus passos que se afastavam.

E aqui estava eu agora, no terceiro andar, presa numa das suas celas misteriosas. Em torno de mim, a noite. Em minhas mãos e ante meus olhos, um espetáculo sangrento. Uma assassina separada de mim apenas por uma simples porta. Sim! Isso era apavorante!... O resto eu podia suportar. Mas tremia ao imaginar Grace Poole investindo contra mim.

Devia manter o meu posto, todavia, zelar por aquela figura fantasmagórica, aqueles lábios arroxeados e imóveis, proibidos de se mover... aqueles olhos ora abertos, ora fechados, ora vagando pelo quarto, ora fixando-se em mim, sempre embotados de horror. A todo momento tinha que mergulhar a mão na bacia cheia de água avermelhada e lavar o sangue que escorria. Tinha que ver a luz do candeieiro extinguir-se aos poucos enquanto precisava dele, e as sombras envolverem as antigas tapeçarias à minha volta que pendiam escuras sobre a vasta e antiga cama, e tremulavam estranhamente sobre as portas de um grande armário fronteiro. Suas portas, divididas em doze painéis, ostentavam em terríveis pinturas as cabeças dos doze apóstolos, cada uma em sua própria moldura. No alto, sobre elas, elevava-se um crucifixo de ébano com um Cristo agonizante.

Naquela luminosidade cambiante, no brilho hesitante que se espalhava aqui e ali, ora era o médico barbudo Lucas que inclinava a testa; ora eram os longos cabelos de São João que ondulavam; ou então a diabólica face de Judas que saía do painel e parecia ganhar vida, ameaçando transformar-se na forma do arquitraidor – o próprio Satã.

No meio de tudo isso eu tinha que ouvir, além de observar. Ouvir os movimentos da besta selvagem ou do demônio que se achava no esconderijo do lado de lá da porta. Mas desde a visita de Mr. Rochester ela parecia enfeitiçada. Durante toda a noite eu ouvira apenas três ruídos, em longos intervalos. Um rumor de passos, uma momentânea repetição do ranger de dentes e dos ganidos caninos, e

um profundo gemido humano.

Agora eram os meus próprios pensamentos que me atormentavam. Que crime era aquele que parecia entranhado nesta mansão isolada, e não podia ser eliminado nem subjugado pelo próprio dono? Que mistério era esse que explodira em fogo e agora em sangue, nas horas mais tardias da noite? Que criatura era aquela que, disfarçada no corpo e rosto de uma mulher, articulava as palavras ora como um demônio insolente, ora como uma selvagem ave de rapina?

E este homem, sobre o qual eu agora me debruçava, esse estranho quieto e comum, como acabara se envolvendo nessa teia de horror? E porque a Fúria investira contra ele? O que o fizera procurar essa parte da casa tão fora de hora, quando deveria estar dormindo em sua cama? Eu ouvira Mr. Rochester designar-lhe um quarto no andar de baixo... o que o trouxera aqui? E por que se mostrava tão resignado com relação à violência e traição que se abatera sobre ele? Por que se submetia tão docilmente ao silêncio imposto por Mr. Rochester? *Por que* Mr. Rochester impunha esse silêncio? Seu hóspede fora ultrajado, ele mesmo sofrera anteriormente um atentado contra a própria vida. Ambos os atentados foram cobertos pelo segredo e mergulhados no esquecimento! Por fim, eu via que Mr. Mason era submisso a Mr. Rochester, que a vontade impetuosa do último mantinha completo domínio sobre a inércia do primeiro. As poucas palavras que trocaram me garantiram isso. Era evidente que no seu antigo relacionamento a disposição passiva de um era influenciada pela ativa energia do outro. De onde, então, surgira o pavor de Mr. Rochester quando ouviu sobre a chegada de Mr. Mason? Por que a menção do nome daquele indivíduo submisso – a quem controlara como uma criança, apenas com uma palavra – caíra sobre ele, algumas horas atrás, como um raio sobre um carvalho?

Oh! Não podia esquecer seu olhar e sua palidez quando sussurrou: “Jane, recebi um golpe. Recebi um golpe, Jane!” Não podia me esquecer de como o seu braço tremia quando se apoiou no meu ombro. E, com certeza, não havia de ser qualquer coisinha que podia abater dessa maneira o espírito intrépido e fazer tremer a figura vigorosa de Fairfax Rochester.

“Quando será que ele volta? Quando será que ele volta?” Enquanto a noite se arrastava longamente e o meu doente, sangrando, arriava-se, gemia e se tornava cada vez mais fraco, eu me fazia essa pergunta. E o dia não vinha, e nem a ajuda. De instante a instante eu levava a água aos lábios lívidos de Mason. Vezes sem conta apliquei às suas narinas os sais estimulantes. Meus esforços, no entanto, pareciam não surtir efeito. O sofrimento físico ou mental, ou a perda de sangue, ou os três juntos aceleravam a sua prostração. Ele gemia tanto, estava tão fraco, aterrorizado e perdido, que temi que fosse morrer. E não podia sequer falar com ele!

A luz do candeeiro extinguiu-se, por fim. Quando acabou, percebi linhas de claridade cinzenta avançando lentamente através da janela. A alvorada se aproximava. Nesse momento ouvi ao longe o latido de Pilot, fora do canil, no gramado. Voltou-me a esperança. Não me decepcionei. Cinco minutos depois o áspero barulho da chave e o ruído da fechadura avisaram-me que a minha vigília acabara. Não deviam ter se passado mais de duas horas, mas muitas semanas da minha vida tem me parecido mais curtas.

Mr. Rochester entrou, acompanhado pelo médico que fora buscar.

– Bem, Carter, aja depressa – ele disse para o médico. – Você tem meia hora para vestir o ferido, fazer-lhe as ataduras, descer com ele e tudo o mais.

– Ele está em condições de se mover, senhor?

– Sem dúvida. Não é nada sério. Ele é nervoso, devemos reanimá-lo. Venha, comece a

trabalhar.

Mr. Rochester afastou a cortina e abriu a persiana, permitindo que entrasse o máximo de luz do dia. Fiquei surpresa de ver como a manhã já avançava, e os tons róseos do sol começavam a surgir no levante. Depois aproximou-se de Mason, a quem o médico já estava atendendo.

– E agora, meu bom amigo, como está se sentindo? – perguntou.

– Temo que ela tenha acabado comigo – foi a débil resposta.

– Que nada... Coragem! Daqui a quinze dias não estará sentindo mais nada. Perdeu um pouco de sangue, foi tudo. Carter, diga-lhe que não há perigo.

– Posso fazer isso sem medo – disse Carter, que desamarrava as ataduras. – Mas preferia ter chegado mais cedo, assim ele não teria sangrado tanto... Mas o que é isto? A carne do ombro está cortada e arranhada. Essa ferida não foi feita por uma faca, foi uma dentada!

– Ela me mordeu – ele murmurou. – Atacou-me como um tigre, quando Rochester tirou-lhe a faca.

– Você não devia ter se rendido. Devia tê-la agarrado de uma vez – disse Mr. Rochester.

– Mas em tais circunstâncias, o que se poderia fazer? – respondeu Mason. E acrescentou, tremendo – Oh! Foi horrível! E eu não esperava: ela parecia tão quieta!

– Eu lhe avisei – foi a resposta do seu amigo. – Disse-lhe que tomasse cuidado quando chegasse perto dela. Além disso, devia ter esperado até amanhã para ir comigo. Foi uma loucura tentar falar com ela esta noite, e sozinho.

– Pensei que poderia fazer-lhe bem.

– Pensou! Pensou! Fico irritado só de ouvi-lo. Mas você sofreu, no entanto, e provavelmente sofrerá ainda mais por ter desprezado o meu conselho. Assim, não direi mais nada. Carter... depressa, depressa! O sol já vai nascer, e ele tem que sair daqui antes disso.

– Pois não, senhor. Acabei de fazer a atadura no ombro, tenho ainda que ver esta ferida no braço. Ela mordeu aqui também, eu acho.

– E chupou o sangue, disse que ia esvaziar meu coração – disse Mason.

Vi Mr. Rochester estremecer. Uma expressão singular de desgosto, horror e ódio convulsionou seus traços, até ficarem quase distorcidos. Mas ele apenas disse:

– Vamos, fique quieto, Richard, e não ligue para o que ela disse. Não vai se repetir.

– Quem me dera poder esquecer! – foi a resposta.

– Vai conseguir, quando sair do país. Quando estiver de volta a Spanish Town pode pensar nela como morta e enterrada. Melhor ainda, nem precisa pensar mais nela.

– É impossível esquecer esta noite!

– Não é impossível: tenha coragem, homem! Duas horas atrás você pensou que estivesse tão morto como um arenque defumado, e agora está vivo e falante. Bem... Carter já terminou com você, ou quase isso. Vou deixá-lo decente num instante. Jane?

Voltou-se para mim pela primeira vez desde que entrara.

– Pegue esta chave. Vá até o meu quarto e de lá direto ao quarto de vestir. Abra a gaveta de cima da cômoda e pegue uma camisa limpa e um lenço de pescoço. Seja rápida.

Eu fui, achei o armário, peguei as coisas que ele pedira e retornei.

– Agora – disse ele – vá para o outro lado da cama enquanto providencio para que ele seja vestido. Mas não deixe o quarto, posso precisar de você de novo.

Fiz o que ele pedira.

– Viu alguém de pé quando desceu, Jane? – perguntou então Mr. Rochester.

– Não, senhor. Tudo estava muito calmo.

– Precisamos tirá-lo daqui discretamente, Dick. Será melhor, tanto para sua segurança, como daquela criatura aí do lado. Tenho me esforçado há longo tempo para evitar escândalo, e não gostaria que isso acontecesse agora. Aqui, Carter, coloque-lhe este sobretudo. Onde deixou seu casaco de pele? Não pode viajar nem um quilômetro sem ele, neste maldito clima frio. Está no seu quarto? Jane, corra até o quarto de Mr. Mason, o primeiro depois do meu, e pegue o casaco que o viu vestindo.

De novo eu fui e voltei, carregando um imenso sobretudo, forrado e guarnecido com pele.

– Agora, tenho mais uma tarefa para você – disse o meu incansável patrão. – Deve voltar ao meu quarto. Que sorte estar usando calçados de veludo, Jane! Um mensageiro comum nunca poderia dar conta da tarefa. Abra a gaveta do meio da minha mesa de cabeceira e pegue um pequeno frasco e um copinho que estão lá... rápido!

Corri para lá e voltei, trazendo os vasilhames que ele pedira.

– Muito bem! Agora, doutor, vou tomar a liberdade de administrar um remédio sob a minha responsabilidade. Comprei este cordial em Roma, de um charlatão italiano... um camarada a quem você teria corrido a pontapés, Carter. Não é algo que se possa usar indiscriminadamente, mas em determinadas ocasiões. Como agora, por exemplo. Jane, pegue um pouco de água.

Ele segurou o delicado copo e eu o enchi pela metade com a água da garrafa que estava sobre o lavatório.

– Assim está bom. Agora o líquido do frasco.

Mediu doze gotas de um líquido escarlate e deu o preparado para Mason.

– Beba, Richard. Isso vai lhe restaurar o ânimo por uma hora ou duas horas.

– Mas não me fará mal? Não é inflamatório?

– Beba! Beba!

Mr. Mason obedeceu, porque evidentemente era inútil resistir. Já estava vestido agora. Ainda pálido, mas não estava mais sujo nem sangrando. Mr. Rochester deixou-o descansar por três minutos, após ter bebido o líquido. Então pegou-o pelo braço:

– Agora acho que conseguirá ficar de pé – ele disse. – Experimente!

O paciente ergueu-se.

– Carter, apoie o outro ombro dele. Seja um bom amigo, Richard, de alguns passos... isso mesmo!

– Sinto-me melhor, realmente – observou Mr. Mason.

– Tenho certeza que sim. Agora, Jane, vá na nossa frente até lá embaixo, abra a porta lateral e diga ao cocheiro da diligência postal para se aprontar e esperar no pátio... ou do lado de fora, pois eu mandei que não entrasse com as rodas no calçamento. Nós estamos descendo. E se alguém estiver por aí,

vá até o pé da escada e tussa.

Já eram mais ou menos cinco e meia e o sol estava a ponto de surgir, mas encontrei a cozinha ainda escura e silenciosa. A porta lateral estava trancada e abri-a com o menor ruído possível. Todo o pátio estava quieto, embora os portões estivessem escancarados. Do lado de fora estava estacionada a diligência postal, com os cavalos atrelados e o cocheiro na boleia. Aproximei-me e disse ao homem que os cavalheiros estavam vindo. Ele assentiu. Olhei cuidadosamente ao redor e escutei. A quietude da alvorada cobria tudo. Nos quartos dos criados as cortinas ainda estavam baixadas. Pequenos pássaros começavam a gorjear entre as flores esbranquiçadas que cobriam as árvores do pomar, cujos ramos de florzinhas brancas caíam como grinaldas sobre o muro que fechava um dos cantos do pátio. Nos estábulos os cavalos da carruagem batiam os cascos de vez em quando. Tudo o mais era silêncio.

Os cavalheiros surgiram. Mason, apoiado por Mr. Rochester e o médico, parecia caminhar com relativa facilidade. Colocaram-no dentro do veículo, e Carter subiu em seguida.

– Cuide bem dele – disse Mr. Rochester ao médico – e deixe que fique em sua casa até recuperar-se completamente. Dentro de um dia ou dois irei ver como ele está. Richard, como se sente?

– O ar fresco me renovou, Fairfax.

– Deixe a janela aberta do lado dele, Carter, não está ventando... Adeus, Dick.

– Fairfax...

– Bem, o que é?

– Cuide dela. Cuide para que seja tratada o mais ternamente possível. Deixe... – ele parou e rompeu em lágrimas.

– Eu faço tudo o que posso. Sempre fiz e sempre vou fazer – foi a resposta.

Mr. Rochester então fechou a porta da carruagem e o veículo se afastou.

– Quando, meu Deus, haverá um fim para tudo isso? – disse Mr. Rochester, enquanto fechava os pesados portões.

Feito isto, caminhou devagar e com ar absorto em direção à porta do muro que levava ao pomar. Preparei-me para voltar a casa, julgando que não precisasse mais de mim. No entanto, ele chamou outra vez:

– Jane!

Havia aberto a porta e parara, esperando por mim.

– Venha para cá, onde é mais fresco. Só por alguns momentos – disse Mr. Rochester. – Essa casa é apenas uma masmorra, não lhe parece?

– Parece-me uma esplêndida casa, senhor.

– O encanto da inexperiência cega seus olhos – ele respondeu – e a vê através desse véu de magia. Não repara que o dourado é limo e as cortinas de seda são teias de aranha. Que o mármore é uma sórdida ardósia, e os móveis polidos são cavacos descascados, repelentes e miseráveis. Mas *aqui* (apontou para o verdejante pomar, onde acabávamos de entrar), tudo é real, doce e puro.

Ele enveredou por uma aleia bordada de macieiras, pereiras e cerejeiras de um lado. Do outro havia todo tipo de flores antigas, troncos, prímulas e tamareiras, misturadas com abrótanos, rosas-amarélas e várias ervas aromáticas. A mistura de chuva e sol daquele mês de abril, seguida pelas belas manhãs de primavera, as deixara frescas e cheirosas. O sol começava a brilhar no nascente e sua luz

iluminava as árvores floridas e cobertas de orvalho do pomar, assim como os tranquilos caminhos sob elas.

– Jane, gostaria de uma flor?

Ele pegou uma rosa entreaberta, a primeira do galho, e me ofereceu.

– Obrigada, senhor.

– Gosta do nascer do sol, Jane? Deste céu de nuvens altas e claras, que com certeza vão evaporar à medida que o dia esquentar? Desta atmosfera plácida e serena?

– Gosto muito.

– Passou uma noite estranha, Jane.

– Sim, senhor.

– E isso deixou-a pálida... Teve medo quando a deixei sozinha com Mason?

– Eu tinha medo que alguém saísse do quarto interno.

– Mas eu tranquei a porta... A chave ficou no meu bolso. Teria sido um pastor muito descuidado se deixasse uma ovelha – minha ovelha de estimação – tão perto da toca do lobo, sem proteção alguma. Você estava segura.

– Grace Poole vai continuar vivendo aqui, senhor?

– Oh, sim! Não se preocupe com ela... Não pense mais em nada disso.

– A mim parece que sua vida não está muito segura, enquanto ela permanecer.

– Não tenha medo. Vou tomar cuidado.

– O perigo de ontem à noite já passou de todo?

– Não posso afirmar até que Mason esteja fora da Inglaterra. E nem mesmo então. Para mim Jane, viver significa ficar sobre uma cratera que pode entrar em erupção a qualquer momento e vomitar fogo.

– Mas Mr. Mason parece um homem fácil de se levar. É evidente que sua influência sobre ele é muito forte. Ele nunca irá desafiá-lo ou ofendê-lo deliberadamente.

– Oh, não! Mason não irá me desafiar nem me ferir por sua vontade. Mas, mesmo sem intenção – num instante, por uma palavra descuidada – pode privar-me, senão da vida, ao menos da felicidade.

– Peça-lhe para ser cuidadoso, senhor. Diga-lhe o que teme e mostre-lhe os meios de evitar o perigo.

Ele riu um riso sardônico, pegou minha mão apressadamente e largou-a mais depressa ainda.

– Se eu pudesse fazer isso, sua ingênua, onde estaria o perigo? Aniquilado na mesma hora. Desde que conheci Mason bastava dizer “faça isso” e a coisa era feita. Mas, neste caso, não posso dar-lhe ordens. Não posso dizer-lhe “Cuidado para não me ferir, Richard”, pois é importante que o mantenha na ignorância de que pode me fazer mal. Agora você parece confusa, e vou confundi-la ainda mais. Você é minha amiguinha, não é?

– Gosto de ser-lhe útil, senhor, e obedecê-lo em tudo o que for certo.

– Exatamente: eu vejo que age assim. Vejo um contentamento genuíno nos seus modos, no seu aspecto, nos olhos e na face, quando está me ajudando ou fazendo alguma coisa que me agrade... ou

trabalhando para mim, ou junto comigo, naquilo que você tão bem define como “*tudo o que for certo*”. Pois se eu lhe propusesse fazer algo que considera errado, não correria com esses passos leves, nem ostentaria essa alegria, nem o olhar vivo e a fisionomia animada. Minha amiga se voltaria para mim, quieta e pálida, e diria “Não, senhor, é impossível: não posso fazer isso porque é errado.” E se tornaria imóvel como uma estrela fixa. Bem, você também tem poderes sobre mim, e pode me prejudicar. Não ouse mostrar-lhe onde está o meu ponto fraco, pois confiante e amigável como é, poderia apunhalar-me com um só golpe.

– Se o senhor não tem mais a temer de Mr. Mason do que tem de mim, está bastante seguro.

– Deus permita que assim seja! Aqui, Jane, sente-se neste caramanchão.

O caramanchão era um arco no muro coberto de hera. Havia ali um banco rústico. Mr. Rochester sentou-se, deixando lugar para mim ao seu lado. Mas fiquei de pé diante dele.

– Sente-se – disse. – Há lugar suficiente para dois. Não está hesitando em sentar ao meu lado, está? Isso é errado, Jane?

Respondi-lhe sentando-me. Senti que não teria sido sábio recusar.

– Bem, minha amiguinha, enquanto o sol bebe o orvalho, enquanto todas as flores deste velho jardim acordam e desabrocham, enquanto os pássaros trazem de fora de Thornfield a comida para os seus filhotinhos e as abelhas madrugadoras começam seu primeiro turno de trabalho, vou lhe colocar um problema. Você deve se esforçar para imaginar que aconteceu com você. Mas, primeiro, olhe para mim e me diga que está à vontade, e que não acha que estou errado em detê-la, ou que você está errada em ficar.

– Não, senhor, estou satisfeita.

– Bem, Jane, então peça ajuda à fantasia e imagine que você não é mais uma moça bem-educada e disciplinada, mas um rapaz impulsivo, mimado desde a infância. Imagine-se numa remota terra estrangeira. Pense que cometeu um erro capital, não importa de que natureza ou por quais motivos, mas um erro cujas consequências vão segui-lo por toda a vida, e manchar toda a sua existência. Observe que não falo de um *crime*. Não estou falando de derramamento de sangue nem qualquer outro ato culpável, que tornaria a pessoa que o perpetrasse sujeita às penas da lei. A palavra que estou usando é *erro*. O resultado do seu ato com o tempo torna-se absolutamente insuportável. Você toma algumas medidas para conseguir alívio. Medidas fora do comum, mas não ilegais e nem culpáveis. Ainda assim está infeliz: a esperança deixou-a em plena juventude. Ao meio-dia o sol brilhante transforma-se num eclipse, e você sente que não o deixará mais até que chegue o crepúsculo. A amargura e as más recordações tornam-se o único alimento da sua memória. Passa a vagar de um lado a outro, procurando descanso no exílio, felicidade no prazer – falo do prazer sensual e cruel – aquele que embota o cérebro e deteriora os sentimentos. Com o coração seco e a alma amargurada volta para casa após anos de exílio. Faz uma nova amizade – como ou onde não importa. Encontra nesse estranho muitas das boas e sólidas qualidades que desejou por vinte anos, e nunca encontrou antes. E todas são suaves, sadias, sem mancha e sem vícios. Essa companhia revive e regenera: você vê que voltaram os dias melhores, os desejos mais elevados, os sentimentos mais puros. Deseja recomeçar a vida e passar o que resta dos seus dias de maneira mais digna, como cabe a um ser humano. Para atingir esse fim justifica-se passar por cima de um obstáculo de preconceito social – um impedimento meramente convencional, que nem a sua consciência justifica nem a sua razão aprova?

Ele fez uma pausa e esperou a resposta. E o que eu devia dizer? Oh! Quem sabe um bom espírito poderia me sugerir uma resposta correta e satisfatória? Vã aspiração! O vento do oeste sussurrava na

hera atrás de mim. Mas nenhum arcanjo Ariel gentil usou esse murmúrio como forma de expressão. Os pássaros cantavam no alto das árvores, mas seu canto, embora doce, também não dizia nada.

Mr. Rochester propôs novamente a questão:

– Um peregrino e pecador, mas agora arrependido e à procura de paz, estaria justificado se afrontasse a opinião do mundo para prender junto a ele para sempre este estranho gentil, gracioso e alegre – e assim assegurar a própria paz de espírito e a regeneração da sua vida?

– Senhor – respondi – o repouso de um andarilho ou a regeneração de um pecador nunca deveria depender de um companheiro. Os homens e mulheres morrem, os filósofos falham em sua sabedoria, e os cristãos em sua bondade. Se alguém que conhece errou e sofreu, deixe que olhe acima dos seus iguais em busca de força para a mudança e consolo para a cura.

– Mas o instrumento! O instrumento! Deus, que opera o milagre, também manda o instrumento. Eu mesmo tenho sido – e digo isso sem rodeios – um homem dissipado, mundano e inquieto. E acredito que achei o instrumento para a minha cura em..

Ele parou. Os pássaros continuaram cantando, as folhas murmurando suavemente. Eu quase me surpreendia de que não houvessem parado seus cantos e sussurros para ouvir a revelação suspensa no ar. Mas teriam que esperar vários minutos, tão prolongado foi o silêncio. Por fim, levantei os olhos para o vagaroso interlocutor: ele me olhava avidamente

– Minha amiguinha – disse ele, num tom muito diferente, enquanto sua face mudava também, perdendo toda suavidade e atração para tornar-se dura e sarcástica – você notou minha inclinação por Miss Ingram. Não acha que se eu desposá-la ela me regeneraria impetuosamente?

Levantou-se de súbito. Foi até o outro lado do caminho e, quando voltou, cantarolava uma canção.

– Jane, Jane – falou, parando em frente a mim – você ficou muito pálida com essa vigília. Não tem raiva de mim por perturbar seu sono?

– Raiva? Não, senhor...

– Então, apertemos as mãos para confirmar o trato. Que dedos frios! Estavam quentes a noite passada, quando os toquei na porta do quarto misterioso. Jane, quando voltaremos a fazer uma vigília juntos?

– Quando eu for necessária, senhor.

– Por exemplo, na véspera do meu casamento! Tenho certeza de que não serei capaz de dormir. Promete ficar sentada comigo me fazendo companhia? Com você posso falar da minha adorada, porque você a viu e a conhece.

– Sim, senhor.

– Ela é uma raridade, não acha, Jane?

– Sim, senhor.

– Uma conquistadora, uma verdadeira conquistadora, Jane: alta, morena e jovial. E com o mesmo cabelo que deviam ter as mulheres de Cartago! Valha-me Deus! O Dent e o Lynn estão nos estábulos. Vá andando pelos arbustos, por aquela passagem ali.

Enquanto eu ia por um lado, ele ia pelo outro. Ouvi-o no pátio, chamando alegremente:

– Mason tomou a dianteira de todos vocês e partiu antes do alvorecer. Levantei-me às quatro

para me despedir dele!

CAPÍTULO 21

Estranhas coisas são os pressentimentos, as simpatias e os sinais! Os três juntos constituem um mistério que a humanidade ainda não conseguiu decifrar. Nunca ri de um pressentimento em minha vida, pois eu mesma já tive os pressentimentos mais estranhos. Existem simpatias, eu acho, que desafiam a compreensão humana. Por exemplo, entre parentes distantes, longamente afastados, totalmente estranhos um ao outro e que, apesar dessa separação, comprovam a unidade da fonte da qual se originaram. E os sinais, por tudo que sabemos, podem ser as simpatias da Natureza em relação ao homem.

Quando eu era bem pequena, com apenas seis anos, ouvi uma noite Bessie Leaven dizer à Martha Abbot que havia sonhado com uma criança, e que sonhar com crianças era um sinal seguro de problemas para a própria pessoa ou alguém da família. Eu poderia ter esquecido essas palavras, não fosse uma circunstância que se seguiu, e que serviu para fixá-las na minha mente. No dia seguinte Bessie foi mandada para casa, para junto do leito de morte da sua irmãzinha.

Nos últimos dias muitas vezes recordei essas palavras e esse incidente, pois durante a semana anterior não se passara uma só noite sem que eu fosse para a cama e sonhasse com uma criança. Algumas vezes eu a acalentava nos braços, outras vezes a punha no colo, ou então a via brincar com as margaridas no gramado ou mergulhar as mãos na água de um regato. Uma noite era uma criança que chorava, na outra uma que ria. Às vezes aninhada ao meu lado, outras vezes fugindo de mim. Mas, qualquer que fosse a sua aparência ou aspecto, não deixou nunca, durante sete noites seguidas, de vir ao meu encontro sempre que eu entrava na terra dos sonhos.

Não me agradava a repetição desse sonho, nem a estranha recorrência da imagem, e ficava nervosa quando se aproximava a hora de deitar-me e o momento da visão se aproximar. Foi da companhia dessa criança-fantasma que fui despertada naquela noite de luar ao ouvir um grito. E foi na tarde do dia seguinte que fui chamada ao andar térreo, com a mensagem de que alguém desejava ver-me na sala de Mrs. Fairfax. Havia um homem à minha espera, parecendo o criado de algum cavalheiro. Vestia luto fechado, e na aba do chapéu ostentava uma faixa de crepe.

– Creio que não se lembra de mim, Miss – disse ele, levantando-se ao me ver entrar – mas meu nome é Leaven. Fui cocheiro de Mrs. Reed quando a senhorita estava em Gateshead, há oito ou nove anos, e ainda vivo lá.

– Oh, Robert! Como vai? Lembro-me de você muito bem. Costumava me deixar montar o pônei baio de Georgiana. E como vai Bessie? Casou-se com ela, não é?

– Sim, Miss. Minha esposa está muito bem, obrigado. Deu-me outro filhinho, dois meses atrás – agora temos três. Tanto a mãe quanto o pequeno estão muito bem.

– E como estão as pessoas na mansão, Robert?

– Lamento não poder dar-lhe notícias melhores, Miss. Estão muito mal no momento, em grande aflição.

– Espero que ninguém tenha morrido – disse, olhando para sua roupa preta.

Ele também olhou para a faixa no chapéu e disse:

– Ontem fez uma semana que Mr. John morreu, no seu apartamento em Londres.

– Mr. John?

– Sim.

– E como a mãe dele está suportando esse golpe?

– A senhorita sabe, Miss Eyre, não foi uma desgraça qualquer. Mr. John teve uma vida muito dissipada. Nos últimos três anos estive metido em coisas horríveis e teve uma morte chocante.

– Bessie me disse que ele não estava agindo bem.

– Agir bem! Não podia agir pior! Arruinou sua saúde e sua fortuna com o pior tipo de gente, homens e mulheres. Contraiu dívidas e acabou preso. Sua mãe ajudou a soltá-lo duas vezes, mas assim que ficava livre voltava aos velhos hábitos e às más companhias. Sua cabeça era fraca. Os patifes com os quais andava o enganavam como eu jamais vi na vida. Há três semanas, mais ou menos, voltou a Gateshead e queria que a patroa desse tudo para ele. Ela recusou-se. Sua fortuna já estava bem reduzida pela extravagância dele. Então ele voltou – e depois veio a notícia de que tinha morrido. Como morreu ninguém sabe, dizem que se matou.

Fiquei em silêncio, as notícias eram apavorantes. Robert Leaven recomeçou:

– A patroa anda doente há bastante tempo. Ela sempre foi muito robusta, mas não era forte o bastante para tudo isso. A perda de dinheiro e o medo da pobreza estão aniquilando-a. A notícia da morte de Mr. John – e o tipo de morte que teve – veio de repente. Ela teve uma crise. Ficou três dias sem falar, mas na última terça-feira melhorou. Parecia querer dizer alguma coisa, murmurava e fazia sinais para minha mulher. Foi só ontem pela manhã que Bessie entendeu que ela pronunciava o seu nome. Por fim ela conseguiu dizer: “Tragam Jane Eyre... Busquem Jane Eyre. Quero falar com ela”. Bessie não sabe se ela está boa da cabeça, ou se sabe o que diz, mas contou para Miss Reed e Miss Georgiana e aconselhou-as a chamá-la. As duas moças não ligaram muito para isso no início, mas a mãe ficou tão agitada, dizendo “Jane, Jane” tantas vezes, que por fim elas consentiram. Deixei Gateshead ontem, e se a senhorita puder se aprontar gostaria de voltar consigo amanhã de manhã.

– Sim, Robert. Estarei pronta. Acho que devo ir.

– Também acho, Miss. Bessie disse que sabia que a senhorita não recusaria. Imagino que tenha que pedir licença antes de partir, não é?

– Sim. E vou fazer isso agora mesmo.

Encaminhei Robert para a ala dos criados, e recomendei-o aos cuidados da esposa de John e às atenções do próprio John. Então saí à procura de Mr. Rochester.

Ele não estava em nenhuma das salas do térreo, nem no pátio, nos jardins ou nos estábulos. Perguntei a Mrs. Fairfax se o vira. Sim, achava que estava jogando bilhar com Miss Ingram. Apressei-me em direção ao salão de bilhar, de onde vinha o barulho das bolas e o rumor de vozes. Mr. Rochester, Miss Ingram, as duas Misses Eshton e os seus admiradores estavam todos ocupados em jogar. Precisei de alguma coragem para interromper uma partida tão interessante. A minha missão, no entanto, não podia ser postergada e me aproximei do patrão que estava ao lado de Miss Ingram. Ela se virou quando cheguei e me olhou com arrogância. Seus olhos pareciam dizer “O que este verme quer agora?”. E quando falei em voz baixa “Mr. Rochester” ela fez um movimento como se fosse me enxotar. Lembro-me de sua aparência naquele momento. Estava muito graciosa e cativante: usava um vestido leve de crepe azul claro, e um lenço de gaze azul prendendo o cabelo. Parecia muito animada com o jogo e o orgulho satisfeito não diminuía a arrogância dos seus traços.

– É com você que essa pessoa quer falar? – perguntou a Mr. Rochester.

E Mr. Rochester virou-se para ver quem era a “pessoa”. Fez uma careta curiosa – uma das suas esquisitas e duvidosas demonstrações – largou o taco de bilhar e me seguiu para fora da sala.

– Bem, Jane? – ele disse, apoiando as costas na porta da sala de aulas, depois de fechá-la.

– Peço permissão, senhor, para tirar uma licença de uma ou duas semanas.

– O que vai fazer? Aonde vai?

– Ver uma senhora doente que mandou me chamar.

– Que senhora doente é essa? Onde ela mora?

– Em Gateshead, no condado de...

– Condado de...? Fica a mais de cento e cinquenta quilômetros! Quem ela pensa que é, para chamar uma pessoa de tão longe para vê-la?

– Seu nome é Reed, senhor... Mrs. Reed.

– Reed, de Gateshead? Havia um Reed em Gateshead, um magistrado.

– É a viúva dele, senhor.

– E o que você tem a ver com ela? Como a conhece?

– Mr. Reed era meu tio, o irmão da minha mãe.

– O diabo, que ele era! Você nunca me contou isso antes. Sempre disse que não tinha parentes.

– Nenhum que me quisesse, senhor. Mr. Reed morreu e sua viúva me expulsou.

– Por quê?

– Porque eu era pobre, era um incômodo e ela não gostava de mim.

– Mas o Reed deixou filhos? Você deve ter primos, então? Ontem mesmo Sir George Lynn estava falando de um Reed de Gateshead que, segundo ele, é o mais completo patife da cidade. E Miss Ingram mencionou uma tal de Georgiana Reed, do mesmo lugar, que foi muito admirada em Londres por sua beleza, um ou dois anos atrás.

– John Reed também morreu, senhor. Ele arruinou-se e quase arruinou a família, e depois se imagina que tenha cometido suicídio. As notícias chocaram tanto a mãe que ela teve um ataque apoplético.

– E que bem você pode fazer a ela? Bobagem, Jane! Eu jamais viajaria cento e sessenta quilômetros para ver uma velha senhora que, provavelmente, estará morta antes que chegue lá. Além disso, você disse que ela a expulsou.

– Sim, senhor. Mas foi há muito tempo, e quando a situação dela era muito diferente. Eu não me sentiria bem de negligenciar seu desejo agora.

– Quanto tempo ficará fora?

– O menos possível, senhor.

– Prometa-me que ficará apenas uma semana...

– É melhor que eu não lhe dê minha palavra. Posso ser obrigada a quebrá-la.

– De qualquer maneira prometa que *vai* voltar. Será que não vai ser induzida, sob qualquer pretexto, a residir permanentemente com ela?

- Oh, não! Certamente voltarei, se tudo estiver bem.
- E quem irá com você? Não vai viajar essa distância toda sozinha.
- Não, senhor. Ela mandou o cocheiro.
- É pessoa de confiança?
- Sim, senhor. Está há dez anos na família.

Mr. Rochester meditou.

- Quando pretende ir?
- Amanhã bem cedo, senhor.

– Bem, precisa de algum dinheiro. Não pode viajar sem dinheiro, e acho que não possui muito. Ainda não lhe paguei o salário. Qual é a sua fortuna neste mundo, Jane? – perguntou Mr. Rochester, sorrindo.

Abri a minha bolsa, que era bem magra.

- Cinco xelins, senhor.

Ele pegou a bolsa, pesou o tesouro na palma da mão e começou a rir, como se a sua escassez o divertisse. Pegou então sua própria bolsa.

- Tome – disse ele, oferecendo-me uma nota.

Era uma cédula de cinquenta libras, e ele me devia apenas quinze. Disse-lhe que não tinha troco.

- Não quero troco, você sabe disso. São os seus ordenados.

Recusei receber mais do que me era devido. Ele ficou zangado no início. Depois, como se lembrasse de alguma coisa, disse:

– Certo, certo! É melhor não lhe dar tudo agora. Você poderia ficar três meses fora, se tivesse cinquenta libras. Tome dez, então. Não é o bastante?

- Basta sim, mas agora o senhor me deve cinco.

- Volte para buscar, então. Vou guardar quarenta libras para você, como seu banqueiro.

– Mr. Rochester, eu queria falar um outro assunto de negócios com o senhor, enquanto tenho uma oportunidade.

- Assunto de negócios? Estou curioso para ouvir.

- O senhor me disse que brevemente vai se casar, não é?

- Sim, e daí?

– Neste caso, senhor, deve mandar Adele para a escola. Tenho certeza que vai perceber a necessidade disso.

– Para tirá-la do caminho da minha noiva, que de outra forma poderá marchar sobre ela com força excessiva? Há bom senso na sua sugestão, sem dúvida. Adele, como diz, deve ir para a escola. E você, é claro, deve ir direto para o... inferno?

- Espero que não, senhor. Mas devo procurar outra colocação em algum lugar.

– É mesmo? – disse Mr. Rochester, com a voz aguda e uma distorção dos traços ao mesmo tempo fantástica e ridícula. Olhou-me durante alguns minutos.

– E pedirá a velha senhora Reed, ou às suas filhas, para arranjar-lhe uma colocação, suponho?

– Não, senhor. Não tenho tão boas relações com meus parentes que justifique pedir-lhes favores.

Mas posso colocar um anúncio.

– Você vai é subir as pirâmides do Egito! – ele grunhiu. – Nem se atreva a colocar um anúncio!

Quem dera tivesse lhe dado apenas um soberano, em vez de dez libras. Devolva-me nove libras, Jane! Preciso delas.

– Eu também, senhor – respondi, escondendo as mãos e a bolsa nas costas. – Não posso me desfazer desse dinheiro em hipótese alguma.

– Pequena avarenta! – disse ele – Recusando-me um empréstimo! Dê-me cinco libras, Jane.

– Nem cinco xelins, senhor. Nem cinco pence.

– Então só me deixe ver o dinheiro.

– Não. Não dá para confiar no senhor.

– Jane!

– Senhor?

– Prometa-me uma coisa.

– Eu lhe prometo qualquer coisa que eu seja capaz de cumprir, senhor.

– Prometa que não vai anunciar, e que deixará a meu cargo procurar-lhe outra colocação. Vou lhe encontrar uma quando chegar o momento.

– Prometerei com prazer se o senhor, por sua vez, me prometer que tanto eu quanto Adele estaremos longe desta casa quando a sua mulher entrar aqui.

– Muito bem, então. Dou-lhe minha palavra. Vai partir amanhã mesmo?

– Sim, senhor. Bem cedo.

– Virá ao salão após o jantar?

– Não, senhor. Preciso preparar-me para a viagem.

– Então você e eu devemos nos despedir por algum tempo?

– Acho que sim, senhor.

– E como as pessoas fazem a cerimônia do adeus, Jane? Me ensine. Não tenho muita experiência nisso.

– Elas dizem ‘Adeus’ ou qualquer outra palavra que preferam.

– Então diga, Jane.

– Adeus, Mr. Rochester. Até a volta.

– O que eu devo dizer?

– O mesmo, se desejar, senhor.

– Adeus, Miss Eyre. Até a volta. Isso é tudo?

– Sim, acha pouco?

– Parece muito econômica para os meus padrões, além de seca e pouco cordial. Gostaria de alguma coisa mais, uma pequena adição ao ritual. Apertar a mão, por exemplo, mas não... isso também

não me satisfaria. Então não vai fazer nada além de dizer adeus, Jane?

– É o suficiente. Um voto sincero cabe tão bem numa única palavra dita de coração quanto em muitas palavras.

– É provável. Mas ainda parece vazia e fria. Adeus.

“Quanto tempo ele ainda vai ficar encostado nessa porta?” perguntei a mim mesma. “Preciso fazer as malas.”

A campainha tocou para o jantar. Mr. Rochester, de repente, afastou-se sem dizer mais nada. Não o vi durante o resto do dia, e parti antes que ele se levantasse de manhã.

Cheguei à portaria de Gateshead às cinco horas da tarde do primeiro dia de maio. Parei no chalé antes de ir até a casa. Tudo era limpo e organizado. Das janelas ornamentadas pendiam pequenas cortinas brancas; o chão não tinha uma única mancha; a grelha e os metais da lareira brilhavam e havia um belo fogo aceso. Bessie sentava-se junto à lareira, amamentando o recém-nascido, enquanto o pequeno Robert e a irmã brincavam tranquilamente num canto.

– Deus a abençoe! Eu sabia que viria! – exclamou Bessie quando entrei.

– Sim, Bessie – eu disse, depois de beijá-la. – espero não ter chegado tarde demais. Como está Mrs. Reed? Ainda viva, espero.

– Sim, está viva. E mais sensível e controlada do que era. O médico disse que ela deve durar ainda uma semana ou duas. Mas não acredita que consiga se recuperar.

– E ela falou de mim, ultimamente?

– Falou em você ainda esta manhã, desejando que viesse. Mas está dormindo agora, ou estava há dez minutos, quando vim da casa. Ela geralmente fica a tarde toda numa espécie de letargia e acorda às seis ou sete horas. Quer descansar aqui por uma hora, Miss, e então eu lhe acompanho até lá?

Robert chegou nesse momento, e Bessie colocou o bebê no berço para recebê-lo. Depois insistiu para que eu tirasse o chapéu e tomasse chá, dizendo que eu parecia pálida e cansada. Fiquei contente de aceitar a sua hospitalidade. Permiti que tirasse a minha capa de viagem, tão passivamente como no tempo de criança, quando ela me despia.

Os velhos tempos voltaram à minha memória enquanto observava a sua atividade – pegando a bandeja de chá com sua melhor louça, cortando pão e manteiga, assando um bolo e, nos intervalos, passando um pito ou dando um repelão nos pequeninos Robert e Jane, como costumava fazer comigo antigamente. Bessie mantivera seu temperamento impulsivo, assim como o andar lépido e a aparência bonita.

Pronto o chá, eu ia me aproximando da mesa, quando ela me ordenou que ficasse quieta, no seu antigo tom decidido. Disse que eu seria servida na sala, perto da lareira. Colocou junto a mim uma pequena banquetta redonda, com a xícara e o prato de torta, exatamente como costumava me acomodar numa cadeira da ala das crianças, com alguma guloseima roubada. Sorri e obedeci como fazia naqueles tempos.

Bessie queria saber se eu estava feliz em Thornfield, e que espécie de pessoa era a dona da casa. Quando eu lhe disse que só havia um dono, quis saber se era um cavalheiro bonito e se eu gostava dele. Contei então que ele era feio, mas muito educado. Que me tratava gentilmente e que eu estava bastante satisfeita. Segui contando sobre os alegres visitantes que ultimamente estavam na casa, e Bessie ouviu os detalhes com muita atenção, pois eram exatamente do tipo de que gostava.

E assim a hora se passou rapidamente. Bessie devolveu-me o chapéu e, acompanhada por ela, saí do chalé em direção à casa. Fora também na companhia dela, quase nove anos atrás, que eu descera o mesmo caminho que agora subia. Numa manhã de janeiro, escura, nevoenta e gelada, eu deixara um teto hostil com o coração em desespero e amargurado. Sentia-me condenada, quase proscrita, em busca do frio abrigo de Lowood, que ficava tão distante e me era desconhecido. O mesmo teto hostil agora se abria diante de mim, mas minhas perspectivas ainda eram duvidosas e meu coração continuava dolorido. Novamente me senti como se vagasse pela face da terra. Mas agora tinha uma confiança mais firme em mim mesma e nas minhas forças, e já não temia tanto a opressão. A enorme ferida das injúrias, também, estava completamente curada, e a chama do ressentimento extinta.

– Deve ir primeiro à sala de almoço – disse Bessie, enquanto me precedia no saguão. – As moças devem estar lá.

Num momento eu estava dentro da peça. Todos os móveis e ornamentos continuavam do mesmo modo que naquela manhã em que fui apresentada a Mr. Brocklehurst. O mesmo tapete em que ele se plantara jazia estendido no chão. Lançando um olhar para a estante pensei distinguir os dois volumes de “História dos Pássaros Ingleses”, de Bewick, ainda ocupando seu antigo lugar na terceira prateleira. As “Viagens de Gulliver” e “As Mil e Uma Noites” ficavam logo acima. Os objetos inanimados não haviam mudado, mas os vivos estavam irreconhecíveis.

Duas jovens surgiram diante de mim. Uma era muito alta, quase tão alta quanto Miss Ingram. Muito magra, também, com uma face pálida de traços severos. Havia algo de ascético no seu aspecto, aumentado pela extrema austeridade do vestido preto de saia reta, da gola de linho engomada, do cabelo penteado para trás das têmporas e dos adornos de freira: um rosário de contas de ébano e um crucifixo. Esta devia ser Eliza, embora eu achasse pouca semelhança entre o rosto antigo e este rosto esquelético e sem cor.

A outra com certeza era Georgiana, mas não a Georgiana de quem eu me lembrava, uma menina de onze anos esbelta e com ares de fada. Esta era uma moça bastante robusta, bonita como uma figura de cera, com belos traços, lânguidos olhos azuis e cabelos loiros cacheados. Vestia-se de preto também, mas o modelo era tão diferente do da irmã – muito fluido e bem cortado – que parecia tão elegante quanto o outro parecia puritano.

Em cada uma das irmãs havia um traço da mãe, e apenas um. A filha mais velha, magra e pálida, tinha os olhos dos Cairngorm. A moça mais nova, rosada e radiante, tinha o mesmo queixo e contorno do rosto – talvez um pouquinho mais suave, mas ainda assim emprestando uma dureza indisfarçável ao semblante que de outra forma seria voluptuoso e jovial.

As duas moças se levantaram para me receber, e ambas se dirigiram a mim como “Miss Eyre”. O cumprimento de Eliza foi feito em voz abrupta, seca, sem um sorriso. Depois sentou-se novamente, fixou os olhos no fogo e pareceu esquecer-se da minha existência. Georgiana, depois de um “como tem passado?” acrescentou várias banalidades sobre a minha viagem, o tempo, e coisas assim, sempre num tom vagaroso. Acompanhava essas expressões com vários olhares de esguelha que me examinavam dos pés à cabeça, ora reparando nas dobras da minha capa de lã, ora passeando pelos modestos enfeites do meu chapéu. As jovens têm uma maneira especial de fazer alguém saber que é considerada uma “pobre coitada”, sem realmente dizer uma palavra. Um certo olhar superficial, uma frieza de maneiras, um tom descuidado, expressam plenamente seus sentimentos a respeito, sem comprometê-las com nenhuma grosseria de palavras ou ações.

Um olhar de desprezo, todavia, disfarçado ou ostensivo, já não exercia sobre mim o mesmo

efeito de antigamente. Quando me sentei entre as minhas primas, fiquei surpresa de perceber como me sentia à vontade sob o total desprezo de uma e as atenções meio sarcásticas da outra. Eliza não me mortificava, nem Georgiana me irritava. O fato era que eu tinha outras coisas em que pensar. Nos últimos meses fora movida por sentimentos muito mais potentes do que qualquer um que elas pudessem despertar. Senti dores e prazeres tão mais intensos e deliciosos do que qualquer um que elas pudessem me infligir ou conceder. Suas atitudes não me causavam impressão, nem de bem nem de mal.

– Como está Mrs. Reed? – perguntei, olhando calmamente para Georgiana que empinou o nariz à minha pergunta direta, como se fosse alguma inesperada ousadia.

– Mrs. Reed? Ah! Mamãe, você quer dizer! Está muito mal, acho que não conseguirá vê-la esta noite.

– Se pudesse apenas subir e dizer a ela que estou aqui, eu ficaria muito agradecida – disse eu.

Georgiana quase se assustou. Arregalou para mim uns belos olhos azuis e furiosos.

– Sei que ela tem um desejo particular de me ver – continuei. – E não pretendo adiar o atendimento do seu pedido por mais tempo que o necessário.

– Mamãe não gosta de ser perturbada à noite – observou Eliza.

Então levantei-me, peguei calmamente o chapéu e as luvas e, sem esperar convite, disse que ia procurar Bessie – que devia estar na cozinha – e pedir-lhe que fosse saber se Mrs. Reed iria ou não receber-me naquela noite. Saí, e depois de encontrar Bessie e designar-lhe a incumbência, comecei a tomar outras medidas. Até aqui eu tivera por hábito sempre retrair-me diante da arrogância. Se fosse recebida dessa mesma maneira um ano atrás, teria decidido deixar Gateshead bem cedo no dia seguinte. Mas agora isso me parecia um plano sem sentido. Havia viajado mais de cento e sessenta quilômetros para ver minha tia e devia ficar com ela até que estivesse melhor... ou morresse. Quanto ao orgulho ou loucura das filhas, devia pô-los de lado e distanciar-me. Assim, dirigi-me à governanta, pedi que me indicasse um quarto, disse que talvez ficasse de visita por uma ou duas semanas, solicitei que levassem minha bagagem para o quarto e fui para lá. Encontrei Bessie no caminho.

– A senhora está acordada – ela disse. – Contei-lhe que está aqui. Venha, vamos ver se ela a reconhece.

Não precisava que me guiassem àquele quarto bem conhecido, onde nos velhos tempos muitas vezes fora chamada para receber um castigo ou uma reprimenda. Fui na frente de Bessie. Abri mansamente a porta: uma luz suave brilhava na cabeceira, pois estava anoitecendo. Ali estava a antiga cama de quatro pilares, com seus cortinados cor de âmbar. A penteadeira, a poltrona e o escabelo, onde muitas vezes fora obrigada a me ajoelhar e pedir perdão por ofensas que não cometi. Olhei para um canto conhecido, meio que esperando ver a fina silhueta de um outrora temível açoitado, que costumava ficar escondido ali, esperando para espantar o demônio e fustigar minhas mãos trêmulas ou meu pescoço encolhido. Aproximei-me da cama, abri o cortinado e olhei para a alta pilha de travesseiros.

Lembrava-me muito bem do rosto de Mrs. Reed e procurei ansiosamente aquela imagem familiar. Felizmente o tempo acalma os desejos de vingança e ameniza os impulsos da raiva e da aversão. Havia deixado esta mulher com amargura e ódio e voltava para ela agora apenas com um tipo de piedade pelos seus sofrimentos, e um forte desejo de esquecer e perdoar todas as injúrias. Queria reconciliar-me e trocar um aperto de mãos de amizade.

A face bem conhecida ali estava: severa e rígida como sempre. Ali estavam os olhos, que nada podia enternecer, e as sobrancelhas altas, imperiosas e despóticas. Quantas vezes haviam me imposto

medo e ódio! E enquanto olhava seus duros traços, voltavam-me todas as lembranças dos meus sofrimentos de criança! Ainda assim, abaixei-me e beijei-a. Ela me olhou.

– É Jane Eyre? – perguntou.

– Sim, tia Reed. Como está, querida tia?

Eu havia jurado nunca mais chamá-la de tia. Pensei que, naquele momento, não seria pecado esquecer isso e quebrar o juramento. Meus dedos tomaram-lhe a mão, que pendia para fora dos lençóis. Se ela a tivesse apertado gentilmente, eu teria ficado bastante feliz. Mas as naturezas duras não se dobram tão depressa, nem tão facilmente se erradicam as antipatias naturais. Mrs. Reed retirou a mão, e virando o rosto disse que a noite estava quente. Tornou a me olhar com tanta frieza que pensei que sua opinião sobre mim – ou seus sentimentos por mim – não haviam mudado, e nem mudariam. Vi nos seus olhos duros, impermeáveis à ternura, imunes às lágrimas, que ela resolvera me considerar má até o fim dos meus dias. Considerar-me boa não lhe daria nenhum prazer, apenas um sentimento de humilhação.

Senti dor e senti raiva. Decidi subjugá-la, ser a sua mestra, a despeito da sua natureza e da sua determinação. Lágrimas me vieram aos olhos, como quando eu era criança, e mandei-as de volta. Trouxe uma cadeira para junto do leito. Sentei-me e inclinei-me para o travesseiro.

– A senhora mandou me chamar – eu disse – e aqui estou. É minha intenção ficar até ver a senhora melhorar.

– Sim, claro! Já viu minhas filhas?

– Sim.

– Bem, diga-lhes que desejo que fique até que possa conversar com você algumas coisas que tenho na cabeça. Hoje já está tarde, e não consigo me lembrar. Mas há algo que quero lhe dizer... deixe-me ver...

O olhar vago e a voz sumida mostraram-me o quanto estava arruinado aquele corpo outrora vigoroso. Virou-se agitada, afastando as cobertas de si. Meu cotovelo prendeu a cobertura no canto: ela ficou logo irritada.

– Levante-se! – disse – Não me aborreça segurando as cobertas. Você é Jane Eyre?

– Sim, sou Jane Eyre.

– Tive mais problemas com essa criança do que qualquer um possa acreditar. Era um fardo que foi deixado em minhas mãos. Ela me causava tanto incômodo, todo dia, toda hora, com sua disposição belicosa e seus ataques repentinos de cólera... Além disso vivia continuamente vigiando os movimentos das pessoas, isso não era natural! Uma vez falou comigo como se fosse uma entidade má, um demônio!... Uma criança jamais falaria ou olharia daquele modo! Fiquei feliz quando a vi longe de casa. O que será que foi feito dela em Lowood? A febre devastou o lugar, muitas alunas morreram. Ela, no entanto, não morreu. Mas eu disse que tinha morrido – quem dera tivesse morrido!

– Um desejo estranho, Mrs. Reed. Porque a odiava tanto?

– Nunca gostei da mãe dela. Era a única irmã do meu marido, e sua grande favorita. Ele se opôs quando a família quis deserdá-la por causa do casamento inferior que fizera. E quando veio a notícia de sua morte, chorou como um tolo. Mandou buscar a criança, apesar de eu insistir que era melhor mandá-la para algum lugar e pagar para que fosse cuidada. Eu a odiei desde que pus os olhos nela... Era uma coisinha doentia, chorosa e consumida! Passava a noite toda choramingando no berço... não gritava com energia, como qualquer outra criança, mas ficava gemendo e resmungando. Reed tinha pena, e costumava

niná-la e cuidá-la como se fosse sua filha, embora nunca tivesse cuidado dos próprios filhos naquela idade. Tentou fazer com que as minhas crianças fossem amigas daquela mendigazinha, mas os queridos não podiam tolerar isso. Ele ficava muito zangado com eles, quando mostravam seu desprezo. Na última vez que ficou doente, pedia sem cessar que a levassem para junto da sua cama. E apenas uma hora antes de morrer, arrancou-me a promessa de que cuidaria daquela criatura. Antes eu tivesse sido encarregada de cuidar de um bando de indigentes num asilo. Mas ele era fraco, naturalmente fraco. John não saiu ao pai, graças a Deus. Fico contente, pois John é como eu, como os meus irmãos... é um Gibson dos pés à cabeça. Oh! Gostaria que parasse de me mandar essas cartas pedindo dinheiro! Não tenho mais dinheiro para lhe dar, estamos ficando pobres. Terei que mandar embora a metade dos criados e fechar uma parte da casa, ou então deixar as coisas correrem. Não poderei jamais me submeter a isso... mas como vamos sobreviver? Dois terços da minha renda são para pagar os juros da hipoteca! John joga muito, e perde sempre... pobre rapaz! Está sendo importunado por esses tubarões, está arruinado e degradado. Seu olhar é terrível, sinto vergonha por ele quando o vejo.

Mrs. Reed estava ficando muito agitada.

– Acho melhor deixá-la agora – eu disse para Bessie, que estava do outro lado da cama.

– Talvez seja melhor, Miss, mas ela sempre fica assim à noite... De manhã está mais calma.

Levantei-me.

– Espere! – exclamou Mrs. Reed. – Tem outra coisa que queria dizer. Ele me ameaçava – me ameaçava constantemente – com a sua própria morte ou a minha... Eu sonho às vezes com ele, vejo-o atirado ao chão, com uma grande ferida na garganta, ou então com o rosto inchado e escuro. Cheguei numa encruzilhada, tenho problemas enormes. Que devo fazer? Onde está o dinheiro para fazer alguma coisa?

Bessie agora tentava fazê-la tomar um calmante. Conseguiu-o com dificuldade. Em seguida, Mrs. Reed ficou mais calma e caiu num estado letárgico. Então me retirei.

Passaram-se mais de dez dias até que eu tivesse uma nova conversa com ela. Mrs. Reed continuava alternando entre o delírio e a letargia, e o médico proibiu qualquer coisa que pudesse excitá-la. Enquanto isso, procurei me arranjar da melhor maneira com Georgiana e Eliza. A princípio, realmente, foram muito frias. Eliza passava o dia costurando, lendo ou escrevendo, e raramente trocava uma palavra comigo ou com a irmã. Georgiana podia passar uma hora falando bobagens com o seu canário, e não me dava a menor importância. Mas eu estava decidida a não ficar parada, sem ocupação ou divertimento. Trouxera meus materiais de pintura que me serviam para ambas as coisas.

Com algumas folhas de papel e um conjunto de lápis, costumava sentar-me longe delas, perto da janela, e me ocupava esboçando fantasiosas vinhetas. Representavam alguma cena que no momento tomasse forma no movimentado caleidoscópio da minha imaginação. Uma nesga de mar entre duas rochas. A lua que surgia e um navio cruzando à frente do seu disco. Um grupo de juncos e plantas aquáticas, e a cabeça de uma náiade, coroada de flores de lótus, surgindo entre eles. Um elfo sentado num alto ninho de pardais, sob uma grinalda de espinheiros.

Certa manhã me aconteceu de desenhar um rosto. Que tipo de rosto seria, eu não sabia e nem me importava. Peguei um lápis preto macio, fiz-lhe uma ponta larga e comecei a trabalhar. Logo havia desenhado uma testa larga e proeminente, e um rosto de linhas quadradas. O contorno me agradou, e meus dedos começaram a trabalhar agilmente, completando-lhe as feições. Sobrancelhas horizontais bem marcados eram o ideal para essa testa. Seguiu-se um nariz bem modelado, com sulcos estreitos e narinas

cheias. Então uma boca flexível, que não fosse estreita. Um queixo firme, com uma decidida covinha no meio. Havia necessidade de suíças pretas, é claro. E também um cabelo cheio, com tufos nas têmporas, e ondulado sobre a testa. Os olhos ficaram para o final, porque exigiam um trabalho bastante cuidadoso. Desenhei-os bem grandes, e caprichei nos contornos – cílios longos e escuros, íris grandes e brilhantes.

“Estão bons, mas não exatamente fiéis” pensei, enquanto olhava o efeito “precisam de um pouco mais de força e espírito”. E aprofundei as sombras, para que as partes claras sobressaíssem. Mais um ou dois traços e pronto... Ali estava, tinha sob os olhos um rosto amigo. E que importava que aquelas jovens damas me virassem as costas? Olhei de novo o desenho e sorri ante a semelhança evidente. Estava ocupada e contente.

– É o retrato de algum conhecido? – perguntou Eliza, que se aproximara sem que eu percebesse.

Respondi que era apenas um rosto imaginário, e me apressei a escondê-lo entre os outros esboços. Menti, é claro: era, na verdade, um retrato bastante fiel de Mr. Rochester. Mas o que isso poderia significar para ela, ou para qualquer um além de mim? Georgiana também aproximou-se para ver. Os outros desenhos agradaram-lhe muito, mas sua opinião sobre o retrato foi “um homem feio”. As duas pareciam muito impressionadas com a minha habilidade. Ofereci-me para retratá-las, e cada uma, por seu turno, sentou-se para posar. Georgina trouxe o seu álbum e prometi-lhe uma aquarela. Isso logo a deixou de bom humor. Propôs uma caminhada pelos jardins, e antes que estivéssemos fora por duas horas, já se achava imersa em profundas confidências. Teve a bondade de me descrever em detalhes a brilhante temporada que passara em Londres dois anos antes – a admiração que havia provocado, as atenções que recebera, fez até alusões a uma conquista. Durante a tarde e a noite essas insinuações aumentaram. Reportou-me várias conversas íntimas e representou-me cenas sentimentais. Em suma: improvisou para mim, nesse dia, um volume de um romance sobre a vida mundana. As confidências continuaram dia após dia, sempre caindo no mesmo tema – ela mesma, seus amores, suas angústias. Era estranho que não se referisse uma vez sequer à doença da mãe, à morte do irmão ou ao estado calamitoso de suas finanças no momento. Sua mente parecia tomada pelas reminiscências de alegrias passadas e aspirações de gozos futuros. Georgiana passava cinco minutos por dia no quarto da mãe, não mais.

Eliza ainda falava pouco, evidentemente não tinha tempo para conversar. Nunca vi ninguém parecer mais ocupada. Ainda assim era difícil determinar o que fazia, ou melhor, ver o resultado da sua ocupação. Tinha um despertador para acordá-la de manhã cedo. Não sei o que fazia até a hora do café da manhã, mas depois dessa refeição dividia seu tempo em porções regulares, e cada hora tinha a sua tarefa específica. Três vezes por dia lia um pequeno livro, que eu descobri, bisbilhotando, tratar-se de um “Livro das Orações Diárias”. Perguntei-lhe uma vez qual era o atrativo desse livro e ela me disse: “é Rubrica”. Três horas eram destinadas a bordar com linha dourada a barra de um pano quadrado, cor de carmim, quase tão grande quanto um tapete. Respondendo à minha pergunta sobre a sua utilidade, disse tratar-se de uma toalha para o altar da nova igreja que fora erigida perto de Gateshead. Devotava duas horas ao seu diário. Duas para trabalhar no jardim e uma para cuidar das suas contas. Parecia não desejar companhia nem conversa. Acredito que era feliz à sua maneira: essa rotina bastava-lhe, e nada a incomodava mais do que a ocorrência de algum incidente que a forçasse a alterar essa perfeita regularidade.

Uma noite, quando estava mais comunicativa que o habitual, contou-me que a conduta de John e a ameaça de ruína da família havia sido para ela uma fonte de profunda aflição. Mas agora, disse, já serenara o espírito e firmara a sua resolução. Trataria de assegurar sua parte da fortuna, e quando a mãe morresse – pois era muito improvável, observou tranquilamente, que ela viesse a se recuperar ou durasse

muito tempo – ela se dedicaria a um projeto longamente acalentado. Procuraria um convento – onde as regras a livrassem de qualquer perturbação – e colocaria barreiras seguras entre ela e este mundo frívolo. Perguntei-lhe se Georgiana iria acompanhá-la.

“Claro que não! Georgiana e ela nada tinham em comum, e nunca tiveram. Ela não seria sobrecarregada com a companhia da irmã em hipótese alguma. Georgiana devia seguir seu próprio caminho, e ela, Eliza, seguiria o dela.”

Georgiana, quando não estava me abrindo seu coração, passava a maior parte do tempo reclinada no sofá, preocupando-se com a melancolia da casa, e desejando vezes sem conta que sua tia Gibson lhe mandasse um convite para ir à capital.

– Seria muito melhor – ela disse – se pudesse apenas ficar longe de Gateshead por um mês ou dois, até que tudo esteja acabado.

Não lhe perguntei o que queria dizer com “estar tudo acabado”, mas imagino que se referisse à esperada morte da mãe e aos tristes ritos funerários que se seguiriam. Eliza geralmente não dava muita atenção à indolência e às queixas da irmã. Via-a apenas como um objeto lamuriento e suspirante que estivesse diante de si. Um dia, no entanto, enquanto deixava de lado o livro de orações e pegava o bordado, de repente começou a dizer:

– Georgiana, nunca se permitiu que a terra fosse sobrecarregada com um animal mais inútil e absurdo que você! Você não tinha o direito de nascer, pois não utiliza sua vida para nada. Em vez de viver com, em e para você mesma, como deve fazer um ser humano sensato, procura apenas escorar sua fraqueza na força de outra pessoa. E se não encontra ninguém disposto a carregar um fardo tão pesado, fraco, inflado e inútil como você, grita aos quatro ventos que está sendo maltratada, que está sendo negligenciada e que é uma infeliz. Para você a vida tem que ser um cenário em contínua mudança, cheio de excitação, ou então acha que o mundo é uma masmorra. Você tem que ser admirada, cortejada, elogiada... tem que ter música, dança e companhia, senão enlanguesce e morre. Será que não tem cabeça para imaginar uma maneira de ser independente de qualquer esforço ou desejo que não sejam os seus próprios? Pegue um dia, divida-o em seções, e designe uma tarefa para cada seção. Não deixe tempo nenhum sem emprego, seja um quarto de hora, dez minutos, cinco minutos... utilize tudo. Faça cada coisa a seu tempo, com método e regularidade rígida. O dia vai se passar quase antes que se dê conta. E você não deverá a ninguém o fato de ter ocupado todo o seu tempo livre. Não precisará buscar a companhia, nem a conversa, nem a simpatia ou a paciência de qualquer pessoa. Terá vivido como um ser humano independente deve viver. Aceite este conselho: é o primeiro e último que lhe dou. Assim não precisará de mim nem de mais ninguém, aconteça o que acontecer. Se o recusar – e continuar a agir como fez até agora, desejando, lamentando e vivendo ociosa – sofrerá as consequências da sua insensatez, que serão ruins e insuperáveis. Digo-lhe isso com franqueza. Escute, portanto, pois não repetirei o que estou lhe dizendo, vou apenas agir. Depois da morte da mamãe vou lavar as mãos no que diz respeito a você. No dia que o caixão for levado para o túmulo na igreja de Gateshead, você e eu vamos nos separar como se nunca nos houvéssemos conhecido. Não fique achando que só porque aconteceu de nascermos dos mesmos pais vou permitir que me detenha, mesmo com as súplicas mais chorosas. Garanto-lhe isso: se toda a raça humana, com exceção de nós duas, fosse varrida da face da terra, e eu e você ficássemos sozinhas no planeta – assim mesmo eu a deixaria no velho mundo e me dirigiria para o novo.

Então cerrou os lábios.

– Você podia ter-se poupado o incômodo de desfiar essa ladainha – respondeu Georgiana. – Todos sabem que você é a criatura mais egoísta e sem coração do mundo. E eu sei do ódio rancoroso que

tem de mim. Já tive uma prova disso com os truques que usou no caso do Lord Edwin Vere. Não podia suportar que eu ficasse acima de você, que tivesse um título, que fosse recebida nos altos círculos onde você nem ousa mostrar a cara. Então bancou a espiã e delatora e arruinou para sempre os meus planos.

Georgiana tomou do lenço e ficou quase uma hora assoando o nariz. Eliza continuou sentada, impassível, e persistiu nas suas ocupações.

Os sentimentos verdadeiros e generosos não são para todos. Ali estavam expostas duas naturezas: uma, intoleravelmente azeda, a outra abominavelmente insípida. O sentimento sem o juízo é uma droga impotente, de fato. Mas o juízo sem o tempero do sentimento é um bocado amargo e duro demais para a deglutição humana.

A tarde estava úmida e ventosa. Georgina pegara no sono no sofá, sobre as páginas de um romance. Eliza fora ao serviço do Santo do Dia na igreja nova, pois em matéria de religião era uma formalista rigorosa. Não havia mau tempo que a impedisse de cumprir com o que considerava seus deveres religiosos. Fizesse chuva ou sol, ia à igreja três vezes cada domingo, e várias vezes durante a semana, quando havia orações.

Pensei em subir e ver como estava a enferma, que jazia no seu leito, quase ignorada. Até os criados lhe devotavam pouca atenção. A enfermeira contratada, não tendo ninguém para vigiá-la, escorregava para fora do quarto sempre que podia. Bessie era mais dedicada, mas tinha sua própria família para cuidar e só podia vir à mansão ocasionalmente. Como esperava, encontrei o quarto deserto. A enfermeira não estava. A doente permanecia imóvel, num estado de letargia, a face pálida afundada nos travesseiros. O fogo estava se extinguindo. Reavivei o fogo, arrumei as cobertas, olhei alguns instantes para ela que não podia me reconhecer, e fui até a janela.

A chuva batia forte contra as vidraças, o vento rugia tempestuosamente.

“Eis alguém que logo estará ao abrigo das revoltas dos elementos terrestres” pensei. “Esse espírito que agora luta para deixar seu invólucro mortal, conseguirá elevar-se ao céu quando for finalmente libertado?”

Pensando sobre esse grande mistério, lembrei-me de Helen Burns. Recordei suas palavras antes de morrer, sua fé e sua doutrina da igualdade das almas desencarnadas. Ainda ouvia, em pensamento, a sua voz gentil. Lembrava-me do seu aspecto pálido e espiritual, da sua face lívida e do olhar sublime quando jazia no leito de morte, sussurrando seu desejo de ser restituída ao reino do Divino Pai. Nesse momento ouvi uma voz fraca, vinda da cama atrás de mim:

– Quem está aí?

Eu sabia que Mrs. Reed não falava há dias. Estaria ressuscitando? Fui até ela.

– Sou eu, tia Reed.

– Eu, quem? Quem é você?

Olhava-me com surpresa e uma espécie de alarme, embora sem rancor.

– Não a conheço, absolutamente. Onde está Bessie?

– Está no chalé, tia.

– Tia... Quem me chama de tia? Você não é uma das Gibsons. Mas acho que a conheço... Esse rosto, essa testa e os olhos me parecem familiares. Você parece... Parece Jane Eyre!

Não disse nada. Temia provocar um choque ao declarar minha identidade.

– No entanto – disse ela – tenho medo que seja um engano: minha mente me engana. Desejo tanto ver Jane Eyre que talvez tenha imaginado uma semelhança que não existe. Além disso, em oito anos ela deve ter mudado bastante...

Gentilmente assegurei-lhe que eu era a pessoa que ela pensava e desejava que fosse. Quando vi que ela me compreendera e que seus sentidos estavam lúcidos, expliquei-lhe que Bessie havia mandado o marido buscar-me em Thornfield.

– Sei que estou muito doente – ela disse, após algum tempo. – Há pouco tentava me virar na cama e descobri que não posso mexer um músculo. Ainda bem que consigo dominar a minha mente antes de morrer: aquilo que desprezamos quando temos saúde, nos mortifica numa hora como esta. A enfermeira está aí, ou você está sozinha?

Assegurei-lhe que estávamos sozinhas.

– Bem, por duas vezes causei-lhe um mal de que agora me arrependo. Um foi quebrar a promessa que fiz ao meu marido de criá-la como se fosse minha filha. O outro... – ela parou.

“Afinal, esse mal talvez não tenha tido grande importância” murmurou para si mesma “e depois, ainda posso melhorar. Humilhar-me assim diante dela é doloroso...”

Fez um esforço para mudar de posição, mas não conseguiu. Sua fisionomia alterou-se, como se experimentasse alguma sensação interior, precursora, talvez, do suspiro final.

– Bem, tenho que ir até o fim. A eternidade me espera. É melhor que eu lhe diga... Vá até a minha gaveta, abra e pegue uma carta que está lá.

Obedeci as instruções.

– Leia a carta – ela disse.

Era curta, e escrita nestes termos:

“Senhora

Peço-lhe a gentileza de mandar-me o endereço de minha sobrinha, Jane Eyre, e contar-me como ela está. É minha intenção escrever-lhe sem demora, e pedir-lhe que venha morar comigo na ilha da Madeira. Graças à Providência consegui fazer fortuna, e como sou solteiro e sem filhos, gostaria de adotá-la enquanto eu viver, e torná-la minha herdeira assim que eu me for.

Sou, senhora, etc. etc...

JOHN EYRE

Madeira”

Era datada de três anos atrás.

– Por que nunca fui informada disso? – perguntei.

– Por que eu a detestava tão firmemente, tão completamente, a ponto de negar-lhe a oportunidade de prosperar. Não pude esquecer da sua conduta para comigo, Jane... da fúria com que me enfrentou uma vez. O tom que usou para dizer que me odiava mais do que a qualquer pessoa na face da terra. Da sua voz e do seu olhar, tão diferentes dos de uma criança, quando me disse que só de me ver ficava doente e que eu a tratava com miserável crueldade. Não consegui esquecer o que senti quando você me atacou e

destilou o veneno que trazia na alma. Senti medo, como se um animal que eu tivesse golpeado ou irritado, de repente me olhasse com olhos humanos e me amaldiçoasse com voz humana. Traga-me um pouco de água! Depressa!

– Querida Mrs. Reed – eu disse, enquanto lhe entregava a água – não pense mais nessas coisas. Tire isso da sua mente. Perdoe a minha linguagem passional: eu era uma criança então. Oito ou nove anos já se passaram desde aquele dia.

Ela não escutou nada do que eu disse. Depois de tomar o gole de água e recuperar o fôlego, continuou:

– Já lhe disse que não pude esquecer isso. Então me vinguei, pois não suportava a ideia de que fosse adotada pelo seu tio e passasse a desfrutar de uma situação de prosperidade e conforto. Escrevi para ele. Disse-lhe que sentia pelo desapontamento que iria causar, mas Jane Eyre estava morta, morrera de febre tifoide em Lowood. Agora faça como quiser: escreva-lhe e desminta as minhas palavras, exponha-lhe a minha falsidade. Você nasceu para ser a minha provação, tenho certeza. Devo passar a minha última hora de vida lembrando de um ato que, se não fosse por você, jamais teria cometido.

– Se ao menos eu pudesse convencê-la a não pensar mais nisso, tia, e olhar-me com bondade e perdão...

– Você tinha um temperamento mau – disse ela – que até hoje eu não consigo compreender. Como você conseguiu, por nove anos, ser paciente e cordata em relação ao tratamento que recebia, e no décimo ter um ataque de fúria e violência? É algo que nunca compreenderei.

– Meu temperamento não é tão mau quanto a senhora pensa. Sou passional, mas não vingativa. Muitas vezes, quando era criança, teria ficado feliz em amá-la se tivesse me permitido. Desejo ardentemente reconciliar-me com a senhora agora. Beije-me, tia.

Aproximei meu rosto dos seus lábios. Ela não o tocou. Disse que a deixava oprimida, inclinando-me assim sobre o leito, e novamente pediu água. Quando a deitei outra vez – pois a levantara e segurara enquanto bebia – cobri-lhe a mão gelada com a minha. Seus dedos frios tremeram ao contato, os olhos brilhantes evitaram os meus.

– Ame-me ou me odeie, como desejar – eu disse por fim. – A senhora tem o meu total e completo perdão. Agora peça a bênção de Deus, e descanse em paz.

Pobre mulher! Como sofria! Era muito tarde para tentar uma mudança no seu modo de ser. Enquanto vivera, sempre me odiara. Morrendo, ainda me odiava.

A enfermeira entrou, seguida de Bessie. Fiquei por ali ainda uma meia hora, esperando ver algum sinal de amizade. Mas foi em vão. Estava agora caindo em torpor, e sua mente não voltou a se recuperar. Morreu à meia-noite desse dia. Eu não estava presente para fechar-lhe os olhos, nem tampouco as suas filhas. Vieram nos contar na manhã seguinte que tudo havia acabado. No momento em que a tiravam do quarto, Eliza e eu fomos vê-la. Georgiana, que desatara num choro convulso, disse que não tinha coragem de ir. Ali estava o antigo corpo robusto e ativo de Sarah Reed, agora imóvel e rígido. Seus olhos duros como pedra, estavam fechados pelas pálpebras frias. Sua testa e os traços marcantes ainda expressavam a sua alma inexorável. Para mim, esse cadáver era um objeto estranho e solene. Fixei o olhar nele com tristeza e dor, pois não inspirava nada de suave, nem doce, nem piedoso, esperançoso ou submisso. Inspirava apenas uma grande angústia pelos seus infortúnios... não pela *minha* perda. E um terror sombrio e sem lágrimas, pelo horror de uma morte em tais circunstâncias.

Eliza observava a mãe calmamente. Após alguns minutos de silêncio, disse:

– Ela tinha saúde para viver até uma idade avançada. Sua vida foi abreviada pelos desgostos que teve.

Então um espasmo contraiu-lhe a boca por um instante. Quando passou, ela virou-se e deixou o quarto. Eu também saí. Nenhuma de nós derramou uma lágrima sequer.

CAPÍTULO 22

Mr. Rochester me concedera apenas uma semana de licença, mas um mês se passou antes que eu deixasse Gateshead. Quis partir logo após o funeral, mas Georgiana pediu-me que ficasse até que ela fosse para Londres: recebera afinal um convite do tio, Mr. Gibson, que tinha vindo para providenciar o funeral da irmã e resolver os negócios da família. Georgiana disse que temia ficar sozinha com Eliza, pois não receberia dela nem simpatia pela sua tristeza, nem apoio nos seus temores, nem ajuda em suas arrumações. Então suportei tão bem como pude seus débeis lamentos e suas queixas egoístas. Dei o melhor dos meus esforços costurando e empacotando suas roupas. É verdade que, enquanto eu trabalhava, ela ficava à toa. Eu pensava comigo mesma: “Se nós tivéssemos que viver juntas, minha prima, nosso relacionamento seria bem diferente. Não me sujeitaria docilmente a esse papel de boba. Você haveria de ter a sua parte na tarefa, e teria que cumpri-la, senão o trabalho ficaria por fazer. Também insistiria em que guardasse no silêncio do seu peito essas queixas bobas e quase falsas. Só concordo em fazer as coisas com tanta paciência, sem reclamar, porque nosso relacionamento é muito transitório, e tem lugar num momento de luto.”

Por fim Georgiana partiu. Então foi a vez de Eliza pedir-me para ficar mais uma semana. Seus planos exigiam-lhe todo o tempo e atenção de que dispunha: estava em vias de partir para algum destino desconhecido. Passava o dia todo em seu quarto, trancada por dentro, enchendo baús, esvaziando gavetas, queimando papéis, sem se comunicar com ninguém. Pediu-me que cuidasse da casa, recebesse as visitas e respondesse às mensagens de condolências.

Certa manhã, disse-me que eu estava livre para partir.

– E – acrescentou – fico-lhe muito grata pelos seus inestimáveis serviços e sua conduta discreta! Há uma grande diferença entre viver com alguém como você e com Georgiana. Você faz as tarefas que lhe cabem e não sobrecarrega ninguém.

Então prosseguiu:

– Amanhã partirei para o continente. Vou viver numa casa de religiosas perto de Lisle... um convento, como você diz. Lá ficarei tranquila, sem ninguém me molestar. Vou me dedicar por algum tempo ao estudo dos dogmas da Religião Católica Romana, e a uma cuidadosa avaliação das obras do seu sistema. Se concluir que são, como imagino, o melhor meio para assegurar que todas as coisas sejam feitas com correção e ordem, abraçarei os dogmas de Roma e provavelmente tomarei o hábito.

Não expressei surpresa diante dessa resolução nem tentei dissuadi-la.

“A vocação lhe cai como uma luva!” pensei. “Faça bom proveito dela!”

Quando nos despedimos, ela disse:

– Adeus, prima Jane Eyre, desejo-lhe felicidades. Você é uma pessoa de juízo.

Então respondi:

– Você também não é destituída de bom senso, prima Eliza. Mas o seu, eu creio, dentro de mais um ano estará enterrado num convento francês. Entretanto, isso não é assunto meu. Se for do seu agrado, para mim não tem a menor importância.

– Está certa – disse ela.

E, com estas palavras, cada uma tomou seu próprio caminho. Como não terei mais ocasião de

me referir novamente a ela nem à irmã, devo mencionar aqui que Georgiana fez um casamento altamente vantajoso com um cavalheiro da alta-roda, rico e envelhecido. Eliza tomou o hábito, e hoje é superiora no convento onde fez o noviciado – e que ela dotou com sua fortuna.

Eu não sabia dizer como as pessoas se sentem quando voltam para casa, depois de uma ausência curta ou longa: nunca experimentara essa sensação. Sabia como era voltar a Gateshead após uma longa caminhada, quando ainda era uma criança, e ser repreendida por estar com frio e triste. E depois, como era voltar da igreja até Lowood, esperando por uma refeição abundante e uma bela lareira, sem conseguir uma coisa nem outra. Nenhuma dessas voltas era agradável ou desejável. Não havia um imã para me atrair ao ponto de chegada, aumentando seu poder de atração à medida que eu me aproximasse. O retorno para Thornfield ia ser uma experiência.

A viagem me pareceu monótona, muito monótona. Oitenta quilômetros num dia, uma noite passada numa estalagem, mais oitenta quilômetros no dia seguinte. Nas primeiras doze horas pensava nos últimos momentos de Mrs. Reed. Via seu rosto sem cor e desfigurado e ouvia sua voz estranha e alterada. Meditei sobre o funeral, o caixão, o cortejo, a procissão de rendeiros e empregados – poucos eram os parentes. Depois o túmulo, a igreja silenciosa, o rito solene. Então pensei em Eliza e Georgiana. Imagine a primeira como o centro de interesse de um salão de baile; a outra como interna numa célula de convento. E dediquei-me a analisar suas diferenças de temperamento e caráter. A chegada ao escurecer à grande cidade de... dispersou esses pensamentos, e a noite lhes deu um rumo bem diferente. Já deitada, no meu leito de viajante, troquei as reminiscências pelas previsões.

Estava voltando para Thornfield. Mas quanto tempo ainda ficaria ali? Não muito, eu sabia. Recebera carta de Mrs. Fairfax, contando-me que o grupo de convidados se fora. Mr. Rochester viajara para Londres três semanas atrás, mas era esperado de volta dentro de quinze dias. Mrs. Fairfax supunha que ele fora tomar providências para o casamento e falara em comprar uma carruagem nova. Disse que a ideia dele casar-se com Miss Ingram ainda lhe parecia estranha, mas pelo que todos falavam e pelo que observara não duvidava que isso logo aconteceria. “A senhora seria muito incrédula se achasse que não” foi o meu comentário mental. “Eu não tenho a menor dúvida a respeito.”

A questão seguinte era: “Para onde irei?”. Sonhei com Miss Ingram toda a noite. Num vívido sonho vi-a fechar os portões de Thornfield na minha cara, apontando-me outro caminho. E Mr. Rochester apenas olhou, de braços cruzados. Sorria sardonicamente, para mim e para ela.

Eu não havia avisado Mrs. Fairfax do dia exato do meu retorno, pois não queria carro nem carruagem me esperando em Millcote. Propus-me a andar a distância até Thornfield sozinha, com toda a calma. Deixei minha bagagem aos cuidados do hospedeiro e deslizei para fora da Hospedaria George às seis horas de uma tarde de junho. Peguei a velha estrada para Thornfield, que passava apenas pelos campos e era pouco frequentada.

Não era uma noite de verão esplêndida ou brilhante, mas era bonita e amena. Os cortadores de feno trabalhavam ao longo da estrada, e o céu, embora não fosse límpido, prometia tempo bom o bastante. O azul – onde podia ser visto – era meigo e suave, e as nuvens altas e tênues. O poente também estava bonito, sem indícios de frio ou umidade. Parecia haver um leito de fogo, um altar de sacrifícios ardendo atrás daquela cortina de vapor – e por entre as aberturas havia manchas de vermelho-ouro.

Sentia-me contente enquanto o caminho encurtava diante de mim. Tão contente que me perguntei o que significava essa alegria. Chamei a razão para lembrar-me que não estava voltando para o meu lar, ou algum lugar de descanso permanente, onde amigos queridos me procurassem com o olhar, esperando a minha chegada. “Com certeza Mrs. Fairfax vai dar-lhe as boas-vindas tranquilamente” pensei comigo

mesma “e Adele vai bater palmas e pular para recebê-la. Mas você sabe que está pensando em outra pessoa além delas, e ele não está pensando em você.”

Mas existe algo mais teimoso que a juventude? Ou mais cego que a inexperiência? A juventude e a inexperiência me diziam que era prazer suficiente ter o privilégio de olhar novamente para Mr. Rochester, quer ele olhasse para mim ou não. E diziam ainda: “Apreste-se! Corra! Fique com ele enquanto pode. Mais alguns dias ou semanas e vai se separar dele para sempre!” Então senti uma súbita agonia... uma coisa informe que eu não podia possuir nem cultivar... e corri.

Nos campos de Thornfield também estavam cortando o feno. Ou melhor, os trabalhadores acabavam de deixar os campos e voltavam para casa, com os ancinhos ao ombro. Tinha que atravessar um ou dois campos ainda, para então cruzar a estrada e chegar aos portões. As sebes exalavam o odor das rosas! Mas não tive tempo de colher nenhuma. Queria chegar na casa. Passei por uma alta roseira selvagem, que espalhava ramos e flores brancas pelo chão. Vi a escada estreita com os degraus de pedra... E sentado lá, com um caderno e um lápis na mão, vi Mr. Rochester: estava escrevendo.

Bem! Ele não era um fantasma!... Ainda assim, todos os nervos do meu corpo se retraíram. Por um momento perdi o controle sobre mim mesma. O que significava isso? Eu não sabia que tremeria assim ao vê-lo, ou que perderia a voz e os movimentos na sua presença. Voltaria assim que pudesse me mexer, não precisava fazer-me de tola na frente dele! Conhecia outro caminho para a casa. Bem, não adiantava conhecer nem vinte outros caminhos, pois ele acabara de me ver.

– Olá, olá...! – largou o livro e o lápis – Aí está você, afinal! Venha até aqui, por favor.

Acredito que fui, só não sei como. Mal tinha consciência dos meus movimentos, queria apenas parecer calma. Acima de tudo, queria controlar os músculos da face, que se rebelavam contra a minha vontade e lutavam para expressar o que eu pretendia esconder. Mas eu tinha um véu, que ajudava a comportar-me com decente compostura.

– Então essa é Jane Eyre? Está vindo de Millcote a pé? Sim, mais um dos seus truques... Não pedir a carruagem e vir andando a pé pelas estradas e campos como uma simples mortal. E chegar na casa ao crepúsculo, como se fosse uma sombra ou um sonho. Que diabo aconteceu com você no último mês?

– Estive com a minha tia, senhor. Ela morreu.

– Uma verdadeira resposta ao estilo Jane Eyre! Que os anjos me guardem! Ela vem do outro mundo... do túmulo dos mortos. E me diz isso assim que me vê aqui, em pleno crepúsculo. Se tivesse coragem eu a tocara, para ver se é substância ou visão, sua fada! Mas seria o mesmo que tentar pegar um fogo-fátuo num pântano.

– Gazeteira! Gazeteira! – disse ele, e parou um instante. – Fica longe de mim um mês inteiro e então me esquece. Vou ficar zangado!

Eu sabia que ficaria feliz de encontrar de novo o meu patrão, embora triste pelo fato de que ele logo deixaria de ser o meu patrão, e de que eu não representava nada para ele. Mas Mr. Rochester sempre possuía (pelo menos assim pensei) tamanho poder de transmitir felicidade, que para mim era motivo de festa apenas pegar as migalhas que ele atirava aos pássaros estranhos como eu. Suas últimas palavras foram um bálsamo. Davam a entender que se importava que eu o esquecesse ou não. E falara de Thornfield como se fosse o meu lar. Como eu gostaria que fosse!

Ele não saíra da escada, e eu dificilmente lhe pediria licença para ir. Perguntei-lhe se fora a Londres.

– Sim. Imagino que soube disso por adivinhação.

– Mrs. Fairfax contou-me numa carta.

– E ela lhe contou o que fui fazer lá?

– Oh, sim senhor! Todo mundo sabe!

– Deve ver a carruagem, Jane. Tem que me dizer se ela é ou não perfeita para Mrs. Rochester, e se ela não vai parecer a Rainha Boadiceia[1], reclinada naqueles coxins cor de púrpura. Eu queria, Jane, ser um pouco mais adequado à aparência externa dela. Diga-me, então, como a fada que é, não pode me dar uma poção, ou um filtro, ou qualquer coisa desse tipo para me transformar num homem bonito?

– Isso ultrapassa o poder da magia, senhor.

E acrescentei em pensamento:

“Um olhar amoroso é mágica suficiente para torná-lo bonito. E sua virilidade tem uma atração ainda maior que a beleza.”

Mr. Rochester algumas vezes lia o meu pensamento com uma acuidade que me era incompreensível. Desta vez não tomou conhecimento da minha resposta em voz alta, mas sorriu com um certo sorriso que possuía, e que só usava em raras ocasiões. Parecia pensar que era bom demais para propósitos fúteis. Era uma expansão de sentimento, aquele sorriso que agora me envolvia.

– Passe, Janet! – disse ele, abrindo espaço para que eu subisse a escada. – Vá para casa e descanse seus pezinhos cansados e andarilhos sob um teto amigo.

Tudo que eu precisava fazer era obedecê-lo em silêncio, não havia necessidade de mais conversa. Subi a escada sem uma palavra, e pretendia deixá-lo calmamente. Um impulso me lançou para a frente... e uma força me reteve. Então eu disse – ou alguma coisa dentro de mim disse – a despeito de mim mesma:

– Obrigada, Mr. Rochester, pela sua enorme bondade. Fico estranhamente feliz de voltar para junto do senhor. E onde o senhor estiver será o meu lar... meu único lar.

Saí dali tão depressa que mesmo ele, se tentasse, não conseguiria alcançar-me. A pequena Adele ficou meio louca de alegria quando me viu. Mrs. Fairfax recebeu-me com sua habitual amabilidade singela. Leah sorriu e até Sophie me dirigiu um alegre “bon soir” – boa-noite. Foi muito agradável, não há felicidade igual a de ser amado pelos seus companheiros, e sentir que a sua presença é um conforto a mais para eles.

Nesta noite, fechei resolutamente os meus olhos ao futuro. Tapei os ouvidos àquela voz interior que me advertia sobre a separação próxima e a tristeza que chegava. Depois do chá, quando Mrs. Fairfax pegou o tricô e eu sentei-me numa banquetta baixa ao seu lado, quando Adele ajoelhou-se no tapete e se aninhou perto de mim, quando uma sensação de afeto mútuo parecia rodear-nos como um círculo dourado de paz – fiz uma prece pedindo que não nos separássemos tão cedo. E quando Mr. Rochester entrou inesperadamente, e olhando para nós pareceu ficar contente de ver um grupo tão afetuoso; quando disse que achava que a velha senhora devia estar feliz, pois sua filha adotiva voltara, e acrescentou que Adele estava “prête a croquer sa petite maman anglaise” – pronta a conquistar sua mamãezinha inglesa – quase me aventurei a esperar que ele pudesse, mesmo após o casamento, manter-nos juntas em algum lugar sob a sua proteção, e não exiladas da alegria solar da sua presença.

Passou-se uma quinzena de calma duvidosa, depois do meu retorno a Thornfield Hall. Nada mais foi dito a respeito do casamento do patrão, e não vi preparação alguma para um evento desse tipo.

Quase todos os dias perguntava a Mrs. Fairfax se ela soubera de alguma coisa definitiva, mas sua resposta era sempre negativa. Uma vez – disse-me – havia perguntado a Mr. Rochester quando ele traria a esposa para a casa. Ele, porém, respondera-lhe com algum tipo de brincadeira e um de seus olhares estranhos, que ela não conseguira entender.

Uma coisa me surpreendia especialmente: não havia viagens para lá e para cá, nem visitas a Ingram Park. Está certo que ficava a mais de trinta quilômetros, quase na divisa de outro condado, mas que era uma distância dessas para um coração apaixonado? Um cavalheiro tão experiente e incansável como Mr. Rochester seria apenas o passeio de uma manhã. Comecei a sentir esperanças que não tinha o direito de acalentar: de que o noivado fora desfeito, de que os rumores fossem infundados, de que uma ou ambas as partes houvessem mudado de ideia. Costumava examinar o rosto do meu patrão, para ver se havia sinais de tristeza ou irritação. Mas não podia lembrar de um tempo em que ele estivesse tão desanuviado e livre dos maus sentimentos. Quando, nos momentos em que eu e minha aluna passávamos com ele, eu perdia o ânimo e caía em depressão, ele se tornava até mesmo alegre. Nunca requisitara a minha companhia com tanta frequência. Nunca fora mais bondoso comigo e – ai de mim! – nunca eu o amara com tanto ardor!

[1] Rainha de uma das tribos celtas que viviam na Inglaterra. Lutou contra as forças do Império Romano que ocupavam a ilha e sua figura tornou-se um mito durante a era vitoriana.

CAPÍTULO 23

Um esplêndido verão brilhava sobre a Inglaterra: céus tão azuis e sóis tão radiantes, em longa sucessão, raramente eram vistos sobre a nossa ilha sempre tão coberta de bruma. Era como se uma multidão de dias italianos viesse do sul, como um bando de pássaros migrantes, e descesse para descansar nos rochedos de Albion. O feno fora todo ceifado. Os campos ao redor de Thornfield estavam verdes e aparados. As estradas, brancas e queimadas de sol. As árvores, em pleno vigor. Os bosques e as sebes, coloridos e cobertos de folhagem, contrastavam com as cores suaves das campinas ensolaradas.

No dia do solstício de verão, Adele, cansada de colher morangos selvagens durante boa parte do dia, fora para a cama com o sol. Cuidei dela até que dormisse. Então, deixei-a e saí para o jardim.

Das vinte e quatro horas do dia, esta era a mais doce. “O dia dissipara seus fogos ardentes” e o orvalho caía frio e disperso sobre a planície e os cumes crestados. Lá onde o sol descambava, sem a pompa das nuvens, espalhava-se em um púrpura solene, brilhando como a luz da rubra joia, surgindo como fornalha sobre o cume do monte e se estendendo alto e amplo, cada vez mais suave, até o meio do céu. O oriente tinha seu próprio encanto, no lindo céu azul profundo e na sua joia modesta: uma estrela solitária. Logo a lua surgiria, mas agora ainda estava escondida no horizonte.

Caminhei um pouco sobre a calçada, mas um perfume sutil, bem conhecido – o perfume de um charuto – veio de uma das janelas. Vi que a janela da biblioteca estava entreaberta. Sabia que estava sendo observada, então me dirigi ao pomar. Nenhum esconderijo era tão abrigado e paradisíaco: cheio de árvores e coberto de flores. Num dos lados, um alto muro escondia-o da casa. No outro, uma alameda de faias impedia que fosse visto do gramado. Ao fundo havia uma velha cerca, separando-o dos campos desertos. Chegava-se até lá por um caminho sinuoso, ladeado por loureiros e terminando num castanheiro-da-índia gigante, cuja base era circundada por um banco. Ali uma pessoa podia se supor escondida. Sob o suave orvalho de verão que caía, no silêncio reinante, no crepúsculo que se adensava, sentia como se pudesse ficar para sempre naquela penumbra. Movendo-me cautelosamente entre os canteiros de flores e frutas da parte mais alta do terreno, onde fora atraída pela luz que a lua nascente espalhava naquela área descampada, de repente detive meu passo... Não tinha ouvido nem visto coisa alguma, mas sentira um perfume que me advertiu.

Roseiras selvagens, arbustos, jasmims, cravos e rosas já há muito tempo ofereciam à noite seu sacrifício de incenso. O perfume que eu agora sentia, no entanto, não era nem de seiva nem de flor. Era, como eu bem sabia, do charuto de Mr. Rochester. Olhei ao redor e escutei. Vi árvores carregadas de frutos e ouvi o canto de um rouxinol na mata, quinhentos metros adiante. Não se via forma alguma em movimento, não se escutava o rumor de passos, mas o perfume aumentava de intensidade. Era preciso escapar. Corri para o portãozinho que levava ao bosque e vi Mr. Rochester chegando. Fiquei de lado, junto à hera do muro. Com certeza ele não ficaria ali por muito tempo, devia voltar logo, e se eu ficasse quieta ele não me veria.

Mas não. A noite era tão atrativa para ele como era para mim, assim como esse antigo jardim. Ele caminhava, ora puxando os galhos carregados da groselheira para admirar os frutos, ora pegando uma cereja madura, ora parando junto a uma grinalda de flores para inalar o seu perfume ou admirar as gotas de orvalho em suas pétalas. Uma enorme mariposa passou zumbindo por mim e pousou numa planta aos pés de Mr. Rochester. Ele a viu e abaixou-se para examiná-la.

“Agora ele está de costas para mim, e também está distraído. Talvez, se eu andar devagarinho,

ele nem me veja” pensei.

Caminhei pela relva, que não estalaria sob os meus pés para me trair. Ele estava parado entre os canteiros, a um ou dois metros de onde eu teria que passar. A mariposa parecia prender sua atenção. “Tudo vai dar certo” pensei. Quando atravessasse a sua sombra, alongada no chão pela lua que ainda não estava alta, ele disse calmamente, sem se virar:

– Jane, venha ver esse bichinho.

Eu não havia feito barulho, ele não tinha olhos nas costas. Será que a sua sombra era sensível? A princípio hesitei. Depois fui até ele.

– Olhe as suas asas – ele disse – lembra-me de um inseto das Índias Ocidentais. Não se vê com frequência na Inglaterra um espécime noturno tão grande e tão bonito. Aí está! Voou!

A mariposa se fora. Eu também estava fugindo vergonhosamente, mas Mr. Rochester me seguiu. Quando chegamos ao portãozinho ele disse:

– Volte. Numa noite tão bonita é um crime sentar-se dentro de casa. E ninguém decerto vai querer dormir quando o pôr do sol se confunde assim com a luz da lua.

É um dos meus defeitos. Embora minha língua seja rápida demais para dar uma resposta, muitas vezes falha terrivelmente quando tem que arranjar uma desculpa. E o lapso sempre ocorre em momentos cruciais, quando uma simples palavra ou um pretexto plausível são indispensáveis para me tirar de algum doloroso embaraço. Eu não queria, naquele momento, andar sozinha com Mr. Rochester no pomar escuro. Mas não consegui uma desculpa para dar. Segui-o vagarosamente, os pensamentos ocupados em achar um modo de sair de tal situação. Mas ele próprio parecia tão compenetrado e sério, que fiquei envergonhada de sentir tanta confusão. O mal – se algum mal havia – parecia existir apenas em mim. A mente dele estava tranquila e calma.

– Jane – ele recomeçou, quando entramos na alameda dos loureiros e descemos na direção da cerca antiga e do grande castanheiro-da-índia. – Thornfield é um belo lugar no verão, não acha?

– É, sim.

– Você deve ter se afeiçoado ao lugar, pelo menos um pouquinho, pois tem olhos para as belezas naturais e um grande espírito de união.

– Gosto da casa, realmente.

– E, embora eu não compreenda, vejo que também dedica algum afeto a Adele, essa menininha boba. E mesmo à simplória Mrs. Fairfax, não é assim?

– Sim, senhor. De modo diferente, tenho afeto pelas duas.

– E ficaria triste em separar-se delas?

– Sim.

– Que pena! – disse ele, suspirando.

Fez uma pausa. Depois continuou:

– É sempre assim nesta vida. Logo que conseguimos um lugar agradável e repousante para descansar, vem uma voz e nos manda partir, pois a hora do repouso terminou.

– Devo partir, senhor? – perguntei. – Devo deixar Thornfield?

– Acredito que sim, Janet. Sinto muito, mas acho que sim.

Foi um golpe. Mas não ia permitir que me abatesse.

– Bem, senhor, estarei pronta quando chegar a ordem de partir.

– Já chegou... Devo dá-la esta noite.

– Então *vai* se casar, realmente?

– E-xa-ta-men-te... Precisamente. Com sua habitual argúcia, colocou o dedo na ferida.

– Em breve, senhor?

– Muito breve, minha... isto é, Miss Eyre. E você deve lembrar-se, Jane, a primeira vez que eu ou o Boato, deu-lhe pleno conhecimento que era minha intenção colocar meu velho pescoço de solteirão no laço sagrado, e entrar no santificado estado do matrimônio. Tomar Miss Ingram a meu encargo, em resumo (ela vai exigir um enorme espaço, mas isso não vem ao caso, nunca se pode ter demais de uma coisa tão boa quanto minha doce Blanche)... Bem, como eu estava dizendo... Ouça-me, Jane! Não está virando a cabeça para procurar outras mariposas, está? Era apenas um inseto desgarrado, menina, ‘voando para casa’. Devo lembrá-la que foi você quem primeiro me disse – com essa descrição que tanto admiro, com essa perspicácia, essa prudência e humildade tão adequadas à sua posição de responsabilidade e dependência – que no caso de eu me casar com Miss Ingram, tanto você quanto Adele estariam melhor em outro lugar. Fiz vista grossa quanto à calúnia sobre o caráter da minha amada contida nessa sugestão. No entanto, quando você estiver longe, Janet, vou tentar esquecer a ofensa: vou pensar apenas na sabedoria que ela encerra, que é tão grande que farei dela o meu guia de conduta. Adele deve ir para a escola e você, Miss Eyre, deve procurar uma nova colocação.

– Sim, senhor. Vou colocar um anúncio imediatamente. Suponho...

Estava a ponto de dizer “suponho que posso ficar aqui até encontrar um outro lugar para ir” mas parei. Sabia que não devia dizer uma frase muito longa, pois minha voz estava falhando.

– Dentro de um mês espero me casar – continuou Mr. Rochester – e nesse ínterim eu mesmo vou procurar uma colocação e um abrigo para você.

– Obrigada, senhor. Lamento dar-lhe...

– Oh! Não há necessidade de desculpas! Acho que, quando uma empregada cumpre o seu dever tão bem quanto você, adquire uma espécie de direito a que o patrão lhe preste alguma ajuda que esteja ao seu alcance. Na verdade, ouvi a minha futura sogra mencionar um lugar que considero adequado. É para educar as cinco filhas de Mrs. Dionysius O’Gall, de Bitternut Lodge, em Connaught, na Irlanda. Creio que você gostará da Irlanda: dizem que as pessoas lá são muito calorosas.

– É longe demais, senhor.

– Não importa! Uma moça sensata como você não fará objeção a uma viagem ou a distância.

– A viagem não, mas a distância. Além disso, o mar é um obstáculo...

– A quê, Jane?

– À Inglaterra, a Thornfield e...

– Bem?

– Ao senhor...

Disse isso quase involuntariamente. E, também contra a minha vontade, as lágrimas correram. Não chorava alto, para não ser ouvida. Evitava soluçar. A ideia de uma Mrs. O’Gall e de Bitternut Lodge

enchia meu coração de tristeza. Ainda mais triste era a ideia do mar e das espumas que pareciam destinadas a erguer-se entre mim e o meu patrão, a cujo lado eu agora caminhava. E o mais triste de tudo era a lembrança daquele oceano ainda mais vasto – riqueza, casta e convenções, que se interpunha entre mim e aquele que eu amava, natural e inevitavelmente.

– É um longo caminho – disse outra vez.

– Realmente, muito longo... E quando você for para Bitternut Lodge, Connaught, Irlanda, nunca mais a verei, Jane. Isso é certo. Eu nunca irei à Irlanda, pois não aprecio muito o país. Temos sido bons amigos, não temos, Jane?

– Temos sim, senhor.

– E quando os amigos estão em vias de se separar, costumam passar o pouco tempo que lhes resta juntos. Venha! Vamos falar calmamente sobre a viagem e a separação durante algum tempo, enquanto as estrelas despertam e brilham no céu distante. Aqui está o castanheiro-da-índia e o banco ao redor. Venha, vamos sentar-nos em paz aqui esta noite, porque estamos destinados a nunca mais sentar-nos juntos.

Ajudou-me a sentar e depois se sentou.

– É um longo caminho até a Irlanda, Janet, e lamento mandar minha amiguinha numa viagem tão aborrecida. Mas se não há outro remédio, que fazer? Você não se parece nada comigo, não é, Jane?

A esta altura eu não conseguia arriscar resposta alguma. Meu coração estava gelado.

– Eu às vezes tenho um estranho sentimento em relação a você... especialmente quando está perto de mim, como agora. É como se eu tivesse um cordão do lado esquerdo do meu corpo, amarrado firmemente a outro cordão semelhante, localizado também no lado esquerdo do seu pequenino corpo. E se colocarmos entre nós esse tempestuoso canal e mais de trezentos quilômetros de terra, receio que esse pequeno cordão seja rompido. Tenho a angustiante sensação de que, nesse caso, eu sangrarei por dentro. Quanto a você... acho que me esquecerá.

– Isso *nunca* vai acontecer. O senhor sabe...

Não pude prosseguir.

– Jane, está ouvindo esse rouxinol cantando no bosque? Ouça!

Ao ouvir, comecei a soluçar convulsivamente. Não podia mais suportar. Era obrigada a ceder, e tremia dos pés à cabeça com tão agudo sofrimento. Quando falei, foi apenas para expressar o desejo de que nunca tivesse nascido, que nunca tivesse vindo para Thornfield.’

– Porque se sente triste em deixá-lo?

A violência da emoção, aumentada pela tristeza e pelo amor dentro de mim, pedia para dominar, lutava para afirmar-se, clamava pelo direito de predominar, de superar, de elevar-se e, por fim, de reinar. Sim – e por falar.

– Lamento deixar Thornfield. Amo Thornfield, e amo porque... porque vivi aqui uma vida plena e deliciosa, pelo menos por algum tempo. Não fui humilhada, nem paralisada. Não fui enterrada viva com mentes inferiores, nem excluída de contato ou comunhão com tudo que é brilhante, vital e elevado. Conversei, face a face, com aquilo que reverencio, que me seduz – com uma mente aberta, original e atenta. Eu conheci o senhor, Mr. Rochester. E fico tomada de angústia e pavor ao pensar que devo me separar do senhor para todo o sempre.

– Onde é que você vê essa necessidade? – ele perguntou, de súbito.

– Onde? O senhor mesmo a colocou diante de mim.

– De que forma?

– Na forma de Miss Ingram. Uma nobre e bela dama... sua noiva.

– Minha noiva! Que noiva? Eu não tenho noiva!

– Mas terá.

– Sim... Terei! Terei! – e cerrou os dentes.

– Então tenho que partir. O senhor mesmo disse isso.

– Não: deve ficar! Eu juro... E um juramento deve ser mantido.

– Não! Eu devo partir! – retorqui, provocada por algo que devia ser paixão. – Acha que posso ficar para não representar nada para o senhor? Acha que sou um autômato, uma máquina sem sentimentos? E que posso suportar que me arrebatem dos lábios o pedaço de pão e derramem a minha taça de água fresca? O senhor pensa, que porque sou pobre, obscura, simples e pequena, que não tenho alma nem coração? Então está pensando errado! Tenho tanta alma quanto o senhor, e até mais coração! E, se Deus tivesse me dotado de alguma beleza e grande fortuna, tornaria tão difícil para o senhor deixar-me quanto para mim é difícil deixar o senhor. Não estou lhe falando através do costume, das convenções ou da carne mortal: é o meu espírito que se dirige ao seu, como se os dois houvessem passado pelo túmulo e agora estivessem aos pés de Deus, iguais – como somos.

– Como somos! – repetiu Mr. Rochester.

E acrescentou, tomando-me nos braços, apertando-me ao peito, pressionando seus lábios nos meus:

– Assim? Assim, Jane?

– Sim, senhor. Assim! – respondi. – Mas ainda não assim, pois o senhor é um homem casado – ou quase isso – e vai se unir a alguém inferior. Alguém por quem não tem a menor simpatia, e a quem não acredito que ame de verdade, pois vi os olhares de escárnio que dirigia a ela. Eu desprezo essa união! Sou, portanto, melhor que o senhor... Deixe-me ir!

– Para onde, Jane? Para a Irlanda?

– Sim, para a Irlanda... Já controlei a minha mente, e agora posso ir a qualquer lugar.

– Jane, fique calma. Não lute assim, como um pássaro selvagem e furioso que no seu desespero arranca as próprias penas.

– Não sou um pássaro, e nenhuma gaiola vai me prender. Sou um ser humano livre, com vontade soberana, a mesma vontade que me ordena deixá-lo!

Outro esforço e consegui libertar-me. Fiquei parada em frente a ele.

– E a sua vontade deve decidir o seu destino – ele disse. – Ofereço-lhe minha mão, meu coração, e uma parte de tudo que possuo.

– Está interpretando uma farsa, que só me faz rir.

– Eu lhe peço que passe a vida ao meu lado... Que seja o meu segundo eu, e a minha amada companheira neste mundo.

– Para isso já fez a sua escolha, e deve obedecê-la.

– Jane, fique calada um momento, está muito exaltada. Prometo que ficarei calado também.

Uma lufada de vento veio através da alameda de loureiros e sacudiu os galhos do castanheiro. Depois subiu, subiu e perdeu-se na distância. O canto do rouxinol era o único som que agora se ouvia. Chorei de novo ao ouvi-lo. Mr. Rochester sentava-se calado, olhando para mim com ar gentil e grave. Passou-se algum tempo antes que falasse. Por fim, disse:

– Sente-se ao meu lado, Jane. Vamos conversar e tentar entender um ao outro.

– Nunca mais me sentarei ao seu lado. Já me afastei, e não posso retornar.

– Mas, Jane, eu lhe peço como minha esposa. É apenas com você que pretendo me casar.

Fiquei em silêncio. Achei que ele estava brincando comigo.

– Venha, Jane. Venha para cá.

– A sua noiva se interpõe entre nós.

Ele levantou-se, e em duas passadas alcançou-me.

– Minha noiva está aqui – ele disse, puxando-me outra vez para si – porque aqui está a minha alma gêmea e a minha eleita. Jane, quer se casar comigo?

Ainda assim não respondi. E mais uma vez tentei escapar ao seu abraço. Não conseguia acreditar.

– Duvida de mim, Jane?

– Totalmente.

– Não tem confiança em mim?

– Nem um pouco.

– Por acaso sou um mentiroso aos seus olhos? – ele perguntou, calorosamente. – Sua pequena incrédula, você *será* convencida. Que amor eu poderia sentir por Miss Ingram? Nenhum, e você sabe disso. Que amor tem ela por mim? Nenhum, como me dei ao trabalho de provar. Fiz chegar até ela um rumor de que a minha fortuna não chegava a um terço do que ela pensava. Depois me apresentei para ver o resultado: fui recebido friamente, por ela e pela mãe. Eu não pretendia... não poderia casar-me com Miss Ingram. Você, sua coisinha estranha e quase sobrenatural! Eu a amo como a minha própria carne. Você, pobre e obscura, pequena e simples como é... Peço-lhe humildemente que me aceite como marido.

– Quem... Eu? – exclamei, começando a acreditar na sua sinceridade, pela seriedade e, principalmente, pela descortesia com que ele se expressava. – Eu, que não tenho um único amigo no mundo a não ser o senhor, nem um xelim, a não ser os que recebi do senhor?

– Sim, você, Jane. Preciso que seja minha, inteiramente minha. Aceita ser minha esposa? Vamos, diga logo que sim!

– Mr. Rochester, deixe-me olhar para o seu rosto. Vire-se na direção do luar.

– Por quê?

– Porque quero ler a sua fisionomia... Vire-se!

– Aí está! Vai achar que ela é pouco mais legível que uma página amarrotada e riscada. Leia, então, mas ande depressa, pois eu sofro demais.

Tinha o rosto perturbado e bastante ruborizado. Suas feições se mexiam e os olhos irradiavam um brilho estranho.

– Oh, Jane! Está me torturando! – ele exclamou. – Você me tortura com esse olhar observador, mesmo sendo fiel e generoso!

– Como eu poderia fazer tal coisa? Se está sendo honesto, e sua oferta é verdadeira, meus únicos sentimentos só podem ser de gratidão e devotamento – não de tortura.

– Gratidão! – exclamou. E acrescentou, ardorosamente – Jane, aceite-me logo. Diga: Edward.. fale o meu nome... Diga: Edward, aceito me casar com você.

– Está falando sério? Ama-me de verdade? Deseja realmente que eu seja sua esposa?

– Sim. E se for necessário um juramento para satisfazê-la, eu juro.

– Então aceito me casar com o senhor.

– Edward, minha mulherzinha!

– Querido Edward!

– Seja minha... inteiramente minha – disse ele.

E acrescentou no seu tom mais profundo, falando ao meu ouvido, enquanto seu rosto encostava no meu:

– Faça a minha felicidade... e eu farei a sua.

– Que Deus me perdoe! – ele disse, por fim. – Que ninguém se intrometa: ela é minha e hei de conservá-la.

– Não há ninguém para se intrometer, senhor. Não tenho parentes que possam interferir.

– Não, realmente... E isso é o melhor de tudo – ele disse.

Se eu o amasse menos, teria achado no seu tom de voz e no seu olhar uma exultação selvagem. Mas sentada ao seu lado, livre do pesadelo da partida, alçada ao paraíso da união, pensei apenas na ventura que me era dada a beber naquela fonte caudalosa.

De vez em quando ele perguntava:

– Está feliz, Jane?

E eu respondia:

– Sim.

Depois ele murmurou:

– Vai compensar... vai compensar. Por acaso não a encontrei sozinha, sem amigos e sem conforto? Não vou protegê-la, cuidá-la e consolá-la? Não há amor no meu coração e firmeza nas minhas decisões? Haverá entendimento no tribunal divino. Sei que o Criador confirma o que estou fazendo. Quanto ao julgamento dos homens – lavo as minhas mãos. Eu desafio o julgamento dos homens.

Mas o que acontecera com a noite? A lua ainda não se escondera e as sombras já cobriam tudo. Eu mal podia ver o rosto do meu patrão, perto como estava. E o que agitava o castanheiro? Ele se retorcia e gemia, enquanto o vento passava pela alameda de loureiros e vinha em redemoinhos na nossa direção.

– Devemos voltar – disse Mr. Rochester. – O tempo está mudando. Eu poderia ficar sentado

assim, com você, até de manhã, Jane.

“E eu com o senhor” pensei. Teria dito isso em voz alta, talvez, se um relâmpago lívido e nítido não tivesse brilhado na nuvem para a qual eu olhava. Houve um estrondo tremendo e um trovão retumbou perto de nós. Pensei apenas em esconder meus olhos amedrontados no ombro de Mr. Rochester.

A chuva desabou. Ele me conduziu apressadamente pela alameda e através dos jardins, até chegarmos a casa. Quando finalmente cruzamos o limiar da porta estávamos encharcados. Mr. Rochester me ajudava a tirar a capa no vestíbulo, sacudindo a água dos meus cabelos, quando Mrs. Fairfax surgiu, vinda da saleta. Eu não a vi a princípio, nem ele. A lâmpada estava acesa. O relógio ia bater meia-noite.

– Corra e tire essas roupas molhadas – ele disse. – Mas antes que se vá, boa-noite... Boa-noite, minha querida!

Beijou-me repetidamente. Quando olhei para cima, ao sair dos seus braços, vi a viúva – pálida, grave e assombrada. Apenas sorri para ela e corri para a escada.

“As explicações ficarão para outra hora” pensei.

Ainda assim, quando cheguei ao meu quarto, senti um temor de que ela pudesse entender mal o que tinha visto. Mas a alegria logo afastou qualquer outro sentimento. E não tive medo algum, nem me importei que o vento continuasse a rugir, que algum raio caísse, que os trovões riscassem o céu com toda força, ou que desabasse uma tempestade de duas horas, violenta como uma catarata. Durante a tempestade, Mr. Rochester veio três vezes à minha porta, perguntando se eu estava segura e tranquila. E isso me dava conforto e força suficientes para suportar qualquer coisa.

Antes que eu saísse da cama, na manhã seguinte, a pequena Adele veio correndo contar-me que o grande castanheiro-da-índia, no final do pomar, fora atingido por um raio na noite anterior e estava destruído pela metade.

CAPÍTULO 24

Enquanto me levantava e me vestia, pensei no que acontecera e me perguntei se não tinha sido um sonho. Não podia acreditar na realidade até que visse Mr. Rochester outra vez, e ouvisse dele a renovação de suas palavras de amor e de promessa.

Ao pentear os cabelos, olhei meu rosto no espelho. Senti que não era mais um rosto comum: havia esperança e vida no seu aspecto e colorido. Meus olhos pareciam ter conquistado a fonte da felicidade, e tomado emprestado os raios de suas ondas brilhantes. Muitas vezes evitei olhar para o meu patrão, com receio de que ele não gostasse da minha aparência. Mas agora tinha certeza que poderia levantar o rosto para ele sem temor de que sua afeição diminuísse. Peguei na gaveta um vestido simples de verão, leve e claro. Parecia que nunca uma roupa me caíra tão bem, porque nunca a usara num momento tão abençoado.

Não fiquei surpresa ao ver, quando desci para o vestíbulo, que uma brilhante manhã de junho sucedera à tempestade da véspera, nem de sentir, através das portas abertas, o arfar de uma brisa fresca e fragrante. A natureza devia estar radiante de me ver tão feliz. Uma mendiga com seu filhinho – ambos pálidos e andrajosos – vinha andando pelo caminho. Corri e dei-lhe todo o dinheiro que por acaso tinha na bolsa – três ou quatro xelins. Bem ou mal, eles partilhariam da minha felicidade. As gralhas grasnavam e os pássaros, alegres, cantavam. Mas nada era tão feliz ou musical quanto o meu próprio coração em festa.

Mrs. Fairfax surpreendeu-me ao olhar pela janela com um rosto triste, dizendo gravemente:

– Miss Eyre, vai tomar café da manhã?

Durante a refeição ela estava quieta e distante. Mas não cabia a mim livrá-la dessa decepção. Meu dever era esperar que o patrão desse as explicações. E o dever dela era o mesmo. Comi o que pude e apressei-me em subir. Encontrei Adele saindo da sala de aulas.

– Aonde vai? Está na hora da sua aula.

– Mr. Rochester me mandou para o quarto.

– Onde está ele?

– Ali dentro – e apontou para a sala de onde saíra.

Entreí e encontrei-o ali.

– Venha me desejar bom-dia – disse ele.

Avancei alegremente, mas não recebi apenas uma palavra cortês ou mesmo um aperto de mãos. Recebi um abraço e um beijo. Pareceu-me natural. Era maravilhoso ser tão amada e tão acarinhada por ele.

– Jane, você parece esplendorosa, sorridente e bonita esta manhã – ele disse – verdadeiramente bonita. É essa a minha pequena e pálida fada? O meu grãozinho de mostarda? Será você essa pequena menina de face corada de sol, covinha no queixo e lábios rosados? De cabelos cor de avelã, macios como cetim, e radiantes olhos castanhos?

Meus olhos são verdes, querido leitor, mas peço que desculpe o engano. Para ele tinham acabado de ser tingidos, eu creio.

– Esta é Jane Eyre, senhor.

– Logo será Jane Rochester – ele acrescentou. – Dentro de quatro semanas, Janet. Nem um dia : mais. Ouviu?

Eu ouvira, e não podia compreender bem: achava irrefletido. A forma como anunciara e o sentimento contido na frase pareciam ditados por algo mais intenso que a mera alegria. Algo que golpeava e surpreendia. Era quase medo.

– Você corou e agora está pálida. Por que isso, Jane?

– Porque o senhor me deu um novo nome: Jane Rochester. Parece tão estranho!

– Sim, Mrs. Rochester – disse ele. – A jovem Mrs. Rochester... A esposa de Fairfax-Rochester.

– Nunca o serei, senhor. Não me parece provável. Neste mundo, os seres humanos nunca conseguem a felicidade completa. Não nasci para ter um destino diferente do resto da minha espécie. Imaginar que me caiba tamanha bênção é um conto de fadas... um sonho.

– Um sonho que eu posso e vou realizar. Estou começando hoje. Esta manhã escrevi ao meu banqueiro em Londres, para que me mande algumas joias que estão em seu poder, relíquias de família das damas de Thornfield. Dentro de um ou dois dias espero depositá-las no seu regaço. Pois devo-lhe todas as atenções e privilégios que eu destinaria à filha de um par do reino, se eu fosse me casar com uma.

– Oh, senhor! Nada de joias. Não gosto de ouvir falar disso. Joias para Jane Eyre parecem algo pouco natural e estranho. Preferia não tê-las!

– Eu mesmo porei o colar de diamantes no seu pescoço e o diadema em sua frente... E você será digna deles. A natureza, pelo menos, colocou o sinal de sua nobreza na frente, Jane. Colocarei braceletes nesses pulsos finos e carregarei de anéis esses dedos de fada.

– Oh, não! Não, senhor. Pense em outras coisas e fale de outras coisas, e de outra maneira. Não se dirija a mim como se eu fosse uma beldade. Sou sua governanta, simples e puritana.

– Aos meus olhos você é uma beldade, e também para o desejo do meu coração – delicada e etérea.

– Fraca e insignificante, é o que quer dizer. O senhor está delirando... ou zombando de mim. Pelo amor de Deus, não seja irônico!

– Farei o mundo reconhecê-la como uma beldade, também! – ele continuou.

Eu estava ficando realmente constrangida pelas sugestões que fazia, porque via que ele estava se iludindo, ou tentando me iludir.

– Vestirei minha Jane de cetim e rendas, e colocarei flores nos seus cabelos. Cobrirei essa cabeça que tanto amo com um véu de valor incalculável.

– E então não me reconhecerá mais, senhor. Não serei mais a sua Jane Eyre, mas um macaco numa jaqueta de arlequim. Um pavão em plumas emprestadas. Prefiro ver o senhor, Mr. Rochester, adornado em roupas teatrais do que a mim mesma num vestido de dama da corte. Eu não lhe digo que é bonito, senhor, embora o ame ternamente. Amo-o demais para adulá-lo, portanto, não me adule também.

Ele insistiu no assunto, no entanto, sem tomar conhecimento da minha súplica.

– Hoje mesmo vou levá-la de carruagem a Millcote, e você vai escolher alguns vestidos. Já lhe disse que nos casaremos em quatro semanas. O casamento será feito sem alarde, na igreja aqui ao lado.

Depois vou levá-la para a capital. Após uma breve estada em Londres, vou levar o meu tesouro para lugares ensolarados, para os vinhedos franceses e as planícies italianas. Verá todos os lugares famosos da história antiga e da modernidade. Conhecerá a vida nas cidades, e aprenderá a valorizar-se em comparação com os outros.

– Vou viajar?... E com o senhor!

– Vai passar uma temporada em Paris, Roma e Nápoles, em Florença, Veneza e Viena. Quero rever com você todos os lugares em que estive nas minhas andanças. Onde imprimi as minhas patas, você pisará com seus pezinhos de sílfide. Faz dez anos que vaguei pela Europa meio desesperado. Meus companheiros eram apenas a raiva, o desgosto e o ódio. Agora quero visitar esses lugares curado e redimido, tendo como consolo um verdadeiro anjo.

Sorri ao ouvir estas palavras.

– Não sou um anjo – afirmei – e nunca serei enquanto viver. Sempre serei eu mesma. Mr. Rochester, não deve esperar nem exigir nada de angelical da minha parte. Não vai consegui-lo, assim como não o conseguirei do senhor. Aliás, nem imagino que isso possa acontecer.

– E o que espera que aconteça?

– Por algum tempo, pouco tempo, o senhor será talvez como é agora. Então vai se tornar frio, depois caprichoso, depois ríspido. Terei muito trabalho para contentá-lo. Mas depois que se acostumar comigo, talvez volte a gostar de mim. Digo *gostar*, e não *amar*. Acho que o seu amor vai se extinguir em seis meses, no máximo. Nos livros escritos por homens tenho observado que este é o tempo máximo que dura o ardor de um marido. Ainda assim, como amiga e companheira, espero nunca me tornar desagradável para o meu querido senhor.

– Desagradável! Voltar a gostar de você! Acho que gostarei de você de novo, e de novo... E farei com que confesse que não apenas *gosto* de você, mas que a *amo*. Com sinceridade, fervor e constância.

– Então não é caprichoso, senhor?

– Com as mulheres que só me agradam pela aparência, posso me tornar um verdadeiro demônio ao descobrir que elas não têm coração nem alma. Quando me oferecem apenas uma perspectiva de vaidade, banalidade, rispidez, mau gênio e talvez imbecilidade. Mas para o olhar límpido e a língua eloquente, para a alma forjada no fogo e o caráter que se curva, mas não quebra – ao mesmo tempo flexível e firme, dócil e consistente – sou sempre terno e sincero.

– Já teve uma experiência com alguém que tivesse tal caráter, senhor? Já amou alguém assim?

– Eu amo agora.

– E antes de mim, se é que eu realmente me aproximo do seu difícil padrão?

– Nunca encontrei alguém semelhante a você, Jane. Você me agrada e me domina... Parece submissa, e gosto do jeito dócil que transmite. Enquanto estou enrolando nos dedos esse fio suave e sedoso, ele traça um caminho pelo meu braço até o meu coração. Sou dominado e conquistado, um domínio mais doce do que posso expressar. E a conquista a que me submeto agora tem uma magia que está além de qualquer triunfo meu. Por que sorri, Jane? O que significa esse semblante inexplicável e misterioso?

– Estava pensando, senhor, (desculpe a minha ideia, foi involuntária), estava pensando em Hércules e Sansão, com suas feiticeiras...

– Você estava, sua pequena maligna...

– Silêncio, senhor! Não está sendo muito sábio agora, não mais do que aqueles dois cavalheiros. No entanto, se fossem casados, não haveria dúvida que seriam tão severos como maridos quanto foram ternos como pretendentes. E o senhor também, receio. Imagino o que vai me responder daqui a um ano, se eu lhe pedir algum favor que não lhe agrade ou não lhe convenha conceder.

– Peça-me alguma coisa agora, Jane... Qualquer coisa. Desejo que me peça...

– Pois vou pedir, senhor. Já tenho até o pedido pronto.

– Fale, então. Mas se me olhar ou sorrir desse modo, vou prometer concedê-lo antes mesmo de saber o que é, e isso vai me tornar um tolo.

– Absolutamente, senhor. Peço apenas isto: não mande buscar as joias, nem me coroe com rosas. Em vez disso pode ornar com rendas de ouro esse lenço simples que tem no bolso.

– Em vez disso posso dourar com ouro puro, sei disso. Seu pedido está concedido, por enquanto. Vou cancelar a ordem que mandei para o meu banqueiro. Mas você ainda não pediu nada, na verdade, apenas solicitou que um presente deixasse de ser concedido. Tente outra vez.

– Bem, senhor, então peço que satisfaça a minha curiosidade num ponto em que ela está muito excitada.

Ele pareceu perturbado.

– Qual? Qual? – perguntou, precipitadamente. – A curiosidade é perigosa. Ainda bem que não jurei conceder todos os seus pedidos.

– Mas não há perigo algum em conceder este, senhor.

– Fale, Jane. Mas preferia que, em vez de me fazer perguntas sobre algum possível segredo, pedisse a metade do meu patrimônio.

– Ora, Rei Ahasueros!^[1] O que eu faria com a metade dos seus bens? Acha que sou alguma usurária judia, procurando bons investimentos em terras? Preferia muito mais contar com toda a sua confiança. Vai deixar de confiar em mim, se me admitir no seu coração?

– Você tem de mim toda a confiança que merece, Jane. Mas, pelo amor de Deus, não pretenda carregar um peso inútil! Não procure por veneno... Não se torne nas minhas mãos uma Eva como as demais!

– Por que não? O senhor mesmo acaba de me dizer o quanto lhe agrada ser conquistado e persuadido. Não acha que é melhor que eu tire partido dessa confissão e comece logo a seduzi-lo – implorando, chorando, exigindo e fazendo birra, se necessário – apenas para testar o meu poder?

– Desafio você a experimentar. Passe dos limites, atreva-se a fazê-lo e o jogo está acabado.

– Está mesmo, senhor? Logo vai ceder. Como está sério agora! Suas sobrancelhas estão tão finas como o meu dedo, e sua testa parece o que se chama – numa interessante poesia que uma vez ouvi alguém referir – de “um céu carregado de trovões”. Será esse o seu modo de homem casado, senhor?

– E se esse for o *seu* olhar de casada, eu, como cristão, vou desistir bem depressa da ideia de casar-me com um mero fantasma ou uma salamandra. Mas o que quer pedir, sua coisinha? Diga logo...

– Bem, agora não está sendo educado, mas gosto muito mais da rudeza do que da lisonja. Prefiro ser uma *coisa* a ser um anjo. Eis o que quero perguntar: porque se deu a tanto trabalho para me fazer acreditar que queria se casar com Miss Ingram?

– Isso é tudo? Graças a Deus! Podia ser pior!

Então desfranziu as sobrelhas negras, olhou-me sorrindo e acariciou meu cabelo, como se ficasse feliz de ver um perigo afastado.

– Acho que devo confessar – continuou – mesmo que a deixe um pouco indignada, Jane. E sei o quanto seu espírito fica exaltado quando está indignada. Você se inflamou sob a fria luz do luar na noite passada, quando se rebelou contra o destino e declarou que éramos iguais. E, a propósito, Janet, foi você quem se declarou a mim.

– Claro que sim! Mas voltemos ao ponto, senhor... Miss Ingram!

– Bem, fingi cortejar Miss Ingram porque queria deixá-la tão apaixonada por mim como eu estava por você. E sabia que o ciúme seria o meu melhor aliado para atingir esse fim.

– Excelente! Agora se tornou pequeno... Menor até que a ponta do meu dedinho. Foi uma vergonha clamorosa e uma desgraça agir dessa forma. Não pensou nos sentimentos de Miss Ingram, senhor?

– Seus sentimentos concentram-se num só: orgulho. E o orgulho precisa de humildade. Ficou enciumada, Jane?

– Não importa, Mr. Rochester. Não existe interesse algum no senhor saber disso. Responda-me com sinceridade uma vez mais. Acha que Miss Ingram não sofreu com sua conquista desonesta? Não terá se sentido enganada e abandonada?

– Impossível. Eu já lhe contei como ela mesma me abandonou. A ideia de que eu estivesse falido esfriou, ou até extinguiu, a chama do seu amor na mesma hora.

– Tem uma mente curiosa e intrigante, Mr. Rochester. Tenho receio de que os seus princípios sejam um tanto excêntricos.

– Meus princípios não foram desenvolvidos, Jane. Podem ter crescido um tanto tortos, por falta de atenção.

– Mais uma vez, me responda sinceramente. Posso usufruir do grande bem que me foi concedido, sem temer que alguém esteja sofrendo a mesma amarga infelicidade que eu sofria tempos atrás?

– Pode com certeza, minha boa menina. Não há nenhum outro ser humano no mundo que tenha por mim um amor tão puro como o seu. Pois trago na alma essa agradável sensação, Jane: a crença no seu amor.

Voltei a cabeça e beijei a mão que repousava no meu ombro. Eu o amava muito – mais do que conseguia dizer – mais do que as palavras podiam exprimir.

– Peça alguma coisa mais. Gosto que me peçam, gosto de conceder.

Novamente eu tinha o pedido pronto.

– Comunique suas intenções a Mrs. Fairfax, senhor. Ela me viu com o senhor ontem à noite, no vestíbulo, e ficou chocada. Dê-lhe alguma explicação antes que eu torne a vê-la. Isso me faz sofrer, ser assim mal interpretada por uma pessoa tão boa.

– Vá para o seu quarto e coloque um chapéu – ele respondeu. – Quero que me acompanhe a Millcote esta manhã. Enquanto se prepara, vou esclarecer o entendimento da velha senhora. Será que ela pensa, Jane, que você renunciou totalmente ao amor?

– Acho que ela pensa que esqueci minha posição e a sua, senhor.

– Posição! Posição! Sua posição é no meu coração. E no cangote daqueles que ousarem insultá-la, agora ou no futuro. Vá!

Não demorei a me aprontar. Quando ouvi Mr. Rochester deixar a saleta de Mrs. Fairfax correr para lá. A velha senhora estava fazendo a sua leitura diária das Escrituras, a lição do dia. A Bíblia jazia aberta à sua frente, com os óculos por cima. Essa ocupação, suspensa pela visita de Mr. Rochester, parecia agora esquecida. Seus olhos, fixos na parede em frente, expressavam a surpresa de uma mente calma perturbada por notícias indesejadas. Ao me ver, levantou-se, fez um esforço para sorrir e disse algumas palavras de congratulações. Mas o sorriso fugiu-lhe dos lábios e a frase ficou por terminar. Ela colocou os óculos, fechou a Bíblia e afastou a cadeira.

– Estou tão espantada – ela começou – que mal sei o que lhe dizer, Miss Eyre. Acho que estive sonhando... Ou será que não? Às vezes, quando estou sentada sozinha, adormeço e imagino coisas que nunca aconteceram. Mais de uma vez, quando tive um desses cochilos, me pareceu que meu querido esposo, morto há mais de quinze anos, veio e sentou-se ao meu lado. E até mesmo me chamou pelo meu nome, Alice, como costumava fazer. Então pode me dizer se é verdade que Mr. Rochester pediu-a em casamento? Não se ria de mim, mas eu tenho quase certeza que ele entrou aqui há cinco minutos e me disse que dentro de um mês você será sua esposa.

– Ele me disse a mesma coisa – respondi.

– Disse!... E você acreditou nele? Aceitou sua proposta?

– Sim.

Ela me olhou desconcertada.

– Eu jamais imaginaria uma coisa dessas! Ele é um homem orgulhoso. Todos os Rochester eram orgulhosos: e o pai dele, pelo menos, gostava de dinheiro. E o próprio Mr. Rochester sempre foi considerado cuidadoso neste assunto. Então ele pretende se casar com você?

– Ele me garantiu que sim.

Ela me observou de alto a baixo. Percebi nos seus olhos que não encontrara em mim nenhum encanto suficientemente poderoso para solucionar o enigma.

– Isso ultrapassa a minha compreensão! – continuou Mrs. Fairfax. – Mas não há dúvida de que é verdade, se você o afirma. O que vai acontecer, realmente não sei. Nesses casos é sempre prudente que haja igualdade de posição e fortuna, pois há vinte anos de diferença entre vocês. Ele quase poderia ser seu pai.

– Não, realmente, Mrs. Fairfax! – exclamei, incomodada – Ele não parece meu pai! Ninguém que nos veja juntos pode imaginar tal coisa, nem por um instante. Mr. Rochester parece um jovem, e é tão jovem quanto um homem de vinte e cinco anos.

– É mesmo por amor que ele vai se casar com você? – ela perguntou.

Eu estava tão ferida pela sua frieza e ceticismo, que me vieram lágrimas aos olhos.

– Lamento magoá-la – continuou a viúva – mas você é tão jovem, não conhece nada dos homens. Desejo apenas alertá-la. Tem um velho ditado que diz: “nem tudo que reluz é ouro”. E neste caso, eu realmente temo que se acabe por descobrir alguma coisa muito diferente do que você e eu esperamos.

– Por quê? Sou algum monstro, por acaso? – eu disse. – Acha impossível que Mr. Rochester

tenha por mim uma afeição sincera?

– Não, você é muito boa. E melhorou muito, ultimamente. Creio que Mr. Rochester goste bastante de você. Sempre notei que você era um tipo de talismã para ele. Houve momentos em que, pela sua segurança, fiquei um pouco preocupada com a preferência que ele expressava. Desejei avisá-la para tomar cuidado, mas preferi não sugerir a possibilidade de algum erro. Sabia que tal ideia iria chocá-la, talvez ofendê-la. E você é tão discreta, perfeitamente modesta e sensível, que achei que saberia se proteger. Na noite passada, você não imagina o que sofri quando procurei pela casa toda e não a encontrei, nem ao patrão. E então, à meia-noite, vejo-a chegar com ele.

– Bem, isso não importa mais – interrompi, pacientemente. – O importante é que tudo está bem.

– Espero que tudo acabe bem – ela disse – mas acredite-me: nunca é demais ter cuidado. Tente manter Mr. Rochester à distância. Desconfie de você mesma, tanto quanto dele. Cavalheiros na posição dele não costumam casar-se com governantas.

Eu estava ficando cada vez mais irritada. Felizmente, Adele entrou correndo na sala.

– Leve-me, leve-me para Millcote, também! – ela exclamou. – Mr. Rochester não quer deixar, mesmo tendo lugar na carruagem nova! Peça para ele me deixar ir, mademoiselle.

– Vou pedir, Adele.

E apressei-me a sair com a menina, feliz de deixar a minha sombria conselheira. A carruagem estava pronta, e fora trazida para a frente da casa. Mr. Rochester estava na calçada, com Pilot a segui-lo de um lado a outro.

– Adele pode ir conosco, não é, senhor?

– Eu disse a ela que não. Não quero pirralhos! Quero só você.

– Deixe que ela vá, Mr. Rochester, por favor. Vai ser melhor.

– Não. Ela vai ser um estorvo!

Ele foi bastante incisivo, na voz e no olhar. O frio das advertências de Mrs. Fairfax e o desânimo das suas dúvidas se apossaram de mim. Minhas esperanças foram toldadas por alguma coisa irreal e incerta. Perdi um pouco do poder sobre ele. Estava a ponto de obedecê-lo maquinalmente, mas quando ele me ajudou a subir na carruagem olhou para o meu rosto.

– Qual é o problema? – perguntou. – Acabou-se toda a alegria. Deseja realmente que essa criança vá junto? Ficaré aborrecida se ela não for?

– Gostaria mais se ela fosse, senhor.

– Vá correndo buscar o seu chapéu, então! E volte rápido como um raio! – ele gritou para Adele.

Ela o obedeceu, tão rápido quanto pode.

– Afinal, uma única manhã interrompida não vai significar muita coisa – disse Mr. Rochester – quando estou perto de ter você – seus pensamentos, sua conversa, sua companhia – por toda a vida.

Assim que entrou Adele começou por beijar-me, para agradecer a minha intervenção, mas foi logo colocada num canto do outro lado, junto a ele. Depois ficou espiando o meu lugar. Aquele vizinho tão severo era uma restrição para ela. No humor em que ele estava, ela não ousava sussurrar um comentário ou pedir-lhe alguma informação.

– Deixe que ela se sente comigo – eu pedi – pois talvez o incomode, senhor. Há lugar bastante

neste lado.

Ele passou-a para o outro lado como se fosse um cãozinho de colo.

– Ainda a mando para a escola – ele disse, mas agora com um sorriso.

Adele ouviu-o e perguntou se iria mandá-la para a escola “sans mademoiselle” – sem a senhorita.

– Sim – ele disse. – Absolutamente “sans mademoiselle”! Vou levar mademoiselle para a lua, e lá vou procurar uma caverna num dos vales nevados entre os topos dos vulcões, onde ela viverá comigo, e só comigo.

– Ela não vai ter nada para comer. O senhor vai matá-la de fome – observou Adele.

– Vou recolher maná para ela, dia e noite. As planícies e montanhas da lua estão cobertas de maná, Adele.

– Ela precisa se aquecer. Como vai conseguir fazer uma fogueira?

– O fogo sobe das montanhas lunares. Quando ela sentir frio vou levá-la para o alto de uma montanha e acomodá-la junto de uma cratera.

– Oh! *Qu'elle y sera mal... peu confortable !* [2] E as suas roupas vão acabar se estragando. Como ela vai conseguir roupas novas?

Mr. Rochester fingiu estar confuso.

– Hum! – ele disse. – O que você faria, Adele? Puxe pela cabeça para achar um expediente. Talvez uma nuvem branca ou rosa sirva para fazer um vestido, não acha? E dá para fazer um bonito xale de um pedaço de arco-íris.

– Ela está muito melhor como está agora – concluiu Adele, depois de pensar um pouco. – Além disso, ela vai ficar cansada de viver só com o senhor na lua. Se eu fosse mademoiselle, nunca concordaria em ir.

– Ela já concordou. Deu a sua palavra.

– Mas o senhor não pode levá-la para lá. Não há estrada para a lua. É só ar, e nem o senhor nem ela podem voar.

– Adele, olhe aqueles campos.

Estávamos agora fora dos portões de Thornfield, rodando suavemente na estrada macia que levava a Millcote. A poeira fora assentada pela tempestade e as baixas sebes e altas árvores de cada lado cintilavam verdes e frescas da chuva.

– Naquele campo, Adele, eu estava caminhando uma noite, faz uns quinze dias... na noite daquele dia em que você me ajudou a fazer feixes de feno no pomar. Como eu estava cansado de amarrar o feno, sentei-me para descansar numa escadinha. Peguei um lápis e um caderninho e comecei a escrever sobre a infelicidade que me persegue há tanto tempo e desejei que viessem dias mais felizes. Eu escrevia muito depressa, enquanto a tarde caía, quando alguma coisa veio pela estrada e parou a dois metros de mim. Olhei para aquilo. Era uma coisa pequenina com um véuzinho muito fino na cabeça. Pedi que a aparição se aproximasse e ela veio até junto de mim. Nunca falou comigo, nem eu com ela, pelo menos em palavras. Mas li os seus olhos e ela leu os meus e nosso diálogo sem palavras foi assim:

– Ela me disse que era uma fada e vinha da Terra das Fadas. Sua missão era fazer-me feliz. Eu devia ir com ela para longe deste mundo comum até um lugar solitário – como a lua, por exemplo. Então

ela apontou para o crescente, brilhando sobre a colina de Hay. Contou-me da caverna de alabastro e do vale de prata onde poderíamos viver. Eu disse que gostaria de ir, mas lembrei-a, como você fez comigo, que não tinha asas para voar.

– “Oh!” disse a fada “isso não tem importância! Eis aqui um talismã que removerá todas as dificuldades”. E puxou um belo anel de ouro. “Ponha-o no quarto dedo da minha mão esquerda: então eu serei sua e você será meu. Deixaremos a terra e faremos nosso próprio céu naquele lugar.” E ela apontou de novo para a lua. O anel, Adele, está no meu bolso, sob o disfarce de uma moeda de ouro. Mas logo vou transformá-lo de novo em anel.

– Mas o que mademoiselle tem a ver com essa história? Não ligo para a fada. O senhor não disse que era mademoiselle que o senhor queria levar para a lua?

– Mademoiselle é uma fada – ele disse, sussurrando misteriosamente.

Então eu disse a Adele que não ligasse para os seus gracejos. Ela, por sua vez, manifestou um verdadeiro ceticismo francês. Disse que Mr. Rochester era “un vrai menteur” – um verdadeiro mentiroso. Assegurou-lhe que não fizera caso algum de seus “contes de fée” – contos de fadas, e disse-lhe que “além disso, as fadas não existem. E se existissem, tinha certeza que nunca apareceriam para ele, muito menos lhe dariam anéis ou se ofereceriam para viver com ele na lua.”

A hora que passamos em Millcote foi um tanto aflitiva para mim. Mr. Rochester obrigou-me a ir até uma loja de sedas e me ordenou que escolhesse meia dúzia de vestidos. Não gostei e implorei para que adiasse a compra. Não... teria que ser agora. Por meio de súplicas enérgicas, sussurradas ao seu ouvido, consegui reduzir a meia dúzia a dois. Mas então ele jurou-me que esses seriam escolhidos por ele. Tomada de ansiedade, observei seus olhos passearem pelos coloridos mostruários. Fixou-se numa rica seda num tom de ametista brilhante e num soberbo cetim cor-de-rosa. Numa nova série de cochichos, disse-lhe que podia até comprar-me um vestido de ouro e um chapéu de prata, que eu certamente não os usaria. Com enorme dificuldade, pois ele era teimoso como uma pedra, convenci-o a fazer uma troca por um sóbrio cetim preto e uma seda cinza-pérola.

– Por essa vez passa – ele disse. – Mas ainda hei de vê-la brilhando como um canteiro florido.

Fiquei feliz de arrastá-lo para fora da loja de sedas e depois para fora da joalheria: quanto mais ele me comprava coisas, mais as minhas faces queimavam numa sensação de contrariedade e humilhação. Quando voltamos para a carruagem e me sentei, febril e exausta, lembrei-me de algo que eu havia esquecido inteiramente, na sucessão de acontecimentos escuros e brilhantes: a carta do meu tio John Eyre para Mrs. Reed, e sua intenção de me adotar e fazer de mim sua herdeira.

“Seria um alívio” pensei “se eu tivesse alguma independência, mesmo que pequena. Nunca aceitarei ser vestida como uma boneca por Mr. Rochester, ou sentar-me como uma segunda Danae, com uma chuva de ouro caindo diariamente sobre mim. Vou escrever para o meu tio na ilha da Madeira assim que chegar em casa, contando que vou me casar e com quem. Se eu tiver a perspectiva de um dia ser dotada com alguma fortuna, poderia suportar melhor ser mantida por ele no momento.”

Um tanto aliviada por essa ideia (que não deixei de executar naquele mesmo dia), aventurei-me a fitar novamente os olhos do meu patrão e meu amado, que buscavam os meus com persistência, pois eu desviara a face e o olhar. Ele sorriu. Achei que seu sorriso parecia o de um sultão que, num momento de adoração e felicidade, derrama sobre uma escrava seu ouro e suas pedras preciosas. Apertei-lhe vigorosamente a mão, que buscava a minha, e a devolvi vermelha pelo raivoso apertão.

– Não precisa me olhar desse modo! – eu disse. – Se o fizer, vou vestir apenas os meus

uniformes de Lowood até o fim dessa história. Vou me casar com este vestidinho de algodão lilás. O senhor pode fazer um roupão para si mesmo com a seda cinza-pérola, e uma série infinita de coletes com o cetim preto.

Ele deu um risinho e esfregou as mãos.

– Oh, não é maravilhoso vê-la e ouvi-la? – ele exclamou. – Ela não é mesmo original? Não é mesmo atrevida? Eu nunca trocaria esta garotinha inglesa por todo o serralho de Grão-Turco, com seus olhos de gazela, suas formas exuberantes e tudo o mais!

A alusão ao oriente picou-me de novo.

– Eu não o suportaria nem por um minuto, num local como um serralho! – eu disse. – Portanto não me considere igual a uma escrava. Se procura algo desse gênero, senhor, vá sem demora a algum bazar de Istambul e gaste numa grande compra de escravas esse dinheiro que parece tão disposto a gastar aqui!

– E o que fará, Jane, enquanto estou negociando tantas toneladas de carne e tal sortimento de olhos negros?

– Estarei me preparando para partir como missionária e pregar a liberdade para as escravas... entre elas as habitantes do seu harém. Arranjaria um modo de entrar lá e começaria um motim. E o senhor, como um fantástico paxá, acabaria acorrentado nas nossas mãos. Não consentiria em cortar suas amarras antes que assinasse uma carta de direitos, a mais liberal que um déspota jamais assinou!

– E eu concordaria em ficar à sua mercê, Jane.

– Não teria misericórdia, Mr. Rochester, se pedisse por ela com um olhar como este de agora. Enquanto me olhasse dessa maneira teria certeza que, não importa a carta de direitos que assinasse sob coação, seu primeiro ato, quando liberto, seria violar as suas condições.

– O que há com você, Jane? Receio que vá me obrigar a fazer uma cerimônia de casamento privada, além daquela que se realizará no altar. Vejo que exigirá coisas bem peculiares... Quais seriam elas?

– Quero apenas uma consciência tranquila, senhor, não oprimida por enormes favores. Lembre-se do que disse de Celine Varens? Sobre os diamantes e roupas finas que lhe deu? Não vou ser a sua Celine Varens inglesa. Continuarei sendo a governanta de Adele: com isso ganharei meu sustento e meu teto, além de trinta libras por ano. Comprarei as minhas roupas com o meu próprio dinheiro, e o senhor não precisa me dar nada além...

– Além do quê, Jane?

– Do seu afeto. E se em troca eu lhe der o meu, o débito estará quitado.

– Bem, para esse descaramento tão frio e esse orgulho tão puro, que nasceram com você, vejo que não tem igual! – ele disse.

Estávamos nos aproximando de Thornfield e, ao cruzamos os portões, Mr. Rochester indagou:

– Gostaria de jantar comigo esta noite?

– Não, obrigada, senhor.

– E por que responde “não, obrigada”, se é que posso perguntar?

– Nunca jantei com o senhor, e não vejo razão para fazê-lo agora, até que...

– Até que o quê? Você adora meias palavras...

– Até que eu não possa evitar.

– Então acha que me alimento como um ogro, ou como um ser grotesco, e tem medo de ser minha companheira no jantar?

– Não tenho opinião formada a esse respeito, senhor. Mas gostaria de continuar como estou durante mais um mês.

– Deve desistir de ser uma governanta, de uma vez por todas.

– De fato. Mas, perdoe-me, senhor: não vou desistir. Quero continuar como antes. Ficarei longe do senhor durante todo o dia, como me acostumei a fazer. Pode chamar-me depois do jantar, se tiver disposição de me ver, e então irei. Mas não em outra hora.

– Preciso de um charuto, ou então de uma pitada de rapé, para me confortar de tudo isso. “Pour me donner une contenance” – para aliviar o espírito – como diria Adele. Infelizmente não tenho comigo nem a minha charuteira nem a caixinha de rapé. Mas escute... (sussurrando) Você ganhou essa, pequena tirana, mas a próxima será minha. E quanto eu a tiver devidamente amarrada – na saúde e na doença – vou, para falar em sentido figurado, atá-la a uma corrente como esta (tocando a corrente do relógio). Sim, sua coisinha bonita, vou usá-la no meu bolso, para não perder a minha joia.

Mr. Rochester disse isso ao me ajudar a descer da carruagem. Enquanto fazia o mesmo com Adele, entrei na casa e retirei-me para o andar de cima.

À noite fui chamada pontualmente à sua presença. Eu havia preparado algo para que ele se ocupasse, pois não desejava passar o tempo todo numa conversa *tête-à-tête*. Lembrei-me da sua bela voz e sabia que ele gostava de cantar – os bons cantores geralmente gostam. Eu não era vocalista e, no seu exigente julgamento, nem sequer era musicista. Mas gostava de ouvir quando o desempenho era bom. Logo que o crepúsculo – essa hora romântica – começou a estender seu manto azul e estrelado sobre a casa, levantei-me, abri o piano, e supliquei-lhe que cantasse, pelo amor de Deus. Ele disse que eu era uma feiticeira caprichosa e que preferia cantar em outra ocasião. Mas eu afirmei que nenhuma hora era melhor do que o momento presente.

– Gosta da minha voz? – ele perguntou.

– Muito.

Não me agradava adular aquela sua vaidade tão suscetível. Mas desta vez, por razões de conveniência, eu até mesmo a incensei e incentivei.

– Então, Jane, deve acompanhar-me ao piano.

– Muito bem, senhor, vou tentar.

Tentei, mas fui logo arrancada do banquinho e chamada de “pequena incompetente”. Puxando-me sem cerimônia para o lado – que era o que eu pretendia – ele tomou meu lugar e passou a fazer seu próprio acompanhamento. Tocava tão bem quanto cantava. Apressei-me a sentar no recesso junto à janela. E enquanto ficava ali olhando as árvores tranquilas e o jardim sombrio, o ar foi preenchido com os doces tons de uma melodia:

O verdadeiro amor que um coração

Sente queimar no seu íntimo

*Corre em cada veia, em rápida explosão
Como onda que enfim se derrama.*

*Tua chegada era a minha esperança
Era meu terror tua partida
O acaso que atrasava os teus passos
Era gelo a correr por minhas veias.*

*Sonhava com a ventura indizível
De amar e ser amado
E por essa felicidade procurei
Entregue à cegueira e ao desespero.*

*Mas entre as nossas duas vidas
A distância era ampla e intransitável
E perigosa como as espumas
Das verdes tempestades do mar.*

*E assombrado como a trilha de um ladrão
Pelos desertos e florestas
Pois o Poder e o Direito, a Desgraça e a Fúria
Espreitavam nossas almas.*

*Afrontei perigos, desdenhei obstáculos,
Desafiei presságios
E transpus impetuosamente
O que fosse ameaça, interferência, aviso.*

*Meu arco-íris, rápido e fulgurante moveu-se
E como num sonho, voei
Glorioso ergueu-se à visão
O começo da Chuva e da Luz.*

*Ainda brilhante entre turvas nuvens
Reluz, suave e solene, essa alegria
Nem me importa agora, se são intensas e amargas
As desgraças que a noite traz.*

*Nada me importa nesse doce momento
Embora o que conquistei tenha perdido
Amputado, forte e rápido
Proclamando uma vingança pungente.*

*Ainda que o soberbo Ódio em explosão
Venha de mim acercar-se
E o opressivo Poder, com seu furioso olhar
Jure-me uma guerra sem fim.*

*Meu amor pousou sua pequenina mão
Na minha, com nobre confiança
E jurou que o sagrado laço do matrimônio
Unirá nossos espíritos.*

*Meu amor jurou, selando com um beijo,
Comigo viver, comigo morrer.
Tive afinal minha ventura indizível
De ser amado... como amo.*

Ele levantou-se e veio ao meu encontro. Vi seu rosto todo iluminado, seus olhos de falcão brilhando intensamente, e a ternura e a paixão em cada um dos seus traços. Por um momento cedi... e então me controlei. Não queria cenas de romance, nem demonstrações ousadas. E corria perigo de ambas as coisas. Devia preparar uma arma de defesa, e afiei a língua. Quando ele chegou junto a mim, perguntei-lhe asperamente:

– E com quem esse cantor pretende se casar?

– Esta é uma pergunta bem estranha para ser feita pela querida Jane.

– Acha mesmo? Considero a pergunta muito natural e necessária: ele fala da futura esposa morrendo com ele. O que significa essa ideia tão pagã? Não tenho a menor intenção de morrer com o senhor, pode contar com isso!

– Ah! Tudo o que ele desejava, tudo o que pedia, era que ela vivesse com ele! A morte não é para alguém como eu!

– Certamente. Tenho tanto direito de morrer quando chegar a minha hora, quanto o senhor também tem ao chegar a sua. Mas quero viver plenamente até esse momento, e não ser apressada como a viúva que se joga na pira funerária.

– Posso perdoar a ideia egoísta e provar o meu perdão com um beijo de reconciliação?

– Não. Peço que me perdoe.

Nesse ponto ele me taxou de “coraçãozinho de pedra” e acrescentou:

– Qualquer outra mulher derreteria até a medula, ao ouvir tais versos cantados em sua homenagem.

Assegurei-lhe que eu era dura por natureza, muito áspera, e que ele muitas vezes acharia isso. Também lhe disse que estava determinada a mostrar-lhe as diversas arestas do meu caráter, antes que se esgotassem aquelas quatro semanas. Ele devia saber bem que negócio tinha feito, enquanto ainda era tempo de desfazê-lo.

– Quer ficar calma e falar racionalmente?

– Ficarei quieta se me pedir. Quanto a falar racionalmente, acredito que estou fazendo isso agora.

Ele irritou-se, manifestou seu desprezo e ficou amuado.

“Muito bom” pensei. “Pode se irritar e ficar espumando o quanto quiser, mas esta é a melhor maneira de tratá-lo, tenho certeza. Amo-o mais do que posso dizer, mas não vou me envolver num melodrama. E com essas agulhadas engenhosas, eu o mantenho distante da beira do abismo também. Além disso, conservar essa distância entre nós dois só pode nos levar a vantagens mútuas.”

Um pouco aqui e ali, acabei por conduzi-lo à mais completa irritação. Então, quando ele se retirou indignado para o outro lado da sala, levantei-me dizendo da maneira mais natural e respeitosa:

– Desejo-lhe boa-noite, senhor.

Escapei pela porta lateral e fui embora.

Este sistema, que começou assim, continuou durante todo o tempo do noivado. E com amplo sucesso. Ele se tornou aborrecido e irritável, mas, no geral, vi que se entretinha bastante. Uma disposição submissa de cordeiro, ou a suavidade de uma pomba, teriam satisfeito sua vontade e senso comum e até agradado mais ao seu gosto, mas encorajariam seu despotismo.

Na presença de outras pessoas eu era, como antes, respeitosa e quieta. Nenhuma outra linha de conduta seria adequada. Apenas nos nossos encontros noturnos eu o afligia e o frustrava dessa maneira. Ele continuou a chamar-me pontualmente às sete da noite. Mas agora, quando eu aparecia diante dele, não usava mais os termos “amor” nem “querida”. As melhores palavras à minha disposição eram “bonequinha irritante”, “fada maliciosa”, “assombração” e “criança malcriada”. Em vez de carícias, eu agora recebia caretas. Por um aperto de mão, dava-me um beliscão no braço; por um beijo no rosto, um puxão de orelhas. Estava tudo bem: nesse momento eu preferia essas demonstrações violentas a algo mais terno. Percebi que Mrs. Fairfax aprovava a minha conduta: sua ansiedade em relação a mim desaparecera. Então tive certeza que agia bem. Nesse meio tempo, Mr. Rochester afirmava que eu o estava deixando em pele e osso, e que tramava uma terrível vingança que teria lugar muito em breve. Ri interiormente das suas ameaças. E refleti: “Agora posso mantê-lo sob razoável controle. E não há dúvida de que sou capaz de fazê-lo no futuro: se um expediente perde a força, é preciso lançar mão de outro.”

Ainda assim, minha tarefa não era fácil. Muitas vezes eu preferia agradá-lo a irritá-lo. Meu futuro marido estava se tornando todo o meu mundo. Mais do que o meu mundo: minha visão do paraíso. Ele se interpunha entre mim e os meus princípios religiosos, como o eclipse se interpõe entre o homem e a plenitude do sol. Naqueles dias, eu não podia ver Deus na sua criatura, pois havia feito dela um ídolo.

[1] Nome dado ao rei dos persas, Xerxes, na Bíblia hebraica do século XIX – Livro de Ester.

[2] Em francês no original: “Ela vai ficar muito mal, pouco confortável”

CAPÍTULO 25

O mês de noivado logo passou, e suas últimas horas foram contadas uma a uma. Não havia como postergar aquele dia que se aproximava: o dia do casamento. Tudo estava pronto, nem eu tinha mais nada a fazer. Minhas bagagens estavam prontas, empacotadas, trancadas e amarradas, no corredor do meu pequeno quarto. Amanhã, a esta hora, estariam viajando para Londres, assim como eu... Ou melhor, não eu, mas Jane Rochester, uma pessoa que me era estranha. Faltava apenas pregar na bagagem os cartões de endereço. Estavam na gaveta, quatro pequenos quadrados. O próprio Mr. Rochester havia escrito o endereço em cada um: “Mrs. Rochester – Hotel... – Londres”. Eu não conseguira colocá-las, nem permitira que alguém o fizesse. Mrs. Rochester! Ela não existia: só nasceria na manhã seguinte, um pouco depois das oito horas. E antes de designar-lhe todas aquelas propriedades, iria esperar para ver se ela nascia com vida. Já era suficiente que, no guarda-roupa em frente à penteadeira, algumas roupas destinadas a ela houvessem substituído o meu antigo uniforme preto de Lowood e meu chapéu de palha. Pois não me pertenciam aqueles trajes de casamento: nem o vestido cor de pérola, nem o vaporoso véu que pendia do armário usurpado. Fechei-lhe a porta para esconder seu conteúdo estranho e spectral. Naquela hora da noite – nove horas – tinham um brilho ainda mais fantasmagórico nas sombras que envolviam o quarto. Pensei: “Vou deixá-lo sozinho, sonho branco! Tenho febre. Ouço o vento rugindo, vou sair para senti-lo.”

Não fora apenas a agitação dos preparativos que me deixara febril. Nem a expectativa daquela grande mudança, a vida nova que devia começar no dia seguinte. As duas coisas tinham sua participação, sem dúvida, naquela intranquilidade e agitação que me impeliam em direção aos campos escuros numa hora tão tardia. Mas havia uma terceira causa, que influenciara o meu espírito mais do que as outras.

Havia no meu coração um estranho pressentimento. Acontecera algo que eu não conseguia compreender. Ninguém vira ou ouvira falar do acontecimento, a não ser eu mesma. Fora na noite passada, quando Mr. Rochester estava ausente. E ele ainda não retornara. Viajara a negócios para uma pequena propriedade que possuía a cerca de cinquenta quilômetros, constituída de duas ou três fazendas, e que exigiam sua presença antes que partisse para Londres. Eu estava esperando a sua volta, ansiosa para aliviar minha mente e obter dele a explicação para aquele enigma que me deixava perplexa. Espere até que ele volte, leitor, e então, quando eu revelar meu segredo a ele, você o conhecerá.

Procurei pelo pomar, conduzida pelo vento que durante todo o dia rugira fortemente, vindo do sul, sem contudo trazer uma gota de chuva. Ao invés de amainar enquanto a noite avançava, parecia aumentar de intensidade e rugir ainda mais forte. As árvores se curvavam todas para um lado, sem conseguir endireitar-se, tão forte era a corrente que as empurrava para o norte. Enormes massas de nuvens se moviam rapidamente de um pólo a outro. Nem uma nesga de céu azul era visível nesse dia de julho.

Foi com certo prazer selvagem que corri contra o vento, despejando a inquietação da minha mente naquela corrente trovejante de ar que se dissipava no espaço. Descendo a alameda de loureiros, cheguei às ruínas do castanheiro. Ainda estavam de pé, negras e rachadas. O tronco, fendido ao meio, rangia de um modo medonho. As metades partidas não se separaram, pois a base firme e as raízes fortes as mantiveram unidas embaixo. Mas a vitalidade fora destruída: a seiva não mais podia fluir. Os ramos de cada lado estavam mortos, e na próxima tempestade de inverno cairiam no chão. Como estavam agora, entretanto, podia se dizer que formavam uma árvore – era uma ruína, mas uma ruína inteira.

“Fizestes bem de vos segurar um no outro” eu disse, como se os galhos mortos fossem entes vivos e pudessem me ouvir. “Acho que, mesmo feridos e queimados como estão, deve haver um pouco de vida em vós, vinda dessas honestas raízes em que estão presos... Nunca mais terão folhas, nunca mais verão os pássaros fazerem ninhos nem cantar idílios nos seus ramos. Acabou-se o tempo do prazer e do amor, mas não estais tristes. Cada um de vós tem um companheiro para apoiá-lo na desventura.” Quando olhei para os galhos, a lua apareceu por alguns momentos naquela parte do céu que ficava acima deles. Seu disco era vermelho como sangue, e meio encoberto pelas nuvens. Pareceu lançar-me um olhar confuso e sombrio, e depois enterrou-se novamente na massa de nuvens. Por um instante, o vento diminuiu ao redor de Thornfield. Mais além, no entanto, sobre os bosques e as águas, derramava-se um lamento selvagem e melancólico. Era muito triste de ouvir, e fugi novamente.

Parei algumas vezes no pomar, juntando as maçãs que estavam espalhadas pela grama, ao redor das árvores. Comecei a separar as maduras das verdes. Levei-as para a casa e coloquei-as na despensa. Então fui até a biblioteca para ver se o fogo estava aceso, pois, mesmo sendo verão, sabia que num dia nublado como esse Mr. Rochester gostaria de ver um belo fogo quando retornasse. Sim, a lareira fora acesa e o fogo crepitava. Coloquei sua poltrona perto da lareira e arrastei a mesa para junto dela. Baixei a cortina e deixei os candeeiros prontos para serem acesos. Mais agitada do que antes, após ter completado esses arranjos, não conseguia sentar-me quieta, nem mesmo ficar na casa. Um pequeno relógio no cômodo e o velho carrilhão do saguão bateram simultaneamente as dez.

“Como está tarde!” pensei. “Vou até os portões. A lua cheia brilha de vez em quando, e posso ver um bom pedaço da estrada. Ele deve estar vindo, e encontrá-lo lá vai me poupar alguns minutos de ansiedade.”

O vento uivava forte nas grandes árvores que ladeavam os portões. Mas a estrada, tanto quanto pude ver, à direita e à esquerda, estava deserta e solitária. Fora as sombras de nuvens que a cruzavam a intervalos, não se via nada além de uma longa e pálida faixa, sem uma forma que se movesse.

Uma lágrima pueril veio-me aos olhos: lágrima de impaciência e desapontamento. Envergonhada, enxuguei-a. Eu me demorava. A lua escondeu-se inteira no seu leito e baixou sua cortina de densas nuvens. A noite ficou mais escura e a chuva desabou intensa, açoitada pela ventania.

“Quem dera se ele viesse! Quem dera se ele viesse!” exclamei, tomada por presságios hipocondríacos. Esperava sua chegada desde a hora do chá e já estava escuro. O que o estava detendo? Será que houvera algum acidente? O evento da noite passada veio novamente à minha lembrança. Interpretei-o como um aviso de desgraça. Temia que as minhas esperanças fossem brilhantes demais para se realizar. E que, tendo sido tão feliz ultimamente, minha felicidade já houvesse alcançado seu ponto culminante, e agora começasse a declinar.

“Bem, não posso voltar para a casa” pensei “Não posso nem sentar-me junto ao fogo, enquanto ele está lá fora com esse tempo inclemente. Melhor cansar as pernas que angustiar o coração. Vou encontrá-lo lá na frente.”

Saí. Caminhava depressa, mas não fui longe. Não tinha andado nem quatrocentos metros quando ouvi o rumor de cascos. Um cavaleiro se aproximava, a pleno galope. Havia um cão ao seu lado. Meus maus pressentimentos se foram! Era ele: ali estava, montando Mesrour e acompanhado de Pilot. Ele me viu, pois a lua havia aberto um campo azul no céu e ali brilhava como cristal. Ele tirou o chapéu e agitou-o sobre a cabeça. Então corri ao seu encontro.

– Venha! – ele exclamou, enquanto esticava a mão e se inclinava na sela. – Não pode ir sem

mim, é claro. Apoie o pé na minha bota e me dê as duas mãos. Monte!

Obedeci. A alegria me tornava ágil. Saltei para a sela. Recebi um caloroso beijo de boas vindas e orgulhosos elogios, que engoli tão bem como pude. Ele controlou a exultação para perguntar:

– Está havendo alguma coisa, Jane, para vir me encontrar a esta hora? Há algo errado?

– Não, mas me parecia que nunca mais ia voltar. Não consegui esperá-lo na casa, ainda mais com essa chuva e vento!

– Chuva e vento! É verdade! E você está molhada como um pinto. Embrulhe-se na minha capa. Acho que está febril, Jane! Seu rosto e suas mãos estão queimando. Torno a perguntar: há algo errado?

– Agora não. Não estou mais com medo nem infeliz.

– Então já estive sentindo as duas coisas?

– Bastante. Mas vou contar-lhe tudo aos poucos, senhor. E creio que vai apenas rir-se dos meus temores.

– Vou rir alegremente quando se passar o dia de amanhã. Até lá não ousarei fazê-lo. Meu prêmio ainda não está assegurado. E é você, Jane. Quem andou escorregadia como uma enguia no último mês, e tão espinhosa como uma rosa silvestre? Eu não podia tocar com o dedo em lugar algum que era logo picado. E agora parece que acolhi nos braços uma ovelhinha desgarrada. Você deixou o aprisco para sair em busca do seu pastor, não foi, Jane?

– Queria o senhor, mas não se envaideça. Chegamos a Thornfield, deixe-me apear.

Mr. Rochester pousou-me na calçada. Enquanto John pegava o cavalo e ele me seguia no vestíbulo, pediu-me que vestisse roupas secas e voltasse para encontrá-lo na biblioteca. Quando eu estava na escada, fez-me parar e prometer que não me demoraria. Não me demorei. Em cinco minutos voltei e encontrei-o ceando.

– Sente-se e faça-me companhia, Jane. Queira Deus que esta seja a penúltima refeição que fará em Thornfield, por um longo tempo.

Sentei-me junto a ele, mas disse-lhe que não conseguia comer.

– É porque tem uma longa viagem pela frente, Jane? É a perspectiva de ir a Londres que lhe tira o apetite?

– Não posso ver claramente minhas perspectivas esta noite, senhor. Mal sei dizer quais os pensamentos que tenho na mente. Tudo me parece tão irreal!

– Exceto eu, que sou bastante substancial. Toque-me!

– O senhor é o mais irreal de todos: é apenas um sonho.

Ele estendeu sua mão, rindo, e colocou-a diante dos meus olhos.

– Então, isto é um sonho? – disse.

Tinha uma mão maciça, musculosa e forte, assim como um braço longo e vigoroso.

– Sim, mesmo tangível, ainda é um sonho – eu disse, enquanto a afastava do meu rosto. – Já terminou de cear, senhor?

– Sim, Jane.

Toquei o sino e mandei que retirassem a bandeja. Quando ficamos de novo sozinhos, aticei o

fogo e sentei-me numa banqueta aos pés do meu patrão.

– É quase meia-noite – eu disse.

– Sim, Jane. Mas lembre-se que prometeu velar comigo na véspera do meu casamento.

– Prometi. E vou manter a minha promessa, ao menos por uma ou duas horas. Não tenho vontade de me deitar agora.

– Já preparou tudo para a viagem?

– Sim.

– Da minha parte também está tudo pronto – ele respondeu. – Já organizei tudo. Vamos deixar Thornfield amanhã, meia hora depois que voltarmos da igreja.

– Muito bem, senhor.

– Com que extraordinário sorriso você diz esse “muito bem”, Jane! Suas faces estão coradas e os olhos têm um brilho estranho! Você está bem?

– Acho que sim.

– Acha? Qual é o problema? Diga-me o que está sentindo.

– Não posso, senhor. Não há palavras para descrever o que sinto. Gostaria que essa hora nunca tivesse fim. Quem sabe o que nos reserva a hora seguinte?

– Isso é hipocondria, Jane. Você está superexcitada, ou muito fatigada.

– E o senhor? Está calmo e feliz?

– Calmo? Não! Mas feliz, sim. De todo o coração.

Olhei-o, para ver os sinais dessa felicidade no seu rosto. Estava ardente e corado.

– Faça-me a sua confiança, Jane – ele disse. – Alivie a sua mente e divida esse peso comigo. Do que tem medo? Que eu não seja um bom marido?

– Essa é a última ideia que passa pela minha mente.

– Está preocupada com o novo círculo a que vai pertencer? Com a nova vida que a espera?

– Não.

– Você me confunde, Jane. O seu olhar e esse tom de pesarosa coragem me deixam perplexo e triste. Quero uma explicação.

– Então, escute, senhor. Esteve fora de casa a noite passada?

– Estive. Já sei. Você insinuou há pouco que aconteceu alguma coisa na minha ausência. Não deve ter sido nada de importância, mas em todo caso perturbou-a. Conte-me o que foi. Mrs. Fairfax disse alguma coisa, talvez? Ou você ouviu a conversa dos criados? Seu amor-próprio, tão sensível, foi ferido de alguma forma?

– Não, senhor.

Soaram as doze horas. Esperei até que o pêndulo cessasse o seu bater vibrante e claro. Então, prossegui:

– Durante todo o dia de ontem estive muito atarefada e muito feliz com essa ocupação incessante. Não estou perturbada por nenhum temor a respeito do novo círculo a que vou pertencer, como o senhor pensa. Acho maravilhoso poder viver com o senhor, porque o amo. Não, não me acaricie agora,

deixe-me terminar. Ontem eu confiava na Providência, e acreditava que os acontecimentos estavam trabalhando juntos para a minha felicidade e a sua. Deve lembrar-se que o dia estava bonito, e a beleza do ar e do céu me deixaram tranquila quanto à segurança e conforto da sua jornada. Caminhei um pouco pela calçada depois do chá, pensando no senhor. Sentia-o tão perto na minha imaginação, que mal dava pela falta da sua presença. Pensei na vida que estava diante de mim – a *sua* vida, senhor – uma vida mais aberta e mais movimentada do que a minha. Como são as águas profundas do mar em que deságua o rio, comparadas ao canal estreito por onde ele corre. Pergunto-me por que os moralistas chamam esse mundo de vastidão sombria: para mim ele é florido como um jardim de rosas. Ao pôr do sol, o tempo ficou nublado e frio. Então entrei. Sophie chamou-me para ver o meu vestido de noiva que acabara de chegar. E dentro da caixa achei o seu presente, aquele véu que o senhor, na sua extravagância principesca, mandou vir de Londres. Decerto para fazer-me aceitar alguma coisa mais cara, uma vez que rejeitei as joias. Sorri ao desembulhá-lo, pensando em quanto iria importuná-lo por ter gostos tão aristocráticos, e por seus esforços em disfarçar a sua noiva plebeia nos atributos de uma fidalga. Pensei em como estaria abaixo do senhor o véu simples e sem rendas que eu havia preparado para cobrir minha cabeça humilde. Perguntei-me se não era bom o suficiente para uma mulher que não podia trazer ao marido nem fortuna, nem beleza, nem relações familiares. Vi claramente o seu olhar e ouvi suas respostas impetuosas e democráticas, sua orgulhosa negação da necessidade de aumentar sua fortuna ou elevar sua posição, casando-se com um dote ou uma fidalga.

– Como você me compreende bem, sua feiticeira! – interrompeu Mr. Rochester. – Mas o que foi que viu no véu além dos bordados? Havia veneno, ou uma adaga, a ponto de você parecer tão desolada?

– Não, não, senhor. Além da riqueza e delicadeza do tecido, só vi o orgulho dos Fairfax Rochester. Não me assustei com isso, pois já estou acostumada com a visão do diabo em pessoa. Mas, quando escureceu, o vento começou. Ventou muito a noite passada, não como está ventando agora, alto e forte, mas com um som triste e lastimoso, longínquo e assustador. Desejei que estivesse em casa. Vim para esta sala, e a visão da cadeira vazia e da lareira sem fogo enregelou-me. Fui para a cama e, por algum tempo, não consegui adormecer. Estava angustiada, com uma sensação de ansiedade. A ventania parecia abafar um outro som mais baixo, como um lamento. Se era na casa ou fora dela, não pude distinguir a princípio – mas ele voltava, ainda mais triste, a cada trégua do vento. Afinal achei que era algum cão latindo à distância. Fiquei contente quando parou. Quando dormi, levei para os sonhos a imagem daquela noite escura e tempestuosa. Desejei estar com o senhor, e experimentei a estranha e pesadosa sensação de que havia uma barreira nos separando. Durante todo o meu primeiro sono, seguia as curvas de uma estrada desconhecida. A escuridão me envolvia, a chuva fustigava-me. Eu carregava uma criança. Era uma criatura febril, muito pequena e fraca para andar, que tremia nos meus braços frios e chorava lamentosamente no meu ouvido. O senhor também ia por essa estrada, mas estava bem à minha frente. Apressei o passo para alcançá-lo, e fiz esforços e mais esforços para chamar seu nome e pedir-lhe que parasse. Mas os meus movimentos eram refreados e minha voz morria inarticulada, enquanto o senhor se afastava cada vez mais.

– E ainda sente o pavor desses pesadelos, Jane, agora que estou ao seu lado? Minha pequena nervosa! Esqueça essas desgraças imaginárias e pense apenas na felicidade real. Você disse que me ama, Jane. Sim.. Não vou me esquecer disso. Nem você pode negá-lo. *Essas* palavras não morreram inarticuladas nos seus lábios. Eu as ouço claramente, um pouco solenes, talvez, mas doces como música: “Acho que é uma coisa abençoada ter a esperança de viver ao seu lado, Edward, porque o amo.” Você me ama, Jane? Repita isso.

– Amo, senhor. Amo com todo o meu coração.

– Bem – disse ele, depois de alguns minutos de silêncio – é estranho, mas essa sua frase penetrou dolorosamente no meu peito. Por quê? Acho que foi porque você disse isso com uma espécie de energia séria e religiosa, e porque o olhar que agora me dirige é de fato sublime em confiança, honestidade e dedicação. É como se um espírito estivesse perto de mim. Seja malvada, Jane, como sabe fazer tão bem! Dê um daqueles sorrisos irritantes, provocadores e desconfiados. Diga que me odeia, provoque-me, atormente-me. Faça qualquer coisa, mas não me deixe em paz. Prefiro sentir raiva a tristeza.

– Vou provocá-lo e importuná-lo até o fundo do coração, quando terminar de contar-lhe a minha história. Mas ouça até o fim.

– Pensei que tivesse contado tudo, Jane. Achei que o sonho tinha sido o motivo da sua melancolia.

Sacudi a cabeça negativamente.

– Quê? Tem mais, então? Mas não creio que seja algo importante. Aviso-a, antecipadamente, que não acreditarei. Continue.

Sua aparência inquieta, e as maneiras um tanto apreensivas e impacientes, me surpreenderam. Continuei mesmo assim.

– Sonhei outra coisa, senhor: que Thornfield Hall era uma ruína sombria, refúgio de morcegos e corujas. Sonhei que, de toda a majestosa frente da casa, nada mais restava a não ser uma parede, bastante alta e parecendo muito frágil. Era uma noite de luar, e eu vagava nos cômodos cobertos de capim, tropeçando aqui e ali num mármore de lareira ou no fragmento de uma cornija caída. Ainda tinha nos braços a criança desconhecida, envolta num xale. Não podia largá-la em lugar nenhum, apesar dos meus braços estarem cansados. Mesmo que seu peso atrasasse a minha marcha, devia retê-la. Ouvi o galope de um cavalo na estrada, ao longe. Tinha certeza que era o senhor, que partia por muitos anos para um país muito distante. Galguei a parede com uma pressa frenética e perigosa, ansiosa por vê-lo ainda, lá do alto. As pedras rolavam sob os meus pés. Eu abria caminho por entre os ramos de hera, e a criança agarrava-se ao meu pescoço em desespero, quase me estrangulando. Por fim cheguei ao topo. Avistei-o como um ponto longínquo na estrada branca, tornando-se cada vez mais diminuto. O vento soprava tão forte que não pude manter-me de pé, e sentei-me na borda estreita. Aconcheguei ao peito a criança assustada. O senhor fez a volta na estrada e me inclinei para a frente a fim de vê-lo pela última vez. A parede desmoronou. Fui sacudida, a criança rolou do meu colo, perdi o equilíbrio, caí e então acordei.

– Bem, Jane, isso foi tudo?

– Foi só o início, senhor. A história ainda está por vir. Quando acordei, um brilho feriu meus olhos. Pensei que fosse o dia chegando. Mas estava enganada, era apenas a luz de um candeeiro. Achei que Sophie tinha entrado. A luz estava sobre a mesa, e a porta do armário, onde, antes de dormir eu pendurara meu vestido de noiva e o véu, estava aberta. Ouvi um barulho e perguntei: “Sophie, o que está fazendo?” Ninguém respondeu, mas um vulto surgiu. Pegou o candeeiro, levantou-o e examinou os trajes que estavam lá. “Sophie! Sophie!” gritei de novo, mas o silêncio continuou. Ergui-me na cama e inclinei-me. Primeiro fiquei surpresa, depois a confusão tomou conta de mim, e então o sangue gelou-me nas veias. Mr. Rochester, aquilo não era Sophie, não era Leah, não era Mrs. Fairfax. Aquilo não era – tive certeza então, e ainda tenho – não era nem mesmo aquela estranha mulher, Grace Poole.

– Deve ter sido uma delas – interrompeu o meu patrão.

– Não, senhor, afirmo-lhe solenemente o contrário! A forma que estava diante de mim jamais

cruzara a minha vista antes no recinto de Thornfield Hall. A altura e as formas me eram estranhas.

– Descreva-a, Jane.

– Parecia uma mulher alta e grande, senhor, com cabelos grossos e negros caindo pelas costas. Não sei a roupa que vestia, mas era branca e justa. Se era um vestido, um lençol ou uma mortalha, não sei dizer.

– Viu o seu rosto?

– A princípio, não. Mas então ela pegou o meu véu. Segurou-o, olhou-o longamente, colocou-o na própria cabeça e voltou-se para o espelho. Nesse momento, vi distintamente as suas feições refletidas no cristal escuro.

– E como eram essas feições?

– Pareceram-me medonhas e terríveis! Oh, senhor, nunca vi um rosto como aquele! Era um rosto sem cor, selvagem. Quem dera se eu pudesse esquecer aqueles olhos injetados e o horrendo inchaço daqueles traços escuros!

– Os fantasmas costumam ser pálidos, Jane.

– Mas este era púrpura, senhor. Os lábios eram grossos e escuros. A testa enrugada, os cílios negros arqueados sobre os olhos injetados. Quer que lhe diga o que me fez lembrar?

– Diga.

– Lembrou-me o espectro alemão, o Vampiro.

– Ah! E o que ela fez?

– Senhor, ela retirou o véu da sua cabeça tenebrosa e partiu-o em dois. Então atirou-o no chão e pisou em cima.

– E depois?

– Depois afastou a cortina e olhou para fora. Talvez tenha visto que o dia se aproximava, pois pegou o candeeiro e se dirigiu à porta. Quando chegou perto da minha cama, parou: olhou-me furiosamente com aqueles olhos tenebrosos, puxou o candeeiro para perto do meu rosto e apagou-o na minha frente. Eu tinha consciência daquele rosto fúnebre flamejando sobre o meu, e perdi a consciência. Pela segunda vez na minha vida – apenas a segunda – o terror me imobilizou.

– Quem estava com você quando voltou a si?

– Ninguém, senhor, apenas a claridade do dia alto. Levantei-me, banhei o rosto e a cabeça, bebi um longo gole de água. Senti que, apesar de febril, não estava doente. Decidi que não contaria isso a ninguém, só ao senhor. Agora, Mr. Rochester, diga-me: quem ou o quê era aquela mulher?

– A criação de um cérebro superexcitado: isso é certo. Tenho que ter cuidado com você, meu tesouro. Nervos como os seus não são feitos para fortes sustos.

– Acredite, senhor, meus nervos não falharam. A criatura era real, realmente houve aquele encontro.

– E seus outros sonhos, também eram reais? Thornfield Hall está em ruínas? Estou separado de você por algum obstáculo intransponível? Estou abandonando você sem uma lágrima, sem um beijo, sem uma palavra?

– Ainda não.

– E estou a ponto de fazê-lo? Mal amanheceu o dia em que nos uniremos para sempre! E depois que estivermos casados, esses terrores mentais não voltarão a ocorrer: eu lhe garanto.

– Terrores mentais, senhor! Gostaria de acreditar que são apenas isso. Desejo-o mais do que nunca, pois nem o senhor consegue explicar o mistério dessa horrível visitante.

– E se não posso fazê-lo, Jane, é porque deve ter sido imaginação.

– Bem, senhor, quando me levantei esta manhã disse isso a mim mesma. Ao olhar à volta do quarto, no entanto, pensando em ganhar coragem e conforto com a aconchegante visão dos objetos conhecidos em plena luz do dia, vi ali no tapete aquilo que negava a minha hipótese: o véu, rasgado de alto a baixo.

Senti Mr. Rochester assustar-se e tremer. Apressadamente, me abraçou.

– Graças a Deus! – exclamou – Se alguma coisa de maligno chegou perto de você na noite passada, foi só o véu que sofreu. Oh! Imaginar o que podia ter acontecido!

Ele respirava apressado, e me apertava tanto contra si que eu mal podia respirar. Depois de alguns minutos de silêncio, continuou, carinhosamente:

– Bem, Jane, vou lhe explicar tudo isso. Metade foi sonho, metade realidade. Uma mulher entrou, de fato, no seu quarto. E essa mulher era... deve ter sido, Grace Poole. Você diz que ela é um ser estranho. Por tudo que sabe, tem razões para considerá-la assim. O que foi que ela fez a mim? O que foi que ela fez a Mason? Num estado entre o sono e a vigília, você notou que ela entrava e viu as suas ações. Mas, como estava febril, emprestou-lhe uma aparência estranha, diferente da que ela realmente tem. Os longos cabelos negros, a face escura e inchada, a estatura exagerada, foram produto da sua imaginação. Resultado do pesadelo. O maldoso rasgar do véu foi real, e é bem próprio dela. Sei que vai perguntar porque mantenho tal mulher na minha casa. Quando estivermos casados há um ano e um dia, eu lhe direi: mas não agora. Está satisfeita, Jane? Aceita a minha solução para o mistério?

Refleti e achei que aquela era a única explicação possível. Não estava satisfeita, mas, para agradá-lo, esforcei-me para parecer aliviada. E certamente me sentia mais confortada. Respondi com um sorriso contente. E então, como já passara muito da uma hora, preparei-me para deixá-lo.

– Sophie está dormindo no quarto de Adele? – ele perguntou, enquanto eu acendia o candeeiro.

– Sim, senhor.

– Há lugar bastante na caminha de Adele para você, Jane. Deve dividir a cama com ela esta noite. Não é de estranhar que o incidente que me relatou a tenha deixado nervosa, e prefiro que não durma sozinha. Prometa que irá para o quarto de Adele.

– Ficarei bastante feliz de fazer isso, senhor.

– E tranque a porta seguramente por dentro. Acorde Sophie quando subir, sob o pretexto de pedir-lhe que a chame bem cedo amanhã. É preciso que esteja vestida e tome o café da manhã antes das oito. E agora, chega de pensamentos sombrios. Mande para longe essas tristezas, Janet. Não ouviu que o vento está sussurrando suavemente? E a chuva não bate mais contra as vidraças? Olhe (levantou a cortina), está uma noite linda!

E estava mesmo. A metade do céu brilhava, límpida. As nuvens, agora agrupadas pelo vento, afastavam-se em longas colunas. A lua brilhava pacificamente.

– Bem – disse Mr. Rochester, olhando inquisitivamente para os meus olhos – como está a minha

Jane agora?

– Serena como a noite.

– E não sonhe mais com separação ou tristeza esta noite, mas sim com o amor feliz e a união abençoada.

Essa predição se cumpriu apenas pela metade. Não tive nenhum sonho triste, mas tampouco tive algum sonho alegre, pois não dormi nem um minuto. Com a pequena Adele nos braços, fiquei observando o sono da infância – tranquilo, inocente, desapaixonado. Esperei pelo dia que nascia. Toda a minha vida estava alerta e vívida na minha mente. Logo que o dia raiou, levantei-me. Adele agarrou-se em mim quando tentei deixá-la. Beije-i-a enquanto afastava suas mãozinhas do meu pescoço. Chorei emocionada, e deixei-a porque temi que meus soluços pudessem acordá-la de seu sono profundo. Ela parecia o símbolo da minha vida passada. E ele, a quem eu me preparava para encontrar, o temível e adorado emblema da minha desconhecida vida futura.

CAPÍTULO 26

Sophie chegou às sete para me vestir. Levou muito tempo para completar a tarefa, tanto que Mr. Rochester, impaciente com a minha demora, mandou perguntar porque eu não descia. Ela estava justamente prendendo o véu no meu cabelo com um broche (o véu simples e sem rendas, afinal de contas). Escapuli das suas mãos assim que pude.

– Espere! – ela gritou em francês. – Olhe-se no espelho! A senhorita ainda não deu nem uma olhadinha!

Voltei-me da porta, então. Vi uma figura de vestido longo e véu, tão diferente de mim mesma que parecia quase uma estranha.

– Jane! – chamou uma voz.

Desci apressada, e fui recebida ao pé da escada por Mr. Rochester.

– Vagarosa! – ele disse – Meus miolos estão queimando de impaciência e você demora tanto!

Levou-me para a sala de jantar, olhou-me cuidadosamente, e disse que eu era “bela como um lírio, e não apenas o orgulho da sua vida, mas o desejo dos seus olhos.” Então, concedeu-me exatos dez minutos para comer alguma coisa e tocou a sineta. Um dos criados que contratara recentemente, um laçai, atendeu.

– John já aprontou a carruagem?

– Sim, senhor.

– Já desceram a bagagem?

– Estão descendo agora, senhor.

– Vá você mesmo até a igreja e veja se Mr. Wood (o pároco) e o sacristão estão lá. Volte e venha me dizer.

A igreja, como o leitor já sabe, ficava logo após os portões. O laçai voltou em seguida.

– Mr. Wood está na sacristia, colocando a sobrepeliz.

– E a carruagem?

– Os cavalos estão sendo atrelados.

– Não vamos precisar dela para ir até a igreja, mas deve estar pronta quando voltarmos. Todos os baús e bagagens arrumados e atados, e o cocheiro na boleia.

– Sim, senhor.

– Está pronta, Jane?

Levantei-me. Não havia criados, nem damas de honra, nem parentes para esperar por nós ou organizar a cerimônia. Apenas Mr. Rochester e eu. Mrs. Fairfax estava no vestibulo quando passamos. Pararia de bom grado para falar com ela, mas minha mão foi segura por uma mão de aço. Fui levada pela estrada num passo tão rápido que mal podia acompanhar. Bastava olhar para Mr. Rochester para perceber que nenhum minuto de atraso seria tolerado, sob pretexto algum. Duvido que tenha havido algum dia um noivo que se parecesse com ele: tão determinado nesse propósito, tão terrivelmente resoluto. Ou que, sob o cenho carregado, mostrasse um olhar tão ardente e brilhante.

Eu nem sabia se o dia estava bonito ou feio. Descendo pelo caminho, não olhava para o céu nem para a terra. Meu coração seguia os meus olhos, e estes estavam fixos na pessoa de Mr. Rochester. Queria ver aquela coisa invisível para a qual, enquanto descia, ele parecia lançar um olhar terrível e feroz. Queria saber quais eram os pensamentos cuja força ele parecia enfrentar e resistir.

No portão traseiro da igreja ele parou: descobriu que eu estava sem fôlego.

– Estou sendo cruel no meu amor? – ele disse. – Descanse um momento, Jane, apoie-se em mim.

E agora me recordo da imagem da velha e cinzenta casa de Deus, que se elevava tranquila diante de mim; de uma gralha voejando em torno do campanário; do róseo céu matinal mais ao longe. Lembro também da colina verdejante do cemitério, e das figuras de dois estranhos, perdidos entre as sepulturas, lendo as inscrições nas poucas lápides cobertas de musgo. Reparei neles porque, quando nos viram, dirigiram-se aos fundos da igreja. Não tive dúvida de que iam entrar pela porta lateral e assistir à cerimônia. Mr. Rochester não os viu: estava olhando fixamente para o meu rosto, de onde, decerto, o sangue fugira. Sentia a minha testa fresca, e a face e os lábios frios. Quando me recuperei, pouco depois, ele caminhou gentilmente comigo até o pórtico.

Entramos no templo humilde e silencioso. O padre, com sua sobrepeliz branca, esperava junto ao modesto altar, o sacristão ao lado. Tudo estava quieto, apenas duas sombras se moviam num canto remoto. Minha suposição estava correta: os estranhos haviam entrado antes, e agora se achavam junto ao jazigo dos Rochester, as costas voltadas para nós. Olhavam através das grades o velho túmulo de mármore patinado pelo tempo, onde um anjo ajoelhado guardava os restos mortais de Damer de Rochester, morto em Marston Moor no tempo das guerras civis, e de sua esposa Elizabeth.

Tomamos nosso lugar no banco. Ouvindo um passo cauteloso atrás de mim, olhei por sobre o ombro: um dos estranhos – um cavaleiro, evidentemente – avançava pela capela. A cerimônia começou. Terminado o sermão sobre o objetivo do matrimônio, o padre deu um passo à frente e, inclinando-se levemente para Mr. Rochester, prosseguiu:

– A culpa será vossa (pois tereis que responder no temível dia do Juízo Final, quando os segredos de todos os corações serão revelados), caso um dentre vós souber de algum impedimento para a realização deste matrimônio, e não falar agora. Pois saibam que a união feita em desacordo com a palavra de Deus, não será abençoada por Deus, nem será um matrimônio legítimo.

Fez uma pausa, como manda o costume. Quantas vezes essa pausa foi quebrada por alguma réplica? Talvez nem uma vez em cem anos. E o padre, que não havia levantado os olhos do livro, apenas suspendera a respiração por um momento, ia prosseguir. Sua mão já estava estendida para Mr. Rochester e seus lábios se abriam para perguntar “Aceita esta mulher como sua legítima esposa?” quando uma voz distinta e próxima disse:

– O casamento não pode se realizar. Eu declaro a existência de um impedimento.

O padre levantou os olhos para o declarante e ficou mudo. O sacristão fez o mesmo. Mr. Rochester estremeceu, como se um terremoto houvesse rolado sob seus pés. Firmando-se outra vez, e sem mover a cabeça ou os olhos, disse:

– Prossiga.

Um profundo silêncio caiu quando ele pronunciou essa palavra, num tom grave e baixo. Então Mr. Wood disse:

– Não posso prosseguir sem fazer alguma investigação sobre o que foi declarado, e procurar

indícios de sua verdade ou falsidade.

– A cerimônia está interrompida – acrescentou a voz atrás de nós. – Tenho condições de provar o que alego. Existe um impedimento insuperável para este casamento.

Mr. Rochester ouviu, mas não prestou atenção. Continuou teimoso e rígido, sem fazer outro movimento além de agarrar a minha mão. Que garra forte ele tinha! E como parecia de mármore a sua frente pálida, firme e maciça! Como seus olhos brilhavam, vigilantes e ferozes!

Mr. Wood parecia perdido.

– Qual é a natureza do impedimento? – perguntou. – Talvez ele possa ser anulado... ou explicado.

– Dificilmente! – foi a resposta – Eu disse que era insuperável e falei com cautela.

O homem adiantou-se e se inclinou sobre o banco. Então continuou, pronunciando cada palavra de modo distinto, calmo e firme, mas não em tom alto.

– Consiste simplesmente na existência de um casamento anterior. Mr. Rochester tem uma esposa que ainda vive.

Meus nervos tremeram ao ouvir estas palavras como nunca haviam tremido diante de uma tempestade. Meu sangue latejou com violência, como nunca antes diante do fogo ou do gelo. Mas eu estava controlada, não corria o risco de desmaiar. Olhei para Mr. Rochester e obriguei-o a olhar para mim. Seu rosto parecia de pedra, sem cor alguma. Seus olhos eram ao mesmo tempo faiscantes e duros. Não negou nada, mas parecia querer desafiar a tudo e a todos. Sem falar, sem sorrir, sem parecer mesmo ver em mim um ser humano, apenas segurou meu pulso e pregou-me ao seu lado.

– Quem é você? – perguntou ao intruso.

– Meu nome é Briggs, sou advogado em Londres.

– E está me imputando uma esposa?

– Apenas lembro-o da existência da sua esposa, senhor, que a lei reconhece, mesmo que o senhor não o faça.

– Faça o favor de me informar alguma coisa sobre ela: seu nome, sua família, sua residência.

– Certamente.

Calmamente, Mr. Briggs tirou um papel do bolso e leu com uma espécie de voz oficial e nasalada:

“Eu afirmo e posso provar que em 20 de outubro de... (uma data de quinze anos atrás), Edward Fairfax Rochester, de Thornfield Hall, no condado de..., e de Ferndean Manor, distrito de..., Inglaterra casou-se com minha irmã, Bertha Antoinette Mason, filha de Jonas Mason, comerciante, e de Antoinette sua esposa, uma crioula^[1], na Igreja de..., Spanish Town, Jamaica. O registro do casamento poderá ser encontrado nos registros dessa igreja, e uma cópia do mesmo acha-se agora em meu poder. Assinado, Richard Mason.”

– Este documento, se for legítimo, prova apenas que eu fui casado, mas não prova que a mulher mencionada como minha esposa esteja viva.

– Ela estava viva há três meses – retrucou o advogado.

– Como o senhor sabe?

– Tenho uma testemunha do fato, cujo testemunho dificilmente pode ser contestado, mesmo pelo senhor.

– Apresente-a, ou vá para o inferno!

– Primeiro vou apresentá-la, está à vista. Mr. Mason, tenha a bondade de aparecer.

Ao ouvir esse nome, Mr. Rochester rangeu os dentes. Experimentou também um tipo de tremor convulsivo. Perto como estava, vi distintamente aquele movimento espasmódico de fúria e desespero sacudi-lo. O segundo estranho, que havia ficado ao fundo, agora se aproximava. Um rosto pálido espiou por sobre o ombro do advogado. Sim, era mesmo Mr. Mason. Mr. Rochester voltou-se e encarou-o. Seus olhos, como já disse, eram negros, mas agora tinham uma cor marrom avermelhada, ou melhor, um brilho raiado de sangue. Seu rosto ruborizara-se. As faces cor de oliva e a fronte pálida pareciam ter pegado fogo. Moveu-se, estendeu o poderoso braço – poderia ter esmurrado Mason, atirando-o no chão da igreja, esmagando-o com um golpe brutal. Mas Mason esquivou-se e gritou fracamente:

– Oh, meu Deus!

O desprezo aplacou a ira de Mr. Rochester, sua cólera foi substituída pelo gelo. Apenas perguntou:

– O que *você* tem a dizer?

Os lábios lívidos de Mason articularam uma resposta inaudível.

– Vai haver o diabo, se você não responder com clareza. Repito: o que você tem a dizer?

– Senhor, por favor... – interrompeu o padre – Não esqueça que está num lugar sagrado.

Então, dirigindo-se à Mason, perguntou gentilmente:

– O senhor tem conhecimento se a esposa deste cavalheiro está viva ou não?

– Coragem! – incitou o advogado. – Fale!

– Ela está em Thornfield Hall – disse Mason, numa voz mais clara – Eu a vi lá, no mês de abril passado. Sou irmão dela.

– Em Thornfield Hall! – exclamou o padre. – É impossível! Sou morador antigo desta região senhor, e nunca ouvi falar de uma Mrs. Rochester em Thornfield Hall.

Vi um sorriso amargo contorcer os lábios de Mr. Rochester, e ele murmurou:

– Não, por Deus! Tomei cuidado para que ninguém soubesse disso, ou ouvisse falar dela sob esse nome.

Ele meditou. Durante dez minutos consultou a sua consciência. Tomou uma resolução e anunciou-a:

– Basta! Tudo deve ser escancarado de uma vez, como a bala que sai da arma. Wood, feche o livro e tire a sobrepeliz. John Green (para o sacristão), pode ir embora, não haverá casamento hoje.

O homem obedeceu. Mr. Rochester continuou, com ousadia e sem medir consequências.

– Bigamia é uma palavra horrível! Pretendia, no entanto, tornar-me um bigamo. Mas o destino contrariou-me, ou a Providência me impediu... talvez a última. Sou pouco mais que um demônio neste momento. E também, como o meu pastor me diria, mereço o mais severo julgamento de Deus, e até mesmo o fogo perpétuo e a danação eterna. Senhores, meu plano foi descoberto: o que este advogado e o seu cliente estão dizendo é verdade. Eu fui casado, e a mulher com quem me casei ainda vive! Você diz

que nunca ouviu falar de uma Mrs. Rochester na minha casa, Wood. Mas creio que mais de uma vez já apurou o ouvido para os falatórios a respeito de uma misteriosa lunática, mantida lá sob vigilância e guarda. Alguns devem ter-lhe dito que é a minha meia-irmã bastarda. Outros, que é uma amante abandonada. Agora lhe digo que é minha esposa, com quem me casei há quinze anos, chamada Bertha Mason. Irmã deste resoluto personagem que agora, com o corpo trêmulo e as faces pálidas, está mostrando como deve agir um homem de coração enérgico. Ânimo, Dick! Não tenha medo de mim! Eu não bateria num covarde como você. Bertha Mason é louca, vem de uma família de loucos que produz maníacos e idiotas há três gerações! A mãe dela, a crioula, era louca e também bêbada, como vim a descobrir depois que casei com a filha... Eles guardaram silêncio sobre esses segredos de família. Bertha, como uma criança obediente, copiou a mãe em ambos os pontos. Tive uma companheira encantadora... pura, sensata, modesta. Podem imaginar como fui um homem feliz. Vi belos espetáculos! Minha experiência foi paradisíaca, se apenas soubessem! Mas não quero cansá-los com longas explicações. Briggs, Wood, Mason, convido-os todos a irem até a casa e visitar a paciente de Mrs. Poole, a *minha esposa!* Verão com que espécie de ente fui ludibriado para me casar, e poderão julgar se eu tinha ou não o direito de quebrar o compromisso, e procurar um pouco de simpatia em algo que ao menos seja humano. Esta moça (ele continuou, olhando para mim), não sabia mais do que você, Wood, sobre este segredo horrível. Pensou que tudo estava certo e legal, e nunca sonhou que seria arrastada a um falso casamento com um miserável impostor, já ligado a uma esposa má, embrutecida e louca! Venham todos, sigam-me!

Ainda me segurando firmemente, ele deixou a igreja. Os três cavalheiros nos seguiram. Na frente da casa encontramos a carruagem pronta.

– Leve-a de volta para a cocheira, John. Não vamos precisar dela hoje – disse Mr. Rochester friamente.

Quando entramos, Mrs. Fairfax, Adele, Sophie e Leah adiantaram-se para nos felicitar.

– Saiam do caminho... todas vocês! – gritou o patrão. – Fora com as suas congratulações! Quem precisa delas? Eu não!... Estão quinze anos atrasadas!

Passou por elas e subiu as escadas, ainda segurando a minha mão, e encorajando os cavalheiros a segui-lo. Eles obedeceram. Subimos o primeiro lance de escadas, atravessamos o corredor e nos dirigimos ao terceiro andar. Mr. Rochester abriu a porta preta e baixa com sua chave mestra e nos fez entrar no quarto das tapeçarias, com sua enorme cama e seu armário pintado.

– Você conhece este lugar, não é, Mason? – disse o nosso guia. – Foi aqui que ela mordeu e esfaqueou você.

Levantou a tapeçaria da parede e descobriu a segunda porta, que também abriu. Num quarto sem janelas, um fogo crepitava, protegido por um alto e forte guarda-fogo. Uma lâmpada ardia, suspensa do teto por uma corrente. Grace Poole estava inclinada para o fogo, aparentemente cozinhando alguma coisa numa caçarola. No fundo do quarto, envolto nas sombras, um vulto caminhava de um lado a outro. Se era uma fera ou um ser humano, não se poderia dizer à primeira vista. Rastejava, de quatro, saltando e rosnando como um estranho animal selvagem. Mas estava coberto com roupas, e uma massa de cabelos escuros e emaranhados, revoltos como uma juba, escondia-lhe a cabeça e a face.

– Bom-dia, Mrs. Poole. Como vai a senhora? E como está hoje o seu fardo?

– Tolerável, senhor, obrigada – respondeu Grace, colocando cuidadosamente a panela fumegante ao lado do fogão. – Está um pouco exaltada, mas não raivosa.

Um grito feroz pareceu desmentir essa informação favorável. A hiena vestida ergueu-se e pôs-se de pé sobre as patas de corça.

– Ah, senhor, ela o viu! É melhor que o senhor se vá agora! – exclamou Grace.

– Só alguns minutos, Grace. Conceda-me alguns minutos.

– Tome cuidado, senhor! Pelo amor de Deus, tome cuidado!

A maníaca urrou. Tirou os cabelos desgrenhados da cara e olhou selvagememente para os visitantes. Reconheci bem aquela face purpúrea, aquelas feições inchadas. Mrs. Poole avançou.

– Fique fora do caminho – disse Mr. Rochester, empurrando-a para o lado. – Acho que agora ela não tem uma faca, e estou em guarda.

– Nunca se sabe o que ela tem, senhor. É tão esperta! Não faz parte da compreensão humana entender suas artimanhas.

– É melhor deixá-la... – sussurrou Mason.

– Vá para o diabo! – foi a sugestão do cunhado.

– Cuidado! – gritou Grace.

Os três cavalheiros deram um passo para trás ao mesmo tempo. Mr. Rochester colocou seu corpo na minha frente. A lunática saltou e agarrou-lhe o pescoço cruelmente, cravando os dentes no seu rosto. Lutaram. Ela era uma mulher possante, quase da altura do marido, e mais corpulenta. Tinha uma força viril, mais de uma vez quase o sufocou, atlético como ele era. Mr. Rochester poderia tê-la acertado com um soco potente, mas não queria bater, apenas imobilizá-la. Por fim conseguiu segurar-lhe os braços. Grace Poole deu-lhe uma corda e ele os amarrou. Com mais corda, que estava à mão, prendeu-a numa cadeira. A operação ocorreu sob os mais ferozes gritos e os empurrões mais convulsivos. Mr. Rochester, então, virou-se para os espectadores, e olhou-os com um sorriso ao mesmo tempo ácido e desolado.

– Isto é a *minha esposa* – disse ele. – Esse é o único abraço conjugal que jamais terei. Essas são as palavras de carinho que confortam as minhas horas de repouso! E *isto* é o que eu desejei obter (descansando a mão no meu ombro), esta jovem, que se mantém tão grave e serena na boca do inferno, olhando, senhora de si, as investidas do demônio. Eu a queria como um contraste a esta ferocidade. Wood e Briggs, vejam a diferença! Comparem estes olhos claros com aquelas bolas vermelhas ali, este rosto com aquela máscara, esta forma com aquela massa. Então me julguem, padre do Evangelho e homem da Lei. E lembrem-se de que, pelo julgamento que fizerem, por ele serão julgados! Agora saiam. Preciso acalmar o meu tesouro.

Sáímos todos. Mr. Rochester ficou ainda por um momento, para dar algumas ordens a Grace Poole. O advogado dirigiu-se a mim, enquanto descia a escada.

– A senhorita está isenta de qualquer culpa – disse ele. – Seu tio ficará feliz de saber disso, se ele ainda estiver vivo quando Mr. Mason retornar para Madeira.

– Meu tio! Que é feito dele? O senhor o conhece?

– Mr. Mason o conhece. Mr. Eyre foi o correspondente da empresa dele em Funchal durante alguns anos. Quando seu tio recebeu a carta em que a senhorita comunicava a projetada união com Mr. Rochester, Mr. Mason por acaso estava com ele. Havia ido para Madeira a fim de recuperar a saúde em seu caminho de volta à Jamaica. Mr. Eyre mencionou as notícias, pois sabia que o meu cliente conhecia

um cavalheiro de nome Rochester. Mr. Mason, surpreso e aflito, como a senhorita bem pode imaginar, informou Mr. Eyre do verdadeiro estado das coisas. Seu tio, lamento dizer, está muito doente, acamado. Considerando a natureza da sua doença – tísica – e o estado que já alcançou, não há mais esperanças de recuperação. Ele não podia, portanto, vir em pessoa à Inglaterra salvá-la dessa armadilha em que a senhorita ia cair. Implorou a Mr. Mason que tomasse medidas para impedir esse falso casamento. Ele buscou a minha assistência. Corri o mais que pude e agradeço não ter chegado tarde demais, como a senhorita também deve estar agradecida, sem dúvida. Se eu não estivesse intimamente convencido de que seu tio não estará mais vivo quando a senhorita chegar à Madeira, eu a aconselharia a acompanhar Mr. Mason na volta. Mas como as coisas estão, acho melhor que fique na Inglaterra, até que volte a ter notícias de ou sobre Mr. Eyre.

Voltou-se para Mr. Mason e perguntou:

– Há alguma outra coisa a fazer aqui?

– Não, não. Vamos embora – foi a ansiosa resposta.

E sem esperar para se despedir de Mr. Rochester, ambos saíram pela porta do vestibulo. O sacerdote ficou para trocar algumas palavras de censura ou advertência com seu soberbo paroquiano. Feito isso, também partiu.

Ouvi-o sair, enquanto estava junto à porta semiaberta do meu quarto, para onde me retirara. Com a casa deserta entrei no quarto, tranquei-me por dentro, para que ninguém me perturbasse e comecei – não a chorar e lamentar, estava muito calma para isso – mas a despir maquinalmente meu vestido de noiva e colocar o vestido caseiro que usara na véspera, pensando que o fazia pela última vez. Sentei-me: estava fraca e cansada. Cruzei os braços sobre a mesa e deitei a cabeça sobre eles. Então, pensei: até aqui havia apenas ouvido, visto, me movido para cima ou para baixo, conforme era conduzida ou arrastada – e visto um acontecimento depois do outro, uma revelação depois da outra. Mas, agora, eu *pensava*.

A manhã fora bastante calma, com exceção da breve cena com a louca. O incidente na igreja não fora barulhento. Não houvera explosão de cólera, nem altercação em voz alta, nem disputa, nem desafio, nem lágrimas ou soluços. Algumas palavras foram pronunciadas, uma objeção ao casamento fora calmamente proferida, algumas perguntas curtas e sérias colocadas por Mr. Rochester. Dadas as respostas e explicações, adicionou-se uma evidência, e uma sincera confissão da verdade foi feita pelo meu patrão. Então apresentou-se a prova viva, os intrusos se retiraram, e tudo terminou.

Eu estava em meu próprio quarto como sempre – apenas eu, sem nenhuma mudança aparente. Não fora golpeada, nem ferida, nem mutilada. Mesmo assim, o que fora feito da Jane Eyre de ontem? De sua vida? Dos seus planos?

Jane Eyre, que fora uma ardente e esperançosa mulher – quase uma esposa – era de novo uma moça fria e solitária. Sua vida era apagada, suas perspectivas desoladas. Um Natal gelado chegara no meio do verão; uma tempestade de neve típica de dezembro desabara no meio de junho. A neve congelara as maçãs maduras, as chuvas devastaram as rosas em botão; os campos de feno e os milharais cobriram-se de uma capa de gelo; as alamedas que ontem estavam coloridas de flores, hoje se estendiam intransitáveis com a neve acumulada; os bosques, que há doze horas ondulavam cobertos de folhagem como as alamedas tropicais, agora se espalhavam tristes, selvagens e brancos, como as florestas de pinheiros no inverno da Noruega. Minhas esperanças estavam todas mortas, golpeadas por uma sutil maldição, como aquela que numa noite caiu sobre todos os recém-nascidos do Egito. Revi os meus sonhos dourados, ontem tão viçosos e brilhantes, e que hoje jaziam completamente frios, lívidos como cadáveres que nunca poderiam ressuscitar. Revi o meu amor: aquele sentimento que pertencia ao meu

patrão, criado por ele. Agora estremecia no meu coração, como uma criança tiritando num berço frio. Fora atingido pela doença e pela angústia; não poderia mais procurar alívio nos braços de Mr. Rochester, nem aquecer-se no seu peito. Oh, esse sentimento jamais poderia voltar para ele! A fé fora abalada, a confiança destruída! Mr. Rochester não era mais para mim o que tinha sido, pois não era quem eu pensava que fosse. Não lançaria sobre ele a acusação de maldade, não diria que ele me traiu, mas o atributo da verdade inquebrantável não estava mais ligado a ele. Devia sair de perto dele. *Isso* eu percebia claramente. Quando, como e para onde, não saberia dizer. Mas ele mesmo, com certeza, me apressaria para sair de Thornfield. Pareceu-me que nunca tivera uma afeição sincera por mim. Fora apenas uma paixão momentânea, que se acabara. Ele não me queria mais. Eu devia ter medo até de cruzar o seu caminho: minha presença devia ser odiosa para ele. Oh, como fora cega! Como tinha sido fraca!

Meus olhos estavam cobertos e fechados: um redemoinho escuro parecia girar ao meu redor, e as reflexões vinham à minha mente numa torrente confusa. Abandonada a mim mesma, sem forças, eu me sentia depositada à margem seca de um grande rio. Ouvia uma correnteza nas montanhas distantes, sentia a água descendo, mas não tinha vontade de levantar-me nem forças para correr. Jazia fraca, desejando estar morta. Apenas uma ideia parecia viva dentro de mim: a lembrança de Deus. Foi ela que me inspirou uma prece muda. As palavras vagavam para cima e para baixo na minha mente sem luz, como algo que eu devesse murmurar, mas não encontrei energia para dizê-las “Não te afastes de mim, pois a provação está perto. Não tenho nenhuma ajuda.”

Sim, a provação estava perto. E como eu não houvesse dirigido nenhuma prece aos céus para evitá-la – não tivesse juntado as mãos, nem me ajoelhado, nem movido os lábios – ela chegou. A correnteza me atingiu como uma onda gigante. Toda a consciência da minha vida destruída, do meu amor perdido, da minha esperança aniquilada, da minha fé apunhalada de morte, elevou-se completa e poderosa sobre mim, como uma massa sombria. Essa hora amarga não pode ser descrita. Na verdade, “as águas invadiram minha alma; caí no turbilhão; não conseguia levantar-me; mergulhei nas águas profundas; o dilúvio submergiu-me.”

[1] Pessoa de raça branca nascida nas colônias espanholas, no caso a Jamaica.

CAPÍTULO 27

Em algum momento naquela tarde, levantei a cabeça. Olhando ao redor, e vendo o sol poente dourando na parede os sinais do ocaso, perguntei:

“Que devo fazer?”

Mas a resposta que a minha mente deu – “deixe Thornfield imediatamente” – foi tão pronta, tão terrível, que tapei os ouvidos. Disse que não toleraria tais palavras nesse momento. Aleguei:

“Que eu não seja mais a noiva de Edward Rochester é o menor dos meus males. Que eu tenha despertado para ver que os meus sonhos mais gloriosos eram todos vazios e inúteis, é um horror que posso suportar e dominar. Mas que eu tenha de deixá-lo tão decididamente, instantaneamente, inteiramente, é intolerável. Não posso fazer isso.”

Então uma voz dentro de mim declarou que eu podia fazê-lo, e profetizou que eu o faria. Lutei contra a minha própria resolução. Desejei ser fraca para evitar o terrível sofrimento que eu sabia que me fora reservado. E a Consciência, transformada em tirana, estrangulou a Paixão e disse-lhe de forma insultante que ela já havia afundado os delicados pés na lama, e jurou que, com esse braço de ferro, iria empurrá-la para as insondáveis profundezas da agonia.

“Deixe-me sair” gritei. “Permita que alguém me ajude!”

“Não, você mesma deve sair! Ninguém pode ajudá-la. Arranque você mesma o seu olho direito! Corte você mesma a sua mão direita! Seu coração deve ser sacrificado, e você será a sacerdotisa que o matará!”

Levantei-me de súbito, aterrorizada pela solidão em que fora proferido tão cruel julgamento, pelo silêncio em que soara aquela voz tão terrível. Quando fiquei de pé, minha cabeça tonteou. Percebi que estava esgotada, pela excitação e pela fome. Nenhum alimento ou bebida havia tocado meus lábios nesse dia, pois nem tomara o café da manhã. E com um estranho sobressalto, eu agora me dava conta que, embora tivesse ficado ali o dia inteiro, não viera nenhuma mensagem para saber como eu estava, nem para me convidar a descer. Nem mesmo a pequena Adele viera bater à minha porta, nem Mrs. Fairfax me procurara. “Os amigos sempre esquecem daqueles a quem a fortuna abandona” murmurei, enquanto destrancava a porta e saía. Deparei-me com um obstáculo: minha cabeça ainda estava tonta, minha vista turva e minhas pernas enfraquecidas. Não pude me manter de pé. Caí, mas não cheguei ao chão: um braço estendido segurou-me... fui amparada por Mr. Rochester, que sentava-se numa cadeira em frente à porta do meu quarto.

– Finalmente você saiu – ele disse. – Estou aqui há longo tempo, esperando e escutando, embora não tenha ouvido nem um movimento nem um soluço. Mais cinco minutos desse silêncio de morte e eu teria forçado a fechadura como um ladrão. Então está me evitando? Você se trancou e sofreu sozinha! Preferia que tivesse vindo me censurar com veemência. Você é passional, esperei uma cena qualquer. Preparei-me para uma torrente de lágrimas, pedia apenas que fossem derramadas no meu peito. Mas foi o piso frio que as recebeu ou o seu lenço ensopado. Mas estou enganado: você nem chegou a chorar! Vejo uma face pálida e uns olhos turvos, mas nenhum sinal de lágrimas. Devo supor que seu coração esteve chorando sangue?

– Bem, Jane! Nem uma palavra de censura? Nenhuma palavra amarga, nem ferina? Nada que acabe com um sentimento ou aguilhoe uma paixão? Senta-se quieta onde a deixei, e me olha com um olhar

cansado e passivo.

– Jane, nunca pretendi feri-la dessa forma. Um homem que tivesse apenas uma ovelhinha, que fosse querida para ele como uma filha, que comesse do seu pão e bebesse da sua taça, que descansasse junto ao seu peito – se esse homem, por acaso, a abatesse na confusão, não se arrependeria do seu terrível engano mais do que eu me arrependo do meu. Será que algum dia poderá me perdoar?

Creia, leitor, eu o perdoei naquele momento, ali mesmo. Havia um remorso tão profundo nos seus olhos, uma piedade tão verdadeira no seu tom de voz, uma energia tão viril nos seus modos e, mais do que tudo, havia um amor tão imutável no seu olhar e semblante, que eu lhe perdoei tudo. Não em palavras, não exteriormente, apenas no fundo do meu coração.

– Você me acha um canalha, Jane? – perguntou ele, ansiosamente. Intrigava-o, decerto, o meu profundo silêncio e docilidade, que era mais o resultado da minha fraqueza do que uma atitude deliberada.

– Acho, senhor.

– Então me diga, de forma rude e sincera. Não me poupe.

– Não posso. Estou cansada e fraca, quero um pouco de água.

Mr. Rochester me lançou um olhar estremecido e, tomando-me nos braços, carregou-me para baixo. No início não vi em que sala estávamos. Tudo era escuridão para o meu olhar turvo. Então senti o calor reconfortante de uma lareira, pois, mesmo sendo verão, eu ficara gelada dentro do meu quarto. Ele derramou algumas gotas de vinho nos meus lábios. Provei-o e me senti reanimada. Comi alguma coisa que ele me ofereceu, e logo estava de novo dona de mim. Achava-me na biblioteca – sentada na cadeira dele – e Mr. Rochester estava bem perto.

“Se eu pudesse morrer agora, sem uma dor muito profunda, seria o melhor para mim” pensei. “Então não precisaria fazer o esforço de quebrar as fibras do meu coração para arrancá-las do coração dele. Devo deixá-lo, parece. Mas não quero deixá-lo, não posso deixá-lo...”

– Como está se sentindo, Jane?

– Muito melhor, senhor, logo estarei bem.

– Tome um pouquinho mais de vinho.

Obedeci. Ele colocou a taça na mesa, parou diante de mim e estudou-me atentamente. De repente virou-se, com uma exclamação inarticulada, cheia de emoção. Caminhou depressa pelo cômodo e voltou. Parou junto a mim, como se fosse me beijar. Lembrei-me de que as carícias estavam agora proibidas. Virei meu rosto e afastei o dele.

– Quê! O que é isso? – ele exclamou, rispidamente. – Oh! Já entendi! Você não quer beijar o marido de Bertha Mason! Acha que meus braços estão ocupados e meus abraços já têm dona?

– De qualquer modo, neles não há lugar para mim, nem de fato nem de direito, senhor.

– Por que, Jane? Vou poupar-lhe o trabalho de falar muito. Vou responder por você. Porque eu já tenho uma esposa, é o que você diria... Adivinhei corretamente?

– Sim.

– Se pensa assim, deve ter uma estranha opinião a meu respeito. Deve me ver como um conspirador libertino... Um canalha vil e ordinário que fingiu um amor desinteressado com o fim de arrastá-la deliberadamente para uma armadilha, e tirar-lhe a honra e roubar-lhe o respeito próprio. O que

diz a isso? Vejo que não diz nada. Em primeiro lugar por que ainda está fraca e precisa recuperar o fôlego. Segundo, porque ainda não se acostumou a me acusar e a me injuriar. Além disso, as comportas das lágrimas ainda estão abertas, e podem transbordar se você falar muito. Você não deseja me admoestar, me censurar, fazer uma cena. Está pensando em como deve *agir*. Quanto a *falar*, acha que não é de muita utilidade. Eu conheço você – estou atento.

– Não desejo agir contra o senhor – eu disse.

A instabilidade da minha voz levou-me a encurtar a frase.

– Não no modo como você entende essa palavra. Mas no meu modo de entender, está se preparando para me destruir. É como se dissesse que eu sou um homem casado. E como homem casado você me evitará, sairá do meu caminho. Acabou de recusar o meu beijo. Pretende tornar-se uma estranha para mim, viver sob este teto apenas como a governanta de Adele. E se eu ousar lhe dizer uma palavra amiga, se acaso um sentimento amigável incliná-la novamente para mim, você dirá “este homem quase me fez sua amante; devo ser fria e dura como pedra para com ele”. E fria e dura como pedra você se tornará.

Cuidei para que minha voz saísse firme e clara, quando respondi:

– Tudo mudou na minha vida, senhor. Eu devo mudar também. Não há a menor dúvida disso. E para evitar as flutuações de sentimentos e a luta contínua com lembranças e recordações, só há um caminho: Adele deve ter uma nova governanta, senhor.

– Oh! Adele irá para a escola! Já acertei isso. Nem pretendo atormentá-la com as abomináveis lembranças e recordações de Thornfield Hall – esse lugar amaldiçoado, essa tenda de Achan – esse túmulo insolente, que oferece o terror da morte-em-vida em plena luz do dia, esse estreito inferno de pedra com um demônio de verdade, pior do que uma legião inteira daqueles demônios que imaginamos. Jane, você não gostaria de ficar aqui. Nem eu. Errei até mesmo em trazê-la a Thornfield Hall, sabendo como esse lugar é assombrado. Antes mesmo de conhecê-la, mandei que lhe escondessem tudo que se referisse à maldição desta casa. Fiz isso porque achei que Adele jamais teria uma governanta que residisse aqui, se soubesse com que tipo de hóspede ia coabitar. Meus planos não me permitiam remover a maníaca para outro lugar, embora eu possuía outra velha casa, Ferndean Manor, ainda mais retirada e escondida do que esta, onde poderia alojá-la com bastante segurança. Porém tive escrúpulos, achei que o local era insalubre, no meio de uma floresta, e desisti da ideia. Provavelmente aquelas paredes úmidas ajudariam a livrar-me mais cedo da minha carga, mas a cada vilão a sua vilania: a minha não é o assassinato indireto, nem mesmo de quem eu mais odeio.

– Esconder de você a vizinhança dessa mulher demente, entretanto, era o mesmo que cobrir uma criança com uma capa e colocá-la sob uma árvore venenosa. Essa vizinhança com o demônio é venenosa e sempre foi. Mas vou fechar Thornfield Hall. Vou pregar a porta da frente e fechar com tábuas as janelas mais baixas. Darei a Mrs. Poole duzentas libras por ano para viver aqui com a *minha esposa*, como você chama essa bruxa medonha. Grace fará qualquer coisa pelo dinheiro, e poderá trazer o filho, que é guarda em Grimsby Retreat, para lhe fazer companhia e ajudá-la nos ataques, quando *minha esposa* se dispõe a queimar pessoas nas suas camas à noite, ou esfaqueá-las, ou morder-lhes a carne até o osso, e assim por diante...

– Senhor – eu o interrompi – está sendo implacável com essa pessoa tão infeliz. Fala dela com ódio, com uma antipatia vingativa. Isso é cruel... ela não tem culpa de ser louca.

– Jane, minha menina querida (chamo-a assim porque assim você é), não sabe do que está falando. Está me julgando mal novamente: não é por ser louca que eu a odeio. Se você fosse louca, acha

que a odiaria?

– Acho, senhor.

– Então está enganada, não me conhece, nem sabe o tipo de amor de que sou capaz. Cada átomo da sua própria carne me é tão querido como a minha própria. No sofrimento e na doença, ainda assim seria querida para mim. Sua mente é o meu tesouro, e se falhasse, ainda assim seria o meu tesouro. Se ficasse enfurecida, seria confinada aos meus braços e não a uma apertada camisa de força. Se me agarrasse, mesmo em fúria, isso ainda teria encanto para mim. Se me atacasse selvagememente, como essa mulher fez esta manhã, eu a receberia com um abraço, pelo menos tão amoroso quanto restritivo. Não me encolheria de desgosto com você como faço com ela. Nos seus momentos de calma não teria outro enfermeiro e acompanhante que não fosse eu. E me inclinaria sobre você com infatigável ternura, mesmo que não recebesse nem um sorriso. E nunca me cansaria de olhá-la nos olhos, ainda que não houvesse mais neles um brilho de reconhecimento. Mas por que enveredei por esse caminho? Eu estava falando de tirar você de Thornfield. Tudo está pronto para a partida, pode ir amanhã mesmo. Só lhe peço que suporte mais uma noite sob este teto, Jane. E então poderá dar adeus às suas misérias e terrores para sempre! Eu também tenho um lugar para onde me retirar. Um lugar que será um santuário seguro contra as lembranças odiosas, as intrusões indesejadas, e até contra a falsidade e a calúnia.

– Leve Adele com o senhor – eu interrompi – ela lhe fará companhia.

– O que quer dizer, Jane? Já lhe disse que vou mandar Adele para a escola. E o que eu poderia querer com uma criança como companhia? Uma criança que nem é minha filha, mas a bastarda de uma dançarina francesa? Por que me importuna a respeito dela? Por que me empurra Adele como companhia?

– O senhor fala em retiro, e o retiro e a solidão são tristes, muito tristes para o senhor!

– Solidão! Solidão! – ele respondeu, irritado. – Vejo que preciso dar-lhe maiores explicações. Não sei que tipo de expressão misteriosa é essa que está se formando em seu rosto. *Você* vai partilhar da minha solidão! Compreende?

Sacudi a cabeça em negativa. Era preciso coragem até para fazer tal sinal de discordância, pela maneira como ele estava nervoso. Mr. Rochester caminhava em volta da sala, e então parou, como se de repente ficasse preso ao chão. Olhou-me com dureza, por longo tempo. Desviei os olhos dele, fixei-os no fogo, e tentei assumir e manter uma postura calma e composta.

– Agora tropecei no caráter de Jane – ele disse por fim, falando mais calmamente do que eu poderia supor pela sua expressão. – O carretel de seda correu suavemente até aqui, mas eu sempre soube que em algum ponto chegaria um nó: aí está ele. E vem a irritação, a exasperação, o aborrecimento sem fim! Por Deus! Eu gostaria de usar um fragmento da força de Sansão e levar esse emaranhado a reboque!

Recomeçou a andar, mas logo parou de novo, desta vez diante de mim. Inclinou-se e aproximou os lábios do meu ouvido.

– Jane! Quer ouvir a voz da razão? Se não o fizer, vou apelar para a violência.

Tinha a voz rouca e o olhar de um homem que estava a ponto de romper todas as amarras e mergulhar precipitadamente num desatino selvagem. Percebi que, dentro de mais um minuto, com outro ímpeto de fúria daqueles, eu não seria mais capaz de contê-lo. O presente... o segundo de tempo que passava... era tudo que eu tinha para controlá-lo e refrear seus ímpetos. Um movimento de repulsa, de fuga, de medo, teria selado a minha maldição... e a dele. Mas eu não tinha medo, nem um pouco. Senti uma força interior, uma sensação de poder que me amparou. A crise era perigosa, mas não deixava de ter o seu encanto: como o índio que desliza rapidamente pelas corredeiras na sua canoa, talvez. Tomei-lhe a

mão fechada, afrouxei-lhe os dedos contraídos, e disse-lhe suavemente:

– Sente-se. Vou conversar com o senhor por quanto tempo quiser, e ouvirei tudo o que tem a dizer, seja razoável ou absurdo.

Ele sentou-se. Mas não teve licença para falar imediatamente. Eu estivera lutando com as lágrimas por algum tempo, e fizera um grande esforço para reprimi-las, pois sabia que Mr. Rochester não gostaria de me ver chorar. Agora, porém, achei melhor deixá-las fluir livremente, pelo tempo que desejassem. Se o choro o irritasse, tanto melhor. Então cedi e chorei sentidamente.

Ele logo pediu, em tom sério, que eu me controlasse. Disse-lhe que isso não seria possível enquanto ele estivesse tão zangado.

– Mas eu não estou zangado, Jane. Apenas a amo demais, e você pôs nesse rostinho pálido um olhar tão frio e resoluto que não pude suportar. Fique calma, agora, e enxugue os olhos.

A voz suave mostrou que ele fora subjugado. E eu, por minha vez, me tranquilizei. Mr. Rochester fez um esforço para descansar a cabeça no meu ombro, mas não permiti. Tentou me abraçar. Não deixei.

– Jane! Jane! – disse ele, num tom de voz tão amargo e triste que fez tremer todos os meus nervos. – Não me ama, então? Era apenas a minha posição e a situação social de esposa que desejava? Agora que me viu sem condições de me tornar seu marido, recusa meus carinhos como se eu fosse um sapo ou um macaco?

Essas palavras me feriram. Mas o que poderia fazer ou dizer? Provavelmente seria melhor não dizer nem fazer nada. Mas estava tão torturada pelo remorso de ter ferido os sentimentos dele, que não controlei o impulso de derramar um pouco de bálsamo nas feridas que causara.

– Eu o amo *de verdade*, mais do que nunca – disse – mas não posso me permitir esse sentimento, nem ostentá-lo. Esta é a última vez que digo isso.

– A última vez, Jane? Como? Então acha que pode viver comigo, ver-me todos os dias e ainda assim – se continuar a me amar – conservar-se sempre fria e distante?

– Não, senhor. Estou certa de que não poderia fazê-lo. Por isso vejo apenas um caminho, mas o senhor ficaria furioso se eu o mencionasse.

– Oh! Pode mencionar! Se eu me enfurecer, você ainda tem o recurso das lágrimas...

– Mr. Rochester, eu devo deixá-lo.

– Por quanto tempo, Jane? Por alguns minutos, enquanto escova o cabelo, que está um pouco desalinhado? Ou enquanto refresca o rosto, que parece um tanto febril?

– Devo deixar Adele e Thornfield. Devo separar-me do senhor pelo resto da vida. Devo começar uma nova existência, entre rostos e lugares estranhos.

– É claro. Eu mesmo disse que devia partir. Vou desconsiderar a sugestão de que deseja ficar afastada de mim, você sabe que já se tornou parte do meu ser. Quanto à nova existência, não há impedimento algum. Você ainda será a minha esposa: não sou casado. Você será Mrs. Rochester, virtual e nominalmente. Vou cuidá-la enquanto nós dois vivermos. Irá para uma propriedade que eu tenho no sul da França, uma vila toda branca na costa do Mediterrâneo. Ali poderá viver uma vida feliz, protegida e inocente. Não precisa temer que eu a induza a erro... que pretenda torná-la minha amante. Por que sacode a cabeça? Jane, deve ser razoável, ou vou ficar furioso outra vez.

Suas mãos e a voz tremiam, as narinas grandes estavam dilatadas, os olhos brilhavam. Ainda assim ousei falar:

– Senhor, a sua esposa está viva. O senhor mesmo admitiu isso esta manhã. Se eu vivesse com o senhor como deseja, seria a sua amante. Dizer outra coisa é sofisma, e é falso.

– Jane, não sou um homem de temperamento gentil. Você se esquece que eu já não suporto mais. Não sou frio e desapaixonado. Pare de ter pena de mim e de si mesma, ponha seus dedos no meu pulso, veja como lateja e... cuidado!

Ele desnudou o pulso e ofereceu-o para mim. O sangue abandonava-lhe o rosto e os lábios, estava se tornando lívido. Eu ficava cada vez mais angustiada. Era cruel agitá-lo tanto assim, opondo uma resistência que ele detestava. Ceder estava fora de questão, então fiz o que os seres humanos fazem instintivamente, quando são levados a extremos – busquei ajuda em Alguém que está acima dos homens. As palavras “Oh, meu Deus! Ajude-me!” brotaram involuntariamente dos meus lábios.

– Sou um tolo! – exclamou Mr. Rochester de repente. – Fico dizendo a ela que não sou casado e não explico por quê. Esqueço que ela não sabe nada do caráter dessa mulher, ou das circunstâncias que envolveram a minha fatídica união com ela. Oh! Tenho certeza que Jane vai concordar comigo quando souber tudo que eu sei! Apenas me dê as suas mãos, Janet, assim terei o tato, além da visão, para me certificar que está perto de mim. Em poucas palavras vou colocá-la a par do caso. Quer me ouvir?

– Sim, senhor. Durante horas, se desejar.

– Peço apenas alguns minutos. Jane, já ouviu dizer que eu não era o filho mais velho desta casa? Que eu tinha um irmão mais velho?

– Lembro-me que Mrs. Fairfax me disse isso uma vez.

– E ouviu dizer também que meu pai era um homem avarento e ganancioso?

– Entendi algo desse tipo.

– Bem, Jane, sendo assim ele desejava manter a propriedade intacta. Não podia suportar a ideia de dividir seus bens e deixar-me uma porção justa. Resolveu que tudo ficaria para o meu irmão, Rowland. Ainda assim, não podia suportar que um filho seu fosse pobre. Era preciso fazer um casamento rico. Logo procurou-me uma noiva. Mr. Mason, um comerciante e proprietário de uma plantação nas Índias Ocidentais, era seu velho conhecido. Ele havia investigado e tinha certeza que as suas possessões eram vastas e ricas. Descobriu também que ele tinha um filho e uma filha, e soube pelo próprio Mr. Mason que este pretendia dotar a filha com a quantia de trinta mil libras. Era suficiente. Quando deixei o colégio, fui mandado para a Jamaica, a fim de desposar uma noiva já arranjada para mim. Meu pai não mencionou o seu dote, mas disse que Miss Mason era o orgulho de Spanish Town por causa da sua beleza. E não era mentira. Achei-a muito bela, no estilo de Blanche Ingram: alta, morena e majestosa. Sua família queria me agarrar, porque eu era de boa linhagem. E ela também queria. Foi-me apresentada em festas, ricamente trajada. Raramente a vi sozinha e tivemos muito poucas conversas privadas. Ela me lisonjeava, e me agradava dispensando-me fartamente seus encantos e talentos. Todos os homens do seu círculo pareciam admirá-la e invejar-me. Fiquei fascinado, encorajado: meus sentidos foram excitados e, sendo ignorante, jovem e inexperiente, pensei que a amava. Não há pior loucura do que as rivalidades idiotas da sociedade, a lascívia, a precipitação, a cegueira da juventude, para apressar um homem no cumprimento do seu dever. Os parentes me encorajavam; os rivais me provocavam; ela me seduzia. Antes mesmo que eu soubesse onde pisava, o casamento se realizou. Oh! Não tenho respeito nenhum por mim mesmo, quando penso nesse ato. Sou dominado por uma onda de desprezo! Eu nunca a amei, nunca a

estimei, nem mesmo a conhecia. Não tinha certeza se havia sequer alguma virtude na sua natureza: não vi modéstia, nem benevolência, nem candura, nem refinamento de espírito ou maneiras. E mesmo assim casei-me: bruto, desprezível, imbecil e toupeira que eu era! Com menos torpeza eu poderia... Mas é melhor que me lembre com quem estou falando.

– Nunca havia visto a mãe da minha esposa. Achei que estivesse morta. Depois da lua de mel, soube do meu erro: ela era demente, e estava trancada num asilo de loucos. Havia também um irmão mais novo... mudo e idiota completo. O mais velho, a quem você viu (e a quem não consigo odiar, apesar de abominar toda a família, porque ele tem na alma alguns lampejos de afeição, revelados no contínuo interesse que demonstra pela infeliz irmã, e também na afeição canina que um dia teve por mim) – esse provavelmente um dia ficará no mesmo estado. Meu pai e meu irmão Rowland sabiam de tudo, mas pensaram apenas nas trinta mil libras e se uniram no complô contra mim.

– Essas descobertas foram odiosas e aviltantes. Mas, exceto pela traição de me esconder a verdade, nenhuma delas me daria motivo para reprovar a minha esposa. Mesmo quando percebi que sua natureza era totalmente estranha para mim; que os seus gostos eram ofensivos; que sua mente era comum, baixa, estreita e singularmente incapaz de alçar-se a algo mais elevado ou expandir-se num âmbito maior; nem quando descobri que não podia passar um único dia tranquilo ao seu lado, nem mesmo uma única hora; que não poderia haver uma conversa cordial entre nós, porque, não importa o assunto que eu escolhesse, imediatamente recebia respostas grosseiras e banais, perversas e imbecis; quando percebi que nunca mais conseguiria uma governanta para a casa, pois nenhuma empregada aguentaria os acessos do seu temperamento violento e desarrazoado, ou o tormento das suas ordens absurdas, contraditórias e exigentes. Mesmo então eu me contive. Evitei censuras, evitei protestos, tentei tragar em segredo o meu arrependimento e o meu desgosto. Reprimi a profunda aversão que sentia.

– Jane, não vou aborrecê-la com detalhes abomináveis: algumas palavras fortes podem exprimir o que tenho a dizer. Vivi com essa mulher quatro anos, e antes disso ela já havia me submetido às maiores provações. Seu temperamento se exacerbava e se expandia com assustadora rapidez. Seus vícios brotaram e cresceram muito depressa. Eram tão violentos que apenas a crueldade era capaz de contê-los, e eu não era capaz de usar a crueldade. Que intelecto anão e que tendências gigantescas ela tinha! Como eram medonhas as maldições que atirava sobre mim! Bertha Mason, a legítima filha de uma mãe infame, arrastou-me a todas as agonias abomináveis e degradantes que deve suportar um homem ligado a uma esposa ao mesmo tempo descontrolada e dissoluta.

– Nesse intervalo meu irmão morreu, e ao final de quatro anos morreu meu pai. Eu agora estava bastante rico – e ainda assim me sentia pobre, em terrível indignação. A natureza mais bruta, impura e depravada que jamais vi estava associada a mim, e aceita pela lei e pela sociedade como parte do meu ser. E eu não podia me libertar desse peso por nenhum meio legal, pois os médicos descobriram então que *minha esposa* estava louca – seus excessos haviam desenvolvido prematuramente os germes da insanidade. Jane, vejo que não gosta da minha história, você parece doente... Quer que eu deixe o resto para outro dia?

– Não senhor, termine agora. Tenho pena do senhor... Sinceramente, tenho pena do senhor.

– A piedade de algumas pessoas, Jane, é uma espécie de tributo nocivo e insultuoso, que justifica a gente quebrar os dentes de quem a oferece. Mas esse tipo de piedade é o que nasce dos corações endurecidos e egoístas. É um sentimento híbrido ouvir desgraças, aborrecido pelo desprezo ignorante por aqueles que tem que sofrê-las. Mas a sua piedade não é dessa espécie, Jane. Não é o sentimento que todo o seu rosto expressa neste momento, do qual os seus olhos estão quase

transbordantes, de que o seu coração está cheio e que faz a sua mão tremer na minha. Sua piedade, minha querida, é um sofrimento filho do amor. A sua angústia é a verdadeira dor nascida de uma paixão divina. Eu a aceito, Jane, deixe que ela tenha livre curso. Meus braços anseiam por recebê-la.

– Continue, senhor. O que fez quando descobriu que ela estava louca?

– Atingi as raias do desespero, Jane. Um resquício de respeito próprio era tudo que me separava do abismo. Sem dúvida, aos olhos do mundo eu estava coberto de odiosa desonra, mas resolvi ser limpo aos meus próprios olhos, e repudiei até o fim a contaminação dos seus crimes e evitei ter qualquer ligação com seus desvios mentais. Mas a sociedade ainda associava o meu nome e a minha pessoa a ela. E eu ainda a via e ouvia diariamente. Um pouco do seu hálito (que horror!) misturava-se ao ar que eu respirava. Além disso, lembrava-me que um dia fora seu marido. Essa lembrança era – e ainda é – extremamente odiosa para mim. Sabia que, enquanto ela vivesse, eu jamais poderia ser o marido de outra esposa melhor. E que, apesar de cinco anos mais velha (a família havia mentido até mesmo sobre a sua idade), era provável que ela vivesse tanto quanto eu, pois era tão robusta no físico quanto frágil na mente. Assim, aos vinte e seis anos, sentia-me desesperado.

– Uma noite fui acordado pelos seus gritos (desde que os médicos a declararam louca ela fora trancada, naturalmente). Era uma noite abafada, típica das Índias Ocidentais, daquelas que, naqueles climas, costumam preceder os furacões. Incapaz de ficar na cama, levantei-me e abri a janela. O ar cheirava a enxofre... e eu não conseguia encontrar refrigério em lugar algum. Os mosquitos zumbiam teimosamente à volta do quarto. O mar, que eu ouvia dali, bramava sombrio como uma avalanche, coberto de nuvens negras. A lua se punha sobre as ondas, enorme e rubra como uma bala de canhão incandescente, e lançava seu último olhar sanguíneo sobre um mundo que tremia com a agitação da tempestade. Fui influenciado fisicamente pela atmosfera e pelo cenário, os ouvidos cheios das pragas da maníaca, que ainda berrava. De vez em quando ela gritava o meu nome num tom de ódio demoníaco – e com que linguagem! Nem uma prostituta confessa tinha um vocabulário tão imundo quanto o dela! Embora estivesse a dois quartos de distância, ouvia cada palavra. As finas paredes das casas das Índias Ocidentais ofereciam um obstáculo muito frágil para os seus uivos de lobo.

– “Esta vida é um inferno” disse a mim mesmo. “Este ar... aqueles sons... são de um poço sem fundo! Tenho o direito de me livrar disso, se puder. Os sofrimentos da condição de mortal me abandonarão juntamente com a carne incômoda que agora sobrecarrega a minha alma. Não tenho medo do fogo eterno dos fanáticos: não existe uma vida futura pior do que o inferno que enfrento agora. Deixem-me acabar com tudo e ir para junto de Deus!”

– Disse isso enquanto me ajoelhava e abria um baú que continha um estojo de pistolas carregadas. Pretendia me matar. Mas essa intenção durou apenas um momento, pois não era um insano. A crise de estranho e puro desespero – que originou o desejo e o desígnio de autodestruição – passou em um segundo. Um vento fresco vindo da Europa soprou sobre o oceano e precipitou-se pelas janelas abertas. A tempestade desabou, jorrou, trovejou e inflamou, purificando o ar. Então formei e consolidei uma decisão. Enquanto caminhava entre as laranjeiras gotejantes do meu jardim molhado, entre as romãs e os abacaxis, e sentia o refulgente crepúsculo dos trópicos envolver-me, raciocinei desta forma, Jane. E agora escute, pois foi a verdadeira Sabedoria que me consolou naquela hora, e me indicou o caminho correto a seguir.

– O vento suave da Europa ainda sussurrava nas folhas refrescadas, e o Atlântico trovejava em gloriosa liberdade, quando meu coração, há longo tempo seco e destruído, tomou forma e encheu-se de sangue vivo. Meu ser ansiava por renovação, minha alma estava sedenta de uma fonte pura. Senti a

esperança renascer, e pensei que a regeneração era possível. De um arco florido, nos fundos do jardim, observei o mar – mais azul do que o céu. O velho mundo ficara lá longe, e assim se abriram claras perspectivas.

– “Vá” me disse a Esperança “e viva de novo na Europa: lá ninguém sabe do nome manchado que carrega, nem do fardo imundo a que está amarrado. Leve a louca junto para a Inglaterra. Confine-a em Thornfield, com a devida assistência e precaução. Então viaje para onde quiser, e forme novas ligações onde desejar. Essa mulher, que tanto contribuiu para o seu longo sofrimento, que manchou o seu nome, ultrajou a sua honra e acabou com a sua juventude, não é sua esposa, nem você é o seu marido. Cuide para que seja tratada como exige o seu estado e terá feito tudo o que Deus e a humanidade exigem de você. Deixe que caiam no esquecimento a sua identidade e a sua ligação com você, não é obrigado a dividi-las com nenhum ser vivo. Cerque-a de conforto e segurança, esconda a sua degradação – e deixe-a.”

– Agi exatamente como foi sugerido. Meu pai e meu irmão não haviam participado o meu casamento aos seus amigos. Na primeira carta que lhes escrevi para noticiar a união – tendo já começado a experimentar o extremo desgosto de suas consequências – e prevendo um terrível futuro à minha frente devido ao seu caráter familiar e constituição física, lancei um pedido angustiado para que o fato fosse mantido em segredo. E logo a infame conduta da esposa que meu pai me escolhera foi tal, que ele mesmo se envergonhava de chamá-la de nora. Longe de pretender tornar pública a união, ficou tão ansioso quanto eu em ocultá-la.

– Trouxe-a, então, para a Inglaterra. Tive uma viagem medonha, com tal monstro no navio. Fiquei feliz quando finalmente a coloquei em Thornfield e a vi alojada em segurança no terceiro andar. Ela ocupa aquele aposento secreto há dez anos, e o transformou na caverna de um demônio, na cela de um duende. Tive algum trabalho para encontrar alguém que tomasse conta dela. Teria que ser uma pessoa em quem eu confiasse plenamente, pois em seus ataques de raiva ela inevitavelmente trairia o segredo. Além disso, ela tinha momentos de lucidez, às vezes semanas inteiras, que ocupava me injuriando. Por fim, contratei Grace Poole em Grimsby Retreat. Ela e o médico, Carter (que cuidou dos ferimentos de Mason naquela noite em que ele foi esfaqueado e mordido), são as duas únicas pessoas a quem confidenciei o segredo. Mrs. Fairfax talvez tenha suspeitado de algo, mas não conseguiu ter um conhecimento completo dos fatos. Grace provou-se, de modo geral, uma boa guardiã. Embora, devido parcialmente a uma falha da parte dela, da qual parece que ninguém consegue curá-la, e que faz parte de uma profissão tão exaustiva, sua vigilância mais de uma vez foi burlada e iludida. A doida é ao mesmo tempo esperta e maligna, nunca deixou de aproveitar os lapsos temporários de sua guardiã. Uma vez para esconder a faca com a qual esfaqueou o irmão, e duas vezes para apropriar-se da chave da sua cela, e sair dali no meio da noite. Na primeira vez perpetrou o crime de tentar queimar-me em minha cama. Na segunda, fez aquela visita fantasmagórica a você. Agradeço à Providência, que velou por você e fez com que ela descarregasse a fúria no seu traje de noiva, que deve ter lhe trazido vagas lembranças de seu próprio noivado. Mas não suporto pensar no que poderia ter acontecido. Quando penso naquela coisa que voou na minha garganta esta manhã, inclinando a cabeça escura e intumescida sobre o ninho da minha pombinha, sinto o coração parar.

– E o que fez, senhor – perguntei, quando ele fez uma pausa – depois de estabelecê-la aqui? Para onde foi?

– O que fiz, Jane? Transformei-me num fogo-fátuo. Para onde fui? Fiz perambulações selvagens, dignas de um espírito marciano. Busquei o continente, e andei vagando por todas as suas terras. Minha

ideia fixa era procurar e encontrar uma mulher inteligente, a quem eu pudesse amar. Um contraste para a louca que deixara em Thornfield.

– Mas o senhor não podia se casar...

– Eu havia decidido que sim, e estava convencido de que podia e devia. Não era minha primeira intenção decepcionar, como decepcionei você. Pretendia contar minha história simplesmente, sem esconder nada, e fazer abertamente a minha proposta. Parecia-me tão absolutamente razoável que eu me considerasse livre para amar e ser amado, que nunca duvidei que pudesse encontrar alguma mulher desejosa e capaz de entender a situação e me aceitar, a despeito da maldição com a qual eu fora sobrecarregado.

– E então, senhor?

– Quando está tão curiosa, Jane, sempre me faz sorrir. Abre seus olhos como um pássaro assustado e de vez em quando faz um movimento de impaciência, como se as respostas não lhe bastassem. Parece que deseja ler no coração do outro. Mas antes que eu continue, diga-me o que quer dizer com o seu “e então, senhor?” É uma frasezinha muito frequente na sua conversa, e que várias vezes levou-me a discursos intermináveis, não sei muito bem por quê.

– Eu quero dizer: O que aconteceu depois? Como o senhor procedeu? O que resultou disso?

– Precisamente! E o que deseja saber agora?

– Se encontrou alguém que lhe agradasse. Se a pediu em casamento e o que ela respondeu.

– Posso dizer-lhe se encontrei alguém que me agradasse, e se a pedi em casamento. Mas o que ela respondeu ainda está para ser registrado no livro do Destino. Por dez longos anos eu vaguei por aí, vivendo primeiro numa capital, depois em outra. Algumas vezes em São Petersburgo, com mais frequência em Paris, outras vezes em Roma, Nápoles e Florença. Provido de muito dinheiro e de credencial de um nome antigo, pude escolher minhas próprias companhias. Nenhum círculo se fechou para mim. Procurei meu ideal de mulher entre damas inglesas, condessas francesas, *signoras* italianas e *grafinnen* alemãs. Não consegui encontrá-lo. Às vezes, por um momento fugaz, pensei captar um olhar, ouvir uma entonação, vislumbrar uma forma – que prenunciavam a realização do meu sonho. Mas eu não o merecia ainda. Não deve imaginar que eu desejava perfeição, de corpo ou espírito. Ansiava apenas por alguma coisa que me conviesse, pela antítese da crioula. Mas ansiei em vão. Entre todas não encontrei uma sequer a quem – fosse eu livre e, avisado como estava dos riscos, dos horrores, das abominações de uma união incompatível – tivesse pedido para casar comigo. O desapontamento me tornou impulsivo. Entreguei-me à dissipação, mas não ao deboche, que eu odiava e ainda odeio. Esse era o atributo da minha messalina das Índias. O profundo desgosto que votava a isso e a ela me refrearam, mesmo nos prazeres. Qualquer diversão que me aproximasse da baderna parecia identificar-me com ela e com seus vícios, então a evitava.

– Mas não podia viver sozinho. Assim, busquei a companhia de alguma amante. A primeira que escolhi foi Celine Varens. E foi um desses casos cuja lembrança faz um homem se sentir desprezível. Você já sabe o que ela era e como nossa ligação terminou. Celine Varens teve duas sucessoras: uma italiana, Giacinta, e uma alemã, Clara. Ambas consideradas extremamente bonitas. Depois de algumas semanas, o que podia representar para mim a sua beleza? Giacinta era violenta e sem princípios, cansei-me dela em três meses. Clara era calma e honesta, mas era espessa, fútil e embotada, não chegava nem aos pés do que eu desejava. Fiquei contente de dar-lhe dinheiro suficiente para que se estabelecesse muito bem no comércio, e assim livrar-me decentemente dela. Mas, Jane, vejo pelo seu rosto que agora já

não faz um juízo muito lisonjeiro de mim. Está achando que sou um patife, um libertino sem princípios, não é verdade?

– Realmente, não o aprecio tanto como fazia antes. Nunca lhe pareceu pelo menos errado viver assim, primeiro com uma amante, depois com outra? O senhor fala disso como se fosse uma coisa muito natural.

– Para mim, era. Mas eu não gostava. Era um tipo de existência abjeto, espero nunca mais voltar a ele. Sustentar uma amante só não é pior do que comprar uma escrava. As duas são criaturas inferiores, muitas vezes por natureza, e sempre pela condição. E é degradante viver intimamente com pessoas inferiores. Agora odeio até a lembrança do tempo que passei com Celine, Giacinta e Clara.

Senti que ele estava sendo sincero. Das suas palavras pude deduzir que – se eu fosse longe o bastante para esquecer os meus princípios e tudo que me fora ensinado, a ponto de, sob qualquer pretexto ou justificativa, ou até mesmo por tentação, tornar-me a sucessora daquelas pobres moças – ele um dia me votaria o mesmo sentimento que agora na sua alma tornava execrável a recordação dessas criaturas. Não expressei esta convicção em voz alta: bastava-me senti-la. Calei-a fundo no coração, para que me servisse de ajuda no momento da provação.

– Bem, Jane, por que não diz “e então, senhor”? Está muito séria, vejo que ainda me desaprova. Mas não terminei, deixe-me chegar ao ponto. Em janeiro último, livre de todas as amantes – num estado de espírito sombrio e amargurado, resultado de uma vida inútil, solitária e errante – corroído pela decepção, amargamente disposto contra todos os homens, e especialmente contra toda a raça das mulheres (pois começara a considerar apenas um sonho a ideia de uma mulher inteligente, fiel e amorosa), por exigências de negócios voltei finalmente para a Inglaterra.

– Numa tarde fria de inverno achei-me cavalgando à vista de Thornfield. Que lugar abominável! Dele eu não esperava nem paz nem satisfação. Numa pequena cancela em Hay Lane, vi uma figurinha sentada sozinha. Passei por ela tão negligentemente como pelo salgueiro desfolhado do outro lado. Não tive nenhum pressentimento do que ela viria a significar para mim. Nenhum aviso interior de que o árbitro da minha vida futura – meu anjo da guarda para o bem e para o mal – esperava ali, num disfarce humilde. Não sabia disso, nem quando Mesrour se acidentou e ela veio a mim para oferecer ajuda. Que criaturinha débil e infantil! Era como se um passarinho saltitasse aos meus pés e propusesse carregar-me na sua asinha diminuta. Fui grosseiro, mas aquela criatura não ia embora. Manteve-se ao meu lado, com uma estranha perseverança e um jeito de autoridade no olhar e na voz. Eu devia ser ajudado, e por aquelas mãos. E ajudado eu fui.

– Quando me apoiei no seu ombro frágil, alguma coisa nova – uma sensação e uma seiva frescas – infiltraram-se no meu corpo. Foi bom que eu já soubesse que esta fada devia voltar para mim, que pertencia à minha casa lá embaixo – do contrário não teria podido, sem uma mágoa singular, vê-la esvair-se pelas minhas mãos e desaparecer atrás da turva cerca viva. Ouvi quando chegou em casa à noite, Jane, embora você provavelmente não soubesse que pensei em você e a aguardava. No dia seguinte observei-a escondido por uma meia hora, enquanto brincava com Adele no corredor. Lembro-me que nevava muito e você não tinha podido sair. Eu estava no meu quarto, com a porta entreaberta. Podia ver e ouvir, quando Adele reclamou a sua atenção por algum tempo. Imaginei que seus pensamentos estavam em outro lugar, mas foi muito paciente com ela, minha pequena Jane. Conversou com a menina e distraiu-a por um longo tempo. Quando por fim Adele a deixou, você entrou em profunda meditação. Dedicou-se a caminhar vagarosamente pelo corredor. Vez por outra, quando passava por uma janela, lançava um olhar para a grossa neve que caía e ouvia o assobio do vento. E voltava a caminhar vagarosamente e a meditar.

Acho que naquele dia suas fantasias não eram tristes. Ocasionalmente havia uma luz de alegria no seu olhar, uma suave animação no seu semblante, que mostrava que as suas rumações não eram amargas, raivosas ou hipocondríacas. Seu olhar revelava antes as doces reflexões da juventude, quando o espírito acompanha com asas ardentes o voo da Esperança na direção de um céu perfeito. A voz de Mrs. Fairfax, falando com uma criada no saguão, a despertou. E como sorriu curiosamente para si mesma, Janet! Era um sorriso sagaz que iluminava sua abstração. Parecia dizer: “Minhas belas visões são todas excelentes, mas não posso me esquecer de que não são reais. Tenho na mente um céu cor-de-rosa e um Éden florido. Mas lá fora, estou consciente disso, jaz aos meus pés um longo caminho para percorrer, e à minha volta se juntam negras tempestades que devo enfrentar.” Você correu para baixo e pediu à Mrs. Fairfax alguma coisa para fazer: escriturar as contas da casa ou algo desse tipo, me pareceu. Fiquei irritado com você por ter saído da minha vista.

– Esperei impaciente pela noite, quando poderia chamá-la à minha presença. Suspeitava que seu caráter era algo perfeitamente novo para mim, bastante incomum. Desejava investigá-lo com mais profundidade e conhecê-lo melhor. Você entrou na sala com uma atitude ao mesmo tempo tímida e altiva. Estava vestida de modo singelo, muito mais do que agora. Fiz com que falasse e logo vi que era fonte de estranhos contrastes. Sua aparência e maneiras eram restringidas pelas regras sociais. Muitas vezes assumia um ar acanhado, mas no geral parecia refinada por natureza, embora desacostumada à sociedade, e muito temerosa de fazer-se inconvenientemente notada por algum solecismo ou engano. Ainda assim, quando solicitada a falar, alçava para o seu interlocutor um olhar perspicaz, ousado e brilhante. E em cada um desses olhares havia penetração e energia. Quando acuada por perguntas diretas, encontrava respostas prontas e completas. Não tardou a se acostumar comigo. Creio que sentiu a existência de uma simpatia entre você e o seu desgostoso patrão, Jane, pois era espantoso ver como logo as suas maneiras se tornaram agradavelmente desembaraçadas. Rabugento como eu era, você não se mostrou surpresa, medrosa, aborrecida ou desgostosa com a minha melancolia. Observava-me e de vez em quando me sorria com uma graça simples, mas sagaz, que não consigo descrever. Eu estava então contente e estimulado com o que via: gostava e queria ver mais. Ainda assim, por um longo tempo, tratei-a com distância e raramente busquei sua companhia. Eu era um epicurista intelectual, e queria prolongar a sensação de travar essa nova e estimulante relação. Por um tempo fui perturbado pelo medo de que a flor, se colhida bruscamente, perdesse a beleza e o doce encanto do seu frescor. Na época eu não sabia que a florescência não era transitória, mas algo semelhante à radiância indestrutível de uma pedra preciosa. Queria ver também se iria me procurar, caso eu me afastasse. Mas você não o fez: continuou na sala de aulas, tão imóvel quanto a carteira e o cavalete. Se, por acaso, nos encontrávamos, você passava por mim tão depressa quanto o respeito lhe permitia, apenas com um pequeno aceno de reconhecimento. Sua expressão habitual naqueles dias, Jane, era um olhar pensativo. Não desanimado, porque você não é doentia, nem tampouco alegre, pois tinha pouca esperança e nenhum prazer real. Imaginava o que pensava de mim, se é que pensava em mim, e resolvi descobrir.

– Voltei a prestar-lhe atenção. Quando conversava, havia algo de alegre no seu olhar e de cordial nos seus gestos. Vi que tinha um coração sociável: era o silêncio da escola, era o tédio da sua vida que a fazia parecer melancólica. Permiti-me o deleite de ser bondoso com você. A bondade não tardou a despertar emoções: a expressão do seu rosto se tornou mais suave, sua voz mais gentil. Eu gostava de ouvir meu nome pronunciado pelos seus lábios num tom de grata felicidade. Nessa época, Jane, eu costumava apreciar um encontro casual com você, pois havia uma curiosa hesitação nos seus modos: você me olhava com uma leve perturbação, como se uma dúvida pairasse no ar. Não sabia qual seria o meu capricho: se eu iria me comportar como patrão, e ser severo, ou como amigo, e ser

agradável. Naquela época eu já estava gostando demais de você para fazer o primeiro papel. E quando lhe estendia cordialmente a mão, seus traços jovens e ansiosos se iluminavam com tal brilho, viço e felicidade, que eu precisava de enorme controle para evitar estreitá-la ao peito ali mesmo.

– Não fale mais daqueles dias – interrompi, enxugando furtivamente algumas lágrimas.

Suas palavras me torturavam, pois eu sabia o que devia fazer – e fazer logo – e todas essas reminiscências e revelações de sentimentos só faziam dificultar a minha tarefa.

– Não, Jane – ele respondeu. – Que necessidade existe em insistir no Passado, quando o Presente é muito mais certo e o Futuro muito mais radiante?

Tremi ao ouvir esta afirmação apaixonada.

– Você vê agora em que pé está o caso, não é? – ele continuou. – Após uma juventude e mocidade passadas metade em indizível miséria e metade em sombria solidão, pela primeira vez havia encontrado alguém a quem podia realmente amar – havia encontrado você. Você é a minha simpatia, a melhor parte de mim, meu anjo bom, e estou ligado a você por uma forte afeição. Acho-a boa, talentosa, adorável. Meu coração foi tomado por uma paixão sincera e ardente. E esse coração se inclina para você, torna-a o centro e a fonte da minha vida, envolve a minha existência na sua e, ardendo em pura e intensa chama, funde-nos em um único ser.

– E foi porque eu senti e me convenci disso que resolvi desposá-la. Dizer-me que eu ainda tinha uma esposa é uma brincadeira sem sentido: você agora sabe que eu tinha apenas um demônio repugnante. Errei ao tentar enganá-la, mas temia essa teimosia que existe no seu temperamento. Temia também os preconceitos arraigados: queria tê-la segura antes de me arriscar em confidências. Isso foi covardia. Primeiro, devia ter apelado para a sua nobreza de caráter e magnanimidade, como faço agora – e contado a você, simplesmente, a minha vida de agonia, descrito a minha fome e sede de uma existência mais alta e mais digna, mostrado a você não a minha *resolução* (esta palavra é fraca), mas a minha irresistível *inclinação* para amar fiel e ardentemente, se fiel e ardentemente eu fosse amado. E então devia ter lhe pedido que aceitasse a minha promessa de fidelidade, e me concedesse a sua. Peço-lhe que me conceda agora, Jane.

Silêncio.

– Por que está calada, Jane?

Eu passava por uma prova: uma garra de ferro dilacerava-me as entranhas. Terrível momento: pleno de luta, escuridão, fogo! Nenhum ser humano que jamais tenha vivido podia desejar ser amado tanto quanto eu era. E àquele que me amava assim, eu simplesmente idolatrava. E devia renunciar ao amor e à idolatria. Uma única palavra resumia o meu inexorável dever: “Partir”!

– Jane, você entendeu o que quero de você? Apenas esta promessa: “Serei sua, Mr. Rochester.”

– Mr. Rochester, eu *não* serei sua.

Outro longo silêncio.

– Jane – ele recomeçou, com uma gentileza que me arrasou de tristeza e me deixou fria de sinistro terror, pois esta calma era o arquejar do leão que se erguia. – Jane, você pensa em seguir um caminho no mundo e me deixar seguir outro caminho?

– Penso.

– Jane (inclinando-se para mim e me abraçando), ainda pensa isso agora?

– Penso.

– E agora? – beijando-me suavemente a testa e o rosto.

– Penso – disse, arrancando-me do abraço rápida e inteiramente.

– Oh, Jane! Isso é doloroso! Isso é... Isso é cruel. Amar-me não devia ser cruel.

– Mas obedecê-lo seria.

Um olhar selvagem cruzou-lhe o semblante e ele arqueou as sobrancelhas. Ergueu-se, mas ainda hesitava. Pousei a mão no encosto de uma cadeira para me apoiar. Eu tremia, tinha medo. Mas estava decidida.

– Só um momento, Jane. Pense um instante na vida horrível que terei quando você partir. Toda a felicidade vai partir com você. O que restará então? Como esposa tenho apenas a louca lá de cima: seria melhor que tivesse um cadáver em algum cemitério. Que devo fazer, Jane? Onde procurar uma companheira e alguma esperança?

– Faça como eu: creia em Deus e em si mesmo. Acredite no céu e espere que nos encontremos de novo lá.

– Então não vai ceder?

– Não.

– Então me condena a viver miserável e morrer maldito? – alteou a voz.

– Eu o aconselho a viver sem pecado, e desejo que morra tranquilo.

– Então você arrebatou de mim o amor e a inocência? Você me atira de volta à luxúria e ao vício, em vez da paixão e da atividade?

– Mr. Rochester, não desejo esse destino para o senhor, como não o desejo para mim. Nascemos para lutar e sofrer, o senhor e eu: então lute e sofra. O senhor me esquecerá antes que eu consiga esquecê-lo.

– Falando dessa maneira você me declara um mentiroso, e fere a minha honra. Eu lhe disse que não posso mudar, e você me diz, na cara, que logo mudarei! Sua conduta está mostrando a distorção do seu julgamento e a perversidade das suas ideias! Acha melhor condenar ao desespero uma criatura amiga do que transgredir uma simples convenção humana, mesmo que ninguém seja ferido por essa transgressão? Existe algum parente ou amigo seu a quem ofenderá se viver comigo?

Era verdade. Enquanto ele falava, minha consciência e minha razão voltaram-se contra mim, e me acusaram do crime de resistir a ele. Falavam quase tão alto quanto o Sentimento, sendo que este clamava em altos brados. “Oh! Aceite!” dizia o Sentimento. “Pense na infelicidade dele e no perigo que corre. Veja o estado em que ficará quando estiver sozinho, lembre da sua natureza impulsiva. Considere a sua vida negligente seguida pelo desespero. Tranquelize-o. Salve-o. Ame-o. Diga-lhe que o ama e que será dele. Quem, neste mundo, se importa com *você*? Quem será ofendido pelo que você fizer?”

A resposta foi implacável: “Eu cuido de mim. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais desamparada estiver, mais respeitarei a mim mesma. Mantereí a lei deixada por Deus e sancionada pelo homem. Mantereí os princípios que recebi quando era sã, e não louca como agora. As leis e os princípios não foram feitos para as horas em que não há tentação. São para momentos como este, em que corpo e alma se insurgem contra o seu rigor. São leis severas, devem ser invioláveis. Se eu pudesse quebrá-las segundo a minha conveniência, qual seria o seu valor? E elas têm valor, foi o que

sempre acreditei. E se não consigo mais acreditar nisso é porque estou louca – completamente louca: nas minhas veias corre fogo e meu coração bate tão rápido que nem posso contar as pulsações. Opiniões formadas de antemão, ditames antigos, são tudo que tenho para me apoiar neste momento: sobre eles devo firmar meus pés.”

Foi o que fiz. Pela minha expressão, Mr. Rochester percebeu a decisão que eu tomara. Sua cólera foi levada ao extremo, a qualquer momento cederia a ela. Cruzou a sala, pegou meu braço e agarrou-me pela cintura. Parecia querer devorar-me com seu olhar flamejante. Fisicamente, sentia-me naquele momento tão impotente como se estivesse exposta ao calor de uma fornalha. Mentalmente, ainda era dona da minha alma, e por isso tinha certeza da vitória final. A alma, felizmente, tem um intérprete – às vezes inconsciente, mas ainda assim um intérprete verdadeiro – o olhar. Meu olhar levantou-se para ele e, quando olhei sua face orgulhosa, suspirei involuntariamente. A pressão dos seus dedos era dolorosa, e minhas forças extenuadas estavam quase no fim.

– Nunca – disse ele, rangendo os dentes. – nunca existiu alguém tão frágil e tão irredutível. Sente-se um simples junco em minhas mãos! (e ele me sacudiu com força) Posso vergá-la entre o polegar e o indicador, mas de que adiantaria vergá-la, quebrá-la, esmagá-la? Vejam estes olhos: vejam a pessoa resoluto, selvagem, livre, que olha através deles, desafiando-me com mais do que coragem – com inflexível triunfo. Mesmo que eu lhe faça uma jaula, não poderei aprisioná-la – a esta selvagem e bela criatura! Se eu rasgasse e destruísse a leve prisão que a tranca, meu castigo seria deixar a cativa livre. Posso conquistar a casa, mas a moradora escaparia para o céu antes que eu pudesse me considerar dono da sua morada. E é você, espírito – com a vontade e a energia, a virtude e a pureza – é a você que eu quero, não apenas a carne frágil. Por si mesma, se quisesse, poderia vir num voo suave e aninhar-se no meu coração. Mas se for coagida, vai evadir-se do cárcere como uma essência – e desaparecer antes que eu possa aspirar a sua fragrância. Oh, Jane! Venha! Venha!

Mr. Rochester libertara-me do abraço enquanto falava, e apenas me olhava. Era muito mais difícil resistir ao olhar do que ao seu aperto colérico. No entanto, só uma débil sucumbiria agora. Eu havia desafiado e vencido a sua fúria: cabia-me escapar à sua tristeza. Dirigi-me para a porta.

– Já está indo, Jane?

– Estou, senhor.

– Vai me deixar?

– Sim.

– Não virá comigo? Não será o meu conforto, a minha salvação? Não significam nada para você o meu amor profundo, a minha desventura cruel, o meu pedido desesperado?

Que tom sofrido havia na sua voz! Como foi difícil repetir com firmeza: “Vou-me embora.”

– Jane!

– Mr. Rochester!

– Retire-se, então. Tem a minha permissão. Mas lembre-se que está me deixando em profunda agonia. Volte para o seu quarto e pense em tudo que lhe disse, Jane. Peço que olhe para os meus sofrimentos e pense em mim.

Ele voltou-se e desabou no sofá, escondendo o rosto com as mãos.

– Oh, Jane! Minha esperança... meu amor... minha vida! – explodiram as palavras angustiadas dos seus lábios.

E, então, ouviu-se um soluço, profundo e sofrido.

Eu já alcançara a porta. Mas saiba, leitor, que eu voltei. Voltei tão determinada como partira. Ajoelhei-me ao lado dele e virei para mim o rosto escondido na almofada. Beije-lhe a face, acaricie-lhe os cabelos.

– Deus o abençoe, meu querido senhor! – eu disse. – Que Deus o proteja do sofrimento e do erro. Que Deus o conforte e o guie, e o recompense fartamente pela sua bondade para comigo.

– O amor da pequena Jane seria a minha melhor recompensa – ele respondeu. – Sem isso, meu coração ficará despedaçado. Mas Jane me dará o seu amor. Sim, com nobreza e generosidade.

O sangue afluiu-lhe ao rosto, a luz voltou aos seus olhos. Mr. Rochester levantou-se num ímpeto e abriu os braços para mim. Mas eu me esquivei ao abraço, e deixei definitivamente a sala.

“Adeus” gritou meu coração ao deixá-lo.

“Para sempre!” acrescentou o desespero.

Nem cogitei em dormir naquela noite, mas o sono tomou conta de mim tão logo me deitei. Fui transportada em pensamento para as cenas da infância. Sonhei que estava deitada no quarto vermelho de Gateshead, que a noite estava escura e minha mente atormentada por estranhos temores. A luz, que tantos anos atrás me causara um desmaio, lembrada nessa visão parecia subir deslizando pela parede e tremulamente pairar no centro do teto escuro. Levantei a cabeça para olhar: o teto se desfez em nuvens, altas e turvas. O brilho era intenso, emprestado pela lua às nuvens de onde vinha surgindo. Observei a lua aproximar-se em estranha expectativa, como se alguma profecia estivesse escrita no seu disco. Ela surgiu, perfurando as nuvens como nunca antes uma lua havia feito. Primeiro uma grande mão penetrou nas sombras escuras, afastando-as. Então, não a lua, mas uma branca forma humana brilhou no espaço azul, inclinando sua gloriosa frente para a terra. Olhou e fixou seu olhar em mim. Falou para o meu espírito. A voz vinha de uma distância imensurável, mas parecia próxima ao sussurrar dentro do meu coração:

– Minha filha, fuja da tentação.

– Sim, mãe, fugirei.

Assim respondi, depois de ter acordado desse sonho em forma de transe. Ainda era noite, mas em julho as noites são curtas. Pouco depois da meia-noite vem o alvorecer.

“Não há de ser cedo demais para começar a tarefa que preciso cumprir” pensei. Levantei-me. Já me encontrava vestida, tirara apenas os sapatos. Sabia onde encontrar nas gavetas alguma roupa branca, um broche, um anel. Procurando essas coisas, encontrei as contas de um colar de pérolas que Mr. Rochester me forcara a aceitar alguns dias antes. Deixei-o. Não me pertencia: era da noiva imaginária, que se desmanchara no ar. Fiz um pacote com os demais objetos. Coloquei no bolso a minha carteira contendo vinte xelins (era tudo que eu possuía). Amarrei o chapéu de palha, preendi o xale com os alfinetes, peguei o pacote e os sapatos, que ainda não havia colocado, e deixei o quarto.

“Adeus, minha bondosa Mrs. Fairfax!” sussurrei enquanto passava silenciosamente pela sua porta. “Adeus, minha querida Adele!” disse, olhando furtivamente para o quarto da menina. Não havia a menor possibilidade de entrar para abraçá-la. Tinha que ludibriar um ouvido muito apurado que, por tudo que eu sabia, devia agora estar à escuta.

Eu teria passado pela porta de Mr. Rochester sem parar. Mas como meu coração estacou quando passei junto ao limiar, meu passo foi obrigado a parar também. Ali não se dormia: o ocupante do quarto

caminhava impaciente, de um lado para outro. Enquanto eu escutava, suspirou várias vezes. Nesse quarto, se eu quisesse, havia um paraíso para mim – um paraíso efêmero. Bastava-me entrar e dizer:

“Mr. Rochester, vou amá-lo e viver com o senhor por toda a vida, até morrer”, e uma fonte de êxtase brotaria dos meus lábios. Pensei nisso.

Aquele bondoso patrão, que agora não podia dormir, esperava impaciente pelo raiar do dia. Mandaria me chamar pela manhã: eu estaria longe. Ele me procuraria: em vão. E se sentiria abandonado, seu amor rejeitado: ele sofreria; talvez se desesperasse. Também pensei nisso. Minha mão se moveu em direção à maçaneta. Mas recolhi-a, e seguí adiante.

Cuidadosamente, descí as escadas. Sabia o que devia fazer e agi maquinalmente. Na cozinha, procurei a chave da porta lateral. Busquei também um frasco de óleo e uma pena, e untei a chave e a fechadura. Peguei um pouco de água e pão, pois talvez tivesse que andar muito e as minhas forças, gravemente abaladas pelos acontecimentos recentes, não deviam desfalecer. Fiz tudo isso sem o menor barulho. Abri a porta, saí e fechei-a suavemente. As sombras da aurora refletiam-se no pátio. Os enormes portões estavam fechados e trancados, mas a portinhola de um deles estava apenas encostada. Saí por ali e fechei-a também. E, então, vi-me fora de Thornfield.

Uma milha adiante, além dos campos, passa uma estrada que segue na direção contrária a Millcote. Era uma estrada que eu nunca percorrera, mas já vira várias vezes e perguntara aonde conduzia. Dirigi-me para lá. Agora não podia mais me permitir reflexão alguma, nem sequer lançar um olhar para trás. Nem mesmo para frente. Não devia pensar mais, nem no passado nem no futuro. O primeiro era uma página tão divinamente doce – e tão mortalmente triste – que ler uma só de suas linhas dissolveria a minha coragem e extinguiria a minha energia. O último era um vazio terrível: algo parecido com o mundo depois do dilúvio.

Atravessei campos, e cercas, e veredas, até depois do sol nascer. Acho que era uma bela manhã de verão: sei que meus sapatos, que calçara ao sair da casa, logo ficaram molhados de orvalho. Mas eu não olhava nem para o sol nascente, nem para o céu risonho, nem para o despertar da natureza. Aquele que, a caminho do cadafalso atravessa um belo cenário, não pensa nas flores que sorriem no seu caminho, mas no cepo e no fio do machado, no desmembramento dos ossos e das veias e na cova escancarada que o espera. Eu pensava na minha fuga terrível e naquela peregrinação sem um lar para viver. Também pensava – sim! com extrema agonia! – naquilo que havia abandonado. Não podia evitar. Pensava nele agora... no seu quarto... olhando o sol nascer, na esperança de que eu logo chegasse para dizer que ficaria com ele e seria sua. Eu desejei ser dele. Desejei regressar: ainda não era tarde demais. Podia poupá-lo do amargo sofrimento da privação. Tinha certeza que a minha fuga ainda não havia sido descoberta. Podia voltar e ser o seu conforto – o seu orgulho. Salvá-lo do sofrimento, talvez da ruína. Oh! O medo do seu próprio abandono – muito pior do que o meu – como me aguilhoava! Era uma flecha afiada cravada no meu peito: dilacerava-me quando tentava arrancá-la. E atormentava-me quando as lembranças me atingiam. Os pássaros começaram a cantar nos bosques e matagais. Os pássaros eram fiéis aos seus parceiros. Os pássaros eram símbolos de amor. E eu, o que era? Entre o sofrimento do coração e o esforço desesperado para manter meus princípios, eu detestava a mim mesma. Não obtinha consolo na autoaprovação, nem no respeito próprio. Eu havia ofendido, ferido, abandonado o meu senhor. Sentia-me odiosa aos meus próprios olhos. Ainda assim não podia voltar, nem refazer um só passo. Deus deve ter me conduzido. Se dependesse de minha própria vontade ou consciência, o enorme pesar teria enfraquecido a primeira e reprimido a segunda. Enquanto prosseguia no meu caminho solitário, chorava copiosamente. Logo, logo, me tornei delirante. Uma fraqueza, a princípio despercebida, acabou por se

espalhar pelos meus membros, tomou conta de mim, e eu caí. Fiquei no chão alguns minutos, o rosto pressionado contra a grama molhada. Tive medo – ou talvez esperança – de morrer ali mesmo. Mas logo me ergui, rastejei para frente e então me firmei sobre os pés... ansiosa e determinada como nunca a alcançar a estrada.

Quando cheguei lá fui obrigada a sentar-me sob uma sebe e descansar um pouco. Enquanto estava sentada ouvi o barulho de rodas, e um coche se aproximou. Levantei-me e acenei. O coche parou. Perguntei para onde ia: o cocheiro nomeou um lugar bem distante, onde eu sabia que Mr. Rochester não tinha conhecidos. Perguntei-lhe por quanto me levaria até lá, e ele mencionou trinta xelins. Respon-di-lhe que só tinha vinte. Bem, ele ia ver o que podia fazer por vinte xelins. Além disso me deu permissão para entrar, pois o veículo estava vazio. Entrei, a porta foi fechada e o coche partiu.

Querido leitor, desejo que nunca sinta o que eu senti naquele momento! Que os seus olhos nunca derramem lágrimas tão copiosas e escaldantes, vindas do coração, como as que correram dos meus. Que nunca implore aos céus em preces tão desesperadas e agoniadas como aquelas que saíram dos meus lábios. E que nunca venha a ser, como eu, oprimido pelo terror de ter sido o instrumento do mal contra aquilo que ama mais profundamente!

CAPÍTULO 28

Dois dias se passaram. É uma noite de verão. O cocheiro me deixou num lugar chamado Whitcross. Não podia levar-me mais longe por aquela soma, e eu não tinha nem mais um xelim neste mundo. A essa hora o coche já está a alguns quilômetros de distância. Estou sozinha. Neste momento descubro que esqueci de pegar o pacote no bagageiro do coche, onde o colocara para maior segurança. Lá está, e lá deverá ficar. E agora estou absolutamente sem recursos.

Whitcross não é uma cidade, nem sequer um vilarejo. Não é nada mais que um pilar de pedra colocado num local onde se cruzam quatro estradas. Foi pintado de branco, creio, para ficar mais visível à distância e no escuro. Do alto do pilar saem quatro placas. A cidade mais próxima dali, conforme a inscrição, dista dezesseis quilômetros. A mais afastada, quase trinta. Pelos nomes das cidades, bastante conhecidos, fico sabendo em que condado desembarquei: uma região centro-norte, pantanosa e atravessada por montanhas. Isso eu podia ver. Atrás de mim, e à direita e à esquerda, existem vastas charnecas, e também cadeias de montanhas desdobrando-se muito além do profundo vale à minha frente. A população daqui deve ser escassa, pois não há ninguém transitando pelas estradas que se estendem para leste, oeste, norte e sul – todas brancas, largas e desertas. Elas atravessam a charneca, e os matagais crescem espessos e selvagens às suas margens. Mesmo assim pode passar um viajante fortuito, e não desejo que ninguém me veja agora, pois um estranho poderia se perguntar o que estou fazendo parada junto ao marco de pedra, evidentemente perdida e sem destino. Eu poderia ser questionada, e não conseguiria dar resposta alguma que não parecesse inacreditável ou despertasse suspeitas. Naquele momento, nenhum laço me ligava à sociedade dos homens, nenhum encanto ou esperança me atraía para junto dos meus semelhantes, ninguém que me visse teria para mim um pensamento bom ou um desejo generoso. Não tenho parente algum, além da mãe universal: a Natureza. É no seu seio que buscarei repouso.

Entreireto na mata. Parei junto a uma escavação que eu vira cortar fundamente a charneca. Arrastei-me de joelhos pela extensão escura. Segui as curvas e, ao encontrar uma rocha coberta de musgo num ângulo mais escondido, sentei-me sob ela. Acima de mim ficavam grandes bancos de urzes. A rocha protegia-me, e além dela estava o céu.

Mesmo ali, levei algum tempo para me tranquilizar. Tinha um vago pavor de que houvesse gado selvagem por perto, ou que algum esportista ou um caçador furtivo pudesse me descobrir. Se uma rajada de vento soprava no vazio, eu olhava para cima, temendo que fosse o resfolegar de um touro. Se alguma ave piava, eu imaginava que era o assobio de um homem. No entanto, vendo que minhas apreensões eram infundadas, e tranquilizada pelo profundo silêncio que reinava enquanto o entardecer se transformava em noite fechada, fui ganhando confiança. Até ali eu não pensara em nada, apenas ouvira, observara, temera. Agora recuperava a faculdade da reflexão.

O que fazer? Para onde ir? Oh, questões intoleráveis essas, quando eu não podia fazer nada e nem ir a lugar algum! Quando meus membros fatigados e trêmulos deviam ainda percorrer um longo caminho, antes que pudesse chegar a alguma habitação humana. Quando devia implorar pela caridade fria, antes de conseguir alojamento. E por certo devia ainda ser importunada por uma simpatia relutante, até uma recusa, antes que a minha história pudesse ser ouvida ou alguma das minhas necessidades atendida.

Toquei a vegetação: estava seca e ainda morna do calor do sol de verão. Olhei para o céu:

estava límpido, uma linda estrela brilhando logo acima da fenda. O sereno caiu, mas com suavidade, não soprava brisa alguma. A natureza me parecia benigna e compassiva. Pensei que, mesmo sendo uma pária, ela me amava. E eu, que dos homens podia esperar apenas descrença, rejeição e insulto, apeguei-me à natureza com devoção filial. Nesta noite, pelo menos, seria sua hóspede, assim como era sua filha: minha mãe me abrigaria de graça, sem necessidade de dinheiro. Eu ainda tinha um pedaço de pão, o resto de um pãozinho que havia comprado numa cidade por onde passáramos ao meio-dia, com uma moeda desgarrada... a última que me restara. Vi mirtilos maduros brilhando aqui e ali, como contas saindo dos arbustos. Peguei um punhado e comi com o pão. Minha fome, que era aguda, se não foi satisfeita pelo menos foi apaziguada com essa refeição de eremita. Rezei as preces quando terminei, e então escolhi um lugar para dormir.

Ao lado da rocha o matagal era cerrado. Quando me deitei, meus pés afundaram e a vegetação cobriu-me, deixando apenas uma estreita abertura para entrar o ar da noite. Dobrei o xale e estendi-o sobre o corpo, como um cobertor. Um tufo de musgo, baixo e macio, serviu-me de travesseiro. Assim abrigada não sentia o menor frio, pelo menos no começo da noite.

Meu repouso podia ser bastante tranquilo. Apenas um coração triste o perturbava. Um coração que se queixava de suas feridas abertas, sua dor escondida, suas fibras partidas. Temia por Mr. Rochester e sua perdição, lamentava-o com amarga piedade, pedia por ele com incessante saudade – impotente como um pássaro com as duas asas quebradas, mas que ainda assim agita os membros rotos em vãs tentativas de alcançá-lo.

Exausta com essa tortura mental, ajoelhei-me. A noite chegara, e com ela os seus planetas. Era uma bela e calma noite, serena demais para a companhia do medo. Sabemos que Deus está em toda parte, mas certamente sentimos melhor a Sua presença quando vemos Suas obras espalhadas diante de nós em larga escala. E é no límpido céu noturno que Suas palavras seguem um curso silencioso, e onde percebemos claramente Sua infinitude, Sua onipotência, Sua onipresença. Eu me ajoelhara para rezar por Mr. Rochester. Olhando para o alto, os olhos marejados de lágrimas, vi a poderosa Via Láctea. E lembrando do que ela representa – as incontáveis constelações que ali cruzam o espaço, como um suave traço de luz – senti a força e o poder de Deus. Logo estava confiante na Sua capacidade de salvar aquilo que Ele mesmo criara. Convenci-me ainda mais que nem a Terra acabaria, nem se perderiam as almas que ela abriga. Minha oração então foi de graças: a Fonte da Vida era também o Salvador dos espíritos. Mr. Rochester estava salvo, era uma criatura de Deus e por Ele seria guardado. Aninhei-me outra vez no seio da terra e logo dormi, esquecendo a tristeza.

No dia seguinte, porém, a Necessidade veio a mim, pálida e nua. Muito depois dos passarinhos terem deixado seus ninhos. Muito depois das abelhas partirem, ao romper do dia, para colher o néctar antes que o orvalho secasse. Quando as sombras da noite já se haviam desvanecido e o sol invadia a terra e o céu – levantei-me e olhei ao meu redor.

Que dia calmo, tépido, perfeito! A extensa charneca parecia um deserto dourado! O sol invadia tudo. Quem dera eu pudesse viver ali com a natureza! Vi um lagarto correr sobre a pedra. Vi uma abelha ocupada entre os doces mirtilos. Naquele momento ficaria feliz em ser um lagarto ou uma abelha, pois aqui encontraria alimento e abrigo. Mas eu era um ser humano e tinha necessidades próprias dos seres humanos: não devia me demorar onde não havia nada para supri-las. Levantei-me e olhei para o leito que acabara de deixar. Sem esperanças no futuro, desejava apenas que o meu Criador tivesse achado por bem chamar a minha alma enquanto eu dormia. E que o meu corpo, dispensado pela morte de qualquer confronto futuro com o destino, pudesse agora apenas tombar suavemente e unir-se ao solo e à natureza.

Mas a vida ainda pulsava em mim, com todas as suas necessidades, dores e responsabilidades. Teria que carregar meu fardo, prover minhas necessidades, suportar o sofrimento, cumprir os meus deveres. Parti.

Chegando a Whitcross peguei uma estrada que me permitisse caminhar de costas para o sol, agora alto e escaldante. Só esta circunstância guiou a minha escolha. Caminhei por longo tempo, e quando pensei que já havia feito o bastante, e que podia conscienciosamente descansar da fadiga que quase vencida as minhas forças, sentei-me numa pedra e entreguei-me à apatia que invadia meu corpo e meu coração. Então ouvi o toque de um sino – um sino de igreja.

Voltei-me na direção do som, e ali, no meio daquelas românticas montanhas cuja beleza e aspecto eu deixara de notar uma hora atrás, vi um vilarejo e a torre de uma igreja. Todo o vale que se estendia à minha direita era coberto de pastagens, milharais e bosques. Um riacho serpenteava por entre os vários tons de verde, os grãos maduros, o bosque sombrio, as claras e ensolaradas campinas. Alertada pelo barulho de rodas na estrada atrás de mim, vi uma carroça, pesadamente carregada, subindo pela encosta. Não muito longe viam-se duas vacas e o boiadeiro. A vida e a lida humana estavam perto. Eu devia lutar: esforçar-me para viver e ganhar o pão de cada dia, como todos.

Às duas horas da tarde, mais ou menos, entrei no vilarejo. No final da única rua havia uma pequena loja, com alguns pães na vitrina. Desejei um pedaço de pão. Com essa leve refeição talvez pudesse recobrar um pouco as energias. Sem isso, seria difícil prosseguir. Voltou-me o desejo de ganhar alguma força e vigor tão logo me vi entre meus semelhantes. Senti que seria degradante desmaiar de fome na entrada de um vilarejo. Será que eu não tinha comigo nada que pudesse oferecer em troca de um desses pães? Pensei no assunto. Tinha um pequeno lenço de seda atado ao pescoço. Tinha também minhas luvas. Mas quase não sabia como agem os homens e mulheres nos extremos da privação. Não sabia nem se esses objetos seriam aceitos: provavelmente não, mas eu tinha que tentar.

Entre na loja. Havia ali uma mulher. Vendo uma pessoa respeitavelmente vestida, uma dama, como ela deve ter pensado, adiantou-se educadamente. Em que me podia ser útil? Fui tomada pela vergonha: meus lábios não conseguiram expressar o pedido que eu havia preparado. Não ousava oferecer-lhe as luvas meio gastas, nem o lenço amarrotado. Além disso, senti que seria absurdo. Pedi apenas permissão para sentar-me um momento, pois estava cansada. Desapontada por eu não ser uma cliente, ela concordou friamente. Apontou-me uma cadeira, e eu desabei sobre ela. Senti uma vontade urgente de chorar mas, consciente do quanto isso seria inapropriado, eu me contive. Logo perguntei-lhe “se havia um alfaiate ou costureira na cidade”.

– Sim, dois ou três. Exatamente os que são necessários.

Refleti. Chegara agora ao ponto, fora colocada frente a frente com a Necessidade. Estava na posição de alguém sem nenhum recurso, sem um amigo, sem um níquel. Devia fazer algo, mas o quê? Devia me empregar em algum lugar. Onde?

– Sabe de alguém nas vizinhanças que precise de uma empregada?

– Não... não sei informar.

– Qual é o negócio principal da cidade? O que faz a maioria das pessoas?

– Alguns trabalham nas fazendas. Muitos trabalham na fábrica de agulhas de Mr. Oliver e na fundição.

– Mr. Oliver emprega mulheres?

– Não. É trabalho de homem.

– E o que fazem as mulheres?

– Não sei... – foi a resposta. – Algumas fazem isso, outras aquilo. As mulheres pobres se agarram ao que aparece.

Ela parecia estar cansada das minhas perguntas. E, de fato, que direito eu tinha de importuná-la? Uma ou duas pessoas entraram na loja. Era evidente que a minha cadeira seria necessária. Saí.

Subi a rua, enquanto olhava para todas as casas, do lado direito e esquerdo. Mas não pude achar um pretexto nem um encorajamento para entrar em alguma delas. Perambulei pelo vilarejo por mais de uma hora, andando um pedaço e voltando. Completamente exausta, sentido agora uma fome terrível, entrei por uma viela lateral e sentei-me sob uma sebe. Passou-se algum tempo, e novamente coloquei-me de pé, procurando alguma coisa – algum recurso, ou pelo menos um informante. No alto da viela havia uma bela casinha com um jardim na frente, perfeitamente limpo e brilhantemente florido. Parei. Que desculpa eu tinha para me aproximar da porta branca e tocar a aldrava reluzente? Que interesse teriam os habitantes daquela moradia em me prestar algum favor? Ainda assim me aproximei e bati. Uma moça de aspecto meigo e roupas asseadas abriu a porta. Numa voz que seria de se esperar de uma pessoa sem esperança no coração e desfalecendo de fome – uma voz miseravelmente baixa e hesitante – eu perguntei se precisavam de uma criada.

– Não – ela disse. – Não temos criadas.

– Sabe me dizer onde posso encontrar um emprego de qualquer tipo? – continuei. – Sou forasteira, não tenho conhecidos neste lugar. Preciso de um trabalho: qualquer coisa serve.

Mas não era obrigação dela pensar por mim, nem procurar uma colocação para mim. Além disso, meu caráter, minha posição, minha história devem ter lhe parecido muito duvidosos. Ela sacudiu a cabeça “sentia muito, mas não podia me dar qualquer informação”, e fechou a porta branca, com gentileza e civilidade. Mesmo assim eu fora enxotada. Se ela mantivesse a porta aberta um pouco mais acredito que teria implorado por um pedaço de pão, pois eu atingira o ponto mais baixo.

Não podia suportar a ideia de voltar àquele sórdido vilarejo, onde, além de tudo, não via possibilidade alguma de ajuda. Era preferível enveredar por um bosque que vira próximo dali e que parecia, pela sua sombra, oferecer um convidativo abrigo. Mas eu estava tão fraca, tão fatigada, tão atormentada pelas necessidades da natureza, que o instinto me manteve perambulando pelas moradias, onde havia esperança de obter comida. A solidão não seria solidão, o descanso não seria descanso enquanto aquele predador – a fome – assim cravasse o bico e as garras nas minhas entranhas.

Aproximei-me das casas. Afastei-me e voltei. E afastei-me de novo, sempre contida pela consciência de não ter nada o que pedir, nem direito a esperar interesse pela minha situação. Enquanto isso a tarde avançava, e eu continuava a perambular como um cachorro perdido e faminto. Cruzando um campo, vi a torre da igreja à minha frente. Apressei-me naquela direção. Perto do adro, no meio de um jardim, erguia-se uma casa pequena e bem construída. Tinha certeza que se tratava da casa paroquial. Lembrei-me que os estranhos que chegam a um lugar onde não tem amigos, e que desejam um emprego, muitas vezes se dirigem ao pároco para obter ajuda. É função do pároco ajudar, pelo menos com conselhos, aqueles que desejam ajudar a si próprios. Achei que tinha o direito de buscar conselho ali. Renovando minha coragem e juntando os últimos resquícios das minhas forças, avancei. Cheguei na casa e bati na porta da cozinha. Uma velha abriu e perguntei-lhe se ali era a casa paroquial.

– Sim.

– E o pároco está em casa?

– Não.

– Ele volta logo?

– Não. Ele viajou.

– Para muito longe?

– Nem tanto, mais ou menos cinco quilômetros. Foi chamado, por causa da morte repentina do pai. Está agora em Marsh End e provavelmente ficará lá por quinze dias.

– Há alguma senhora na casa?

– Não, apenas eu, que sou a governanta.

E dessa senhora, leitor, eu não podia esperar receber o alívio para as necessidades que me faziam sucumbir. Ainda não conseguia implorar. E de novo arrastei-me para longe.

Uma vez mais peguei o meu lencinho... uma vez mais pensei nos pães na vitrina da lojinha. Oh! Apenas uma migalha! Só um bocadinho para amainar a pontada da fome! Instintivamente voltei-me para o vilarejo e procurei de novo a loja. Entrei. E embora ali estivessem outras pessoas além da mulher que me atendera, aventurei-me a perguntar:

– A senhora me daria um pão em troca deste lenço?

Ela olhou-me com evidente suspeita.

– Não faço negócios desse tipo!

Quase desesperada, pedi então a metade do pão. Ela voltou a recusar.

– Como é que vou explicar onde consegui esse lenço?

– Aceitaria então as minhas luvas? – perguntei.

– Não. O que eu faria com elas?

Leitor, não é agradável narrar esses detalhes. Alguns dizem que existe alegria em recordar as experiências dolorosas do passado. Mas até agora mal pude suportar reviver os tempos a que me refiro. A degradação moral misturada ao sofrimento físico constitui uma recordação por demais dilacerante para ser voluntariamente evocada. Não culpo as pessoas que me rejeitaram. Sentia que isso era o que devia esperar e que era inevitável. Um mendigo comum é frequentemente objeto de suspeitas, quanto mais um mendigo bem vestido. É verdade que eu pedia apenas emprego, mas a quem competia encontrar-me uma colocação? Certamente não às pessoas que me viam pela primeira vez e que nada sabiam do meu caráter. E quanto a mulher que não aceitou o meu lenço em troca do pão, porque culpá-la? Ela tinha razão em fazê-lo, se a oferta lhe pareceu suspeita ou a troca pouco lucrativa. Vou resumir. Estou cansada do assunto.

Pouco antes do anoitecer passei por uma casa de fazenda a cuja porta o proprietário estava sentado, comendo o seu jantar de pão e queijo. Parei e disse:

– Pode me dar um pedaço de pão? Estou com muita fome.

Ele lançou-me um olhar de surpresa. Mas, sem responder, cortou uma fina fatia de pão e me deu. Creio que não acreditou que eu fosse uma mendiga, mas algum tipo de dama excêntrica, que se encantara com o seu pão preto. Logo que me afastei da casa, sentei-me e comi.

Não podia esperar conseguir abrigo sob um teto, e resolvi procurá-lo no bosque a que já me referi. Mas a minha noite foi miserável, meu sono interrompido. O terreno estava úmido, o ar frio. Além

disso, mais de uma vez passaram intrusos perto de mim e eu tive que mudar constantemente de lugar. Não fui agraciada com nenhuma sensação de segurança ou tranquilidade. Quando amanhecia começou a chover, e choveu durante quase todo o dia seguinte. Não me peça, leitor, para fazer um relato minucioso desse dia. Como antes, procurei trabalho. Como antes, fui repelida. Como antes, passei fome. Apenas uma vez, alguma comida passou pelos meus lábios. Na porta de uma cabana vi uma menina a ponto de jogar uma porção de mingau frio no cocho dos porcos.

– Você me daria esse mingau? – perguntei.

Ela me olhou.

– Mamãe! – exclamou. – Tem uma mulher aqui que quer que eu dê esse mingau para ela.

– Pode dar – respondeu uma voz, lá de dentro. – Se for uma mendiga, pode dar. O porco não quer mais.

A menina derramou a massa endurecida do mingau na minha mão, e eu devorei-a com entusiasmo.

Quando aquele entardecer chuvoso virou noite, parei numa trilha solitária, que eu estivera seguindo por mais de uma hora.

“Minhas forças estão me abandonando” disse para mim mesma. “Sinto que não posso ir muito longe. Serei uma criatura abandonada ainda esta noite? Terei que repousar a cabeça no chão frio e molhado, enquanto cai a chuva? Sinto que não há outra coisa a fazer, pois quem me dará abrigo? Mas será pavoroso, com essa sensação de fome, fraqueza, frio, e esse sentimento de desolação, a perda total da esperança! É bem provável, no entanto, que eu morra antes do amanhecer. E por que não aceitar a perspectiva da morte? Por que lutar para manter uma vida sem valor? Porque sei, ou suponho, que Mr. Rochester ainda está vivo. E assim, morrer de fome e frio é um destino que a minha natureza não pode aceitar passivamente. Oh, Divina Providencia! Mantém-me um pouco mais! Ajuda-me... e guia-me!”

Meus olhos vidrados vaguearam pela paisagem turva e nebulosa. Vi que me afastara do vilarejo. Dele não se via quase mais nada. As próprias pastagens que o circundavam haviam desaparecido de vista. Por atalhos e caminhos secundários, eu tinha me aproximado outra vez da charneca. E agora só havia uns poucos campos, quase tão selvagens e improdutivos quanto o terreno em que medravam, estendendo-se entre mim e a colina escura.

“Bem, prefiro morrer lá longe do que numa rua ou estrada movimentada” refleti. “É bem melhor que os corvos e abutres – se existirem abutres nestas paragens – arranquem a carne dos meus ossos, do que ser aprisionada num caixão e jogada na lama da vala comum.”

Voltei, então, para a colina. Alcancei-a. Faltava agora apenas encontrar uma cova onde pudesse me deitar e sentir-me ao menos escondida, já que não podia estar segura. Mas toda a superfície do terreno parecia plana. Variava apenas de cor: verde, onde o musgo e a grama cobriam o terreno pantanoso; preto, onde o solo seco sustentava as urzes. Apesar da escuridão, ainda podia distinguir essas nuances. As cores haviam desaparecido com a chegada da noite, mas eu me guiava pela alternância de sombra e luz.

Meus olhos ainda percorriam o triste terreno e a encosta da charneca, que desaparecia naquele cenário selvagem, quando num ponto escuro, bem distante, entre os pântanos e montanhas, uma luz brilhou. “Deve ser um fogo-fátuo” foi meu primeiro pensamento, e esperei que logo desaparecesse. Ele continuou aceso, no entanto, bastante firme, sem diminuir nem aumentar. “Será uma fogueira recém acesa?” perguntei-me. Observei para ver se a luz aumentava: mas não. Assim como não aumentava,

também não diminuía. “Deve ser uma vela em alguma casa,” conjecturei “mas se for, nunca poderei alcançá-la, está longe demais. E mesmo que esteja a poucos metros, de que me adianta? Vou bater na porta apenas para vê-la fechada na minha cara.”

Deixei-me cair onde estava, e escondi o rosto no chão. Fiquei assim por longo tempo. O vento da noite passava em rajadas sobre a montanha e sobre mim, para morrer gemendo na distância. A chuva aumentou, molhando-me até os ossos. Se eu pudesse desmaiar com o frio e sentir o amigável abraço da morte teria me entregado. Não sentiria nada. Mas meu corpo ainda vivo tremia sob o frio. Então, levantei-me.

A luz continuava lá, brilhando fraca mas constante sob a chuva. Tentei caminhar de novo. Arrastei meus membros exaustos vagorosamente em direção a ela. A luz levou-me por um caminho enviesado pela montanha, através de um enorme pântano que seria intransitável no inverno, pois mesmo agora, em pleno verão, estava enlameado e escorregadio. Caí duas vezes mas, como sempre, levantei-me e reuni as minhas forças. Essa luz era minha última esperança: devia alcançá-la.

Após cruzar o pântano, vi um traço branco em meio à vegetação. Aproximei-me. Era uma estrada ou uma trilha, e levava para cima, direto para a luz que agora brilhava no topo de uma espécie de pequeno outeiro, no meio de um grupo de árvores – abetos, ao que parecia, tanto quanto eu podia distinguir das formas e da folhagem no meio da escuridão. Quando me aproximei, minha estrela desapareceu: algum obstáculo se interpusera entre mim e ela. Estendi a mão para tatear a massa escura à minha frente. Distingui as pedras duras de um muro baixo: sobre ele havia uma espécie de cerca e dentro uma sebe alta e espinhosa. Tateei. Outra vez um objeto esbranquiçado brilhava à minha frente: era um portão... uma cancela. Quando o toquei, moveu-se nos gonzos. De cada lado havia arbustos ou árvores.

Transposto o portão, passados os arbustos, surgiu a silhueta de uma casa – escura, baixa e muito comprida. Mas a luz que me guiara não brilhava mais. Tudo era escuridão. Teriam os moradores se recolhido para dormir? Temi que tivesse sido isso. Procurando a porta, dobrei o ângulo da casa: lá estava a luz amistosa brilhando novamente, através das vidraças em losango de uma janela emoldurada por ripas de madeira. Parecia menor, pois estava coberta de hera ou outra trepadeira qualquer, cujas folhas subiam pela parede da casa em que ela se achava. A abertura da janela era tão estreita e fechada que tornava desnecessário qualquer tipo de cortina ou sanefa. Quando me inclinei e afastei a folhagem pude ver todo o interior da peça. Vi claramente uma sala com piso de cimento, limpo e escovado. Um armário de nogueira, com pratos de estanho dispostos nas prateleiras, refletindo a rubra luminosidade de um brilhante fogo de turfa. Pude ver um relógio, uma grande mesa branca, algumas cadeiras. O candeeiro, cuja luz fora o meu farol, ardia em cima da mesa. Sob essa luz, uma mulher idosa de aspecto um tanto grosseiro, mas escrupulosamente limpa como tudo ao seu redor, tricotava uma meia.

Percebi tudo isso apenas superficialmente, pois não tinha nada de extraordinário naquilo. Perto da lareira havia um grupo mais interessante, imóvel sob a rósea paz e calor do ambiente. Duas graciosas jovens, verdadeiras damas em todos os aspectos, estavam sentadas: uma numa cadeira de balanço, a outra numa banquetta baixa. As duas vestiam luto fechado, em crepe e bombazina, cuja elegância sombria ressaltava singularmente os pescoços e as faces muito alvas. Um enorme cachorro perdigueiro descansava sua cabeça maciça no colo de uma das moças. No regaço da outra aninhava-se um gato negro.

Que estranho, uma casinha tão humilde para pessoas com aquela aparência! Quem eram elas? Não podiam ser as filhas da senhora sentada à mesa, pois ela parecia rústica enquanto as moças eram só delicadeza e trato. Eu nunca vira rostos como aqueles, e ainda assim, quanto mais olhava, mais me sentia íntima de cada um dos seus traços. Não podia dizer que eram lindas... eram muito pálidas e sérias para

merecer essa palavra. Como se debruçavam sobre um livro, sua expressão pensativa parecia quase severa. Uma estante baixa entre elas servia de suporte para outro candeeiro e dois grandes volumes, os quais elas consultavam constantemente, comparando-os com os pequenos volumes que tinham nas mãos. Parecia que consultavam um dicionário para ajudá-las em alguma tradução. A cena era silenciosa, como se todas as figuras fossem sombras e a sala iluminada fosse um quadro. O silêncio era tanto que eu podia ouvir as cinzas caírem na lareira e o tique-taque do relógio num canto escuro. Imaginei distinguir até o clique-clique das agulhas de tricô. Por isso, quando uma voz quebrou o estranho silêncio, foi perfeitamente audível para mim.

– Ouça, Diana! – disse uma das ocupadas estudantes – Franz e o velho Daniel estão juntos uma noite, e Franz está contando um pesadelo que o fez acordar aterrorizado. Ouça!

E ela começou a ler alguma coisa em voz baixa, da qual não consegui entender uma só palavra. Era uma língua que eu desconhecia. Não era francês nem latim. Não sei dizer se era grego ou alemão.

– É bom! – ela disse, quando terminou. – Gostei muito!

A outra moça, que levantara a cabeça para ouvir a irmã, repetiu uma linha do que fora lido, enquanto fitava o fogo. Dias depois descobri qual era a língua e o livro de que falavam. Vou reproduzir aqui a citação, embora, quando a ouvi pela primeira vez, não tivesse significado algum para mim, parecia apenas um som metálico e inarticulado.

“Da trat hervor Einer, anzusehen wie die Sternen Nacht!”

– Muito bom! Muito bom! – ela exclamou, com os olhos negros e profundos brilhando. – Aí está um belo e poderoso arcanjo diante de você, bem a tempo! Esta citação merece cem páginas de considerações retumbantes. *“Ich wage die Gedanken in der Schale meines Zornes und die Werke mit dem Gewichte meines Grimms.”* Gosto disso!

Ambas voltaram a ficar em silêncio.

– E tem alguma terra onde se fala desse jeito? – perguntou a velha, levantando os olhos do tricô.

– Sim, Hannah. Há um país bem maior que a Inglaterra, onde só se fala assim.

– Bem, de todo jeito, não sei como eles se entendem uns com os outros. E se uma de vocês for lá, vai poder entender o que eles falam, não é mesmo?

– Provavelmente vamos entender alguma coisa, mas não tudo... Não somos tão espertas como você pensa, Hannah. Não falamos alemão, e não conseguimos ler sem ajuda do dicionário.

– E o que isso vai trazer de bom para vocês?

– Pretendemos ensiná-lo, algum dia... ou pelo menos os rudimentos, como se diz. Então teremos mais dinheiro do que temos agora.

– Decerto. Mas chega de estudo, já estudaram muito esta noite.

– Acho que sim. Eu, pelo menos, estou cansada. Você também, Mary?

– Mortalmente cansada. Afinal, é um trabalho muito duro aprender uma língua sem outro mestre além do dicionário.

– Se é... Especialmente uma língua difícil, apesar de gloriosa, como o alemão. Quando será que St. John vai chegar?

– Com certeza não vai demorar muito. Já são dez horas (olhando para um pequeno relógio de ouro que tirou do bolsinho). Está chovendo muito, Hannah. Quer ter a bondade de atijar o fogo no salão?

A mulher levantou-se e abriu uma porta. Avistei um corredor na penumbra. Logo ouvi-a atijar o fogo em algum cômodo interno. Então retornou.

– Ah, crianças! – disse. – Que agonia ir até a sala agora. Parece tão solitária com a cadeira vazia, encostada na parede!

Secou os olhos com o avental. As duas moças, que antes pareciam sérias, agora estavam tristes.

– Mas ele está num lugar melhor – continuou Hannah. – Não seria bom para ele continuar aqui. E depois, ninguém teria uma morte melhor do que ele teve.

– Você disse que ele nem falou no nosso nome? – inquiriu uma das moças.

– Ele não teve tempo, menina. Seu pai morreu num minuto. Ele estava um pouco indisposto na véspera, mas não era nada preocupante. E quando Mr. St. John perguntou se ele queria mandar chamar uma de vocês, ele riu. No outro dia começou de novo com um peso na cabeça – faz quinze dias – e foi dormir. Nunca mais acordou. Estava quase morto quando o irmão de vocês entrou no quarto e o encontrou. Ah, crianças! Ele era o último da velha guarda – vocês e Mr. St. John são bastante diferentes do falecido. Parecem mais com a mãe, até no gosto pelos livros. Você é o retrato da sua mãe, Mary. Diana parece mais com o pai.

Eu as achava tão parecidas que não sabia onde a velha criada (o que agora concluí que ela era) encontrara alguma diferença. Ambas tinham a pele clara e a compleição delicada. Ambas possuíam rostos muito distintos e inteligentes. Na verdade, uma tinha o cabelo um pouco mais escuro do que a outra, e penteavam-se de modo diferente. Os cachos castanhos de Mary eram repartidos e puxados para trás. Os cabelos de Diana, de tom um pouco mais escuro, desciam pelo pescoço em cachos abundantes. O relógio bateu dez horas.

– Bem, vocês com certeza querem cear. E Mr. St. John também, quando chegar.

E começou a preparar a refeição. As moças se levantaram. Pareciam dirigir-se ao salão. Até aquele momento eu estivera bastante interessada em observá-las. Sua aparência e conversa me despertaram um interesse tão intenso que eu quase me esquecera da minha infeliz situação. Agora ela me voltava à lembrança. O contraste tornava minha situação mais desoladora e desesperada do que nunca. Como me pareceu impossível sensibilizar as moradoras da casa para agir em meu favor, fazê-las acreditar nas minhas necessidades e tristezas, induzi-las a pôr um fim nas minhas peregrinações! Enquanto procurava a porta e batia, hesitantemente, senti que a última ideia era apenas uma quimera. Hannah abriu.

– O que deseja? – ela perguntou, numa voz surpresa, enquanto me observava à luz do candeeiro que trazia na mão.

– Posso falar com as suas patroas? – eu disse.

– É melhor me dizer primeiro o que quer com elas. De onde vem você?

– Venho de longe.

– O que deseja aqui a esta hora?

– Desejo abrigo para passar a noite, no pátio ou em qualquer outro lugar, e um pedaço de pão para comer.

A suspeita, o único sentimento que eu temia, apareceu no rosto de Hannah.

– Vou lhe dar um pedaço de pão – ela disse, depois de uma pausa. – Mas não podemos abrigar uma andarilha. Não é possível.

– Deixe-me falar com as suas patroas.

– Não, não vou deixar. O que elas podem fazer por você? Não devia estar perambulando a esta hora. Parece muito errado.

– Mas para onde irei, se a senhora me expulsa? Que fazer?

– Ah! Garanto que sabe muito bem para onde ir e o que fazer. Só lhe digo para não agir errado, isso é tudo. Tome uma moeda, agora vá...

– Uma moeda não pode me alimentar, e não tenho forças para prosseguir. Não bata a porta... Oh, não! Pelo amor de Deus!

– Preciso fechar, a chuva está entrando...

– Fale com as senhoritas. Deixe-me vê-las...

– Não vou falar, isso não. Você não é o que parece, ou não estaria fazendo esse estardalhaço. Vá embora!

– Mas vou morrer se me enxotar daqui...

– Ah, não vai não! Você deve estar com más intenções, batendo na porta das casas a esta hora da noite. Se tem alguns companheiros aqui por perto – arrombadores e tipos como esses – pode dizer a eles que não estamos sozinhas aqui. Temos um homem na casa, cães e espingardas.

Então a criada, honesta mas inflexível, bateu a porta e trancou-a por dentro.

Esse foi o clímax. A dor de um sofrimento indizível, um espasmo de puro desespero, tomaram conta do meu coração. Estava esgotada, não suportava dar nem mais um passo. Desabei no degrau molhado da porta. Gemi, retorci as mãos e chorei em total agonia. Ah, o espectro da morte! A hora derradeira aproximando-se no meio de um tal horror! E esta desolação... ser banida da própria espécie! Não perdera apenas a esperança, mas a fortaleza moral – pelo menos por um momento. Mas a última eu ainda esperava recobrar.

– Só me resta morrer... – disse. – Mas acredito em Deus, esperarei em silêncio que se cumpra a Sua vontade.

Eu não apenas pensara nessas palavras, mas falara em voz alta. E recolhi ao coração a minha miséria, esforçando-me para mantê-la ali – silenciosa e imóvel.

– Todos devemos morrer – disse uma voz, bem perto de mim. – Mas nem todos estão condenados a uma morte lenta e prematura, como seria a sua se morresse aqui abandonada.

– Quem é ou o que é que fala? – perguntei.

Estava aterrorizada com o som inesperado, e incapaz de perceber naquela ocorrência alguma esperança de ajuda. Havia um vulto perto de mim, mas a minha visão enfraquecida e a noite escura me impediam de distinguir a sua forma. O recém-chegado bateu na porta, com uma batida forte e sonora.

– É o senhor, Mr. St. John? – gritou Hannah.

– Sim, sou eu. Abra depressa.

– Bem, o senhor deve estar molhado e com frio, numa noite como esta! Entre. Suas irmãs já

estão preocupadas com a sua demora, e acho que há malfeitores rondando a casa. Uma mendiga veio aqui e... Ah! Ainda está aqui. Está deitada ali. Levante-se! Que vergonha! Vá embora, estou dizendo!

– Silêncio, Hannah! Preciso dizer uma palavra a esta mulher. Você fez o seu dever, enxotando-a. Agora deixe-me fazer o meu, acolhendo-a. Eu estava perto e ouvi o que você e ela disseram. Acho que este é um caso especial... Desejo examiná-lo melhor. Jovem, levante-se e entre em casa. Passe na frente.

Obedeci com dificuldade. Então me vi dentro daquela cozinha limpa e brilhante, perto do fogo. Estava trêmula e febril. Tinha consciência do meu aspecto miserável, de quem desceu ao último grau do desespero. Devia parecer medonha, selvagem, abatida pela intempérie. As duas jovens e o irmão, Mr. St. John, e a velha criada – todos me encaravam.

– Que é isto, St. John? – ouvi alguém perguntar.

– Não sei dizer. Encontrei-a na porta – foi a resposta.

– Está tão pálida! – disse Hannah.

– Pálida como o gesso ou a morte – responderam. – Ela vai cair, faça-a sentar-se.

E minha cabeça, de fato, estava girando. Caí, mas uma cadeira me amparou. Eu ainda estava consciente, embora não conseguisse falar.

– Traga um pouco de água, Hannah, talvez a reanime. Mas ela está reduzida a nada. Como está magra e pálida!

– Parece um espectro!

– Será que está doente, ou apenas faminta?

– Faminta, eu acho. Isso é leite, Hannah? Traga um pouco, e também um pedaço de pão.

Diana (reconheci-a pelos longos cachos que se interpuseram entre mim e o fogo, quando ela se inclinou na minha direção) partiu o pão em pedaços, mergulhou-o no leite e colocou-o nos meus lábios. Seu rosto estava perto do meu: vi que nele havia piedade, e também solicitude na sua respiração apressada. Suas palavras tinham a mesma emoção, que era um bálsamo para mim, quando disse:

– Tente comer um pouco.

– Sim... Tente – repetiu Mary, gentilmente.

E as mãos de Mary removeram meu chapéu encharcado e levantaram minha cabeça. Provei o que elas me ofereciam, primeiro fracamente, logo com ansiedade.

– Não lhe dê muito no início, contenha-a... – disse o irmão. – Bem... Já foi o suficiente.

E ele retirou a caneca de leite e o prato de pão.

– Um pouco mais, St. John. Olhe a avidez nos olhos dela!

– No momento não é bom dar-lhe mais, irmã. Veja se ela consegue falar agora, pergunte o seu nome.

Senti que podia falar e respondi:

– Meu nome é Jane Elliot.

Ansiosa para evitar que me descobrissem, eu já havia resolvido assumir um *nome suposto*.

– E onde você mora? Onde estão seus amigos?

Fiquei em silêncio.

– Quer mandar chamar alguém que conheça?

Sacudi a cabeça.

– O que pode nos contar sobre você?

De algum modo, uma vez que havia cruzado a soleira daquela casa e estava frente a frente com seus moradores, não me sentia mais uma proscrita, uma errante, abandonada pelo mundo inteiro. Ousei deixar de lado a mendicância e retomar meu modo natural de ser e meu caráter. Voltei a ter consciência de mim mesma, e quando Mr. St. John pediu-me um relato – que no momento eu estava ainda muito fraca para fazer – disse após uma breve pausa.

– Senhor, esta noite não tenho condições de fornecer detalhes.

– Mas então – ele perguntou – o que espera que eu faça por você?

– Nada – respondi.

Minha força era suficiente apenas para respostas curtas. Diana tomou a palavra.

– Está querendo dizer – ela perguntou – que já lhe demos toda a ajuda de que precisa? E que podemos mandá-la de volta para o pântano nesta noite chuvosa?

Olhei-a. Pensei que ela tinha um modo de ser notável, dotada tanto de energia quanto de bondade. Tomei coragem de repente, e respondendo com um sorriso ao seu olhar de compaixão, disse:

– Confio em vocês. Se eu fosse um cão perdido e sem dono sei que não me enxotariam do calor do seu lar numa noite assim. Por isso, realmente não temo nada. Façam comigo o que acharem melhor. Mas me perdoem por não falar muito, estou sem fôlego... Sinto uma pontada no peito quando falo.

Os três me observaram em silêncio.

– Hannah – disse Mr. St. John, por fim – deixe-a sentada aqui por enquanto e não lhe faça perguntas. Dentro de dez minutos dê-lhe o restante do leite e do pão. Mary e Diana, vamos para o salão conversar sobre este caso.

Eles saíram. Logo uma das moças voltou... não sei qual. Sentada junto daquele fogo reconfortante, uma espécie de torpor tomara conta de mim. Num tom baixo, a moça deu algumas instruções a Hannah. Pouco depois, com a ajuda da criada, esforcei-me para subir uma escada. Removeram minhas roupas molhadas e logo um leito morno e seco me acolheu. Agradei a Deus. No meio daquela exaustão terrível senti um clarão de alegria agradecida – e adormeci.

CAPÍTULO 29

Minhas lembranças dos três dias e três noites que se seguiram são muito vagas. Recordo de algumas coisas que senti nesse período, mas não me lembro de ter tido um pensamento lúcido ou de ter praticado alguma ação. Sei que estava num quarto pequeno, numa cama estreita. A cama parecia enorme para mim. Jazia nela imóvel como uma pedra, e tirar-me dali seria quase a morte. Não notava o passar do tempo, nem a passagem da manhã para o meio-dia, ou do meio-dia para a noite. Percebia quando alguém entrava ou saía do aposento, podia até mesmo dizer de quem se tratava. Entendia o que diziam, quando falavam perto de mim, mas não podia responder. Abrir os lábios ou mover os membros era igualmente impossível. Hannah, a criada, era a visita mais frequente. Sua presença me perturbava, pois tinha a impressão de que ela me queria longe dali, que não me compreendia, nem às circunstâncias em que eu me encontrava, e que tinha prevenção contra mim. Diana e Mary apareciam uma ou duas vezes ao dia. Ao lado da minha cama, diziam frases como estas:

– Foi muito bom que a acolhêssemos.

– Sim. Se a tivéssemos deixado lá fora a noite inteira, de manhã ela estaria morta na porta da casa. O que será que aconteceu com ela?

– Alguma grande desgraça, eu acho... Pobre andarilha, tão emaciada e pálida.

– E, pelo seu modo de falar, não parece uma pessoa sem instrução. Sua pronúncia é impecável. Além disso, as roupas que vestia, apesar de molhadas e rasgadas, eram novas e muito finas.

– Ela tem um rosto interessante. Agradou-me muito, mesmo magra e abatida como está. Imagino que sua fisionomia seja bastante agradável, quando recobrar a saúde e o ânimo.

Nos seus diálogos, nunca ouvi uma sílaba sequer de arrependimento por terem me acolhido, ou de suspeita, ou de aversão. Senti-me confortada.

Mr. St. John veio apenas uma vez. Olhou-me e disse que o meu estado de letargia era a reação do organismo contra a fadiga excessiva e prolongada. Achou que não havia necessidade de chamar um médico, pois a natureza – ele estava certo disso – se encarregaria de me curar por si só. Disse que todos os meus nervos haviam sido exigidos ao extremo e que o sistema ficaria entorpecido por algum tempo. Mas não havia doença. Acreditava que logo que comesse, o processo de recuperação seria rápido. Emitiu essas opiniões em poucas palavras, num tom baixo e pausado. Depois de um momento acrescentou, como alguém pouco acostumado a comentários expansivos:

– Uma fisionomia bem singular. Com certeza não indica vulgaridade nem degradação.

– Pelo contrário – respondeu Diana. – Para falar a verdade, St. John, meu coração se enterneceu por essa pobre alma. Gostaria que pudéssemos ajudá-la de forma permanente.

– Isso é pouco provável – foi a resposta. – Você acabará descobrindo que ela é alguma jovem dama que teve um desentendimento com seus familiares e, provavelmente, abandonou-os num momento de desatino. Talvez consigamos levá-la de volta para junto deles, se ela não for teimosa. Mas vejo traços de obstinação no seu rosto, o que me deixa cético quanto à sua docilidade.

Continuou examinando meu rosto por alguns minutos. Então disse:

– Ela parece sensível, mas não é bonita, absolutamente.

– Ela está enferma, St. John.

– Enferma ou sã, sempre será comum. Faltam ao seu rosto a graça e a harmonia da beleza.

No terceiro dia senti-me melhor. No quarto já conseguia falar, mover-me, sentar na cama e me virar. À hora do jantar, creio eu, Hannah trouxe um pouco de mingau e torradas. Comi com gosto, a comida era boa... Não tinha mais o travo de febre que até ali envenenara todos os alimentos que eu comera. Quando ela saiu, senti-me relativamente forte e animada. Logo me cansei do repouso e ansiei por alguma ação. Desejava me levantar, mas o que poderia vestir? Tinha apenas minhas roupas úmidas e enlameadas, com as quais eu dormira ao relento e caíra no pântano. Sentia vergonha de aparecer vestida assim diante dos meus benfeitores. Mas fui poupada da humilhação.

Na cadeira ao lado da cama estavam todas as minhas roupas, limpas e secas. Meu vestido de seda preta fora pendurado junto à parede. As manchas de lama haviam sido removidas e as rugas alisadas. Estava bastante decente. Meus próprios sapatos haviam sido limpos e lustrados, e agora estavam apresentáveis. Havia um lavatório no quarto e também pente e escova para o cabelo. Depois de um cansativo processo em que parei para descansar a cada cinco minutos, consegui me vestir. Minhas roupas estavam largas, pois eu perdera muito peso, mas cobri as deficiências com um xale. E assim, outra vez limpa e apresentável – e sem nenhum traço da sujeira e desordem que eu tanto detestava e que parecia me degradar – descii uma escadaria de pedra apoiando-me no corrimão, desemboquei numa passagem estreita e logo achei o caminho para a cozinha.

Meus sentidos foram envolvidos pelo perfume de pão recém assado e pelo calor de um generoso fogo. Hannah fazia pão. Os preconceitos, todos sabem, são mais difíceis de erradicar do coração cujo solo nunca foi revolvido nem fecundado pela educação. Eles se enraízam ali, firmes como ervas daninhas no meio das pedras. No início Hannah foi fria e rígida, é verdade. Depois começou a demonstrar um pouco de pena. E quando me viu chegar, limpa e bem vestida, ela até sorriu.

– Quê? Já está de pé? – ela disse. – Então está melhor? Se quiser pode se sentar na minha cadeira, junto do fogão de pedra.

Apontou para a cadeira de balanço. Sentei-me. Ela continuou suas tarefas, lançando-me um olhar de vez em quando com o canto do olho. Voltando-se para mim, enquanto pegava alguns pães do forno, perguntou simplesmente:

– Nunca mendigou, antes de vir aqui?

Fiquei indignada por um momento. Lembrei-me, no entanto, que não devia me zangar, e que realmente aparecera para ela como uma mendiga. Respondi calmamente, mas não sem certa firmeza:

– Está errada em acreditar que eu seja uma mendiga. Não sou mendiga, não mais do que você ou as senhoritas.

Depois de uma pausa ela disse:

– Não entendo. Você não tem casa nem “cobre”, não é?

– A falta de uma casa ou de “cobre” (que para você deve significar dinheiro, eu acho) não torna uma pessoa mendiga, no verdadeiro sentido da palavra.

– Você tem estudo? – ela indagou, então.

– Sim, bastante.

– Mas nunca estive num colégio?

– Fiquei num colégio por oito anos.

Ela arregalou os olhos.

– E como não consegue se sustentar, então?

– Eu ganhava o meu sustento e, acredite, posso voltar a ganhar. O que vai fazer com essas groselhas? – perguntei, ao vê-la pegar um cesto com as frutas.

– Vou fazer tortas.

– Dê-me então, que eu vou picá-las.

– Não, não quero que você faça nada.

– Mas tenho que fazer alguma coisa. Dê-me as frutas.

Ela concordou, e até trouxe uma toalha para colocar sobre o meu vestido, para não sujar.

– Não está acostumada a fazer serviço de criada, vejo pelas suas mãos – ela observou. – Era costureira?

– Não, está enganada. E agora, não importa o que eu era: não se incomode mais comigo. Mas me diga o nome da casa em que estamos.

– Alguns a chamam de Marsh End, outros de Moor House.

– E o cavalheiro que mora aqui se chama St. John?

– Não, ele não mora aqui, está só passando uns tempos. Ele mora na paróquia de Morton.

– Aquele vilarejo a alguns quilômetros daqui?

– É.

– E o que ele faz?

– Ele é pastor.

Lembrei-me da resposta da velha governanta da casa paroquial, quando lhe perguntei se podia ver o pastor.

– Então esta é a casa do pai dele?

– É. O velho Mr. Rivers morava aqui, e o pai dele, o avô e o bisavô, antes dele.

– O nome do cavalheiro, então, é Mr. St. John Rivers?

– É. St. John é o nome de batismo.

– E as irmãs se chamam Diana e Mary Rivers?

– Sim.

– O pai deles morreu?

– Morreu há três semanas, de enfarte.

– Eles não têm mãe?

– Este mês faz um ano que a senhora morreu.

– Vive há muito tempo com a família?

– Vivo aqui há trinta anos, criei todos os três.

– Isso mostra que é uma criada honesta e dedicada. Digo isso, mesmo que tenha sido indelicada, me chamando de mendiga.

Ela me olhou de novo com surpresa.

– Acho que estava enganada quanto à senhorita. Mas há tantos tratantes por aí, não pode me culpar.

– Além disso – continuei, com severidade – fechou a porta na minha cara, numa noite em que não se enxota nem um cão.

– Bem, isso foi cruel, mas o que podia fazer? Pensava mais nas meninas do que em mim, pobrezinhas! Elas não têm ninguém para cuidar delas, só eu. Tenho que ser desconfiada.

Mantive um grave silêncio por alguns minutos.

– Não deve pensar mal de mim – ela recomeçou.

– Mas eu penso mal da senhora – eu disse. – E lhe digo por que: não é porque me recusou abrigo, ou porque me olhou como uma impostora, mas porque agora há pouco fez uma careta de reprovação dizendo que eu não tinha casa nem “cobre”. Algumas das melhores pessoas que passaram pela face da terra foram tão pobres quanto eu. E se é cristã, não deve considerar a pobreza um crime.

– Não vou mais fazer isso! – ela disse – Mr. St. John vive me dizendo a mesma coisa. E sei que estava errada – agora tenho uma ideia bem diferente da senhorita. Parece uma mocinha muito decente.

– Assim está melhor. Eu a perdoo, vamos apertar as mãos.

A velha criada pousou sua mão áspera e enfarinhada na minha, e outro sorriso cordial iluminou sua face rústica. Desde então ficamos amigas.

Era evidente que Hannah gostava de falar. Enquanto eu picava as frutas e ela preparava a massa para as tortas, começou a me contar várias coisas sobre seus falecidos patrões, assim como sobre as “crianças”, como ela chamava os jovens.

O velho Mr. Rivers, ela disse, era um homem bastante simples. Mas era um cavalheiro, pertencente a uma das famílias mais antigas do condado. Marsh End pertencia aos Rivers desde que fora construída, há quase duzentos anos, embora parecesse humilde e pequena, se comparada com a enorme residência de Mr. Oliver, lá embaixo em Morton Vale. Ela recordava do pai de Bill Oliver como um artesão que fazia agulhas, enquanto os Rivers já eram fidalgos desde os tempos dos Henriques, como qualquer um podia ver se olhasse os registros da igreja de Morton.

– Além disso – ela acrescentou – o velho patrão era como qualquer pessoa... Do jeito antigo, louco por caçadas, pela fazenda, pelos animais, coisas assim. Já a patroa era diferente. Adorava ler e estudara muito, e as “crianças” puxaram a ela. Não há ninguém como eles nesta região, nem nunca houve. Gostavam de estudar quase desde que começaram a falar, todos os três. E sempre mostraram a “marca” da família. Mr. Sr. John, quando cresceu, foi para a escola estudar para ser pastor. E as moças, logo que deixaram o colégio arrumaram colocação como governantas, pois alguns anos atrás seu pai havia perdido muito dinheiro, confiando num homem que entrou em falência. E como ele não era mais rico o suficiente para lhes deixar uma herança, elas tiveram que cuidar de si mesmas. Passam muito pouco tempo na casa, e só vieram agora para ficar algumas semanas por causa da morte do pai. Mas gostam muito de Marsh End e Morton e de todas estas montanhas e pântanos. Já foram a Londres e outras grandes cidades, mas sempre dizem que não há nenhum lugar como o lar. E eles se dão tão bem uns com os outros, nunca brigam. Não conheço uma família mais unida.

Terminando minha tarefa de picar groselhas, perguntei onde estavam agora as jovens e seu irmão.

– Foram até Morton, caminhar um pouco. Mas devem voltar dentro de meia hora, para o chá.

Eles voltaram dentro do prazo estimado por Hannah, e entraram pela porta da cozinha. Quando Mr. Sr. John me viu, apenas fez um cumprimento de cabeça e passou. As jovens pararam. Mary, em poucas palavras, expressou calma e afetuosamente o prazer de me ver quase recuperada. Diana tomou a minha mão e balançou a cabeça.

– Devia ter me esperado para descer! – ela disse. – Parece ainda muito pálida... E tão magra! Pobre menina!

Para os meus ouvidos, Diana tinha uma voz doce como o arrulhar de uma pomba. Seus olhos possuíam um brilho que eu gostava de fitar. Todo o seu rosto me parecia encantador. O semblante de Mary também era muito inteligente – e seus traços igualmente bonitos. Mas tinha uma expressão mais reservada, e suas maneiras, embora gentis, eram mais distantes. Diana olhava e falava com certa autoridade. Tinha personalidade, era evidente. Era da minha natureza sentir prazer em acatar uma autoridade como aquela e, tanto quanto minha consciência e respeito próprio permitissem, inclinar-me ante uma vontade firme.

– E o que é que está fazendo aqui? – ela prosseguiu. – Este não é o seu lugar. Às vezes Mary e eu nos sentamos na cozinha, porque gostamos de ter liberdade na nossa casa, ficar à vontade... Mas você é uma hóspede: seu lugar é no salão.

– Estou muito bem aqui.

– De modo algum, com Hannah andando de um lado para outro e cobrindo você de farinha.

– Além disso, o fogo está muito forte para você – interpôs Mary.

– Certamente! – acrescentou a irmã. – Venha, deve ser obediente.

Ainda segurando a minha mão, fez-me levantar e me levou para o salão.

– Sente-se aqui – ela disse, colocando-me no sofá – enquanto mudamos de roupa e preparamos o chá. É outro privilégio que exercemos no nosso lar da charneca: preparar nossas próprias refeições quando temos vontade. Ou então quando Hannah está fazendo pão, fazendo cerveja, lavando ou passando a roupa.

Fechou a porta, deixando-me a sós com Mr. St. John, sentado no lado oposto, com um livro ou jornal nas mãos. Examinei primeiro o salão, depois o dono da casa.

A peça era pequena e mobiliada com simplicidade. Mesmo assim era bastante confortável, clara e limpa. As cadeiras de estilo antigo eram muito polidas, e a mesa de imbuia parecia um espelho. Alguns estranhos e antigos retratos de homens e mulheres de outros tempos decoravam as paredes caiadas. Um armário com portas de vidro continha alguns livros e um conjunto de porcelana antigo. Não havia ornamentos supérfluos na sala, nenhuma peça moderna de mobília a não ser um conjunto de carteiras e uma escrivaninha feminina em pau-rosa, junto a uma mesa lateral. Tudo, inclusive o carpete e as cortinas, parecia ao mesmo tempo bastante usado e muito bem conservado.

Mr. St. John, sentado imóvel como as desbotadas gravuras das paredes, os olhos fixos na página que lia, os lábios cerrados, oferecia-se a um exame. Se fosse uma estátua em vez de um homem, o exame não teria sido mais fácil. Era jovem – talvez entre vinte e oito e trinta anos – alto e esguio. Tinha um rosto de estilo grego, de perfil muito bem delineado. Nariz reto, bastante clássico. A boca e o queixo de um ateniense. Raramente um rosto inglês se parecia tanto com o modelo clássico quanto o dele. Devia ter ficado chocado com a irregularidade dos meus traços, já que os dele eram tão harmoniosos. Seus olhos

eram grandes e azuis, com cílios castanhos. A testa alta, branca como mármore, estava parcialmente encoberta por belos cachos de cabelo claro.

É uma descrição gentil, não acha, leitor? Mesmo assim, aquele que descrevi jamais daria a impressão de uma natureza gentil, ou complacente, ou sensível ou mesmo plácida. Tranquilo como estava, havia algo nas narinas, na boca, nas sobrancelhas que, na minha percepção, indicava algo próximo da impaciência, da dureza ou da ansiedade. Não me dirigiu uma palavra, nem mesmo me lançou um olhar, até que suas irmãs voltassem. Diana, que ia e vinha preparando o chá, trouxe-me um bolinho recém saído do forno.

– Coma isso – ela disse – deve estar com fome. Hannah disse que você não comeu nada além de um prato de mingau, desde o café da manhã.

Não recusei, pois meu apetite voltara, e muito agudo. Mr. Rivers então fechou o livro, aproximou-se da mesa e, enquanto sentava, fixou diretamente sobre mim os olhos tão azuis que pareciam uma pintura. Havia no seu olhar uma sinceridade sem reservas, uma decisão de inquirir, mostrando que fora por intenção, e não por desconfiança, que se mantivera afastado da intrusa até agora.

– Está com muita fome – notou ele.

– Estou, sim senhor.

É o meu jeito – e sempre foi o meu jeito, instintivamente – tratar o que é breve com brevidade, o que é direto com simplicidade.

– Foi bom que a febre a impedisse de comer muito nestes três dias. Seria perigoso ceder ao apetite no começo. Agora pode comer, mas com moderação.

– Espero não comer muito tempo às suas custas, senhor – foi a minha resposta desajeitada e rude.

– Não – ele disse, friamente. – Quando nos informar o endereço dos seus parentes podemos escrever para eles, e você voltará para sua casa.

– Isso, devo dizer-lhe francamente, está fora das minhas possibilidades, pois não possuo nem casa nem parentes.

Os três me encararam, mas não com desconfiança. Senti que não havia suspeita nos seus rostos, mas apenas curiosidade. Falo principalmente das moças. Os olhos de St. John, embora claros no sentido literal, eram, no sentido figurado, difíceis de penetrar. Ele parecia usá-los mais como instrumento para sondar os pensamentos alheios do que para revelar os seus. Aquela combinação de perspicácia e reserva era muito mais calculada para embaraçar do que para encorajar.

– Quer dizer – ele perguntou – que está completamente isolada de qualquer laço familiar?

– Estou. Nenhum laço me liga aos seres vivos. Não tenho nenhum direito de ser admitida sob qualquer teto da Inglaterra.

– Uma situação bastante estranha, na sua idade!

Senti que seu olhar se dirigia direto às minhas mãos, cruzadas sobre a mesa diante de mim. Perguntei-me o que estaria pensando, e suas palavras logo me esclareceram a questão.

– Nunca foi casada? É solteira?

Diana riu.

– Ela deve ter apenas dezessete ou dezoito anos, St. John – disse.

– Tenho quase dezenove. Mas não sou casada, não.

Senti um rubor subir ao meu rosto, pois a alusão ao casamento me trouxera amargas e perturbadoras recordações. Todos viram o embaraço e a emoção. Diana e Mary delicadamente voltaram os olhos para outra coisa que não fosse o meu rosto rubro. Mas o irmão, mais frio e mais sério, continuou a me olhar, até que o problema que ele levantara trouxe-me lágrimas aos olhos, além do rubor.

– Onde morava antes? – perguntou.

– Você faz muitas perguntas, St. John – murmurou Mary, numa voz baixa.

Mas ele debruçou-se sobre a mesa e esperou uma resposta, dando-me outro olhar agudo e firme.

– O nome do lugar e da pessoa com quem eu morava é o meu segredo – respondi simplesmente.

– O qual, na minha opinião, você tem todo o direito de manter, se quiser. Pode negá-lo tanto a St. John quanto a qualquer pessoa que a interrogue – interpôs Diana.

– Ainda assim, se eu não souber nada sobre você ou sua história, não tenho como ajudá-la – ele disse. – E você precisa de ajuda, não precisa?

– Preciso, sim. Procurei muito, senhor, que algum filantropo verdadeiro me conseguisse qualquer trabalho que eu possa executar, por qualquer remuneração. Basta que eu possa pagar pelas minhas necessidades mais elementares.

– Não sei se sou um verdadeiro filantropo, mas desejo ajudá-la tanto quanto possa nesse propósito tão honesto. Primeiro, então, me diga o que está acostumada a fazer, e o que *sabe* fazer.

Eu tinha acabado o meu chá. A bebida havia me renovado as forças, como um gigante que bebesse vinho. Senti que a infusão imprimira novo tônus aos meus nervos, e que era capaz de enfrentar com firmeza este jovem e arguto juiz.

– Mr. Rivers – disse, virando-me para ele e olhando-o abertamente e sem desconfiança, como ele fizera comigo – o senhor e suas irmãs me prestaram um imenso favor... o maior que um homem pode prestar ao seu semelhante. Salvaram-me da morte, concedendo-me hospitalidade. Este benefício lhes confere direitos ilimitados sobre a minha gratidão, e direitos também, até certo limite, sobre o meu segredo. Vou contar-lhes a história da andarilha que vocês abrigaram, tanto quanto possa sem comprometer minha própria paz de espírito e minha segurança moral e física, ou a de outras pessoas.

– Sou órfã, filha de um clérigo. Meus pais morreram antes que eu pudesse conhecê-los. Tornei-me uma asilada, e fui educada numa instituição de caridade. Posso dizer-lhe até o nome desse estabelecimento, onde passei seis anos como aluna e dois como professora. Chama-se Asilo de Órfãos de Lowood, no condado de... Já deve ter ouvido falar dele, Mr. Rivers, o tesoureiro é Mr. Rober Brocklehurst.

– Já ouvi falar de Mr. Brocklehurst, e conheço a escola.

– Deixei Lowood há quase um ano para tornar-me governanta. Obtive uma boa colocação e era feliz. Fui obrigada a deixar esse lugar quatro dias antes de chegar aqui. Não posso e não ousa revelar a razão da minha partida. Seria inútil e perigoso, e pareceria inacreditável. Não cometi falta alguma, estou tão isenta de culpa quanto o senhor e suas irmãs. Sou infeliz e devo ser ainda por algum tempo, pois a desgraça que me tirou da casa que eu considerava um paraíso é de natureza estranha e terrível. Considerei duas coisas ao planejar minha partida: rapidez e segredo. Para garantir isso tive que deixar para trás tudo que possuía, exceto um pequeno pacote que, na minha pressa e confusão mental, acabei por esquecer no coche que me trouxe até Whitcross. Cheguei a esta vizinhança, então, absolutamente sem

nada. Dormi duas noites ao relento e andei durante dois dias sem transpor uma soleira de porta. Provei comida apenas duas vezes durante esse tempo. E foi quando estava tomada pela fome, exaustão e desespero, quase no meu último alento, que o senhor, Mr. Rivers, me impediu de morrer de fome na porta da sua casa, e me deu abrigo sob seu teto. Sei tudo que suas irmãs fizeram por mim desde então, pois não estava inconsciente durante o meu torpor. Devo à compaixão espontânea, sincera e bondosa das suas irmãs tanto quanto devo à caridade cristã que o senhor demonstrou, Mr. Rivers.

– Não a faça falar mais, St. John – disse Diana, quando fiz uma pausa. – É evidente que ela ainda não está bem o suficiente para essas emoções. Venha para o sofá e sente-se, Miss Elliot.

Dei um suspiro involuntário ao ouvir o nome suposto: havia me esquecido do meu novo nome. Mr. Rivers, a quem nada parecia escapar, percebeu logo.

– Disse que seu nome era Jane Elliot? – observou.

– Eu disse. É o nome pelo qual eu acho melhor ser chamada no momento, mas não é meu nome verdadeiro. Por isso achei estranho, quando o ouvi.

– E não vai dizer seu verdadeiro nome?

– Não. Receio que assim tudo seja descoberto, e evito qualquer coisa que possa levar a isso.

– Estou certa de que você tem razão – disse Diana. – Agora chega, meu irmão, deixe-a em paz por enquanto.

Mas, após meditar por alguns momentos, St. John recomeçou, mais imperturbável e arguto do que nunca.

– Você não gostaria de depender da nossa hospitalidade por muito tempo e deseja, pelo que vejo, dispensar a compaixão das minhas irmãs tão logo possa. E, acima de tudo, quer dispensar a minha *caridade* (estou consciente da distinção que você fez, mas não me sinto ofendido... acho justo). Quer ser independente de nós?

– Quero, como já disse. Mostre-me onde trabalhar ou como conseguir trabalho: isso é tudo que lhe peço agora. Depois deixe-me ir, nem que seja para uma humilde cabana. Até lá, permita que eu fique aqui. Temo experimentar de novo os horrores da falta de um teto.

– Você *deve* ficar aqui, de fato – disse Diana, colocando sua mão alva na minha cabeça.

– *Deve*, sim – disse Mary, no tom de contida sinceridade que lhe era natural.

– Minhas irmãs, como vê, têm prazer em acolhê-la – disse Mr. St. John – como teriam prazer em acolher e tratar de um passarinho meio congelado de frio que algum vento de inverno atirasse janela adentro. Eu me sinto mais inclinado a colocá-la em condições de se manter por si mesma, e me esforçarei para fazê-lo. Mas veja que minha influência é limitada. Sou apenas o encarregado de uma pobre paróquia do interior, minha ajuda seria de um tipo humilde. E se você se sente inclinada a desprezar as coisas humildes, procure uma ajuda mais eficiente do que aquela que posso oferecer.

– Ela já disse que aceita qualquer trabalho honesto que possa realizar – respondeu Diana por mim. – E você sabe, St. John, que ela não pode escolher quem a ajude, tem que se contentar com uma pessoa rabugenta como você!

– Posso ser costureira, operária, criada ou ama-seca, se não conseguir coisa melhor – respondi.

– Certo – disse Mr. St. John, friamente. – Se este é o seu desejo, prometo ajudá-la, do meu próprio modo.

Então retomou o livro que estivera lendo antes do chá. Saí em seguida, pois já falara e ficara sentada por todo o tempo que me permitiam as minhas forças.

CAPÍTULO 30

Quanto mais eu conhecia os moradores de Moor House mais gostava deles. Em poucos dias havia recuperado a saúde, de tal modo que podia ficar sentada o dia todo e fazer uma caminhada de vez em quando. Podia participar de todas as ocupações de Mary e Diana, conversar com elas por quanto tempo desejassem, e ajudá-las quando e onde me permitissem. Havia um prazer renovado nesta relação, de um tipo que eu experimentava pela primeira vez – o prazer surgido de uma perfeita coincidência de gostos, sentimentos e princípios.

As minhas leituras preferidas eram as que elas gostavam; o que as divertia, também me encantava; o que elas aprovavam eu reverenciava. Adoravam aquela casa retirada. Eu também achava um encanto poderoso e perene na sua estrutura antiga, pequena e cinzenta, no seu teto baixo, nas janelas envidraçadas, nos seus muros rachados, na sua aleia de antigos abetos – crescidos sob os ventos das montanhas. Gostava do jardim sombreado pelos teixos e azevinhos, onde só havia flores das espécies mais resistentes. Mary e Diana pertenciam à charneca púrpura que se estendia por trás e ao redor da casa, ao profundo vale para o qual descia o caminho coberto de brita que saía dos portões, e que serpenteava primeiro entre bancos de samambaias, e depois entre as pequenas e selvagens pastagens que margeavam os matagais e sustentavam os rebanhos de carneiros de cor cinza, com seus pequenos focinhos cobertos de limo. As duas moças se uniam a esse cenário com perfeito entusiasmo e prazer. Eu compreendia esse sentimento, e partilhava de sua força e autenticidade. Via o fascínio daquele local. Sentia a bênção daquele isolamento: olhava com prazer para aquela silhueta de colinas e ondulações, para o selvagem colorido conferido às montanhas e vales pelo musgo, as flores das urzes, as turfás salpicadas de florzinhas. Apreciava as brilhantes samambaias e as suaves escarpas de granito. Esses detalhes representavam para mim as mais puras e doces fontes de prazer, assim como acontecia com elas. Os ventos fortes e a brisa suave, a dureza e a suavidade do dia, as horas do nascer e do pôr do sol, o luar e as noites brumosas tinham para mim o mesmo fascínio e feitiço que as encantava.

Dentro de casa concordávamos da mesma forma. Ambas eram leitoras melhores e mais talentosas do que eu. Mas segui com entusiasmo a trilha do conhecimento que elas haviam percorrido antes de mim. Devorei os livros que me emprestaram, e era uma satisfação discutir com elas à noite aquilo que eu lera durante o dia. Nossos pensamentos combinavam, as opiniões eram as mesmas. Andávamos, em suma, perfeitamente de acordo.

Se em nosso trio havia uma líder e superiora, era Diana. Fisicamente, ela me excedia muito: era bonita e vigorosa. Dispunha de uma força vital e de uma confiança em si mesma que excitavam minha imaginação, enquanto fugiam à minha compreensão. No começo da noite eu costumava falar um pouco, mas passado o primeiro fluxo de vivacidade e fluência, sentava-me de bom grado numa banquetta aos pés de Diana. Descansava a cabeça nos seus joelhos e ouvia, alternadamente, ela e Mary discutirem profundamente o assunto que eu mal havia a florado. Diana ofereceu-se para me ensinar alemão. Gostava de aprender com ela, vi que se sentia contente e à vontade na posição de mestra. A de aluna me agradava e combinava comigo da mesma forma. Nossas naturezas se encaixavam, e a afeição mútua, do tipo mais profundo, foi o resultado. Descobriram que eu sabia pintar, e colocaram seus pincéis e caixas de tintas imediatamente à minha disposição. Minha habilidade, que nesse assunto era maior que a delas, surpreendeu-as e encantou-as. Mary sentou-se e me observou enquanto pintava. Depois resolveu tomar umas lições, tornando-se uma aluna dócil, inteligente e dedicada. Assim ocupadas e mutuamente

distraídas, os dias corriam como horas, e as semanas como dias.

Quanto a Mr. Sr. John, não se estendeu a ele aquela intimidade que surgira tão rápida e naturalmente entre mim e as suas irmãs. Uma das razões para essa distância entre nós é que ele raramente estava em casa. Uma boa parte de seu tempo era empregada em visitar os pobres e doentes, entre a escassa população da sua paróquia.

Não havia tempo ruim que o impedisse nessas excursões pastorais. Fizesse chuva ou sol, terminadas as suas horas de estudo matinal, pegava seu chapéu e, seguido pelo velho cachorro perdigueiro do pai, Carlo, saía na sua missão de amor ou de dever – não sabia bem como ele considerava essa tarefa. Algumas vezes, quando o tempo era muito ruim, suas irmãs o censuravam. Ele então dizia, com um sorriso peculiar, mais solene do que alegre:

– Se eu deixar que uma rajada de vento ou alguns pingos de chuva me afastem dessas tarefas tão simples, como poderei me preparar para o futuro a que aspiro?

Diana e Mary geralmente respondiam a essa indagação com um suspiro e alguns minutos de triste meditação.

Mas além da sua ausência frequente, havia outra barreira para a minha amizade com St. John: ele parecia ter uma natureza reservada, difícil e mesmo rancorosa. Zeloso nos seus deveres pastorais, irrepreensível na sua vida e nos seus hábitos, ainda assim não parecia desfrutar da serenidade de alma e da alegria interior que deviam ser a recompensa de todo cristão sincero e do filantropo militante. Muitas vezes, à noite, quando sentava-se junto à janela, com a escrivaninha e os papéis diante de si, costumava parar de ler ou escrever e pousar o queixo nas mãos, entregando-se a não sei que gênero de pensamentos. Mas que esses pensamentos eram perturbadores e agitados podia-se ver pelos frequentes clarões e pela mudança de expressão dos seus olhos.

Creio que a Natureza não era para ele o tesouro de felicidade que representava para as irmãs. Uma vez, e apenas uma vez, ouvi-o expressar um forte sentimento de encanto pela rude beleza das colinas e um sentimento interior de afeição pelo teto negro e as paredes brancas daquilo que chamava de lar. Mas no tom das palavras com que manifestou o sentimento havia mais melancolia do que prazer. Nunca o vi dirigir-se às montanhas em busca do seu suave silêncio, nem procurar pelos milhares de prazeres que elas podiam proporcionar.

Fechado como era, passou-se algum tempo antes que eu tivesse oportunidade de sondar-lhe a mente. Primeiro tive uma ideia dos seus poderes ao ouvi-lo pregar na sua paróquia em Morton. Quisera poder descrever esse sermão, mas está além das minhas forças. Não posso nem relatar fielmente o efeito que causou em mim.

Começou calmo – e, de fato, no que diz respeito à maneira com que foi dito e ao tom de voz, foi calmo até o final. Um sentimento sério, de ardor restrito, palpitava na sua linguagem – que depois crescia mais forte e entusiasmada, mas condensada, comprimida, controlada. Meu coração se agitou, minha mente espantou-se com o poder do pregador. Nada era suave. Havia uma estranha amargura e total falta de gentileza consoladora. Sérias alusões à doutrina calvinista – arbítrio, predestinação, reprovação – eram frequentes. E cada referência a essas coisas parecia uma sentença de condenação. Quando ele terminou, ao invés de me sentir melhor, mais calma e enlevada pelo sermão, experimentei uma profunda tristeza, pois me pareceu – embora eu saiba que não foi assim para todos – que a eloquência que eu estivera ouvindo vinha de uma profundidade onde jaziam túrbidos depósitos de desapontamento. Onde se moviam, em perturbadores impulsos, desejos insatisfeitos e aspirações inquietantes. Tinha certeza que St. John Rivers, de vida ilibada, consciencioso, zeloso, ainda não havia encontrado a paz de Deus que superava

tudo. Não a encontrara mais do que eu, com minhas lamentações secretas pelo meu ídolo esfacelado e meu paraíso perdido... Lamentações às quais eu ultimamente evitava me referir, mas que ainda me dominavam e tiranizavam.

Um mês se passou. Diana e Mary logo deviam deixar Moor House, e retornar para a vida muito diferente que as esperava, como governantas numa cidade grande e sofisticada do sul da Inglaterra. As duas tinham colocações em famílias cujos membros ricos e arrogantes tratavam-nas apenas como humildes empregadas, sem conhecer ou saber de suas qualidades inatas. Apreciavam apenas suas habilidades adquiridas, como apreciavam as qualidades da cozinheira ou a perícia da arrumadeira. Mr. St. John ainda não me dissera nada sobre o emprego que me prometera. Mesmo assim, tornava-se urgente que eu tivesse uma ocupação de algum tipo. Certa manhã, ficando sozinha com ele por alguns minutos no salão, arrisquei me aproximar do recesso junto à janela – onde sua escrivaninha, a cadeira e a mesa formavam uma espécie de estúdio. Estava a ponto de falar, embora não soubesse que palavras usar para questioná-lo. Achava difícil quebrar o gelo da reserva que cobria uma natureza como aquela, quando ele veio em meu auxílio, começando o diálogo. Olhou-me, quando me aproximei, e disse:

– Quer me perguntar alguma coisa?

– Sim. Queria saber se o senhor já soube de algum emprego a que eu possa me dedicar?

– Cheguei a pensar em algo três semanas atrás, mas como você me parecia útil e feliz aqui – pois é evidente que minhas irmãs se afeiçoaram muito a você e sentem prazer com a sua presença – achei que não devia interromper o conforto de todas até que a aproximação da partida delas tornasse a sua necessária.

– E elas devem partir dentro de três dias? – eu disse.

– Sim. E quando elas partirem retornarei à paróquia em Morton. Hannah me acompanhará, e esta velha casa será fechada.

Esperei alguns momentos, pensando que ele prosseguiria com o assunto principal. Mas parecia imerso em outro tipo de cogitações. Seu olhar mostrava distância de mim e do meu assunto. Fui obrigada a chamá-lo de volta ao tema, que para mim era uma necessidade urgente e motivo de ansioso interesse.

– Qual o emprego que o senhor tinha em vista para mim, Mr. Rivers? Espero que o tempo decorrido não tenha aumentado a dificuldade de obtê-lo.

– Oh, não! É um emprego que depende apenas de mim oferecer e de você aceitar.

Ele parou novamente, parecia relutante em continuar. Fiquei impaciente. Fiz um ou dois movimentos nervosos e lancei-lhe um olhar ansioso e sério, que bastaram para comunicar-lhe os meus sentimentos, melhor do que as palavras e com menos trabalho.

– Não precisa ter pressa – ele disse. – Francamente, não tenho nada adequado nem lucrativo para oferecer. Antes que eu explique, lembre-se, por favor, que eu lhe disse claramente que se viesse a ajudá-la seria como o cego ajudando o coxo. Sou pobre. Descobri que, após pagar as dívidas do meu pai, todo o patrimônio que me restará vai ser esta granja, o bosque de álamos e o terreno pantanoso com os teixos e azevinhos em frente. Sou obscuro: embora Rivers seja um nome antigo, dos três únicos descendentes da raça, dois ganham a vida como empregados entre estranhos, e o terceiro se considera um estrangeiro na sua própria terra – não somente em vida, mas na morte. Sim, e julga-se, e é obrigado a julgar-se, muito honrado pela parte que lhe cabe, e não aspira senão pelo dia em que recaia sobre seus ombros a cruz da separação dos laços carnisais, e que o Chefe da igreja de que ele é um dos mais humildes membros dê-lhe a ordem: “Levanta-te e segue-me!”

St. John disse essas palavras como se pronunciasse um sermão, com voz calma e profunda, a face pálida e um brilho intenso no olhar. Continuou:

– E como sou pobre e obscuro, só posso oferecer-lhe um trabalho pobre e obscuro. Talvez *ocê* o considere degradante – pois vejo agora que os seus hábitos são do tipo que se costuma chamar de refinados. Seus gostos são excelentes, e foi criada, pelo menos, entre pessoas de educação. Mas eu acho que nenhum trabalho é degradante quando melhora a nossa espécie. Sustento que quanto mais árido e difícil o solo destinado ao trabalhador cristão – quanto mais árdua a sua tarefa – maior a recompensa. Nestas circunstâncias, seu destino é o mesmo do pioneiro. E os primeiros pioneiros do Evangelho foram os Apóstolos, comandados por Jesus, o próprio Redentor.

– Bem.. – eu disse, quando ele tornou a se calar. – Prossiga.

Mr. St. John me olhou, antes de prosseguir. Na verdade, ele parecia ler calmamente o meu rosto, como se os seus traços e linhas fossem letras impressas numa página. As conclusões da sua observação, deixou entrever parcialmente nas considerações que fez a seguir.

– Creio que aceitará o posto que tenho a lhe oferecer – ele disse – e que vai mantê-lo por algum tempo. Mas não de forma permanente, acho. Ninguém, além de mim, poderia aceitar permanentemente o que é estreito e limitado – o pacato e obscuro ofício de encarregado de uma paróquia inglesa no campo. Pois na sua natureza, como na minha, existe algo de inquietação, embora de um tipo diferente.

– Queira explicar, por favor – pedi, quando ele fez mais uma pausa.

– Explicarei. E você verá como é pobre a minha oferta, como é trivial e árdua. Não ficarei muito tempo em Morton, agora que meu pai morreu e que sou dono do meu destino. Devo deixar o lugar provavelmente dentro de um ano, mas enquanto lá estiver me esforçarei ao máximo para melhorá-lo. Quanto cheguei a Morton, dois anos atrás, não havia escola: os filhos dos pobres não tinham esperança alguma de progredir. Consegui criar uma escola para meninos, agora desejo abrir uma para meninas. Aluguei um prédio para esse fim, com uma casinha de duas peças anexa para a residência da professora. Seu salário será de trinta libras por ano. A casa já está mobiliada – de modo simples, mas suficiente – pela bondade de uma dama, Miss Oliver, a única filha do único homem rico da minha paróquia. Mr. Oliver é o proprietário da fábrica de agulhas e da fundição lá do vale. A mesma dama pagará pela educação e o vestuário de uma órfã de operário da fábrica, sob a condição de que ela ajude a professora em algumas tarefas domésticas relacionadas à casa e à escola, quando a ocupação de professora não lhe permitir realizá-las pessoalmente. Aceita ser a encarregada da escola?

Fez a pergunta apressadamente. Parecia esperar uma rejeição indignada, ou pelo menos desdenhosa. Sem conhecer todos os meus pensamentos e sentimentos, embora adivinhasse alguns, não sabia sob que luz eu consideraria a oferta. Na verdade era humilde, mas havia um teto para mim, e eu necessitava de um abrigo seguro. Era fatigante, mas comparado ao posto de governanta numa casa rica, era mais independente. E o medo da servidão entre estranhos penetrou na minha alma como uma lâmina de aço. A tarefa não era ignóbil, não era inadequada – nem mentalmente degradante. Tomei minha decisão.

– Agradeço-lhe pela oferta, Mr. Rivers, e aceito-a de todo o coração.

– Mas você compreendeu bem? – ele disse. – É uma escola de vilarejo, suas alunas serão apenas meninas pobres, vindas dos casebres, no máximo filhas de lavradores. Ler, escrever, fazer contas, costurar, tecer... é tudo que precisará ensinar. O que fará com suas habilidades? Com a maior parte da sua inteligência, seus sentimentos, seus gostos...?

– Guardá-los para quando forem necessários. Eles ficarão seguros.

– Sabe o que a espera, então?

– Sei.

Ele sorriu. Não foi um sorriso amargo ou triste, mas de alívio e profunda gratidão.

– E quando começará a exercer a sua função?

– Irei para minha casa amanhã. E abrirei a escola, se o senhor permitir, na próxima semana.

– Muito bem. Que seja assim, então.

Levantou-se e caminhou pela sala. De repente parou, olhou-me outra vez e sacudiu a cabeça.

– O que desaprova, Mr. Rivers? – perguntei.

– Não ficará em Morton muito tempo. Oh, não!

– Por quê? Que razões tem para achar isso?

– Leio nos seus olhos. Não são do tipo que promete manter uma ocupação permanente na vida.

– Não sou ambiciosa.

Mr. St. John estacou ao ouvir a palavra “ambiciosa”. Disse:

– Não. O que a fez pensar em ambição? Quem é ambicioso? Sei que eu sou, mas como descobriu?

– Falava de mim mesma.

– Bem, se não é ambiciosa, então é... – parou.

– O quê?

– Estava a ponto de dizer apaixonada, mas talvez você entendesse mal a palavra e ficasse incomodada. Quero dizer que as paixões e simpatias humanas exercem grande influência sobre você. Estou certo que não ficará contente de passar na solidão os seus momentos de folga, nem de dedicar suas horas de trabalho a uma atividade monótona e totalmente isenta de desafios. Não há de gostar mais do que eu – ele acrescentou, com ênfase – de viver aqui enterrado em um pântano, enclausurado pelas montanhas. A natureza que Deus me deu vive sufocada; as faculdades com que o céu me agraciou estão paralisadas, inúteis. Vê agora como eu me contradigo. Eu, que prego estar contente com o meu humilde quinhão, e justifico a vocação até dos cortadores de lenha e carregadores de água^[1] como serviço de Deus, eu, Seu ministro ordenado, vivo atormentado na minha inquietação. Bem, os desejos e os princípios devem ser conciliados de alguma forma.

Deixou a sala. Naquela breve hora eu aprendera mais sobre ele do que em todo o mês anterior. Ainda assim fiquei espantada.

Diana e Mary se tornaram mais tristes e silenciosas a medida que se aproximava o dia de deixar sua casa e seu irmão. Ambas tentavam parecer como de costume, mas a tristeza contra a qual lutavam era do tipo que não se consegue dominar ou esconder inteiramente. Diana dissera que esta seria uma despedida diferente de qualquer outra que eles já tinham conhecido. Provavelmente, pelo menos no que dizia respeito a St. John, seria uma separação que duraria anos, talvez a vida toda.

– Ele sacrificará tudo pelos seus propósitos longamente amadurecidos – ela disse – e por suas afeições naturais e sentimentos ainda mais poderosos. St. John parece quieto, Jane, mas esconde um intenso fervor dentro de si. Pode achar que ele é gentil, ainda que em algumas coisas seja inexorável

como a morte. E o pior é que minha consciência dificilmente me permitirá dissuadi-lo de sua dura decisão. E não posso culpá-lo nem por um momento, pois é certa, é nobre, é cristã, embora me parta o coração!

As lágrimas rolaram dos seus belos olhos. Mary baixou a cabeça para a costura.

– Agora não temos mais o nosso pai, logo não teremos lar nem irmão! – murmurou.

Neste momento aconteceu um pequeno incidente, que parecia ordenado pelo destino expressamente para provar a verdade do adágio “uma desgraça nunca vem só” – e para acrescentar-lhes o tormento de que seus planos podiam não dar certo, pois no último minuto alguma coisa ainda podia acontecer. St. John passou pela janela lendo uma carta. Então entrou.

– Nosso tio John morreu – ele disse.

As duas irmãs pareciam atônitas, mas não chocadas ou alarmadas. A notícia mais parecia trazer-lhes uma momentânea expectativa.

– Morreu? – repetiu Diana.

– Sim.

Ela lançou um olhar intenso para o irmão.

– E o que vai acontecer? – perguntou em voz baixa.

– O que vai acontecer? – ele replicou, as feições imóveis como mármore. – Ora... nada, eu acho. Leia.

Jogou a carta no colo da irmã. Ela passou-lhe os olhos e entregou-a a Mary. Mary leu em silêncio e devolveu-a ao irmão. Os três se olharam e sorriram... um sorriso triste e melancólico.

– Amém – disse Diana, por fim. – Ainda podemos viver.

– De qualquer forma, isso não nos deixa pior do que estávamos antes – observou Mary.

– Apenas nos traz mais forte a ideia do que *poderia ter sido* – disse Mr. Rivers – em vívido contraste com o que de fato é.

Ele dobrou a carta, trancou-a na escrivaninha e saiu de novo.

Por alguns minutos ninguém falou. Diana voltou-se para mim.

– Jane, você deve estar admirada conosco e os nossos mistérios – disse – achando que somos pessoas sem coração, que não se comovem com a morte de um parente tão próximo como um tio. Mas nós não o conhecemos, nunca o vimos. Era irmão da minha mãe. Meu pai e ele brigaram muito tempo atrás, pois foi a conselho dele que meu pai arriscou a maior parte da nossa propriedade numa especulação que o arruinou. Os dois acusaram um ao outro, separaram-se brigados e nunca se reconciliaram. Depois disso, meu tio se envolveu em negócios mais prósperos e parece que amealhou uma fortuna de vinte mil libras. Nunca se casou. Não tinha herdeiros além de nós três e de uma outra pessoa, que também não o conhecia, assim como nós. Meu pai sempre acalentou a ideia de que ele tentasse reparar seu erro deixando-nos os seus bens. Esta carta veio nos informar que ele deixou toda a sua fortuna para esta outra pessoa, com exceção de trinta guinéus, a serem divididos entre St. John, Diana e Mary Rivers para a compra de três coroas funerárias. Ele tem direito, é claro, de fazer como desejar. Ainda assim, um desapontamento passageiro nos passou pelo espírito ao receber tais notícias. Mary e eu nos consideraríamos ricas se tivéssemos mil libras cada uma. E para St. John uma soma dessas seria inestimável, pelos benefícios que poderia realizar.

Dada esta explicação, o assunto foi esquecido, e nem Mr. Rivers nem as irmãs voltaram a referir-se a ele. No dia seguinte deixei Marsh End e fui para Morton. No outro dia, Diana e Mary partiram também para um lugar distante. Uma semana depois, Mr. Rivers e Hannah voltaram para a paróquia de Morton. E a velha granja ficou deserta.

[1] No original “hewers of wood and drawers of water”: tarefas árduas e humildes. Alusão a um versículo da Bíblia, Joshua 9:21, na qual os gibeonitas foram condenados por Joshua a realizar essas tarefas para os israelitas, em troca de suas vidas.

CAPÍTULO 31

Meu lar – agora que, finalmente, tenho um lar – é um chalé. Uma pequena peça de paredes caiadas e piso cimentado, com quatro cadeiras e uma mesa pintadas, um relógio, um armário com dois ou três pratos e travessas, e um jogo de chá de porcelana azul. Em cima há um quarto do mesmo tamanho da cozinha, com uma cama e uma cômoda. Embora pequena, é grande demais para guardar o meu parco guarda-roupa – ainda que acrescido de algumas peças mais necessárias pela bondade das minhas gentis e generosas amigas.

Entardecia. Eu tinha dispensado, com o presente de uma laranja, a orfãzinha que me servia de ajudante. Estava sentada sozinha junto à lareira. Abri a escola naquela manhã, com vinte alunas. Apenas três sabiam ler; escrever ou fazer contas, nenhuma; muitas sabiam tecer e algumas costuravam um pouco. Falavam com o sotaque rústico das pessoas da região. No momento, tínhamos dificuldade em entender a linguagem umas das outras. Algumas são mal-educadas, rudes e intratáveis, além de ignorantes. Outras, porém, são dóceis, têm desejo de aprender e mostram uma disposição que me agrada. Não posso esquecer que essas pequenas camponesas pobremente vestidas são da mesma carne e sangue dos descendentes da mais alta genealogia. Nos seus corações, assim como nos das pessoas bem-nascidas, podiam germinar os dons inatos da excelência, refinamento, inteligência e sentimentos elevados. Minha tarefa seria desenvolver esses dons. Com certeza eu teria algum prazer nessa missão. Não esperava muitas alegrias na nova vida que se descortinava para mim, mas se controlasse a mente e exercesse domínio sobre as minhas vontades, sem dúvida poderia viver dia após dia.

E naquela manhã, e na primeira tarde que eu passara na escola humilde e pobre – sentira-me feliz, em paz e contente? Para não enganar a mim mesma, devo responder: não. Sentia-me desolada ao extremo. Sentia-me... sim, idiota que sou!... humilhada. Temia que tivesse dado um passo que me levara para baixo, ao invés de me elevar na escala social. Estava um pouco consternada com a ignorância, a pobreza e a vulgaridade de tudo que vira ao meu redor. Mas não me permiti odiar nem desprezar a mim mesma por esses sentimentos. Sabia que eram errados, e isso já era um passo adiante. Devia lutar para superá-los. No dia seguinte, acreditava, estariam abrandados, e dentro de algumas semanas quase dominados. Dentro de alguns meses, talvez, a felicidade de ver o progresso e a melhora de algumas das minhas alunas viesse a substituir o desgosto pela gratificação.

Nesse meio tempo, faço-me uma indagação. O que teria sido melhor? Ter cedido à tentação, dado ouvidos à paixão, não ter feito esforços penosos, evitado a luta... ter me deixado capturar numa armadilha dourada, dormir nas flores que a cobrem e acordar num clima ameno, entre os luxos de uma casa no sul da França como amante de Mr. Rochester. Delirado com o seu amor por um bom tempo... Sim, porque ele teria me amado por muito tempo. Ele me *amou*... como ninguém jamais me amará outra vez. Nunca mais desfrutarei da doce homenagem prestada à beleza, à juventude e à graça, pois a ninguém mais parecerei possuidora desses encantos. Ele me tinha afeto e se orgulhava de mim... coisa que nenhum outro homem jamais fará. Mas o que estou imaginando, o que estou dizendo, e sobretudo o que estou sentindo? Devo na verdade me perguntar se é melhor ser escrava num paraíso em Marselha – encantada com a ventura de um momento, sufocada pelas lágrimas amargas do remorso e da vergonha no momento seguinte – ou ser uma professora de aldeia, livre e honesta, num saudável refúgio entre as montanhas no coração da Inglaterra?

Senti então que estava certa quando escolhi os princípios e as normas e repudiei e esmaguei os

insanos impulsos de um delírio momentâneo. Deus me conduza para o caminho correto – e como sou grata à Ele por ter me guiado!

Naquele ponto das minhas reflexões, levantei-me, fui até a porta e fiquei olhando o pôr do sol sobre os serenos campos que se estendiam diante do meu chalé que, com a escola, distava oitocentos metros do vilarejo. Os pássaros trinavam seus últimos cantos.

“O ar era suave, o orvalho balsâmico”[\[1\]](#)

Enquanto olhava, achei que era feliz, e me surpreendi ao ver que chorava. E por quê? Pela tristeza que me afastara de Mr. Rochester. Porque eu nunca mais o veria. Pela dor desesperada e a loucura – consequências da minha partida – que agora, talvez, o tivessem arrancado do caminho do bem, a ponto de não haver mais recuperação. Pensando assim, virei o rosto ao adorável céu do solitário vale de Morton. Disse *solitário*, pois na parte dele que me era visível não havia nenhuma construção, salvo as torres da igreja e a casa paroquial, meio escondida entre as árvores. Na extremidade via o teto de Vale Hall, onde viviam o rico Mr. Oliver e sua filha. Fechei os olhos e apoiei a cabeça no marco de pedra da porta, mas logo um leve ruído perto da cancela que separava meu pequenino jardim da campina, me fez olhar para lá. Um cão – o velho Carlo, o perdigueiro de Mr. Rivers, reconheci logo – empurrava a cancela com o focinho. O próprio St. John apoiava-se nela, os braços cruzados, o cenho franzido, o semblante carregado. Seu olhar grave estava fixo em mim. Convidei-o a entrar.

– Não, não posso me demorar. Vim apenas para trazer um pacote que minhas irmãs deixaram para você. Acho que contém uma caixa de tintas, lápis e papel.

Aproximei-me para pegá-lo. Que presente bem-vindo era aquele! St. John examinou meu rosto com seriedade, quando me aproximei. Os traços de lágrimas deviam ser claramente visíveis.

– Seu primeiro dia de trabalho foi mais duro do que esperava? – perguntou.

– Oh, não! Ao contrário! Acho que, com o tempo, vou me dar muito bem com as minhas alunas.

– Mas talvez as suas acomodações... o chalé... a mobília... tenham desapontado as suas expectativas? Na verdade, são muito modestos, mas...

Eu o interrompi:

– O chalé é limpo e abrigado. Os móveis são confortáveis e suficientes. Tudo que vi me deixou grata, e não desapontada. Não sou assim tão tola e fútil a ponto de lamentar a falta de um tapete, um sofá, uma salva de prata. Além disso, cinco semanas atrás eu não tinha nada – era uma pária, uma mendiga, vagando por aí. Agora tenho amizades, um lar, um trabalho. Admiro-me da bondade de Deus, da generosidade dos meus amigos, da sorte que me coube. Não estou aflita.

– Talvez considere a solidão opressiva? A sua casinha é escura e vazia.

– Mal tive tempo de apreciar a tranquilidade, muito menos de me impacientar com a solidão.

– Muito bem. Espero que se sinta contente como diz. De qualquer forma, seu bom senso lhe dirá que ainda é muito cedo para ceder às vacilações e aos temores da esposa de Lot. Ignoro, é claro, o que deixou para trás antes de nos conhecermos, mas aconselho-a a resistir firmemente a qualquer tentação de olhar para o passado. Prossiga na sua carreira com vontade, pelo menos por alguns meses.

– É o que pretendo fazer – respondi.

St. John continuou.

– É um trabalho difícil controlar os impulsos do caráter e as inclinações da natureza. Mas deve

ser feito, sei disso por experiência. Deus nos deu, em certa medida, o poder de fazermos o nosso próprio destino. E quando as nossas energias parecem exigir algo que não podemos ter, quando nossa vontade persiste num caminho que não devemos seguir, não precisamos morrer de inanição nem ficar paralisados pelo desespero. Devemos apenas procurar outro alimento para a mente, tão nutritivo quanto o alimento proibido que provamos antes – e talvez mais puro. E traçar com os nossos pés um caminho tão reto e largo quanto aquele que a Sorte nos vedou, por mais duro que seja.

– Um ano atrás eu estava profundamente infeliz, pois achava que tinha cometido um erro ao entrar para o serviço de Deus. Suas tarefas rotineiras me entediavam. Ansiava por uma vida mais ativa, pelas excitações de uma carreira literária – pela trajetória de um artista, um autor, um orador. Qualquer coisa que não fosse a tarefa simples de um pastor. Sim! O coração de um político, de um soldado, de um caçador de glórias, de um amante da celebridade, de um fanático pelo poder, pulsava sob a minha sobrepeliz de padre. Refleti. Minha vida era tão infeliz que eu teria que mudá-la, ou morreria. Após alguns meses de escuridão e luta, a luz surgiu. Fiquei aliviado. Minha existência limitada de repente tornou-se uma vasta planície sem fronteiras. Minhas forças receberam um chamado do céu para elevar-me, reunir o máximo de si mesmas, abrir as asas e pairar além desta existência. Deus me designara uma tarefa. Para levá-la à distância e desempenhá-la bem eram necessárias habilidade e força, coragem e eloquência, as melhores virtudes do soldado, do estadista e do orador. Pois todas estão reunidas no bom missionário.

– Resolvi me tornar um missionário. Desse momento em diante meu estado de espírito mudou. As algemas se partiram, não deixando nada do cativo além dos tormentos da dor... que apenas o tempo podia curar. Meu pai, na verdade, se opôs a essa decisão, mas agora que morreu não há mais qualquer obstáculo legítimo que me impeça. Depois de acertados alguns negócios, conseguindo um substituto para a paróquia em Morton, quebrados ou cortados um ou dois dos laços sentimentais – um último conflito com a fraqueza humana, que eu sei que vou superar, porque *desejo* superar – e deixarei a Europa, irei para o Oriente.

Disse isso na sua voz peculiar, suave, mas enfática. Quando parou de falar não olhava para mim, mas para o sol poente. Eu olhava também. Estávamos ambos de costas para o caminho que levava do campo até a cancela. Não ouvimos nenhum passo no caminho gramado. O murmúrio da água correndo no vale era o único som naquele cenário e naquele momento. Ficamos sobressaltados quando uma voz alegre, doce como o tinir de um sino de prata, exclamou:

– Boa tarde, Mr. Rivers! E boa tarde, velho Carlo! Seu cachorro é mais rápido para reconhecer os amigos que o senhor, Mr. Rivers. Levantou as orelhas e abanou a cauda quando eu ainda estava lá no início do caminho, e o senhor ainda está de costas para mim.

Era verdade. Embora Mr. Rivers tivesse se sobressaltado ao ouvir essa voz musical, como se um raio explodisse sobre a sua cabeça, ainda assim continuava na mesma atitude em que a moça o surpreendera quando acabou de falar. O braço apoiado na cancela, o rosto para o poente. Por fim voltou-se, com estudada deliberação. Uma visão, assim me parecia, surgira ao seu lado. A cerca de um metro apareceu uma forma vestida de branco imaculado – jovem e graciosa. Corpo sadio, ainda que esbelto. Quando, depois de inclinar-se para acariciar Carlo, levantou a cabeça e afastou o longo véu, surgiu uma face de perfeita beleza. Perfeita beleza é uma expressão poderosa, mas não vou mudá-la nem amenizá-la. O termo era justificado, nesse caso, por traços tão doces como nunca moldara o suave clima de Albion[2] e por tons tão puros de rosa e branco como nunca os ventos úmidos e os céus vaporosos geraram ou exibiram. Nenhum encanto lhe faltava, nenhum defeito era perceptível. A jovem tinha traços

regulares e delicados, olhos de formato e cor iguais aos que vemos nas pinturas mais adoráveis – grandes, escuros e vivos. Longos e bastos cílios circundavam os olhos de forma fascinante; sobrancelhas perfeitamente traçadas conferiam-lhes nitidez. A testa branca e lisa abrandava o vívido tom e o brilho do rosto; as faces eram ovais, frescas e suaves. Lábios também frescos, rubros, saudáveis e docemente delineados; dentes regulares e brilhantes, sem falhas; queixo pequeno, com uma covinha... E o ornamento de longos e bastos cachos. Possuía em abundância todas as vantagens que, combinadas, formavam o ideal de beleza. Fiquei maravilhada enquanto olhava para esta bela criatura, admirava-a com todo o meu coração. A natureza devia estar com um humor favorável quando a criou, e esquecendo sua usual avareza de madrasta, ainda concedera a este ser, sua querida, a generosidade de uma grande dama.

O que pensaria St. John Rivers daquele anjo da Terra? Eu, naturalmente, me fiz esta pergunta quando o vi virar-se para olhá-la. E, naturalmente, procurei a resposta no seu semblante. Ele já havia tirado os olhos do poente e olhava para um humilde tufo de margaridas que cresciam ao lado do portão.

– A tarde está bonita, mas é tarde para uma jovem estar fora de casa sozinha – ele disse, enquanto amassava as margaridas brancas com o pé.

– Oh! Cheguei agora à tarde de S... (e ela mencionou uma grande cidade, a mais de trinta quilômetros de distância). Papai contou-me que o senhor havia inaugurado a escola e que a nova encarregada já tinha chegado. Assim, logo que acabou o chá, coloquei o chapéu e corri para cá para conhecê-la. É ela? – e apontou para mim.

– É – disse St. John.

– Acha que gostará de Morton? – perguntou-me a jovem, num tom de simplicidade ingênua, agradável, apesar de infantil.

– Espero que sim. Tenho todas as razões para gostar.

– Achou suas alunas tão aplicadas quanto esperava?

– Bastante.

– Gosta do chalé?

– Muito.

– Acha que o mobiliei bem?

– Muito bem, de fato.

– E fiz boa escolha indicando Alice Wood para sua ajudante?

– Fez, realmente. Ela aprende rápido e é prestativa.

“Então esta é Miss Oliver, a herdeira” pensei. “Tão dotada de fortuna quanto de beleza! Que feliz conjunção de astros teria presidido o seu nascimento!”

– Devo vir ajudá-la na escola de vez em quando – ela acrescentou. – Para mim será uma boa mudança visitá-la uma vez ou outra, e gosto de mudanças. Me diverti tanto durante a minha estada em S..., Mr. Rivers! Na noite passada, ou melhor, hoje, dancei até as duas da manhã! Há um regimento sediado lá desde que aconteceram os motins, e os oficiais são os homens mais agradáveis do mundo. Colocam todos os nossos jovens afiadores de facas e comerciantes de tesouras no bolso.

Pareceu-me que Mr. St. John contraiu um pouco o lábio inferior, e o superior se encrespou. Sua boca parecia comprimida, de qualquer modo, e seu rosto extremamente sério e duro, quando a sorridente moça deu-lhe esta informação. Também levantou o olhar das margaridas e fixou-o nela. Era um olhar

sério, penetrante, significativo. Ela respondeu com outra risada, e o riso realçava sua juventude, suas faces rosadas, suas covinhas e o brilho dos seus olhos.

Enquanto ele se mantinha sério e calado, ela novamente acariciou Carlo.

– O pobre Carlo me adora – ela disse. – *Ele* não é sério e distante com os amigos. E, se pudesse falar, não ficaria em silêncio.

Enquanto ela afagava a cabeça do cão, inclinando-se com graça natural ante seu jovem e austero dono, vi um rubor subir pela face de St. John. Vi seus olhos frios se incendiarem e faiscarem com emoção incontrolável. Assim, corado e emocionado, parecia quase tão belo como homem quanto ela o era como mulher. Inflou o peito, como se o seu grande coração, cansado de restrições despóticas, se expandisse contra a sua vontade num vigoroso movimento para alcançar a liberdade. Mas ele se dominou, como um cavaleiro resolutos refrearia um ginete. Não respondeu, por gestos ou palavras, às amáveis insinuações feitas por ela.

– Papai já se queixou que o senhor não vem mais nos visitar – continuou Miss Oliver, olhando para cima. – Tornou-se um estranho em Vale Hall. Ele está sozinho esta noite, e não se sente muito bem. Gostaria de voltar comigo e visitá-lo?

– Não é uma hora adequada para visitar Mr. Oliver – respondeu St. John.

– Não é adequada! Mas se estou dizendo que é! É justo a hora em que papai mais gosta de companhia: quando os trabalhos estão encerrados e não tem nada para ocupá-lo. Então, Mr. Rivers, *venha* por favor. Por que é assim tão tímido e sombrio?

E ela encheu o intervalo de silêncio respondendo a si mesma.

– Oh, esqueci! – ela exclamou, sacudindo os belos cachos com ar de espanto. – Sou uma cabeça de vento! Tão descuidada! *Por favor*, me perdoe. Esqueci completamente que o senhor tem boas razões para não se sentir disposto a conversar. Diana e Mary partiram, e Moor House está fechada. Deve se sentir muito só! Estou com tanta pena... Venha, venha comigo visitar o papai!

– Hoje não, Miss Rosamond, hoje não.

Mr. St. John falava quase como um autômato. Só ele sabia o quanto lhe custava aquela recusa.

– Bem, se está tão decidido, vou deixá-lo. Não ouse ficar mais, o sereno começou a cair. Boa-noite!

Estendeu a mão para ele, que apenas a tocou.

– Boa-noite! – ele repetiu, numa voz baixa e cava como um eco.

Ela virou-se, e um momento depois voltou.

– Está se sentindo bem? – perguntou.

A pergunta fazia sentido: a face dele estava tão branca quanto o vestido que ela usava.

– Muito bem – ele disse, e com um cumprimento de cabeça deixou o portão.

Ela foi para um lado, ele para o outro. Ela se voltou duas vezes para olhá-lo, enquanto descia pelo campo como uma fada. Ele seguiu firmemente seu caminho, sem se voltar nem uma vez.

Este espetáculo do sofrimento e sacrifício de outra pessoa distraiu meus pensamentos do meu próprio sofrimento. Diana Rivers dissera que o irmão era “inexorável como a morte”. Não havia exagerado.

[1] Frase do poema “The lay of the Last Minstrel”, de Sir Walter Scott (1771/1832). Em inglês: “the air was mild, the dew was balm”.

[2] Antigo nome pelo qual era conhecida a Grã-Bretanha.

CAPÍTULO 32

Continuei com meu trabalho na escola, com o máximo de diligência e fidelidade possível. Era um trabalho realmente difícil, no início. Passado algum tempo, com muito esforço já conseguia compreender as minhas alunas e a sua natureza. Analfabetas de todo, com as faculdades embotadas, me pareciam irremediavelmente estúpidas. À primeira vista, todas igualmente, mas eu me enganava. Havia uma diferença entre elas, como existe entre as crianças educadas. E quando passei a conhecê-las, e elas a mim, essa diferença logo apareceu. Uma vez acalmado o espanto em relação à minha pessoa, meu modo de falar, minhas regras e meus processos, descobri que algumas dessas camponesas obtusas e boquiabertas se haviam transformado em meninas suficientemente espertas e inteligentes. Muitas se mostravam gentis e amáveis, e descobri entre elas não poucos exemplos de polidez natural e autorrespeito inato, assim como excelente aptidão, que conquistaram a minha boa vontade e admiração. Estas logo demonstraram prazer em fazer bem os seus trabalhos, em manter-se limpas, aprendendo suas tarefas regularmente e adquirindo maneiras ordeiras e discretas. Em alguns casos, a rapidez do seu progresso era mesmo surpreendente. Fiquei tomada por um orgulho honesto e feliz. Além disso, comecei a estimar pessoalmente algumas das melhores meninas, e elas gostavam de mim. Entre as alunas havia muitas filhas de lavradores, quase moças feitas. Já conseguiam ler, escrever e costurar, e ensinei-lhes os elementos de gramática, geografia, história e trabalhos de agulha mais elaborados. Entre elas encontrei algumas de bom caráter, desejosas de aprender e dispostas a melhorar. Com elas passava uma hora agradável durante a tarde, em suas próprias casas. Seus pais (o lavrador e a esposa) me cumulavam de atenções. Era um prazer aceitar a sua bondade simples e retribuir-lhes com consideração – com um respeito escrupuloso pelos seus sentimentos – ao qual eles talvez não estivessem acostumados, e que ao mesmo tempo os encantava e beneficiava. Isso os elevava perante seus próprios olhos, e os fazia lutar para merecer o tratamento diferente que recebiam.

Senti que me tornara querida na vizinhança. Onde quer que fosse ouvia por todo o lado saudações gentis, e era recebida com sorrisos amistosos. Viver entre a aprovação geral, ainda que vinda apenas de pessoas pobres, é como “sentar-se ao sol calmo e doce”, sentimentos de serenidade brotam e florescem sob os seus raios. Nesse período da minha vida, meu coração mais comumente se enchia de gratidão do que afundava no desânimo. E ainda assim, leitor, para dizer-lhe tudo, no meio dessa existência calma e útil, após um dia passado em meio ao meu ofício entre as alunas, ou de uma noite solitária ocupada em ler ou desenhar, eu costumava mergulhar em estranhos sonhos à noite. Sonhos cheios de cor, de agitação, de ideais, de movimentos, de tempestades. Sonhos em que, entremeando cenas inusitadas – carregadas de aventura, de perigos, agitação e mudanças românticas – eu encontrava Mr. Rochester uma e outra vez, e sempre em alguma crise excitante. E a impressão de estar nos braços dele, ouvindo sua voz e fitando os seus olhos, tocando sua mão e sua face, amando-o, sendo amada por ele, renovava com todo o ardor a esperança de passar a vida ao seu lado. Então acordava. Lembrava de onde estava, e em que situação. Levantava-me da cama sem cortinas, tremendo, tiritando. E a noite escura e calma testemunhava a convulsão do desespero e ouvia o grito da paixão. Às nove horas da manhã seguinte, pontualmente, estava abrindo a escola. Tranquila, composta, preparada para as duras tarefas do dia.

Rosamond Oliver cumpriu sua palavra de vir me visitar. Geralmente visitava a escola durante sua cavalgada matutina. Chegava galopando até a porta com seu pônei, seguida por um criado de libré, também montado. Não se podia imaginar nada mais delicioso que a sua aparência: o traje cor de púrpura,

o chapéu de amazona de veludo negro graciosamente pousado sobre os longos cachos que beijavam suas faces e cascadeavam pelos ombros. E era assim que ela entrava na escola rústica, e passeava entre as fileiras de espantadas aldeãs. Costumava vir na hora em que Mr. Rivers estava dando sua aula diária de catecismo. Creio que os olhos da visitante penetravam profundamente no coração do jovem pastor. Uma espécie de instinto parecia avisá-lo da sua entrada, mesmo quando não estava olhando. E se ele estivesse olhando para a porta quando ela aparecia, ficava ruborizado, e suas feições de mármore, mesmo sem relaxar, mudavam de modo indescritível. Expressavam um fervor reprimido na sua própria quietude, mais intenso do que indicavam a contração dos músculos ou os lampejos do olhar.

Estava claro que ela conhecia o seu poder. Na verdade, St. John não escondia – porque não conseguia – o efeito que ela lhe causava. A despeito do seu estoicismo cristão, quando ela surgia e se dirigia a ele, sorrindo-lhe de modo alegre, encorajador e mesmo afetuoso, suas mãos tremiam e os olhos brilhavam. Era como se ele dissesse, com seu olhar triste e resoluto, o que os lábios não diziam: “Eu a amo, e sei que também me ama. Não é o medo do fracasso que me mantém calado: se oferecesse meu coração acredito que o aceitaria. Mas meu coração já foi destinado a um altar sagrado, as chamas já se acenderam em torno dele. Logo não será mais do que um sacrifício consumado”.

E ela então ficava zangada, como uma criança desapontada. Uma nuvem empanava sua radiante vivacidade. Tirava rapidamente a mão de entre os dedos dele e dava as costas com petulância à sua figura ao mesmo tempo heroica e martirizada. Sem dúvida, quando ela o deixava desse modo, St. John daria o mundo para segui-la, chamá-la, detê-la. Mas não concederia uma oportunidade aos céus, nem desistiria, pela bem-aventurança do seu amor, da esperança de alcançar o verdadeiro e eterno Paraíso. Além disso, não poderia abrigar tudo o que tinha em sua natureza – o refugiado, o ambicioso, o poeta, o sacerdote – nos limites de uma única paixão. Ele não podia – e não queria – renunciar ao seu árduo campo de luta de missionário pelos salões e a paz de Vale Hall. Aprendi tanto sobre ele ao invadir uma vez os seus segredos, apesar da sua reserva.

Miss Oliver já me honrara com frequentes visitas ao meu chalé. Eu já conhecia seu caráter por completo, pois não tinha mistérios nem disfarces. Era coquete, mas não insensível. Exigente, mas não desprezivelmente egoísta. Havia sido agraciada pelo nascimento, mas não era totalmente mimada. Arrebatada, porém bem-humorada. Vaidosa (nem poderia deixar de sê-lo, quando qualquer olhar no espelho mostrava-lhe tantos atributos adoráveis), mas não arrogante. Era generosa, isenta do orgulho da riqueza, ingênua, bastante inteligente, alegre, vivaz e descuidada. Encantadora, em suma, mesmo para uma fria observadora do seu próprio sexo como eu. Mas não despertava um interesse profundo, nem era inteiramente empolgante. Tinha uma mente muito diferente, por exemplo, das irmãs de St. John. Gostava dela quase como gostava da minha aluna Adele. Exceto que, quando se cuida e ensina uma criança, cria-se um afeto mais intenso do que aquele que se dedica a uma pessoa adulta igualmente atraente.

Ela se tomou de um amável capricho por mim. Dizia que eu era parecida com Mr. Rivers, mas, acrescentava “não tem nem um décimo da beleza dele, apesar de ser uma almazinha pura e bela; ele, porém, é um anjo”. Mas eu era, no entanto, boa, inteligente, equilibrada e firme como ele. Como professora de aldeia eu era uma *lusus naturae*^[1], afirmou. Estava certa que a minha história, se fosse conhecida, daria um delicioso romance.

Uma tarde, enquanto inspecionava o armário e a gaveta da mesa na minha pequena cozinha, com seu habitual jeito infantil e suas perguntas indiscretas, embora inofensivas, primeiro descobriu dois livros franceses, um volume de Schiller, uma gramática e um dicionário de alemão. Depois encontrou meus materiais de desenho e alguns esboços, incluindo um desenho a lápis de uma menina de rosto

angélico, uma das minhas alunas, e diversas vistas do Vale de Morton e da charneca ao redor. Primeiro foi tomada pela surpresa, depois vibrou de satisfação. Aqueles desenhos haviam sido feitos por mim? Eu sabia francês ou alemão? Que amor, que milagre eu era! Desenhava melhor que a sua professora na principal escola de S... Será que aceitaria fazer um retrato dela, para oferecer ao pai?

– Com prazer – respondi.

Senti a excitação do artista ante a ideia de fazer um retrato de um modelo tão perfeito e radiante. Ela usava um vestido de seda azul profundo, o pescoço e os braços nus. Seu único adorno eram os cabelos castanhos, que ondulavam sobre seus ombros com toda a graça dos cachos naturais. Tomei uma fina tela e tracei um cuidadoso perfil. Prometi a mim mesma o prazer de colori-lo. Quando já estava ficando tarde, disse-lhe que podia voltar outro dia para posar.

Ela falou de mim ao pai de tal maneira que o próprio Mr. Oliver acompanhou-a na tarde seguinte. Era um homem alto, de meia-idade, feições maciças e cabelos grisalhos. Ao lado dele sua adorável filha parecia uma flor vicejando radiosa ao lado de uma torre vetusta. Dava a impressão de um homem taciturno e talvez orgulhoso, mas foi muito gentil comigo. O esboço do retrato de Rosamond agradou-o imensamente. Disse que daria um belo quadro. Insistiu, também, para que eu passasse a tarde seguinte em Vale Hall.

Fui. Achei a residência grande e bonita, mostrando em abundância a riqueza do proprietário. Rosamond demonstrou muita alegria e prazer durante todo o tempo em que estive ali. Seu pai foi afável e, quando começou a conversar comigo após o chá, expressou em termos veementes sua aprovação pelo trabalho que eu estava realizando na escola de Morton. Disse que, pelo que vira e ouvira, só temia que eu fosse boa demais para o lugar, e que logo o deixasse em busca de uma situação melhor.

– Na verdade – exclamou Rosamond – ela é inteligente o suficiente para ser governanta de uma família de alta classe, papai.

Pensei que preferia muito mais estar onde estava do que em qualquer família de alta classe do país. Mr. Oliver falou de Mr. Rivers – da família Rivers – com grande respeito. Disse que era um nome muito antigo naquela vizinhança e que os ancestrais haviam sido ricos. Que antigamente toda a Morton pertencia a eles e que, mesmo agora, os descendentes dessa casa poderiam, se quisessem, fazer uma aliança com as melhores famílias. Considerava uma pena que um jovem tão educado e talentoso tivesse decidido partir para longe como missionário, era desperdiçar uma existência valiosa. Parecia, então, que o pai não colocaria obstáculos a uma união entre Rosamond e St. John. Mr. Oliver, com certeza, achava que a boa linhagem do jovem clérigo, seu nome antigo e sua profissão sagrada eram compensações suficientes para a falta de fortuna.

Estávamos em cinco de novembro, um feriado. Minha pequena ajudante, após me prestar auxílio na limpeza da casa, fora embora bem feliz com a moeda de um centavo que eu lhe dera. Tudo a minha volta estava limpo e brilhante: o chão escovado, a grelha polida, as cadeiras enceradas. Já fizera minha toalete e tinha a tarde inteira diante de mim para passar como eu quisesse.

Ocupei-me por uma hora traduzindo algumas páginas do alemão. Então peguei minha paleta e os pincéis e dediquei-me à tarefa mais agradável, porque mais fácil, de completar o retrato em miniatura de Rosamond Oliver. A cabeça já estava pronta, só faltava pintar o fundo e um drapeado para sombrear. Adicionar um toque de carmim aos lábios, um cacho macio aqui e ali, um pouco de cor na sombra dos cílios sob as pálpebras. Estava absorta na execução desses detalhes quando, após uma rápida batida, a porta abriu-se para dar entrada a St. John Rivers.

– Vim ver como está passando o feriado – ele disse. – Não está melancólica, está? Não. Isso é bom: enquanto pinta não se sentirá sozinha. Veja que eu ainda desconfio de você, embora tenha se saído muitíssimo bem até aqui... Trouxe-lhe um livro para as horas solitárias da noite.

Colocou sobre a mesa um livro novo. Era um poema: uma dessas publicações originais frequentemente destinadas ao público afortunado daquela época – a era de ouro da literatura moderna. Ah! Os leitores atuais são menos favorecidos. Coragem! Não vou fazer acusações nem me afligir. Sei que a poesia não morreu, nem a imaginação foi perdida. Tampouco Mammon[2] tem poder sobre qualquer delas, para amordaçá-las ou destruí-las. Um dia virá em que ambas afirmarão novamente sua existência, sua presença, sua liberdade e força! São anjos poderosos, seguros no céu! Sorriem quando as almas sórdidas se vangloriam e as almas fracas choram diante da sua destruição. A poesia morreu? A imaginação perdeu-se? Não! Mediocridade, não: não permita que a inveja o leve a esse pensamento. Não! Elas não apenas vivem, como reinam e redimem, e sem a sua influência divina espalhada por toda parte estaríamos no inferno... O inferno da nossa própria mesquinhez!

Enquanto eu percorria ansiosamente as brilhantes páginas de “Marmion”[3] (porque era “Marmion”), St. John parou para examinar a minha pintura. Voltou a aprumar o corpo esbelto com um sobressalto. Não disse nada. Olhei para ele, mas evitou o meu olhar. Eu conhecia bem seus pensamentos e podia ler claramente no seu coração. No momento me sentia mais calma e fria do que ele: tinha temporariamente sobre ele essa vantagem. Resolvi fazer-lhe algum bem, se pudesse.

“Com toda sua firmeza e autocontrole” pensei “ele exige demais de si mesmo. Tranca no coração qualquer sentimento e dor – não expressa, não confessa nem partilha nada. Sei que seria benéfico para ele falar um pouco da doce Rosamond, com quem acha que não deve se casar. Vou fazê-lo falar.”

Comecei dizendo:

– Sente-se, Mr. Rivers.

Mas ele respondeu, como sempre, que não podia ficar.

“Muito bem” respondi, mentalmente. “Fique de pé se quiser, mas não irá embora assim tão depressa. Estou decidida: a solidão, afinal, é tão ruim para o senhor quanto é para mim. Vou tentar descobrir a fonte secreta da sua confiança e abrir uma brecha nesse peito de mármore, por onde possa derramar uma gota do bálsamo da simpatia.”

– O retrato está parecido? – perguntei, sem rodeios.

– Parecido? Parecido com quem? Não olhei direito.

– Olhou, sim, Mr. Rivers.

Ele quase se assustou com a minha estranha e repentina brusquidão: olhou-me espantado.

“Isso ainda não é nada” disse para mim mesma. “Não pretendo ficar embaraçada com uma pequena carranca da sua parte. Estou decidida a ir muito longe.”

Continuei:

– O senhor observou-o de perto, distintamente. Mas não faço objeções a que olhe outra vez.

Levantei-me e coloquei-lhe o retrato nas mãos.

– Uma pintura muito bem executada – ele disse. – Muito suave, de cores claras. O desenho está correto e gracioso.

– Sim, sim. Sei disso. Mas que tal a semelhança? Com quem se parece?

Controlando a hesitação, respondeu:

– Miss Oliver, creio eu.

– É claro. E agora, senhor, para premiá-lo pela arguta resposta, prometo-lhe pintar cuidadosa e fielmente uma réplica desta mesma pintura, desde que admita que o presente seria do seu agrado. Não pretendo perder meu tempo e trabalho oferecendo-lhe algo que considere sem valor.

Ele continuava a observar a pintura. Quanto mais a olhava, quanto mais firme a segurava, mais parecia cobiçá-la.

– É parecida! – murmurou. – Os olhos estão bem desenhados: sua tonalidade, a luz e a expressão são perfeitas. E ela sorri!

– Seria um conforto ou uma tortura para o senhor possuir uma pintura similar? Diga-me. Quando estiver em Madagascar, ou no Cabo, ou na Índia, seria um consolo ter essa lembrança consigo? Ou a visão dela lhe traria recordações que o deixariam angustiado e aflito?

Ele levantou os olhos furtivamente. Lançou-me um olhar perturbado, hesitante. Voltou a fitar o retrato.

– Que eu gostaria de tê-la, é certo. Se isso seria sensato ou prudente, é outra questão.

Desde que me convencera que Rosamond gostava dele, e que seu pai provavelmente não se oporia ao casamento, eu – menos exaltada na minha análise do que St. John – firmei no coração a decisão de promover a união dos dois. Parecia-me que, se ele possuísse a enorme fortuna de Mr. Oliver, poderia fazer com ela tanto bem quanto se fosse para o exterior desperdiçar seu talento e suas forças sob o sol tropical. Persuadida disso, respondi:

– Pelo que posso ver, seria mais sábio e sensato levar consigo o original logo de uma vez!

Naquele momento ele já havia se sentado. Colocara a pintura na mesa diante de si e, com a frente apoiada nas mãos, debruçava-se amorosamente sobre ela. Percebi que não ficara zangado nem chocado com a minha audácia. Vi mesmo que, falar assim francamente de um assunto que ele considerava inabordável – e vê-lo ser tratado com tanta liberdade – começava a dar-lhe um novo prazer, um alívio inesperado. As pessoas reservadas muitas vezes precisam discutir livremente seus sentimentos e aflições, muito mais do que as pessoas expansivas. Os que parecem estoicos também são humanos, afinal de contas, e “irromper” com audácia e boa vontade no “mar silencioso” das suas almas é, frequentemente, fazer-lhes um favor.

– Tenho certeza que ela gosta do senhor – eu disse, postada atrás da sua cadeira – e o pai dela o respeita. Além disso, ela é uma moça adorável, embora um pouco inconsequente. Mas o senhor tem juízo suficiente para os dois. Deve casar-se com ela.

– Ela *gosta* de mim? – perguntou.

– Certamente. Mais do que de qualquer outra pessoa. Fala no senhor o tempo todo: não há assunto de que goste mais ou mencione com mais frequência.

– É muito agradável ouvir isso – ele disse – muito mesmo: prossiga por mais um quarto de hora.

E ele realmente tirou o relógio do bolso e colocou-o sobre a mesa, para medir o tempo.

– Mas qual é o sentido em prosseguir – perguntei – se o senhor provavelmente está preparando algum firme argumento em contrário ou forjando algum par de algemas para aprisionar seu coração?

– Não imagine coisas tão duras. Imagine que me sinto agora dócil e enternecido. O amor humano

jorrando como uma fonte refrescante e inundando docemente todo o campo que eu lavrei com tanto trabalho e cuidado – que tão assiduamente semeei com sementes de boas intenções e renúncias. E que nesse momento foi inundado por uma torrente de néctar... os brotos afogados... um delicioso veneno a consumi-los. Vejo-me agora esparramado numa poltrona em Vale Hall, ao pé da minha esposa Rosamond Oliver. Ela está falando comigo na sua voz doce, olhando-me com aqueles olhos que a sua mão habilidosa retratou tão bem, sorrindo-me com seus lábios de coral. Ela é minha... eu sou dela... A vida presente e o passado me bastam. Oh, não! Não diga nada. Meu coração está tomado de prazer, meus sentidos extasiados... Deixe que se passe tranquilamente o tempo que eu marquei.

Fiz-lhe a vontade: o relógio prosseguia em seu tique-taque, ele ofegava baixinho. Permaneci calada. No meio desse silêncio, o quarto de hora passou. Ele guardou o relógio, deitou a pintura na mesa, levantou-se e parou junto à lareira.

– Bem – disse ele – já concedi espaço ao delírio e à ilusão. Pousei a fronte no seio da tentação e, voluntariamente, coloquei meu pescoço no seu jugo de flores. Provei da sua taça. Os coxins queimavam: há uma serpente entre as flores e o vinho tem um gosto amargo. Suas promessas são vazias, suas dádivas falsas. Eu vejo e conheço tudo isso.

Olhei-o, espantada.

– É estranho – ele prosseguiu. – Embora eu ame Rosamond Oliver tão intensamente – com toda a intensidade, na verdade, de um primeiro amor cujo objeto é especialmente belo, gracioso e fascinante – ao mesmo tempo sinto uma calma e isenta convicção de que ela não seria uma boa esposa para mim; de que não é a companheira que me convém, e que vou descobrir isso um ano depois do casamento. E a esses doze meses de ventura se sucederá uma vida de remorsos. Disso eu tenho certeza.

– Realmente, é muito estranho! – não pude evitar exclamar.

– Enquanto alguma coisa dentro de mim é muito sensível aos seus encantos – ele continuou – outra é profundamente consciente dos seus defeitos. Ela não simpatiza com nenhuma das minhas aspirações, nem coopera com nada que eu me empenhe em realizar. Rosamond, uma sofredora, uma trabalhadora, um apóstolo mulher? Rosamond, a esposa de um missionário? Não!

– Mas o senhor não precisa se tornar um missionário. Pode abrir mão disso.

– Abrir mão? Renunciar à minha vocação? Desistir da grande obra da minha vida? Das fundações que farei na terra para erguer minha mansão no céu? Desistir da esperança de entrar para o rol daqueles que renunciam a todas as ambições pela glória de melhorar a vida dos seus semelhantes... de levar o conhecimentos ao reino da ignorância... de substituir a guerra pela paz... o cativo pela liberdade... a superstição pela religião... o temor do inferno pela esperança do céu? Devo renunciar a tudo isso? Isso me é mais caro do que o sangue que corre nas minhas veias. É isso que tenho que buscar, é para isso que devo viver.

Depois de uma longa pausa, perguntei:

– E Miss Oliver? Sua tristeza e desapontamento não importam para o senhor?

– Miss Oliver está sempre cercada de admiradores e bajuladores. Em menos de um mês a minha imagem se apagará do seu coração. Ela me esquecerá, e provavelmente se casará com alguém que a fará muito mais feliz do que eu.

– O senhor fala com bastante frieza, mas sofre com esse conflito. Está se desgastando.

– Não. Se eu estou um pouco inquieto, é por ansiedade com meus projetos ainda não concluídos

– minha partida constantemente adiada. Somente hoje recebi a comunicação de que o meu sucessor, cuja chegada espero há longo tempo, não poderá vir antes de três meses. E talvez esses três meses se estendam para seis...

– O senhor treme e fica ruborizado sempre que Miss Oliver entra na escola.

De novo uma expressão de surpresa cruzou-lhe a face. Ele não imaginava que uma mulher pudesse falar desta forma com um homem. Já eu me sentia à vontade com esse tipo de conversa. Nunca consegui me comunicar com pessoas de mente firme, discreta e refinada – fossem homens ou mulheres – até que superasse a reserva convencional, ultrapassasse o portal da confiança e conquistasse um lugar no aconchego dos seus corações.

– Você é original – disse ele – e não é nem um pouco tímida. Há qualquer coisa de corajoso no seu espírito, assim como há algo de penetrante no seu olhar. Mas deixe-me dizer-lhe que se engana parcialmente na interpretação das minhas emoções. Acha que são mais profundas e intensas do que realmente são. Você me concede um grau maior de simpatia do que realmente mereço. Quando fico ruborizado ou sombrio perto de Miss Oliver, não me perdoe. Desprezo essa fraqueza. Sei que é ignóbil: um mero fremir da carne e não, afirmo-lhe, uma convulsão da alma. *Esta* continua tão firme como uma rocha firmemente plantada nas profundezas de um mar agitado. Conheça-me como sou: um homem duro e frio.

Sorri com descrença.

– Você desvendou o meu segredo sem reservas – continuou St. John – e agora ele está ao seu dispor. No meu estado natural, despido desse manto manchado de sangue com o qual o cristianismo cobre as deformidades humanas, sou simplesmente um homem frio, rude e ambicioso. De todos os sentimentos, apenas a afeição natural exerce uma influência permanente sobre mim. O meu guia é a razão, não o sentimento. Minha ambição não tem limites, meu desejo de me elevar mais alto e fazer mais do que os outros é insaciável. Admiro o esforço, a perseverança, a dedicação e o talento, pois são os meios com os quais os homens executam grandes obras e sobem ao mais alto grau de eminência. Observo sua carreira com interesse, porque a considero um tipo de mulher diligente, ordeira e enérgica: não porque tenha pena do que sofreu ou ainda esteja sofrendo.

– O senhor se descreve como um simples filósofo pagão – eu disse.

– Não. Há uma diferença entre mim e os filósofos pagãos: eu acredito em Deus, acredito no Evangelho. Você errou na classificação: não sou pagão, mas um filósofo cristão. Um seguidor de Jesus. Como Seu seguidor, adoto as Suas doutrinas puras, misericordiosas e benignas. Sou um defensor do Senhor: jurei difundir a Sua doutrina. Cresci na religião, e ela cultivou minhas qualidades inatas. Do germe da afeição natural fez brotar a árvore frondosa da filantropia. Da selvagem e fibrosa raiz da sinceridade fez crescer o senso de justiça divina. Da ambição de obter renome e poder para a minha desprezível pessoa, formou a ambição de propagar o reino do meu Senhor e obter vitórias para o estandarte da Cruz. A religião me deu tudo isso, transformando a matéria original em algo melhor, aparando e aperfeiçoando a natureza. Mas não pôde sufocar por completo a natureza. Não, ela não será sufocada até que este invólucro mortal passe para a imortalidade.

Dito isto, pegou seu chapéu que estava sobre a mesa, ao lado da minha paleta. Olhou novamente para o retrato.

– Ela é adorável – murmurou. – Realmente merece o nome de Rosa do Mundo.

– E não devo pintar uma cópia para o senhor?

– *Cui bono?*^[4] Não.

Colocou sobre o retrato a fina folha de papel na qual eu costumava descansar a mão enquanto pintava, para evitar sujar a tela. O que ele de repente viu naquele papel branco é impossível dizer, mas algo chamou-lhe a atenção. Pegou-a com pressa e olhou para a borda. Então fixou em mim um olhar extremamente peculiar, de todo incompreensível. Um olhar que parecia esquadrihar e gravar mentalmente cada traço do meu rosto, do meu corpo, do meu vestido. Atravessava tudo, penetrante, rápido e afiado. Seus lábios se abriram, como se quisesse falar, mas reprimiu o que ia dizer, fosse o que fosse.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Nada deste mundo – foi a resposta.

Ao recolocar o papel vi-o rasgar um pedacinho da margem, que desapareceu dentro da sua luva. E com um rápido aceno de cabeça e um “boa-noite”, saiu.

– Bem! – exclamei, usando uma expressão da região. – Esta é de tirar o chapéu, realmente!

Examinei o papel, por minha vez, mas não vi nada nele a não ser algumas pequenas manchas de tinta, onde havia testado o pincel. Ponderei sobre o mistério por um ou dois minutos. Achando-o insolúvel, porém, e certa de que não devia ser importante, desisti do assunto e logo o esqueci.

[1] Em latim no original = brincadeira da natureza. Termo criado pelos naturalistas medievais para designar qualquer criatura ou espécime que desafia a classificação.

[2] Mammon é um demônio, filho de Lúcifer, responsável pela avareza e também pela concessão de riquezas.

[3] Marmion é um poema épico de Sir Walter Scott, publicado em 1808.

[4] Expressão latina que significa “para o benefício de quem?”

CAPÍTULO 33

Quando Mr. St. John saiu, estava começando a nevar. A tempestade prosseguiu durante toda a noite. No dia seguinte um vento forte trouxe chuvas frias e torrenciais. Ao crepúsculo o vale inteiro estava alagado e quase intransitável. Fechei a persiana, coloquei um capacho na soleira da porta para evitar que a neve entrasse, aticei o fogo e sentei-me junto à lareira por uma hora, ouvindo a fúria da tempestade. Então acendi um candeeiro, peguei “Marmion” e comecei a ler.

Finda o dia sobre a escarpa do castelo de Northam

E sobre o rio Tweed, belo largo e profundo

E sobre as solitárias montanhas de Cheviot.

As torres maciças, o calabouço guardado,

As paredes que o rodeiam,

Brilham em dourado resplendor...

No ritmo da poesia, esqueci a tempestade.

Então ouvi um barulho. Pensei que fosse o vento balançando a porta. Não. Era St. John River que, tendo aberto o trinco, emergiu da tormenta gelada, da escuridão profunda – e se postou diante de mim. A capa que cobria sua alta figura estava branca como uma geleira. Fiquei quase confusa, pois, com o vale bloqueado, não esperava nenhum visitante naquela noite.

– Alguma notícia ruim? – perguntei. – Aconteceu alguma coisa?

– Não. Como você se alarma à toa! – respondeu.

Tirou a capa e pendurou-a atrás da porta. Recolocou também o capacho que saíra do lugar com a sua entrada. Sacudiu a neve das botas.

– Devo ter manchado a limpeza do seu assoalho – ele disse – mas deve perdoar-me desta vez.

Aproximou-se do fogo.

– Tive bastante trabalho para chegar até aqui, acredite! – observou, enquanto esquentava as mãos nas chamas. – Uma rajada de vento quase me derrubou. Por sorte a neve ainda está bastante macia.

– Mas por que veio, então? – perguntei, sem conseguir me conter.

– Não é uma pergunta muito hospitaleira para se fazer a um visitante. Mas já que perguntou, respondo que vim simplesmente para conversar um pouco com você. Estava cansado dos meus livros silenciosos e dos meus aposentos desertos. Além disso, desde ontem tenho experimentado a ansiedade de uma pessoa a quem foi contada apenas a metade de uma história, e que está impaciente para ouvir o resto.

Sentou-se. Lembrei-me da sua conduta estranha no dia anterior, e comecei a temer que suas faculdades mentais tivessem sido abaladas. Mas se estava louco, sua insanidade era do tipo mais comedido e frio. Eu nunca vira seu belo rosto parecer mais cinzelado em mármore como agora, enquanto ele afastava da testa os cabelos molhados de neve e deixava que a luz do fogo batesse em cheio no seu rosto pálido. Senti pesar ao ver os profundos traços de sofrimento e preocupação gravados ali. Esperei, calada, que ele dissesse alguma coisa que eu pudesse ao menos compreender. Mas agora ele apoiava a

mão no queixo, o dedo sobre os lábios: estava pensando. Espantei-me ao ver que sua mão parecia lívida, como o rosto. Uma onda involuntária de piedade invadiu meu coração. Fui levada a dizer:

– Gostaria que Diana ou Mary viessem morar com o senhor, não é bom que viva assim sozinho. Além disso o senhor é muito descuidado com a sua saúde.

– Absolutamente – ele disse. – Eu me cuido quando necessário. Estou bem, agora. O que vê de errado em mim?

St. John disse isso de forma descuidada, com indiferença, deixando evidente que a minha solicitude era totalmente supérflua, ao menos na sua opinião. Fiquei em silêncio.

Ele ainda movia vagarosamente o dedo sobre o lábio superior, e seus olhos ainda vagavam, sonhadores, sobre as chamas brilhantes. Considerando urgente dizer alguma coisa, perguntei-lhe então se não estava sentindo uma corrente de ar vinda da porta atrás dele.

– Não, não! – respondeu, de modo breve e um tanto impaciente.

“Muito bem!” refleti “Se não quer falar, pode ficar calado. Vou deixá-lo sozinho e retornar ao meu livro”.

Avivei o candeeiro e retomei a leitura de “Marmion”. Não tardou que ele se mexesse, e meus olhos se dirigiram instantaneamente para os seus movimentos. Pegou no bolso uma carteira forrada em marroquim, tirou uma carta de dentro, leu-a em silêncio, dobrou-a e colocou-a de volta. Voltou a meditar. Era inútil tentar ler com aquela figura fixa e impenetrável na minha frente. Nem podia, na minha impaciência, consentir em ficar calada. Ele que me censurasse, se quisesse, mas eu iria falar.

– Teve notícias de Diana ou Mary recentemente?

– Não desde aquela carta que lhe mostrei semana passada.

– E quanto aos seus planos, houve alguma mudança? Será chamado a deixar a Inglaterra antes do que espera?

– Temo que não, de fato. Uma coisa assim é boa demais para acontecer comigo.

Embaraçada, mudei de assunto. Pensei em falar da escola e das minhas alunas.

– A mãe de Mary Garnett está melhor, e Mary voltou hoje a frequentar as aulas. Na semana que vem devo receber mais quatro alunas, de Foundry Close. Não puderam vir hoje por causa da neve.

– De fato!

– Mr. Oliver está pagando por duas alunas.

– É mesmo?

– E ele pretende oferecer uma ceia para todas as alunas, no Natal.

– Eu sei.

– Foi ideia sua?

– Não.

– De quem, então?

– Da sua filha, eu acho.

– É bem típico dela. É tão generosa!

– É.

Novamente houve uma pausa na conversa. O relógio bateu oito horas. O som pareceu despertá-lo. Descruzou as pernas, sentou-se ereto e voltou-se para mim.

– Deixe seu livro por um momento e venha sentar-se mais perto do fogo – ele disse.

Espantada, e como meu espanto não tinha fim, obedeci.

– Meia hora atrás – ele começou – falei da minha ansiedade em ouvir o final de uma história. Pensando nisso, acho que será melhor que eu assuma o papel do narrador e que você seja a ouvinte. Antes de começar, é justo avisá-la que talvez ache a história um tanto banal, mas detalhes comuns às vezes ganham novo frescor quando contados por outra pessoa. Além disso, é curta, por velha ou nova que seja.

– Há vinte anos, um pobre pároco – não importa o seu nome neste momento – apaixonou-se pela filha de um homem rico. Ela também se apaixonou por ele e desposou-o, contra o conselho de todos os seus parentes. Em consequência disso foi deserdada imediatamente após o casamento. Antes de dois anos, o imprudente casal estava morto, e estão enterrados lado a lado, sob a mesma lápide (vi o seu túmulo: é parte do campo de um enorme cemitério que circunda a catedral, soturna e enegrecida pela fuligem, de uma cidade industrial no condado de...). Deixaram uma criança que, desde o seu nascimento, foi entregue ao regaço da Caridade... tão frio quanto a neve na qual eu quase afundei esta noite. A Caridade levou a pequena orfãzinha para a casa dos seus ricos parentes maternos. Foi criada por uma tia postiça, chamada (agora chegamos aos nomes) Mrs. Reed de Gateshead. Você estremeceu... ouviu algum barulho? Acho que é apenas um rato correndo pelas vigas da escola ao lado. Era um celeiro, antes que eu a reformasse, e os celeiros costumam ser abrigos de ratos. Prossigamos. Mrs. Reed manteve a órfã por dez anos. Se estava feliz ou não com ela não sei dizer, nunca me contaram. Mas, ao final desse tempo, a menina foi transferida para um lugar que você conhece: a Escola de Lowood, onde você mesma morou por tanto tempo. Parece que a carreira dela lá foi honrosa: de aluna tornou-se professora, como você... É espantoso como existem paralelos entre a sua história e a dela! Então deixou a escola para ser governanta. Nisso também o destino dela é igual ao seu. E a moça encarregou-se de educar a protegida de um certo Mr. Rochester.

– Mr. Rivers! – interrompi.

– Posso imaginar o que sente – ele disse – mas contenha-se um pouco mais. Já estou quase terminando, ouça-me até o fim. Nada sei do caráter de Mr. Rochester, a não ser o simples fato de que ofereceu um casamento honroso a essa jovem, e que ela descobriu, no próprio altar, que ele tinha uma esposa ainda viva, embora fosse louca. Qual foi sua conduta subsequente ou seus propósitos, fica no terreno da simples conjectura. Mas, quando surgiu um fato que tornou necessária a presença da governanta, descobriu-se que ela fugira... Ninguém sabia dizer quando, como, nem para onde. Deixara Thornfield Hall à noite e todas as buscas para descobrir o seu paradeiro foram infrutíferas. Reviraram o condado de um canto a outro, e não se achou qualquer vestígio de informação a seu respeito. Como era questão de extrema urgência que ela fosse encontrada, foram colocados anúncios em todos os jornais. Eu mesmo recebi uma carta de um tal Mr. Briggs, um procurador, comunicando os detalhes que acabei de lhe contar. Não é uma história estranha?

– Diga-me apenas uma coisa – eu disse. – Já que sabe tanto pode seguramente contar-me isto: o que foi feito de Mr. Rochester? Como e onde ele está? O que está fazendo? Ele está bem?

– Ignoro qualquer coisa a respeito de Mr. Rochester: a carta só se refere a ele para contar a tentativa fraudulenta e ilegal a que me referi. Você devia perguntar o nome da governanta... e a natureza

do evento que requer a sua presença.

– Ninguém foi a Thornfield Hall, então? Ninguém viu Mr. Rochester?

– Creio que não.

– Mas escreveram-lhe?

– Naturalmente.

– E o que ele disse? Quem está com as suas cartas?

– Mr. Briggs declarou que a resposta ao seu pedido não veio de Mr. Rochester, mas de uma senhora que se assinava “Alice Fairfax”.

Senti frio e empalideci. Meus piores temores provavelmente eram verdadeiros. Mr. Rochester devia ter deixado a Inglaterra, com toda probabilidade, e se precipitado em desespero para algum antigo refúgio no continente. E qual o alívio que teria encontrado lá para seus severos sofrimentos? Que objeto para suas fortes paixões? Oh, meu pobre patrão – quase meu marido – a quem eu tantas vezes chamei de “meu querido Edward”!

– Ele deve ter sido um homem mau – observou Mr. Rivers.

– O senhor não o conhece... não o julgue! – repliquei, com veemência.

– Muito bem – respondeu ele, calmamente. – De qualquer forma, meus pensamentos estão ocupados com outras coisas além dele: tenho que terminar minha história. Se você não pergunta o nome dessa governanta tenho que dizê-lo por minha própria conta. Espere! Tenho o nome aqui... Sempre é melhor tomar nota das coisas mais importantes, para que fique tudo preto no branco.

E ele pegou de novo a carteira, deliberadamente. Abriu-a, vasculhou-a e de um dos seus compartimentos extraiu uma tirinha de papel bem desgastada, rasgada às pressas. Reconheci na sua textura e nas manchas de tinta azul, roxa e vermelha, a margem arrancada da folha que cobria o retrato de Rosamond. Ele a colocou sob os meus olhos. E eu li – escrita a nanquim, na minha própria letra – as palavras “Jane Eyre”, resultado, sem dúvida, de algum momento de abstração.

– Briggs escreveu-me a respeito de uma Jane Eyre – continuou – os anúncios pediam por Jane Eyre. Eu conhecia uma Jane Elliot... Confesso que tive minhas suspeitas, mas foi apenas ontem à tarde que elas se transformaram em certeza. Aceita o nome e renuncia ao nome suposto?

– Sim... Sim! Mas onde está Mr. Briggs? Talvez ele saiba mais de Mr. Rochester do que o senhor.

– Briggs está em Londres. Duvido que ele saiba de qualquer coisa sobre Mr. Rochester. Não é nele que Briggs está interessado. Enquanto isso, você esquece dos pontos principais para se interessar por ninharias: não perguntou por que Mr. Briggs está à sua procura... o que ele quer com você.

– Bem, o que ele quer?

– Apenas contar-lhe que seu tio, Mr. Eyre, residente em Madeira, morreu. Que ele lhe deixou todos os seus bens e que você agora é rica... Nada mais que isso.

– Eu? Rica?

– Sim. Você. Rica. Uma legítima herdeira.

Silêncio.

– Terá que provar sua identidade, é claro – continuou St. John. – algo que não deve oferecer

dificuldades. Depois entrará imediatamente na posse da herança. Sua fortuna está investida em títulos ingleses, Briggs tem o testamento e os documentos necessários.

Então, as cartas mudavam de mãos! É muito bom, leitor, ser alçada da indigência à riqueza em apenas um momento... Realmente muito bom. Mas não é uma coisa que se possa entender e, por conseguinte, desfrutar tão de repente. Existem outros tipos de sorte na vida, até mais emocionantes e sensacionais. *Esta*, no entanto, é uma coisa sólida, um negócio do mundo real, não há nada de romântico em relação a isso. Todas as suas ligações e manifestações são sólidas e racionais. Uma pessoa não pula, ou salta, ou grita ao ouvir que ganhou uma fortuna. Começa a pensar em responsabilidades, a ponderar negócios, a ver que uma satisfação tão sólida exige certos cuidados, e se contém, pensando na sua bênção com solenidade.

Além do mais, as palavras Herança e Legado andam de mãos dadas com as palavras Morte e Funeral. Acabara de ouvir que meu tio morrera... o único parente que eu tinha. Desde que soube da sua existência tinha acalentado a ideia de um dia conhecê-lo: agora isso nunca aconteceria. E assim aquele dinheiro vinha apenas para mim, não para mim e uma família que se alegrasse também. Apenas para mim. Sem dúvida era um grande benefício. E a independência seria gloriosa – sim, eu o sentia – meu coração se alargava com a ideia.

– Levantou a cabeça, afinal – disse Mr. Rivers – Pensei que Medusa tivesse olhado para você e que a tivesse transformado em pedra. Talvez agora pergunte quanto irá receber?

– Quanto vou receber?

– Oh! Uma ninharia! Nada que valha a pena mencionar... Vinte mil libras, eu acho... Mas o que vale isso, não é mesmo?

– Vinte mil libras?

Levei outro susto... Havia pensado em quatro ou cinco mil. Essa notícia me tirou o fôlego por um momento e Mr. St. John, a quem eu nunca ouvira rir, agora ria.

– Bem – disse ele – se você tivesse cometido um assassinato e eu lhe dissesse que seu crime foi descoberto, dificilmente poderia parecer mais perplexa.

– É uma quantia muito alta... Não acha que há algum engano?

– Não há engano nenhum.

– Talvez tenha lido errado as cifras... Devem ser duas mil!

– Foi escrito em letras, não em números – vinte mil.

Senti-me novamente como um indivíduo que, avaliando mal seus poderes gastronômicos, senta-se sozinho para festejar numa mesa abarrotada de comida para cem pessoas. Mr. Rivers levantou-se e vestiu a capa.

– Se a noite não estivesse tão terrível – ele disse – mandaria buscar Hannah para fazer-lhe companhia. Parece desesperada demais para ficar sozinha. Mas Hannah, coitada!, não consegue enfrentar a neve tão bem como eu, suas pernas não são tão firmes. E por isso devo deixá-la só com sua tristeza. Boa-noite.

Ele já ia abrindo o trinco quando, de repente, me ocorreu um pensamento.

– Espere um minuto! – gritei.

– O que foi?

– Quero saber o motivo pelo qual Mr. Briggs lhe escreveu a meu respeito. Como ele o conhecia, ou como pôde imaginar que o senhor, vivendo num lugar tão retirado, pudesse ajudá-lo a me encontrar.

– Ah! Eu sou um clérigo – ele disse – e os clérigos são sempre consultados sobre casos estranhos.

O trinco rangeu outra vez.

– Não. Essa resposta não me basta! – exclamei.

E, de fato, havia algo naquela resposta apressada e pouco esclarecedora que, em vez de aplacar, provocou ainda mais a minha curiosidade.

– É um negócio muito estranho! – acrescentei. – Preciso saber mais a respeito disso.

– Numa outra ocasião.

– Não! Agora... Agora!

Como ele fizesse menção de sair, coloquei-me entre ele e a porta. St. John pareceu muito embaraçado.

– O senhor não irá embora até que me conte tudo – disse.

– Eu preferia não dizer agora.

– O senhor pode dizer... deve dizer!

– Preferia que Diana ou Mary lhe contassem.

É claro que essas objeções levaram minha ansiedade ao máximo. Ele devia satisfazer a minha curiosidade, e sem demora. Disse-lhe isso.

– Mas eu lhe informei que era um homem duro – ele disse – difícil de persuadir.

– E eu sou uma mulher dura – impossível de dissuadir.

– Também sou frio – ele continuou. – Nenhuma emoção me afeta.

– Enquanto eu sou passional, e o fogo derrete o gelo. O calor daquele fogo derreteu toda a neve da sua capa e espalhou-a sobre o meu assoalho, transformando-o numa rua suja. Se deseja ser perdoado, Mr. Rivers, pelo alto crime e a deselegância de ter estragado o meu piso, diga-me o que quero saber.

– Está bem, então – ele disse. – Concordo. Senão pela sua ansiedade, ao menos pela sua persistência. Como água mole em pedra dura... Além disso, algum dia vai descobrir... Tanto faz agora ou depois. Seu nome é Jane Eyre?

– Naturalmente. Isso já foi esclarecido antes.

– Você não sabe, talvez, que eu tenho o seu sobrenome? Que fui batizado St. John Eyre Rivers?

– Não, realmente! Lembro-me agora de ter visto a letra “E” no meio das suas iniciais, escritas nos livros que me emprestou tantas vezes. Mas nunca perguntei a que nome se referia. E então? Certamente...

Parei. Não confiava em mim para imaginar, muito menos para expressar, a ideia que me assaltou... que tomou corpo... e que em poucos segundos se tornou uma forte e sólida probabilidade. As circunstâncias se entrelaçavam, se ajustavam, entravam em ordem. A cadeia que até aqui sustentara uma sucessão de elos sem forma definida, surgia agora coordenada – todos os aros perfeitos, em conexão completa. Eu soube, por instinto, como as coisas eram, antes mesmo que St. John dissesse uma palavra.

Mas não posso esperar que o leitor tenha a mesma percepção intuitiva, por isso repito a sua explicação.

– O nome da minha mãe era Eyre. Ela tinha dois irmãos. Um, o clérigo que casou-se com Miss Jane Reed, de Gateshead. O outro era John Eyre, proprietário de terras, comerciante, até há pouco estabelecido em Funchal, na ilha da Madeira. Mr. Briggs, na qualidade de procurador de Mr. Eyre, escreveu-nos em agosto passado para informar a morte do nosso tio, e dizer que ele deixara sua fortuna para a filha órfã de seu irmão clérigo. Negligenciou-nos no testamento por causa de uma briga, jamais esquecida, entre ele e meu pai. Escreveu novamente há poucas semanas para nos contar que a herdeira não fora localizada, e perguntar se sabíamos algo a respeito dela. Um nome, casualmente escrito numa folha de papel, permitiu-me encontrá-la. O resto você sabe.

Novamente tentou sair, mas encostei-me na porta para impedi-lo.

– Deixe-me falar – eu disse – mas preciso de um momento para recobrar o fôlego e refletir.

Fiz uma pausa. Ele continuou parado diante de mim, chapéu na mão, parecendo bastante sereno. Continuei:

– Sua mãe era irmã do meu pai?

– Sim.

– E, portanto, minha tia?

Ele assentiu.

– O meu tio John também era o seu tio John? O senhor, Diana e Mary são filhos da irmã, assim como eu sou filha do irmão dele?

– Inegavelmente.

– Vocês três, portanto, são meus primos? Metade do nosso sangue provém da mesma fonte?

– Somos primos, sim.

Observei-o. Sentia como se tivesse encontrado um irmão. Um irmão de quem podia me orgulhar, a quem podia amar. E duas irmãs, cujas qualidades eram tais que, mesmo quando as conhecera como simples estranhas, inspiraram-me sincera afeição e admiração. As duas moças a quem – ajoelhada no chão molhado e espiando pela baixa janela envidraçada da cozinha de Moor House, eu fitara com uma mistura tão estranha de interesse e desespero – eram minhas parentas próximas. E o jovem e soberbo cavaleiro que me encontrara quase morrendo na soleira da sua porta era meu parente de sangue. Que gloriosa descoberta para uma infeliz solitária! Isso era a verdadeira riqueza! A riqueza do coração! Uma mina de afetos puros e felizes. Era uma verdadeira bênção: brilhante, vívida e revigorante. Não era como a dádiva do ouro, pesada e medida: bem-vinda ao seu modo, mas moderada no seu efeito. Bati palmas, numa explosão de súbita felicidade... Meu pulso se acelerou, minhas veias latejavam.

– Oh! Estou feliz! Estou feliz! – exclamei.

St. John sorriu.

– Eu não disse que você esquece os pontos essenciais para se ocupar com ninharias? – perguntou. – Quando lhe contei que ganhou uma fortuna, ficou séria. E agora, por uma coisa sem importância, está exultante.

– O que quer dizer? Pode não ter importância para o senhor, pois tem irmãs e não liga para uma prima. Mas eu não tinha ninguém, e agora três parentes – ou dois, se o senhor prefere não ser incluído – surgiram no meu mundo adulto. Repito: estou feliz!

Caminhei a passos largos pela sala. Parei, meio sufocada pelos pensamentos que se sucediam mais rápido do que eu os podia receber, entender e ajustar... Ideias sobre o que podia, devia, seria e poderia ser dali para frente. Olhei para a parede branca: parecia um céu cheio de estrelas ascendentes, cada uma iluminando um desejo ou um propósito. Agora poderia beneficiar aqueles que me salvaram a vida, a quem até aqui amara de forma estéril. Estavam sob um jugo: eu podia libertá-los. Achavam-se dispersos: eu podia reuni-los. A independência e a abundância que me abençoavam poderiam ser deles também. Não éramos quatro? Vinte mil libras, divididas igualmente, dariam cinco mil para cada um. Seria justo para com todos, nossa felicidade mútua estaria assegurada. A riqueza, então, não me seria pesada. Não representaria mais um legado de moedas, mas um legado de vida, esperança e alegria.

Qual era a expressão do meu rosto enquanto essas ideias tomavam conta do meu espírito, não saberia dizer. Mas percebi que Mr. Rivers colocara uma cadeira atrás de mim e delicadamente tentava me fazer sentar. Também pediu que eu me acalmasse. Desprezei a insinuação de desamparo e perturbação, afastei sua mão e comecei a andar novamente.

– Escreva amanhã para Diana e Mary – eu disse – e diga-lhes para virem para casa imediatamente. Diana me disse que elas se considerariam ricas se tivessem mil libras. Com cinco mil, vão viver muito melhor.

– Diga-me onde posso pegar um copo-d'água – disse St. John. – Deve realmente fazer um esforço para controlar suas emoções.

– Bobagem! E qual seria o efeito desse legado sobre o senhor? Será que o manteria na Inglaterra e o induziria a casar-se com Miss Oliver e estabelecer-se como um mortal comum?

– Você está divagando: sua cabeça ficou confusa. Fui muito abrupto ao comunicar-lhe as notícias. Excitou-se além das suas forças.

– Mr. Rivers! O senhor me faz perder a paciência. Estou no meu juízo perfeito, é o senhor que não compreende. Ou melhor, finge não compreender.

– Talvez eu possa compreender, se você se explicar um pouco melhor.

– Explicar! O que há para ser explicado? Será que não vê que vinte mil libras, a soma em questão, dividida igualmente entre um sobrinho e três sobrinhas dá cinco mil para cada um? O que lhe peço é que escreva para suas irmãs e lhes conte da fortuna que virá para elas.

– Para você, é o que quer dizer.

– Já firmei meu ponto de vista sobre este caso, e sou incapaz de adotar outro. Não sou uma egoísta brutal, nem cegamente injusta, nem maldosamente ingrata. Além do mais, estou decidida a ter um lar e uma família. Gosto de Moor House e viverei ali. Gosto de Diana e Mary e vou apegar-me a elas pela vida inteira. Seria agradável e benéfico para mim possuir cinco mil libras. Com vinte mil me sentiria atormentada e oprimida, pois não me pertenceriam por justiça, mas por imposição da lei. Abro mão, então, daquilo que é supérfluo para mim. Não deve haver oposição nem discussão sobre isso. Vamos entrar em acordo e decidir esse ponto de uma vez por todas.

– Está agindo num primeiro impulso. Deve pensar no assunto durante alguns dias, para que sua decisão seja considerada válida.

– Ah! Se está duvidando da minha sinceridade, fico tranquila. Consegue ver a justiça do caso?

– Eu *vejo* uma certa justiça, mas isso é contrário ao costume. Além do mais, a fortuna é toda sua por direito. Meu tio a ganhou por seu próprio esforço e estava livre para deixá-la a quem quisesse.

Deixou para você. Afinal de contas, a justiça lhe permite recebê-la. Deve considerá-la, em sua consciência, inteiramente sua.

– Para mim – eu disse – é mais uma questão de sentimento do que de consciência. Devo seguir os ditames do meu coração, raramente tive oportunidade de fazê-lo. Mesmo que o senhor discuta, faça objeção e me aborreça por um ano inteiro, não posso abrir mão do delicioso prazer que antevi: o de pagar em parte uma pesada obrigação e ganhar afetos perenes.

– Pensa assim agora – respondeu St. John – porque ainda não sabe o que é possuir riqueza, ou aproveitá-la. Não tem noção da importância que vinte mil libras lhe darão, do lugar que será capaz de ocupar na sociedade, das perspectivas que se abrirão para você. Você não pode...

– E o senhor? – interrompi. – Pode imaginar, de alguma forma, o desejo que sempre senti pelo amor fraterno, de irmãos? Nunca tive um lar, nunca tive irmãos ou irmãs. Agora quero e pretendo tê-los. O senhor não está relutante em me aceitar e adotar como irmã, está?

– Jane, serei seu irmão, minhas irmãs serão suas irmãs – sem que seja preciso sacrificar o seu legítimo direito.

– Irmão? Sim. A uma distância de mil léguas! Irmãs? Sim. Escravizadas entre estranhos! E eu rica! Feliz com um ouro que nunca ganhei e que não mereço! E vocês, sem um centavo! Bela igualdade e fraternidade! Estreita união! Afeto íntimo!

– Mas, Jane, seu desejo de ter laços de família e felicidade doméstica pode ser realizado de outra maneira que não seja essa. Você pode se casar.

– Bobagem, de novo! Casar! Não quero me casar e nunca vou me casar!

– Isso é ir longe demais. Essas afirmações perigosas são uma prova da perturbação em que se encontra.

– Não é ir longe demais. Sei o que sinto, e como tenho aversão à simples ideia do casamento. Ninguém casará comigo por amor, e nunca aceitarei ser vista apenas como uma transação financeira. Não quero um estranho, um forasteiro insensível, diferente de mim. Quero pessoas afins, aqueles com quem eu tenha um sentimento de afinidade espiritual. Diga de novo que será meu irmão: fiquei feliz e satisfeita quando disse essas palavras. Repita, se puder, repita-as sinceramente.

– Acho que posso. Sei que sempre amei minhas próprias irmãs. Sei em que se baseia minha afeição por elas: respeito pelo seu valor e admiração por suas qualidades. Você também tem dignidade e princípios, seus gostos e hábitos são semelhantes aos de Diana e Mary. Sua presença me é sempre agradável, encontro conforto na sua conversa. Sinto que posso, fácil e naturalmente, acolhê-la no meu coração, como minha terceira e mais jovem irmã.

– Obrigada. Isso é suficiente por hoje. Agora é melhor que se vá, pois se ficar provavelmente voltará a me atormentar com algum escrúpulo duvidoso.

– E quanto à escola, Miss Eyre? Creio que agora deverá ser fechada.

– Não. Manterei meu cargo de professora até que o senhor encontre uma substituta.

Mr. St. John sorriu com aprovação. Apertamo-nos as mãos e ele se foi.

Não preciso narrar em detalhes as lutas que se seguiram. Consegui, à custa de muita argumentação, que os assuntos relativos à herança fossem dispostos segundo o meu desejo. Minha tarefa foi muito difícil. Mas, como eu estava absolutamente decidida – e meus primos viram, afinal, que minha

mente estava realmente fixada no propósito de fazer uma divisão justa da fortuna – acabaram por sentir, nos seus próprios corações, a equidade da intenção. Além disso, devem ter se convencido intimamente que, em meu lugar, teriam feito exatamente a mesma coisa. Consentiram, afinal, que o assunto fosse submetido à arbitragem. Os juízes escolhidos foram Mr. Oliver e um hábil advogado e ambos concordaram com o meu parecer: mantive minha decisão. Os papéis da transferência foram emitidos, e St. John, Mary, Diana e eu fomos legalmente habilitados.

CAPÍTULO 34

Quando tudo ficou pronto, estávamos quase no Natal. O período das férias se aproximava. Então fechei a escola de Morton, tomando cuidado para que a minha despedida não passasse em branco. A boa fortuna abre tanto as mãos quanto o coração. E distribuir um pouco do muito que recebemos é como criar um respiradouro para a exaltação dos sentimentos. Há muito descobrira, com alegria, que muitas das minhas alunas gostavam de mim, e quando nos despedimos confirmei isso. Elas manifestaram plena e fortemente sua afeição. Foi enorme o meu prazer ao perceber que conquistara, realmente, um lugar nos seus singelos corações. Prometi que, no futuro, não se passaria uma semana sem que eu fosse visitá-las na escola e lhes desse uma hora de aula.

Mr. Rivers surgiu quando – tendo passado em revista as classes, que agora contavam sessenta meninas, perfiladas diante de mim – tranquei a porta e fiquei com a chave na mão, trocando algumas palavras de adeus com uma meia dúzia das minhas melhores alunas: algumas das mais decentes, respeitáveis, modestas e instruídas jovens que podiam ser encontradas nos meios rurais da Inglaterra. E isso é dizer muito, pois os camponeses britânicos são os mais instruídos, bem-educados e respeitados de toda a Europa. Desde aquela época vi muitas “paysannes” e “Bauerinnen”^[1], e as melhores entre elas me pareceram ignorantes, grosseiras e embotadas, comparadas com as minhas alunas de Morton.

– Acha que recebeu sua recompensa por esse período em que se empenhou tanto? – perguntou Mr. Rivers quando elas se foram. – Não lhe dá prazer, a certeza de ter feito alguma coisa realmente boa com o seu tempo e pelo seu próximo?

– Sem dúvida.

– E você trabalhou apenas uns poucos meses! Não crê que seria bem empregada uma vida inteira dedicada à regeneração dos seres humanos?

– Sim – eu disse – mas não poderia continuar assim para sempre. Quero cultivar minhas próprias faculdades, tanto quanto as dos outros. Quero desfrutá-las agora. Não me lembre novamente da escola, nem material nem espiritualmente. Já me afastei e agora quero longas férias.

Ele parecia preocupado. Perguntou:

– O que aconteceu agora? Que súbita ansiedade é essa? O que está pretendendo fazer?

– Manter-me ativa, tanto quanto possa. Mas primeiro quero pedir-lhe que me ceda Hannah e consiga alguma outra pessoa para ajudá-lo.

– Precisa dela?

– Sim, preciso que ela vá comigo para Moor House. Diana e Mary deverão chegar em casa dentro de uma semana, e quero tudo em ordem antes disso.

– Entendo. Achei que iria sair em alguma excursão. É melhor assim: pode levar Hannah consigo.

– Diga-lhe para estar pronta amanhã, então. E aqui está a chave da escola. A do chalé lhe será entregue pela manhã.

Ele pegou-a.

– Desistiu da escola com muita satisfação – ele disse. – Não consigo entender essa sua leveza de espírito, não sei que tipo de ocupação se propõe para substituir essa da qual está desistindo. Que

objetivo, que propósito ou ambição tem agora na vida?

– Minha primeira tarefa será *limpar* (compreende o sentido amplo da expressão?) – *limpar* Moor House de alto a baixo. A segunda será encará-la com verniz e cera de abelhas, e provê-la de uma coleção enorme de tecidos e roupas – até que volte a brilhar. A terceira, arrumar todas as cadeiras, mesas, camas e tapetes com precisão matemática. Depois vou quase arruiná-los com despesas de carvão e turfa, mantendo belos fogos acesos em todos os cômodos. E, finalmente, os dois últimos dias antes da chegada das suas irmãs serão dedicados por mim e Hannah a bater ovos, colher amoras, assar guloseimas, fazer bolos de Natal, cortar carne para fazer tortas e outros ritos culinários, cuja descrição não pode dar senão uma pálida ideia a uma pessoa não iniciada como o senhor. Meu propósito, em suma, é deixar todas as coisas absolutamente prontas para receber Diana e Mary antes da próxima quinta-feira. Meu desejo é oferecer-lhes uma bela recepção de boas vindas.

St. John sorriu levemente: ainda não estava satisfeito.

– Está tudo muito bem, por enquanto – ele disse. – Acho, porém, que quando a primeira onda de animação passar, vai procurar algo um pouco mais elevado que arranjos domésticas e alegrias caseiras.

– São as melhores coisas que existem no mundo! – interrompi.

– Não, Jane, não. Este mundo não é um lugar de gozo, não tente transformá-lo nisso. Nem tampouco de descanso. Não seja preguiçosa.

– Ao contrário. Pretendo me manter ocupada.

– Jane, eu a desculpo no momento. Dou-lhe dois meses para desfrutar da sua nova posição e deliciar-se com o novo e encantador parentesco que descobriu. Mas, *depois*, espero que comece a olhar para mais longe de Moor House e Morton, da companhia das irmãs e do calmo, egoísta e fútil conforto da riqueza civilizada. Espero que as suas energias voltem a arrebatá-la com a sua força.

Olhei-o, surpresa.

– St. John – disse-lhe – acho que está sendo mau em me dizer isso. Estou disposta a ser feliz como uma rainha e você tenta provocar-me inquietação. Com que propósito?

– Com a intenção de fazê-la aproveitar os talentos que Deus lhe deu, e dos quais Ele um dia lhe pedirá contas. Jane, saiba que vou observá-la de perto, com muita atenção. E tente refrear um pouco esse desmedido entusiasmo com o qual se dedica aos banais prazeres domésticos. Não se apegue tão tenazmente aos laços da carne, guarde sua constância e seu ardor para uma causa mais adequada. Abstenha-se de gastá-lo em coisas fúteis e passageiras. Está me ouvindo, Jane?

– Sim, como se estivesse falando grego! Sinto que tenho bons motivos para ser feliz e *hei* de ser feliz. Adeus!

Estava feliz em Moor House e trabalhei duro. Hannah também. Ela ficou encantada de ver como eu conseguia manter o bom humor no meio da agitação de uma casa virada de pernas para o ar, e como sabia limpar, tirar o pó, escovar e cozinhar. Realmente, depois de um ou dois dias de confusão, era delicioso ver a ordem voltar aos poucos àquele caos que nós mesmas tínhamos feito. Antes eu passara um dia em S... para comprar alguns móveis novos, tendo obtido *carte blanche* – carta-branca – dos meus primos para efetuar as alterações que quisesse, pois reserváramos uma certa quantia para isso. Deixei a sala de estar e os quartos quase como eram, pois sabia que Mary e Diana sentiriam mais prazer em ver as antigas mesas, cadeiras e camas do que ver alterações. Ainda assim, foi preciso algumas novidades para dar ao seu retorno o toque de excitação que eu desejava imprimir. Novos tapetes e cortinas, sóbrios e

belos, uma coleção de finos ornamentos em porcelana e bronze, cuidadosamente selecionados, novas capas, espelhos e estojos para as penteadeiras, foram suficientes para esse fim. Pareciam novos sem ser ostensivos. Uma sala íntima e um dormitório foram completamente reformados, com móveis de mogno e estofados vermelhos. Coloquei passadeiras nos corredores e tapetes nas escadas. Quando tudo ficou pronto achei que, por dentro, Moor House parecia um verdadeiro modelo de conforto, brilhante e modesto, embora fosse, por fora, naquela estação, um exemplo de invernos e deserta melancolia.

A esperada quinta-feira finalmente chegou. As moças deviam chegar à noite, e bem antes disso foram acesas as lareiras nos dois andares. A cozinha estava em perfeita ordem. Hannah e eu já estávamos vestidas e tudo o mais estava pronto.

St. John chegou primeiro. Roguei-lhe que se mantivesse longe da casa até que tudo estivesse pronto. De fato, a simples ideia da perturbação, ao mesmo tempo suja e banal, que acontecia entre as suas paredes, foi suficiente para mantê-lo afastado. Encontrou-me na cozinha, observando o progresso dos bolos que assavam para o chá. Aproximou-se do fogão e perguntou-me “se eu estava satisfeita com o trabalho de casa”. Respondi convidando-o a me acompanhar numa inspeção-geral para ver o resultado do meu trabalho. Com alguma dificuldade, consegui que desse um passeio pela casa. Ele apenas espiava pelas portas que eu abria, e depois de perambular pelo andar superior e pelo térreo, disse que eu devia ter tido muito trabalho para fazer tantas mudanças em tão pouco tempo. Mas não disse uma só palavra que indicasse satisfação com as melhorias realizadas na casa.

Esse silêncio me desanimou. Pensei que talvez as mudanças tivessem atingido algumas coisas que ele considerasse de valor. Perguntei-lhe se era esse o caso, é claro que num tom de voz um pouco alterado.

“De modo algum. Ao contrário, notara que eu havia respeitado escrupulosamente o arranjo antigo. Achava até que eu dedicara mais tempo a esse assunto do que realmente merecia. Quanto tempo perdera, por exemplo, estudando a disposição desta mesma peça? A propósito, será que eu podia lhe dizer onde estava tal livro?”

Mostrei-lhe o volume na estante. Pegou-o e, retirando-se para o seu costumeiro recesso junto à janela, começou a lê-lo.

Não gostei disso, leitor. St. John era um homem bom, mas comecei a achar que falara a verdade quando se definira como uma criatura dura e fria. As amenidades da vida não tinham atração para ele, suas alegrias serenas nenhum encanto. Literalmente, vivia apenas de aspirações – que com certeza eram boas e grandiosas – mas jamais se aquietava, nem aprovava a quietude nos que o rodeavam. Enquanto eu olhava para a sua frente eminente, lisa e pálida como um mármore branco, e para os seus belos traços concentrados no estudo, compreendi de uma vez por todas que ele nunca daria um bom marido, que ser sua esposa seria uma provação. Compreendi, por intuição, a natureza do seu amor por Miss Oliver, e concordei que era uma manifestação dos sentidos. Compreendi quanto ele devia se desprezar pela ardente influência que ela exercia sobre ele, como gostaria de reprimir e destruir esse sentimento, e como devia desacreditar que isso conduzisse à felicidade de qualquer um dos dois. Percebi que ele era feito do material com que a natureza forja os seus heróis – cristãos ou pagãos – seus legisladores, estadistas, conquistadores: uma fortaleza inexpugnável para conter seus grandes interesses, mas que, no recesso de um lar, muitas vezes se transforma numa coluna fria, incômoda, melancólica e fora de lugar.

“Essa sala não é o seu ambiente” refleti. “A cordilheira do Himalaia, as savanas da África, até mesmo um pântano infecto na Costa da Guiné combinariam mais com ele. Faz bem de evitar a calma da vida doméstica, pois não é o seu elemento. Aqui as suas faculdades ficam estagnadas, não conseguem se

desenvolver ou se destacar. É nos cenários de conflito e perigo – onde se prova a coragem, se exercita a energia, se sobrecarrega a força – que ele deve atuar e pregar, ser guia e superior. Uma criança feliz teria vantagem sobre ele dentro deste lar. Está certo em escolher a carreira de missionário... Percebo agora.”

– Aí vem elas! Aí vem elas! – gritou Hannah, abrindo a porta do salão.

No mesmo instante o velho Carlo latiu alegre. Corri para fora. Agora já estava escuro, mas se ouvia o barulho de rodas. Hannah logo pegou uma lanterna. O veículo parou junto ao portão e o cocheiro abriu a porta: primeiro desceu uma figura bem conhecida, depois a outra. Num minuto estava com o rosto colado aos seus chapéus, primeiro sentindo a suave face de Mary, depois os cachos de Diana. Elas riram e me beijaram, depois abraçaram Hannah. Afagaram Carlo, que estava quase louco de alegria. Perguntaram ansiosamente se todos estavam bem e, recebendo resposta afirmativa, precipitaram-se para a casa.

Estavam cansadas da longa e estafante viagem por Whitcross, e sentiam frio com o ar gelado da noite. Mas seus belos rostos se alegraram à vista do aconchego da lareira. Enquanto o cocheiro e Hannah traziam as bagagens, perguntaram por St. John. Nesse momento ele entrou, vindo da sala. As duas, ao mesmo tempo, enlaçaram-lhe o pescoço. Ele deu um calmo beijo em cada uma, pronunciou em tom baixo algumas palavras de boas vindas, parou um pouco para ouvi-las e então, dizendo que logo as veria no salão, retirou-se para lá como para um refúgio.

Eu acendera os candeeiros para que levassem aos seus quartos, mas Diana primeiro tinha que dar algumas ordens a respeito da hospedagem do cocheiro. Feito isto, elas me seguiram. Ficaram encantadas com a renovação e a decoração dos quartos: as novas cortinas, os tapetes também novos, os belos vasos de porcelana chinesa. Expressaram sua gratidão generosamente. Tive o prazer de ver que as mudanças que fizera coincidiam exatamente com os seus desejos e acrescentavam um vívido encanto ao seu alegre retorno ao lar.

Noite encantadora, foi aquela. Minhas primas, cheias de alegria, eram tão eloquentes na narrativa e nos comentários que superavam o silêncio de St. John. Ele estava sinceramente feliz de ver as irmãs, mas não podia simpatizar com aqueles arroubos de entusiasmo e aquelas ondas de alegria. O acontecimento do dia – isto é, o retorno de Diana e Mary – agradou-o. Mas os acompanhamentos do evento, o tumulto alegre, a tagarelice risonha da recepção, irritavam-no. Percebi que ele desejava que a manhã seguinte fosse mais calma. No auge da alegria daquela noite, mais ou menos uma hora depois do chá, ouviu-se uma batida na porta. Hannah chegou com a informação de que “um pobre rapaz tinha chegado, com aquele tempo horrível, chamando Mr. Rivers para ver a mãe que estava morrendo”.

– E onde ela mora, Hannah?

– Bem acima de Whitcross Brow, a quase sete quilômetros. O caminho todo é só pântano e lodo.

– Diga-lhe que irei.

– Acho melhor não ir, senhor. É a pior estrada que existe para viajar à noite, não existe trilha ao longo de todo o pântano. E a noite está terrível, o vento é o mais cortante que já senti. É melhor mandar dizer que irá lá amanhã de manhã.

Mas ele já estava no corredor, colocando a capa. E sem um protesto, um murmúrio sequer, partiu. Eram nove horas. Não voltou senão à meia-noite. Estava cansado e faminto, mas parecia mais feliz do que quando saíra. Tinha realizado um ato de dever, esforçara-se, sentira sua própria força de dar e negar – e estava em melhores termos consigo mesmo.

Temo que a semana seguinte tenha sido um teste para a sua paciência. Era a semana do Natal.

Não nos dedicamos a nenhuma tarefa específica, mas passamos os dias numa espécie de feliz divertimento caseiro. O ar da charneca, a liberdade do lar, a prosperidade, agiam sobre o espírito de Diana e Mary como um elixir de vida: estavam alegres da manhã ao meio-dia, e do meio-dia à noite. Falavam o tempo inteiro. Sua conversa inteligente, viva, criativa, tinha tanto encanto para mim que eu preferia ouvi-la, ou tomar parte nela, a fazer qualquer outra coisa. St. John não repreendia a nossa vivacidade, mas fugia dela. Raramente estava em casa, pois sua paróquia era grande e a população dispersa, obrigando-o a sair diariamente para visitar os pobres e enfermos em diferentes distritos.

Certo dia, durante o café da manhã, Diana, depois de pensar um pouco, perguntou-lhe “se os seus planos continuavam inalterados”.

– Inalterados e inalteráveis – foi a resposta.

E em seguida informou-nos que a sua partida da Inglaterra fora definitivamente marcada para o começo do ano.

– E Rosamond Oliver? – sugeriu Mary, como se as palavras lhe escapassem dos lábios.

Assim que falou fez um gesto como se quisesse retirar o que disse. St. John estava com um livro nas mãos, pois tinha o indelicado costume de ler às refeições. Fechou o livro e levantou os olhos.

– Rosamond Oliver – disse ele – está para se casar com Mr. Granby, um dos mais eminentes e estimados habitantes de S..., neto e herdeiro de Sir Frederic Granby. Soube disso ontem, pelo pai dela.

Suas irmãs entreolharam-se, depois olharam para mim. Nós três olhamos para ele. Estava fric como o gelo.

– O casamento deve ter sido decidido às pressas – disse Diana. – Eles não devem se conhecer há muito tempo.

– Há dois meses: conheceram-se em outubro, no baile do condado, em S... Mas quando não há obstáculos ao casamento, como neste caso, e quando a união é recomendável em todos os sentidos, não há necessidade de esperar. Vão se casar logo que a casa que lhes foi dada por Sir Frederic seja redecorada para recebê-los.

Na primeira ocasião em que, depois dessa comunicação, encontrei St. John sozinho, senti-me tentada a perguntar se o evento o deixara triste. Mas ele parecia necessitar tão pouco de simpatia que, longe de me aventurar a oferecer-lhe mais, experimentei certa vergonha com a lembrança da que já lhe dispensara. Além disso, perdera a prática de conversar com ele. Sua reserva voltara a ser gelada, e minha franqueza congelava-se em contato com ela. St. John não mantivera a promessa de me tratar como tratava suas irmãs. Frequentemente fazia pequenas distinções entre nós, que não estimulavam, absolutamente, o desenvolvimento da cordialidade. Em suma: agora que eu fora reconhecida como sua parenta e vivíamos sob o mesmo teto, sentia que a distância entre nós era muito maior do que quando ele me conhecia apenas como a professora do vilarejo. Quando me lembro do quanto eu desfrutara da sua confiança, dificilmente compreendia a sua atual frieza.

Sendo assim, não foi pequena a minha surpresa quando ele de repente levantou a cabeça da escrivaninha sobre a qual estava inclinado e disse:

– Viu, Jane? Lutei e venci a batalha.

Espantada com a interpelação, não respondi logo. Depois de hesitar um momento, disse:

– Mas tem certeza que não está na situação daqueles conquistadores cujos triunfos lhes custam caro demais? Essa vitória não o destruirá?

– Creio que não. E se for assim, não significará muita coisa. Nunca devo ser chamado a responder por tal vitória. O conflito foi resolvido. Meu caminho agora é claro, graças a Deus!

E com essas palavras retornou aos seus papéis e ao seu silêncio.

Quando nossa felicidade mútua (isto é, de Diana, de Mary e minha) voltou a repousar em coisas mais calmas, e retomamos nossas atividades costumeiras e nossos estudos regulares, St. John passou a ficar mais em casa. Sentava-se conosco na mesma sala, às vezes durante horas. Enquanto Mary desenhava, Diana seguia um curso de leitura enciclopédica que (para minha alegria e espanto) havia iniciado, e eu lutava com os estudos de alemão, ele se dedicava a um místico estudo a que havia se proposto: o conhecimento de uma língua oriental, que considerava necessário para levar adiante seus planos.

Assim ocupado, ele parecia bastante quieto e absorto no seu recanto. Mas aqueles seus olhos azuis tinham o hábito de deixar a gramática estrangeira e, vagando pelo ambiente, pousar sobre nós, suas companheiras de estudo, com uma curiosa intensidade. Se descoberto, imediatamente desviava os olhos. Mas, de tempos em tempos, voltava a olhar de modo inquisitivo para a nossa mesa. Tinha curiosidade de saber o que pretendia. Intrigava-me, também, a momentânea satisfação que exibia em ocasiões que me pareciam de pouca importância para ele, a saber, minha visita semanal à escola de Morton. Ficava espantada quando o tempo estava ruim – com neve, chuva ou vento – suas irmãs insistindo para que eu não fosse e ele, invariavelmente, menosprezando a solicitude das duas e me encorajando a cumprir minha tarefa, sem ligar importância às intempéries.

– Jane não é tão fraca quanto vocês pretendem – dizia. – Pode aguentar uma subida de montanha, uma chuvarada ou alguns flocos de neve, como qualquer um de nós. Sua constituição é sadia e elástica, melhor talhada para suportar as mudanças de temperatura do que muitas pessoas mais robustas.

E quando eu voltava, muitas vezes bem cansada, embora não abatida pela intempérie, não ousava me queixar, pois sabia que iria irritá-lo. Ser forte era algo que o agradava em qualquer ocasião, o contrário era uma contrariedade incomum.

Uma tarde, no entanto, tirei uma folga para ficar em casa, pois estava bastante gripada. Suas irmãs foram a Morton no meu lugar. Sentei-me, lendo Schiller. Ele decifrava seus enigmáticos hieróglifos orientais. Enquanto trocava a tradução por um exercício, aconteceu-me olhar para ele: e encontrei-me sob a influência dos seus atentos olhos azuis. Quanto tempo ele estivera me olhando, não sei dizer. Era um olhar tão aguçado e tão frio que me senti um tanto supersticiosa: como se eu estivesse numa sala com algum ser misterioso.

– Que está fazendo, Jane?

– Estudando alemão.

– Gostaria que desistisse do alemão e aprendesse hindustâni.

– Não está falando sério...

– Falo com toda a seriedade que possuo. E vou dizer-lhe porquê.

Começou a explicar que o hindustâni era a língua que ele estava aprendendo no momento. Que, a medida que avançava, esquecia os princípios, e lhe ajudaria muito ter uma aluna com quem pudesse, sempre e sempre, repassar as lições elementares, e assim fixá-las totalmente na memória. Que hesitara em escolher entre mim e as irmãs por algum tempo, mas decidira por mim, pois viu que, das três, eu era a que me dedicava aos estudos com mais constância. Será que eu lhe faria este favor? Não precisaria fazer

o sacrifício por longo tempo, visto que faltavam só três meses para a sua partida.

St. John não era um homem a quem se pudesse recusar algo levemente. Sentia-se que cada impressão causada nele, fosse de dor ou de prazer, gravava-se de modo profundo e permanente. Consentiu. Quando as duas moças voltaram, Diana encontrou a sua aluna transformada em aluna do irmão. Ela riu. E ambas concordaram que St. John jamais as convenceria a dar um passo como aquele. Ele respondeu calmamente:

– Sei disso.

Encontrei nele um mestre muito paciente, muito tolerante, apesar de exigente: esperava muito de mim. Quando correspondi às suas expectativas, ele, do seu jeito, demonstrou amplamente sua satisfação. Aos poucos St. John passou a exercer uma influência sobre mim que me tirou a liberdade de espírito. Seus elogios e atenções eram mais restritivos do que a sua indiferença. Já não podia mais rir ou falar livremente quando ele estava perto, pois um instinto enfadonho e inoportuno me advertia que ele não apreciava a vivacidade (pelo menos em mim). Sentia-me tão consciente de que ele aceitava apenas as ocupações sérias e os modos graves, que eram frustrados todos os esforços para comportar-me de outro modo em sua presença. Eu parecia estar sob um encantamento paralisante. Quando ele dizia “vá”, eu ia; “venha”, eu vinha; “faça isto”, eu fazia. Mas não gostava daquela servidão: mais de uma vez desejei que ele tivesse continuado a não me dar importância.

Uma noite, na hora de dormir, quando as irmãs e eu o rodeávamos para desejar-lhe boa-noite, ele beijou cada uma delas, como era seu costume. E, também como de costume, estendeu-me a mão. Diana, que naquele dia estava de excelente humor (*ela* não era controlada por ele, pois a vontade *dela* era igualmente forte), exclamou:

– Você costuma dizer, St. John, que Jane é sua terceira irmã, mas não a trata como tal. Devia beijá-la também.

Ela me empurrou para ele. Achei Diana muito provocativa, e fiquei embaraçada e confusa. Enquanto me sentia assim, St. John inclinou a cabeça, baixou a face grega ao nível da minha, fitou-me com seus olhos penetrantes – e beijou-me. Não existem beijos de mármore ou beijos de gelo, senão eu diria que o cumprimento do meu primo sacerdote pertencia a uma dessas classes. Mas havia beijos de experiência, e o dele era um desses. Depois de beijar-me, olhou meu rosto para ver o resultado. Não fiquei surpresa, e tenho certeza que não corei. Talvez tenha ficado um pouco pálida, pois senti que esse beijo selava a minha prisão. Depois disso não dispensou mais a cerimônia, e a gravidade e quietude com que eu a recebia parecia investi-la de um certo encanto aos olhos dele.

Quando a mim, a cada dia desejava agradá-lo mais. Para fazê-lo, no entanto, sentia que me despojava progressivamente de metade da minha natureza, reprimia parte dos meus talentos, desviava meus gostos da sua tendência original e me forçava a adotar ocupações para as quais não tinha vocação. Ele pretendia elevar-me a uma altura que eu nunca poderia atingir, nem podia alcançar os níveis de aspiração que ele determinara. A tarefa era tão impossível quanto moldar meus traços irregulares pelo seu modelo clássico e perfeito, ou trocar a cor verde dos meus olhos inquietos pelo brilho solene dos seus olhos azuis como o céu.

Não era apenas a sua influência, no entanto, que me mantinha escravizada naquela época. Nos últimos tempos ficava triste com muita facilidade. Havia um demônio corroendo meu coração e sugando toda a minha felicidade: o demônio da incerteza.

Talvez pense, leitor, que no meio dessas mudanças de fortuna e lugar eu tivesse esquecido de

Mr. Rochester. Nem por um momento. Sua imagem estava sempre comigo, pois não era como a névoa que o brilho do sol dispersa, nem a efigie traçada na areia que a ventania apaga. Era um nome gravado em pedra, destinado a durar tanto quanto o mármore em que estava escrito. O desejo de saber o que acontecera com ele me seguia por toda parte. Quando estava em Morton, toda tarde voltava ao meu chalé pensando nisso. E agora em Moor House, deitava-me toda noite com sua imagem na mente.

No curso da minha correspondência obrigatória com Mr. Briggs, para tratar do testamento, perguntei-lhe se sabia algo do atual paradeiro de Mr. Rochester e do seu estado de saúde. Mas, como St. John predissera, ele não sabia de nada a respeito. Então escrevi para Mrs. Fairfax, suplicando que me desse informações sobre o assunto. Calculara que essa atitude, com certeza, atenderia ao meu propósito, e me sentia confiante de obter uma resposta imediata. Fiquei surpresa quando passou-se uma quinzena sem notícias. Depois de dois meses, após a chegada diária do correio sem carta alguma para mim, fui presa de profunda ansiedade.

Escrevi novamente: talvez a minha primeira carta tivesse se extraviado. Novo esforço, novas esperanças. A esperança brilhou como antes durante algumas semanas, e então, como antes, bateu asas e desapareceu: não recebi nenhuma linha, nenhuma palavra. Quando meio ano se passou em vã expectativa, minhas esperanças morreram e senti-me realmente triste.

Uma bela primavera brilhava à minha volta: e eu não podia desfrutá-la. O verão se aproximava. Diana tentou me animar: disse que eu parecia doente, e quis acompanhar-me à beira-mar. St. John opôs-se. Declarou que eu não precisava de divertimento, mas de ocupação, e que minha vida atual não tinha objetivos, eu precisava de um. Para suprir essa deficiência, creio eu, prolongou ainda mais as minhas aulas de hindustâni, e tornou-se mais exigente com as tarefas. E eu, como uma tola, nunca pensei em resistir-lhe – não podia resistir a ele.

Certo dia comecei a aula com o espírito mais deprimido que o habitual. A tristeza fora causada por uma aguda decepção. Hannah tinha me dito pela manhã que havia uma carta para mim, e quando descii para pegá-la, quase certa que a minha longa busca por notícias chegara ao fim, encontrei apenas uma nota sem importância de Mr. Briggs a respeito de negócios. A amarga descoberta arrancou-me algumas lágrimas. Agora, sentada e debruçada sobre os ilegíveis caracteres e os trops fluorescentes de um escritor hindu, meus olhos se encheram novamente.

St. John chamou-me para a lição de leitura. Mas, quando tentei ler, minha voz falhou e as palavras se perderam em soluços. Ele e eu éramos as únicas pessoas na sala. Diana tocava piano na sala de estar e Mary cuidava do jardim. Era um belo dia de maio: claro, ensolarado e com uma brisa suave. Meu companheiro não demonstrou surpresa com essa expansão, nem perguntou-me sobre a causa. Disse apenas:

– Vamos esperar alguns minutos, Jane, até que você se recomponha.

Enquanto eu sufocava às pressas esse paroxismo, ele sentou-se calmo e paciente, apoiado na mesa e olhando-me como um médico que assistisse, com os olhos da ciência, a esperada e bem conhecida crise da doença de um paciente. Depois de abafar os soluços, enxugar os olhos e murmurar algo sobre não estar muito bem naquela manhã, retomei a minha tarefa e consegui completá-la. St. John arrumou os nossos livros, trancou sua escrivaninha e disse:

– Agora, Jane, deve caminhar um pouco. Irá comigo.

– Vou chamar Diana e Mary.

– Não. Desejo apenas uma companheira esta manhã: você. Pegue suas coisas, saia pela porta da

cozinha e tome o caminho para Marsh Glen. Me juntarei a você num instante.

Eu não conhecia meios-termos. Nunca na minha vida, ao lidar com personalidades positivas e duras, antagônicas à minha, encontrara um meio-termo entre a submissão absoluta e a revolta determinada. Sempre observava a primeira, fielmente, até o momento em que me precipitava na segunda, às vezes com vulcânica veemência. Mas agora, como nem as circunstâncias justificavam, nem meu estado de espírito se inclinava para a revolta, segui cuidadosamente as ordens de St. John. E dez minutos depois percorria a trilha íngreme ao lado dele.

Sobre as montanhas soprava uma doce brisa vinda do oeste, carregando um suave aroma de mato. O céu era de um azul perfeito. O riacho que descia a ravina, encorpado pelas últimas chuvas, fluía abundante e cristalino, refletindo o dourado do sol e a safira do firmamento. Enquanto avançávamos e deixávamos a trilha, pisávamos na turfa suave, de fino musgo verde-esmeralda, delicadamente tapetada de pequeninas flores brancas e amarelas como estrelas. As montanhas quase se fechavam sobre nós, pois o vale que subia penetrava no coração da cadeia.

– Vamos descansar aqui – disse St. John.

Havíamos atingido as primeiras pedras de um grupo de rochas que guardavam uma espécie de passagem, além da qual o riacho se precipitava em cachoeira. E onde, um pouco mais além, a montanha espalhava relva e flores, ostentando a mata como vestuário e os penhascos como joias... onde a devastação se tornava selvagem, e o que era leve mudava em grave. Ali se abrigavam a última esperança de solidão e o último refúgio de silêncio.

Sentei-me. St. John ficou de pé, junto de mim. Olhava para a passagem e para o penhasco. Seu olhar vagou pelo riacho e voltou para se fixar no claro céu que o coloria. Tirou o chapéu, deixando que a brisa revolvesse os seus cabelos e lhe beijasse a fronte. Parecia em comunhão com o gênio da natureza. Com o olhar dizia adeus a alguma coisa.

– E ainda verei tudo isso de novo – ele disse – em sonhos, quando estiver dormindo às margens do Ganges. E verei outra vez, em alguma hora mais remota – quando outra sonolência me invadir nas margens de um rio mais escuro!

Estranhas palavras para professar um estranho amor! Uma austera paixão de patriota pela terra natal! Ele sentou-se. Não falamos durante meia hora, nem ele comigo, nem eu com ele. Depois desse tempo, ele recomeçou:

– Jane, partirei em seis semanas. Já reservei uma cabine num navio mercante que parte para a Índia em 20 de junho.

– Deus o protegerá, pois tomou a si a tarefa de servi-lo – respondi.

– Sim – disse ele – Esta é a minha glória e a minha alegria. Sou o servo de um Mestre infalível. Não partirei guiado pelos homens, sujeitos a leis falhas e incapazes de controlar meus indefesos irmãos-vermes. Meu rei, meu legislador, meu comandante é o Todo-Perfeito. Me parece estranho que todos ao meu redor não anseiem por alistar-se sob a mesma bandeira e juntar-se à mesma empresa.

– Nem todos têm os seus poderes, e seria loucura dos fracos pretenderem marchar junto com os fortes.

– Não estou falando dos fracos, nem penso neles. Refiro-me apenas àqueles que são dignos desse trabalho e competentes para realizá-lo.

– Esses são poucos, e difíceis de encontrar.

– É verdade o que diz. Mas quando os encontramos, é justo exortá-los – apressá-los e conclamá-los para o esforço. Mostrar-lhes os dons que possuem, e porque os receberam. Dizer-lhes ao ouvido a mensagem do Senhor. Oferecer-lhes, diretamente vindo de Deus, um lugar nas fileiras dos Seus escolhidos.

– Se estão realmente qualificados para a tarefa, seus corações não deveriam ser os primeiros a informá-los?

Senti como se um terrível encantamento estivesse rondando e pronto a me arrebatá-lo. Tremi, temendo ouvir alguma palavra fatal que ao mesmo tempo pronunciasse e fixasse o encanto.

– E o que diz o *seu* coração? – perguntou St. John.

– Meu coração está mudo... meu coração está mudo – respondi, impressionada e trêmula.

– Então eu devo falar por ele – continuou aquela voz profunda e cruel. – Jane, venha comigo para a Índia. Venha como minha companheira e colaboradora.

O vale e o céu avançaram. As montanhas se erguiam! Foi como se eu tivesse recebido um chamado do Céu – como se um mensageiro visionário, como aquele da Macedônia, tivesse anunciado “Vem e ajuda-nos!” Mas eu não era apóstolo... não podia receber o mensageiro... não podia atender ao chamado.

– Oh, St. John! – exclamei. – Tenha um pouco de piedade!

Eu apelava a alguém que, para cumprir o que acreditava ser o seu dever, não conhecia piedade nem remorso. Ele prosseguiu:

– Tanto Deus quanto a natureza a criaram para esposa de um missionário. Recebeu os dons da mente, não do corpo: foi talhada para o trabalho, não para o amor. Pode ser a esposa de um missionário... deve ser. Deve ser minha esposa: eu lhe peço... Não para o meu prazer, mas para o serviço do meu Soberano.

– Não sou a pessoa certa para isso: não tenho vocação – disse.

St. John previra que eu faria essas primeiras objeções, pois não ficou irritado. Na verdade, quando ele se recostou na rocha atrás de si, cruzou os braços no peito e ficou sério, vi que estava preparado para uma longa e irritante oposição e se armara de um estoque de paciência para perseguir o seu objetivo até o fim... desde que, é claro, esse fim fosse o que ele desejava.

– Jane, a humildade é o fundamento das virtudes cristãs - disse. – Tem razão quando diz que não está preparada para a tarefa. E quem está preparado para ela? E quem, tendo sido chamado, acreditou-se merecedor de tal apelo? Eu, por exemplo, não sou mais que pó e cinzas. Como São Paulo, percebi que sou o maior dos pecadores, mas não permito que a consciência da minha própria vileza me intimide. Conheço meu Líder, que é tão bom quanto poderoso. E se ele escolheu um fraco instrumento para realizar uma grande tarefa, foi porque, nos infinitos recursos da Sua providência, suprirá com o fim o inadequado do meio. Pense como eu, Jane... Confie como eu. É a Rocha das Eras que lhe ofereço como apoio: não duvide que ela sustentará o peso da sua fraqueza humana.

– Não conheço a vida de um missionário: nunca estudei os trabalhos missionários.

– Nesse assunto, humilde como sou, poderia dar-lhe a ajuda necessária. Posso prepará-la para sua tarefa. Sentar-me sempre ao seu lado e ajudá-la a todo o momento. Faria isso no início. E logo (pois conheço a sua capacidade) estará tão forte e apta como eu, sem necessitar mais da minha ajuda.

– E as minhas forças? Onde estão elas para tal empreendimento? Não as sinto. Nada fala ou vibra dentro de mim enquanto o escuto. Não vejo nenhum clarão de luz, nenhuma vida palpitando, nenhuma voz me aconselhando ou encorajando... Ah! Quem dera eu pudesse fazê-lo ver como a minha alma parece um calabouço escuro neste momento, com um medo aterrorizante preso lá dentro. O medo de ser persuadida a empreender algo que não posso realizar!

– Tenho uma resposta para você... Ouça. Eu a venho observando desde que nos conhecemos: durante dez meses tomei-a como objeto de estudo. Nesse período submeti-a a várias provas: e o que concluí? Na escola do vilarejo vi que podia desempenhar bem, pontualmente, corretamente, um trabalho incompatível com os seus hábitos e inclinações. Vi que podia realizá-lo com capacidade e tato, e manter o controle. Na calma que demonstrou ao saber que de repente estava rica, vi uma mente livre do vício de Dimas: o dinheiro não tem influência sobre ela. Na resoluta prontidão com que dividiu sua riqueza em quatro partes, mantendo apenas uma para si e abrindo mão das outras três em nome de uma abstrata justiça, reconheci uma alma revelada na chama e na emoção do sacrifício. Na delicadeza com que, a meu pedido, desistiu de um estudo que a interessava para adotar outro que interessava a mim, na incansável assiduidade com que tem se dedicado a ele, na perseverante energia e no caráter imutável com que enfrentou suas dificuldades, vi o conjunto de qualidades que buscava. Jane, você é dócil, diligente, desinteressada, fiel, constante e corajosa. É muito gentil e heroica: pare de se enganar. Posso confiar em você, incondicionalmente. Como encarregada de escolas indianas, como assessora entre as mulheres indianas, sua ajuda seria inestimável para mim.

A mortalha de ferro fechou-se sobre mim. A persuasão avançava a passos lentos, mas seguros. De olhos fechados como estava, as últimas palavras dele conseguiram fazer com que o caminho, até aqui obstruído, se tornasse relativamente livre. Meu trabalho, que parecera tão vago, tão desesperadamente difuso, condensou-se enquanto ele falava e tomou uma forma definida sob suas mãos. Ele esperava uma resposta. Pedi um quarto de hora para pensar, antes de me aventurar a responder.

– De bom grado – respondeu.

Levantando-se, andou um pouco pela passagem, sentou-se numa pequena elevação e ficou imóvel.

“Posso fazer o que ele me pede: sou forçada a reconhecer” pensei “isto é, se a vida me permitir. Mas sinto que a minha existência não duraria muito tempo sob o sol da Índia. E depois? Ele não se preocupa com isso. Quando chegasse a minha hora de morrer, me entregaria, com toda serenidade e santidade, ao Deus que me concedeu a vida. O caso é muito simples. Deixando a Inglaterra, deixaria uma terra amada, mas estéril. Mr. Rochester não está aqui, e se estiver, o que isso poderia um dia significar para mim? Devo aprender a viver sem ele, agora. Nada é tão absurdo e tão frágil quanto viver, dia após dia, esperando alguma mudança impossível de circunstâncias, que viesse a nos unir novamente. É claro que (como disse St. John) preciso procurar outro interesse para substituir o que perdi. E a ocupação que ele me oferece não é, realmente, a mais gloriosa que um homem pode adotar ou que Deus lhe pode designar? Não é, pelos seus nobres cuidados e pelos sublimes resultados, a que mais se presta a preencher o vazio deixado por afetos mortos e esperanças destruídas? Creio que devo dizer “sim”... e mesmo assim hesito. Ai de mim! Se juntar-me a St. John, abandonarei metade de mim mesma. Se for para a Índia, caminho para uma morte prematura. E como preencherrei o intervalo entre a partida da Inglaterra para a Índia, e da Índia para o túmulo? Ah! Sei muito bem! Isso também eu vejo com muita clareza. Esgotando os meus nervos e músculos, na tentativa de satisfazer St. John... Deverei satisfazê-lo – correspondendo ao máximo às suas expectativas. Se eu *for* com ele... se *fizer* o sacrifício que ele me

pede... vou fazê-lo inteiramente. Lançarei tudo ao altar – coração, entranhas, a vítima inteira. Ele nunca me amará, mas me aprovará. Vou mostrar-lhe energias como ele jamais viu, recursos de que nunca suspeitou. Sim, posso trabalhar tão duro quanto ele, e com menos rancor”.

“É possível, pois, consentir no que me pede, exceto por uma coisa... uma coisa terrível. Ele me pede para ser sua esposa – e não me oferece um coração de esposo mais do que essa pedra enorme e bruta, em cuja direção corre o riacho. Aprecia-me como um soldado aprecia uma boa arma, e isso é tudo. Se não me casasse com ele, isso não me incomodaria. Mas será que posso permitir que ele conclua os seus cálculos, leve adiante friamente os seus planos, até a cerimônia de casamento? Devo receber dele a aliança de compromisso, suportar os votos de amor (que tenho certeza ele observará escrupulosamente) e saber que seu espírito não está ali? Poderei tolerar a consciência de que cada gesto de ternura que fizer será uma concessão aos seus princípios? Não. Tal martírio seria uma monstruosidade. Nunca farei isso. Como sua irmã, posso acompanhá-lo. Como esposa, não. E vou dizer-lhe isso.”

Olhei para a pequena colina. Ele continuava ali, imóvel como uma coluna tombada. Voltou o rosto, os olhos brilhando, penetrantes e agudos. Levantou-se e veio para junto de mim.

– Estou disposta a ir para a Índia, se for como uma pessoa livre.

– Sua resposta exige um comentário – ele disse. – Não entendi bem.

– Até aqui você foi meu irmão adotivo... e eu, sua irmã adotiva. Vamos continuar assim: é melhor que não nos casemos.

Ele sacudiu a cabeça.

– Fraternidade adotiva não dá certo nesse caso. Se você fosse minha irmã verdadeira, seria diferente: eu a levaria, sem procurar esposa. Mas, como as coisas são, ou consagramos nossa união pelo casamento ou não será possível. Há obstáculos práticos que não permitem qualquer outro plano. Você não vê, Jane. Pense um pouco, seu bom senso lhe servirá de guia.

Considerarei o assunto. Ainda assim o meu bom senso, grande como era, mostrou-me apenas o fato de que nós não nos amávamos como marido e mulher. E disso concluí que não devíamos nos casar. Falei, então:

– St. John, eu o vejo apenas como irmão... Você me vê como irmã. Vamos continuar assim.

– Não podemos... não podemos – ele respondeu, com determinação firme e enérgica. – Assim não é possível. Você disse que iria comigo para a Índia, lembre-se que disse isso.

– Condicionalmente.

– Bem... Vamos ao ponto principal. Você não se opõe a deixar a Inglaterra junto comigo, nem cooperar nos meus trabalhos futuros. Você já pôs mãos à obra, e é forte demais para desistir. Tem apenas um objetivo em mente: fazer o seu trabalho da melhor maneira possível. Simplifique seus complicados interesses, sentimentos, pensamentos, desejos e objetivos. Reúna tudo isso num único propósito: cumprir de fato, com vontade, a missão que lhe deu o grande Mestre. Para fazer isso precisa de um companheiro: não um irmão, pois o laço é fraco, mas um marido. Eu também não desejo uma irmã, pois um dia pode ser arrebatada de mim. Preciso de uma esposa. A única companheira que posso guiar durante a vida e reter, de forma absoluta, até a morte.

Tremi enquanto ele falava. Sentia sua influência no mais profundo do meu ser. Senti-a nos meus membros.

– Procure outra que não seja eu, St. John. Alguém que seja adequada a você.

– Alguém adequada ao meu propósito, é o que quer dizer... Adequada à minha vocação. Digo-lhe de novo que não se trata de um insignificante desejo pessoal. Não é o homem, com seus desejos egoístas, que eu quero casar: mas o missionário.

– Darei ao missionário as minhas energias – é tudo que ele precisa – mas não me entregarei a ele. Seria como misturar a casca do fruto com a polpa. A casca não tem serventia: vou guardá-la para mim.

– Você não pode... não deve. Acha que Deus ficaria satisfeito com a metade de uma oferenda? Aceitaria um sacrifício mutilado? É a causa de Deus que defendo. Alisto-a sob o Seu estandarte. Não posso aceitar, em nome de Deus, uma lealdade pela metade. Ela deve ser completa.

– Oh! Darei meu coração para Deus! – eu disse. – *Você* não o quer.

Não vou jurar, leitor, que não houvesse algo de sarcasmo reprimido, tanto no tom com que eu disse essas palavras, quanto no sentimento que as ditou. Até agora eu temera silenciosamente St. John, porque não o compreendia. Ele me mantivera no medo, porque havia me mantido na dúvida. Até ali eu não conseguira discernir o quanto dele era santo e o quanto era mortal. Nessa conversa, no entanto, muitas coisas se revelaram. A análise da sua natureza se processava ante meus olhos. Vi as suas fraquezas. Compreendi-as. Entendi perfeitamente, ali sentada num banco de grama, com esse belo homem junto de mim, que estava diante de alguém tão falível quanto eu. Caíra o véu da sua dureza e do seu despotismo. Vendo essas qualidades, vi também suas imperfeições, e tomei coragem. Estava diante de um igual – alguém com quem poderia argumentar... Alguém a quem, se estivesse certa, eu poderia resistir.

Ele ficara em silêncio depois de ouvir as minhas palavras. Arrisquei um olhar para o seu rosto. Seus olhos, fixos em mim, expressavam ao mesmo tempo uma surpresa severa e uma interrogação aguda. Pareciam dizer: “Ela está sendo sarcástica, e *comigo*. O que isso significa?”

– Não podemos esquecer que esse é um assunto muito sério – disse ele, depois de algum tempo – no qual não podemos pensar nem falar de modo leviano sem cometer um pecado. Acredito que fala sério, Jane, quando diz que entregaria seu coração a Deus. É tudo que desejo. Uma vez afastado do homem o seu coração, e entregue ao Criador, o avanço do reino de Deus na terra será o seu maior deleite e o seu maior empenho. Estará pronta para realizar qualquer coisa que leve a esse objetivo. Verá que impulso extraordinário poderão tomar os seus esforços e os meus, se nos unirmos física e mentalmente pelo casamento: a única união que dá um caráter de conformidade permanente aos destinos e desígnios dos seres humanos. E aceite contrair essa união de uma vez, superando caprichos de menor importância, todas as dificuldades triviais e delicadezas de sentimento – todo escrúpulo sobre o tipo, grau, força ou ternura da mera inclinação pessoal.

– Acha, mesmo? – eu disse, brevemente.

Olhei para os seus traços, belos em sua harmonia, mas estranhamente temíveis na sua severidade. Para sua frente autoritária, mas não aberta. Para os seus olhos, brilhantes e profundos e inquisidores, mas nunca ternos. Para sua figura alta e imponente. E me imaginei como *sua esposa*... Oh! Isso nunca! Como sua ajudante, sua discípula, tudo estaria bem. Nessa condição, poderia cruzar oceanos com ele; trabalhar sob o sol do Oriente e os desertos asiáticos; admirar e imitar sua coragem, devoção e vigor; acomodar-me mansamente sob a sua direção; sorrir confiante à sua ambição inextirpável; separar o cristão do homem, estimando profundamente o primeiro e perdoando de bom grado o outro. Ligada a ele apenas nessa condição, muitas vezes sofreria, sem dúvida. Meu corpo estaria sob um estranho domínio, mas meu coração e minha mente seriam livres. Eu ainda teria o meu mundo indestrutível para onde me

voltar, meus pensamentos livres para me amparar nas horas de solidão. Haveria recantos na minha mente que seriam só meus, aos quais ele nunca teria acesso, e ali cresceriam sentimentos, frescos e abrigados, que a austeridade dele jamais poderia destruir, nem sua marcha de soldado pisotear. Mas como sua esposa... sempre ao seu lado, sempre contida, sempre reprimida, forçada a manter sob estrito controle a chama própria da minha natureza, obrigá-la a queimar por dentro sem nunca emitir uma queixa, mesmo que a chama aprisionada consumisse minhas entranhas... *Isso* seria inaceitável.

– St. John! – exclamei, depois de chegar a este ponto tão avançado das minhas cogitações.

– E então? – ele respondeu, friamente.

– Repito que concordo livremente em acompanhá-lo como companheira missionária, mas não como sua esposa. Não posso desposá-lo e me tornar parte de você.

– Mas você deve tornar-se parte de mim – ele respondeu, com firmeza – do contrário todo o negócio será inválido. Como eu, um homem que ainda não completou trinta anos, poderia levar comigo para a Índia uma menina de dezenove, a menos que fosse minha esposa? Como poderemos estar sempre juntos – às vezes sozinhos, às vezes entre tribos selvagens – sem ser casados?

– Conseguiremos isso muito bem – eu disse, breve. – Nessas circunstâncias é como se eu fosse sua irmã de verdade, ou um homem e um clérigo como você.

– Todos sabem que não é minha irmã, não posso apresentá-la como tal. Tentar fazer algo assim seria lançar suspeitas injuriosas sobre nós. E quanto ao resto, embora tenha um cérebro ativo como o de um homem, tem um coração de mulher, e isso não daria certo.

– Daria, sim – afirmei, com certo desdém – daria muito certo. Tenho um coração de mulher, mas não no que se refere a você. Para você tenho apenas a constância de uma companheira, a franqueza de um camarada de armas, fidelidade e fraternidade, se desejar. E o respeito e a submissão de uma discípula neste sacerdócio: nada mais. Não tema.

– É o que desejo – ele disse, falando consigo mesmo – é justo o que desejo. Mas há obstáculos no caminho, e devem ser vencidos... Jane, não se arrependerá de se casar comigo. Fique certa disso: *devemos* nos casar. Eu repito: não há outro jeito. E, sem dúvida, depois do casamento virá amor suficiente para torná-lo aceitável, mesmo aos seus olhos.

– Eu desprezo a sua ideia de amor – disse, sem poder me conter.

Levantei-me e fiquei diante dele, apoiando as costas na rocha.

– Desprezo o sentimento falso que me oferece. E desprezo você também, St. John, por oferecê-lo.

Ele me olhou fixamente, comprimindo os lábios bem desenhados. Se estava irado ou surpreso, não era possível dizer: tinha total domínio das suas emoções.

– Jamais poderia imaginar ouvir tal coisa de você – ele disse. – Acho que não fiz nem disse nada que mereça desprezo.

Fiquei comovida com seu tom gentil, e me senti intimidada com sua expressão calma e altiva.

– Desculpe-me as palavras, St. John, mas é por sua própria culpa que fui levada a falar de modo tão descuidado. Você introduziu um assunto sobre o qual discordamos... um assunto que nunca deveríamos discutir. O próprio conceito de amor é um pomo de discórdia ente nós. Se a realidade se impusesse, o que faríamos? Como nos sentiríamos? Querido primo, abandone de uma vez esse seu

projeto de casamento... Esqueça-o.

– Não – ele disse. – É um projeto longamente acalentado, e o único que pode garantir a grandeza dos meus propósitos. Mas não vou mais insistir com você no momento. Amanhã partirei para Cambridge: tenho muitos amigos ali a quem gostaria de dizer adeus. Ficarei fora quinze dias. Aproveite esse tempo para pensar na minha proposta, e não se esqueça de que, se rejeitá-la, não estará negando a mim, mas a Deus. Através de mim, Ele lhe oferece uma nobre carreira, na qual só poderá entrar se tornar-se minha esposa. Recuse o casamento e se confinará a um caminho de egoísmo e a uma obscuridade estéril pelo resto da vida. Trema, pois neste caso será contada entre aqueles que renegaram a fé – e que são piores dos que os infiéis!

E ele terminou. Dando-me as costas, mais uma vez “olhou para o rio e depois para as colinas”.

Agora, porém, seus sentimentos estavam todos enclausurados no coração: eu não merecia mais ouvi-los. Enquanto caminhava para casa ao lado dele, li no seu silêncio de aço tudo o que pensava a meu respeito: o desapontamento de uma natureza austera e despótica, que encontrara resistência onde esperava submissão; a desaprovação de um juízo frio e inflexível, que descobrira no outro sentimentos e pontos de vista com os quais não podia simpatizar. Em suma: como homem desejava coagir-me à obediência. Era apenas como um cristão sincero que ele suportou tão pacientemente a minha perversão, e me permitiu tão longo espaço para reflexão e arrependimento.

Naquela noite, após beijar as irmãs, achou mais apropriado nem sequer apertar-me a mão, e deixou a sala em silêncio. E eu – que o estimava sinceramente, embora não o amasse – fiquei ferida com essa omissão deliberada. Tão ferida que meus olhos se encheram de lágrimas.

– Vejo que você e St. John andaram discutindo durante o passeio no campo, Jane – disse Diana. – Mas vá procurá-lo. Ele agora está se demorando no corredor, esperando por você – e vai fazer as pazes.

Não sentia muito orgulho numa circunstância como aquela: sempre preferi ser feliz do que manter o amor-próprio. Corri atrás dele. St. John estava parado ao pé da escada.

– Boa-noite, St. John – disse.

– Boa-noite, Jane – ele respondeu, calmamente.

– Vamos apertar as mãos... – acrescentei.

Com que frieza e rapidez tocou os meus dedos! Estava profundamente desgostoso com o que acontecera naquele dia. Nem a cordialidade nem as lágrimas seriam capazes de comovê-lo. Não aceitaria nenhuma alegre reconciliação... nem concederia um sorriso terno ou uma palavra generosa. Mas o cristão dentro dele ainda era paciente e calmo. E quando lhe perguntei se me perdoava, disse que não era seu hábito alimentar rancores, que não tinha nada a perdoar, pois não estava ofendido.

E com essa resposta, deixou-me. Eu preferia que ele tivesse me batido.

[1] “Paysannes”, em francês no original e “Bauerinnen”, em alemão no original, significando “camponesas”.

CAPÍTULO 35

Ele não partiu para Cambridge no dia seguinte, como dissera. Adiou a partida por uma semana inteira, e nesse período me fez sentir que duro castigo um homem bom, porém severo, consciencioso, mas implacável, podia infligir a quem o ofendesse. Sem um ato de hostilidade aberta, sem uma palavra de censura, ele conseguiu imprimir em mim, progressivamente, a convicção de que estava excluída do pálio da sua generosidade.

Não que St. John abrigasse em si algum espírito pouco cristão de vingança, não que fosse capaz de tocar em um fio de cabelo meu, mesmo que tivesse poder para isso. Tanto por natureza quanto por princípio, era superior ao prazer da vingança. Ele me perdoara por ter dito que desprezava a ele e ao seu amor, mas não esquecera as palavras. E nunca as esqueceria, enquanto nós dois vivêssemos. Via nos seus olhos, quando se dirigia a mim, que essas palavras estavam sempre escritas no ar, entre nós dois. Toda vez que eu falava, a minha voz as levava ao seu ouvido. E o seu eco se introduzia em qualquer resposta que ele me desse.

Não se abstivera de conversar comigo: até mesmo me chamava toda manhã, como de hábito, para juntar-me a ele na sua escrivania. Acredito que o homem corrompido dentro dele sentisse prazer – não partilhado pelo puro cristão – em mostrar com que habilidade podia, enquanto agia e falava como sempre, retirar de cada gesto e de cada frase o espírito de interesse e aprovação que antigamente agregava um certo encanto austero à sua linguagem e às suas maneiras. Para mim, na verdade, ele não era mais de carne, mas de mármore. Seus olhos eram duas gemas frias, brilhantes, azuis. E a língua um instrumento de fala – nada mais.

Tudo isso era uma tortura para mim – uma lenta e refinada tortura. Gerava um fogo brando de indignação e uma triste inquietação, que me perturbavam e esmagavam totalmente. Tinha a sensação de que, se eu fosse sua esposa, esse homem bom, puro como o profundo recesso de uma fonte, seria capaz de matar-me, sem derramar uma gota sequer do meu sangue, e sem manchar a sua cristalina consciência com a menor mácula de culpa. Sentia isso especialmente quando fazia alguma tentativa de acalmá-lo. Não havia misericórdia nele para juntar-se à minha. *Ele* não sentia dor com o nosso afastamento, nem prazer na reconciliação. E apesar de, mais de uma vez, as minhas lágrimas terem molhado a página do livro sobre o qual nos debruçávamos, seu coração não sentia mais emoção do que sentiria se fosse feito de pedra ou de metal. Com suas irmãs, enquanto isso, era mais bondoso do que o normal. Como se temesse que sua simples frieza não fosse suficiente para convencer-me do quanto eu estava banida e proscrita, St. John acrescentava-lhe a força do contraste. Estou certa que ele não fazia isso por maldade, mas por uma questão de princípios.

Na noite que antecedeu a sua partida, como o visse caminhando no jardim à hora do crepúsculo, e lembrando-me, ao olhá-lo, que este homem – afastado de mim como estava agora – um dia salvara a minha vida, e que éramos parentes próximos, fui levada a fazer uma última tentativa de recobrar sua amizade. Saí e me aproximei dele, enquanto ele se debruçava no portão. Fui direto no assunto.

– St. John, estou triste porque você ainda está zangado comigo. Vamos ser amigos.

– Creio que somos amigos – foi a sua resposta.

Continuou olhando a lua que surgia, como fazia quando eu me aproximara.

– Não, St. John. Não somos mais amigos como antes, você sabe disso.

– Não somos? É um engano. De minha parte não lhe desejo o mal, e sim todo o bem.

– Acredito em você, St. John, pois sei que é incapaz de desejar o mal a alguém. Mas, como sou sua parenta próxima, gostaria de um pouco mais de afeição do que aquela espécie de filantropia social que você concede aos estranhos.

– Naturalmente – ele disse. – Seu desejo é razoável, e estou longe de vê-la como uma estranha.

Estas palavras, ditas num tom frio e tranquilo, foram mortificantes e embaraçosas. Se eu fosse dar ouvidos à raiva ou ao orgulho, o teria deixado imediatamente. Mas alguma coisa trabalhava dentro de mim, e era mais forte do que esses sentimentos. Tinha profunda admiração pelo talento e os princípios do meu primo. Sua amizade me era valiosa: perdê-la seria uma severa provação. Não desistiria de reconquistá-la com tanta facilidade.

– Devemos, então, nos separar deste modo, St. John? E quando for para a Índia, vai deixar-me assim, sem uma palavra mais bondosa do que estas?

Ele desistiu de olhar a lua e virou o rosto direto para mim.

– Deixá-la quando eu for para a Índia, Jane? Que significa isso? Não vai para a Índia comigo?

– Você disse que eu não poderia ir, a menos que me casasse com você.

– E não vai se casar? Então mantém sua decisão?

Leitor, será que conhece, como eu, o quanto de terror e gelo as pessoas insensíveis colocam nas suas perguntas? Sabe o quanto de avalanche existe na sua cólera? Ou quanto o seu desprazer se assemelha ao gelo congelado sobre o mar, quando se estilhaça?

– Não, St. John. Não me casarei com você. Mantenho a minha decisão.

A avalanche tremeu e avançou um pouco, mas não chegou a desabar.

– Uma vez mais: porque recusa? – perguntou ele.

– Antigamente – eu respondi – porque você não me amava. Agora, acrescento, porque você quase me odeia. Se me casasse com você, você me mataria. Já está me matando agora.

Os seus lábios e as faces tornaram-se brancos... lívidos.

– *Poderia matá-la? Estou matando você?* Suas palavras são das que não se deve usar: violentas, pouco femininas e inverídicas. Traem um estado de mente infeliz e merecem severa reprovação. São imperdoáveis, mas é dever do homem perdoar seu semelhante, até mesmo setenta vezes sete.

Agora eu completara a tarefa. Enquanto desejava ansiosamente apagar da mente dele os traços da minha antiga ofensa, acabara por gravar naquela superfície rígida outra ofensa mais dura e grave.

– Então agora me odeia de verdade – eu disse. – É inútil tentar uma reconciliação. Vejo que fiz de você um inimigo eterno.

Essas palavras infligiram-lhe nova ofensa, e pior, porque se aproximavam da verdade. Os lábios trêmulos se torceram num espasmo. Eu conhecia a ira de aço que havia despertado. Meu coração se apertou.

– Você distorce totalmente as minhas palavras, St. John – disse, tomando-lhe a mão. – Não tenho nenhuma intenção de causar-lhe dor ou tristeza – não tenho, realmente.

Ele sorriu com mais amargura, e mais bruscamente ainda retirou a mão da minha.

– E agora você retira a sua promessa. Não irá comigo para a Índia, definitivamente, eu creio... – ele disse, após uma pausa considerável.

– Sim, irei. Como sua assistente – respondi.

Seguiu-se um longo silêncio. Que luta se travava no seu íntimo naquele momento, entre a Natureza e a Graça, não sei dizer: apenas clarões singulares cintilavam nos seus olhos e estranhas sombras passavam pelo seu rosto. Por fim, falou:

– Já lhe demonstrei antes o absurdo que é uma mulher solteira da sua idade se propor a acompanhar ao exterior um homem solteiro da minha idade. Demonstrei-o em termos tais que pensei ter evitado que você voltasse a se referir a esse plano. Lamento que tenha feito isso... pelo seu bem.

Interrompi-o. Uma reprovação tão concreta deu-me coragem, afinal.

– Use o bom senso, St. John. Você se aproxima da estupidez. Finge estar chocado com o que lhe disse. Mas não está chocado de verdade: com sua superioridade de mente, não pode ser tão tolo ou tão arrogante para não entender o que eu disse. Repito: serei uma colaboradora, mas não sua esposa.

De novo ele se tornou lívido. Mas, como antes, controlou-se perfeitamente. Respondeu com calma, mas de forma veemente:

– Uma colaboradora que não seja minha esposa, nunca me serviria. Parece-me, então, que não irá comigo. Mas se a sua oferta é sincera, quando estiver na cidade conversarei com um missionário casado, cuja esposa precisa de uma auxiliar. Sua própria fortuna a tornará independente da ajuda da Igreja. E assim também será poupada da desonra de quebrar sua promessa, desertando das hostes a que se juntou.

Até aqui eu não tinha, como o leitor sabe, feito nenhuma promessa formal nem me comprometido com nada. Toda essa linguagem era dura e despótica demais para a ocasião. Respondi:

– Não há desonra alguma neste caso, nem quebra de promessa, nem deserção. Não tenho a menor obrigação de ir para a Índia, especialmente com estranhos. Com você eu me aventuraria a ir, porque admiro e confio em você e, como sua irmã, o estimo. Mas estou convencida de que, não importa quando ou com quem eu vá, não viveria muito tempo naquele clima.

– Então, teme por si – ele disse, curvando os lábios.

– Temo. Deus não me deu a vida para jogá-la fora. E fazer o que você deseja, começo a acreditar, seria o equivalente a cometer suicídio. Além disso, antes que eu resolva deixar definitivamente a Inglaterra, tenho que ter certeza do que será melhor: ficar aqui ou partir.

– O que quer dizer?

– Seria inútil tentar explicar. Mas há um assunto sobre o qual eu sinto uma dolorosa dúvida, há muito tempo. E não irei a lugar algum até que essa dúvida seja esclarecida.

– Eu sei para onde seu coração se volta, e por que pulsa. O interesse que alimenta é ilícito e contrário aos sacramentos. Já deveria estar esmagado há muito tempo. E agora deveria corar por tê-lo mencionado. Está pensando em Mr. Rochester, não é?

Era verdade. O meu silêncio o confessou.

– Está indo procurar Mr. Rochester?

– Tenho que saber o que foi feito dele.

– Então – ele disse – só me resta lembrar de você nas minhas preces, e pedir a Deus, com todo o

fervor, que você não se torne uma renegada. Pensei que tivesse reconhecido em você uma eleita. Mas Deus não vê como o homem: seja feita a Sua vontade...

Ele abriu o portão, passou e saiu a vagar pelo vale. Logo sumiu de vista.

Quando voltei para a sala de estar, encontrei Diana na janela, parecendo muito pensativa. Diana era bem mais alta do que eu. Colocou sua mão no meu ombro e, inclinando-se, examinou meu rosto.

– Jane – disse – você anda sempre pálida e agitada ultimamente. Tenho certeza que existe alguma coisa que a perturba. Diga-me qual é o assunto que incomoda você e St. John. Há meia hora que estou observando vocês dois pela janela. Perdoe-me por agir como uma espiã, mas faz tempo que ando fantasiando nem sei o quê. St. John é uma criatura estranha...

Fez uma pausa. Como eu não falasse, ela continuou:

– Este meu irmão acalenta alguns projetos peculiares a seu respeito, tenho certeza. Ele há muito tempo a distingue com uma atenção e um interesse que não demonstra por ninguém... mas com que propósito? Gostaria que ele a amasse... Ele a ama, Jane?

Coloquei sua mão fria na minha testa.

– Não, Diana... Nem um pouquinho.

– Então por que ele a segue com os olhos, por que busca sempre ficar sozinho com você e a mantém o tempo todo ao lado dele? Mary e eu achamos que ele deseja se casar com você.

– Ele quer... Pediu-me para ser sua esposa.

Diana bateu palmas.

– Isso é exatamente o que desejamos e esperamos! E você vai casar-se com ele, não vai, Jane? E ele vai ficar na Inglaterra!

– Bem longe disso, Diana. A única razão por que ele me pediu em casamento é para ter uma companheira-ajudante no seu trabalho na Índia.

– O quê? Ele pretende levá-la para a Índia?

– Sim.

– Isso é loucura! – ela exclamou – Você não viveria três meses lá, estou certa. Não deve ir, nunca. Você não concordou, não é, Jane?

– Eu me recusei a casar com ele...

– E o desagradou, por certo... – ela sugeriu.

– Profundamente. Temo que ele nunca me perdoe. Ainda assim me ofereci a acompanhá-lo como irmã.

– Seria rematada loucura fazer isso, Jane. Pense na tarefa que empreenderia, de uma fadiga incessante, onde a fadiga mata até os mais fortes. E você é fraca. St. John, você o conhece, iria exigir de você o impossível. Não lhe daria permissão para descansar nas horas de calor. E, infelizmente, já notei que você se esforça para realizar tudo o que ele pede. Estou espantada que tenha tido coragem de recusar-lhe a mão. Não o ama, então, Jane?

– Não como marido.

– Mas ele é bem bonito...

– E, como vê, eu sou bem comum, Diana... Nós não combinaríamos.

– Comum? Você? De modo algum. É bonita demais e boa demais para ser queimada viva em Calcutá.

E de novo suplicou que eu desistisse de qualquer ideia de partir com o irmão.

– E vou desistir, de fato – eu disse – pois agora há pouco, quando repeti a oferta de servi-lo como colaboradora, ele se mostrou chocado com minha falta de decoro. Pareceu pensar que eu cometi uma impropriedade propondo-me a acompanhá-lo sem ser casada. Como se eu, desde o início, não quisesse encontrar nele apenas um irmão, e não o visse sempre desse modo.

– O que a faz dizer que ele não a ama, Jane?

– Você devia ouvi-lo falar desse assunto, Diana! Ele repete, sempre e sempre, que não é por ele que deseja se casar, mas pela sua missão. Disse que fui feita para o trabalho, não para o amor. E é verdade, sem dúvida. Mas, na minha opinião, se não fui feita para o amor, também não fui feita para o casamento. Não seria estranho, Die, comprometer-se por toda a vida com um homem que só a visse como uma ferramenta útil?

– Seria insuportável... antinatural... Fora de propósito!

– Além disso – continuei – embora eu agora só lhe dedique uma afeição de irmã, se fosse forçada a ser sua esposa imagino que poderia acabar nutrindo por ele um tipo de amor inevitável, estranho e torturante, pois ele possui tantas qualidades... Muitas vezes existe uma certa grandeza heroica no seu olhar, nas suas maneiras, na sua conversação. E, nesse caso, meu destino seria indizivelmente desgraçado. Ele não gostaria que eu o amasse, e se por acaso lhe demonstrasse esse sentimento, me faria ver que isso é uma coisa supérflua, indesejada por ele e imprópria da minha pessoa. Sei que o faria.

– Ainda assim, St. John é um homem bom – disse Diana.

– Ele é um homem bom e é um grande homem. Mas esquece, cruelmente, os sentimentos e desejos das pessoas humildes, ao perseguir seus grandiosos objetivos. É melhor, portanto, que as pessoas insignificantes fiquem fora do seu caminho, senão St. John as atropelará na sua marcha. Aí vem ele! Vou deixá-la, Diana.

Subi depressa as escadas, ao vê-lo entrar no jardim.

Mas fui forçada a encontrá-lo novamente na ceia. Durante a refeição St. John parecia tão composto como sempre. Pensei que evitaria falar comigo, pois tinha certeza que desistira dos seus planos de casamento. O que aconteceu em seguida mostrou que eu estava errada em ambas as coisas. Dirigiu-se a mim exatamente no seu modo habitual, ou como nos últimos tempos se tornara o seu modo habitual: com escrupulosa polidez. Não havia dúvida que invocara a ajuda do Espírito Santo para dominar a raiva que eu lhe provocara, e agora acreditava que havia me perdoado uma vez mais.

Para a leitura e as orações da noite, escolheu o vigésimo primeiro capítulo da Revelação. Era sempre agradável ouvir as palavras da Bíblia fluírem dos seus lábios. Nunca sua bela voz parecera tão doce e grave, nunca os seus modos pareceram tão impressionantes na sua nobre simplicidade, como quando recitou os oráculos de Deus. Nessa noite, sua voz adquiriu um tom mais solene, seus gestos uma maneira mais emocionante, enquanto se sentava no meio do seu círculo familiar. A lua de maio brilhava através da janela sem cortinas, tornando quase desnecessária a luz do candeeiro sobre a mesa. St. John, inclinado sobre a antiga e volumosa Bíblia, descreveu a visão do novo céu e da nova terra, contando como Deus viria para residir entre os homens, enxugando-lhes as lágrimas, e prometendo-lhes que não

haveria mais mortes, tristezas, pranto ou dor, porque as coisas do passado haviam terminado.

As palavras seguintes me emocionaram estranhamente, enquanto ele as recitava. Senti, pela leve e imperceptível alteração no seu tom de voz que, ao dizê-las, voltara os olhos para mim.

– Aquele que vencer herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas (e aqui ele leu devagar e distintamente), quanto aos medrosos e aos incrédulos, terão sua recompensa no lago que arde em fogo e enxofre, que é a segunda morte.

Dali para a frente eu soube qual o destino que St. John temia para mim.

Um triunfo calmo e controlado, mesclado com uma seriedade melancólica, marcou a sua enunciação dos últimos versos gloriosos do mesmo capítulo. St. John acreditava que seu nome já estava escrito no livro da vida do Cordeiro, e sentia júbilo antes da hora em que seria admitido na cidade para a qual os reis da terra trazem sua glória e suas honras, que não tem necessidade de sol nem de lua para brilhar, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a própria luz.

Na oração que se seguiu ao capítulo, reuniu todas as suas energias e despertou todo o seu austero zelo. Estava profundamente sério, lutando junto de Deus e disposto a conquistar. Suplicou forças para os fracos de coração, direção para os andarilhos, um retorno, mesmo na undécima hora, para aqueles a quem as tentações do mundo e da carne desviaram do caminho correto. Pediu, insistiu, clamou pela bênção da salvação de uma alma. A sinceridade é sempre profundamente solene: ao ouvir o orador, primeiro fiquei admirada; depois, enquanto a prece continuava e se elevava, fiquei comovida; e afinal, fiquei intimidada. St. John sentia tão sinceramente a grandeza e a bondade dos seus propósitos, que os que o ouvissem pedir por eles não podiam deixar de sentir-se assim também.

Terminada a prece, nos despedimos dele, que devia partir bem cedo na manhã seguinte. Diana e Mary beijaram-no e saíram da sala – atendendo, eu creio, a um sinal dele. Estendi-lhe a mão e lhe desejei uma boa viagem.

– Obrigado, Jane. Como disse, devo voltar de Cambridge dentro de quinze dias. Fica, pois, esse espaço de tempo para sua reflexão. Se eu desse ouvidos ao orgulho humano, não mais lhe pediria que se casasse comigo. Mas ouço apenas o meu dever, e mantenho firmemente à vista meu primeiro objetivo – fazer tudo pela glória de Deus. Meu Mestre sofreu longamente: assim também eu sofrerei. Não posso abandoná-la à perdição, como um vaso da ira[1]. Arrependa-se, decida enquanto é tempo. Lembre-se que devemos trabalhar enquanto ainda é dia, cientes de que “virá a noite em que nenhum homem poderá trabalhar”. Lembre-se do destino de Dives[2], que teve todas as coisas boas em vida. Deus lhe deu forças para escolher a melhor parte, que não lhe será arrebatada!

Enquanto pronunciava as últimas palavras, ele pousara a mão na minha cabeça. Falara grave e docemente. Na verdade, não tinha o olhar de um amante contemplando a amada, mas de um pastor chamando a ovelha desgarrada. Ou melhor, de um anjo da guarda protegendo a alma pela qual fosse responsável. Todos os homens de talento, sejam ou não dotados de sentimento, sejam eles fanáticos, aspirantes ou déspotas – desde que sejam sinceros – têm seus momentos sublimes, quando dominam e comandam. Senti veneração por St. John – veneração tão forte que seu ímpeto me impeliu de uma vez para o ponto que eu evitara longamente. Fiquei tentada a deixar de resistir-lhe, a precipitar-me na torrente da sua vontade e ser engolfada pela sua existência, com o sacrifício da minha própria. Estava quase tão duramente coagida por ele agora, como antes – em circunstâncias diferentes – já estivera por outro. Nas duas vezes fui uma tola. Ceder no caso antigo teria sido um erro de princípio; ceder agora seria um erro de julgamento. Assim penso neste momento, quando olho para essa crise através da calma passagem do tempo. No entanto, não tinha consciência da loucura naquele instante.

Fiquei imóvel sob o toque do meu sacerdote. Esqueci minhas recusas, superei os meus medos, suspendi minhas lutas. O Impossível, isto é, meu casamento com St. John, transformava-se subitamente no Possível. Tudo estava mudando, em repentina reviravolta. A Religião chamava, os Anjos acenavam, Deus ordenava – e a vida se desdobrava como uma espiral. Os portões da morte se abriram, mostrando a eternidade além deles: era como se tudo aqui devesse ser sacrificado em um segundo, para obter a segurança e as bênçãos que lá estavam. A penumbra da sala encheu-se de visões.

– Pode decidir agora? – perguntou o missionário.

Fez a pergunta num tom gentil, e atraiu-me para si com a mesma gentileza. Ah! Aquela gentileza! Como era muito mais forte do que a própria força! Eu podia resistir à ira de St. John, mas dobrei-me como um junco ante a sua bondade. Sabia o tempo todo, porém, que se cedesse agora algum dia viria a me arrepender. Sua natureza não mudara com uma hora de preces solenes: apenas se elevava.

– Poderia decidir se tivesse certeza – respondi. – Se estivesse convencida que é a vontade de Deus que eu me case com você, aceitaria me casar aqui e agora... Seja o que Deus quiser!

– Minhas preces foram ouvidas! – exclamou St. John.

Pressionou com mais firmeza a mão sobre a minha cabeça, como se eu lhe pertencesse. Passou os braços pelos meus ombros *quase* como se me amasse (digo *quase*, pois sei a diferença, já sentira o que significa ser amada; mas agora, como ele, pusera o amor de lado e pensava apenas no dever). Lutei contra a minha visão turva, diante da qual ainda passavam nuvens. Desejava intensamente, sinceramente, fervorosamente fazer o que era certo, e apenas isso. “Mostra-me o caminho!” supliquei aos céus. Sentia-me inquieta, mais do que jamais estivera. E se o que aconteceu depois foi o efeito dessa excitação do espírito, cabe ao leitor julgar.

A casa estava imersa em silêncio, pois creio que todos, exceto eu e St. John, já se haviam recolhido. A luz do único candeeiro se extinguia, e o luar invadia o aposento. Meu coração batia alto e forte, ouvia a sua pulsação. De repente estacou, sentindo algo inexplicável que o eletrizou, e essa sensação percorreu-me todo o corpo. O que senti não era como um choque elétrico, mas era igualmente agudo, estranho e excitante. Agia sobre os meus nervos como se eles antes estivessem entorpecidos, e agora fossem convocados e forçados a acordar. Meus sentidos se aguçaram: os olhos e ouvidos esperavam, enquanto os músculos do meu corpo todo tremiam.

– Ouviu alguma coisa? Está vendo algo? – perguntou St. John.

Não vira nada, mas ouvira uma voz gritar, em algum lugar, “Jane! Jane! Jane!”, apenas isso.

– Oh, Deus! O que será? – exclamei.

Devia ter dito “Onde estará?”, pois não parecia vir da sala – nem da casa – nem do jardim. Não vinha do ar nem da terra, nem de sob a terra, nem do alto. Eu a ouvira... onde ou de onde vinha, é impossível saber! Era a voz de um ser humano, uma voz bem conhecida, amada, sempre lembrada... a voz de Edward Fairfax Rochester. Falava num tom sofrido e infeliz, de modo selvagem, assustador, urgente.

– Estou indo! – gritei – Espere por mim! Oh, sim! Eu irei!

Voei para a porta e olhei o corredor: escuro. Corri para o jardim: vazio.

– Onde está você? – exclamei.

As montanhas em torno de Marsh Glen me responderam, debilmente: “onde está você?” O vento sussurrava nos abetos. À volta só havia a solidão da charneca e o silêncio da meia-noite.

– Ah, superstição! – comentei, enquanto aquele espectro negro se ergueu das árvores negras junto ao portão. – Isso não é tua mistificação, nem tua magia: é trabalho da natureza. Ela se ergueu e fez, não um milagre, mas o melhor que podia fazer.

Libertei-me de St. John, que me seguira e tentava segurar-me. Era a *minha* vez de assumir o comando. As *minhas* energias estavam ativas e fortes. Pedi-lhe que se abstinésse de fazer perguntas ou comentários. Pedi também que me deixasse: eu queria e devia ficar só. Ele obedeceu prontamente. Onde existe energia bastante para comandar, nunca falta obediência. Subi para o meu quarto e me tranquei. Fiquei de joelhos e rezei, ao meu modo. Um modo diferente daquele de St. John, mas eficiente na sua maneira antiquada. Senti que chegara bem próxima de um Espírito Poderoso, e minha alma agradecida se prostrou aos Seus pés. Acabei de dar as graças... Tomei minha decisão e deitei-me – sem medo, esclarecida, ansiosa pelo raiar do dia.

[1] “...os vasos da ira, preparados para a perdição...”. Expressão da Bíblia, em Romanos 9:22-23.

[2] Nome do homem rico na parábola do rico e de Lázaro, conforme o Evangelho de Lucas 16:19-31

CAPÍTULO 36

O dia surgiu. Levantei-me ao amanhecer. Durante uma ou duas horas, ocupei-me em arrumar minhas coisas nas gavetas e no armário do quarto, de modo a deixá-las em ordem durante a minha breve ausência. Enquanto fazia isso ouvi St. John deixar o quarto. Parou junto à minha porta. Temi que batesse... mas não, apenas passou um bilhete por baixo da porta. Peguei-o. Continha estas palavras:

“Deixou-me subitamente na noite passada. Se esperasse um pouco mais, podia ter alcançado a cruz de Cristo e a coroa dos anjos. Espero sua decisão definitiva quando retornar, daqui a quinze dias. Nesse período, esteja alerta e reze, para não cair em tentação. Sei que o seu espírito é dócil, mas vejo que a carne é fraca. Rezarei por você a todo instante.

Seu, St. John”

“Meu espírito” respondi mentalmente, “é dócil para fazer o que é certo. E a minha carne, creio, é forte o bastante para cumprir a vontade do Céu, quando esta vontade se manifesta claramente. De qualquer forma, deve ser forte o bastante para procurar, indagar, buscar uma saída nesta nuvem de dúvidas e achar, por fim, o céu claro da certeza.”

Era o dia primeiro de junho, mas mesmo assim a manhã estava nublada e fria. A chuva batia sem parar na minha janela. Ouvi a porta da frente abrir-se e St. John sair. Olhando pela vidraça, vi-o atravessar o jardim. Tomou o caminho da charneca coberta de névoa, na direção em Whitcross, onde devia pegar a diligência.

“Em poucas horas, primo, eu também seguirei o mesmo caminho” pensei. “Também tomarei um coche em Whitcross. Também tenho algo que ver e por que perguntar aqui na Inglaterra, antes de partir para sempre.”

Faltavam ainda duas horas para o café da manhã. Passei esse tempo caminhando calmamente pelo quarto, e pensando na visita que dera aos meus planos a sua atual direção. Recordei a estranha sensação que experimentara, em toda a sua indizível estranheza. Recordei da voz que ouvira e novamente me perguntei de onde viera; e de novo perguntei em vão. Ela parecia estar dentro de *mim*, não no mundo exterior. Será que era apenas uma impressão nervosa? Uma ilusão? Não podia conceber nem acreditar nisso: parecia-se mais com uma inspiração. O fantástico choque espiritual viera como o terremoto que abalou os alicerces da prisão de Paulo e Sila: abriu as portas da cela da minha alma e soltou suas amarras... Acordou-a de seu sono, de onde ela se libertou trêmula, expectante, perplexa. Então vibrou nos meus ouvidos atônitos aquele grito, três vezes, e no meu coração alvoroçado e no meu espírito. Nenhum deles tremeu ou se abalou, mas exultaram como se ficassem alegres pelo sucesso do esforço que tiveram o privilégio de realizar, independente do meu corpo abatido.

“Não falta muito” pensei, ao terminar minhas meditações “para que eu saiba alguma coisa daquele cuja voz pareceu me chamar na noite passada. As cartas se provaram inúteis... é melhor fazer uma investigação pessoal.”

Durante o café da manhã anunciei a Diana e Mary que iria viajar, e estaria ausente, pelo menos, por quatro dias.

– Vai sozinha, Jane? – perguntaram.

– Sim. Vou saber notícias, ou mesmo ver, um amigo de quem tenho andado afastada há algum tempo.

Elas poderiam ter dito – como tenho certeza que pensaram – que me julgavam desprovida de amigos, exceto eles. Porque, de fato, eu dissera isso muitas vezes. Mas, com sua delicadeza natural, abstiveram-se de comentários. Diana apenas perguntou-me se eu tinha certeza que estava bem o suficiente para viajar, pois parecia muito pálida. Respondi que nada me afligia, exceto a ansiedade de espírito, que esperava aliviar em breve.

Foi fácil organizar os arranjos restantes, pois não havia dúvidas a me perturbar – nem suspeitas. Expliquei-lhes que não poderia ser explícita no momento a respeito dos meus planos, e elas aceitaram o meu silêncio com bondade e sabedoria, concedendo-me o direito de agir livremente. O mesmo direito que, em circunstâncias semelhantes, eu lhes teria concedido.

Deixei Moor House às três horas da tarde, e pouco depois das quatro estava de pé junto ao pilar com as placas em Whitcross, esperando a chegada do coche que me levaria para a distante Thornfield. Em meio ao silêncio daquelas estradas solitárias e das montanhas desertas, ouvi a sua aproximação a uma grande distância. Era o mesmo veículo do qual, um ano atrás, eu descera neste mesmo local, numa noite de verão... tão desolada, tão sem esperança, tão sem rumo! Ele parou quando acenei. Entrei – desta vez não estava obrigada a gastar toda a minha fortuna para pagar a viagem. De novo a caminho de Thornfield, senti-me como um pombo-correio voltando para o pombal.

Foi uma viagem de trinta e seis horas. Deixei Whitcross numa terça-feira à tarde, e somente na quinta-feira, pela manhã, o coche parou para dar água aos cavalos numa estalagem na beira da estrada, situada em meio a um cenário de verde arvoredado, vastos campos e pequenas colinas de pastagem (que cenário suave e verdejante, comparado à severa charneca do centro-norte, onde se situava Morton!) – que surgiram aos meus olhos como os traços de um rosto familiar. Sim, eu conhecia este cenário: estava certa de que me encontrava perto do meu destino.

– A que distância daqui fica Thornfield Hall? – perguntei ao cavaleiro.

– Apenas três quilômetros, senhora, cruzando o campo.

“Minha viagem terminou” pensei comigo.

Desci do coche, entreguei meu baú aos cuidados do cavaleiro para retirá-lo depois, paguei a tarifa, gratifiquei o cocheiro, e fui andando. O sol brilhante iluminava o letreiro da estalagem, e li em letras douradas: “Brasão de Rochester”. Meu coração deu um pulo: já me encontrava nas terras dos Rochester. Mas de novo se abateu: um pensamento me ocorrera.

“Teu patrão em pessoa pode estar do outro lado do Canal da Mancha, por tudo o que sabes. E se por acaso estiver em Thornfield Hall, para onde estás correndo, quem além dele estará lá? A esposa louca. Não tens nada a tratar com ele. Não ousa falar-lhe nem procurar sua companhia. Perdeste o teu emprego. É melhor que não prossigas” insistia o conselheiro. “Pede informações ao pessoal da estalagem: podem dizer-te tudo que queres saber. Podem resolver de uma vez as tuas dúvidas. Vai até aquele homem e pergunta-lhe se Mr. Rochester está em casa.”

A sugestão parecia razoável, ainda assim não conseguia me obrigar a executá-la. Temia uma resposta que me atirasse ao desespero. Prolongar a dúvida era prolongar a esperança. Ainda podia ver a casa sob a luz das estrelas. Ali estavam, diante de mim, os mesmos campos que atravessara naquela manhã em que fugira de Thornfield, desesperada, cega, surda, tomada por uma fúria de vingança que me impelia e me torturava. Antes de resolver que curso seguir já me achava no meio deles. Como caminhei

rápido! Às vezes corria! Como olhava para a frente, tentando logo ver aqueles bosques tão familiares! Com que emoção saudei as árvores que conhecia, e a vista familiar das campinas e das colinas entre elas!

Por fim, avistei os bosques e o escuro viveiro das gralhas. Um grasnido alto quebrou o silêncio da manhã. Apressei-me, inspirada por um estranho deleite. Cruzei outro campo, percorri uma alameda, e lá estavam os muros do jardim e as dependências de trás da casa. A casa em si ainda estava escondida pelo viveiro de gralhas. “Minha primeira visão dela deve ser a fachada” resolvi “onde as ameias surgem nobres, e de onde posso avistar a janela de Mr. Rochester. Talvez ele esteja ali, costuma se levantar cedo. Talvez esteja agora caminhando no pomar, ou na calçada em frente. Se ao menos pudesse vê-lo... por um momento que fosse! E nesse caso, seria louca o suficiente para precipitar-me ao seu encontro? Não sei dizer. Não tenho certeza. E se fosse, que aconteceria? Que Deus o abençoe! Que aconteceria? Quem seria ferido se eu sentisse uma vez mais a vida que o seu olhar me trazia? E delirei: quem sabe se naquele momento ele não estava assistindo ao nascer do sol sobre os Pireneus, ou sobre os calmos mares do sul?”

Caminhei ao longo do muro baixo do pomar e virei uma esquina: havia ali, entre dois pilares de pedra coroados por esferas, um portão que dava para o prado. De trás de um desses pilares poderia espiar calmamente ao redor, e ver toda a fachada da casa. Avancei a cabeça com cuidado, para verificar se alguma das janelas dos dormitórios já estava aberta. Daquele posto abrigado podia controlar tudo: as ameias, as janelas, a fachada inteira.

As gralhas que voavam acima de mim talvez estivessem me observando, enquanto eu me dirigia a esse abrigo. Imagino o que pensaram. Devem ter achado que eu fui muito cuidadosa e tímida a princípio, e que logo me tornei ousada e impulsiva. Uma espiadela... e então um longo olhar. E depois um salto para fora do meu nicho, uma investida pelo prado, uma parada repentina em frente à grande mansão, e um olhar longo e esgazeado sobre ela. As gralhas devem ter pensado “Porque afetou tanta desconfiança no início?” “E que estúpida imprudência é essa agora?”

Dou-lhe um exemplo, leitor.

Um amante encontra sua amada adormecida num banco de relva. Deseja ver sua bela face sem que ela acorde. Caminha suavemente sobre a grama, cuidando para não fazer ruído. Ele para, imaginando que ela se mexeu. Afasta-se, pois não deseja ser visto por nada no mundo. Tudo está imóvel. Ele avança outra vez e inclina-se sobre ela. Um véu transparente cobre-lhe as feições. Ele levanta-o, inclina-se mais – seus olhos antecipando a visão de uma beleza palpitante, viçosa e adorável, em perfeito repouso. Como é ansioso o seu primeiro olhar! E como ele estremece! Como toma nos braços, subitamente e com veemência, aquele corpo em que momentos antes não ousava tocar um dedo! Como grita o seu nome, deixa tombar o fardo e olha desvairado! Ele se descontrola, grita e a olha apavorado porque não teme mais acordá-la com nenhum som que saia dos seus lábios, com nenhum movimento que possa fazer. Pensando que seu amor dormia suavemente... encontrou-a morta!

Também eu olhei com temerosa alegria para uma imponente mansão... e vi uma ruína enegrecida.

Na verdade, não havia necessidade de me esconder atrás do pilar de um portão! Nem espiar as vidraças dos quartos, temendo que houvesse alguém atrás delas! Nem ouvir se havia portas se abrindo... ou imaginar passos na calçada, ou sobre o cascalho! A alameda, os terrenos, todos estavam desgastados e desertos; o portal vazio. A fachada – como eu vira uma vez em sonho – não era mais que uma parede, muito alta e muito frágil, perfurada por janelas sem vidros. Não havia teto, nem ameias, nem chaminés... Tudo fora destruído.

E reinava sobre tudo isso um silêncio de morte. Uma solidude deprimente e selvagem. Não era de admirar que as cartas endereçadas às pessoas que aqui viviam ficassem sem resposta. Era como despachar cartas para um jazigo na nave de uma igreja. O terrível negrume das pedras dizia qual o destino que derrubara a casa... o incêndio. Mas como queimara? Qual era a história daquele desastre? Qual fora a perda, além da alvenaria, do mármore e dos trabalhos em madeira? Teriam se perdido vidas, além da propriedade? E se assim fosse, as vidas de quem? Terrível questão: e ali não havia ninguém para responder. Não havia sequer uma pista, por muda que fosse.

Andando pelo interior devastado e ao longo das paredes enegrecidas, vi que a calamidade não era recente. As neves de inverno haviam entrado pelas arcadas vazias, a chuva de inverno penetrara nos peitoris das janelas. Em meio às pilhas molhadas de entulho a primavera fizera brotar alguma vegetação: grama e ervas daninhas cresciam aqui e ali, entre as pedras e as pilastras tombadas. E, enquanto isso, onde estaria o infeliz dono desta ruína? Em que terra? Sob os auspícios de quem? Meus olhos se dirigiram involuntariamente para a torre cinza da igreja perto dos portões. Perguntei-me: “Será que está agora com Damer de Rochester, dividindo o mármore da sua estreita morada?”

Devia haver alguma resposta para estas questões. Só podia encontrá-la na estalagem e, sem demora, voltei para lá. O próprio estalajadeiro trouxe meu café da manhã na sala de estar. Pedi-lhe que fechasse a porta e se sentasse, pois tinha algumas perguntas a fazer-lhe. Mal sabia como começar, tamanho o medo que tinha das suas respostas. Ainda assim, o espetáculo de desolação que eu acabara de ver me preparara, de alguma forma, para uma história infeliz. O estalajadeiro era um homem de meia-idade, de aspecto respeitável.

– O senhor conhece Thornfield Hall, naturalmente... – consegui afinal perguntar.

– Sim, madame. Já vivi lá.

– É mesmo?

E pensei: “Não na minha época. Não o conheço.”

– Eu era o mordomo do falecido Mr. Rochester – ele acrescentou.

O falecido! Senti como se tivesse recebido, com toda violência, o golpe que tentava evitar.

– O falecido! – murmurei. – Ele morreu?

– Não me refiro ao atual cavalheiro, mas ao pai de Mr. Edward – explicou.

Respirei novamente. Meu sangue voltou a fluir. Essas palavras me asseguraram plenamente que Mr. Edward... o *meu* Mr. Rochester (que Deus o abençoasse, onde quer que estivesse!), pelo menos estava vivo. Era, em suma, o “atual cavalheiro”. Benditas palavras! Senti que podia ouvir tudo o que estava por vir – não importa quais fossem as revelações – com relativa tranquilidade. Visto que ele não estava no túmulo, podia suportar saber que ele estava até nas Antípodas.

– E Mr. Rochester está vivendo agora em Thornfield Hall? – perguntei.

Sabia, é claro, qual seria a resposta, mas desejava evitar uma pergunta direta.

– Não, madame. Oh, não! Ninguém mais vive lá. Acho que a senhora não é da região, ou teria ouvido sobre o que aconteceu lá no último outono. Thornfield Hall é agora uma ruína, incendiou-se, logo após a colheita. Uma calamidade terrível! Uma quantidade enorme de coisas valiosas destruídas, mal se salvou alguns móveis. O fogo começou no meio da noite, e antes que o socorro chegasse de Millcote o prédio todo já estava em chamas. Foi um espetáculo terrível: eu mesmo fui testemunha dele.

– No meio da noite! – murmurei.

Sim, essa era a hora da fatalidade em Thornfield Hall.

– Descobriu-se a origem do incêndio? – perguntei.

– Há suposições, madame, há suposições... Na verdade, devia dizer que o caso já está fora de dúvida. Talvez a senhora não saiba – ele continuou, puxando um pouco mais a cadeira para perto da mesa e falando em voz baixa – que havia uma dama... uma... louca... vivendo na casa?

– Ouvi alguma coisa a respeito.

– Ela era mantida em estrito confinamento, madame. Por muitos anos as pessoas nem tinham certeza da sua existência. Ninguém nunca a viu, só sabiam através de rumores que havia tal pessoa na casa. Quem ou o quê ela era, é difícil conjecturar. Diziam que Mr. Rochester a trouxera do exterior, outros acreditavam que ela havia sido sua amante. Mas algo muito esquisito aconteceu um ano atrás... Algo muito esquisito.

Temia agora ouvir minha própria história. Esforcei-me por trazê-lo de volta ao ponto principal.

– E essa dama?

– Essa dama, madame – respondeu – acabou se descobrindo que era a esposa de Mr. Rochester! A verdade foi descoberta do modo mais estranho. Havia uma moça na casa, uma governanta, por quem Mr. Rochester se...

– Mas e o fogo? – sugeri.

– Vou chegar lá, madame... por quem Mr. Rochester se apaixonou. Os criados dizem que nunca viram alguém tão apaixonado quanto ele: estava sempre junto dela. Costumavam observá-lo... os criados fazem isso, a senhora sabe... e ele gostava muito dela, embora ninguém mais, além dele, a considerasse muito bonita. Era uma coisinha miúda, dizem, quase uma criança. Eu mesmo nunca a vi. Mas Leah, a arrumadeira, me falou da moça. Leah gostava bastante dela. Mr. Rochester estava perto dos quarenta anos e essa governanta nem tinha vinte. E a senhora sabe, quando homens da idade dele se apaixonam por meninas, agem como se estivessem enfeitiçados. Bem, ele decidiu casar-se com ela.

– O senhor pode me contar essa parte da história uma outra hora – eu disse – no momento tenho uma razão especial para ouvir tudo sobre o incêndio. Houve suspeitas de que essa lunática, Mrs. Rochester, tivesse alguma participação nisso?

– Acertou em cheio, madame, é praticamente certo que foi ela, e ninguém mais, que ateou fogo. Ela tinha uma pessoa que tomava conta dela, Mrs. Poole. Era uma mulher muito competente na sua função, e de confiança, exceto por um erro... um erro comum entre muitas das amas e damas de companhia: *mantinha uma garrafa de gim com ela*, e tomava um gole aqui e ali. É desculpável, pois levava uma vida muito dura, mas mesmo assim era perigoso. Pois quando Mrs. Poole dormia profundamente depois de tomar uns goles, a louca, que era esperta como uma bruxa, tomou as chaves do seu bolso, deixou o quarto e saiu vagando pela casa, fazendo qualquer loucura que lhe viesse à cabeça. Dizem que uma vez ela já quase havia queimado o marido na própria cama, mas não sei nada sobre isso. Naquela noite, no entanto, ela primeiro ateou fogo nas cortinas do quarto ao lado do seu. Depois desceu para o piso inferior e dirigiu-se ao quarto que havia sido da governanta (como se soubesse de tudo e tivesse ódio dela), e ateou fogo à cama. Mas não havia ninguém dormindo ali, por sorte. A governanta havia fugido dois meses antes. Mr. Rochester procurou-a por toda parte, como se ela fosse a coisa mais preciosa que ele tivesse no mundo. Mas nunca soube nada dela. Tornou-se cruel, muito cruel, por causa

desse desapontamento. Ele nunca foi um homem feroz, mas depois de perdê-la tornou-se perigoso. Decidiu ficar sozinho, e mandou a encarregada da casa, Mrs. Fairfax, para junto de parentes, muito longe daqui. Mas fez isso de maneira muito correto: estabeleceu uma pensão vitalícia para ela. E Mrs. Fairfax merecia, era uma mulher muito boa. Miss Adele, uma protegida dele, foi colocada na escola. Desligou-se de todas as amizades que tinha na alta sociedade e trancou-se na casa, como um ermitão.

– Então ele não deixou a Inglaterra?

– Deixar a Inglaterra? Bom Deus, não! Ele não cruzava a soleira da porta, exceto à noite quando – tal qual um fantasma – caminhava pelos jardins e pelo pomar, como se tivesse perdido a razão... E, na minha opinião, perdeu mesmo. Nunca se viu, madame, um cavalheiro tão animado, destemido e inteligente como ele, antes que essa mirrada governanta se atravessasse em seu caminho. Não era um homem dado à bebida, ao jogo, ou às corridas, como muitos por aí. Também não era lá muito bonito, mas tinha muita coragem e determinação, como poucos têm. Conheço-o desde menino, veja bem, e da minha parte, muitas vezes desejei que essa Miss Eyre tivesse se afogado no mar antes de vir para Thornfield Hall.

– Então Mr. Rochester estava em casa quando houve o incêndio?

– Sim, estava. E enquanto tudo estava queimando, ele subiu ao sótão, tirou os criados da cama e ele mesmo os ajudou a descer. Depois voltou para tirar a esposa louca do quarto. Gritaram-lhe que ela estava no telhado, entre as ameias, esticando os braços e gritando. Dava para ouvi-la a um quilômetro de distância. Eu também a ouvi e a vi com meus próprios olhos. Era uma mulher robusta, com longos cabelos negros, que se agitavam por entre as chamas. Eu vi, e muitas outras pessoas também viram, quando Mr. Rochester subiu até o telhado, e ouvimos quando chamou “Bertha!” Vimos quando se aproximou dela. Então, madame, ela gritou e deu um salto, e no minuto seguinte estava esmagada no chão.

– Morta?

– Morta! Tão morta quanto as pedras onde se espalharam o seu sangue e os seus miolos.

– Santo Deus!

– Pode dizer isso, madame, pois foi terrível!

Ele estremeceu.

– E depois? – insisti.

– Bem, madame. Depois a casa queimou até os alicerces. Só ficaram de pé algumas partes das paredes.

– E houve mais alguma morte?

– Não... mas talvez fosse melhor se houvesse.

– O que quer dizer?

– Pobre Mr. Edward! – ele exclamou. – Nunca imaginei ver uma coisa dessas! Alguns dizem que foi um castigo justo, porque ele manteve seu primeiro casamento em segredo e tentou se casar com outra, enquanto a esposa ainda vivia. Mas eu, da minha parte, tenho pena dele.

– Disse que ele está vivo? – exclamei.

– Sim, sim, está vivo. Mas muitos dizem que teria sido melhor se tivesse morrido.

– Por quê? Como?

Meu sangue gelou nas veias.

– Onde está ele? – perguntei. – Está na Inglaterra?

– Sim... sim... Está na Inglaterra. Não pode sair da Inglaterra, agora... Acho que ficará aqui para sempre.

Que agonia! E o homem parecia determinado a prolongá-la.

– Ele está completamente cego – disse ele, por fim. – Sim, Mr. Edward está completamente cego.

Temia coisa pior. Temia que tivesse enlouquecido. Juntei minhas forças para perguntar o que causara esta calamidade.

– Foi sua própria coragem. E pode-se dizer que, de certo modo, foi a sua bondade, madame. Mr. Rochester não quis deixar a casa antes que todos tivessem saído. Quando, finalmente, vinha descendo pela enorme escadaria – depois que Mrs. Rochester se atirou do telhado – houve um grande desabamento, tudo ruiu. Ele foi tirado do meio dos escombros, ainda vivo, mas gravemente ferido: uma viga caíra de tal modo que o protegera parcialmente. Mas um olho fora atingido, e uma das mãos estava tão esmagada que Mr. Carter teve que amputá-la imediatamente. O outro olho inflamou e ele perdeu a visão dos dois. Agora está indefeso, na verdade... cego e aleijado.

– Onde está ele? Onde vive agora?

– Em Ferndean, na casa senhorial de uma fazenda que ele tem, a quase cinquenta quilômetros daqui. É um lugar bem desolado.

– Quem vive com ele?

– O velho John e a esposa. Ele não tem mais ninguém. Dizem que está muito enfraquecido.

– O senhor tem algum tipo de transporte?

– Temos uma carruagem, madame, uma carruagem muito bonita.

– Mande prepará-la imediatamente. E se o seu cocheiro puder me levar a Ferndean ainda hoje, antes de escurecer, pagarei ao senhor e a ele o dobro do preço normal.

CAPÍTULO 37

A casa senhorial de Ferndean era uma construção bastante antiga, de tamanho médio e sem pretensões arquitetônicas, profundamente encravada na mata. Eu já ouvira falar dela. Mr. Rochester frequentemente a mencionava e algumas vezes ia até lá. Seu pai havia comprado a casa para usar como refúgio de caça. Pretendia alugá-la, mas não achou inquilino por causa da sua localização inadequada e insalubre. Ferndean então permaneceu desabitada e sem mobília, exceto por duas ou três peças equipadas para acomodação do proprietário, quando ia lá na estação de caça.

Cheguei neste lugar pouco antes do anoitecer, numa noite de céu cinzento, frias lufadas de vento e chuva contínua e penetrante. Percorri a pé o último quilômetro, depois de dispensar a carruagem e o cocheiro com a dupla remuneração que prometera. Não é possível ver a casa, mesmo que se esteja a uma pequena distância, tão densa e escura é a vegetação do bosque que a cerca. Um portão de ferro entre pilares de granito mostrou-me o caminho e, depois de atravessá-lo, encontrei-me na penumbra de uma cerrada fileira de árvores. Havia um caminho coberto de grama alta que descia do bosque, entre um corredor de árvores nodosas e arcadas de galhos. Segui-o, esperando chegar logo à casa, mas o caminho se prolongava mais e mais, seguia sempre para mais longe, sem que se visse nenhum sinal da construção ou do jardim.

Pensei que tivesse tomado o caminho errado e me perdido. A escuridão daquele crepúsculo agreste me envolveu. Procurei por outra estrada. Não havia nenhuma: tudo eram galhos emaranhados, troncos maciços, densa folhagem de verão... Não se encontrava uma abertura em lugar algum.

Continuei. Por fim as árvores diminuíram um pouco e o caminho se abriu. Então vi uma cerca e depois a casa, mal visível entre as árvores naquela luz fraca, tão úmidas e cobertas de limo eram as suas paredes. Transpondo um portal fechado apenas por um trinco, encontrei-me no meio de um terreno circundado pelas árvores, em forma de semicírculo. Não havia canteiros ou flores, apenas um largo caminho de cascalho cercado por um gramado e emoldurado pelo bosque. A fachada da casa tinha duas cumeeiras e janelas estreitas e envidraçadas. A porta da frente também era estreita, com um degrau. Como disse o estalajadeiro do “Brasão de Rochester”, parecia “um local bem desolado”. Tão quieto como uma igreja num dia de semana. Ao redor só se ouvia o monótono som da chuva na floresta.

– Haverá vida aqui? – perguntei-me.

Sim, havia alguma espécie de vida, pois ouvi um movimento... A estreita porta da frente estava se abrindo e um vulto se preparava para sair da granja. A porta foi aberta lentamente. Um homem sem chapéu saiu no crepúsculo e parou no degrau. Estendeu a mão à frente, para ver se chovia. Mesmo no escuro, eu o reconheci: era meu patrão, Edward Fairfax Rochester, e nenhum outro.

Estaquei de repente, quase sem respirar, e parei para observá-lo... Para examiná-lo, escondida e – ai de mim! – invisível para ele. Foi um encontro inesperado, em que a dor refreava com força a emoção. Não tive dificuldade em abafar uma exclamação, e conter meus passos para não correr ao seu encontro.

Seu corpo parecia tão forte e vigoroso como sempre. O porte ainda era ereto, o cabelo ainda negro e lustroso. As feições não pareciam alteradas ou abatidas. Nesse espaço de um ano, não houve tristeza que pudesse abalar sua energia de atleta ou destruir o seu vigor. Mas vi mudança em seu semblante: parecia desesperado e tenso, lembrando alguma besta ou pássaro selvagem que, ferido e

acorrentado, torna-se perigoso na sua furiosa desgraça. Uma águia aprisionada, cuja crueldade nos olhos dourados fora extinta – e podia bem se parecer com aquele cego Sansão.

Imagina o leitor que eu o temia na sua cega ferocidade? Se pensa assim é porque não me conhece. Minha tristeza era abençoada pela esperança de que logo pudesse depositar um beijo naquele rosto crispado e naqueles lábios tão cruelmente cerrados. Mas ainda não. Não devia me aproximar ainda.

Ele desceu o degrau e avançou lentamente, tateando, na direção do gramado. Onde estava agora o seu andar destemido? Parou, como se não soubesse para que lado seguir. Levantou a mão e abriu as pálpebras: dirigiu com esforço o seu olhar vazio para o céu e para o anfiteatro de árvores. Sentia-se que, para ele, tudo estava imerso em vazia escuridão. Estendeu a mão direita (o braço esquerdo, mutilado, estava escondido dentro do casaco, junto ao peito). Parecia querer formar, pelo toque, uma ideia do que estava ao seu redor. Mas só encontrava o vazio, pois as árvores estavam a alguns metros de distância. Desistiu do esforço, cruzou o braço e ficou quieto e mudo sob a chuva, que agora caía em bátegas sobre sua cabeça descoberta. Nesse momento John aproximou-se, vindo não sei de onde.

– Quer dar-me o braço, senhor? – disse. – Há um forte aguaceiro se aproximando: não é melhor entrar?

– Deixe-me só – foi a resposta.

John retirou-se sem perceber a minha presença. Mr. Rochester ainda tentava caminhar ao redor, inutilmente. Tudo era muito incerto. Tateou o caminho de volta até a casa, entrou e fechou a porta.

Então me aproximei e bati. A esposa de John abriu-me a porta.

– Mary – eu disse – como vai você?

Ela se espantou como se tivesse visto um fantasma. Acalmei-a. E à sua pergunta: “É mesmo a senhorita, numa hora tão tardia, neste lugar isolado?” respondi tomando-lhe a mão. Depois segui-a até a cozinha, onde John estava sentado junto a um belo fogo. Expliquei-lhes, em poucas palavras, que soubera de tudo que acontecera desde que deixara Thornfield, e que viera para ver Mr. Rochester. Pedi a John que fosse até o posto na estrada, onde dispensara a carruagem, e trouxesse a minha bagagem que ficara lá. E então, enquanto tirava o xale e o chapéu, perguntei a Mary se haveria acomodação para mim na casa para passar a noite. E quando soube que esse arranjo, embora difícil, não seria impossível, informei-lhe então que ficaria. Neste momento tocou a sineta na sala de estar.

– Quando for até lá – falei – diga ao seu patrão que uma pessoa deseja vê-lo, mas não diga o meu nome.

– Duvido que ele a receba – ela respondeu. – Recusa-se a ver qualquer pessoa.

Ao retornar, perguntei-lhe o que ele havia dito.

– Quer que diga o seu nome e o que deseja – ela respondeu.

Então encheu um copo com água, que colocou numa bandeja junto com um candeeiro.

– Foi para pedir isto que ele chamou? – perguntei.

– Sim. Sempre que escurece exige luz, embora esteja cego.

– Dê-me a bandeja. Eu mesma a levo.

Peguei-a e Mary indicou-me a porta da sala. A bandeja balançou enquanto eu a carregava, derramando a água. Meu coração batia alvoroçado. Mary abriu a porta para mim e fechou-a depois que passei.

A sala parecia triste. Um punhado de achas queimava na lareira, de modo descuidado. Inclinado sobre o fogo, a cabeça apoiada no alto e antiquado frontão da lareira, encontrava-se o cego ocupante da sala. Seu velho cão, Pilot, jazia num canto, fora do caminho e encolhido como se temesse ser inadvertidamente pisoteado. O cão levantou as orelhas quando entrei, então pulou e me cercou, latindo e ganindo. Quase derrubou a bandeja das minhas mãos. Coloquei-a na mesa, afaguei-o e disse suavemente “Deita, Pilot.” Mr. Rochester virou-se imediatamente para *ver* o que era aquela perturbação toda, mas como não *viu* nada, voltou-se e suspirou.

– Dê-me a água, Mary – ele disse.

Aproximei-me dele com o copo agora cheio apenas pela metade. Pilot me seguiu, ainda agitado.

– Qual é o problema? – ele perguntou.

– Deita, Pilot! – disse outra vez.

Mr. Rochester suspendeu o copo que levava aos lábios, e parou para ouvir. Bebeu e baixou o copo.

– É você, Mary, não é?

– Mary está na cozinha – respondi.

Ele esticou a mão num gesto rápido, mas sem saber onde eu estava, não me alcançou.

– Quem está aí? Quem está aí? – perguntou.

Parecia tentar enxergar com aqueles olhos cegos – tentativa inútil e dolorosa!

– Responda-me... Fale outra vez! – ordenou, em tom alto e imperioso.

– Quer mais um pouco de água, senhor? Derramei a metade do que estava no copo – eu disse.

– *Quem é? Quem é? Quem está falando?*

– Pilot me conhece. E John e Mary sabem que estou aqui. Cheguei apenas esta noite – respondi.

– Meu bom Deus! Estou tendo uma alucinação! Que doce loucura é essa que tomou conta de mim?

– Não é alucinação... nem loucura. A sua mente, senhor, é forte demais para delírios, e sua saúde boa demais para a loucura.

– E quem é que está falando? É apenas uma voz? Ah, *não posso* ver, mas preciso sentir, ou meu coração vai parar e minha mente explodirá. Seja o que for... seja quem for, permita que a toque ou não poderei mais viver!

Ele tateou o ar. Peguei sua mão e preendi-a entre as minhas.

– São os dedos dela! – ele gritou. – Seus dedos pequenos e delicados! Se for assim, deve haver mais do que suas mãos...

A mão musculosa libertou-se das minhas. Agarrou meu braço, apalpou-me o ombro... o pescoço... a cintura... Fui arrebatada e puxada para junto dele.

– Será você, Jane? O *que* é isso? Sei que o corpo, a estatura, são os mesmos dela...

– E a sua voz – acrescentei. – Ela está toda aqui: o coração também. Deus o abençoe, senhor! Estou feliz de estar tão perto do senhor outra vez.

– Jane Eyre!... Jane Eyre! – era tudo que ele dizia.

– Meu querido patrão – respondi. – Sou Jane Eyre. Consegui encontrá-lo... voltei para junto do senhor.

– De verdade? Em carne e osso? A minha própria Jane, viva?

– O senhor tocou-me... segurou-me – e bem firme. Não sou fria como um cadáver, ou vaporosa como o ar, sou?

– Minha querida, viva! Com certeza esses são os seus membros e os seus traços. Mas não posso receber tamanha bênção, depois de tanto sofrimento. Só pode ser um sonho, igual ao que tive uma noite, quando a estreitei novamente junto ao coração, como faço agora. E a beijei... assim... e senti que ela me amava, e acreditei que ela não me deixaria.

– O que não farei mais, senhor, a partir de hoje.

– Nunca me deixará, diz a visão? Mas eu sempre acordei e descobri que tudo foi uma zombaria vazia, e que continuava desolado e abandonado... A minha vida é escura, solitária, sem esperança... Minha alma sedenta proibida de beber, meu coração faminto sem alimento. Oh, sonho gentil e doce, que agora repousa nos meus braços. Sei que voará também, como um dia voaram todas as tuas irmãs. Mas beija-me, antes de partir... Abraça-me, Jane!

– Aqui está, senhor... Aqui está!

Pressionei meus lábios contra os seus olhos, outrora brilhantes e agora sem luz... Afastei seu cabelo da frente e beijei-a também. De repente, ele pareceu endireitar-se: a realidade o atingira.

– É você? É Jane? Voltou para mim, então?

– Voltei.

– Então não está morta, tragada pela corrente de algum riacho? Não é uma excluída, servindo a estranhos?

– Não senhor! Agora sou uma mulher independente.

– Independente! O que quer dizer, Jane?

– Meu tio que morava na Ilha da Madeira morreu, e me deixou cinco mil libras.

– Ah! Isso é prático... É real! – ele exclamou. – Nunca imaginaria uma coisa assim! Além do mais, há essa voz tão peculiar, tão animada e interessante, e também tão suave. Consola o meu fraco coração e enche-o de vida. Então, Janet! É uma mulher independente, agora? Uma mulher rica?

– Se não me deixar viver com o senhor, posso construir uma casa bem perto da sua porta. E o senhor pode vir sentar na minha sala de estar, quando desejar companhia.

– Mas, Jane, como agora é rica, sem dúvida deve ter amigos que se preocupem com você. E eles não aceitarão que você se dedique a um cego como eu...

– Disse-lhe que sou independente, senhor, tanto quanto rica. Sou dona de mim mesma.

– E ficará comigo?

– Certamente... a menos que se oponha. Serei sua vizinha, sua enfermeira, sua governanta. Encontrei-o sozinho. Serei sua companheira: para ler para o senhor, passear com o senhor, conversar com o senhor, cuidar do senhor. Serei seus olhos e suas mãos. Chega de ser tão triste, meu querido patrão. Enquanto eu viver, não ficará mais solitário.

Ele não respondeu. Parecia sério... pensativo. Suspirou, entreabriu os lábios como se fosse falar

e fechou-os novamente. Senti-me um pouco embaraçada. Talvez eu tivesse me apressado em pular as convenções sociais, e ele, como St. John, achara imprópria a minha conduta. Na verdade, fizera minha proposta pensando que ele quisesse e fosse pedir-me em casamento. Uma expectativa, não menos certa por não ter sido expressa, levara-me a acreditar que ele me queria para si. Mas não havia nenhum sinal disso no seu semblante, que se tornou sombrio. Lembrei-me, então, que talvez estivesse errada, bancando a tola sem juízo. E comecei, gentilmente, a libertar-me dos seus braços... Mas ele puxou-me de volta com ansiedade.

– Não, não, Jane... Não deve ir. Não! Eu a toquei, a ouvi, senti o conforto da sua presença... a doçura da sua consolação. Não posso desistir destas alegrias. Resta pouco de mim mesmo... preciso de você. O mundo pode rir, pode chamar-me de absurdo, de egoísta, mas isso não tem importância. A minha alma pede por você. E precisa ser satisfeita ou se vingará cruelmente no corpo que a abriga.

– Bem, senhor, eu ficarei. Já lhe disse isso.

– Sim, mas você entende uma coisa quando diz que quer ficar comigo, e eu entendo outra. Talvez você tenha se convencido a ser apenas meu guia e meu repouso... a cuidar de mim como uma enfermeirinha bondosa (pois tem um coração afetuoso e uma alma generosa, que a leva a fazer sacrifícios por aqueles de quem tem pena), e que isso sem dúvida deveria ser suficiente para mim. Imagino que agora só possa nutrir por você sentimentos paternais. É isso que pensa? Diga-me...

– Farei como desejar, senhor. Fico contente de ser apenas sua enfermeira, se achar melhor.

– Mas não pode ser minha enfermeira para sempre, Jane. Você é jovem, algum dia se casará.

– Não me importo com o casamento.

– Mas deve se importar, Jane. Se eu ainda fosse o mesmo de antes, tentaria fazer com que se importasse... mas... uma massa cega!

Recaiu na melancolia. Eu, ao contrário, tornei-me mais alegre e adquiri uma coragem nova. Estas últimas palavras me mostraram onde estava a dificuldade. E como não representava dificuldade para mim, senti-me bastante aliviada do meu prévio embaraço. Retomei a conversação com mais vivacidade.

– É hora de alguém se encarregar de reumanizá-lo – eu disse, afastando seus cachos revoltos – pois vejo que está se transformando num leão, ou algo desse tipo. Com certeza tem um *faux air* – falso ar – de Nabucodonosor. Seu cabelo me lembra as penas de uma águia. Só não pude ver ainda se as unhas estão crescidas como as garras de uma ave de rapina.

– Este braço não tem mão nem unhas – disse ele, tirando do peito o membro mutilado e mostrando-o. – É um simples coto, uma visão medonha! Não acha, Jane?

– É uma pena vê-lo. É uma pena também ver os seus olhos e essa cicatriz que o fogo deixou na sua testa. E o pior de tudo é o risco que se corre de amá-lo ainda mais por causa disso, e considerá-lo demais.

– Pensei que ficaria revoltada, Jane, quando visse o meu braço e a cicatriz no meu rosto.

– Pensou? Não me diga isso, para que eu não diga algo depreciativo sobre a sua capacidade de julgamento. Agora preciso deixá-lo um instante, para limpar a lareira e fazer um fogo melhor. Consegue perceber quando o fogo está bem aceso?

– Sim. Vejo um clarão com meu olho direito, uma névoa vermelha.

- E vê os candeeiros?
- Muito fracamente. Como uma nuvem luminosa.
- Consegue me ver?
- Não, minha fada. Mas já estou feliz só de ouvi-la e senti-la.
- A que horas costuma cear?
- Não ceio nunca.
- Mas tem que comer algo esta noite. Estou faminta, e tenho certeza que o senhor também está.

Só que se esquece de comer.

Chamei Mary, e juntas tornamos a sala mais acolhedora. Preparei-lhe também uma saborosa refeição. Eu estava animada e, com prazer e à vontade, conversei com ele durante a ceia, e por longo tempo ainda depois dela. Com ele não havia nenhum embaraço, nenhuma obrigação de moderar a vivacidade e a alegria. Com ele sentia-me perfeitamente à vontade, pois sabia que combinávamos. Tudo o que eu fazia ou dizia parecia animá-lo e consolá-lo. Deliciosa consciência! Trouxe vida e luz para todo o meu ser. Na sua presença eu vivia intensamente, assim como ele vivia na minha presença. Cego como estava, sorrisos brincavam-lhe na face, a alegria despontava em sua frente. Seus traços se suavizaram e se animaram.

Após a ceia ele começou a me fazer uma série de perguntas. Onde eu estivera, o que fizera, como o encontrara, mas eu lhe dei apenas respostas parciais. Estava muito tarde naquela noite para entrar em detalhes. Além disso, não pretendia tocar em nenhum nervo sensível, para não abrir um novo poço de mágoa no seu coração. Meu único objetivo no momento era animá-lo, e o conseguira, mas ele ainda não estava preparado. Se havia uma pausa na conversação, logo ficava ansioso, tocava-me e então dizia “Jane.”

– Você é realmente um ser humano, Jane? Tem certeza disso?

– Acredito sinceramente que sim, Mr. Rochester.

– E como conseguiu aparecer de repente na porta desta casa isolada, numa noite tão escura e triste? Estendi a mão para pegar um copo de água de uma criada e recebo-o de você. Fiz uma pergunta esperando que a esposa de John me respondesse, e ouvi a sua voz.

– Porque eu entrei com a bandeja, no lugar de Mary.

– E essa hora que estou passando com você me parece encantada. Ninguém sabe a vida triste, escura e sem esperanças que eu tenho vivido nos últimos meses! Sem fazer nada, sem esperar nada, mergulhado na escuridão em pleno dia. Sentindo frio quando deixo o fogo se extinguir, ou fome quando esqueço de comer. E então uma tristeza sem fim, e às vezes um delírio de desejo de estreitar novamente a minha Jane. Sim, ansiei por sua volta muito mais do que pela visão perdida. E como pode acontecer de Jane estar agora comigo e dizer que me ama? Será que não partirá tão de repente como chegou? Amanho, temo, não a encontrarei mais.

Naquele estado de espírito, eu estava certa que o melhor para acalmá-lo era uma resposta comum e prática, sem ligação com suas ideias perturbadas. Afaguei suas sobrancelhas e observei-lhe que estavam queimadas, e que iria passar alguma coisa que as fizesse crescer cheias e negras como eram antes.

– Qual é a vantagem de me fazer algum bem, espírito benfazejo, se logo me abandonará outra

vez, num momento fatal? Passará como uma sombra, sem que eu saiba como nem para onde, e se tornará para sempre inatingível para mim.

– Tem um pente de bolso, senhor?

– Para quê, Jane?

– Apenas para pentear essa juba desgrenhada. Acho sua aparência um tanto alarmante, quando o examino de perto. Diz que eu pareço uma fada, mas o senhor parece mais um duende.

– Sou horrível, Jane?

– Muito, senhor. E sempre foi, o senhor sabe disso.

– Hum! O atrevimento não a abandonou, não importa por onde tenha andado.

– Ainda assim, estive com pessoas muito boas, muito melhores que o senhor. Cem vezes melhores. Pessoas com ideias e objetivos que o senhor nunca acalentou na sua vida. Muito mais refinadas e cultas.

– Com quem diabos esteve?

– Se continuar se agitando desse modo, vou acabar arrancando-lhe os cabelos. E então creio que deixará de duvidar da minha materialidade...

– Com quem esteve, Jane?

– Esta noite o senhor não me arrancará essa história. Deve esperar até amanhã. Deixar minha história pela metade, o senhor sabe, é uma espécie de garantia de que vou aparecer na mesa do café da manhã para terminá-la. Por falar nisso, não pretendo aparecer apenas com um copo de água. Devo trazer um ovo frito, pelo menos, sem falar em presunto.

– Sua fadinha zombeteira...Nasceu fada e criou-se humana! Me faz sentir como não me sentia há doze meses. Se Saul contasse com você para Davi, teria exorcizado o espírito do mal sem a ajuda de uma harpa.

– Bem, senhor, já está penteado e animado. Agora vou deixá-lo. Estive viajando nos últimos três dias, e estou cansada. Boa-noite!

– Só uma coisa, Jane: havia apenas mulheres na casa onde esteve?

Ri e me retirei. Ainda ria enquanto subia as escadas. “Que boa ideia!” pensei, com alegria. “Acho que encontrei uma maneira de arrancá-lo de sua melancolia por um bom tempo.”

Bem cedo na manhã seguinte ouvi-o de pé e agitado, andando de um quarto para outro. Logo que Mary desceu ouvi-o perguntar:

– Miss Eyre está aqui?

E em seguida:

– Em que quarto a colocou? Estava aquecido? Ela já se levantou? Vá ver se ela precisa de alguma coisa e pergunte a que horas vai descer.

Desci tão logo adivinhei a perspectiva de um café da manhã. Entrei na sala sem ruído, e pude vê-lo antes que percebesse a minha presença. Fiquei abatida, realmente, ao testemunhar aquele espírito vigoroso subjogado a uma enfermidade física. Mr. Rochester estava sentado em sua poltrona, imóvel, mas inquieto. Esperava, era evidente, os traços marcados pela tristeza que agora lhe era habitual. Seu semblante me lembrava uma lâmpada apagada, esperando a hora de ser novamente acesa. E o pior, ai de

mim! – não estava mais em seu poder retomar sua vivacidade de expressão, dependia de outro para fazê-lo! Era minha intenção ser alegre e descuidada, mas a fraqueza daquele homem forte tocou-me o coração até o fundo. Ainda assim aproximei-me com toda a vivacidade que podia.

– Está uma manhã linda e ensolarada, senhor! – disse. – A chuva se foi e deixou um brilho suave. Deve dar um passeio sem demora.

Eu acendera a chama. Suas feições se iluminaram.

– Ah! Então está mesmo aqui, minha cotovia! Venha cá! Não foi-se embora, não desapareceu? Há uma hora ouvi uma outra da sua espécie cantando alto no bosque, mas o seu canto não tinha música para mim, como o sol nascente não tem raios. Toda a melodia do mundo está concentrada na voz da minha Jane ao meu ouvido (e fico contente que ela não seja do tipo silencioso). Toda a felicidade que posso sentir vem da sua presença.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir essa confissão de dependência – como se uma águia-real, acorrentada a um poleiro, tivesse que suplicar ajuda a um pardal. Mas eu não estava disposta a choradeiras. Limpei as gotas salgadas e me ocupei em preparar a refeição.

Passamos a maior parte da manhã ao ar livre. Levei-o para longe do bosque molhado e espesso, na direção de alguns belos prados. Descrevi-lhe o verde brilhante dos campos, o viço das flores e sebes, o azul ofuscante do céu. Procurei um recanto abrigado e adorável, e arranjei-lhe um lugar para sentar, no tronco seco de uma árvore. Nem recusei que ele, depois de sentado, me colocasse sobre os seus joelhos. Por que deveria, se eu e ele ficávamos mais felizes juntos do que separados? Pilot deitou-se ao nosso lado. Tudo estava silencioso. Ele rompeu o silêncio de repente, tomando-me nos braços.

– Sua desertora cruel! Cruel! Oh, Jane! O que senti quando percebi que tinha fugido de Thornfield, e que não podia achá-la em lugar algum! E quando revistei seus aposentos e vi que não tinha levado nenhum dinheiro, ou qualquer coisa de valor! O colar de pérolas que eu lhe dera estava intacto no seu estojo. Sua bagagem continuava trancada, como quando fora preparada para a viagem de núpcias. O que fará o meu amor, pensei, desprovida de tudo e sem dinheiro? E o que fez? Conte-me agora.

Instada por ele, comecei a narrar a experiência que vivera no último ano. Suavizei bastante o que se referia aos três dias em que vaguei sem destino, faminta, porque contar-lhe isso seria infligir-lhe uma dor desnecessária. O pouco que contei, no entanto, causou-lhe no coração uma dor mais profunda do que eu desejava.

Não devia tê-lo deixado assim, ele disse, sem nenhum recurso ao meu dispor. Devia ter-lhe contado a minha intenção, confiado nele. Jamais me obrigaria a ser sua amante. Mesmo parecendo violento em seu desespero, na verdade amava-me demais para se transformar em meu tirano. Preferia dar-me metade da sua fortuna – sem pedir mais que um beijo em retribuição – do que permitir que eu saísse por esse vasto mundo sem ter ninguém. Tinha certeza que eu sofrera muito mais do que lhe contara.

– Bem, quaisquer que tenham sido os meus sofrimentos, foram muito curtos – respondi.

E passei a contar-lhe como fora recebida em Moor House, como obtivera o cargo de professora. Prossegui com o relato do acesso à herança e a descoberta do meu parentesco. Naturalmente, o nome de St. John Rivers foi mencionado diversas vezes na minha história. Quando terminei, esse nome foi imediatamente lembrado.

– Então esse St. John é seu primo?

– Sim.

– Falou bastante sobre ele. Estima-o?

– É um homem muito bom, senhor. Não posso deixar de gostar dele.

– Um homem muito bom. Isso significa um respeitável e bem-comportado senhor de cinquenta anos? Ou é outra coisa?

– St. John tem apenas vinte e nove, senhor.

– *Jeune encore* – ainda jovem – como dizem os franceses. E será um homem baixo, fleumático, sem atrativos? Alguém cuja bondade consiste mais na ausência de vícios do que no talento para a virtude?

– Não. Ele é incansável e combativo. Deseja realizar coisas grandes e nobres na vida.

– E quanto à mente? Seria um pouco maçante? Seus propósitos são elevados, mas será que você não dava de ombros ao ouvi-lo falar?

– Ele fala pouco, senhor, e o que diz é sempre claro e objetivo. Tem um cérebro de primeira classe, não diria impressionante, mas vigoroso.

– É um homem talentoso, então?

– Verdadeiramente talentoso.

– Um homem bastante instruído?

– St. John é um completo erudito.

– Mas seus modos não lhe agradavam, foi o que disse? Meticulosos e próprios de um pastor?

– Eu não disse nada sobre os seus modos. Mas, a menos que eu tenha péssimo gosto, acho que seus modos me agradam. São polidos, calmos e próprios de um cavalheiro.

– E quanto à sua aparência – esqueci o que disse sobre a aparência dele... Era um tipo de padre, meio estrangulado pelo colarinho branco, e encarapitado numas botinas de sola grossa, não é?

– St. John se veste bem. É um homem bonito: alto, imponente, de olhos azuis e perfil grego.

(Para o lado) – O diabo que o carregue! (para mim) – E gostou dele, Jane?

– Sim, Mr. Rochester, gostei dele. Mas o senhor já me perguntou isso antes...

Eu percebia, é claro, a direção tomada pelo meu interlocutor. O ciúme se apoderara dele, picava-o. Mas a picada era salutar, concedia-lhe uma trégua no abatimento causado pela tristeza. Por isso não tratei de encantar a cobra tão cedo.

– Talvez prefira não continuar sentada nos meus joelhos, Miss Eyre? – foi a observação, um tanto inesperada, que se seguiu.

– Por que não, Mr. Rochester?

– O quadro que acabou de pintar sugere um contraste esmagador. Suas palavras delinearam belamente um gracioso Apolo, que está presente na sua imaginação... alto, belo, olhos azuis, perfil grego. E agora volta os olhos para um Vulcano – um verdadeiro ferreiro, moreno, de ombros largos. E que entra no negócio cego e coxo!

– Nunca pensei nisso antes, mas o senhor certamente se parece com Vulcano.

– Bem, madame, pode deixar-me. Mas antes de ir (e ele me apertou com mais firmeza que nunca), peço que me faça o obséquio de responder a uma ou duas perguntas.

Fez uma pausa.

– Quais perguntas, Mr. Rochester?

Então começou o interrogatório.

– St. John deu-lhe o cargo de professora antes de saber que era seu primo?

– Sim.

– Você o via com frequência? Ele ia à escola muitas vezes?

– Diariamente.

– E gostava das suas ideias, Jane? Sei que deviam ser inteligentes, pois você é uma criatura muito dotada!

– Gostava, sim.

– Descobriu em você muitas qualidades que não esperava encontrar? Você possui alguns dons que não são comuns.

– Isto eu não sei.

– Você disse que tinha um chalé perto da escola. Ele ia visitá-la?

– De vez em quando.

– À noite?

– Uma ou duas vezes.

Uma pausa.

– Quanto tempo viveu com ele e as irmãs depois que o parentesco foi descoberto?

– Cinco meses.

– E Rivers passava muito tempo com as mulheres da família?

– Sim, a sala íntima era o gabinete de estudos tanto dele quanto nosso. Ele sentava-se perto da janela e nós na mesa.

– Ele estudava muito?

– Bastante.

– O que estudava?

– Hindustâni.

– E o que você fazia, enquanto isso?

– Estudava alemão, no início.

– Ele a ensinava?

– St. John não sabe alemão.

– Não lhe ensinava nada, então?

– Um pouco de hindustâni.

– Rivers ensinava-lhe hindustâni?

– Sim, senhor.

– Para as irmãs também?

– Não.

– Só para você?

– Só para mim.

– Você pediu para aprender?

– Não.

– Foi ele quem quis lhe ensinar?

– Sim.

Outra pausa.

– Por que ele desejava isso? Que uso teria o hindustâni para você?

– Ele pretendia me levar com ele para a Índia.

– Ah! Então chegamos ao cerne da questão. St. John queria que se casasse com ele?

– Sim, pediu-me para casar com ele.

– Isso é uma invenção... uma conversa fiada só para me irritar.

– Desculpe, mas é a verdade. Pediu-me mais de uma vez, e foi tão insistente nesse ponto quanto o senhor mesmo seria.

– Miss Eyre, eu repito: está livre para me deixar. Quantas vezes preciso dizer-lhe a mesma coisa? Por que continua sentada no meu joelho com tanta pertinácia, se eu já lhe pedi que saísse?

– Porque estou confortável aqui.

– Não, Jane, não está confortável porque seu coração não está comigo: está com esse seu primo... esse tal de St. John. Oh! E eu que até esse momento pensei que a minha pequena Jane fosse apenas minha! Acreditava que ela me amava, mesmo quando me deixou, e isso sempre foi um átomo de doçura no meu amargor. Por mais que estivéssemos separados, por mais pungentes que fossem as lágrimas que chorei pela nossa separação, nunca pensei que enquanto chorava a sua perda ela estava amando outro! Mas é inútil lamentar! Jane, deixe-me: vá embora e case-se com Rivers.

– Então expulse-me, senhor, empurre-me para longe, pois pela minha vontade não o deixarei.

– Jane, sempre gostei do seu tom de voz: ainda me renova as esperanças, me soa verdadeiro. Quando a ouço, sinto-me transportado para um ano atrás. Esqueço que formou um novo laço. Mas não sou um tolo... vá...

– Para onde devo ir, senhor?

– Siga seu próprio caminho... com o marido que escolheu.

– E quem é ele?

– Você sabe... esse tal de St. John Rivers.

– Ele não é meu marido, e nunca será. Não me ama. Eu não o amo. Ele ama (da forma que *pode* amar, que não é a mesma sua) uma bela jovem chamada Rosamond. Quis casar comigo apenas porque achou que eu seria uma boa esposa de missionário, o que não acontecia com Rosamond. Ele é um homem extraordinário e bondoso, mas severo. E, no que me diz respeito, frio como um bloco de gelo. Não é como o senhor. Não sou feliz ao lado dele, nem perto dele, nem com ele. St. John não tem indulgência

para comigo, não me tem afeição. Não vê nenhum atrativo em mim... nem mesmo a juventude. Vê apenas algumas qualidades mentais úteis. Então? Acha que devo deixá-lo, senhor, e ir para junto dele?

Estremeci involuntariamente, e aconcheguei-me ainda mais àquele homem cego, mas amado: meu patrão. Ele sorriu.

– É verdade isso, Jane? Então é assim que estão as coisas entre você e Rivers?

– Exatamente, senhor! Não precisa ficar com ciúmes! Queria espicaçá-lo um pouco para que não ficasse tão triste. Achei que a raiva seria melhor que a tristeza. Mas se deseja que o ame, e se pudesse ver o quanto eu *de fato* o amo, ficaria orgulhoso e contente. Meu coração é seu por inteiro, pertence ao senhor. E com o senhor ficará, mesmo que o destino afaste o resto do meu ser da sua presença pelo resto da vida.

E de novo, enquanto me beijava, ele voltou a ter pensamentos sombrios, que lhe anuviaram o semblante.

– Minha vista perdida! Minha força debilitada! – murmurou, lamentando-se.

Acariciei-o, para consolá-lo. Sabia o que ele estava pensando, e queria falar por ele, mas não ousava. Quando virou o rosto por um momento, vi uma lágrima rolar por debaixo das pálpebras cerradas e escorrer pelo rosto viril. Meu coração se comoveu.

– Não sou melhor que aquela antiga nogueira atingida por um raio no pomar de Thornfield – observou pouco depois. – E que direito teria uma ruína como eu de cobrir sua decadência com o frescor da hera florescente?

– O senhor não é uma ruína, nem uma árvore atingida por um raio. É verdejante e vigoroso. As plantas crescerão junto das suas raízes, queira o senhor ou não, porque apreciam a sua sombra generosa. E quando crescerem se inclinarão para o senhor, porque a sua força lhes oferece um abrigo seguro.

Mr. Rochester sorriu outra vez. Eu o confortara.

– Está falando de amigos, Jane? – perguntou.

– Sim, de amigos – respondi, um tanto hesitante.

Pretendia dizer mais do que isso, mas não sabia que outra palavra empregar. Ele veio em meu auxílio:

– Ah, Jane! Mas eu preciso de uma esposa.

– Precisa, senhor?

– Sim. Isto é novidade para você?

– Naturalmente. Não me disse nada sobre isso antes.

– É uma notícia desagradável?

– Depende das circunstâncias, senhor... da esposa que escolher.

– Você pode escolher para mim, Jane. Obedecerei à sua decisão.

– Então, senhor, deve escolher... *aquela que o ama mais*.

– Eu escolherei... *aquela que eu amo mais*. Jane, quer casar-se comigo?

– Sim, senhor.

– Aceita casar-se com um pobre homem cego, a quem deverá conduzir pela mão?

– Sim, senhor.

– Um aleijado, vinte anos mais velho que você, de quem terá que cuidar?

– Sim, senhor.

– De verdade, Jane?

– Verdade absoluta, senhor.

– Oh, minha querida! Que Deus a abençoe e recompense!

– Mr. Rochester, se algum dia já fiz uma boa ação, se já tive um pensamento bom, se já rezei uma oração sincera e sem culpa, se já desejei alguma coisa justa, agora estou sendo recompensada. Ser sua esposa, para mim, significa ser tão feliz quanto eu possa ser neste mundo!

– Porque você gosta do sacrifício.

– Sacrifício! O que estou sacrificando? A fome pelo alimento. A esperança pela satisfação. Ter o privilégio de abraçar aquilo que estimo, beijar aquele a quem amo, me apoiar em quem confio. Isto é fazer um sacrifício? Se é assim, então realmente gosto do sacrifício.

– Terá que suportar a minha enfermidade, Jane. Terá que relevar as minhas deficiências.

– Que para mim não existem, senhor. Amo-o mais agora que lhe posso realmente ser útil, do que antes, quando era orgulhoso e independente. Quando desdenhava qualquer papel que não fosse o de protetor e provedor.

– Até hoje eu odiava ser ajudado... ser conduzido. De agora em diante sinto que não odiarei mais. Não gosto de dar a mão a um criado, mas é agradável senti-la junto aos delicados dedos de Jane. Preferia ficar sozinho do que ter a constante atenção dos criados, mas a doce atenção da minha Jane será uma alegria perene. Jane me convém, mas será que sou conveniente para ela?

– Até a última fibra do meu ser, senhor.

– Se é assim, então não temos nenhum motivo neste mundo para esperar: devemos nos casar imediatamente.

Mr. Rochester olhava e falava com seriedade. Sua antiga impetuosidade estava voltando.

– Devemos nos tornar uma só pessoa sem demora, Jane. Assim que conseguir a licença, nos casaremos!

– Mr. Rochester, acabei de descobrir que o sol já está declinando no horizonte. E Pilot, de fato, foi para casa em busca do jantar. Deixe-me ver o seu relógio.

– Coloque-o na sua cintura, Jane, e fique com ele daqui para a frente. Não me serve para nada.

– São quase quatro horas da tarde, senhor. Não está com fome?

– De hoje a três dias será o nosso casamento, Jane. Agora não importam roupas finas nem joias, tudo isso não vale nada.

– O sol secou toda a chuva, senhor, e o vento parou. Está bastante quente.

– Sabia, Jane, que carrego o seu pequeno colar de pérolas comigo junto ao pescoço, embaixo da gravata? Uso-o desde que perdi o meu único tesouro, como uma lembrança...

– Vamos para casa pelo bosque. Tem mais sombra.

Ele prosseguiu nos seus pensamentos, sem me dar atenção.

– Jane, creio que me considera um cão ateu. Mas agora, neste mesmo momento, meu coração se enche de gratidão pelo Deus benevolente que reina sobre a terra. Deus não vê como os homens, mas com muito mais clareza. Não julga como os homens, mas com muito mais sabedoria. Eu errei. Maculei a inocência da minha flor, manchei de culpa a sua pureza, e o Onipotente arrebatou-a de mim. Eu, na minha teimosia, quase amaldiçoei essa provação. Em vez de acatar a Sua vontade, desafiei-a. A Justiça Divina seguiu seu curso e a desgraça me atingiu com toda a força. Fui forçado a passar pelo vale das sombras da morte. O castigo de Deus é poderoso, e aquele que me atingiu tornou-me humilde para sempre. Você sabe como sempre me orgulhei da minha força. Mas o que é feito dela agora, quando preciso ser guiado pelos outros, como uma criança? Ultimamente, Jane – e só ultimamente – comecei a tomar consciência da mão de Deus no meu sofrimento. Comecei a sentir remorso e arrependimento, e o desejo de me reconciliar com o meu Criador. Comecei a rezar, algumas vezes. Orações muito breves, mas sinceras.

– Há alguns dias – espere, lembro-me bem, foi há quatro dias, na segunda-feira passada, à noite – fui tomado por uma estranha emoção. O pesar substituíra a fúria, a dor tomara o lugar da inquietação. Desde muito que eu achava que, se não conseguira encontrá-la, é porque devia estar morta. Muito tarde naquela noite – devia ser entre onze horas e meia-noite – quando me retirei para o meu triste repouso, supliquei a Deus que, se fosse a Sua vontade, me levasse logo desta vida para o outro mundo, onde ainda havia esperança de reencontrar a minha Jane.

– Estava no meu quarto, sentado junto à janela aberta. Me agradava sentir o bálsamo do ar noturno, embora não pudesse ver as estrelas e só soubesse da presença da lua por uma vaga neblina luminosa. Ansiei por você, Jane. Oh! Ansiei pela sua presença, em corpo e alma! Perguntei a Deus, ac mesmo tempo angustiado e humilde, se já não sofrera o bastante, assim aflito, desolado e atormentado, e se não poderia tão cedo experimentar a felicidade e a paz uma vez mais. Que eu merecia tudo o que sofria, já o sabia. Queixei-me de que já não podia aguentar mais. E os desejos encobertos no fundo do meu coração fizeram irromper involuntariamente dos meus lábios estas palavras: Jane! Jane! Jane!

– O senhor gritou estas palavras em voz alta? – perguntei.

– Gritei, Jane. Se alguém me ouvisse, pensaria que eu estava louco, pois pronunciei as palavras com uma energia desesperada.

– E foi na última segunda-feira, perto da meia-noite?

– Sim, mas não importa quando foi. O mais estranho foi o que se seguiu. Você irá pensar que sou supersticioso: a superstição está no meu sangue, sempre esteve... Mas o que lhe digo é verdade. Pelo menos foi verdade para mim, o que agora vou contar. Quando exclamei “Jane! Jane! Jane!” uma voz – que eu não sei de onde veio, mas sei de quem era – respondeu: “Estou indo! Espere por mim!”. E um momento depois o vento sussurrou estas palavras: “Onde está você?”

– Vou lhe dizer, se puder, o efeito que essas palavras causaram em minha mente. Ainda assim é difícil expressar o que quero dizer. Ferndean, como você vê, está encravada dentro de um denso bosque, onde o som chega amortecido e não existe eco. “Onde está você?” me pareceu vir das montanhas, pois ouvi as montanhas ecoarem as palavras. Naquele momento meu rosto foi atingido pelo vento frio, e pude imaginar que eu e Jane estávamos nos encontrando em algum lugar ermo e solitário. Acredito que nos encontramos em espírito. Sem dúvida, a essa hora você devia estar dormindo, inconsciente. Talvez a sua alma tenha se desprendido do corpo para confortar a minha. Pois as palavras que ouvi, Jane, eram suas – tão certo como eu estou vivo – era a sua voz!

Leitor, fora na noite de segunda-feira, perto da meia-noite, que eu recebera também o misterioso

chamado. Aquelas eram as palavras exatas com que eu respondera a ele. Ouvi a narrativa de Mr. Rochester, mas não lhe revelei nada. A coincidência me abalara, e era inexplicável e terrível demais para ser exposta ou discutida. Se contasse a alguém, minha história seria tal que com certeza causaria uma impressão profunda em quem a ouvisse. E a mente de Mr. Rochester, cujos sofrimentos já lhe traziam tanta tristeza, não necessitava da sombra profunda do sobrenatural. Guardei aquilo para mim, no meu coração, para meditar.

– Você não pode se admirar de que – continuou ele – ao surgir de repente diante de mim na noite passada, eu tivesse dificuldade de acreditar que se tratava de algo mais que uma voz ou uma visão. Algo que se diluiria no ar, como antes o sussurro do vento e o eco da montanha também se haviam dispersado. Agora, agradeço a Deus! Sei que representava outra coisa. Sim, agradeço a Deus!

Desceu-me dos seus joelhos, levantou-se e, tirando o chapéu com reverência e baixando os olhos cegos para o chão, quedou-se numa prece muda. Só ouvi as últimas palavras da sua oração.

– Agradeço a Deus que, no meio do seu julgamento, lembrou-se da piedade. Peço humildemente ao meu Redentor que me dê forças para levar daqui para a frente uma vida mais pura do que a que tenho levado!

Então estendeu a mão para que eu o guiasse. Tomei aquela mão querida, levei-a aos lábios por um momento, depois passei-a pelos meus ombros. Sendo bem mais baixa do que ele, servia-lhe ao mesmo tempo de apoio e de guia. Entramos no bosque, a caminho da casa.

CAPÍTULO 38 - FINAL

Casei-me com ele, leitor. Tivemos um casamento tranquilo: apenas eu, ele, o padre e o ajudante. Quando voltamos da igreja fui até a cozinha da casa, onde Mary estava preparando o jantar e John polindo os talheres. Disse:

– Mary, casei-me com Mr. Rochester esta manhã.

A cozinheira e o marido eram ambos daquele tipo de gente decente e fleumática, a quem a qualquer momento se pode comunicar com segurança um acontecimento notável, sem o risco de ter os ouvidos feridos por alguma exclamação estridente, e em seguida aturdidos por uma torrente de palavras de espanto. Mary levantou os olhos e fitou-me. A concha com que untava um par de frangos que assavam, ficou suspensa no ar por uns três minutos. E, pelo mesmo espaço de tempo, as facas de John viram-se livres do processo de limpeza. Mas Mary, inclinando-se de novo sobre o assado, disse apenas:

– Casou-se, senhorita? Bem... por certo!

Pouco depois, ela continuou:

– Vi que a senhorita saiu com o patrão, mas não sabia que iam para a igreja se casar – e terminou de untar o frango.

Quando olhei para John ele tinha um sorriso de orelha a orelha.

– Eu disse para Mary que isso ia acontecer – ele disse. – Eu sabia que Mr. Edward (John era um antigo criado da casa, e conhecia seu patrão desde que ele era o caçula da família, por isso muitas vezes o chamava pelo nome de batismo), eu sabia que Mr. Edward ia fazer isto mesmo, e sabia que ele não ia demorar muito. E ele fez o certo, fez muito bem! Desejo-lhe felicidades, senhorita! – e ele polidamente tirou o barrete.

– Obrigada, John. Mr. Rochester mandou que eu desse isto a você e Mary.

Coloquei-lhe na mão uma nota de cinco libras. Não esperei para ouvir mais e deixei a cozinha. Passando, pouco depois, pela porta daquele santuário, ouvi estas palavras:

– Ela vai dar mais certo com ele do que qualquer uma dessas grã-finas. Se não é muito bonita, pelo menos é fiel e tem bom coração. E parece que ele acha ela bem bonita, a gente nota isso.

Escrevi para Moor House e para Cambridge imediatamente, contando o que fizera. Expliquei também, em detalhes, porque agira dessa maneira. Diana e Mary aprovaram a minha atitude sem reservas. Diana informou que me daria apenas tempo para a lua de mel, e logo depois viria me visitar.

– É melhor que ela não espere esse tempo todo, Jane – disse Mr. Rochester, quando li a carta para ele. – Se esperar, será tarde demais, pois nossa lua de mel há de durar a vida toda. O seu fulgor só vai se extinguir sobre o seu túmulo ou o meu.

Como St. John recebeu a notícia, não sei dizer. Nunca respondeu à carta em que lhe mandei a comunicação. Mas seis meses depois escreveu-me, sem, contudo, mencionar o nome de Mr. Rochester ou aludir ao meu casamento. Sua carta era tranquila e, embora séria, bastante afetuosa. Desde então mantivemos uma correspondência regular, ainda que espaçada. Ele esperava que eu fosse feliz, e confiava que eu não me tornaria uma daquelas pessoas que vivem sem Deus neste mundo, pensando só nas coisas terrenas.

Não esqueceu da pequena Adele, esqueceu, leitor? Eu não esqueci. Logo obtive permissão de Mr. Rochester para visitá-la na escola em que a colocara. Fiquei muito emocionada com a sua enorme alegria em me ver outra vez. Adele parecia pálida e magra. Disse que não era feliz. Eu achei as regras do estabelecimento muito severas, e o curso dos estudos rígido demais para uma criança da sua idade. Levei-a comigo para casa. Tencionava tornar-me outra vez sua governanta, mas logo vi que era impraticável. Todo o meu tempo e cuidados eram agora dedicados a outra pessoa... meu marido precisava deles. Então procurei uma escola com um sistema mais indulgente, e perto o bastante para que pudesse visitá-la com frequência, e trazê-la para casa às vezes. Tomei cuidado para que nunca lhe faltasse nada que pudesse contribuir para o seu conforto. Ela logo se acostumou no novo local, ficou bastante feliz e fez grandes progressos nos estudos. À medida que crescia, a saudável educação inglesa ia corrigindo muitos dos defeitos franceses. E quando deixou a escola, encontrei nela uma companheira agradável e devotada: dócil, de bom temperamento e bons princípios. Desde então pagou-me com agradecida atenção a mim e aos meus, o pouco de bondade que me foi dado lhe oferecer.

Meu conto chega ao seu fim. Uma palavra apenas sobre a minha experiência de matrimônio, um breve olhar sobre a sorte daqueles cujos nomes apareceram com mais frequência nesta narrativa – e chegarei ao fim.

Agora estou casada há dez anos. Sei o que é viver inteiramente para e com aquilo que mais amo no mundo. Considero-me abençoada – muito mais do que as palavras podem exprimir, pois sou a vida do meu marido tanto quanto ele é a minha. Nenhuma mulher jamais foi sua companheira tanto quanto eu sou: nem se tornou mais carne da sua carne, ou sangue do seu sangue. Não me canso da companhia do meu Edward, nem ele da minha. Nossos corações, embora batam em peitos separados, são um só – por isso estamos sempre juntos. Estar juntos, para nós, é estar ao mesmo tempo tão livres como em solidão, e tão alegres como em companhia. Conversamos o dia inteiro, eu creio. Conversar um com o outro é como pensar de modo mais animado e audível. Deposito completa confiança nele e a confiança dele repousa toda em mim. Nossas mentes se completam – e o resultado é um acordo perfeito.

Mr. Rochester continuou cego nos dois primeiros anos da nossa união. Talvez tenha sido esta circunstância que nos tornou tão unidos, que nos aproximou tanto. Eu era sua visão, assim como ainda sou sua mão direita. Literalmente, eu era (como ele costumava me chamar) a menina dos seus olhos. Ele via a natureza e lia livros através de mim. E eu nunca me cansei de observar por ele, de pôr em palavras o colorido dos campos, das árvores, das cidades, dos rios, das nuvens, dos raios de sol – da paisagem diante de nós, ou da atmosfera que nos rodeava - imprimindo-lhe ao ouvido o que a visão não podia estampar. Nunca me cansei de ler para ele, nem de conduzi-lo para onde desejasse ir, ou de fazer por ele o que me pedisse. E, embora fosse triste algumas vezes, havia nessas tarefas um prazer completo e delicado, porque ele as pedia sem nenhum doloroso constrangimento ou humilhação. Amava-me com tanta sinceridade, que não relutava em desfrutar da minha solicitude. E sentia que eu também o amava com tanta ternura, que descuidar dessa dedicação era deixar de atender aos meus mais doces desejos.

Uma manhã, ao final de dois anos, enquanto eu escrevia uma carta que ele ditava, Mr. Rochester inclinou-se sobre mim e disse:

– Jane, está com um adorno brilhante em volta do pescoço?

Era a corrente de ouro do relógio que eu usava. Respondi:

– Estou.

– E está com um vestido azul claro?

Estava. Ele então me disse que havia algum tempo achava que a névoa que cobria um dos seus olhos ia se tornando menos densa. E que agora tinha certeza disso.

Fomos para Londres, onde ele consultou um eminente oculista. Com o tempo recuperou a visão de um dos olhos. Ainda não consegue ver perfeitamente, não pode ler ou escrever muito, mas pode achar o caminho sem ser levado pela mão. O céu não é mais um vácuo para ele, a terra não é mais um vazio. Quando seu primogênito foi colocado em seus braços, pôde ver que o menino herdara os seus olhos, como eram antigamente: grandes, brilhantes e negros. Nesta ocasião, ele reconheceu outra vez, com o coração emocionado, que Deus fora misericordioso no seu julgamento.

Meu Edward e eu somos muito felizes. E mais ainda, porque aqueles a quem amamos são felizes também. Diana e Mary Rivers estão ambas casadas, e alternadamente, uma a cada ano, vêm nos visitar. Nós também as visitamos. O marido de Diana é um capitão da marinha, um oficial corajoso e um bom homem. O de Mary é um clérigo, amigo de colégio do seu irmão e, por suas qualidades e seus princípios, merecedor dessa união. Tanto o Capitão Fitzjames como Mr. Wharton amam suas esposas, e são amados por elas.

Quanto a St. John Rivers, deixou a Inglaterra e foi para a Índia. Seguiu o caminho que havia escolhido para si, e ainda segue. Nunca um pioneiro mais resoluto e infatigável varou aquelas montanhas e afrontou aqueles perigos. Firme, devotado, fiel, cheio de energia, zeloso e verdadeiro, trabalhou em prol da sua espécie; clareou para ela o doloroso caminho do aperfeiçoamento; combateu como um gigante os preconceitos de credo e de casta que a esmagam. Pode ser severo, rígido, e mesmo ambicioso. Mas a sua severidade é a de um guerreiro do Grande-Coração, que guarda a caravana dos peregrinos do ataque de Apollyon. Ele é o retrato do apóstolo, que fala apenas em nome de Cristo, quando diz: “Aquele que quiser vir comigo, que negue a si próprio, tome a sua cruz e siga-me”. A sua ambição é a dos espíritos elevados, que desejam ocupar um lugar nas primeiras fileiras daqueles que foram redimidos da terra... e que se perfilam imaculados perante o trono de Deus. Aqueles que partilham as poderosas vitórias do Cordeiro, que são os chamados, os escolhidos, os crentes.

St. John não se casou, e nunca mais se casará. Até agora ele bastou para a tarefa, e esta tarefa está perto do fim: seu glorioso sol precipita-se para o ocaso. A última carta que recebi dele trouxe lágrimas humanas aos meus olhos, embora enchesse de alegria divina o meu coração. Ele predizia a sua recompensa divina, sua coroa incorruptível. Sei que a próxima carta virá de uma mão estranha, para me comunicar que o bom e fiel servo foi chamado afinal para junto do seu Senhor. E por que chorar por isso? Nenhum temor da morte perturbará a derradeira hora de St. John na terra. Sua mente estará clara, seu coração destemido, sua esperança confiante, sua fé inabalável. Suas próprias palavras contêm essa promessa:

“Meu Mestre me preveniu”, diz ele. “A cada dia Ele anuncia com mais clareza: ‘Não me demorarei!’ e a cada hora eu lhe respondo com mais ansiedade: ‘Amém! Assim seja, Senhor Jesus!’ ”.

FINIS

JANE EYRE

AN AUTOBIOGRAPHY

PREFACE

A preface to the first edition of "Jane Eyre" being unnecessary, I gave none: this second edition demands a few words both of acknowledgment and miscellaneous remark.

My thanks are due in three quarters.

To the Public, for the indulgent ear it has inclined to a plain tale with few pretensions.

To the Press, for the fair field its honest suffrage has opened to an obscure aspirant.

To my Publishers, for the aid their tact, their energy, their practical sense and frank liberality have afforded an unknown and unrecommended Author.

The Press and the Public are but vague personifications for me, and I must thank them in vague terms; but my Publishers are definite: so are certain generous critics who have encouraged me as only large-hearted and high-minded men know how to encourage a struggling stranger; to them, i.e., to my Publishers and the select Reviewers, I say cordially, Gentlemen, I thank you from my heart.

Having thus acknowledged what I owe those who have aided and approved me, I turn to another class; a small one, so far as I know, but not, therefore, to be overlooked. I mean the timorous or carping few who doubt the tendency of such books as "Jane Eyre:" in whose eyes whatever is unusual is wrong; whose ears detect in each protest against bigotry -- that parent of crime -- an insult to piety, that regent of God on earth. I would suggest to such doubters certain obvious distinctions; I would remind them of certain simple truths.

Conventionality is not morality. Self-righteousness is not religion. To attack the first is not to assail the last. To pluck the mask from the face of the Pharisee, is not to lift an impious hand to the Crown of Thorns.

These things and deeds are diametrically opposed: they are as distinct as is vice from virtue. Men too often confound them: they should not be confounded: appearance should not be mistaken for truth; narrow human doctrines, that only tend to elate and magnify a few, should not be substituted for the world-redeeming creed of Christ. There is -- I repeat it -- a difference; and it is a good, and not a bad action to mark broadly and clearly the line of separation between them.

The world may not like to see these ideas dissevered, for it has been accustomed to blend them; finding it convenient to make external show pass for sterling worth -- to let white-washed walls vouch for clean shrines. It may hate him who dares to scrutinise and expose -- to rase the gilding, and show base metal under it -- to penetrate the sepulchre, and reveal charnel relics: but hate as it will, it is indebted to him.

Ahab did not like Micaiah, because he never prophesied good concerning him, but evil; probably he liked the sycophant son of Chenaannah better; yet might Ahab have escaped a bloody death, had he but stopped his ears to flattery, and opened them to faithful counsel.

There is a man in our own days whose words are not framed to tickle delicate ears: who, to my thinking, comes before the great ones of society, much as the son of Imlah came before the throned Kings of Judah and Israel; and who speaks truth as deep, with a power as prophet-like and as vital -- a mien as dauntless and as daring. Is the satirist of "Vanity Fair" admired in high places? I cannot tell; but I think it some of those amongst whom he hurls the Greek fire of his sarcasm, and over whom he flashes the levin-

brand of his denunciation, were to take his warnings in time -- they or their seed might yet escape a fatal Rimoth-Gilead.

Why have I alluded to this man? I have alluded to him, Reader, because I think I see in him an intellect profounder and more unique than his contemporaries have yet recognised; because I regard him as the first social regenerator of the day -- as the very master of that working corps who would restore to rectitude the warped system of things; because I think no commentator on his writings has yet found the comparison that suits him, the terms which rightly characterise his talent. They say he is like Fielding: they talk of his wit, humour, comic powers. He resembles Fielding as an eagle does a vulture: Fielding could stoop on carrion, but Thackeray never does. His wit is bright, his humour attractive, but both bear the same relation to his serious genius that the mere lambent sheet-lightning playing under the edge of the summer-cloud does to the electric death-spark hid in its womb. Finally, I have alluded to Mr. Thackeray, because to him -- if he will accept the tribute of a total stranger -- I have dedicated this second edition of "JANE EYRE."

CURRER BELL.

December 21st, 1847.

NOTE TO THE THIRD EDITION

I avail myself of the opportunity which a third edition of "Jane Eyre" affords me, of again addressing a word to the Public, to explain that my claim to the title of novelist rests on this one work alone. If, therefore, the authorship of other works of fiction has been attributed to me, an honour is awarded where it is not merited; and consequently, denied where it is justly due.

This explanation will serve to rectify mistakes which may already have been made, and to prevent future errors.

CURRER BELL.

April 13th, 1848.

CHAPTER I

There was no possibility of taking a walk that day. We had been wandering, indeed, in the leafless shrubbery an hour in the morning; but since dinner (Mrs. Reed, when there was no company, dined early) the cold winter wind had brought with it clouds so sombre, and a rain so penetrating, that further out-door exercise was now out of the question.

I was glad of it: I never liked long walks, especially on chilly afternoons: dreadful to me was the coming home in the raw twilight, with nipped fingers and toes, and a heart saddened by the chidings of Bessie, the nurse, and humbled by the consciousness of my physical inferiority to Eliza, John, and Georgiana Reed.

The said Eliza, John, and Georgiana were now clustered round their mama in the drawing-room: she lay reclined on a sofa by the fireside, and with her darlings about her (for the time neither quarrelling nor crying) looked perfectly happy. Me, she had dispensed from joining the group; saying, "She regretted to be under the necessity of keeping me at a distance; but that until she heard from Bessie, and could discover by her own observation, that I was endeavouring in good earnest to acquire a more sociable and childlike disposition, a more attractive and sprightly manner -- something lighter, franker, more natural, as it were -- she really must exclude me from privileges intended only for contented, happy, little children."

"What does Bessie say I have done?" I asked.

"Jane, I don't like cavillers or questioners; besides, there is something truly forbidding in a child taking up her elders in that manner. Be seated somewhere; and until you can speak pleasantly, remain silent."

A breakfast-room adjoined the drawing-room, I slipped in there. It contained a bookcase: I soon possessed myself of a volume, taking care that it should be one stored with pictures. I mounted into the window-seat: gathering up my feet, I sat cross-legged, like a Turk; and, having drawn the red moreen curtain nearly close, I was shrined in double retirement.

Folds of scarlet drapery shut in my view to the right hand; to the left were the clear panes of glass, protecting, but not separating me from the drear November day. At intervals, while turning over the leaves of my book, I studied the aspect of that winter afternoon. Afar, it offered a pale blank of mist and cloud; near a scene of wet lawn and storm-beat shrub, with ceaseless rain sweeping away wildly before a long and lamentable blast.

I returned to my book -- Bewick's History of British Birds: the letterpress thereof I cared little for, generally speaking; and yet there were certain introductory pages that, child as I was, I could not pass quite as a blank. They were those which treat of the haunts of sea-fowl; of "the solitary rocks and promontories" by them only inhabited; of the coast of Norway, studded with isles from its southern extremity, the Lindeness, or Naze, to the North Cape -

*"Where the Northern Ocean, in vast whirls,
Boils round the naked, melancholy isles
Of farthest Thule; and the Atlantic surge
Pours in among the stormy Hebrides."*

Nor could I pass unnoticed the suggestion of the bleak shores of Lapland, Siberia, Spitzbergen Nova Zembla, Iceland, Greenland, with "the vast sweep of the Arctic Zone, and those forlorn regions of dreary space, -- that reservoir of frost and snow, where firm fields of ice, the accumulation of centuries of winters, glazed in Alpine heights above heights, surround the pole, and concentrate the multiplied rigours of extreme cold." Of these death-white realms I formed an idea of my own: shadowy, like all the half-comprehended notions that float dim through children's brains, but strangely impressive. The words in these introductory pages connected themselves with the succeeding vignettes, and gave significance to the rock standing up alone in a sea of billow and spray; to the broken boat stranded on a desolate coast; to the cold and ghastly moon glancing through bars of cloud at a wreck just sinking.

I cannot tell what sentiment haunted the quite solitary churchyard, with its inscribed headstone; its gate, its two trees, its low horizon, girdled by a broken wall, and its newly-risen crescent, attesting the hour of eventide.

The two ships becalmed on a torpid sea, I believed to be marine phantoms.

The fiend pinning down the thief's pack behind him, I passed over quickly: it was an object of terror.

So was the black horned thing seated aloof on a rock, surveying a distant crowd surrounding a gallows.

Each picture told a story; mysterious often to my undeveloped understanding and imperfect feelings, yet ever profoundly interesting: as interesting as the tales Bessie sometimes narrated on winter evenings, when she chanced to be in good humour; and when, having brought her ironing-table to the nursery hearth, she allowed us to sit about it, and while she got up Mrs. Reed's lace frills, and crimped her nightcap borders, fed our eager attention with passages of love and adventure taken from old fairy tales and other ballads; or (as at a later period I discovered) from the pages of Pamela, and Henry, Earl of Moreland.

With Bewick on my knee, I was then happy: happy at least in my way. I feared nothing but interruption, and that came too soon. The breakfast-room door opened.

"Boh! Madam Mope!" cried the voice of John Reed; then he paused: he found the room apparently empty.

"Where the dickens is she!" he continued. "Lizzy! Georgy! (calling to his sisters) Joan is no here: tell mama she is run out into the rain -- bad animal!"

"It is well I drew the curtain," thought I; and I wished fervently he might not discover my hiding-place: nor would John Reed have found it out himself; he was not quick either of vision or conception; but Eliza just put her head in at the door, and said at once -

"She is in the window-seat, to be sure, Jack."

And I came out immediately, for I trembled at the idea of being dragged forth by the said Jack.

"What do you want?" I asked, with awkward diffidence.

"Say, 'What do you want, Master Reed?'" was the answer. "I want you to come here;" and seating himself in an arm-chair, he intimated by a gesture that I was to approach and stand before him.

John Reed was a schoolboy of fourteen years old; four years older than I, for I was but ten: large and stout for his age, with a dingy and unwholesome skin; thick lineaments in a spacious visage, heavy limbs and large extremities. He gorged himself habitually at table, which made him bilious, and gave him

a dim and bleared eye and flabby cheeks. He ought now to have been at school; but his mama had taken him home for a month or two, "on account of his delicate health." Mr. Miles, the master, affirmed that he would do very well if he had fewer cakes and sweetmeats sent him from home; but the mother's heart turned from an opinion so harsh, and inclined rather to the more refined idea that John's sallowness was owing to over-application and, perhaps, to pining after home.

John had not much affection for his mother and sisters, and an antipathy to me. He bullied and punished me; not two or three times in the week, nor once or twice in the day, but continually: every nerve I had feared him, and every morsel of flesh in my bones shrank when he came near. There were moments when I was bewildered by the terror he inspired, because I had no appeal whatever against either his menaces or his inflictions; the servants did not like to offend their young master by taking my part against him, and Mrs. Reed was blind and deaf on the subject: she never saw him strike or heard him abuse me, though he did both now and then in her very presence, more frequently, however, behind her back.

Habitually obedient to John, I came up to his chair: he spent some three minutes in thrusting out his tongue at me as far as he could without damaging the roots: I knew he would soon strike, and while dreading the blow, I mused on the disgusting and ugly appearance of him who would presently deal it. I wonder if he read that notion in my face; for, all at once, without speaking, he struck suddenly and strongly. I tottered, and on regaining my equilibrium retired back a step or two from his chair.

"That is for your impudence in answering mama awhile since," said he, "and for your sneaking way of getting behind curtains, and for the look you had in your eyes two minutes since, you rat!"

Accustomed to John Reed's abuse, I never had an idea of replying to it; my care was how to endure the blow which would certainly follow the insult.

"What were you doing behind the curtain?" he asked.

"I was reading."

"Show the book."

I returned to the window and fetched it thence.

"You have no business to take our books; you are a dependent, mama says; you have no money; your father left you none; you ought to beg, and not to live here with gentlemen's children like us, and eat the same meals we do, and wear clothes at our mama's expense. Now, I'll teach you to rummage my bookshelves: for they ARE mine; all the house belongs to me, or will do in a few years. Go and stand by the door, out of the way of the mirror and the windows."

I did so, not at first aware what was his intention; but when I saw him lift and poise the book and stand in act to hurl it, I instinctively started aside with a cry of alarm: not soon enough, however; the volume was flung, it hit me, and I fell, striking my head against the door and cutting it. The cut bled, the pain was sharp: my terror had passed its climax; other feelings succeeded.

"Wicked and cruel boy!" I said. "You are like a murderer -- you are like a slave-driver -- you are like the Roman emperors!"

I had read Goldsmith's History of Rome, and had formed my opinion of Nero, Caligula, &c. Also I had drawn parallels in silence, which I never thought thus to have declared aloud.

"What! what!" he cried. "Did she say that to me? Did you hear her, Eliza and Georgiana? Won't I tell mama? but first -- "

He ran headlong at me: I felt him grasp my hair and my shoulder: he had closed with a desperate

thing. I really saw in him a tyrant, a murderer. I felt a drop or two of blood from my head trickle down my neck, and was sensible of somewhat pungent suffering: these sensations for the time predominated over fear, and I received him in frantic sort. I don't very well know what I did with my hands, but he called me "Rat! Rat!" and bellowed out aloud. Aid was near him: Eliza and Georgiana had run for Mrs. Reed, who was gone upstairs: she now came upon the scene, followed by Bessie and her maid Abbot. We were parted: I heard the words -

"Dear! dear! What a fury to fly at Master John!"

"Did ever anybody see such a picture of passion!"

Then Mrs. Reed subjoined -

"Take her away to the red-room, and lock her in there." Four hands were immediately laid upon me, and I was borne upstairs.

CHAPTER II

I resisted all the way: a new thing for me, and a circumstance which greatly strengthened the bad opinion Bessie and Miss Abbot were disposed to entertain of me. The fact is, I was a trifle beside myself or rather OUT of myself, as the French would say: I was conscious that a moment's mutiny had already rendered me liable to strange penalties, and, like any other rebel slave, I felt resolved, in my desperation, to go all lengths.

“Hold her arms, Miss Abbot: she's like a mad cat.”

“For shame! for shame!” cried the lady's-maid. “What shocking conduct, Miss Eyre, to strike a young gentleman, your benefactress's son! Your young master.”

“Master! How is he my master? Am I a servant?”

“No; you are less than a servant, for you do nothing for your keep. There, sit down, and think over your wickedness.”

They had got me by this time into the apartment indicated by Mrs. Reed, and had thrust me upon a stool: my impulse was to rise from it like a spring; their two pair of hands arrested me instantly.

“If you don't sit still, you must be tied down,” said Bessie. “Miss Abbot, lend me your garters: she would break mine directly.”

Miss Abbot turned to divest a stout leg of the necessary ligature. This preparation for bonds, and the additional ignominy it inferred, took a little of the excitement out of me.

“Don't take them off,” I cried; “I will not stir.”

In guarantee whereof, I attached myself to my seat by my hands.

“Mind you don't,” said Bessie; and when she had ascertained that I was really subsiding, she loosened her hold of me; then she and Miss Abbot stood with folded arms, looking darkly and doubtfully on my face, as incredulous of my sanity.

“She never did so before,” at last said Bessie, turning to the Abigail.

“But it was always in her,” was the reply. “I've told Missis often my opinion about the child, and Missis agreed with me. She's an underhand little thing: I never saw a girl of her age with so much cover.”

Bessie answered not; but ere long, addressing me, she said -- “You ought to be aware, Miss, that you are under obligations to Mrs. Reed: she keeps you: if she were to turn you off, you would have to go to the poorhouse.”

I had nothing to say to these words: they were not new to me: my very first recollections of existence included hints of the same kind. This reproach of my dependence had become a vague sing-song in my ear: very painful and crushing, but only half intelligible. Miss Abbot joined in -

“And you ought not to think yourself on an equality with the Misses Reed and Master Reed because Missis kindly allows you to be brought up with them. They will have a great deal of money, and you will have none: it is your place to be humble, and to try to make yourself agreeable to them.”

“What we tell you is for your good,” added Bessie, in no harsh voice, “you should try to be useful and pleasant, then, perhaps, you would have a home here; but if you become passionate and rude,

Missis will send you away, I am sure.”

“Besides,” said Miss Abbot, “God will punish her: He might strike her dead in the midst of her tantrums, and then where would she go? Come, Bessie, we will leave her: I wouldn’t have her heart for anything. Say your prayers, Miss Eyre, when you are by yourself; for if you don’t repent, something bad might be permitted to come down the chimney and fetch you away.”

They went, shutting the door, and locking it behind them.

The red-room was a square chamber, very seldom slept in, I might say never, indeed, unless when a chance influx of visitors at Gateshead Hall rendered it necessary to turn to account all the accommodation it contained: yet it was one of the largest and stateliest chambers in the mansion. A bed supported on massive pillars of mahogany, hung with curtains of deep red damask, stood out like a tabernacle in the centre; the two large windows, with their blinds always drawn down, were half shrouded in festoons and falls of similar drapery; the carpet was red; the table at the foot of the bed was covered with a crimson cloth; the walls were a soft fawn colour with a blush of pink in it; the wardrobe, the toilet-table, the chairs were of darkly polished old mahogany. Out of these deep surrounding shades rose high, and glared white, the piled-up mattresses and pillows of the bed, spread with a snowy Marseilles counterpane. Scarcely less prominent was an ample cushioned easy-chair near the head of the bed, also white, with a footstool before it; and looking, as I thought, like a pale throne.

This room was chill, because it seldom had a fire; it was silent, because remote from the nursery and kitchen; solemn, because it was known to be so seldom entered. The house-maid alone came here on Saturdays, to wipe from the mirrors and the furniture a week’s quiet dust: and Mrs. Reed herself, at far intervals, visited it to review the contents of a certain secret drawer in the wardrobe, where were stored divers parchments, her jewel-casket, and a miniature of her deceased husband; and in those last words lies the secret of the red-room -- the spell which kept it so lonely in spite of its grandeur.

Mr. Reed had been dead nine years: it was in this chamber he breathed his last; here he lay in state; hence his coffin was borne by the undertaker’s men; and, since that day, a sense of dreary consecration had guarded it from frequent intrusion.

My seat, to which Bessie and the bitter Miss Abbot had left me riveted, was a low ottoman near the marble chimney-piece; the bed rose before me; to my right hand there was the high, dark wardrobe, with subdued, broken reflections varying the gloss of its panels; to my left were the muffled windows; a great looking-glass between them repeated the vacant majesty of the bed and room. I was not quite sure whether they had locked the door; and when I dared move, I got up and went to see. Alas! yes: no jail was ever more secure. Returning, I had to cross before the looking-glass; my fascinated glance involuntarily explored the depth it revealed. All looked colder and darker in that visionary hollow than in reality: and the strange little figure there gazing at me, with a white face and arms specking the gloom, and glittering eyes of fear moving where all else was still, had the effect of a real spirit: I thought it like one of the tiny phantoms, half fairy, half imp, Bessie’s evening stories represented as coming out of lone, ferny dells in moors, and appearing before the eyes of belated travellers. I returned to my stool.

Superstition was with me at that moment; but it was not yet her hour for complete victory: my blood was still warm; the mood of the revolted slave was still bracing me with its bitter vigour; I had to stem a rapid rush of retrospective thought before I quailed to the dismal present.

All John Reed’s violent tyrannies, all his sisters’ proud indifference, all his mother’s aversion, all the servants’ partiality, turned up in my disturbed mind like a dark deposit in a turbid well. Why was I always suffering, always browbeaten, always accused, for ever condemned? Why could I never please?

Why was it useless to try to win any one's favour? Eliza, who was headstrong and selfish, was respected. Georgiana, who had a spoiled temper, a very acrid spite, a captious and insolent carriage, was universally indulged. Her beauty, her pink cheeks and golden curls, seemed to give delight to all who looked at her, and to purchase indemnity for every fault. John no one thwarted, much less punished; though he twisted the necks of the pigeons, killed the little pea-chicks, set the dogs at the sheep, stripped the hothouse vines of their fruit, and broke the buds off the choicest plants in the conservatory: he called his mother "old girl," too; sometimes reviled her for her dark skin, similar to his own; bluntly disregarded her wishes; not unfrequently tore and spoiled her silk attire; and he was still "her own darling." I dared commit no fault: I strove to fulfil every duty; and I was termed naughty and tiresome, sullen and sneaking, from morning to noon, and from noon to night.

My head still ached and bled with the blow and fall I had received: no one had reproved John for wantonly striking me; and because I had turned against him to avert farther irrational violence, I was loaded with general opprobrium.

"Unjust! -- unjust!" said my reason, forced by the agonising stimulus into precocious though transitory power: and Resolve, equally wrought up, instigated some strange expedient to achieve escape from insupportable oppression -- as running away, or, if that could not be effected, never eating or drinking more, and letting myself die.

What a consternation of soul was mine that dreary afternoon! How all my brain was in tumult, and all my heart in insurrection! Yet in what darkness, what dense ignorance, was the mental battle fought! I could not answer the ceaseless inward question -- WHY I thus suffered; now, at the distance of -- I will not say how many years, I see it clearly.

I was a discord in Gateshead Hall: I was like nobody there; I had nothing in harmony with Mrs Reed or her children, or her chosen vassalage. If they did not love me, in fact, as little did I love them. They were not bound to regard with affection a thing that could not sympathise with one amongst them; a heterogeneous thing, opposed to them in temperament, in capacity, in propensities; a useless thing, incapable of serving their interest, or adding to their pleasure; a noxious thing, cherishing the germs of indignation at their treatment, of contempt of their judgment. I know that had I been a sanguine, brilliant, careless, exacting, handsome, romping child -- though equally dependent and friendless -- Mrs. Reed would have endured my presence more complacently; her children would have entertained for me more of the cordiality of fellow-feeling; the servants would have been less prone to make me the scapegoat of the nursery.

Daylight began to forsake the red-room; it was past four o'clock, and the beclouded afternoon was tending to drear twilight. I heard the rain still beating continuously on the staircase window, and the wind howling in the grove behind the hall; I grew by degrees cold as a stone, and then my courage sank. My habitual mood of humiliation, self-doubt, forlorn depression, fell damp on the embers of my decaying ire. All said I was wicked, and perhaps I might be so; what thought had I been but just conceiving of starving myself to death? That certainly was a crime: and was I fit to die? Or was the vault under the chancel of Gateshead Church an inviting bourne? In such vault I had been told did Mr. Reed lie buried and led by this thought to recall his idea, I dwelt on it with gathering dread. I could not remember him; but I knew that he was my own uncle -- my mother's brother -- that he had taken me when a parentless infant to his house; and that in his last moments he had required a promise of Mrs. Reed that she would rear and maintain me as one of her own children. Mrs. Reed probably considered she had kept this promise; and so she had, I dare say, as well as her nature would permit her; but how could she really like an interloper not

of her race, and unconnected with her, after her husband's death, by any tie? It must have been most irksome to find herself bound by a hard-wrung pledge to stand in the stead of a parent to a strange child she could not love, and to see an uncongenial alien permanently intruded on her own family group.

A singular notion dawned upon me. I doubted not -- never doubted -- that if Mr. Reed had been alive he would have treated me kindly; and now, as I sat looking at the white bed and overshadowed walls -- occasionally also turning a fascinated eye towards the dimly gleaming mirror -- I began to recall what I had heard of dead men, troubled in their graves by the violation of their last wishes, revisiting the earth to punish the perjured and avenge the oppressed; and I thought Mr. Reed's spirit, harassed by the wrongs of his sister's child, might quit its abode -- whether in the church vault or in the unknown world of the departed -- and rise before me in this chamber. I wiped my tears and hushed my sobs, fearful lest any sign of violent grief might waken a preternatural voice to comfort me, or elicit from the gloom some haloed face, bending over me with strange pity. This idea, consolatory in theory, I felt would be terrible if realised: with all my might I endeavoured to stifle it -- I endeavoured to be firm. Shaking my hair from my eyes, I lifted my head and tried to look boldly round the dark room; at this moment a light gleamed on the wall. Was it, I asked myself, a ray from the moon penetrating some aperture in the blind? No; moonlight was still, and this stirred; while I gazed, it glided up to the ceiling and quivered over my head. I can now conjecture readily that this streak of light was, in all likelihood, a gleam from a lantern carried by some one across the lawn: but then, prepared as my mind was for horror, shaken as my nerves were by agitation, I thought the swift darting beam was a herald of some coming vision from another world. My heart beat thick, my head grew hot; a sound filled my ears, which I deemed the rushing of wings; something seemed near me; I was oppressed, suffocated: endurance broke down; I rushed to the door and shook the lock in desperate effort. Steps came running along the outer passage; the key turned, Bessie and Abbot entered.

"Miss Eyre, are you ill?" said Bessie.

"What a dreadful noise! it went quite through me!" exclaimed Abbot.

"Take me out! Let me go into the nursery!" was my cry.

"What for? Are you hurt? Have you seen something?" again demanded Bessie.

"Oh! I saw a light, and I thought a ghost would come." I had now got hold of Bessie's hand, and she did not snatch it from me.

"She has screamed out on purpose," declared Abbot, in some disgust. "And what a scream! If she had been in great pain one would have excused it, but she only wanted to bring us all here: I know her naughty tricks."

"What is all this?" demanded another voice peremptorily; and Mrs. Reed came along the corridor, her cap flying wide, her gown rustling stormily. "Abbot and Bessie, I believe I gave orders that Jane Eyre should be left in the red-room till I came to her myself."

"Miss Jane screamed so loud, ma'am," pleaded Bessie.

"Let her go," was the only answer. "Loose Bessie's hand, child: you cannot succeed in getting out by these means, be assured. I abhor artifice, particularly in children; it is my duty to show you that tricks will not answer: you will now stay here an hour longer, and it is only on condition of perfect submission and stillness that I shall liberate you then."

"O aunt! have pity! Forgive me! I cannot endure it -- let me be punished some other way! I shall be killed if -- "

“Silence! This violence is all most repulsive:” and so, no doubt, she felt it. I was a precocious actress in her eyes; she sincerely looked on me as a compound of virulent passions, mean spirit, and dangerous duplicity.

Bessie and Abbot having retreated, Mrs. Reed, impatient of my now frantic anguish and wild sobs, abruptly thrust me back and locked me in, without farther parley. I heard her sweeping away; and soon after she was gone, I suppose I had a species of fit: unconsciousness closed the scene.

CHAPTER III

The next thing I remember is, waking up with a feeling as if I had had a frightful nightmare, and seeing before me a terrible red glare, crossed with thick black bars. I heard voices, too, speaking with a hollow sound, and as if muffled by a rush of wind or water: agitation, uncertainty, and an all-predominating sense of terror confused my faculties. Ere long, I became aware that some one was handling me; lifting me up and supporting me in a sitting posture, and that more tenderly than I had ever been raised or upheld before. I rested my head against a pillow or an arm, and felt easy.

In five minutes more the cloud of bewilderment dissolved: I knew quite well that I was in my own bed, and that the red glare was the nursery fire. It was night: a candle burnt on the table; Bessie stood at the bed-foot with a basin in her hand, and a gentleman sat in a chair near my pillow, leaning over me.

I felt an inexpressible relief, a soothing conviction of protection and security, when I knew that there was a stranger in the room, an individual not belonging to Gateshead., and not related to Mrs. Reed. Turning from Bessie (though her presence was far less obnoxious to me than that of Abbot, for instance, would have been), I scrutinised the face of the gentleman: I knew him; it was Mr. Lloyd, an apothecary, sometimes called in by Mrs. Reed when the servants were ailing: for herself and the children she employed a physician.

“Well, who am I?” he asked.

I pronounced his name, offering him at the same time my hand: he took it, smiling and saying, “We shall do very well by-and-by.” Then he laid me down, and addressing Bessie, charged her to be very careful that I was not disturbed during the night. Having given some further directions, and intimates that he should call again the next day, he departed; to my grief: I felt so sheltered and befriended while he sat in the chair near my pillow; and as he closed the door after him, all the room darkened and my heart again sank: inexpressible sadness weighed it down.

“Do you feel as if you should sleep, Miss?” asked Bessie, rather softly.

Scarcely dared I answer her; for I feared the next sentence might be rough. “I will try.”

“Would you like to drink, or could you eat anything?”

“No, thank you, Bessie.”

“Then I think I shall go to bed, for it is past twelve o’clock; but you may call me if you want anything in the night.”

Wonderful civility this! It emboldened me to ask a question.

“Bessie, what is the matter with me? Am I ill?”

“You fell sick, I suppose, in the red-room with crying; you’ll be better soon, no doubt.”

Bessie went into the housemaid’s apartment, which was near. I heard her say -

“Sarah, come and sleep with me in the nursery; I daren’t for my life be alone with that poor child to-night: she might die; it’s such a strange thing she should have that fit: I wonder if she saw anything. Missis was rather too hard.”

Sarah came back with her; they both went to bed; they were whispering together for half-an-hour before they fell asleep. I caught scraps of their conversation, from which I was able only too distinctly to

infer the main subject discussed.

“Something passed her, all dressed in white, and vanished” -- “A great black dog behind him” -- “Three loud raps on the chamber door” -- “A light in the churchyard just over his grave,” &c. &c.

At last both slept: the fire and the candle went out. For me, the watches of that long night passed in ghastly wakefulness; strained by dread: such dread as children only can feel.

No severe or prolonged bodily illness followed this incident of the red-room; it only gave my nerves a shock of which I feel the reverberation to this day. Yes, Mrs. Reed, to you I owe some fearful pangs of mental suffering, but I ought to forgive you, for you knew not what you did: while rending my heart-strings, you thought you were only uprooting my bad propensities.

Next day, by noon, I was up and dressed, and sat wrapped in a shawl by the nursery hearth. I felt physically weak and broken down: but my worse ailment was an unutterable wretchedness of mind: a wretchedness which kept drawing from me silent tears; no sooner had I wiped one salt drop from my cheek than another followed. Yet, I thought, I ought to have been happy, for none of the Reeds were there, they were all gone out in the carriage with their mama. Abbot, too, was sewing in another room, and Bessie, as she moved hither and thither, putting away toys and arranging drawers, addressed to me every now and then a word of unwonted kindness. This state of things should have been to me a paradise of peace, accustomed as I was to a life of ceaseless reprimand and thankless fagging; but, in fact, my racked nerves were now in such a state that no calm could soothe, and no pleasure excite them agreeably.

Bessie had been down into the kitchen, and she brought up with her a tart on a certain brightly painted china plate, whose bird of paradise, nestling in a wreath of convolvuli and rosebuds, had been wont to stir in me a most enthusiastic sense of admiration; and which plate I had often petitioned to be allowed to take in my hand in order to examine it more closely, but had always hitherto been deemed unworthy of such a privilege. This precious vessel was now placed on my knee, and I was cordially invited to eat the circlet of delicate pastry upon it. Vain favour! coming, like most other favours long deferred and often wished for, too late! I could not eat the tart; and the plumage of the bird, the tints of the flowers, seemed strangely faded: I put both plate and tart away. Bessie asked if I would have a book: the word BOOK acted as a transient stimulus, and I begged her to fetch Gulliver's Travels from the library. This book I had again and again perused with delight. I considered it a narrative of facts, and discovered in it a vein of interest deeper than what I found in fairy tales: for as to the elves, having sought them in vain among foxglove leaves and bells, under mushrooms and beneath the ground-ivy mantling old wall-nooks, I had at length made up my mind to the sad truth, that they were all gone out of England to some savage country where the woods were wilder and thicker, and the population more scant; whereas, Lilliput and Brobdignag being, in my creed, solid parts of the earth's surface, I doubted not that I might one day, by taking a long voyage, see with my own eyes the little fields, houses, and trees, the diminutive people, the tiny cows, sheep, and birds of the one realm; and the corn-fields forest-high, the mighty mastiffs, the monster cats, the tower-like men and women, of the other. Yet, when this cherished volume was now placed in my hand -- when I turned over its leaves, and sought in its marvellous pictures the charm I had, till now, never failed to find -- all was eerie and dreary; the giants were gaunt goblins, the pigmies malevolent and fearful imps, Gulliver a most desolate wanderer in most dread and dangerous regions. I closed the book, which I dared no longer peruse, and put it on the table, beside the untasted tart.

Bessie had now finished dusting and tidying the room, and having washed her hands, she opened a certain little drawer, full of splendid shreds of silk and satin, and began making a new bonnet for Georgiana's doll. Meantime she sang: her song was -

“In the days when we went gipsying, A long time ago.”

I had often heard the song before, and always with lively delight; for Bessie had a sweet voice, - at least, I thought so. But now, though her voice was still sweet, I found in its melody an indescribable sadness. Sometimes, preoccupied with her work, she sang the refrain very low, very lingeringly; “A long time ago” came out like the saddest cadence of a funeral hymn. She passed into another ballad, this time a really doleful one.

*“My feet they are sore, and my limbs they are weary;
Long is the way, and the mountains are wild;
Soon will the twilight close moonless and dreary
Over the path of the poor orphan child.*

*“Why did they send me so far and so lonely,
Up where the moors spread and grey rocks are piled?
Men are hard-hearted, and kind angels only
Watch o’er the steps of a poor orphan child.*

*“Yet distant and soft the night breeze is blowing,
Clouds there are none, and clear stars beam mild,
God, in His mercy, protection is showing,
Comfort and hope to the poor orphan child.*

*“Ev’n should I fall o’er the broken bridge passing,
Or stray in the marshes, by false lights beguiled,
Still will my Father, with promise and blessing,
Take to His bosom the poor orphan child.*

*“There is a thought that for strength should avail me,
Though both of shelter and kindred despoiled;
Heaven is a home, and a rest will not fail me;
God is a friend to the poor orphan child.”*

“Come, Miss Jane, don’t cry,” said Bessie as she finished. She might as well have said to the fire, “don’t burn!” but how could she divine the morbid suffering to which I was a prey? In the course of the morning Mr. Lloyd came again.

“What, already up!” said he, as he entered the nursery. “Well, nurse, how is she?”
Bessie answered that I was doing very well.

“Then she ought to look more cheerful. Come here, Miss Jane: your name is Jane, is it not?”

“Yes, sir, Jane Eyre.”

“Well, you have been crying, Miss Jane Eyre; can you tell me what about? Have you any pain?”

“No, sir.”

“Oh! I daresay she is crying because she could not go out with Missis in the carriage,” interposed Bessie.

“Surely not! why, she is too old for such pettishness.”

I thought so too; and my self-esteem being wounded by the false charge, I answered promptly, “I never cried for such a thing in my life: I hate going out in the carriage. I cry because I am miserable.”

“Oh fie, Miss!” said Bessie.

The good apothecary appeared a little puzzled. I was standing before him; he fixed his eyes on me very steadily: his eyes were small and grey; not very bright, but I dare say I should think them shrewd now: he had a hard-featured yet good-natured looking face. Having considered me at leisure, he said -

“What made you ill yesterday?”

“She had a fall,” said Bessie, again putting in her word.

“Fall! why, that is like a baby again! Can’t she manage to walk at her age? She must be eight or nine years old.”

“I was knocked down,” was the blunt explanation, jerked out of me by another pang of mortified pride; “but that did not make me ill,” I added; while Mr. Lloyd helped himself to a pinch of snuff.

As he was returning the box to his waistcoat pocket, a loud bell rang for the servants’ dinner; he knew what it was. “That’s for you, nurse,” said he; “you can go down; I’ll give Miss Jane a lecture till you come back.”

Bessie would rather have stayed, but she was obliged to go, because punctuality at meals was rigidly enforced at Gateshead Hall.

“The fall did not make you ill; what did, then?” pursued Mr. Lloyd when Bessie was gone.

“I was shut up in a room where there is a ghost till after dark.”

I saw Mr. Lloyd smile and frown at the same time.

“Ghost! What, you are a baby after all! You are afraid of ghosts?”

“Of Mr. Reed’s ghost I am: he died in that room, and was laid out there. Neither Bessie nor any one else will go into it at night, if they can help it; and it was cruel to shut me up alone without a candle, - - so cruel that I think I shall never forget it.”

“Nonsense! And is it that makes you so miserable? Are you afraid now in daylight?”

“No: but night will come again before long: and besides, -- I am unhappy, -- very unhappy, for other things.”

“What other things? Can you tell me some of them?”

How much I wished to reply fully to this question! How difficult it was to frame any answer! Children can feel, but they cannot analyse their feelings; and if the analysis is partially effected in thought, they know not how to express the result of the process in words. Fearful, however, of losing this first and

only opportunity of relieving my grief by imparting it, I, after a disturbed pause, contrived to frame a meagre, though, as far as it went, true response.

“For one thing, I have no father or mother, brothers or sisters.”

“You have a kind aunt and cousins.”

Again I paused; then bunglingly enounced -

“But John Reed knocked me down, and my aunt shut me up in the red- room.”

Mr. Lloyd a second time produced his snuff-box.

“Don’t you think Gateshead Hall a very beautiful house?” asked he. “Are you not very thankful to have such a fine place to live at?”

“It is not my house, sir; and Abbot says I have less right to be here than a servant.”

“Pooh! you can’t be silly enough to wish to leave such a splendid place?”

“If I had anywhere else to go, I should be glad to leave it; but I can never get away from Gateshead till I am a woman.”

“Perhaps you may -- who knows? Have you any relations besides Mrs. Reed?”

“I think not, sir.”

“None belonging to your father?”

“I don’t know. I asked Aunt Reed once, and she said possibly I might have some poor, low relations called Eyre, but she knew nothing about them.”

“If you had such, would you like to go to them?”

I reflected. Poverty looks grim to grown people; still more so to children: they have not much idea of industrious, working, respectable poverty; they think of the word only as connected with ragged clothes, scanty food, fireless grates, rude manners, and debasing vices: poverty for me was synonymous with degradation.

“No; I should not like to belong to poor people,” was my reply.

“Not even if they were kind to you?”

I shook my head: I could not see how poor people had the means of being kind; and then to learn to speak like them, to adopt their manners, to be uneducated, to grow up like one of the poor women I saw sometimes nursing their children or washing their clothes at the cottage doors of the village of Gateshead: no, I was not heroic enough to purchase liberty at the price of caste.

“But are your relatives so very poor? Are they working people?”

“I cannot tell; Aunt. Reed says if I have any, they must be a beggarly set: I should not like to go a begging.”

“Would you like to go to school?”

Again I reflected: I scarcely knew what school was: Bessie sometimes spoke of it as a place where young ladies sat in the stocks, wore backboards, and were expected to be exceedingly genteel and precise: John Reed hated his school, and abused his master; but John Reed’s tastes were no rule for mine, and if Bessie’s accounts of school-discipline (gathered from the young ladies of a family where she had lived before coming to Gateshead) were somewhat appalling, her details of certain accomplishments

attained by these same young ladies were, I thought, equally attractive. She boasted of beautiful paintings of landscapes and flowers by them executed; of songs they could sing and pieces they could play, of purses they could net, of French books they could translate; till my spirit was moved to emulation as I listened. Besides, school would be a complete change: it implied a long journey, an entire separation from Gateshead, an entrance into a new life.

“I should indeed like to go to school,” was the audible conclusion of my musings.

“Well, well! who knows what may happen?” said Mr. Lloyd, as he got up. “The child ought to have change of air and scene,” he added, speaking to himself; “nerves not in a good state.”

Bessie now returned; at the same moment the carriage was heard rolling up the gravel-walk.

“Is that your mistress, nurse?” asked Mr. Lloyd. “I should like to speak to her before I go.”

Bessie invited him to walk into the breakfast-room, and led the way out. In the interview which followed between him and Mrs. Reed, I presume, from after-occurrences, that the apothecary ventured to recommend my being sent to school; and the recommendation was no doubt readily enough adopted; for as Abbot said, in discussing the subject with Bessie when both sat sewing in the nursery one night, after I was in bed, and, as they thought, asleep, “Missis was, she dared say, glad enough to get rid of such a tiresome, ill- conditioned child, who always looked as if she were watching everybody, and scheming plots underhand.” Abbot, I think, gave me credit for being a sort of infantine Guy Fawkes.

On that same occasion I learned, for the first time, from Miss Abbot’s communications to Bessie, that my father had been a poor clergyman; that my mother had married him against the wishes of her friends, who considered the match beneath her; that my grandfather Reed was so irritated at her disobedience, he cut her off without a shilling; that after my mother and father had been married a year, the latter caught the typhus fever while visiting among the poor of a large manufacturing town where his curacy was situated, and where that disease was then prevalent: that my mother took the infection from him, and both died within a month of each other.

Bessie, when she heard this narrative, sighed and said, “Poor Miss Jane is to be pitied, too, Abbot.”

“Yes,” responded Abbot; “if she were a nice, pretty child, one might compassionate her forlornness; but one really cannot care for such a little toad as that.”

“Not a great deal, to be sure,” agreed Bessie: “at any rate, a beauty like Miss Georgiana would be more moving in the same condition.”

“Yes, I doat on Miss Georgiana!” cried the fervent Abbot. “Little darling! -- with her long curls and her blue eyes, and such a sweet colour as she has; just as if she were painted! -- Bessie, I could fancy a Welsh rabbit for supper.”

“So could I -- with a roast onion. Come, we’ll go down.” They went.

CHAPTER IV

From my discourse with Mr. Lloyd, and from the above reported conference between Bessie and Abbot, I gathered enough of hope to suffice as a motive for wishing to get well: a change seemed near, -- I desired and waited it in silence. It tarried, however: days and weeks passed: I had regained my normal state of health, but no new allusion was made to the subject over which I brooded. Mrs. Reed surveyed me at times with a severe eye, but seldom addressed me: since my illness, she had drawn a more marked line of separation than ever between me and her own children; appointing me a small closet to sleep in by myself, condemning me to take my meals alone, and pass all my time in the nursery, while my cousins were constantly in the drawing-room. Not a hint, however, did she drop about sending me to school: still I felt an instinctive certainty that she would not long endure me under the same roof with her; for her glance, now more than ever, when turned on me, expressed an insuperable and rooted aversion.

Eliza and Georgiana, evidently acting according to orders, spoke to me as little as possible: John thrust his tongue in his cheek whenever he saw me, and once attempted chastisement; but as I instantly turned against him, roused by the same sentiment of deep ire and desperate revolt which had stirred my corruption before, he thought it better to desist, and ran from me tittering execrations, and vowing I had burst his nose. I had indeed levelled at that prominent feature as hard a blow as my knuckles could inflict; and when I saw that either that or my look daunted him, I had the greatest inclination to follow up my advantage to purpose; but he was already with his mama. I heard him in a blubbering tone commence the tale of how "that nasty Jane Eyre" had flown at him like a mad cat: he was stopped rather harshly -

"Don't talk to me about her, John: I told you not to go near her; she is not worthy of notice; I do not choose that either you or your sisters should associate with her."

Here, leaning over the banister, I cried out suddenly, and without at all deliberating on my words

"They are not fit to associate with me."

Mrs. Reed was rather a stout woman; but, on hearing this strange and audacious declaration, she ran nimbly up the stair, swept me like a whirlwind into the nursery, and crushing me down on the edge of my crib, dared me in an emphatic voice to rise from that place, or utter one syllable during the remainder of the day.

"What would Uncle Reed say to you, if he were alive?" was my scarcely voluntary demand. I say scarcely voluntary, for it seemed as if my tongue pronounced words without my will consenting to their utterance: something spoke out of me over which I had no control.

"What?" said Mrs. Reed under her breath: her usually cold composed grey eye became troubled with a look like fear; she took her hand from my arm, and gazed at me as if she really did not know whether I were child or fiend. I was now in for it.

"My Uncle Reed is in heaven, and can see all you do and think; and so can papa and mama: they know how you shut me up all day long, and how you wish me dead."

Mrs. Reed soon rallied her spirits: she shook me most soundly, she boxed both my ears, and then left me without a word. Bessie supplied the hiatus by a homily of an hour's length, in which she proved beyond a doubt that I was the most wicked and abandoned child ever reared under a roof. I half believed her; for I felt indeed only bad feelings surging in my breast.

November, December, and half of January passed away. Christmas and the New Year had been celebrated at Gateshead with the usual festive cheer; presents had been interchanged, dinners and evening parties given. From every enjoyment I was, of course, excluded: my share of the gaiety consisted in witnessing the daily apparelling of Eliza and Georgiana, and seeing them descend to the drawing-room, dressed out in thin muslin frocks and scarlet sashes, with hair elaborately ringletted; and afterwards, in listening to the sound of the piano or the harp played below, to the passing to and fro of the butler and footman, to the jingling of glass and china as refreshments were handed, to the broken hum of conversation as the drawing-room door opened and closed. When tired of this occupation, I would retire from the stairhead to the solitary and silent nursery: there, though somewhat sad, I was not miserable. To speak truth, I had not the least wish to go into company, for in company I was very rarely noticed; and if Bessie had but been kind and companionable, I should have deemed it a treat to spend the evenings quietly with her, instead of passing them under the formidable eye of Mrs. Reed, in a room full of ladies and gentlemen. But Bessie, as soon as she had dressed her young ladies, used to take herself off to the lively regions of the kitchen and housekeeper's room, generally bearing the candle along with her. I then sat with my doll on my knee till the fire got low, glancing round occasionally to make sure that nothing worse than myself haunted the shadowy room; and when the embers sank to a dull red, I undressed hastily, tugging at knots and strings as I best might, and sought shelter from cold and darkness in my crib. To this crib I always took my doll; human beings must love something, and, in the dearth of worthier objects of affection, I contrived to find a pleasure in loving and cherishing a faded graven image, shabby as a miniature scarecrow. It puzzles me now to remember with what absurd sincerity I doated on this little toy, half fancying it alive and capable of sensation. I could not sleep unless it was folded in my night-gown; and when it lay there safe and warm, I was comparatively happy, believing it to be happy likewise.

Long did the hours seem while I waited the departure of the company, and listened for the sound of Bessie's step on the stairs: sometimes she would come up in the interval to seek her thimble or her scissors, or perhaps to bring me something by way of supper -- a bun or a cheese-cake -- then she would sit on the bed while I ate it, and when I had finished, she would tuck the clothes round me, and twice she kissed me, and said, "Good night, Miss Jane." When thus gentle, Bessie seemed to me the best, prettiest kindest being in the world; and I wished most intensely that she would always be so pleasant and amiable, and never push me about, or scold, or task me unreasonably, as she was too often wont to do. Bessie Lee must, I think, have been a girl of good natural capacity, for she was smart in all she did, and had a remarkable knack of narrative; so, at least, I judge from the impression made on me by her nursery tales. She was pretty too, if my recollections of her face and person are correct. I remember her as a slim young woman, with black hair, dark eyes, very nice features, and good, clear complexion; but she had a capricious and hasty temper, and indifferent ideas of principle or justice: still, such as she was, I preferred her to any one else at Gateshead Hall.

It was the fifteenth of January, about nine o'clock in the morning: Bessie was gone down to breakfast; my cousins had not yet been summoned to their mama; Eliza was putting on her bonnet and warm garden-coat to go and feed her poultry, an occupation of which she was fond: and not less so of selling the eggs to the housekeeper and hoarding up the money she thus obtained. She had a turn for traffic, and a marked propensity for saving; shown not only in the vending of eggs and chickens, but also in driving hard bargains with the gardener about flower-roots, seeds, and slips of plants; that functionary having orders from Mrs. Reed to buy of his young lady all the products of her parterre she wished to sell: and Eliza would have sold the hair off her head if she could have made a handsome profit thereby. As to her money, she first secreted it in odd corners, wrapped in a rag or an old curl-paper; but some of these

hoards having been discovered by the housemaid, Eliza, fearful of one day losing her valued treasure, consented to intrust it to her mother, at a usurious rate of interest -- fifty or sixty per cent.; which interest she exacted every quarter, keeping her accounts in a little book with anxious accuracy.

Georgiana sat on a high stool, dressing her hair at the glass, and interweaving her curls with artificial flowers and faded feathers, of which she had found a store in a drawer in the attic. I was making my bed, having received strict orders from Bessie to get it arranged before she returned (for Bessie now frequently employed me as a sort of under-nurserymaid, to tidy the room, dust the chairs, &c.). Having spread the quilt and folded my night-dress, I went to the window-seat to put in order some picture-books and doll's house furniture scattered there; an abrupt command from Georgiana to let her playthings alone (for the tiny chairs and mirrors, the fairy plates and cups, were her property) stopped my proceedings; and then, for lack of other occupation, I fell to breathing on the frost-flowers with which the window was fretted, and thus clearing a space in the glass through which I might look out on the grounds, where all was still and petrified under the influence of a hard frost.

From this window were visible the porter's lodge and the carriage-road, and just as I had dissolved so much of the silver-white foliage veiling the panes as left room to look out, I saw the gates thrown open and a carriage roll through. I watched it ascending the drive with indifference; carriages often came to Gateshead, but none ever brought visitors in whom I was interested; it stopped in front of the house, the door-bell rang loudly, the new-comer was admitted. All this being nothing to me, my vacant attention soon found livelier attraction in the spectacle of a little hungry robin, which came and chirruped on the twigs of the leafless cherry-tree nailed against the wall near the casement. The remains of my breakfast of bread and milk stood on the table, and having crumbled a morsel of roll, I was tugging at the sash to put out the crumbs on the window-sill, when Bessie came running upstairs into the nursery.

"Miss Jane, take off your pinafore; what are you doing there? Have you washed your hands and face this morning?" I gave another tug before I answered, for I wanted the bird to be secure of its bread: the sash yielded; I scattered the crumbs, some on the stone sill, some on the cherry-tree bough, then, closing the window, I replied -

"No, Bessie; I have only just finished dusting."

"Troublesome, careless child! and what are you doing now? You look quite red, as if you had been about some mischief: what were you opening the window for?"

I was spared the trouble of answering, for Bessie seemed in too great a hurry to listen to explanations; she hauled me to the washstand, inflicted a merciless, but happily brief scrub on my face and hands with soap, water, and a coarse towel; disciplined my head with a bristly brush, denuded me of my pinafore, and then hurrying me to the top of the stairs, bid me go down directly, as I was wanted in the breakfast-room.

I would have asked who wanted me: I would have demanded if Mrs. Reed was there; but Bessie was already gone, and had closed the nursery-door upon me. I slowly descended. For nearly three months, I had never been called to Mrs. Reed's presence; restricted so long to the nursery, the breakfast, dining, and drawing-rooms were become for me awful regions, on which it dismayed me to intrude.

I now stood in the empty hall; before me was the breakfast-room door, and I stopped, intimidated and trembling. What a miserable little poltroon had fear, engendered of unjust punishment, made of me in those days! I feared to return to the nursery, and feared to go forward to the parlour; ten minutes I stood in agitated hesitation; the vehement ringing of the breakfast-room bell decided me; I MUST enter.

“Who could want me?” I asked inwardly, as with both hands I turned the stiff door-handle, which, for a second or two, resisted my efforts. “What should I see besides Aunt Reed in the apartment? - a man or a woman?” The handle turned, the door unclosed, and passing through and curtsying low, I looked up at -- a black pillar! -- such, at least, appeared to me, at first sight, the straight, narrow, sable-clad shape standing erect on the rug: the grim face at the top was like a carved mask, placed above the shaft by way of capital.

Mrs. Reed occupied her usual seat by the fireside; she made a signal to me to approach; I did so, and she introduced me to the stony stranger with the words: “This is the little girl respecting whom I applied to you.”

HE, for it was a man, turned his head slowly towards where I stood, and having examined me with the two inquisitive-looking grey eyes which twinkled under a pair of bushy brows, said solemnly, and in a bass voice, “Her size is small: what is her age?”

“Ten years.”

“So much?” was the doubtful answer; and he prolonged his scrutiny for some minutes. Presently he addressed me -- “Your name, little girl?”

“Jane Eyre, sir.”

In uttering these words I looked up: he seemed to me a tall gentleman; but then I was very little; his features were large, and they and all the lines of his frame were equally harsh and prim.

“Well, Jane Eyre, and are you a good child?”

Impossible to reply to this in the affirmative: my little world held a contrary opinion: I was silent. Mrs. Reed answered for me by an expressive shake of the head, adding soon, “Perhaps the less said on that subject the better, Mr. Brocklehurst.”

“Sorry indeed to hear it! she and I must have some talk;” and bending from the perpendicular, he installed his person in the arm-chair opposite Mrs. Reed’s. “Come here,” he said.

I stepped across the rug; he placed me square and straight before him. What a face he had, now that it was almost on a level with mine! what a great nose! and what a mouth! and what large prominent teeth!

“No sight so sad as that of a naughty child,” he began, “especially a naughty little girl. Do you know where the wicked go after death?”

“They go to hell,” was my ready and orthodox answer.

“And what is hell? Can you tell me that?”

“A pit full of fire.”

“And should you like to fall into that pit, and to be burning there for ever?”

“No, sir.”

“What must you do to avoid it?”

I deliberated a moment; my answer, when it did come, was objectionable: “I must keep in good health, and not die.”

“How can you keep in good health? Children younger than you die daily. I buried a little child of five years old only a day or two since, -- a good little child, whose soul is now in heaven. It is to be

feared the same could not be said of you were you to be called hence.”

Not being in a condition to remove his doubt, I only cast my eyes down on the two large feet planted on the rug, and sighed, wishing myself far enough away.

“I hope that sigh is from the heart, and that you repent of ever having been the occasion of discomfort to your excellent benefactress.”

“Benefactress! benefactress!” said I inwardly: “they all call Mrs. Reed my benefactress; if so, a benefactress is a disagreeable thing.”

“Do you say your prayers night and morning?” continued my interrogator.

“Yes, sir.”

“Do you read your Bible?”

“Sometimes.”

“With pleasure? Are you fond of it?”

“I like Revelations, and the book of Daniel, and Genesis and Samuel, and a little bit of Exodus and some parts of Kings and Chronicles, and Job and Jonah.”

“And the Psalms? I hope you like them?”

“No, sir.”

“No? oh, shocking! I have a little boy, younger than you, who knows six Psalms by heart: and when you ask him which he would rather have, a gingerbread-nut to eat or a verse of a Psalm to learn, he says: ‘Oh! the verse of a Psalm! angels sing Psalms;’ says he, ‘I wish to be a little angel here below;’ he then gets two nuts in recompense for his infant piety.”

“Psalms are not interesting,” I remarked.

“That proves you have a wicked heart; and you must pray to God to change it: to give you a new and clean one: to take away your heart of stone and give you a heart of flesh.”

I was about to propound a question, touching the manner in which that operation of changing my heart was to be performed, when Mrs. Reed interposed, telling me to sit down; she then proceeded to carry on the conversation herself.

“Mr. Brocklehurst, I believe I intimated in the letter which I wrote to you three weeks ago, that this little girl has not quite the character and disposition I could wish: should you admit her into Lowood school, I should be glad if the superintendent and teachers were requested to keep a strict eye on her, and, above all, to guard against her worst fault, a tendency to deceit. I mention this in your hearing, Jane, that you may not attempt to impose on Mr. Brocklehurst.”

Well might I dread, well might I dislike Mrs. Reed; for it was her nature to wound me cruelly: never was I happy in her presence; however carefully I obeyed, however strenuously I strove to please her, my efforts were still repulsed and repaid by such sentences as the above. Now, uttered before a stranger, the accusation cut me to the heart; I dimly perceived that she was already obliterating hope from the new phase of existence which she destined me to enter; I felt, though I could not have expressed the feeling, that she was sowing aversion and unkindness along my future path; I saw myself transformed under Mr. Brocklehurst’s eye into an artful, noxious child, and what could I do to remedy the injury?

“Nothing, indeed,” thought I, as I struggled to repress a sob, and hastily wiped away some tears, the impotent evidences of my anguish.

“Deceit is, indeed, a sad fault in a child,” said Mr. Brocklehurst; “it is akin to falsehood, and all liars will have their portion in the lake burning with fire and brimstone; she shall, however, be watched, Mrs. Reed. I will speak to Miss Temple and the teachers.”

“I should wish her to be brought up in a manner suiting her prospects,” continued my benefactress; “to be made useful, to be kept humble: as for the vacations, she will, with your permission, spend them always at Lowood.”

“Your decisions are perfectly judicious, madam,” returned Mr. Brocklehurst. “Humility is a Christian grace, and one peculiarly appropriate to the pupils of Lowood; I, therefore, direct that especial care shall be bestowed on its cultivation amongst them. I have studied how best to mortify in them the worldly sentiment of pride; and, only the other day, I had a pleasing proof of my success. My second daughter, Augusta, went with her mama to visit the school, and on her return she exclaimed: ‘Oh, dear papa, how quiet and plain all the girls at Lowood look, with their hair combed behind their ears, and their long pinafores, and those little holland pockets outside their frocks -- they are almost like poor people’s children! and,’ said she, ‘they looked at my dress and mama’s, as if they had never seen a silk gown before.’”

“This is the state of things I quite approve,” returned Mrs. Reed; “had I sought all England over I could scarcely have found a system more exactly fitting a child like Jane Eyre. Consistency, my dear Mr. Brocklehurst; I advocate consistency in all things.”

“Consistency, madam, is the first of Christian duties; and it has been observed in every arrangement connected with the establishment of Lowood: plain fare, simple attire, unsophisticated accommodations, hardy and active habits; such is the order of the day in the house and its inhabitants.”

“Quite right, sir. I may then depend upon this child being received as a pupil at Lowood, and there being trained in conformity to her position and prospects?”

“Madam, you may: she shall be placed in that nursery of chosen plants, and I trust she will show herself grateful for the inestimable privilege of her election.”

“I will send her, then, as soon as possible, Mr. Brocklehurst; for, I assure you, I feel anxious to be relieved of a responsibility that was becoming too irksome.”

“No doubt, no doubt, madam; and now I wish you good morning. I shall return to Brocklehurst Hall in the course of a week or two: my good friend, the Archdeacon, will not permit me to leave him sooner. I shall send Miss Temple notice that she is to expect a new girl, so that there will be no difficulty about receiving her. Good-bye.”

“Good-bye, Mr. Brocklehurst; remember me to Mrs. and Miss Brocklehurst, and to Augusta and Theodore, and Master Broughton Brocklehurst.”

“I will, madam. Little girl, here is a book entitled the ‘Child’s Guide,’ read it with prayer, especially that part containing ‘An account of the awfully sudden death of Martha G -, a naughty child addicted to falsehood and deceit.’”

With these words Mr. Brocklehurst put into my hand a thin pamphlet sewn in a cover, and having rung for his carriage, he departed.

Mrs. Reed and I were left alone: some minutes passed in silence; she was sewing, I was watching her. Mrs. Reed might be at that time some six or seven and thirty; she was a woman of robust frame, square-shouldered and strong-limbed, not tall, and, though stout, not obese: she had a somewhat

large face, the under jaw being much developed and very solid; her brow was low, her chin large and prominent, mouth and nose sufficiently regular; under her light eyebrows glimmered an eye devoid of ruth; her skin was dark and opaque, her hair nearly flaxen; her constitution was sound as a bell -- illness never came near her; she was an exact, clever manager; her household and tenantry were thoroughly under her control; her children only at times defied her authority and laughed it to scorn; she dressed well, and had a presence and port calculated to set off handsome attire.

Sitting on a low stool, a few yards from her arm-chair, I examined her figure; I perused her features. In my hand I held the tract containing the sudden death of the Liar, to which narrative my attention had been pointed as to an appropriate warning. What had just passed; what Mrs. Reed had said concerning me to Mr. Brocklehurst; the whole tenor of their conversation, was recent, raw, and stinging in my mind; I had felt every word as acutely as I had heard it plainly, and a passion of resentment fomented now within me.

Mrs. Reed looked up from her work; her eye settled on mine, her fingers at the same time suspended their nimble movements.

“Go out of the room; return to the nursery,” was her mandate. My look or something else must have struck her as offensive, for she spoke with extreme though suppressed irritation. I got up, I went to the door; I came back again; I walked to the window, across the room, then close up to her.

SPEAK I must: I had been trodden on severely, and MUST turn: but how? What strength had I to dart retaliation at my antagonist? I gathered my energies and launched them in this blunt sentence -

“I am not deceitful: if I were, I should say I loved you; but I declare I do not love you: I dislike you the worst of anybody in the world except John Reed; and this book about the liar, you may give to your girl, Georgiana, for it is she who tells lies, and not I.”

Mrs. Reed’s hands still lay on her work inactive: her eye of ice continued to dwell freezingly on mine.

“What more have you to say?” she asked, rather in the tone in which a person might address an opponent of adult age than such as is ordinarily used to a child.

That eye of hers, that voice stirred every antipathy I had. Shaking from head to foot, thrilled with ungovernable excitement, I continued -

“I am glad you are no relation of mine: I will never call you aunt again as long as I live. I will never come to see you when I am grown up; and if any one asks me how I liked you, and how you treated me, I will say the very thought of you makes me sick, and that you treated me with miserable cruelty.”

“How dare you affirm that, Jane Eyre?”

“How dare I, Mrs. Reed? How dare I? Because it is the TRUTH. You think I have no feeling; and that I can do without one bit of love or kindness; but I cannot live so: and you have no pity. I shall remember how you thrust me back -- roughly and violently thrust me back -- into the red-room, and locked me up there, to my dying day; though I was in agony; though I cried out, while suffocating with distress, ‘Have mercy! Have mercy, Aunt Reed!’ And that punishment you made me suffer because your wicked boy struck me -- knocked me down for nothing. I will tell anybody who asks me questions, this exact tale. People think you a good woman, but you are bad, hard- hearted. YOU are deceitful!”

Ere I had finished this reply, my soul began to expand, to exult, with the strangest sense of freedom, of triumph, I ever felt. It seemed as if an invisible bond had burst, and that I had struggled out

into unhopèd-for liberty. Not without cause was this sentiment: Mrs. Reed looked frightened; her work had slipped from her knee; she was lifting up her hands, rocking herself to and fro, and even twisting her face as if she would cry.

“Jane, you are under a mistake: what is the matter with you? Why do you tremble so violently? Would you like to drink some water?”

“No, Mrs. Reed.”

“Is there anything else you wish for, Jane? I assure you, I desire to be your friend.”

“Not you. You told Mr. Brocklehurst I had a bad character, a deceitful disposition; and I’ll let everybody at Lowood know what you are, and what you have done.”

“Jane, you don’t understand these things: children must be corrected for their faults.”

“Deceit is not my fault!” I cried out in a savage, high voice.

“But you are passionate, Jane, that you must allow: and now return to the nursery -- there’s a dear -- and lie down a little.”

“I am not your dear; I cannot lie down: send me to school soon, Mrs. Reed, for I hate to live here.”

“I will indeed send her to school soon,” murmured Mrs. Reed sotto voce; and gathering up her work, she abruptly quitted the apartment.

I was left there alone -- winner of the field. It was the hardest battle I had fought, and the first victory I had gained: I stood awhile on the rug, where Mr. Brocklehurst had stood, and I enjoyed my conqueror’s solitude. First, I smiled to myself and felt elate; but this fierce pleasure subsided in me as fast as did the accelerated throb of my pulses. A child cannot quarrel with its elders, as I had done; cannot give its furious feelings uncontrolled play, as I had given mine, without experiencing afterwards the pang of remorse and the chill of reaction. A ridge of lighted heath, alive, glancing, devouring, would have been a meet emblem of my mind when I accused and menaced Mrs. Reed: the same ridge, black and blasted after the flames are dead, would have represented as meetly my subsequent condition, when half-an-hour’s silence and reflection had shown me the madness of my conduct, and the dreariness of my hated and hating position.

Something of vengeance I had tasted for the first time; as aromatic wine it seemed, on swallowing, warm and racy: its after-flavour, metallic and corroding, gave me a sensation as if I had been poisoned. Willingly would I now have gone and asked Mrs. Reed’s pardon; but I knew, partly from experience and partly from instinct, that was the way to make her repulse me with double scorn, thereby re-exciting every turbulent impulse of my nature.

I would fain exercise some better faculty than that of fierce speaking; fain find nourishment for some less fiendish feeling than that of sombre indignation. I took a book -- some Arabian tales; I sat down and endeavoured to read. I could make no sense of the subject; my own thoughts swam always between me and the page I had usually found fascinating. I opened the glass-door in the breakfast-room: the shrubbery was quite still: the black frost reigned, unbroken by sun or breeze, through the grounds. I covered my head and arms with the skirt of my frock, and went out to walk in a part of the plantation which was quite sequestered; but I found no pleasure in the silent trees, the falling fir-cones, the congealed relics of autumn, russet leaves, swept by past winds in heaps, and now stiffened together. I leaned against a gate, and looked into an empty field where no sheep were feeding, where the short grass

was nipped and blanched. It was a very grey day; a most opaque sky, "onding on snaw," canopied all; thence flakes felt it intervals, which settled on the hard path and on the hoary lea without melting. I stood, a wretched child enough, whispering to myself over and over again, "What shall I do? -- what shall I do?"

All at once I heard a clear voice call, "Miss Jane! where are you? Come to lunch!"

It was Bessie, I knew well enough; but I did not stir; her light step came tripping down the path.

"You naughty little thing!" she said. "Why don't you come when you are called?"

Bessie's presence, compared with the thoughts over which I had been brooding, seemed cheerful; even though, as usual, she was somewhat cross. The fact is, after my conflict with and victory over Mrs. Reed, I was not disposed to care much for the nursemaid's transitory anger; and I WAS disposed to bask in her youthful lightness of heart. I just put my two arms round her and said, "Come, Bessie! don't scold."

The action was more frank and fearless than any I was habituated to indulge in: somehow it pleased her.

"You are a strange child, Miss Jane," she said, as she looked down at me; "a little roving, solitary thing: and you are going to school, I suppose?"

I nodded.

"And won't you be sorry to leave poor Bessie?"

"What does Bessie care for me? She is always scolding me."

"Because you're such a queer, frightened, shy little thing. You should be bolder."

"What! to get more knocks?"

"Nonsense! But you are rather put upon, that's certain. My mother said, when she came to see me last week, that she would not like a little one of her own to be in your place. -- Now, come in, and I've some good news for you."

"I don't think you have, Bessie."

"Child! what do you mean? What sorrowful eyes you fix on me! Well, but Missis and the young ladies and Master John are going out to tea this afternoon, and you shall have tea with me. I'll ask cook to bake you a little cake, and then you shall help me to look over your drawers; for I am soon to pack your trunk. Missis intends you to leave Gateshead in a day or two, and you shall choose what toys you like to take with you."

"Bessie, you must promise not to scold me any more till I go."

"Well, I will; but mind you are a very good girl, and don't be afraid of me. Don't start when I chance to speak rather sharply; it's so provoking."

"I don't think I shall ever be afraid of you again, Bessie, because I have got used to you, and I shall soon have another set of people to dread."

"If you dread them they'll dislike you."

"As you do, Bessie?"

"I don't dislike you, Miss; I believe I am fonder of you than of all the others."

"You don't show it."

“You little sharp thing! you’ve got quite a new way of talking. What makes you so venturesome and hardy?”

“Why, I shall soon be away from you, and besides” -- I was going to say something about what had passed between me and Mrs. Reed, but on second thoughts I considered it better to remain silent on that head.

“And so you’re glad to leave me?”

“Not at all, Bessie; indeed, just now I’m rather sorry.”

“Just now! and rather! How coolly my little lady says it! I dare say now if I were to ask you for a kiss you wouldn’t give it me: you’d say you’d RATHER not.”

“I’ll kiss you and welcome: bend your head down.” Bessie stooped; we mutually embraced, and I followed her into the house quite comforted. That afternoon lapsed in peace and harmony; and in the evening Bessie told me some of her most enchanting stories, and sang me some of her sweetest songs. Even for me life had its gleams of sunshine.

CHAPTER V

Five o'clock had hardly struck on the morning of the 19th of January, when Bessie brought a candle into my closet and found me already up and nearly dressed. I had risen half-an-hour before her entrance, and had washed my face, and put on my clothes by the light of a half-moon just setting, whose rays streamed through the narrow window near my crib. I was to leave Gateshead that day by a coach which passed the lodge gates at six a.m. Bessie was the only person yet risen; she had lit a fire in the nursery, where she now proceeded to make my breakfast. Few children can eat when excited with the thoughts of a journey; nor could I. Bessie, having pressed me in vain to take a few spoonfuls of the boiled milk and bread she had prepared for me, wrapped up some biscuits in a paper and put them into my bag; then she helped me on with my pelisse and bonnet, and wrapping herself in a shawl, she and I left the nursery. As we passed Mrs. Reed's bedroom, she said, "Will you go in and bid Missis good-bye?"

"No, Bessie: she came to my crib last night when you were gone down to supper, and said I need not disturb her in the morning, or my cousins either; and she told me to remember that she had always been my best friend, and to speak of her and be grateful to her accordingly."

"What did you say, Miss?"

"Nothing: I covered my face with the bedclothes, and turned from her to the wall."

"That was wrong, Miss Jane."

"It was quite right, Bessie. Your Missis has not been my friend: she has been my foe."

"O Miss Jane! don't say so!"

"Good-bye to Gateshead!" cried I, as we passed through the hall and went out at the front door.

The moon was set, and it was very dark; Bessie carried a lantern, whose light glanced on wet steps and gravel road sodden by a recent thaw. Raw and chill was the winter morning: my teeth chattered as I hastened down the drive. There was a light in the porter's lodge: when we reached it, we found the porter's wife just kindling her fire: my trunk, which had been carried down the evening before, stood corded at the door. It wanted but a few minutes of six, and shortly after that hour had struck, the distant roll of wheels announced the coming coach; I went to the door and watched its lamps approach rapidly through the gloom.

"Is she going by herself?" asked the porter's wife.

"Yes."

"And how far is it?"

"Fifty miles."

"What a long way! I wonder Mrs. Reed is not afraid to trust her so far alone."

The coach drew up; there it was at the gates with its four horses and its top laden with passengers: the guard and coachman loudly urged haste; my trunk was hoisted up; I was taken from Bessie's neck, to which I clung with kisses.

"Be sure and take good care of her," cried she to the guard, as he lifted me into the inside.

"Ay, ay!" was the answer: the door was slapped to, a voice exclaimed "All right," and on we drove. Thus was I severed from Bessie and Gateshead; thus whirled away to unknown, and, as I ther

deemed, remote and mysterious regions.

I remember but little of the journey; I only know that the day seemed to me of a preternatural length, and that we appeared to travel over hundreds of miles of road. We passed through several towns, and in one, a very large one, the coach stopped; the horses were taken out, and the passengers alighted to dine. I was carried into an inn, where the guard wanted me to have some dinner; but, as I had no appetite, he left me in an immense room with a fireplace at each end, a chandelier pendent from the ceiling, and a little red gallery high up against the wall filled with musical instruments. Here I walked about for a long time, feeling very strange, and mortally apprehensive of some one coming in and kidnapping me; for I believed in kidnappers, their exploits having frequently figured in Bessie's fireside chronicles. At last the guard returned; once more I was stowed away in the coach, my protector mounted his own seat, sounded his hollow horn, and away we rattled over the "stony street" of L-.

The afternoon came on wet and somewhat misty: as it waned into dusk, I began to feel that we were getting very far indeed from Gateshead: we ceased to pass through towns; the country changed; great grey hills heaved up round the horizon: as twilight deepened, we descended a valley, dark with wood, and long after night had overclouded the prospect, I heard a wild wind rushing amongst trees.

Lulled by the sound, I at last dropped asleep; I had not long slumbered when the sudden cessation of motion awoke me; the coach-door was open, and a person like a servant was standing at it: I saw her face and dress by the light of the lamps.

"Is there a little girl called Jane Eyre here?" she asked. I answered "Yes," and was then lifted out; my trunk was handed down, and the coach instantly drove away.

I was stiff with long sitting, and bewildered with the noise and motion of the coach: Gathering my faculties, I looked about me. Rain, wind, and darkness filled the air; nevertheless, I dimly discerned a wall before me and a door open in it; through this door I passed with my new guide: she shut and locked it behind her. There was now visible a house or houses -- for the building spread far -- with many windows, and lights burning in some; we went up a broad pebbly path, splashing wet, and were admitted at a door; then the servant led me through a passage into a room with a fire, where she left me alone.

I stood and warmed my numbed fingers over the blaze, then I looked round; there was no candle, but the uncertain light from the hearth showed, by intervals, papered walls, carpet, curtains, shining mahogany furniture: it was a parlour, not so spacious or splendid as the drawing-room at Gateshead, but comfortable enough. I was puzzling to make out the subject of a picture on the wall, when the door opened, and an individual carrying a light entered; another followed close behind.

The first was a tall lady with dark hair, dark eyes, and a pale and large forehead; her figure was partly enveloped in a shawl, her countenance was grave, her bearing erect.

"The child is very young to be sent alone," said she, putting her candle down on the table. She considered me attentively for a minute or two, then further added -

"She had better be put to bed soon; she looks tired: are you tired?" she asked, placing her hand on my shoulder.

"A little, ma'am."

"And hungry too, no doubt: let her have some supper before she goes to bed, Miss Miller. Is this the first time you have left your parents to come to school, my little girl?"

I explained to her that I had no parents. She inquired how long they had been dead: then how old

I was, what was my name, whether I could read, write, and sew a little: then she touched my cheek gently with her forefinger, and saying, "She hoped I should be a good child," dismissed me along with Miss Miller.

The lady I had left might be about twenty-nine; the one who went with me appeared some years younger: the first impressed me by her voice, look, and air. Miss Miller was more ordinary; ruddy in complexion, though of a careworn countenance; hurried in gait and action, like one who had always a multiplicity of tasks on hand: she looked, indeed, what I afterwards found she really was, an under-teacher. Led by her, I passed from compartment to compartment, from passage to passage, of a large and irregular building; till, emerging from the total and somewhat dreary silence pervading that portion of the house we had traversed, we came upon the hum of many voices, and presently entered a wide, long room, with great deal tables, two at each end, on each of which burnt a pair of candles, and seated all round on benches, a congregation of girls of every age, from nine or ten to twenty. Seen by the dim light of the dips, their number to me appeared countless, though not in reality exceeding eighty; they were uniformly dressed in brown stuff frocks of quaint fashion, and long holland pinafores. It was the hour of study; they were engaged in conning over their to-morrow's task, and the hum I had heard was the combined result of their whispered repetitions.

Miss Miller signed to me to sit on a bench near the door, then walking up to the top of the long room she cried out -

"Monitors, collect the lesson-books and put them away! Four tall girls arose from different tables, and going round, gathered the books and removed them. Miss Miller again gave the word of command -

"Monitors, fetch the supper-trays!"

The tall girls went out and returned presently, each bearing a tray, with portions of something, I knew not what, arranged thereon, and a pitcher of water and mug in the middle of each tray. The portions were handed round; those who liked took a draught of the water, the mug being common to all. When it came to my turn, I drank, for I was thirsty, but did not touch the food, excitement and fatigue rendering me incapable of eating: I now saw, however, that it was a thin oaten cake shaved into fragments.

The meal over, prayers were read by Miss Miller, and the classes filed off, two and two, upstairs. Overpowered by this time with weariness, I scarcely noticed what sort of a place the bedroom was, except that, like the schoolroom, I saw it was very long. To-night I was to be Miss Miller's bed-fellow; she helped me to undress: when laid down I glanced at the long rows of beds, each of which was quickly filled with two occupants; in ten minutes the single light was extinguished, and amidst silence and complete darkness I fell asleep.

The night passed rapidly. I was too tired even to dream; I only once awoke to hear the wind rave in furious gusts, and the rain fall in torrents, and to be sensible that Miss Miller had taken her place by my side. When I again unclosed my eyes, a loud bell was ringing; the girls were up and dressing; day had not yet begun to dawn, and a rushlight or two burned in the room. I too rose reluctantly; it was bitter cold, and I dressed as well as I could for shivering, and washed when there was a basin at liberty, which did not occur soon, as there was but one basin to six girls, on the stands down the middle of the room. Again the bell rang: all formed in file, two and two, and in that order descended the stairs and entered the cold and dimly lit schoolroom: here prayers were read by Miss Miller; afterwards she called out -

"Form classes!"

A great tumult succeeded for some minutes, during which Miss Miller repeatedly exclaimed, "Silence!" and "Order!" When it subsided, I saw them all drawn up in four semicircles, before four chairs, placed at the four tables; all held books in their hands, and a great book, like a Bible, lay on each table, before the vacant seat. A pause of some seconds succeeded, filled up by the low, vague hum of numbers; Miss Miller walked from class to class, hushing this indefinite sound.

A distant bell tinkled: immediately three ladies entered the room, each walked to a table and took her seat. Miss Miller assumed the fourth vacant chair, which was that nearest the door, and around which the smallest of the children were assembled: to this inferior class I was called, and placed at the bottom of it.

Business now began, the day's Collect was repeated, then certain texts of Scripture were said, and to these succeeded a protracted reading of chapters in the Bible, which lasted an hour. By the time that exercise was terminated, day had fully dawned. The indefatigable bell now sounded for the fourth time: the classes were marshalled and marched into another room to breakfast: how glad I was to behold a prospect of getting something to eat! I was now nearly sick from inanition, having taken so little the day before.

The refectory was a great, low-ceiled, gloomy room; on two long tables smoked basins of something hot, which, however, to my dismay, sent forth an odour far from inviting. I saw a universal manifestation of discontent when the fumes of the repast met the nostrils of those destined to swallow it; from the van of the procession, the tall girls of the first class, rose the whispered words -

"Disgusting! The porridge is burnt again!"

"Silence!" ejaculated a voice; not that of Miss Miller, but one of the upper teachers, a little and dark personage, smartly dressed, but of somewhat morose aspect, who installed herself at the top of one table, while a more buxom lady presided at the other. I looked in vain for her I had first seen the night before; she was not visible: Miss Miller occupied the foot of the table where I sat, and a strange, foreign-looking, elderly lady, the French teacher, as I afterwards found, took the corresponding seat at the other board. A long grace was said and a hymn sung; then a servant brought in some tea for the teachers, and the meal began.

Ravenous, and now very faint, I devoured a spoonful or two of my portion without thinking of its taste; but the first edge of hunger blunted, I perceived I had got in hand a nauseous mess; burnt porridge is almost as bad as rotten potatoes; famine itself soon sickens over it. The spoons were moved slowly: I saw each girl taste her food and try to swallow it; but in most cases the effort was soon relinquished. Breakfast was over, and none had breakfasted. Thanks being returned for what we had not got, and a second hymn chanted, the refectory was evacuated for the schoolroom. I was one of the last to go out, and in passing the tables, I saw one teacher take a basin of the porridge and taste it; she looked at the others; all their countenances expressed displeasure, and one of them, the stout one, whispered -

"Abominable stuff! How shameful!"

A quarter of an hour passed before lessons again began, during which the schoolroom was in a glorious tumult; for that space of time it seemed to be permitted to talk loud and more freely, and they used their privilege. The whole conversation ran on the breakfast, which one and all abused roundly. Poor things! it was the sole consolation they had. Miss Miller was now the only teacher in the room: a group of great girls standing about her spoke with serious and sullen gestures. I heard the name of Mr. Brocklehurst pronounced by some lips; at which Miss Miller shook her head disapprovingly; but she made no great

effort to check the general wrath; doubtless she shared in it.

A clock in the schoolroom struck nine; Miss Miller left her circle, and standing in the middle of the room, cried -

“Silence! To your seats!”

Discipline prevailed: in five minutes the confused throng was resolved into order, and comparative silence quelled the Babel clamour of tongues. The upper teachers now punctually resumed their posts: but still, all seemed to wait. Ranged on benches down the sides of the room, the eighty girls sat motionless and erect; a quaint assemblage they appeared, all with plain locks combed from their faces, not a curl visible; in brown dresses, made high and surrounded by a narrow tucker about the throat, with little pockets of holland (shaped something like a Highlander’s purse) tied in front of their frocks, and destined to serve the purpose of a work-bag: all, too, wearing woollen stockings and country-made shoes, fastened with brass buckles. Above twenty of those clad in this costume were full-grown girls, or rather young women; it suited them ill, and gave an air of oddity even to the prettiest.

I was still looking at them, and also at intervals examining the teachers -- none of whom precisely pleased me; for the stout one was a little coarse, the dark one not a little fierce, the foreigner harsh and grotesque, and Miss Miller, poor thing! looked purple, weather-beaten, and over-worked -- when, as my eye wandered from face to face, the whole school rose simultaneously, as if moved by a common spring.

What was the matter? I had heard no order given: I was puzzled. Ere I had gathered my wits, the classes were again seated: but as all eyes were now turned to one point, mine followed the general direction, and encountered the personage who had received me last night. She stood at the bottom of the long room, on the hearth; for there was a fire at each end; she surveyed the two rows of girls silently and gravely. Miss Miller approaching, seemed to ask her a question, and having received her answer, went back to her place, and said aloud -

“Monitor of the first class, fetch the globes!”

While the direction was being executed, the lady consulted moved slowly up the room. I suppose I have a considerable organ of veneration, for I retain yet the sense of admiring awe with which my eyes traced her steps. Seen now, in broad daylight, she looked tall, fair, and shapely; brown eyes with a benignant light in their iris, and a fine pencilling of long lashes round, relieved the whiteness of her large front; on each of her temples her hair, of a very dark brown, was clustered in round curls, according to the fashion of those times, when neither smooth bands nor long ringlets were in vogue; her dress, also in the mode of the day, was of purple cloth, relieved by a sort of Spanish trimming of black velvet; a gold watch (watches were not so common then as now) shone at her girdle. Let the reader add, to complete the picture, refined features; a complexion, if pale, clear; and a stately air and carriage, and he will have, at least, as clearly as words can give it, a correct idea of the exterior of Miss Temple -- Maria Temple, as I afterwards saw the name written in a prayer-book intrusted to me to carry to church.

The superintendent of Lowood (for such was this lady) having taken her seat before a pair of globes placed on one of the tables, summoned the first class round her, and commenced giving a lesson on geography; the lower classes were called by the teachers: repetitions in history, grammar, &c., went on for an hour; writing and arithmetic succeeded, and music lessons were given by Miss Temple to some of the elder girls. The duration of each lesson was measured by the clock, which at last struck twelve. The superintendent rose -

“I have a word to address to the pupils,” said she.

The tumult of cessation from lessons was already breaking forth, but it sank at her voice. She went on -

“You had this morning a breakfast which you could not eat; you must be hungry: -- I have ordered that a lunch of bread and cheese shall be served to all.”

The teachers looked at her with a sort of surprise.

“It is to be done on my responsibility,” she added, in an explanatory tone to them, and immediately afterwards left the room.

The bread and cheese was presently brought in and distributed, to the high delight and refreshment of the whole school. The order was now given “To the garden!” Each put on a coarse straw bonnet, with strings of coloured calico, and a cloak of grey frieze. I was similarly equipped, and, following the stream, I made my way into the open air.

The garden was a wide inclosure, surrounded with walls so high as to exclude every glimpse of prospect; a covered verandah ran down one side, and broad walks bordered a middle space divided into scores of little beds: these beds were assigned as gardens for the pupils to cultivate, and each bed had an owner. When full of flowers they would doubtless look pretty; but now, at the latter end of January, all was wintry blight and brown decay. I shuddered as I stood and looked round me: it was an inclement day for outdoor exercise; not positively rainy, but darkened by a drizzling yellow fog; all under foot was still soaking wet with the floods of yesterday. The stronger among the girls ran about and engaged in active games, but sundry pale and thin ones herded together for shelter and warmth in the verandah; and amongst these, as the dense mist penetrated to their shivering frames, I heard frequently the sound of a hollow cough.

As yet I had spoken to no one, nor did anybody seem to take notice of me; I stood lonely enough: but to that feeling of isolation I was accustomed; it did not oppress me much. I leant against a pillar of the verandah, drew my grey mantle close about me, and, trying to forget the cold which nipped me without, and the unsatisfied hunger which gnawed me within, delivered myself up to the employment of watching and thinking. My reflections were too undefined and fragmentary to merit record: I hardly yet knew where I was; Gateshead and my past life seemed floated away to an immeasurable distance; the present was vague and strange, and of the future I could form no conjecture. I looked round the convent-like garden, and then up at the house -- a large building, half of which seemed grey and old, the other half quite new. The new part, containing the schoolroom and dormitory, was lit by mullioned and latticed windows, which gave it a church-like aspect; a stone tablet over the door bore this inscription:-

**“ LOWOOD INSTITUTION. -- THIS PORTION WAS REBUILT A.D. --, BY NAIG
BROCKLEHURST, OF BROCKLEHURST HALL, IN THIS COUNTRY.”**

**“LET YOUR LIGHT SO SHINE BEFORE MEN, THAT THEY MAY SEE YOUR GOOD
WORKS, AND GLORIFY YOUR FATHER WHICH IS IN HEAVEN.” -- ST. MATT. V. 16.**

I read these words over and over again: I felt that an explanation belonged to them, and was unable fully to penetrate their import. I was still pondering the signification of “Institution,” and endeavouring to make out a connection between the first words and the verse of Scripture, when the sound of a cough close behind me made me turn my head. I saw a girl sitting on a stone bench near; she was bent

over a book, on the perusal of which she seemed intent: from where I stood I could see the title -- it was "Rasselas;" a name that struck me as strange, and consequently attractive. In turning a leaf she happened to look up, and I said to her directly -

"Is your book interesting?" I had already formed the intention of asking her to lend it to me some day.

"I like it," she answered, after a pause of a second or two, during which she examined me.

"What is it about?" I continued. I hardly know where I found the hardihood thus to open a conversation with a stranger; the step was contrary to my nature and habits: but I think her occupation touched a chord of sympathy somewhere; for I too liked reading, though of a frivolous and childish kind; I could not digest or comprehend the serious or substantial.

"You may look at it," replied the girl, offering me the book.

I did so; a brief examination convinced me that the contents were less taking than the title: "Rasselas" looked dull to my trifling taste; I saw nothing about fairies, nothing about genii; no bright variety seemed spread over the closely-printed pages. I returned it to her; she received it quietly, and without saying anything she was about to relapse into her former studious mood: again I ventured to disturb her -

"Can you tell me what the writing on that stone over the door means? What is Lowood Institution?"

"This house where you are come to live."

"And why do they call it Institution? Is it in any way different from other schools?"

"It is partly a charity-school: you and I, and all the rest of us, are charity-children. I suppose you are an orphan: are not either your father or your mother dead?"

"Both died before I can remember."

"Well, all the girls here have lost either one or both parents, and this is called an institution for educating orphans."

"Do we pay no money? Do they keep us for nothing?"

"We pay, or our friends pay, fifteen pounds a year for each."

"Then why do they call us charity-children?"

"Because fifteen pounds is not enough for board and teaching, and the deficiency is supplied by subscription."

"Who subscribes?"

"Different benevolent-minded ladies and gentlemen in this neighbourhood and in London."

"Who was Naomi Brocklehurst?"

"The lady who built the new part of this house as that tablet records, and whose son overlooks and directs everything here."

"Why?"

"Because he is treasurer and manager of the establishment."

"Then this house does not belong to that tall lady who wears a watch, and who said we were to

have some bread and cheese?"

"To Miss Temple? Oh, no! I wish it did: she has to answer to Mr. Brocklehurst for all she does. Mr. Brocklehurst buys all our food and all our clothes."

"Does he live here?"

"No -- two miles off, at a large hall."

"Is he a good man?"

"He is a clergyman, and is said to do a great deal of good."

"Did you say that tall lady was called Miss Temple?"

"Yes."

"And what are the other teachers called?"

"The one with red cheeks is called Miss Smith; she attends to the work, and cuts out -- for we make our own clothes, our frocks, and pelisses, and everything; the little one with black hair is Miss Scatcherd; she teaches history and grammar, and hears the second class repetitions; and the one who wears a shawl, and has a pocket-handkerchief tied to her side with a yellow ribband, is Madame Pierrot: she comes from Lisle, in France, and teaches French."

"Do you like the teachers?"

"Well enough."

"Do you like the little black one, and the Madame -? -- I cannot pronounce her name as you do."

"Miss Scatcherd is hasty -- you must take care not to offend her; Madame Pierrot is not a bad sort of person."

"But Miss Temple is the best -- isn't she?"

"Miss Temple is very good and very clever; she is above the rest, because she knows far more than they do."

"Have you been long here?"

"Two years."

"Are you an orphan?"

"My mother is dead."

"Are you happy here?"

"You ask rather too many questions. I have given you answers enough for the present: now I want to read."

But at that moment the summons sounded for dinner; all re-entered the house. The odour which now filled the refectory was scarcely more appetising than that which had regaled our nostrils at breakfast: the dinner was served in two huge tin-plated vessels, whence rose a strong steam redolent of rancid fat. I found the mess to consist of indifferent potatoes and strange shreds of rusty meat, mixed and cooked together. Of this preparation a tolerably abundant plateful was apportioned to each pupil. I ate what I could, and wondered within myself whether every day's fare would be like this.

After dinner, we immediately adjourned to the schoolroom: lessons recommenced, and were continued till five o'clock.

The only marked event of the afternoon was, that I saw the girl with whom I had conversed in the verandah dismissed in disgrace by Miss Scatcherd from a history class, and sent to stand in the middle of the large schoolroom. The punishment seemed to me in a high degree ignominious, especially for so great a girl -- she looked thirteen or upwards. I expected she would show signs of great distress and shame; but to my surprise she neither wept nor blushed: composed, though grave, she stood, the central mark of all eyes. "How can she bear it so quietly -- so firmly?" I asked of myself. "Were I in her place, it seems to me I should wish the earth to open and swallow me up. She looks as if she were thinking of something beyond her punishment -- beyond her situation: of something not round her nor before her. I have heard of day-dreams -- is she in a day-dream now? Her eyes are fixed on the floor, but I am sure they do not see it -- her sight seems turned in, gone down into her heart: she is looking at what she can remember, I believe; not at what is really present. I wonder what sort of a girl she is -- whether good or naughty."

Soon after five p.m. we had another meal, consisting of a small mug of coffee, and half-a-slice of brown bread. I devoured my bread and drank my coffee with relish; but I should have been glad of as much more -- I was still hungry. Half-an-hour's recreation succeeded, then study; then the glass of water and the piece of oat-cake, prayers, and bed. Such was my first day at Lowood.

CHAPTER VI

The next day commenced as before, getting up and dressing by rushlight; but this morning we were obliged to dispense with the ceremony of washing; the water in the pitchers was frozen. A change had taken place in the weather the preceding evening, and a keen north-east wind, whistling through the crevices of our bedroom windows all night long, had made us shiver in our beds, and turned the contents of the ewers to ice.

Before the long hour and a half of prayers and Bible-reading was over, I felt ready to perish with cold. Breakfast-time came at last, and this morning the porridge was not burnt; the quality was eatable, the quantity small. How small my portion seemed! I wished it had been doubled.

In the course of the day I was enrolled a member of the fourth class, and regular tasks and occupations were assigned me: hitherto, I had only been a spectator of the proceedings at Lowood; I was now to become an actor therein. At first, being little accustomed to learn by heart, the lessons appeared to me both long and difficult; the frequent change from task to task, too, bewildered me; and I was glad when, about three o'clock in the afternoon, Miss Smith put into my hands a border of muslin two yards long, together with needle, thimble, &c., and sent me to sit in a quiet corner of the schoolroom, with directions to hem the same. At that hour most of the others were sewing likewise; but one class still stood round Miss Scatcherd's chair reading, and as all was quiet, the subject of their lessons could be heard, together with the manner in which each girl acquitted herself, and the animadversions or commendations of Miss Scatcherd on the performance. It was English history: among the readers I observed my acquaintance of the verandah: at the commencement of the lesson, her place had been at the top of the class, but for some error of pronunciation, or some inattention to stops, she was suddenly sent to the very bottom. Even in that obscure position, Miss Scatcherd continued to make her an object of constant notice: she was continually addressing to her such phrases as the following:-

"Burns" (such it seems was her name: the girls here were all called by their surnames, as boys are elsewhere), "Burns, you are standing on the side of your shoe; turn your toes out immediately." "Burns, you poke your chin most unpleasantly; draw it in." "Burns, I insist on your holding your head up; I will not have you before me in that attitude," &c. &c.

A chapter having been read through twice, the books were closed and the girls examined. The lesson had comprised part of the reign of Charles I., and there were sundry questions about tonnage and poundage and ship-money, which most of them appeared unable to answer; still, every little difficulty was solved instantly when it reached Burns: her memory seemed to have retained the substance of the whole lesson, and she was ready with answers on every point. I kept expecting that Miss Scatcherd would praise her attention; but, instead of that, she suddenly cried out -

"You dirty, disagreeable girl! you have never cleaned your nails this morning!"

Burns made no answer: I wondered at her silence. "Why," thought I, "does she not explain that she could neither clean her nails nor wash her face, as the water was frozen?"

My attention was now called off by Miss Smith desiring me to hold a skein of thread: while she was winding it, she talked to me from time to time, asking whether I had ever been at school before, whether I could mark, stitch, knit, &c.; till she dismissed me, I could not pursue my observations on Miss Scatcherd's movements. When I returned to my seat, that lady was just delivering an order of which I did

not catch the import; but Burns immediately left the class, and going into the small inner room where the books were kept, returned in half a minute, carrying in her hand a bundle of twigs tied together at one end. This ominous tool she presented to Miss Scatcherd with a respectful curtesy; then she quietly, and without being told, unloosed her pinafore, and the teacher instantly and sharply inflicted on her neck a dozen strokes with the bunch of twigs. Not a tear rose to Burns' eye; and, while I paused from my sewing, because my fingers quivered at this spectacle with a sentiment of unavailing and impotent anger, not a feature of her pensive face altered its ordinary expression.

"Hardened girl!" exclaimed Miss Scatcherd; "nothing can correct you of your slatternly habits: carry the rod away."

Burns obeyed: I looked at her narrowly as she emerged from the book-closet; she was just putting back her handkerchief into her pocket, and the trace of a tear glistened on her thin cheek.

The play-hour in the evening I thought the pleasantest fraction of the day at Lowood: the bit of bread, the draught of coffee swallowed at five o'clock had revived vitality, if it had not satisfied hunger: the long restraint of the day was slackened; the schoolroom felt warmer than in the morning -- its fires being allowed to burn a little more brightly, to supply, in some measure, the place of candles, not yet introduced: the ruddy gloaming, the licensed uproar, the confusion of many voices gave one a welcome sense of liberty.

On the evening of the day on which I had seen Miss Scatcherd flog her pupil, Burns, I wandered as usual among the forms and tables and laughing groups without a companion, yet not feeling lonely: when I passed the windows, I now and then lifted a blind, and looked out; it snowed fast, a drift was already forming against the lower panes; putting my ear close to the window, I could distinguish from the gleeful tumult within, the disconsolate moan of the wind outside.

Probably, if I had lately left a good home and kind parents, this would have been the hour when I should most keenly have regretted the separation; that wind would then have saddened my heart; this obscure chaos would have disturbed my peace! as it was, I derived from both a strange excitement, and reckless and feverish, I wished the wind to howl more wildly, the gloom to deepen to darkness, and the confusion to rise to clamour.

Jumping over forms, and creeping under tables, I made my way to one of the fire-places; there, kneeling by the high wire fender, I found Burns, absorbed, silent, abstracted from all round her by the companionship of a book, which she read by the dim glare of the embers.

"Is it still 'Rasselas'?" I asked, coming behind her.

"Yes," she said, "and I have just finished it."

And in five minutes more she shut it up. I was glad of this. "Now," thought I, "I can perhaps get her to talk." I sat down by her on the floor.

"What is your name besides Burns?"

"Helen."

"Do you come a long way from here?"

"I come from a place farther north, quite on the borders of Scotland."

"Will you ever go back?"

"I hope so; but nobody can be sure of the future."

“You must wish to leave Lowood?”

“No! why should I? I was sent to Lowood to get an education; and it would be of no use going away until I have attained that object.”

“But that teacher, Miss Scatcherd, is so cruel to you?”

“Cruel? Not at all! She is severe: she dislikes my faults.”

“And if I were in your place I should dislike her; I should resist her. If she struck me with the rod, I should get it from her hand; I should break it under her nose.”

“Probably you would do nothing of the sort: but if you did, Mr. Brocklehurst would expel you from the school; that would be a great grief to your relations. It is far better to endure patiently a smart which nobody feels but yourself, than to commit a hasty action whose evil consequences will extend to all connected with you; and besides, the Bible bids us return good for evil.”

“But then it seems disgraceful to be flogged, and to be sent to stand in the middle of a room full of people; and you are such a great girl: I am far younger than you, and I could not bear it.”

“Yet it would be your duty to bear it, if you could not avoid it: it is weak and silly to say you CANNOT BEAR what it is your fate to be required to bear.”

I heard her with wonder: I could not comprehend this doctrine of endurance; and still less could I understand or sympathise with the forbearance she expressed for her chastiser. Still I felt that Helen Burns considered things by a light invisible to my eyes. I suspected she might be right and I wrong; but I would not ponder the matter deeply; like Felix, I put it off to a more convenient season.

“You say you have faults, Helen: what are they? To me you seem very good.”

“Then learn from me, not to judge by appearances: I am, as Miss Scatcherd said, slatternly; I seldom put, and never keep, things, in order; I am careless; I forget rules; I read when I should learn my lessons; I have no method; and sometimes I say, like you, I cannot BEAR to be subjected to systematic arrangements. This is all very provoking to Miss Scatcherd, who is naturally neat, punctual, and particular.”

“And cross and cruel,” I added; but Helen Burns would not admit my addition: she kept silence.

“Is Miss Temple as severe to you as Miss Scatcherd?”

At the utterance of Miss Temple’s name, a soft smile flitted over her grave face.

“Miss Temple is full of goodness; it pains her to be severe to any one, even the worst in the school: she sees my errors, and tells me of them gently; and, if I do anything worthy of praise, she gives me my meed liberally. One strong proof of my wretchedly defective nature is, that even her expostulations, so mild, so rational, have not influence to cure me of my faults; and even her praise, though I value it most highly, cannot stimulate me to continued care and foresight.”

“That is curious,” said I, “it is so easy to be careful.”

“For YOU I have no doubt it is. I observed you in your class this morning, and saw you were closely attentive: your thoughts never seemed to wander while Miss Miller explained the lesson and questioned you. Now, mine continually rove away; when I should be listening to Miss Scatcherd, and collecting all she says with assiduity, often I lose the very sound of her voice; I fall into a sort of dream. Sometimes I think I am in Northumberland, and that the noises I hear round me are the bubbling of a little brook which runs through Deepden, near our house; -- then, when it comes to my turn to reply, I have to be

awakened; and having heard nothing of what was read for listening to the visionary brook, I have no answer ready.”

“Yet how well you replied this afternoon.”

“It was mere chance; the subject on which we had been reading had interested me. This afternoon, instead of dreaming of Deepden, I was wondering how a man who wished to do right could act so unjustly and unwisely as Charles the First sometimes did; and I thought what a pity it was that, with his integrity and conscientiousness, he could see no farther than the prerogatives of the crown. If he had but been able to look to a distance, and see how what they call the spirit of the age was tending! Still, I like Charles -- I respect him -- I pity him, poor murdered king! Yes, his enemies were the worst: they shed blood they had no right to shed. How dared they kill him!”

Helen was talking to herself now: she had forgotten I could not very well understand her -- that I was ignorant, or nearly so, of the subject she discussed. I recalled her to my level.

“And when Miss Temple teaches you, do your thoughts wander then?”

“No, certainly, not often; because Miss Temple has generally something to say which is newer than my own reflections; her language is singularly agreeable to me, and the information she communicates is often just what I wished to gain.”

“Well, then, with Miss Temple you are good?”

“Yes, in a passive way: I make no effort; I follow as inclination guides me. There is no merit in such goodness.”

“A great deal: you are good to those who are good to you. It is all I ever desire to be. If people were always kind and obedient to those who are cruel and unjust, the wicked people would have it all their own way: they would never feel afraid, and so they would never alter, but would grow worse and worse. When we are struck at without a reason, we should strike back again very hard; I am sure we should -- so hard as to teach the person who struck us never to do it again.”

“You will change your mind, I hope, when you grow older: as yet you are but a little untaught girl.”

“But I feel this, Helen; I must dislike those who, whatever I do to please them, persist in disliking me; I must resist those who punish me unjustly. It is as natural as that I should love those who show me affection, or submit to punishment when I feel it is deserved.”

“Heathens and savage tribes hold that doctrine, but Christians and civilised nations disown it.”

“How? I don’t understand.”

“It is not violence that best overcomes hate -- nor vengeance that most certainly heals injury.”

“What then?”

“Read the New Testament, and observe what Christ says, and how He acts; make His word your rule, and His conduct your example.”

“What does He say?”

“Love your enemies; bless them that curse you; do good to them that hate you and despitefully use you.”

“Then I should love Mrs. Reed, which I cannot do; I should bless her son John, which is impossible.”

In her turn, Helen Burns asked me to explain, and I proceeded forthwith to pour out, in my own way, the tale of my sufferings and resentments. Bitter and truculent when excited, I spoke as I felt, without reserve or softening.

Helen heard me patiently to the end: I expected she would then make a remark, but she said nothing.

“Well,” I asked impatiently, “is not Mrs. Reed a hard-hearted, bad woman?”

“She has been unkind to you, no doubt; because you see, she dislikes your cast of character, as Miss Scatcherd does mine; but how minutely you remember all she has done and said to you! What a singularly deep impression her injustice seems to have made on your heart! No ill-usage so brands its record on my feelings. Would you not be happier if you tried to forget her severity, together with the passionate emotions it excited? Life appears to me too short to be spent in nursing animosity or registering wrongs. We are, and must be, one and all, burdened with faults in this world: but the time will soon come when, I trust, we shall put them off in putting off our corruptible bodies; when debasement and sin will fall from us with this cumbrous frame of flesh, and only the spark of the spirit will remain, -- the impalpable principle of light and thought, pure as when it left the Creator to inspire the creature: whence it came it will return; perhaps again to be communicated to some being higher than man -- perhaps to pass through gradations of glory, from the pale human soul to brighten to the seraph! Surely it will never, on the contrary, be suffered to degenerate from man to fiend? No; I cannot believe that: I hold another creed: which no one ever taught me, and which I seldom mention; but in which I delight, and to which I cling: for it extends hope to all: it makes Eternity a rest -- a mighty home, not a terror and an abyss. Besides, with this creed, I can so clearly distinguish between the criminal and his crime; I can so sincerely forgive the first while I abhor the last: with this creed revenge never worries my heart, degradation never too deeply disgusts me, injustice never crushes me too low: I live in calm, looking to the end.”

Helen’s head, always drooping, sank a little lower as she finished this sentence. I saw by her look she wished no longer to talk to me, but rather to converse with her own thoughts. She was not allowed much time for meditation: a monitor, a great rough girl, presently came up, exclaiming in a strong Cumberland accent -

“Helen Burns, if you don’t go and put your drawer in order, and fold up your work this minute, I’ll tell Miss Scatcherd to come and look at it!”

Helen sighed as her reverie fled, and getting up, obeyed the monitor without reply as without delay.

CHAPTER VII

My first quarter at Lowood seemed an age; and not the golden age either; it comprised an irksome struggle with difficulties in habituating myself to new rules and unwonted tasks. The fear of failure in these points harassed me worse than the physical hardships of my lot; though these were no trifles.

During January, February, and part of March, the deep snows, and, after their melting, the almost impassable roads, prevented our stirring beyond the garden walls, except to go to church; but within these limits we had to pass an hour every day in the open air. Our clothing was insufficient to protect us from the severe cold: we had no boots, the snow got into our shoes and melted there: our ungloved hands became numbed and covered with chilblains, as were our feet: I remember well the distracting irritation I endured from this cause every evening, when my feet inflamed; and the torture of thrusting the swelled, raw, and stiff toes into my shoes in the morning. Then the scanty supply of food was distressing: with the keen appetites of growing children, we had scarcely sufficient to keep alive a delicate invalid. From this deficiency of nourishment resulted an abuse, which pressed hardly on the younger pupils: whenever the famished great girls had an opportunity, they would coax or menace the little ones out of their portion. Many a time I have shared between two claimants the precious morsel of brown bread distributed at tea-time; and after relinquishing to a third half the contents of my mug of coffee, I have swallowed the remainder with an accompaniment of secret tears, forced from me by the exigency of hunger.

Sundays were dreary days in that wintry season. We had to walk two miles to Brocklebridge Church, where our patron officiated. We set out cold, we arrived at church colder: during the morning service we became almost paralysed. It was too far to return to dinner, and an allowance of cold meat and bread, in the same penurious proportion observed in our ordinary meals, was served round between the services.

At the close of the afternoon service we returned by an exposed and hilly road, where the bitter winter wind, blowing over a range of snowy summits to the north, almost flayed the skin from our faces.

I can remember Miss Temple walking lightly and rapidly along our drooping line, her plaid cloak, which the frosty wind fluttered, gathered close about her, and encouraging us, by precept and example, to keep up our spirits, and march forward, as she said, "like stalwart soldiers." The other teachers, poor things, were generally themselves too much dejected to attempt the task of cheering others.

How we longed for the light and heat of a blazing fire when we got back! But, to the little ones at least, this was denied: each hearth in the schoolroom was immediately surrounded by a double row of great girls, and behind them the younger children crouched in groups, wrapping their starved arms in their pinafores.

A little solace came at tea-time, in the shape of a double ration of bread -- a whole, instead of a half, slice -- with the delicious addition of a thin scrape of butter: it was the hebdomadal treat to which we all looked forward from Sabbath to Sabbath. I generally contrived to reserve a moiety of this bounteous repast for myself; but the remainder I was invariably obliged to part with.

The Sunday evening was spent in repeating, by heart, the Church Catechism, and the fifth, sixth and seventh chapters of St. Matthew; and in listening to a long sermon, read by Miss Miller, whose irrepressible yawns attested her weariness. A frequent interlude of these performances was the enactment

of the part of Eutychus by some half-dozen of little girls, who, overpowered with sleep, would fall down, if not out of the third loft, yet off the fourth form, and be taken up half dead. The remedy was, to thrust them forward into the centre of the schoolroom, and oblige them to stand there till the sermon was finished. Sometimes their feet failed them, and they sank together in a heap; they were then propped up with the monitors' high stools.

I have not yet alluded to the visits of Mr. Brocklehurst; and indeed that gentleman was from home during the greater part of the first month after my arrival; perhaps prolonging his stay with his friend the archdeacon: his absence was a relief to me. I need not say that I had my own reasons for dreading his coming: but come he did at last.

One afternoon (I had then been three weeks at Lowood), as I was sitting with a slate in my hand, puzzling over a sum in long division, my eyes, raised in abstraction to the window, caught sight of a figure just passing: I recognised almost instinctively that gaunt outline; and when, two minutes after, all the school, teachers included, rose en masse, it was not necessary for me to look up in order to ascertain whose entrance they thus greeted. A long stride measured the schoolroom, and presently beside Miss Temple, who herself had risen, stood the same black column which had frowned on me so ominously from the hearthrug of Gateshead. I now glanced sideways at this piece of architecture. Yes, I was right: it was Mr. Brocklehurst, buttoned up in a surtout, and looking longer, narrower, and more rigid than ever.

I had my own reasons for being dismayed at this apparition; too well I remembered the perfidious hints given by Mrs. Reed about my disposition, &c.; the promise pledged by Mr. Brocklehurst to apprise Miss Temple and the teachers of my vicious nature. All along I had been dreading the fulfilment of this promise, -- I had been looking out daily for the "Coming Man," whose information respecting my past life and conversation was to brand me as a bad child for ever: now there he was.

He stood at Miss Temple's side; he was speaking low in her ear: I did not doubt he was making disclosures of my villainy; and I watched her eye with painful anxiety, expecting every moment to see its dark orb turn on me a glance of repugnance and contempt. I listened too; and as I happened to be seated quite at the top of the room, I caught most of what he said: its import relieved me from immediate apprehension.

"I suppose, Miss Temple, the thread I bought at Lowton will do; it struck me that it would be just of the quality for the calico chemises, and I sorted the needles to match. You may tell Miss Smith that I forgot to make a memorandum of the darning needles, but she shall have some papers sent in next week; and she is not, on any account, to give out more than one at a time to each pupil: if they have more, they are apt to be careless and lose them. And, O ma'am! I wish the woollen stockings were better looked to! - - when I was here last, I went into the kitchen-garden and examined the clothes drying on the line; there was a quantity of black hose in a very bad state of repair: from the size of the holes in them I was sure they had not been well mended from time to time."

He paused.

"Your directions shall be attended to, sir," said Miss Temple.

"And, ma'am," he continued, "the laundress tells me some of the girls have two clean tuckers in the week: it is too much; the rules limit them to one."

"I think I can explain that circumstance, sir. Agnes and Catherine Johnstone were invited to take tea with some friends at Lowton last Thursday, and I gave them leave to put on clean tuckers for the occasion."

Mr. Brocklehurst nodded.

“Well, for once it may pass; but please not to let the circumstance occur too often. And there is another thing which surprised me; I find, in settling accounts with the housekeeper, that a lunch, consisting of bread and cheese, has twice been served out to the girls during the past fortnight. How is this? I looked over the regulations, and I find no such meal as lunch mentioned. Who introduced this innovation? and by what authority?”

“I must be responsible for the circumstance, sir,” replied Miss Temple: “the breakfast was so ill prepared that the pupils could not possibly eat it; and I dared not allow them to remain fasting till dinner-time.”

“Madam, allow me an instant. You are aware that my plan in bringing up these girls is, not to accustom them to habits of luxury and indulgence, but to render them hardy, patient, self-denying. Should any little accidental disappointment of the appetite occur, such as the spoiling of a meal, the under or the over dressing of a dish, the incident ought not to be neutralised by replacing with something more delicate the comfort lost, thus pampering the body and obviating the aim of this institution; it ought to be improved to the spiritual edification of the pupils, by encouraging them to evince fortitude under temporary privation. A brief address on those occasions would not be mistimed, wherein a judicious instructor would take the opportunity of referring to the sufferings of the primitive Christians; to the torments of martyrs; to the exhortations of our blessed Lord Himself, calling upon His disciples to take up their cross and follow Him; to His warnings that man shall not live by bread alone, but by every word that proceedeth out of the mouth of God; to His divine consolations, “If ye suffer hunger or thirst for My sake, happy are ye.” Oh, madam, when you put bread and cheese, instead of burnt porridge, into these children’s mouths, you may indeed feed their vile bodies, but you little think how you starve their immortal souls!”

Mr. Brocklehurst again paused -- perhaps overcome by his feelings. Miss Temple had looked down when he first began to speak to her; but she now gazed straight before her, and her face, naturally pale as marble, appeared to be assuming also the coldness and fixity of that material; especially her mouth, closed as if it would have required a sculptor’s chisel to open it, and her brow settled gradually into petrified severity.

Meantime, Mr. Brocklehurst, standing on the hearth with his hands behind his back, majestically surveyed the whole school. Suddenly his eye gave a blink, as if it had met something that either dazzled or shocked its pupil; turning, he said in more rapid accents than he had hitherto used -

“Miss Temple, Miss Temple, what -- WHAT is that girl with curled hair? Red hair, ma’am, curled -- curled all over?” And extending his cane he pointed to the awful object, his hand shaking as he did so.

“It is Julia Severn,” replied Miss Temple, very quietly.

“Julia Severn, ma’am! And why has she, or any other, curled hair? Why, in defiance of every precept and principle of this house, does she conform to the world so openly -- here in an evangelical, charitable establishment -- as to wear her hair one mass of curls?”

“Julia’s hair curls naturally,” returned Miss Temple, still more quietly.

“Naturally! Yes, but we are not to conform to nature; I wish these girls to be the children of Grace: and why that abundance? I have again and again intimated that I desire the hair to be arranged closely, modestly, plainly. Miss Temple, that girl’s hair must be cut off entirely; I will send a barber to-

morrow: and I see others who have far too much of the excrescence -- that tall girl, tell her to turn round. Tell all the first form to rise up and direct their faces to the wall.”

Miss Temple passed her handkerchief over her lips, as if to smooth away the involuntary smile that curled them; she gave the order, however, and when the first class could take in what was required of them, they obeyed. Leaning a little back on my bench, I could see the looks and grimaces with which they commented on this manoeuvre: it was a pity Mr. Brocklehurst could not see them too; he would perhaps have felt that, whatever he might do with the outside of the cup and platter, the inside was further beyond his interference than he imagined.

He scrutinised the reverse of these living medals some five minutes, then pronounced sentence. These words fell like the knell of doom -

“All those top-knots must be cut off.”

Miss Temple seemed to remonstrate.

“Madam,” he pursued, “I have a Master to serve whose kingdom is not of this world: my mission is to mortify in these girls the lusts of the flesh; to teach them to clothe themselves with shame-facedness and sobriety, not with braided hair and costly apparel; and each of the young persons before us has a string of hair twisted in plaits which vanity itself might have woven; these, I repeat, must be cut off; think of the time wasted, of -- “

Mr. Brocklehurst was here interrupted: three other visitors, ladies, now entered the room. They ought to have come a little sooner to have heard his lecture on dress, for they were splendidly attired in velvet, silk, and furs. The two younger of the trio (fine girls of sixteen and seventeen) had grey beaver hats, then in fashion, shaded with ostrich plumes, and from under the brim of this graceful head-dress fell a profusion of light tresses, elaborately curled; the elder lady was enveloped in a costly velvet shawl, trimmed with ermine, and she wore a false front of French curls.

These ladies were deferentially received by Miss Temple, as Mrs. and the Misses Brocklehurst and conducted to seats of honour at the top of the room. It seems they had come in the carriage with their reverend relative, and had been conducting a rummaging scrutiny of the room upstairs, while he transacted business with the housekeeper, questioned the laundress, and lectured the superintendent. They now proceeded to address divers remarks and reproofs to Miss Smith, who was charged with the care of the linen and the inspection of the dormitories: but I had no time to listen to what they said; other matters called off and enchanted my attention.

Hitherto, while gathering up the discourse of Mr. Brocklehurst and Miss Temple, I had not, at the same time, neglected precautions to secure my personal safety; which I thought would be effected, if I could only elude observation. To this end, I had sat well back on the form, and while seeming to be busy with my sum, had held my slate in such a manner as to conceal my face: I might have escaped notice, had not my treacherous slate somehow happened to slip from my hand, and falling with an obtrusive crash, directly drawn every eye upon me; I knew it was all over now, and, as I stooped to pick up the two fragments of slate, I rallied my forces for the worst. It came.

“A careless girl!” said Mr. Brocklehurst, and immediately after -- “It is the new pupil, I perceive.” And before I could draw breath, “I must not forget I have a word to say respecting her.” Ther aloud: how loud it seemed to me! “Let the child who broke her slate come forward!”

Of my own accord I could not have stirred; I was paralysed: but the two great girls who sit on each side of me, set me on my legs and pushed me towards the dread judge, and then Miss Temple gently

assisted me to his very feet, and I caught her whispered counsel -

“Don’t be afraid, Jane, I saw it was an accident; you shall not be punished.”

The kind whisper went to my heart like a dagger.

“Another minute, and she will despise me for a hypocrite,” thought I; and an impulse of fury against Reed, Brocklehurst, and Co. bounded in my pulses at the conviction. I was no Helen Burns.

“Fetch that stool,” said Mr. Brocklehurst, pointing to a very high one from which a monitor had just risen: it was brought.

“Place the child upon it.”

And I was placed there, by whom I don’t know: I was in no condition to note particulars; I was only aware that they had hoisted me up to the height of Mr. Brocklehurst’s nose, that he was within a yard of me, and that a spread of shot orange and purple silk pelisses and a cloud of silvery plumage extended and waved below me.

Mr. Brocklehurst hemmed.

“Ladies,” said he, turning to his family, “Miss Temple, teachers, and children, you all see this girl?”

Of course they did; for I felt their eyes directed like burning-glasses against my scorched skin.

“You see she is yet young; you observe she possesses the ordinary form of childhood; God has graciously given her the shape that He has given to all of us; no signal deformity points her out as a marked character. Who would think that the Evil One had already found a servant and agent in her? Yet such, I grieve to say, is the case.”

A pause -- in which I began to steady the palsy of my nerves, and to feel that the Rubicon was passed; and that the trial, no longer to be shirked, must be firmly sustained.

“My dear children,” pursued the black marble clergyman, with pathos, “this is a sad, a melancholy occasion; for it becomes my duty to warn you, that this girl, who might be one of God’s own lambs, is a little castaway: not a member of the true flock, but evidently an interloper and an alien. You must be on your guard against her; you must shun her example; if necessary, avoid her company, exclude her from your sports, and shut her out from your converse. Teachers, you must watch her: keep your eyes on her movements, weigh well her words, scrutinise her actions, punish her body to save her soul: if, indeed, such salvation be possible, for (my tongue falters while I tell it) this girl, this child, the native of a Christian land, worse than many a little heathen who says its prayers to Brahma and kneels before Juggernaut -- this girl is -- a liar!”

Now came a pause of ten minutes, during which I, by this time in perfect possession of my wits, observed all the female Brocklehursts produce their pocket-handkerchiefs and apply them to their optics, while the elderly lady swayed herself to and fro, and the two younger ones whispered, “How shocking!” Mr. Brocklehurst resumed.

“This I learned from her benefactress; from the pious and charitable lady who adopted her in her orphan state, reared her as her own daughter, and whose kindness, whose generosity the unhappy girl repaid by an ingratitude so bad, so dreadful, that at last her excellent patroness was obliged to separate her from her own young ones, fearful lest her vicious example should contaminate their purity: she has sent her here to be healed, even as the Jews of old sent their diseased to the troubled pool of Bethesda; and, teachers, superintendent, I beg of you not to allow the waters to stagnate round her.”

With this sublime conclusion, Mr. Brocklehurst adjusted the top button of his surtout, muttered something to his family, who rose, bowed to Miss Temple, and then all the great people sailed in state from the room. Turning at the door, my judge said -

“Let her stand half-an-hour longer on that stool, and let no one speak to her during the remainder of the day.”

There was I, then, mounted aloft; I, who had said I could not bear the shame of standing on my natural feet in the middle of the room, was now exposed to general view on a pedestal of infamy. What my sensations were no language can describe; but just as they all rose, stifling my breath and constricting my throat, a girl came up and passed me: in passing, she lifted her eyes. What a strange light inspired them! What an extraordinary sensation that ray sent through me! How the new feeling bore me up! It was as if a martyr, a hero, had passed a slave or victim, and imparted strength in the transit. I mastered the rising hysteria, lifted up my head, and took a firm stand on the stool. Helen Burns asked some slight question about her work of Miss Smith, was chidden for the triviality of the inquiry, returned to her place, and smiled at me as she again went by. What a smile! I remember it now, and I know that it was the effluence of fine intellect, of true courage; it lit up her marked lineaments, her thin face, her sunken grey eye, like a reflection from the aspect of an angel. Yet at that moment Helen Burns wore on her arm “the untidy badge;” scarcely an hour ago I had heard her condemned by Miss Scatcherd to a dinner of bread and water on the morrow because she had blotted an exercise in copying it out. Such is the imperfect nature of man! such spots are there on the disc of the clearest planet; and eyes like Miss Scatcherd’s can only see those minute defects, and are blind to the full brightness of the orb.

CHAPTER VIII

Ere the half-hour ended, five o'clock struck; school was dismissed, and all were gone into the refectory to tea. I now ventured to descend: it was deep dusk; I retired into a corner and sat down on the floor. The spell by which I had been so far supported began to dissolve; reaction took place, and soon, so overwhelming was the grief that seized me, I sank prostrate with my face to the ground. Now I wept: Helen Burns was not here; nothing sustained me; left to myself I abandoned myself, and my tears watered the boards. I had meant to be so good, and to do so much at Lowood: to make so many friends, to earn respect and win affection. Already I had made visible progress: that very morning I had reached the head of my class; Miss Miller had praised me warmly; Miss Temple had smiled approbation; she had promised to teach me drawing, and to let me learn French, if I continued to make similar improvement two months longer: and then I was well received by my fellow-pupils; treated as an equal by those of my own age, and not molested by any; now, here I lay again crushed and trodden on; and could I ever rise more?

"Never," I thought; and ardently I wished to die. While sobbing out this wish in broken accents, some one approached: I started up -- again Helen Burns was near me; the fading fires just showed her coming up the long, vacant room; she brought my coffee and bread.

"Come, eat something," she said; but I put both away from me, feeling as if a drop or a crumb would have choked me in my present condition. Helen regarded me, probably with surprise: I could not now abate my agitation, though I tried hard; I continued to weep aloud. She sat down on the ground near me, embraced her knees with her arms, and rested her head upon them; in that attitude she remained silent as an Indian. I was the first who spoke -

"Helen, why do you stay with a girl whom everybody believes to be a liar?"

"Everybody, Jane? Why, there are only eighty people who have heard you called so, and the world contains hundreds of millions."

"But what have I to do with millions? The eighty, I know, despise me."

"Jane, you are mistaken: probably not one in the school either despises or dislikes you: many, I am sure, pity you much."

"How can they pity me after what Mr. Brocklehurst has said?"

"Mr. Brocklehurst is not a god: nor is he even a great and admired man: he is little liked here; he never took steps to make himself liked. Had he treated you as an especial favourite, you would have found enemies, declared or covert, all around you; as it is, the greater number would offer you sympathy if they dared. Teachers and pupils may look coldly on you for a day or two, but friendly feelings are concealed in their hearts; and if you persevere in doing well, these feelings will ere long appear so much the more evidently for their temporary suppression. Besides, Jane" -- she paused.

"Well, Helen?" said I, putting my hand into hers: she chafed my fingers gently to warm them, and went on -

"If all the world hated you, and believed you wicked, while your own conscience approved you, and absolved you from guilt, you would not be without friends."

"No; I know I should think well of myself; but that is not enough: if others don't love me I would

rather die than live -- I cannot bear to be solitary and hated, Helen. Look here; to gain some real affection from you, or Miss Temple, or any other whom I truly love, I would willingly submit to have the bone of my arm broken, or to let a bull toss me, or to stand behind a kicking horse, and let it dash its hoof at my chest -- “

“Hush, Jane! you think too much of the love of human beings; you are too impulsive, too vehement; the sovereign hand that created your frame, and put life into it, has provided you with other resources than your feeble self, or than creatures feeble as you. Besides this earth, and besides the race of men, there is an invisible world and a kingdom of spirits: that world is round us, for it is everywhere; and those spirits watch us, for they are commissioned to guard us; and if we were dying in pain and shame, if scorn smote us on all sides, and hatred crushed us, angels see our tortures, recognise our innocence (if innocent we be: as I know you are of this charge which Mr. Brocklehurst has weakly and pompously repeated at second-hand from Mrs. Reed; for I read a sincere nature in your ardent eyes and on your clear front), and God waits only the separation of spirit from flesh to crown us with a full reward. Why, then, should we ever sink overwhelmed with distress, when life is so soon over, and death is so certain an entrance to happiness -- to glory?”

I was silent; Helen had calmed me; but in the tranquillity she imparted there was an alloy of inexpressible sadness. I felt the impression of woe as she spoke, but I could not tell whence it came; and when, having done speaking, she breathed a little fast and coughed a short cough, I momentarily forgot my own sorrows to yield to a vague concern for her.

Resting my head on Helen's shoulder, I put my arms round her waist; she drew me to her, and we reposed in silence. We had not sat long thus, when another person came in. Some heavy clouds, swept from the sky by a rising wind, had left the moon bare; and her light, streaming in through a window near, shone full both on us and on the approaching figure, which we at once recognised as Miss Temple.

“I came on purpose to find you, Jane Eyre,” said she; “I want you in my room; and as Helen Burns is with you, she may come too.”

We went; following the superintendent's guidance, we had to thread some intricate passages, and mount a staircase before we reached her apartment; it contained a good fire, and looked cheerful. Miss Temple told Helen Burns to be seated in a low arm-chair on one side of the hearth, and herself taking another, she called me to her side.

“Is it all over?” she asked, looking down at my face. “Have you cried your grief away?”

“I am afraid I never shall do that.”

“Why?”

“Because I have been wrongly accused; and you, ma'am, and everybody else, will now think me wicked.”

“We shall think you what you prove yourself to be, my child. Continue to act as a good girl, and you will satisfy us.”

“Shall I, Miss Temple?”

“You will,” said she, passing her arm round me. “And now tell me who is the lady whom Mr. Brocklehurst called your benefactress?”

“Mrs. Reed, my uncle's wife. My uncle is dead, and he left me to her care.”

“Did she not, then, adopt you of her own accord?”

“No, ma’am; she was sorry to have to do it: but my uncle, as I have often heard the servants say, got her to promise before he died that she would always keep me.”

“Well now, Jane, you know, or at least I will tell you, that when a criminal is accused, he is always allowed to speak in his own defence. You have been charged with falsehood; defend yourself to me as well as you can. Say whatever your memory suggests is true; but add nothing and exaggerate nothing.”

I resolved, in the depth of my heart, that I would be most moderate -- most correct; and, having reflected a few minutes in order to arrange coherently what I had to say, I told her all the story of my sad childhood. Exhausted by emotion, my language was more subdued than it generally was when it developed that sad theme; and mindful of Helen’s warnings against the indulgence of resentment, I infused into the narrative far less of gall and wormwood than ordinary. Thus restrained and simplified, it sounded more credible: I felt as I went on that Miss Temple fully believed me.

In the course of the tale I had mentioned Mr. Lloyd as having come to see me after the fit: for I never forgot the, to me, frightful episode of the red-room: in detailing which, my excitement was sure, in some degree, to break bounds; for nothing could soften in my recollection the spasm of agony which clutched my heart when Mrs. Reed spurned my wild supplication for pardon, and locked me a second time in the dark and haunted chamber.

I had finished: Miss Temple regarded me a few minutes in silence; she then said -

“I know something of Mr. Lloyd; I shall write to him; if his reply agrees with your statement, you shall be publicly cleared from every imputation; to me, Jane, you are clear now.”

She kissed me, and still keeping me at her side (where I was well contented to stand, for I derived a child’s pleasure from the contemplation of her face, her dress, her one or two ornaments, her white forehead, her clustered and shining curls, and beaming dark eyes), she proceeded to address Helen Burns.

“How are you to-night, Helen? Have you coughed much to-day?”

“Not quite so much, I think, ma’am.”

“And the pain in your chest?”

“It is a little better.”

Miss Temple got up, took her hand and examined her pulse; then she returned to her own seat: as she resumed it, I heard her sigh low. She was pensive a few minutes, then rousing herself, she said cheerfully -

“But you two are my visitors to-night; I must treat you as such.” She rang her bell.

“Barbara,” she said to the servant who answered it, “I have not yet had tea; bring the tray and place cups for these two young ladies.”

And a tray was soon brought. How pretty, to my eyes, did the china cups and bright teapot look, placed on the little round table near the fire! How fragrant was the steam of the beverage, and the scent of the toast! of which, however, I, to my dismay (for I was beginning to be hungry) discerned only a very small portion: Miss Temple discerned it too.

“Barbara,” said she, “can you not bring a little more bread and butter? There is not enough for three.”

Barbara went out: she returned soon -

“Madam, Mrs. Harden says she has sent up the usual quantity.”

Mrs. Harden, be it observed, was the housekeeper: a woman after Mr. Brocklehurst’s own heart, made up of equal parts of whalebone and iron.

“Oh, very well!” returned Miss Temple; “we must make it do, Barbara, I suppose.” And as the girl withdrew she added, smiling, “Fortunately, I have it in my power to supply deficiencies for this once.”

Having invited Helen and me to approach the table, and placed before each of us a cup of tea with one delicious but thin morsel of toast, she got up, unlocked a drawer, and taking from it a parcel wrapped in paper, disclosed presently to our eyes a good-sized seed-cake.

“I meant to give each of you some of this to take with you,” said she, “but as there is so little toast, you must have it now,” and she proceeded to cut slices with a generous hand.

We feasted that evening as on nectar and ambrosia; and not the least delight of the entertainment was the smile of gratification with which our hostess regarded us, as we satisfied our famished appetites on the delicate fare she liberally supplied.

Tea over and the tray removed, she again summoned us to the fire; we sat one on each side of her, and now a conversation followed between her and Helen, which it was indeed a privilege to be admitted to hear.

Miss Temple had always something of serenity in her air, of state in her mien, of refined propriety in her language, which precluded deviation into the ardent, the excited, the eager: something which chastened the pleasure of those who looked on her and listened to her, by a controlling sense of awe; and such was my feeling now: but as to Helen Burns, I was struck with wonder.

The refreshing meal, the brilliant fire, the presence and kindness of her beloved instructress, or, perhaps, more than all these, something in her own unique mind, had roused her powers within her. They woke, they kindled: first, they glowed in the bright tint of her cheek, which till this hour I had never seen but pale and bloodless; then they shone in the liquid lustre of her eyes, which had suddenly acquired a beauty more singular than that of Miss Temple’s -- a beauty neither of fine colour nor long eyelash, nor pencilled brow, but of meaning, of movement, of radiance. Then her soul sat on her lips, and language flowed, from what source I cannot tell. Has a girl of fourteen a heart large enough, vigorous enough, to hold the swelling spring of pure, full, fervid eloquence? Such was the characteristic of Helen’s discourse on that, to me, memorable evening; her spirit seemed hastening to live within a very brief span as much as many live during a protracted existence.

They conversed of things I had never heard of; of nations and times past; of countries far away; of secrets of nature discovered or guessed at: they spoke of books: how many they had read! What stores of knowledge they possessed! Then they seemed so familiar with French names and French authors: but my amazement reached its climax when Miss Temple asked Helen if she sometimes snatched a moment to recall the Latin her father had taught her, and taking a book from a shelf, bade her read and construe a page of Virgil; and Helen obeyed, my organ of veneration expanding at every sounding line. She had scarcely finished ere the bell announced bedtime! no delay could be admitted; Miss Temple embraced us both, saying, as she drew us to her heart -

“God bless you, my children!”

Helen she held a little longer than me: she let her go more reluctantly; it was Helen her eye followed to the door; it was for her she a second time breathed a sad sigh; for her she wiped a tear from her cheek.

On reaching the bedroom, we heard the voice of Miss Scatcherd: she was examining drawers; she had just pulled out Helen Burns's, and when we entered Helen was greeted with a sharp reprimand, and told that to-morrow she should have half-a-dozen of untidily folded articles pinned to her shoulder.

"My things were indeed in shameful disorder," murmured Helen to me, in a low voice: "I intended to have arranged them, but I forgot."

Next morning, Miss Scatcherd wrote in conspicuous characters on a piece of pasteboard the word "Slattern," and bound it like a phylactery round Helen's large, mild, intelligent, and benign-looking forehead. She wore it till evening, patient, unresentful, regarding it as a deserved punishment. The moment Miss Scatcherd withdrew after afternoon school, I ran to Helen, tore it off, and thrust it into the fire: the fury of which she was incapable had been burning in my soul all day, and tears, hot and large, had continually been scalding my cheek; for the spectacle of her sad resignation gave me an intolerable pain at the heart.

About a week subsequently to the incidents above narrated, Miss Temple, who had written to Mr. Lloyd, received his answer: it appeared that what he said went to corroborate my account. Miss Temple, having assembled the whole school, announced that inquiry had been made into the charges alleged against Jane Eyre, and that she was most happy to be able to pronounce her completely cleared from every imputation. The teachers then shook hands with me and kissed me, and a murmur of pleasure ran through the ranks of my companions.

Thus relieved of a grievous load, I from that hour set to work afresh, resolved to pioneer my way through every difficulty: I toiled hard, and my success was proportionate to my efforts; my memory, not naturally tenacious, improved with practice; exercise sharpened my wits; in a few weeks I was promoted to a higher class; in less than two months I was allowed to commence French and drawing. I learned the first two tenses of the verb ETRE, and sketched my first cottage (whose walls, by-the-bye, outrivalled its slope those of the leaning tower of Pisa), on the same day. That night, on going to bed, I forgot to prepare in imagination the Barmecide supper of hot roast potatoes, or white bread and new milk, with which I was wont to amuse my inward cravings: I feasted instead on the spectacle of ideal drawings, which I saw in the dark; all the work of my own hands: freely pencilled houses and trees, picturesque rocks and ruins, Cuyp-like groups of cattle, sweet paintings of butterflies hovering over unblown roses, of birds picking at ripe cherries, of wren's nests enclosing pearl-like eggs, wreathed about with young ivy sprays. I examined, too, in thought, the possibility of my ever being able to translate currently a certain little French story which Madame Pierrot had that day shown me; nor was that problem solved to my satisfaction ere I fell sweetly asleep.

Well has Solomon said -- "Better is a dinner of herbs where love is, than a stalled ox and hatred therewith."

I would not now have exchanged Lowood with all its privations for Gateshead and its daily luxuries.

CHAPTER IX

But the privations, or rather the hardships, of Lowood lessened. Spring drew on: she was indeed already come; the frosts of winter had ceased; its snows were melted, its cutting winds ameliorated. My wretched feet, flayed and swollen to lameness by the sharp air of January, began to heal and subside under the gentler breathings of April; the nights and mornings no longer by their Canadian temperature froze the very blood in our veins; we could now endure the play-hour passed in the garden: sometimes on a sunny day it began even to be pleasant and genial, and a greenness grew over those brown beds, which, freshening daily, suggested the thought that Hope traversed them at night, and left each morning brighter traces of her steps. Flowers peeped out amongst the leaves; snow-drops, crocuses, purple auriculas, and golden-eyed pansies. On Thursday afternoons (half-holidays) we now took walks, and found still sweeter flowers opening by the wayside, under the hedges.

I discovered, too, that a great pleasure, an enjoyment which the horizon only bounded, lay all outside the high and spike-guarded walls of our garden: this pleasure consisted in prospect of noble summits girdling a great hill-hollow, rich in verdure and shadow; in a bright beck, full of dark stones and sparkling eddies. How different had this scene looked when I viewed it laid out beneath the iron sky of winter, stiffened in frost, shrouded with snow! -- when mists as chill as death wandered to the impulse of east winds along those purple peaks, and rolled down "ing" and holm till they blended with the frozen fog of the beck! That beck itself was then a torrent, turbid and curbless: it tore asunder the wood, and sent a raving sound through the air, often thickened with wild rain or whirling sleet; and for the forest on its banks, THAT showed only ranks of skeletons.

April advanced to May: a bright serene May it was; days of blue sky, placid sunshine, and soft western or southern gales filled up its duration. And now vegetation matured with vigour; Lowood shook loose its tresses; it became all green, all flowery; its great elm, ash, and oak skeletons were restored to majestic life; woodland plants sprang up profusely in its recesses; unnumbered varieties of moss filled its hollows, and it made a strange ground-sunshine out of the wealth of its wild primrose plants: I have seen their pale gold gleam in overshadowed spots like scatterings of the sweetest lustre. All this I enjoyed often and fully, free, unwatched, and almost alone: for this unwonted liberty and pleasure there was a cause, to which it now becomes my task to advert.

Have I not described a pleasant site for a dwelling, when I speak of it as bosomed in hill and wood, and rising from the verge of a stream? Assuredly, pleasant enough: but whether healthy or not is another question.

That forest-dell, where Lowood lay, was the cradle of fog and fog-bred pestilence; which, quickening with the quickening spring, crept into the Orphan Asylum, breathed typhus through its crowded schoolroom and dormitory, and, ere May arrived, transformed the seminary into an hospital.

Semi-starvation and neglected colds had predisposed most of the pupils to receive infection: forty-five out of the eighty girls lay ill at one time. Classes were broken up, rules relaxed. The few who continued well were allowed almost unlimited license; because the medical attendant insisted on the necessity of frequent exercise to keep them in health: and had it been otherwise, no one had leisure to watch or restrain them. Miss Temple's whole attention was absorbed by the patients: she lived in the sick-room, never quitting it except to snatch a few hours' rest at night. The teachers were fully occupied with packing up and making other necessary preparations for the departure of those girls who were

fortunate enough to have friends and relations able and willing to remove them from the seat of contagion. Many, already smitten, went home only to die: some died at the school, and were buried quietly and quickly, the nature of the malady forbidding delay.

While disease had thus become an inhabitant of Lowood, and death its frequent visitor; while there was gloom and fear within its walls; while its rooms and passages steamed with hospital smells, the drug and the pastille striving vainly to overcome the effluvia of mortality, that bright May shone unclouded over the bold hills and beautiful woodland out of doors. Its garden, too, glowed with flowers: hollyhocks had sprung up tall as trees, lilies had opened, tulips and roses were in bloom; the borders of the little beds were gay with pink thrift and crimson double daisies; the sweetbriars gave out, morning and evening, their scent of spice and apples; and these fragrant treasures were all useless for most of the inmates of Lowood, except to furnish now and then a handful of herbs and blossoms to put in a coffin.

But I, and the rest who continued well, enjoyed fully the beauties of the scene and season; they let us ramble in the wood, like gipsies, from morning till night; we did what we liked, went where we liked: we lived better too. Mr. Brocklehurst and his family never came near Lowood now: household matters were not scrutinised into; the cross housekeeper was gone, driven away by the fear of infection; her successor, who had been matron at the Lowton Dispensary, unused to the ways of her new abode, provided with comparative liberality. Besides, there were fewer to feed; the sick could eat little; our breakfast-basins were better filled; when there was no time to prepare a regular dinner, which often happened, she would give us a large piece of cold pie, or a thick slice of bread and cheese, and this we carried away with us to the wood, where we each chose the spot we liked best, and dined sumptuously.

My favourite seat was a smooth and broad stone, rising white and dry from the very middle of the beck, and only to be got at by wading through the water; a feat I accomplished barefoot. The stone was just broad enough to accommodate, comfortably, another girl and me, at that time my chosen comrade -- one Mary Ann Wilson; a shrewd, observant personage, whose society I took pleasure in, partly because she was witty and original, and partly because she had a manner which set me at my ease. Some years older than I, she knew more of the world, and could tell me many things I liked to hear: with her my curiosity found gratification: to my faults also she gave ample indulgence, never imposing curb or rein on anything I said. She had a turn for narrative, I for analysis; she liked to inform, I to question; so we got on swimmingly together, deriving much entertainment, if not much improvement, from our mutual intercourse.

And where, meantime, was Helen Burns? Why did I not spend these sweet days of liberty with her? Had I forgotten her? or was I so worthless as to have grown tired of her pure society? Surely the Mary Ann Wilson I have mentioned was inferior to my first acquaintance: she could only tell me amusing stories, and reciprocate any racy and pungent gossip I chose to indulge in; while, if I have spoken truth of Helen, she was qualified to give those who enjoyed the privilege of her converse a taste of far higher things.

True, reader; and I knew and felt this: and though I am a defective being, with many faults and few redeeming points, yet I never tired of Helen Burns; nor ever ceased to cherish for her a sentiment of attachment, as strong, tender, and respectful as any that ever animated my heart. How could it be otherwise, when Helen, at all times and under all circumstances, evinced for me a quiet and faithful friendship, which ill-humour never soured, nor irritation never troubled? But Helen was ill at present: for some weeks she had been removed from my sight to I knew not what room upstairs. She was not, I was told, in the hospital portion of the house with the fever patients; for her complaint was consumption, not typhus: and by consumption I, in my ignorance, understood something mild, which time and care would be

sure to alleviate.

I was confirmed in this idea by the fact of her once or twice coming downstairs on very warm sunny afternoons, and being taken by Miss Temple into the garden; but, on these occasions, I was not allowed to go and speak to her; I only saw her from the schoolroom window, and then not distinctly; for she was much wrapped up, and sat at a distance under the verandah.

One evening, in the beginning of June, I had stayed out very late with Mary Ann in the wood; we had, as usual, separated ourselves from the others, and had wandered far; so far that we lost our way, and had to ask it at a lonely cottage, where a man and woman lived, who looked after a herd of half-wild swine that fed on the mast in the wood. When we got back, it was after moonrise: a pony, which we knew to be the surgeon's, was standing at the garden door. Mary Ann remarked that she supposed some one must be very ill, as Mr. Bates had been sent for at that time of the evening. She went into the house; I stayed behind a few minutes to plant in my garden a handful of roots I had dug up in the forest, and which I feared would wither if I left them till the morning. This done, I lingered yet a little longer: the flowers smelt so sweet as the dew fell; it was such a pleasant evening, so serene, so warm; the still glowing west promised so fairly another fine day on the morrow; the moon rose with such majesty in the grave east. I was noting these things and enjoying them as a child might, when it entered my mind as it had never done before:-

“How sad to be lying now on a sick bed, and to be in danger of dying! This world is pleasant -- it would be dreary to be called from it, and to have to go who knows where?”

And then my mind made its first earnest effort to comprehend what had been infused into it concerning heaven and hell; and for the first time it recoiled, baffled; and for the first time glancing behind, on each side, and before it, it saw all round an unfathomed gulf: it felt the one point where it stood -- the present; all the rest was formless cloud and vacant depth; and it shuddered at the thought of tottering, and plunging amid that chaos. While pondering this new idea, I heard the front door open; Mr. Bates came out, and with him was a nurse. After she had seen him mount his horse and depart, she was about to close the door, but I ran up to her.

“How is Helen Burns?”

“Very poorly,” was the answer.

“Is it her Mr. Bates has been to see?”

“Yes.”

“And what does he say about her?”

“He says she'll not be here long.”

This phrase, uttered in my hearing yesterday, would have only conveyed the notion that she was about to be removed to Northumberland, to her own home. I should not have suspected that it meant she was dying; but I knew instantly now! It opened clear on my comprehension that Helen Burns was numbering her last days in this world, and that she was going to be taken to the region of spirits, if such region there were. I experienced a shock of horror, then a strong thrill of grief, then a desire -- a necessity to see her; and I asked in what room she lay.

“She is in Miss Temple's room,” said the nurse.

“May I go up and speak to her?”

“Oh no, child! It is not likely; and now it is time for you to come in; you'll catch the fever if you

stop out when the dew is falling.”

The nurse closed the front door; I went in by the side entrance which led to the schoolroom: I was just in time; it was nine o'clock, and Miss Miller was calling the pupils to go to bed.

It might be two hours later, probably near eleven, when I -- not having been able to fall asleep, and deeming, from the perfect silence of the dormitory, that my companions were all wrapt in profound repose -- rose softly, put on my frock over my night-dress, and, without shoes, crept from the apartment, and set off in quest of Miss Temple's room. It was quite at the other end of the house; but I knew my way; and the light of the unclouded summer moon, entering here and there at passage windows, enabled me to find it without difficulty. An odour of camphor and burnt vinegar warned me when I came near the fever room: and I passed its door quickly, fearful lest the nurse who sat up all night should hear me. I dreaded being discovered and sent back; for I MUST see Helen, -- I must embrace her before she died, -- I must give her one last kiss, exchange with her one last word.

Having descended a staircase, traversed a portion of the house below, and succeeded in opening and shutting, without noise, two doors, I reached another flight of steps; these I mounted, and then just opposite to me was Miss Temple's room. A light shone through the keyhole and from under the door; a profound stillness pervaded the vicinity. Coming near, I found the door slightly ajar; probably to admit some fresh air into the close abode of sickness. Indisposed to hesitate, and full of impatient impulses -- soul and senses quivering with keen throes -- I put it back and looked in. My eye sought Helen, and feared to find death.

Close by Miss Temple's bed, and half covered with its white curtains, there stood a little crib. I saw the outline of a form under the clothes, but the face was hid by the hangings: the nurse I had spoken to in the garden sat in an easy-chair asleep; an unsnuffed candle burnt dimly on the table. Miss Temple was not to be seen: I knew afterwards that she had been called to a delirious patient in the fever-room. I advanced; then paused by the crib side: my hand was on the curtain, but I preferred speaking before I withdrew it. I still recoiled at the dread of seeing a corpse.

“Helen!” I whispered softly, “are you awake?”

She stirred herself, put back the curtain, and I saw her face, pale, wasted, but quite composed: she looked so little changed that my fear was instantly dissipated.

“Can it be you, Jane?” she asked, in her own gentle voice.

“Oh!” I thought, “she is not going to die; they are mistaken: she could not speak and look so calmly if she were.”

I got on to her crib and kissed her: her forehead was cold, and her cheek both cold and thin, and so were her hand and wrist; but she smiled as of old.

“Why are you come here, Jane? It is past eleven o'clock: I heard it strike some minutes since.”

“I came to see you, Helen: I heard you were very ill, and I could not sleep till I had spoken to you.”

“You came to bid me good-bye, then: you are just in time probably.”

“Are you going somewhere, Helen? Are you going home?”

“Yes; to my long home -- my last home.”

“No, no, Helen!” I stopped, distressed. While I tried to devour my tears, a fit of coughing seized

Helen; it did not, however, wake the nurse; when it was over, she lay some minutes exhausted; then she whispered -

“Jane, your little feet are bare; lie down and cover yourself with my quilt.”

I did so: she put her arm over me, and I nestled close to her. After a long silence, she resumed, still whispering -

“I am very happy, Jane; and when you hear that I am dead, you must be sure and not grieve: there is nothing to grieve about. We all must die one day, and the illness which is removing me is not painful; it is gentle and gradual: my mind is at rest. I leave no one to regret me much: I have only a father; and he is lately married, and will not miss me. By dying young, I shall escape great sufferings. I had not qualities or talents to make my way very well in the world: I should have been continually at fault.”

“But where are you going to, Helen? Can you see? Do you know?”

“I believe; I have faith: I am going to God.”

“Where is God? What is God?”

“My Maker and yours, who will never destroy what He created. I rely implicitly on His power and confide wholly in His goodness: I count the hours till that eventful one arrives which shall restore me to Him, reveal Him to me.”

“You are sure, then, Helen, that there is such a place as heaven, and that our souls can get to it when we die?”

“I am sure there is a future state; I believe God is good; I can resign my immortal part to Him without any misgiving. God is my father; God is my friend: I love Him; I believe He loves me.”

“And shall I see you again, Helen, when I die?”

“You will come to the same region of happiness: be received by the same mighty, universal Parent, no doubt, dear Jane.”

Again I questioned, but this time only in thought. “Where is that region? Does it exist?” And I clasped my arms closer round Helen; she seemed dearer to me than ever; I felt as if I could not let her go; I lay with my face hidden on her neck. Presently she said, in the sweetest tone -

“How comfortable I am! That last fit of coughing has tired me a little; I feel as if I could sleep but don’t leave me, Jane; I like to have you near me.”

“I’ll stay with you, DEAR Helen: no one shall take me away.”

“Are you warm, darling?”

“Yes.”

“Good-night, Jane.”

“Good-night, Helen.”

She kissed me, and I her, and we both soon slumbered.

When I awoke it was day: an unusual movement roused me; I looked up; I was in somebody’s arms; the nurse held me; she was carrying me through the passage back to the dormitory. I was not reprimanded for leaving my bed; people had something else to think about; no explanation was afforded then to my many questions; but a day or two afterwards I learned that Miss Temple, on returning to her own room at dawn, had found me laid in the little crib; my face against Helen Burns’s shoulder, my arms

round her neck. I was asleep, and Helen was -- dead.

Her grave is in Brocklebridge churchyard: for fifteen years after her death it was only covered by a grassy mound; but now a grey marble tablet marks the spot, inscribed with her name, and the word "Resurgam."

CHAPTER X

Hitherto I have recorded in detail the events of my insignificant existence: to the first ten years of my life I have given almost as many chapters. But this is not to be a regular autobiography. I am only bound to invoke Memory where I know her responses will possess some degree of interest; therefore I now pass a space of eight years almost in silence: a few lines only are necessary to keep up the links of connection.

When the typhus fever had fulfilled its mission of devastation at Lowood, it gradually disappeared from thence; but not till its virulence and the number of its victims had drawn public attention on the school. Inquiry was made into the origin of the scourge, and by degrees various facts came out which excited public indignation in a high degree. The unhealthy nature of the site; the quantity and quality of the children's food; the brackish, fetid water used in its preparation; the pupils' wretched clothing and accommodations -- all these things were discovered, and the discovery produced a result mortifying to Mr. Brocklehurst, but beneficial to the institution.

Several wealthy and benevolent individuals in the county subscribed largely for the erection of a more convenient building in a better situation; new regulations were made; improvements in diet and clothing introduced; the funds of the school were intrusted to the management of a committee. Mr. Brocklehurst, who, from his wealth and family connections, could not be overlooked, still retained the post of treasurer; but he was aided in the discharge of his duties by gentlemen of rather more enlarged and sympathising minds: his office of inspector, too, was shared by those who knew how to combine reason with strictness, comfort with economy, compassion with uprightness. The school, thus improved, became in time a truly useful and noble institution. I remained an inmate of its walls, after its regeneration, for eight years: six as pupil, and two as teacher; and in both capacities I bear my testimony to its value and importance.

During these eight years my life was uniform: but not unhappy, because it was not inactive. I had the means of an excellent education placed within my reach; a fondness for some of my studies, and a desire to excel in all, together with a great delight in pleasing my teachers, especially such as I loved, urged me on: I availed myself fully of the advantages offered me. In time I rose to be the first girl of the first class; then I was invested with the office of teacher; which I discharged with zeal for two years: but at the end of that time I altered.

Miss Temple, through all changes, had thus far continued superintendent of the seminary: to her instruction I owed the best part of my acquirements; her friendship and society had been my continual solace; she had stood me in the stead of mother, governess, and, latterly, companion. At this period she married, removed with her husband (a clergyman, an excellent man, almost worthy of such a wife) to a distant county, and consequently was lost to me.

From the day she left I was no longer the same: with her was gone every settled feeling, every association that had made Lowood in some degree a home to me. I had imbibed from her something of her nature and much of her habits: more harmonious thoughts: what seemed better regulated feelings had become the inmates of my mind. I had given in allegiance to duty and order; I was quiet; I believed I was content: to the eyes of others, usually even to my own, I appeared a disciplined and subdued character.

But destiny, in the shape of the Rev. Mr. Nasmyth, came between me and Miss Temple: I saw her in her travelling dress step into a post-chaise, shortly after the marriage ceremony; I watched the chaise

mount the hill and disappear beyond its brow; and then retired to my own room, and there spent in solitude the greatest part of the half-holiday granted in honour of the occasion.

I walked about the chamber most of the time. I imagined myself only to be regretting my loss, and thinking how to repair it; but when my reflections were concluded, and I looked up and found that the afternoon was gone, and evening far advanced, another discovery dawned on me, namely, that in the interval I had undergone a transforming process; that my mind had put off all it had borrowed of Miss Temple -- or rather that she had taken with her the serene atmosphere I had been breathing in her vicinity -- and that now I was left in my natural element, and beginning to feel the stirring of old emotions. It did not seem as if a prop were withdrawn, but rather as if a motive were gone: it was not the power to be tranquil which had failed me, but the reason for tranquillity was no more. My world had for some years been in Lowood: my experience had been of its rules and systems; now I remembered that the real world was wide, and that a varied field of hopes and fears, of sensations and excitements, awaited those who had courage to go forth into its expanse, to seek real knowledge of life amidst its perils.

I went to my window, opened it, and looked out. There were the two wings of the building; there was the garden; there were the skirts of Lowood; there was the hilly horizon. My eye passed all other objects to rest on those most remote, the blue peaks; it was those I longed to surmount; all within their boundary of rock and heath seemed prison-ground, exile limits. I traced the white road winding round the base of one mountain, and vanishing in a gorge between two; how I longed to follow it farther! I recalled the time when I had travelled that very road in a coach; I remembered descending that hill at twilight; an age seemed to have elapsed since the day which brought me first to Lowood, and I had never quitted it since. My vacations had all been spent at school: Mrs. Reed had never sent for me to Gateshead; neither she nor any of her family had ever been to visit me. I had had no communication by letter or message with the outer world: school-rules, school-duties, school-habits and notions, and voices, and faces, and phrases, and costumes, and preferences, and antipathies -- such was what I knew of existence. And now I felt that it was not enough; I tired of the routine of eight years in one afternoon. I desired liberty; for liberty I gasped; for liberty I uttered a prayer; it seemed scattered on the wind then faintly blowing. I abandoned it and framed a humbler supplication; for change, stimulus: that petition, too, seemed swept off into vague space: "Then," I cried, half desperate, "grant me at least a new servitude!"

Here a bell, ringing the hour of supper, called me downstairs.

I was not free to resume the interrupted chain of my reflections till bedtime: even then a teacher who occupied the same room with me kept me from the subject to which I longed to recur, by a prolonged effusion of small talk. How I wished sleep would silence her. It seemed as if, could I but go back to the idea which had last entered my mind as I stood at the window, some inventive suggestion would rise for my relief.

Miss Gryce snored at last; she was a heavy Welshwoman, and till now her habitual nasal strains had never been regarded by me in any other light than as a nuisance; to-night I hailed the first deep notes with satisfaction; I was debarrassed of interruption; my half-effaced thought instantly revived.

"A new servitude! There is something in that," I soliloquised (mentally, be it understood; I did not talk aloud), "I know there is, because it does not sound too sweet; it is not like such words as Liberty, Excitement, Enjoyment: delightful sounds truly; but no more than sounds for me; and so hollow and fleeting that it is mere waste of time to listen to them. But Servitude! That must be matter of fact. Any one may serve: I have served here eight years; now all I want is to serve elsewhere. Can I not get so much of my own will? Is not the thing feasible? Yes -- yes -- the end is not so difficult; if I had only a brain active

enough to ferret out the means of attaining it.”

I sat up in bed by way of arousing this said brain: it was a chilly night; I covered my shoulders with a shawl, and then I proceeded TO THINK again with all my might.

“What do I want? A new place, in a new house, amongst new faces, under new circumstances: I want this because it is of no use wanting anything better. How do people do to get a new place? They apply to friends, I suppose: I have no friends. There are many others who have no friends, who must look about for themselves and be their own helpers; and what is their resource?”

I could not tell: nothing answered me; I then ordered my brain to find a response, and quickly. It worked and worked faster: I felt the pulses throb in my head and temples; but for nearly an hour it worked in chaos; and no result came of its efforts. Feverish with vain labour, I got up and took a turn in the room; undrew the curtain, noted a star or two, shivered with cold, and again crept to bed.

A kind fairy, in my absence, had surely dropped the required suggestion on my pillow; for as I lay down, it came quietly and naturally to my mind. -- “Those who want situations advertise; you must advertise in the -shire Herald.”

“How? I know nothing about advertising.”

Replies rose smooth and prompt now:-

“You must enclose the advertisement and the money to pay for it under a cover directed to the editor of the Herald; you must put it, the first opportunity you have, into the post at Lowton; answers must be addressed to J.E., at the post-office there; you can go and inquire in about a week after you send your letter, if any are come, and act accordingly.”

This scheme I went over twice, thrice; it was then digested in my mind; I had it in a clear practical form: I felt satisfied, and fell asleep.

With earliest day, I was up: I had my advertisement written, enclosed, and directed before the bell rang to rouse the school; it ran thus:-

“A young lady accustomed to tuition” (had I not been a teacher two years?) “is desirous of meeting with a situation in a private family where the children are under fourteen (I thought that as I was barely eighteen, it would not do to undertake the guidance of pupils nearer my own age). She is qualified to teach the usual branches of a good English education, together with French, Drawing, and Music” (in those days, reader, this now narrow catalogue of accomplishments, would have been held tolerably comprehensive). “Address, J.E., Post-office, Lowton, -shire.”

This document remained locked in my drawer all day: after tea, I asked leave of the new superintendent to go to Lowton, in order to perform some small commissions for myself and one or two of my fellow-teachers; permission was readily granted; I went. It was a walk of two miles, and the evening was wet, but the days were still long; I visited a shop or two, slipped the letter into the post-office, and came back through heavy rain, with streaming garments, but with a relieved heart.

The succeeding week seemed long: it came to an end at last, however, like all sublunary things, and once more, towards the close of a pleasant autumn day, I found myself afoot on the road to Lowton. A picturesque track it was, by the way; lying along the side of the beck and through the sweetest curves of the dale: but that day I thought more of the letters, that might or might not be awaiting me at the little burgh whither I was bound, than of the charms of lea and water.

My ostensible errand on this occasion was to get measured for a pair of shoes; so I discharged

that business first, and when it was done, I stepped across the clean and quiet little street from the shoemaker's to the post-office: it was kept by an old dame, who wore horn spectacles on her nose, and black mittens on her hands.

“Are there any letters for J.E.?” I asked.

She peered at me over her spectacles, and then she opened a drawer and fumbled among its contents for a long time, so long that my hopes began to falter. At last, having held a document before her glasses for nearly five minutes, she presented it across the counter, accompanying the act by another inquisitive and mistrustful glance -- it was for J.E.

“Is there only one?” I demanded.

“There are no more,” said she; and I put it in my pocket and turned my face homeward: I could not open it then; rules obliged me to be back by eight, and it was already half-past seven.

Various duties awaited me on my arrival. I had to sit with the girls during their hour of study; then it was my turn to read prayers; to see them to bed: afterwards I supped with the other teachers. Even when we finally retired for the night, the inevitable Miss Gryce was still my companion: we had only a short end of candle in our candlestick, and I dreaded lest she should talk till it was all burnt out; fortunately, however, the heavy supper she had eaten produced a soporific effect: she was already snoring before I had finished undressing. There still remained an inch of candle: I now took out my letter; the seal was an initial F.; I broke it; the contents were brief.

“If J.E., who advertised in the -shire Herald of last Thursday, possesses the acquirements mentioned, and if she is in a position to give satisfactory references as to character and competency, a situation can be offered her where there is but one pupil, a little girl, under ten years of age; and where the salary is thirty pounds per annum. J.E. is requested to send references, name, address, and all particulars to the direction:-

“Mrs. Fairfax, Thornfield, near Millcote, -shire.”

I examined the document long: the writing was old-fashioned and rather uncertain, like that of an elderly lady. This circumstance was satisfactory: a private fear had haunted me, that in thus acting for myself, and by my own guidance, I ran the risk of getting into some scrape; and, above all things, I wished the result of my endeavours to be respectable, proper, en regle. I now felt that an elderly lady was no bad ingredient in the business I had on hand. Mrs. Fairfax! I saw her in a black gown and widow's cap; frigid, perhaps, but not uncivil: a model of elderly English respectability. Thornfield! that, doubtless, was the name of her house: a neat orderly spot, I was sure; though I failed in my efforts to conceive a correct plan of the premises. Millcote, - shire; I brushed up my recollections of the map of England, yes, I saw it; both the shire and the town. -shire was seventy miles nearer London than the remote county where I now resided: that was a recommendation to me. I longed to go where there was life and movement: Millcote was a large manufacturing town on the banks of the A-; a busy place enough, doubtless: so much the better; it would be a complete change at least. Not that my fancy was much captivated by the idea of long chimneys and clouds of smoke -- “but,” I argued, “Thornfield will, probably, be a good way from the town.”

Here the socket of the candle dropped, and the wick went out.

Next day new steps were to be taken; my plans could no longer be confined to my own breast; I

must impart them in order to achieve their success. Having sought and obtained an audience of the superintendent during the noontide recreation, I told her I had a prospect of getting a new situation where the salary would be double what I now received (for at Lowood I only got 15 pounds per annum); and requested she would break the matter for me to Mr. Brocklehurst, or some of the committee, and ascertain whether they would permit me to mention them as references. She obligingly consented to act as mediatrix in the matter. The next day she laid the affair before Mr. Brocklehurst, who said that Mrs. Reed must be written to, as she was my natural guardian. A note was accordingly addressed to that lady, who returned for answer, that "I might do as I pleased: she had long relinquished all interference in my affairs." This note went the round of the committee, and at last, after what appeared to me most tedious delay, formal leave was given me to better my condition if I could; and an assurance added, that as I had always conducted myself well, both as teacher and pupil, at Lowood, a testimonial of character and capacity, signed by the inspectors of that institution, should forthwith be furnished me.

This testimonial I accordingly received in about a month, forwarded a copy of it to Mrs. Fairfax and got that lady's reply, stating that she was satisfied, and fixing that day fortnight as the period for my assuming the post of governess in her house.

I now busied myself in preparations: the fortnight passed rapidly. I had not a very large wardrobe, though it was adequate to my wants; and the last day sufficed to pack my trunk, -- the same I had brought with me eight years ago from Gateshead.

The box was corded, the card nailed on. In half-an-hour the carrier was to call for it to take it to Lowton, whither I myself was to repair at an early hour the next morning to meet the coach. I had brushed my black stuff travelling-dress, prepared my bonnet, gloves, and muff; sought in all my drawers to see that no article was left behind; and now having nothing more to do, I sat down and tried to rest. I could not; though I had been on foot all day, I could not now repose an instant; I was too much excited. A phase of my life was closing to-night, a new one opening to-morrow: impossible to slumber in the interval; I must watch feverishly while the change was being accomplished.

"Miss," said a servant who met me in the lobby, where I was wandering like a troubled spirit, "a person below wishes to see you."

"The carrier, no doubt," I thought, and ran downstairs without inquiry. I was passing the back-parlour or teachers' sitting-room, the door of which was half open, to go to the kitchen, when some one ran out -

"It's her, I am sure! -- I could have told her anywhere!" cried the individual who stopped my progress and took my hand.

I looked: I saw a woman attired like a well-dressed servant, matronly, yet still young; very good-looking, with black hair and eyes, and lively complexion.

"Well, who is it?" she asked, in a voice and with a smile I half recognised; "you've not quite forgotten me, I think, Miss Jane?"

In another second I was embracing and kissing her rapturously: "Bessie! Bessie! Bessie!" that was all I said; whereat she half laughed, half cried, and we both went into the parlour. By the fire stood a little fellow of three years old, in plaid frock and trousers.

"That is my little boy," said Bessie directly.

"Then you are married, Bessie?"

“Yes; nearly five years since to Robert Leaven, the coachman; and I’ve a little girl besides Bobby there, that I’ve christened Jane.”

“And you don’t live at Gateshead?”

“I live at the lodge: the old porter has left.”

“Well, and how do they all get on? Tell me everything about them, Bessie: but sit down first; and, Bobby, come and sit on my knee, will you?” but Bobby preferred sidling over to his mother.

“You’re not grown so very tall, Miss Jane, nor so very stout,” continued Mrs. Leaven. “I dare say they’ve not kept you too well at school: Miss Reed is the head and shoulders taller than you are; and Miss Georgiana would make two of you in breadth.”

“Georgiana is handsome, I suppose, Bessie?”

“Very. She went up to London last winter with her mama, and there everybody admired her, and a young lord fell in love with her: but his relations were against the match; and -- what do you think? -- he and Miss Georgiana made it up to run away; but they were found out and stopped. It was Miss Reed that found them out: I believe she was envious; and now she and her sister lead a cat and dog life together; they are always quarrelling -- “

“Well, and what of John Reed?”

“Oh, he is not doing so well as his mama could wish. He went to college, and he got -- plucked, I think they call it: and then his uncles wanted him to be a barrister, and study the law: but he is such a dissipated young man, they will never make much of him, I think.”

“What does he look like?”

“He is very tall: some people call him a fine-looking young man; but he has such thick lips.”

“And Mrs. Reed?”

“Missis looks stout and well enough in the face, but I think she’s not quite easy in her mind: Mr. John’s conduct does not please her -- he spends a deal of money.”

“Did she send you here, Bessie?”

“No, indeed: but I have long wanted to see you, and when I heard that there had been a letter from you, and that you were going to another part of the country, I thought I’d just set off, and get a look at you before you were quite out of my reach.”

“I am afraid you are disappointed in me, Bessie.” I said this laughing: I perceived that Bessie’s glance, though it expressed regard, did in no shape denote admiration.

“No, Miss Jane, not exactly: you are genteel enough; you look like a lady, and it is as much as ever I expected of you: you were no beauty as a child.”

I smiled at Bessie’s frank answer: I felt that it was correct, but I confess I was not quite indifferent to its import: at eighteen most people wish to please, and the conviction that they have not an exterior likely to second that desire brings anything but gratification.

“I dare say you are clever, though,” continued Bessie, by way of solace. “What can you do? Can you play on the piano?”

“A little.”

There was one in the room; Bessie went and opened it, and then asked me to sit down and give

her a tune: I played a waltz or two, and she was charmed.

“The Miss Reeds could not play as well!” said she exultingly. “I always said you would surpass them in learning: and can you draw?”

“That is one of my paintings over the chimney-piece.” It was a landscape in water colours, of which I had made a present to the superintendent, in acknowledgment of her obliging mediation with the committee on my behalf, and which she had framed and glazed.

“Well, that is beautiful, Miss Jane! It is as fine a picture as any Miss Reed’s drawing-master could paint, let alone the young ladies themselves, who could not come near it: and have you learnt French?”

“Yes, Bessie, I can both read it and speak it.”

“And you can work on muslin and canvas?”

“I can.”

“Oh, you are quite a lady, Miss Jane! I knew you would be: you will get on whether your relations notice you or not. There was something I wanted to ask you. Have you ever heard anything from your father’s kinsfolk, the Eyres?”

“Never in my life.”

“Well, you know Missis always said they were poor and quite despicable: and they may be poor; but I believe they are as much gentry as the Reeds are; for one day, nearly seven years ago, a Mr. Eyre came to Gateshead and wanted to see you; Missis said you were it school fifty miles off; he seemed so much disappointed, for he could not stay: he was going on a voyage to a foreign country, and the ship was to sail from London in a day or two. He looked quite a gentleman, and I believe he was your father’s brother.”

“What foreign country was he going to, Bessie?”

“An island thousands of miles off, where they make wine -- the butler did tell me -- “

“Madeira?” I suggested.

“Yes, that is it -- that is the very word.”

“So he went?”

“Yes; he did not stay many minutes in the house: Missis was very high with him; she called him afterwards a ‘sneaking tradesman.’ My Robert believes he was a wine-merchant.”

“Very likely,” I returned; “or perhaps clerk or agent to a wine-merchant.”

Bessie and I conversed about old times an hour longer, and then she was obliged to leave me: I saw her again for a few minutes the next morning at Lowton, while I was waiting for the coach. We parted finally at the door of the Brocklehurst Arms there: each went her separate way; she set off for the brow of Lowood Fell to meet the conveyance which was to take her back to Gateshead, I mounted the vehicle which was to bear me to new duties and a new life in the unknown environs of Millcote.

CHAPTER XI

A new chapter in a novel is something like a new scene in a play; and when I draw up the curtain this time, reader, you must fancy you see a room in the George Inn at Millcote, with such large figured papering on the walls as inn rooms have; such a carpet, such furniture, such ornaments on the mantelpiece, such prints, including a portrait of George the Third, and another of the Prince of Wales, and a representation of the death of Wolfe. All this is visible to you by the light of an oil lamp hanging from the ceiling, and by that of an excellent fire, near which I sit in my cloak and bonnet; my muff and umbrella lie on the table, and I am warming away the numbness and chill contracted by sixteen hours' exposure to the rawness of an October day: I left Lowton at four o'clock a.m., and the Millcote town clock is now just striking eight.

Reader, though I look comfortably accommodated, I am not very tranquil in my mind. I thought when the coach stopped here there would be some one to meet me; I looked anxiously round as I descended the wooden steps the "boots" placed for my convenience, expecting to hear my name pronounced, and to see some description of carriage waiting to convey me to Thornfield. Nothing of the sort was visible; and when I asked a waiter if any one had been to inquire after a Miss Eyre, I was answered in the negative: so I had no resource but to request to be shown into a private room: and here I am waiting, while all sorts of doubts and fears are troubling my thoughts.

It is a very strange sensation to inexperienced youth to feel itself quite alone in the world, cut adrift from every connection, uncertain whether the port to which it is bound can be reached, and prevented by many impediments from returning to that it has quitted. The charm of adventure sweetens that sensation, the glow of pride warms it; but then the throb of fear disturbs it; and fear with me became predominant when half-an-hour elapsed and still I was alone. I bethought myself to ring the bell.

"Is there a place in this neighbourhood called Thornfield?" I asked of the waiter who answered the summons.

"Thornfield? I don't know, ma'am; I'll inquire at the bar." He vanished, but reappeared instantly

"Is your name Eyre, Miss?"

"Yes."

"Person here waiting for you."

I jumped up, took my muff and umbrella, and hastened into the inn- passage: a man was standing by the open door, and in the lamp-lit street I dimly saw a one-horse conveyance.

"This will be your luggage, I suppose?" said the man rather abruptly when he saw me, pointing to my trunk in the passage.

"Yes." He hoisted it on to the vehicle, which was a sort of car, and then I got in; before he shut me up, I asked him how far it was to Thornfield.

"A matter of six miles."

"How long shall we be before we get there?"

"Happen an hour and a half."

He fastened the car door, climbed to his own seat outside, and we set off. Our progress was leisurely, and gave me ample time to reflect; I was content to be at length so near the end of my journey; and as I leaned back in the comfortable though not elegant conveyance, I meditated much at my ease.

“I suppose,” thought I, “judging from the plainness of the servant and carriage, Mrs. Fairfax is not a very dashing person: so much the better; I never lived amongst fine people but once, and I was very miserable with them. I wonder if she lives alone except this little girl; if so, and if she is in any degree amiable, I shall surely be able to get on with her; I will do my best; it is a pity that doing one’s best does not always answer. At Lowood, indeed, I took that resolution, kept it, and succeeded in pleasing; but with Mrs. Reed, I remember my best was always spurned with scorn. I pray God Mrs. Fairfax may not turn out a second Mrs. Reed; but if she does, I am not bound to stay with her! let the worst come to the worst, I can advertise again. How far are we on our road now, I wonder?”

I let down the window and looked out; Millcote was behind us; judging by the number of its lights, it seemed a place of considerable magnitude, much larger than Lowton. We were now, as far as I could see, on a sort of common; but there were houses scattered all over the district; I felt we were in a different region to Lowood, more populous, less picturesque; more stirring, less romantic.

The roads were heavy, the night misty; my conductor let his horse walk all the way, and the hour and a half extended, I verily believe, to two hours; at last he turned in his seat and said -

“You’re noan so far fro’ Thornfield now.”

Again I looked out: we were passing a church; I saw its low broad tower against the sky, and its bell was tolling a quarter; I saw a narrow galaxy of lights too, on a hillside, marking a village or hamlet. About ten minutes after, the driver got down and opened a pair of gates: we passed through, and they clashed to behind us. We now slowly ascended a drive, and came upon the long front of a house: candlelight gleamed from one curtained bow-window; all the rest were dark. The car stopped at the front door; it was opened by a maid-servant; I alighted and went in.

“Will you walk this way, ma’am?” said the girl; and I followed her across a square hall with high doors all round: she ushered me into a room whose double illumination of fire and candle at first dazzled me, contrasting as it did with the darkness to which my eyes had been for two hours inured; when I could see, however, a cosy and agreeable picture presented itself to my view.

A snug small room; a round table by a cheerful fire; an arm-chair high-backed and old-fashioned, wherein sat the neatest imaginable little elderly lady, in widow’s cap, black silk gown, and snowy muslin apron; exactly like what I had fancied Mrs. Fairfax, only less stately and milder looking. She was occupied in knitting; a large cat sat demurely at her feet; nothing in short was wanting to complete the beau-ideal of domestic comfort. A more reassuring introduction for a new governess could scarcely be conceived; there was no grandeur to overwhelm, no stateliness to embarrass; and then, as I entered, the old lady got up and promptly and kindly came forward to meet me.

“How do you do, my dear? I am afraid you have had a tedious ride; John drives so slowly; you must be cold, come to the fire.”

“Mrs. Fairfax, I suppose?” said I.

“Yes, you are right: do sit down.”

She conducted me to her own chair, and then began to remove my shawl and untie my bonnet-strings; I begged she would not give herself so much trouble.

“Oh, it is no trouble; I dare say your own hands are almost numbed with cold. Leah, make a little hot negus and cut a sandwich or two: here are the keys of the storeroom.”

And she produced from her pocket a most housewifely bunch of keys, and delivered them to the servant.

“Now, then, draw nearer to the fire,” she continued. “You’ve brought your luggage with you, haven’t you, my dear?”

“Yes, ma’am.”

“I’ll see it carried into your room,” she said, and bustled out.

“She treats me like a visitor,” thought I. “I little expected such a reception; I anticipated only coldness and stiffness: this is not like what I have heard of the treatment of governesses; but I must not exult too soon.”

She returned; with her own hands cleared her knitting apparatus and a book or two from the table, to make room for the tray which Leah now brought, and then herself handed me the refreshments. I felt rather confused at being the object of more attention than I had ever before received, and, that too, shown by my employer and superior; but as she did not herself seem to consider she was doing anything out of her place, I thought it better to take her civilities quietly.

“Shall I have the pleasure of seeing Miss Fairfax to-night?” I asked, when I had partaken of what she offered me.

“What did you say, my dear? I am a little deaf,” returned the good lady, approaching her ear to my mouth.

I repeated the question more distinctly.

“Miss Fairfax? Oh, you mean Miss Varens! Varens is the name of your future pupil.”

“Indeed! Then she is not your daughter?”

“No, -- I have no family.”

I should have followed up my first inquiry, by asking in what way Miss Varens was connected with her; but I recollected it was not polite to ask too many questions: besides, I was sure to hear in time.

“I am so glad,” she continued, as she sat down opposite to me, and took the cat on her knee; “I am so glad you are come; it will be quite pleasant living here now with a companion. To be sure it is pleasant at any time; for Thornfield is a fine old hall, rather neglected of late years perhaps, but still it is a respectable place; yet you know in winter-time one feels dreary quite alone in the best quarters. I say alone -- Leah is a nice girl to be sure, and John and his wife are very decent people; but then you see they are only servants, and one can’t converse with them on terms of equality: one must keep them at due distance, for fear of losing one’s authority. I’m sure last winter (it was a very severe one, if you recollect, and when it did not snow, it rained and blew), not a creature but the butcher and postman came to the house, from November till February; and I really got quite melancholy with sitting night after night alone; I had Leah in to read to me sometimes; but I don’t think the poor girl liked the task much: she felt it confining. In spring and summer one got on better: sunshine and long days make such a difference; and then, just at the commencement of this autumn, little Adela Varens came and her nurse: a child makes a house alive all at once; and now you are here I shall be quite gay.”

My heart really warmed to the worthy lady as I heard her talk; and I drew my chair a little nearer

to her, and expressed my sincere wish that she might find my company as agreeable as she anticipated.

“But I’ll not keep you sitting up late to-night,” said she; “it is on the stroke of twelve now, and you have been travelling all day: you must feel tired. If you have got your feet well warmed, I’ll show you your bedroom. I’ve had the room next to mine prepared for you; it is only a small apartment, but I thought you would like it better than one of the large front chambers: to be sure they have finer furniture, but they are so dreary and solitary, I never sleep in them myself.”

I thanked her for her considerate choice, and as I really felt fatigued with my long journey, expressed my readiness to retire. She took her candle, and I followed her from the room. First she went to see if the hall-door was fastened; having taken the key from the lock, she led the way upstairs. The steps and banisters were of oak; the staircase window was high and latticed; both it and the long gallery into which the bedroom doors opened looked as if they belonged to a church rather than a house. A very chill and vault-like air pervaded the stairs and gallery, suggesting cheerless ideas of space and solitude; and I was glad, when finally ushered into my chamber, to find it of small dimensions, and furnished in ordinary, modern style.

When Mrs. Fairfax had bidden me a kind good-night, and I had fastened my door, gazed leisurely round, and in some measure effaced the eerie impression made by that wide hall, that dark and spacious staircase, and that long, cold gallery, by the livelier aspect of my little room, I remembered that, after a day of bodily fatigue and mental anxiety, I was now at last in safe haven. The impulse of gratitude swelled my heart, and I knelt down at the bedside, and offered up thanks where thanks were due; not forgetting, ere I rose, to implore aid on my further path, and the power of meriting the kindness which seemed so frankly offered me before it was earned. My couch had no thorns in it that night; my solitary room no fears. At once weary and content, I slept soon and soundly: when I awoke it was broad day.

The chamber looked such a bright little place to me as the sun shone in between the gay blue chintz window curtains, showing papered walls and a carpeted floor, so unlike the bare planks and stained plaster of Lowood, that my spirits rose at the view. Externals have a great effect on the young: I thought that a fairer era of life was beginning for me, one that was to have its flowers and pleasures, as well as its thorns and toils. My faculties, roused by the change of scene, the new field offered to hope, seemed all astir. I cannot precisely define what they expected, but it was something pleasant: not perhaps that day or that month, but at an indefinite future period.

I rose; I dressed myself with care: obliged to be plain -- for I had no article of attire that was not made with extreme simplicity -- I was still by nature solicitous to be neat. It was not my habit to be disregarding of appearance or careless of the impression I made: on the contrary, I ever wished to look as well as I could, and to please as much as my want of beauty would permit. I sometimes regretted that I was not handsomer; I sometimes wished to have rosy cheeks, a straight nose, and small cherry mouth; I desired to be tall, stately, and finely developed in figure; I felt it a misfortune that I was so little, so pale, and had features so irregular and so marked. And why had I these aspirations and these regrets? It would be difficult to say: I could not then distinctly say it to myself; yet I had a reason, and a logical, natural reason too. However, when I had brushed my hair very smooth, and put on my black frock -- which, Quakerlike as it was, at least had the merit of fitting to a nicety -- and adjusted my clean white tucker, I thought I should do respectably enough to appear before Mrs. Fairfax, and that my new pupil would not at least recoil from me with antipathy. Having opened my chamber window, and seen that I left all things straight and neat on the toilet table, I ventured forth.

Traversing the long and matted gallery, I descended the slippery steps of oak; then I gained the

hall: I halted there a minute; I looked at some pictures on the walls (one, I remember, represented a grim man in a cuirass, and one a lady with powdered hair and a pearl necklace), at a bronze lamp pendent from the ceiling, at a great clock whose case was of oak curiously carved, and ebon black with time and rubbing. Everything appeared very stately and imposing to me; but then I was so little accustomed to grandeur. The hall-door, which was half of glass, stood open; I stepped over the threshold. It was a fine autumn morning; the early sun shone serenely on embrowned groves and still green fields; advancing on to the lawn, I looked up and surveyed the front of the mansion. It was three storeys high, of proportions not vast, though considerable: a gentleman's manor-house, not a nobleman's seat: battlements round the top gave it a picturesque look. Its grey front stood out well from the background of a rookery, whose cawing tenants were now on the wing: they flew over the lawn and grounds to alight in a great meadow, from which these were separated by a sunk fence, and where an array of mighty old thorn trees, strong, knotty, and broad as oaks, at once explained the etymology of the mansion's designation. Farther off were hills: not so lofty as those round Lowood, nor so craggy, nor so like barriers of separation from the living world; but yet quiet and lonely hills enough, and seeming to embrace Thornfield with a seclusion I had not expected to find existent so near the stirring locality of Millcote. A little hamlet, whose roofs were blent with trees, straggled up the side of one of these hills; the church of the district stood nearer Thornfield: its old tower-top looked over a knoll between the house and gates.

I was yet enjoying the calm prospect and pleasant fresh air, yet listening with delight to the cawing of the rooks, yet surveying the wide, hoary front of the hall, and thinking what a great place it was for one lonely little dame like Mrs. Fairfax to inhabit, when that lady appeared at the door.

"What! out already?" said she. "I see you are an early riser." I went up to her, and was received with an affable kiss and shake of the hand.

"How do you like Thornfield?" she asked. I told her I liked it very much.

"Yes," she said, "it is a pretty place; but I fear it will be getting out of order, unless Mr. Rochester should take it into his head to come and reside here permanently; or, at least, visit it rather oftener: great houses and fine grounds require the presence of the proprietor."

"Mr. Rochester!" I exclaimed. "Who is he?"

"The owner of Thornfield," she responded quietly. "Did you not know he was called Rochester?"

Of course I did not -- I had never heard of him before; but the old lady seemed to regard his existence as a universally understood fact, with which everybody must be acquainted by instinct.

"I thought," I continued, "Thornfield belonged to you."

"To me? Bless you, child; what an idea! To me! I am only the housekeeper -- the manager. To be sure I am distantly related to the Rochesters by the mother's side, or at least my husband was; he was a clergyman, incumbent of Hay -- that little village yonder on the hill -- and that church near the gates was his. The present Mr. Rochester's mother was a Fairfax, and second cousin to my husband: but I never presume on the connection -- in fact, it is nothing to me; I consider myself quite in the light of an ordinary housekeeper: my employer is always civil, and I expect nothing more."

"And the little girl -- my pupil!"

"She is Mr. Rochester's ward; he commissioned me to find a governess for her. He intended to have her brought up in -shire, I believe. Here she comes, with her 'bonne,' as she calls her nurse." The enigma then was explained: this affable and kind little widow was no great dame; but a dependant like

myself. I did not like her the worse for that; on the contrary, I felt better pleased than ever. The equality between her and me was real; not the mere result of condescension on her part: so much the better -- my position was all the freer.

As I was meditating on this discovery, a little girl, followed by her attendant, came running up the lawn. I looked at my pupil, who did not at first appear to notice me: she was quite a child, perhaps seven or eight years old, slightly built, with a pale, small-featured face, and a redundancy of hair falling in curls to her waist.

“Good morning, Miss Adela,” said Mrs. Fairfax. “Come and speak to the lady who is to teach you, and to make you a clever woman some day.” She approached.

“C’est le ma gouvernante!” said she, pointing to me, and addressing her nurse; who answered -

“Mais oui, certainement.”

“Are they foreigners?” I inquired, amazed at hearing the French language.

“The nurse is a foreigner, and Adela was born on the Continent; and, I believe, never left it till within six months ago. When she first came here she could speak no English; now she can make shift to talk it a little: I don’t understand her, she mixes it so with French; but you will make out her meaning very well, I dare say.”

Fortunately I had had the advantage of being taught French by a French lady; and as I had always made a point of conversing with Madame Pierrot as often as I could, and had besides, during the last seven years, learnt a portion of French by heart daily -- applying myself to take pains with my accent, and imitating as closely as possible the pronunciation of my teacher, I had acquired a certain degree of readiness and correctness in the language, and was not likely to be much at a loss with Mademoiselle Adela. She came and shook hand with me when she heard that I was her governess; and as I led her in to breakfast, I addressed some phrases to her in her own tongue: she replied briefly at first, but after we were seated at the table, and she had examined me some ten minutes with her large hazel eyes, she suddenly commenced chattering fluently.

“Ah!” cried she, in French, “you speak my language as well as Mr. Rochester does: I can talk to you as I can to him, and so can Sophie. She will be glad: nobody here understands her: Madame Fairfax is all English. Sophie is my nurse; she came with me over the sea in a great ship with a chimney that smoked -- how it did smoke! -- and I was sick, and so was Sophie, and so was Mr. Rochester. Mr. Rochester lay down on a sofa in a pretty room called the salon, and Sophie and I had little beds in another place. I nearly fell out of mine; it was like a shelf. And Mademoiselle -- what is your name?”

“Eyre -- Jane Eyre.”

“Aire? Bah! I cannot say it. Well, our ship stopped in the morning, before it was quite daylight, at a great city -- a huge city, with very dark houses and all smoky; not at all like the pretty clean town I came from; and Mr. Rochester carried me in his arms over a plank to the land, and Sophie came after, and we all got into a coach, which took us to a beautiful large house, larger than this and finer, called an hotel. We stayed there nearly a week: I and Sophie used to walk every day in a great green place full of trees, called the Park; and there were many children there besides me, and a pond with beautiful birds in it, that I fed with crumbs.”

“Can you understand her when she runs on so fast?” asked Mrs. Fairfax.

I understood her very well, for I had been accustomed to the fluent tongue of Madame Pierrot.

“I wish,” continued the good lady, “you would ask her a question or two about her parents: I wonder if she remembers them?”

“Adele,” I inquired, “with whom did you live when you were in that pretty clean town you spoke of?”

“I lived long ago with mama; but she is gone to the Holy Virgin. Mama used to teach me to dance and sing, and to say verses. A great many gentlemen and ladies came to see mama, and I used to dance before them, or to sit on their knees and sing to them: I liked it. Shall I let you hear me sing now?”

She had finished her breakfast, so I permitted her to give a specimen of her accomplishments. Descending from her chair, she came and placed herself on my knee; then, folding her little hands demurely before her, shaking back her curls and lifting her eyes to the ceiling, she commenced singing a song from some opera. It was the strain of a forsaken lady, who, after bewailing the perfidy of her lover, calls pride to her aid; desires her attendant to deck her in her brightest jewels and richest robes, and resolves to meet the false one that night at a ball, and prove to him, by the gaiety of her demeanour, how little his desertion has affected her.

The subject seemed strangely chosen for an infant singer; but I suppose the point of the exhibition lay in hearing the notes of love and jealousy warbled with the lisp of childhood; and in very bad taste that point was: at least I thought so.

Adele sang the canzonette tunefully enough, and with the naivete of her age. This achieved, she jumped from my knee and said, “Now, Mademoiselle, I will repeat you some poetry.”

Assuming an attitude, she began, “La Ligue des Rats: fable de La Fontaine.” She then declaimed the little piece with an attention to punctuation and emphasis, a flexibility of voice and an appropriateness of gesture, very unusual indeed at her age, and which proved she had been carefully trained.

“Was it your mama who taught you that piece?” I asked.

“Yes, and she just used to say it in this way: ‘Qu’ avez vous donc? lui dit un de ces rats; parlez!’ She made me lift my hand -- so -- to remind me to raise my voice at the question. Now shall I dance for you?”

“No, that will do: but after your mama went to the Holy Virgin, as you say, with whom did you live then?”

“With Madame Frederic and her husband: she took care of me, but she is nothing related to me. I think she is poor, for she had not so fine a house as mama. I was not long there. Mr. Rochester asked me if I would like to go and live with him in England, and I said yes; for I knew Mr. Rochester before I knew Madame Frederic, and he was always kind to me and gave me pretty dresses and toys: but you see he has not kept his word, for he has brought me to England, and now he is gone back again himself, and I never see him.”

After breakfast, Adele and I withdrew to the library, which room, it appears, Mr. Rochester had directed should be used as the schoolroom. Most of the books were locked up behind glass doors; but there was one bookcase left open containing everything that could be needed in the way of elementary works, and several volumes of light literature, poetry, biography, travels, a few romances, &c. I suppose he had considered that these were all the governess would require for her private perusal; and, indeed, they contented me amply for the present; compared with the scanty pickings I had now and then been able to glean at Lowood, they seemed to offer an abundant harvest of entertainment and information. In this room, too, there was a cabinet piano, quite new and of superior tone; also an easel for painting and a pair

of globes.

I found my pupil sufficiently docile, though disinclined to apply: she had not been used to regular occupation of any kind. I felt it would be injudicious to confine her too much at first; so, when I had talked to her a great deal, and got her to learn a little, and when the morning had advanced to noon, I allowed her to return to her nurse. I then proposed to occupy myself till dinner-time in drawing some little sketches for her use.

As I was going upstairs to fetch my portfolio and pencils, Mrs. Fairfax called to me: "Your morning school-hours are over now, I suppose," said she. She was in a room the folding-doors of which stood open: I went in when she addressed me. It was a large, stately apartment, with purple chairs and curtains, a Turkey carpet, walnut-panelled walls, one vast window rich in slanted glass, and a lofty ceiling, nobly moulded. Mrs. Fairfax was dusting some vases of fine purple spar, which stood on a sideboard.

"What a beautiful room!" I exclaimed, as I looked round; for I had never before seen any half so imposing.

"Yes; this is the dining-room. I have just opened the window, to let in a little air and sunshine; for everything gets so damp in apartments that are seldom inhabited; the drawing-room yonder feels like a vault."

She pointed to a wide arch corresponding to the window, and hung like it with a Tyrian-dyed curtain, now looped up. Mounting to it by two broad steps, and looking through, I thought I caught a glimpse of a fairy place, so bright to my novice-eyes appeared the view beyond. Yet it was merely a very pretty drawing-room, and within it a boudoir, both spread with white carpets, on which seemed laid brilliant garlands of flowers; both ceiled with snowy mouldings of white grapes and vine-leaves, beneath which glowed in rich contrast crimson couches and ottomans; while the ornaments on the pale Parisian mantelpiece were of sparkling Bohemian glass, ruby red; and between the windows large mirrors repeated the general blending of snow and fire.

"In what order you keep these rooms, Mrs. Fairfax!" said I. "No dust, no canvas coverings except that the air feels chilly, one would think they were inhabited daily."

"Why, Miss Eyre, though Mr. Rochester's visits here are rare, they are always sudden and unexpected; and as I observed that it put him out to find everything swathed up, and to have a bustle of arrangement on his arrival, I thought it best to keep the rooms in readiness."

"Is Mr. Rochester an exacting, fastidious sort of man?"

"Not particularly so; but he has a gentleman's tastes and habits, and he expects to have things managed in conformity to them."

"Do you like him? Is he generally liked?"

"Oh, yes; the family have always been respected here. Almost all the land in this neighbourhood, as far as you can see, has belonged to the Rochesters time out of mind."

"Well, but, leaving his land out of the question, do you like him? Is he liked for himself?"

"I have no cause to do otherwise than like him; and I believe he is considered a just and liberal landlord by his tenants: but he has never lived much amongst them."

"But has he no peculiarities? What, in short, is his character?"

“Oh! his character is unimpeachable, I suppose. He is rather peculiar, perhaps: he has travelled a great deal, and seen a great deal of the world, I should think. I dare say he is clever, but I never had much conversation with him.”

“In what way is he peculiar?”

“I don’t know -- it is not easy to describe -- nothing striking, but you feel it when he speaks to you; you cannot be always sure whether he is in jest or earnest, whether he is pleased or the contrary; you don’t thoroughly understand him, in short -- at least, I don’t: but it is of no consequence, he is a very good master.”

This was all the account I got from Mrs. Fairfax of her employer and mine. There are people who seem to have no notion of sketching a character, or observing and describing salient points, either in persons or things: the good lady evidently belonged to this class; my queries puzzled, but did not draw her out. Mr. Rochester was Mr. Rochester in her eyes; a gentleman, a landed proprietor -- nothing more: she inquired and searched no further, and evidently wondered at my wish to gain a more definite notion of his identity.

When we left the dining-room, she proposed to show me over the rest of the house; and I followed her upstairs and downstairs, admiring as I went; for all was well arranged and handsome. The large front chambers I thought especially grand: and some of the third-storey rooms, though dark and low, were interesting from their air of antiquity. The furniture once appropriated to the lower apartments had from time to time been removed here, as fashions changed: and the imperfect light entering by their narrow casement showed bedsteads of a hundred years old; chests in oak or walnut, looking, with their strange carvings of palm branches and cherubs’ heads, like types of the Hebrew ark; rows of venerable chairs, high-backed and narrow; stools still more antiquated, on whose cushioned tops were yet apparent traces of half-effaced embroideries, wrought by fingers that for two generations had been coffin-dust. All these relics gave to the third storey of Thornfield Hall the aspect of a home of the past: a shrine of memory. I liked the hush, the gloom, the quaintness of these retreats in the day; but I by no means coveted a night’s repose on one of those wide and heavy beds: shut in, some of them, with doors of oak; shaded, others, with wrought old English hangings crusted with thick work, portraying effigies of strange flowers, and stranger birds, and strangest human beings, -- all which would have looked strange, indeed, by the pallid gleam of moonlight.

“Do the servants sleep in these rooms?” I asked.

“No; they occupy a range of smaller apartments to the back; no one ever sleeps here: one would almost say that, if there were a ghost at Thornfield Hall, this would be its haunt.”

“So I think: you have no ghost, then?”

“None that I ever heard of,” returned Mrs. Fairfax, smiling.

“Nor any traditions of one? no legends or ghost stories?”

“I believe not. And yet it is said the Rochesters have been rather a violent than a quiet race in their time: perhaps, though, that is the reason they rest tranquilly in their graves now.”

“Yes -- ‘after life’s fitful fever they sleep well,’” I muttered. “Where are you going now, Mrs. Fairfax?” for she was moving away.

“On to the leads; will you come and see the view from thence?” I followed still, up a very narrow staircase to the attics, and thence by a ladder and through a trap-door to the roof of the hall. I was

now on a level with the crow colony, and could see into their nests. Leaning over the battlements and looking far down, I surveyed the grounds laid out like a map: the bright and velvet lawn closely girdling the grey base of the mansion; the field, wide as a park, dotted with its ancient timber; the wood, dun and sere, divided by a path visibly overgrown, greener with moss than the trees were with foliage; the church at the gates, the road, the tranquil hills, all reposing in the autumn day's sun; the horizon bounded by a propitious sky, azure, marbled with pearly white. No feature in the scene was extraordinary, but all was pleasing. When I turned from it and repassed the trap-door, I could scarcely see my way down the ladder; the attic seemed black as a vault compared with that arch of blue air to which I had been looking up, and to that sunlit scene of grove, pasture, and green hill, of which the hall was the centre, and over which I had been gazing with delight.

Mrs. Fairfax stayed behind a moment to fasten the trap-door; I, by drift of groping, found the outlet from the attic, and proceeded to descend the narrow garret staircase. I lingered in the long passage to which this led, separating the front and back rooms of the third storey: narrow, low, and dim, with only one little window at the far end, and looking, with its two rows of small black doors all shut, like a corridor in some Bluebeard's castle.

While I paced softly on, the last sound I expected to hear in so still a region, a laugh, struck my ear. It was a curious laugh; distinct, formal, mirthless. I stopped: the sound ceased, only for an instant; it began again, louder: for at first, though distinct, it was very low. It passed off in a clamorous peal that seemed to wake an echo in every lonely chamber; though it originated but in one, and I could have pointed out the door whence the accents issued.

"Mrs. Fairfax!" I called out: for I now heard her descending the great stairs. "Did you hear that loud laugh? Who is it?"

"Some of the servants, very likely," she answered: "perhaps Grace Poole."

"Did you hear it?" I again inquired.

"Yes, plainly: I often hear her: she sews in one of these rooms. Sometimes Leah is with her; they are frequently noisy together."

The laugh was repeated in its low, syllabic tone, and terminated in an odd murmur.

"Grace!" exclaimed Mrs. Fairfax.

I really did not expect any Grace to answer; for the laugh was as tragic, as preternatural a laugh as any I ever heard; and, but that it was high noon, and that no circumstance of ghostliness accompanied the curious cachinnation; but that neither scene nor season favoured fear, I should have been superstitiously afraid. However, the event showed me I was a fool for entertaining a sense even of surprise.

The door nearest me opened, and a servant came out, -- a woman of between thirty and forty; a set, square-made figure, red-haired, and with a hard, plain face: any apparition less romantic or less ghostly could scarcely be conceived.

"Too much noise, Grace," said Mrs. Fairfax. "Remember directions!" Grace curtseyed silently and went in.

"She is a person we have to sew and assist Leah in her housemaid's work," continued the widow; "not altogether unobjectionable in some points, but she does well enough. By-the-bye, how have you got on with your new pupil this morning?"

The conversation, thus turned on Adele, continued till we reached the light and cheerful region below. Adele came running to meet us in the hall, exclaiming -

“Mesdames, vous etes servies!” adding, “J’ai bien faim, moi!”

We found dinner ready, and waiting for us in Mrs. Fairfax’s room.

CHAPTER XII

The promise of a smooth career, which my first calm introduction to Thornfield Hall seemed to pledge, was not belied on a longer acquaintance with the place and its inmates. Mrs. Fairfax turned out to be what she appeared, a placid-tempered, kind-natured woman, of competent education and average intelligence. My pupil was a lively child, who had been spoilt and indulged, and therefore was sometimes wayward; but as she was committed entirely to my care, and no injudicious interference from any quarter ever thwarted my plans for her improvement, she soon forgot her little freaks, and became obedient and teachable. She had no great talents, no marked traits of character, no peculiar development of feeling or taste which raised her one inch above the ordinary level of childhood; but neither had she any deficiency or vice which sunk her below it. She made reasonable progress, entertained for me a vivacious, though perhaps not very profound, affection; and by her simplicity, gay prattle, and efforts to please, inspired me, in return, with a degree of attachment sufficient to make us both content in each other's society.

This, *par parenthese*, will be thought cool language by persons who entertain solemn doctrines about the angelic nature of children, and the duty of those charged with their education to conceive for them an idolatrous devotion: but I am not writing to flatter parental egotism, to echo cant, or prop up humbug; I am merely telling the truth. I felt a conscientious solicitude for Adele's welfare and progress, and a quiet liking for her little self: just as I cherished towards Mrs. Fairfax a thankfulness for her kindness, and a pleasure in her society proportionate to the tranquil regard she had for me, and the moderation of her mind and character.

Anybody may blame me who likes, when I add further, that, now and then, when I took a walk by myself in the grounds; when I went down to the gates and looked through them along the road; or when, while Adele played with her nurse, and Mrs. Fairfax made jellies in the storeroom, I climbed the three staircases, raised the trap-door of the attic, and having reached the leads, looked out afar over sequestered field and hill, and along dim sky-line -- that then I longed for a power of vision which might overpass that limit; which might reach the busy world, towns, regions full of life I had heard of but never seen -- that then I desired more of practical experience than I possessed; more of intercourse with my kind, of acquaintance with variety of character, than was here within my reach. I valued what was good in Mrs. Fairfax, and what was good in Adele; but I believed in the existence of other and more vivid kinds of goodness, and what I believed in I wished to behold.

Who blames me? Many, no doubt; and I shall be called discontented. I could not help it: the restlessness was in my nature; it agitated me to pain sometimes. Then my sole relief was to walk along the corridor of the third storey, backwards and forwards, safe in the silence and solitude of the spot, and allow my mind's eye to dwell on whatever bright visions rose before it -- and, certainly, they were many and glowing; to let my heart be heaved by the exultant movement, which, while it swelled it in trouble, expanded it with life; and, best of all, to open my inward ear to a tale that was never ended -- a tale my imagination created, and narrated continuously; quickened with all of incident, life, fire, feeling, that I desired and had not in my actual existence.

It is in vain to say human beings ought to be satisfied with tranquillity: they must have action; and they will make it if they cannot find it. Millions are condemned to a stiller doom than mine, and millions are in silent revolt against their lot. Nobody knows how many rebellions besides political rebellions ferment in the masses of life which people earth. Women are supposed to be very calm generally: but

women feel just as men feel; they need exercise for their faculties, and a field for their efforts, as much as their brothers do; they suffer from too rigid a restraint, too absolute a stagnation, precisely as men would suffer; and it is narrow-minded in their more privileged fellow-creatures to say that they ought to confine themselves to making puddings and knitting stockings, to playing on the piano and embroidering bags. It is thoughtless to condemn them, or laugh at them, if they seek to do more or learn more than custom has pronounced necessary for their sex.

When thus alone, I not unfrequently heard Grace Poole's laugh: the same peal, the same low, slow ha! ha! which, when first heard, had thrilled me: I heard, too, her eccentric murmurs; stranger than her laugh. There were days when she was quite silent; but there were others when I could not account for the sounds she made. Sometimes I saw her: she would come out of her room with a basin, or a plate, or a tray in her hand, go down to the kitchen and shortly return, generally (oh, romantic reader, forgive me for telling the plain truth!) bearing a pot of porter. Her appearance always acted as a damper to the curiosity raised by her oral oddities: hard-featured and staid, she had no point to which interest could attach. I made some attempts to draw her into conversation, but she seemed a person of few words: a monosyllabic reply usually cut short every effort of that sort.

The other members of the household, viz., John and his wife, Leah the housemaid, and Sophie the French nurse, were decent people; but in no respect remarkable; with Sophie I used to talk French, and sometimes I asked her questions about her native country; but she was not of a descriptive or narrative turn, and generally gave such vapid and confused answers as were calculated rather to check than encourage inquiry.

October, November, December passed away. One afternoon in January, Mrs. Fairfax had begged a holiday for Adele, because she had a cold; and, as Adele seconded the request with an ardour that reminded me how precious occasional holidays had been to me in my own childhood, I accorded it, deeming that I did well in showing pliability on the point. It was a fine, calm day, though very cold; I was tired of sitting still in the library through a whole long morning: Mrs. Fairfax had just written a letter which was waiting to be posted, so I put on my bonnet and cloak and volunteered to carry it to Hay; the distance, two miles, would be a pleasant winter afternoon walk. Having seen Adele comfortably seated in her little chair by Mrs. Fairfax's parlour fireside, and given her her best wax doll (which I usually kept enveloped in silver paper in a drawer) to play with, and a story-book for change of amusement; and having replied to her "Revenez bientôt, ma bonne amie, ma chere Mdlle. Jeannette," with a kiss I set out.

The ground was hard, the air was still, my road was lonely; I walked fast till I got warm, and then I walked slowly to enjoy and analyse the species of pleasure brooding for me in the hour and situation. It was three o'clock; the church bell tolled as I passed under the belfry: the charm of the hour lay in its approaching dimness, in the low-gliding and pale-beaming sun. I was a mile from Thornfield, in a lane noted for wild roses in summer, for nuts and blackberries in autumn, and even now possessing a few coral treasures in hips and haws, but whose best winter delight lay in its utter solitude and leafless repose. If a breath of air stirred, it made no sound here; for there was not a holly, not an evergreen to rustle, and the stripped hawthorn and hazel bushes were as still as the white, worn stones which causewayed the middle of the path. Far and wide, on each side, there were only fields, where no cattle now browsed; and the little brown birds, which stirred occasionally in the hedge, looked like single russet leaves that had forgotten to drop.

This lane inclined up-hill all the way to Hay; having reached the middle, I sat down on a stile which led thence into a field. Gathering my mantle about me, and sheltering my hands in my muff, I did not

feel the cold, though it froze keenly; as was attested by a sheet of ice covering the causeway, where a little brooklet, now congealed, had overflowed after a rapid thaw some days since. From my seat I could look down on Thornfield: the grey and battlemented hall was the principal object in the vale below me; its woods and dark rookery rose against the west. I lingered till the sun went down amongst the trees, and sank crimson and clear behind them. I then turned eastward.

On the hill-top above me sat the rising moon; pale yet as a cloud, but brightening momentarily, she looked over Hay, which, half lost in trees, sent up a blue smoke from its few chimneys: it was yet a mile distant, but in the absolute hush I could hear plainly its thin murmurs of life. My ear, too, felt the flow of currents; in what dales and depths I could not tell: but there were many hills beyond Hay, and doubtless many becks threading their passes. That evening calm betrayed alike the tinkle of the nearest streams, the sough of the most remote.

A rude noise broke on these fine rippings and whisperings, at once so far away and so clear: a positive tramp, tramp, a metallic clatter, which effaced the soft wave-wanderings; as, in a picture, the solid mass of a crag, or the rough boles of a great oak, drawn in dark and strong on the foreground, efface the aerial distance of azure hill, sunny horizon, and blended clouds where tint melts into tint.

The din was on the causeway: a horse was coming; the windings of the lane yet hid it, but it approached. I was just leaving the stile; yet, as the path was narrow, I sat still to let it go by. In those days I was young, and all sorts of fancies bright and dark tenanted my mind: the memories of nursery stories were there amongst other rubbish; and when they recurred, maturing youth added to them a vigour and vividness beyond what childhood could give. As this horse approached, and as I watched for it to appear through the dusk, I remembered certain of Bessie's tales, wherein figured a North-of-England spirit called a "Gytrash," which, in the form of horse, mule, or large dog, haunted solitary ways, and sometimes came upon belated travellers, as this horse was now coming upon me.

It was very near, but not yet in sight; when, in addition to the tramp, tramp, I heard a rush under the hedge, and close down by the hazel stems glided a great dog, whose black and white colour made him a distinct object against the trees. It was exactly one form of Bessie's Gytrash -- a lion-like creature with long hair and a huge head: it passed me, however, quietly enough; not staying to look up, with strange pretercanine eyes, in my face, as I half expected it would. The horse followed, -- a tall steed, and on its back a rider. The man, the human being, broke the spell at once. Nothing ever rode the Gytrash: it was always alone; and goblins, to my notions, though they might tenant the dumb carcasses of beasts, could scarce covet shelter in the commonplace human form. No Gytrash was this, -- only a traveller taking the short cut to Millcote. He passed, and I went on; a few steps, and I turned: a sliding sound and an exclamation of "What the deuce is to do now?" and a clattering tumble, arrested my attention. Man and horse were down; they had slipped on the sheet of ice which glazed the causeway. The dog came bounding back, and seeing his master in a predicament, and hearing the horse groan, barked till the evening hills echoed the sound, which was deep in proportion to his magnitude. He snuffed round the prostrate group, and then he ran up to me; it was all he could do, -- there was no other help at hand to summon. I obeyed him, and walked down to the traveller, by this time struggling himself free of his steed. His efforts were so vigorous, I thought he could not be much hurt; but I asked him the question -

"Are you injured, sir?"

I think he was swearing, but am not certain; however, he was pronouncing some formula which prevented him from replying to me directly.

"Can I do anything?" I asked again.

“You must just stand on one side,” he answered as he rose, first to his knees, and then to his feet. I did; whereupon began a heaving, stamping, clattering process, accompanied by a barking and baying which removed me effectually some yards’ distance; but I would not be driven quite away till I saw the event. This was finally fortunate; the horse was re-established, and the dog was silenced with a “Down, Pilot!” The traveller now, stooping, felt his foot and leg, as if trying whether they were sound; apparently something ailed them, for he halted to the stile whence I had just risen, and sat down.

I was in the mood for being useful, or at least officious, I think, for I now drew near him again.

“If you are hurt, and want help, sir, I can fetch some one either from Thornfield Hall or from Hay.”

“Thank you: I shall do: I have no broken bones, -- only a sprain;” and again he stood up and tried his foot, but the result extorted an involuntary “Ugh!”

Something of daylight still lingered, and the moon was waxing bright: I could see him plainly. His figure was enveloped in a riding cloak, fur collared and steel clasped; its details were not apparent, but I traced the general points of middle height and considerable breadth of chest. He had a dark face, with stern features and a heavy brow; his eyes and gathered eyebrows looked ireful and thwarted just now; he was past youth, but had not reached middle-age; perhaps he might be thirty-five. I felt no fear of him, and but little shyness. Had he been a handsome, heroic-looking young gentleman, I should not have dared to stand thus questioning him against his will, and offering my services unasked. I had hardly ever seen a handsome youth; never in my life spoken to one. I had a theoretical reverence and homage for beauty, elegance, gallantry, fascination; but had I met those qualities incarnate in masculine shape, I should have known instinctively that they neither had nor could have sympathy with anything in me, and should have shunned them as one would fire, lightning, or anything else that is bright but antipathetic.

If even this stranger had smiled and been good-humoured to me when I addressed him; if he had put off my offer of assistance gaily and with thanks, I should have gone on my way and not felt any vocation to renew inquiries: but the frown, the roughness of the traveller, set me at my ease: I retained my station when he waved to me to go, and announced -

“I cannot think of leaving you, sir, at so late an hour, in this solitary lane, till I see you are fit to mount your horse.”

He looked at me when I said this; he had hardly turned his eyes in my direction before.

“I should think you ought to be at home yourself,” said he, “if you have a home in this neighbourhood: where do you come from?”

“From just below; and I am not at all afraid of being out late when it is moonlight: I will run over to Hay for you with pleasure, if you wish it: indeed, I am going there to post a letter.”

“You live just below -- do you mean at that house with the battlements?” pointing to Thornfield Hall, on which the moon cast a hoary gleam, bringing it out distinct and pale from the woods that, by contrast with the western sky, now seemed one mass of shadow.

“Yes, sir.”

“Whose house is it?”

“Mr. Rochester’s.”

“Do you know Mr. Rochester?”

“No, I have never seen him.”

“He is not resident, then?”

“No.”

“Can you tell me where he is?”

“I cannot.”

“You are not a servant at the hall, of course. You are -- “ He stopped, ran his eye over my dress, which, as usual, was quite simple: a black merino cloak, a black beaver bonnet; neither of them half fine enough for a lady’s-maid. He seemed puzzled to decide what I was; I helped him.

“I am the governess.”

“Ah, the governess!” he repeated; “deuce take me, if I had not forgotten! The governess!” and again my raiment underwent scrutiny. In two minutes he rose from the stile: his face expressed pain when he tried to move.

“I cannot commission you to fetch help,” he said; “but you may help me a little yourself, if you will be so kind.”

“Yes, sir.”

“You have not an umbrella that I can use as a stick?”

“No.”

“Try to get hold of my horse’s bridle and lead him to me: you are not afraid?”

I should have been afraid to touch a horse when alone, but when told to do it, I was disposed to obey. I put down my muff on the stile, and went up to the tall steed; I endeavoured to catch the bridle, but it was a spirited thing, and would not let me come near its head; I made effort on effort, though in vain: meantime, I was mortally afraid of its trampling fore-feet. The traveller waited and watched for some time, and at last he laughed.

“I see,” he said, “the mountain will never be brought to Mahomet, so all you can do is to aid Mahomet to go to the mountain; I must beg of you to come here.”

I came. “Excuse me,” he continued: “necessity compels me to make you useful.” He laid a heavy hand on my shoulder, and leaning on me with some stress, limped to his horse. Having once caught the bridle, he mastered it directly and sprang to his saddle; grimacing grimly as he made the effort, for it wrenched his sprain.

“Now,” said he, releasing his under lip from a hard bite, “just hand me my whip; it lies there under the hedge.”

I sought it and found it.

“Thank you; now make haste with the letter to Hay, and return as fast as you can.”

A touch of a spurred heel made his horse first start and rear, and then bound away; the dog rushed in his traces; all three vanished,

“Like heath that, in the wilderness, The wild wind whirls away.”

I took up my muff and walked on. The incident had occurred and was gone for me: it WAS an incident of no moment, no romance, no interest in a sense; yet it marked with change one single hour of a monotonous life. My help had been needed and claimed; I had given it: I was pleased to have done

something; trivial, transitory though the deed was, it was yet an active thing, and I was weary of an existence all passive. The new face, too, was like a new picture introduced to the gallery of memory; and it was dissimilar to all the others hanging there: firstly, because it was masculine; and, secondly, because it was dark, strong, and stern. I had it still before me when I entered Hay, and slipped the letter into the post-office; I saw it as I walked fast down-hill all the way home. When I came to the stile, I stopped a minute, looked round and listened, with an idea that a horse's hoofs might ring on the causeway again, and that a rider in a cloak, and a Gytrash-like Newfoundland dog, might be again apparent: I saw only the hedge and a pollard willow before me, rising up still and straight to meet the moonbeams; I heard only the faintest waft of wind roaming fitful among the trees round Thornfield, a mile distant; and when I glanced down in the direction of the murmur, my eye, traversing the hall-front, caught a light kindling in a window: it reminded me that I was late, and I hurried on.

I did not like re-entering Thornfield. To pass its threshold was to return to stagnation; to cross the silent hall, to ascend the darksome staircase, to seek my own lonely little room, and then to meet tranquil Mrs. Fairfax, and spend the long winter evening with her, and her only, was to quell wholly the faint excitement wakened by my walk, -- to slip again over my faculties the viewless fetters of an uniform and too still existence; of an existence whose very privileges of security and ease I was becoming incapable of appreciating. What good it would have done me at that time to have been tossed in the storms of an uncertain struggling life, and to have been taught by rough and bitter experience to long for the calm amidst which I now repined! Yes, just as much good as it would do a man tired of sitting still in a "too easy chair" to take a long walk: and just as natural was the wish to stir, under my circumstances, as it would be under his.

I lingered at the gates; I lingered on the lawn; I paced backwards and forwards on the pavement: the shutters of the glass door were closed; I could not see into the interior; and both my eyes and spirit seemed drawn from the gloomy house -- from the grey-hollow filled with rayless cells, as it appeared to me -- to that sky expanded before me, -- a blue sea absolved from taint of cloud; the moon ascending it in solemn march; her orb seeming to look up as she left the hill-tops, from behind which she had come, far and farther below her, and aspired to the zenith, midnight dark in its fathomless depth and measureless distance; and for those trembling stars that followed her course; they made my heart tremble, my veins glow when I viewed them. Little things recall us to earth; the clock struck in the hall; that sufficed; I turned from moon and stars, opened a side-door, and went in.

The hall was not dark, nor yet was it lit, only by the high-hung bronze lamp; a warm glow suffused both it and the lower steps of the oak staircase. This ruddy shine issued from the great dining-room, whose two-leaved door stood open, and showed a genial fire in the grate, glancing on marble hearth and brass fire-irons, and revealing purple draperies and polished furniture, in the most pleasant radiance. It revealed, too, a group near the mantelpiece: I had scarcely caught it, and scarcely become aware of a cheerful mingling of voices, amongst which I seemed to distinguish the tones of Adele, when the door closed.

I hastened to Mrs. Fairfax's room; there was a fire there too, but no candle, and no Mrs. Fairfax. Instead, all alone, sitting upright on the rug, and gazing with gravity at the blaze, I beheld a great black and white long-haired dog, just like the Gytrash of the lane. It was so like it that I went forward and said -- "Pilot" and the thing got up and came to me and snuffed me. I caressed him, and he wagged his great tail; but he looked an eerie creature to be alone with, and I could not tell whence he had come. I rang the bell, for I wanted a candle; and I wanted, too, to get an account of this visitant. Leah entered.

“What dog is this?”

“He came with master.”

“With whom?”

“With master -- Mr. Rochester -- he is just arrived.”

“Indeed! and is Mrs. Fairfax with him?”

“Yes, and Miss Adele; they are in the dining-room, and John is gone for a surgeon; for master has had an accident; his horse fell and his ankle is sprained.”

“Did the horse fall in Hay Lane?”

“Yes, coming down-hill; it slipped on some ice.”

“Ah! Bring me a candle will you Leah?”

Leah brought it; she entered, followed by Mrs. Fairfax, who repeated the news; adding that Mr. Carter the surgeon was come, and was now with Mr. Rochester: then she hurried out to give orders about tea, and I went upstairs to take off my things.

CHAPTER XIII

Mr. Rochester, it seems, by the surgeon's orders, went to bed early that night; nor did he rise soon next morning. When he did come down, it was to attend to business: his agent and some of his tenants were arrived, and waiting to speak with him.

Adele and I had now to vacate the library: it would be in daily requisition as a reception-room for callers. A fire was lit in an apartment upstairs, and there I carried our books, and arranged it for the future schoolroom. I discerned in the course of the morning that Thornfield Hall was a changed place: no longer silent as a church, it echoed every hour or two to a knock at the door, or a clang of the bell; steps, too, often traversed the hall, and new voices spoke in different keys below; a rill from the outer world was flowing through it; it had a master: for my part, I liked it better.

Adele was not easy to teach that day; she could not apply: she kept running to the door and looking over the banisters to see if she could get a glimpse of Mr. Rochester; then she coined pretexts to go downstairs, in order, as I shrewdly suspected, to visit the library, where I knew she was not wanted; then, when I got a little angry, and made her sit still, she continued to talk incessantly of her "ami, Monsieur Edouard Fairfax DE Rochester," as she dubbed him (I had not before heard his prenomens), and to conjecture what presents he had brought her: for it appears he had intimated the night before, that when his luggage came from Millcote, there would be found amongst it a little box in whose contents she had an interest.

"Et cela doit signifier," said she, "qu'il y aura le dedans un cadeau pour moi, et peut-etre pour vous aussi, mademoiselle. Monsieur a parle de vous: il m'a demande le nom de ma gouvernante, et si elle n'etait pas une petite personne, assez mince et un peu pale. J'ai dit qu'oui: car c'est vrai, n'est-ce pas, mademoiselle?"

I and my pupil dined as usual in Mrs. Fairfax's parlour; the afternoon was wild and snowy, and we passed it in the schoolroom. At dark I allowed Adele to put away books and work, and to run downstairs; for, from the comparative silence below, and from the cessation of appeals to the door-bell, I conjectured that Mr. Rochester was now at liberty. Left alone, I walked to the window; but nothing was to be seen thence: twilight and snowflakes together thickened the air, and hid the very shrubs on the lawn. I let down the curtain and went back to the fireside.

In the clear embers I was tracing a view, not unlike a picture I remembered to have seen of the castle of Heidelberg, on the Rhine, when Mrs. Fairfax came in, breaking up by her entrance the fiery mosaic I had been piercing together, and scattering too some heavy unwelcome thoughts that were beginning to throng on my solitude.

"Mr. Rochester would be glad if you and your pupil would take tea with him in the drawing-room this evening," said she: "he has been so much engaged all day that he could not ask to see you before."

"When is his tea-time?" I inquired.

"Oh, at six o'clock: he keeps early hours in the country. You had better change your frock now; I will go with you and fasten it. Here is a candle."

"Is it necessary to change my frock?"

“Yes, you had better: I always dress for the evening when Mr. Rochester is here.”

This additional ceremony seemed somewhat stately; however, I repaired to my room, and, with Mrs. Fairfax’s aid, replaced my black stuff dress by one of black silk; the best and the only additional one I had, except one of light grey, which, in my Lowood notions of the toilette, I thought too fine to be worn, except on first-rate occasions.

“You want a brooch,” said Mrs. Fairfax. I had a single little pearl ornament which Miss Temple gave me as a parting keepsake: I put it on, and then we went downstairs. Unused as I was to strangers, it was rather a trial to appear thus formally summoned in Mr. Rochester’s presence. I let Mrs. Fairfax precede me into the dining-room, and kept in her shade as we crossed that apartment; and, passing the arch, whose curtain was now dropped, entered the elegant recess beyond.

Two wax candles stood lighted on the table, and two on the mantelpiece; basking in the light and heat of a superb fire, lay Pilot -- Adele knelt near him. Half reclined on a couch appeared Mr. Rochester, his foot supported by the cushion; he was looking at Adele and the dog: the fire shone full on his face. I knew my traveller with his broad and jetty eyebrows; his square forehead, made squarer by the horizontal sweep of his black hair. I recognised his decisive nose, more remarkable for character than beauty; his full nostrils, denoting, I thought, choler; his grim mouth, chin, and jaw -- yes, all three were very grim, and no mistake. His shape, now divested of cloak, I perceived harmonised in squareness with his physiognomy: I suppose it was a good figure in the athletic sense of the term -- broad chested and thin flanked, though neither tall nor graceful.

Mr. Rochester must have been aware of the entrance of Mrs. Fairfax and myself; but it appeared he was not in the mood to notice us, for he never lifted his head as we approached.

“Here is Miss Eyre, sir,” said Mrs. Fairfax, in her quiet way. He bowed, still not taking his eyes from the group of the dog and child.

“Let Miss Eyre be seated,” said he: and there was something in the forced stiff bow, in the impatient yet formal tone, which seemed further to express, “What the deuce is it to me whether Miss Eyre be there or not? At this moment I am not disposed to accost her.”

I sat down quite disembarrassed. A reception of finished politeness would probably have confused me: I could not have returned or repaid it by answering grace and elegance on my part; but harsh caprice laid me under no obligation; on the contrary, a decent quiescence, under the freak of manner, gave me the advantage. Besides, the eccentricity of the proceeding was piquant: I felt interested to see how he would go on.

He went on as a statue would, that is, he neither spoke nor moved. Mrs. Fairfax seemed to think it necessary that some one should be amiable, and she began to talk. Kindly, as usual -- and, as usual, rather trite -- she condoled with him on the pressure of business he had had all day; on the annoyance it must have been to him with that painful sprain: then she commended his patience and perseverance in going through with it.

“Madam, I should like some tea,” was the sole rejoinder she got. She hastened to ring the bell; and when the tray came, she proceeded to arrange the cups, spoons, &c., with assiduous celerity. I and Adele went to the table; but the master did not leave his couch.

“Will you hand Mr. Rochester’s cup?” said Mrs. Fairfax to me; “Adele might perhaps spill it.”

I did as requested. As he took the cup from my hand, Adele, thinking the moment propitious for making a request in my favour, cried out -

“N’est-ce pas, monsieur, qu’il y a un cadeau pour Mademoiselle Eyre dans votre petit coffre?”

“Who talks of cadeaux?” said he gruffly. “Did you expect a present, Miss Eyre? Are you fond of presents?” and he searched my face with eyes that I saw were dark, irate, and piercing.

“I hardly know, sir; I have little experience of them: they are generally thought pleasant things.”

“Generally thought? But what do YOU think?”

“I should be obliged to take time, sir, before I could give you an answer worthy of your acceptance: a present has many faces to it, has it not? and one should consider all, before pronouncing an opinion as to its nature.”

“Miss Eyre, you are not so unsophisticated as Adele: she demands a ‘cadeau,’ clamorously, the moment she sees me: you beat about the bush.”

“Because I have less confidence in my deserts than Adele has: she can prefer the claim of old acquaintance, and the right too of custom; for she says you have always been in the habit of giving her playthings; but if I had to make out a case I should be puzzled, since I am a stranger, and have done nothing to entitle me to an acknowledgment.”

“Oh, don’t fall back on over-modesty! I have examined Adele, and find you have taken great pains with her: she is not bright, she has no talents; yet in a short time she has made much improvement.”

“Sir, you have now given me my ‘cadeau;’ I am obliged to you: it is the meed teachers most covet -- praise of their pupils’ progress.”

“Humph!” said Mr. Rochester, and he took his tea in silence.

“Come to the fire,” said the master, when the tray was taken away, and Mrs. Fairfax had settled into a corner with her knitting; while Adele was leading me by the hand round the room, showing me the beautiful books and ornaments on the consoles and chiffonnières. We obeyed, as in duty bound; Adele wanted to take a seat on my knee, but she was ordered to amuse herself with Pilot.

“You have been resident in my house three months?”

“Yes, sir.”

“And you came from -- ?”

“From Lowood school, in -shire.”

“Ah! a charitable concern. How long were you there?”

“Eight years.”

“Eight years! you must be tenacious of life. I thought half the time in such a place would have done up any constitution! No wonder you have rather the look of another world. I marvelled where you had got that sort of face. When you came on me in Hay Lane last night, I thought unaccountably of fairy tales, and had half a mind to demand whether you had bewitched my horse: I am not sure yet. Who are your parents?”

“I have none.”

“Nor ever had, I suppose: do you remember them?”

“No.”

“I thought not. And so you were waiting for your people when you sat on that stile?”

“For whom, sir?”

“For the men in green: it was a proper moonlight evening for them. Did I break through one of your rings, that you spread that damned ice on the causeway?”

I shook my head. “The men in green all forsook England a hundred years ago,” said I, speaking as seriously as he had done. “And not even in Hay Lane, or the fields about it, could you find a trace of them. I don’t think either summer or harvest, or winter moon, will ever shine on their revels more.”

Mrs. Fairfax had dropped her knitting, and, with raised eyebrows, seemed wondering what sort of talk this was.

“Well,” resumed Mr. Rochester, “if you disown parents, you must have some sort of kinsfolk: uncles and aunts?”

“No; none that I ever saw.”

“And your home?”

“I have none.”

“Where do your brothers and sisters live?”

“I have no brothers or sisters.”

“Who recommended you to come here?”

“I advertised, and Mrs. Fairfax answered my advertisement.”

“Yes,” said the good lady, who now knew what ground we were upon, “and I am daily thankful for the choice Providence led me to make. Miss Eyre has been an invaluable companion to me, and a kind and careful teacher to Adele.”

“Don’t trouble yourself to give her a character,” returned Mr. Rochester: “eulogiums will not bias me; I shall judge for myself. She began by felling my horse.”

“Sir?” said Mrs. Fairfax.

“I have to thank her for this sprain.”

The widow looked bewildered.

“Miss Eyre, have you ever lived in a town?”

“No, sir.”

“Have you seen much society?”

“None but the pupils and teachers of Lowood, and now the inmates of Thornfield.”

“Have you read much?”

“Only such books as came in my way; and they have not been numerous or very learned.”

“You have lived the life of a nun: no doubt you are well drilled in religious forms; -- Brocklehurst, who I understand directs Lowood, is a parson, is he not?”

“Yes, sir.”

“And you girls probably worshipped him, as a convent full of religieuses would worship their director.”

“Oh, no.”

“You are very cool! No! What! a novice not worship her priest! That sounds blasphemous.”

“I disliked Mr. Brocklehurst; and I was not alone in the feeling. He is a harsh man; at once pompous and meddling; he cut off our hair; and for economy’s sake bought us bad needles and thread, with which we could hardly sew.”

“That was very false economy,” remarked Mrs. Fairfax, who now again caught the drift of the dialogue.

“And was that the head and front of his offending?” demanded Mr. Rochester.

“He starved us when he had the sole superintendence of the provision department, before the committee was appointed; and he bored us with long lectures once a week, and with evening readings from books of his own inditing, about sudden deaths and judgments, which made us afraid to go to bed.”

“What age were you when you went to Lowood?”

“About ten.”

“And you stayed there eight years: you are now, then, eighteen?”

I assented.

“Arithmetic, you see, is useful; without its aid, I should hardly have been able to guess your age. It is a point difficult to fix where the features and countenance are so much at variance as in your case. And now what did you learn at Lowood? Can you play?”

“A little.”

“Of course: that is the established answer. Go into the library -- I mean, if you please. -- (Excuse my tone of command; I am used to say, ‘Do this,’ and it is done: I cannot alter my customary habits for one new inmate.) -- Go, then, into the library; take a candle with you; leave the door open; sit down to the piano, and play a tune.”

I departed, obeying his directions.

“Enough!” he called out in a few minutes. “You play A LITTLE, I see; like any other English school-girl; perhaps rather better than some, but not well.”

I closed the piano and returned. Mr. Rochester continued -- “Adele showed me some sketches this morning, which she said were yours. I don’t know whether they were entirely of your doing; probably a master aided you?”

“No, indeed!” I interjected.

“Ah! that pricks pride. Well, fetch me your portfolio, if you can vouch for its contents being original; but don’t pass your word unless you are certain: I can recognise patchwork.”

“Then I will say nothing, and you shall judge for yourself, sir.”

I brought the portfolio from the library.

“Approach the table,” said he; and I wheeled it to his couch. Adele and Mrs. Fairfax drew near to see the pictures.

“No crowding,” said Mr. Rochester: “take the drawings from my hand as I finish with them; but don’t push your faces up to mine.”

He deliberately scrutinised each sketch and painting. Three he laid aside; the others, when he had examined them, he swept from him.

“Take them off to the other table, Mrs. Fairfax,” said he, “and look at them with Adele; -- you” (glancing at me) “resume your seat, and answer my questions. I perceive those pictures were done by one hand: was that hand yours?”

“Yes.”

“And when did you find time to do them? They have taken much time, and some thought.”

“I did them in the last two vacations I spent at Lowood, when I had no other occupation.”

“Where did you get your copies?”

“Out of my head.”

“That head I see now on your shoulders?”

“Yes, sir.”

“Has it other furniture of the same kind within?”

“I should think it may have: I should hope -- better.”

He spread the pictures before him, and again surveyed them alternately.

While he is so occupied, I will tell you, reader, what they are: and first, I must premise that they are nothing wonderful. The subjects had, indeed, risen vividly on my mind. As I saw them with the spiritual eye, before I attempted to embody them, they were striking; but my hand would not second my fancy, and in each case it had wrought out but a pale portrait of the thing I had conceived.

These pictures were in water-colours. The first represented clouds low and livid, rolling over a swollen sea: all the distance was in eclipse; so, too, was the foreground; or rather, the nearest billows, for there was no land. One gleam of light lifted into relief a half-submerged mast, on which sat a cormorant, dark and large, with wings flecked with foam; its beak held a gold bracelet set with gems, that I had touched with as brilliant tints as my palette could yield, and as glittering distinctness as my pencil could impart. Sinking below the bird and mast, a drowned corpse glanced through the green water; a fair arm was the only limb clearly visible, whence the bracelet had been washed or torn.

The second picture contained for foreground only the dim peak of a hill, with grass and some leaves slanting as if by a breeze. Beyond and above spread an expanse of sky, dark blue as at twilight: rising into the sky was a woman’s shape to the bust, portrayed in tints as dusk and soft as I could combine. The dim forehead was crowned with a star; the lineaments below were seen as through the suffusion of vapour; the eyes shone dark and wild; the hair streamed shadowy, like a beamless cloud torn by storm or by electric travail. On the neck lay a pale reflection like moonlight; the same faint lustre touched the train of thin clouds from which rose and bowed this vision of the Evening Star.

The third showed the pinnacle of an iceberg piercing a polar winter sky: a muster of northern lights reared their dim lances, close serried, along the horizon. Throwing these into distance, rose, in the foreground, a head, -- a colossal head, inclined towards the iceberg, and resting against it. Two thin hands, joined under the forehead, and supporting it, drew up before the lower features a sable veil, a brow quite bloodless, white as bone, and an eye hollow and fixed, blank of meaning but for the glassiness of despair, alone were visible. Above the temples, amidst wreathed turban folds of black drapery, vague in its character and consistency as cloud, gleamed a ring of white flame, gemmed with sparkles of a more lurid tinge. This pale crescent was “the likeness of a kingly crown;” what it diademed was “the shape which shape had none.”

“Were you happy when you painted these pictures?” asked Mr. Rochester presently.

“I was absorbed, sir: yes, and I was happy. To paint them, in short, was to enjoy one of the keenest pleasures I have ever known.”

“That is not saying much. Your pleasures, by your own account, have been few; but I daresay you did exist in a kind of artist’s dreamland while you blent and arranged these strange tints. Did you sit at them long each day?”

“I had nothing else to do, because it was the vacation, and I sat at them from morning till noon, and from noon till night: the length of the midsummer days favoured my inclination to apply.”

“And you felt self-satisfied with the result of your ardent labours?”

“Far from it. I was tormented by the contrast between my idea and my handiwork: in each case I had imagined something which I was quite powerless to realise.”

“Not quite: you have secured the shadow of your thought; but no more, probably. You had not enough of the artist’s skill and science to give it full being: yet the drawings are, for a school-girl, peculiar. As to the thoughts, they are elfish. These eyes in the Evening Star you must have seen in a dream. How could you make them look so clear, and yet not at all brilliant? for the planet above quells their rays. And what meaning is that in their solemn depth? And who taught you to paint wind? There is a high gale in that sky, and on this hill-top. Where did you see Latmos? For that is Latmos. There! put the drawings away!”

I had scarce tied the strings of the portfolio, when, looking at his watch, he said abruptly -

“It is nine o’clock: what are you about, Miss Eyre, to let Adele sit up so long? Take her to bed.”

Adele went to kiss him before quitting the room: he endured the caress, but scarcely seemed to relish it more than Pilot would have done, nor so much.

“I wish you all good-night, now,” said he, making a movement of the hand towards the door, in token that he was tired of our company, and wished to dismiss us. Mrs. Fairfax folded up her knitting: I took my portfolio: we curtseyed to him, received a frigid bow in return, and so withdrew.

“You said Mr. Rochester was not strikingly peculiar, Mrs. Fairfax,” I observed, when I rejoined her in her room, after putting Adele to bed.

“Well, is he?”

“I think so: he is very changeful and abrupt.”

“True: no doubt he may appear so to a stranger, but I am so accustomed to his manner, I never think of it; and then, if he has peculiarities of temper, allowance should be made.”

“Why?”

“Partly because it is his nature -- and we can none of us help our nature; and partly because he has painful thoughts, no doubt, to harass him, and make his spirits unequal.”

“What about?”

“Family troubles, for one thing.”

“But he has no family.”

“Not now, but he has had -- or, at least, relatives. He lost his elder brother a few years since.”

“His ELDER brother?”

“Yes. The present Mr. Rochester has not been very long in possession of the property; only about nine years.”

“Nine years is a tolerable time. Was he so very fond of his brother as to be still inconsolable for his loss?”

“Why, no -- perhaps not. I believe there were some misunderstandings between them. Mr. Rowland Rochester was not quite just to Mr. Edward; and perhaps he prejudiced his father against him. The old gentleman was fond of money, and anxious to keep the family estate together. He did not like to diminish the property by division, and yet he was anxious that Mr. Edward should have wealth, too, to keep up the consequence of the name; and, soon after he was of age, some steps were taken that were not quite fair, and made a great deal of mischief. Old Mr. Rochester and Mr. Rowland combined to bring Mr. Edward into what he considered a painful position, for the sake of making his fortune: what the precise nature of that position was I never clearly knew, but his spirit could not brook what he had to suffer in it. He is not very forgiving: he broke with his family, and now for many years he has led an unsettled kind of life. I don't think he has ever been resident at Thornfield for a fortnight together, since the death of his brother without a will left him master of the estate; and, indeed, no wonder he shuns the old place.”

“Why should he shun it?”

“Perhaps he thinks it gloomy.”

The answer was evasive. I should have liked something clearer; but Mrs. Fairfax either could not, or would not, give me more explicit information of the origin and nature of Mr. Rochester's trials. She averred they were a mystery to herself, and that what she knew was chiefly from conjecture. It was evident, indeed, that she wished me to drop the subject, which I did accordingly.

CHAPTER XIV

For several subsequent days I saw little of Mr. Rochester. In the mornings he seemed much engaged with business, and, in the afternoon, gentlemen from Millcote or the neighbourhood called, and sometimes stayed to dine with him. When his sprain was well enough to admit of horse exercise, he rode out a good deal; probably to return these visits, as he generally did not come back till late at night.

During this interval, even Adele was seldom sent for to his presence, and all my acquaintance with him was confined to an occasional rencontre in the hall, on the stairs, or in the gallery, when he would sometimes pass me haughtily and coldly, just acknowledging my presence by a distant nod or a cool glance, and sometimes bow and smile with gentlemanlike affability. His changes of mood did not offend me, because I saw that I had nothing to do with their alternation; the ebb and flow depended on causes quite disconnected with me.

One day he had had company to dinner, and had sent for my portfolio; in order, doubtless, to exhibit its contents: the gentlemen went away early, to attend a public meeting at Millcote, as Mrs. Fairfax informed me; but the night being wet and inclement, Mr. Rochester did not accompany them. Soon after they were gone he rang the bell: a message came that I and Adele were to go downstairs. I brushed Adele's hair and made her neat, and having ascertained that I was myself in my usual Quaker trim, where there was nothing to retouch -- all being too close and plain, braided locks included, to admit of disarrangement -- we descended, Adele wondering whether the petit coffre was at length come; for, owing to some mistake, its arrival had hitherto been delayed. She was gratified: there it stood, a little carton, on the table when we entered the dining-room. She appeared to know it by instinct.

“Ma boîte! ma boîte!” exclaimed she, running towards it.

“Yes, there is your ‘boîte’ at last: take it into a corner, you genuine daughter of Paris, and amuse yourself with disembowelling it,” said the deep and rather sarcastic voice of Mr. Rochester, proceeding from the depths of an immense easy-chair at the fireside. “And mind,” he continued, “don't bother me with any details of the anatomical process, or any notice of the condition of the entrails: let your operation be conducted in silence: tiens-toi tranquille, enfant; comprends-tu?”

Adele seemed scarcely to need the warning -- she had already retired to a sofa with her treasure, and was busy untying the cord which secured the lid. Having removed this impediment, and lifted certain silvery envelopes of tissue paper, she merely exclaimed -

“Oh ciel! Que c'est beau!” and then remained absorbed in ecstatic contemplation.

“Is Miss Eyre there?” now demanded the master, half rising from his seat to look round to the door, near which I still stood.

“Ah! well, come forward; be seated here.” He drew a chair near his own. “I am not fond of the prattle of children,” he continued; “for, old bachelor as I am, I have no pleasant associations connected with their lisp. It would be intolerable to me to pass a whole evening tete-e-tete with a brat. Don't draw that chair farther off, Miss Eyre; sit down exactly where I placed it -- if you please, that is. Confound these civilities! I continually forget them. Nor do I particularly affect simple-minded old ladies. By-the-by, I must have mine in mind; it won't do to neglect her; she is a Fairfax, or wed to one; and blood is said to be thicker than water.”

He rang, and despatched an invitation to Mrs. Fairfax, who soon arrived, knitting-basket in hand.

“Good evening, madam; I sent to you for a charitable purpose. I have forbidden Adele to talk to me about her presents, and she is bursting with repletion: have the goodness to serve her as auditress and interlocutrice; it will be one of the most benevolent acts you ever performed.”

Adele, indeed, no sooner saw Mrs. Fairfax, than she summoned her to her sofa, and there quickly filled her lap with the porcelain, the ivory, the waxen contents of her “boite;” pouring out, meantime, explanations and raptures in such broken English as she was mistress of.

“Now I have performed the part of a good host,” pursued Mr. Rochester, “put my guests into the way of amusing each other, I ought to be at liberty to attend to my own pleasure. Miss Eyre, draw your chair still a little farther forward: you are yet too far back; I cannot see you without disturbing my position in this comfortable chair, which I have no mind to do.”

I did as I was bid, though I would much rather have remained somewhat in the shade; but Mr. Rochester had such a direct way of giving orders, it seemed a matter of course to obey him promptly.

We were, as I have said, in the dining-room: the lustre, which had been lit for dinner, filled the room with a festal breadth of light; the large fire was all red and clear; the purple curtains hung rich and ample before the lofty window and loftier arch; everything was still, save the subdued chat of Adele (she dared not speak loud), and, filling up each pause, the beating of winter rain against the panes.

Mr. Rochester, as he sat in his damask-covered chair, looked different to what I had seen him look before; not quite so stern -- much less gloomy. There was a smile on his lips, and his eyes sparkled, whether with wine or not, I am not sure; but I think it very probable. He was, in short, in his after-dinner mood; more expanded and genial, and also more self-indulgent than the frigid and rigid temper of the morning; still he looked preciously grim, cushioning his massive head against the swelling back of his chair, and receiving the light of the fire on his granite-hewn features, and in his great, dark eyes; for he had great, dark eyes, and very fine eyes, too -- not without a certain change in their depths sometimes, which, if it was not softness, reminded you, at least, of that feeling.

He had been looking two minutes at the fire, and I had been looking the same length of time at him, when, turning suddenly, he caught my gaze fastened on his physiognomy.

“You examine me, Miss Eyre,” said he: “do you think me handsome?”

I should, if I had deliberated, have replied to this question by something conventionally vague and polite; but the answer somehow slipped from my tongue before I was aware -- “No, sir.”

“Ah! By my word! there is something singular about you,” said he: “you have the air of a little nonnette; quaint, quiet, grave, and simple, as you sit with your hands before you, and your eyes generally bent on the carpet (except, by-the-bye, when they are directed piercingly to my face; as just now, for instance); and when one asks you a question, or makes a remark to which you are obliged to reply, you rap out a round rejoinder, which, if not blunt, is at least brusque. What do you mean by it?”

“Sir, I was too plain; I beg your pardon. I ought to have replied that it was not easy to give an impromptu answer to a question about appearances; that tastes mostly differ; and that beauty is of little consequence, or something of that sort.”

“You ought to have replied no such thing. Beauty of little consequence, indeed! And so, under pretence of softening the previous outrage, of stroking and soothing me into placidity, you stick a sly penknife under my ear! Go on: what fault do you find with me, pray? I suppose I have all my limbs and all my features like any other man?”

“Mr. Rochester, allow me to disown my first answer: I intended no pointed repartee: it was only a blunder.”

“Just so: I think so: and you shall be answerable for it. Criticise me: does my forehead not please you?”

He lifted up the sable waves of hair which lay horizontally over his brow, and showed a solid enough mass of intellectual organs, but an abrupt deficiency where the suave sign of benevolence should have risen.

“Now, ma’am, am I a fool?”

“Far from it, sir. You would, perhaps, think me rude if I inquired in return whether you are a philanthropist?”

“There again! Another stick of the penknife, when she pretended to pat my head: and that is because I said I did not like the society of children and old women (low be it spoken!). No, young lady, I am not a general philanthropist; but I bear a conscience;” and he pointed to the prominences which are said to indicate that faculty, and which, fortunately for him, were sufficiently conspicuous; giving, indeed, a marked breadth to the upper part of his head: “and, besides, I once had a kind of rude tenderness of heart. When I was as old as you, I was a feeling fellow enough, partial to the unfledged, unfostered, and unlucky; but Fortune has knocked me about since: she has even kneaded me with her knuckles, and now I flatter myself I am hard and tough as an India-rubber ball; pervious, though, through a chink or two still, and with one sentient point in the middle of the lump. Yes: does that leave hope for me?”

“Hope of what, sir?”

“Of my final re-transformation from India-rubber back to flesh?”

“Decidedly he has had too much wine,” I thought; and I did not know what answer to make to his queer question: how could I tell whether he was capable of being re-transformed?

“You looked very much puzzled, Miss Eyre; and though you are not pretty any more than I am handsome, yet a puzzled air becomes you; besides, it is convenient, for it keeps those searching eyes of yours away from my physiognomy, and busies them with the worsted flowers of the rug; so puzzle on. Young lady, I am disposed to be gregarious and communicative to-night.”

With this announcement he rose from his chair, and stood, leaning his arm on the marble mantelpiece: in that attitude his shape was seen plainly as well as his face; his unusual breadth of chest, disproportionate almost to his length of limb. I am sure most people would have thought him an ugly man; yet there was so much unconscious pride in his port; so much ease in his demeanour; such a look of complete indifference to his own external appearance; so haughty a reliance on the power of other qualities, intrinsic or adventitious, to atone for the lack of mere personal attractiveness, that, in looking at him, one inevitably shared the indifference, and, even in a blind, imperfect sense, put faith in the confidence.

“I am disposed to be gregarious and communicative to-night,” he repeated, “and that is why I sent for you: the fire and the chandelier were not sufficient company for me; nor would Pilot have been, for none of these can talk. Adele is a degree better, but still far below the mark; Mrs. Fairfax ditto; you, I am persuaded, can suit me if you will: you puzzled me the first evening I invited you down here. I have almost forgotten you since: other ideas have driven yours from my head; but to-night I am resolved to be at ease; to dismiss what importunes, and recall what pleases. It would please me now to draw you out -- to learn more of you -- therefore speak.”

Instead of speaking, I smiled; and not a very complacent or submissive smile either.

“Speak,” he urged.

“What about, sir?”

“Whatever you like. I leave both the choice of subject and the manner of treating it entirely to yourself.”

Accordingly I sat and said nothing: “If he expects me to talk for the mere sake of talking and showing off, he will find he has addressed himself to the wrong person,” I thought.

“You are dumb, Miss Eyre.”

I was dumb still. He bent his head a little towards me, and with a single hasty glance seemed to dive into my eyes.

“Stubborn?” he said, “and annoyed. Ah! it is consistent. I put my request in an absurd, almost insolent form. Miss Eyre, I beg your pardon. The fact is, once for all, I don’t wish to treat you like an inferior: that is” (correcting himself), “I claim only such superiority as must result from twenty years’ difference in age and a century’s advance in experience. This is legitimate, *et j’y tiens*, as Adele would say; and it is by virtue of this superiority, and this alone, that I desire you to have the goodness to talk to me a little now, and divert my thoughts, which are galled with dwelling on one point -- cankering as a rusty nail.”

He had deigned an explanation, almost an apology, and I did not feel insensible to his condescension, and would not seem so.

“I am willing to amuse you, if I can, sir -- quite willing; but I cannot introduce a topic, because how do I know what will interest you? Ask me questions, and I will do my best to answer them.”

“Then, in the first place, do you agree with me that I have a right to be a little masterful, abrupt, perhaps exacting, sometimes, on the grounds I stated, namely, that I am old enough to be your father, and that I have battled through a varied experience with many men of many nations, and roamed over half the globe, while you have lived quietly with one set of people in one house?”

“Do as you please, sir.”

“That is no answer; or rather it is a very irritating, because a very evasive one. Reply clearly.”

“I don’t think, sir, you have a right to command me, merely because you are older than I, or because you have seen more of the world than I have; your claim to superiority depends on the use you have made of your time and experience.”

“Humph! Promptly spoken. But I won’t allow that, seeing that it would never suit my case, as I have made an indifferent, not to say a bad, use of both advantages. Leaving superiority out of the question, then, you must still agree to receive my orders now and then, without being piqued or hurt by the tone of command. Will you?”

I smiled: I thought to myself Mr. Rochester IS peculiar -- he seems to forget that he pays me 30 pounds per annum for receiving his orders.

“The smile is very well,” said he, catching instantly the passing expression; “but speak too.”

“I was thinking, sir, that very few masters would trouble themselves to inquire whether or not their paid subordinates were piqued and hurt by their orders.”

“Paid subordinates! What! you are my paid subordinate, are you? Oh yes, I had forgotten the

salary! Well then, on that mercenary ground, will you agree to let me hector a little?"

"No, sir, not on that ground; but, on the ground that you did forget it, and that you care whether or not a dependent is comfortable in his dependency, I agree heartily."

"And will you consent to dispense with a great many conventional forms and phrases, without thinking that the omission arises from insolence?"

"I am sure, sir, I should never mistake informality for insolence: one I rather like, the other nothing free-born would submit to, even for a salary."

"Humbug! Most things free-born will submit to anything for a salary; therefore, keep to yourself, and don't venture on generalities of which you are intensely ignorant. However, I mentally shake hands with you for your answer, despite its inaccuracy; and as much for the manner in which it was said, as for the substance of the speech; the manner was frank and sincere; one does not often see such a manner: no, on the contrary, affectation, or coldness, or stupid, coarse-minded misapprehension of one's meaning are the usual rewards of candour. Not three in three thousand raw school-girl-governesses would have answered me as you have just done. But I don't mean to flatter you: if you are cast in a different mould to the majority, it is no merit of yours: Nature did it. And then, after all, I go too fast in my conclusions: for what I yet know, you may be no better than the rest; you may have intolerable defects to counterbalance your few good points."

"And so may you," I thought. My eye met his as the idea crossed my mind: he seemed to read the glance, answering as if its import had been spoken as well as imagined -

"Yes, yes, you are right," said he; "I have plenty of faults of my own: I know it, and I don't wish to palliate them, I assure you. God wot I need not be too severe about others; I have a past existence, a series of deeds, a colour of life to contemplate within my own breast, which might well call my sneers and censures from my neighbours to myself. I started, or rather (for like other defaulters, I like to lay half the blame on ill fortune and adverse circumstances) was thrust on to a wrong tack at the age of one-and-twenty, and have never recovered the right course since: but I might have been very different; I might have been as good as you -- wiser -- almost as stainless. I envy you your peace of mind, your clean conscience, your unpolluted memory. Little girl, a memory without blot or contamination must be an exquisite treasure -- an inexhaustible source of pure refreshment: is it not?"

"How was your memory when you were eighteen, sir?"

"All right then; limpid, salubrious: no gush of bilge water had turned it to fetid puddle. I was your equal at eighteen -- quite your equal. Nature meant me to be, on the whole, a good man, Miss Eyre; one of the better kind, and you see I am not so. You would say you don't see it; at least I flatter myself I read as much in your eye (beware, by-the-bye, what you express with that organ; I am quick at interpreting its language). Then take my word for it, -- I am not a villain: you are not to suppose that -- not to attribute to me any such bad eminence; but, owing, I verily believe, rather to circumstances than to my natural bent, I am a trite commonplace sinner, hackneyed in all the poor petty dissipations with which the rich and worthless try to put on life. Do you wonder that I avow this to you? Know, that in the course of your future life you will often find yourself elected the involuntary confidant of your acquaintances' secrets: people will instinctively find out, as I have done, that it is not your forte to tell of yourself, but to listen while others talk of themselves; they will feel, too, that you listen with no malevolent scorn of their indiscretion, but with a kind of innate sympathy; not the less comforting and encouraging because it is very unobtrusive in its manifestations."

“How do you know? -- how can you guess all this, sir?”

“I know it well; therefore I proceed almost as freely as if I were writing my thoughts in a diary. You would say, I should have been superior to circumstances; so I should -- so I should; but you see I was not. When fate wronged me, I had not the wisdom to remain cool: I turned desperate; then I degenerated. Now, when any vicious simpleton excites my disgust by his paltry ribaldry, I cannot flatter myself that I am better than he: I am forced to confess that he and I are on a level. I wish I had stood firm -- God knows I do! Dread remorse when you are tempted to err, Miss Eyre; remorse is the poison of life.”

“Repentance is said to be its cure, sir.”

“It is not its cure. Reformation may be its cure; and I could reform -- I have strength yet for that -- if -- but where is the use of thinking of it, hampered, burdened, cursed as I am? Besides, since happiness is irrevocably denied me, I have a right to get pleasure out of life: and I WILL get it, cost what it may.”

“Then you will degenerate still more, sir.”

“Possibly: yet why should I, if I can get sweet, fresh pleasure? And I may get it as sweet and fresh as the wild honey the bee gathers on the moor.”

“It will sting -- it will taste bitter, sir.”

“How do you know? -- you never tried it. How very serious -- how very solemn you look: and you are as ignorant of the matter as this cameo head” (taking one from the mantelpiece). “You have no right to preach to me, you neophyte, that have not passed the porch of life, and are absolutely unacquainted with its mysteries.”

“I only remind you of your own words, sir: you said error brought remorse, and you pronounced remorse the poison of existence.”

“And who talks of error now? I scarcely think the notion that flittered across my brain was an error. I believe it was an inspiration rather than a temptation: it was very genial, very soothing -- I know that. Here it comes again! It is no devil, I assure you; or if it be, it has put on the robes of an angel of light. I think I must admit so fair a guest when it asks entrance to my heart.”

“Distrust it, sir; it is not a true angel.”

“Once more, how do you know? By what instinct do you pretend to distinguish between a fallen seraph of the abyss and a messenger from the eternal throne -- between a guide and a seducer?”

“I judged by your countenance, sir, which was troubled when you said the suggestion had returned upon you. I feel sure it will work you more misery if you listen to it.”

“Not at all -- it bears the most gracious message in the world: for the rest, you are not my conscience-keeper, so don't make yourself uneasy. Here, come in, bonny wanderer!”

He said this as if he spoke to a vision, viewless to any eye but his own; then, folding his arms, which he had half extended, on his chest, he seemed to enclose in their embrace the invisible being.

“Now,” he continued, again addressing me, “I have received the pilgrim -- a disguised deity, as I verily believe. Already it has done me good: my heart was a sort of charnel; it will now be a shrine.”

“To speak truth, sir, I don't understand you at all: I cannot keep up the conversation, because it has got out of my depth. Only one thing, I know: you said you were not as good as you should like to be, and that you regretted your own imperfection; -- one thing I can comprehend: you intimated that to have a sullied memory was a perpetual bane. It seems to me, that if you tried hard, you would in time find it

possible to become what you yourself would approve; and that if from this day you began with resolution to correct your thoughts and actions, you would in a few years have laid up a new and stainless store of recollections, to which you might revert with pleasure.”

“Justly thought; rightly said, Miss Eyre; and, at this moment, I am paving hell with energy.”

“Sir?”

“I am laying down good intentions, which I believe durable as flint. Certainly, my associates and pursuits shall be other than they have been.”

“And better?”

“And better -- so much better as pure ore is than foul dross. You seem to doubt me; I don't doubt myself: I know what my aim is, what my motives are; and at this moment I pass a law, unalterable as that of the Medes and Persians, that both are right.”

“They cannot be, sir, if they require a new statute to legalise them.”

“They are, Miss Eyre, though they absolutely require a new statute: unheard-of combinations of circumstances demand unheard-of rules.”

“That sounds a dangerous maxim, sir; because one can see at once that it is liable to abuse.”

“Sententious sage! so it is: but I swear by my household gods not to abuse it.”

“You are human and fallible.”

“I am: so are you -- what then?”

“The human and fallible should not arrogate a power with which the divine and perfect alone can be safely intrusted.”

“What power?”

“That of saying of any strange, unsanctioned line of action, -- ‘Let it be right.’”

“‘Let it be right’ -- the very words: you have pronounced them.”

“MAY it be right then,” I said, as I rose, deeming it useless to continue a discourse which was all darkness to me; and, besides, sensible that the character of my interlocutor was beyond my penetration; at least, beyond its present reach; and feeling the uncertainty, the vague sense of insecurity, which accompanies a conviction of ignorance.

“Where are you going?”

“To put Adele to bed: it is past her bedtime.”

“You are afraid of me, because I talk like a Sphinx.”

“Your language is enigmatical, sir: but though I am bewildered, I am certainly not afraid.”

“You ARE afraid -- your self-love dreads a blunder.”

“In that sense I do feel apprehensive -- I have no wish to talk nonsense.”

“If you did, it would be in such a grave, quiet manner, I should mistake it for sense. Do you never laugh, Miss Eyre? Don't trouble yourself to answer -- I see you laugh rarely; but you can laugh very merrily: believe me, you are not naturally austere, any more than I am naturally vicious. The Lowood constraint still clings to you somewhat; controlling your features, muffling your voice, and restricting your limbs; and you fear in the presence of a man and a brother -- or father, or master, or what you will -- to

smile too gaily, speak too freely, or move too quickly: but, in time, I think you will learn to be natural with me, as I find it impossible to be conventional with you; and then your looks and movements will have more vivacity and variety than they dare offer now. I see at intervals the glance of a curious sort of bird through the close-set bars of a cage: a vivid, restless, resolute captive is there; were it but free, it would soar cloud-high. You are still bent on going?"

"It has struck nine, sir."

"Never mind, -- wait a minute: Adele is not ready to go to bed yet. My position, Miss Eyre, with my back to the fire, and my face to the room, favours observation. While talking to you, I have also occasionally watched Adele (I have my own reasons for thinking her a curious study, -- reasons that I may, nay, that I shall, impart to you some day). She pulled out of her box, about ten minutes ago, a little pink silk frock; rapture lit her face as she unfolded it; coquetry runs in her blood, blends with her brains, and seasons the marrow of her bones. 'Il faut que je l'essaie!' cried she, 'et e l'instant meme!' and she rushed out of the room. She is now with Sophie, undergoing a robing process: in a few minutes she will re-enter; and I know what I shall see, -- a miniature of Celine Varens, as she used to appear on the boards at the rising of -- But never mind that. However, my tenderest feelings are about to receive a shock: such is my presentiment; stay now, to see whether it will be realised."

Ere long, Adele's little foot was heard tripping across the hall. She entered, transformed as her guardian had predicted. A dress of rose-coloured satin, very short, and as full in the skirt as it could be gathered, replaced the brown frock she had previously worn; a wreath of rosebuds circled her forehead; her feet were dressed in silk stockings and small white satin sandals.

"Est-ce que ma robe va bien?" cried she, bounding forwards; "et mes souliers? et mes bas? Tenez, je crois que je vais danser!"

And spreading out her dress, she chassed across the room till, having reached Mr. Rochester, she wheeled lightly round before him on tip-toe, then dropped on one knee at his feet, exclaiming -

"Monsieur, je vous remercie mille fois de votre bonte;" then rising, she added, "C'est comme cela que maman faisait, n'est-ce pas, monsieur?"

"Pre-cise-ly!" was the answer; "and, 'comme cela,' she charmed my English gold out of my British breeches' pocket. I have been green, too, Miss Eyre, -- ay, grass green: not a more vernal tint freshens you now than once freshened me. My Spring is gone, however, but it has left me that French floweret on my hands, which, in some moods, I would fain be rid of. Not valuing now the root whence it sprang; having found that it was of a sort which nothing but gold dust could manure, I have but half a liking to the blossom, especially when it looks so artificial as just now. I keep it and rear it rather on the Roman Catholic principle of expiating numerous sins, great or small, by one good work. I'll explain all this some day. Good-night."

CHAPTER XV

Mr. Rochester did, on a future occasion, explain it. It was one afternoon, when he chanced to meet me and Adele in the grounds: and while she played with Pilot and her shuttlecock, he asked me to walk up and down a long beech avenue within sight of her.

He then said that she was the daughter of a French opera-dancer, Celine Varens, towards whom he had once cherished what he called a "grande passion." This passion Celine had professed to return with even superior ardour. He thought himself her idol, ugly as he was: he believed, as he said, that she preferred his "taille d'athlete" to the elegance of the Apollo Belvidere.

"And, Miss Eyre, so much was I flattered by this preference of the Gallic sylph for her British gnome, that I installed her in an hotel; gave her a complete establishment of servants, a carriage, cashmeres, diamonds, dentelles, &c. In short, I began the process of ruining myself in the received style, like any other spoony. I had not, it seems, the originality to chalk out a new road to shame and destruction, but trode the old track with stupid exactness not to deviate an inch from the beaten centre. I had -- as I deserved to have -- the fate of all other spoonies. Happening to call one evening when Celine did not expect me, I found her out; but it was a warm night, and I was tired with strolling through Paris, so I sat down in her boudoir; happy to breathe the air consecrated so lately by her presence. No, -- I exaggerate; I never thought there was any consecrating virtue about her: it was rather a sort of pastille perfume she had left; a scent of musk and amber, than an odour of sanctity. I was just beginning to stifle with the fumes of conservatory flowers and sprinkled essences, when I bethought myself to open the window and step out on to the balcony. It was moonlight and gaslight besides, and very still and serene. The balcony was furnished with a chair or two; I sat down, and took out a cigar, -- I will take one now, if you will excuse me."

Here ensued a pause, filled up by the producing and lighting of a cigar; having placed it to his lips and breathed a trail of Havannah incense on the freezing and sunless air, he went on -

"I liked bonbons too in those days, Miss Eyre, and I was croquant -- (overlook the barbarism) -- croquant chocolate comfits, and smoking alternately, watching meantime the equipages that rolled along the fashionable streets towards the neighbouring opera-house, when in an elegant close carriage drawn by a beautiful pair of English horses, and distinctly seen in the brilliant city-night, I recognised the 'voiture' I had given Celine. She was returning: of course my heart thumped with impatience against the iron rails I leant upon. The carriage stopped, as I had expected, at the hotel door; my flame (that is the very word for an opera innamorata) alighted: though muffed in a cloak -- an unnecessary encumbrance, by-the-bye, on so warm a June evening -- I knew her instantly by her little foot, seen peeping from the skirt of her dress, as she skipped from the carriage-step. Bending over the balcony, I was about to murmur 'Mon ange' -- in a tone, of course, which should be audible to the ear of love alone -- when a figure jumped from the carriage after her; cloaked also; but that was a spurred heel which had rung on the pavement, and that was a hatted head which now passed under the arched porte cochere of the hotel.

"You never felt jealousy, did you, Miss Eyre? Of course not: I need not ask you; because you never felt love. You have both sentiments yet to experience: your soul sleeps; the shock is yet to be given which shall waken it. You think all existence lapses in as quiet a flow as that in which your youth has hitherto slid away. Floating on with closed eyes and muffled ears, you neither see the rocks bristling not far off in the bed of the flood, nor hear the breakers boil at their base. But I tell you -- and you may mark

my words -- you will come some day to a craggy pass in the channel, where the whole of life's stream will be broken up into whirl and tumult, foam and noise: either you will be dashed to atoms on crag points, or lifted up and borne on by some master-wave into a calmer current -- as I am now.

“I like this day; I like that sky of steel; I like the sternness and stillness of the world under this frost. I like Thornfield, its antiquity, its retirement, its old crow-trees and thorn-trees, its grey facade, and lines of dark windows reflecting that metal welkin: and yet how long have I abhorred the very thought of it, shunned it like a great plague-house? How I do still abhor -”

He ground his teeth and was silent: he arrested his step and struck his boot against the hard ground. Some hated thought seemed to have him in its grip, and to hold him so tightly that he could not advance.

We were ascending the avenue when he thus paused; the hall was before us. Lifting his eye to its battlements, he cast over them a glare such as I never saw before or since. Pain, shame, ire, impatience, disgust, detestation, seemed momentarily to hold a quivering conflict in the large pupil dilating under his ebon eyebrow. Wild was the wrestle which should be paramount; but another feeling rose and triumphed: something hard and cynical: self-willed and resolute: it settled his passion and petrified his countenance: he went on -

“During the moment I was silent, Miss Eyre, I was arranging a point with my destiny. She stood there, by that beech-trunk -- a hag like one of those who appeared to Macbeth on the heath of Forres. ‘You like Thornfield?’ she said, lifting her finger; and then she wrote in the air a memento, which ran in lurid hieroglyphics all along the house-front, between the upper and lower row of windows, ‘Like it if you can! Like it if you dare!’

“‘I will like it,’ said I; ‘I dare like it;’ and” (he subjoined moodily) “‘I will keep my word; I will break obstacles to happiness, to goodness -- yes, goodness. I wish to be a better man than I have been, than I am; as Job's leviathan broke the spear, the dart, and the habergeon, hindrances which others count as iron and brass, I will esteem but straw and rotten wood.’”

Adele here ran before him with her shuttlecock. “Away!” he cried harshly; “keep at a distance, child; or go in to Sophie!” Continuing then to pursue his walk in silence, I ventured to recall him to the point whence he had abruptly diverged -

“Did you leave the balcony, sir,” I asked, “when Mdlle. Varens entered?”

I almost expected a rebuff for this hardly well-timed question, but, on the contrary, waking out of his scowling abstraction, he turned his eyes towards me, and the shade seemed to clear off his brow. “Oh, I had forgotten Celine! Well, to resume. When I saw my charmer thus come in accompanied by a cavalier, I seemed to hear a hiss, and the green snake of jealousy, rising on undulating coils from the moonlit balcony, glided within my waistcoat, and ate its way in two minutes to my heart's core. Strange!” he exclaimed, suddenly starting again from the point. “Strange that I should choose you for the confidant of all this, young lady; passing strange that you should listen to me quietly, as if it were the most usual thing in the world for a man like me to tell stories of his opera-mistresses to a quaint, inexperienced girl like you! But the last singularity explains the first, as I intimated once before: you, with your gravity, considerateness, and caution were made to be the recipient of secrets. Besides, I know what sort of a mind I have placed in communication with my own: I know it is one not liable to take infection: it is a peculiar mind: it is a unique one. Happily I do not mean to harm it: but, if I did, it would not take harm from me. The more you and I converse, the better; for while I cannot blight you, you may refresh me.” After this digression he proceeded -

“I remained in the balcony. ‘They will come to her boudoir, no doubt,’ thought I: ‘let me prepare an ambush.’ So putting my hand in through the open window, I drew the curtain over it, leaving only an opening through which I could take observations; then I closed the casement, all but a chink just wide enough to furnish an outlet to lovers’ whispered vows: then I stole back to my chair; and as I resumed it the pair came in. My eye was quickly at the aperture. Celine’s chamber-maid entered, lit a lamp, left it on the table, and withdrew. The couple were thus revealed to me clearly: both removed their cloaks, and there was ‘the Varens,’ shining in satin and jewels, -- my gifts of course, -- and there was her companion in an officer’s uniform; and I knew him for a young roue of a vicomte -- a brainless and vicious youth whom I had sometimes met in society, and had never thought of hating because I despised him so absolutely. On recognising him, the fang of the snake Jealousy was instantly broken; because at the same moment my love for Celine sank under an extinguisher. A woman who could betray me for such a rival was not worth contending for; she deserved only scorn; less, however, than I, who had been her dupe.

“They began to talk; their conversation eased me completely: frivolous, mercenary, heartless, and senseless, it was rather calculated to weary than enrage a listener. A card of mine lay on the table; this being perceived, brought my name under discussion. Neither of them possessed energy or wit to belabour me soundly, but they insulted me as coarsely as they could in their little way: especially Celine, who even waxed rather brilliant on my personal defects -- deformities she termed them. Now it had been her custom to launch out into fervent admiration of what she called my ‘beaute male:’ wherein she differed diametrically from you, who told me point-blank, at the second interview, that you did not think me handsome. The contrast struck me at the time and -- “

Adele here came running up again.

“Monsieur, John has just been to say that your agent has called and wishes to see you.”

“Ah! in that case I must abridge. Opening the window, I walked in upon them; liberated Celine from my protection; gave her notice to vacate her hotel; offered her a purse for immediate exigencies; disregarded screams, hysterics, prayers, protestations, convulsions; made an appointment with the vicomte for a meeting at the Bois de Boulogne. Next morning I had the pleasure of encountering him; left a bullet in one of his poor etiolated arms, feeble as the wing of a chicken in the pip, and then thought I had done with the whole crew. But unluckily the Varens, six months before, had given me this filette Adele, who, she affirmed, was my daughter; and perhaps she may be, though I see no proofs of such grim paternity written in her countenance: Pilot is more like me than she. Some years after I had broken with the mother, she abandoned her child, and ran away to Italy with a musician or singer. I acknowledged no natural claim on Adele’s part to be supported by me, nor do I now acknowledge any, for I am not her father; but hearing that she was quite destitute, I e’en took the poor thing out of the slime and mud of Paris, and transplanted it here, to grow up clean in the wholesome soil of an English country garden. Mrs. Fairfax found you to train it; but now you know that it is the illegitimate offspring of a French opera-girl, you will perhaps think differently of your post and protegee: you will be coming to me some day with notice that you have found another place -- that you beg me to look out for a new governess, &c. -- Eh?”

“No: Adele is not answerable for either her mother’s faults or yours: I have a regard for her; and now that I know she is, in a sense, parentless -- forsaken by her mother and disowned by you, sir -- I shall cling closer to her than before. How could I possibly prefer the spoilt pet of a wealthy family, who would hate her governess as a nuisance, to a lonely little orphan, who leans towards her as a friend?”

“Oh, that is the light in which you view it! Well, I must go in now; and you too: it darkens.”

But I stayed out a few minutes longer with Adele and Pilot -- ran a race with her, and played a game of battledore and shuttlecock. When we went in, and I had removed her bonnet and coat, I took her on my knee; kept her there an hour, allowing her to prattle as she liked: not rebuking even some little freedoms and trivialities into which she was apt to stray when much noticed, and which betrayed in her a superficiality of character, inherited probably from her mother, hardly congenial to an English mind. Still she had her merits; and I was disposed to appreciate all that was good in her to the utmost. I sought in her countenance and features a likeness to Mr. Rochester, but found none: no trait, no turn of expression announced relationship. It was a pity: if she could but have been proved to resemble him, he would have thought more of her.

It was not till after I had withdrawn to my own chamber for the night, that I steadily reviewed the tale Mr. Rochester had told me. As he had said, there was probably nothing at all extraordinary in the substance of the narrative itself: a wealthy Englishman's passion for a French dancer, and her treachery to him, were everyday matters enough, no doubt, in society; but there was something decidedly strange in the paroxysm of emotion which had suddenly seized him when he was in the act of expressing the present contentment of his mood, and his newly revived pleasure in the old hall and its environs. I meditated wonderingly on this incident; but gradually quitting it, as I found it for the present inexplicable, I turned to the consideration of my master's manner to myself. The confidence he had thought fit to repose in me seemed a tribute to my discretion: I regarded and accepted it as such. His deportment had now for some weeks been more uniform towards me than at the first. I never seemed in his way; he did not take fits of chilling hauteur: when he met me unexpectedly, the encounter seemed welcome; he had always a word and sometimes a smile for me: when summoned by formal invitation to his presence, I was honoured by a cordiality of reception that made me feel I really possessed the power to amuse him, and that these evening conferences were sought as much for his pleasure as for my benefit.

I, indeed, talked comparatively little, but I heard him talk with relish. It was his nature to be communicative; he liked to open to a mind unacquainted with the world glimpses of its scenes and ways (I do not mean its corrupt scenes and wicked ways, but such as derived their interest from the great scale on which they were acted, the strange novelty by which they were characterised); and I had a keen delight in receiving the new ideas he offered, in imagining the new pictures he portrayed, and following him in thought through the new regions he disclosed, never startled or troubled by one noxious allusion.

The ease of his manner freed me from painful restraint: the friendly frankness, as correct as cordial, with which he treated me, drew me to him. I felt at times as if he were my relation rather than my master: yet he was imperious sometimes still; but I did not mind that; I saw it was his way. So happy, so gratified did I become with this new interest added to life, that I ceased to pine after kindred: my thin crescent-destiny seemed to enlarge; the blanks of existence were filled up; my bodily health improved; I gathered flesh and strength.

And was Mr. Rochester now ugly in my eyes? No, reader: gratitude, and many associations, all pleasurable and genial, made his face the object I best liked to see; his presence in a room was more cheering than the brightest fire. Yet I had not forgotten his faults; indeed, I could not, for he brought them frequently before me. He was proud, sardonic, harsh to inferiority of every description: in my secret soul I knew that his great kindness to me was balanced by unjust severity to many others. He was moody, too; unaccountably so; I more than once, when sent for to read to him, found him sitting in his library alone, with his head bent on his folded arms; and, when he looked up, a morose, almost a malignant, scowl blackened his features. But I believed that his moodiness, his harshness, and his former faults of morality (I say FORMER, for now he seemed corrected of them) had their source in some cruel cross of fate.

believed he was naturally a man of better tendencies, higher principles, and purer tastes than such as circumstances had developed, education instilled, or destiny encouraged. I thought there were excellent materials in him; though for the present they hung together somewhat spoiled and tangled. I cannot deny that I grieved for his grief, whatever that was, and would have given much to assuage it.

Though I had now extinguished my candle and was laid down in bed, I could not sleep for thinking of his look when he paused in the avenue, and told how his destiny had risen up before him, and dared him to be happy at Thornfield.

“Why not?” I asked myself. “What alienates him from the house? Will he leave it again soon? Mrs. Fairfax said he seldom stayed here longer than a fortnight at a time; and he has now been resident eight weeks. If he does go, the change will be doleful. Suppose he should be absent spring, summer, and autumn: how joyless sunshine and fine days will seem!”

I hardly know whether I had slept or not after this musing; at any rate, I started wide awake or hearing a vague murmur, peculiar and lugubrious, which sounded, I thought, just above me. I wished I had kept my candle burning: the night was drearily dark; my spirits were depressed. I rose and sat up in bed, listening. The sound was hushed.

I tried again to sleep; but my heart beat anxiously: my inward tranquillity was broken. The clock, far down in the hall, struck two. Just then it seemed my chamber-door was touched; as if fingers had swept the panels in groping a way along the dark gallery outside. I said, “Who is there?” Nothing answered. I was chilled with fear.

All at once I remembered that it might be Pilot, who, when the kitchen-door chanced to be left open, not unfrequently found his way up to the threshold of Mr. Rochester’s chamber: I had seen him lying there myself in the mornings. The idea calmed me somewhat: I lay down. Silence composes the nerves; and as an unbroken hush now reigned again through the whole house, I began to feel the return of slumber. But it was not fated that I should sleep that night. A dream had scarcely approached my ear, when it fled affrighted, scared by a marrow-freezing incident enough.

This was a demoniac laugh -- low, suppressed, and deep -- uttered, as it seemed, at the very keyhole of my chamber door. The head of my bed was near the door, and I thought at first the goblin-laugh stood at my bedside -- or rather, crouched by my pillow: but I rose, looked round, and could see nothing; while, as I still gazed, the unnatural sound was reiterated: and I knew it came from behind the panels. My first impulse was to rise and fasten the bolt; my next, again to cry out, “Who is there?”

Something gurgled and moaned. Ere long, steps retreated up the gallery towards the third-storey staircase: a door had lately been made to shut in that staircase; I heard it open and close, and all was still.

“Was that Grace Poole? and is she possessed with a devil?” thought I. Impossible now to remain longer by myself: I must go to Mrs. Fairfax. I hurried on my frock and a shawl; I withdrew the bolt and opened the door with a trembling hand. There was a candle burning just outside, and on the matting in the gallery. I was surprised at this circumstance: but still more was I amazed to perceive the air quite dim, as if filled with smoke; and, while looking to the right hand and left, to find whence these blue wreaths issued, I became further aware of a strong smell of burning.

Something creaked: it was a door ajar; and that door was Mr. Rochester’s, and the smoke rushed in a cloud from thence. I thought no more of Mrs. Fairfax; I thought no more of Grace Poole, or the laugh in an instant, I was within the chamber. Tongues of flame darted round the bed: the curtains were on fire. In the midst of blaze and vapour, Mr. Rochester lay stretched motionless, in deep sleep.

“Wake! wake!” I cried. I shook him, but he only murmured and turned: the smoke had stupefied him. Not a moment could be lost: the very sheets were kindling, I rushed to his basin and ewer; fortunately, one was wide and the other deep, and both were filled with water. I heaved them up, deluged the bed and its occupant, flew back to my own room, brought my own water-jug, baptized the couch afresh, and, by God’s aid, succeeded in extinguishing the flames which were devouring it.

The hiss of the quenched element, the breakage of a pitcher which I flung from my hand when I had emptied it, and, above all, the splash of the shower-bath I had liberally bestowed, roused Mr. Rochester at last. Though it was now dark, I knew he was awake; because I heard him fulminating strange anathemas at finding himself lying in a pool of water.

“Is there a flood?” he cried.

“No, sir,” I answered; “but there has been a fire: get up, do; you are quenched now; I will fetch you a candle.”

“In the name of all the elves in Christendom, is that Jane Eyre?” he demanded. “What have you done with me, witch, sorceress? Who is in the room besides you? Have you plotted to drown me?”

“I will fetch you a candle, sir; and, in Heaven’s name, get up. Somebody has plotted something: you cannot too soon find out who and what it is.”

“There! I am up now; but at your peril you fetch a candle yet: wait two minutes till I get into some dry garments, if any dry there be -- yes, here is my dressing-gown. Now run!”

I did run; I brought the candle which still remained in the gallery. He took it from my hand, held it up, and surveyed the bed, all blackened and scorched, the sheets drenched, the carpet round swimming in water.

“What is it? and who did it?” he asked. I briefly related to him what had transpired: the strange laugh I had heard in the gallery: the step ascending to the third storey; the smoke, -- the smell of fire which had conducted me to his room; in what state I had found matters there, and how I had deluged him with all the water I could lay hands on.

He listened very gravely; his face, as I went on, expressed more concern than astonishment; he did not immediately speak when I had concluded.

“Shall I call Mrs. Fairfax?” I asked.

“Mrs. Fairfax? No; what the deuce would you call her for? What can she do? Let her sleep unmolested.”

“Then I will fetch Leah, and wake John and his wife.”

“Not at all: just be still. You have a shawl on. If you are not warm enough, you may take my cloak yonder; wrap it about you, and sit down in the arm-chair: there, -- I will put it on. Now place your feet on the stool, to keep them out of the wet. I am going to leave you a few minutes. I shall take the candle. Remain where you are till I return; be as still as a mouse. I must pay a visit to the second storey. Don’t move, remember, or call any one.”

He went: I watched the light withdraw. He passed up the gallery very softly, unclosed the staircase door with as little noise as possible, shut it after him, and the last ray vanished. I was left in total darkness. I listened for some noise, but heard nothing. A very long time elapsed. I grew weary: it was cold, in spite of the cloak; and then I did not see the use of staying, as I was not to rouse the house. I was on the point of risking Mr. Rochester’s displeasure by disobeying his orders, when the light once

more gleamed dimly on the gallery wall, and I heard his unshod feet tread the matting. "I hope it is he," thought I, "and not something worse."

He re-entered, pale and very gloomy. "I have found it all out," said he, setting his candle down on the washstand; "it is as I thought."

"How, sir?"

He made no reply, but stood with his arms folded, looking on the ground. At the end of a few minutes he inquired in rather a peculiar tone -

"I forget whether you said you saw anything when you opened your chamber door."

"No, sir, only the candlestick on the ground."

"But you heard an odd laugh? You have heard that laugh before, I should think, or something like it?"

"Yes, sir: there is a woman who sews here, called Grace Poole, -- she laughs in that way. She is a singular person."

"Just so. Grace Poole -- you have guessed it. She is, as you say, singular -- very. Well, I shall reflect on the subject. Meantime, I am glad that you are the only person, besides myself, acquainted with the precise details of to-night's incident. You are no talking fool: say nothing about it. I will account for this state of affairs" (pointing to the bed): "and now return to your own room. I shall do very well on the sofa in the library for the rest of the night. It is near four:- in two hours the servants will be up."

"Good-night, then, sir," said I, departing.

He seemed surprised -- very inconsistently so, as he had just told me to go.

"What!" he exclaimed, "are you quitting me already, and in that way?"

"You said I might go, sir."

"But not without taking leave; not without a word or two of acknowledgment and good-will: not, in short, in that brief, dry fashion. Why, you have saved my life! -- snatched me from a horrible and excruciating death! and you walk past me as if we were mutual strangers! At least shake hands."

He held out his hand; I gave him mine: he took it first in one, then in both his own.

"You have saved my life: I have a pleasure in owing you so immense a debt. I cannot say more. Nothing else that has being would have been tolerable to me in the character of creditor for such an obligation: but you: it is different; -- I feel your benefits no burden, Jane."

He paused; gazed at me: words almost visible trembled on his lips, -- but his voice was checked.

"Good-night again, sir. There is no debt, benefit, burden, obligation, in the case."

"I knew," he continued, "you would do me good in some way, at some time; -- I saw it in your eyes when I first beheld you: their expression and smile did not" -- (again he stopped) -- "did not" (he proceeded hastily) "strike delight to my very inmost heart so for nothing. People talk of natural sympathies; I have heard of good genii: there are grains of truth in the wildest fable. My cherished preserver, goodnight!"

Strange energy was in his voice, strange fire in his look.

"I am glad I happened to be awake," I said: and then I was going.

"What! you WILL go?"

“I am cold, sir.”

“Cold? Yes, -- and standing in a pool! Go, then, Jane; go!” But he still retained my hand, and I could not free it. I bethought myself of an expedient.

“I think I hear Mrs. Fairfax move, sir,” said I.

“Well, leave me:” he relaxed his fingers, and I was gone.

I regained my couch, but never thought of sleep. Till morning dawned I was tossed on a buoyant but unquiet sea, where billows of trouble rolled under surges of joy. I thought sometimes I saw beyond its wild waters a shore, sweet as the hills of Beulah; and now and then a freshening gale, wakened by hope, bore my spirit triumphantly towards the bourne: but I could not reach it, even in fancy -- a counteracting breeze blew off land, and continually drove me back. Sense would resist delirium: judgment would warn passion. Too feverish to rest, I rose as soon as day dawned.

CHAPTER XVI

I both wished and feared to see Mr. Rochester on the day which followed this sleepless night: I wanted to hear his voice again, yet feared to meet his eye. During the early part of the morning, I momentarily expected his coming; he was not in the frequent habit of entering the schoolroom, but he did step in for a few minutes sometimes, and I had the impression that he was sure to visit it that day.

But the morning passed just as usual: nothing happened to interrupt the quiet course of Adele's studies; only soon after breakfast, I heard some bustle in the neighbourhood of Mr. Rochester's chamber, Mrs. Fairfax's voice, and Leah's, and the cook's -- that is, John's wife -- and even John's own gruff tones. There were exclamations of "What a mercy master was not burnt in his bed!" "It is always dangerous to keep a candle lit at night." "How providential that he had presence of mind to think of the water-jug!" "I wonder he waked nobody!" "It is to be hoped he will not take cold with sleeping on the library sofa," &c.

To much confabulation succeeded a sound of scrubbing and setting to rights; and when I passed the room, in going downstairs to dinner, I saw through the open door that all was again restored to complete order; only the bed was stripped of its hangings. Leah stood up in the window-seat, rubbing the panes of glass dimmed with smoke. I was about to address her, for I wished to know what account had been given of the affair: but, on advancing, I saw a second person in the chamber -- a woman sitting on a chair by the bedside, and sewing rings to new curtains. That woman was no other than Grace Poole.

There she sat, staid and taciturn-looking, as usual, in her brown stuff gown, her check apron, white handkerchief, and cap. She was intent on her work, in which her whole thoughts seemed absorbed: on her hard forehead, and in her commonplace features, was nothing either of the paleness or desperation one would have expected to see marking the countenance of a woman who had attempted murder, and whose intended victim had followed her last night to her lair, and (as I believed), charged her with the crime she wished to perpetrate. I was amazed -- confounded. She looked up, while I still gazed at her: no start, no increase or failure of colour betrayed emotion, consciousness of guilt, or fear of detection. She said "Good morning, Miss," in her usual phlegmatic and brief manner; and taking up another ring and more tape, went on with her sewing.

"I will put her to some test," thought I: "such absolute impenetrability is past comprehension."

"Good morning, Grace," I said. "Has anything happened here? I thought I heard the servants all talking together a while ago."

"Only master had been reading in his bed last night; he fell asleep with his candle lit, and the curtains got on fire; but, fortunately, he awoke before the bed-clothes or the wood-work caught, and contrived to quench the flames with the water in the ewer."

"A strange affair!" I said, in a low voice: then, looking at her fixedly -- "Did Mr. Rochester wake nobody? Did no one hear him move?"

She again raised her eyes to me, and this time there was something of consciousness in their expression. She seemed to examine me warily; then she answered -

"The servants sleep so far off, you know, Miss, they would not be likely to hear. Mrs. Fairfax's room and yours are the nearest to master's; but Mrs. Fairfax said she heard nothing: when people get elderly, they often sleep heavy." She paused, and then added, with a sort of assumed indifference, but still

in a marked and significant tone -- "But you are young, Miss; and I should say a light sleeper: perhaps you may have heard a noise?"

"I did," said I, dropping my voice, so that Leah, who was still polishing the panes, could not hear me, "and at first I thought it was Pilot: but Pilot cannot laugh; and I am certain I heard a laugh, and a strange one."

She took a new needleful of thread, waxed it carefully, threaded her needle with a steady hand, and then observed, with perfect composure -

"It is hardly likely master would laugh, I should think, Miss, when he was in such danger: You must have been dreaming."

"I was not dreaming," I said, with some warmth, for her brazen coolness provoked me. Again she looked at me; and with the same scrutinising and conscious eye.

"Have you told master that you heard a laugh?" she inquired.

"I have not had the opportunity of speaking to him this morning."

"You did not think of opening your door and looking out into the gallery?" she further asked.

She appeared to be cross-questioning me, attempting to draw from me information unawares. The idea struck me that if she discovered I knew or suspected her guilt, she would be playing of some of her malignant pranks on me; I thought it advisable to be on my guard.

"On the contrary," said I, "I bolted my door."

"Then you are not in the habit of bolting your door every night before you get into bed?"

"Fiend! she wants to know my habits, that she may lay her plans accordingly!" Indignation again prevailed over prudence: I replied sharply, "Hitherto I have often omitted to fasten the bolt: I did not think it necessary. I was not aware any danger or annoyance was to be dreaded at Thornfield Hall: but in future" (and I laid marked stress on the words) "I shall take good care to make all secure before I venture to lie down."

"It will be wise so to do," was her answer: "this neighbourhood is as quiet as any I know, and I never heard of the hall being attempted by robbers since it was a house; though there are hundreds of pounds' worth of plate in the plate-closet, as is well known. And you see, for such a large house, there are very few servants, because master has never lived here much; and when he does come, being a bachelor, he needs little waiting on: but I always think it best to err on the safe side; a door is soon fastened, and it is as well to have a drawn bolt between one and any mischief that may be about. A deal of people, Miss, are for trusting all to Providence; but I say Providence will not dispense with the means, though He often blesses them when they are used discreetly." And here she closed her harangue: a long one for her, and uttered with the demureness of a Quakeress.

I still stood absolutely dumfounded at what appeared to me her miraculous self-possession and most inscrutable hypocrisy, when the cook entered.

"Mrs. Poole," said she, addressing Grace, "the servants' dinner will soon be ready: will you come down?"

"No; just put my pint of porter and bit of pudding on a tray, and I'll carry it upstairs."

"You'll have some meat?"

"Just a morsel, and a taste of cheese, that's all."

“And the sago?”

“Never mind it at present: I shall be coming down before teatime: I’ll make it myself.”

The cook here turned to me, saying that Mrs. Fairfax was waiting for me: so I departed.

I hardly heard Mrs. Fairfax’s account of the curtain conflagration during dinner, so much was I occupied in puzzling my brains over the enigmatical character of Grace Poole, and still more in pondering the problem of her position at Thornfield and questioning why she had not been given into custody that morning, or, at the very least, dismissed from her master’s service. He had almost as much as declared his conviction of her criminality last night: what mysterious cause withheld him from accusing her? Why had he enjoined me, too, to secrecy? It was strange: a bold, vindictive, and haughty gentleman seemed somehow in the power of one of the meanest of his dependants; so much in her power, that even when she lifted her hand against his life, he dared not openly charge her with the attempt, much less punish her for it.

Had Grace been young and handsome, I should have been tempted to think that tenderer feelings than prudence or fear influenced Mr. Rochester in her behalf; but, hard-favoured and matronly as she was, the idea could not be admitted. “Yet,” I reflected, “she has been young once; her youth would be contemporary with her master’s: Mrs. Fairfax told me once, she had lived here many years. I don’t think she can ever have been pretty; but, for aught I know, she may possess originality and strength of character to compensate for the want of personal advantages. Mr. Rochester is an amateur of the decided and eccentric: Grace is eccentric at least. What if a former caprice (a freak very possible to a nature so sudden and headstrong as his) has delivered him into her power, and she now exercises over his actions a secret influence, the result of his own indiscretion, which he cannot shake off, and dare not disregard?” But, having reached this point of conjecture, Mrs. Poole’s square, flat figure, and uncomely, dry, even coarse face, recurred so distinctly to my mind’s eye, that I thought, “No; impossible! my supposition cannot be correct. Yet,” suggested the secret voice which talks to us in our own hearts, “you are not beautiful either, and perhaps Mr. Rochester approves you: at any rate, you have often felt as if he did; and last night -- remember his words; remember his look; remember his voice!”

I well remembered all; language, glance, and tone seemed at the moment vividly renewed. I was now in the schoolroom; Adele was drawing; I bent over her and directed her pencil. She looked up with a sort of start.

“Qu’ avez-vous, mademoiselle?” said she. “Vos doigts tremblent comme la feuille, et vos joues sont rouges: mais, rouges comme des cerises!”

“I am hot, Adele, with stooping!” She went on sketching; I went on thinking.

I hastened to drive from my mind the hateful notion I had been conceiving respecting Grace Poole; it disgusted me. I compared myself with her, and found we were different. Bessie Leaven had said I was quite a lady; and she spoke truth -- I was a lady. And now I looked much better than I did when Bessie saw me; I had more colour and more flesh, more life, more vivacity, because I had brighter hopes and keener enjoyments.

“Evening approaches,” said I, as I looked towards the window. “I have never heard Mr. Rochester’s voice or step in the house to-day; but surely I shall see him before night: I feared the meeting in the morning; now I desire it, because expectation has been so long baffled that it is grown impatient.”

When dusk actually closed, and when Adele left me to go and play in the nursery with Sophie, I did most keenly desire it. I listened for the bell to ring below; I listened for Leah coming up with a

message; I fancied sometimes I heard Mr. Rochester's own tread, and I turned to the door, expecting it to open and admit him. The door remained shut; darkness only came in through the window. Still it was not late; he often sent for me at seven and eight o'clock, and it was yet but six. Surely I should not be wholly disappointed to-night, when I had so many things to say to him! I wanted again to introduce the subject of Grace Poole, and to hear what he would answer; I wanted to ask him plainly if he really believed it was she who had made last night's hideous attempt; and if so, why he kept her wickedness a secret. It little mattered whether my curiosity irritated him; I knew the pleasure of vexing and soothing him by turns; it was one I chiefly delighted in, and a sure instinct always prevented me from going too far; beyond the verge of provocation I never ventured; on the extreme brink I liked well to try my skill. Retaining every minute form of respect, every propriety of my station, I could still meet him in argument without fear or uneasy restraint; this suited both him and me.

A tread creaked on the stairs at last. Leah made her appearance; but it was only to intimate that tea was ready in Mrs. Fairfax's room. Thither I repaired, glad at least to go downstairs; for that brought me, I imagined, nearer to Mr. Rochester's presence.

"You must want your tea," said the good lady, as I joined her; "you ate so little at dinner. I am afraid," she continued, "you are not well to-day: you look flushed and feverish."

"Oh, quite well! I never felt better."

"Then you must prove it by evincing a good appetite; will you fill the teapot while I knit off this needle?" Having completed her task, she rose to draw down the blind, which she had hitherto kept up, by way, I suppose, of making the most of daylight, though dusk was now fast deepening into total obscurity.

"It is fair to-night," said she, as she looked through the panes, "though not starlight; Mr. Rochester has, on the whole, had a favourable day for his journey."

"Journey! -- Is Mr. Rochester gone anywhere? I did not know he was out."

"Oh, he set off the moment he had breakfasted! He is gone to the Leas, Mr. Eshton's place, ten miles on the other side Millcote. I believe there is quite a party assembled there; Lord Ingram, Sir George Lynn, Colonel Dent, and others."

"Do you expect him back to-night?"

"No -- nor to-morrow either; I should think he is very likely to stay a week or more: when these fine, fashionable people get together, they are so surrounded by elegance and gaiety, so well provided with all that can please and entertain, they are in no hurry to separate. Gentlemen especially are often in request on such occasions; and Mr. Rochester is so talented and so lively in society, that I believe he is a general favourite: the ladies are very fond of him; though you would not think his appearance calculated to recommend him particularly in their eyes: but I suppose his acquirements and abilities, perhaps his wealth and good blood, make amends for any little fault of look."

"Are there ladies at the Leas?"

"There are Mrs. Eshton and her three daughters -- very elegant young ladies indeed; and there are the Honourable Blanche and Mary Ingram, most beautiful women, I suppose: indeed I have seen Blanche, six or seven years since, when she was a girl of eighteen. She came here to a Christmas ball and party Mr. Rochester gave. You should have seen the dining-room that day -- how richly it was decorated, how brilliantly lit up! I should think there were fifty ladies and gentlemen present -- all of the first county families; and Miss Ingram was considered the belle of the evening."

“You saw her, you say, Mrs. Fairfax: what was she like?”

“Yes, I saw her. The dining-room doors were thrown open; and, as it was Christmas-time, the servants were allowed to assemble in the hall, to hear some of the ladies sing and play. Mr. Rochester would have me to come in, and I sat down in a quiet corner and watched them. I never saw a more splendid scene: the ladies were magnificently dressed; most of them -- at least most of the younger ones -- looked handsome; but Miss Ingram was certainly the queen.”

“And what was she like?”

“Tall, fine bust, sloping shoulders; long, graceful neck: olive complexion, dark and clear; noble features; eyes rather like Mr. Rochester’s: large and black, and as brilliant as her jewels. And then she had such a fine head of hair; raven-black and so becomingly arranged: a crown of thick plaits behind, and in front the longest, the glossiest curls I ever saw. She was dressed in pure white; an amber-coloured scarf was passed over her shoulder and across her breast, tied at the side, and descending in long, fringed ends below her knee. She wore an amber-coloured flower, too, in her hair: it contrasted well with the jetty mass of her curls.”

“She was greatly admired, of course?”

“Yes, indeed: and not only for her beauty, but for her accomplishments. She was one of the ladies who sang: a gentleman accompanied her on the piano. She and Mr. Rochester sang a duet.”

“Mr. Rochester? I was not aware he could sing.”

“Oh! he has a fine bass voice, and an excellent taste for music.”

“And Miss Ingram: what sort of a voice had she?”

“A very rich and powerful one: she sang delightfully; it was a treat to listen to her; -- and she played afterwards. I am no judge of music, but Mr. Rochester is; and I heard him say her execution was remarkably good.”

“And this beautiful and accomplished lady, she is not yet married?”

“It appears not: I fancy neither she nor her sister have very large fortunes. Old Lord Ingram’s estates were chiefly entailed, and the eldest son came in for everything almost.”

“But I wonder no wealthy nobleman or gentleman has taken a fancy to her: Mr. Rochester, for instance. He is rich, is he not?”

“Oh! yes. But you see there is a considerable difference in age: Mr. Rochester is nearly forty; she is but twenty-five.”

“What of that? More unequal matches are made every day.”

“True: yet I should scarcely fancy Mr. Rochester would entertain an idea of the sort. But you eat nothing: you have scarcely tasted since you began tea.”

“No: I am too thirsty to eat. Will you let me have another cup?”

I was about again to revert to the probability of a union between Mr. Rochester and the beautiful Blanche; but Adele came in, and the conversation was turned into another channel.

When once more alone, I reviewed the information I had got; looked into my heart, examined its thoughts and feelings, and endeavoured to bring back with a strict hand such as had been straying through imagination’s boundless and trackless waste, into the safe fold of common sense.

Arraigned at my own bar, Memory having given her evidence of the hopes, wishes, sentiments I had been cherishing since last night -- of the general state of mind in which I had indulged for nearly a fortnight past; Reason having come forward and told, in her own quiet way a plain, unvarnished tale, showing how I had rejected the real, and rabidly devoured the ideal; -- I pronounced judgment to this effect:-

That a greater fool than Jane Eyre had never breathed the breath of life; that a more fantastic idiot had never surfeited herself on sweet lies, and swallowed poison as if it were nectar.

“YOU,” I said, “a favourite with Mr. Rochester? YOU gifted with the power of pleasing him YOU of importance to him in any way? Go! your folly sickens me. And you have derived pleasure from occasional tokens of preference -- equivocal tokens shown by a gentleman of family and a man of the world to a dependent and a novice. How dared you? Poor stupid dupe! -- Could not even self-interest make you wiser? You repeated to yourself this morning the brief scene of last night? -- Cover your face and be ashamed! He said something in praise of your eyes, did he? Blind puppy! Open their bleared lids and look on your own accursed senselessness! It does good to no woman to be flattered by her superior, who cannot possibly intend to marry her; and it is madness in all women to let a secret love kindle within them, which, if unreturned and unknown, must devour the life that feeds it; and, if discovered and responded to, must lead, ignis-fatus-like, into miry wilds whence there is no extrication.

“Listen, then, Jane Eyre, to your sentence: tomorrow, place the glass before you, and draw in chalk your own picture, faithfully, without softening one defect; omit no harsh line, smooth away no displeasing irregularity; write under it, ‘Portrait of a Governess, disconnected, poor, and plain.’

“Afterwards, take a piece of smooth ivory -- you have one prepared in your drawing-box: take your palette, mix your freshest, finest, clearest tints; choose your most delicate camel-hair pencils; delineate carefully the loveliest face you can imagine; paint it in your softest shades and sweetest lines, according to the description given by Mrs. Fairfax of Blanche Ingram; remember the raven ringlets, the oriental eye; -- What! you revert to Mr. Rochester as a model! Order! No snivel! -- no sentiment! -- no regret! I will endure only sense and resolution. Recall the august yet harmonious lineaments, the Grecian neck and bust; let the round and dazzling arm be visible, and the delicate hand; omit neither diamond ring nor gold bracelet; portray faithfully the attire, aerial lace and glistening satin, graceful scarf and golden rose; call it ‘Blanche, an accomplished lady of rank.’

“Whenever, in future, you should chance to fancy Mr. Rochester thinks well of you, take out these two pictures and compare them: say, ‘Mr. Rochester might probably win that noble lady’s love, if he chose to strive for it; is it likely he would waste a serious thought on this indigent and insignificant plebeian?’”

“I’ll do it,” I resolved: and having framed this determination, I grew calm, and fell asleep.

I kept my word. An hour or two sufficed to sketch my own portrait in crayons; and in less than a fortnight I had completed an ivory miniature of an imaginary Blanche Ingram. It looked a lovely face enough, and when compared with the real head in chalk, the contrast was as great as self-control could desire. I derived benefit from the task: it had kept my head and hands employed, and had given force and fixedness to the new impressions I wished to stamp indelibly on my heart.

Ere long, I had reason to congratulate myself on the course of wholesome discipline to which I had thus forced my feelings to submit. Thanks to it, I was able to meet subsequent occurrences with a decent calm, which, had they found me unprepared, I should probably have been unequal to maintain, even

externally.

CHAPTER XVII

A week passed, and no news arrived of Mr. Rochester: ten days, and still he did not come. Mrs. Fairfax said she should not be surprised if he were to go straight from the Leas to London, and thence to the Continent, and not show his face again at Thornfield for a year to come; he had not unfrequently quitted it in a manner quite as abrupt and unexpected. When I heard this, I was beginning to feel a strange chill and failing at the heart. I was actually permitting myself to experience a sickening sense of disappointment; but rallying my wits, and recollecting my principles, I at once called my sensations to order; and it was wonderful how I got over the temporary blunder -- how I cleared up the mistake of supposing Mr. Rochester's movements a matter in which I had any cause to take a vital interest. Not that I humbled myself by a slavish notion of inferiority: on the contrary, I just said -

“You have nothing to do with the master of Thornfield, further than to receive the salary he gives you for teaching his protegee, and to be grateful for such respectful and kind treatment as, if you do your duty, you have a right to expect at his hands. Be sure that is the only tie he seriously acknowledges between you and him; so don't make him the object of your fine feelings, your raptures, agonies, and so forth. He is not of your order: keep to your caste, and be too self-respecting to lavish the love of the whole heart, soul, and strength, where such a gift is not wanted and would be despised.”

I went on with my day's business tranquilly; but ever and anon vague suggestions kept wandering across my brain of reasons why I should quit Thornfield; and I kept involuntarily framing advertisements and pondering conjectures about new situations: these thoughts I did not think to check; they might germinate and bear fruit if they could.

Mr. Rochester had been absent upwards of a fortnight, when the post brought Mrs. Fairfax a letter.

“It is from the master,” said she, as she looked at the direction. “Now I suppose we shall know whether we are to expect his return or not.”

And while she broke the seal and perused the document, I went on taking my coffee (we were at breakfast): it was hot, and I attributed to that circumstance a fiery glow which suddenly rose to my face. Why my hand shook, and why I involuntarily spilt half the contents of my cup into my saucer, I did not choose to consider.

“Well, I sometimes think we are too quiet; but we run a chance of being busy enough now: for a little while at least,” said Mrs. Fairfax, still holding the note before her spectacles.

Ere I permitted myself to request an explanation, I tied the string of Adele's pinafore, which happened to be loose: having helped her also to another bun and refilled her mug with milk, I said, nonchalantly -

“Mr. Rochester is not likely to return soon, I suppose?”

“Indeed he is -- in three days, he says: that will be next Thursday; and not alone either. I don't know how many of the fine people at the Leas are coming with him: he sends directions for all the best bedrooms to be prepared; and the library and drawing-rooms are to be cleaned out; I am to get more kitchen hands from the George Inn, at Millcote, and from wherever else I can; and the ladies will bring their maids and the gentlemen their valets: so we shall have a full house of it.” And Mrs. Fairfax swallowed her breakfast and hastened away to commence operations.

The three days were, as she had foretold, busy enough. I had thought all the rooms at Thornfield beautifully clean and well arranged; but it appears I was mistaken. Three women were got to help; and such scrubbing, such brushing, such washing of paint and beating of carpets, such taking down and putting up of pictures, such polishing of mirrors and lustres, such lighting of fires in bedrooms, such airing of sheets and feather-beds on hearths, I never beheld, either before or since. Adele ran quite wild in the midst of it: the preparations for company and the prospect of their arrival, seemed to throw her into ecstasies. She would have Sophie to look over all her "toilettes," as she called frocks; to furbish up any that were "passees," and to air and arrange the new. For herself, she did nothing but caper about in the front chambers, jump on and off the bedsteads, and lie on the mattresses and piled-up bolsters and pillows before the enormous fires roaring in the chimneys. From school duties she was exonerated: Mrs. Fairfax had pressed me into her service, and I was all day in the storeroom, helping (or hindering) her and the cook; learning to make custards and cheese-cakes and French pastry, to truss game and garnish desert-dishes.

The party were expected to arrive on Thursday afternoon, in time for dinner at six. During the intervening period I had no time to nurse chimeras; and I believe I was as active and gay as anybody -- Adele excepted. Still, now and then, I received a damping check to my cheerfulness; and was, in spite of myself, thrown back on the region of doubts and portents, and dark conjectures. This was when I chanced to see the third-storey staircase door (which of late had always been kept locked) open slowly, and give passage to the form of Grace Poole, in prim cap, white apron, and handkerchief; when I watched her glide along the gallery, her quiet tread muffled in a list slipper; when I saw her look into the bustling, topsyturvy bedrooms, -- just say a word, perhaps, to the charwoman about the proper way to polish a grate, or clean a marble mantelpiece, or take stains from papered walls, and then pass on. She would thus descend to the kitchen once a day, eat her dinner, smoke a moderate pipe on the hearth, and go back, carrying her pot of porter with her, for her private solace, in her own gloomy, upper haunt. Only one hour in the twenty-four did she pass with her fellow-servants below; all the rest of her time was spent in some low-ceiled, oaken chamber of the second storey: there she sat and sewed -- and probably laughed drearily to herself, -- as companionless as a prisoner in his dungeon.

The strangest thing of all was, that not a soul in the house, except me, noticed her habits, or seemed to marvel at them: no one discussed her position or employment; no one pitied her solitude or isolation. I once, indeed, overheard part of a dialogue between Leah and one of the charwomen, of which Grace formed the subject. Leah had been saying something I had not caught, and the charwoman remarked

"She gets good wages, I guess?"

"Yes," said Leah; "I wish I had as good; not that mine are to complain of, -- there's no stinginess at Thornfield; but they're not one fifth of the sum Mrs. Poole receives. And she is laying by: she goes every quarter to the bank at Millcote. I should not wonder but she has saved enough to keep her independent if she liked to leave; but I suppose she's got used to the place; and then she's not forty yet, and strong and able for anything. It is too soon for her to give up business."

"She is a good hand, I daresay," said the charwoman.

"Ah! -- she understands what she has to do, -- nobody better," rejoined Leah significantly; "and it is not every one could fill her shoes -- not for all the money she gets."

"That it is not!" was the reply. "I wonder whether the master -- "

The charwoman was going on; but here Leah turned and perceived me, and she instantly gave her companion a nudge.

“Doesn’t she know?” I heard the woman whisper.

Leah shook her head, and the conversation was of course dropped. All I had gathered from it amounted to this, -- that there was a mystery at Thornfield; and that from participation in that mystery I was purposely excluded.

Thursday came: all work had been completed the previous evening; carpets were laid down, bed-hangings festooned, radiant white counterpanes spread, toilet tables arranged, furniture rubbed, flowers piled in vases: both chambers and saloons looked as fresh and bright as hands could make them. The hall, too, was scoured; and the great carved clock, as well as the steps and banisters of the staircase, were polished to the brightness of glass; in the dining-room, the sideboard flashed resplendent with plate; in the drawing-room and boudoir, vases of exotics bloomed on all sides.

Afternoon arrived: Mrs. Fairfax assumed her best black satin gown, her gloves, and her gold watch; for it was her part to receive the company, -- to conduct the ladies to their rooms, &c. Adele, too, would be dressed: though I thought she had little chance of being introduced to the party that day at least. However, to please her, I allowed Sophie to apparel her in one of her short, full muslin frocks. For myself, I had no need to make any change; I should not be called upon to quit my sanctum of the schoolroom; for a sanctum it was now become to me, -- “a very pleasant refuge in time of trouble.”

It had been a mild, serene spring day -- one of those days which, towards the end of March or the beginning of April, rise shining over the earth as heralds of summer. It was drawing to an end now; but the evening was even warm, and I sat at work in the schoolroom with the window open.

“It gets late,” said Mrs. Fairfax, entering in rustling state. “I am glad I ordered dinner an hour after the time Mr. Rochester mentioned; for it is past six now. I have sent John down to the gates to see if there is anything on the road: one can see a long way from thence in the direction of Millcote.” She went to the window. “Here he is!” said she. “Well, John” (leaning out), “any news?”

“They’re coming, ma’am,” was the answer. “They’ll be here in ten minutes.”

Adele flew to the window. I followed, taking care to stand on one side, so that, screened by the curtain, I could see without being seen.

The ten minutes John had given seemed very long, but at last wheels were heard; four equestrians galloped up the drive, and after them came two open carriages. Fluttering veils and waving plumes filled the vehicles; two of the cavaliers were young, dashing-looking gentlemen; the third was Mr. Rochester, on his black horse, Mesrour, Pilot bounding before him; at his side rode a lady, and he and she were the first of the party. Her purple riding-habit almost swept the ground, her veil streamed long on the breeze; mingling with its transparent folds, and gleaming through them, shone rich raven ringlets.

“Miss Ingram!” exclaimed Mrs. Fairfax, and away she hurried to her post below.

The cavalcade, following the sweep of the drive, quickly turned the angle of the house, and I lost sight of it. Adele now petitioned to go down; but I took her on my knee, and gave her to understand that she must not on any account think of venturing in sight of the ladies, either now or at any other time, unless expressly sent for: that Mr. Rochester would be very angry, &c. “Some natural tears she shed” on being told this; but as I began to look very grave, she consented at last to wipe them.

A joyous stir was now audible in the hall: gentlemen’s deep tones and ladies’ silvery accents

blent harmoniously together, and distinguishable above all, though not loud, was the sonorous voice of the master of Thornfield Hall, welcoming his fair and gallant guests under its roof. Then light steps ascended the stairs; and there was a tripping through the gallery, and soft cheerful laughs, and opening and closing doors, and, for a time, a hush.

“Elles changent de toilettes,” said Adele; who, listening attentively, had followed every movement; and she sighed.

“Chez maman,” said she, “quand il y avait du monde, je le suivais partout, au salon et e leurs chambres; souvent je regardais les femmes de chambre coiffer et habiller les dames, et c’etait si amusant: comme cela on apprend.”

“Don’t you feel hungry, Adele?”

“Mais oui, mademoiselle: voile cinq ou six heures que nous n’avons pas mange.”

“Well now, while the ladies are in their rooms, I will venture down and get you something to eat.”

And issuing from my asylum with precaution, I sought a back-stairs which conducted directly to the kitchen. All in that region was fire and commotion; the soup and fish were in the last stage of projection, and the cook hung over her crucibles in a frame of mind and body threatening spontaneous combustion. In the servants’ hall two coachmen and three gentlemen’s gentlemen stood or sat round the fire; the abigails, I suppose, were upstairs with their mistresses; the new servants, that had been hired from Millcote, were bustling about everywhere. Threading this chaos, I at last reached the larder; there I took possession of a cold chicken, a roll of bread, some tarts, a plate or two and a knife and fork: with this booty I made a hasty retreat. I had regained the gallery, and was just shutting the back-door behind me, when an accelerated hum warned me that the ladies were about to issue from their chambers. I could not proceed to the schoolroom without passing some of their doors, and running the risk of being surprised with my cargo of victualage; so I stood still at this end, which, being windowless, was dark: quite dark now, for the sun was set and twilight gathering.

Presently the chambers gave up their fair tenants one after another: each came out gaily and airily, with dress that gleamed lustrous through the dusk. For a moment they stood grouped together at the other extremity of the gallery, conversing in a key of sweet subdued vivacity: they then descended the staircase almost as noiselessly as a bright mist rolls down a hill. Their collective appearance had left on me an impression of high-born elegance, such as I had never before received.

I found Adele peeping through the schoolroom door, which she held ajar. “What beautiful ladies!” cried she in English. “Oh, I wish I might go to them! Do you think Mr. Rochester will send for us by-and-bye, after dinner?”

“No, indeed, I don’t; Mr. Rochester has something else to think about. Never mind the ladies to-night; perhaps you will see them to-morrow: here is your dinner.”

She was really hungry, so the chicken and tarts served to divert her attention for a time. It was well I secured this forage, or both she, I, and Sophie, to whom I conveyed a share of our repast, would have run a chance of getting no dinner at all: every one downstairs was too much engaged to think of us. The dessert was not carried out till after nine and at ten footmen were still running to and fro with trays and coffee-cups. I allowed Adele to sit up much later than usual; for she declared she could not possibly go to sleep while the doors kept opening and shutting below, and people bustling about. Besides, she added, a message might possibly come from Mr. Rochester when she was undressed; “et alors quel

dommage!”

I told her stories as long as she would listen to them; and then for a change I took her out into the gallery. The hall lamp was now lit, and it amused her to look over the balustrade and watch the servants passing backwards and forwards. When the evening was far advanced, a sound of music issued from the drawing-room, whither the piano had been removed; Adele and I sat down on the top step of the stairs to listen. Presently a voice blent with the rich tones of the instrument; it was a lady who sang, and very sweet her notes were. The solo over, a duet followed, and then a glee: a joyous conversational murmur filled up the intervals. I listened long: suddenly I discovered that my ear was wholly intent on analysing the mingled sounds, and trying to discriminate amidst the confusion of accents those of Mr. Rochester; and when it caught them, which it soon did, it found a further task in framing the tones, rendered by distance inarticulate, into words.

The clock struck eleven. I looked at Adele, whose head leant against my shoulder; her eyes were waxing heavy, so I took her up in my arms and carried her off to bed. It was near one before the gentlemen and ladies sought their chambers.

The next day was as fine as its predecessor: it was devoted by the party to an excursion to some site in the neighbourhood. They set out early in the forenoon, some on horseback, the rest in carriages; I witnessed both the departure and the return. Miss Ingram, as before, was the only lady equestrian; and, as before, Mr. Rochester galloped at her side; the two rode a little apart from the rest. I pointed out this circumstance to Mrs. Fairfax, who was standing at the window with me -

“You said it was not likely they should think of being married,” said I, “but you see Mr. Rochester evidently prefers her to any of the other ladies.”

“Yes, I daresay: no doubt he admires her.”

“And she him,” I added; “look how she leans her head towards him as if she were conversing confidentially; I wish I could see her face; I have never had a glimpse of it yet.”

“You will see her this evening,” answered Mrs. Fairfax. “I happened to remark to Mr. Rochester how much Adele wished to be introduced to the ladies, and he said: ‘Oh! let her come into the drawing-room after dinner; and request Miss Eyre to accompany her.’”

“Yes; he said that from mere politeness: I need not go, I am sure,” I answered.

“Well, I observed to him that as you were unused to company, I did not think you would like appearing before so gay a party -- all strangers; and he replied, in his quick way -- ‘Nonsense! If she objects, tell her it is my particular wish; and if she resists, say I shall come and fetch her in case of contumacy.’”

“I will not give him that trouble,” I answered. “I will go, if no better may be; but I don’t like it. Shall you be there, Mrs. Fairfax?”

“No; I pleaded off, and he admitted my plea. I’ll tell you how to manage so as to avoid the embarrassment of making a formal entrance, which is the most disagreeable part of the business. You must go into the drawing-room while it is empty, before the ladies leave the dinner-table; choose your seat in any quiet nook you like; you need not stay long after the gentlemen come in, unless you please: just let Mr. Rochester see you are there and then slip away -- nobody will notice you.”

“Will these people remain long, do you think?”

“Perhaps two or three weeks, certainly not more. After the Easter recess, Sir George Lynn, whc

was lately elected member for Millcote, will have to go up to town and take his seat; I daresay Mr. Rochester will accompany him: it surprises me that he has already made so protracted a stay at Thornfield.”

It was with some trepidation that I perceived the hour approach when I was to repair with my charge to the drawing-room. Adele had been in a state of ecstasy all day, after hearing she was to be presented to the ladies in the evening; and it was not till Sophie commenced the operation of dressing her that she sobered down. Then the importance of the process quickly steadied her, and by the time she had her curls arranged in well-smoothed, drooping clusters, her pink satin frock put on, her long sash tied, and her lace mittens adjusted, she looked as grave as any judge. No need to warn her not to disarrange her attire: when she was dressed, she sat demurely down in her little chair, taking care previously to lift up the satin skirt for fear she should crease it, and assured me she would not stir thence till I was ready. This I quickly was: my best dress (the silver-grey one, purchased for Miss Temple’s wedding, and never worn since) was soon put on; my hair was soon smoothed; my sole ornament, the pearl brooch, soon assumed. We descended.

Fortunately there was another entrance to the drawing-room than that through the saloon where they were all seated at dinner. We found the apartment vacant; a large fire burning silently on the marble hearth, and wax candles shining in bright solitude, amid the exquisite flowers with which the tables were adorned. The crimson curtain hung before the arch: slight as was the separation this drapery formed from the party in the adjoining saloon, they spoke in so low a key that nothing of their conversation could be distinguished beyond a soothing murmur.

Adele, who appeared to be still under the influence of a most solemnising impression, sat down, without a word, on the footstool I pointed out to her. I retired to a window-seat, and taking a book from a table near, endeavoured to read. Adele brought her stool to my feet; ere long she touched my knee.

“What is it, Adele?”

“Est-ce que je ne puis pas prendre une seule de ces fleurs magnifiques, mademoiselle? Seulement pour compléter ma toilette.”

“You think too much of your ‘toilette,’ Adele: but you may have a flower.” And I took a rose from a vase and fastened it in her sash. She sighed a sigh of ineffable satisfaction, as if her cup of happiness were now full. I turned my face away to conceal a smile I could not suppress: there was something ludicrous as well as painful in the little Parisienne’s earnest and innate devotion to matters of dress.

A soft sound of rising now became audible; the curtain was swept back from the arch; through it appeared the dining-room, with its lit lustre pouring down light on the silver and glass of a magnificent dessert-service covering a long table; a band of ladies stood in the opening; they entered, and the curtain fell behind them.

There were but eight; yet, somehow, as they flocked in, they gave the impression of a much larger number. Some of them were very tall; many were dressed in white; and all had a sweeping amplitude of array that seemed to magnify their persons as a mist magnifies the moon. I rose and curtsied to them: one or two bent their heads in return, the others only stared at me.

They dispersed about the room, reminding me, by the lightness and buoyancy of their movements, of a flock of white plummy birds. Some of them threw themselves in half-reclining positions on the sofas and ottomans: some bent over the tables and examined the flowers and books: the rest gathered in a group

round the fire: all talked in a low but clear tone which seemed habitual to them. I knew their names afterwards, and may as well mention them now.

First, there was Mrs. Eshton and two of her daughters. She had evidently been a handsome woman, and was well preserved still. Of her daughters, the eldest, Amy, was rather little: naive, and child-like in face and manner, and piquant in form; her white muslin dress and blue sash became her well. The second, Louisa, was taller and more elegant in figure; with a very pretty face, of that order the French term *minois chiffone*: both sisters were fair as lilies.

Lady Lynn was a large and stout personage of about forty, very erect, very haughty-looking, richly dressed in a satin robe of changeful sheen: her dark hair shone glossily under the shade of an azure plume, and within the circlet of a band of gems.

Mrs. Colonel Dent was less showy; but, I thought, more lady-like. She had a slight figure, a pale gentle face, and fair hair. Her black satin dress, her scarf of rich foreign lace, and her pearl ornaments, pleased me better than the rainbow radiance of the titled dame.

But the three most distinguished -- partly, perhaps, because the tallest figures of the band -- were the Dowager Lady Ingram and her daughters, Blanche and Mary. They were all three of the loftiest stature of women. The Dowager might be between forty and fifty: her shape was still fine; her hair (by candle-light at least) still black; her teeth, too, were still apparently perfect. Most people would have termed her a splendid woman of her age: and so she was, no doubt, physically speaking; but then there was an expression of almost insupportable haughtiness in her bearing and countenance. She had Roman features and a double chin, disappearing into a throat like a pillar: these features appeared to me not only inflated and darkened, but even furrowed with pride; and the chin was sustained by the same principle, in a position of almost preternatural erectness. She had, likewise, a fierce and a hard eye: it reminded me of Mrs. Reed's; she mouthed her words in speaking; her voice was deep, its inflections very pompous, very dogmatical, -- very intolerable, in short. A crimson velvet robe, and a shawl turban of some gold-wrought Indian fabric, invested her (I suppose she thought) with a truly imperial dignity.

Blanche and Mary were of equal stature, -- straight and tall as poplars. Mary was too slim for her height, but Blanche was moulded like a Dian. I regarded her, of course, with special interest. First, I wished to see whether her appearance accorded with Mrs. Fairfax's description; secondly, whether it at all resembled the fancy miniature I had painted of her; and thirdly -- it will out! -- whether it were such as I should fancy likely to suit Mr. Rochester's taste.

As far as person went, she answered point for point, both to my picture and Mrs. Fairfax's description. The noble bust, the sloping shoulders, the graceful neck, the dark eyes and black ringlets were all there; -- but her face? Her face was like her mother's; a youthful unfurrowed likeness: the same low brow, the same high features, the same pride. It was not, however, so saturnine a pride! she laughed continually; her laugh was satirical, and so was the habitual expression of her arched and haughty lip.

Genius is said to be self-conscious. I cannot tell whether Miss Ingram was a genius, but she was self-conscious -- remarkably self-conscious indeed. She entered into a discourse on botany with the gentle Mrs. Dent. It seemed Mrs. Dent had not studied that science: though, as she said, she liked flowers "especially wild ones;" Miss Ingram had, and she ran over its vocabulary with an air. I presently perceived she was (what is vernacularly termed) TRAILING Mrs. Dent; that is, playing on her ignorance -- her TRAIL might be clever, but it was decidedly not good-natured. She played: her execution was brilliant; she sang: her voice was fine; she talked French apart to her mamma; and she talked it well, with fluency and with a good accent.

Mary had a milder and more open countenance than Blanche; softer features too, and a skin some shades fairer (Miss Ingram was dark as a Spaniard) -- but Mary was deficient in life: her face lacked expression, her eye lustre; she had nothing to say, and having once taken her seat, remained fixed like a statue in its niche. The sisters were both attired in spotless white.

And did I now think Miss Ingram such a choice as Mr. Rochester would be likely to make? I could not tell -- I did not know his taste in female beauty. If he liked the majestic, she was the very type of majesty: then she was accomplished, sprightly. Most gentlemen would admire her, I thought; and that he DID admire her, I already seemed to have obtained proof: to remove the last shade of doubt, it remained but to see them together.

You are not to suppose, reader, that Adele has all this time been sitting motionless on the stool at my feet: no; when the ladies entered, she rose, advanced to meet them, made a stately reverence, and said with gravity -

“Bon jour, mesdames.”

And Miss Ingram had looked down at her with a mocking air, and exclaimed, “Oh, what a little puppet!”

Lady Lynn had remarked, “It is Mr. Rochester’s ward, I suppose -- the little French girl he was speaking of.”

Mrs. Dent had kindly taken her hand, and given her a kiss.

Amy and Louisa Eshton had cried out simultaneously -- “What a love of a child!”

And then they had called her to a sofa, where she now sat, ensconced between them, chattering alternately in French and broken English; absorbing not only the young ladies’ attention, but that of Mrs. Eshton and Lady Lynn, and getting spoilt to her heart’s content.

At last coffee is brought in, and the gentlemen are summoned. I sit in the shade -- if any shade there be in this brilliantly-lit apartment; the window-curtain half hides me. Again the arch yawns; they come. The collective appearance of the gentlemen, like that of the ladies, is very imposing: they are all costumed in black; most of them are tall, some young. Henry and Frederick Lynn are very dashing sparks indeed; and Colonel Dent is a fine soldierly man. Mr. Eshton, the magistrate of the district, is gentleman-like: his hair is quite white, his eyebrows and whiskers still dark, which gives him something of the appearance of a “père noble de theatre.” Lord Ingram, like his sisters, is very tall; like them, also, he is handsome; but he shares Mary’s apathetic and listless look: he seems to have more length of limb than vivacity of blood or vigour of brain.

And where is Mr. Rochester?

He comes in last: I am not looking at the arch, yet I see him enter. I try to concentrate my attention on those netting-needles, on the meshes of the purse I am forming -- I wish to think only of the work I have in my hands, to see only the silver beads and silk threads that lie in my lap; whereas, I distinctly behold his figure, and I inevitably recall the moment when I last saw it; just after I had rendered him, what he deemed, an essential service, and he, holding my hand, and looking down on my face, surveyed me with eyes that revealed a heart full and eager to overflow; in whose emotions I had a part. How near had I approached him at that moment! What had occurred since, calculated to change his and my relative positions? Yet now, how distant, how far estranged we were! So far estranged, that I did not expect him to come and speak to me. I did not wonder, when, without looking at me, he took a seat at the other side of the room, and began conversing with some of the ladies.

No sooner did I see that his attention was riveted on them, and that I might gaze without being observed, than my eyes were drawn involuntarily to his face; I could not keep their lids under control: they would rise, and the irids would fix on him. I looked, and had an acute pleasure in looking, -- a precious yet poignant pleasure; pure gold, with a steely point of agony: a pleasure like what the thirst-perishing man might feel who knows the well to which he has crept is poisoned, yet stoops and drinks divine draughts nevertheless.

Most true is it that "beauty is in the eye of the gazer." My master's colourless, olive face, square, massive brow, broad and jetty eyebrows, deep eyes, strong features, firm, grim mouth, -- all energy, decision, will, -- were not beautiful, according to rule; but they were more than beautiful to me; they were full of an interest, an influence that quite mastered me, -- that took my feelings from my own power and fettered them in his. I had not intended to love him; the reader knows I had wrought hard to extirpate from my soul the germs of love there detected; and now, at the first renewed view of him, they spontaneously arrived, green and strong! He made me love him without looking at me.

I compared him with his guests. What was the gallant grace of the Lynns, the languid elegance of Lord Ingram, -- even the military distinction of Colonel Dent, contrasted with his look of native pith and genuine power? I had no sympathy in their appearance, their expression: yet I could imagine that most observers would call them attractive, handsome, imposing; while they would pronounce Mr. Rochester at once harsh-featured and melancholy-looking. I saw them smile, laugh -- it was nothing; the light of the candles had as much soul in it as their smile; the tinkle of the bell as much significance as their laugh. I saw Mr. Rochester smile:-- his stern features softened; his eye grew both brilliant and gentle, its ray both searching and sweet. He was talking, at the moment, to Louisa and Amy Eshton. I wondered to see them receive with calm that look which seemed to me so penetrating: I expected their eyes to fall, their colour to rise under it; yet I was glad when I found they were in no sense moved. "He is not to them what he is to me," I thought: "he is not of their kind. I believe he is of mine; -- I am sure he is -- I feel akin to him -- I understand the language of his countenance and movements: though rank and wealth sever us widely, I have something in my brain and heart, in my blood and nerves, that assimilates me mentally to him. Did I say, a few days since, that I had nothing to do with him but to receive my salary at his hands? Did I forbid myself to think of him in any other light than as a paymaster? Blasphemy against nature! Every good, true, vigorous feeling I have gathers impulsively round him. I know I must conceal my sentiments: I must smother hope; I must remember that he cannot care much for me. For when I say that I am of his kind, I do not mean that I have his force to influence, and his spell to attract; I mean only that I have certain tastes and feelings in common with him. I must, then, repeat continually that we are for ever sundered:-- and yet, while I breathe and think, I must love him."

Coffee is handed. The ladies, since the gentlemen entered, have become lively as larks; conversation waxes brisk and merry. Colonel Dent and Mr. Eshton argue on politics; their wives listen. The two proud dowagers, Lady Lynn and Lady Ingram, confabulate together. Sir George -- whom, by-the-bye, I have forgotten to describe, -- a very big, and very fresh-looking country gentleman, stands before their sofa, coffee-cup in hand, and occasionally puts in a word. Mr. Frederick Lynn has taken a seat beside Mary Ingram, and is showing her the engravings of a splendid volume: she looks, smiles now and then, but apparently says little. The tall and phlegmatic Lord Ingram leans with folded arms on the chair-back of the little and lively Amy Eshton; she glances up at him, and chatters like a wren: she likes him better than she does Mr. Rochester. Henry Lynn has taken possession of an ottoman at the feet of Louisa: Adele shares it with him: he is trying to talk French with her, and Louisa laughs at his blunders. With whom will Blanche Ingram pair? She is standing alone at the table, bending gracefully over an album. She

seems waiting to be sought; but she will not wait too long: she herself selects a mate.

Mr. Rochester, having quitted the Eshtons, stands on the hearth as solitary as she stands by the table: she confronts him, taking her station on the opposite side of the mantelpiece.

“Mr. Rochester, I thought you were not fond of children?”

“Nor am I.”

“Then, what induced you to take charge of such a little doll as that?” (pointing to Adele). “Where did you pick her up?”

“I did not pick her up; she was left on my hands.”

“You should have sent her to school.”

“I could not afford it: schools are so dear.”

“Why, I suppose you have a governess for her: I saw a person with her just now -- is she gone? Oh, no! there she is still, behind the window-curtain. You pay her, of course; I should think it quite as expensive, -- more so; for you have them both to keep in addition.”

I feared -- or should I say, hoped? -- the allusion to me would make Mr. Rochester glance my way; and I involuntarily shrank farther into the shade: but he never turned his eyes.

“I have not considered the subject,” said he indifferently, looking straight before him.

“No, you men never do consider economy and common sense. You should hear mama on the chapter of governesses: Mary and I have had, I should think, a dozen at least in our day; half of them detestable and the rest ridiculous, and all incubi -- were they not, mama?”

“Did you speak, my own?”

The young lady thus claimed as the dowager’s special property, reiterated her question with an explanation.

“My dearest, don’t mention governesses; the word makes me nervous. I have suffered a martyrdom from their incompetency and caprice. I thank Heaven I have now done with them!”

Mrs. Dent here bent over to the pious lady and whispered something in her ear; I suppose, from the answer elicited, it was a reminder that one of the anathematised race was present.

“Tant pis!” said her Ladyship, “I hope it may do her good!” Then, in a lower tone, but still loud enough for me to hear, “I noticed her; I am a judge of physiognomy, and in hers I see all the faults of her class.”

“What are they, madam?” inquired Mr. Rochester aloud.

“I will tell you in your private ear,” replied she, wagging her turban three times with portentous significance.

“But my curiosity will be past its appetite; it craves food now.”

“Ask Blanche; she is nearer you than I.”

“Oh, don’t refer him to me, mama! I have just one word to say of the whole tribe; they are a nuisance. Not that I ever suffered much from them; I took care to turn the tables. What tricks Theodore and I used to play on our Miss Wilsons, and Mrs. Greys, and Madame Jouberts! Mary was always too sleep: to join in a plot with spirit. The best fun was with Madame Joubert: Miss Wilson was a poor sickly thing lachrymose and low-spirited, not worth the trouble of vanquishing, in short; and Mrs. Grey was coarse

and insensible; no blow took effect on her. But poor Madame Joubert! I see her yet in her raging passions, when we had driven her to extremities -- spilt our tea, crumbled our bread and butter, tossed our books up to the ceiling, and played a charivari with the ruler and desk, the fender and fire-irons. Theodore, do you remember those merry days?"

"Yaas, to be sure I do," drawled Lord Ingram; "and the poor old stick used to cry out 'Oh you villains child!' -- and then we sermonised her on the presumption of attempting to teach such clever blades as we were, when she was herself so ignorant."

"We did; and, Tedo, you know, I helped you in prosecuting (or persecuting) your tutor, whey-faced Mr. Vining -- the parson in the pip, as we used to call him. He and Miss Wilson took the liberty of falling in love with each other -- at least Tedo and I thought so; we surprised sundry tender glances and sighs which we interpreted as tokens of 'la belle passion,' and I promise you the public soon had the benefit of our discovery; we employed it as a sort of lever to hoist our dead-weights from the house. Dear mama, there, as soon as she got an inkling of the business, found out that it was of an immoral tendency. Did you not, my lady-mother?"

"Certainly, my best. And I was quite right: depend on that: there are a thousand reasons why liaisons between governesses and tutors should never be tolerated a moment in any well-regulated house; firstly -- "

"Oh, gracious, mama! Spare us the enumeration! Au reste, we all know them: danger of bad example to innocence of childhood; distractions and consequent neglect of duty on the part of the attached -- mutual alliance and reliance; confidence thence resulting -- insolence accompanying -- mutiny and general blow-up. Am I right, Baroness Ingram, of Ingram Park?"

"My lily-flower, you are right now, as always."

"Then no more need be said: change the subject."

Amy Eshton, not hearing or not heeding this dictum, joined in with her soft, infantine tone: "Louisa and I used to quiz our governess too; but she was such a good creature, she would bear anything: nothing put her out. She was never cross with us; was she, Louisa?"

"No, never: we might do what we pleased; ransack her desk and her workbox, and turn her drawers inside out; and she was so good-natured, she would give us anything we asked for."

"I suppose, now," said Miss Ingram, curling her lip sarcastically, "we shall have an abstract of the memoirs of all the governesses extant: in order to avert such a visitation, I again move the introduction of a new topic. Mr. Rochester, do you second my motion?"

"Madam, I support you on this point, as on every other."

"Then on me be the onus of bringing it forward. Signior Eduardo, are you in voice to-night?"

"Donna Bianca, if you command it, I will be."

"Then, signior, I lay on you my sovereign behest to furbish up your lungs and other vocal organs, as they will be wanted on my royal service."

"Who would not be the Rizzio of so divine a Mary?"

"A fig for Rizzio!" cried she, tossing her head with all its curls, as she moved to the piano. "It is my opinion the fiddler David must have been an insipid sort of fellow; I like black Bothwell better: to my mind a man is nothing without a spice of the devil in him; and history may say what it will of James

Hepburn, but I have a notion, he was just the sort of wild, fierce, bandit hero whom I could have consented to gift with my hand.”

“Gentlemen, you hear! Now which of you most resembles Bothwell?” cried Mr. Rochester.

“I should say the preference lies with you,” responded Colonel Dent.

“On my honour, I am much obliged to you,” was the reply.

Miss Ingram, who had now seated herself with proud grace at the piano, spreading out her snowy robes in queenly amplitude, commenced a brilliant prelude; talking meantime. She appeared to be on her high horse to-night; both her words and her air seemed intended to excite not only the admiration, but the amazement of her auditors: she was evidently bent on striking them as something very dashing and daring indeed.

“Oh, I am so sick of the young men of the present day!” exclaimed she, rattling away at the instrument. “Poor, puny things, not fit to stir a step beyond papa’s park gates: nor to go even so far without mama’s permission and guardianship! Creatures so absorbed in care about their pretty faces, and their white hands, and their small feet; as if a man had anything to do with beauty! As if loveliness were not the special prerogative of woman -- her legitimate appanage and heritage! I grant an ugly WOMAN is a blot on the fair face of creation; but as to the GENTLEMEN, let them be solicitous to possess only strength and valour: let their motto be:— Hunt, shoot, and fight: the rest is not worth a fillip. Such should be my device, were I a man.”

“Whenever I marry,” she continued after a pause which none interrupted, “I am resolved my husband shall not be a rival, but a foil to me. I will suffer no competitor near the throne; I shall exact an undivided homage: his devotions shall not be shared between me and the shape he sees in his mirror. Mr. Rochester, now sing, and I will play for you.”

“I am all obedience,” was the response.

“Here then is a Corsair-song. Know that I doat on Corsairs; and for that reason, sing it *cor spirito*.”

“Commands from Miss Ingram’s lips would put spirit into a mug of milk and water.”

“Take care, then: if you don’t please me, I will shame you by showing how such things **SHOULD** be done.”

“That is offering a premium on incapacity: I shall now endeavour to fail.”

“Gardez-vous en bien! If you err wilfully, I shall devise a proportionate punishment.”

“Miss Ingram ought to be clement, for she has it in her power to inflict a chastisement beyond mortal endurance.”

“Ha! explain!” commanded the lady.

“Pardon me, madam: no need of explanation; your own fine sense must inform you that one of your frowns would be a sufficient substitute for capital punishment.”

“Sing!” said she, and again touching the piano, she commenced an accompaniment in spirited style.

“Now is my time to slip away,” thought I: but the tones that then severed the air arrested me. Mrs. Fairfax had said Mr. Rochester possessed a fine voice: he did -- a mellow, powerful bass, into which he threw his own feeling, his own force; finding a way through the ear to the heart, and there

waking sensation strangely. I waited till the last deep and full vibration had expired -- till the tide of talk, checked an instant, had resumed its flow; I then quitted my sheltered corner and made my exit by the side-door, which was fortunately near. Thence a narrow passage led into the hall: in crossing it, I perceived my sandal was loose; I stopped to tie it, kneeling down for that purpose on the mat at the foot of the staircase. I heard the dining-room door unclose; a gentleman came out; rising hastily, I stood face to face with him: it was Mr. Rochester.

“How do you do?” he asked.

“I am very well, sir.”

“Why did you not come and speak to me in the room?”

I thought I might have retorted the question on him who put it: but I would not take that freedom. I answered -

“I did not wish to disturb you, as you seemed engaged, sir.”

“What have you been doing during my absence?”

“Nothing particular; teaching Adele as usual.”

“And getting a good deal paler than you were -- as I saw at first sight. What is the matter?”

“Nothing at all, sir.”

“Did you take any cold that night you half drowned me?”

“Not the least.”

“Return to the drawing-room: you are deserting too early.”

“I am tired, sir.”

He looked at me for a minute.

“And a little depressed,” he said. “What about? Tell me.”

“Nothing -- nothing, sir. I am not depressed.”

“But I affirm that you are: so much depressed that a few more words would bring tears to your eyes -- indeed, they are there now, shining and swimming; and a bead has slipped from the lash and fallen on to the flag. If I had time, and was not in mortal dread of some prating prig of a servant passing, I would know what all this means. Well, to-night I excuse you; but understand that so long as my visitors stay, I expect you to appear in the drawing-room every evening; it is my wish; don't neglect it. Now go, and send Sophie for Adele. Good-night, my -- “ He stopped, bit his lip, and abruptly left me.

CHAPTER XVIII

Merry days were these at Thornfield Hall; and busy days too: how different from the first three months of stillness, monotony, and solitude I had passed beneath its roof! All sad feelings seemed now driven from the house, all gloomy associations forgotten: there was life everywhere, movement all day long. You could not now traverse the gallery, once so hushed, nor enter the front chambers, once so tenantless, without encountering a smart lady's-maid or a dandy valet.

The kitchen, the butler's pantry, the servants' hall, the entrance hall, were equally alive; and the saloons were only left void and still when the blue sky and halcyon sunshine of the genial spring weather called their occupants out into the grounds. Even when that weather was broken, and continuous rain set in for some days, no damp seemed cast over enjoyment: indoor amusements only became more lively and varied, in consequence of the stop put to outdoor gaiety.

I wondered what they were going to do the first evening a change of entertainment was proposed: they spoke of "playing charades," but in my ignorance I did not understand the term. The servants were called in, the dining-room tables wheeled away, the lights otherwise disposed, the chairs placed in a semicircle opposite the arch. While Mr. Rochester and the other gentlemen directed these alterations, the ladies were running up and down stairs ringing for their maids. Mrs. Fairfax was summoned to give information respecting the resources of the house in shawls, dresses, draperies of any kind; and certain wardrobes of the third storey were ransacked, and their contents, in the shape of brocaded and hooped petticoats, satin sacques, black modes, lace lappets, &c., were brought down in armfuls by the abigails; then a selection was made, and such things as were chosen were carried to the boudoir within the drawing-room.

Meantime, Mr. Rochester had again summoned the ladies round him, and was selecting certain of their number to be of his party. "Miss Ingram is mine, of course," said he: afterwards he named the two Misses Eshton, and Mrs. Dent. He looked at me: I happened to be near him, as I had been fastening the clasp of Mrs. Dent's bracelet, which had got loose.

"Will you play?" he asked. I shook my head. He did not insist, which I rather feared he would have done; he allowed me to return quietly to my usual seat.

He and his aids now withdrew behind the curtain: the other party, which was headed by Colonel Dent, sat down on the crescent of chairs. One of the gentlemen, Mr. Eshton, observing me, seemed to propose that I should be asked to join them; but Lady Ingram instantly negatived the notion.

"No," I heard her say: "she looks too stupid for any game of the sort."

Ere long a bell tinkled, and the curtain drew up. Within the arch, the bulky figure of Sir George Lynn, whom Mr. Rochester had likewise chosen, was seen enveloped in a white sheet: before him, on a table, lay open a large book; and at his side stood Amy Eshton, draped in Mr. Rochester's cloak, and holding a book in her hand. Somebody, unseen, rang the bell merrily; then Adele (who had insisted on being one of her guardian's party), bounded forward, scattering round her the contents of a basket of flowers she carried on her arm. Then appeared the magnificent figure of Miss Ingram, clad in white, a long veil on her head, and a wreath of roses round her brow; by her side walked Mr. Rochester, and together they drew near the table. They knelt; while Mrs. Dent and Louisa Eshton, dressed also in white took up their stations behind them. A ceremony followed, in dumb show, in which it was easy to

recognise the pantomime of a marriage. At its termination, Colonel Dent and his party consulted in whispers for two minutes, then the Colonel called out -

“Bride!” Mr. Rochester bowed, and the curtain fell.

A considerable interval elapsed before it again rose. Its second rising displayed a more elaborately prepared scene than the last. The drawing-room, as I have before observed, was raised two steps above the dining-room, and on the top of the upper step, placed a yard or two back within the room, appeared a large marble basin -- which I recognised as an ornament of the conservatory -- where it usually stood, surrounded by exotics, and tenanted by gold fish -- and whence it must have been transported with some trouble, on account of its size and weight.

Seated on the carpet, by the side of this basin, was seen Mr. Rochester, costumed in shawls, with a turban on his head. His dark eyes and swarthy skin and Paynim features suited the costume exactly: he looked the very model of an Eastern emir, an agent or a victim of the bowstring. Presently advanced into view Miss Ingram. She, too, was attired in oriental fashion: a crimson scarf tied sash-like round the waist: an embroidered handkerchief knotted about her temples; her beautifully-moulded arms bare, one of them upraised in the act of supporting a pitcher, poised gracefully on her head. Both her cast of form and feature, her complexion and her general air, suggested the idea of some Israelitish princess of the patriarchal days; and such was doubtless the character she intended to represent.

She approached the basin, and bent over it as if to fill her pitcher; she again lifted it to her head. The personage on the well-brink now seemed to accost her; to make some request:- “She hastened, let down her pitcher on her hand, and gave him to drink.” From the bosom of his robe he then produced a casket, opened it and showed magnificent bracelets and earrings; she acted astonishment and admiration; kneeling, he laid the treasure at her feet; incredulity and delight were expressed by her looks and gestures; the stranger fastened the bracelets on her arms and the rings in her ears. It was Eliezer and Rebecca: the camels only were wanting.

The divining party again laid their heads together: apparently they could not agree about the word or syllable the scene illustrated. Colonel Dent, their spokesman, demanded “the tableau of the whole;” whereupon the curtain again descended.

On its third rising only a portion of the drawing-room was disclosed; the rest being concealed by a screen, hung with some sort of dark and coarse drapery. The marble basin was removed; in its place, stood a deal table and a kitchen chair: these objects were visible by a very dim light proceeding from a horn lantern, the wax candles being all extinguished.

Amidst this sordid scene, sat a man with his clenched hands resting on his knees, and his eyes bent on the ground. I knew Mr. Rochester; though the begrimed face, the disordered dress (his coat hanging loose from one arm, as if it had been almost torn from his back in a scuffle), the desperate and scowling countenance, the rough, bristling hair might well have disguised him. As he moved, a chain clanked; to his wrists were attached fetters.

“Bridewell!” exclaimed Colonel Dent, and the charade was solved.

A sufficient interval having elapsed for the performers to resume their ordinary costume, they re-entered the dining-room. Mr. Rochester led in Miss Ingram; she was complimenting him on his acting.

“Do you know,” said she, “that, of the three characters, I liked you in the last best? Oh, had you but lived a few years earlier, what a gallant gentleman-highwayman you would have made!”

“Is all the soot washed from my face?” he asked, turning it towards her.

“Alas! yes: the more’s the pity! Nothing could be more becoming to your complexion than that ruffian’s rouge.”

“You would like a hero of the road then?”

“An English hero of the road would be the next best thing to an Italian bandit; and that could only be surpassed by a Levantine pirate.”

“Well, whatever I am, remember you are my wife; we were married an hour since, in the presence of all these witnesses.” She giggled, and her colour rose.

“Now, Dent,” continued Mr. Rochester, “it is your turn.” And as the other party withdrew, he and his band took the vacated seats. Miss Ingram placed herself at her leader’s right hand; the other diviners filled the chairs on each side of him and her. I did not now watch the actors; I no longer waited with interest for the curtain to rise; my attention was absorbed by the spectators; my eyes, erewhile fixed on the arch, were now irresistibly attracted to the semicircle of chairs. What charade Colonel Dent and his party played, what word they chose, how they acquitted themselves, I no longer remember; but I still see the consultation which followed each scene: I see Mr. Rochester turn to Miss Ingram, and Miss Ingram to him; I see her incline her head towards him, till the jetty curls almost touch his shoulder and wave against his cheek; I hear their mutual whisperings; I recall their interchanged glances; and something even of the feeling roused by the spectacle returns in memory at this moment.

I have told you, reader, that I had learnt to love Mr. Rochester: I could not unlove him now, merely because I found that he had ceased to notice me -- because I might pass hours in his presence, and he would never once turn his eyes in my direction -- because I saw all his attentions appropriated by a great lady, who scorned to touch me with the hem of her robes as she passed; who, if ever her dark and imperious eye fell on me by chance, would withdraw it instantly as from an object too mean to merit observation. I could not unlove him, because I felt sure he would soon marry this very lady -- because I read daily in her a proud security in his intentions respecting her -- because I witnessed hourly in him a style of courtship which, if careless and choosing rather to be sought than to seek, was yet, in its very carelessness, captivating, and in its very pride, irresistible.

There was nothing to cool or banish love in these circumstances, though much to create despair. Much too, you will think, reader, to engender jealousy: if a woman, in my position, could presume to be jealous of a woman in Miss Ingram’s. But I was not jealous: or very rarely; -- the nature of the pain I suffered could not be explained by that word. Miss Ingram was a mark beneath jealousy: she was too inferior to excite the feeling. Pardon the seeming paradox; I mean what I say. She was very showy, but she was not genuine: she had a fine person, many brilliant attainments; but her mind was poor, her heart barren by nature: nothing bloomed spontaneously on that soil; no unforced natural fruit delighted by its freshness. She was not good; she was not original: she used to repeat sounding phrases from books: she never offered, nor had, an opinion of her own. She advocated a high tone of sentiment; but she did not know the sensations of sympathy and pity; tenderness and truth were not in her. Too often she betrayed this, by the undue vent she gave to a spiteful antipathy she had conceived against little Adele: pushing her away with some contumelious epithet if she happened to approach her; sometimes ordering her from the room, and always treating her with coldness and acrimony. Other eyes besides mine watched these manifestations of character -- watched them closely, keenly, shrewdly. Yes; the future bridegroom, Mr. Rochester himself, exercised over his intended a ceaseless surveillance; and it was from this sagacity -- this guardedness of his -- this perfect, clear consciousness of his fair one’s defects -- this obvious absence of passion in his sentiments towards her, that my ever-torturing pain arose.

I saw he was going to marry her, for family, perhaps political reasons, because her rank and connections suited him; I felt he had not given her his love, and that her qualifications were ill adapted to win from him that treasure. This was the point -- this was where the nerve was touched and teased -- this was where the fever was sustained and fed: SHE COULD NOT CHARM HIM.

If she had managed the victory at once, and he had yielded and sincerely laid his heart at her feet, I should have covered my face, turned to the wall, and (figuratively) have died to them. If Miss Ingran had been a good and noble woman, endowed with force, fervour, kindness, sense, I should have had one vital struggle with two tigers -- jealousy and despair: then, my heart torn out and devoured, I should have admired her -- acknowledged her excellence, and been quiet for the rest of my days: and the more absolute her superiority, the deeper would have been my admiration -- the more truly tranquil my quiescence. But as matters really stood, to watch Miss Ingram's efforts at fascinating Mr. Rochester, to witness their repeated failure -- herself unconscious that they did fail; vainly fancying that each shaft launched hit the mark, and infatuatedly pluming herself on success, when her pride and self-complacency repelled further and further what she wished to allure -- to witness THIS, was to be at once under ceaseless excitation and ruthless restraint.

Because, when she failed, I saw how she might have succeeded. Arrows that continually glanced off from Mr. Rochester's breast and fell harmless at his feet, might, I knew, if shot by a surer hand, have quivered keen in his proud heart -- have called love into his stern eye, and softness into his sardonic face; or, better still, without weapons a silent conquest might have been won.

"Why can she not influence him more, when she is privileged to draw so near to him?" I asked myself. "Surely she cannot truly like him, or not like him with true affection! If she did, she need not coin her smiles so lavishly, flash her glances so unremittingly, manufacture airs so elaborate, graces so multitudinous. It seems to me that she might, by merely sitting quietly at his side, saying little and looking less, get nigher his heart. I have seen in his face a far different expression from that which hardens it now while she is so vivaciously accosting him; but then it came of itself: it was not elicited by meretricious arts and calculated manoeuvres; and one had but to accept it -- to answer what he asked without pretension, to address him when needful without grimace -- and it increased and grew kinder and more genial, and warmed one like a fostering sunbeam. How will she manage to please him when they are married? I do not think she will manage it; and yet it might be managed; and his wife might, I verily believe, be the very happiest woman the sun shines on."

I have not yet said anything condemnatory of Mr. Rochester's project of marrying for interest and connections. It surprised me when I first discovered that such was his intention: I had thought him a man unlikely to be influenced by motives so commonplace in his choice of a wife; but the longer I considered the position, education, &c., of the parties, the less I felt justified in judging and blaming either him or Miss Ingram for acting in conformity to ideas and principles instilled into them, doubtless, from their childhood. All their class held these principles: I supposed, then, they had reasons for holding them such as I could not fathom. It seemed to me that, were I a gentleman like him, I would take to my bosom only such a wife as I could love; but the very obviousness of the advantages to the husband's own happiness offered by this plan convinced me that there must be arguments against its general adoption of which I was quite ignorant: otherwise I felt sure all the world would act as I wished to act.

But in other points, as well as this, I was growing very lenient to my master: I was forgetting all his faults, for which I had once kept a sharp look-out. It had formerly been my endeavour to study all sides of his character: to take the bad with the good; and from the just weighing of both, to form an equitable

judgment. Now I saw no bad. The sarcasm that had repelled, the harshness that had startled me once, were only like keen condiments in a choice dish: their presence was pungent, but their absence would be felt as comparatively insipid. And as for the vague something -- was it a sinister or a sorrowful, a designing or a desponding expression? -- that opened upon a careful observer, now and then, in his eye, and closed again before one could fathom the strange depth partially disclosed; that something which used to make me fear and shrink, as if I had been wandering amongst volcanic-looking hills, and had suddenly felt the ground quiver and seen it gape: that something, I, at intervals, beheld still; and with throbbing heart, but not with palsied nerves. Instead of wishing to shun, I longed only to dare -- to divine it; and I thought Miss Ingram happy, because one day she might look into the abyss at her leisure, explore its secrets and analyse their nature.

Meantime, while I thought only of my master and his future bride -- saw only them, heard only their discourse, and considered only their movements of importance -- the rest of the party were occupied with their own separate interests and pleasures. The Ladies Lynn and Ingram continued to consort in solemn conferences, where they nodded their two turbans at each other, and held up their four hands in confronting gestures of surprise, or mystery, or horror, according to the theme on which their gossip ran, like a pair of magnified puppets. Mild Mrs. Dent talked with good-natured Mrs. Eshton; and the two sometimes bestowed a courteous word or smile on me. Sir George Lynn, Colonel Dent, and Mr. Eshton discussed politics, or county affairs, or justice business. Lord Ingram flirted with Amy Eshton; Louise played and sang to and with one of the Messrs. Lynn; and Mary Ingram listened languidly to the gallant speeches of the other. Sometimes all, as with one consent, suspended their by-play to observe and listen to the principal actors: for, after all, Mr. Rochester and -- because closely connected with him -- Miss Ingram were the life and soul of the party. If he was absent from the room an hour, a perceptible dulness seemed to steal over the spirits of his guests; and his re-entrance was sure to give a fresh impulse to the vivacity of conversation.

The want of his animating influence appeared to be peculiarly felt one day that he had been summoned to Millcote on business, and was not likely to return till late. The afternoon was wet: a walk the party had proposed to take to see a gipsy camp, lately pitched on a common beyond Hay, was consequently deferred. Some of the gentlemen were gone to the stables: the younger ones, together with the younger ladies, were playing billiards in the billiard-room. The dowagers Ingram and Lynn sought solace in a quiet game at cards. Blanche Ingram, after having repelled, by supercilious taciturnity, some efforts of Mrs. Dent and Mrs. Eshton to draw her into conversation, had first murmured over some sentimental tunes and airs on the piano, and then, having fetched a novel from the library, had flung herself in haughty listlessness on a sofa, and prepared to beguile, by the spell of fiction, the tedious hours of absence. The room and the house were silent: only now and then the merriment of the billiard-players was heard from above.

It was verging on dusk, and the clock had already given warning of the hour to dress for dinner, when little Adele, who knelt by me in the drawing-room window-seat, suddenly exclaimed -

“Voile, Monsieur Rochester, qui revient!”

I turned, and Miss Ingram darted forwards from her sofa: the others, too, looked up from their several occupations; for at the same time a crunching of wheels and a splashing tramp of horse-hoofs became audible on the wet gravel. A post-chaise was approaching.

“What can possess him to come home in that style?” said Miss Ingram. “He rode Mesrour (the black horse), did he not, when he went out? and Pilot was with him: - what has he done with the animals?”

As she said this, she approached her tall person and ample garments so near the window, that I was obliged to bend back almost to the breaking of my spine: in her eagerness she did not observe me at first, but when she did, she curled her lip and moved to another casement. The post-chaise stopped; the driver rang the door-bell, and a gentleman alighted attired in travelling garb; but it was not Mr. Rochester; it was a tall, fashionable-looking man, a stranger.

“How provoking!” exclaimed Miss Ingram: “you tiresome monkey!” (apostrophising Adele), “who perched you up in the window to give false intelligence?” and she cast on me an angry glance, as if I were in fault.

Some parleying was audible in the hall, and soon the new-comer entered. He bowed to Lady Ingram, as deeming her the eldest lady present.

“It appears I come at an inopportune time, madam,” said he, “when my friend, Mr. Rochester, is from home; but I arrive from a very long journey, and I think I may presume so far on old and intimate acquaintance as to instal myself here till he returns.”

His manner was polite; his accent, in speaking, struck me as being somewhat unusual, -- not precisely foreign, but still not altogether English: his age might be about Mr. Rochester’s, -- between thirty and forty; his complexion was singularly sallow: otherwise he was a fine-looking man, at first sight especially. On closer examination, you detected something in his face that displeased, or rather that failed to please. His features were regular, but too relaxed: his eye was large and well cut, but the life looking out of it was a tame, vacant life -- at least so I thought.

The sound of the dressing-bell dispersed the party. It was not till after dinner that I saw him again: he then seemed quite at his ease. But I liked his physiognomy even less than before: it struck me as being at the same time unsettled and inanimate. His eye wandered, and had no meaning in its wandering: this gave him an odd look, such as I never remembered to have seen. For a handsome and not an unamiable-looking man, he repelled me exceedingly: there was no power in that smooth-skinned face of a full oval shape: no firmness in that aquiline nose and small cherry mouth; there was no thought on the low, even forehead; no command in that blank, brown eye.

As I sat in my usual nook, and looked at him with the light of the girandoles on the mantelpiece beaming full over him -- for he occupied an arm-chair drawn close to the fire, and kept shrinking still nearer, as if he were cold, I compared him with Mr. Rochester. I think (with deference be it spoken) the contrast could not be much greater between a sleek gander and a fierce falcon: between a meek sheep and the rough-coated keen-eyed dog, its guardian.

He had spoken of Mr. Rochester as an old friend. A curious friendship theirs must have been: a pointed illustration, indeed, of the old adage that “extremes meet.”

Two or three of the gentlemen sat near him, and I caught at times scraps of their conversation across the room. At first I could not make much sense of what I heard; for the discourse of Louisa Eshtor and Mary Ingram, who sat nearer to me, confused the fragmentary sentences that reached me at intervals. These last were discussing the stranger; they both called him “a beautiful man.” Louisa said he was “a love of a creature,” and she “adored him;” and Mary instanced his “pretty little mouth, and nice nose,” as her ideal of the charming.

“And what a sweet-tempered forehead he has!” cried Louisa, -- “so smooth -- none of those frowning irregularities I dislike so much; and such a placid eye and smile!”

And then, to my great relief, Mr. Henry Lynn summoned them to the other side of the room, to

settle some point about the deferred excursion to Hay Common.

I was now able to concentrate my attention on the group by the fire, and I presently gathered that the new-comer was called Mr. Mason; then I learned that he was but just arrived in England, and that he came from some hot country: which was the reason, doubtless, his face was so sallow, and that he sat so near the hearth, and wore a surtout in the house. Presently the words Jamaica, Kingston, Spanish Town, indicated the West Indies as his residence; and it was with no little surprise I gathered, ere long, that he had there first seen and become acquainted with Mr. Rochester. He spoke of his friend's dislike of the burning heats, the hurricanes, and rainy seasons of that region. I knew Mr. Rochester had been a traveller: Mrs. Fairfax had said so; but I thought the continent of Europe had bounded his wanderings; till now I had never heard a hint given of visits to more distant shores.

I was pondering these things, when an incident, and a somewhat unexpected one, broke the thread of my musings. Mr. Mason, shivering as some one chanced to open the door, asked for more coal to be put on the fire, which had burnt out its flame, though its mass of cinder still shone hot and red. The footman who brought the coal, in going out, stopped near Mr. Eshton's chair, and said something to him in a low voice, of which I heard only the words, "old woman," -- "quite troublesome."

"Tell her she shall be put in the stocks if she does not take herself off," replied the magistrate.

"No -- stop!" interrupted Colonel Dent. "Don't send her away, Eshton; we might turn the thing to account; better consult the ladies." And speaking aloud, he continued -- "Ladies, you talked of going to Hay Common to visit the gipsy camp; Sam here says that one of the old Mother Bunches is in the servants' hall at this moment, and insists upon being brought in before 'the quality,' to tell them their fortunes. Would you like to see her?"

"Surely, colonel," cried Lady Ingram, "you would not encourage such a low impostor? Dismiss her, by all means, at once!"

"But I cannot persuade her to go away, my lady," said the footman; "nor can any of the servants: Mrs. Fairfax is with her just now, entreating her to be gone; but she has taken a chair in the chimney-comer, and says nothing shall stir her from it till she gets leave to come in here."

"What does she want?" asked Mrs. Eshton.

"To tell the gentry their fortunes," she says, ma'am; and she swears she must and will do it."

"What is she like?" inquired the Misses Eshton, in a breath.

"A shockingly ugly old creature, miss; almost as black as a crock."

"Why, she's a real sorceress!" cried Frederick Lynn. "Let us have her in, of course."

"To be sure," rejoined his brother; "it would be a thousand pities to throw away such a chance of fun."

"My dear boys, what are you thinking about?" exclaimed Mrs. Lynn.

"I cannot possibly countenance any such inconsistent proceeding," chimed in the Dowager Ingram.

"Indeed, mama, but you can -- and will," pronounced the haughty voice of Blanche, as she turned round on the piano-stool; where till now she had sat silent, apparently examining sundry sheets of music. "I have a curiosity to hear my fortune told: therefore, Sam, order the beldame forward."

"My darling Blanche! recollect -- "

“I do -- I recollect all you can suggest; and I must have my will -- quick, Sam!”

“Yes -- yes -- yes!” cried all the juveniles, both ladies and gentlemen. “Let her come -- it will be excellent sport!”

The footman still lingered. “She looks such a rough one,” said he.

“Go!” ejaculated Miss Ingram, and the man went.

Excitement instantly seized the whole party: a running fire of raillery and jests was proceeding when Sam returned.

“She won’t come now,” said he. “She says it’s not her mission to appear before the ‘vulgar herd’ (them’s her words). I must show her into a room by herself, and then those who wish to consult her must go to her one by one.”

“You see now, my queenly Blanche,” began Lady Ingram, “she encroaches. Be advised, my angel girl -- and -- “

“Show her into the library, of course,” cut in the “angel girl.” “It is not my mission to listen to her before the vulgar herd either: I mean to have her all to myself. Is there a fire in the library?”

“Yes, ma’am -- but she looks such a tinkler.”

“Cease that chatter, blockhead! and do my bidding.”

Again Sam vanished; and mystery, animation, expectation rose to full flow once more.

“She’s ready now,” said the footman, as he reappeared. “She wishes to know who will be her first visitor.”

“I think I had better just look in upon her before any of the ladies go,” said Colonel Dent.

“Tell her, Sam, a gentleman is coming.”

Sam went and returned.

“She says, sir, that she’ll have no gentlemen; they need not trouble themselves to come near her; nor,” he added, with difficulty suppressing a titter, “any ladies either, except the young, and single.”

“By Jove, she has taste!” exclaimed Henry Lynn.

Miss Ingram rose solemnly: “I go first,” she said, in a tone which might have befitted the leader of a forlorn hope, mounting a breach in the van of his men.

“Oh, my best! oh, my dearest! pause -- reflect!” was her mama’s cry; but she swept past her in stately silence, passed through the door which Colonel Dent held open, and we heard her enter the library.

A comparative silence ensued. Lady Ingram thought it “le cas” to wring her hands: which she did accordingly. Miss Mary declared she felt, for her part, she never dared venture. Amy and Louisa Esstor tittered under their breath, and looked a little frightened.

The minutes passed very slowly: fifteen were counted before the library-door again opened. Miss Ingram returned to us through the arch.

Would she laugh? Would she take it as a joke? All eyes met her with a glance of eager curiosity, and she met all eyes with one of rebuff and coldness; she looked neither flurried nor merry: she walked stiffly to her seat, and took it in silence.

“Well, Blanche?” said Lord Ingram.

“What did she say, sister?” asked Mary.

“What did you think? How do you feel? -- Is she a real fortune-teller?” demanded the Misses Eshton.

“Now, now, good people,” returned Miss Ingram, “don’t press upon me. Really your organs of wonder and credulity are easily excited: you seem, by the importance of you all -- my good mama included -- ascribe to this matter, absolutely to believe we have a genuine witch in the house, who is in close alliance with the old gentleman. I have seen a gipsy vagabond; she has practised in hackneyed fashion the science of palmistry and told me what such people usually tell. My whim is gratified; and now I think Mr. Eshton will do well to put the hag in the stocks to-morrow morning, as he threatened.”

Miss Ingram took a book, leant back in her chair, and so declined further conversation. I watched her for nearly half-an-hour: during all that time she never turned a page, and her face grew momentarily darker, more dissatisfied, and more sourly expressive of disappointment. She had obviously not heard anything to her advantage: and it seemed to me, from her prolonged fit of gloom and taciturnity, that she herself, notwithstanding her professed indifference, attached undue importance to whatever revelations had been made her.

Meantime, Mary Ingram, Amy and Louisa Eshton, declared they dared not go alone; and yet they all wished to go. A negotiation was opened through the medium of the ambassador, Sam; and after much pacing to and fro, till, I think, the said Sam’s calves must have ached with the exercise, permission was at last, with great difficulty, extorted from the rigorous Sibyl, for the three to wait upon her in a body.

Their visit was not so still as Miss Ingram’s had been: we heard hysterical giggling and little shrieks proceeding from the library; and at the end of about twenty minutes they burst the door open, and came running across the hall, as if they were half-scared out of their wits.

“I am sure she is something not right!” they cried, one and all. “She told us such things! She knows all about us!” and they sank breathless into the various seats the gentlemen hastened to bring them.

Pressed for further explanation, they declared she had told them of things they had said and done when they were mere children; described books and ornaments they had in their boudoirs at home: keepsakes that different relations had presented to them. They affirmed that she had even divined their thoughts, and had whispered in the ear of each the name of the person she liked best in the world, and informed them of what they most wished for.

Here the gentlemen interposed with earnest petitions to be further enlightened on these two last-named points; but they got only blushes, ejaculations, tremors, and titters, in return for their importunity. The matrons, meantime, offered vinaigrettes and wielded fans; and again and again reiterated the expression of their concern that their warning had not been taken in time; and the elder gentlemen laughed, and the younger urged their services on the agitated fair ones.

In the midst of the tumult, and while my eyes and ears were fully engaged in the scene before me, I heard a hem close at my elbow: I turned, and saw Sam.

“If you please, miss, the gipsy declares that there is another young single lady in the room who has not been to her yet, and she swears she will not go till she has seen all. I thought it must be you: there is no one else for it. What shall I tell her?”

“Oh, I will go by all means,” I answered: and I was glad of the unexpected opportunity to gratify my much-excited curiosity. I slipped out of the room, unobserved by any eye -- for the company were gathered in one mass about the trembling trio just returned -- and I closed the door quietly behind me.

“If you like, miss,” said Sam, “I’ll wait in the hall for you; and if she frightens you, just call and I’ll come in.”

“No, Sam, return to the kitchen: I am not in the least afraid.” Nor was I; but I was a good deal interested and excited.

CHAPTER XIX

The library looked tranquil enough as I entered it, and the Sibyl -- if Sibyl she were -- was seated snugly enough in an easy-chair at the chimney-corner. She had on a red cloak and a black bonnet: or rather, a broad-brimmed gipsy hat, tied down with a striped handkerchief under her chin. An extinguished candle stood on the table; she was bending over the fire, and seemed reading in a little black book, like a prayer-book, by the light of the blaze: she muttered the words to herself, as most old women do, while she read; she did not desist immediately on my entrance: it appeared she wished to finish a paragraph.

I stood on the rug and warmed my hands, which were rather cold with sitting at a distance from the drawing-room fire. I felt now as composed as ever I did in my life: there was nothing indeed in the gipsy's appearance to trouble one's calm. She shut her book and slowly looked up; her hat-brim partially shaded her face, yet I could see, as she raised it, that it was a strange one. It looked all brown and black: elf-locks bristled out from beneath a white band which passed under her chin, and came half over her cheeks, or rather jaws: her eye confronted me at once, with a bold and direct gaze.

"Well, and you want your fortune told?" she said, in a voice as decided as her glance, as harsh as her features.

"I don't care about it, mother; you may please yourself: but I ought to warn you, I have no faith."

"It's like your impudence to say so: I expected it of you; I heard it in your step as you crossed the threshold."

"Did you? You've a quick ear."

"I have; and a quick eye and a quick brain."

"You need them all in your trade."

"I do; especially when I've customers like you to deal with. Why don't you tremble?"

"I'm not cold."

"Why don't you turn pale?"

"I am not sick."

"Why don't you consult my art?"

"I'm not silly."

The old crone "nichered" a laugh under her bonnet and bandage; she then drew out a short black pipe, and lighting it began to smoke. Having indulged a while in this sedative, she raised her bent body, took the pipe from her lips, and while gazing steadily at the fire, said very deliberately -- "You are cold; you are sick; and you are silly."

"Prove it," I rejoined.

"I will, in few words. You are cold, because you are alone: no contact strikes the fire from you that is in you. You are sick; because the best of feelings, the highest and the sweetest given to man, keeps far away from you. You are silly, because, suffer as you may, you will not beckon it to approach, nor will you stir one step to meet it where it waits you."

She again put her short black pipe to her lips, and renewed her smoking with vigour.

“You might say all that to almost any one who you knew lived as a solitary dependent in a great house.”

“I might say it to almost any one: but would it be true of almost any one?”

“In my circumstances.”

“Yes; just so, in YOUR circumstances: but find me another precisely placed as you are.”

“It would be easy to find you thousands.”

“You could scarcely find me one. If you knew it, you are peculiarly situated: very near happiness; yes, within reach of it. The materials are all prepared; there only wants a movement to combine them. Chance laid them somewhat apart; let them be once approached and bliss results.”

“I don’t understand enigmas. I never could guess a riddle in my life.”

“If you wish me to speak more plainly, show me your palm.”

“And I must cross it with silver, I suppose?”

“To be sure.”

I gave her a shilling: she put it into an old stocking-foot which she took out of her pocket, and having tied it round and returned it, she told me to hold out my hand. I did. She arched her face to the palm, and pored over it without touching it.

“It is too fine,” said she. “I can make nothing of such a hand as that; almost without lines: besides, what is in a palm? Destiny is not written there.”

“I believe you,” said I.

“No,” she continued, “it is in the face: on the forehead, about the eyes, in the lines of the mouth. Kneel, and lift up your head.”

“Ah! now you are coming to reality,” I said, as I obeyed her. “I shall begin to put some faith in you presently.”

I knelt within half a yard of her. She stirred the fire, so that a ripple of light broke from the disturbed coal: the glare, however, as she sat, only threw her face into deeper shadow: mine, it illumined.

“I wonder with what feelings you came to me to-night,” she said, when she had examined me a while. “I wonder what thoughts are busy in your heart during all the hours you sit in yonder room with the fine people flitting before you like shapes in a magic-lantern: just as little sympathetic communion passing between you and them as if they were really mere shadows of human forms, and not the actual substance.”

“I feel tired often, sleepy sometimes, but seldom sad.”

“Then you have some secret hope to buoy you up and please you with whispers of the future?”

“Not I. The utmost I hope is, to save money enough out of my earnings to set up a school some day in a little house rented by myself.”

“A mean nutriment for the spirit to exist on: and sitting in that window-seat (you see I know your habits) -- “

“You have learned them from the servants.”

“Ah! you think yourself sharp. Well, perhaps I have: to speak truth, I have an acquaintance with

one of them, Mrs. Poole -- “

I started to my feet when I heard the name.

“You have -- have you?” thought I; “there is diablerie in the business after all, then!”

“Don’t be alarmed,” continued the strange being; “she’s a safe hand is Mrs. Poole: close and quiet; any one may repose confidence in her. But, as I was saying: sitting in that window-seat, do you think of nothing but your future school? Have you no present interest in any of the company who occupy the sofas and chairs before you? Is there not one face you study? one figure whose movements you follow with at least curiosity?”

“I like to observe all the faces and all the figures.”

“But do you never single one from the rest -- or it may be, two?”

“I do frequently; when the gestures or looks of a pair seem telling a tale: it amuses me to watch them.”

“What tale do you like best to hear?”

“Oh, I have not much choice! They generally run on the same theme -- courtship; and promise to end in the same catastrophe -- marriage.”

“And do you like that monotonous theme?”

“Positively, I don’t care about it: it is nothing to me.”

“Nothing to you? When a lady, young and full of life and health, charming with beauty and endowed with the gifts of rank and fortune, sits and smiles in the eyes of a gentleman you -- “

“I what?”

“You know -- and perhaps think well of.”

“I don’t know the gentlemen here. I have scarcely interchanged a syllable with one of them; and as to thinking well of them, I consider some respectable, and stately, and middle-aged, and others young, dashing, handsome, and lively: but certainly they are all at liberty to be the recipients of whose smiles they please, without my feeling disposed to consider the transaction of any moment to me.”

“You don’t know the gentlemen here? You have not exchanged a syllable with one of them? Will you say that of the master of the house!”

“He is not at home.”

“A profound remark! A most ingenious quibble! He went to Millcote this morning, and will be back here to-night or to-morrow: does that circumstance exclude him from the list of your acquaintance -- blot him, as it were, out of existence?”

“No; but I can scarcely see what Mr. Rochester has to do with the theme you had introduced.”

“I was talking of ladies smiling in the eyes of gentlemen; and of late so many smiles have been shed into Mr. Rochester’s eyes that they overflow like two cups filled above the brim: have you never remarked that?”

“Mr. Rochester has a right to enjoy the society of his guests.”

“No question about his right: but have you never observed that, of all the tales told here about matrimony, Mr. Rochester has been favoured with the most lively and the most continuous?”

“The eagerness of a listener quickens the tongue of a narrator.” I said this rather to myself than to the gipsy, whose strange talk, voice, manner, had by this time wrapped me in a kind of dream. One unexpected sentence came from her lips after another, till I got involved in a web of mystification; and wondered what unseen spirit had been sitting for weeks by my heart watching its workings and taking record of every pulse.

“Eagerness of a listener!” repeated she: “yes; Mr. Rochester has sat by the hour, his ear inclined to the fascinating lips that took such delight in their task of communicating; and Mr. Rochester was so willing to receive and looked so grateful for the pastime given him; you have noticed this?”

“Grateful! I cannot remember detecting gratitude in his face.”

“Detecting! You have analysed, then. And what did you detect, if not gratitude?”

I said nothing.

“You have seen love: have you not? -- and, looking forward, you have seen him married, and beheld his bride happy?”

“Humph! Not exactly. Your witch’s skill is rather at fault sometimes.”

“What the devil have you seen, then?”

“Never mind: I came here to inquire, not to confess. Is it known that Mr. Rochester is to be married?”

“Yes; and to the beautiful Miss Ingram.”

“Shortly?”

“Appearances would warrant that conclusion: and, no doubt (though, with an audacity that wants chastising out of you, you seem to question it), they will be a superlatively happy pair. He must love such a handsome, noble, witty, accomplished lady; and probably she loves him, or, if not his person, at least his purse. I know she considers the Rochester estate eligible to the last degree; though (God pardon me!) I told her something on that point about an hour ago which made her look wondrous grave: the corners of her mouth fell half an inch. I would advise her blackaviced suitor to look out: if another comes, with a longer or clearer rent-roll, -- he’s dished -- “

“But, mother, I did not come to hear Mr. Rochester’s fortune: I came to hear my own; and you have told me nothing of it.”

“Your fortune is yet doubtful: when I examined your face, one trait contradicted another. Chance has meted you a measure of happiness: that I know. I knew it before I came here this evening. She has laid it carefully on one side for you. I saw her do it. It depends on yourself to stretch out your hand, and take it up: but whether you will do so, is the problem I study. Kneel again on the rug.”

“Don’t keep me long; the fire scorches me.”

I knelt. She did not stoop towards me, but only gazed, leaning back in her chair. She began muttering, -

“The flame flickers in the eye; the eye shines like dew; it looks soft and full of feeling; it smiles at my jargon: it is susceptible; impression follows impression through its clear sphere; where it ceases to smile, it is sad; an unconscious lassitude weighs on the lid: that signifies melancholy resulting from loneliness. It turns from me; it will not suffer further scrutiny; it seems to deny, by a mocking glance, the truth of the discoveries I have already made, -- to disown the charge both of sensibility and chagrin: its

pride and reserve only confirm me in my opinion. The eye is favourable.

“As to the mouth, it delights at times in laughter; it is disposed to impart all that the brain conceives; though I daresay it would be silent on much the heart experiences. Mobile and flexible, it was never intended to be compressed in the eternal silence of solitude: it is a mouth which should speak much and smile often, and have human affection for its interlocutor. That feature too is propitious.

“I see no enemy to a fortunate issue but in the brow; and that brow professes to say, -- ‘I can live alone, if self-respect, and circumstances require me so to do. I need not sell my soul to buy bliss. I have an inward treasure born with me, which can keep me alive if all extraneous delights should be withheld, or offered only at a price I cannot afford to give.’ The forehead declares, ‘Reason sits firm and holds the reins, and she will not let the feelings burst away and hurry her to wild chasms. The passions may rage furiously, like true heathens, as they are; and the desires may imagine all sorts of vain things: but judgment shall still have the last word in every argument, and the casting vote in every decision. Strong wind, earthquake-shock, and fire may pass by: but I shall follow the guiding of that still small voice which interprets the dictates of conscience.’

“Well said, forehead; your declaration shall be respected. I have formed my plans -- right plans I deem them -- and in them I have attended to the claims of conscience, the counsels of reason. I know how soon youth would fade and bloom perish, if, in the cup of bliss offered, but one dreg of shame, or one flavour of remorse were detected; and I do not want sacrifice, sorrow, dissolution -- such is not my taste. I wish to foster, not to blight -- to earn gratitude, not to wring tears of blood -- no, nor of brine: my harvest must be in smiles, in endearments, in sweet -- That will do. I think I rave in a kind of exquisite delirium. I should wish now to protract this moment ad infinitum; but I dare not. So far I have governed myself thoroughly. I have acted as I inwardly swore I would act; but further might try me beyond my strength. Rise, Miss Eyre: leave me; the play is played out’.”

Where was I? Did I wake or sleep? Had I been dreaming? Did I dream still? The old woman’s voice had changed: her accent, her gesture, and all were familiar to me as my own face in a glass -- as the speech of my own tongue. I got up, but did not go. I looked; I stirred the fire, and I looked again: but she drew her bonnet and her bandage closer about her face, and again beckoned me to depart. The flame illuminated her hand stretched out: roused now, and on the alert for discoveries, I at once noticed that hand. It was no more the withered limb of eld than my own; it was a rounded supple member, with smooth fingers, symmetrically turned; a broad ring flashed on the little finger, and stooping forward, I looked at it, and saw a gem I had seen a hundred times before. Again I looked at the face; which was no longer turned from me -- on the contrary, the bonnet was doffed, the bandage displaced, the head advanced.

“Well, Jane, do you know me?” asked the familiar voice.

“Only take off the red cloak, sir, and then -- “

“But the string is in a knot -- help me.”

“Break it, sir.”

“There, then -- ‘Off, ye lendings!’” And Mr. Rochester stepped out of his disguise.

“Now, sir, what a strange idea!”

“But well carried out, eh? Don’t you think so?”

“With the ladies you must have managed well.”

“But not with you?”

“You did not act the character of a gipsy with me.”

“What character did I act? My own?”

“No; some unaccountable one. In short, I believe you have been trying to draw me out -- or in; you have been talking nonsense to make me talk nonsense. It is scarcely fair, sir.”

“Do you forgive me, Jane?”

“I cannot tell till I have thought it all over. If, on reflection, I find I have fallen into no great absurdity, I shall try to forgive you; but it was not right.”

“Oh, you have been very correct -- very careful, very sensible.”

I reflected, and thought, on the whole, I had. It was a comfort; but, indeed, I had been on my guard almost from the beginning of the interview. Something of masquerade I suspected. I knew gipsies and fortune-tellers did not express themselves as this seeming old woman had expressed herself; besides I had noted her feigned voice, her anxiety to conceal her features. But my mind had been running on Grace Poole -- that living enigma, that mystery of mysteries, as I considered her. I had never thought of Mr. Rochester.

“Well,” said he, “what are you musing about? What does that grave smile signify?”

“Wonder and self-congratulation, sir. I have your permission to retire now, I suppose?”

“No; stay a moment; and tell me what the people in the drawing-room yonder are doing.”

“Discussing the gipsy, I daresay.”

“Sit down! -- Let me hear what they said about me.”

“I had better not stay long, sir; it must be near eleven o’clock. Oh, are you aware, Mr. Rochester, that a stranger has arrived here since you left this morning?”

“A stranger! -- no; who can it be? I expected no one; is he gone?”

“No; he said he had known you long, and that he could take the liberty of installing himself here till you returned.”

“The devil he did! Did he give his name?”

“His name is Mason, sir; and he comes from the West Indies; from Spanish Town, in Jamaica, I think.”

Mr. Rochester was standing near me; he had taken my hand, as if to lead me to a chair. As I spoke he gave my wrist a convulsive grip; the smile on his lips froze: apparently a spasm caught his breath.

“Mason! -- the West Indies!” he said, in the tone one might fancy a speaking automaton to enounce its single words; “Mason! -- the West Indies!” he reiterated; and he went over the syllables three times, growing, in the intervals of speaking, whiter than ashes: he hardly seemed to know what he was doing.

“Do you feel ill, sir?” I inquired.

“Jane, I’ve got a blow; I’ve got a blow, Jane!” He staggered.

“Oh, lean on me, sir.”

“Jane, you offered me your shoulder once before; let me have it now.”

“Yes, sir, yes; and my arm.”

He sat down, and made me sit beside him. Holding my hand in both his own, he chafed it; gazing on me, at the same time, with the most troubled and dreary look.

“My little friend!” said he, “I wish I were in a quiet island with only you; and trouble, and danger, and hideous recollections removed from me.”

“Can I help you, sir? -- I’d give my life to serve you.”

“Jane, if aid is wanted, I’ll seek it at your hands; I promise you that.”

“Thank you, sir. Tell me what to do, -- I’ll try, at least, to do it.”

“Fetch me now, Jane, a glass of wine from the dining-room: they will be at supper there; and tell me if Mason is with them, and what he is doing.”

I went. I found all the party in the dining-room at supper, as Mr. Rochester had said; they were not seated at table, -- the supper was arranged on the sideboard; each had taken what he chose, and they stood about here and there in groups, their plates and glasses in their hands. Every one seemed in high glee; laughter and conversation were general and animated. Mr. Mason stood near the fire, talking to Colonel and Mrs. Dent, and appeared as merry as any of them. I filled a wine-glass (I saw Miss Ingran watch me frowningly as I did so: she thought I was taking a liberty, I daresay), and I returned to the library.

Mr. Rochester’s extreme pallor had disappeared, and he looked once more firm and stern. He took the glass from my hand.

“Here is to your health, ministrant spirit!” he said. He swallowed the contents and returned it to me. “What are they doing, Jane?”

“Laughing and talking, sir.”

“They don’t look grave and mysterious, as if they had heard something strange?”

“Not at all: they are full of jests and gaiety.”

“And Mason?”

“He was laughing too.”

“If all these people came in a body and spat at me, what would you do, Jane?”

“Turn them out of the room, sir, if I could.”

He half smiled. “But if I were to go to them, and they only looked at me coldly, and whispered sneeringly amongst each other, and then dropped off and left me one by one, what then? Would you go with them?”

“I rather think not, sir: I should have more pleasure in staying with you.”

“To comfort me?”

“Yes, sir, to comfort you, as well as I could.”

“And if they laid you under a ban for adhering to me?”

“I, probably, should know nothing about their ban; and if I did, I should care nothing about it.”

“Then, you could dare censure for my sake?”

“I could dare it for the sake of any friend who deserved my adherence; as you, I am sure, do.”

“Go back now into the room; step quietly up to Mason, and whisper in his ear that Mr. Rochester is come and wishes to see him: show him in here and then leave me.”

“Yes, sir.”

I did his behest. The company all stared at me as I passed straight among them. I sought Mr. Mason, delivered the message, and preceded him from the room: I ushered him into the library, and then I went upstairs.

At a late hour, after I had been in bed some time, I heard the visitors repair to their chambers: I distinguished Mr. Rochester’s voice, and heard him say, “This way, Mason; this is your room.”

He spoke cheerfully: the gay tones set my heart at ease. I was soon asleep.

CHAPTER XX

I had forgotten to draw my curtain, which I usually did, and also to let down my window-blind. The consequence was, that when the moon, which was full and bright (for the night was fine), came in her course to that space in the sky opposite my casement, and looked in at me through the unveiled panes, her glorious gaze roused me. Awaking in the dead of night, I opened my eyes on her disk -- silver-white and crystal clear. It was beautiful, but too solemn; I half rose, and stretched my arm to draw the curtain.

Good God! What a cry!

The night -- its silence -- its rest, was rent in twain by a savage, a sharp, a shrilly sound that ran from end to end of Thornfield Hall.

My pulse stopped: my heart stood still; my stretched arm was paralysed. The cry died, and was not renewed. Indeed, whatever being uttered that fearful shriek could not soon repeat it: not the widest-winged condor on the Andes could, twice in succession, send out such a yell from the cloud shrouding his eyrie. The thing delivering such utterance must rest ere it could repeat the effort.

It came out of the third storey; for it passed overhead. And overhead -- yes, in the room just above my chamber-ceiling -- I now heard a struggle: a deadly one it seemed from the noise; and a half-smothered voice shouted -

“Help! help! help!” three times rapidly.

“Will no one come?” it cried; and then, while the staggering and stamping went on wildly, I distinguished through plank and plaster:-

“Rochester! Rochester! for God’s sake, come!”

A chamber-door opened: some one ran, or rushed, along the gallery. Another step stamped on the flooring above and something fell; and there was silence.

I had put on some clothes, though horror shook all my limbs; I issued from my apartment. The sleepers were all aroused: ejaculations, terrified murmurs sounded in every room; door after door unclosed; one looked out and another looked out; the gallery filled. Gentlemen and ladies alike had quitted their beds; and “Oh! what is it?” -- “Who is hurt?” -- “What has happened?” -- “Fetch a light!” -- “Is it fire?” -- “Are there robbers?” -- “Where shall we run?” was demanded confusedly on all hands. But for the moonlight they would have been in complete darkness. They ran to and fro; they crowded together: some sobbed, some stumbled: the confusion was inextricable.

“Where the devil is Rochester?” cried Colonel Dent. “I cannot find him in his bed.”

“Here! here!” was shouted in return. “Be composed, all of you: I’m coming.”

And the door at the end of the gallery opened, and Mr. Rochester advanced with a candle: he had just descended from the upper storey. One of the ladies ran to him directly; she seized his arm: it was Miss Ingram.

“What awful event has taken place?” said she. “Speak! let us know the worst at once!”

“But don’t pull me down or strangle me,” he replied: for the Misses Eshton were clinging about him now; and the two dowagers, in vast white wrappers, were bearing down on him like ships in full sail.

“All’s right! -- all’s right!” he cried. “It’s a mere rehearsal of Much Ado about Nothing. Ladies,

keep off, or I shall wax dangerous.”

And dangerous he looked: his black eyes darted sparks. Calming himself by an effort, he added -

“A servant has had the nightmare; that is all. She’s an excitable, nervous person: she construed her dream into an apparition, or something of that sort, no doubt; and has taken a fit with fright. Now, then, I must see you all back into your rooms; for, till the house is settled, she cannot be looked after. Gentlemen, have the goodness to set the ladies the example. Miss Ingram, I am sure you will not fail in evincing superiority to idle terrors. Amy and Louisa, return to your nests like a pair of doves, as you are. Mesdames” (to the dowagers), “you will take cold to a dead certainty, if you stay in this chill gallery any longer.”

And so, by dint of alternate coaxing and commanding, he contrived to get them all once more enclosed in their separate dormitories. I did not wait to be ordered back to mine, but retreated unnoticed, as unnoticed I had left it.

Not, however, to go to bed: on the contrary, I began and dressed myself carefully. The sounds I had heard after the scream, and the words that had been uttered, had probably been heard only by me; for they had proceeded from the room above mine: but they assured me that it was not a servant’s dream which had thus struck horror through the house; and that the explanation Mr. Rochester had given was merely an invention framed to pacify his guests. I dressed, then, to be ready for emergencies. When dressed, I sat a long time by the window looking out over the silent grounds and silvered fields and waiting for I knew not what. It seemed to me that some event must follow the strange cry, struggle, and call.

No: stillness returned: each murmur and movement ceased gradually, and in about an hour Thornfield Hall was again as hushed as a desert. It seemed that sleep and night had resumed their empire. Meantime the moon declined: she was about to set. Not liking to sit in the cold and darkness, I thought I would lie down on my bed, dressed as I was. I left the window, and moved with little noise across the carpet; as I stooped to take off my shoes, a cautious hand tapped low at the door.

“Am I wanted?” I asked.

“Are you up?” asked the voice I expected to hear, viz., my master’s.

“Yes, sir.”

“And dressed?”

“Yes.”

“Come out, then, quietly.”

I obeyed. Mr. Rochester stood in the gallery holding a light.

“I want you,” he said: “come this way: take your time, and make no noise.”

My slippers were thin: I could walk the matted floor as softly as a cat. He glided up the gallery and up the stairs, and stopped in the dark, low corridor of the fateful third storey: I had followed and stood at his side.

“Have you a sponge in your room?” he asked in a whisper.

“Yes, sir.”

“Have you any salts -- volatile salts?”

“Yes.”

“Go back and fetch both.”

I returned, sought the sponge on the washstand, the salts in my drawer, and once more retraced my steps. He still waited; he held a key in his hand: approaching one of the small, black doors, he put it in the lock; he paused, and addressed me again.

“You don’t turn sick at the sight of blood?”

“I think I shall not: I have never been tried yet.”

I felt a thrill while I answered him; but no coldness, and no faintness.

“Just give me your hand,” he said: “it will not do to risk a fainting fit.”

I put my fingers into his. “Warm and steady,” was his remark: he turned the key and opened the door.

I saw a room I remembered to have seen before, the day Mrs. Fairfax showed me over the house: it was hung with tapestry; but the tapestry was now looped up in one part, and there was a door apparent, which had then been concealed. This door was open; a light shone out of the room within: I heard thence a snarling, snatching sound, almost like a dog quarrelling. Mr. Rochester, putting down his candle, said to me, “Wait a minute,” and he went forward to the inner apartment. A shout of laughter greeted his entrance; noisy at first, and terminating in Grace Poole’s own goblin ha! ha! SHE then was there. He made some sort of arrangement without speaking, though I heard a low voice address him: he came out and closed the door behind him.

“Here, Jane!” he said; and I walked round to the other side of a large bed, which with its drawn curtains concealed a considerable portion of the chamber. An easy-chair was near the bed-head: a man sat in it, dressed with the exception of his coat; he was still; his head leant back; his eyes were closed. Mr. Rochester held the candle over him; I recognised in his pale and seemingly lifeless face -- the stranger, Mason: I saw too that his linen on one side, and one arm, was almost soaked in blood.

“Hold the candle,” said Mr. Rochester, and I took it: he fetched a basin of water from the washstand: “Hold that,” said he. I obeyed. He took the sponge, dipped it in, and moistened the corpse-like face; he asked for my smelling-bottle, and applied it to the nostrils. Mr. Mason shortly unclosed his eyes; he groaned. Mr. Rochester opened the shirt of the wounded man, whose arm and shoulder were bandaged: he sponged away blood, trickling fast down.

“Is there immediate danger?” murmured Mr. Mason.

“Pooh! No -- a mere scratch. Don’t be so overcome, man: bear up! I’ll fetch a surgeon for you now, myself: you’ll be able to be removed by morning, I hope. Jane,” he continued.

“Sir?”

“I shall have to leave you in this room with this gentleman, for an hour, or perhaps two hours: you will sponge the blood as I do when it returns: if he feels faint, you will put the glass of water on that stand to his lips, and your salts to his nose. You will not speak to him on any pretext -- and -- Richard, it will be at the peril of your life if you speak to her: open your lips -- agitate yourself -- and I’ll not answer for the consequences.”

Again the poor man groaned; he looked as if he dared not move; fear, either of death or of something else, appeared almost to paralyse him. Mr. Rochester put the now bloody sponge into my hand, and I proceeded to use it as he had done. He watched me a second, then saying, “Remember! -- No conversation,” he left the room. I experienced a strange feeling as the key grated in the lock, and the sound

of his retreating step ceased to be heard.

Here then I was in the third storey, fastened into one of its mystic cells; night around me; a pale and bloody spectacle under my eyes and hands; a murderess hardly separated from me by a single door: yes -- that was appalling -- the rest I could bear; but I shuddered at the thought of Grace Poole bursting out upon me.

I must keep to my post, however. I must watch this ghastly countenance -- these blue, still lips forbidden to unclose -- these eyes now shut, now opening, now wandering through the room, now fixing on me, and ever glazed with the dulness of horror. I must dip my hand again and again in the basin of blood and water, and wipe away the trickling gore. I must see the light of the unsnuffed candle wane on my employment; the shadows darken on the wrought, antique tapestry round me, and grow black under the hangings of the vast old bed, and quiver strangely over the doors of a great cabinet opposite -- whose front, divided into twelve panels, bore, in grim design, the heads of the twelve apostles, each enclosed in its separate panel as in a frame; while above them at the top rose an ebon crucifix and a dying Christ.

According as the shifting obscurity and flickering gleam hovered here or glanced there, it was now the bearded physician, Luke, that bent his brow; now St. John's long hair that waved; and anon the devilish face of Judas, that grew out of the panel, and seemed gathering life and threatening a revelation of the arch-traitor -- of Satan himself -- in his subordinate's form.

Amidst all this, I had to listen as well as watch: to listen for the movements of the wild beast or the fiend in yonder side den. But since Mr. Rochester's visit it seemed spellbound: all the night I heard but three sounds at three long intervals, -- a step creak, a momentary renewal of the snarling, canine noise, and a deep human groan.

Then my own thoughts worried me. What crime was this that lived incarnate in this sequestered mansion, and could neither be expelled nor subdued by the owner? -- what mystery, that broke out now in fire and now in blood, at the deadest hours of night? What creature was it, that, masked in an ordinary woman's face and shape, uttered the voice, now of a mocking demon, and anon of a carrion-seeking bird of prey?

And this man I bent over -- this commonplace, quiet stranger -- how had he become involved in the web of horror? and why had the Fury flown at him? What made him seek this quarter of the house at an untimely season, when he should have been asleep in bed? I had heard Mr. Rochester assign him an apartment below -- what brought him here! And why, now, was he so tame under the violence or treachery done him? Why did he so quietly submit to the concealment Mr. Rochester enforced? Why did Mr. Rochester enforce this concealment? His guest had been outraged, his own life on a former occasion had been hideously plotted against; and both attempts he smothered in secrecy and sank in oblivion! Lastly, I saw Mr. Mason was submissive to Mr. Rochester; that the impetuous will of the latter held complete sway over the inertness of the former: the few words which had passed between them assured me of this. It was evident that in their former intercourse, the passive disposition of the one had been habitually influenced by the active energy of the other: whence then had arisen Mr. Rochester's dismay when he heard of Mr. Mason's arrival? Why had the mere name of this unresisting individual -- whom his word now sufficed to control like a child -- fallen on him, a few hours since, as a thunderbolt might fall on an oak?

Oh! I could not forget his look and his paleness when he whispered: "Jane, I have got a blow -- I have got a blow, Jane." I could not forget how the arm had trembled which he rested on my shoulder: and it was no light matter which could thus bow the resolute spirit and thrill the vigorous frame of Fairfax

Rochester.

“When will he come? When will he come?” I cried inwardly, as the night lingered and lingered - as my bleeding patient drooped, moaned, sickened: and neither day nor aid arrived. I had, again and again, held the water to Mason’s white lips; again and again offered him the stimulating salts: my efforts seemed ineffectual: either bodily or mental suffering, or loss of blood, or all three combined, were fast prostrating his strength. He moaned so, and looked so weak, wild, and lost, I feared he was dying; and I might not even speak to him.

The candle, wasted at last, went out; as it expired, I perceived streaks of grey light edging the window curtains: dawn was then approaching. Presently I heard Pilot bark far below, out of his distant kennel in the courtyard: hope revived. Nor was it unwarranted: in five minutes more the grating key, the yielding lock, warned me my watch was relieved. It could not have lasted more than two hours: many a week has seemed shorter.

Mr. Rochester entered, and with him the surgeon he had been to fetch.

“Now, Carter, be on the alert,” he said to this last: “I give you but half-an-hour for dressing the wound, fastening the bandages, getting the patient downstairs and all.”

“But is he fit to move, sir?”

“No doubt of it; it is nothing serious; he is nervous, his spirits must be kept up. Come, set to work.”

Mr. Rochester drew back the thick curtain, drew up the holland blind, let in all the daylight he could; and I was surprised and cheered to see how far dawn was advanced: what rosy streaks were beginning to brighten the east. Then he approached Mason, whom the surgeon was already handling.

“Now, my good fellow, how are you?” he asked.

“She’s done for me, I fear,” was the faint reply.

“Not a whit! -- courage! This day fortnight you’ll hardly be a pin the worse of it: you’ve lost a little blood; that’s all. Carter, assure him there’s no danger.”

“I can do that conscientiously,” said Carter, who had now undone the bandages; “only I wish I could have got here sooner: he would not have bled so much -- but how is this? The flesh on the shoulder is torn as well as cut. This wound was not done with a knife: there have been teeth here!”

“She bit me,” he murmured. “She worried me like a tigress, when Rochester got the knife from her.”

“You should not have yielded: you should have grappled with her at once,” said Mr. Rochester.

“But under such circumstances, what could one do?” returned Mason. “Oh, it was frightful!” he added, shuddering. “And I did not expect it: she looked so quiet at first.”

“I warned you,” was his friend’s answer; “I said -- be on your guard when you go near her. Besides, you might have waited till to-morrow, and had me with you: it was mere folly to attempt the interview to-night, and alone.”

“I thought I could have done some good.”

“You thought! you thought! Yes, it makes me impatient to hear you: but, however, you have suffered, and are likely to suffer enough for not taking my advice; so I’ll say no more. Carter -- hurry! -- hurry! The sun will soon rise, and I must have him off.”

“Directly, sir; the shoulder is just bandaged. I must look to this other wound in the arm: she has had her teeth here too, I think.”

“She sucked the blood: she said she’d drain my heart,” said Mason.

I saw Mr. Rochester shudder: a singularly marked expression of disgust, horror, hatred, warped his countenance almost to distortion; but he only said -

“Come, be silent, Richard, and never mind her gibberish: don’t repeat it.”

“I wish I could forget it,” was the answer.

“You will when you are out of the country: when you get back to Spanish Town, you may think of her as dead and buried -- or rather, you need not think of her at all.”

“Impossible to forget this night!”

“It is not impossible: have some energy, man. You thought you were as dead as a herring two hours since, and you are all alive and talking now. There! -- Carter has done with you or nearly so; I’ll make you decent in a trice. Jane” (he turned to me for the first time since his re-entrance), “take this key: go down into my bedroom, and walk straight forward into my dressing-room: open the top drawer of the wardrobe and take out a clean shirt and neck-handkerchief: bring them here; and be nimble.”

I went; sought the repository he had mentioned, found the articles named, and returned with them.

“Now,” said he, “go to the other side of the bed while I order his toilet; but don’t leave the room: you may be wanted again.”

I retired as directed.

“Was anybody stirring below when you went down, Jane?” inquired Mr. Rochester presently.

“No, sir; all was very still.”

“We shall get you off cannily, Dick: and it will be better, both for your sake, and for that of the poor creature in yonder. I have striven long to avoid exposure, and I should not like it to come at last. Here, Carter, help him on with his waist-coat. Where did you leave your furred cloak? You can’t travel a mile without that, I know, in this damned cold climate. In your room? -- Jane, run down to Mr. Mason’s room, -- the one next mine, -- and fetch a cloak you will see there.”

Again I ran, and again returned, bearing an immense mantle lined and edged with fur.

“Now, I’ve another errand for you,” said my untiring master; “you must away to my room again. What a mercy you are shod with velvet, Jane! -- a clod-hopping messenger would never do at this juncture. You must open the middle drawer of my toilet-table and take out a little phial and a little glass you will find there, -- quick!”

I flew thither and back, bringing the desired vessels.

“That’s well! Now, doctor, I shall take the liberty of administering a dose myself, on my own responsibility. I got this cordial at Rome, of an Italian charlatan -- a fellow you would have kicked, Carter. It is not a thing to be used indiscriminately, but it is good upon occasion: as now, for instance. Jane, a little water.”

He held out the tiny glass, and I half filled it from the water-bottle on the washstand.

“That will do; -- now wet the lip of the phial.”

I did so; he measured twelve drops of a crimson liquid, and presented it to Mason.

“Drink, Richard: it will give you the heart you lack, for an hour or so.”

“But will it hurt me? -- is it inflammatory?”

“Drink! drink! drink!”

Mr. Mason obeyed, because it was evidently useless to resist. He was dressed now: he still looked pale, but he was no longer gory and sullied. Mr. Rochester let him sit three minutes after he had swallowed the liquid; he then took his arm -

“Now I am sure you can get on your feet,” he said -- “try.”

The patient rose.

“Carter, take him under the other shoulder. Be of good cheer, Richard; step out -- that’s it!”

“I do feel better,” remarked Mr. Mason.

“I am sure you do. Now, Jane, trip on before us away to the backstairs; unbolt the side-passage door, and tell the driver of the post-chaise you will see in the yard -- or just outside, for I told him not to drive his rattling wheels over the pavement -- to be ready; we are coming: and, Jane, if any one is about, come to the foot of the stairs and hem.”

It was by this time half-past five, and the sun was on the point of rising; but I found the kitchen still dark and silent. The side- passage door was fastened; I opened it with as little noise as possible: all the yard was quiet; but the gates stood wide open, and there was a post-chaise, with horses ready harnessed, and driver seated on the box, stationed outside. I approached him, and said the gentlemen were coming; he nodded: then I looked carefully round and listened. The stillness of early morning slumbered everywhere; the curtains were yet drawn over the servants’ chamber windows; little birds were just twittering in the blossom-blanchéd orchard trees, whose boughs drooped like white garlands over the wall enclosing one side of the yard; the carriage horses stamped from time to time in their closed stables: all else was still.

The gentlemen now appeared. Mason, supported by Mr. Rochester and the surgeon, seemed to walk with tolerable ease: they assisted him into the chaise; Carter followed.

“Take care of him,” said Mr. Rochester to the latter, “and keep him at your house till he is quite well: I shall ride over in a day or two to see how he gets on. Richard, how is it with you?”

“The fresh air revives me, Fairfax.”

“Leave the window open on his side, Carter; there is no wind -- good- bye, Dick.”

“Fairfax -- “

“Well what is it?”

“Let her be taken care of; let her be treated as tenderly as may be: let her -- “ he stopped and burst into tears.

“I do my best; and have done it, and will do it,” was the answer: he shut up the chaise door, and the vehicle drove away.

“Yet would to God there was an end of all this!” added Mr. Rochester, as he closed and barred the heavy yard-gates.

This done, he moved with slow step and abstracted air towards a door in the wall bordering the orchard. I, supposing he had done with me, prepared to return to the house; again, however, I heard him

call "Jane!" He had opened feel portal and stood at it, waiting for me.

"Come where there is some freshness, for a few moments," he said; "that house is a mere dungeon: don't you feel it so?"

"It seems to me a splendid mansion, sir."

"The glamour of inexperience is over your eyes," he answered; "and you see it through a charmed medium: you cannot discern that the gilding is slime and the silk draperies cobwebs; that the marble is sordid slate, and the polished woods mere refuse chips and scaly bark. Now HERE" (he pointed to the leafy enclosure we had entered) "all is real, sweet, and pure."

He strayed down a walk edged with box, with apple trees, pear trees, and cherry trees on one side, and a border on the other full of all sorts of old-fashioned flowers, stocks, sweet-williams, primroses, pansies, mingled with southernwood, sweet-briar, and various fragrant herbs. They were fresh now as a succession of April showers and gleams, followed by a lovely spring morning, could make them: the sun was just entering the dappled east, and his light illumined the wreathed and dewy orchard trees and shone down the quiet walks under them.

"Jane, will you have a flower?"

He gathered a half-blown rose, the first on the bush, and offered it to me.

"Thank you, sir."

"Do you like this sunrise, Jane? That sky with its high and light clouds which are sure to melt away as the day waxes warm -- this placid and balmly atmosphere?"

"I do, very much."

"You have passed a strange night, Jane."

"Yes, sir."

"And it has made you look pale -- were you afraid when I left you alone with Mason?"

"I was afraid of some one coming out of the inner room."

"But I had fastened the door -- I had the key in my pocket: I should have been a careless shepherd if I had left a lamb -- my pet lamb -- so near a wolf's den, unguarded: you were safe."

"Will Grace Poole live here still, sir?"

"Oh yes! don't trouble your head about her -- put the thing out of your thoughts."

"Yet it seems to me your life is hardly secure while she stays."

"Never fear -- I will take care of myself."

"Is the danger you apprehended last night gone by now, sir?"

"I cannot vouch for that till Mason is out of England: nor even then. To live, for me, Jane, is to stand on a crater-crust which may crack and spue fire any day."

"But Mr. Mason seems a man easily led. Your influence, sir, is evidently potent with him: he will never set you at defiance or wilfully injure you."

"Oh, no! Mason will not defy me; nor, knowing it, will he hurt me -- but, unintentionally, he might in a moment, by one careless word, deprive me, if not of life, yet for ever of happiness."

"Tell him to be cautious, sir: let him know what you fear, and show him how to avert the

danger.”

He laughed sardonically, hastily took my hand, and as hastily threw it from him.

“If I could do that, simpleton, where would the danger be? Annihilated in a moment. Ever since I have known Mason, I have only had to say to him ‘Do that,’ and the thing has been done. But I cannot give him orders in this case: I cannot say ‘Beware of harming me, Richard;’ for it is imperative that I should keep him ignorant that harm to me is possible. Now you look puzzled; and I will puzzle you further. You are my little friend, are you not?”

“I like to serve you, sir, and to obey you in all that is right.”

“Precisely: I see you do. I see genuine contentment in your gait and mien, your eye and face, when you are helping me and pleasing me -- working for me, and with me, in, as you characteristically say, ‘ALL THAT IS RIGHT:’ for if I bid you do what you thought wrong, there would be no light-footed running, no neat-handed alacrity, no lively glance and animated complexion. My friend would then turn to me, quiet and pale, and would say, ‘No, sir; that is impossible: I cannot do it, because it is wrong;’ and would become immutable as a fixed star. Well, you too have power over me, and may injure me: yet I dare not show you where I am vulnerable, lest, faithful and friendly as you are, you should transfix me at once.”

“If you have no more to fear from Mr. Mason than you have from me, sir, you are very safe.”

“God grant it may be so! Here, Jane, is an arbour; sit down.”

The arbour was an arch in the wall, lined with ivy; it contained a rustic seat. Mr. Rochester took it, leaving room, however, for me: but I stood before him.

“Sit,” he said; “the bench is long enough for two. You don’t hesitate to take a place at my side, do you? Is that wrong, Jane?”

I answered him by assuming it: to refuse would, I felt, have been unwise.

“Now, my little friend, while the sun drinks the dew -- while all the flowers in this old garden awake and expand, and the birds fetch their young ones’ breakfast out of the Thornfield, and the early bees do their first spell of work -- I’ll put a case to you, which you must endeavour to suppose your own: but first, look at me, and tell me you are at ease, and not fearing that I err in detaining you, or that you err in staying.”

“No, sir; I am content.”

“Well then, Jane, call to aid your fancy:- suppose you were no longer a girl well reared and disciplined, but a wild boy indulged from childhood upwards; imagine yourself in a remote foreign land; conceive that you there commit a capital error, no matter of what nature or from what motives, but one whose consequences must follow you through life and taint all your existence. Mind, I don’t say a CRIME; I am not speaking of shedding of blood or any other guilty act, which might make the perpetrator amenable to the law: my word is ERROR. The results of what you have done become in time to you utterly insupportable; you take measures to obtain relief: unusual measures, but neither unlawful nor culpable. Still you are miserable; for hope has quitted you on the very confines of life: your sun at noon darkens in an eclipse, which you feel will not leave it till the time of setting. Bitter and base associations have become the sole food of your memory: you wander here and there, seeking rest in exile: happiness in pleasure -- I mean in heartless, sensual pleasure -- such as dulls intellect and blights feeling. Heart-weary and soul-withered, you come home after years of voluntary banishment: you make a new acquaintance --

how or where no matter: you find in this stranger much of the good and bright qualities which you have sought for twenty years, and never before encountered; and they are all fresh, healthy, without soil and without taint. Such society revives, regenerates: you feel better days come back -- higher wishes, purer feelings; you desire to recommence your life, and to spend what remains to you of days in a way more worthy of an immortal being. To attain this end, are you justified in overleaping an obstacle of custom -- a mere conventional impediment which neither your conscience sanctifies nor your judgment approves?"

He paused for an answer: and what was I to say? Oh, for some good spirit to suggest a judicious and satisfactory response! Vain aspiration! The west wind whispered in the ivy round me; but no gentle Ariel borrowed its breath as a medium of speech: the birds sang in the tree-tops; but their song, however sweet, was inarticulate.

Again Mr. Rochester propounded his query:

"Is the wandering and sinful, but now rest-seeking and repentant, man justified in daring the world's opinion, in order to attach to him for ever this gentle, gracious, genial stranger, thereby securing his own peace of mind and regeneration of life?"

"Sir," I answered, "a wanderer's repose or a sinner's reformation should never depend on a fellow-creature. Men and women die; philosophers falter in wisdom, and Christians in goodness: if any one you know has suffered and erred, let him look higher than his equals for strength to amend and solace to heal."

"But the instrument -- the instrument! God, who does the work, ordains the instrument. I have myself -- I tell it you without parable -- been a worldly, dissipated, restless man; and I believe I have found the instrument for my cure in -- "

He paused: the birds went on carolling, the leaves lightly rustling. I almost wondered they did not check their songs and whispers to catch the suspended revelation; but they would have had to wait many minutes -- so long was the silence protracted. At last I looked up at the tardy speaker: he was looking eagerly at me.

"Little friend," said he, in quite a changed tone -- while his face changed too, losing all its softness and gravity, and becoming harsh and sarcastic -- "you have noticed my tender penchant for Miss Ingram: don't you think if I married her she would regenerate me with a vengeance?"

He got up instantly, went quite to the other end of the walk, and when he came back he was humming a tune.

"Jane, Jane," said he, stopping before me, "you are quite pale with your vigils: don't you curse me for disturbing your rest?"

"Curse you? No, sir."

"Shake hands in confirmation of the word. What cold fingers! They were warmer last night when I touched them at the door of the mysterious chamber. Jane, when will you watch with me again?"

"Whenever I can be useful, sir."

"For instance, the night before I am married! I am sure I shall not be able to sleep. Will you promise to sit up with me to bear me company? To you I can talk of my lovely one: for now you have seen her and know her."

"Yes, sir."

“She’s a rare one, is she not, Jane?”

“Yes, sir.”

“A strapper -- a real strapper, Jane: big, brown, and buxom; with hair just such as the ladies of Carthage must have had. Bless me! there’s Dent and Lynn in the stables! Go in by the shrubbery, through that wicket.”

As I went one way, he went another, and I heard him in the yard, saying cheerfully -

“Mason got the start of you all this morning; he was gone before sunrise: I rose at four to see him off.”

CHAPTER XXI

Presentiments are strange things! and so are sympathies; and so are signs; and the three combined make one mystery to which humanity has not yet found the key. I never laughed at presentiments in my life, because I have had strange ones of my own. Sympathies, I believe, exist (for instance, between far-distant, long-absent, wholly estranged relatives asserting, notwithstanding their alienation, the unity of the source to which each traces his origin) whose workings baffle mortal comprehension. And signs, for aught we know, may be but the sympathies of Nature with man.

When I was a little girl, only six years old, I one night heard Bessie Leaven say to Martha Abbot that she had been dreaming about a little child; and that to dream of children was a sure sign of trouble, either to one's self or one's kin. The saying might have worn out of my memory, had not a circumstance immediately followed which served indelibly to fix it there. The next day Bessie was sent for home to the deathbed of her little sister.

Of late I had often recalled this saying and this incident; for during the past week scarcely a night had gone over my couch that had not brought with it a dream of an infant, which I sometimes hushed in my arms, sometimes dandled on my knee, sometimes watched playing with daisies on a lawn, or again, dabbling its hands in running water. It was a wailing child this night, and a laughing one the next: now it nestled close to me, and now it ran from me; but whatever mood the apparition evinced, whatever aspect it wore, it failed not for seven successive nights to meet me the moment I entered the land of slumber.

I did not like this iteration of one idea -- this strange recurrence of one image, and I grew nervous as bedtime approached and the hour of the vision drew near. It was from companionship with this baby-phantom I had been roused on that moonlight night when I heard the cry; and it was on the afternoon of the day following I was summoned downstairs by a message that some one wanted me in Mrs. Fairfax's room. On repairing thither, I found a man waiting for me, having the appearance of a gentleman's servant: he was dressed in deep mourning, and the hat he held in his hand was surrounded with a crape band.

"I daresay you hardly remember me, Miss," he said, rising as I entered; "but my name is Leaven. I lived coachman with Mrs. Reed when you were at Gateshead, eight or nine years since, and I live there still."

"Oh, Robert! how do you do? I remember you very well: you used to give me a ride sometimes on Miss Georgiana's bay pony. And how is Bessie? You are married to Bessie?"

"Yes, Miss: my wife is very hearty, thank you; she brought me another little one about two months since -- we have three now -- and both mother and child are thriving."

"And are the family well at the house, Robert?"

"I am sorry I can't give you better news of them, Miss: they are very badly at present -- in great trouble."

"I hope no one is dead," I said, glancing at his black dress. He too looked down at the crape round his hat and replied -

"Mr. John died yesterday was a week, at his chambers in London."

"Mr. John?"

“Yes.”

“And how does his mother bear it?”

“Why, you see, Miss Eyre, it is not a common mishap: his life has been very wild: these last three years he gave himself up to strange ways, and his death was shocking.”

“I heard from Bessie he was not doing well.”

“Doing well! He could not do worse: he ruined his health and his estate amongst the worst men and the worst women. He got into debt and into jail: his mother helped him out twice, but as soon as he was free he returned to his old companions and habits. His head was not strong: the knaves he lived amongst fooled him beyond anything I ever heard. He came down to Gateshead about three weeks ago and wanted missis to give up all to him. Missis refused: her means have long been much reduced by his extravagance; so he went back again, and the next news was that he was dead. How he died, God knows! -- they say he killed himself.”

I was silent: the things were frightful. Robert Leaven resumed -

“Missis had been out of health herself for some time: she had got very stout, but was not strong with it; and the loss of money and fear of poverty were quite breaking her down. The information about Mr. John’s death and the manner of it came too suddenly: it brought on a stroke. She was three days without speaking; but last Tuesday she seemed rather better: she appeared as if she wanted to say something, and kept making signs to my wife and mumbling. It was only yesterday morning, however, that Bessie understood she was pronouncing your name; and at last she made out the words, ‘Bring Jane -- fetch Jane Eyre: I want to speak to her.’ Bessie is not sure whether she is in her right mind, or means anything by the words; but she told Miss Reed and Miss Georgiana, and advised them to send for you. The young ladies put it off at first; but their mother grew so restless, and said, ‘Jane, Jane,’ so many times, that at last they consented. I left Gateshead yesterday: and if you can get ready, Miss, I should like to take you back with me early to-morrow morning.”

“Yes, Robert, I shall be ready: it seems to me that I ought to go.”

“I think so too, Miss. Bessie said she was sure you would not refuse: but I suppose you will have to ask leave before you can get off?”

“Yes; and I will do it now;” and having directed him to the servants’ hall, and recommended him to the care of John’s wife, and the attentions of John himself, I went in search of Mr. Rochester.

He was not in any of the lower rooms; he was not in the yard, the stables, or the grounds. I asked Mrs. Fairfax if she had seen him; -- yes: she believed he was playing billiards with Miss Ingram. To the billiard-room I hastened: the click of balls and the hum of voices resounded thence; Mr. Rochester, Miss Ingram, the two Misses Eshton, and their admirers, were all busied in the game. It required some courage to disturb so interesting a party; my errand, however, was one I could not defer, so I approached the master where he stood at Miss Ingram’s side. She turned as I drew near, and looked at me haughtily: her eyes seemed to demand, “What can the creeping creature want now?” and when I said, in a low voice, “Mr. Rochester,” she made a movement as if tempted to order me away. I remember her appearance at the moment -- it was very graceful and very striking: she wore a morning robe of sky-blue crape; a gauzy azure scarf was twisted in her hair. She had been all animation with the game, and irritated pride did not lower the expression of her haughty lineaments.

“Does that person want you?” she inquired of Mr. Rochester; and Mr. Rochester turned to see who the “person” was. He made a curious grimace -- one of his strange and equivocal demonstrations --

threw down his cue and followed me from the room.

“Well, Jane?” he said, as he rested his back against the schoolroom door, which he had shut.

“If you please, sir, I want leave of absence for a week or two.”

“What to do? -- where to go?”

“To see a sick lady who has sent for me.”

“What sick lady? -- where does she live?”

“At Gateshead; in -shire.”

“-shire? That is a hundred miles off! Who may she be that sends for people to see her that distance?”

“Her name is Reed, sir -- Mrs. Reed.”

“Reed of Gateshead? There was a Reed of Gateshead, a magistrate.”

“It is his widow, sir.”

“And what have you to do with her? How do you know her?”

“Mr. Reed was my uncle -- my mother’s brother.”

“The deuce he was! You never told me that before: you always said you had no relations.”

“None that would own me, sir. Mr. Reed is dead, and his wife cast me off.”

“Why?”

“Because I was poor, and burdensome, and she disliked me.”

“But Reed left children? -- you must have cousins? Sir George Lynn was talking of a Reed of Gateshead yesterday, who, he said, was one of the veriest rascals on town; and Ingram was mentioning a Georgiana Reed of the same place, who was much admired for her beauty a season or two ago in London.”

“John Reed is dead, too, sir: he ruined himself and half-ruined his family, and is supposed to have committed suicide. The news so shocked his mother that it brought on an apoplectic attack.”

“And what good can you do her? Nonsense, Jane! I would never think of running a hundred miles to see an old lady who will, perhaps, be dead before you reach her: besides, you say she cast you off.”

“Yes, sir, but that is long ago; and when her circumstances were very different: I could not be easy to neglect her wishes now.”

“How long will you stay?”

“As short a time as possible, sir.”

“Promise me only to stay a week -- “

“I had better not pass my word: I might be obliged to break it.”

“At all events you WILL come back: you will not be induced under any pretext to take up a permanent residence with her?”

“Oh, no! I shall certainly return if all be well.”

“And who goes with you? You don’t travel a hundred miles alone.”

“No, sir, she has sent her coachman.”

“A person to be trusted?”

“Yes, sir, he has lived ten years in the family.”

Mr. Rochester meditated. “When do you wish to go?”

“Early to-morrow morning, sir.”

“Well, you must have some money; you can’t travel without money, and I daresay you have not much: I have given you no salary yet. How much have you in the world, Jane?” he asked, smiling.

I drew out my purse; a meagre thing it was. “Five shillings, sir.” He took the purse, poured the hoard into his palm, and chuckled over it as if its scantiness amused him. Soon he produced his pocket-book: “Here,” said he, offering me a note; it was fifty pounds, and he owed me but fifteen. I told him I had no change.

“I don’t want change; you know that. Take your wages.”

I declined accepting more than was my due. He scowled at first; then, as if recollecting something, he said -

“Right, right! Better not give you all now: you would, perhaps, stay away three months if you had fifty pounds. There are ten; is it not plenty?”

“Yes, sir, but now you owe me five.”

“Come back for it, then; I am your banker for forty pounds.”

“Mr. Rochester, I may as well mention another matter of business to you while I have the opportunity.”

“Matter of business? I am curious to hear it.”

“You have as good as informed me, sir, that you are going shortly to be married?”

“Yes; what then?”

“In that case, sir, Adele ought to go to school: I am sure you will perceive the necessity of it.”

“To get her out of my bride’s way, who might otherwise walk over her rather too emphatically? There’s sense in the suggestion; not a doubt of it. Adele, as you say, must go to school; and you, of course, must march straight to -- the devil?”

“I hope not, sir; but I must seek another situation somewhere.”

“In course!” he exclaimed, with a twang of voice and a distortion of features equally fantastic and ludicrous. He looked at me some minutes.

“And old Madam Reed, or the Misses, her daughters, will be solicited by you to seek a place, I suppose?”

“No, sir; I am not on such terms with my relatives as would justify me in asking favours of them - - but I shall advertise.”

“You shall walk up the pyramids of Egypt!” he growled. “At your peril you advertise! I wish I had only offered you a sovereign instead of ten pounds. Give me back nine pounds, Jane; I’ve a use for it.”

“And so have I, sir,” I returned, putting my hands and my purse behind me. “I could not spare the money on any account.”

“Little niggard!” said he, “refusing me a pecuniary request! Give me five pounds, Jane.”

“Not five shillings, sir; nor five pence.”

“Just let me look at the cash.”

“No, sir; you are not to be trusted.”

“Jane!”

“Sir?”

“Promise me one thing.”

“I’ll promise you anything, sir, that I think I am likely to perform.”

“Not to advertise: and to trust this quest of a situation to me. I’ll find you one in time.”

“I shall be glad so to do, sir, if you, in your turn, will promise that I and Adele shall be both safe out of the house before your bride enters it.”

“Very well! very well! I’ll pledge my word on it. You go to-morrow, then?”

“Yes, sir; early.”

“Shall you come down to the drawing-room after dinner?”

“No, sir, I must prepare for the journey.”

“Then you and I must bid good-bye for a little while?”

“I suppose so, sir.”

“And how do people perform that ceremony of parting, Jane? Teach me; I’m not quite up to it.”

“They say, Farewell, or any other form they prefer.”

“Then say it.”

“Farewell, Mr. Rochester, for the present.”

“What must I say?”

“The same, if you like, sir.”

“Farewell, Miss Eyre, for the present; is that all?”

“Yes?”

“It seems stingy, to my notions, and dry, and unfriendly. I should like something else: a little addition to the rite. If one shook hands, for instance; but no -- that would not content me either. So you’ll do no more than say Farewell, Jane?”

“It is enough, sir: as much good-will may be conveyed in one hearty word as in many.”

“Very likely; but it is blank and cool -- ‘Farewell.’”

“How long is he going to stand with his back against that door?” I asked myself; “I want to commence my packing.” The dinner-bell rang, and suddenly away he bolted, without another syllable: I saw him no more during the day, and was off before he had risen in the morning.

I reached the lodge at Gateshead about five o’clock in the afternoon of the first of May: I stepped in there before going up to the hall. It was very clean and neat: the ornamental windows were hung with little white curtains; the floor was spotless; the grate and fire-irons were burnished bright, and the fire burnt clear. Bessie sat on the hearth, nursing her last-born, and Robert and his sister played quietly in a

corner.

“Bless you! -- I knew you would come!” exclaimed Mrs. Leaven, as I entered.

“Yes, Bessie,” said I, after I had kissed her; “and I trust I am not too late. How is Mrs. Reed? - Alive still, I hope.”

“Yes, she is alive; and more sensible and collected than she was. The doctor says she may linger a week or two yet; but he hardly thinks she will finally recover.”

“Has she mentioned me lately?”

“She was talking of you only this morning, and wishing you would come, but she is sleeping now, or was ten minutes ago, when I was up at the house. She generally lies in a kind of lethargy all the afternoon, and wakes up about six or seven. Will you rest yourself here an hour, Miss, and then I will go up with you?”

Robert here entered, and Bessie laid her sleeping child in the cradle and went to welcome him: afterwards she insisted on my taking off my bonnet and having some tea; for she said I looked pale and tired. I was glad to accept her hospitality; and I submitted to be relieved of my travelling garb just as passively as I used to let her undress me when a child.

Old times crowded fast back on me as I watched her bustling about -- setting out the tea-tray with her best china, cutting bread and butter, toasting a tea-cake, and, between whiles, giving little Robert or Jane an occasional tap or push, just as she used to give me in former days. Bessie had retained her quick temper as well as her light foot and good looks.

Tea ready, I was going to approach the table; but she desired me to sit still, quite in her old peremptory tones. I must be served at the fireside, she said; and she placed before me a little round stand with my cup and a plate of toast, absolutely as she used to accommodate me with some privately purloined dainty on a nursery chair: and I smiled and obeyed her as in bygone days.

She wanted to know if I was happy at Thornfield Hall, and what sort of a person the mistress was; and when I told her there was only a master, whether he was a nice gentleman, and if I liked him. I told her he was rather an ugly man, but quite a gentleman; and that he treated me kindly, and I was content. Then I went on to describe to her the gay company that had lately been staying at the house; and to these details Bessie listened with interest: they were precisely of the kind she relished.

In such conversation an hour was soon gone: Bessie restored to me my bonnet, &c., and, accompanied by her, I quitted the lodge for the hall. It was also accompanied by her that I had, nearly nine years ago, walked down the path I was now ascending. On a dark, misty, raw morning in January, I had left a hostile roof with a desperate and embittered heart -- a sense of outlawry and almost of reprobation -- to seek the chilly harbourage of Lowood: that bourne so far away and unexplored. The same hostile roof now again rose before me: my prospects were doubtful yet; and I had yet an aching heart. I still felt as a wanderer on the face of the earth; but I experienced firmer trust in myself and my own powers, and less withering dread of oppression. The gaping wound of my wrongs, too, was now quite healed; and the flame of resentment extinguished.

“You shall go into the breakfast-room first,” said Bessie, as she preceded me through the hall; “the young ladies will be there.”

In another moment I was within that apartment. There was every article of furniture looking just as it did on the morning I was first introduced to Mr. Brocklehurst: the very rug he had stood upon still

covered the hearth. Glancing at the bookcases, I thought I could distinguish the two volumes of Bewick's British Birds occupying their old place on the third shelf, and Gulliver's Travels and the Arabian Nights ranged just above. The inanimate objects were not changed; but the living things had altered past recognition.

Two young ladies appeared before me; one very tall, almost as tall as Miss Ingram -- very thin too, with a sallow face and severe mien. There was something ascetic in her look, which was augmented by the extreme plainness of a straight-skirted, black, stuff dress, a starched linen collar, hair combed away from the temples, and the nun-like ornament of a string of ebony beads and a crucifix. This I felt sure was Eliza, though I could trace little resemblance to her former self in that elongated and colourless visage.

The other was as certainly Georgiana: but not the Georgiana I remembered -- the slim and fairy-like girl of eleven. This was a full-blown, very plump damsel, fair as waxwork, with handsome and regular features, languishing blue eyes, and ringleted yellow hair. The hue of her dress was black too; but its fashion was so different from her sister's -- so much more flowing and becoming -- it looked as stylish as the other's looked puritanical.

In each of the sisters there was one trait of the mother -- and only one; the thin and pallid elder daughter had her parent's Cairngorm eye: the blooming and luxuriant younger girl had her contour of jaw and chin -- perhaps a little softened, but still imparting an indescribable hardness to the countenance otherwise so voluptuous and buxom.

Both ladies, as I advanced, rose to welcome me, and both addressed me by the name of "Miss Eyre." Eliza's greeting was delivered in a short, abrupt voice, without a smile; and then she sat down again, fixed her eyes on the fire, and seemed to forget me. Georgiana added to her "How d'ye do?" several commonplaces about my journey, the weather, and so on, uttered in rather a drawling tone: and accompanied by sundry side-glances that measured me from head to foot -- now traversing the folds of my drab merino pelisse, and now lingering on the plain trimming of my cottage bonnet. Young ladies have a remarkable way of letting you know that they think you a "quiz" without actually saying the words. A certain superciliousness of look, coolness of manner, nonchalance of tone, express fully their sentiments on the point, without committing them by any positive rudeness in word or deed.

A sneer, however, whether covert or open, had now no longer that power over me it once possessed: as I sat between my cousins, I was surprised to find how easy I felt under the total neglect of the one and the semi-sarcastic attentions of the other -- Eliza did not mortify, nor Georgiana ruffle me. The fact was, I had other things to think about; within the last few months feelings had been stirred in me so much more potent than any they could raise -- pains and pleasures so much more acute and exquisite had been excited than any it was in their power to inflict or bestow -- that their airs gave me no concern either for good or bad.

"How is Mrs. Reed?" I asked soon, looking calmly at Georgiana, who thought fit to bridle at the direct address, as if it were an unexpected liberty.

"Mrs. Reed? Ah! mama, you mean; she is extremely poorly: I doubt if you can see her to-night."

"If," said I, "you would just step upstairs and tell her I am come, I should be much obliged to you."

Georgiana almost started, and she opened her blue eyes wild and wide. "I know she had a particular wish to see me," I added, "and I would not defer attending to her desire longer than is

absolutely necessary.”

“Mama dislikes being disturbed in an evening,” remarked Eliza. I soon rose, quietly took off my bonnet and gloves, uninvited, and said I would just step out to Bessie -- who was, I dared say, in the kitchen -- and ask her to ascertain whether Mrs. Reed was disposed to receive me or not to-night. I went, and having found Bessie and despatched her on my errand, I proceeded to take further measures. It had heretofore been my habit always to shrink from arrogance: received as I had been to-day, I should, a year ago, have resolved to quit Gateshead the very next morning; now, it was disclosed to me all at once that that would be a foolish plan. I had taken a journey of a hundred miles to see my aunt, and I must stay with her till she was better -- or dead: as to her daughters’ pride or folly, I must put it on one side, make myself independent of it. So I addressed the housekeeper; asked her to show me a room, told her I should probably be a visitor here for a week or two, had my trunk conveyed to my chamber, and followed it thither myself: I met Bessie on the landing.

“Missis is awake,” said she; “I have told her you are here: come and let us see if she will know you.”

I did not need to be guided to the well-known room, to which I had so often been summoned for chastisement or reprimand in former days. I hastened before Bessie; I softly opened the door: a shaded light stood on the table, for it was now getting dark. There was the great four-post bed with amber hangings as of old; there the toilet-table, the armchair, and the footstool, at which I had a hundred times been sentenced to kneel, to ask pardon for offences by me uncommitted. I looked into a certain corner near, half-expecting to see the slim outline of a once dreaded switch which used to lurk there, waiting to leap out imp-like and lace my quivering palm or shrinking neck. I approached the bed; I opened the curtains and leant over the high-piled pillows.

Well did I remember Mrs. Reed’s face, and I eagerly sought the familiar image. It is a happy thing that time quells the longings of vengeance and hushes the promptings of rage and aversion. I had left this woman in bitterness and hate, and I came back to her now with no other emotion than a sort of ruth for her great sufferings, and a strong yearning to forget and forgive all injuries -- to be reconciled and clasp hands in amity.

The well-known face was there: stern, relentless as ever -- there was that peculiar eye which nothing could melt, and the somewhat raised, imperious, despotic eyebrow. How often had it lowered on me menace and hate! and how the recollection of childhood’s terrors and sorrows revived as I traced its harsh line now! And yet I stooped down and kissed her: she looked at me.

“Is this Jane Eyre?” she said.

“Yes, Aunt Reed. How are you, dear aunt?”

I had once vowed that I would never call her aunt again: I thought it no sin to forget and break that vow now. My fingers had fastened on her hand which lay outside the sheet: had she pressed mine kindly, I should at that moment have experienced true pleasure. But unimpressionable natures are not so soon softened, nor are natural antipathies so readily eradicated. Mrs. Reed took her hand away, and, turning her face rather from me, she remarked that the night was warm. Again she regarded me so icily, I felt at once that her opinion of me -- her feeling towards me -- was unchanged and unchangeable. I knew by her stony eye -- opaque to tenderness, indissoluble to tears -- that she was resolved to consider me bad to the last; because to believe me good would give her no generous pleasure: only a sense of mortification.

I felt pain, and then I felt ire; and then I felt a determination to subdue her -- to be her mistress in spite both of her nature and her will. My tears had risen, just as in childhood: I ordered them back to their source. I brought a chair to the bed-head: I sat down and leaned over the pillow.

“You sent for me,” I said, “and I am here; and it is my intention to stay till I see how you get on.”

“Oh, of course! You have seen my daughters?”

“Yes.”

“Well, you may tell them I wish you to stay till I can talk some things over with you I have on my mind: to-night it is too late, and I have a difficulty in recalling them. But there was something I wished to say -- let me see -- “

The wandering look and changed utterance told what wreck had taken place in her once vigorous frame. Turning restlessly, she drew the bedclothes round her; my elbow, resting on a corner of the quilt, fixed it down: she was at once irritated.

“Sit up!” said she; “don’t annoy me with holding the clothes fast. Are you Jane Eyre?”

“I am Jane Eyre.”

“I have had more trouble with that child than any one would believe. Such a burden to be left on my hands -- and so much annoyance as she caused me, daily and hourly, with her incomprehensible disposition, and her sudden starts of temper, and her continual, unnatural watchings of one’s movements! I declare she talked to me once like something mad, or like a fiend -- no child ever spoke or looked as she did; I was glad to get her away from the house. What did they do with her at Lowood? The fever broke out there, and many of the pupils died. She, however, did not die: but I said she did -- I wish she had died!”

“A strange wish, Mrs. Reed; why do you hate her so?”

“I had a dislike to her mother always; for she was my husband’s only sister, and a great favourite with him: he opposed the family’s disowning her when she made her low marriage; and when news came of her death, he wept like a simpleton. He would send for the baby; though I entreated him rather to put it out to nurse and pay for its maintenance. I hated it the first time I set my eyes on it -- a sickly, whining, pining thing! It would wail in its cradle all night long -- not screaming heartily like any other child, but whimpering and moaning. Reed pitied it; and he used to nurse it and notice it as if it had been his own: more, indeed, than he ever noticed his own at that age. He would try to make my children friendly to the little beggar: the darlings could not bear it, and he was angry with them when they showed their dislike. In his last illness, he had it brought continually to his bedside; and but an hour before he died, he bound me by vow to keep the creature. I would as soon have been charged with a pauper brat out of a workhouse: but he was weak, naturally weak. John does not at all resemble his father, and I am glad of it: John is like me and like my brothers -- he is quite a Gibson. Oh, I wish he would cease tormenting me with letters for money? I have no more money to give him: we are getting poor. I must send away half the servants and shut up part of the house; or let it off. I can never submit to do that -- yet how are we to get on? Two-thirds of my income goes in paying the interest of mortgages. John gambles dreadfully, and always loses -- poor boy! He is beset by sharpers: John is sunk and degraded -- his look is frightful -- I feel ashamed for him when I see him.”

She was getting much excited. “I think I had better leave her now,” said I to Bessie, who stood on the other side of the bed.

“Perhaps you had, Miss: but she often talks in this way towards night -- in the morning she is

calmer.”

I rose. “Stop!” exclaimed Mrs. Reed, “there is another thing I wished to say. He threatens me -- he continually threatens me with his own death, or mine: and I dream sometimes that I see him laid out with a great wound in his throat, or with a swollen and blackened face. I am come to a strange pass: I have heavy troubles. What is to be done? How is the money to be had?”

Bessie now endeavoured to persuade her to take a sedative draught: she succeeded with difficulty. Soon after, Mrs. Reed grew more composed, and sank into a dozing state. I then left her.

More than ten days elapsed before I had again any conversation with her. She continued either delirious or lethargic; and the doctor forbade everything which could painfully excite her. Meantime, I got on as well as I could with Georgiana and Eliza. They were very cold, indeed, at first. Eliza would sit half the day sewing, reading, or writing, and scarcely utter a word either to me or her sister. Georgiana would chatter nonsense to her canary bird by the hour, and take no notice of me. But I was determined not to seem at a loss for occupation or amusement: I had brought my drawing materials with me, and they served me for both.

Provided with a case of pencils, and some sheets of paper, I used to take a seat apart from them, near the window, and busy myself in sketching fancy vignettes, representing any scene that happened momentarily to shape itself in the ever-shifting kaleidoscope of imagination: a glimpse of sea between two rocks; the rising moon, and a ship crossing its disk; a group of reeds and water-flags, and a naiad’s head, crowned with lotus-flowers, rising out of them; an elf sitting in a hedge-sparrow’s nest, under a wreath of hawthorn-bloom.

One morning I fell to sketching a face: what sort of a face it was to be, I did not care or know. I took a soft black pencil, gave it a broad point, and worked away. Soon I had traced on the paper a broad and prominent forehead and a square lower outline of visage: that contour gave me pleasure; my fingers proceeded actively to fill it with features. Strongly-marked horizontal eyebrows must be traced under that brow; then followed, naturally, a well-defined nose, with a straight ridge and full nostrils; then a flexible-looking mouth, by no means narrow; then a firm chin, with a decided cleft down the middle of it: of course, some black whiskers were wanted, and some jetty hair, tufted on the temples, and waved above the forehead. Now for the eyes: I had left them to the last, because they required the most careful working. I drew them large; I shaped them well: the eyelashes I traced long and sombre; the irids lustrous and large. “Good! but not quite the thing,” I thought, as I surveyed the effect: “they want more force and spirit;” and I wrought the shades blacker, that the lights might flash more brilliantly -- a happy touch or two secured success. There, I had a friend’s face under my gaze; and what did it signify that those young ladies turned their backs on me? I looked at it; I smiled at the speaking likeness: I was absorbed and content.

“Is that a portrait of some one you know?” asked Eliza, who had approached me unnoticed. I responded that it was merely a fancy head, and hurried it beneath the other sheets. Of course, I lied: it was, in fact, a very faithful representation of Mr. Rochester. But what was that to her, or to any one but myself? Georgiana also advanced to look. The other drawings pleased her much, but she called that “an ugly man.” They both seemed surprised at my skill. I offered to sketch their portraits; and each, in turn, sat for a pencil outline. Then Georgiana produced her album. I promised to contribute a water-colour drawing: this put her at once into good humour. She proposed a walk in the grounds. Before we had been out two hours, we were deep in a confidential conversation: she had favoured me with a description of the brilliant winter she had spent in London two seasons ago -- of the admiration she had there excited --

the attention she had received; and I even got hints of the titled conquest she had made. In the course of the afternoon and evening these hints were enlarged on: various soft conversations were reported, and sentimental scenes represented; and, in short, a volume of a novel of fashionable life was that day improvised by her for my benefit. The communications were renewed from day to day: they always ran on the same theme -- herself, her loves, and woes. It was strange she never once adverted either to her mother's illness, or her brother's death, or the present gloomy state of the family prospects. Her mind seemed wholly taken up with reminiscences of past gaiety, and aspirations after dissipations to come. She passed about five minutes each day in her mother's sick-room, and no more.

Eliza still spoke little: she had evidently no time to talk. I never saw a busier person than she seemed to be; yet it was difficult to say what she did: or rather, to discover any result of her diligence. She had an alarm to call her up early. I know not how she occupied herself before breakfast, but after that meal she divided her time into regular portions, and each hour had its allotted task. Three times a day she studied a little book, which I found, on inspection, was a Common Prayer Book. I asked her once what was the great attraction of that volume, and she said, "the Rubric." Three hours she gave to stitching, with gold thread, the border of a square crimson cloth, almost large enough for a carpet. In answer to my inquiries after the use of this article, she informed me it was a covering for the altar of a new church lately erected near Gateshead. Two hours she devoted to her diary; two to working by herself in the kitchen-garden; and one to the regulation of her accounts. She seemed to want no company; no conversation. I believe she was happy in her way: this routine sufficed for her; and nothing annoyed her so much as the occurrence of any incident which forced her to vary its clockwork regularity.

She told me one evening, when more disposed to be communicative than usual, that John's conduct, and the threatened ruin of the family, had been a source of profound affliction to her: but she had now, she said, settled her mind, and formed her resolution. Her own fortune she had taken care to secure; and when her mother died -- and it was wholly improbable, she tranquilly remarked, that she should either recover or linger long -- she would execute a long-cherished project: seek a retirement where punctual habits would be permanently secured from disturbance, and place safe barriers between herself and a frivolous world. I asked if Georgiana would accompany her.

"Of course not. Georgiana and she had nothing in common: they never had had. She would not be burdened with her society for any consideration. Georgiana should take her own course; and she, Eliza, would take hers."

Georgiana, when not unburdening her heart to me, spent most of her time in lying on the sofa, fretting about the dulness of the house, and wishing over and over again that her aunt Gibson would send her an invitation up to town. "It would be so much better," she said, "if she could only get out of the way for a month or two, till all was over." I did not ask what she meant by "all being over," but I suppose she referred to the expected decease of her mother and the gloomy sequel of funeral rites. Eliza generally took no more notice of her sister's indolence and complaints than if no such murmuring, lounging object had been before her. One day, however, as she put away her account-book and unfolded her embroidery, she suddenly took her up thus -

"Georgiana, a more vain and absurd animal than you was certainly never allowed to cumber the earth. You had no right to be born, for you make no use of life. Instead of living for, in, and with yourself, as a reasonable being ought, you seek only to fasten your feebleness on some other person's strength: if no one can be found willing to burden her or himself with such a fat, weak, puffy, useless thing, you cry out that you are ill-treated, neglected, miserable. Then, too, existence for you must be a scene of continual

change and excitement, or else the world is a dungeon: you must be admired, you must be courted, you must be flattered -- you must have music, dancing, and society -- or you languish, you die away. Have you no sense to devise a system which will make you independent of all efforts, and all wills, but your own? Take one day; share it into sections; to each section apportion its task: leave no stray unemployed quarters of an hour, ten minutes, five minutes -- include all; do each piece of business in its turn with method, with rigid regularity. The day will close almost before you are aware it has begun; and you are indebted to no one for helping you to get rid of one vacant moment: you have had to seek no one's company, conversation, sympathy, forbearance; you have lived, in short, as an independent being ought to do. Take this advice: the first and last I shall offer you; then you will not want me or any one else, happen what may. Neglect it -- go on as heretofore, craving, whining, and idling -- and suffer the results of your idiocy, however bad and insuperable they may be. I tell you this plainly; and listen: for though I shall no more repeat what I am now about to say, I shall steadily act on it. After my mother's death, I wash my hands of you: from the day her coffin is carried to the vault in Gateshead Church, you and I will be as separate as if we had never known each other. You need not think that because we chanced to be born of the same parents, I shall suffer you to fasten me down by even the feeblest claim: I can tell you this -- if the whole human race, ourselves excepted, were swept away, and we two stood alone on the earth, I would leave you in the old world, and betake myself to the new."

She closed her lips.

"You might have spared yourself the trouble of delivering that tirade," answered Georgiana. "Everybody knows you are the most selfish, heartless creature in existence: and I know your spiteful hatred towards me: I have had a specimen of it before in the trick you played me about Lord Edwin Vere: you could not bear me to be raised above you, to have a title, to be received into circles where you dare not show your face, and so you acted the spy and informer, and ruined my prospects for ever." Georgiana took out her handkerchief and blew her nose for an hour afterwards; Eliza sat cold, impassable, and assiduously industrious.

True, generous feeling is made small account of by some, but here were two natures rendered, the one intolerably acrid, the other despicably savourless for the want of it. Feeling without judgment is a washy draught indeed; but judgment untempered by feeling is too bitter and husky a morsel for human deglutition.

It was a wet and windy afternoon: Georgiana had fallen asleep on the sofa over the perusal of a novel; Eliza was gone to attend a saint's-day service at the new church -- for in matters of religion she was a rigid formalist: no weather ever prevented the punctual discharge of what she considered her devotional duties; fair or foul, she went to church thrice every Sunday, and as often on week-days as there were prayers.

I bethought myself to go upstairs and see how the dying woman sped, who lay there almost unheeded: the very servants paid her but a remittent attention: the hired nurse, being little looked after, would slip out of the room whenever she could. Bessie was faithful; but she had her own family to mind, and could only come occasionally to the hall. I found the sick-room unwatched, as I had expected: no nurse was there; the patient lay still, and seemingly lethargic; her livid face sunk in the pillows: the fire was dying in the grate. I renewed the fuel, re-arranged the bedclothes, gazed awhile on her who could not now gaze on me, and then I moved away to the window.

The rain beat strongly against the panes, the wind blew tempestuously: "One lies there," I thought, "who will soon be beyond the war of earthly elements. Whither will that spirit -- now struggling

to quit its material tenement -- flit when at length released?"

In pondering the great mystery, I thought of Helen Burns, recalled her dying words -- her faith -- her doctrine of the equality of disembodied souls. I was still listening in thought to her well-remembered tones -- still picturing her pale and spiritual aspect, her wasted face and sublime gaze, as she lay on her placid deathbed, and whispered her longing to be restored to her divine Father's bosom -- when a feeble voice murmured from the couch behind: "Who is that?"

I knew Mrs. Reed had not spoken for days: was she reviving? I went up to her.

"It is I, Aunt Reed."

"Who -- I?" was her answer. "Who are you?" looking at me with surprise and a sort of alarm, but still not wildly. "You are quite a stranger to me -- where is Bessie?"

"She is at the lodge, aunt."

"Aunt," she repeated. "Who calls me aunt? You are not one of the Gibsons; and yet I know you -- that face, and the eyes and forehead, are quiet familiar to me: you are like -- why, you are like Jane Eyre!"

I said nothing: I was afraid of occasioning some shock by declaring my identity.

"Yet," said she, "I am afraid it is a mistake: my thoughts deceive me. I wished to see Jane Eyre, and I fancy a likeness where none exists: besides, in eight years she must be so changed." I now gently assured her that I was the person she supposed and desired me to be: and seeing that I was understood, and that her senses were quite collected, I explained how Bessie had sent her husband to fetch me from Thornfield.

"I am very ill, I know," she said ere long. "I was trying to turn myself a few minutes since, and find I cannot move a limb. It is as well I should ease my mind before I die: what we think little of in health, burdens us at such an hour as the present is to me. Is the nurse here? or is there no one in the room but you?"

I assured her we were alone.

"Well, I have twice done you a wrong which I regret now. One was in breaking the promise which I gave my husband to bring you up as my own child; the other -- " she stopped. "After all, it is of no great importance, perhaps," she murmured to herself: "and then I may get better; and to humble myself so to her is painful."

She made an effort to alter her position, but failed: her face changed; she seemed to experience some inward sensation -- the precursor, perhaps, of the last pang.

"Well, I must get it over. Eternity is before me: I had better tell her. -- Go to my dressing-case, open it, and take out a letter you will see there."

I obeyed her directions. "Read the letter," she said.

It was short, and thus conceived:-

"Madam, -- Will you have the goodness to send me the address of my niece, Jane Eyre, and to tell me how she is? It is my intention to write shortly and desire her to come to me at Madeira. Providence has blessed my endeavours to secure a competency; and as I am unmarried and childless, I wish to adopt her during my life, and bequeath her at my death whatever I may have to leave. -- I am, Madam, &c., &c.,

“JOHN EYRE, Madeira.”

It was dated three years back.

“Why did I never hear of this?” I asked.

“Because I disliked you too fixedly and thoroughly ever to lend a hand in lifting you to prosperity. I could not forget your conduct to me, Jane -- the fury with which you once turned on me; the tone in which you declared you abhorred me the worst of anybody in the world; the unchildlike look and voice with which you affirmed that the very thought of me made you sick, and asserted that I had treated you with miserable cruelty. I could not forget my own sensations when you thus started up and poured out the venom of your mind: I felt fear as if an animal that I had struck or pushed had looked up at me with human eyes and cursed me in a man’s voice. -- Bring me some water! Oh, make haste!”

“Dear Mrs. Reed,” said I, as I offered her the draught she required, “think no more of all this, let it pass away from your mind. Forgive me for my passionate language: I was a child then; eight, nine years have passed since that day.”

She heeded nothing of what I said; but when she had tasted the water and drawn breath, she went on thus -

“I tell you I could not forget it; and I took my revenge: for you to be adopted by your uncle, and placed in a state of ease and comfort, was what I could not endure. I wrote to him; I said I was sorry for his disappointment, but Jane Eyre was dead: she had died of typhus fever at Lowood. Now act as you please: write and contradict my assertion -- expose my falsehood as soon as you like. You were born, I think, to be my torment: my last hour is racked by the recollection of a deed which, but for you, I should never have been tempted to commit.”

“If you could but be persuaded to think no more of it, aunt, and to regard me with kindness and forgiveness”

“You have a very bad disposition,” said she, “and one to this day I feel it impossible to understand: how for nine years you could be patient and quiescent under any treatment, and in the tenth break out all fire and violence, I can never comprehend.”

“My disposition is not so bad as you think: I am passionate, but not vindictive. Many a time, as a little child, I should have been glad to love you if you would have let me; and I long earnestly to be reconciled to you now: kiss me, aunt.”

I approached my cheek to her lips: she would not touch it. She said I oppressed her by leaning over the bed, and again demanded water. As I laid her down -- for I raised her and supported her on my arm while she drank -- I covered her ice-cold and clammy hand with mine: the feeble fingers shrank from my touch -- the glazing eyes shunned my gaze.

“Love me, then, or hate me, as you will,” I said at last, “you have my full and free forgiveness: ask now for God’s, and be at peace.”

Poor, suffering woman! it was too late for her to make now the effort to change her habitual frame of mind: living, she had ever hated me -- dying, she must hate me still.

The nurse now entered, and Bessie followed. I yet lingered half-an-hour longer, hoping to see some sign of amity: but she gave none. She was fast relapsing into stupor; nor did her mind again rally: at twelve o’clock that night she died. I was not present to close her eyes, nor were either of her daughters.

They came to tell us the next morning that all was over. She was by that time laid out. Eliza and I went to look at her: Georgiana, who had burst out into loud weeping, said she dared not go. There was stretched Sarah Reed's once robust and active frame, rigid and still: her eye of flint was covered with its cold lid; her brow and strong traits wore yet the impress of her inexorable soul. A strange and solemn object was that corpse to me. I gazed on it with gloom and pain: nothing soft, nothing sweet, nothing pitying, or hopeful, or subduing did it inspire; only a grating anguish for HER woes -- not MY loss -- and a sombre tearless dismay at the fearfulness of death in such a form.

Eliza surveyed her parent calmly. After a silence of some minutes she observed -

“With her constitution she should have lived to a good old age: her life was shortened by trouble.” And then a spasm constricted her mouth for an instant: as it passed away she turned and left the room, and so did I. Neither of us had dropt a tear.

CHAPTER XXII

Mr. Rochester had given me but one week's leave of absence: yet a month elapsed before I quitted Gateshead. I wished to leave immediately after the funeral, but Georgiana entreated me to stay till she could get off to London, whither she was now at last invited by her uncle, Mr. Gibson, who had come down to direct his sister's interment and settle the family affairs. Georgiana said she dreaded being left alone with Eliza; from her she got neither sympathy in her dejection, support in her fears, nor aid in her preparations; so I bore with her feeble-minded wailings and selfish lamentations as well as I could, and did my best in sewing for her and packing her dresses. It is true, that while I worked, she would idle; and I thought to myself, "If you and I were destined to live always together, cousin, we would commence matters on a different footing. I should not settle tamely down into being the forbearing party; I should assign you your share of labour, and compel you to accomplish it, or else it should be left undone: I should insist, also, on your keeping some of those drawling, half-insincere complaints hushed in your own breast. It is only because our connection happens to be very transitory, and comes at a peculiarly mournful season, that I consent thus to render it so patient and compliant on my part."

At last I saw Georgiana off; but now it was Eliza's turn to request me to stay another week. Her plans required all her time and attention, she said; she was about to depart for some unknown bourne; and all day long she stayed in her own room, her door bolted within, filling trunks, emptying drawers, burning papers, and holding no communication with any one. She wished me to look after the house, to see callers, and answer notes of condolence.

One morning she told me I was at liberty. "And," she added, "I am obliged to you for your valuable services and discreet conduct! There is some difference between living with such an one as you and with Georgiana: you perform your own part in life and burden no one. To-morrow," she continued, "I set out for the Continent. I shall take up my abode in a religious house near Lisle -- a nunnery you would call it; there I shall be quiet and unmolested. I shall devote myself for a time to the examination of the Roman Catholic dogmas, and to a careful study of the workings of their system: if I find it to be, as I half suspect it is, the one best calculated to ensure the doing of all things decently and in order, I shall embrace the tenets of Rome and probably take the veil."

I neither expressed surprise at this resolution nor attempted to dissuade her from it. "The vocation will fit you to a hair," I thought: "much good may it do you!"

When we parted, she said: "Good-bye, cousin Jane Eyre; I wish you well: you have some sense."

I then returned: "You are not without sense, cousin Eliza; but what you have, I suppose, in another year will be walled up alive in a French convent. However, it is not my business, and so it suits you, I don't much care."

"You are in the right," said she; and with these words we each went our separate way. As I shall not have occasion to refer either to her or her sister again, I may as well mention here, that Georgiana made an advantageous match with a wealthy worn-out man of fashion, and that Eliza actually took the veil, and is at this day superior of the convent where she passed the period of her novitiate, and which she endowed with her fortune.

How people feel when they are returning home from an absence, long or short, I did not know: I

had never experienced the sensation. I had known what it was to come back to Gateshead when a child after a long walk, to be scolded for looking cold or gloomy; and later, what it was to come back from church to Lowood, to long for a plenteous meal and a good fire, and to be unable to get either. Neither of these returnings was very pleasant or desirable: no magnet drew me to a given point, increasing in its strength of attraction the nearer I came. The return to Thornfield was yet to be tried.

My journey seemed tedious -- very tedious: fifty miles one day, a night spent at an inn; fifty miles the next day. During the first twelve hours I thought of Mrs. Reed in her last moments; I saw her disfigured and discoloured face, and heard her strangely altered voice. I mused on the funeral day, the coffin, the hearse, the black train of tenants and servants -- few was the number of relatives -- the gaping vault, the silent church, the solemn service. Then I thought of Eliza and Georgiana; I beheld one the cynosure of a ball-room, the other the inmate of a convent cell; and I dwelt on and analysed their separate peculiarities of person and character. The evening arrival at the great town of -- scattered these thoughts; night gave them quite another turn: laid down on my traveller's bed, I left reminiscence for anticipation.

I was going back to Thornfield: but how long was I to stay there? Not long; of that I was sure. I had heard from Mrs. Fairfax in the interim of my absence: the party at the hall was dispersed; Mr. Rochester had left for London three weeks ago, but he was then expected to return in a fortnight. Mrs. Fairfax surmised that he was gone to make arrangements for his wedding, as he had talked of purchasing a new carriage: she said the idea of his marrying Miss Ingram still seemed strange to her; but from what everybody said, and from what she had herself seen, she could no longer doubt that the event would shortly take place. "You would be strangely incredulous if you did doubt it," was my mental comment. "I don't doubt it."

The question followed, "Where was I to go?" I dreamt of Miss Ingram all the night: in a vivid morning dream I saw her closing the gates of Thornfield against me and pointing me out another road; and Mr. Rochester looked on with his arms folded -- smiling sardonically, as it seemed, at both her and me.

I had not notified to Mrs. Fairfax the exact day of my return; for I did not wish either car or carriage to meet me at Millcote. I proposed to walk the distance quietly by myself; and very quietly, after leaving my box in the ostler's care, did I slip away from the George Inn, about six o'clock of a June evening, and take the old road to Thornfield: a road which lay chiefly through fields, and was now little frequented.

It was not a bright or splendid summer evening, though fair and soft: the haymakers were at work all along the road; and the sky, though far from cloudless, was such as promised well for the future: its blue -- where blue was visible -- was mild and settled, and its cloud strata high and thin. The west, too, was warm: no watery gleam chilled it -- it seemed as if there was a fire lit, an altar burning behind its screen of marbled vapour, and out of apertures shone a golden redness.

I felt glad as the road shortened before me: so glad that I stopped once to ask myself what that joy meant: and to remind reason that it was not to my home I was going, or to a permanent resting-place, or to a place where fond friends looked out for me and waited my arrival. "Mrs. Fairfax will smile you a calm welcome, to be sure," said I; "and little Adele will clap her hands and jump to see you: but you know very well you are thinking of another than they, and that he is not thinking of you."

But what is so headstrong as youth? What so blind as inexperience? These affirmed that it was pleasure enough to have the privilege of again looking on Mr. Rochester, whether he looked on me or not; and they added -- "Hasten! hasten! be with him while you may: but a few more days or weeks, at most, and you are parted from him for ever!" And then I strangled a new-born agony -- a deformed thing which I

could not persuade myself to own and rear -- and ran on.

They are making hay, too, in Thornfield meadows: or rather, the labourers are just quitting their work, and returning home with their rakes on their shoulders, now, at the hour I arrive. I have but a field or two to traverse, and then I shall cross the road and reach the gates. How full the hedges are of roses! But I have no time to gather any; I want to be at the house. I passed a tall briar, shooting leafy and flowery branches across the path; I see the narrow stile with stone steps; and I see -- Mr. Rochester sitting there, a book and a pencil in his hand; he is writing.

Well, he is not a ghost; yet every nerve I have is unstrung: for a moment I am beyond my own mastery. What does it mean? I did not think I should tremble in this way when I saw him, or lose my voice or the power of motion in his presence. I will go back as soon as I can stir: I need not make an absolute fool of myself. I know another way to the house. It does not signify if I knew twenty ways; for he has seen me.

“Hillo!” he cries; and he puts up his book and his pencil. “There you are! Come on, if you please.”

I suppose I do come on; though in what fashion I know not; being scarcely cognisant of my movements, and solicitous only to appear calm; and, above all, to control the working muscles of my face -- which I feel rebel insolently against my will, and struggle to express what I had resolved to conceal. But I have a veil -- it is down: I may make shift yet to behave with decent composure.

“And this is Jane Eyre? Are you coming from Millcote, and on foot? Yes -- just one of your tricks: not to send for a carriage, and come clattering over street and road like a common mortal, but to steal into the vicinage of your home along with twilight, just as if you were a dream or a shade. What the deuce have you done with yourself this last month?”

“I have been with my aunt, sir, who is dead.”

“A true Janian reply! Good angels be my guard! She comes from the other world -- from the abode of people who are dead; and tells me so when she meets me alone here in the gloaming! If I dared, I'd touch you, to see if you are substance or shadow, you elf! -- but I'd as soon offer to take hold of a blue ignis fatuus light in a marsh. Truant! truant!” he added, when he had paused an instant. “Absent from me a whole month, and forgetting me quite, I'll be sworn!”

I knew there would be pleasure in meeting my master again, even though broken by the fear that he was so soon to cease to be my master, and by the knowledge that I was nothing to him: but there was ever in Mr. Rochester (so at least I thought) such a wealth of the power of communicating happiness, that to taste but of the crumbs he scattered to stray and stranger birds like me, was to feast genially. His last words were balm: they seemed to imply that it imported something to him whether I forgot him or not. And he had spoken of Thornfield as my home -- would that it were my home!

He did not leave the stile, and I hardly liked to ask to go by. I inquired soon if he had not been to London.

“Yes; I suppose you found that out by second-sight.”

“Mrs. Fairfax told me in a letter.”

“And did she inform you what I went to do?”

“Oh, yes, sir! Everybody knew your errand.”

“You must see the carriage, Jane, and tell me if you don't think it will suit Mrs. Rochester

exactly; and whether she won't look like Queen Boadicea, leaning back against those purple cushions. I wish, Jane, I were a trifle better adapted to match with her externally. Tell me now, fairy as you are -- can't you give me a charm, or a philter, or something of that sort, to make me a handsome man?"

"It would be past the power of magic, sir;" and, in thought, I added, "A loving eye is all the charm needed: to such you are handsome enough; or rather your sternness has a power beyond beauty."

Mr. Rochester had sometimes read my unspoken thoughts with an acumen to me incomprehensible: in the present instance he took no notice of my abrupt vocal response; but he smiled at me with a certain smile he had of his own, and which he used but on rare occasions. He seemed to think it too good for common purposes: it was the real sunshine of feeling -- he shed it over me now.

"Pass, Janet," said he, making room for me to cross the stile: "go up home, and stay your weary little wandering feet at a friend's threshold."

All I had now to do was to obey him in silence: no need for me to colloquise further. I got over the stile without a word, and meant to leave him calmly. An impulse held me fast -- a force turned me round. I said -- or something in me said for me, and in spite of me -

"Thank you, Mr. Rochester, for your great kindness. I am strangely glad to get back again to you: and wherever you are is my home -- my only home."

I walked on so fast that even he could hardly have overtaken me had he tried. Little Adele was half wild with delight when she saw me. Mrs. Fairfax received me with her usual plain friendliness. Leah smiled, and even Sophie bid me "bon soir" with glee. This was very pleasant; there is no happiness like that of being loved by your fellow-creatures, and feeling that your presence is an addition to their comfort.

I that evening shut my eyes resolutely against the future: I stopped my ears against the voice that kept warning me of near separation and coming grief. When tea was over and Mrs. Fairfax had taken her knitting, and I had assumed a low seat near her, and Adele, kneeling on the carpet, had nestled close up to me, and a sense of mutual affection seemed to surround us with a ring of golden peace, I uttered a silent prayer that we might not be parted far or soon; but when, as we thus sat, Mr. Rochester entered, unannounced, and looking at us, seemed to take pleasure in the spectacle of a group so amicable -- when he said he supposed the old lady was all right now that she had got her adopted daughter back again, and added that he saw Adele was "prete e croquer sa petite maman Anglaise" -- I half ventured to hope that he would, even after his marriage, keep us together somewhere under the shelter of his protection, and not quite exiled from the sunshine of his presence.

A fortnight of dubious calm succeeded my return to Thornfield Hall. Nothing was said of the master's marriage, and I saw no preparation going on for such an event. Almost every day I asked Mrs. Fairfax if she had yet heard anything decided: her answer was always in the negative. Once she said she had actually put the question to Mr. Rochester as to when he was going to bring his bride home; but he had answered her only by a joke and one of his queer looks, and she could not tell what to make of him.

One thing specially surprised me, and that was, there were no journeyings backward and forward, no visits to Ingram Park: to be sure it was twenty miles off, on the borders of another county; but what was that distance to an ardent lover? To so practised and indefatigable a horseman as Mr. Rochester, it would be but a morning's ride. I began to cherish hopes I had no right to conceive: that the match was broken off; that rumour had been mistaken; that one or both parties had changed their minds. I used to look at my master's face to see if it were sad or fierce; but I could not remember the time when it had been so uniformly clear of clouds or evil feelings. If, in the moments I and my pupil spent with him, I

lacked spirits and sank into inevitable dejection, he became even gay. Never had he called me more frequently to his presence; never been kinder to me when there -- and, alas! never had I loved him so well.

CHAPTER XXIII

A splendid Midsummer shone over England: skies so pure, suns so radiant as were then seen in long succession, seldom favour even singly, our wave-girt land. It was as if a band of Italian days had come from the South, like a flock of glorious passenger birds, and lighted to rest them on the cliffs of Albion. The hay was all got in; the fields round Thornfield were green and shorn; the roads white and baked; the trees were in their dark prime; hedge and wood, full-leaved and deeply tinted, contrasted well with the sunny hue of the cleared meadows between.

On Midsummer-eve, Adele, weary with gathering wild strawberries in Hay Lane half the day, had gone to bed with the sun. I watched her drop asleep, and when I left her, I sought the garden.

It was now the sweetest hour of the twenty-four:- "Day its fervid fires had wasted," and dew fell cool on panting plain and scorched summit. Where the sun had gone down in simple state -- pure of the pomp of clouds -- spread a solemn purple, burning with the light of red jewel and furnace flame at one point, on one hill-peak, and extending high and wide, soft and still softer, over half heaven. The east had its own charm or fine deep blue, and its own modest gem, a casino and solitary star: soon it would boast the moon; but she was yet beneath the horizon.

I walked a while on the pavement; but a subtle, well-known scent -- that of a cigar -- stole from some window; I saw the library casement open a handbreadth; I knew I might be watched thence; so I went apart into the orchard. No nook in the grounds more sheltered and more Eden-like; it was full of trees, it bloomed with flowers: a very high wall shut it out from the court, on one side; on the other, a beech avenue screened it from the lawn. At the bottom was a sunk fence; its sole separation from lonely fields: a winding walk, bordered with laurels and terminating in a giant horse-chestnut, circled at the base by a seat, led down to the fence. Here one could wander unseen. While such honey-dew fell, such silence reigned, such gloaming gathered, I felt as if I could haunt such shade for ever; but in threading the flower and fruit parterres at the upper part of the enclosure, enticed there by the light the now rising moon cast on this more open quarter, my step is stayed -- not by sound, not by sight, but once more by a warning fragrance.

Sweet-briar and southernwood, jasmine, pink, and rose have long been yielding their evening sacrifice of incense: this new scent is neither of shrub nor flower; it is -- I know it well -- it is Mr. Rochester's cigar. I look round and I listen. I see trees laden with ripening fruit. I hear a nightingale warbling in a wood half a mile off; no moving form is visible, no coming step audible; but that perfume increases: I must flee. I make for the wicket leading to the shrubbery, and I see Mr. Rochester entering. I step aside into the ivy recess; he will not stay long: he will soon return whence he came, and if I sit still he will never see me.

But no -- eventide is as pleasant to him as to me, and this antique garden as attractive; and he strolls on, now lifting the gooseberry- tree branches to look at the fruit, large as plums, with which they are laden; now taking a ripe cherry from the wall; now stooping towards a knot of flowers, either to inhale their fragrance or to admire the dew-beads on their petals. A great moth goes humming by me; it alights on a plant at Mr. Rochester's foot: he sees it, and bends to examine it.

"Now, he has his back towards me," thought I, "and he is occupied too; perhaps, if I walk softly, I can slip away unnoticed."

I trode on an edging of turf that the crackle of the pebbly gravel might not betray me: he was standing among the beds at a yard or two distant from where I had to pass; the moth apparently engaged him. "I shall get by very well," I meditated. As I crossed his shadow, thrown long over the garden by the moon, not yet risen high, he said quietly, without turning -

"Jane, come and look at this fellow."

I had made no noise: he had not eyes behind -- could his shadow feel? I started at first, and then I approached him.

"Look at his wings," said he, "he reminds me rather of a West Indian insect; one does not often see so large and gay a night-rover in England; there! he is flown."

The moth roamed away. I was sheepishly retreating also; but Mr. Rochester followed me, and when we reached the wicket, he said -

"Turn back: on so lovely a night it is a shame to sit in the house; and surely no one can wish to go to bed while sunset is thus at meeting with moonrise."

It is one of my faults, that though my tongue is sometimes prompt enough at an answer, there are times when it sadly fails me in framing an excuse; and always the lapse occurs at some crisis, when a facile word or plausible pretext is specially wanted to get me out of painful embarrassment. I did not like to walk at this hour alone with Mr. Rochester in the shadowy orchard; but I could not find a reason to allege for leaving him. I followed with lagging step, and thoughts busily bent on discovering a means of extrication; but he himself looked so composed and so grave also, I became ashamed of feeling any confusion: the evil -- if evil existent or prospective there was -- seemed to lie with me only; his mind was unconscious and quiet.

"Jane," he recommenced, as we entered the laurel walk, and slowly strayed down in the direction of the sunk fence and the horse-chestnut, "Thornfield is a pleasant place in summer, is it not?"

"Yes, sir."

"You must have become in some degree attached to the house, -- you, who have an eye for natural beauties, and a good deal of the organ of Adhesiveness?"

"I am attached to it, indeed."

"And though I don't comprehend how it is, I perceive you have acquired a degree of regard for that foolish little child Adele, too; and even for simple dame Fairfax?"

"Yes, sir; in different ways, I have an affection for both."

"And would be sorry to part with them?"

"Yes."

"Pity!" he said, and sighed and paused. "It is always the way of events in this life," he continued presently: "no sooner have you got settled in a pleasant resting-place, than a voice calls out to you to rise and move on, for the hour of repose is expired."

"Must I move on, sir?" I asked. "Must I leave Thornfield?"

"I believe you must, Jane. I am sorry, Janet, but I believe indeed you must."

This was a blow: but I did not let it prostrate me.

"Well, sir, I shall be ready when the order to march comes."

“It is come now -- I must give it to-night.”

“Then you ARE going to be married, sir?”

“Ex-act-ly -- pre-cise-ly: with your usual acuteness, you have hit the nail straight on the head.”

“Soon, sir?”

“Very soon, my -- that is, Miss Eyre: and you’ll remember, Jane, the first time I, or Rumour, plainly intimated to you that it was my intention to put my old bachelor’s neck into the sacred noose, to enter into the holy estate of matrimony -- to take Miss Ingram to my bosom, in short (she’s an extensive armful: but that’s not to the point -- one can’t have too much of such a very excellent thing as my beautiful Blanche): well, as I was saying -- listen to me, Jane! You’re not turning your head to look after more moths, are you? That was only a lady-clock, child, ‘flying away home.’ I wish to remind you that it was you who first said to me, with that discretion I respect in you -- with that foresight, prudence, and humility which befit your responsible and dependent position -- that in case I married Miss Ingram, both you and little Adele had better trot forthwith. I pass over the sort of slur conveyed in this suggestion on the character of my beloved; indeed, when you are far away, Janet, I’ll try to forget it: I shall notice only its wisdom; which is such that I have made it my law of action. Adele must go to school; and you, Miss Eyre, must get a new situation.”

“Yes, sir, I will advertise immediately: and meantime, I suppose -- “ I was going to say, “I suppose I may stay here, till I find another shelter to betake myself to:” but I stopped, feeling it would not do to risk a long sentence, for my voice was not quite under command.

“In about a month I hope to be a bridegroom,” continued Mr. Rochester; “and in the interim, I shall myself look out for employment and an asylum for you.”

“Thank you, sir; I am sorry to give -- “

“Oh, no need to apologise! I consider that when a dependent does her duty as well as you have done yours, she has a sort of claim upon her employer for any little assistance he can conveniently render her; indeed I have already, through my future mother-in-law, heard of a place that I think will suit: it is to undertake the education of the five daughters of Mrs. Dionysius O’Gall of Bitternutt Lodge, Connaught Ireland. You’ll like Ireland, I think: they’re such warm-hearted people there, they say.”

“It is a long way off, sir.”

“No matter -- a girl of your sense will not object to the voyage or the distance.”

“Not the voyage, but the distance: and then the sea is a barrier -- “

“From what, Jane?”

“From England and from Thornfield: and -- “

“Well?”

“From YOU, sir.”

I said this almost involuntarily, and, with as little sanction of free will, my tears gushed out. I did not cry so as to be heard, however; I avoided sobbing. The thought of Mrs. O’Gall and Bitternutt Lodge struck cold to my heart; and colder the thought of all the brine and foam, destined, as it seemed, to rush between me and the master at whose side I now walked, and coldest the remembrance of the wider ocean -- wealth, caste, custom intervened between me and what I naturally and inevitably loved.

“It is a long way,” I again said.

“It is, to be sure; and when you get to Bitternutt Lodge, Connaught, Ireland, I shall never see you again, Jane: that’s morally certain. I never go over to Ireland, not having myself much of a fancy for the country. We have been good friends, Jane; have we not?”

“Yes, sir.”

“And when friends are on the eve of separation, they like to spend the little time that remains to them close to each other. Come! we’ll talk over the voyage and the parting quietly half-an-hour or so, while the stars enter into their shining life up in heaven yonder: here is the chestnut tree: here is the bench at its old roots. Come, we will sit there in peace to-night, though we should never more be destined to sit there together.” He seated me and himself.

“It is a long way to Ireland, Janet, and I am sorry to send my little friend on such weary travels: but if I can’t do better, how is it to be helped? Are you anything akin to me, do you think, Jane?”

I could risk no sort of answer by this time: my heart was still.

“Because,” he said, “I sometimes have a queer feeling with regard to you -- especially when you are near me, as now: it is as if I had a string somewhere under my left ribs, tightly and inextricably knotted to a similar string situated in the corresponding quarter of your little frame. And if that boisterous Channel, and two hundred miles or so of land come broad between us, I am afraid that cord of communion will be snapped; and then I’ve a nervous notion I should take to bleeding inwardly. As for you, -- you’d forget me.”

“That I NEVER should, sir: You know -- “ Impossible to proceed.

“Jane, do you hear that nightingale singing in the wood? Listen!”

In listening, I sobbed convulsively; for I could repress what I endured no longer; I was obliged to yield, and I was shaken from head to foot with acute distress. When I did speak, it was only to express an impetuous wish that I had never been born, or never come to Thornfield.

“Because you are sorry to leave it?”

The vehemence of emotion, stirred by grief and love within me, was claiming mastery, and struggling for full sway, and asserting a right to predominate, to overcome, to live, rise, and reign at last: yes, -- and to speak.

“I grieve to leave Thornfield: I love Thornfield:- I love it, because I have lived in it a full and delightful life, -- momentarily at least. I have not been trampled on. I have not been petrified. I have not been buried with inferior minds, and excluded from every glimpse of communion with what is bright and energetic and high. I have talked, face to face, with what I reverence, with what I delight in, -- with an original, a vigorous, an expanded mind. I have known you, Mr. Rochester; and it strikes me with terror and anguish to feel I absolutely must be torn from you for ever. I see the necessity of departure; and it is like looking on the necessity of death.”

“Where do you see the necessity?” he asked suddenly.

“Where? You, sir, have placed it before me.”

“In what shape?”

“In the shape of Miss Ingram; a noble and beautiful woman, -- your bride.”

“My bride! What bride? I have no bride!”

“But you will have.”

“Yes; -- I will! -- I will!” He set his teeth.

“Then I must go:- you have said it yourself.”

“No: you must stay! I swear it -- and the oath shall be kept.”

“I tell you I must go!” I retorted, roused to something like passion. “Do you think I can stay to become nothing to you? Do you think I am an automaton? -- a machine without feelings? and can bear to have my morsel of bread snatched from my lips, and my drop of living water dashed from my cup? Do you think, because I am poor, obscure, plain, and little, I am soulless and heartless? You think wrong! -- I have as much soul as you, -- and full as much heart! And if God had gifted me with some beauty and much wealth, I should have made it as hard for you to leave me, as it is now for me to leave you. I am not talking to you now through the medium of custom, conventionalities, nor even of mortal flesh; -- it is my spirit that addresses your spirit; just as if both had passed through the grave, and we stood at God’s feet, equal, -- as we are!”

“As we are!” repeated Mr. Rochester -- “so,” he added, enclosing me in his arms. Gathering me to his breast, pressing his lips on my lips: “so, Jane!”

“Yes, so, sir,” I rejoined: “and yet not so; for you are a married man -- or as good as a married man, and wed to one inferior to you -- to one with whom you have no sympathy -- whom I do not believe you truly love; for I have seen and heard you sneer at her. I would scorn such a union: therefore I am better than you -- let me go!”

“Where, Jane? To Ireland?”

“Yes -- to Ireland. I have spoken my mind, and can go anywhere now.”

“Jane, be still; don’t struggle so, like a wild frantic bird that is rending its own plumage in its desperation.”

“I am no bird; and no net ensnares me; I am a free human being with an independent will, which I now exert to leave you.”

Another effort set me at liberty, and I stood erect before him.

“And your will shall decide your destiny,” he said: “I offer you my hand, my heart, and a share of all my possessions.”

“You play a farce, which I merely laugh at.”

“I ask you to pass through life at my side -- to be my second self, and best earthly companion.”

“For that fate you have already made your choice, and must abide by it.”

“Jane, be still a few moments: you are over-excited: I will be still too.”

A waft of wind came sweeping down the laurel-walk, and trembled through the boughs of the chestnut: it wandered away -- away -- to an indefinite distance -- it died. The nightingale’s song was then the only voice of the hour: in listening to it, I again wept. Mr. Rochester sat quiet, looking at me gently and seriously. Some time passed before he spoke; he at last said -

“Come to my side, Jane, and let us explain and understand one another.”

“I will never again come to your side: I am torn away now, and cannot return.”

“But, Jane, I summon you as my wife: it is you only I intend to marry.”

I was silent: I thought he mocked me.

“Come, Jane -- come hither.”

“Your bride stands between us.”

He rose, and with a stride reached me.

“My bride is here,” he said, again drawing me to him, “because my equal is here, and my likeness. Jane, will you marry me?”

Still I did not answer, and still I writhed myself from his grasp: for I was still incredulous.

“Do you doubt me, Jane?”

“Entirely.”

“You have no faith in me?”

“Not a whit.”

“Am I a liar in your eyes?” he asked passionately. “Little sceptic, you SHALL be convinced. What love have I for Miss Ingram? None: and that you know. What love has she for me? None: as I have taken pains to prove: I caused a rumour to reach her that my fortune was not a third of what was supposed, and after that I presented myself to see the result; it was coldness both from her and her mother. I would not -- I could not -- marry Miss Ingram. You -- you strange, you almost unearthly thing! -- I love as my own flesh. You -- poor and obscure, and small and plain as you are -- I entreat to accept me as a husband.”

“What, me!” I ejaculated, beginning in his earnestness -- and especially in his incivility -- to credit his sincerity: “me who have not a friend in the world but you -- if you are my friend: not a shilling but what you have given me?”

“You, Jane, I must have you for my own -- entirely my own. Will you be mine? Say yes, quickly.”

“Mr. Rochester, let me look at your face: turn to the moonlight.”

“Why?”

“Because I want to read your countenance -- turn!”

“There! you will find it scarcely more legible than a crumpled, scratched page. Read on: only make haste, for I suffer.”

His face was very much agitated and very much flushed, and there were strong workings in the features, and strange gleams in the eyes

“Oh, Jane, you torture me!” he exclaimed. “With that searching and yet faithful and generous look, you torture me!”

“How can I do that? If you are true, and your offer real, my only feelings to you must be gratitude and devotion -- they cannot torture.”

“Gratitude!” he ejaculated; and added wildly -- “Jane accept me quickly. Say, Edward -- give me my name -- Edward -- I will marry you.”

“Are you in earnest? Do you truly love me? Do you sincerely wish me to be your wife?”

“I do; and if an oath is necessary to satisfy you, I swear it.”

“Then, sir, I will marry you.”

“Edward -- my little wife!”

“Dear Edward!”

“Come to me -- come to me entirely now,” said he; and added, in his deepest tone, speaking in my ear as his cheek was laid on mine, “Make my happiness -- I will make yours.”

“God pardon me!” he subjoined ere long; “and man meddle not with me: I have her, and will hold her.”

“There is no one to meddle, sir. I have no kindred to interfere.”

“No -- that is the best of it,” he said. And if I had loved him less I should have thought his accent and look of exultation savage; but, sitting by him, roused from the nightmare of parting -- called to the paradise of union -- I thought only of the bliss given me to drink in so abundant a flow. Again and again he said, “Are you happy, Jane?” And again and again I answered, “Yes.” After which he murmured, “It will atone -- it will atone. Have I not found her friendless, and cold, and comfortless? Will I not guard, and cherish, and solace her? Is there not love in my heart, and constancy in my resolves? It will expiate at God’s tribunal. I know my Maker sanctions what I do. For the world’s judgment -- I wash my hands thereof. For man’s opinion -- I defy it.”

But what had befallen the night? The moon was not yet set, and we were all in shadow: I could scarcely see my master’s face, near as I was. And what ailed the chestnut tree? it writhed and groaned; while wind roared in the laurel walk, and came sweeping over us.

“We must go in,” said Mr. Rochester: “the weather changes. I could have sat with thee till morning, Jane.”

“And so,” thought I, “could I with you.” I should have said so, perhaps, but a livid, vivid spark leapt out of a cloud at which I was looking, and there was a crack, a crash, and a close rattling peal; and I thought only of hiding my dazzled eyes against Mr. Rochester’s shoulder.

The rain rushed down. He hurried me up the walk, through the grounds, and into the house; but we were quite wet before we could pass the threshold. He was taking off my shawl in the hall, and shaking the water out of my loosened hair, when Mrs. Fairfax emerged from her room. I did not observe her at first, nor did Mr. Rochester. The lamp was lit. The clock was on the stroke of twelve.

“Hasten to take off your wet things,” said he; “and before you go, good-night -- good-night, my darling!”

He kissed me repeatedly. When I looked up, on leaving his arms, there stood the widow, pale, grave, and amazed. I only smiled at her, and ran upstairs. “Explanation will do for another time,” thought I. Still, when I reached my chamber, I felt a pang at the idea she should even temporarily misconstrue what she had seen. But joy soon effaced every other feeling; and loud as the wind blew, near and deep as the thunder crashed, fierce and frequent as the lightning gleamed, cataract-like as the rain fell during a storm of two hours’ duration, I experienced no fear and little awe. Mr. Rochester came thrice to my door in the course of it, to ask if I was safe and tranquil: and that was comfort, that was strength for anything.

Before I left my bed in the morning, little Adele came running in to tell me that the great horse-chestnut at the bottom of the orchard had been struck by lightning in the night, and half of it split away.

CHAPTER XXIV

As I rose and dressed, I thought over what had happened, and wondered if it were a dream. I could not be certain of the reality till I had seen Mr. Rochester again, and heard him renew his words of love and promise.

While arranging my hair, I looked at my face in the glass, and felt it was no longer plain: there was hope in its aspect and life in its colour; and my eyes seemed as if they had beheld the fount of fruition, and borrowed beams from the lustrous ripple. I had often been unwilling to look at my master, because I feared he could not be pleased at my look; but I was sure I might lift my face to his now, and not cool his affection by its expression. I took a plain but clean and light summer dress from my drawer and put it on: it seemed no attire had ever so well become me, because none had I ever worn in so blissful a mood.

I was not surprised, when I ran down into the hall, to see that a brilliant June morning had succeeded to the tempest of the night; and to feel, through the open glass door, the breathing of a fresh and fragrant breeze. Nature must be gladsome when I was so happy. A beggar-woman and her little boy -- pale, ragged objects both -- were coming up the walk, and I ran down and gave them all the money I happened to have in my purse -- some three or four shillings: good or bad, they must partake of my jubilee. The rooks cawed, and blither birds sang; but nothing was so merry or so musical as my own rejoicing heart.

Mrs. Fairfax surprised me by looking out of the window with a sad countenance, and saying gravely -- "Miss Eyre, will you come to breakfast?" During the meal she was quiet and cool: but I could not undeceive her then. I must wait for my master to give explanations; and so must she. I ate what I could, and then I hastened upstairs. I met Adele leaving the schoolroom.

"Where are you going? It is time for lessons."

"Mr. Rochester has sent me away to the nursery."

"Where is he?"

"In there," pointing to the apartment she had left; and I went in, and there he stood.

"Come and bid me good-morning," said he. I gladly advanced; and it was not merely a cold word now, or even a shake of the hand that I received, but an embrace and a kiss. It seemed natural: it seemed genial to be so well loved, so caressed by him.

"Jane, you look blooming, and smiling, and pretty," said he: "truly pretty this morning. Is this my pale, little elf? Is this my mustard-seed? This little sunny-faced girl with the dimpled cheek and rosy lips; the satin-smooth hazel hair, and the radiant hazel eyes?" (I had green eyes, reader; but you must excuse the mistake: for him they were new-dyed, I suppose.)

"It is Jane Eyre, sir."

"Soon to be Jane Rochester," he added: "in four weeks, Janet; not a day more. Do you hear that?"

I did, and I could not quite comprehend it: it made me giddy. The feeling, the announcement sent through me, was something stronger than was consistent with joy -- something that smote and stunned. It was, I think almost fear.

“You blushed, and now you are white, Jane: what is that for?”

“Because you gave me a new name -- Jane Rochester; and it seems so strange.”

“Yes, Mrs. Rochester,” said he; “young Mrs. Rochester -- Fairfax Rochester’s girl-bride.”

“It can never be, sir; it does not sound likely. Human beings never enjoy complete happiness in this world. I was not born for a different destiny to the rest of my species: to imagine such a lot befalling me is a fairy tale -- a day-dream.”

“Which I can and will realise. I shall begin to-day. This morning I wrote to my banker in London to send me certain jewels he has in his keeping, -- heirlooms for the ladies of Thornfield. In a day or two I hope to pour them into your lap: for every privilege, every attention shall be yours that I would accord a peer’s daughter, if about to marry her.”

“Oh, sir! -- never rain jewels! I don’t like to hear them spoken of. Jewels for Jane Eyre sounds unnatural and strange: I would rather not have them.”

“I will myself put the diamond chain round your neck, and the circlet on your forehead, -- which it will become: for nature, at least, has stamped her patent of nobility on this brow, Jane; and I will clasp the bracelets on these fine wrists, and load these fairy-like fingers with rings.”

“No, no, sir! think of other subjects, and speak of other things, and in another strain. Don’t address me as if I were a beauty; I am your plain, Quakerish governess.”

“You are a beauty in my eyes, and a beauty just after the desire of my heart, -- delicate and aerial.”

“Puny and insignificant, you mean. You are dreaming, sir, -- or you are sneering. For God’s sake don’t be ironical!”

“I will make the world acknowledge you a beauty, too,” he went on, while I really became uneasy at the strain he had adopted, because I felt he was either deluding himself or trying to delude me. “I will attire my Jane in satin and lace, and she shall have roses in her hair; and I will cover the head I love best with a priceless veil.”

“And then you won’t know me, sir; and I shall not be your Jane Eyre any longer, but an ape in a harlequin’s jacket -- a jay in borrowed plumes. I would as soon see you, Mr. Rochester, tricked out in stage-trappings, as myself clad in a court-lady’s robe; and I don’t call you handsome, sir, though I love you most dearly: far too dearly to flatter you. Don’t flatter me.”

He pursued his theme, however, without noticing my deprecation. “This very day I shall take you in the carriage to Millcote, and you must choose some dresses for yourself. I told you we shall be married in four weeks. The wedding is to take place quietly, in the church down below yonder; and then I shall waft you away at once to town. After a brief stay there, I shall bear my treasure to regions nearer the sun: to French vineyards and Italian plains; and she shall see whatever is famous in old story and in modern record: she shall taste, too, of the life of cities; and she shall learn to value herself by just comparison with others.”

“Shall I travel? -- and with you, sir?”

“You shall sojourn at Paris, Rome, and Naples: at Florence, Venice, and Vienna: all the ground I have wandered over shall be re-trodden by you: wherever I stamped my hoof, your sylph’s foot shall step also. Ten years since, I flew through Europe half mad; with disgust, hate, and rage as my companions: now I shall revisit it healed and cleansed, with a very angel as my comforter.”

I laughed at him as he said this. "I am not an angel," I asserted; "and I will not be one till I die: I will be myself. Mr. Rochester, you must neither expect nor exact anything celestial of me -- for you will not get it, any more than I shall get it of you: which I do not at all anticipate."

"What do you anticipate of me?"

"For a little while you will perhaps be as you are now, -- a very little while; and then you will turn cool; and then you will be capricious; and then you will be stern, and I shall have much ado to please you: but when you get well used to me, you will perhaps like me again, -- LIKE me, I say, not LOVE me. I suppose your love will effervesce in six months, or less. I have observed in books written by men, that period assigned as the farthest to which a husband's ardour extends. Yet, after all, as a friend and companion, I hope never to become quite distasteful to my dear master."

"Distasteful! and like you again! I think I shall like you again, and yet again: and I will make you confess I do not only LIKE, but LOVE you -- with truth, fervour, constancy."

"Yet are you not capricious, sir?"

"To women who please me only by their faces, I am the very devil when I find out they have neither souls nor hearts -- when they open to me a perspective of flatness, triviality, and perhaps imbecility, coarseness, and ill-temper: but to the clear eye and eloquent tongue, to the soul made of fire, and the character that bends but does not break -- at once supple and stable, tractable and consistent -- I am ever tender and true."

"Had you ever experience of such a character, sir? Did you ever love such an one?"

"I love it now."

"But before me: if I, indeed, in any respect come up to your difficult standard?"

"I never met your likeness. Jane, you please me, and you master me -- you seem to submit, and I like the sense of pliancy you impart; and while I am twining the soft, silken skein round my finger, it sends a thrill up my arm to my heart. I am influenced -- conquered; and the influence is sweeter than I can express; and the conquest I undergo has a witchery beyond any triumph I can win. Why do you smile, Jane? What does that inexplicable, that uncanny turn of countenance mean?"

"I was thinking, sir (you will excuse the idea; it was involuntary), I was thinking of Hercules and Samson with their charmers -- "

"You were, you little elfish -- "

"Hush, sir! You don't talk very wisely just now; any more than those gentlemen acted very wisely. However, had they been married, they would no doubt by their severity as husbands have made up for their softness as suitors; and so will you, I fear. I wonder how you will answer me a year hence, should I ask a favour it does not suit your convenience or pleasure to grant."

"Ask me something now, Jane, -- the least thing: I desire to be entreated -- "

"Indeed I will, sir; I have my petition all ready."

"Speak! But if you look up and smile with that countenance, I shall swear concession before I know to what, and that will make a fool of me."

"Not at all, sir; I ask only this: don't send for the jewels, and don't crown me with roses: you might as well put a border of gold lace round that plain pocket handkerchief you have there."

"I might as well 'gild refined gold.' I know it: your request is granted then -- for the time. I will

remand the order I despatched to my banker. But you have not yet asked for anything; you have prayed a gift to be withdrawn: try again.”

“Well then, sir, have the goodness to gratify my curiosity, which is much piqued on one point.”

He looked disturbed. “What? what?” he said hastily. “Curiosity is a dangerous petition: it is well I have not taken a vow to accord every request -- “

“But there can be no danger in complying with this, sir.”

“Utter it, Jane: but I wish that instead of a mere inquiry into, perhaps, a secret, it was a wish for half my estate.”

“Now, King Ahasuerus! What do I want with half your estate? Do you think I am a Jew-usurer seeking good investment in land? I would much rather have all your confidence. You will not exclude me from your confidence if you admit me to your heart?”

“You are welcome to all my confidence that is worth having, Jane; but for God’s sake, don’t desire a useless burden! Don’t long for poison -- don’t turn out a downright Eve on my hands!”

“Why not, sir? You have just been telling me how much you liked to be conquered, and how pleasant over-persuasion is to you. Don’t you think I had better take advantage of the confession, and begin and coax and entreat -- even cry and be sulky if necessary -- for the sake of a mere essay of my power?”

“I dare you to any such experiment. Encroach, presume, and the game is up.”

“Is it, sir? You soon give in. How stern you look now! Your eyebrows have become as thick as my finger, and your forehead resembles what, in some very astonishing poetry, I once saw styled, ‘a blue-piled thunderloft.’ That will be your married look, sir, I suppose?”

“If that will be YOUR married look, I, as a Christian, will soon give up the notion of consorting with a mere sprite or salamander. But what had you to ask, thing, -- out with it?”

“There, you are less than civil now; and I like rudeness a great deal better than flattery. I had rather be a THING than an angel. This is what I have to ask, -- Why did you take such pains to make me believe you wished to marry Miss Ingram?”

“Is that all? Thank God it is no worse!” And now he unknit his black brows; looked down, smiling at me, and stroked my hair, as if well pleased at seeing a danger averted. “I think I may confess,” he continued, “even although I should make you a little indignant, Jane -- and I have seen what a fire-spirit you can be when you are indignant. You glowed in the cool moonlight last night, when you mutinied against fate, and claimed your rank as my equal. Janet, by-the-bye, it was you who made me the offer.”

“Of course I did. But to the point if you please, sir -- Miss Ingram?”

“Well, I feigned courtship of Miss Ingram, because I wished to render you as madly in love with me as I was with you; and I knew jealousy would be the best ally I could call in for the furtherance of that end.”

“Excellent! Now you are small -- not one whit bigger than the end of my little finger. It was a burning shame and a scandalous disgrace to act in that way. Did you think nothing of Miss Ingram’s feelings, sir?”

“Her feelings are concentrated in one -- pride; and that needs humbling. Were you jealous, Jane?”

“Never mind, Mr. Rochester: it is in no way interesting to you to know that. Answer me truly once more. Do you think Miss Ingram will not suffer from your dishonest coquetry? Won’t she feel forsaken and deserted?”

“Impossible! -- when I told you how she, on the contrary, deserted me: the idea of my insolvency cooled, or rather extinguished, her flame in a moment.”

“You have a curious, designing mind, Mr. Rochester. I am afraid your principles on some points are eccentric.”

“My principles were never trained, Jane: they may have grown a little awry for want of attention.”

“Once again, seriously; may I enjoy the great good that has been vouchsafed to me, without fearing that any one else is suffering the bitter pain I myself felt a while ago?”

“That you may, my good little girl: there is not another being in the world has the same pure love for me as yourself -- for I lay that pleasant unction to my soul, Jane, a belief in your affection.”

I turned my lips to the hand that lay on my shoulder. I loved him very much -- more than I could trust myself to say -- more than words had power to express.

“Ask something more,” he said presently; “it is my delight to be entreated, and to yield.”

I was again ready with my request. “Communicate your intentions to Mrs. Fairfax, sir: she saw me with you last night in the hall, and she was shocked. Give her some explanation before I see her again. It pains me to be misjudged by so good a woman.”

“Go to your room, and put on your bonnet,” he replied. “I mean you to accompany me to Millcote this morning; and while you prepare for the drive, I will enlighten the old lady’s understanding. Did she think, Janet, you had given the world for love, and considered it well lost?”

“I believe she thought I had forgotten my station, and yours, sir.”

“Station! station! -- your station is in my heart, and on the necks of those who would insult you, now or hereafter. -- Go.”

I was soon dressed; and when I heard Mr. Rochester quit Mrs. Fairfax’s parlour, I hurried down to it. The old lady, had been reading her morning portion of Scripture -- the Lesson for the day; her Bible lay open before her, and her spectacles were upon it. Her occupation, suspended by Mr. Rochester’s announcement, seemed now forgotten: her eyes, fixed on the blank wall opposite, expressed the surprise of a quiet mind stirred by unwonted tidings. Seeing me, she roused herself: she made a sort of effort to smile, and framed a few words of congratulation; but the smile expired, and the sentence was abandoned unfinished. She put up her spectacles, shut the Bible, and pushed her chair back from the table.

“I feel so astonished,” she began, “I hardly know what to say to you, Miss Eyre. I have surely no been dreaming, have I? Sometimes I half fall asleep when I am sitting alone and fancy things that have never happened. It has seemed to me more than once when I have been in a doze, that my dear husband, who died fifteen years since, has come in and sat down beside me; and that I have even heard him call me by my name, Alice, as he used to do. Now, can you tell me whether it is actually true that Mr. Rochester has asked you to marry him? Don’t laugh at me. But I really thought he came in here five minutes ago, and said that in a month you would be his wife.”

“He has said the same thing to me,” I replied.

“He has! Do you believe him? Have you accepted him?”

“Yes.”

She looked at me bewildered. “I could never have thought it. He is a proud man: all the Rochesters were proud: and his father, at least, liked money. He, too, has always been called careful. He means to marry you?”

“He tells me so.”

She surveyed my whole person: in her eyes I read that they had there found no charm powerful enough to solve the enigma.

“It passes me!” she continued; “but no doubt, it is true since you say so. How it will answer, I cannot tell: I really don’t know. Equality of position and fortune is often advisable in such cases; and there are twenty years of difference in your ages. He might almost be your father.”

“No, indeed, Mrs. Fairfax!” exclaimed I, nettled; “he is nothing like my father! No one, who saw us together, would suppose it for an instant. Mr. Rochester looks as young, and is as young, as some men at five-and-twenty.”

“Is it really for love he is going to marry you?” she asked.

I was so hurt by her coldness and scepticism, that the tears rose to my eyes.

“I am sorry to grieve you,” pursued the widow; “but you are so young, and so little acquainted with men, I wished to put you on your guard. It is an old saying that ‘all is not gold that glitters;’ and in this case I do fear there will be something found to be different to what either you or I expect.”

“Why? -- am I a monster?” I said: “is it impossible that Mr. Rochester should have a sincere affection for me?”

“No: you are very well; and much improved of late; and Mr. Rochester, I daresay, is fond of you. I have always noticed that you were a sort of pet of his. There are times when, for your sake, I have been a little uneasy at his marked preference, and have wished to put you on your guard: but I did not like to suggest even the possibility of wrong. I knew such an idea would shock, perhaps offend you; and you were so discreet, and so thoroughly modest and sensible, I hoped you might be trusted to protect yourself. Last night I cannot tell you what I suffered when I sought all over the house, and could find you nowhere, nor the master either; and then, at twelve o’clock, saw you come in with him.”

“Well, never mind that now,” I interrupted impatiently; “it is enough that all was right.”

“I hope all will be right in the end,” she said: “but believe me, you cannot be too careful. Try and keep Mr. Rochester at a distance: distrust yourself as well as him. Gentlemen in his station are not accustomed to marry their governesses.”

I was growing truly irritated: happily, Adele ran in.

“Let me go, -- let me go to Millcote too!” she cried. “Mr. Rochester won’t: though there is so much room in the new carriage. Beg him to let me go mademoiselle.”

“That I will, Adele;” and I hastened away with her, glad to quit my gloomy mistress. The carriage was ready: they were bringing it round to the front, and my master was on the pavement, Pilot following him backwards and forwards.

“Adele may accompany us, may she not, sir?”

“I told her no. I’ll have no brats! -- I’ll have only you.”

“Do let her go, Mr. Rochester, if you please: it would be better.”

“Not it: she will be a restraint.”

He was quite peremptory, both in look and voice. The chill of Mrs. Fairfax’s warnings, and the damp of her doubts were upon me: something of unsubstantiality and uncertainty had beset my hopes. I half lost the sense of power over him. I was about mechanically to obey him, without further remonstrance; but as he helped me into the carriage, he looked at my face.

“What is the matter?” he asked; “all the sunshine is gone. Do you really wish the bairn to go? Will it annoy you if she is left behind?”

“I would far rather she went, sir.”

“Then off for your bonnet, and back like a flash of lightning!” cried he to Adele.

She obeyed him with what speed she might.

“After all, a single morning’s interruption will not matter much,” said he, “when I mean shortly to claim you -- your thoughts, conversation, and company -- for life.”

Adele, when lifted in, commenced kissing me, by way of expressing her gratitude for my intercession: she was instantly stowed away into a corner on the other side of him. She then peeped round to where I sat; so stern a neighbour was too restrictive to him, in his present fractious mood, she dared whisper no observations, nor ask of him any information.

“Let her come to me,” I entreated: “she will, perhaps, trouble you, sir: there is plenty of room on this side.”

He handed her over as if she had been a lapdog. “I’ll send her to school yet,” he said, but now he was smiling.

Adele heard him, and asked if she was to go to school “sans mademoiselle?”

“Yes,” he replied, “absolutely sans mademoiselle; for I am to take mademoiselle to the moon, and there I shall seek a cave in one of the white valleys among the volcano-tops, and mademoiselle shall live with me there, and only me.”

“She will have nothing to eat: you will starve her,” observed Adele.

“I shall gather manna for her morning and night: the plains and hillsides in the moon are bleached with manna, Adele.”

“She will want to warm herself: what will she do for a fire?”

“Fire rises out of the lunar mountains: when she is cold, I’ll carry her up to a peak, and lay her down on the edge of a crater.”

“Oh, qu’ elle y sera mal -- peu comfortable! And her clothes, they will wear out: how can she get new ones?”

Mr. Rochester professed to be puzzled. “Hem!” said he. “What would you do, Adele? Cudgel your brains for an expedient. How would a white or a pink cloud answer for a gown, do you think? And one could cut a pretty enough scarf out of a rainbow.”

“She is far better as she is,” concluded Adele, after musing some time: “besides, she would get tired of living with only you in the moon. If I were mademoiselle, I would never consent to go with you.”

“She has consented: she has pledged her word.”

“But you can’t get her there; there is no road to the moon: it is all air; and neither you nor she can fly.”

“Adele, look at that field.” We were now outside Thornfield gates, and bowling lightly along the smooth road to Millcote, where the dust was well laid by the thunderstorm, and, where the low hedges and lofty timber trees on each side glistened green and rain-refreshed.

“In that field, Adele, I was walking late one evening about a fortnight since -- the evening of the day you helped me to make hay in the orchard meadows; and, as I was tired with raking swaths, I sat down to rest me on a stile; and there I took out a little book and a pencil, and began to write about a misfortune that befell me long ago, and a wish I had for happy days to come: I was writing away very fast, though daylight was fading from the leaf, when something came up the path and stopped two yards off me. I looked at it. It was a little thing with a veil of gossamer on its head. I beckoned it to come near me; it stood soon at my knee. I never spoke to it, and it never spoke to me, in words; but I read its eyes, and it read mine; and our speechless colloquy was to this effect -

“It was a fairy, and come from Elf-land, it said; and its errand was to make me happy: I must go with it out of the common world to a lonely place -- such as the moon, for instance -- and it nodded its head towards her horn, rising over Hay-hill: it told me of the alabaster cave and silver vale where we might live. I said I should like to go; but reminded it, as you did me, that I had no wings to fly.

“‘Oh,’ returned the fairy, ‘that does not signify! Here is a talisman will remove all difficulties;’ and she held out a pretty gold ring. ‘Put it,’ she said, ‘on the fourth finger of my left hand, and I am yours, and you are mine; and we shall leave earth, and make our own heaven yonder.’ She nodded again at the moon. The ring, Adele, is in my breeches-pocket, under the disguise of a sovereign: but I mean soon to change it to a ring again.”

“But what has mademoiselle to do with it? I don’t care for the fairy: you said it was mademoiselle you would take to the moon?”

“Mademoiselle is a fairy,” he said, whispering mysteriously. Whereupon I told her not to mind his badinage; and she, on her part, evinced a fund of genuine French scepticism: denominating Mr. Rochester “un vrai menteur,” and assuring him that she made no account whatever of his “contes de fee,” and that “du reste, il n’y avait pas de fees, et quand meme il y en avait:” she was sure they would never appear to him, nor ever give him rings, or offer to live with him in the moon.

The hour spent at Millcote was a somewhat harassing one to me. Mr. Rochester obliged me to go to a certain silk warehouse: there I was ordered to choose half-a-dozen dresses. I hated the business, I begged leave to defer it: no -- it should be gone through with now. By dint of entreaties expressed in energetic whispers, I reduced the half-dozen to two: these however, he vowed he would select himself. With anxiety I watched his eye rove over the gay stores: he fixed on a rich silk of the most brilliant amethyst dye, and a superb pink satin. I told him in a new series of whispers, that he might as well buy me a gold gown and a silver bonnet at once: I should certainly never venture to wear his choice. With infinite difficulty, for he was stubborn as a stone, I persuaded him to make an exchange in favour of a sober black satin and pearl-grey silk. “It might pass for the present,” he said; “but he would yet see me glittering like a parterre.”

Glad was I to get him out of the silk warehouse, and then out of a jewellers shop: the more he bought me, the more my cheek burned with a sense of annoyance and degradation. As we re-entered the carriage, and I sat back feverish and fagged, I remembered what, in the hurry of events, dark and bright, I

had wholly forgotten -- the letter of my uncle, John Eyre, to Mrs. Reed: his intention to adopt me and make me his legatee. "It would, indeed, be a relief," I thought, "if I had ever so small an independency; I never can bear being dressed like a doll by Mr. Rochester, or sitting like a second Danae with the golden shower falling daily round me. I will write to Madeira the moment I get home, and tell my uncle John I am going to be married, and to whom: if I had but a prospect of one day bringing Mr. Rochester an accession of fortune, I could better endure to be kept by him now." And somewhat relieved by this idea (which I failed not to execute that day), I ventured once more to meet my master's and lover's eye, which most pertinaciously sought mine, though I averted both face and gaze. He smiled; and I thought his smile was such as a sultan might, in a blissful and fond moment, bestow on a slave his gold and gems had enriched: I crushed his hand, which was ever hunting mine, vigorously, and thrust it back to him red with the passionate pressure.

"You need not look in that way," I said; "if you do, I'll wear nothing but my old Lowood frocks to the end of the chapter. I'll be married in this lilac gingham: you may make a dressing-gown for yourself out of the pearl-grey silk, and an infinite series of waistcoats out of the black satin."

He chuckled; he rubbed his hands. "Oh, it is rich to see and hear her?" he exclaimed. "Is she original? Is she piquant? I would not exchange this one little English girl for the Grand Turk's whole seraglio, gazelle-eyes, houri forms, and all!"

The Eastern allusion bit me again. "I'll not stand you an inch in the stead of a seraglio," I said "so don't consider me an equivalent for one. If you have a fancy for anything in that line, away with you, sir, to the bazaars of Stamboul without delay, and lay out in extensive slave-purchases some of that spare cash you seem at a loss to spend satisfactorily here."

"And what will you do, Janet, while I am bargaining for so many tons of flesh and such an assortment of black eyes?"

"I'll be preparing myself to go out as a missionary to preach liberty to them that are enslaved -- your harem inmates amongst the rest. I'll get admitted there, and I'll stir up mutiny; and you, three-tailed bashaw as you are, sir, shall in a trice find yourself fettered amongst our hands: nor will I, for one, consent to cut your bonds till you have signed a charter, the most liberal that despot ever yet conferred."

"I would consent to be at your mercy, Jane."

"I would have no mercy, Mr. Rochester, if you supplicated for it with an eye like that. While you looked so, I should be certain that whatever charter you might grant under coercion, your first act, when released, would be to violate its conditions."

"Why, Jane, what would you have? I fear you will compel me to go through a private marriage ceremony, besides that performed at the altar. You will stipulate, I see, for peculiar terms -- what will they be?"

"I only want an easy mind, sir; not crushed by crowded obligations. Do you remember what you said of Celine Varens? -- of the diamonds, the cashmeres you gave her? I will not be your English Celine Varens. I shall continue to act as Adele's governess; by that I shall earn my board and lodging, and thirty pounds a year besides. I'll furnish my own wardrobe out of that money, and you shall give me nothing but -- "

"Well, but what?"

"Your regard; and if I give you mine in return, that debt will be quit."

“Well, for cool native impudence and pure innate pride, you haven’t your equal,” said he. We were now approaching Thornfield. “Will it please you to dine with me to-day?” he asked, as we re-entered the gates.

“No, thank you, sir.”

“And what for, ‘no, thank you?’ if one may inquire.”

“I never have dined with you, sir: and I see no reason why I should now: till -- “

“Till what? You delight in half-phrases.”

“Till I can’t help it.”

“Do you suppose I eat like an ogre or a ghoul, that you dread being the companion of my repast?”

“I have formed no supposition on the subject, sir; but I want to go on as usual for another month.”

“You will give up your governessing slavery at once.”

“Indeed, begging your pardon, sir, I shall not. I shall just go on with it as usual. I shall keep out of your way all day, as I have been accustomed to do: you may send for me in the evening, when you feel disposed to see me, and I’ll come then; but at no other time.”

“I want a smoke, Jane, or a pinch of snuff, to comfort me under all this, ‘pour me donner une contenance,’ as Adele would say; and unfortunately I have neither my cigar-case, nor my snuff-box. But listen -- whisper. It is your time now, little tyrant, but it will be mine presently; and when once I have fairly seized you, to have and to hold, I’ll just -- figuratively speaking -- attach you to a chain like this” (touching his watch-guard). “Yes, bonny wee thing, I’ll wear you in my bosom, lest my jewel I should tye.”

He said this as he helped me to alight from the carriage, and while he afterwards lifted out Adele, I entered the house, and made good my retreat upstairs.

He duly summoned me to his presence in the evening. I had prepared an occupation for him; for I was determined not to spend the whole time in a tete-e-tete conversation. I remembered his fine voice; I knew he liked to sing -- good singers generally do. I was no vocalist myself, and, in his fastidious judgment, no musician, either; but I delighted in listening when the performance was good. No sooner had twilight, that hour of romance, began to lower her blue and starry banner over the lattice, than I rose, opened the piano, and entreated him, for the love of heaven, to give me a song. He said I was a capricious witch, and that he would rather sing another time; but I averred that no time was like the present.

“Did I like his voice?” he asked.

“Very much.” I was not fond of pampering that susceptible vanity of his; but for once, and from motives of expediency, I would e’en soothe and stimulate it.

“Then, Jane, you must play the accompaniment.”

“Very well, sir, I will try.”

I did try, but was presently swept off the stool and denominated “a little bungler.” Being pushed unceremoniously to one side -- which was precisely what I wished -- he usurped my place, and proceeded to accompany himself: for he could play as well as sing. I hid me to the window-recess. And while I sat there and looked out on the still trees and dim lawn, to a sweet air was sung in mellow tones the following strain:-

*“The truest love that ever heart
Felt at its kindled core,
Did through each vein, in quickened start,
The tide of being pour.*

*“Her coming was my hope each day,
Her parting was my pain;
The chance that did her steps delay
Was ice in every vein.*

*“I dreamed it would be nameless bliss,
As I loved, loved to be;
And to this object did I press
As blind as eagerly.*

*“But wide as pathless was the space
That lay our lives between,
And dangerous as the foamy race
Of ocean-surges green.*

*“And haunted as a robber-path
Through wilderness or wood;
For Might and Right, and Woe and Wrath,
Between our spirits stood.*

*“I dangers dared; I hindrance scorned
I omens did defy:
Whatever menaced, harassed, warned,
I passed impetuous by.*

*“On sped my rainbow, fast as light;
I flew as in a dream;
For glorious rose upon my sight
That child of Shower and Gleam.*

*“Still bright on clouds of suffering dim
Shines that soft, solemn joy;*

*Nor care I now, how dense and grim
Disasters gather nigh.*

*“I care not in this moment sweet,
Though all I have rushed o’er
Should come on pinion, strong and fleet,
Proclaiming vengeance sore:*

*“Though haughty Hate should strike me down,
Right, bar approach to me,
And grinding Might, with furious frown,
Swear endless enmity.*

*“My love has placed her little hand
With noble faith in mine,
And vowed that wedlock’s sacred band
Our nature shall entwine.*

*“My love has sworn, with sealing kiss,
With me to live -- to die;
I have at last my nameless bliss.
As I love -- loved am I!”*

He rose and came towards me, and I saw his face all kindled, and his full falcon-eye flashing, and tenderness and passion in every lineament. I quailed momentarily -- then I rallied. Soft scene, daring demonstration, I would not have; and I stood in peril of both: a weapon of defence must be prepared -- I whetted my tongue: as he reached me, I asked with asperity, “whom he was going to marry now?”

“That was a strange question to be put by his darling Jane.”

“Indeed! I considered it a very natural and necessary one: he had talked of his future wife dying with him. What did he mean by such a pagan idea? I had no intention of dying with him -- he might depend on that.”

“Oh, all he longed, all he prayed for, was that I might live with him! Death was not for such as I.”

“Indeed it was: I had as good a right to die when my time came as he had: but I should bide that time, and not be hurried away in a suttee.”

“Would I forgive him for the selfish idea, and prove my pardon by a reconciling kiss?”

“No: I would rather be excused.”

Here I heard myself apostrophised as a “hard little thing;” and it was added, “any other woman

would have been melted to marrow at hearing such stanzas crooned in her praise.”

I assured him I was naturally hard -- very flinty, and that he would often find me so; and that, moreover, I was determined to show him divers rugged points in my character before the ensuing four weeks elapsed: he should know fully what sort of a bargain he had made, while there was yet time to rescind it.

“Would I be quiet and talk rationally?”

“I would be quiet if he liked, and as to talking rationally, I flattered myself I was doing that now.”

He fretted, pished, and pshawed. “Very good,” I thought; “you may fume and fidget as you please: but this is the best plan to pursue with you, I am certain. I like you more than I can say; but I’ll no sink into a bathos of sentiment: and with this needle of repartee I’ll keep you from the edge of the gulf too; and, moreover, maintain by its pungent aid that distance between you and myself most conducive to our real mutual advantage.”

From less to more, I worked him up to considerable irritation; then, after he had retired, in dudgeon, quite to the other end of the room, I got up, and saying, “I wish you good-night, sir,” in my natural and wonted respectful manner, I slipped out by the side-door and got away.

The system thus entered on, I pursued during the whole season of probation; and with the best success. He was kept, to be sure, rather cross and crusty; but on the whole I could see he was excellently entertained, and that a lamb-like submission and turtle-dove sensibility, while fostering his despotism more, would have pleased his judgment, satisfied his common-sense, and even suited his taste less.

In other people’s presence I was, as formerly, deferential and quiet; any other line of conduct being uncalled for: it was only in the evening conferences I thus thwarted and afflicted him. He continued to send for me punctually the moment the clock struck seven; though when I appeared before him now, he had no such honeyed terms as “love” and “darling” on his lips: the best words at my service were “provoking puppet,” “malicious elf,” “sprite,” “changeling,” &c. For caresses, too, I now got grimaces; for a pressure of the hand, a pinch on the arm; for a kiss on the cheek, a severe tweak of the ear. It was all right: at present I decidedly preferred these fierce favours to anything more tender. Mrs. Fairfax, I saw, approved me: her anxiety on my account vanished; therefore I was certain I did well. Meantime, Mr. Rochester affirmed I was wearing him to skin and bone, and threatened awful vengeance for my present conduct at some period fast coming. I laughed in my sleeve at his menaces. “I can keep you in reasonable check now,” I reflected; “and I don’t doubt to be able to do it hereafter: if one expedient loses its virtue, another must be devised.”

Yet after all my task was not an easy one; often I would rather have pleased than teased him. My future husband was becoming to me my whole world; and more than the world: almost my hope of heaven. He stood between me and every thought of religion, as an eclipse intervenes between man and the broad sun. I could not, in those days, see God for His creature: of whom I had made an idol.

CHAPTER XXV

The month of courtship had wasted: its very last hours were being numbered. There was no putting off the day that advanced -- the bridal day; and all preparations for its arrival were complete. I, at least, had nothing more to do: there were my trunks, packed, locked, corded, ranged in a row along the wall of my little chamber; to-morrow, at this time, they would be far on their road to London: and so should I (D.V.), -- or rather, not I, but one Jane Rochester, a person whom as yet I knew not. The cards of address alone remained to nail on: they lay, four little squares, in the drawer. Mr. Rochester had himself written the direction, "Mrs. Rochester, -- Hotel, London," on each: I could not persuade myself to affix them, or to have them affixed. Mrs. Rochester! She did not exist: she would not be born till to-morrow, some time after eight o'clock a.m.; and I would wait to be assured she had come into the world alive before I assigned to her all that property. It was enough that in yonder closet, opposite my dressing-table, garments said to be hers had already displaced my black stuff Lowood frock and straw bonnet: for not to me appertained that suit of wedding raiment; the pearl-coloured robe, the vapoury veil pendent from the usurped portmanteau. I shut the closet to conceal the strange, wraith-like apparel it contained; which, at this evening hour -- nine o'clock -- gave out certainly a most ghostly shimmer through the shadow of my apartment. "I will leave you by yourself, white dream," I said. "I am feverish: I hear the wind blowing: I will go out of doors and feel it."

It was not only the hurry of preparation that made me feverish; not only the anticipation of the great change -- the new life which was to commence to-morrow: both these circumstances had their share, doubtless, in producing that restless, excited mood which hurried me forth at this late hour into the darkening grounds: but a third cause influenced my mind more than they.

I had at heart a strange and anxious thought. Something had happened which I could not comprehend; no one knew of or had seen the event but myself: it had taken place the preceding night. Mr. Rochester that night was absent from home; nor was he yet returned: business had called him to a small estate of two or three farms he possessed thirty miles off -- business it was requisite he should settle in person, previous to his meditated departure from England. I waited now his return; eager to disburthen my mind, and to seek of him the solution of the enigma that perplexed me. Stay till he comes, reader; and, when I disclose my secret to him, you shall share the confidence.

I sought the orchard, driven to its shelter by the wind, which all day had blown strong and full from the south, without, however, bringing a speck of rain. Instead of subsiding as night drew on, it seemed to augment its rush and deepen its roar: the trees blew steadfastly one way, never writhing round, and scarcely tossing back their boughs once in an hour; so continuous was the strain bending their branchy heads northward -- the clouds drifted from pole to pole, fast following, mass on mass: no glimpse of blue sky had been visible that July day.

It was not without a certain wild pleasure I ran before the wind, delivering my trouble of mind to the measureless air-torrent thundering through space. Descending the laurel walk, I faced the wreck of the chestnut-tree; it stood up black and riven: the trunk, split down the centre, gasped ghastly. The cloven halves were not broken from each other, for the firm base and strong roots kept them unsundered below; though community of vitality was destroyed -- the sap could flow no more: their great boughs on each side were dead, and next winter's tempests would be sure to fell one or both to earth: as yet, however, they might be said to form one tree -- a ruin, but an entire ruin.

“You did right to hold fast to each other,” I said: as if the monster-splinters were living things, and could hear me. “I think, scathed as you look, and charred and scorched, there must be a little sense of life in you yet, rising out of that adhesion at the faithful, honest roots: you will never have green leaves more -- never more see birds making nests and singing idyls in your boughs; the time of pleasure and love is over with you: but you are not desolate: each of you has a comrade to sympathise with him in his decay.” As I looked up at them, the moon appeared momentarily in that part of the sky which filled their fissure; her disk was blood-red and half overcast; she seemed to throw on me one bewildered, dreary glance, and buried herself again instantly in the deep drift of cloud. The wind fell, for a second, round Thornfield; but far away over wood and water, poured a wild, melancholy wail: it was sad to listen to, and I ran off again.

Here and there I strayed through the orchard, gathered up the apples with which the grass round the tree roots was thickly strewn; then I employed myself in dividing the ripe from the unripe; I carried them into the house and put them away in the store-room. Then I repaired to the library to ascertain whether the fire was lit, for, though summer, I knew on such a gloomy evening Mr. Rochester would like to see a cheerful hearth when he came in: yes, the fire had been kindled some time, and burnt well. I placed his arm-chair by the chimney-corner: I wheeled the table near it: I let down the curtain, and had the candles brought in ready for lighting. More restless than ever, when I had completed these arrangements I could not sit still, nor even remain in the house: a little time-piece in the room and the old clock in the hall simultaneously struck ten.

“How late it grows!” I said. “I will run down to the gates: it is moonlight at intervals; I can see a good way on the road. He may be coming now, and to meet him will save some minutes of suspense.”

The wind roared high in the great trees which embowered the gates; but the road as far as I could see, to the right hand and the left, was all still and solitary: save for the shadows of clouds crossing it at intervals as the moon looked out, it was but a long pale line, unvaried by one moving speck.

A puerile tear dimmed my eye while I looked -- a tear of disappointment and impatience; ashamed of it, I wiped it away. I lingered; the moon shut herself wholly within her chamber, and drew close her curtain of dense cloud: the night grew dark; rain came driving fast on the gale.

“I wish he would come! I wish he would come!” I exclaimed, seized with hypochondriac foreboding. I had expected his arrival before tea; now it was dark: what could keep him? Had an accident happened? The event of last night again recurred to me. I interpreted it as a warning of disaster. I feared my hopes were too bright to be realised; and I had enjoyed so much bliss lately that I imagined my fortune had passed its meridian, and must now decline.

“Well, I cannot return to the house,” I thought; “I cannot sit by the fireside, while he is abroad in inclement weather: better tire my limbs than strain my heart; I will go forward and meet him.”

I set out; I walked fast, but not far: ere I had measured a quarter of a mile, I heard the tramp of hoofs; a horseman came on, full gallop; a dog ran by his side. Away with evil presentiment! It was he: here he was, mounted on Mesrour, followed by Pilot. He saw me; for the moon had opened a blue field in the sky, and rode in it watery bright: he took his hat off, and waved it round his head. I now ran to meet him.

“There!” he exclaimed, as he stretched out his hand and bent from the saddle: “You can’t do without me, that is evident. Step on my boot-toe; give me both hands: mount!”

I obeyed: joy made me agile: I sprang up before him. A hearty kissing I got for a welcome, and

some boastful triumph, which I swallowed as well as I could. He checked himself in his exultation to demand, "But is there anything the matter, Janet, that you come to meet me at such an hour? Is there anything wrong?"

"No, but I thought you would never come. I could not bear to wait in the house for you, especially with this rain and wind."

"Rain and wind, indeed! Yes, you are dripping like a mermaid; pull my cloak round you: but I think you are feverish, Jane: both your cheek and hand are burning hot. I ask again, is there anything the matter?"

"Nothing now; I am neither afraid nor unhappy."

"Then you have been both?"

"Rather: but I'll tell you all about it by-and-bye, sir; and I daresay you will only laugh at me for my pains."

"I'll laugh at you heartily when to-morrow is past; till then I dare not: my prize is not certain. This is you, who have been as slippery as an eel this last month, and as thorny as a briar-rose? I could not lay a finger anywhere but I was pricked; and now I seem to have gathered up a stray lamb in my arms. You wandered out of the fold to seek your shepherd, did you, Jane?"

"I wanted you: but don't boast. Here we are at Thornfield: now let me get down."

He landed me on the pavement. As John took his horse, and he followed me into the hall, he told me to make haste and put something dry on, and then return to him in the library; and he stopped me, as I made for the staircase, to extort a promise that I would not be long: nor was I long; in five minutes I rejoined him. I found him at supper.

"Take a seat and bear me company, Jane: please God, it is the last meal but one you will eat at Thornfield Hall for a long time."

I sat down near him, but told him I could not eat. "Is it because you have the prospect of a journey before you, Jane? Is it the thoughts of going to London that takes away your appetite?"

"I cannot see my prospects clearly to-night, sir; and I hardly know what thoughts I have in my head. Everything in life seems unreal."

"Except me: I am substantial enough -- touch me."

"You, sir, are the most phantom-like of all: you are a mere dream."

He held out his hand, laughing. "Is that a dream?" said he, placing it close to my eyes. He had a rounded, muscular, and vigorous hand, as well as a long, strong arm.

"Yes; though I touch it, it is a dream," said I, as I put it down from before my face. "Sir, have you finished supper?"

"Yes, Jane."

I rang the bell and ordered away the tray. When we were again alone, I stirred the fire, and then took a low seat at my master's knee.

"It is near midnight," I said.

"Yes: but remember, Jane, you promised to wake with me the night before my wedding."

"I did; and I will keep my promise, for an hour or two at least: I have no wish to go to bed."

“Are all your arrangements complete?”

“All, sir.”

“And on my part likewise,” he returned, “I have settled everything; and we shall leave Thornfield to-morrow, within half-an-hour after our return from church.”

“Very well, sir.”

“With what an extraordinary smile you uttered that word -- ‘very well,’ Jane! What a bright spot of colour you have on each cheek! and how strangely your eyes glitter! Are you well?”

“I believe I am.”

“Believe! What is the matter? Tell me what you feel.”

“I could not, sir: no words could tell you what I feel. I wish this present hour would never end: who knows with what fate the next may come charged?”

“This is hypochondria, Jane. You have been over-excited, or over-fatigued.”

“Do you, sir, feel calm and happy?”

“Calm? -- no: but happy -- to the heart’s core.”

I looked up at him to read the signs of bliss in his face: it was ardent and flushed.

“Give me your confidence, Jane,” he said: “relieve your mind of any weight that oppresses it, by imparting it to me. What do you fear? -- that I shall not prove a good husband?”

“It is the idea farthest from my thoughts.”

“Are you apprehensive of the new sphere you are about to enter? -- of the new life into which you are passing?”

“No.”

“You puzzle me, Jane: your look and tone of sorrowful audacity perplex and pain me. I want an explanation.”

“Then, sir, listen. You were from home last night?”

“I was: I know that; and you hinted a while ago at something which had happened in my absence: -- nothing, probably, of consequence; but, in short, it has disturbed you. Let me hear it. Mrs. Fairfax has said something, perhaps? or you have overheard the servants talk? -- your sensitive self-respect has been wounded?”

“No, sir.” It struck twelve -- I waited till the time-piece had concluded its silver chime, and the clock its hoarse, vibrating stroke, and then I proceeded.

“All day yesterday I was very busy, and very happy in my ceaseless bustle; for I am not, as you seem to think, troubled by any haunting fears about the new sphere, et cetera: I think it a glorious thing to have the hope of living with you, because I love you. No, sir, don’t caress me now -- let me talk undisturbed. Yesterday I trusted well in Providence, and believed that events were working together for your good and mine: it was a fine day, if you recollect -- the calmness of the air and sky forbade apprehensions respecting your safety or comfort on your journey. I walked a little while on the pavement after tea, thinking of you; and I beheld you in imagination so near me, I scarcely missed your actual presence. I thought of the life that lay before me -- YOUR life, sir -- an existence more expansive and stirring than my own: as much more so as the depths of the sea to which the brook runs are than the

shallows of its own strait channel. I wondered why moralists call this world a dreary wilderness: for me it blossomed like a rose. Just at sunset, the air turned cold and the sky cloudy: I went in, Sophie called me upstairs to look at my wedding-dress, which they had just brought; and under it in the box I found your present -- the veil which, in your princely extravagance, you sent for from London: resolved, I suppose, since I would not have jewels, to cheat me into accepting something as costly. I smiled as I unfolded it, and devised how I would tease you about your aristocratic tastes, and your efforts to masque your plebeian bride in the attributes of a peeress. I thought how I would carry down to you the square of unembroidered blond I had myself prepared as a covering for my low-born head, and ask if that was not good enough for a woman who could bring her husband neither fortune, beauty, nor connections. I saw plainly how you would look; and heard your impetuous republican answers, and your haughty disavowal of any necessity on your part to augment your wealth, or elevate your standing, by marrying either a purse or a coronet."

"How well you read me, you witch!" interposed Mr. Rochester: "but what did you find in the veil besides its embroidery? Did you find poison, or a dagger, that you look so mournful now?"

"No, no, sir; besides the delicacy and richness of the fabric, I found nothing save Fairfax Rochester's pride; and that did not scare me, because I am used to the sight of the demon. But, sir, as it grew dark, the wind rose: it blew yesterday evening, not as it blows now -- wild and high -- but 'with a sullen, moaning sound' far more eerie. I wished you were at home. I came into this room, and the sight of the empty chair and fireless hearth chilled me. For some time after I went to bed, I could not sleep -- a sense of anxious excitement distressed me. The gale still rising, seemed to my ear to muffle a mournful under-sound; whether in the house or abroad I could not at first tell, but it recurred, doubtful yet doleful at every lull; at last I made out it must be some dog howling at a distance. I was glad when it ceased. Or sleeping, I continued in dreams the idea of a dark and gusty night. I continued also the wish to be with you, and experienced a strange, regretful consciousness of some barrier dividing us. During all my first sleep, I was following the windings of an unknown road; total obscurity environed me; rain pelted me; I was burdened with the charge of a little child: a very small creature, too young and feeble to walk, and which shivered in my cold arms, and wailed piteously in my ear. I thought, sir, that you were on the road a long way before me; and I strained every nerve to overtake you, and made effort on effort to utter your name and entreat you to stop -- but my movements were fettered, and my voice still died away inarticulate; while you, I felt, withdrew farther and farther every moment."

"And these dreams weigh on your spirits now, Jane, when I am close to you? Little nervous subject! Forget visionary woe, and think only of real happiness! You say you love me, Janet: yes -- I will not forget that; and you cannot deny it. THOSE words did not die inarticulate on your lips. I heard then clear and soft: a thought too solemn perhaps, but sweet as music -- 'I think it is a glorious thing to have the hope of living with you, Edward, because I love you.' Do you love me, Jane? -- repeat it."

"I do, sir -- I do, with my whole heart."

"Well," he said, after some minutes' silence, "it is strange; but that sentence has penetrated my breast painfully. Why? I think because you said it with such an earnest, religious energy, and because your upward gaze at me now is the very sublime of faith, truth, and devotion: it is too much as if some spirit were near me. Look wicked, Jane: as you know well how to look: coin one of your wild, shy, provoking smiles; tell me you hate me -- tease me, vex me; do anything but move me: I would rather be incensed than saddened."

"I will tease you and vex you to your heart's content, when I have finished my tale: but hear me

to the end.”

“I thought, Jane, you had told me all. I thought I had found the source of your melancholy in a dream.”

I shook my head. “What! is there more? But I will not believe it to be anything important. I warn you of incredulity beforehand. Go on.”

The disquietude of his air, the somewhat apprehensive impatience of his manner, surprised me: but I proceeded.

“I dreamt another dream, sir: that Thornfield Hall was a dreary ruin, the retreat of bats and owls. I thought that of all the stately front nothing remained but a shell-like wall, very high and very fragile-looking. I wandered, on a moonlight night, through the grass-grown enclosure within: here I stumbled over a marble hearth, and there over a fallen fragment of cornice. Wrapped up in a shawl, I still carried the unknown little child: I might not lay it down anywhere, however tired were my arms -- however much its weight impeded my progress, I must retain it. I heard the gallop of a horse at a distance on the road; I was sure it was you; and you were departing for many years and for a distant country. I climbed the thin wall with frantic perilous haste, eager to catch one glimpse of you from the top: the stones rolled from under my feet, the ivy branches I grasped gave way, the child clung round my neck in terror, and almost strangled me; at last I gained the summit. I saw you like a speck on a white track, lessening every moment. The blast blew so strong I could not stand. I sat down on the narrow ledge; I hushed the scared infant in my lap: you turned an angle of the road: I bent forward to take a last look; the wall crumbled; I was shaken; the child rolled from my knee, I lost my balance, fell, and woke.”

“Now, Jane, that is all.”

“All the preface, sir; the tale is yet to come. On waking, a gleam dazzled my eyes; I thought -- Oh, it is daylight! But I was mistaken; it was only candlelight. Sophie, I supposed, had come in. There was a light in the dressing-table, and the door of the closet, where, before going to bed, I had hung my wedding-dress and veil, stood open; I heard a rustling there. I asked, ‘Sophie, what are you doing?’ No one answered; but a form emerged from the closet; it took the light, held it aloft, and surveyed the garments pendent from the portmanteau. ‘Sophie! Sophie!’ I again cried: and still it was silent. I had risen up in bed, I bent forward: first surprise, then bewilderment, came over me; and then my blood crept cold through my veins. Mr. Rochester, this was not Sophie, it was not Leah, it was not Mrs. Fairfax: it was no -- no, I was sure of it, and am still -- it was not even that strange woman, Grace Poole.”

“It must have been one of them,” interrupted my master.

“No, sir, I solemnly assure you to the contrary. The shape standing before me had never crossed my eyes within the precincts of Thornfield Hall before; the height, the contour were new to me.”

“Describe it, Jane.”

“It seemed, sir, a woman, tall and large, with thick and dark hair hanging long down her back. I know not what dress she had on: it was white and straight; but whether gown, sheet, or shroud, I cannot tell.”

“Did you see her face?”

“Not at first. But presently she took my veil from its place; she held it up, gazed at it long, and then she threw it over her own head, and turned to the mirror. At that moment I saw the reflection of the visage and features quite distinctly in the dark oblong glass.”

“And how were they?”

“Fearful and ghastly to me -- oh, sir, I never saw a face like it! It was a discoloured face -- it was a savage face. I wish I could forget the roll of the red eyes and the fearful blackened inflation of the lineaments!”

“Ghosts are usually pale, Jane.”

“This, sir, was purple: the lips were swelled and dark; the brow furrowed: the black eyebrows widely raised over the bloodshot eyes. Shall I tell you of what it reminded me?”

“You may.”

“Of the foul German spectre -- the Vampyre.”

“Ah! -- what did it do?”

“Sir, it removed my veil from its gaunt head, rent it in two parts, and flinging both on the floor, trampled on them.”

“Afterwards?”

“It drew aside the window-curtain and looked out; perhaps it saw dawn approaching, for, taking the candle, it retreated to the door. Just at my bedside, the figure stopped: the fiery eyes glared upon me -- she thrust up her candle close to my face, and extinguished it under my eyes. I was aware her lurid visage flamed over mine, and I lost consciousness: for the second time in my life -- only the second time -- I became insensible from terror.”

“Who was with you when you revived?”

“No one, sir, but the broad day. I rose, bathed my head and face in water, drank a long draught; felt that though enfeebled I was not ill, and determined that to none but you would I impart this vision. Now, sir, tell me who and what that woman was?”

“The creature of an over-stimulated brain; that is certain. I must be careful of you, my treasure: nerves like yours were not made for rough handling.”

“Sir, depend on it, my nerves were not in fault; the thing was real: the transaction actually took place.”

“And your previous dreams, were they real too? Is Thornfield Hall a ruin? Am I severed from you by insuperable obstacles? Am I leaving you without a tear -- without a kiss -- without a word?”

“Not yet.”

“Am I about to do it? Why, the day is already commenced which is to bind us indissolubly; and when we are once united, there shall be no recurrence of these mental terrors: I guarantee that.”

“Mental terrors, sir! I wish I could believe them to be only such: I wish it more now than ever since even you cannot explain to me the mystery of that awful visitant.”

“And since I cannot do it, Jane, it must have been unreal.”

“But, sir, when I said so to myself on rising this morning, and when I looked round the room to gather courage and comfort from the cheerful aspect of each familiar object in full daylight, there -- on the carpet -- I saw what gave the distinct lie to my hypothesis, -- the veil, torn from top to bottom in two halves!”

I felt Mr. Rochester start and shudder; he hastily flung his arms round me. “Thank God!” he

exclaimed, "that if anything malignant did come near you last night, it was only the veil that was harmed. Oh, to think what might have happened!"

He drew his breath short, and strained me so close to him, I could scarcely pant. After some minutes' silence, he continued, cheerily -

"Now, Janet, I'll explain to you all about it. It was half dream, half reality. A woman did, I doubt not, enter your room: and that woman was -- must have been -- Grace Poole. You call her a strange being yourself: from all you know, you have reason so to call her -- what did she do to me? what to Mason? In a state between sleeping and waking, you noticed her entrance and her actions; but feverish, almost delirious as you were, you ascribed to her a goblin appearance different from her own: the long dishevelled hair, the swelled black face, the exaggerated stature, were figments of imagination; results of nightmare: the spiteful tearing of the veil was real: and it is like her. I see you would ask why I keep such a woman in my house: when we have been married a year and a day, I will tell you; but not now. Are you satisfied, Jane? Do you accept my solution of the mystery?"

I reflected, and in truth it appeared to me the only possible one: satisfied I was not, but to please him I endeavoured to appear so -- relieved, I certainly did feel; so I answered him with a contented smile. And now, as it was long past one, I prepared to leave him.

"Does not Sophie sleep with Adele in the nursery?" he asked, as I lit my candle.

"Yes, sir."

"And there is room enough in Adele's little bed for you. You must share it with her to-night, Jane: it is no wonder that the incident you have related should make you nervous, and I would rather you did not sleep alone: promise me to go to the nursery."

"I shall be very glad to do so, sir."

"And fasten the door securely on the inside. Wake Sophie when you go upstairs, under pretence of requesting her to rouse you in good time to-morrow; for you must be dressed and have finished breakfast before eight. And now, no more sombre thoughts: chase dull care away, Janet. Don't you hear to what soft whispers the wind has fallen? and there is no more beating of rain against the window-panes: look here" (he lifted up the curtain) -- "it is a lovely night!"

It was. Half heaven was pure and stainless: the clouds, now trooping before the wind, which had shifted to the west, were filing off eastward in long, silvered columns. The moon shone peacefully.

"Well," said Mr. Rochester, gazing inquiringly into my eyes, "how is my Janet now?"

"The night is serene, sir; and so am I."

"And you will not dream of separation and sorrow to-night; but of happy love and blissful union."

This prediction was but half fulfilled: I did not indeed dream of sorrow, but as little did I dream of joy; for I never slept at all. With little Adele in my arms, I watched the slumber of childhood -- so tranquil, so passionless, so innocent -- and waited for the coming day: all my life was awake and astir in my frame: and as soon as the sun rose I rose too. I remember Adele clung to me as I left her: I remember I kissed her as I loosened her little hands from my neck; and I cried over her with strange emotion, and quitted her because I feared my sobs would break her still sound repose. She seemed the emblem of my past life; and he I was now to array myself to meet, the dread, but adored, type of my unknown future day.

CHAPTER XXVI

Sophie came at seven to dress me: she was very long indeed in accomplishing her task; so long that Mr. Rochester, grown, I suppose, impatient of my delay, sent up to ask why I did not come. She was just fastening my veil (the plain square of blond after all) to my hair with a brooch; I hurried from under her hands as soon as I could.

“Stop!” she cried in French. “Look at yourself in the mirror: you have not taken one peep.”

So I turned at the door: I saw a robed and veiled figure, so unlike my usual self that it seemed almost the image of a stranger. “Jane!” called a voice, and I hastened down. I was received at the foot of the stairs by Mr. Rochester.

“Lingerer!” he said, “my brain is on fire with impatience, and you tarry so long!”

He took me into the dining-room, surveyed me keenly all over, pronounced me “fair as a lily, and not only the pride of his life, but the desire of his eyes,” and then telling me he would give me but ten minutes to eat some breakfast, he rang the bell. One of his lately hired servants, a footman, answered it.

“Is John getting the carriage ready?”

“Yes, sir.”

“Is the luggage brought down?”

“They are bringing it down, sir.”

“Go you to the church: see if Mr. Wood (the clergyman) and the clerk are there: return and tell me.”

The church, as the reader knows, was but just beyond the gates; the footman soon returned.

“Mr. Wood is in the vestry, sir, putting on his surplice.”

“And the carriage?”

“The horses are harnessing.”

“We shall not want it to go to church; but it must be ready the moment we return: all the boxes and luggage arranged and strapped on, and the coachman in his seat.”

“Yes, sir.”

“Jane, are you ready?”

I rose. There were no groomsmen, no bridesmaids, no relatives to wait for or marshal: none but Mr. Rochester and I. Mrs. Fairfax stood in the hall as we passed. I would fain have spoken to her, but my hand was held by a grasp of iron: I was hurried along by a stride I could hardly follow; and to look at Mr. Rochester’s face was to feel that not a second of delay would be tolerated for any purpose. I wonder what other bridegroom ever looked as he did -- so bent up to a purpose, so grimly resolute: or who, under such steadfast brows, ever revealed such flaming and flashing eyes.

I know not whether the day was fair or foul; in descending the drive, I gazed neither on sky nor earth: my heart was with my eyes; and both seemed migrated into Mr. Rochester’s frame. I wanted to see the invisible thing on which, as we went along, he appeared to fasten a glance fierce and fell. I wanted to feel the thoughts whose force he seemed breasting and resisting.

At the churchyard wicket he stopped: he discovered I was quite out of breath. "Am I cruel in my love?" he said. "Delay an instant: lean on me, Jane."

And now I can recall the picture of the grey old house of God rising calm before me, of a rook wheeling round the steeple, of a ruddy morning sky beyond. I remember something, too, of the green grave-mounds; and I have not forgotten, either, two figures of strangers straying amongst the low hillocks and reading the mementoes graven on the few mossy head-stones. I noticed them, because, as they saw us, they passed round to the back of the church; and I doubted not they were going to enter by the side-aisle door and witness the ceremony. By Mr. Rochester they were not observed; he was earnestly looking at my face from which the blood had, I daresay, momentarily fled: for I felt my forehead dewy, and my cheeks and lips cold. When I rallied, which I soon did, he walked gently with me up the path to the porch.

We entered the quiet and humble temple; the priest waited in his white surplice at the lowly altar, the clerk beside him. All was still: two shadows only moved in a remote corner. My conjecture had been correct: the strangers had slipped in before us, and they now stood by the vault of the Rochesters, their backs towards us, viewing through the rails the old time-stained marble tomb, where a kneeling angel guarded the remains of Damer de Rochester, slain at Marston Moor in the time of the civil wars, and of Elizabeth, his wife.

Our place was taken at the communion rails. Hearing a cautious step behind me, I glanced over my shoulder: one of the strangers -- a gentleman, evidently -- was advancing up the chancel. The service began. The explanation of the intent of matrimony was gone through; and then the clergyman came a step further forward, and, bending slightly towards Mr. Rochester, went on.

"I require and charge you both (as ye will answer at the dreadful day of judgment, when the secrets of all hearts shall be disclosed), that if either of you know any impediment why ye may not lawfully be joined together in matrimony, ye do now confess it; for be ye well assured that so many as are coupled together otherwise than God's Word doth allow, are not joined together by God, neither is their matrimony lawful."

He paused, as the custom is. When is the pause after that sentence ever broken by reply? Not, perhaps, once in a hundred years. And the clergyman, who had not lifted his eyes from his book, and had held his breath but for a moment, was proceeding: his hand was already stretched towards Mr. Rochester, as his lips unclosed to ask, "Wilt thou have this woman for thy wedded wife?" -- when a distinct and near voice said -

"The marriage cannot go on: I declare the existence of an impediment."

The clergyman looked up at the speaker and stood mute; the clerk did the same; Mr. Rochester moved slightly, as if an earthquake had rolled under his feet: taking a firmer footing, and not turning his head or eyes, he said, "Proceed."

Profound silence fell when he had uttered that word, with deep but low intonation. Presently Mr. Wood said -

"I cannot proceed without some investigation into what has been asserted, and evidence of its truth or falsehood."

"The ceremony is quite broken off," subjoined the voice behind us. "I am in a condition to prove my allegation: an insuperable impediment to this marriage exists."

Mr. Rochester heard, but heeded not: he stood stubborn and rigid, making no movement but to possess himself of my hand. What a hot and strong grasp he had! and how like quarried marble was his

pale, firm, massive front at this moment! How his eye shone, still watchful, and yet wild beneath!

Mr. Wood seemed at a loss. "What is the nature of the impediment?" he asked. "Perhaps it may be got over -- explained away?"

"Hardly," was the answer. "I have called it insuperable, and I speak advisedly."

The speaker came forward and leaned on the rails. He continued, uttering each word distinctly, calmly, steadily, but not loudly -

"It simply consists in the existence of a previous marriage. Mr. Rochester has a wife now living."

My nerves vibrated to those low-spoken words as they had never vibrated to thunder -- my blood felt their subtle violence as it had never felt frost or fire; but I was collected, and in no danger of swooning. I looked at Mr. Rochester: I made him look at me. His whole face was colourless rock: his eye was both spark and flint. He disavowed nothing: he seemed as if he would defy all things. Without speaking, without smiling, without seeming to recognise in me a human being, he only twined my waist with his arm and riveted me to his side.

"Who are you?" he asked of the intruder.

"My name is Briggs, a solicitor of -- Street, London."

"And you would thrust on me a wife?"

"I would remind you of your lady's existence, sir, which the law recognises, if you do not."

"Favour me with an account of her -- with her name, her parentage, her place of abode."

"Certainly." Mr. Briggs calmly took a paper from his pocket, and read out in a sort of official, nasal voice:-

"I affirm and can prove that on the 20th of October A.D. -- (a date of fifteen years back), Edward Fairfax Rochester, of Thornfield Hall, in the county of -, and of Ferndean Manor, in -shire England, was married to my sister, Bertha Antoinetta Mason, daughter of Jonas Mason, merchant, and of Antoinetta his wife, a Creole, at -- church, Spanish Town, Jamaica. The record of the marriage will be found in the register of that church -- a copy of it is now in my possession. Signed, Richard Mason."

"That -- if a genuine document -- may prove I have been married, but it does not prove that the woman mentioned therein as my wife is still living."

"She was living three months ago," returned the lawyer.

"How do you know?"

"I have a witness to the fact, whose testimony even you, sir, will scarcely controvert."

"Produce him -- or go to hell."

"I will produce him first -- he is on the spot. Mr. Mason, have the goodness to step forward."

Mr. Rochester, on hearing the name, set his teeth; he experienced, too, a sort of strong convulsive quiver; near to him as I was, I felt the spasmodic movement of fury or despair run through his frame. The second stranger, who had hitherto lingered in the background, now drew near; a pale face looked over the solicitor's shoulder -- yes, it was Mason himself. Mr. Rochester turned and glared at him. His eye, as I have often said, was a black eye: it had now a tawny, nay, a bloody light in its gloom; and his face flushed -- olive cheek and hueless forehead received a glow as from spreading, ascending heart-fire: and he

stirred, lifted his strong arm -- he could have struck Mason, dashed him on the church-floor, shocked by ruthless blow the breath from his body -- but Mason shrank away, and cried faintly, "Good God!" Contempt fell cool on Mr. Rochester -- his passion died as if a blight had shrivelled it up: he only asked - - "What have YOU to say?"

An inaudible reply escaped Mason's white lips.

"The devil is in it if you cannot answer distinctly. I again demand, what have you to say?"

"Sir -- sir," interrupted the clergyman, "do not forget you are in a sacred place." Then addressing Mason, he inquired gently, "Are you aware, sir, whether or not this gentleman's wife is still living?"

"Courage," urged the lawyer, -- "speak out."

"She is now living at Thornfield Hall," said Mason, in more articulate tones: "I saw her there last April. I am her brother."

"At Thornfield Hall!" ejaculated the clergyman. "Impossible! I am an old resident in this neighbourhood, sir, and I never heard of a Mrs. Rochester at Thornfield Hall."

I saw a grim smile contort Mr. Rochester's lips, and he muttered -

"No, by God! I took care that none should hear of it -- or of her under that name." He mused -- for ten minutes he held counsel with himself: he formed his resolve, and announced it -

"Enough! all shall bolt out at once, like the bullet from the barrel. Wood, close your book and take off your surplice; John Green (to the clerk), leave the church: there will be no wedding to-day." The man obeyed.

Mr. Rochester continued, hardily and recklessly: "Bigamy is an ugly word! -- I meant, however, to be a bigamist; but fate has out-manoeuvred me, or Providence has checked me, -- perhaps the last. I am little better than a devil at this moment; and, as my pastor there would tell me, deserve no doubt the sternest judgments of God, even to the quenchless fire and deathless worm. Gentlemen, my plan is broken up:- what this lawyer and his client say is true: I have been married, and the woman to whom I was married lives! You say you never heard of a Mrs. Rochester at the house up yonder, Wood; but I daresay you have many a time inclined your ear to gossip about the mysterious lunatic kept there under watch and ward. Some have whispered to you that she is my bastard half-sister: some, my cast-off mistress. I now inform you that she is my wife, whom I married fifteen years ago, -- Bertha Mason by name; sister of this resolute personage, who is now, with his quivering limbs and white cheeks, showing you what a stout heart men may bear. Cheer up, Dick! -- never fear me! -- I'd almost as soon strike a woman as you. Bertha Mason is mad; and she came of a mad family; idiots and maniacs through three generations! Her mother, the Creole, was both a madwoman and a drunkard! -- as I found out after I had wed the daughter: for they were silent on family secrets before. Bertha, like a dutiful child, copied her parent in both points. I had a charming partner -- pure, wise, modest: you can fancy I was a happy man. I went through rich scenes! Oh! my experience has been heavenly, if you only knew it! But I owe you no further explanation. Briggs, Wood, Mason, I invite you all to come up to the house and visit Mrs. Poole's patient, and MY WIFE! You shall see what sort of a being I was cheated into espousing, and judge whether or not I had a right to break the compact, and seek sympathy with something at least human. This girl," he continued, looking at me, "knew no more than you, Wood, of the disgusting secret: she thought all was fair and legal and never dreamt she was going to be entrapped into a feigned union with a defrauded wretch, already bound to a bad, mad, and embruted partner! Come all of you -- follow!"

Still holding me fast, he left the church: the three gentlemen came after. At the front door of the hall we found the carriage.

“Take it back to the coach-house, John,” said Mr. Rochester coolly; “it will not be wanted to-day.”

At our entrance, Mrs. Fairfax, Adele, Sophie, Leah, advanced to meet and greet us.

“To the right-about -- every soul!” cried the master; “away with your congratulations! Who wants them? Not I! -- they are fifteen years too late!”

He passed on and ascended the stairs, still holding my hand, and still beckoning the gentlemen to follow him, which they did. We mounted the first staircase, passed up the gallery, proceeded to the third storey: the low, black door, opened by Mr. Rochester’s master-key, admitted us to the tapestried room, with its great bed and its pictorial cabinet.

“You know this place, Mason,” said our guide; “she bit and stabbed you here.”

He lifted the hangings from the wall, uncovering the second door: this, too, he opened. In a room without a window, there burnt a fire guarded by a high and strong fender, and a lamp suspended from the ceiling by a chain. Grace Poole bent over the fire, apparently cooking something in a saucepan. In the deep shade, at the farther end of the room, a figure ran backwards and forwards. What it was, whether beast or human being, one could not, at first sight, tell: it grovelled, seemingly, on all fours; it snatched and growled like some strange wild animal: but it was covered with clothing, and a quantity of dark, grizzled hair, wild as a mane, hid its head and face.

“Good-morrow, Mrs. Poole!” said Mr. Rochester. “How are you? and how is your charge to-day?”

“We’re tolerable, sir, I thank you,” replied Grace, lifting the boiling mess carefully on to the hob: “rather snappish, but not ‘rageous.’”

A fierce cry seemed to give the lie to her favourable report: the clothed hyena rose up, and stood tall on its hind-feet.

“Ah! sir, she sees you!” exclaimed Grace: “you’d better not stay.”

“Only a few moments, Grace: you must allow me a few moments.”

“Take care then, sir! -- for God’s sake, take care!”

The maniac bellowed: she parted her shaggy locks from her visage, and gazed wildly at her visitors. I recognised well that purple face, -- those bloated features. Mrs. Poole advanced.

“Keep out of the way,” said Mr. Rochester, thrusting her aside: “she has no knife now, I suppose, and I’m on my guard.”

“One never knows what she has, sir: she is so cunning: it is not in mortal discretion to fathom her craft.”

“We had better leave her,” whispered Mason.

“Go to the devil!” was his brother-in-law’s recommendation.

“Ware!” cried Grace. The three gentlemen retreated simultaneously. Mr. Rochester flung me behind him: the lunatic sprang and grappled his throat viciously, and laid her teeth to his cheek: they struggled. She was a big woman, in stature almost equalling her husband, and corpulent besides: she showed virile force in the contest -- more than once she almost throttled him, athletic as he was. He could

have settled her with a well-planted blow; but he would not strike: he would only wrestle. At last he mastered her arms; Grace Poole gave him a cord, and he pinioned them behind her: with more rope, which was at hand, he bound her to a chair. The operation was performed amidst the fiercest yells and the most convulsive plunges. Mr. Rochester then turned to the spectators: he looked at them with a smile both acrid and desolate.

“That is MY WIFE,” said he. “Such is the sole conjugal embrace I am ever to know -- such are the endearments which are to solace my leisure hours! And THIS is what I wished to have” (laying his hand on my shoulder): “this young girl, who stands so grave and quiet at the mouth of hell, looking collectedly at the gambols of a demon, I wanted her just as a change after that fierce ragout. Wood and Briggs, look at the difference! Compare these clear eyes with the red balls yonder -- this face with that mask -- this form with that bulk; then judge me, priest of the gospel and man of the law, and remember with what judgment ye judge ye shall be judged! Off with you now. I must shut up my prize.”

We all withdrew. Mr. Rochester stayed a moment behind us, to give some further order to Grace Poole. The solicitor addressed me as he descended the stair.

“You, madam,” said he, “are cleared from all blame: your uncle will be glad to hear it -- if, indeed, he should be still living -- when Mr. Mason returns to Madeira.”

“My uncle! What of him? Do you know him?”

“Mr. Mason does. Mr. Eyre has been the Funchal correspondent of his house for some years. When your uncle received your letter intimating the contemplated union between yourself and Mr. Rochester, Mr. Mason, who was staying at Madeira to recruit his health, on his way back to Jamaica, happened to be with him. Mr. Eyre mentioned the intelligence; for he knew that my client here was acquainted with a gentleman of the name of Rochester. Mr. Mason, astonished and distressed as you may suppose, revealed the real state of matters. Your uncle, I am sorry to say, is now on a sick bed; from which, considering the nature of his disease -- decline -- and the stage it has reached, it is unlikely he will ever rise. He could not then hasten to England himself, to extricate you from the snare into which you had fallen, but he implored Mr. Mason to lose no time in taking steps to prevent the false marriage. He referred him to me for assistance. I used all despatch, and am thankful I was not too late: as you, doubtless, must be also. Were I not morally certain that your uncle will be dead ere you reach Madeira, I would advise you to accompany Mr. Mason back; but as it is, I think you had better remain in England till you can hear further, either from or of Mr. Eyre. Have we anything else to stay for?” he inquired of Mr. Mason.

“No, no -- let us be gone,” was the anxious reply; and without waiting to take leave of Mr. Rochester, they made their exit at the hall door. The clergyman stayed to exchange a few sentences, either of admonition or reproof, with his haughty parishioner; this duty done, he too departed.

I heard him go as I stood at the half-open door of my own room, to which I had now withdrawn. The house cleared, I shut myself in, fastened the bolt that none might intrude, and proceeded -- not to weep, not to mourn, I was yet too calm for that, but -- mechanically to take off the wedding dress, and replace it by the stuff gown I had worn yesterday, as I thought, for the last time. I then sat down: I felt weak and tired. I leaned my arms on a table, and my head dropped on them. And now I thought: till now I had only heard, seen, moved -- followed up and down where I was led or dragged -- watched event rush on event, disclosure open beyond disclosure: but NOW, I THOUGHT.

The morning had been a quiet morning enough -- all except the brief scene with the lunatic: the

transaction in the church had not been noisy; there was no explosion of passion, no loud altercation, no dispute, no defiance or challenge, no tears, no sobs: a few words had been spoken, a calmly pronounced objection to the marriage made; some stern, short questions put by Mr. Rochester; answers, explanations given, evidence adduced; an open admission of the truth had been uttered by my master; then the living proof had been seen; the intruders were gone, and all was over.

I was in my own room as usual -- just myself, without obvious change: nothing had smitten me, or scathed me, or maimed me. And yet where was the Jane Eyre of yesterday? -- where was her life? -- where were her prospects?

Jane Eyre, who had been an ardent, expectant woman -- almost a bride, was a cold, solitary girl again: her life was pale; her prospects were desolate. A Christmas frost had come at midsummer; a white December storm had whirled over June; ice glazed the ripe apples, drifts crushed the blowing roses; on hayfield and cornfield lay a frozen shroud: lanes which last night blushed full of flowers, to-day were pathless with untrodden snow; and the woods, which twelve hours since waved leafy and fragrant as groves between the tropics, now spread, waste, wild, and white as pine-forests in wintry Norway. My hopes were all dead -- struck with a subtle doom, such as, in one night, fell on all the first-born in the land of Egypt. I looked on my cherished wishes, yesterday so blooming and glowing; they lay stark, chill, livid corpses that could never revive. I looked at my love: that feeling which was my master's -- which he had created; it shivered in my heart, like a suffering child in a cold cradle; sickness and anguish had seized it; it could not seek Mr. Rochester's arms -- it could not derive warmth from his breast. Oh, never more could it turn to him; for faith was blighted -- confidence destroyed! Mr. Rochester was not to me what he had been; for he was not what I had thought him. I would not ascribe vice to him; I would not say he had betrayed me; but the attribute of stainless truth was gone from his idea, and from his presence I must go: THAT I perceived well. When -- how -- whither, I could not yet discern; but he himself, I doubted not would hurry me from Thornfield. Real affection, it seemed, he could not have for me; it had been only fitful passion: that was balked; he would want me no more. I should fear even to cross his path now: my view must be hateful to him. Oh, how blind had been my eyes! How weak my conduct!

My eyes were covered and closed: eddying darkness seemed to swim round me, and reflection came in as black and confused a flow. Self-abandoned, relaxed, and effortless, I seemed to have laid me down in the dried-up bed of a great river; I heard a flood loosened in remote mountains, and felt the torrent come: to rise I had no will, to flee I had no strength. I lay faint, longing to be dead. One idea only still throbbed life-like within me -- a remembrance of God: it begot an unuttered prayer: these words went wandering up and down in my rayless mind, as something that should be whispered, but no energy was found to express them -

“Be not far from me, for trouble is near: there is none to help.”

It was near: and as I had lifted no petition to Heaven to avert it -- as I had neither joined my hands, nor bent my knees, nor moved my lips -- it came: in full heavy swing the torrent poured over me. The whole consciousness of my life lorn, my love lost, my hope quenched, my faith death-struck, swayed full and mighty above me in one sullen mass. That bitter hour cannot be described: in truth, “the waters came into my soul; I sank in deep mire: I felt no standing; I came into deep waters; the floods overflowed me.”

CHAPTER XXVII

Some time in the afternoon I raised my head, and looking round and seeing the western sun gilding the sign of its decline on the wall, I asked, "What am I to do?"

But the answer my mind gave -- "Leave Thornfield at once" -- was so prompt, so dread, that I stopped my ears. I said I could not bear such words now. "That I am not Edward Rochester's bride is the least part of my woe," I alleged: "that I have wakened out of most glorious dreams, and found them all void and vain, is a horror I could bear and master; but that I must leave him decidedly, instantly, entirely, is intolerable. I cannot do it."

But, then, a voice within me averred that I could do it and foretold that I should do it. I wrestled with my own resolution: I wanted to be weak that I might avoid the awful passage of further suffering I saw laid out for me; and Conscience, turned tyrant, held Passion by the throat, told her tauntingly, she had yet but dipped her dainty foot in the slough, and swore that with that arm of iron he would thrust her down to unsounded depths of agony.

"Let me be torn away," then I cried. "Let another help me!"

"No; you shall tear yourself away, none shall help you: you shall yourself pluck out your right eye; yourself cut off your right hand: your heart shall be the victim, and you the priest to transfix it."

I rose up suddenly, terror-struck at the solitude which so ruthless a judge haunted, -- at the silence which so awful a voice filled. My head swam as I stood erect. I perceived that I was sickening from excitement and inanition; neither meat nor drink had passed my lips that day, for I had taken no breakfast. And, with a strange pang, I now reflected that, long as I had been shut up here, no message had been sent to ask how I was, or to invite me to come down: not even little Adele had tapped at the door; not even Mrs. Fairfax had sought me. "Friends always forget those whom fortune forsakes," I murmured, as I undrew the bolt and passed out. I stumbled over an obstacle: my head was still dizzy, my sight was dim, and my limbs were feeble. I could not soon recover myself. I fell, but not on to the ground: an outstretched arm caught me. I looked up -- I was supported by Mr. Rochester, who sat in a chair across my chamber threshold.

"You come out at last," he said. "Well, I have been waiting for you long, and listening: yet not one movement have I heard, nor one sob: five minutes more of that death-like hush, and I should have forced the lock like a burglar. So you shun me? -- you shut yourself up and grieve alone! I would rather you had come and upbraided me with vehemence. You are passionate. I expected a scene of some kind. I was prepared for the hot rain of tears; only I wanted them to be shed on my breast: now a senseless floor has received them, or your drenched handkerchief. But I err: you have not wept at all! I see a white cheek and a faded eye, but no trace of tears. I suppose, then, your heart has been weeping blood?"

"Well, Jane! not a word of reproach? Nothing bitter -- nothing poignant? Nothing to cut a feeling or sting a passion? You sit quietly where I have placed you, and regard me with a weary, passive look."

"Jane, I never meant to wound you thus. If the man who had but one little ewe lamb that was dear to him as a daughter, that ate of his bread and drank of his cup, and lay in his bosom, had by some mistake slaughtered it at the shambles, he would not have rued his bloody blunder more than I now rue mine. Will you ever forgive me?"

Reader, I forgave him at the moment and on the spot. There was such deep remorse in his eye,

such true pity in his tone, such manly energy in his manner; and besides, there was such unchanged love in his whole look and mien -- I forgave him all: yet not in words, not outwardly; only at my heart's core.

"You know I am a scoundrel, Jane?" ere long he inquired wistfully -- wondering, I suppose, at my continued silence and tameness, the result rather of weakness than of will.

"Yes, sir."

"Then tell me so roundly and sharply -- don't spare me."

"I cannot: I am tired and sick. I want some water." He heaved a sort of shuddering sigh, and taking me in his arms, carried me downstairs. At first I did not know to what room he had borne me; all was cloudy to my glazed sight: presently I felt the reviving warmth of a fire; for, summer as it was, I had become icy cold in my chamber. He put wine to my lips; I tasted it and revived; then I ate something he offered me, and was soon myself. I was in the library -- sitting in his chair -- he was quite near. "If I could go out of life now, without too sharp a pang, it would be well for me," I thought; "then I should not have to make the effort of cracking my heart-strings in rending them from among Mr. Rochester's. I must leave him, it appears. I do not want to leave him -- I cannot leave him."

"How are you now, Jane?"

"Much better, sir; I shall be well soon."

"Taste the wine again, Jane."

I obeyed him; then he put the glass on the table, stood before me, and looked at me attentively. Suddenly he turned away, with an inarticulate exclamation, full of passionate emotion of some kind; he walked fast through the room and came back; he stooped towards me as if to kiss me; but I remembered caresses were now forbidden. I turned my face away and put his aside.

"What! -- How is this?" he exclaimed hastily. "Oh, I know! you won't kiss the husband of Bertha Mason? You consider my arms filled and my embraces appropriated?"

"At any rate, there is neither room nor claim for me, sir."

"Why, Jane? I will spare you the trouble of much talking; I will answer for you -- Because I have a wife already, you would reply. -- I guess rightly?"

"Yes."

"If you think so, you must have a strange opinion of me; you must regard me as a plotting profligate -- a base and low rake who has been simulating disinterested love in order to draw you into a snare deliberately laid, and strip you of honour and rob you of self-respect. What do you say to that? I see you can say nothing in the first place, you are faint still, and have enough to do to draw your breath; in the second place, you cannot yet accustom yourself to accuse and revile me, and besides, the flood-gates of tears are opened, and they would rush out if you spoke much; and you have no desire to expostulate, to upbraid, to make a scene: you are thinking how TO ACT -- TALKING you consider is of no use. I know you -- I am on my guard."

"Sir, I do not wish to act against you," I said; and my unsteady voice warned me to curtail my sentence.

"Not in your sense of the word, but in mine you are scheming to destroy me. You have as good as said that I am a married man -- as a married man you will shun me, keep out of my way: just now you have refused to kiss me. You intend to make yourself a complete stranger to me: to live under this roof

only as Adele's governess; if ever I say a friendly word to you, if ever a friendly feeling inclines you again to me, you will say, -- 'That man had nearly made me his mistress: I must be ice and rock to him;' and ice and rock you will accordingly become."

I cleared and steadied my voice to reply: "All is changed about me, sir; I must change too -- there is no doubt of that; and to avoid fluctuations of feeling, and continual combats with recollections and associations, there is only one way -- Adele must have a new governess, sir."

"Oh, Adele will go to school -- I have settled that already; nor do I mean to torment you with the hideous associations and recollections of Thornfield Hall -- this accursed place -- this tent of Achan -- this insolent vault, offering the ghastliness of living death to the light of the open sky -- this narrow stone hell, with its one real fiend, worse than a legion of such as we imagine. Jane, you shall not stay here, nor will I. I was wrong ever to bring you to Thornfield Hall, knowing as I did how it was haunted. I charged them to conceal from you, before I ever saw you, all knowledge of the curse of the place; merely because I feared Adele never would have a governess to stay if she knew with what inmate she was housed, and my plans would not permit me to remove the maniac elsewhere -- though I possess an old house, Ferndean Manor, even more retired and hidden than this, where I could have lodged her safely enough, had not a scruple about the unhealthiness of the situation, in the heart of a wood, made my conscience recoil from the arrangement. Probably those damp walls would soon have eased me of her charge: but to each villain his own vice; and mine is not a tendency to indirect assassination, even of what I most hate.

"Concealing the mad-woman's neighbourhood from you, however, was something like covering a child with a cloak and laying it down near a upas-tree: that demon's vicinage is poisoned, and always was. But I'll shut up Thornfield Hall: I'll nail up the front door and board the lower windows: I'll give Mrs. Poole two hundred a year to live here with MY WIFE, as you term that fearful hag: Grace will do much for money, and she shall have her son, the keeper at Grimsby Retreat, to bear her company and be at hand to give her aid in the paroxysms, when MY WIFE is prompted by her familiar to burn people in their beds at night, to stab them, to bite their flesh from their bones, and so on -- "

"Sir," I interrupted him, "you are inexorable for that unfortunate lady: you speak of her with hate -- with vindictive antipathy. It is cruel -- she cannot help being mad."

"Jane, my little darling (so I will call you, for so you are), you don't know what you are talking about; you misjudge me again: it is not because she is mad I hate her. If you were mad, do you think I should hate you?"

"I do indeed, sir."

"Then you are mistaken, and you know nothing about me, and nothing about the sort of love of which I am capable. Every atom of your flesh is as dear to me as my own: in pain and sickness it would still be dear. Your mind is my treasure, and if it were broken, it would be my treasure still: if you raved, my arms should confine you, and not a strait waistcoat -- your grasp, even in fury, would have a charm for me: if you flew at me as wildly as that woman did this morning, I should receive you in an embrace, at least as fond as it would be restrictive. I should not shrink from you with disgust as I did from her: in your quiet moments you should have no watcher and no nurse but me; and I could hang over you with untiring tenderness, though you gave me no smile in return; and never weary of gazing into your eyes, though they had no longer a ray of recognition for me. -- But why do I follow that train of ideas? I was talking of removing you from Thornfield. All, you know, is prepared for prompt departure: to-morrow you shall go. I only ask you to endure one more night under this roof, Jane; and then, farewell to its miseries and terrors for ever! I have a place to repair to, which will be a secure sanctuary from hateful reminiscences, from

unwelcome intrusion -- even from falsehood and slander.”

“And take Adele with you, sir,” I interrupted; “she will be a companion for you.”

“What do you mean, Jane? I told you I would send Adele to school; and what do I want with a child for a companion, and not my own child, -- a French dancer’s bastard? Why do you importune me about her! I say, why do you assign Adele to me for a companion?”

“You spoke of a retirement, sir; and retirement and solitude are dull: too dull for you.”

“Solitude! solitude!” he reiterated with irritation. “I see I must come to an explanation. I don’t know what sphynx-like expression is forming in your countenance. You are to share my solitude. Do you understand?”

I shook my head: it required a degree of courage, excited as he was becoming, even to risk that mute sign of dissent. He had been walking fast about the room, and he stopped, as if suddenly rooted to one spot. He looked at me long and hard: I turned my eyes from him, fixed them on the fire, and tried to assume and maintain a quiet, collected aspect.

“Now for the hitch in Jane’s character,” he said at last, speaking more calmly than from his look I had expected him to speak. “The reel of silk has run smoothly enough so far; but I always knew there would come a knot and a puzzle: here it is. Now for vexation, and exasperation, and endless trouble! By God! I long to exert a fraction of Samson’s strength, and break the entanglement like tow!”

He recommenced his walk, but soon again stopped, and this time just before me.

“Jane! will you hear reason?” (he stooped and approached his lips to my ear); “because, if you won’t, I’ll try violence.” His voice was hoarse; his look that of a man who is just about to burst an insufferable bond and plunge headlong into wild license. I saw that in another moment, and with one impetus of frenzy more, I should be able to do nothing with him. The present -- the passing second of time -- was all I had in which to control and restrain him -- a movement of repulsion, flight, fear would have sealed my doom, -- and his. But I was not afraid: not in the least. I felt an inward power; a sense of influence, which supported me. The crisis was perilous; but not without its charm: such as the Indian, perhaps, feels when he slips over the rapid in his canoe. I took hold of his clenched hand, loosened the contorted fingers, and said to him, soothingly -

“Sit down; I’ll talk to you as long as you like, and hear all you have to say, whether reasonable or unreasonable.”

He sat down: but he did not get leave to speak directly. I had been struggling with tears for some time: I had taken great pains to repress them, because I knew he would not like to see me weep. Now, however, I considered it well to let them flow as freely and as long as they liked. If the flood annoyed him, so much the better. So I gave way and cried heartily.

Soon I heard him earnestly entreating me to be composed. I said I could not while he was in such a passion.

“But I am not angry, Jane: I only love you too well; and you had steeled your little pale face with such a resolute, frozen look, I could not endure it. Hush, now, and wipe your eyes.”

His softened voice announced that he was subdued; so I, in my turn, became calm. Now he made an effort to rest his head on my shoulder, but I would not permit it. Then he would draw me to him: no.

“Jane! Jane!” he said, in such an accent of bitter sadness it thrilled along every nerve I had; “you don’t love me, then? It was only my station, and the rank of my wife, that you valued? Now that you think

me disqualified to become your husband, you recoil from my touch as if I were some toad or ape.”

These words cut me: yet what could I do or I say? I ought probably to have done or said nothing but I was so tortured by a sense of remorse at thus hurting his feelings, I could not control the wish to drop balm where I had wounded.

“I DO love you,” I said, “more than ever: but I must not show or indulge the feeling: and this is the last time I must express it.”

“The last time, Jane! What! do you think you can live with me, and see me daily, and yet, if you still love me, be always cold and distant?”

“No, sir; that I am certain I could not; and therefore I see there is but one way: but you will be furious if I mention it.”

“Oh, mention it! If I storm, you have the art of weeping.”

“Mr. Rochester, I must leave you.”

“For how long, Jane? For a few minutes, while you smooth your hair -- which is somewhat dishevelled; and bathe your face -- which looks feverish?”

“I must leave Adele and Thornfield. I must part with you for my whole life: I must begin a new existence among strange faces and strange scenes.”

“Of course: I told you you should. I pass over the madness about parting from me. You mean you must become a part of me. As to the new existence, it is all right: you shall yet be my wife: I am not married. You shall be Mrs. Rochester -- both virtually and nominally. I shall keep only to you so long as you and I live. You shall go to a place I have in the south of France: a whitewashed villa on the shores of the Mediterranean. There you shall live a happy, and guarded, and most innocent life. Never fear that I wish to lure you into error -- to make you my mistress. Why did you shake your head? Jane, you must be reasonable, or in truth I shall again become frantic.”

His voice and hand quivered: his large nostrils dilated; his eye blazed: still I dared to speak.

“Sir, your wife is living: that is a fact acknowledged this morning by yourself. If I lived with you as you desire, I should then be your mistress: to say otherwise is sophistical -- is false.”

“Jane, I am not a gentle-tempered man -- you forget that: I am not long-enduring; I am not cool and dispassionate. Out of pity to me and yourself, put your finger on my pulse, feel how it throbs, and -- beware!”

He bared his wrist, and offered it to me: the blood was forsaking his cheek and lips, they were growing livid; I was distressed on all hands. To agitate him thus deeply, by a resistance he so abhorred, was cruel: to yield was out of the question. I did what human beings do instinctively when they are driven to utter extremity -- looked for aid to one higher than man: the words “God help me!” burst involuntarily from my lips.

“I am a fool!” cried Mr. Rochester suddenly. “I keep telling her I am not married, and do not explain to her why. I forget she knows nothing of the character of that woman, or of the circumstances attending my infernal union with her. Oh, I am certain Jane will agree with me in opinion, when she knows all that I know! Just put your hand in mine, Janet -- that I may have the evidence of touch as well as sight, to prove you are near me -- and I will in a few words show you the real state of the case. Can you listen to me?”

“Yes, sir; for hours if you will.”

“I ask only minutes. Jane, did you ever hear or know that I was not the eldest son of my house: that I had once a brother older than I?”

“I remember Mrs. Fairfax told me so once.”

“And did you ever hear that my father was an avaricious, grasping man?”

“I have understood something to that effect.”

“Well, Jane, being so, it was his resolution to keep the property together; he could not bear the idea of dividing his estate and leaving me a fair portion: all, he resolved, should go to my brother, Rowland. Yet as little could he endure that a son of his should be a poor man. I must be provided for by a wealthy marriage. He sought me a partner betimes. Mr. Mason, a West India planter and merchant, was his old acquaintance. He was certain his possessions were real and vast: he made inquiries. Mr. Mason, he found, had a son and daughter; and he learned from him that he could and would give the latter a fortune of thirty thousand pounds: that sufficed. When I left college, I was sent out to Jamaica, to espouse a bride already courted for me. My father said nothing about her money; but he told me Miss Mason was the boast of Spanish Town for her beauty: and this was no lie. I found her a fine woman, in the style of Blanche Ingram: tall, dark, and majestic. Her family wished to secure me because I was of a good race and so did she. They showed her to me in parties, splendidly dressed. I seldom saw her alone, and had very little private conversation with her. She flattered me, and lavishly displayed for my pleasure her charms and accomplishments. All the men in her circle seemed to admire her and envy me. I was dazzled, stimulated: my senses were excited; and being ignorant, raw, and inexperienced, I thought I loved her. There is no folly so besotted that the idiotic rivalries of society, the prurience, the rashness, the blindness of youth, will not hurry a man to its commission. Her relatives encouraged me; competitors piqued me; she allured me: a marriage was achieved almost before I knew where I was. Oh, I have no respect for myself when I think of that act! -- an agony of inward contempt masters me. I never loved, I never esteemed, I did not even know her. I was not sure of the existence of one virtue in her nature: I had marked neither modesty, nor benevolence, nor candour, nor refinement in her mind or manners -- and, I married her:-- gross, grovelling, mole-eyed blockhead that I was! With less sin I might have -- But let me remember to whom I am speaking.”

“My bride’s mother I had never seen: I understood she was dead. The honeymoon over, I learned my mistake; she was only mad, and shut up in a lunatic asylum. There was a younger brother, too -- a complete dumb idiot. The elder one, whom you have seen (and whom I cannot hate, whilst I abhor all his kindred, because he has some grains of affection in his feeble mind, shown in the continued interest he takes in his wretched sister, and also in a dog-like attachment he once bore me), will probably be in the same state one day. My father and my brother Rowland knew all this; but they thought only of the thirty thousand pounds, and joined in the plot against me.”

“These were vile discoveries; but except for the treachery of concealment, I should have made them no subject of reproach to my wife, even when I found her nature wholly alien to mine, her tastes obnoxious to me, her cast of mind common, low, narrow, and singularly incapable of being led to anything higher, expanded to anything larger -- when I found that I could not pass a single evening, nor even a single hour of the day with her in comfort; that kindly conversation could not be sustained between us, because whatever topic I started, immediately received from her a turn at once coarse and trite, perverse and imbecile -- when I perceived that I should never have a quiet or settled household, because no servant would bear the continued outbreaks of her violent and unreasonable temper, or the vexations of her

absurd, contradictory, exacting orders -- even then I restrained myself: I eschewed upbraiding, I curtailed remonstrance; I tried to devour my repentance and disgust in secret; I repressed the deep antipathy I felt.

“Jane, I will not trouble you with abominable details: some strong words shall express what I have to say. I lived with that woman upstairs four years, and before that time she had tried me indeed: her character ripened and developed with frightful rapidity; her vices sprang up fast and rank: they were so strong, only cruelty could check them, and I would not use cruelty. What a pigmy intellect she had, and what giant propensities! How fearful were the curses those propensities entailed on me! Bertha Mason, the true daughter of an infamous mother, dragged me through all the hideous and degrading agonies which must attend a man bound to a wife at once intemperate and unchaste.

“My brother in the interval was dead, and at the end of the four years my father died too. I was rich enough now -- yet poor to hideous indigence: a nature the most gross, impure, depraved I ever saw, was associated with mine, and called by the law and by society a part of me. And I could not rid myself of it by any legal proceedings: for the doctors now discovered that MY WIFE was mad -- her excesses had prematurely developed the germs of insanity. Jane, you don't like my narrative; you look almost sick -- shall I defer the rest to another day?”

“No, sir, finish it now; I pity you -- I do earnestly pity you.”

“Pity, Jane, from some people is a noxious and insulting sort of tribute, which one is justified in hurling back in the teeth of those who offer it; but that is the sort of pity native to callous, selfish hearts; it is a hybrid, egotistical pain at hearing of woes, crossed with ignorant contempt for those who have endured them. But that is not your pity, Jane; it is not the feeling of which your whole face is full at this moment -- with which your eyes are now almost overflowing -- with which your heart is heaving -- with which your hand is trembling in mine. Your pity, my darling, is the suffering mother of love: its anguish is the very natal pang of the divine passion. I accept it, Jane; let the daughter have free advent -- my arms wait to receive her.”

“Now, sir, proceed; what did you do when you found she was mad?”

“Jane, I approached the verge of despair; a remnant of self-respect was all that intervened between me and the gulf. In the eyes of the world, I was doubtless covered with grimy dishonour; but I resolved to be clean in my own sight -- and to the last I repudiated the contamination of her crimes, and wrenched myself from connection with her mental defects. Still, society associated my name and person with hers; I yet saw her and heard her daily: something of her breath (faugh!) mixed with the air I breathed; and besides, I remembered I had once been her husband -- that recollection was then, and is now, inexpressibly odious to me; moreover, I knew that while she lived I could never be the husband of another and better wife; and, though five years my senior (her family and her father had lied to me even in the particular of her age), she was likely to live as long as I, being as robust in frame as she was infirm in mind. Thus, at the age of twenty-six, I was hopeless.

“One night I had been awakened by her yells -- (since the medical men had pronounced her mad, she had, of course, been shut up) -- it was a fiery West Indian night; one of the description that frequently precede the hurricanes of those climates. Being unable to sleep in bed, I got up and opened the window. The air was like sulphur-steams -- I could find no refreshment anywhere. Mosquitoes came buzzing in and hummed sullenly round the room; the sea, which I could hear from thence, rumbled dull like an earthquake -- black clouds were casting up over it; the moon was setting in the waves, broad and red, like a hot cannon-ball -- she threw her last bloody glance over a world quivering with the ferment of tempest. I was physically influenced by the atmosphere and scene, and my ears were filled with the curses the maniac

still shrieked out; wherein she momentarily mingled my name with such a tone of demon-hate, with such language! -- no professed harlot ever had a fouler vocabulary than she: though two rooms off, I heard every word -- the thin partitions of the West India house opposing but slight obstruction to her wolfish cries.

“This life,’ said I at last, ‘is hell: this is the air -- those are the sounds of the bottomless pit! I have a right to deliver myself from it if I can. The sufferings of this mortal state will leave me with the heavy flesh that now cumpers my soul. Of the fanatic’s burning eternity I have no fear: there is not a future state worse than this present one -- let me break away, and go home to God!’

“I said this whilst I knelt down at, and unlocked a trunk which contained a brace of loaded pistols: I mean to shoot myself. I only entertained the intention for a moment; for, not being insane, the crisis of exquisite and unalloyed despair, which had originated the wish and design of self-destruction, was past in a second.

“A wind fresh from Europe blew over the ocean and rushed through the open casement: the storm broke, streamed, thundered, blazed, and the air grew pure. I then framed and fixed a resolution. While I walked under the dripping orange-trees of my wet garden, and amongst its drenched pomegranates and pine-apples, and while the refulgent dawn of the tropics kindled round me -- I reasoned thus, Jane -- and now listen; for it was true Wisdom that consoled me in that hour, and showed me the right path to follow.

“The sweet wind from Europe was still whispering in the refreshed leaves, and the Atlantic was thundering in glorious liberty; my heart, dried up and scorched for a long time, swelled to the tone, and filled with living blood -- my being longed for renewal -- my soul thirsted for a pure draught. I saw hope revive -- and felt regeneration possible. From a flowery arch at the bottom of my garden I gazed over the sea -- bluer than the sky: the old world was beyond; clear prospects opened thus:-

“Go,’ said Hope, ‘and live again in Europe: there it is not known what a sullied name you bear, nor what a filthy burden is bound to you. You may take the maniac with you to England; confine her with due attendance and precautions at Thornfield: then travel yourself to what clime you will, and form what new tie you like. That woman, who has so abused your long-suffering, so sullied your name, so outraged your honour, so blighted your youth, is not your wife, nor are you her husband. See that she is cared for as her condition demands, and you have done all that God and humanity require of you. Let her identity, her connection with yourself, be buried in oblivion: you are bound to impart them to no living being. Place her in safety and comfort: shelter her degradation with secrecy, and leave her.’

“I acted precisely on this suggestion. My father and brother had not made my marriage known to their acquaintance; because, in the very first letter I wrote to apprise them of the union -- having already begun to experience extreme disgust of its consequences, and, from the family character and constitution, seeing a hideous future opening to me -- I added an urgent charge to keep it secret: and very soon the infamous conduct of the wife my father had selected for me was such as to make him blush to own her as his daughter-in-law. Far from desiring to publish the connection, he became as anxious to conceal it as myself.

“To England, then, I conveyed her; a fearful voyage I had with such a monster in the vessel. Glad was I when I at last got her to Thornfield, and saw her safely lodged in that third-storey room, of whose secret inner cabinet she has now for ten years made a wild beast’s den -- a goblin’s cell. I had some trouble in finding an attendant for her, as it was necessary to select one on whose fidelity dependence could be placed; for her ravings would inevitably betray my secret: besides, she had lucid intervals of days -- sometimes weeks -- which she filled up with abuse of me. At last I hired Grace Poole from the

Grimbsy Retreat. She and the surgeon, Carter (who dressed Mason's wounds that night he was stabbed and worried), are the only two I have ever admitted to my confidence. Mrs. Fairfax may indeed have suspected something, but she could have gained no precise knowledge as to facts. Grace has, on the whole, proved a good keeper; though, owing partly to a fault of her own, of which it appears nothing can cure her, and which is incident to her harassing profession, her vigilance has been more than once lulled and baffled. The lunatic is both cunning and malignant; she has never failed to take advantage of her guardian's temporary lapses; once to secrete the knife with which she stabbed her brother, and twice to possess herself of the key of her cell, and issue therefrom in the night-time. On the first of these occasions, she perpetrated the attempt to burn me in my bed; on the second, she paid that ghastly visit to you. I thank Providence, who watched over you, that she then spent her fury on your wedding apparel, which perhaps brought back vague reminiscences of her own bridal days: but on what might have happened, I cannot endure to reflect. When I think of the thing which flew at my throat this morning, hanging its black and scarlet visage over the nest of my dove, my blood curdles."

"And what, sir," I asked, while he paused, "did you do when you had settled her here? Where did you go?"

"What did I do, Jane? I transformed myself into a will-o'-the-wisp. Where did I go? I pursued wanderings as wild as those of the March-spirit. I sought the Continent, and went devious through all its lands. My fixed desire was to seek and find a good and intelligent woman, whom I could love: a contrast to the fury I left at Thornfield -- "

"But you could not marry, sir."

"I had determined and was convinced that I could and ought. It was not my original intention to deceive, as I have deceived you. I meant to tell my tale plainly, and make my proposals openly: and it appeared to me so absolutely rational that I should be considered free to love and be loved, I never doubted some woman might be found willing and able to understand my case and accept me, in spite of the curse with which I was burdened."

"Well, sir?"

"When you are inquisitive, Jane, you always make me smile. You open your eyes like an eager bird, and make every now and then a restless movement, as if answers in speech did not flow fast enough for you, and you wanted to read the tablet of one's heart. But before I go on, tell me what you mean by your 'Well, sir?' It is a small phrase very frequent with you; and which many a time has drawn me on and on through interminable talk: I don't very well know why."

"I mean, -- What next? How did you proceed? What came of such an event?"

"Precisely! and what do you wish to know now?"

"Whether you found any one you liked: whether you asked her to marry you; and what she said."

"I can tell you whether I found any one I liked, and whether I asked her to marry me: but what she said is yet to be recorded in the book of Fate. For ten long years I roved about, living first in one capital, then another: sometimes in St. Petersburg; oftener in Paris; occasionally in Rome, Naples, and Florence. Provided with plenty of money and the passport of an old name, I could choose my own society: no circles were closed against me. I sought my ideal of a woman amongst English ladies, French countesses, Italian signoras, and German grafinnen. I could not find her. Sometimes, for a fleeting moment, I thought I caught a glance, heard a tone, beheld a form, which announced the realisation of my dream: but I was presently undeserved. You are not to suppose that I desired perfection, either of mind or person. I longed

only for what suited me -- for the antipodes of the Creole: and I longed vainly. Amongst them all I found not one whom, had I been ever so free, I -- warned as I was of the risks, the horrors, the loathings of incongruous unions -- would have asked to marry me. Disappointment made me reckless. I tried dissipation -- never debauchery: that I hated, and hate. That was my Indian Messalina's attribute: rooted disgust at it and her restrained me much, even in pleasure. Any enjoyment that bordered on riot seemed to approach me to her and her vices, and I eschewed it.

"Yet I could not live alone; so I tried the companionship of mistresses. The first I chose was Celine Varens -- another of those steps which make a man spurn himself when he recalls them. You already know what she was, and how my liaison with her terminated. She had two successors: an Italian, Giacinta, and a German, Clara; both considered singularly handsome. What was their beauty to me in a few weeks? Giacinta was unprincipled and violent: I tired of her in three months. Clara was honest and quiet; but heavy, mindless, and unimpressible: not one whit to my taste. I was glad to give her a sufficient sum to set her up in a good line of business, and so get decently rid of her. But, Jane, I see by your face you are not forming a very favourable opinion of me just now. You think me an unfeeling, loose-principled rake: don't you?"

"I don't like you so well as I have done sometimes, indeed, sir. Did it not seem to you in the least wrong to live in that way, first with one mistress and then another? You talk of it as a mere matter of course."

"It was with me; and I did not like it. It was a grovelling fashion of existence: I should never like to return to it. Hiring a mistress is the next worse thing to buying a slave: both are often by nature, and always by position, inferior: and to live familiarly with inferiors is degrading. I now hate the recollection of the time I passed with Celine, Giacinta, and Clara."

I felt the truth of these words; and I drew from them the certain inference, that if I were so far to forget myself and all the teaching that had ever been instilled into me, as -- under any pretext -- with any justification -- through any temptation -- to become the successor of these poor girls, he would one day regard me with the same feeling which now in his mind desecrated their memory. I did not give utterance to this conviction: it was enough to feel it. I impressed it on my heart, that it might remain there to serve me as aid in the time of trial.

"Now, Jane, why don't you say 'Well, sir?' I have not done. You are looking grave. You disapprove of me still, I see. But let me come to the point. Last January, rid of all mistresses -- in a harsh, bitter frame of mind, the result of a useless, roving, lonely life -- corroded with disappointment, sourly disposed against all men, and especially against all womankind (for I began to regard the notion of an intellectual, faithful, loving woman as a mere dream), recalled by business, I came back to England.

"On a frosty winter afternoon, I rode in sight of Thornfield Hall. Abhorred spot! I expected no peace -- no pleasure there. On a stile in Hay Lane I saw a quiet little figure sitting by itself. I passed it as negligently as I did the pollard willow opposite to it: I had no presentiment of what it would be to me; no inward warning that the arbitress of my life -- my genius for good or evil -- waited there in humble guise. I did not know it, even when, on the occasion of Mesrour's accident, it came up and gravely offered me help. Childish and slender creature! It seemed as if a linnet had hopped to my foot and proposed to bear me on its tiny wing. I was surly; but the thing would not go: it stood by me with strange perseverance, and looked and spoke with a sort of authority. I must be aided, and by that hand: and aided I was.

"When once I had pressed the frail shoulder, something new -- a fresh sap and sense -- stole into my frame. It was well I had learnt that this elf must return to me -- that it belonged to my house down

below -- or I could not have felt it pass away from under my hand, and seen it vanish behind the dim hedge, without singular regret. I heard you come home that night, Jane, though probably you were not aware that I thought of you or watched for you. The next day I observed you -- myself unseen -- for half-an-hour, while you played with Adele in the gallery. It was a snowy day, I recollect, and you could not go out of doors. I was in my room; the door was ajar: I could both listen and watch. Adele claimed your outward attention for a while; yet I fancied your thoughts were elsewhere: but you were very patient with her, my little Jane; you talked to her and amused her a long time. When at last she left you, you lapsed at once into deep reverie: you betook yourself slowly to pace the gallery. Now and then, in passing a casement, you glanced out at the thick-falling snow; you listened to the sobbing wind, and again you paced gently on and dreamed. I think those day visions were not dark: there was a pleasurable illumination in your eye occasionally, a soft excitement in your aspect, which told of no bitter, bilious, hypochondriac brooding: your look revealed rather the sweet musings of youth when its spirit follows on willing wings the flight of Hope up and on to an ideal heaven. The voice of Mrs. Fairfax, speaking to a servant in the hall, wakened you: and how curiously you smiled to and at yourself, Janet! There was much sense in your smile: it was very shrewd, and seemed to make light of your own abstraction. It seemed to say -- ‘My fine visions are all very well, but I must not forget they are absolutely unreal. I have a rosy sky and a green flowery Eden in my brain; but without, I am perfectly aware, lies at my feet a rough tract to travel, and around me gather black tempests to encounter.’ You ran downstairs and demanded of Mrs. Fairfax some occupation: the weekly house accounts to make up, or something of that sort, I think it was. I was vexed with you for getting out of my sight.

“Impatiently I waited for evening, when I might summon you to my presence. An unusual -- to me -- a perfectly new character I suspected was yours: I desired to search it deeper and know it better. You entered the room with a look and air at once shy and independent: you were quaintly dressed -- much as you are now. I made you talk: ere long I found you full of strange contrasts. Your garb and manner were restricted by rule; your air was often diffident, and altogether that of one refined by nature, but absolutely unused to society, and a good deal afraid of making herself disadvantageously conspicuous by some solecism or blunder; yet when addressed, you lifted a keen, a daring, and a glowing eye to your interlocutor’s face: there was penetration and power in each glance you gave; when plied by close questions, you found ready and round answers. Very soon you seemed to get used to me: I believe you felt the existence of sympathy between you and your grim and cross master, Jane; for it was astonishing to see how quickly a certain pleasant ease tranquillised your manner: snarl as I would, you showed no surprise, fear, annoyance, or displeasure at my moroseness; you watched me, and now and then smiled at me with a simple yet sagacious grace I cannot describe. I was at once content and stimulated with what I saw: I liked what I had seen, and wished to see more. Yet, for a long time, I treated you distantly, and sought your company rarely. I was an intellectual epicure, and wished to prolong the gratification of making this novel and piquant acquaintance: besides, I was for a while troubled with a haunting fear that if I handled the flower freely its bloom would fade -- the sweet charm of freshness would leave it. I did not then know that it was no transitory blossom, but rather the radiant resemblance of one, cut in an indestructible gem. Moreover, I wished to see whether you would seek me if I shunned you -- but you did not; you kept in the schoolroom as still as your own desk and easel; if by chance I met you, you passed me as soon, and with as little token of recognition, as was consistent with respect. Your habitual expression in those days, Jane, was a thoughtful look; not despondent, for you were not sickly; but not buoyant, for you had little hope, and no actual pleasure. I wondered what you thought of me, or if you ever thought of me, and resolved to find this out.

“I resumed my notice of you. There was something glad in your glance, and genial in your manner, when you conversed: I saw you had a social heart; it was the silent schoolroom -- it was the tedium of your life -- that made you mournful. I permitted myself the delight of being kind to you; kindness stirred emotion soon: your face became soft in expression, your tones gentle; I liked my name pronounced by your lips in a grateful happy accent. I used to enjoy a chance meeting with you, Jane, at this time: there was a curious hesitation in your manner: you glanced at me with a slight trouble -- a hovering doubt: you did not know what my caprice might be -- whether I was going to play the master and be stern, or the friend and be benignant. I was now too fond of you often to simulate the first whim; and, when I stretched my hand out cordially, such bloom and light and bliss rose to your young, wistful features, I had much ado often to avoid straining you then and there to my heart.”

“Don’t talk any more of those days, sir,” I interrupted, furtively dashing away some tears from my eyes; his language was torture to me; for I knew what I must do -- and do soon -- and all these reminiscences, and these revelations of his feelings only made my work more difficult.

“No, Jane,” he returned: “what necessity is there to dwell on the Past, when the Present is so much surer -- the Future so much brighter?”

I shuddered to hear the infatuated assertion.

“You see now how the case stands -- do you not?” he continued. “After a youth and manhood passed half in unutterable misery and half in dreary solitude, I have for the first time found what I can truly love -- I have found you. You are my sympathy -- my better self -- my good angel. I am bound to you with a strong attachment. I think you good, gifted, lovely: a fervent, a solemn passion is conceived in my heart; it leans to you, draws you to my centre and spring of life, wraps my existence about you, and, kindling in pure, powerful flame, fuses you and me in one.

“It was because I felt and knew this, that I resolved to marry you. To tell me that I had already a wife is empty mockery: you know now that I had but a hideous demon. I was wrong to attempt to deceive you; but I feared a stubbornness that exists in your character. I feared early instilled prejudice: I wanted to have you safe before hazarding confidences. This was cowardly: I should have appealed to your nobleness and magnanimity at first, as I do now -- opened to you plainly my life of agony -- described to you my hunger and thirst after a higher and worthier existence -- shown to you, not my RESOLUTION (that word is weak), but my resistless BENT to love faithfully and well, where I am faithfully and well loved in return. Then I should have asked you to accept my pledge of fidelity and to give me yours. Jane -- give it me now.”

A pause.

“Why are you silent, Jane?”

I was experiencing an ordeal: a hand of fiery iron grasped my vitals. Terrible moment: full of struggle, blackness, burning! Not a human being that ever lived could wish to be loved better than I was loved; and him who thus loved me I absolutely worshipped: and I must renounce love and idol. One drear word comprised my intolerable duty -- “Depart!”

“Jane, you understand what I want of you? Just this promise -- ‘I will be yours, Mr. Rochester.’”

“Mr. Rochester, I will NOT be yours.”

Another long silence.

“Jane!” recommenced he, with a gentleness that broke me down with grief, and turned me stone-

cold with ominous terror -- for this still voice was the part of a lion rising -- "Jane, do you mean to go one way in the world, and to let me go another?"

"I do."

"Jane" (bending towards and embracing me), "do you mean it now?"

"I do."

"And now?" softly kissing my forehead and cheek.

"I do," extricating myself from restraint rapidly and completely.

"Oh, Jane, this is bitter! This -- this is wicked. It would not be wicked to love me."

"It would to obey you."

A wild look raised his brows -- crossed his features: he rose; but he forebore yet. I laid my hand on the back of a chair for support: I shook, I feared -- but I resolved.

"One instant, Jane. Give one glance to my horrible life when you are gone. All happiness will be torn away with you. What then is left? For a wife I have but the maniac upstairs: as well might you refer me to some corpse in yonder churchyard. What shall I do, Jane? Where turn for a companion and for some hope?"

"Do as I do: trust in God and yourself. Believe in heaven. Hope to meet again there."

"Then you will not yield?"

"No."

"Then you condemn me to live wretched and to die accursed?" His voice rose.

"I advise you to live sinless, and I wish you to die tranquil."

"Then you snatch love and innocence from me? You fling me back on lust for a passion -- vice for an occupation?"

"Mr. Rochester, I no more assign this fate to you than I grasp at it for myself. We were born to strive and endure -- you as well as I: do so. You will forget me before I forget you."

"You make me a liar by such language: you sully my honour. I declared I could not change: you tell me to my face I shall change soon. And what a distortion in your judgment, what a perversity in your ideas, is proved by your conduct! Is it better to drive a fellow-creature to despair than to transgress a mere human law, no man being injured by the breach? for you have neither relatives nor acquaintances whom you need fear to offend by living with me?"

This was true: and while he spoke my very conscience and reason turned traitors against me, and charged me with crime in resisting him. They spoke almost as loud as Feeling: and that clamoured wildly. "Oh, comply!" it said. "Think of his misery; think of his danger -- look at his state when left alone; remember his headlong nature; consider the recklessness following on despair -- soothe him; save him; love him; tell him you love him and will be his. Who in the world cares for YOU? or who will be injured by what you do?"

Still indomitable was the reply -- "I care for myself. The more solitary, the more friendless, the more unsustained I am, the more I will respect myself. I will keep the law given by God; sanctioned by man. I will hold to the principles received by me when I was sane, and not mad -- as I am now. Laws and principles are not for the times when there is no temptation: they are for such moments as this, when body

and soul rise in mutiny against their rigour; stringent are they; inviolate they shall be. If at my individual convenience I might break them, what would be their worth? They have a worth -- so I have always believed; and if I cannot believe it now, it is because I am insane -- quite insane: with my veins running fire, and my heart beating faster than I can count its throbs. Preconceived opinions, foregone determinations, are all I have at this hour to stand by: there I plant my foot.”

I did. Mr. Rochester, reading my countenance, saw I had done so. His fury was wrought to the highest: he must yield to it for a moment, whatever followed; he crossed the floor and seized my arm and grasped my waist. He seemed to devour me with his flaming glance: physically, I felt, at the moment, powerless as stubble exposed to the draught and glow of a furnace: mentally, I still possessed my soul, and with it the certainty of ultimate safety. The soul, fortunately, has an interpreter -- often an unconscious, but still a truthful interpreter -- in the eye. My eye rose to his; and while I looked in his fierce face I gave an involuntary sigh; his gripe was painful, and my over-taxed strength almost exhausted.

“Never,” said he, as he ground his teeth, “never was anything at once so frail and so indomitable. A mere reed she feels in my hand!” (And he shook me with the force of his hold.) “I could bend her with my finger and thumb: and what good would it do if I bent, if I uptore, if I crushed her? Consider that eye: consider the resolute, wild, free thing looking out of it, defying me, with more than courage -- with a stern triumph. Whatever I do with its cage, I cannot get at it -- the savage, beautiful creature! If I tear, if I rend the slight prison, my outrage will only let the captive loose. Conqueror I might be of the house; but the inmate would escape to heaven before I could call myself possessor of its clay dwelling-place. And it is you, spirit -- with will and energy, and virtue and purity -- that I want: not alone your brittle frame. Of yourself you could come with soft flight and nestle against my heart, if you would: seized against your will, you will elude the grasp like an essence -- you will vanish ere I inhale your fragrance. Oh! come, Jane, come!”

As he said this, he released me from his clutch, and only looked at me. The look was far worse to resist than the frantic strain: only an idiot, however, would have succumbed now. I had dared and baffled his fury; I must elude his sorrow: I retired to the door.

“You are going, Jane?”

“I am going, sir.”

“You are leaving me?”

“Yes.”

“You will not come? You will not be my comforter, my rescuer? My deep love, my wild woe, my frantic prayer, are all nothing to you?”

What unutterable pathos was in his voice! How hard it was to reiterate firmly, “I am going.”

“Jane!”

“Mr. Rochester!”

“Withdraw, then, -- I consent; but remember, you leave me here in anguish. Go up to your own room; think over all I have said, and, Jane, cast a glance on my sufferings -- think of me.”

He turned away; he threw himself on his face on the sofa. “Oh, Jane! my hope -- my love -- my life!” broke in anguish from his lips. Then came a deep, strong sob.

I had already gained the door; but, reader, I walked back -- walked back as determinedly as I had retreated. I knelt down by him; I turned his face from the cushion to me; I kissed his cheek; I smoothed

his hair with my hand.

“God bless you, my dear master!” I said. “God keep you from harm and wrong -- direct you, solace you -- reward you well for your past kindness to me.”

“Little Jane’s love would have been my best reward,” he answered; “without it, my heart is broken. But Jane will give me her love: yes -- nobly, generously.”

Up the blood rushed to his face; forth flashed the fire from his eyes; erect he sprang; he held his arms out; but I evaded the embrace, and at once quitted the room.

“Farewell!” was the cry of my heart as I left him. Despair added, “Farewell for ever!”

That night I never thought to sleep; but a slumber fell on me as soon as I lay down in bed. I was transported in thought to the scenes of childhood: I dreamt I lay in the red-room at Gateshead; that the night was dark, and my mind impressed with strange fears. The light that long ago had struck me into syncope, recalled in this vision, seemed glidingly to mount the wall, and tremblingly to pause in the centre of the obscured ceiling. I lifted up my head to look: the roof resolved to clouds, high and dim; the gleam was such as the moon imparts to vapours she is about to sever. I watched her come -- watched with the strangest anticipation; as though some word of doom were to be written on her disk. She broke forth as never moon yet burst from cloud: a hand first penetrated the sable folds and waved them away; then, not a moon, but a white human form shone in the azure, inclining a glorious brow earthward. It gazed and gazed on me. It spoke to my spirit: immeasurably distant was the tone, yet so near, it whispered in my heart -

“My daughter, flee temptation.”

“Mother, I will.”

So I answered after I had waked from the trance-like dream. It was yet night, but July nights are short: soon after midnight, dawn comes. “It cannot be too early to commence the task I have to fulfil,” thought I. I rose: I was dressed; for I had taken off nothing but my shoes. I knew where to find in my drawers some linen, a locket, a ring. In seeking these articles, I encountered the beads of a pearl necklace Mr. Rochester had forced me to accept a few days ago. I left that; it was not mine: it was the visionary bride’s who had melted in air. The other articles I made up in a parcel; my purse, containing twenty shillings (it was all I had), I put in my pocket: I tied on my straw bonnet, pinned my shawl, took the parcel and my slippers, which I would not put on yet, and stole from my room.

“Farewell, kind Mrs. Fairfax!” I whispered, as I glided past her door. “Farewell, my darling Adele!” I said, as I glanced towards the nursery. No thought could be admitted of entering to embrace her. I had to deceive a fine ear: for aught I knew it might now be listening.

I would have got past Mr. Rochester’s chamber without a pause; but my heart momentarily stopping its beat at that threshold, my foot was forced to stop also. No sleep was there: the inmate was walking restlessly from wall to wall; and again and again he sighed while I listened. There was a heaven -- a temporary heaven -- in this room for me, if I chose: I had but to go in and to say -

“Mr. Rochester, I will love you and live with you through life till death,” and a fount of rapture would spring to my lips. I thought of this.

That kind master, who could not sleep now, was waiting with impatience for day. He would send for me in the morning; I should be gone. He would have me sought for: vainly. He would feel himself forsaken; his love rejected: he would suffer; perhaps grow desperate. I thought of this too. My hand moved towards the lock: I caught it back, and glided on.

Drearly I wound my way downstairs: I knew what I had to do, and I did it mechanically. I sought the key of the side-door in the kitchen; I sought, too, a phial of oil and a feather; I oiled the key and the lock. I got some water, I got some bread: for perhaps I should have to walk far; and my strength, sorely shaken of late, must not break down. All this I did without one sound. I opened the door, passed out, shut it softly. Dim dawn glimmered in the yard. The great gates were closed and locked; but a wicket in one of them was only latched. Through that I departed: it, too, I shut; and now I was out of Thornfield.

A mile off, beyond the fields, lay a road which stretched in the contrary direction to Millcote; a road I had never travelled, but often noticed, and wondered where it led: thither I bent my steps. No reflection was to be allowed now: not one glance was to be cast back; not even one forward. Not one thought was to be given either to the past or the future. The first was a page so heavenly sweet -- so deadly sad -- that to read one line of it would dissolve my courage and break down my energy. The last was an awful blank: something like the world when the deluge was gone by.

I skirted fields, and hedges, and lanes till after sunrise. I believe it was a lovely summer morning: I know my shoes, which I had put on when I left the house, were soon wet with dew. But I looked neither to rising sun, nor smiling sky, nor wakening nature. He who is taken out to pass through a fair scene to the scaffold, thinks not of the flowers that smile on his road, but of the block and axe-edge; of the disseverment of bone and vein; of the grave gaping at the end: and I thought of drear flight and homeless wandering -- and oh! with agony I thought of what I left. I could not help it. I thought of him now -- in his room -- watching the sunrise; hoping I should soon come to say I would stay with him and be his. I longed to be his; I panted to return: it was not too late; I could yet spare him the bitter pang of bereavement. As yet my flight, I was sure, was undiscovered. I could go back and be his comforter -- his pride; his redeemer from misery, perhaps from ruin. Oh, that fear of his self-abandonment -- far worse than my abandonment -- how it goaded me! It was a barbed arrow-head in my breast; it tore me when I tried to extract it; it sickened me when remembrance thrust it farther in. Birds began singing in brake and copse: birds were faithful to their mates; birds were emblems of love. What was I? In the midst of my pain of heart and frantic effort of principle, I abhorred myself. I had no solace from self-approbation: none even from self-respect. I had injured -- wounded -- left my master. I was hateful in my own eyes. Still I could not turn, nor retrace one step. God must have led me on. As to my own will or conscience, impassioned grief had trampled one and stifled the other. I was weeping wildly as I walked along my solitary way: fast, fast I went like one delirious. A weakness, beginning inwardly, extending to the limbs, seized me, and I fell: I lay on the ground some minutes, pressing my face to the wet turf. I had some fear -- or hope -- that here I should die: but I was soon up; crawling forwards on my hands and knees, and then again raised to my feet -- as eager and as determined as ever to reach the road.

When I got there, I was forced to sit to rest me under the hedge; and while I sat, I heard wheels and saw a coach come on. I stood up and lifted my hand; it stopped. I asked where it was going: the driver named a place a long way off, and where I was sure Mr. Rochester had no connections. I asked for what sum he would take me there; he said thirty shillings; I answered I had but twenty; well, he would try to make it do. He further gave me leave to get into the inside, as the vehicle was empty: I entered, was shut in, and it rolled on its way.

Gentle reader, may you never feel what I then felt! May your eyes never shed such stormy, scalding, heart-wrung tears as poured from mine. May you never appeal to Heaven in prayers so hopeless and so agonised as in that hour left my lips; for never may you, like me, dread to be the instrument of evil to what you wholly love.

CHAPTER XXVIII

Two days are passed. It is a summer evening; the coachman has set me down at a place called Whitcross; he could take me no farther for the sum I had given, and I was not possessed of another shilling in the world. The coach is a mile off by this time; I am alone. At this moment I discover that I forgot to take my parcel out of the pocket of the coach, where I had placed it for safety; there it remains, there it must remain; and now, I am absolutely destitute.

Whitcross is no town, nor even a hamlet; it is but a stone pillar set up where four roads meet: whitewashed, I suppose, to be more obvious at a distance and in darkness. Four arms spring from its summit: the nearest town to which these point is, according to the inscription, distant ten miles; the farthest, above twenty. From the well-known names of these towns I learn in what county I have lighted; a north-midland shire, dusk with moorland, ridged with mountain: this I see. There are great moors behind and on each hand of me; there are waves of mountains far beyond that deep valley at my feet. The population here must be thin, and I see no passengers on these roads: they stretch out east, west, north, and south -- white, broad, lonely; they are all cut in the moor, and the heather grows deep and wild to their very verge. Yet a chance traveller might pass by; and I wish no eye to see me now: strangers would wonder what I am doing, lingering here at the sign-post, evidently objectless and lost. I might be questioned: I could give no answer but what would sound incredible and excite suspicion. Not a tie holds me to human society at this moment -- not a charm or hope calls me where my fellow-creatures are -- none that saw me would have a kind thought or a good wish for me. I have no relative but the universal mother, Nature: I will seek her breast and ask repose.

I struck straight into the heath; I held on to a hollow I saw deeply furrowing the brown moorside; I waded knee-deep in its dark growth; I turned with its turnings, and finding a moss-blackened granite crag in a hidden angle, I sat down under it. High banks of moor were about me; the crag protected my head: the sky was over that.

Some time passed before I felt tranquil even here: I had a vague dread that wild cattle might be near, or that some sportsman or poacher might discover me. If a gust of wind swept the waste, I looked up, fearing it was the rush of a bull; if a plover whistled, I imagined it a man. Finding my apprehensions unfounded, however, and calmed by the deep silence that reigned as evening declined at nightfall, I took confidence. As yet I had not thought; I had only listened, watched, dreaded; now I regained the faculty of reflection.

What was I to do? Where to go? Oh, intolerable questions, when I could do nothing and go nowhere! -- when a long way must yet be measured by my weary, trembling limbs before I could reach human habitation -- when cold charity must be entreated before I could get a lodging: reluctant sympathy importuned, almost certain repulse incurred, before my tale could be listened to, or one of my wants relieved!

I touched the heath, it was dry, and yet warm with the beat of the summer day. I looked at the sky; it was pure: a kindly star twinkled just above the chasm ridge. The dew fell, but with propitious softness; no breeze whispered. Nature seemed to me benign and good; I thought she loved me, outcast as I was; and I, who from man could anticipate only mistrust, rejection, insult, clung to her with filial fondness. To-night, at least, I would be her guest, as I was her child: my mother would lodge me without money and without price. I had one morsel of bread yet: the remnant of a roll I had bought in a town we passed

through at noon with a stray penny -- my last coin. I saw ripe bilberries gleaming here and there, like jet beads in the heath: I gathered a handful and ate them with the bread. My hunger, sharp before, was, if not satisfied, appeased by this hermit's meal. I said my evening prayers at its conclusion, and then chose my couch.

Beside the crag the heath was very deep: when I lay down my feet were buried in it; rising high on each side, it left only a narrow space for the night-air to invade. I folded my shawl double, and spread it over me for a coverlet; a low, mossy swell was my pillow. Thus lodged, I was not, at least -- at the commencement of the night, cold.

My rest might have been blissful enough, only a sad heart broke it. It plained of its gaping wounds, its inward bleeding, its riven chords. It trembled for Mr. Rochester and his doom; it bemoaned him with bitter pity; it demanded him with ceaseless longing; and, impotent as a bird with both wings broken, it still quivered its shattered pinions in vain attempts to seek him.

Worn out with this torture of thought, I rose to my knees. Night was come, and her planets were risen: a safe, still night: too serene for the companionship of fear. We know that God is everywhere; but certainly we feel His presence most when His works are on the grandest scale spread before us; and it is in the unclouded night-sky, where His worlds wheel their silent course, that we read clearest His infinitude, His omnipotence, His omnipresence. I had risen to my knees to pray for Mr. Rochester. Looking up, I, with tear-dimmed eyes, saw the mighty Milky-way. Remembering what it was -- what countless systems there swept space like a soft trace of light -- I felt the might and strength of God. Sure was I of His efficiency to save what He had made: convinced I grew that neither earth should perish, nor one of the souls it treasured. I turned my prayer to thanksgiving: the Source of Life was also the Saviour of spirits. Mr. Rochester was safe; he was God's, and by God would he be guarded. I again nestled to the breast of the hill; and ere long in sleep forgot sorrow.

But next day, Want came to me pale and bare. Long after the little birds had left their nests; long after bees had come in the sweet prime of day to gather the heath honey before the dew was dried -- when the long morning shadows were curtailed, and the sun filled earth and sky -- I got up, and I looked round me.

What a still, hot, perfect day! What a golden desert this spreading moor! Everywhere sunshine. I wished I could live in it and on it. I saw a lizard run over the crag; I saw a bee busy among the sweet bilberries. I would fain at the moment have become bee or lizard, that I might have found fitting nutriment, permanent shelter here. But I was a human being, and had a human being's wants: I must not linger where there was nothing to supply them. I rose; I looked back at the bed I had left. Hopeless of the future, I wished but this -- that my Maker had that night thought good to require my soul of me while I slept; and that this weary frame, absolved by death from further conflict with fate, had now but to decay quietly, and mingle in peace with the soil of this wilderness. Life, however, was yet in my possession, with all its requirements, and pains, and responsibilities. The burden must be carried; the want provided for; the suffering endured; the responsibility fulfilled. I set out.

Whitcross regained, I followed a road which led from the sun, now fervent and high. By no other circumstance had I will to decide my choice. I walked a long time, and when I thought I had nearly done enough, and might conscientiously yield to the fatigue that almost overpowered me -- might relax this forced action, and, sitting down on a stone I saw near, submit resistlessly to the apathy that clogged heart and limb -- I heard a bell chime -- a church bell.

I turned in the direction of the sound, and there, amongst the romantic hills, whose changes and

aspect I had ceased to note an hour ago, I saw a hamlet and a spire. All the valley at my right hand was full of pasture-fields, and cornfields, and wood; and a glittering stream ran zig-zag through the varied shades of green, the mellowing grain, the sombre woodland, the clear and sunny lea. Recalled by the rumbling of wheels to the road before me, I saw a heavily-laden waggon labouring up the hill, and not far beyond were two cows and their drover. Human life and human labour were near. I must struggle on: strive to live and bend to toil like the rest.

About two o'clock p.m. I entered the village. At the bottom of its one street there was a little shop with some cakes of bread in the window. I coveted a cake of bread. With that refreshment I could perhaps regain a degree of energy: without it, it would be difficult to proceed. The wish to have some strength and some vigour returned to me as soon as I was amongst my fellow-beings. I felt it would be degrading to faint with hunger on the causeway of a hamlet. Had I nothing about me I could offer in exchange for one of these rolls? I considered. I had a small silk handkerchief tied round my throat; I had my gloves. I could hardly tell how men and women in extremities of destitution proceeded. I did not know whether either of these articles would be accepted: probably they would not; but I must try.

I entered the shop: a woman was there. Seeing a respectably-dressed person, a lady as she supposed, she came forward with civility. How could she serve me? I was seized with shame: my tongue would not utter the request I had prepared. I dared not offer her the half-worn gloves, the creased handkerchief: besides, I felt it would be absurd. I only begged permission to sit down a moment, as I was tired. Disappointed in the expectation of a customer, she coolly acceded to my request. She pointed to a seat; I sank into it. I felt sorely urged to weep; but conscious how unseasonable such a manifestation would be, I restrained it. Soon I asked her "if there were any dressmaker or plain-workwoman in the village?"

"Yes; two or three. Quite as many as there was employment for."

I reflected. I was driven to the point now. I was brought face to face with Necessity. I stood in the position of one without a resource, without a friend, without a coin. I must do something. What? I must apply somewhere. Where?

"Did she know of any place in the neighbourhood where a servant was wanted?"

"Nay; she couldn't say."

"What was the chief trade in this place? What did most of the people do?"

"Some were farm labourers; a good deal worked at Mr. Oliver's needle-factory, and at the foundry."

"Did Mr. Oliver employ women?"

"Nay; it was men's work."

"And what do the women do?"

"I knawn't," was the answer. "Some does one thing, and some another. Poor folk mun get on as they can."

She seemed to be tired of my questions: and, indeed, what claim had I to importune her? A neighbour or two came in; my chair was evidently wanted. I took leave.

I passed up the street, looking as I went at all the houses to the right hand and to the left; but I could discover no pretext, nor see an inducement to enter any. I rambled round the hamlet, going sometimes to a little distance and returning again, for an hour or more. Much exhausted, and suffering

greatly now for want of food, I turned aside into a lane and sat down under the hedge. Ere many minutes had elapsed, I was again on my feet, however, and again searching something -- a resource, or at least an informant. A pretty little house stood at the top of the lane, with a garden before it, exquisitely neat and brilliantly blooming. I stopped at it. What business had I to approach the white door or touch the glittering knocker? In what way could it possibly be the interest of the inhabitants of that dwelling to serve me? Yet I drew near and knocked. A mild-looking, cleanly-attired young woman opened the door. In such a voice as might be expected from a hopeless heart and fainting frame -- a voice wretchedly low and faltering -- I asked if a servant was wanted here?

“No,” said she; “we do not keep a servant.”

“Can you tell me where I could get employment of any kind?” I continued. “I am a stranger, without acquaintance in this place. I want some work: no matter what.”

But it was not her business to think for me, or to seek a place for me: besides, in her eyes, how doubtful must have appeared my character, position, tale. She shook her head, she “was sorry she could give me no information,” and the white door closed, quite gently and civilly: but it shut me out. If she had held it open a little longer, I believe I should have begged a piece of bread; for I was now brought low.

I could not bear to return to the sordid village, where, besides, no prospect of aid was visible. I should have longed rather to deviate to a wood I saw not far off, which appeared in its thick shade to offer inviting shelter; but I was so sick, so weak, so gnawed with nature’s cravings, instinct kept me roaming round abodes where there was a chance of food. Solitude would be no solitude -- rest no rest -- while the vulture, hunger, thus sank beak and talons in my side.

I drew near houses; I left them, and came back again, and again I wandered away: always repelled by the consciousness of having no claim to ask -- no right to expect interest in my isolated lot. Meantime, the afternoon advanced, while I thus wandered about like a lost and starving dog. In crossing a field, I saw the church spire before me: I hastened towards it. Near the churchyard, and in the middle of a garden, stood a well-built though small house, which I had no doubt was the parsonage. I remembered that strangers who arrive at a place where they have no friends, and who want employment, sometimes apply to the clergyman for introduction and aid. It is the clergyman’s function to help -- at least with advice -- those who wished to help themselves. I seemed to have something like a right to seek counsel here. Renewing then my courage, and gathering my feeble remains of strength, I pushed on. I reached the house, and knocked at the kitchen-door. An old woman opened: I asked was this the parsonage?

“Yes.”

“Was the clergyman in?”

“No.”

“Would he be in soon?”

“No, he was gone from home.”

“To a distance?”

“Not so far -- happen three mile. He had been called away by the sudden death of his father: he was at Marsh End now, and would very likely stay there a fortnight longer.”

“Was there any lady of the house?”

“Nay, there was naught but her, and she was housekeeper;” and of her, reader, I could not bear to ask the relief for want of which I was sinking; I could not yet beg; and again I crawled away.

Once more I took off my handkerchief -- once more I thought of the cakes of bread in the little shop. Oh, for but a crust! for but one mouthful to allay the pang of famine! Instinctively I turned my face again to the village; I found the shop again, and I went in; and though others were there besides the woman I ventured the request -- "Would she give me a roll for this handkerchief?"

She looked at me with evident suspicion: "Nay, she never sold stuff i' that way."

Almost desperate, I asked for half a cake; she again refused. "How could she tell where I had got the handkerchief?" she said.

"Would she take my gloves?"

"No! what could she do with them?"

Reader, it is not pleasant to dwell on these details. Some say there is enjoyment in looking back to painful experience past; but at this day I can scarcely bear to review the times to which I allude: the moral degradation, blent with the physical suffering, form too distressing a recollection ever to be willingly dwelt on. I blamed none of those who repulsed me. I felt it was what was to be expected, and what could not be helped: an ordinary beggar is frequently an object of suspicion; a well-dressed beggar inevitably so. To be sure, what I begged was employment; but whose business was it to provide me with employment? Not, certainly, that of persons who saw me then for the first time, and who knew nothing about my character. And as to the woman who would not take my handkerchief in exchange for her bread, why, she was right, if the offer appeared to her sinister or the exchange unprofitable. Let me condense now. I am sick of the subject.

A little before dark I passed a farm-house, at the open door of which the farmer was sitting, eating his supper of bread and cheese. I stopped and said -

"Will you give me a piece of bread? for I am very hungry." He cast on me a glance of surprise; but without answering, he cut a thick slice from his loaf, and gave it to me. I imagine he did not think I was a beggar, but only an eccentric sort of lady, who had taken a fancy to his brown loaf. As soon as I was out of sight of his house, I sat down and ate it.

I could not hope to get a lodging under a roof, and sought it in the wood I have before alluded to. But my night was wretched, my rest broken: the ground was damp, the air cold: besides, intruders passed near me more than once, and I had again and again to change my quarters; no sense of safety or tranquillity befriended me. Towards morning it rained; the whole of the following day was wet. Do not ask me, reader, to give a minute account of that day; as before, I sought work; as before, I was repulsed; as before, I starved; but once did food pass my lips. At the door of a cottage I saw a little girl about to throw a mess of cold porridge into a pig trough. "Will you give me that?" I asked.

She stared at me. "Mother!" she exclaimed, "there is a woman wants me to give her these porridge."

"Well lass," replied a voice within, "give it her if she's a beggar. T' pig doesn't want it."

The girl emptied the stiffened mould into my hand, and I devoured it ravenously.

As the wet twilight deepened, I stopped in a solitary bridle-path, which I had been pursuing an hour or more.

"My strength is quite failing me," I said in a soliloquy. "I feel I cannot go much farther. Shall I be an outcast again this night? While the rain descends so, must I lay my head on the cold, drenched ground? I fear I cannot do otherwise: for who will receive me? But it will be very dreadful, with this feeling of

hunger, faintness, chill, and this sense of desolation -- this total prostration of hope. In all likelihood, though, I should die before morning. And why cannot I reconcile myself to the prospect of death? Why do I struggle to retain a valueless life? Because I know, or believe, Mr. Rochester is living: and then, to die of want and cold is a fate to which nature cannot submit passively. Oh, Providence! sustain me a little longer! Aid! -- direct me!"

My glazed eye wandered over the dim and misty landscape. I saw I had strayed far from the village: it was quite out of sight. The very cultivation surrounding it had disappeared. I had, by cross-ways and by-paths, once more drawn near the tract of moorland; and now, only a few fields, almost as wild and unproductive as the heath from which they were scarcely reclaimed, lay between me and the dusky hill.

"Well, I would rather die yonder than in a street or on a frequented road," I reflected. "And far better that crows and ravens -- if any ravens there be in these regions -- should pick my flesh from my bones, than that they should be prisoned in a workhouse coffin and moulder in a pauper's grave."

To the hill, then, I turned. I reached it. It remained now only to find a hollow where I could lie down, and feel at least hidden, if not secure. But all the surface of the waste looked level. It showed no variation but of tint: green, where rush and moss overgrew the marshes; black, where the dry soil bore only heath. Dark as it was getting, I could still see these changes, though but as mere alternations of light and shade; for colour had faded with the daylight.

My eye still roved over the sullen swell and along the moor-edge, vanishing amidst the wildest scenery, when at one dim point, far in among the marshes and the ridges, a light sprang up. "That is an ignis fatuus," was my first thought; and I expected it would soon vanish. It burnt on, however, quite steadily, neither receding nor advancing. "Is it, then, a bonfire just kindled?" I questioned. I watched to see whether it would spread: but no; as it did not diminish, so it did not enlarge. "It may be a candle in a house," I then conjectured; "but if so, I can never reach it. It is much too far away: and were it within a yard of me, what would it avail? I should but knock at the door to have it shut in my face."

And I sank down where I stood, and hid my face against the ground. I lay still a while: the night-wind swept over the hill and over me, and died moaning in the distance; the rain fell fast, wetting me afresh to the skin. Could I but have stiffened to the still frost -- the friendly numbness of death -- it might have pelted on; I should not have felt it; but my yet living flesh shuddered at its chilling influence. I rose ere long.

The light was yet there, shining dim but constant through the rain. I tried to walk again: I dragged my exhausted limbs slowly towards it. It led me aslant over the hill, through a wide bog, which would have been impassable in winter, and was splashy and shaking even now, in the height of summer. Here I fell twice; but as often I rose and rallied my faculties. This light was my forlorn hope: I must gain it.

Having crossed the marsh, I saw a trace of white over the moor. I approached it; it was a road or a track: it led straight up to the light, which now beamed from a sort of knoll, amidst a clump of trees -- firs, apparently, from what I could distinguish of the character of their forms and foliage through the gloom. My star vanished as I drew near: some obstacle had intervened between me and it. I put out my hand to feel the dark mass before me: I discriminated the rough stones of a low wall -- above it, something like palisades, and within, a high and prickly hedge. I groped on. Again a whitish object gleamed before me: it was a gate -- a wicket; it moved on its hinges as I touched it. On each side stood a sable bush-holly or yew.

Entering the gate and passing the shrubs, the silhouette of a house rose to view, black, low, and

rather long; but the guiding light shone nowhere. All was obscurity. Were the inmates retired to rest? I feared it must be so. In seeking the door, I turned an angle: there shot out the friendly gleam again, from the lozenged panes of a very small latticed window, within a foot of the ground, made still smaller by the growth of ivy or some other creeping plant, whose leaves clustered thick over the portion of the house wall in which it was set. The aperture was so screened and narrow, that curtain or shutter had been deemed unnecessary; and when I stooped down and put aside the spray of foliage shooting over it, I could see all within. I could see clearly a room with a sanded floor, clean scoured; a dresser of walnut, with pewter plates ranged in rows, reflecting the redness and radiance of a glowing peat-fire. I could see a clock, a white deal table, some chairs. The candle, whose ray had been my beacon, burnt on the table; and by its light an elderly woman, somewhat rough-looking, but scrupulously clean, like all about her, was knitting a stocking.

I noticed these objects cursorily only -- in them there was nothing extraordinary. A group of more interest appeared near the hearth, sitting still amidst the rosy peace and warmth suffusing it. Two young, graceful women -- ladies in every point -- sat, one in a low rocking-chair, the other on a lower stool; both wore deep mourning of crape and bombazeen, which sombre garb singularly set off very fair necks and faces: a large old pointer dog rested its massive head on the knee of one girl -- in the lap of the other was cushioned a black cat.

A strange place was this humble kitchen for such occupants! Who were they? They could not be the daughters of the elderly person at the table; for she looked like a rustic, and they were all delicacy and cultivation. I had nowhere seen such faces as theirs: and yet, as I gazed on them, I seemed intimate with every lineament. I cannot call them handsome -- they were too pale and grave for the word: as they each bent over a book, they looked thoughtful almost to severity. A stand between them supported a second candle and two great volumes, to which they frequently referred, comparing them, seemingly, with the smaller books they held in their hands, like people consulting a dictionary to aid them in the task of translation. This scene was as silent as if all the figures had been shadows and the firelit apartment a picture: so hushed was it, I could hear the cinders fall from the grate, the clock tick in its obscure corner; and I even fancied I could distinguish the click-click of the woman's knitting-needles. When, therefore, a voice broke the strange stillness at last, it was audible enough to me.

"Listen, Diana," said one of the absorbed students; "Franz and old Daniel are together in the night-time, and Franz is telling a dream from which he has awakened in terror -- listen!" And in a low voice she read something, of which not one word was intelligible to me; for it was in an unknown tongue -- neither French nor Latin. Whether it were Greek or German I could not tell.

"That is strong," she said, when she had finished: "I relish it." The other girl, who had lifted her head to listen to her sister, repeated, while she gazed at the fire, a line of what had been read. At a later day, I knew the language and the book; therefore, I will here quote the line: though, when I first heard it, it was only like a stroke on sounding brass to me -- conveying no meaning:-

"Da trat hervor Einer, anzusehen wie die Sternen Nacht."

Good! good!" she exclaimed, while her dark and deep eye sparkled. "There you have a dim and mighty archangel fitly set before you! The line is worth a hundred pages of fustian. 'Ich wage die Gedanken in der Schale meines Zornes und die Werke mit dem Gewichte meines Grimms.' I like it!"

Both were again silent.

“Is there any country where they talk i’ that way?” asked the old woman, looking up from her knitting.

“Yes, Hannah -- a far larger country than England, where they talk in no other way.”

“Well, for sure case, I knawn’t how they can understand t’ one t’other: and if either o’ ye went there, ye could tell what they said, I guess?”

“We could probably tell something of what they said, but not all -- for we are not as clever as you think us, Hannah. We don’t speak German, and we cannot read it without a dictionary to help us.”

“And what good does it do you?”

“We mean to teach it some time -- or at least the elements, as they say; and then we shall get more money than we do now.”

“Varry like: but give ower studying; ye’ve done enough for to-night.”

“I think we have: at least I’m tired. Mary, are you?”

“Mortally: after all, it’s tough work fagging away at a language with no master but a lexicon.”

“It is, especially such a language as this crabbed but glorious Deutsch. I wonder when St. Johr will come home.”

“Surely he will not be long now: it is just ten (looking at a little gold watch she drew from her girdle). It rains fast, Hannah: will you have the goodness to look at the fire in the parlour?”

The woman rose: she opened a door, through which I dimly saw a passage: soon I heard her stir a fire in an inner room; she presently came back.

“Ah, childer!” said she, “it fair troubles me to go into yond’ room now: it looks so lonesome wi’ the chair empty and set back in a corner.”

She wiped her eyes with her apron: the two girls, grave before, looked sad now.

“But he is in a better place,” continued Hannah: “we shouldn’t wish him here again. And then, nobody need to have a quieter death nor he had.”

“You say he never mentioned us?” inquired one of the ladies.

“He hadn’t time, bairn: he was gone in a minute, was your father. He had been a bit ailing like the day before, but naught to signify; and when Mr. St. John asked if he would like either o’ ye to be sent for, he fair laughed at him. He began again with a bit of a heaviness in his head the next day -- that is, a fortnight sin’ -- and he went to sleep and niver wakened: he wor a’most stark when your brother went into t’ chamber and fand him. Ah, childer! that’s t’ last o’ t’ old stock -- for ye and Mr. St. John is like of different soart to them ‘at’s gone; for all your mother wor mich i’ your way, and a’most as book-learned. She wor the pictur’ o’ ye, Mary: Diana is more like your father.”

I thought them so similar I could not tell where the old servant (for such I now concluded her to be) saw the difference. Both were fair complexioned and slenderly made; both possessed faces full of distinction and intelligence. One, to be sure, had hair a shade darker than the other, and there was a difference in their style of wearing it; Mary’s pale brown locks were parted and braided smooth: Diana’s duskier tresses covered her neck with thick curls. The clock struck ten.

“Ye’ll want your supper, I am sure,” observed Hannah; “and so will Mr. St. John when he comes in.”

And she proceeded to prepare the meal. The ladies rose; they seemed about to withdraw to the parlour. Till this moment, I had been so intent on watching them, their appearance and conversation had excited in me so keen an interest, I had half-forgotten my own wretched position: now it recurred to me. More desolate, more desperate than ever, it seemed from contrast. And how impossible did it appear to touch the inmates of this house with concern on my behalf; to make them believe in the truth of my wants and woes -- to induce them to vouchsafe a rest for my wanderings! As I groped out the door, and knocked at it hesitatingly, I felt that last idea to be a mere chimera. Hannah opened.

“What do you want?” she inquired, in a voice of surprise, as she surveyed me by the light of the candle she held.

“May I speak to your mistresses?” I said.

“You had better tell me what you have to say to them. Where do you come from?”

“I am a stranger.”

“What is your business here at this hour?”

“I want a night’s shelter in an out-house or anywhere, and a morsel of bread to eat.”

Distrust, the very feeling I dreaded, appeared in Hannah’s face. “I’ll give you a piece of bread,” she said, after a pause; “but we can’t take in a vagrant to lodge. It isn’t likely.”

“Do let me speak to your mistresses.”

“No, not I. What can they do for you? You should not be roving about now; it looks very ill.”

“But where shall I go if you drive me away? What shall I do?”

“Oh, I’ll warrant you know where to go and what to do. Mind you don’t do wrong, that’s all. Here is a penny; now go -- “

“A penny cannot feed me, and I have no strength to go farther. Don’t shut the door:- oh, don’t, for God’s sake!”

“I must; the rain is driving in -- “

“Tell the young ladies. Let me see them- “

“Indeed, I will not. You are not what you ought to be, or you wouldn’t make such a noise. Move off.”

“But I must die if I am turned away.”

“Not you. I’m fear’d you have some ill plans agate, that bring you about folk’s houses at this time o’ night. If you’ve any followers -- housebreakers or such like -- anywhere near, you may tell them we are not by ourselves in the house; we have a gentleman, and dogs, and guns.” Here the honest but inflexible servant clapped the door to and bolted it within.

This was the climax. A pang of exquisite suffering -- a throe of true despair -- rent and heaved my heart. Worn out, indeed, I was; not another step could I stir. I sank on the wet doorstep: I groaned -- I wrung my hands -- I wept in utter anguish. Oh, this spectre of death! Oh, this last hour, approaching in such horror! Alas, this isolation -- this banishment from my kind! Not only the anchor of hope, but the footing of fortitude was gone -- at least for a moment; but the last I soon endeavoured to regain.

“I can but die,” I said, “and I believe in God. Let me try to wait His will in silence.”

These words I not only thought, but uttered; and thrusting back all my misery into my heart, I

made an effort to compel it to remain there -- dumb and still.

“All men must die,” said a voice quite close at hand; “but all are not condemned to meet a lingering and premature doom, such as yours would be if you perished here of want.”

“Who or what speaks?” I asked, terrified at the unexpected sound, and incapable now of deriving from any occurrence a hope of aid. A form was near -- what form, the pitch-dark night and my enfeebled vision prevented me from distinguishing. With a loud long knock, the new-comer appealed to the door.

“Is it you, Mr. St. John?” cried Hannah.

“Yes -- yes; open quickly.”

“Well, how wet and cold you must be, such a wild night as it is! Come in -- your sisters are quite uneasy about you, and I believe there are bad folks about. There has been a beggar-woman -- I declare she is not gone yet! -- laid down there. Get up! for shame! Move off, I say!”

“Hush, Hannah! I have a word to say to the woman. You have done your duty in excluding, now let me do mine in admitting her. I was near, and listened to both you and her. I think this is a peculiar case -- I must at least examine into it. Young woman, rise, and pass before me into the house.”

With difficulty I obeyed him. Presently I stood within that clean, bright kitchen -- on the very hearth -- trembling, sickening; conscious of an aspect in the last degree ghastly, wild, and weather-beaten. The two ladies, their brother, Mr. St. John, the old servant, were all gazing at me.

“St. John, who is it?” I heard one ask.

“I cannot tell: I found her at the door,” was the reply.

“She does look white,” said Hannah.

“As white as clay or death,” was responded. “She will fall: let her sit.”

And indeed my head swam: I dropped, but a chair received me. I still possessed my senses, though just now I could not speak.

“Perhaps a little water would restore her. Hannah, fetch some. But she is worn to nothing. How very thin, and how very bloodless!”

“A mere spectre!”

“Is she ill, or only famished?”

“Famished, I think. Hannah, is that milk? Give it me, and a piece of bread.”

Diana (I knew her by the long curls which I saw drooping between me and the fire as she bent over me) broke some bread, dipped it in milk, and put it to my lips. Her face was near mine: I saw there was pity in it, and I felt sympathy in her hurried breathing. In her simple words, too, the same balm-like emotion spoke: “Try to eat.”

“Yes -- try,” repeated Mary gently; and Mary’s hand removed my sodden bonnet and lifted my head. I tasted what they offered me: feebly at first, eagerly soon.

“Not too much at first -- restrain her,” said the brother; “she has had enough.” And he withdrew the cup of milk and the plate of bread.

“A little more, St. John -- look at the avidity in her eyes.”

“No more at present, sister. Try if she can speak now -- ask her her name.”

I felt I could speak, and I answered -- "My name is Jane Elliott." Anxious as ever to avoid discovery, I had before resolved to assume an ALIAS.

"And where do you live? Where are your friends?"

I was silent.

"Can we send for any one you know?"

I shook my head.

"What account can you give of yourself?"

Somehow, now that I had once crossed the threshold of this house, and once was brought face to face with its owners, I felt no longer outcast, vagrant, and disowned by the wide world. I dared to put off the mendicant -- to resume my natural manner and character. I began once more to know myself; and when Mr. St. John demanded an account -- which at present I was far too weak to render -- I said after a brief pause -

"Sir, I can give you no details to-night."

"But what, then," said he, "do you expect me to do for you?"

"Nothing," I replied. My strength sufficed for but short answers. Diana took the word -

"Do you mean," she asked, "that we have now given you what aid you require? and that we may dismiss you to the moor and the rainy night?"

I looked at her. She had, I thought, a remarkable countenance, instinct both with power and goodness. I took sudden courage. Answering her compassionate gaze with a smile, I said -- "I will trust you. If I were a masterless and stray dog, I know that you would not turn me from your hearth to-night: as it is, I really have no fear. Do with me and for me as you like; but excuse me from much discourse -- my breath is short -- I feel a spasm when I speak." All three surveyed me, and all three were silent.

"Hannah," said Mr. St. John, at last, "let her sit there at present, and ask her no questions; in ten minutes more, give her the remainder of that milk and bread. Mary and Diana, let us go into the parlour and talk the matter over."

They withdrew. Very soon one of the ladies returned -- I could not tell which. A kind of pleasant stupor was stealing over me as I sat by the genial fire. In an undertone she gave some directions to Hannah. Ere long, with the servant's aid, I contrived to mount a staircase; my dripping clothes were removed; soon a warm, dry bed received me. I thanked God -- experienced amidst unutterable exhaustion a glow of grateful joy -- and slept.

CHAPTER XXIX

The recollection of about three days and nights succeeding this is very dim in my mind. I can recall some sensations felt in that interval; but few thoughts framed, and no actions performed. I knew I was in a small room and in a narrow bed. To that bed I seemed to have grown; I lay on it motionless as a stone; and to have torn me from it would have been almost to kill me. I took no note of the lapse of time -- of the change from morning to noon, from noon to evening. I observed when any one entered or left the apartment: I could even tell who they were; I could understand what was said when the speaker stood near to me; but I could not answer; to open my lips or move my limbs was equally impossible. Hannah, the servant, was my most frequent visitor. Her coming disturbed me. I had a feeling that she wished me away: that she did not understand me or my circumstances; that she was prejudiced against me. Diana and Mary appeared in the chamber once or twice a day. They would whisper sentences of this sort at my bedside -

“It is very well we took her in.”

“Yes; she would certainly have been found dead at the door in the morning had she been left out all night. I wonder what she has gone through?”

“Strange hardships, I imagine -- poor, emaciated, pallid wanderer?”

“She is not an uneducated person, I should think, by her manner of speaking; her accent was quite pure; and the clothes she took off, though splashed and wet, were little worn and fine.”

“She has a peculiar face; fleshless and haggard as it is, I rather like it; and when in good health and animated, I can fancy her physiognomy would be agreeable.”

Never once in their dialogues did I hear a syllable of regret at the hospitality they had extended to me, or of suspicion of, or aversion to, myself. I was comforted.

Mr. St. John came but once: he looked at me, and said my state of lethargy was the result of reaction from excessive and protracted fatigue. He pronounced it needless to send for a doctor: nature, he was sure, would manage best, left to herself. He said every nerve had been overstrained in some way, and the whole system must sleep torpid a while. There was no disease. He imagined my recovery would be rapid enough when once commenced. These opinions he delivered in a few words, in a quiet, low voice, and added, after a pause, in the tone of a man little accustomed to expansive comment, “Rather an unusual physiognomy; certainly, not indicative of vulgarity or degradation.”

“Far otherwise,” responded Diana. “To speak truth, St. John, my heart rather warms to the poor little soul. I wish we may be able to benefit her permanently.”

“That is hardly likely,” was the reply. “You will find she is some young lady who has had a misunderstanding with her friends, and has probably injudiciously left them. We may, perhaps, succeed in restoring her to them, if she is not obstinate: but I trace lines of force in her face which make me sceptical of her tractability.” He stood considering me some minutes; then added, “She looks sensible, but not at all handsome.”

“She is so ill, St. John.”

“Ill or well, she would always be plain. The grace and harmony of beauty are quite wanting in those features.”

On the third day I was better; on the fourth, I could speak, move, rise in bed, and turn. Hannah had brought me some gruel and dry toast, about, as I supposed, the dinner-hour. I had eaten with relish: the food was good -- void of the feverish flavour which had hitherto poisoned what I had swallowed. When she left me, I felt comparatively strong and revived: ere long satiety of repose and desire for action stirred me. I wished to rise; but what could I put on? Only my damp and bemired apparel; in which I had slept on the ground and fallen in the marsh. I felt ashamed to appear before my benefactors so clad. I was spared the humiliation.

On a chair by the bedside were all my own things, clean and dry. My black silk frock hung against the wall. The traces of the bog were removed from it; the creases left by the wet smoothed out: it was quite decent. My very shoes and stockings were purified and rendered presentable. There were the means of washing in the room, and a comb and brush to smooth my hair. After a weary process, and resting every five minutes, I succeeded in dressing myself. My clothes hung loose on me; for I was much wasted, but I covered deficiencies with a shawl, and once more, clean and respectable looking -- no speck of the dirt, no trace of the disorder I so hated, and which seemed so to degrade me, left -- I crept down a stone staircase with the aid of the banisters, to a narrow low passage, and found my way presently to the kitchen.

It was full of the fragrance of new bread and the warmth of a generous fire. Hannah was baking. Prejudices, it is well known, are most difficult to eradicate from the heart whose soil has never been loosened or fertilised by education: they grow there, firm as weeds among stones. Hannah had been cold and stiff, indeed, at the first: latterly she had begun to relent a little; and when she saw me come in tidy and well-dressed, she even smiled.

“What, you have got up!” she said. “You are better, then. You may sit you down in my chair on the hearthstone, if you will.”

She pointed to the rocking-chair: I took it. She bustled about, examining me every now and then with the corner of her eye. Turning to me, as she took some loaves from the oven, she asked bluntly -

“Did you ever go a-begging afore you came here?”

I was indignant for a moment; but remembering that anger was out of the question, and that I had indeed appeared as a beggar to her, I answered quietly, but still not without a certain marked firmness -

“You are mistaken in supposing me a beggar. I am no beggar; any more than yourself or your young ladies.”

After a pause she said, “I dunnut understand that: you’ve like no house, nor no brass, I guess?”

“The want of house or brass (by which I suppose you mean money) does not make a beggar in your sense of the word.”

“Are you book-learned?” she inquired presently.

“Yes, very.”

“But you’ve never been to a boarding-school?”

“I was at a boarding-school eight years.”

She opened her eyes wide. “Whatever cannot ye keep yourself for, then?”

“I have kept myself; and, I trust, shall keep myself again. What are you going to do with these gooseberries?” I inquired, as she brought out a basket of the fruit.

“Mak’ ‘em into pies.”

“Give them to me and I’ll pick them.”

“Nay; I dunnut want ye to do nought.”

“But I must do something. Let me have them.”

She consented; and she even brought me a clean towel to spread over my dress, “lest,” as she said, “I should mucky it.”

“Ye’ve not been used to sarvant’s wark, I see by your hands,” she remarked. “Happen ye’ve been a dressmaker?”

“No, you are wrong. And now, never mind what I have been: don’t trouble your head further about me; but tell me the name of the house where we are.”

“Some calls it Marsh End, and some calls it Moor House.”

“And the gentleman who lives here is called Mr. St. John?”

“Nay; he doesn’t live here: he is only staying a while. When he is at home, he is in his own parish at Morton.”

“That village a few miles off?”

“Aye.”

“And what is he?”

“He is a parson.”

I remembered the answer of the old housekeeper at the parsonage, when I had asked to see the clergyman. “This, then, was his father’s residence?”

“Aye; old Mr. Rivers lived here, and his father, and grandfather, and gurt (great) grandfather afore him.”

“The name, then, of that gentleman, is Mr. St. John Rivers?”

“Aye; St. John is like his kirstened name.”

“And his sisters are called Diana and Mary Rivers?”

“Yes.”

“Their father is dead?”

“Dead three weeks sin’ of a stroke.”

“They have no mother?”

“The mistress has been dead this mony a year.”

“Have you lived with the family long?”

“I’ve lived here thirty year. I nursed them all three.”

“That proves you must have been an honest and faithful servant. I will say so much for you, though you have had the incivility to call me a beggar.”

She again regarded me with a surprised stare. “I believe,” she said, “I was quite mista’en in my thoughts of you: but there is so mony cheats goes about, you mun forgie me.”

“And though,” I continued, rather severely, “you wished to turn me from the door, on a night

when you should not have shut out a dog.”

“Well, it was hard: but what can a body do? I thought more o’ th’ childer nor of mysel: poor things! They’ve like nobody to tak’ care on ‘em but me. I’m like to look sharpish.”

I maintained a grave silence for some minutes.

“You munnut think too hardly of me,” she again remarked.

“But I do think hardly of you,” I said; “and I’ll tell you why -- not so much because you refused to give me shelter, or regarded me as an impostor, as because you just now made it a species of reproach that I had no ‘brass’ and no house. Some of the best people that ever lived have been as destitute as I am; and if you are a Christian, you ought not to consider poverty a crime.”

“No more I ought,” said she: “Mr. St. John tells me so too; and I see I wor wrang -- but I’ve clear a different notion on you now to what I had. You look a raight down dacent little crater.”

“That will do -- I forgive you now. Shake hands.”

She put her floury and horny hand into mine; another and heartier smile illumined her rough face, and from that moment we were friends.

Hannah was evidently fond of talking. While I picked the fruit, and she made the paste for the pies, she proceeded to give me sundry details about her deceased master and mistress, and “the childer,” as she called the young people.

Old Mr. Rivers, she said, was a plain man enough, but a gentleman, and of as ancient a family as could be found. Marsh End had belonged to the Rivers ever since it was a house: and it was, she affirmed, “aboon two hundred year old -- for all it looked but a small, humble place, naught to compare wi’ Mr. Oliver’s grand hall down i’ Morton Vale. But she could remember Bill Oliver’s father a journeyman needlemaker; and th’ Rivers wor gentry i’ th’ owd days o’ th’ Henrys, as onybody might see by looking into th’ registers i’ Morton Church vestry.” Still, she allowed, “the owd maister was like other folk -- naught mich out o’ t’ common way: stark mad o’ shooting, and farming, and sich like.” The mistress was different. She was a great reader, and studied a deal; and the “bairns” had taken after her. There was nothing like them in these parts, nor ever had been; they had liked learning, all three, almost from the time they could speak; and they had always been “of a mak’ of their own.” Mr. St. John, when he grew up, would go to college and be a parson; and the girls, as soon as they left school, would seek places as governesses: for they had told her their father had some years ago lost a great deal of money by a man he had trusted turning bankrupt; and as he was now not rich enough to give them fortunes, they must provide for themselves. They had lived very little at home for a long while, and were only come now to stay a few weeks on account of their father’s death; but they did so like Marsh End and Morton, and all these moors and hills about. They had been in London, and many other grand towns; but they always said there was no place like home; and then they were so agreeable with each other -- never fell out nor “threaped.” She did not know where there was such a family for being united.

Having finished my task of gooseberry picking, I asked where the two ladies and their brother were now.

“Gone over to Morton for a walk; but they would be back in half-an-hour to tea.”

They returned within the time Hannah had allotted them: they entered by the kitchen door. Mr. St. John, when he saw me, merely bowed and passed through; the two ladies stopped: Mary, in a few words, kindly and calmly expressed the pleasure she felt in seeing me well enough to be able to come down;

Diana took my hand: she shook her head at me.

“You should have waited for my leave to descend,” she said. “You still look very pale -- and so thin! Poor child! -- poor girl!”

Diana had a voice toned, to my ear, like the cooing of a dove. She possessed eyes whose gaze I delighted to encounter. Her whole face seemed to me full of charm. Mary’s countenance was equally intelligent -- her features equally pretty; but her expression was more reserved, and her manners, though gentle, more distant. Diana looked and spoke with a certain authority: she had a will, evidently. It was my nature to feel pleasure in yielding to an authority supported like hers, and to bend, where my conscience and self-respect permitted, to an active will.

“And what business have you here?” she continued. “It is not your place. Mary and I sit in the kitchen sometimes, because at home we like to be free, even to license -- but you are a visitor, and must go into the parlour.”

“I am very well here.”

“Not at all, with Hannah bustling about and covering you with flour.”

“Besides, the fire is too hot for you,” interposed Mary.

“To be sure,” added her sister. “Come, you must be obedient.” And still holding my hand she made me rise, and led me into the inner room.

“Sit there,” she said, placing me on the sofa, “while we take our things off and get the tea ready; it is another privilege we exercise in our little moorland home -- to prepare our own meals when we are so inclined, or when Hannah is baking, brewing, washing, or ironing.”

She closed the door, leaving me solus with Mr. St. John, who sat opposite, a book or newspaper in his hand. I examined first, the parlour, and then its occupant.

The parlour was rather a small room, very plainly furnished, yet comfortable, because clean and neat. The old-fashioned chairs were very bright, and the walnut-wood table was like a looking-glass. A few strange, antique portraits of the men and women of other days decorated the stained walls; a cupboard with glass doors contained some books and an ancient set of china. There was no superfluous ornament in the room -- not one modern piece of furniture, save a brace of workboxes and a lady’s desk in rosewood, which stood on a side-table: everything -- including the carpet and curtains -- looked at once well worn and well saved.

Mr. St. John -- sitting as still as one of the dusty pictures on the walls, keeping his eyes fixed on the page he perused, and his lips mutely sealed -- was easy enough to examine. Had he been a statue instead of a man, he could not have been easier. He was young -- perhaps from twenty-eight to thirty -- tall, slender; his face riveted the eye; it was like a Greek face, very pure in outline: quite a straight, classic nose; quite an Athenian mouth and chin. It is seldom, indeed, an English face comes so near the antique models as did his. He might well be a little shocked at the irregularity of my lineaments, his own being so harmonious. His eyes were large and blue, with brown lashes; his high forehead, colourless as ivory, was partially streaked over by careless locks of fair hair.

This is a gentle delineation, is it not, reader? Yet he whom it describes scarcely impressed one with the idea of a gentle, a yielding, an impressible, or even of a placid nature. Quiescent as he now sat, there was something about his nostril, his mouth, his brow, which, to my perceptions, indicated elements within either restless, or hard, or eager. He did not speak to me one word, nor even direct to me one

glance, till his sisters returned. Diana, as she passed in and out, in the course of preparing tea, brought me a little cake, baked on the top of the oven.

“Eat that now,” she said: “you must be hungry. Hannah says you have had nothing but some gruel since breakfast.”

I did not refuse it, for my appetite was awakened and keen. Mr. Rivers now closed his book, approached the table, and, as he took a seat, fixed his blue pictorial-looking eyes full on me. There was an unceremonious directness, a searching, decided steadfastness in his gaze now, which told that intention, and not diffidence, had hitherto kept it averted from the stranger.

“You are very hungry,” he said.

“I am, sir.” It is my way -- it always was my way, by instinct -- ever to meet the brief with brevity, the direct with plainness.

“It is well for you that a low fever has forced you to abstain for the last three days: there would have been danger in yielding to the cravings of your appetite at first. Now you may eat, though still not immoderately.”

“I trust I shall not eat long at your expense, sir,” was my very clumsily-contrived, unpolished answer.

“No,” he said coolly: “when you have indicated to us the residence of your friends, we can write to them, and you may be restored to home.”

“That, I must plainly tell you, is out of my power to do; being absolutely without home and friends.”

The three looked at me, but not distrustfully; I felt there was no suspicion in their glances: there was more of curiosity. I speak particularly of the young ladies. St. John’s eyes, though clear enough in a literal sense, in a figurative one were difficult to fathom. He seemed to use them rather as instruments to search other people’s thoughts, than as agents to reveal his own: the which combination of keenness and reserve was considerably more calculated to embarrass than to encourage.

“Do you mean to say,” he asked, “that you are completely isolated from every connection?”

“I do. Not a tie links me to any living thing: not a claim do I possess to admittance under any roof in England.”

“A most singular position at your age!”

Here I saw his glance directed to my hands, which were folded on the table before me. I wondered what he sought there: his words soon explained the quest.

“You have never been married? You are a spinster?”

Diana laughed. “Why, she can’t be above seventeen or eighteen years old, St. John,” said she.

“I am near nineteen: but I am not married. No.”

I felt a burning glow mount to my face; for bitter and agitating recollections were awakened by the allusion to marriage. They all saw the embarrassment and the emotion. Diana and Mary relieved me by turning their eyes elsewhere than to my crimsoned visage; but the colder and sterner brother continued to gaze, till the trouble he had excited forced out tears as well as colour.

“Where did you last reside?” he now asked.

“You are too inquisitive, St. John,” murmured Mary in a low voice; but he leaned over the table and required an answer by a second firm and piercing look.

“The name of the place where, and of the person with whom I lived, is my secret,” I replied concisely.

“Which, if you like, you have, in my opinion, a right to keep, both from St. John and every other questioner,” remarked Diana.

“Yet if I know nothing about you or your history, I cannot help you,” he said. “And you need help, do you not?”

“I need it, and I seek it so far, sir, that some true philanthropist will put me in the way of getting work which I can do, and the remuneration for which will keep me, if but in the barest necessities of life.”

“I know not whether I am a true philanthropist; yet I am willing to aid you to the utmost of my power in a purpose so honest. First, then, tell me what you have been accustomed to do, and what you CAN do.”

I had now swallowed my tea. I was mightily refreshed by the beverage; as much so as a giant with wine: it gave new tone to my unstrung nerves, and enabled me to address this penetrating young judge steadily.

“Mr. Rivers,” I said, turning to him, and looking at him, as he looked at me, openly and without diffidence, “you and your sisters have done me a great service -- the greatest man can do his fellow-being; you have rescued me, by your noble hospitality, from death. This benefit conferred gives you an unlimited claim on my gratitude, and a claim, to a certain extent, on my confidence. I will tell you as much of the history of the wanderer you have harboured, as I can tell without compromising my own peace of mind -- my own security, moral and physical, and that of others.

“I am an orphan, the daughter of a clergyman. My parents died before I could know them. I was brought up a dependant; educated in a charitable institution. I will even tell you the name of the establishment, where I passed six years as a pupil, and two as a teacher -- Lowood Orphan Asylum, -shire: you will have heard of it, Mr. Rivers? -- the Rev. Robert Brocklehurst is the treasurer.”

“I have heard of Mr. Brocklehurst, and I have seen the school.”

“I left Lowood nearly a year since to become a private governess. I obtained a good situation, and was happy. This place I was obliged to leave four days before I came here. The reason of my departure I cannot and ought not to explain: it would be useless, dangerous, and would sound incredible. No blame attached to me: I am as free from culpability as any one of you three. Miserable I am, and must be for a time; for the catastrophe which drove me from a house I had found a paradise was of a strange and direful nature. I observed but two points in planning my departure -- speed, secrecy: to secure these, I had to leave behind me everything I possessed except a small parcel; which, in my hurry and trouble of mind, I forgot to take out of the coach that brought me to Whitcross. To this neighbourhood, then, I came, quite destitute. I slept two nights in the open air, and wandered about two days without crossing a threshold: but twice in that space of time did I taste food; and it was when brought by hunger, exhaustion, and despair almost to the last gasp, that you, Mr. Rivers, forbade me to perish of want at your door, and took me under the shelter of your roof. I know all your sisters have done for me since -- for I have not been insensible during my seeming torpor -- and I owe to their spontaneous, genuine, genial compassion as large a debt as to your evangelical charity.”

“Don’t make her talk any more now, St. John,” said Diana, as I paused; “she is evidently not yet fit for excitement. Come to the sofa and sit down now, Miss Elliott.”

I gave an involuntary half start at hearing the alias: I had forgotten my new name. Mr. Rivers, whom nothing seemed to escape, noticed it at once.

“You said your name was Jane Elliott?” he observed.

“I did say so; and it is the name by which I think it expedient to be called at present, but it is not my real name, and when I hear it, it sounds strange to me.”

“Your real name you will not give?”

“No: I fear discovery above all things; and whatever disclosure would lead to it, I avoid.”

“You are quite right, I am sure,” said Diana. “Now do, brother, let her be at peace a while.”

But when St. John had mused a few moments he recommenced as imperturbably and with as much acumen as ever.

“You would not like to be long dependent on our hospitality -- you would wish, I see, to dispense as soon as may be with my sisters’ compassion, and, above all, with my CHARITY (I am quite sensible of the distinction drawn, nor do I resent it -- it is just): you desire to be independent of us?”

“I do: I have already said so. Show me how to work, or how to seek work: that is all I now ask then let me go, if it be but to the meanest cottage; but till then, allow me to stay here: I dread another essay of the horrors of homeless destitution.”

“Indeed you SHALL stay here,” said Diana, putting her white hand on my head. “You SHALL,” repeated Mary, in the tone of undemonstrative sincerity which seemed natural to her.

“My sisters, you see, have a pleasure in keeping you,” said Mr. St. John, “as they would have a pleasure in keeping and cherishing a half-frozen bird, some wintry wind might have driven through their casement. I feel more inclination to put you in the way of keeping yourself, and shall endeavour to do so; but observe, my sphere is narrow. I am but the incumbent of a poor country parish: my aid must be of the humblest sort. And if you are inclined to despise the day of small things, seek some more efficient succour than such as I can offer.”

“She has already said that she is willing to do anything honest she can do,” answered Diana for me; “and you know, St. John, she has no choice of helpers: she is forced to put up with such crusty people as you.”

“I will be a dressmaker; I will be a plain-workwoman; I will be a servant, a nurse-girl, if I can be no better,” I answered.

“Right,” said Mr. St. John, quite coolly. “If such is your spirit, I promise to aid you, in my own time and way.”

He now resumed the book with which he had been occupied before tea. I soon withdrew, for I had talked as much, and sat up as long, as my present strength would permit.

CHAPTER XXX

The more I knew of the inmates of Moor House, the better I liked them. In a few days I had so far recovered my health that I could sit up all day, and walk out sometimes. I could join with Diana and Mary in all their occupations; converse with them as much as they wished, and aid them when and where they would allow me. There was a reviving pleasure in this intercourse, of a kind now tasted by me for the first time -- the pleasure arising from perfect congeniality of tastes, sentiments, and principles.

I liked to read what they liked to read: what they enjoyed, delighted me; what they approved, I revered. They loved their sequestered home. I, too, in the grey, small, antique structure, with its low roof, its latticed casements, its mouldering walls, its avenue of aged firs -- all grown aslant under the stress of mountain winds; its garden, dark with yew and holly -- and where no flowers but of the hardiest species would bloom -- found a charm both potent and permanent. They clung to the purple moors behind and around their dwelling -- to the hollow vale into which the pebbly bridle-path leading from their gate descended, and which wound between fern-banks first, and then amongst a few of the wildest little pasture-fields that ever bordered a wilderness of heath, or gave sustenance to a flock of grey moorland sheep, with their little mossy-faced lambs:-- they clung to this scene, I say, with a perfect enthusiasm of attachment. I could comprehend the feeling, and share both its strength and truth. I saw the fascination of the locality. I felt the consecration of its loneliness: my eye feasted on the outline of swell and sweep -- on the wild colouring communicated to ridge and dell by moss, by heath-bell, by flower-sprinkled turf, by brilliant bracken, and mellow granite crag. These details were just to me what they were to them -- so many pure and sweet sources of pleasure. The strong blast and the soft breeze; the rough and the halcyon day; the hours of sunrise and sunset; the moonlight and the clouded night, developed for me, in these regions, the same attraction as for them -- wound round my faculties the same spell that entranced theirs.

Indoors we agreed equally well. They were both more accomplished and better read than I was; but with eagerness I followed in the path of knowledge they had trodden before me. I devoured the books they lent me: then it was full satisfaction to discuss with them in the evening what I had perused during the day. Thought fitted thought; opinion met opinion: we coincided, in short, perfectly.

If in our trio there was a superior and a leader, it was Diana. Physically, she far excelled me: she was handsome; she was vigorous. In her animal spirits there was an affluence of life and certainty of flow, such as excited my wonder, while it baffled my comprehension. I could talk a while when the evening commenced, but the first gush of vivacity and fluency gone, I was fain to sit on a stool at Diana's feet, to rest my head on her knee, and listen alternately to her and Mary, while they sounded thoroughly the topic on which I had but touched. Diana offered to teach me German. I liked to learn of her: I saw the part of instructress pleased and suited her; that of scholar pleased and suited me no less. Our natures dovetailed: mutual affection -- of the strongest kind -- was the result. They discovered I could draw: their pencils and colour-boxes were immediately at my service. My skill, greater in this one point than theirs, surprised and charmed them. Mary would sit and watch me by the hour together: then she would take lessons; and a docile, intelligent, assiduous pupil she made. Thus occupied, and mutually entertained, days passed like hours, and weeks like days.

As to Mr. St John, the intimacy which had arisen so naturally and rapidly between me and his sisters did not extend to him. One reason of the distance yet observed between us was, that he was comparatively seldom at home: a large proportion of his time appeared devoted to visiting the sick and

poor among the scattered population of his parish.

No weather seemed to hinder him in these pastoral excursions: rain or fair, he would, when his hours of morning study were over, take his hat, and, followed by his father's old pointer, Carlo, go out on his mission of love or duty -- I scarcely know in which light he regarded it. Sometimes, when the day was very unfavourable, his sisters would expostulate. He would then say, with a peculiar smile, more solemn than cheerful --

“And if I let a gust of wind or a sprinkling of rain turn me aside from these easy tasks, what preparation would such sloth be for the future I propose to myself?”

Diana and Mary's general answer to this question was a sigh, and some minutes of apparently mournful meditation.

But besides his frequent absences, there was another barrier to friendship with him: he seemed of a reserved, an abstracted, and even of a brooding nature. Zealous in his ministerial labours, blameless in his life and habits, he yet did not appear to enjoy that mental serenity, that inward content, which should be the reward of every sincere Christian and practical philanthropist. Often, of an evening, when he sat at the window, his desk and papers before him, he would cease reading or writing, rest his chin on his hand, and deliver himself up to I know not what course of thought; but that it was perturbed and exciting might be seen in the frequent flash and changeful dilation of his eye.

I think, moreover, that Nature was not to him that treasury of delight it was to his sisters. He expressed once, and but once in my hearing, a strong sense of the rugged charm of the hills, and an inborn affection for the dark roof and hoary walls he called his home; but there was more of gloom than pleasure in the tone and words in which the sentiment was manifested; and never did he seem to roam the moors for the sake of their soothing silence -- never seek out or dwell upon the thousand peaceful delights they could yield.

Incommunicative as he was, some time elapsed before I had an opportunity of gauging his mind. I first got an idea of its calibre when I heard him preach in his own church at Morton. I wish I could describe that sermon: but it is past my power. I cannot even render faithfully the effect it produced on me.

It began calm -- and indeed, as far as delivery and pitch of voice went, it was calm to the end: an earnestly felt, yet strictly restrained zeal breathed soon in the distinct accents, and prompted the nervous language. This grew to force -- compressed, condensed, controlled. The heart was thrilled, the mind astonished, by the power of the preacher: neither were softened. Throughout there was a strange bitterness; an absence of consolatory gentleness; stern allusions to Calvinistic doctrines -- election, predestination, reprobation -- were frequent; and each reference to these points sounded like a sentence pronounced for doom. When he had done, instead of feeling better, calmer, more enlightened by his discourse, I experienced an inexpressible sadness; for it seemed to me -- I know not whether equally so to others -- that the eloquence to which I had been listening had sprung from a depth where lay turbid dregs of disappointment -- where moved troubling impulses of insatiate yearnings and disquieting aspirations. I was sure St. John Rivers -- pure-lived, conscientious, zealous as he was -- had not yet found that peace of God which passeth all understanding: he had no more found it, I thought, than had I with my concealed and racking regrets for my broken idol and lost elysium -- regrets to which I have latterly avoided referring, but which possessed me and tyrannised over me ruthlessly.

Meantime a month was gone. Diana and Mary were soon to leave Moor House, and return to the far different life and scene which awaited them, as governesses in a large, fashionable, south-of-England city, where each held a situation in families by whose wealthy and haughty members they were regarded

only as humble dependants, and who neither knew nor sought out their innate excellences, and appreciated only their acquired accomplishments as they appreciated the skill of their cook or the taste of their waiting-woman. Mr. St. John had said nothing to me yet about the employment he had promised to obtain for me; yet it became urgent that I should have a vocation of some kind. One morning, being left alone with him a few minutes in the parlour, I ventured to approach the window-recess -- which his table, chair, and desk consecrated as a kind of study -- and I was going to speak, though not very well knowing in what words to frame my inquiry -- for it is at all times difficult to break the ice of reserve glassing over such natures as his -- when he saved me the trouble by being the first to commence a dialogue.

Looking up as I drew near -- "You have a question to ask of me?" he said.

"Yes; I wish to know whether you have heard of any service I can offer myself to undertake?"

"I found or devised something for you three weeks ago; but as you seemed both useful and happy here -- as my sisters had evidently become attached to you, and your society gave them unusual pleasure -- I deemed it inexpedient to break in on your mutual comfort till their approaching departure from Marsh End should render yours necessary."

"And they will go in three days now?" I said.

"Yes; and when they go, I shall return to the parsonage at Morton: Hannah will accompany me; and this old house will be shut up."

I waited a few moments, expecting he would go on with the subject first broached: but he seemed to have entered another train of reflection: his look denoted abstraction from me and my business. I was obliged to recall him to a theme which was of necessity one of close and anxious interest to me.

"What is the employment you had in view, Mr. Rivers? I hope this delay will not have increased the difficulty of securing it."

"Oh, no; since it is an employment which depends only on me to give, and you to accept."

He again paused: there seemed a reluctance to continue. I grew impatient: a restless movement or two, and an eager and exacting glance fastened on his face, conveyed the feeling to him as effectually as words could have done, and with less trouble.

"You need be in no hurry to hear," he said: "let me frankly tell you, I have nothing eligible or profitable to suggest. Before I explain, recall, if you please, my notice, clearly given, that if I helped you it must be as the blind man would help the lame. I am poor; for I find that, when I have paid my father's debts, all the patrimony remaining to me will be this crumbling grange, the row of scathed firs behind, and the patch of moorish soil, with the yew-trees and holly-bushes in front. I am obscure: Rivers is an old name; but of the three sole descendants of the race, two earn the dependant's crust among strangers, and the third considers himself an alien from his native country -- not only for life, but in death. Yes, and deems, and is bound to deem, himself honoured by the lot, and aspires but after the day when the cross of separation from fleshly ties shall be laid on his shoulders, and when the Head of that church-militant of whose humblest members he is one, shall give the word, 'Rise, follow Me!'"

St. John said these words as he pronounced his sermons, with a quiet, deep voice; with an unflushed cheek, and a coruscating radiance of glance. He resumed -

"And since I am myself poor and obscure, I can offer you but a service of poverty and obscurity. YOU may even think it degrading -- for I see now your habits have been what the world calls refined: your tastes lean to the ideal, and your society has at least been amongst the educated; but I consider that no

service degrades which can better our race. I hold that the more arid and unreclaimed the soil where the Christian labourer's task of tillage is appointed him -- the scantier the meed his toil brings -- the higher the honour. His, under such circumstances, is the destiny of the pioneer; and the first pioneers of the Gospel were the Apostles -- their captain was Jesus, the Redeemer, Himself."

"Well?" I said, as he again paused -- "proceed."

He looked at me before he proceeded: indeed, he seemed leisurely to read my face, as if its features and lines were characters on a page. The conclusions drawn from this scrutiny he partially expressed in his succeeding observations.

"I believe you will accept the post I offer you," said he, "and hold it for a while: not permanently, though: any more than I could permanently keep the narrow and narrowing -- the tranquil, hidden office of English country incumbent; for in your nature is an alloy as detrimental to repose as that in mine, though of a different kind."

"Do explain," I urged, when he halted once more.

"I will; and you shall hear how poor the proposal is, -- how trivial -- how cramping. I shall not stay long at Morton, now that my father is dead, and that I am my own master. I shall leave the place probably in the course of a twelve-month; but while I do stay, I will exert myself to the utmost for its improvement. Morton, when I came to it two years ago, had no school: the children of the poor were excluded from every hope of progress. I established one for boys: I mean now to open a second school for girls. I have hired a building for the purpose, with a cottage of two rooms attached to it for the mistress's house. Her salary will be thirty pounds a year: her house is already furnished, very simply, but sufficiently, by the kindness of a lady, Miss Oliver; the only daughter of the sole rich man in my parish -- Mr. Oliver, the proprietor of a needle-factory and iron-foundry in the valley. The same lady pays for the education and clothing of an orphan from the workhouse, on condition that she shall aid the mistress in such menial offices connected with her own house and the school as her occupation of teaching will prevent her having time to discharge in person. Will you be this mistress?"

He put the question rather hurriedly; he seemed half to expect an indignant, or at least a disdainful rejection of the offer: not knowing all my thoughts and feelings, though guessing some, he could not tell in what light the lot would appear to me. In truth it was humble -- but then it was sheltered, and I wanted a safe asylum: it was plodding -- but then, compared with that of a governess in a rich house, it was independent; and the fear of servitude with strangers entered my soul like iron: it was not ignoble -- not unworthy -- not mentally degrading, I made my decision.

"I thank you for the proposal, Mr. Rivers, and I accept it with all my heart."

"But you comprehend me?" he said. "It is a village school: your scholars will be only poor girls -- cottagers' children -- at the best, farmers' daughters. Knitting, sewing, reading, writing, ciphering, will be all you will have to teach. What will you do with your accomplishments? What, with the largest portion of your mind -- sentiments -- tastes?"

"Save them till they are wanted. They will keep."

"You know what you undertake, then?"

"I do."

He now smiled: and not a bitter or a sad smile, but one well pleased and deeply gratified.

"And when will you commence the exercise of your function?"

“I will go to my house to-morrow, and open the school, if you like, next week.”

“Very well: so be it.”

He rose and walked through the room. Standing still, he again looked at me. He shook his head.

“What do you disapprove of, Mr. Rivers?” I asked.

“You will not stay at Morton long: no, no!”

“Why? What is your reason for saying so?”

“I read it in your eye; it is not of that description which promises the maintenance of an even tenor in life.”

“I am not ambitious.”

He started at the word “ambitious.” He repeated, “No. What made you think of ambition? Who is ambitious? I know I am: but how did you find it out?”

“I was speaking of myself.”

“Well, if you are not ambitious, you are --” He paused.

“What?”

“I was going to say, impassioned: but perhaps you would have misunderstood the word, and been displeased. I mean, that human affections and sympathies have a most powerful hold on you. I am sure you cannot long be content to pass your leisure in solitude, and to devote your working hours to a monotonous labour wholly void of stimulus: any more than I can be content,” he added, with emphasis, “to live here buried in morass, pent in with mountains -- my nature, that God gave me, contravened; my faculties, heaven-bestowed, paralysed -- made useless. You hear now how I contradict myself. I, who preached contentment with a humble lot, and justified the vocation even of hewers of wood and drawers of water in God’s service -- I, His ordained minister, almost rave in my restlessness. Well, propensities and principles must be reconciled by some means.”

He left the room. In this brief hour I had learnt more of him than in the whole previous month: yet still he puzzled me.

Diana and Mary Rivers became more sad and silent as the day approached for leaving their brother and their home. They both tried to appear as usual; but the sorrow they had to struggle against was one that could not be entirely conquered or concealed. Diana intimated that this would be a different parting from any they had ever yet known. It would probably, as far as St. John was concerned, be a parting for years: it might be a parting for life.

“He will sacrifice all to his long-framed resolves,” she said: “natural affection and feelings more potent still. St. John looks quiet, Jane; but he hides a fever in his vitals. You would think him gentle, yet in some things he is inexorable as death; and the worst of it is, my conscience will hardly permit me to dissuade him from his severe decision: certainly, I cannot for a moment blame him for it. It is right, noble, Christian: yet it breaks my heart!” And the tears gushed to her fine eyes. Mary bent her head low over her work.

“We are now without father: we shall soon be without home and brother,” she murmured,

At that moment a little accident supervened, which seemed decreed by fate purposely to prove the truth of the adage, that “misfortunes never come singly,” and to add to their distresses the vexing one of the slip between the cup and the lip. St. John passed the window reading a letter. He entered.

“Our uncle John is dead,” said he.

Both the sisters seemed struck: not shocked or appalled; the tidings appeared in their eyes rather momentous than afflicting.

“Dead?” repeated Diana.

“Yes.”

She riveted a searching gaze on her brother’s face. “And what then?” she demanded, in a low voice.

“What then, Die?” he replied, maintaining a marble immobility of feature. “What then? Why -- nothing. Read.”

He threw the letter into her lap. She glanced over it, and handed it to Mary. Mary perused it in silence, and returned it to her brother. All three looked at each other, and all three smiled -- a dreary, pensive smile enough.

“Amen! We can yet live,” said Diana at last.

“At any rate, it makes us no worse off than we were before,” remarked Mary.

“Only it forces rather strongly on the mind the picture of what MIGHT HAVE BEEN,” said Mr. Rivers, “and contrasts it somewhat too vividly with what IS.”

He folded the letter, locked it in his desk, and again went out.

For some minutes no one spoke. Diana then turned to me.

“Jane, you will wonder at us and our mysteries,” she said, “and think us hard-hearted beings not to be more moved at the death of so near a relation as an uncle; but we have never seen him or known him. He was my mother’s brother. My father and he quarrelled long ago. It was by his advice that my father risked most of his property in the speculation that ruined him. Mutual recrimination passed between them: they parted in anger, and were never reconciled. My uncle engaged afterwards in more prosperous undertakings: it appears he realised a fortune of twenty thousand pounds. He was never married, and had no near kindred but ourselves and one other person, not more closely related than we. My father always cherished the idea that he would atone for his error by leaving his possessions to us; that letter informs us that he has bequeathed every penny to the other relation, with the exception of thirty guineas, to be divided between St. John, Diana, and Mary Rivers, for the purchase of three mourning rings. He had a right, of course, to do as he pleased: and yet a momentary damp is cast on the spirits by the receipt of such news. Mary and I would have esteemed ourselves rich with a thousand pounds each; and to St. John such a sum would have been valuable, for the good it would have enabled him to do.”

This explanation given, the subject was dropped, and no further reference made to it by either Mr. Rivers or his sisters. The next day I left Marsh End for Morton. The day after, Diana and Mary quitted it for distant B-. In a week, Mr. Rivers and Hannah repaired to the parsonage: and so the old grange was abandoned.

CHAPTER XXXI

My home, then, when I at last find a home, -- is a cottage; a little room with whitewashed walls and a sanded floor, containing four painted chairs and a table, a clock, a cupboard, with two or three plates and dishes, and a set of tea-things in delf. Above, a chamber of the same dimensions as the kitchen, with a deal bedstead and chest of drawers; small, yet too large to be filled with my scanty wardrobe: though the kindness of my gentle and generous friends has increased that, by a modest stock of such things as are necessary.

It is evening. I have dismissed, with the fee of an orange, the little orphan who serves me as a handmaid. I am sitting alone on the hearth. This morning, the village school opened. I had twenty scholars. But three of the number can read: none write or cipher. Several knit, and a few sew a little. They speak with the broadest accent of the district. At present, they and I have a difficulty in understanding each other's language. Some of them are unmannered, rough, intractable, as well as ignorant; but others are docile, have a wish to learn, and evince a disposition that pleases me. I must not forget that these coarsely-clad little peasants are of flesh and blood as good as the scions of gentlest genealogy; and that the germs of native excellence, refinement, intelligence, kind feeling, are as likely to exist in their hearts as in those of the best-born. My duty will be to develop these germs: surely I shall find some happiness in discharging that office. Much enjoyment I do not expect in the life opening before me: yet it will, doubtless, if I regulate my mind, and exert my powers as I ought, yield me enough to live on from day to day.

Was I very gleeful, settled, content, during the hours I passed in yonder bare, humble schoolroom this morning and afternoon? Not to deceive myself, I must reply -- No: I felt desolate to a degree. I felt -- yes, idiot that I am -- I felt degraded. I doubted I had taken a step which sank instead of raising me in the scale of social existence. I was weakly dismayed at the ignorance, the poverty, the coarseness of all I heard and saw round me. But let me not hate and despise myself too much for these feelings; I know them to be wrong -- that is a great step gained; I shall strive to overcome them. To-morrow, I trust, I shall get the better of them partially; and in a few weeks, perhaps, they will be quite subdued. In a few months, it is possible, the happiness of seeing progress, and a change for the better in my scholars may substitute gratification for disgust.

Meantime, let me ask myself one question -- Which is better? -- To have surrendered to temptation; listened to passion; made no painful effort -- no struggle; -- but to have sunk down in the silken snare; fallen asleep on the flowers covering it; wakened in a southern clime, amongst the luxuries of a pleasure villa: to have been now living in France, Mr. Rochester's mistress; delirious with his love half my time -- for he would -- oh, yes, he would have loved me well for a while. He DID love me -- no one will ever love me so again. I shall never more know the sweet homage given to beauty, youth, and grace -- for never to any one else shall I seem to possess these charms. He was fond and proud of me -- it is what no man besides will ever be. -- But where am I wandering, and what am I saying, and above all, feeling? Whether is it better, I ask, to be a slave in a fool's paradise at Marseilles -- fevered with delusive bliss one hour -- suffocating with the bitterest tears of remorse and shame the next -- or to be a village-schoolmistress, free and honest, in a breezy mountain nook in the healthy heart of England?

Yes; I feel now that I was right when I adhered to principle and law, and scorned and crushed the insane promptings of a frenzied moment. God directed me to a correct choice: I thank His providence

for the guidance!

Having brought my eventide musings to this point, I rose, went to my door, and looked at the sunset of the harvest-day, and at the quiet fields before my cottage, which, with the school, was distant half a mile from the village. The birds were singing their last strains -

“The air was mild, the dew was balm.”

While I looked, I thought myself happy, and was surprised to find myself ere long weeping -- and why? For the doom which had reft me from adhesion to my master: for him I was no more to see; for the desperate grief and fatal fury -- consequences of my departure -- which might now, perhaps, be dragging him from the path of right, too far to leave hope of ultimate restoration thither. At this thought, I turned my face aside from the lovely sky of eve and lonely vale of Morton -- I say LONELY, for in that bend of it visible to me there was no building apparent save the church and the parsonage, half-hid in trees, and, quite at the extremity, the roof of Vale Hall, where the rich Mr. Oliver and his daughter lived. I hid my eyes, and leant my head against the stone frame of my door; but soon a slight noise near the wicket which shut in my tiny garden from the meadow beyond it made me look up. A dog -- old Carlo, Mr. Rivers' pointer, as I saw in a moment -- was pushing the gate with his nose, and St. John himself leant upon it with folded arms; his brow knit, his gaze, grave almost to displeasure, fixed on me. I asked him to come in.

“No, I cannot stay; I have only brought you a little parcel my sisters left for you. I think it contains a colour-box, pencils, and paper.”

I approached to take it: a welcome gift it was. He examined my face, I thought, with austerity, as I came near: the traces of tears were doubtless very visible upon it.

“Have you found your first day's work harder than you expected?” he asked.

“Oh, no! On the contrary, I think in time I shall get on with my scholars very well.”

“But perhaps your accommodations -- your cottage -- your furniture -- have disappointed your expectations? They are, in truth, scanty enough; but -- “ I interrupted -

“My cottage is clean and weather-proof; my furniture sufficient and commodious. All I see has made me thankful, not despondent. I am not absolutely such a fool and sensualist as to regret the absence of a carpet, a sofa, and silver plate; besides, five weeks ago I had nothing -- I was an outcast, a beggar, a vagrant; now I have acquaintance, a home, a business. I wonder at the goodness of God; the generosity of my friends; the bounty of my lot. I do not repine.”

“But you feel solitude an oppression? The little house there behind you is dark and empty.”

“I have hardly had time yet to enjoy a sense of tranquillity, much less to grow impatient under one of loneliness.”

“Very well; I hope you feel the content you express: at any rate, your good sense will tell you that it is too soon yet to yield to the vacillating fears of Lot's wife. What you had left before I saw you, of course I do not know; but I counsel you to resist firmly every temptation which would incline you to look back: pursue your present career steadily, for some months at least.”

“It is what I mean to do,” I answered. St. John continued -

“It is hard work to control the workings of inclination and turn the bent of nature; but that it may be done, I know from experience. God has given us, in a measure, the power to make our own fate; and when our energies seem to demand a sustenance they cannot get -- when our will strains after a path we may not follow -- we need neither starve from inanition, nor stand still in despair: we have but to seek

another nourishment for the mind, as strong as the forbidden food it longed to taste -- and perhaps purer; and to hew out for the adventurous foot a road as direct and broad as the one Fortune has blocked up against us, if rougher than it.

“A year ago I was myself intensely miserable, because I thought I had made a mistake in entering the ministry: its uniform duties wearied me to death. I burnt for the more active life of the world -- for the more exciting toils of a literary career -- for the destiny of an artist, author, orator; anything rather than that of a priest: yes, the heart of a politician, of a soldier, of a votary of glory, a lover of renown, a luster after power, beat under my curate’s surplice. I considered; my life was so wretched, it must be changed, or I must die. After a season of darkness and struggling, light broke and relief fell: my cramped existence all at once spread out to a plain without bounds -- my powers heard a call from heaven to rise, gather their full strength, spread their wings, and mount beyond ken. God had an errand for me; to bear which afar, to deliver it well, skill and strength, courage and eloquence, the best qualifications of soldier, statesman, and orator, were all needed: for these all centre in the good missionary.

“A missionary I resolved to be. From that moment my state of mind changed; the fetters dissolved and dropped from every faculty, leaving nothing of bondage but its galling soreness -- which time only can heal. My father, indeed, imposed the determination, but since his death, I have not a legitimate obstacle to contend with; some affairs settled, a successor for Morton provided, an entanglement or two of the feelings broken through or cut asunder -- a last conflict with human weakness, in which I know I shall overcome, because I have vowed that I WILL overcome -- and I leave Europe for the East.”

He said this, in his peculiar, subdued, yet emphatic voice; looking, when he had ceased speaking, not at me, but at the setting sun, at which I looked too. Both he and I had our backs towards the path leading up the field to the wicket. We had heard no step on that grass-grown track; the water running in the vale was the one lulling sound of the hour and scene; we might well then start when a gay voice, sweet as a silver bell, exclaimed -

“Good evening, Mr. Rivers. And good evening, old Carlo. Your dog is quicker to recognise his friends than you are, sir; he pricked his ears and wagged his tail when I was at the bottom of the field, and you have your back towards me now.”

It was true. Though Mr. Rivers had started at the first of those musical accents, as if a thunderbolt had split a cloud over his head, he stood yet, at the close of the sentence, in the same attitude in which the speaker had surprised him -- his arm resting on the gate, his face directed towards the west. He turned at last, with measured deliberation. A vision, as it seemed to me, had risen at his side. There appeared, within three feet of him, a form clad in pure white -- a youthful, graceful form: full, yet fine in contour; and when, after bending to caress Carlo, it lifted up its head, and threw back a long veil, there bloomed under his glance a face of perfect beauty. Perfect beauty is a strong expression; but I do not retrace or qualify it: as sweet features as ever the temperate clime of Albion moulded; as pure hues of rose and lily as ever her humid gales and vapoury skies generated and screened, justified, in this instance, the term. No charm was wanting, no defect was perceptible; the young girl had regular and delicate lineaments; eyes shaped and coloured as we see them in lovely pictures, large, and dark, and full; the long and shadowy eyelash which encircles a fine eye with so soft a fascination; the pencilled brow which gives such clearness; the white smooth forehead, which adds such repose to the livelier beauties of tint and ray; the cheek oval, fresh, and smooth; the lips, fresh too, ruddy, healthy, sweetly formed; the even and gleaming teeth without flaw; the small dimpled chin; the ornament of rich, plenteous tresses -- all

advantages, in short, which, combined, realise the ideal of beauty, were fully hers. I wondered, as I looked at this fair creature: I admired her with my whole heart. Nature had surely formed her in a partial mood; and, forgetting her usual stinted step-mother dole of gifts, had endowed this, her darling, with a grand-dame's bounty.

What did St. John Rivers think of this earthly angel? I naturally asked myself that question as I saw him turn to her and look at her; and, as naturally, I sought the answer to the inquiry in his countenance. He had already withdrawn his eye from the Peri, and was looking at a humble tuft of daisies which grew by the wicket.

"A lovely evening, but late for you to be out alone," he said, as he crushed the snowy heads of the closed flowers with his foot.

"Oh, I only came home from S-" (she mentioned the name of a large town some twenty miles distant) "this afternoon. Papa told me you had opened your school, and that the new mistress was come; and so I put on my bonnet after tea, and ran up the valley to see her: this is she?" pointing to me.

"It is," said St. John.

"Do you think you shall like Morton?" she asked of me, with a direct and naive simplicity of tone and manner, pleasing, if child-like.

"I hope I shall. I have many inducements to do so."

"Did you find your scholars as attentive as you expected?"

"Quite."

"Do you like your house?"

"Very much."

"Have I furnished it nicely?"

"Very nicely, indeed."

"And made a good choice of an attendant for you in Alice Wood?"

"You have indeed. She is teachable and handy." (This then, I thought, is Miss Oliver, the heiress; favoured, it seems, in the gifts of fortune, as well as in those of nature! What happy combination of the planets presided over her birth, I wonder?)

"I shall come up and help you to teach sometimes," she added. "It will be a change for me to visit you now and then; and I like a change. Mr. Rivers, I have been SO gay during my stay at S-. Last night, or rather this morning, I was dancing till two o'clock. The -th regiment are stationed there since the riots; and the officers are the most agreeable men in the world: they put all our young knife-grinders and scissor merchants to shame."

It seemed to me that Mr. St. John's under lip protruded, and his upper lip curled a moment. His mouth certainly looked a good deal compressed, and the lower part of his face unusually stern and square, as the laughing girl gave him this information. He lifted his gaze, too, from the daisies, and turned it on her. An unsmiling, a searching, a meaning gaze it was. She answered it with a second laugh, and laughter well became her youth, her roses, her dimples, her bright eyes.

As he stood, mute and grave, she again fell to caressing Carlo. "Poor Carlo loves me," said she "HE is not stern and distant to his friends; and if he could speak, he would not be silent."

As she patted the dog's head, bending with native grace before his young and austere master, I

saw a glow rise to that master's face. I saw his solemn eye melt with sudden fire, and flicker with resistless emotion. Flushed and kindled thus, he looked nearly as beautiful for a man as she for a woman. His chest heaved once, as if his large heart, weary of despotic constriction, had expanded, despite the will, and made a vigorous bound for the attainment of liberty. But he curbed it, I think, as a resolute rider would curb a rearing steed. He responded neither by word nor movement to the gentle advances made him.

"Papa says you never come to see us now," continued Miss Oliver, looking up. "You are quite a stranger at Vale Hall. He is alone this evening, and not very well: will you return with me and visit him?"

"It is not a seasonable hour to intrude on Mr. Oliver," answered St. John.

"Not a seasonable hour! But I declare it is. It is just the hour when papa most wants company: when the works are closed and he has no business to occupy him. Now, Mr. Rivers, DO come. Why are you so very shy, and so very sombre?" She filled up the hiatus his silence left by a reply of her own.

"I forgot!" she exclaimed, shaking her beautiful curled head, as if shocked at herself. "I am so giddy and thoughtless! DO excuse me. It had slipped my memory that you have good reasons to be indisposed for joining in my chatter. Diana and Mary have left you, and Moor House is shut up, and you are so lonely. I am sure I pity you. Do come and see papa."

"Not to-night, Miss Rosamond, not to-night."

Mr. St. John spoke almost like an automaton: himself only knew the effort it cost him thus to refuse.

"Well, if you are so obstinate, I will leave you; for I dare not stay any longer: the dew begins to fall. Good evening!"

She held out her hand. He just touched it. "Good evening!" he repeated, in a voice low and hollow as an echo. She turned, but in a moment returned.

"Are you well?" she asked. Well might she put the question: his face was blanched as her gown.

"Quite well," he enunciated; and, with a bow, he left the gate. She went one way; he another. She turned twice to gaze after him as she tripped fairy-like down the field; he, as he strode firmly across, never turned at all.

This spectacle of another's suffering and sacrifice rapt my thoughts from exclusive meditation on my own. Diana Rivers had designated her brother "inexorable as death." She had not exaggerated.

CHAPTER XXXII

I continued the labours of the village-school as actively and faithfully as I could. It was truly hard work at first. Some time elapsed before, with all my efforts, I could comprehend my scholars and their nature. Wholly untaught, with faculties quite torpid, they seemed to me hopelessly dull; and, at first sight, all dull alike: but I soon found I was mistaken. There was a difference amongst them as amongst the educated; and when I got to know them, and they me, this difference rapidly developed itself. Their amazement at me, my language, my rules, and ways, once subsided, I found some of these heavy-looking, gaping rustics wake up into sharp-witted girls enough. Many showed themselves obliging, and amiable too; and I discovered amongst them not a few examples of natural politeness, and innate self-respect, as well as of excellent capacity, that won both my goodwill and my admiration. These soon took a pleasure in doing their work well, in keeping their persons neat, in learning their tasks regularly, in acquiring quiet and orderly manners. The rapidity of their progress, in some instances, was even surprising; and an honest and happy pride I took in it: besides, I began personally to like some of the best girls; and they liked me. I had amongst my scholars several farmers' daughters: young women grown, almost. These could already read, write, and sew; and to them I taught the elements of grammar, geography, history, and the finer kinds of needlework. I found estimable characters amongst them -- characters desirous of information and disposed for improvement -- with whom I passed many a pleasant evening hour in their own homes. Their parents then (the farmer and his wife) loaded me with attentions. There was an enjoyment in accepting their simple kindness, and in repaying it by a consideration -- a scrupulous regard to their feelings -- to which they were not, perhaps, at all times accustomed, and which both charmed and benefited them; because, while it elevated them in their own eyes, it made them emulous to merit the deferential treatment they received.

I felt I became a favourite in the neighbourhood. Whenever I went out, I heard on all sides cordial salutations, and was welcomed with friendly smiles. To live amidst general regard, though it be but the regard of working people, is like "sitting in sunshine, calm and sweet;" serene inward feelings bud and bloom under the ray. At this period of my life, my heart far oftener swelled with thankfulness than sank with dejection: and yet, reader, to tell you all, in the midst of this calm, this useful existence -- after a day passed in honourable exertion amongst my scholars, an evening spent in drawing or reading contentedly alone -- I used to rush into strange dreams at night: dreams many-coloured, agitated, full of the ideal, the stirring, the stormy -- dreams where, amidst unusual scenes, charged with adventure, with agitating risk and romantic chance, I still again and again met Mr. Rochester, always at some exciting crisis; and then the sense of being in his arms, hearing his voice, meeting his eye, touching his hand and cheek, loving him, being loved by him -- the hope of passing a lifetime at his side, would be renewed, with all its first force and fire. Then I awoke. Then I recalled where I was, and how situated. Then I rose up on my curtainless bed, trembling and quivering; and then the still, dark night witnessed the convulsion of despair, and heard the burst of passion. By nine o'clock the next morning I was punctually opening the school; tranquil, settled, prepared for the steady duties of the day.

Rosamond Oliver kept her word in coming to visit me. Her call at the school was generally made in the course of her morning ride. She would canter up to the door on her pony, followed by a mounted livery servant. Anything more exquisite than her appearance, in her purple habit, with her Amazon's cap of black velvet placed gracefully above the long curls that kissed her cheek and floated to her shoulders, can scarcely be imagined: and it was thus she would enter the rustic building, and glide

through the dazzled ranks of the village children. She generally came at the hour when Mr. Rivers was engaged in giving his daily catechising lesson. Keenly, I fear, did the eye of the visitress pierce the young pastor's heart. A sort of instinct seemed to warn him of her entrance, even when he did not see it; and when he was looking quite away from the door, if she appeared at it, his cheek would glow, and his marble-seeming features, though they refused to relax, changed indescribably, and in their very quiescence became expressive of a repressed fervour, stronger than working muscle or darting glance could indicate.

Of course, she knew her power: indeed, he did not, because he could not, conceal it from her. In spite of his Christian stoicism, when she went up and addressed him, and smiled gaily, encouragingly, even fondly in his face, his hand would tremble and his eye burn. He seemed to say, with his sad and resolute look, if he did not say it with his lips, "I love you, and I know you prefer me. It is not despair of success that keeps me dumb. If I offered my heart, I believe you would accept it. But that heart is already laid on a sacred altar: the fire is arranged round it. It will soon be no more than a sacrifice consumed."

And then she would pout like a disappointed child; a pensive cloud would soften her radiant vivacity; she would withdraw her hand hastily from his, and turn in transient petulance from his aspect, at once so heroic and so martyr-like. St. John, no doubt, would have given the world to follow, recall, retain her, when she thus left him; but he would not give one chance of heaven, nor relinquish, for the elysium of her love, one hope of the true, eternal Paradise. Besides, he could not bind all that he had in his nature -- the rover, the aspirant, the poet, the priest -- in the limits of a single passion. He could not -- he would not -- renounce his wild field of mission warfare for the parlours and the peace of Vale Hall. I learnt so much from himself in an inroad I once, despite his reserve, had the daring to make on his confidence.

Miss Oliver already honoured me with frequent visits to my cottage. I had learnt her whole character, which was without mystery or disguise: she was coquettish but not heartless; exacting, but not worthlessly selfish. She had been indulged from her birth, but was not absolutely spoilt. She was hasty, but good-humoured; vain (she could not help it, when every glance in the glass showed her such a flush of loveliness), but not affected; liberal-handed; innocent of the pride of wealth; ingenuous; sufficiently intelligent; gay, lively, and unthinking: she was very charming, in short, even to a cool observer of her own sex like me; but she was not profoundly interesting or thoroughly impressive. A very different sort of mind was hers from that, for instance, of the sisters of St. John. Still, I liked her almost as I liked my pupil Adele; except that, for a child whom we have watched over and taught, a closer affection is engendered than we can give an equally attractive adult acquaintance.

She had taken an amiable caprice to me. She said I was like Mr. Rivers, only, certainly, she allowed, "not one-tenth so handsome, though I was a nice neat little soul enough, but he was an angel." I was, however, good, clever, composed, and firm, like him. I was a *lusus naturae*, she affirmed, as a village schoolmistress: she was sure my previous history, if known, would make a delightful romance.

One evening, while, with her usual child-like activity, and thoughtless yet not offensive inquisitiveness, she was rummaging the cupboard and the table-drawer of my little kitchen, she discovered first two French books, a volume of Schiller, a German grammar and dictionary, and then my drawing-materials and some sketches, including a pencil-head of a pretty little cherub-like girl, one of my scholars, and sundry views from nature, taken in the Vale of Morton and on the surrounding moors. She was first transfixed with surprise, and then electrified with delight.

"Had I done these pictures? Did I know French and German? What a love -- what a miracle was! I drew better than her master in the first school in S-. Would I sketch a portrait of her, to show to

papa?"

"With pleasure," I replied; and I felt a thrill of artist-delight at the idea of copying from so perfect and radiant a model. She had then on a dark-blue silk dress; her arms and her neck were bare; her only ornament was her chestnut tresses, which waved over her shoulders with all the wild grace of natural curls. I took a sheet of fine card-board, and drew a careful outline. I promised myself the pleasure of colouring it; and, as it was getting late then, I told her she must come and sit another day.

She made such a report of me to her father, that Mr. Oliver himself accompanied her next evening -- a tall, massive-featured, middle-aged, and grey-headed man, at whose side his lovely daughter looked like a bright flower near a hoary turret. He appeared a taciturn, and perhaps a proud personage; but he was very kind to me. The sketch of Rosamond's portrait pleased him highly: he said I must make a finished picture of it. He insisted, too, on my coming the next day to spend the evening at Vale Hall.

I went. I found it a large, handsome residence, showing abundant evidences of wealth in the proprietor. Rosamond was full of glee and pleasure all the time I stayed. Her father was affable; and when he entered into conversation with me after tea, he expressed in strong terms his approbation of what I had done in Morton school, and said he only feared, from what he saw and heard, I was too good for the place, and would soon quit it for one more suitable.

"Indeed," cried Rosamond, "she is clever enough to be a governess in a high family, papa."

I thought I would far rather be where I am than in any high family in the land. Mr. Oliver spoke of Mr. Rivers -- of the Rivers family -- with great respect. He said it was a very old name in that neighbourhood; that the ancestors of the house were wealthy; that all Morton had once belonged to them; that even now he considered the representative of that house might, if he liked, make an alliance with the best. He accounted it a pity that so fine and talented a young man should have formed the design of going out as a missionary; it was quite throwing a valuable life away. It appeared, then, that her father would throw no obstacle in the way of Rosamond's union with St. John. Mr. Oliver evidently regarded the young clergyman's good birth, old name, and sacred profession as sufficient compensation for the want of fortune.

It was the 5th of November, and a holiday. My little servant, after helping me to clean my house, was gone, well satisfied with the fee of a penny for her aid. All about me was spotless and bright -- scoured floor, polished grate, and well-rubbed chairs. I had also made myself neat, and had now the afternoon before me to spend as I would.

The translation of a few pages of German occupied an hour; then I got my palette and pencils, and fell to the more soothing, because easier occupation, of completing Rosamond Oliver's miniature. The head was finished already: there was but the background to tint and the drapery to shade off; a touch of carmine, too, to add to the ripe lips -- a soft curl here and there to the tresses -- a deeper tinge to the shadow of the lash under the azure eyelid. I was absorbed in the execution of these nice details, when, after one rapid tap, my door unclosed, admitting St. John Rivers.

"I am come to see how you are spending your holiday," he said. "Not, I hope, in thought? No, that is well: while you draw you will not feel lonely. You see, I mistrust you still, though you have borne up wonderfully so far. I have brought you a book for evening solace," and he laid on the table a new publication -- a poem: one of those genuine productions so often vouchsafed to the fortunate public of those days -- the golden age of modern literature. Alas! the readers of our era are less favoured. But courage! I will not pause either to accuse or repine. I know poetry is not dead, nor genius lost; nor has Mammon gained power over either, to bind or slay: they will both assert their existence, their presence,

their liberty and strength again one day. Powerful angels, safe in heaven! they smile when sordid souls triumph, and feeble ones weep over their destruction. Poetry destroyed? Genius banished? No! Mediocrity, no: do not let envy prompt you to the thought. No; they not only live, but reign and redeem: and without their divine influence spread everywhere, you would be in hell -- the hell of your own meanness.

While I was eagerly glancing at the bright pages of "Marmion" (for "Marmion" it was), St. John stooped to examine my drawing. His tall figure sprang erect again with a start: he said nothing. I looked up at him: he shunned my eye. I knew his thoughts well, and could read his heart plainly; at the moment I felt calmer and cooler than he: I had then temporarily the advantage of him, and I conceived an inclination to do him some good, if I could.

"With all his firmness and self-control," thought I, "he tasks himself too far: locks every feeling and pang within -- expresses, confesses, imparts nothing. I am sure it would benefit him to talk a little about this sweet Rosamond, whom he thinks he ought not to marry: I will make him talk."

I said first, "Take a chair, Mr. Rivers." But he answered, as he always did, that he could not stay. "Very well," I responded, mentally, "stand if you like; but you shall not go just yet, I am determined: solitude is at least as bad for you as it is for me. I'll try if I cannot discover the secret spring of your confidence, and find an aperture in that marble breast through which I can shed one drop of the balm of sympathy."

"Is this portrait like?" I asked bluntly.

"Like! Like whom? I did not observe it closely."

"You did, Mr. Rivers."

He almost started at my sudden and strange abruptness: he looked at me astonished. "Oh, that is nothing yet," I muttered within. "I don't mean to be baffled by a little stiffness on your part; I'm prepared to go to considerable lengths." I continued, "You observed it closely and distinctly; but I have no objection to your looking at it again," and I rose and placed it in his hand.

"A well-executed picture," he said; "very soft, clear colouring; very graceful and correct drawing."

"Yes, yes; I know all that. But what of the resemblance? Who is it like?"

Mastering some hesitation, he answered, "Miss Oliver, I presume."

"Of course. And now, sir, to reward you for the accurate guess, I will promise to paint you a careful and faithful duplicate of this very picture, provided you admit that the gift would be acceptable to you. I don't wish to throw away my time and trouble on an offering you would deem worthless."

He continued to gaze at the picture: the longer he looked, the firmer he held it, the more he seemed to covet it. "It is like!" he murmured; "the eye is well managed: the colour, light, expression, are perfect. It smiles!"

"Would it comfort, or would it wound you to have a similar painting? Tell me that. When you are at Madagascar, or at the Cape, or in India, would it be a consolation to have that memento in your possession? or would the sight of it bring recollections calculated to enervate and distress?"

He now furtively raised his eyes: he glanced at me, irresolute, disturbed: he again surveyed the picture.

“That I should like to have it is certain: whether it would be judicious or wise is another question.”

Since I had ascertained that Rosamond really preferred him, and that her father was not likely to oppose the match, I -- less exalted in my views than St. John -- had been strongly disposed in my own heart to advocate their union. It seemed to me that, should he become the possessor of Mr. Oliver's large fortune, he might do as much good with it as if he went and laid his genius out to wither, and his strength to waste, under a tropical sun. With this persuasion I now answered -

“As far as I can see, it would be wiser and more judicious if you were to take to yourself the original at once.”

By this time he had sat down: he had laid the picture on the table before him, and with his brow supported on both hands, hung fondly over it. I discerned he was now neither angry nor shocked at my audacity. I saw even that to be thus frankly addressed on a subject he had deemed unapproachable -- to hear it thus freely handled -- was beginning to be felt by him as a new pleasure -- an unhopd-for relief. Reserved people often really need the frank discussion of their sentiments and griefs more than the expansive. The sternest-seeming stoic is human after all; and to “burst” with boldness and good-will into “the silent sea” of their souls is often to confer on them the first of obligations.

“She likes you, I am sure,” said I, as I stood behind his chair, “and her father respects you. Moreover, she is a sweet girl -- rather thoughtless; but you would have sufficient thought for both yourself and her. You ought to marry her.”

“DOES she like me?” he asked.

“Certainly; better than she likes any one else. She talks of you continually: there is no subject she enjoys so much or touches upon so often.”

“It is very pleasant to hear this,” he said -- “very: go on for another quarter of an hour.” And he actually took out his watch and laid it upon the table to measure the time.

“But where is the use of going on,” I asked, “when you are probably preparing some iron blow of contradiction, or forging a fresh chain to fetter your heart?”

“Don't imagine such hard things. Fancy me yielding and melting, as I am doing: human love rising like a freshly opened fountain in my mind and overflowing with sweet inundation all the field I have so carefully and with such labour prepared -- so assiduously sown with the seeds of good intentions, of self-denying plans. And now it is deluged with a nectarous flood -- the young germs swamped -- delicious poison cankering them: now I see myself stretched on an ottoman in the drawing-room at Vale Hall at my bride Rosamond Oliver's feet: she is talking to me with her sweet voice -- gazing down on me with those eyes your skilful hand has copied so well -- smiling at me with these coral lips. She is mine -- I am hers -- this present life and passing world suffice to me. Hush! say nothing -- my heart is full of delight -- my senses are entranced -- let the time I marked pass in peace.”

I humoured him: the watch ticked on: he breathed fast and low: I stood silent. Amidst this hush the quartet sped; he replaced the watch, laid the picture down, rose, and stood on the hearth.

“Now,” said he, “that little space was given to delirium and delusion. I rested my temples on the breast of temptation, and put my neck voluntarily under her yoke of flowers. I tasted her cup. The pillow was burning: there is an asp in the garland: the wine has a bitter taste: her promises are hollow -- her offers false: I see and know all this.”

I gazed at him in wonder.

“It is strange,” pursued he, “that while I love Rosamond Oliver so wildly -- with all the intensity, indeed, of a first passion, the object of which is exquisitely beautiful, graceful, fascinating -- I experience at the same time a calm, unwarped consciousness that she would not make me a good wife; that she is not the partner suited to me; that I should discover this within a year after marriage; and that to twelve months’ rapture would succeed a lifetime of regret. This I know.”

“Strange indeed!” I could not help ejaculating.

“While something in me,” he went on, “is acutely sensible to her charms, something else is as deeply impressed with her defects: they are such that she could sympathise in nothing I aspired to -- cooperate in nothing I undertook. Rosamond a sufferer, a labourer, a female apostle? Rosamond a missionary’s wife? No!”

“But you need not be a missionary. You might relinquish that scheme.”

“Relinquish! What! my vocation? My great work? My foundation laid on earth for a mansion in heaven? My hopes of being numbered in the band who have merged all ambitions in the glorious one of bettering their race -- of carrying knowledge into the realms of ignorance -- of substituting peace for war -- freedom for bondage -- religion for superstition -- the hope of heaven for the fear of hell? Must I relinquish that? It is dearer than the blood in my veins. It is what I have to look forward to, and to live for.”

After a considerable pause, I said -- “And Miss Oliver? Are her disappointment and sorrow of no interest to you?”

“Miss Oliver is ever surrounded by suitors and flatterers: in less than a month, my image will be effaced from her heart. She will forget me; and will marry, probably, some one who will make her far happier than I should do.”

“You speak coolly enough; but you suffer in the conflict. You are wasting away.”

“No. If I get a little thin, it is with anxiety about my prospects, yet unsettled -- my departure continually procrastinated. Only this morning, I received intelligence that the successor, whose arrival I have been so long expecting, cannot be ready to replace me for three months to come yet; and perhaps the three months may extend to six.”

“You tremble and become flushed whenever Miss Oliver enters the schoolroom.”

Again the surprised expression crossed his face. He had not imagined that a woman would dare to speak so to a man. For me, I felt at home in this sort of discourse. I could never rest in communication with strong, discreet, and refined minds, whether male or female, till I had passed the outworks of conventional reserve, and crossed the threshold of confidence, and won a place by their heart’s very hearthstone.

“You are original,” said he, “and not timid. There is something brave in your spirit, as well as penetrating in your eye; but allow me to assure you that you partially misinterpret my emotions. You think them more profound and potent than they are. You give me a larger allowance of sympathy than I have a just claim to. When I colour, and when I shade before Miss Oliver, I do not pity myself. I scorn the weakness. I know it is ignoble: a mere fever of the flesh: not, I declare, the convulsion of the soul. THAT is just as fixed as a rock, firm set in the depths of a restless sea. Know me to be what I am -- a cold hard man.”

I smiled incredulously.

“You have taken my confidence by storm,” he continued, “and now it is much at your service. I am simply, in my original state -- stripped of that blood-bleached robe with which Christianity covers human deformity -- a cold, hard, ambitious man. Natural affection only, of all the sentiments, has permanent power over me. Reason, and not feeling, is my guide; my ambition is unlimited: my desire to rise higher, to do more than others, insatiable. I honour endurance, perseverance, industry, talent; because these are the means by which men achieve great ends and mount to lofty eminence. I watch your career with interest, because I consider you a specimen of a diligent, orderly, energetic woman: not because I deeply compassionate what you have gone through, or what you still suffer.”

“You would describe yourself as a mere pagan philosopher,” I said.

“No. There is this difference between me and deistic philosophers: I believe; and I believe the Gospel. You missed your epithet. I am not a pagan, but a Christian philosopher -- a follower of the sect of Jesus. As His disciple I adopt His pure, His merciful, His benignant doctrines. I advocate them: I am sworn to spread them. Won in youth to religion, she has cultivated my original qualities thus:- From the minute germ, natural affection, she has developed the overshadowing tree, philanthropy. From the wild stringy root of human uprightness, she has reared a due sense of the Divine justice. Of the ambition to win power and renown for my wretched self, she has formed the ambition to spread my Master’s kingdom; to achieve victories for the standard of the cross. So much has religion done for me; turning the original materials to the best account; pruning and training nature. But she could not eradicate nature: nor will it be eradicated ‘till this mortal shall put on immortality.’”

Having said this, he took his hat, which lay on the table beside my palette. Once more he looked at the portrait.

“She IS lovely,” he murmured. “She is well named the Rose of the World, indeed!”

“And may I not paint one like it for you?”

“CUI BONO? No.”

He drew over the picture the sheet of thin paper on which I was accustomed to rest my hand in painting, to prevent the cardboard from being sullied. What he suddenly saw on this blank paper, it was impossible for me to tell; but something had caught his eye. He took it up with a snatch; he looked at the edge; then shot a glance at me, inexpressibly peculiar, and quite incomprehensible: a glance that seemed to take and make note of every point in my shape, face, and dress; for it traversed all, quick, keen as lightning. His lips parted, as if to speak: but he checked the coming sentence, whatever it was.

“What is the matter?” I asked.

“Nothing in the world,” was the reply; and, replacing the paper, I saw him dexterously tear a narrow slip from the margin. It disappeared in his glove; and, with one hasty nod and “good-afternoon,” he vanished.

“Well!” I exclaimed, using an expression of the district, “that caps the globe, however!”

I, in my turn, scrutinised the paper; but saw nothing on it save a few dingy stains of paint where I had tried the tint in my pencil. I pondered the mystery a minute or two; but finding it insolvable, and being certain it could not be of much moment, I dismissed, and soon forgot it.

CHAPTER XXXIII

When Mr. St. John went, it was beginning to snow; the whirling storm continued all night. The next day a keen wind brought fresh and blinding falls; by twilight the valley was drifted up and almost impassable. I had closed my shutter, laid a mat to the door to prevent the snow from blowing in under it, trimmed my fire, and after sitting nearly an hour on the hearth listening to the muffled fury of the tempest, I lit a candle, took down "Marmion," and beginning -

*"Day set on Norham's castled steep,
And Tweed's fair river broad and deep,
And Cheviot's mountains lone;
The massive towers, the donjon keep,
The flanking walls that round them sweep,
In yellow lustre shone" -
I soon forgot storm in music.*

I heard a noise: the wind, I thought, shook the door. No; it was St. John Rivers, who, lifting the latch, came in out of the frozen hurricane -- the howling darkness -- and stood before me: the cloak that covered his tall figure all white as a glacier. I was almost in consternation, so little had I expected any guest from the blocked-up vale that night.

"Any ill news?" I demanded. "Has anything happened?"

"No. How very easily alarmed you are!" he answered, removing his cloak and hanging it up against the door, towards which he again coolly pushed the mat which his entrance had deranged. He stamped the snow from his boots.

"I shall sully the purity of your floor," said he, "but you must excuse me for once." Then he approached the fire. "I have had hard work to get here, I assure you," he observed, as he warmed his hands over the flame. "One drift took me up to the waist; happily the snow is quite soft yet."

"But why are you come?" I could not forbear saying.

"Rather an inhospitable question to put to a visitor; but since you ask it, I answer simply to have a little talk with you; I got tired of my mute books and empty rooms. Besides, since yesterday I have experienced the excitement of a person to whom a tale has been half-told, and who is impatient to hear the sequel."

He sat down. I recalled his singular conduct of yesterday, and really I began to fear his wits were touched. If he were insane, however, his was a very cool and collected insanity: I had never seen that handsome-featured face of his look more like chiselled marble than it did just now, as he put aside his snow-wet hair from his forehead and let the firelight shine free on his pale brow and cheek as pale, where it grieved me to discover the hollow trace of care or sorrow now so plainly graved. I waited, expecting he would say something I could at least comprehend; but his hand was now at his chin, his finger on his lip: he was thinking. It struck me that his hand looked wasted like his face. A perhaps uncalled-for gush of pity came over my heart: I was moved to say -

“I wish Diana or Mary would come and live with you: it is too bad that you should be quite alone; and you are recklessly rash about your own health.”

“Not at all,” said he: “I care for myself when necessary. I am well now. What do you see amiss in me?”

This was said with a careless, abstracted indifference, which showed that my solicitude was, at least in his opinion, wholly superfluous. I was silenced.

He still slowly moved his finger over his upper lip, and still his eye dwelt dreamily on the glowing grate; thinking it urgent to say something, I asked him presently if he felt any cold draught from the door, which was behind him.

“No, no!” he responded shortly and somewhat testily.

“Well,” I reflected, “if you won’t talk, you may be still; I’ll let you alone now, and return to my book.”

So I snuffed the candle and resumed the perusal of “Marmion.” He soon stirred; my eye was instantly drawn to his movements; he only took out a morocco pocket-book, thence produced a letter, which he read in silence, folded it, put it back, relapsed into meditation. It was vain to try to read with such an inscrutable fixture before me; nor could I, in impatience, consent to be dumb; he might rebuff me if he liked, but talk I would.

“Have you heard from Diana and Mary lately?”

“Not since the letter I showed you a week ago.”

“There has not been any change made about your own arrangements? You will not be summoned to leave England sooner than you expected?”

“I fear not, indeed: such chance is too good to befall me.” Baffled so far, I changed my ground. I bethought myself to talk about the school and my scholars.

“Mary Garrett’s mother is better, and Mary came back to the school this morning, and I shall have four new girls next week from the Foundry Close -- they would have come to-day but for the snow.”

“Indeed!”

“Mr. Oliver pays for two.”

“Does he?”

“He means to give the whole school a treat at Christmas.”

“I know.”

“Was it your suggestion?”

“No.”

“Whose, then?”

“His daughter’s, I think.”

“It is like her: she is so good-natured.”

“Yes.”

Again came the blank of a pause: the clock struck eight strokes. It aroused him; he uncrossed his legs, sat erect, turned to me.

“Leave your book a moment, and come a little nearer the fire,” he said.

Wondering, and of my wonder finding no end, I complied.

“Half-an-hour ago,” he pursued, “I spoke of my impatience to hear the sequel of a tale: on reflection, I find the matter will be better managed by my assuming the narrator’s part, and converting you into a listener. Before commencing, it is but fair to warn you that the story will sound somewhat hackneyed in your ears; but stale details often regain a degree of freshness when they pass through new lips. For the rest, whether trite or novel, it is short.

“Twenty years ago, a poor curate -- never mind his name at this moment -- fell in love with a rich man’s daughter; she fell in love with him, and married him, against the advice of all her friends, who consequently disowned her immediately after the wedding. Before two years passed, the rash pair were both dead, and laid quietly side by side under one slab. (I have seen their grave; it formed part of the pavement of a huge churchyard surrounding the grim, soot-black old cathedral of an overgrown manufacturing town in -shire.) They left a daughter, which, at its very birth, Charity received in her lap -- cold as that of the snow-drift I almost stuck fast in to-night. Charity carried the friendless thing to the house of its rich maternal relations; it was reared by an aunt-in-law, called (I come to names now) Mrs. Reed of Gateshead. You start -- did you hear a noise? I daresay it is only a rat scrambling along the rafters of the adjoining schoolroom: it was a barn before I had it repaired and altered, and barns are generally haunted by rats. -- To proceed. Mrs. Reed kept the orphan ten years: whether it was happy or not with her, I cannot say, never having been told; but at the end of that time she transferred it to a place you know -- being no other than Lowood School, where you so long resided yourself. It seems her career there was very honourable: from a pupil, she became a teacher, like yourself -- really it strikes me there are parallel points in her history and yours -- she left it to be a governess: there, again, your fates were analogous; she undertook the education of the ward of a certain Mr. Rochester.”

“Mr. Rivers!” I interrupted.

“I can guess your feelings,” he said, “but restrain them for a while: I have nearly finished; hear me to the end. Of Mr. Rochester’s character I know nothing, but the one fact that he professed to offer honourable marriage to this young girl, and that at the very altar she discovered he had a wife yet alive, though a lunatic. What his subsequent conduct and proposals were is a matter of pure conjecture; but when an event transpired which rendered inquiry after the governess necessary, it was discovered she was gone -- no one could tell when, where, or how. She had left Thornfield Hall in the night; every research after her course had been vain: the country had been scoured far and wide; no vestige of information could be gathered respecting her. Yet that she should be found is become a matter of serious urgency: advertisements have been put in all the papers; I myself have received a letter from one Mr. Briggs, a solicitor, communicating the details I have just imparted. Is it not an odd tale?”

“Just tell me this,” said I, “and since you know so much, you surely can tell it me -- what of Mr. Rochester? How and where is he? What is he doing? Is he well?”

“I am ignorant of all concerning Mr. Rochester: the letter never mentions him but to narrate the fraudulent and illegal attempt I have adverted to. You should rather ask the name of the governess -- the nature of the event which requires her appearance.”

“Did no one go to Thornfield Hall, then? Did no one see Mr. Rochester?”

“I suppose not.”

“But they wrote to him?”

“Of course.”

“And what did he say? Who has his letters?”

“Mr. Briggs intimates that the answer to his application was not from Mr. Rochester, but from a lady: it is signed ‘Alice Fairfax.’”

I felt cold and dismayed: my worst fears then were probably true: he had in all probability left England and rushed in reckless desperation to some former haunt on the Continent. And what opiate for his severe sufferings -- what object for his strong passions -- had he sought there? I dared not answer the question. Oh, my poor master -- once almost my husband -- whom I had often called “my dear Edward!”

“He must have been a bad man,” observed Mr. Rivers.

“You don’t know him -- don’t pronounce an opinion upon him,” I said, with warmth.

“Very well,” he answered quietly: “and indeed my head is otherwise occupied than with him: I have my tale to finish. Since you won’t ask the governess’s name, I must tell it of my own accord. Stay! I have it here -- it is always more satisfactory to see important points written down, fairly committed to black and white.”

And the pocket-book was again deliberately produced, opened, sought through; from one of its compartments was extracted a shabby slip of paper, hastily torn off: I recognised in its texture and its stains of ultra-marine, and lake, and vermilion, the ravished margin of the portrait-cover. He got up, held it close to my eyes: and I read, traced in Indian ink, in my own handwriting, the words “JANE EYRE” -- the work doubtless of some moment of abstraction.

“Briggs wrote to me of a Jane Eyre:” he said, “the advertisements demanded a Jane Eyre: I knew a Jane Elliott. -- I confess I had my suspicions, but it was only yesterday afternoon they were at once resolved into certainty. You own the name and renounce the alias?”

“Yes -- yes; but where is Mr. Briggs? He perhaps knows more of Mr. Rochester than you do.”

“Briggs is in London. I should doubt his knowing anything at all about Mr. Rochester; it is not in Mr. Rochester he is interested. Meantime, you forget essential points in pursuing trifles: you do not inquire why Mr. Briggs sought after you -- what he wanted with you.”

“Well, what did he want?”

“Merely to tell you that your uncle, Mr. Eyre of Madeira, is dead; that he has left you all his property, and that you are now rich -- merely that -- nothing more.”

“I -- rich?”

“Yes, you, rich -- quite an heiress.”

Silence succeeded.

“You must prove your identity of course,” resumed St. John presently: “a step which will offer no difficulties; you can then enter on immediate possession. Your fortune is vested in the English funds; Briggs has the will and the necessary documents.”

Here was a new card turned up! It is a fine thing, reader, to be lifted in a moment from indigence to wealth -- a very fine thing; but not a matter one can comprehend, or consequently enjoy, all at once. And then there are other chances in life far more thrilling and rapture-giving: THIS is solid, an affair of the actual world, nothing ideal about it: all its associations are solid and sober, and its manifestations are the same. One does not jump, and spring, and shout hurrah! at hearing one has got a fortune; one begins to

consider responsibilities, and to ponder business; on a base of steady satisfaction rise certain grave cares, and we contain ourselves, and brood over our bliss with a solemn brow.

Besides, the words Legacy, Bequest, go side by side with the words, Death, Funeral. My uncle had heard was dead -- my only relative; ever since being made aware of his existence, I had cherished the hope of one day seeing him: now, I never should. And then this money came only to me: not to me and a rejoicing family, but to my isolated self. It was a grand boon doubtless; and independence would be glorious -- yes, I felt that -- that thought swelled my heart.

“You unbend your forehead at last,” said Mr. Rivers. “I thought Medusa had looked at you, and that you were turning to stone. Perhaps now you will ask how much you are worth?”

“How much am I worth?”

“Oh, a trifle! Nothing of course to speak of -- twenty thousand pounds, I think they say -- but what is that?”

“Twenty thousand pounds?”

Here was a new stunner -- I had been calculating on four or five thousand. This news actually took my breath for a moment: Mr. St. John, whom I had never heard laugh before, laughed now.

“Well,” said he, “if you had committed a murder, and I had told you your crime was discovered, you could scarcely look more aghast.”

“It is a large sum -- don’t you think there is a mistake?”

“No mistake at all.”

“Perhaps you have read the figures wrong -- it may be two thousand!”

“It is written in letters, not figures, -- twenty thousand.”

I again felt rather like an individual of but average gastronomical powers sitting down to feast alone at a table spread with provisions for a hundred. Mr. Rivers rose now and put his cloak on.

“If it were not such a very wild night,” he said, “I would send Hannah down to keep you company: you look too desperately miserable to be left alone. But Hannah, poor woman! could not stride the drifts so well as I: her legs are not quite so long: so I must e’en leave you to your sorrows. Good-night.”

He was lifting the latch: a sudden thought occurred to me. “Stop one minute!” I cried.

“Well?”

“It puzzles me to know why Mr. Briggs wrote to you about me; or how he knew you, or could fancy that you, living in such an out-of-the-way place, had the power to aid in my discovery.”

“Oh! I am a clergyman,” he said; “and the clergy are often appealed to about odd matters.” Again the latch rattled.

“No; that does not satisfy me!” I exclaimed: and indeed there was something in the hasty and unexplanatory reply which, instead of allaying, piqued my curiosity more than ever.

“It is a very strange piece of business,” I added; “I must know more about it.”

“Another time.”

“No; to-night! -- to-night!” and as he turned from the door, I placed myself between it and him. He looked rather embarrassed.

“You certainly shall not go till you have told me all,” I said.

“I would rather not just now.”

“You shall! -- you must!”

“I would rather Diana or Mary informed you.”

Of course these objections wrought my eagerness to a climax: gratified it must be, and that without delay; and I told him so.

“But I apprised you that I was a hard man,” said he, “difficult to persuade.”

“And I am a hard woman, -- impossible to put off.”

“And then,” he pursued, “I am cold: no fervour infects me.”

“Whereas I am hot, and fire dissolves ice. The blaze there has thawed all the snow from your cloak; by the same token, it has streamed on to my floor, and made it like a trampled street. As you hope ever to be forgiven, Mr. Rivers, the high crime and misdemeanour of spoiling a sanded kitchen, tell me what I wish to know.”

“Well, then,” he said, “I yield; if not to your earnestness, to your perseverance: as stone is worn by continual dropping. Besides, you must know some day, -- as well now as later. Your name is Jane Eyre?”

“Of course: that was all settled before.”

“You are not, perhaps, aware that I am your namesake? -- that I was christened St. John Eyre Rivers?”

“No, indeed! I remember now seeing the letter E. comprised in your initials written in books you have at different times lent me; but I never asked for what name it stood. But what then? Surely -- “

I stopped: I could not trust myself to entertain, much less to express, the thought that rushed upon me -- that embodied itself, -- that, in a second, stood out a strong, solid probability. Circumstances knit themselves, fitted themselves, shot into order: the chain that had been lying hitherto a formless lump of links was drawn out straight, -- every ring was perfect, the connection complete. I knew, by instinct, how the matter stood, before St. John had said another word; but I cannot expect the reader to have the same intuitive perception, so I must repeat his explanation.

“My mother’s name was Eyre; she had two brothers; one a clergyman, who married Miss Jane Reed, of Gateshead; the other, John Eyre, Esq., merchant, late of Funchal, Madeira. Mr. Briggs, being Mr Eyre’s solicitor, wrote to us last August to inform us of our uncle’s death, and to say that he had left his property to his brother the clergyman’s orphan daughter, overlooking us, in consequence of a quarrel, never forgiven, between him and my father. He wrote again a few weeks since, to intimate that the heiress was lost, and asking if we knew anything of her. A name casually written on a slip of paper has enabled me to find her out. You know the rest.” Again he was going, but I set my back against the door.

“Do let me speak,” I said; “let me have one moment to draw breath and reflect.” I paused -- he stood before me, hat in hand, looking composed enough. I resumed -

“Your mother was my father’s sister?”

“Yes.”

“My aunt, consequently?”

He bowed.

“My uncle John was your uncle John? You, Diana, and Mary are his sister’s children, as I am his brother’s child?”

“Undeniably.”

“You three, then, are my cousins; half our blood on each side flows from the same source?”

“We are cousins; yes.”

I surveyed him. It seemed I had found a brother: one I could be proud of, -- one I could love; and two sisters, whose qualities were such, that, when I knew them but as mere strangers, they had inspired me with genuine affection and admiration. The two girls, on whom, kneeling down on the wet ground, and looking through the low, latticed window of Moor House kitchen, I had gazed with so bitter a mixture of interest and despair, were my near kinswomen; and the young and stately gentleman who had found me almost dying at his threshold was my blood relation. Glorious discovery to a lonely wretch! This was wealth indeed! -- wealth to the heart! -- a mine of pure, genial affections. This was a blessing, bright, vivid, and exhilarating; -- not like the ponderous gift of gold: rich and welcome enough in its way, but sobering from its weight. I now clapped my hands in sudden joy -- my pulse bounded, my veins thrilled.

“Oh, I am glad! -- I am glad!” I exclaimed.

St. John smiled. “Did I not say you neglected essential points to pursue trifles?” he asked. “You were serious when I told you you had got a fortune; and now, for a matter of no moment, you are excited.”

“What can you mean? It may be of no moment to you; you have sisters and don’t care for a cousin; but I had nobody; and now three relations, -- or two, if you don’t choose to be counted, -- are born into my world full-grown. I say again, I am glad!”

I walked fast through the room: I stopped, half suffocated with the thoughts that rose faster than I could receive, comprehend, settle them: - thoughts of what might, could, would, and should be, and that ere long. I looked at the blank wall: it seemed a sky thick with ascending stars, -- every one lit me to a purpose or delight. Those who had saved my life, whom, till this hour, I had loved barrenly, I could now benefit. They were under a yoke, -- I could free them: they were scattered, -- I could reunite them: the independence, the affluence which was mine, might be theirs too. Were we not four? Twenty thousand pounds shared equally would be five thousand each, justice -- enough and to spare: justice would be done, -- mutual happiness secured. Now the wealth did not weigh on me: now it was not a mere bequest of coin, -- it was a legacy of life, hope, enjoyment.

How I looked while these ideas were taking my spirit by storm, I cannot tell; but I perceived soon that Mr. Rivers had placed a chair behind me, and was gently attempting to make me sit down on it. He also advised me to be composed; I scorned the insinuation of helplessness and distraction, shook off his hand, and began to walk about again.

“Write to Diana and Mary to-morrow,” I said, “and tell them to come home directly. Diana said they would both consider themselves rich with a thousand pounds, so with five thousand they will do very well.”

“Tell me where I can get you a glass of water,” said St. John; “you must really make an effort to tranquillise your feelings.”

“Nonsense! and what sort of an effect will the bequest have on you? Will it keep you in England, induce you to marry Miss Oliver, and settle down like an ordinary mortal?”

“You wander: your head becomes confused. I have been too abrupt in communicating the news; it has excited you beyond your strength.”

“Mr. Rivers! you quite put me out of patience: I am rational enough; it is you who misunderstand, or rather who affect to misunderstand.”

“Perhaps, if you explained yourself a little more fully, I should comprehend better.”

“Explain! What is there to explain? You cannot fail to see that twenty thousand pounds, the sum in question, divided equally between the nephew and three nieces of our uncle, will give five thousand to each? What I want is, that you should write to your sisters and tell them of the fortune that has accrued to them.”

“To you, you mean.”

“I have intimated my view of the case: I am incapable of taking any other. I am not brutally selfish, blindly unjust, or fiendishly ungrateful. Besides, I am resolved I will have a home and connections. I like Moor House, and I will live at Moor House; I like Diana and Mary, and I will attach myself for life to Diana and Mary. It would please and benefit me to have five thousand pounds; it would torment and oppress me to have twenty thousand; which, moreover, could never be mine in justice, though it might in law. I abandon to you, then, what is absolutely superfluous to me. Let there be no opposition, and no discussion about it; let us agree amongst each other, and decide the point at once.”

“This is acting on first impulses; you must take days to consider such a matter, ere your word can be regarded as valid.”

“Oh! if all you doubt is my sincerity, I am easy: you see the justice of the case?”

“I DO see a certain justice; but it is contrary to all custom. Besides, the entire fortune is your right: my uncle gained it by his own efforts; he was free to leave it to whom he would: he left it to you. After all, justice permits you to keep it: you may, with a clear conscience, consider it absolutely your own.”

“With me,” said I, “it is fully as much a matter of feeling as of conscience: I must indulge my feelings; I so seldom have had an opportunity of doing so. Were you to argue, object, and annoy me for a year, I could not forego the delicious pleasure of which I have caught a glimpse -- that of repaying, in part, a mighty obligation, and winning to myself lifelong friends.”

“You think so now,” rejoined St. John, “because you do not know what it is to possess, nor consequently to enjoy wealth: you cannot form a notion of the importance twenty thousand pounds would give you; of the place it would enable you to take in society; of the prospects it would open to you: you cannot -- “

“And you,” I interrupted, “cannot at all imagine the craving I have for fraternal and sisterly love. I never had a home, I never had brothers or sisters; I must and will have them now: you are not reluctant to admit me and own me, are you?”

“Jane, I will be your brother -- my sisters will be your sisters -- without stipulating for this sacrifice of your just rights.”

“Brother? Yes; at the distance of a thousand leagues! Sisters? Yes; slaving amongst strangers! I, wealthy -- gorged with gold I never earned and do not merit! You, penniless! Famous equality and fraternisation! Close union! Intimate attachment!”

“But, Jane, your aspirations after family ties and domestic happiness may be realised otherwise

than by the means you contemplate: you may marry.”

“Nonsense, again! Marry! I don’t want to marry, and never shall marry.”

“That is saying too much: such hazardous affirmations are a proof of the excitement under which you labour.”

“It is not saying too much: I know what I feel, and how averse are my inclinations to the bare thought of marriage. No one would take me for love; and I will not be regarded in the light of a mere money speculation. And I do not want a stranger -- unsympathising, alien, different from me; I want my kindred: those with whom I have full fellow-feeling. Say again you will be my brother: when you uttered the words I was satisfied, happy; repeat them, if you can, repeat them sincerely.”

“I think I can. I know I have always loved my own sisters; and I know on what my affection for them is grounded, -- respect for their worth and admiration of their talents. You too have principle and mind: your tastes and habits resemble Diana’s and Mary’s; your presence is always agreeable to me; in your conversation I have already for some time found a salutary solace. I feel I can easily and naturally make room in my heart for you, as my third and youngest sister.”

“Thank you: that contents me for to-night. Now you had better go; for if you stay longer, you will perhaps irritate me afresh by some mistrustful scruple.”

“And the school, Miss Eyre? It must now be shut up, I suppose?”

“No. I will retain my post of mistress till you get a substitute.”

He smiled approbation: we shook hands, and he took leave.

I need not narrate in detail the further struggles I had, and arguments I used, to get matters regarding the legacy settled as I wished. My task was a very hard one; but, as I was absolutely resolved -- as my cousins saw at length that my mind was really and immutably fixed on making a just division of the property -- as they must in their own hearts have felt the equity of the intention; and must, besides, have been innately conscious that in my place they would have done precisely what I wished to do -- they yielded at length so far as to consent to put the affair to arbitration. The judges chosen were Mr. Oliver and an able lawyer: both coincided in my opinion: I carried my point. The instruments of transfer were drawn out: St. John, Diana, Mary, and I, each became possessed of a competency.

CHAPTER XXXIV

It was near Christmas by the time all was settled: the season of general holiday approached. I now closed Morton school, taking care that the parting should not be barren on my side. Good fortune opens the hand as well as the heart wonderfully; and to give somewhat when we have largely received, is but to afford a vent to the unusual ebullition of the sensations. I had long felt with pleasure that many of my rustic scholars liked me, and when we parted, that consciousness was confirmed: they manifested their affection plainly and strongly. Deep was my gratification to find I had really a place in their unsophisticated hearts: I promised them that never a week should pass in future that I did not visit them, and give them an hour's teaching in their school.

Mr. Rivers came up as, having seen the classes, now numbering sixty girls, file out before me, and locked the door, I stood with the key in my hand, exchanging a few words of special farewell with some half-dozen of my best scholars: as decent, respectable, modest, and well-informed young women as could be found in the ranks of the British peasantry. And that is saying a great deal; for after all, the British peasantry are the best taught, best mannered, most self-respecting of any in Europe: since those days I have seen paysannes and Bauerinnen; and the best of them seemed to me ignorant, coarse, and besotted, compared with my Morton girls.

“Do you consider you have got your reward for a season of exertion?” asked Mr. Rivers, when they were gone. “Does not the consciousness of having done some real good in your day and generation give pleasure?”

“Doubtless.”

“And you have only toiled a few months! Would not a life devoted to the task of regenerating your race be well spent?”

“Yes,” I said; “but I could not go on for ever so: I want to enjoy my own faculties as well as to cultivate those of other people. I must enjoy them now; don't recall either my mind or body to the school; I am out of it and disposed for full holiday.”

He looked grave. “What now? What sudden eagerness is this you evince? What are you going to do?”

“To be active: as active as I can. And first I must beg you to set Hannah at liberty, and get somebody else to wait on you.”

“Do you want her?”

“Yes, to go with me to Moor House. Diana and Mary will be at home in a week, and I want to have everything in order against their arrival.”

“I understand. I thought you were for flying off on some excursion. It is better so: Hannah shall go with you.”

“Tell her to be ready by to-morrow then; and here is the schoolroom key: I will give you the key of my cottage in the morning.”

He took it. “You give it up very gleefully,” said he; “I don't quite understand your light-heartedness, because I cannot tell what employment you propose to yourself as a substitute for the one you are relinquishing. What aim, what purpose, what ambition in life have you now?”

“My first aim will be to CLEAN DOWN (do you comprehend the full force of the expression?) - to CLEAN DOWN Moor House from chamber to cellar; my next to rub it up with bees-wax, oil, and an indefinite number of cloths, till it glitters again; my third, to arrange every chair, table, bed, carpet, with mathematical precision; afterwards I shall go near to ruin you in coals and peat to keep up good fires in every room; and lastly, the two days preceding that on which your sisters are expected will be devoted by Hannah and me to such a beating of eggs, sorting of currants, grating of spices, compounding of Christmas cakes, chopping up of materials for mince-pies, and solemnising of other culinary rites, as words can convey but an inadequate notion of to the uninitiated like you. My purpose, in short, is to have all things in an absolutely perfect state of readiness for Diana and Mary before next Thursday; and my ambition is to give them a beau-ideal of a welcome when they come.”

St. John smiled slightly: still he was dissatisfied.

“It is all very well for the present,” said he; “but seriously, I trust that when the first flush of vivacity is over, you will look a little higher than domestic endearments and household joys.”

“The best things the world has!” I interrupted.

“No, Jane, no: this world is not the scene of fruition; do not attempt to make it so: nor of rest; do not turn slothful.”

“I mean, on the contrary, to be busy.”

“Jane, I excuse you for the present: two months’ grace I allow you for the full enjoyment of your new position, and for pleasing yourself with this late-found charm of relationship; but THEN, I hope you will begin to look beyond Moor House and Morton, and sisterly society, and the selfish calm and sensual comfort of civilised affluence. I hope your energies will then once more trouble you with their strength.”

I looked at him with surprise. “St. John,” I said, “I think you are almost wicked to talk so. I am disposed to be as content as a queen, and you try to stir me up to restlessness! To what end?”

“To the end of turning to profit the talents which God has committed to your keeping; and of which He will surely one day demand a strict account. Jane, I shall watch you closely and anxiously -- I warn you of that. And try to restrain the disproportionate fervour with which you throw yourself into commonplace home pleasures. Don’t cling so tenaciously to ties of the flesh; save your constancy and ardour for an adequate cause; forbear to waste them on trite transient objects. Do you hear, Jane?”

“Yes; just as if you were speaking Greek. I feel I have adequate cause to be happy, and I WILL be happy. Goodbye!”

Happy at Moor House I was, and hard I worked; and so did Hannah: she was charmed to see how jovial I could be amidst the bustle of a house turned topsy-turvy -- how I could brush, and dust, and clean, and cook. And really, after a day or two of confusion worse confounded, it was delightful by degrees to invoke order from the chaos ourselves had made. I had previously taken a journey to S- to purchase some new furniture: my cousins having given me CARTE BLANCHE to effect what alterations pleased, and a sum having been set aside for that purpose. The ordinary sitting-room and bedrooms I left much as they were: for I knew Diana and Mary would derive more pleasure from seeing again the old homely tables, and chairs, and beds, than from the spectacle of the smartest innovations. Still some novelty was necessary, to give to their return the piquancy with which I wished it to be invested. Dark handsome new carpets and curtains, an arrangement of some carefully selected antique ornaments in porcelain and bronze, new coverings, and mirrors, and dressing-cases, for the toilet tables, answered the end: they looked fresh without being glaring. A spare parlour and bedroom I refurnished entirely, with old

mahogany and crimson upholstery: I laid canvas on the passage, and carpets on the stairs. When all was finished, I thought Moor House as complete a model of bright modest snugness within, as it was, at this season, a specimen of wintry waste and desert dreariness without.

The eventful Thursday at length came. They were expected about dark, and ere dusk fires were lit upstairs and below; the kitchen was in perfect trim; Hannah and I were dressed, and all was in readiness.

St. John arrived first. I had entreated him to keep quite clear of the house till everything was arranged: and, indeed, the bare idea of the commotion, at once sordid and trivial, going on within its walls sufficed to scare him to estrangement. He found me in the kitchen, watching the progress of certain cakes for tea, then baking. Approaching the hearth, he asked, "If I was at last satisfied with housemaid's work?" I answered by inviting him to accompany me on a general inspection of the result of my labours. With some difficulty, I got him to make the tour of the house. He just looked in at the doors I opened; and when he had wandered upstairs and downstairs, he said I must have gone through a great deal of fatigue and trouble to have effected such considerable changes in so short a time: but not a syllable did he utter indicating pleasure in the improved aspect of his abode.

This silence damped me. I thought perhaps the alterations had disturbed some old associations he valued. I inquired whether this was the case: no doubt in a somewhat crest-fallen tone.

"Not at all; he had, on the contrary, remarked that I had scrupulously respected every association: he feared, indeed, I must have bestowed more thought on the matter than it was worth. How many minutes, for instance, had I devoted to studying the arrangement of this very room? -- By-the-bye, could I tell him where such a book was?"

I showed him the volume on the shelf: he took it down, and withdrawing to his accustomed window recess, he began to read it.

Now, I did not like this, reader. St. John was a good man; but I began to feel he had spoken truth of himself when he said he was hard and cold. The humanities and amenities of life had no attraction for him -- its peaceful enjoyments no charm. Literally, he lived only to aspire -- after what was good and great, certainly; but still he would never rest, nor approve of others resting round him. As I looked at his lofty forehead, still and pale as a white stone -- at his fine lineaments fixed in study -- I comprehended all at once that he would hardly make a good husband: that it would be a trying thing to be his wife. I understood, as by inspiration, the nature of his love for Miss Oliver; I agreed with him that it was but a love of the senses. I comprehended how he should despise himself for the feverish influence it exercised over him; how he should wish to stifle and destroy it; how he should mistrust its ever conducting permanently to his happiness or hers. I saw he was of the material from which nature hews her heroes -- Christian and Pagan -- her lawgivers, her statesmen, her conquerors: a steadfast bulwark for great interests to rest upon; but, at the fireside, too often a cold cumbrous column, gloomy and out of place.

"This parlour is not his sphere," I reflected: "the Himalayan ridge or Caffre bush, even the plague-cursed Guinea Coast swamp would suit him better. Well may he eschew the calm of domestic life; it is not his element: there his faculties stagnate -- they cannot develop or appear to advantage. It is in scenes of strife and danger -- where courage is proved, and energy exercised, and fortitude tasked -- that he will speak and move, the leader and superior. A merry child would have the advantage of him on this hearth. He is right to choose a missionary's career -- I see it now."

"They are coming! they are coming!" cried Hannah, throwing open the parlour door. At the same moment old Carlo barked joyfully. Out I ran. It was now dark; but a rumbling of wheels was audible.

Hannah soon had a lantern lit. The vehicle had stopped at the wicket; the driver opened the door: first one well-known form, then another, stepped out. In a minute I had my face under their bonnets, in contact first with Mary's soft cheek, then with Diana's flowing curls. They laughed -- kissed me -- then Hannah: patted Carlo, who was half wild with delight; asked eagerly if all was well; and being assured in the affirmative, hastened into the house.

They were stiff with their long and jolting drive from Whitcross, and chilled with the frosty night air; but their pleasant countenances expanded to the cheerful firelight. While the driver and Hannah brought in the boxes, they demanded St. John. At this moment he advanced from the parlour. They both threw their arms round his neck at once. He gave each one quiet kiss, said in a low tone a few words of welcome, stood a while to be talked to, and then, intimating that he supposed they would soon rejoin him in the parlour, withdrew there as to a place of refuge.

I had lit their candles to go upstairs, but Diana had first to give hospitable orders respecting the driver; this done, both followed me. They were delighted with the renovation and decorations of their rooms; with the new drapery, and fresh carpets, and rich tinted china vases: they expressed their gratification ungrudgingly. I had the pleasure of feeling that my arrangements met their wishes exactly, and that what I had done added a vivid charm to their joyous return home.

Sweet was that evening. My cousins, full of exhilaration, were so eloquent in narrative and comment, that their fluency covered St. John's taciturnity: he was sincerely glad to see his sisters; but in their glow of fervour and flow of joy he could not sympathise. The event of the day -- that is, the return of Diana and Mary -- pleased him; but the accompaniments of that event, the glad tumult, the garrulous glee of reception irked him: I saw he wished the calmer morrow was come. In the very meridian of the night's enjoyment, about an hour after tea, a rap was heard at the door. Hannah entered with the intimation that "a poor lad was come, at that unlikely time, to fetch Mr. Rivers to see his mother, who was drawing away."

"Where does she live, Hannah?"

"Clear up at Whitcross Brow, almost four miles off, and moor and moss all the way."

"Tell him I will go."

"I'm sure, sir, you had better not. It's the worst road to travel after dark that can be: there's no track at all over the bog. And then it is such a bitter night -- the keenest wind you ever felt. You had better send word, sir, that you will be there in the morning."

But he was already in the passage, putting on his cloak; and without one objection, one murmur, he departed. It was then nine o'clock: he did not return till midnight. Starved and tired enough he was: but he looked happier than when he set out. He had performed an act of duty; made an exertion; felt his own strength to do and deny, and was on better terms with himself.

I am afraid the whole of the ensuing week tried his patience. It was Christmas week: we took to no settled employment, but spent it in a sort of merry domestic dissipation. The air of the moors, the freedom of home, the dawn of prosperity, acted on Diana and Mary's spirits like some life-giving elixir: they were gay from morning till noon, and from noon till night. They could always talk; and their discourse, witty, pithy, original, had such charms for me, that I preferred listening to, and sharing in it, to doing anything else. St. John did not rebuke our vivacity; but he escaped from it: he was seldom in the house; his parish was large, the population scattered, and he found daily business in visiting the sick and poor in its different districts.

One morning at breakfast, Diana, after looking a little pensive for some minutes, asked him, "I

his plans were yet unchanged.”

“Unchanged and unchangeable,” was the reply. And he proceeded to inform us that his departure from England was now definitively fixed for the ensuing year.

“And Rosamond Oliver?” suggested Mary, the words seeming to escape her lips involuntarily: for no sooner had she uttered them, than she made a gesture as if wishing to recall them. St. John had a book in his hand -- it was his unsocial custom to read at meals -- he closed it, and looked up,

“Rosamond Oliver,” said he, “is about to be married to Mr. Granby, one of the best connected and most estimable residents in S-, grandson and heir to Sir Frederic Granby: I had the intelligence from her father yesterday.”

His sisters looked at each other and at me; we all three looked at him: he was serene as glass.

“The match must have been got up hastily,” said Diana: “they cannot have known each other long.”

“But two months: they met in October at the county ball at S-. But where there are no obstacles to a union, as in the present case, where the connection is in every point desirable, delays are unnecessary: they will be married as soon as S- Place, which Sir Frederic gives up to them, can be refitted for their reception.”

The first time I found St. John alone after this communication, I felt tempted to inquire if the event distressed him: but he seemed so little to need sympathy, that, so far from venturing to offer him more, I experienced some shame at the recollection of what I had already hazarded. Besides, I was out of practice in talking to him: his reserve was again frozen over, and my frankness was congealed beneath it. He had not kept his promise of treating me like his sisters; he continually made little chilling differences between us, which did not at all tend to the development of cordiality: in short, now that I was acknowledged his kinswoman, and lived under the same roof with him, I felt the distance between us to be far greater than when he had known me only as the village schoolmistress. When I remembered how far I had once been admitted to his confidence, I could hardly comprehend his present frigidity.

Such being the case, I felt not a little surprised when he raised his head suddenly from the desk over which he was stooping, and said -

“You see, Jane, the battle is fought and the victory won.”

Startled at being thus addressed, I did not immediately reply: after a moment’s hesitation I answered -

“But are you sure you are not in the position of those conquerors whose triumphs have cost them too dear? Would not such another ruin you?”

“I think not; and if I were, it does not much signify; I shall never be called upon to contend for such another. The event of the conflict is decisive: my way is now clear; I thank God for it!” So saying, he returned to his papers and his silence.

As our mutual happiness (i.e., Diana’s, Mary’s, and mine) settled into a quieter character, and we resumed our usual habits and regular studies, St. John stayed more at home: he sat with us in the same room, sometimes for hours together. While Mary drew, Diana pursued a course of encyclopaedic reading she had (to my awe and amazement) undertaken, and I fagged away at German, he pondered a mystic lore of his own: that of some Eastern tongue, the acquisition of which he thought necessary to his plans.

Thus engaged, he appeared, sitting in his own recess, quiet and absorbed enough; but that blue

eye of his had a habit of leaving the outlandish-looking grammar, and wandering over, and sometimes fixing upon us, his fellow-students, with a curious intensity of observation: if caught, it would be instantly withdrawn; yet ever and anon, it returned searchingly to our table. I wondered what it meant: I wondered, too, at the punctual satisfaction he never failed to exhibit on an occasion that seemed to me of small moment, namely, my weekly visit to Morton school; and still more was I puzzled when, if the day was unfavourable, if there was snow, or rain, or high wind, and his sisters urged me not to go, he would invariably make light of their solicitude, and encourage me to accomplish the task without regard to the elements.

“Jane is not such a weakling as you would make her,” he would say: “she can bear a mountain blast, or a shower, or a few flakes of snow, as well as any of us. Her constitution is both sound and elastic; -- better calculated to endure variations of climate than many more robust.”

And when I returned, sometimes a good deal tired, and not a little weather-beaten, I never dared complain, because I saw that to murmur would be to vex him: on all occasions fortitude pleased him; the reverse was a special annoyance.

One afternoon, however, I got leave to stay at home, because I really had a cold. His sisters were gone to Morton in my stead: I sat reading Schiller; he, deciphering his crabbed Oriental scrolls. As I exchanged a translation for an exercise, I happened to look his way: there I found myself under the influence of the ever-watchful blue eye. How long it had been searching me through and through, and over and over, I cannot tell: so keen was it, and yet so cold, I felt for the moment superstitious -- as if I were sitting in the room with something uncanny.

“Jane, what are you doing?”

“Learning German.”

“I want you to give up German and learn Hindostanee.”

“You are not in earnest?”

“In such earnest that I must have it so: and I will tell you why.”

He then went on to explain that Hindostanee was the language he was himself at present studying; that, as he advanced, he was apt to forget the commencement; that it would assist him greatly to have a pupil with whom he might again and again go over the elements, and so fix them thoroughly in his mind; that his choice had hovered for some time between me and his sisters; but that he had fixed on me because he saw I could sit at a task the longest of the three. Would I do him this favour? I should not, perhaps, have to make the sacrifice long, as it wanted now barely three months to his departure.

St. John was not a man to be lightly refused: you felt that every impression made on him, either for pain or pleasure, was deep-graved and permanent. I consented. When Diana and Mary returned, the former found her scholar transferred from her to her brother: she laughed, and both she and Mary agreed that St. John should never have persuaded them to such a step. He answered quietly -

“I know it.”

I found him a very patient, very forbearing, and yet an exacting master: he expected me to do a great deal; and when I fulfilled his expectations, he, in his own way, fully testified his approbation. By degrees, he acquired a certain influence over me that took away my liberty of mind: his praise and notice were more restraining than his indifference. I could no longer talk or laugh freely when he was by, because a tiresomely importunate instinct reminded me that vivacity (at least in me) was distasteful to

him. I was so fully aware that only serious moods and occupations were acceptable, that in his presence every effort to sustain or follow any other became vain: I fell under a freezing spell. When he said "go," I went; "come," I came; "do this," I did it. But I did not love my servitude: I wished, many a time, he had continued to neglect me.

One evening when, at bedtime, his sisters and I stood round him, bidding him good-night, he kissed each of them, as was his custom; and, as was equally his custom, he gave me his hand. Diana, who chanced to be in a frolicsome humour (SHE was not painfully controlled by his will; for hers, in another way, was as strong), exclaimed -

"St. John! you used to call Jane your third sister, but you don't treat her as such: you should kiss her too."

She pushed me towards him. I thought Diana very provoking, and felt uncomfortably confused; and while I was thus thinking and feeling, St. John bent his head; his Greek face was brought to a level with mine, his eyes questioned my eyes piercingly -- he kissed me. There are no such things as marble kisses or ice kisses, or I should say my ecclesiastical cousin's salute belonged to one of these classes; but there may be experiment kisses, and his was an experiment kiss. When given, he viewed me to learn the result; it was not striking: I am sure I did not blush; perhaps I might have turned a little pale, for I felt as if this kiss were a seal affixed to my fetters. He never omitted the ceremony afterwards, and the gravity and quiescence with which I underwent it, seemed to invest it for him with a certain charm.

As for me, I daily wished more to please him; but to do so, I felt daily more and more that I must disown half my nature, stifle half my faculties, wrest my tastes from their original bent, force myself to the adoption of pursuits for which I had no natural vocation. He wanted to train me to an elevation I could never reach; it racked me hourly to aspire to the standard he uplifted. The thing was as impossible as to mould my irregular features to his correct and classic pattern, to give to my changeable green eyes the sea-blue tint and solemn lustre of his own.

Not his ascendancy alone, however, held me in thrall at present. Of late it had been easy enough for me to look sad: a cankering evil sat at my heart and drained my happiness at its source -- the evil of suspense.

Perhaps you think I had forgotten Mr. Rochester, reader, amidst these changes of place and fortune. Not for a moment. His idea was still with me, because it was not a vapour sunshine could disperse, nor a sand-traced effigy storms could wash away; it was a name graven on a tablet, fated to last as long as the marble it inscribed. The craving to know what had become of him followed me everywhere; when I was at Morton, I re-entered my cottage every evening to think of that; and now at Moor House, I sought my bedroom each night to brood over it.

In the course of my necessary correspondence with Mr. Briggs about the will, I had inquired if he knew anything of Mr. Rochester's present residence and state of health; but, as St. John had conjectured, he was quite ignorant of all concerning him. I then wrote to Mrs. Fairfax, entreating information on the subject. I had calculated with certainty on this step answering my end: I felt sure it would elicit an early answer. I was astonished when a fortnight passed without reply; but when two months wore away, and day after day the post arrived and brought nothing for me, I fell a prey to the keenest anxiety.

I wrote again: there was a chance of my first letter having missed. Renewed hope followed renewed effort: it shone like the former for some weeks, then, like it, it faded, flickered: not a line, not a word reached me. When half a year wasted in vain expectancy, my hope died out, and then I felt dark

indeed.

A fine spring shone round me, which I could not enjoy. Summer approached; Diana tried to cheer me: she said I looked ill, and wished to accompany me to the sea-side. This St. John opposed; he said I did not want dissipation, I wanted employment; my present life was too purposeless, I required an aim; and, I suppose, by way of supplying deficiencies, he prolonged still further my lessons in Hindostanee, and grew more urgent in requiring their accomplishment: and I, like a fool, never thought of resisting him - - I could not resist him.

One day I had come to my studies in lower spirits than usual; the ebb was occasioned by a poignantly felt disappointment. Hannah had told me in the morning there was a letter for me, and when I went down to take it, almost certain that the long-looked for tidings were vouchsafed me at last, I found only an unimportant note from Mr. Briggs on business. The bitter check had wrung from me some tears; and now, as I sat poring over the crabbed characters and flourishing tropes of an Indian scribe, my eyes filled again.

St. John called me to his side to read; in attempting to do this my voice failed me: words were lost in sobs. He and I were the only occupants of the parlour: Diana was practising her music in the drawing-room, Mary was gardening -- it was a very fine May day, clear, sunny, and breezy. My companion expressed no surprise at this emotion, nor did he question me as to its cause; he only said -

“We will wait a few minutes, Jane, till you are more composed.” And while I smothered the paroxysm with all haste, he sat calm and patient, leaning on his desk, and looking like a physician watching with the eye of science an expected and fully understood crisis in a patient’s malady. Having stifled my sobs, wiped my eyes, and muttered something about not being very well that morning, I resumed my task, and succeeded in completing it. St. John put away my books and his, locked his desk, and said -

“Now, Jane, you shall take a walk; and with me.”

“I will call Diana and Mary.”

“No; I want only one companion this morning, and that must be you. Put on your things; go out by the kitchen-door: take the road towards the head of Marsh Glen: I will join you in a moment.”

I know no medium: I never in my life have known any medium in my dealings with positive, hard characters, antagonistic to my own, between absolute submission and determined revolt. I have always faithfully observed the one, up to the very moment of bursting, sometimes with volcanic vehemence, into the other; and as neither present circumstances warranted, nor my present mood inclined me to mutiny, I observed careful obedience to St. John’s directions; and in ten minutes I was treading the wild track of the glen, side by side with him.

The breeze was from the west: it came over the hills, sweet with scents of heath and rush; the sky was of stainless blue; the stream descending the ravine, swelled with past spring rains, poured along plentiful and clear, catching golden gleams from the sun, and sapphire tints from the firmament. As we advanced and left the track, we trod a soft turf, mossy fine and emerald green, minutely enamelled with a tiny white flower, and spangled with a star-like yellow blossom: the hills, meantime, shut us quite in; for the glen, towards its head, wound to their very core.

“Let us rest here,” said St. John, as we reached the first stragglers of a battalion of rocks, guarding a sort of pass, beyond which the beck rushed down a waterfall; and where, still a little farther, the mountain shook off turf and flower, had only heath for raiment and crag for gem -- where it

exaggerated the wild to the savage, and exchanged the fresh for the frowning -- where it guarded the forlorn hope of solitude, and a last refuge for silence.

I took a seat: St. John stood near me. He looked up the pass and down the hollow; his glance wandered away with the stream, and returned to traverse the unclouded heaven which coloured it: he removed his hat, let the breeze stir his hair and kiss his brow. He seemed in communion with the genius of the haunt: with his eye he bade farewell to something.

“And I shall see it again,” he said aloud, “in dreams when I sleep by the Ganges: and again in a more remote hour -- when another slumber overcomes me -- on the shore of a darker stream!”

Strange words of a strange love! An austere patriot’s passion for his fatherland! He sat down; for half-an-hour we never spoke; neither he to me nor I to him: that interval past, he recommenced -

“Jane, I go in six weeks; I have taken my berth in an East Indiaman which sails on the 20th of June.”

“God will protect you; for you have undertaken His work,” I answered.

“Yes,” said he, “there is my glory and joy. I am the servant of an infallible Master. I am not going out under human guidance, subject to the defective laws and erring control of my feeble fellow-worms: my king, my lawgiver, my captain, is the All-perfect. It seems strange to me that all round me do not burn to enlist under the same banner, -- to join in the same enterprise.”

“All have not your powers, and it would be folly for the feeble to wish to march with the strong.”

“I do not speak to the feeble, or think of them: I address only such as are worthy of the work, and competent to accomplish it.”

“Those are few in number, and difficult to discover.”

“You say truly; but when found, it is right to stir them up -- to urge and exhort them to the effort -- to show them what their gifts are, and why they were given -- to speak Heaven’s message in their ear, -- to offer them, direct from God, a place in the ranks of His chosen.”

“If they are really qualified for the task, will not their own hearts be the first to inform them of it?”

I felt as if an awful charm was framing round and gathering over me: I trembled to hear some fatal word spoken which would at once declare and rivet the spell.

“And what does YOUR heart say?” demanded St. John.

“My heart is mute, -- my heart is mute,” I answered, struck and thrilled.

“Then I must speak for it,” continued the deep, relentless voice. “Jane, come with me to India: come as my helpmeet and fellow-labourer.”

The glen and sky spun round: the hills heaved! It was as if I had heard a summons from Heaven -- as if a visionary messenger, like him of Macedonia, had enounced, “Come over and help us!” But I was no apostle, -- I could not behold the herald, -- I could not receive his call.

“Oh, St. John!” I cried, “have some mercy!”

I appealed to one who, in the discharge of what he believed his duty, knew neither mercy nor remorse. He continued -

“God and nature intended you for a missionary’s wife. It is not personal, but mental endowments they have given you: you are formed for labour, not for love. A missionary’s wife you must -- shall be. You shall be mine: I claim you -- not for my pleasure, but for my Sovereign’s service.”

“I am not fit for it: I have no vocation,” I said.

He had calculated on these first objections: he was not irritated by them. Indeed, as he leaned back against the crag behind him, folded his arms on his chest, and fixed his countenance, I saw he was prepared for a long and trying opposition, and had taken in a stock of patience to last him to its close -- resolved, however, that that close should be conquest for him.

“Humility, Jane,” said he, “is the groundwork of Christian virtues: you say right that you are not fit for the work. Who is fit for it? Or who, that ever was truly called, believed himself worthy of the summons? I, for instance, am but dust and ashes. With St. Paul, I acknowledge myself the chiefest of sinners; but I do not suffer this sense of my personal vileness to daunt me. I know my Leader: that He is just as well as mighty; and while He has chosen a feeble instrument to perform a great task, He will, from the boundless stores of His providence, supply the inadequacy of the means to the end. Think like me, Jane -- trust like me. It is the Rock of Ages I ask you to lean on: do not doubt but it will bear the weight of your human weakness.”

“I do not understand a missionary life: I have never studied missionary labours.”

“There I, humble as I am, can give you the aid you want: I can set you your task from hour to hour; stand by you always; help you from moment to moment. This I could do in the beginning: soon (for I know your powers) you would be as strong and apt as myself, and would not require my help.”

“But my powers -- where are they for this undertaking? I do not feel them. Nothing speaks or stirs in me while you talk. I am sensible of no light kindling -- no life quickening -- no voice counselling or cheering. Oh, I wish I could make you see how much my mind is at this moment like a rayless dungeon, with one shrinking fear fettered in its depths -- the fear of being persuaded by you to attempt what I cannot accomplish!”

“I have an answer for you -- hear it. I have watched you ever since we first met: I have made you my study for ten months. I have proved you in that time by sundry tests: and what have I seen and elicited? In the village school I found you could perform well, punctually, uprightly, labour uncongenial to your habits and inclinations; I saw you could perform it with capacity and tact: you could win while you controlled. In the calm with which you learnt you had become suddenly rich, I read a mind clear of the vice of Demas:- lucre had no undue power over you. In the resolute readiness with which you cut your wealth into four shares, keeping but one to yourself, and relinquishing the three others to the claim of abstract justice, I recognised a soul that revelled in the flame and excitement of sacrifice. In the tractability with which, at my wish, you forsook a study in which you were interested, and adopted another because it interested me; in the untiring assiduity with which you have since persevered in it -- in the unflagging energy and unshaken temper with which you have met its difficulties -- I acknowledge the complement of the qualities I seek. Jane, you are docile, diligent, disinterested, faithful, constant, and courageous; very gentle, and very heroic: cease to mistrust yourself -- I can trust you unreservedly. As a conductress of Indian schools, and a helper amongst Indian women, your assistance will be to me invaluable.”

My iron shroud contracted round me; persuasion advanced with slow sure step. Shut my eyes as I would, these last words of his succeeded in making the way, which had seemed blocked up,

comparatively clear. My work, which had appeared so vague, so hopelessly diffuse, condensed itself as he proceeded, and assumed a definite form under his shaping hand. He waited for an answer. I demanded a quarter of an hour to think, before I again hazarded a reply.

“Very willingly,” he rejoined; and rising, he strode a little distance up the pass, threw himself down on a swell of heath, and there lay still.

“I CAN do what he wants me to do: I am forced to see and acknowledge that,” I meditated, -- “that is, if life be spared me. But I feel mine is not the existence to be long protracted under an Indian sun. What then? He does not care for that: when my time came to die, he would resign me, in all serenity and sanctity, to the God who gave me. The case is very plain before me. In leaving England, I should leave a loved but empty land -- Mr. Rochester is not there; and if he were, what is, what can that ever be to me? My business is to live without him now: nothing so absurd, so weak as to drag on from day to day, as if I were waiting some impossible change in circumstances, which might reunite me to him. Of course (as St. John once said) I must seek another interest in life to replace the one lost: is not the occupation he now offers me truly the most glorious man can adopt or God assign? Is it not, by its noble cares and sublime results, the one best calculated to fill the void left by upturned affections and demolished hopes? I believe I must say, Yes -- and yet I shudder. Alas! If I join St. John, I abandon half myself: if I go to India, I go to premature death. And how will the interval between leaving England for India, and India for the grave, be filled? Oh, I know well! That, too, is very clear to my vision. By straining to satisfy St. John till my sinews ache, I SHALL satisfy him -- to the finest central point and farthest outward circle of his expectations. If I DO go with him -- if I DO make the sacrifice he urges, I will make it absolutely: I will throw all on the altar -- heart, vitals, the entire victim. He will never love me; but he shall approve me; I will show him energies he has not yet seen, resources he has never suspected. Yes, I can work as hard as he can, and with as little grudging.

“Consent, then, to his demand is possible: but for one item -- one dreadful item. It is -- that he asks me to be his wife, and has no more of a husband’s heart for me than that frowning giant of a rock, down which the stream is foaming in yonder gorge. He prizes me as a soldier would a good weapon; and that is all. Unmarried to him, this would never grieve me; but can I let him complete his calculations -- coolly put into practice his plans -- go through the wedding ceremony? Can I receive from him the bridal ring, endure all the forms of love (which I doubt not he would scrupulously observe) and know that the spirit was quite absent? Can I bear the consciousness that every endearment he bestows is a sacrifice made on principle? No: such a martyrdom would be monstrous. I will never undergo it. As his sister, I might accompany him -- not as his wife: I will tell him so.”

I looked towards the knoll: there he lay, still as a prostrate column; his face turned to me: his eye beaming watchful and keen. He started to his feet and approached me.

“I am ready to go to India, if I may go free.”

“Your answer requires a commentary,” he said; “it is not clear.”

“You have hitherto been my adopted brother -- I, your adopted sister: let us continue as such: you and I had better not marry.”

He shook his head. “Adopted fraternity will not do in this case. If you were my real sister it would be different: I should take you, and seek no wife. But as it is, either our union must be consecrated and sealed by marriage, or it cannot exist: practical obstacles oppose themselves to any other plan. Do you not see it, Jane? Consider a moment -- your strong sense will guide you.”

I did consider; and still my sense, such as it was, directed me only to the fact that we did not love each other as man and wife should: and therefore it inferred we ought not to marry. I said so. "St. John," I returned, "I regard you as a brother -- you, me as a sister: so let us continue."

"We cannot -- we cannot," he answered, with short, sharp determination: "it would not do. You have said you will go with me to India: remember -- you have said that."

"Conditionally."

"Well -- well. To the main point -- the departure with me from England, the co-operation with me in my future labours -- you do not object. You have already as good as put your hand to the plough: you are too consistent to withdraw it. You have but one end to keep in view -- how the work you have undertaken can best be done. Simplify your complicated interests, feelings, thoughts, wishes, aims; merge all considerations in one purpose: that of fulfilling with effect -- with power -- the mission of your great Master. To do so, you must have a coadjutor: not a brother -- that is a loose tie -- but a husband. I, too, do not want a sister: a sister might any day be taken from me. I want a wife: the sole helpmeet I can influence efficiently in life, and retain absolutely till death."

I shuddered as he spoke: I felt his influence in my marrow -- his hold on my limbs.

"Seek one elsewhere than in me, St. John: seek one fitted to you."

"One fitted to my purpose, you mean -- fitted to my vocation. Again I tell you it is not the insignificant private individual -- the mere man, with the man's selfish senses -- I wish to mate: it is the missionary."

"And I will give the missionary my energies -- it is all he wants -- but not myself: that would be only adding the husk and shell to the kernel. For them he has no use: I retain them."

"You cannot -- you ought not. Do you think God will be satisfied with half an oblation? Will He accept a mutilated sacrifice? It is the cause of God I advocate: it is under His standard I enlist you. I cannot accept on His behalf a divided allegiance: it must be entire."

"Oh! I will give my heart to God," I said. "YOU do not want it."

I will not swear, reader, that there was not something of repressed sarcasm both in the tone in which I uttered this sentence, and in the feeling that accompanied it. I had silently feared St. John till now, because I had not understood him. He had held me in awe, because he had held me in doubt. How much of him was saint, how much mortal, I could not heretofore tell: but revelations were being made in this conference: the analysis of his nature was proceeding before my eyes. I saw his fallibilities: I comprehended them. I understood that, sitting there where I did, on the bank of heath, and with that handsome form before me, I sat at the feet of a man, caring as I. The veil fell from his hardness and despotism. Having felt in him the presence of these qualities, I felt his imperfection and took courage. I was with an equal -- one with whom I might argue -- one whom, if I saw good, I might resist.

He was silent after I had uttered the last sentence, and I presently risked an upward glance at his countenance.

His eye, bent on me, expressed at once stern surprise and keen inquiry. "Is she sarcastic, and sarcastic to ME!" it seemed to say. "What does this signify?"

"Do not let us forget that this is a solemn matter," he said ere long; "one of which we may neither think nor talk lightly without sin. I trust, Jane, you are in earnest when you say you will serve your heart to God: it is all I want. Once wrench your heart from man, and fix it on your Maker, the advancement of that

Maker's spiritual kingdom on earth will be your chief delight and endeavour; you will be ready to do at once whatever furthers that end. You will see what impetus would be given to your efforts and mine by our physical and mental union in marriage: the only union that gives a character of permanent conformity to the destinies and designs of human beings; and, passing over all minor caprices -- all trivial difficulties and delicacies of feeling -- all scruple about the degree, kind, strength or tenderness of mere personal inclination -- you will hasten to enter into that union at once."

"Shall I?" I said briefly; and I looked at his features, beautiful in their harmony, but strangely formidable in their still severity; at his brow, commanding but not open; at his eyes, bright and deep and searching, but never soft; at his tall imposing figure; and fancied myself in idea HIS WIFE. Oh! it would never do! As his curate, his comrade, all would be right: I would cross oceans with him in that capacity; toil under Eastern suns, in Asian deserts with him in that office; admire and emulate his courage and devotion and vigour; accommodate quietly to his masterhood; smile undisturbed at his ineradicable ambition; discriminate the Christian from the man: profoundly esteem the one, and freely forgive the other. I should suffer often, no doubt, attached to him only in this capacity: my body would be under rather a stringent yoke, but my heart and mind would be free. I should still have my unblighted self to turn to: my natural unenslaved feelings with which to communicate in moments of loneliness. There would be recesses in my mind which would be only mine, to which he never came, and sentiments growing there fresh and sheltered which his austerity could never blight, nor his measured warrior-march trample down: but as his wife -- at his side always, and always restrained, and always checked -- forced to keep the fire of my nature continually low, to compel it to burn inwardly and never utter a cry, though the imprisoned flame consumed vital after vital -- THIS would be unendurable.

"St. John!" I exclaimed, when I had got so far in my meditation.

"Well?" he answered icily.

"I repeat I freely consent to go with you as your fellow-missionary, but not as your wife; I cannot marry you and become part of you."

"A part of me you must become," he answered steadily; "otherwise the whole bargain is void. How can I, a man not yet thirty, take out with me to India a girl of nineteen, unless she be married to me? How can we be for ever together -- sometimes in solitudes, sometimes amidst savage tribes -- and unwed?"

"Very well," I said shortly; "under the circumstances, quite as well as if I were either your real sister, or a man and a clergyman like yourself."

"It is known that you are not my sister; I cannot introduce you as such: to attempt it would be to fasten injurious suspicions on us both. And for the rest, though you have a man's vigorous brain, you have a woman's heart and -- it would not do."

"It would do," I affirmed with some disdain, "perfectly well. I have a woman's heart, but not where you are concerned; for you I have only a comrade's constancy; a fellow-soldier's frankness, fidelity, fraternity, if you like; a neophyte's respect and submission to his hierophant: nothing more -- don't fear."

"It is what I want," he said, speaking to himself; "it is just what I want. And there are obstacles in the way: they must be hewn down. Jane, you would not repent marrying me -- be certain of that; we MUST be married. I repeat it: there is no other way; and undoubtedly enough of love would follow upon marriage to render the union right even in your eyes."

“I scorn your idea of love,” I could not help saying, as I rose up and stood before him, leaning my back against the rock. “I scorn the counterfeit sentiment you offer: yes, St. John, and I scorn you when you offer it.”

He looked at me fixedly, compressing his well-cut lips while he did so. Whether he was incensed or surprised, or what, it was not easy to tell: he could command his countenance thoroughly.

“I scarcely expected to hear that expression from you,” he said: “I think I have done and uttered nothing to deserve scorn.”

I was touched by his gentle tone, and overawed by his high, calm mien.

“Forgive me the words, St. John; but it is your own fault that I have been roused to speak so unguardedly. You have introduced a topic on which our natures are at variance -- a topic we should never discuss: the very name of love is an apple of discord between us. If the reality were required, what should we do? How should we feel? My dear cousin, abandon your scheme of marriage -- forget it.”

“No,” said he; “it is a long-cherished scheme, and the only one which can secure my great end: but I shall urge you no further at present. To-morrow, I leave home for Cambridge: I have many friends there to whom I should wish to say farewell. I shall be absent a fortnight -- take that space of time to consider my offer: and do not forget that if you reject it, it is not me you deny, but God. Through my means, He opens to you a noble career; as my wife only can you enter upon it. Refuse to be my wife, and you limit yourself for ever to a track of selfish ease and barren obscurity. Tremble lest in that case you should be numbered with those who have denied the faith, and are worse than infidels!”

He had done. Turning from me, he once more

“Looked to river, looked to hill.”

But this time his feelings were all pent in his heart: I was not worthy to hear them uttered. As I walked by his side homeward, I read well in his iron silence all he felt towards me: the disappointment of an austere and despotic nature, which has met resistance where it expected submission -- the disapprobation of a cool, inflexible judgment, which has detected in another feelings and views in which it has no power to sympathise: in short, as a man, he would have wished to coerce me into obedience: it was only as a sincere Christian he bore so patiently with my perversity, and allowed so long a space for reflection and repentance.

That night, after he had kissed his sisters, he thought proper to forget even to shake hands with me, but left the room in silence. I -- who, though I had no love, had much friendship for him -- was hurt by the marked omission: so much hurt that tears started to my eyes.

“I see you and St. John have been quarrelling, Jane,” said Diana, “during your walk on the moor. But go after him; he is now lingering in the passage expecting you -- he will make it up.”

I have not much pride under such circumstances: I would always rather be happy than dignified; and I ran after him -- he stood at the foot of the stairs.

“Good-night, St. John,” said I.

“Good-night, Jane,” he replied calmly.

“Then shake hands,” I added.

What a cold, loose touch, he impressed on my fingers! He was deeply displeased by what had occurred that day; cordiality would not warm, nor tears move him. No happy reconciliation was to be had

with him -- no cheering smile or generous word: but still the Christian was patient and placid; and when I asked him if he forgave me, he answered that he was not in the habit of cherishing the remembrance of vexation; that he had nothing to forgive, not having been offended.

And with that answer he left me. I would much rather he had knocked me down.

CHAPTER XXXV

He did not leave for Cambridge the next day, as he had said he would. He deferred his departure a whole week, and during that time he made me feel what severe punishment a good yet stern, a conscientious yet implacable man can inflict on one who has offended him. Without one overt act of hostility, one upbraiding word, he contrived to impress me momentarily with the conviction that I was put beyond the pale of his favour.

Not that St. John harboured a spirit of unchristian vindictiveness -- not that he would have injured a hair of my head, if it had been fully in his power to do so. Both by nature and principle, he was superior to the mean gratification of vengeance: he had forgiven me for saying I scorned him and his love, but he had not forgotten the words; and as long as he and I lived he never would forget them. I saw by his look, when he turned to me, that they were always written on the air between me and him; whenever I spoke, they sounded in my voice to his ear, and their echo toned every answer he gave me.

He did not abstain from conversing with me: he even called me as usual each morning to join him at his desk; and I fear the corrupt man within him had a pleasure unimparted to, and unshared by, the pure Christian, in evincing with what skill he could, while acting and speaking apparently just as usual, extract from every deed and every phrase the spirit of interest and approval which had formerly communicated a certain austere charm to his language and manner. To me, he was in reality become no longer flesh, but marble; his eye was a cold, bright, blue gem; his tongue a speaking instrument -- nothing more.

All this was torture to me -- refined, lingering torture. It kept up a slow fire of indignation and a trembling trouble of grief, which harassed and crushed me altogether. I felt how -- if I were his wife, this good man, pure as the deep sunless source, could soon kill me, without drawing from my veins a single drop of blood, or receiving on his own crystal conscience the faintest stain of crime. Especially I felt this when I made any attempt to propitiate him. No ruth met my ruth. HE experienced no suffering from estrangement -- no yearning after reconciliation; and though, more than once, my fast falling tears blistered the page over which we both bent, they produced no more effect on him than if his heart had been really a matter of stone or metal. To his sisters, meantime, he was somewhat kinder than usual: as if afraid that mere coldness would not sufficiently convince me how completely I was banished and banned, he added the force of contrast; and this I am sure he did not by force, but on principle.

The night before he left home, happening to see him walking in the garden about sunset, and remembering, as I looked at him, that this man, alienated as he now was, had once saved my life, and that we were near relations, I was moved to make a last attempt to regain his friendship. I went out and approached him as he stood leaning over the little gate; I spoke to the point at once.

“St. John, I am unhappy because you are still angry with me. Let us be friends.”

“I hope we are friends,” was the unmoved reply; while he still watched the rising of the moon, which he had been contemplating as I approached.

“No, St. John, we are not friends as we were. You know that.”

“Are we not? That is wrong. For my part, I wish you no ill and all good.”

“I believe you, St. John; for I am sure you are incapable of wishing any one ill; but, as I am your kinswoman, I should desire somewhat more of affection than that sort of general philanthropy you extend

to mere strangers.”

“Of course,” he said. “Your wish is reasonable, and I am far from regarding you as a stranger.”

This, spoken in a cool, tranquil tone, was mortifying and baffling enough. Had I attended to the suggestions of pride and ire, I should immediately have left him; but something worked within me more strongly than those feelings could. I deeply venerated my cousin’s talent and principle. His friendship was of value to me: to lose it tried me severely. I would not so soon relinquish the attempt to reconquer it.

“Must we part in this way, St. John? And when you go to India, will you leave me so, without a kinder word than you have yet spoken?”

He now turned quite from the moon and faced me.

“When I go to India, Jane, will I leave you! What! do you not go to India?”

“You said I could not unless I married you.”

“And you will not marry me! You adhere to that resolution?”

Reader, do you know, as I do, what terror those cold people can put into the ice of their questions? How much of the fall of the avalanche is in their anger? of the breaking up of the frozen sea in their displeasure?

“No. St. John, I will not marry you. I adhere to my resolution.”

The avalanche had shaken and slid a little forward, but it did not yet crash down.

“Once more, why this refusal?” he asked.

“Formerly,” I answered, “because you did not love me; now, I reply, because you almost hate me. If I were to marry you, you would kill me. You are killing me now.”

His lips and cheeks turned white -- quite white.

“I SHOULD KILL YOU -- I AM KILLING YOU? Your words are such as ought not to be used: violent, unfeminine, and untrue. They betray an unfortunate state of mind: they merit severe reproof: they would seem inexcusable, but that it is the duty of man to forgive his fellow even until seventy-and-seven times.”

I had finished the business now. While earnestly wishing to erase from his mind the trace of my former offence, I had stamped on that tenacious surface another and far deeper impression, I had burnt it in.

“Now you will indeed hate me,” I said. “It is useless to attempt to conciliate you: I see I have made an eternal enemy of you.”

A fresh wrong did these words inflict: the worse, because they touched on the truth. That bloodless lip quivered to a temporary spasm. I knew the steely ire I had whetted. I was heart-wrung.

“You utterly misinterpret my words,” I said, at once seizing his hand: “I have no intention to grieve or pain you -- indeed, I have not.”

Most bitterly he smiled -- most decidedly he withdrew his hand from mine. “And now you recall your promise, and will not go to India at all, I presume?” said he, after a considerable pause.

“Yes, I will, as your assistant,” I answered.

A very long silence succeeded. What struggle there was in him between Nature and Grace in this interval, I cannot tell: only singular gleams scintillated in his eyes, and strange shadows passed over his

face. He spoke at last.

“I before proved to you the absurdity of a single woman of your age proposing to accompany abroad a single man of mine. I proved it to you in such terms as, I should have thought, would have prevented your ever again alluding to the plan. That you have done so, I regret -- for your sake.”

I interrupted him. Anything like a tangible reproach gave me courage at once. “Keep to common sense, St. John: you are verging on nonsense. You pretend to be shocked by what I have said. You are not really shocked: for, with your superior mind, you cannot be either so dull or so conceited as to misunderstand my meaning. I say again, I will be your curate, if you like, but never your wife.”

Again he turned lividly pale; but, as before, controlled his passion perfectly. He answered emphatically but calmly -

“A female curate, who is not my wife, would never suit me. With me, then, it seems, you cannot go: but if you are sincere in your offer, I will, while in town, speak to a married missionary, whose wife needs a coadjutor. Your own fortune will make you independent of the Society’s aid; and thus you may still be spared the dishonour of breaking your promise and deserting the band you engaged to join.”

Now I never had, as the reader knows, either given any formal promise or entered into any engagement; and this language was all much too hard and much too despotic for the occasion. I replied -

“There is no dishonour, no breach of promise, no desertion in the case. I am not under the slightest obligation to go to India, especially with strangers. With you I would have ventured much, because I admire, confide in, and, as a sister, I love you; but I am convinced that, go when and with whom I would, I should not live long in that climate.”

“Ah! you are afraid of yourself,” he said, curling his lip.

“I am. God did not give me my life to throw away; and to do as you wish me would, I begin to think, be almost equivalent to committing suicide. Moreover, before I definitively resolve on quitting England, I will know for certain whether I cannot be of greater use by remaining in it than by leaving it.”

“What do you mean?”

“It would be fruitless to attempt to explain; but there is a point on which I have long endured painful doubt, and I can go nowhere till by some means that doubt is removed.”

“I know where your heart turns and to what it clings. The interest you cherish is lawless and unconsecrated. Long since you ought to have crushed it: now you should blush to allude to it. You think of Mr. Rochester?”

It was true. I confessed it by silence.

“Are you going to seek Mr. Rochester?”

“I must find out what is become of him.”

“It remains for me, then,” he said, “to remember you in my prayers, and to entreat God for you, in all earnestness, that you may not indeed become a castaway. I had thought I recognised in you one of the chosen. But God sees not as man sees: HIS will be done -- “

He opened the gate, passed through it, and strayed away down the glen. He was soon out of sight.

On re-entering the parlour, I found Diana standing at the window, looking very thoughtful. Diana was a great deal taller than I: she put her hand on my shoulder, and, stooping, examined my face.

“Jane,” she said, “you are always agitated and pale now. I am sure there is something the matter.

Tell me what business St. John and you have on hands. I have watched you this half hour from the window; you must forgive my being such a spy, but for a long time I have fancied I hardly know what. St. John is a strange being -- “

She paused -- I did not speak: soon she resumed -

“That brother of mine cherishes peculiar views of some sort respecting you, I am sure: he has long distinguished you by a notice and interest he never showed to any one else -- to what end? I wish he loved you -- does he, Jane?”

I put her cool hand to my hot forehead; “No, Die, not one whit.”

“Then why does he follow you so with his eyes, and get you so frequently alone with him, and keep you so continually at his side? Mary and I had both concluded he wished you to marry him.”

“He does -- he has asked me to be his wife.”

Diana clapped her hands. “That is just what we hoped and thought! And you will marry him, Jane, won’t you? And then he will stay in England.”

“Far from that, Diana; his sole idea in proposing to me is to procure a fitting fellow-labourer in his Indian toils.”

“What! He wishes you to go to India?”

“Yes.”

“Madness!” she exclaimed. “You would not live three months there, I am certain. You never shall go: you have not consented, have you, Jane?”

“I have refused to marry him -- “

“And have consequently displeased him?” she suggested.

“Deeply: he will never forgive me, I fear: yet I offered to accompany him as his sister.”

“It was frantic folly to do so, Jane. Think of the task you undertook -- one of incessant fatigue, where fatigue kills even the strong, and you are weak. St. John -- you know him -- would urge you to impossibilities: with him there would be no permission to rest during the hot hours; and unfortunately, I have noticed, whatever he exacts, you force yourself to perform. I am astonished you found courage to refuse his hand. You do not love him then, Jane?”

“Not as a husband.”

“Yet he is a handsome fellow.”

“And I am so plain, you see, Die. We should never suit.”

“Plain! You? Not at all. You are much too pretty, as well as too good, to be grilled alive in Calcutta.” And again she earnestly conjured me to give up all thoughts of going out with her brother.

“I must indeed,” I said; “for when just now I repeated the offer of serving him for a deacon, he expressed himself shocked at my want of decency. He seemed to think I had committed an impropriety in proposing to accompany him unmarried: as if I had not from the first hoped to find in him a brother, and habitually regarded him as such.”

“What makes you say he does not love you, Jane?”

“You should hear himself on the subject. He has again and again explained that it is not himself, but his office he wishes to mate. He has told me I am formed for labour -- not for love: which is true, no

doubt. But, in my opinion, if I am not formed for love, it follows that I am not formed for marriage. Would it not be strange, Die, to be chained for life to a man who regarded one but as a useful tool?"

"Insupportable -- unnatural -- out of the question!"

"And then," I continued, "though I have only sisterly affection for him now, yet, if forced to be his wife, I can imagine the possibility of conceiving an inevitable, strange, torturing kind of love for him, because he is so talented; and there is often a certain heroic grandeur in his look, manner, and conversation. In that case, my lot would become unspeakably wretched. He would not want me to love him; and if I showed the feeling, he would make me sensible that it was a superfluity, unrequired by him, unbecoming in me. I know he would."

"And yet St. John is a good man," said Diana.

"He is a good and a great man; but he forgets, pitilessly, the feelings and claims of little people, in pursuing his own large views. It is better, therefore, for the insignificant to keep out of his way, lest, in his progress, he should trample them down. Here he comes! I will leave you, Diana." And I hastened upstairs as I saw him entering the garden.

But I was forced to meet him again at supper. During that meal he appeared just as composed as usual. I had thought he would hardly speak to me, and I was certain he had given up the pursuit of his matrimonial scheme: the sequel showed I was mistaken on both points. He addressed me precisely in his ordinary manner, or what had, of late, been his ordinary manner -- one scrupulously polite. No doubt he had invoked the help of the Holy Spirit to subdue the anger I had roused in him, and now believed he had forgiven me once more.

For the evening reading before prayers, he selected the twenty-first chapter of Revelation. It was at all times pleasant to listen while from his lips fell the words of the Bible: never did his fine voice sound at once so sweet and full -- never did his manner become so impressive in its noble simplicity, as when he delivered the oracles of God: and to-night that voice took a more solemn tone -- that manner a more thrilling meaning -- as he sat in the midst of his household circle (the May moon shining in through the uncurtained window, and rendering almost unnecessary the light of the candle on the table): as he sat there, bending over the great old Bible, and described from its page the vision of the new heaven and the new earth -- told how God would come to dwell with men, how He would wipe away all tears from their eyes, and promised that there should be no more death, neither sorrow nor crying, nor any more pain, because the former things were passed away.

The succeeding words thrilled me strangely as he spoke them: especially as I felt, by the slight, indescribable alteration in sound, that in uttering them, his eye had turned on me.

"He that overcometh shall inherit all things; and I will be his God, and he shall be my son. But," was slowly, distinctly read, "the fearful, the unbelieving, &c., shall have their part in the lake which burneth with fire and brimstone, which is the second death."

Henceforward, I knew what fate St. John feared for me.

A calm, subdued triumph, blent with a longing earnestness, marked his enunciation of the last glorious verses of that chapter. The reader believed his name was already written in the Lamb's book of life, and he yearned after the hour which should admit him to the city to which the kings of the earth bring their glory and honour; which has no need of sun or moon to shine in it, because the glory of God lightens it, and the Lamb is the light thereof.

In the prayer following the chapter, all his energy gathered -- all his stern zeal woke: he was in

deep earnest, wrestling with God, and resolved on a conquest. He supplicated strength for the weak-hearted; guidance for wanderers from the fold: a return, even at the eleventh hour, for those whom the temptations of the world and the flesh were luring from the narrow path. He asked, he urged, he claimed the boon of a brand snatched from the burning. Earnestness is ever deeply solemn: first, as I listened to that prayer, I wondered at his; then, when it continued and rose, I was touched by it, and at last awed. He felt the greatness and goodness of his purpose so sincerely: others who heard him plead for it, could not but feel it too.

The prayer over, we took leave of him: he was to go at a very early hour in the morning. Diana and Mary having kissed him, left the room -- in compliance, I think, with a whispered hint from him: I tendered my hand, and wished him a pleasant journey.

“Thank you, Jane. As I said, I shall return from Cambridge in a fortnight: that space, then, is ye left you for reflection. If I listened to human pride, I should say no more to you of marriage with me; but I listen to my duty, and keep steadily in view my first aim -- to do all things to the glory of God. My Master was long-suffering: so will I be. I cannot give you up to perdition as a vessel of wrath: repent -- resolve, while there is yet time. Remember, we are bid to work while it is day -- warned that ‘the night cometh when no man shall work.’ Remember the fate of Dives, who had his good things in this life. God give you strength to choose that better part which shall not be taken from you!”

He laid his hand on my head as he uttered the last words. He had spoken earnestly, mildly: his look was not, indeed, that of a lover beholding his mistress, but it was that of a pastor recalling his wandering sheep -- or better, of a guardian angel watching the soul for which he is responsible. All men of talent, whether they be men of feeling or not; whether they be zealots, or aspirants, or despots -- provided only they be sincere -- have their sublime moments, when they subdue and rule. I felt veneration for St. John -- veneration so strong that its impetus thrust me at once to the point I had so long shunned. I was tempted to cease struggling with him -- to rush down the torrent of his will into the gulf of his existence, and there lose my own. I was almost as hard beset by him now as I had been once before, in a different way, by another. I was a fool both times. To have yielded then would have been an error of principle; to have yielded now would have been an error of judgment. So I think at this hour, when I look back to the crisis through the quiet medium of time: I was unconscious of folly at the instant.

I stood motionless under my hierophant’s touch. My refusals were forgotten -- my fears overcome -- my wrestlings paralysed. The Impossible -- I.E., my marriage with St. John -- was fast becoming the Possible. All was changing utterly with a sudden sweep. Religion called -- Angels beckoned -- God commanded -- life rolled together like a scroll -- death’s gates opening, showed eternity beyond: it seemed, that for safety and bliss there, all here might be sacrificed in a second. The dim room was full of visions.

“Could you decide now?” asked the missionary. The inquiry was put in gentle tones: he drew me to him as gently. Oh, that gentleness! how far more potent is it than force! I could resist St. John’s wrath: I grew pliant as a reed under his kindness. Yet I knew all the time, if I yielded now, I should not the less be made to repent, some day, of my former rebellion. His nature was not changed by one hour of solemn prayer: it was only elevated.

“I could decide if I were but certain,” I answered: “were I but convinced that it is God’s will I should marry you, I could vow to marry you here and now -- come afterwards what would!”

“My prayers are heard!” ejaculated St. John. He pressed his hand firmer on my head, as if he claimed me: he surrounded me with his arm, ALMOST as if he loved me (I say ALMOST -- I knew th

difference -- for I had felt what it was to be loved; but, like him, I had now put love out of the question, and thought only of duty). I contended with my inward dimness of vision, before which clouds yet rolled. I sincerely, deeply, fervently longed to do what was right; and only that. "Show me, show me the path!" I entreated of Heaven. I was excited more than I had ever been; and whether what followed was the effect of excitement the reader shall judge.

All the house was still; for I believe all, except St. John and myself, were now retired to rest. The one candle was dying out: the room was full of moonlight. My heart beat fast and thick: I heard its throb. Suddenly it stood still to an inexpressible feeling that thrilled it through, and passed at once to my head and extremities. The feeling was not like an electric shock, but it was quite as sharp, as strange, as startling: it acted on my senses as if their utmost activity hitherto had been but torpor, from which they were now summoned and forced to wake. They rose expectant: eye and ear waited while the flesh quivered on my bones.

"What have you heard? What do you see?" asked St. John. I saw nothing, but I heard a voice somewhere cry -

"Jane! Jane! Jane!" -- nothing more.

"O God! what is it?" I gasped.

I might have said, "Where is it?" for it did not seem in the room -- nor in the house -- nor in the garden; it did not come out of the air -- nor from under the earth -- nor from overhead. I had heard it -- where, or whence, for ever impossible to know! And it was the voice of a human being -- a known, loved, well-remembered voice -- that of Edward Fairfax Rochester; and it spoke in pain and woe, wildly, eerily, urgently.

"I am coming!" I cried. "Wait for me! Oh, I will come!" I flew to the door and looked into the passage: it was dark. I ran out into the garden: it was void.

"Where are you?" I exclaimed.

The hills beyond Marsh Glen sent the answer faintly back -- "Where are you?" I listened. The wind sighed low in the firs: all was moorland loneliness and midnight hush.

"Down superstition!" I commented, as that spectre rose up black by the black yew at the gate. "This is not thy deception, nor thy witchcraft: it is the work of nature. She was roused, and did -- no miracle -- but her best."

I broke from St. John, who had followed, and would have detained me. It was MY time to assume ascendancy. MY powers were in play and in force. I told him to forbear question or remark; I desired him to leave me: I must and would be alone. He obeyed at once. Where there is energy to command well enough, obedience never fails. I mounted to my chamber; locked myself in; fell on my knees; and prayed in my way -- a different way to St. John's, but effective in its own fashion. I seemed to penetrate very near a Mighty Spirit; and my soul rushed out in gratitude at His feet. I rose from the thanksgiving -- took a resolve -- and lay down, unscared, enlightened -- eager but for the daylight.

CHAPTER XXXVI

The daylight came. I rose at dawn. I busied myself for an hour or two with arranging my things in my chamber, drawers, and wardrobe, in the order wherein I should wish to leave them during a brief absence. Meantime, I heard St. John quit his room. He stopped at my door: I feared he would knock -- no but a slip of paper was passed under the door. I took it up. It bore these words -

“You left me too suddenly last night. Had you stayed but a little longer, you would have laid your hand on the Christian’s cross and the angel’s crown. I shall expect your clear decision when I return this day fortnight. Meantime, watch and pray that you enter not into temptation: the spirit, I trust, is willing, but the flesh, I see, is weak. I shall pray for you hourly. -- Yours, ST. JOHN.”

“My spirit,” I answered mentally, “is willing to do what is right; and my flesh, I hope, is strong enough to accomplish the will of Heaven, when once that will is distinctly known to me. At any rate, it shall be strong enough to search -- inquire -- to grope an outlet from this cloud of doubt, and find the open day of certainty.”

It was the first of June; yet the morning was overcast and chilly: rain beat fast on my casement. I heard the front-door open, and St. John pass out. Looking through the window, I saw him traverse the garden. He took the way over the misty moors in the direction of Whitcross -- there he would meet the coach.

“In a few more hours I shall succeed you in that track, cousin,” thought I: “I too have a coach to meet at Whitcross. I too have some to see and ask after in England, before I depart for ever.”

It wanted yet two hours of breakfast-time. I filled the interval in walking softly about my room, and pondering the visitation which had given my plans their present bent. I recalled that inward sensation I had experienced: for I could recall it, with all its unspeakable strangeness. I recalled the voice I had heard; again I questioned whence it came, as vainly as before: it seemed in ME -- not in the external world. I asked was it a mere nervous impression -- a delusion? I could not conceive or believe: it was more like an inspiration. The wondrous shock of feeling had come like the earthquake which shook the foundations of Paul and Silas’s prison; it had opened the doors of the soul’s cell and loosed its bands -- it had wakened it out of its sleep, whence it sprang trembling, listening, aghast; then vibrated thrice a cry on my startled ear, and in my quaking heart and through my spirit, which neither feared nor shook, but exulted as if in joy over the success of one effort it had been privileged to make, independent of the cumbrous body.

“Ere many days,” I said, as I terminated my musings, “I will know something of him whose voice seemed last night to summon me. Letters have proved of no avail -- personal inquiry shall replace them.”

At breakfast I announced to Diana and Mary that I was going a journey, and should be absent at least four days.

“Alone, Jane?” they asked.

“Yes; it was to see or hear news of a friend about whom I had for some time been uneasy.”

They might have said, as I have no doubt they thought, that they had believed me to be without any friends save them: for, indeed, I had often said so; but, with their true natural delicacy, they abstained

from comment, except that Diana asked me if I was sure I was well enough to travel. I looked very pale she observed. I replied, that nothing ailed me save anxiety of mind, which I hoped soon to alleviate.

It was easy to make my further arrangements; for I was troubled with no inquiries -- no surmises. Having once explained to them that I could not now be explicit about my plans, they kindly and wisely acquiesced in the silence with which I pursued them, according to me the privilege of free action I should under similar circumstances have accorded them.

I left Moor House at three o'clock p.m., and soon after four I stood at the foot of the sign-post of Whitcross, waiting the arrival of the coach which was to take me to distant Thornfield. Amidst the silence of those solitary roads and desert hills, I heard it approach from a great distance. It was the same vehicle whence, a year ago, I had alighted one summer evening on this very spot -- how desolate, and hopeless, and objectless! It stopped as I beckoned. I entered -- not now obliged to part with my whole fortune as the price of its accommodation. Once more on the road to Thornfield, I felt like the messenger-pigeon flying home.

It was a journey of six-and-thirty hours. I had set out from Whitcross on a Tuesday afternoon, and early on the succeeding Thursday morning the coach stopped to water the horses at a wayside inn, situated in the midst of scenery whose green hedges and large fields and low pastoral hills (how mild of feature and verdant of hue compared with the stern North-Midland moors of Morton!) met my eye like the lineaments of a once familiar face. Yes, I knew the character of this landscape: I was sure we were near my bourne.

“How far is Thornfield Hall from here?” I asked of the ostler.

“Just two miles, ma'am, across the fields.”

“My journey is closed,” I thought to myself. I got out of the coach, gave a box I had into the ostler's charge, to be kept till I called for it; paid my fare; satisfied the coachman, and was going: the brightening day gleamed on the sign of the inn, and I read in gilt letters, “The Rochester Arms.” My heart leapt up: I was already on my master's very lands. It fell again: the thought struck it:-

“Your master himself may be beyond the British Channel, for aught you know: and then, if he is at Thornfield Hall, towards which you hasten, who besides him is there? His lunatic wife: and you have nothing to do with him: you dare not speak to him or seek his presence. You have lost your labour -- you had better go no farther,” urged the monitor. “Ask information of the people at the inn; they can give you all you seek: they can solve your doubts at once. Go up to that man, and inquire if Mr. Rochester be at home.”

The suggestion was sensible, and yet I could not force myself to act on it. I so dreaded a reply that would crush me with despair. To prolong doubt was to prolong hope. I might yet once more see the Hall under the ray of her star. There was the stile before me -- the very fields through which I had hurried, blind, deaf, distracted with a revengeful fury tracking and scourging me, on the morning I fled from Thornfield: ere I well knew what course I had resolved to take, I was in the midst of them. How fast I walked! How I ran sometimes! How I looked forward to catch the first view of the well-known woods! With what feelings I welcomed single trees I knew, and familiar glimpses of meadow and hill between them!

At last the woods rose; the rookery clustered dark; a loud cawing broke the morning stillness. Strange delight inspired me: on I hastened. Another field crossed -- a lane threaded -- and there were the courtyard walls -- the back offices: the house itself, the rookery still hid. “My first view of it shall be in

front," I determined, "where its bold battlements will strike the eye nobly at once, and where I can single out my master's very window: perhaps he will be standing at it -- he rises early: perhaps he is now walking in the orchard, or on the pavement in front. Could I but see him! -- but a moment! Surely, in that case, I should not be so mad as to run to him? I cannot tell -- I am not certain. And if I did -- what then? God bless him! What then? Who would be hurt by my once more tasting the life his glance can give me? I rave: perhaps at this moment he is watching the sun rise over the Pyrenees, or on the tideless sea of the south."

I had coasted along the lower wall of the orchard -- turned its angle: there was a gate just there, opening into the meadow, between two stone pillars crowned by stone balls. From behind one pillar I could peep round quietly at the full front of the mansion. I advanced my head with precaution, desirous to ascertain if any bedroom window-blinds were yet drawn up: battlements, windows, long front -- all from this sheltered station were at my command.

The crows sailing overhead perhaps watched me while I took this survey. I wonder what they thought. They must have considered I was very careful and timid at first, and that gradually I grew very bold and reckless. A peep, and then a long stare; and then a departure from my niche and a straying out into the meadow; and a sudden stop full in front of the great mansion, and a protracted, hardy gaze towards it. "What affectation of diffidence was this at first?" they might have demanded; "what stupid regardlessness now?"

Hear an illustration, reader.

A lover finds his mistress asleep on a mossy bank; he wishes to catch a glimpse of her fair face without waking her. He steals softly over the grass, careful to make no sound; he pauses -- fancying she has stirred: he withdraws: not for worlds would he be seen. All is still: he again advances: he bends above her; a light veil rests on her features: he lifts it, bends lower; now his eyes anticipate the vision of beauty -- warm, and blooming, and lovely, in rest. How hurried was their first glance! But how they fix! How he starts! How he suddenly and vehemently clasps in both arms the form he dared not, a moment since, touch with his finger! How he calls aloud a name, and drops his burden, and gazes on it wildly! He thus grasps and cries, and gazes, because he no longer fears to waken by any sound he can utter -- by any movement he can make. He thought his love slept sweetly: he finds she is stone dead.

I looked with timorous joy towards a stately house: I saw a blackened ruin.

No need to cower behind a gate-post, indeed! -- to peep up at chamber lattices, fearing life was astir behind them! No need to listen for doors opening -- to fancy steps on the pavement or the gravel-walk! The lawn, the grounds were trodden and waste: the portal yawned void. The front was, as I had once seen it in a dream, but a well-like wall, very high and very fragile-looking, perforated with paneless windows: no roof, no battlements, no chimneys -- all had crashed in.

And there was the silence of death about it: the solitude of a lonesome wild. No wonder that letters addressed to people here had never received an answer: as well despatch epistles to a vault in a church aisle. The grim blackness of the stones told by what fate the Hall had fallen -- by conflagration: but how kindled? What story belonged to this disaster? What loss, besides mortar and marble and wood-work had followed upon it? Had life been wrecked as well as property? If so, whose? Dreadful question: there was no one here to answer it -- not even dumb sign, mute token.

In wandering round the shattered walls and through the devastated interior, I gathered evidence that the calamity was not of late occurrence. Winter snows, I thought, had drifted through that void arch, winter rains beaten in at those hollow casements; for, amidst the drenched piles of rubbish, spring had

cherished vegetation: grass and weed grew here and there between the stones and fallen rafters. And oh! where meantime was the hapless owner of this wreck? In what land? Under what auspices? My eye involuntarily wandered to the grey church tower near the gates, and I asked, "Is he with Damer de Rochester, sharing the shelter of his narrow marble house?"

Some answer must be had to these questions. I could find it nowhere but at the inn, and thither, ere long, I returned. The host himself brought my breakfast into the parlour. I requested him to shut the door and sit down: I had some questions to ask him. But when he complied, I scarcely knew how to begin: such horror had I of the possible answers. And yet the spectacle of desolation I had just left prepared me in a measure for a tale of misery. The host was a respectable-looking, middle-aged man.

"You know Thornfield Hall, of course?" I managed to say at last.

"Yes, ma'am; I lived there once."

"Did you?" Not in my time, I thought: you are a stranger to me.

"I was the late Mr. Rochester's butler," he added.

The late! I seem to have received, with full force, the blow I had been trying to evade.

"The late!" I gasped. "Is he dead?"

"I mean the present gentleman, Mr. Edward's father," he explained. I breathed again: my blood resumed its flow. Fully assured by these words that Mr. Edward -- MY Mr. Rochester (God bless him wherever he was!) -- was at least alive: was, in short, "the present gentleman." Gladdening words! It seemed I could hear all that was to come -- whatever the disclosures might be -- with comparative tranquillity. Since he was not in the grave, I could bear, I thought, to learn that he was at the Antipodes.

"Is Mr. Rochester living at Thornfield Hall now?" I asked, knowing, of course, what the answer would be, but yet desirous of deferring the direct question as to where he really was.

"No, ma'am -- oh, no! No one is living there. I suppose you are a stranger in these parts, or you would have heard what happened last autumn, -- Thornfield Hall is quite a ruin: it was burnt down just about harvest-time. A dreadful calamity! such an immense quantity of valuable property destroyed: hardly any of the furniture could be saved. The fire broke out at dead of night, and before the engines arrived from Millcote, the building was one mass of flame. It was a terrible spectacle: I witnessed it myself."

"At dead of night!" I muttered. Yes, that was ever the hour of fatality at Thornfield. "Was it known how it originated?" I demanded.

"They guessed, ma'am: they guessed. Indeed, I should say it was ascertained beyond a doubt. You are not perhaps aware," he continued, edging his chair a little nearer the table, and speaking low, "that there was a lady -- a -- a lunatic, kept in the house?"

"I have heard something of it."

"She was kept in very close confinement, ma'am: people even for some years was not absolutely certain of her existence. No one saw her: they only knew by rumour that such a person was at the Hall; and who or what she was it was difficult to conjecture. They said Mr. Edward had brought her from abroad, and some believed she had been his mistress. But a queer thing happened a year since -- a very queer thing."

I feared now to hear my own story. I endeavoured to recall him to the main fact.

"And this lady?"

“This lady, ma’am,” he answered, “turned out to be Mr. Rochester’s wife! The discovery was brought about in the strangest way. There was a young lady, a governess at the Hall, that Mr. Rochester fell in -- “

“But the fire,” I suggested.

“I’m coming to that, ma’am -- that Mr. Edward fell in love with. The servants say they never saw anybody so much in love as he was: he was after her continually. They used to watch him -- servants will, you know, ma’am -- and he set store on her past everything: for all, nobody but him thought her so very handsome. She was a little small thing, they say, almost like a child. I never saw her myself; but I’ve heard Leah, the house-maid, tell of her. Leah liked her well enough. Mr. Rochester was about forty, and this governess not twenty; and you see, when gentlemen of his age fall in love with girls, they are often like as if they were bewitched. Well, he would marry her.”

“You shall tell me this part of the story another time,” I said; “but now I have a particular reason for wishing to hear all about the fire. Was it suspected that this lunatic, Mrs. Rochester, had any hand in it?”

“You’ve hit it, ma’am: it’s quite certain that it was her, and nobody but her, that set it going. She had a woman to take care of her called Mrs. Poole -- an able woman in her line, and very trustworthy, but for one fault -- a fault common to a deal of them nurses and matrons -- she KEPT A PRIVATE BOTTLE OF GIN BY HER, and now and then took a drop over-much. It is excusable, for she had a hard life of it but still it was dangerous; for when Mrs. Poole was fast asleep after the gin and water, the mad lady, who was as cunning as a witch, would take the keys out of her pocket, let herself out of her chamber, and go roaming about the house, doing any wild mischief that came into her head. They say she had nearly burnt her husband in his bed once: but I don’t know about that. However, on this night, she set fire first to the hangings of the room next her own, and then she got down to a lower storey, and made her way to the chamber that had been the governess’s -- (she was like as if she knew somehow how matters had gone on, and had a spite at her) -- and she kindled the bed there; but there was nobody sleeping in it, fortunately. The governess had run away two months before; and for all Mr. Rochester sought her as if she had been the most precious thing he had in the world, he never could hear a word of her; and he grew savage -- quite savage on his disappointment: he never was a wild man, but he got dangerous after he lost her. He would be alone, too. He sent Mrs. Fairfax, the housekeeper, away to her friends at a distance; but he did it handsomely, for he settled an annuity on her for life: and she deserved it -- she was a very good woman. Miss Adele, a ward he had, was put to school. He broke off acquaintance with all the gentry, and shut himself up like a hermit at the Hall.”

“What! did he not leave England?”

“Leave England? Bless you, no! He would not cross the door-stones of the house, except at night when he walked just like a ghost about the grounds and in the orchard as if he had lost his senses -- which it is my opinion he had; for a more spirited, bolder, keener gentleman than he was before that midget of a governess crossed him, you never saw, ma’am. He was not a man given to wine, or cards, or racing, as some are, and he was not so very handsome; but he had a courage and a will of his own, if ever man had. I knew him from a boy, you see: and for my part, I have often wished that Miss Eyre had been sunk in the sea before she came to Thornfield Hall.”

“Then Mr. Rochester was at home when the fire broke out?”

“Yes, indeed was he; and he went up to the attics when all was burning above and below, and

got the servants out of their beds and helped them down himself, and went back to get his mad wife out of her cell. And then they called out to him that she was on the roof, where she was standing, waving her arms, above the battlements, and shouting out till they could hear her a mile off: I saw her and heard her with my own eyes. She was a big woman, and had long black hair: we could see it streaming against the flames as she stood. I witnessed, and several more witnessed, Mr. Rochester ascend through the sky-light on to the roof; we heard him call 'Bertha!' We saw him approach her; and then, ma'am, she yelled and gave a spring, and the next minute she lay smashed on the pavement."

"Dead?"

"Dead! Ay, dead as the stones on which her brains and blood were scattered."

"Good God!"

"You may well say so, ma'am: it was frightful!"

He shuddered.

"And afterwards?" I urged.

"Well, ma'am, afterwards the house was burnt to the ground: there are only some bits of walls standing now."

"Were any other lives lost?"

"No -- perhaps it would have been better if there had."

"What do you mean?"

"Poor Mr. Edward!" he ejaculated, "I little thought ever to have seen it! Some say it was a just judgment on him for keeping his first marriage secret, and wanting to take another wife while he had one living: but I pity him, for my part."

"You said he was alive?" I exclaimed.

"Yes, yes: he is alive; but many think he had better he dead."

"Why? How?" My blood was again running cold. "Where is he?" I demanded. "Is he in England?"

"Ay -- ay -- he's in England; he can't get out of England, I fancy -- he's a fixture now."

What agony was this! And the man seemed resolved to protract it.

"He is stone-blind," he said at last. "Yes, he is stone-blind, is Mr. Edward."

I had dreaded worse. I had dreaded he was mad. I summoned strength to ask what had caused this calamity.

"It was all his own courage, and a body may say, his kindness, in a way, ma'am: he wouldn't leave the house till every one else was out before him. As he came down the great staircase at last, after Mrs. Rochester had flung herself from the battlements, there was a great crash -- all fell. He was taken out from under the ruins, alive, but sadly hurt: a beam had fallen in such a way as to protect him partly; but one eye was knocked out, and one hand so crushed that Mr. Carter, the surgeon, had to amputate it directly. The other eye inflamed: he lost the sight of that also. He is now helpless, indeed -- blind and a cripple."

"Where is he? Where does he now live?"

"At Ferndean, a manor-house on a farm he has, about thirty miles off: quite a desolate spot."

“Who is with him?”

“Old John and his wife: he would have none else. He is quite broken down, they say.”

“Have you any sort of conveyance?”

“We have a chaise, ma’am, a very handsome chaise.”

“Let it be got ready instantly; and if your post-boy can drive me to Ferndean before dark this day, I’ll pay both you and him twice the hire you usually demand.”

CHAPTER XXXVII

The manor-house of Ferndean was a building of considerable antiquity, moderate size, and no architectural pretensions, deep buried in a wood. I had heard of it before. Mr. Rochester often spoke of it, and sometimes went there. His father had purchased the estate for the sake of the game covers. He would have let the house, but could find no tenant, in consequence of its ineligible and insalubrious site. Ferndean then remained uninhabited and unfurnished, with the exception of some two or three rooms fitted up for the accommodation of the squire when he went there in the season to shoot.

To this house I came just ere dark on an evening marked by the characteristics of sad sky, cold gale, and continued small penetrating rain. The last mile I performed on foot, having dismissed the chaise and driver with the double remuneration I had promised. Even when within a very short distance of the manor-house, you could see nothing of it, so thick and dark grew the timber of the gloomy wood about it. Iron gates between granite pillars showed me where to enter, and passing through them, I found myself at once in the twilight of close-ranked trees. There was a grass-grown track descending the forest aisle between hoar and knotty shafts and under branched arches. I followed it, expecting soon to reach the dwelling; but it stretched on and on, it would far and farther: no sign of habitation or grounds was visible.

I thought I had taken a wrong direction and lost my way. The darkness of natural as well as of sylvan dusk gathered over me. I looked round in search of another road. There was none: all was interwoven stem, columnar trunk, dense summer foliage -- no opening anywhere.

I proceeded: at last my way opened, the trees thinned a little; presently I beheld a railing, then the house -- scarce, by this dim light, distinguishable from the trees; so dank and green were its decaying walls. Entering a portal, fastened only by a latch, I stood amidst a space of enclosed ground, from which the wood swept away in a semicircle. There were no flowers, no garden-beds; only a broad gravel-walk girdling a grass-plot, and this set in the heavy frame of the forest. The house presented two pointed gables in its front; the windows were latticed and narrow: the front door was narrow too, one step led up to it. The whole looked, as the host of the Rochester Arms had said, "quite a desolate spot." It was as still as a church on a week-day: the pattering rain on the forest leaves was the only sound audible in its vicinage.

"Can there be life here?" I asked.

Yes, life of some kind there was; for I heard a movement -- that narrow front-door was unclosing, and some shape was about to issue from the grange.

It opened slowly: a figure came out into the twilight and stood on the step; a man without a hat: he stretched forth his hand as if to feel whether it rained. Dusk as it was, I had recognised him -- it was my master, Edward Fairfax Rochester, and no other.

I stayed my step, almost my breath, and stood to watch him -- to examine him, myself unseen, and alas! to him invisible. It was a sudden meeting, and one in which rapture was kept well in check by pain. I had no difficulty in restraining my voice from exclamation, my step from hasty advance.

His form was of the same strong and stalwart contour as ever: his port was still erect, his hair was still raven black; nor were his features altered or sunk: not in one year's space, by any sorrow, could his athletic strength be quelled or his vigorous prime blighted. But in his countenance I saw a change: that looked desperate and brooding -- that reminded me of some wronged and fettered wild beast or bird, dangerous to approach in his sullen woe. The caged eagle, whose gold-ringed eyes cruelty has

extinguished, might look as looked that sightless Samson.

And, reader, do you think I feared him in his blind ferocity? -- if you do, you little know me. A soft hope blest with my sorrow that soon I should dare to drop a kiss on that brow of rock, and on those lips so sternly sealed beneath it: but not yet. I would not accost him yet.

He descended the one step, and advanced slowly and gropingly towards the grass-plat. Where was his daring stride now? Then he paused, as if he knew not which way to turn. He lifted his hand and opened his eyelids; gazed blank, and with a straining effort, on the sky, and toward the amphitheatre of trees: one saw that all to him was void darkness. He stretched his right hand (the left arm, the mutilated one, he kept hidden in his bosom); he seemed to wish by touch to gain an idea of what lay around him: he met but vacancy still; for the trees were some yards off where he stood. He relinquished the endeavour, folded his arms, and stood quiet and mute in the rain, now falling fast on his uncovered head. At this moment John approached him from some quarter.

“Will you take my arm, sir?” he said; “there is a heavy shower coming on: had you not better go in?”

“Let me alone,” was the answer.

John withdrew without having observed me. Mr. Rochester now tried to walk about: vainly, -- all was too uncertain. He groped his way back to the house, and, re-entering it, closed the door.

I now drew near and knocked: John’s wife opened for me. “Mary,” I said, “how are you?”

She started as if she had seen a ghost: I calmed her. To her hurried “Is it really you, miss, come at this late hour to this lonely place?” I answered by taking her hand; and then I followed her into the kitchen, where John now sat by a good fire. I explained to them, in few words, that I had heard all which had happened since I left Thornfield, and that I was come to see Mr. Rochester. I asked John to go down to the turn-pike-house, where I had dismissed the chaise, and bring my trunk, which I had left there: and then, while I removed my bonnet and shawl, I questioned Mary as to whether I could be accommodated at the Manor House for the night; and finding that arrangements to that effect, though difficult, would not be impossible, I informed her I should stay. Just at this moment the parlour-bell rang.

“When you go in,” said I, “tell your master that a person wishes to speak to him, but do not give my name.”

“I don’t think he will see you,” she answered; “he refuses everybody.”

When she returned, I inquired what he had said. “You are to send in your name and your business,” she replied. She then proceeded to fill a glass with water, and place it on a tray, together with candles.

“Is that what he rang for?” I asked.

“Yes: he always has candles brought in at dark, though he is blind.”

“Give the tray to me; I will carry it in.”

I took it from her hand: she pointed me out the parlour door. The tray shook as I held it; the water spilt from the glass; my heart struck my ribs loud and fast. Mary opened the door for me, and shut it behind me.

This parlour looked gloomy: a neglected handful of fire burnt low in the grate; and, leaning over it, with his head supported against the high, old-fashioned mantelpiece, appeared the blind tenant of the

room. His old dog, Pilot, lay on one side, removed out of the way, and coiled up as if afraid of being inadvertently trodden upon. Pilot pricked up his ears when I came in: then he jumped up with a yelp and a whine, and bounded towards me: he almost knocked the tray from my hands. I set it on the table; then patted him, and said softly, "Lie down!" Mr. Rochester turned mechanically to SEE what the commotion was: but as he SAW nothing, he returned and sighed.

"Give me the water, Mary," he said.

I approached him with the now only half-filled glass; Pilot followed me, still excited.

"What is the matter?" he inquired.

"Down, Pilot!" I again said. He checked the water on its way to his lips, and seemed to listen: he drank, and put the glass down. "This is you, Mary, is it not?"

"Mary is in the kitchen," I answered.

He put out his hand with a quick gesture, but not seeing where I stood, he did not touch me. "Who is this? Who is this?" he demanded, trying, as it seemed, to SEE with those sightless eyes -- unavailing and distressing attempt! "Answer me -- speak again!" he ordered, imperiously and aloud.

"Will you have a little more water, sir? I spilt half of what was in the glass," I said.

"WHO is it? WHAT is it? Who speaks?"

"Pilot knows me, and John and Mary know I am here. I came only this evening," I answered.

"Great God! -- what delusion has come over me? What sweet madness has seized me?"

"No delusion -- no madness: your mind, sir, is too strong for delusion, your health too sound for frenzy."

"And where is the speaker? Is it only a voice? Oh! I CANNOT see, but I must feel, or my head will stop and my brain burst. Whatever -- whoever you are -- be perceptible to the touch or I cannot live!"

He groped; I arrested his wandering hand, and prisoned it in both mine.

"Her very fingers!" he cried; "her small, slight fingers! If so there must be more of her."

The muscular hand broke from my custody; my arm was seized, my shoulder -- neck -- waist -- I was entwined and gathered to him.

"Is it Jane? WHAT is it? This is her shape -- this is her size -- "

"And this her voice," I added. "She is all here: her heart, too. God bless you, sir! I am glad to be so near you again."

"Jane Eyre! -- Jane Eyre," was all he said.

"My dear master," I answered, "I am Jane Eyre: I have found you out -- I am come back to you."

"In truth? -- in the flesh? My living Jane?"

"You touch me, sir, -- you hold me, and fast enough: I am not cold like a corpse, nor vacant like air, am I?"

"My living darling! These are certainly her limbs, and these her features; but I cannot be so blest, after all my misery. It is a dream; such dreams as I have had at night when I have clasped her once more to my heart, as I do now; and kissed her, as thus -- and felt that she loved me, and trusted that she would not

leave me.”

“Which I never will, sir, from this day.”

“Never will, says the vision? But I always woke and found it an empty mockery; and I was desolate and abandoned -- my life dark, lonely, hopeless -- my soul athirst and forbidden to drink -- my heart famished and never to be fed. Gentle, soft dream, nestling in my arms now, you will fly, too, as your sisters have all fled before you: but kiss me before you go -- embrace me, Jane.”

“There, sir -- and there!”

I pressed my lips to his once brilliant and now rayless eyes -- I swept his hair from his brow, and kissed that too. He suddenly seemed to arouse himself: the conviction of the reality of all this seized him.

“It is you -- is it, Jane? You are come back to me then?”

“I am.”

“And you do not lie dead in some ditch under some stream? And you are not a pining outcast amongst strangers?”

“No, sir! I am an independent woman now.”

“Independent! What do you mean, Jane?”

“My uncle in Madeira is dead, and he left me five thousand pounds.”

“Ah! this is practical -- this is real!” he cried: “I should never dream that. Besides, there is that peculiar voice of hers, so animating and piquant, as well as soft: it cheers my withered heart; it puts life into it. -- What, Janet! Are you an independent woman? A rich woman?”

“If you won’t let me live with you, I can build a house of my own close up to your door, and you may come and sit in my parlour when you want company of an evening.”

“But as you are rich, Jane, you have now, no doubt, friends who will look after you, and not suffer you to devote yourself to a blind lameter like me?”

“I told you I am independent, sir, as well as rich: I am my own mistress.”

“And you will stay with me?”

“Certainly -- unless you object. I will be your neighbour, your nurse, your housekeeper. I find you lonely: I will be your companion -- to read to you, to walk with you, to sit with you, to wait on you, to be eyes and hands to you. Cease to look so melancholy, my dear master; you shall not be left desolate, so long as I live.”

He replied not: he seemed serious -- abstracted; he sighed; he half-opened his lips as if to speak: he closed them again. I felt a little embarrassed. Perhaps I had too rashly over-leaped conventionalities; and he, like St. John, saw impropriety in my inconsiderateness. I had indeed made my proposal from the idea that he wished and would ask me to be his wife: an expectation, not the less certain because unexpressed, had buoyed me up, that he would claim me at once as his own. But no hint to that effect escaping him and his countenance becoming more overcast, I suddenly remembered that I might have been all wrong, and was perhaps playing the fool unwittingly; and I began gently to withdraw myself from his arms -- but he eagerly snatched me closer.

“No -- no -- Jane; you must not go. No -- I have touched you, heard you, felt the comfort of your presence -- the sweetness of your consolation: I cannot give up these joys. I have little left in myself -- I

must have you. The world may laugh -- may call me absurd, selfish -- but it does not signify. My very soul demands you: it will be satisfied, or it will take deadly vengeance on its frame."

"Well, sir, I will stay with you: I have said so."

"Yes -- but you understand one thing by staying with me; and I understand another. You, perhaps, could make up your mind to be about my hand and chair -- to wait on me as a kind little nurse (for you have an affectionate heart and a generous spirit, which prompt you to make sacrifices for those you pity), and that ought to suffice for me no doubt. I suppose I should now entertain none but fatherly feelings for you: do you think so? Come -- tell me."

"I will think what you like, sir: I am content to be only your nurse, if you think it better."

"But you cannot always be my nurse, Janet: you are young -- you must marry one day."

"I don't care about being married."

"You should care, Janet: if I were what I once was, I would try to make you care -- but -- a sightless block!"

He relapsed again into gloom. I, on the contrary, became more cheerful, and took fresh courage: these last words gave me an insight as to where the difficulty lay; and as it was no difficulty with me, I felt quite relieved from my previous embarrassment. I resumed a livelier vein of conversation.

"It is time some one undertook to rehumanise you," said I, parting his thick and long uncut locks; "for I see you are being metamorphosed into a lion, or something of that sort. You have a 'faux air' of Nebuchadnezzar in the fields about you, that is certain: your hair reminds me of eagles' feathers; whether your nails are grown like birds' claws or not, I have not yet noticed."

"On this arm, I have neither hand nor nails," he said, drawing the mutilated limb from his breast, and showing it to me. "It is a mere stump -- a ghastly sight! Don't you think so, Jane?"

"It is a pity to see it; and a pity to see your eyes -- and the scar of fire on your forehead: and the worst of it is, one is in danger of loving you too well for all this; and making too much of you."

"I thought you would be revolted, Jane, when you saw my arm, and my cicatrised visage."

"Did you? Don't tell me so -- lest I should say something disparaging to your judgment. Now, let me leave you an instant, to make a better fire, and have the hearth swept up. Can you tell when there is a good fire?"

"Yes; with the right eye I see a glow -- a ruddy haze."

"And you see the candles?"

"Very dimly -- each is a luminous cloud."

"Can you see me?"

"No, my fairy: but I am only too thankful to hear and feel you."

"When do you take supper?"

"I never take supper."

"But you shall have some to-night. I am hungry: so are you, I daresay, only you forget."

Summoning Mary, I soon had the room in more cheerful order: I prepared him, likewise, a comfortable repast. My spirits were excited, and with pleasure and ease I talked to him during supper, and for a long time after. There was no harassing restraint, no repressing of glee and vivacity with him;

for with him I was at perfect ease, because I knew I suited him; all I said or did seemed either to console or revive him. Delightful consciousness! It brought to life and light my whole nature: in his presence I thoroughly lived; and he lived in mine. Blind as he was, smiles played over his face, joy dawned on his forehead: his lineaments softened and warmed.

After supper, he began to ask me many questions, of where I had been, what I had been doing, how I had found him out; but I gave him only very partial replies: it was too late to enter into particulars that night. Besides, I wished to touch no deep-thrilling chord -- to open no fresh well of emotion in his heart: my sole present aim was to cheer him. Cheered, as I have said, he was: and yet but by fits. If a moment's silence broke the conversation, he would turn restless, touch me, then say, "Jane."

"You are altogether a human being, Jane? You are certain of that?"

"I conscientiously believe so, Mr. Rochester."

"Yet how, on this dark and doleful evening, could you so suddenly rise on my lone hearth? I stretched my hand to take a glass of water from a hireling, and it was given me by you: I asked a question, expecting John's wife to answer me, and your voice spoke at my ear."

"Because I had come in, in Mary's stead, with the tray."

"And there is enchantment in the very hour I am now spending with you. Who can tell what a dark, dreary, hopeless life I have dragged on for months past? Doing nothing, expecting nothing; merging night in day; feeling but the sensation of cold when I let the fire go out, of hunger when I forgot to eat: and then a ceaseless sorrow, and, at times, a very delirium of desire to behold my Jane again. Yes: for her restoration I longed, far more than for that of my lost sight. How can it be that Jane is with me, and says she loves me? Will she not depart as suddenly as she came? To-morrow, I fear I shall find her no more."

A commonplace, practical reply, out of the train of his own disturbed ideas, was, I was sure, the best and most reassuring for him in this frame of mind. I passed my finger over his eyebrows, and remarked that they were scorched, and that I would apply something which would make them grow as broad and black as ever.

"Where is the use of doing me good in any way, beneficent spirit, when, at some fatal moment, you will again desert me -- passing like a shadow, whither and how to me unknown, and for me remaining afterwards undiscoverable?"

"Have you a pocket-comb about you, sir?"

"What for, Jane?"

"Just to comb out this shaggy black mane. I find you rather alarming, when I examine you close at hand: you talk of my being a fairy, but I am sure, you are more like a brownie."

"Am I hideous, Jane?"

"Very, sir: you always were, you know."

"Humph! The wickedness has not been taken out of you, wherever you have sojourned."

"Yet I have been with good people; far better than you: a hundred times better people; possessed of ideas and views you never entertained in your life: quite more refined and exalted."

"Who the deuce have you been with?"

"If you twist in that way you will make me pull the hair out of your head; and then I think you will cease to entertain doubts of my substantiality."

“Who have you been with, Jane?”

“You shall not get it out of me to-night, sir; you must wait till to-morrow; to leave my tale half told, will, you know, be a sort of security that I shall appear at your breakfast table to finish it. By the bye, I must mind not to rise on your hearth with only a glass of water then: I must bring an egg at the least, to say nothing of fried ham.”

“You mocking changeling -- fairy-born and human-bred! You make me feel as I have not felt these twelve months. If Saul could have had you for his David, the evil spirit would have been exorcised without the aid of the harp.”

“There, sir, you are redd up and made decent. Now I’ll leave you: I have been travelling these last three days, and I believe I am tired. Good night.”

“Just one word, Jane: were there only ladies in the house where you have been?”

I laughed and made my escape, still laughing as I ran upstairs. “A good idea!” I thought with glee. “I see I have the means of fretting him out of his melancholy for some time to come.”

Very early the next morning I heard him up and astir, wandering from one room to another. As soon as Mary came down I heard the question: “Is Miss Eyre here?” Then: “Which room did you put he into? Was it dry? Is she up? Go and ask if she wants anything; and when she will come down.”

I came down as soon as I thought there was a prospect of breakfast. Entering the room very softly, I had a view of him before he discovered my presence. It was mournful, indeed, to witness the subjugation of that vigorous spirit to a corporeal infirmity. He sat in his chair -- still, but not at rest: expectant evidently; the lines of now habitual sadness marking his strong features. His countenance reminded one of a lamp quenched, waiting to be re-lit -- and alas! it was not himself that could now kindle the lustre of animated expression: he was dependent on another for that office! I had meant to be gay and careless, but the powerlessness of the strong man touched my heart to the quick: still I accosted him with what vivacity I could.

“It is a bright, sunny morning, sir,” I said. “The rain is over and gone, and there is a tender shining after it: you shall have a walk soon.”

I had wakened the glow: his features beamed.

“Oh, you are indeed there, my skylark! Come to me. You are not gone: not vanished? I heard one of your kind an hour ago, singing high over the wood: but its song had no music for me, any more than the rising sun had rays. All the melody on earth is concentrated in my Jane’s tongue to my ear (I am glad it is not naturally a silent one): all the sunshine I can feel is in her presence.”

The water stood in my eyes to hear this avowal of his dependence; just as if a royal eagle, chained to a perch, should be forced to entreat a sparrow to become its purveyor. But I would not be lachrymose: I dashed off the salt drops, and busied myself with preparing breakfast.

Most of the morning was spent in the open air. I led him out of the wet and wild wood into some cheerful fields: I described to him how brilliantly green they were; how the flowers and hedges looked refreshed; how sparkingly blue was the sky. I sought a seat for him in a hidden and lovely spot, a dry stump of a tree; nor did I refuse to let him, when seated, place me on his knee. Why should I, when both he and I were happier near than apart? Pilot lay beside us: all was quiet. He broke out suddenly while clasping me in his arms -

“Cruel, cruel deserter! Oh, Jane, what did I feel when I discovered you had fled from Thornfield,

and when I could nowhere find you; and, after examining your apartment, ascertained that you had taken no money, nor anything which could serve as an equivalent! A pearl necklace I had given you lay untouched in its little casket; your trunks were left corded and locked as they had been prepared for the bridal tour. What could my darling do, I asked, left destitute and penniless? And what did she do? Let me hear now.”

Thus urged, I began the narrative of my experience for the last year. I softened considerably what related to the three days of wandering and starvation, because to have told him all would have been to inflict unnecessary pain: the little I did say lacerated his faithful heart deeper than I wished.

I should not have left him thus, he said, without any means of making my way: I should have told him my intention. I should have confided in him: he would never have forced me to be his mistress. Violent as he had seemed in his despair, he, in truth, loved me far too well and too tenderly to constitute himself my tyrant: he would have given me half his fortune, without demanding so much as a kiss in return, rather than I should have flung myself friendless on the wide world. I had endured, he was certain, more than I had confessed to him.

“Well, whatever my sufferings had been, they were very short,” I answered: and then I proceeded to tell him how I had been received at Moor House; how I had obtained the office of schoolmistress, &c. The accession of fortune, the discovery of my relations, followed in due order. Of course, St. John Rivers’ name came in frequently in the progress of my tale. When I had done, that name was immediately taken up.

“This St. John, then, is your cousin?”

“Yes.”

“You have spoken of him often: do you like him?”

“He was a very good man, sir; I could not help liking him.”

“A good man. Does that mean a respectable well-conducted man of fifty? Or what does it mean?”

“St John was only twenty-nine, sir.”

“‘Jeune encore,’ as the French say. Is he a person of low stature, phlegmatic, and plain. A person whose goodness consists rather in his guiltlessness of vice, than in his prowess in virtue.”

“He is untiringly active. Great and exalted deeds are what he lives to perform.”

“But his brain? That is probably rather soft? He means well: but you shrug your shoulders to hear him talk?”

“He talks little, sir: what he does say is ever to the point. His brain is first-rate, I should think not impressible, but vigorous.”

“Is he an able man, then?”

“Truly able.”

“A thoroughly educated man?”

“St. John is an accomplished and profound scholar.”

“His manners, I think, you said are not to your taste? -- priggish and parsonic?”

“I never mentioned his manners; but, unless I had a very bad taste, they must suit it; they are

polished, calm, and gentlemanlike.”

“His appearance, -- I forget what description you gave of his appearance; -- a sort of raw curate, half strangled with his white neckcloth, and stilted up on his thick-soled high-lows, eh?”

“St. John dresses well. He is a handsome man: tall, fair, with blue eyes, and a Grecian profile.”

(Aside.) “Damn him!” -- (To me.) “Did you like him, Jane?”

“Yes, Mr. Rochester, I liked him: but you asked me that before.”

I perceived, of course, the drift of my interlocutor. Jealousy had got hold of him: she stung him; but the sting was salutary: it gave him respite from the gnawing fang of melancholy. I would not, therefore, immediately charm the snake.

“Perhaps you would rather not sit any longer on my knee, Miss Eyre?” was the next somewhat unexpected observation.

“Why not, Mr. Rochester?”

“The picture you have just drawn is suggestive of a rather too overwhelming contrast. Your words have delineated very prettily a graceful Apollo: he is present to your imagination, -- tall, fair, blue-eyed, and with a Grecian profile. Your eyes dwell on a Vulcan, -- a real blacksmith, brown, broad-shouldered: and blind and lame into the bargain.”

“I never thought of it, before; but you certainly are rather like Vulcan, sir.”

“Well, you can leave me, ma’am: but before you go” (and he retained me by a firmer grasp than ever), “you will be pleased just to answer me a question or two.” He paused.

“What questions, Mr. Rochester?”

Then followed this cross-examination.

“St. John made you schoolmistress of Morton before he knew you were his cousin?”

“Yes.”

“You would often see him? He would visit the school sometimes?”

“Daily.”

“He would approve of your plans, Jane? I know they would be clever, for you are a talented creature!”

“He approved of them -- yes.”

“He would discover many things in you he could not have expected to find? Some of your accomplishments are not ordinary.”

“I don’t know about that.”

“You had a little cottage near the school, you say: did he ever come there to see you?”

“Now and then?”

“Of an evening?”

“Once or twice.”

A pause.

“How long did you reside with him and his sisters after the cousinship was discovered?”

“Five months.”

“Did Rivers spend much time with the ladies of his family?”

“Yes; the back parlour was both his study and ours: he sat near the window, and we by the table.”

“Did he study much?”

“A good deal.”

“What?”

“Hindustanee.”

“And what did you do meantime?”

“I learnt German, at first.”

“Did he teach you?”

“He did not understand German.”

“Did he teach you nothing?”

“A little Hindostanee.”

“Rivers taught you Hindostanee?”

“Yes, sir.”

“And his sisters also?”

“No.”

“Only you?”

“Only me.”

“Did you ask to learn?”

“No.”

“He wished to teach you?”

“Yes.”

A second pause.

“Why did he wish it? Of what use could Hindostanee be to you?”

“He intended me to go with him to India.”

“Ah! here I reach the root of the matter. He wanted you to marry him?”

“He asked me to marry him.”

“That is a fiction -- an impudent invention to vex me.”

“I beg your pardon, it is the literal truth: he asked me more than once, and was as stiff about urging his point as ever you could be.”

“Miss Eyre, I repeat it, you can leave me. How often am I to say the same thing? Why do you remain pertinaciously perched on my knee, when I have given you notice to quit?”

“Because I am comfortable there.”

“No, Jane, you are not comfortable there, because your heart is not with me: it is with this cousin -- this St. John. Oh, till this moment, I thought my little Jane was all mine! I had a belief she loved me even when she left me: that was an atom of sweet in much bitter. Long as we have been parted, hot tears as I have wept over our separation, I never thought that while I was mourning her, she was loving another! But it is useless grieving. Jane, leave me: go and marry Rivers.”

“Shake me off, then, sir, -- push me away, for I’ll not leave you of my own accord.”

“Jane, I ever like your tone of voice: it still renews hope, it sounds so truthful. When I hear it, it carries me back a year. I forget that you have formed a new tie. But I am not a fool -- go -- “

“Where must I go, sir?”

“Your own way -- with the husband you have chosen.”

“Who is that?”

“You know -- this St. John Rivers.”

“He is not my husband, nor ever will be. He does not love me: I do not love him. He loves (as he CAN love, and that is not as you love) a beautiful young lady called Rosamond. He wanted to marry me only because he thought I should make a suitable missionary’s wife, which she would not have done. He is good and great, but severe; and, for me, cold as an iceberg. He is not like you, sir: I am not happy at his side, nor near him, nor with him. He has no indulgence for me -- no fondness. He sees nothing attractive in me; not even youth -- only a few useful mental points. -- Then I must leave you, sir, to go to him?”

I shuddered involuntarily, and clung instinctively closer to my blind but beloved master. He smiled.

“What, Jane! Is this true? Is such really the state of matters between you and Rivers?”

“Absolutely, sir! Oh, you need not be jealous! I wanted to tease you a little to make you less sad: I thought anger would be better than grief. But if you wish me to love you, could you but see how much I DO love you, you would be proud and content. All my heart is yours, sir: it belongs to you; and with you it would remain, were fate to exile the rest of me from your presence for ever.”

Again, as he kissed me, painful thoughts darkened his aspect. “My scarred vision! My crippled strength!” he murmured regretfully.

I caressed, in order to soothe him. I knew of what he was thinking, and wanted to speak for him, but dared not. As he turned aside his face a minute, I saw a tear slide from under the sealed eyelid, and trickle down the manly cheek. My heart swelled.

“I am no better than the old lightning-struck chestnut-tree in Thornfield orchard,” he remarked ere long. “And what right would that ruin have to bid a budding woodbine cover its decay with freshness?”

“You are no ruin, sir -- no lightning-struck tree: you are green and vigorous. Plants will grow about your roots, whether you ask them or not, because they take delight in your bountiful shadow; and as they grow they will lean towards you, and wind round you, because your strength offers them so safe a prop.”

Again he smiled: I gave him comfort.

“You speak of friends, Jane?” he asked.

“Yes, of friends,” I answered rather hesitatingly: for I knew I meant more than friends, but could

not tell what other word to employ. He helped me.

“Ah! Jane. But I want a wife.”

“Do you, sir?”

“Yes: is it news to you?”

“Of course: you said nothing about it before.”

“Is it unwelcome news?”

“That depends on circumstances, sir -- on your choice.”

“Which you shall make for me, Jane. I will abide by your decision.”

“Choose then, sir -- HER WHO LOVES YOU BEST.”

“I will at least choose -- HER I LOVE BEST. Jane, will you marry me?”

“Yes, sir.”

“A poor blind man, whom you will have to lead about by the hand?”

“Yes, sir.”

“A crippled man, twenty years older than you, whom you will have to wait on?”

“Yes, sir.”

“Truly, Jane?”

“Most truly, sir.”

“Oh! my darling! God bless you and reward you!”

“Mr. Rochester, if ever I did a good deed in my life -- if ever I thought a good thought -- if ever I prayed a sincere and blameless prayer -- if ever I wished a righteous wish, -- I am rewarded now. To be your wife is, for me, to be as happy as I can be on earth.”

“Because you delight in sacrifice.”

“Sacrifice! What do I sacrifice? Famine for food, expectation for content. To be privileged to put my arms round what I value -- to press my lips to what I love -- to repose on what I trust: is that to make a sacrifice? If so, then certainly I delight in sacrifice.”

“And to bear with my infirmities, Jane: to overlook my deficiencies.”

“Which are none, sir, to me. I love you better now, when I can really be useful to you, than I did in your state of proud independence, when you disdained every part but that of the giver and protector.”

“Hitherto I have hated to be helped -- to be led: henceforth, I feel I shall hate it no more. I did not like to put my hand into a hireling's, but it is pleasant to feel it circled by Jane's little fingers. I preferred utter loneliness to the constant attendance of servants; but Jane's soft ministry will be a perpetual joy. Jane suits me: do I suit her?”

“To the finest fibre of my nature, sir.”

“The case being so, we have nothing in the world to wait for: we must be married instantly.”

He looked and spoke with eagerness: his old impetuosity was rising.

“We must become one flesh without any delay, Jane: there is but the licence to get -- then we marry.”

“Mr. Rochester, I have just discovered the sun is far declined from its meridian, and Pilot is actually gone home to his dinner. Let me look at your watch.”

“Fasten it into your girdle, Janet, and keep it henceforward: I have no use for it.”

“It is nearly four o’clock in the afternoon, sir. Don’t you feel hungry?”

“The third day from this must be our wedding-day, Jane. Never mind fine clothes and jewels, now: all that is not worth a fillip.”

“The sun has dried up all the rain-drops, sir. The breeze is still: it is quite hot.”

“Do you know, Jane, I have your little pearl necklace at this moment fastened round my bronze scrag under my cravat? I have worn it since the day I lost my only treasure, as a memento of her.”

“We will go home through the wood: that will be the shadiest way.”

He pursued his own thoughts without heeding me.

“Jane! you think me, I daresay, an irreligious dog: but my heart swells with gratitude to the beneficent God of this earth just now. He sees not as man sees, but far clearer: judges not as man judges, but far more wisely. I did wrong: I would have sullied my innocent flower -- breathed guilt on its purity: the Omnipotent snatched it from me. I, in my stiff-necked rebellion, almost cursed the dispensation: instead of bending to the decree, I defied it. Divine justice pursued its course; disasters came thick on me: I was forced to pass through the valley of the shadow of death. HIS chastisements are mighty; and one smote me which has humbled me for ever. You know I was proud of my strength: but what is it now, when I must give it over to foreign guidance, as a child does its weakness? Of late, Jane -- only -- only of late -- I began to see and acknowledge the hand of God in my doom. I began to experience remorse, repentance: the wish for reconciliation to my Maker. I began sometimes to pray: very brief prayers they were, but very sincere.

“Some days since: nay, I can number them -- four; it was last Monday night, a singular mood came over me: one in which grief replaced frenzy -- sorrow, sullenness. I had long had the impression that since I could nowhere find you, you must be dead. Late that night -- perhaps it might be between eleven and twelve o’clock -- ere I retired to my dreary rest, I supplicated God, that, if it seemed good to Him, I might soon be taken from this life, and admitted to that world to come, where there was still hope of rejoining Jane.

“I was in my own room, and sitting by the window, which was open: it soothed me to feel the balmy night-air; though I could see no stars and only by a vague, luminous haze, knew the presence of a moon. I longed for thee, Janet! Oh, I longed for thee both with soul and flesh! I asked of God, at once in anguish and humility, if I had not been long enough desolate, afflicted, tormented; and might not soon taste bliss and peace once more. That I merited all I endured, I acknowledged -- that I could scarcely endure more, I pleaded; and the alpha and omega of my heart’s wishes broke involuntarily from my lips in the words -- ‘Jane! Jane! Jane!’”

“Did you speak these words aloud?”

“I did, Jane. If any listener had heard me, he would have thought me mad: I pronounced them with such frantic energy.”

“And it was last Monday night, somewhere near midnight?”

“Yes; but the time is of no consequence: what followed is the strange point. You will think me superstitious, -- some superstition I have in my blood, and always had: nevertheless, this is true -- true at

least it is that I heard what I now relate.

“As I exclaimed ‘Jane! Jane! Jane!’ a voice -- I cannot tell whence the voice came, but I know whose voice it was -- replied, ‘I am coming: wait for me;’ and a moment after, went whispering on the wind the words -- ‘Where are you?’

“I’ll tell you, if I can, the idea, the picture these words opened to my mind: yet it is difficult to express what I want to express. Ferndean is buried, as you see, in a heavy wood, where sound falls dull, and dies unreverberating. ‘Where are you?’ seemed spoken amongst mountains; for I heard a hill-sent echo repeat the words. Cooler and fresher at the moment the gale seemed to visit my brow: I could have deemed that in some wild, lone scene, I and Jane were meeting. In spirit, I believe we must have met. You no doubt were, at that hour, in unconscious sleep, Jane: perhaps your soul wandered from its cell to comfort mine; for those were your accents -- as certain as I live -- they were yours!”

Reader, it was on Monday night -- near midnight -- that I too had received the mysterious summons: those were the very words by which I replied to it. I listened to Mr. Rochester’s narrative, but made no disclosure in return. The coincidence struck me as too awful and inexplicable to be communicated or discussed. If I told anything, my tale would be such as must necessarily make a profound impression on the mind of my hearer: and that mind, yet from its sufferings too prone to gloom, needed not the deeper shade of the supernatural. I kept these things then, and pondered them in my heart.

“You cannot now wonder,” continued my master, “that when you rose upon me so unexpectedly last night, I had difficulty in believing you any other than a mere voice and vision, something that would melt to silence and annihilation, as the midnight whisper and mountain echo had melted before. Now, I thank God! I know it to be otherwise. Yes, I thank God!”

He put me off his knee, rose, and reverently lifting his hat from his brow, and bending his sightless eyes to the earth, he stood in mute devotion. Only the last words of the worship were audible.

“I thank my Maker, that, in the midst of judgment, he has remembered mercy. I humbly entreat my Redeemer to give me strength to lead henceforth a purer life than I have done hitherto!”

Then he stretched his hand out to be led. I took that dear hand, held it a moment to my lips, then let it pass round my shoulder: being so much lower of stature than he, I served both for his prop and guide. We entered the wood, and wended homeward.

CHAPTER XXXVIII - CONCLUSION

Reader, I married him. A quiet wedding we had: he and I, the parson and clerk, were alone present. When we got back from church, I went into the kitchen of the manor-house, where Mary was cooking the dinner and John cleaning the knives, and I said -

“Mary, I have been married to Mr. Rochester this morning.” The housekeeper and her husband were both of that decent phlegmatic order of people, to whom one may at any time safely communicate a remarkable piece of news without incurring the danger of having one’s ears pierced by some shrill ejaculation, and subsequently stunned by a torrent of wordy wonderment. Mary did look up, and she did stare at me: the ladle with which she was basting a pair of chickens roasting at the fire, did for some three minutes hang suspended in air; and for the same space of time John’s knives also had rest from the polishing process: but Mary, bending again over the roast, said only -

“Have you, Miss? Well, for sure!”

A short time after she pursued -- “I seed you go out with the master, but I didn’t know you were gone to church to be wed;” and she basted away. John, when I turned to him, was grinning from ear to ear.

“I telled Mary how it would be,” he said: “I knew what Mr. Edward” (John was an old servant and had known his master when he was the cadet of the house, therefore, he often gave him his Christian name) -- “I knew what Mr. Edward would do; and I was certain he would not wait long neither: and he’s done right, for aught I know. I wish you joy, Miss!” and he politely pulled his forelock.

“Thank you, John. Mr. Rochester told me to give you and Mary this.” I put into his hand a five-pound note. Without waiting to hear more, I left the kitchen. In passing the door of that sanctum some time after, I caught the words -

“She’ll happen do better for him nor ony o’t’ grand ladies.” And again, “If she ben’t one o’ th’ handsomest, she’s noan faal and varry good-natured; and i’ his een she’s fair beautiful, onybody may see that.”

I wrote to Moor House and to Cambridge immediately, to say what I had done: fully explaining also why I had thus acted. Diana and Mary approved the step unreservedly. Diana announced that she would just give me time to get over the honeymoon, and then she would come and see me.

“She had better not wait till then, Jane,” said Mr. Rochester, when I read her letter to him; “if she does, she will be too late, for our honeymoon will shine our life long: its beams will only fade over your grave or mine.”

How St. John received the news, I don’t know: he never answered the letter in which I communicated it: yet six months after he wrote to me, without, however, mentioning Mr. Rochester’s name or alluding to my marriage. His letter was then calm, and, though very serious, kind. He has maintained a regular, though not frequent, correspondence ever since: he hopes I am happy, and trusts I am not of those who live without God in the world, and only mind earthly things.

You have not quite forgotten little Adele, have you, reader? I had not; I soon asked and obtained leave of Mr. Rochester, to go and see her at the school where he had placed her. Her frantic joy at beholding me again moved me much. She looked pale and thin: she said she was not happy. I found the rules of the establishment were too strict, its course of study too severe for a child of her age: I took her

home with me. I meant to become her governess once more, but I soon found this impracticable; my time and cares were now required by another -- my husband needed them all. So I sought out a school conducted on a more indulgent system, and near enough to permit of my visiting her often, and bringing her home sometimes. I took care she should never want for anything that could contribute to her comfort: she soon settled in her new abode, became very happy there, and made fair progress in her studies. As she grew up, a sound English education corrected in a great measure her French defects; and when she left school, I found in her a pleasing and obliging companion: docile, good-tempered, and well-principled. By her grateful attention to me and mine, she has long since well repaid any little kindness I ever had it in my power to offer her.

My tale draws to its close: one word respecting my experience of married life, and one brief glance at the fortunes of those whose names have most frequently recurred in this narrative, and I have done.

I have now been married ten years. I know what it is to live entirely for and with what I love best on earth. I hold myself supremely blest -- blest beyond what language can express; because I am my husband's life as fully as he is mine. No woman was ever nearer to her mate than I am: ever more absolutely bone of his bone and flesh of his flesh. I know no weariness of my Edward's society: he knows none of mine, any more than we each do of the pulsation of the heart that beats in our separate bosoms; consequently, we are ever together. To be together is for us to be at once as free as in solitude, as gay as in company. We talk, I believe, all day long: to talk to each other is but a more animated and an audible thinking. All my confidence is bestowed on him, all his confidence is devoted to me; we are precisely suited in character -- perfect concord is the result.

Mr. Rochester continued blind the first two years of our union; perhaps it was that circumstance that drew us so very near -- that knit us so very close: for I was then his vision, as I am still his right hand. Literally, I was (what he often called me) the apple of his eye. He saw nature -- he saw books through me; and never did I weary of gazing for his behalf, and of putting into words the effect of field, tree, town, river, cloud, sunbeam -- of the landscape before us; of the weather round us -- and impressing by sound on his ear what light could no longer stamp on his eye. Never did I weary of reading to him; never did I weary of conducting him where he wished to go: of doing for him what he wished to be done. And there was a pleasure in my services, most full, most exquisite, even though sad -- because he claimed these services without painful shame or damping humiliation. He loved me so truly, that he knew no reluctance in profiting by my attendance: he felt I loved him so fondly, that to yield that attendance was to indulge my sweetest wishes.

One morning at the end of the two years, as I was writing a letter to his dictation, he came and bent over me, and said -- "Jane, have you a glittering ornament round your neck?"

I had a gold watch-chain: I answered "Yes."

"And have you a pale blue dress on?"

I had. He informed me then, that for some time he had fancied the obscurity clouding one eye was becoming less dense; and that now he was sure of it.

He and I went up to London. He had the advice of an eminent oculist; and he eventually recovered the sight of that one eye. He cannot now see very distinctly: he cannot read or write much; but he can find his way without being led by the hand: the sky is no longer a blank to him -- the earth no longer a void. When his first-born was put into his arms, he could see that the boy had inherited his own eyes, as they once were -- large, brilliant, and black. On that occasion, he again, with a full heart,

acknowledged that God had tempered judgment with mercy.

My Edward and I, then, are happy: and the more so, because those we most love are happy likewise. Diana and Mary Rivers are both married: alternately, once every year, they come to see us, and we go to see them. Diana's husband is a captain in the navy, a gallant officer and a good man. Mary's is a clergyman, a college friend of her brother's, and, from his attainments and principles, worthy of the connection. Both Captain Fitzjames and Mr. Wharton love their wives, and are loved by them.

As to St. John Rivers, he left England: he went to India. He entered on the path he had marked for himself; he pursues it still. A more resolute, indefatigable pioneer never wrought amidst rocks and dangers. Firm, faithful, and devoted, full of energy, and zeal, and truth, he labours for his race; he clears their painful way to improvement; he hews down like a giant the prejudices of creed and caste that encumber it. He may be stern; he may be exacting; he may be ambitious yet; but his is the sternness of the warrior Greatheart, who guards his pilgrim convoy from the onslaught of Apollyon. His is the exaction of the apostle, who speaks but for Christ, when he says -- "Whosoever will come after me, let him deny himself, and take up his cross and follow me." His is the ambition of the high master-spirit, which aims to fill a place in the first rank of those who are redeemed from the earth -- who stand without fault before the throne of God, who share the last mighty victories of the Lamb, who are called, and chosen, and faithful.

St. John is unmarried: he never will marry now. Himself has hitherto sufficed to the toil, and the toil draws near its close: his glorious sun hastens to its setting. The last letter I received from him drew from my eyes human tears, and yet filled my heart with divine joy: he anticipated his sure reward, his incorruptible crown. I know that a stranger's hand will write to me next, to say that the good and faithful servant has been called at length into the joy of his Lord. And why weep for this? No fear of death will darken St. John's last hour: his mind will be unclouded, his heart will be undaunted, his hope will be sure, his faith steadfast. His own words are a pledge of this -

"My Master," he says, "has forewarned me. Daily He announces more distinctly, -- 'Surely I come quickly!' and hourly I more eagerly respond, -- 'Amen; even so come, Lord Jesus!'"

THE END

CHARLOTTE BRONTË

21 DE ABRIL DE 1816 – 31 DE MARÇO DE 1855

Charlotte Brontë foi uma das grandes romancistas da Inglaterra do século 19, a mais velha das três irmãs Brontë, cujos romances são marcos na história da literatura mundial. Nasceu em 1816, sendo a terceira filha do reverendo Patrick Brontë e de sua esposa, Maria Branwell. Seu irmão, Patrick Branwell, nasceu em 1817 e suas irmãs, Emily e Anne, em 1818 e 1820, respectivamente.

Em 1820, seu pai foi nomeado como páraço de Haworth, próximo a Yorkshire, para a família se mudar; em 1821, Maria Branwell morre e deixa a criação de seus filhos sob os cuidados de sua irmã, Elizabeth Branwell. As pobres condições de vida enfrentadas pelas crianças Brontë as levaram a uma série de problemas de saúde, iniciando com a morte das duas irmãs mais velhas da família, em 1825, após terem ingressado no Clergy Daughters School. Foi este colégio que inspiraria, mais tarde, Charlotte na descrição do sinistro colégio Lowood que aparece em seu romance “Jane Eyre”.

Seu ingresso na literatura iniciou-se com pequenos contos de inspiração byroniana escritos em conjuntos com seus irmãos: com Patrick, criou o reino imaginário de Angria, ao mesmo tempo que Emily e Anne criavam o reino de Gondal.

Em 1842, Charlotte e Emily ingressaram em internado em Bruxelas, mas a morte de sua tia as obrigaram a retornar à Inglaterra. Emily passou a cuidar da administração da casa dos Brontë e Anne tornou-se preceptora de uma família nas cercanias de York, para a mesma família na qual Patrick Branwell servia como professor particular. As experiências que Charlotte vivenciou em Bruxelas serviram para inspirá-la nas características da personagem Lucy Snow, protagonista de seu romance “Villete”, de 1853. No mesmo ano, seu irmão Patrick envolveu-se com a mulher de seu patrão e a partir deste ano passa a recorrer ao ópio e à bebida.

Foi Charlotte quem incentivou as irmãs a escreverem e a publicarem seus romances, a partir de 1847, valendo-se de pseudônimos ambíguos: Charlotte publicou “Jane Eyre”, sob a alcunha de Currey Bell; Emily, publicou “O Morro dos Ventos Uivantes”, sob o nome de Ellis Bell, obtendo sucesso imediato; “Agnes Grey”, foi publicado por Anne, sob o nome de Acton Bell. Emily morreria de tuberculose, em 1848 e Anne, em 1849, um ano após publicar “A Moradora de Wildfell Hall”.

Charlotte se casaria em 1854 com o assistente de seu pai, Arthur Bell Nicholls, que fora o seu quarto pretendente. Em 31 de março de 1855, grávida de seu único filho, caiu enferma e morreria de tuberculose como suas irmãs.

A importância de Charlotte Brontë é significativa em um momento em que as relações sociais e econômicas da sociedade se transformavam: em uma época onde as mulheres eram consideradas apenas como um mero adorno social, Charlotte Brontë bravamente enfrentou os obstáculos da sociedade através de sua obra. Seus romances falam sobre a opressão da mulher, o que a caracterizam como uma das primeiras mulheres modernas; entretanto, classificá-la apenas como feminista seria uma má-representação de sua verdadeira condição e importância. Diferentemente das escritoras Mary Wollstonecraft e George Sand, que surgem como as primeiras defensoras da nova condição da mulher, Charlotte vale-se exclusivamente de suas obras para imprimir uma nova visão do papel da mulher. Nesse

ponto, Charlotte Brontë é uma das grandes opositoras da obra de Jane Austen, por considerar que as personagens austeanas se conformavam com o papel da mulher submissa dos primeiros anos do século 19. Nesse ponto, as personagens elaboradas por Charlotte são diametralmente opostas às criadas por Jane Austen.

Sua vida foi registrada através da biografia publicada por sua amiga, a escritora Elizabeth Gleghorn Gaskell.

Sua produção literária, apesar de modesta, é significativa: sua primeira obra, “The Greer Dwarf, A Tale of the Perfect Tense”, foi escrita em 1833; seguiu uma produção juvenil até a publicação de seu primeiro romance, “Jane Eyre”, em 1847; “Shirley” foi escrita em 1849; “Villette”, em 1853; “C Professor”, apesar de ter sido seu primeiro romance, antes mesmo de “Jane Eyre” somente foi publicado postumamente, em 1857; deixou ainda inacabado “Emma”, publicado em 1860.